

R.N. Champlin, Ph. D.

ENCICLOPÉDIA  
*de* BÍBLIA,  
TEOLOGIA  
& FILOSOFIA

VOLUME 2 |  $\frac{D}{G}$



hagnos

R.N. Champlin, Ph.D.

# ENCICLOPÉDIA *de* BÍBLIA, TEOLOGIA & FILOSOFIA

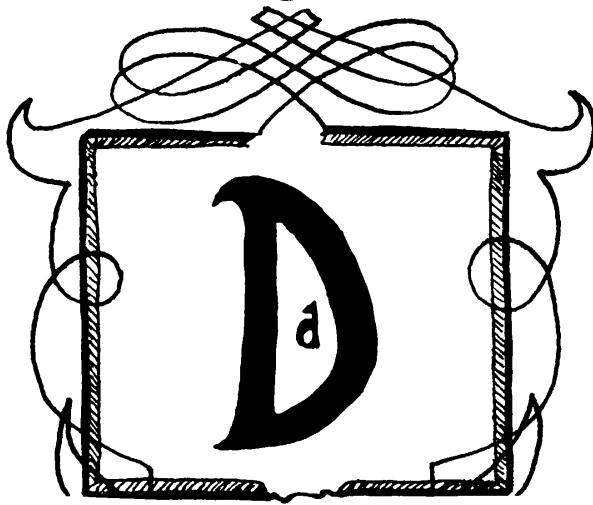
VOLUME 2 | D/G

1ª EDIÇÃO, 1991 • 2000 EXEMPLARES  
2ª EDIÇÃO, 1993 • 2000 EXEMPLARES  
3ª EDIÇÃO, 1995 • 4500 EXEMPLARES  
4ª EDIÇÃO, 1997 • 5000 EXEMPLARES  
5ª EDIÇÃO, 2001 • 3000 EXEMPLARES  
6ª EDIÇÃO, 2002 • 3000 EXEMPLARES  
7ª EDIÇÃO, 2004 • 3000 EXEMPLARES  
8ª EDIÇÃO, 2006 • 2000 EXEMPLARES  
9ª EDIÇÃO, 2008 • 3000 EXEMPLARES  
10ª EDIÇÃO, 2011 • 3000 EXEMPLARES  
11ª EDIÇÃO, 2013 • 3000 EXEMPLARES

DIREITOS RESERVADOS



AV. JACINTO JÚLIO, 27 • SÃO PAULO, SP  
CEP 04815-160 • TEL: (11) 5668-5668  
WWW.HAGNOS.COM.BR | EDITORIAL@HAGNOS.COM.BR



### 1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C.



grego ocidental 800 A.C.



latino, 50 D.C.



### 2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



### 3. Formas Modernas

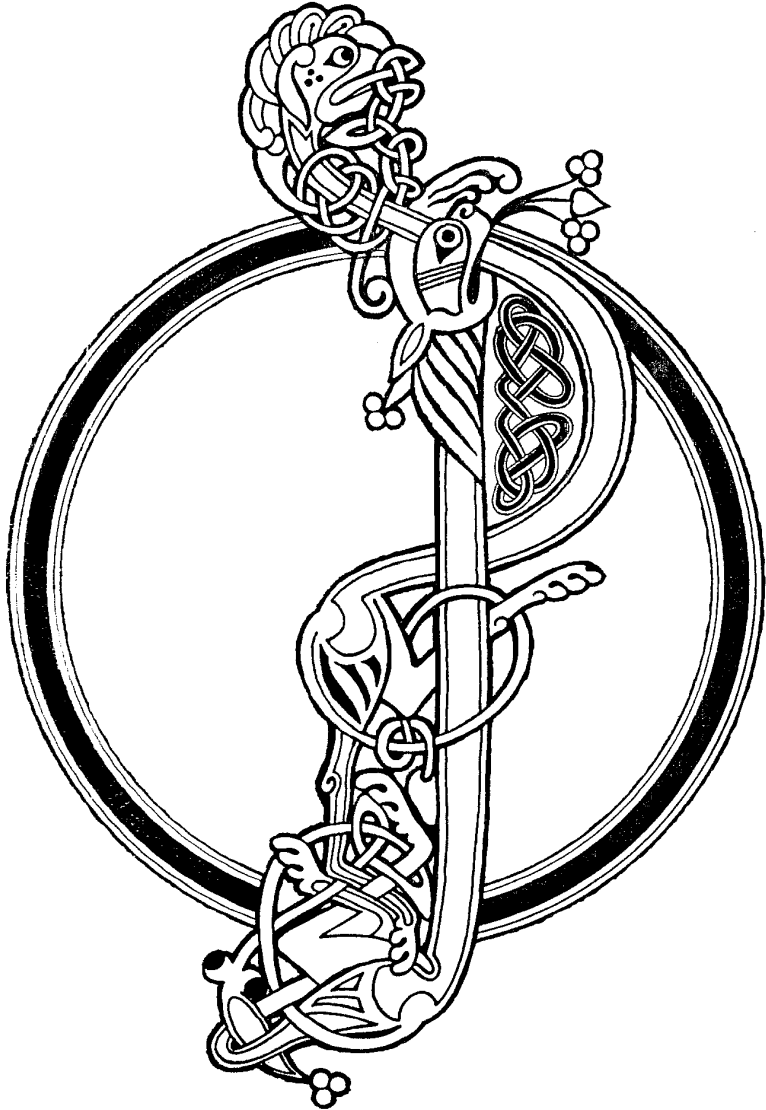
D D d d    D D d d    D D d d    D d

### 4. História

**D** é a quarta letra do alfabeto português. Seu nome, nas antigas línguas semíticas, era *daleth*, «folha da porta». Essa letra representa o som *d*. No fenício (onde sua forma escrita mais antiga apareceu), parecia mais uma flâmula do que uma porta. Os gregos adotaram-na, chamando-a *delta*. Naquele idioma, adquiriu o formato de um triângulo. No latim, a letra foi arredondada, de onde passou para muitos idiomas modernos.

### 5. Usos e Símbolos

No latim, **D** designa o número 500. É a segunda nota musical, também chamada *ré*, na escala do **D6**. Nos sistemas de gradação, essa letra representa *sofrível*. Nas abreviações Ph.D., M.D., etc., representa Doutor em Filosofia e Doutor em Medicina, respectivamente. Na abreviação *J.E.D.P.(S.)*; representa uma alegada fonte informativa do Pentateuco. Ver o artigo assim chamado, onde *D* é abreviação de *Deuterônômio* ou *deuteronomista*, cujo ponto de vista seria diferente das outras fontes informativas. *D* também é usado como símbolo do *Codex Bezae*, descrito no artigo separado *D*.



A Letra D decorativa — Evangelho de Mateus,  
Livro de Kells



## D

Um símbolo do autor ou autores do livro de Deuterônômio, e também de uma escola de historiadores-autores-editores do século seguinte ao da publicação daquele livro (cerca de 621 A.C.), os quais empregaram o mesmo vocabulário, estilo e idéias do autor original. Essa teoria também supõe que esses editores foram os responsáveis pelas edições dos livros de Josué, Juízes, I e II Reis, Jeremias e talvez, outros livros. Suas doutrinas, constantemente ressaltadas são a centralização da adoração no templo de Jerusalém (Deut. 12:5-7), o *monoteísmo* (Deut. 6:4), a severa natureza de Deus, incluindo a exigência de guerras santas (Deut. caps. 7 e 20), o conceito de recompensa pelos atos corretos (Deu. 11:13-17), a necessidade de arrependimento absoluto, o que é devidamente recompensado (I Reis 8:48). Ver as notas sobre a teoria *J.E.D.P.(S.)*, como fontes do Pentateuco.

## D (CÓDEX BEZAE)

Esse manuscrito também é chamado *Códex Cantabrigienais*. Foi apresentado em 1581 à biblioteca da Universidade de Cambridge por Theodore Beza (o que explica o seu nome), o célebre erudito francês que esteve associado a João Calvino e foi seu sucessor como líder da igreja de Genebra. Data dos séculos V ou VI D.C., e contém a maior parte dos quatro evangelhos e do livro de Atos, com pequena porção de II João. É um manuscrito bilingüe, com o texto grego à esquerda, e o latino à direita. O texto é do tipo ocidental, com sua típica livre adição e omissão de material. Os evangelhos trazem a ordem ocidental, a saber: Mateus, João, Lucas e Marcos. Nenhum manuscrito conhecido tem tantas e tão notáveis variantes. Alguns estudiosos supõem que o livro de Atos foi publicado em duas edições, um mais breve (o texto normal) e o outro mais longo (com as adições orientais). Este último é cerca de dez por cento mais longo que o texto normal. Apesar de não haver acordo quanto à natureza exata e à origem dessas adições, é certo que o material extra é estranho ao livro original de Atos, embora algumas das informações assim dadas sejam autênticas. Ver o artigo geral sobre os *Manuscritos do Novo Testamento*. (KE ME)

## DÃ

No hebraico, «juiz». Consideremos os seguintes pontos a seu respeito:

1. Foi o quinto filho de Jacó, mediante sua concubina, Bila (Gên. 30:3; 35:25). Foi o cabeça e fundador da tribo israelita de Dã. Dã teve apenas um filho; mas, a despeito disso, quando os israelitas saíram do Egito, essa tribo era representada por sessenta e dois mil e setecentos homens (Núm. 1:39), o que a tornava a segunda maior tribo de Israel, quanto a números. Acerca do próprio Dã, porém, praticamente não temos qualquer informação. De acordo com a bênção proferida por Jacó, em seu leito de morte, foi declarado que ele e seus irmãos, através de esposas e concubinas de Jacó, teriam o direito legal de uma porção na herança da família.

2. A Tribo Chamada Dã. Essa tribo consistia nos descendentes do patriarca Dã, filho de Jacó e Bila, criada de Raquel e concubina de Jacó (Gên. 30:6). O trecho de Gênesis 46:23 diz-nos que Dã teve apenas um filho. Mas alguns intérpretes pensam que o nome

dele, Husim, é uma forma plural, que poderia indicar toda uma família, e não apenas um indivíduo. Seja como for, essa tribo, na época do Êxodo, era a segunda mais numerosa das tribos de Israel, com sessenta e dois mil e setecentos homens (Núm. 1:39). Pela época em que Israel entrou em Canaã, esse número havia aumentado para sessenta e quatro mil e quatrocentos homens (Núm. 26:43), e continuava sendo a segunda maior tribo de Israel. Foi-lhe dado território na porção noroeste da Palestina; mas, visto que a área era muito pequena para a tribo, um grupo de danitas buscou estabelecer-se bem ao sul da Palestina. Foi assim que eles ocuparam o distrito de Lesém, que foi conquistado com relativa facilidade, em comparação com o que sucedeu no resto da Palestina (Jos. 19:47; Juí. 1:34 e cap. 18). Lesém foi rebatizada com o nome de Dã, o que veio a indicar o extremo norte do território de Israel. Ver abaixo sobre a cidade de Dã. O território original que Dã recebeu era fértil, ocupando parte das costas marítimas, o que deu à gente dessa tribo a oportunidade de ocupar-se do comércio e da pesca (Juí. 5:17). Importantes cidades dessa área foram Jope, Lida e Ecom. Indivíduos importantes da tribo de Dã foram Aoliabe, filho de Aisamaque (Exo. 31:6 ss.) e Sansão (Juí. 13:2 ss.). A localização dessa tribo, perto dos filisteus, explica seu envolvimento na história que circunda o seu nome.

3. Cidade de Dã. Esse foi o nome que os danitas deram à cidade de Lesém, após sua conquista, no extremo norte de Israel. O lugar recebe vários nomes na Bíblia, como Lesém (Jos. 19:47), Lais (Juí. 18:27,28) e Lusi, nos textos egípcios de 1860-1825 A.C. e finalmente, Dã. Ficava localizada no sopé sul do monte Hermom, perto de um dos tributários do rio Jordão, chamado Nahr Leddan. Sua posição, no extremo norte do território de Israel, fez com que fosse usada como marco geográfico, de tal modo que temos a expressão «desde Dã até Berseba» (Juí. 20:1; I Sam. 3:20; II Sam. 17:11), a fim de denotar os pontos norte e sul extremos da Terra Santa. Dã (Lesém) havia pertencido aos sidônios, que viviam quietos e seguros, de tal modo que se tornara isso uma situação proverbial: viver pacificamente, em meio à abundância, equivalia a viver «segundo o costume dos sidônios» (Juí. 18:7). Não havia poderes adversos, nas proximidades. A principal cidade da região, Sidom, ficava distante demais para oferecer proteção em caso de invasão, fato que não escapou à observação dos espias de Dã, enviados para averiguar a magnitude da tarefa da conquista. Seja como for, uma vez estabelecidos ali, os membros da tribo de Dã não parecem ter sofrido qualquer tentativa de deslocamento (Juízes 18). A arqueologia tem mostrado que a área vinha sendo habitada pelo menos desde 3500 A.C., tendo-se tornado importante comercialmente falando, visto que ficava na rota comercial com a costa síria, estando mais ou menos a meio caminho entre Arã, Tiro e Sidom.

Na história mais remota do Antigo Testamento, vemos que foi nessa área que Abraão e seu grupo perseguiram o rei elamita, Quedorlaomer (Gên. 14:15). Jeroboão revoltou-se contra Reoboão e tornou-se o primeiro rei do reino norte (Israel), quando o povo israelita dividiu-se em duas nações (I Reis 11:26 — 14:20; II Crô. 10:2 — 13:20). Nesse tempo, a cidade de Dã, juntamente com Betel, tornou-se a sede de um dos dois santuários que continham um bezerro de ouro, simbolizando a adoração a Baal (I Reis 12:29), o que significa que Dã

## DABRIA — DAGOM

e Betel tornaram-se centros da idolatria encabeçada por Jeroboão (II Reis 10:28-31). Dã, e outras cidades da área, finalmente foram arrasadas por Ben-Hadade (I Reis 15:20; II Crô. 16:4). Foi recapturada no tempo de Jeroboão II (II Reis 14:25). Mas o monarca assírio Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.) reconquistou a área, e seus habitantes foram levados para o exílio. A arqueologia tem descoberto relevos de origem assíria, que retratam esse e outros eventos similares, porquanto o exílio de um povo conquistado fazia com que deixassem de ser uma ameaça. Os israelitas foram instalados nas cidades dos medos (II Reis 17:6).

*Referências Extrabíblicas.* Dã é mencionada em várias fontes informativas extrabíblicas, desde tão cedo quanto os anais das conquistas de Tutmés III (cerca de 1490-1436 A.C.). Josefo menciona o território como a área onde Tito, sob as ordens de seu pai, o imperador Vespasiano, esmagou a revolta dos judeus, no outono de 67 D.C. (*Guerras* 4:1 ss).

*Localização Moderna.* O local onde estava a antiga cidade agora é conhecido como o Tell el-Qadi. É mais elevado cerca de vinte metros que a região de pasto da área. Esse nome árabe significa «cômodo do juiz».

*A Tribo Perdida de Dã.* O nome de Dã falta nas listas das tribos, em Apocalipse 7:5-8, ou acidental ou intencionalmente. Irineu (*Adv. Haer.* 5:30,2) explica a omissão com base no fato de que se esperava que o anticristo procederia dessa tribo, com base no texto de Jerônimo 8:16, segundo a Septuaginta: «Desde Dã se ouve o resfolegar de seus rápidos cavalos», refletido bem de perto por nossa versão portuguesa. Isso seria, supostamente, uma referência às forças hostis do anticristo. Essas idéias são meras especulações, e a teoria da omissão acidental, provavelmente, está com a razão.

*A Dã Moderna.* Em nossos dias, os descendentes de Dã estão localizados na Alta Galiléia, perto da fronteira com a Síria. O estabelecimento foi fundado em 1939. Um pouco mais ao norte fica o Tell el-Qadi, local do antigo estabelecimento. Trata-se, essencialmente, de uma área agrícola, havendo também a manufatura de calçados, como outra importante função.

### DABRIA

Um dos cinco homens mencionados em II Esdras 14:24, aos quais foi solicitado que registrassem prontamente a visão apocalíptica de Esdras, em muitos tabletes.

### DADO

Vem do latim, *datum*, participio passado de *dare* (dar), ou seja, *algo dado*. A determinação do que é dado e de como é dado, na gnosiológica, deu origem a várias definições sobre *datum*, a saber:

1. No *realismo ingênuo* (que vide) supõe-se que o mundo, conforme ele realmente é, 'nos é dado por nossos sentidos de percepção. Isso posto, nossos sentidos conferem-nos os verdadeiros dados do conhecimento.

2. No *realismo crítico* (que vide), a realidade de qualquer coisa não nos é dada pela nossa percepção, mas é apenas inferida, sendo mister um salto de fé animal para que nos pronunciemos sobre a natureza do mundo. Os nossos sentidos representam para nós o mundo, mas nós conforme ele é, verdadeiramente.

3. Para Mach (que vide) o nosso mundo é a nossa própria construção, com os componentes dos dados

captados por nossos sentidos.

4. Locke (que vide) usava o termo «sensação»; Hume, «impressões»; Kant usava o termo *fenômenos*, a fim de descrever os dados de nossos sentidos de percepção.

5. Para o *idealismo*, os dados captados pelos sentidos são ilusórios, pois distorcem a realidade, apesar do que, para alguns idealistas, podem ser usados na formulação de teorias, com outras bases. Nos escritos de Platão, a forma mais inferior de conhecimento nos chega por meio dos sentidos. Porém, — acima desse tipo fraco de conhecimento, que nos expõe apenas sombras indistintas, — não realidades, e que é repleto de ilusões, temos a razão, a intuição e as experiências místicas, que nos permitem atingir as formas mais elevadas de conhecimento, nessa ordem crescente de poder. Há dados que ultrapassam aqueles captados pelos nossos sentidos.

### DADOS DAS PERCEPÇÕES

Ver *Percepção dos Sentidos*.

### DADU

Um dos mais chegados discípulos de Kabir (que vide), um místico hindu, que viveu em torno de 1400 D.C. Nanaque, o fundador da religião sique, foi influenciado por Kabir. A declaração de Dadu confere-nos o espírito do movimento místico ao qual ele pertencia: «Quem pode conhecer-te (Deus), ó Invisível, Inabordável, Insondável? Dadu não tem desejo para conhecer-te; fica satisfeito em ficar arrebatado com toda essa tua beleza, regozijando-se em ti». Ver o artigo geral sobre o *Hinduismo*. Kabir e Dadu eram membros do movimento Bhakti, e foram místicos do norte da Índia.

### DAFNE

Um lugar mencionado no livro apócrifo de II Macabeus 4:33. Era uma espécie de parque ou retiro com belos tempos, jardins e santuários, onde os deuses do Olimpo grego eram venerados. Finalmente, o lugar tornou-se um antro onde muitos viciados buscavam satisfazer seus desejos, de tal modo que o lugar adquiriu notoriedade mundial negativa. Gibbon, em sua obra *Declínio e Queda do Império Romano* forneceu uma boa descrição do lugar. Estava associada à decadência que contribuiu para a ruína do império romano (II, cap. 23, págs. 395,396).

### DAGÁ

Uma antiqüíssima divindade masculina da Babilônia, associada a Anu (que vide) e a Ninibe, também chamado Ninurta (que vide). Dagá era identificado com Bel (que vide). Alguns eruditos dizem que o nome deve ser associado a Dagom (que vide).

### DAGOM

#### Informações Gerais

1. O Termo e o Deus. Reflect o heb. *cereal* ou *dag* (peixe). Cereal sugere um deus da agricultura, figura associada à cultivação, ou talvez, originalmente, ele tivesse sido um deus da fertilidade e da agricultura. Seja como for, ele era um antigo deus mesopotâmico, que se tornou a principal divindade dos filisteus, muito proeminente na época de Sansão, em Gaza (Juí. 16:21-23), em Bete-Seã, nos dias de Saul e Davi

(I Sam. 5:2-7; 31:10; I Crô. 10:10). — e em Asdode, nos dias dos Macabeus (I Macabeus 10:83-85). Dagom geralmente era apresentado como uma criatura misto de peixe com cabeça humana. Jerônimo nos deu essa informação, que foi confirmada por Kimshi, no século XIII, embora isso seja posto em dúvida por alguns eruditos modernos. A derivação da palavra «cereal», com base em «peixe», também é posta em dúvida. Entretanto, há abundante evidência que que houve um deus da agricultura na cultura assírio-babilônica. O posterior deus cananeu, *Dagom*, é descrito por Filo como deus do *cereal*, o que tem sido confirmado em textos religiosos do norte da Síria, mais precisamente, de Ras Shamra. Afirma-se que teria sido o pai do grande deus Baal. A história demonstra que, pelo menos a partir de 2500 A.C. em diante, a adoração a Dagom foi muito proeminente por toda a Mesopotâmia. Essa influência tem sido demonstrada pelos nomes próprios, pessoais ou locativos, que incorporam «Dagom», de uma maneira ou de outra. Várias cidades derivavam seus nomes desse deus, como Bete-Dagom (Jos. 15:41).

**2. Ebaço do Meio Ambiente Histórico.** a. Desde 2500 A.C., adoração generalizada na Mesopotâmia, proeminente especialmente na região do médio Eufrates. b. O nome *amorreu* desse deus deve ter sido *Dagā*, — e um templo erigido em sua honra foi descoberto pelos arqueólogos, em Ugarite, com data de cerca de 2000 A.C. c. Ele era largamente adorado entre os amorreus da Mesopotâmia, na época de Hamurabi, da Babilônia, e no reino de Mari (cerca de 1850-1750 A.C.). d. Ele era venerado como deus da agricultura em Ugarite, e como pai do deus-chefe, Baal, durante o período de Amarna (cerca de 1550-1220 A.C.). e. Alguns estudiosos argumentam que seu nome (com a forma de *Daguna*) aparece nos tablettes lineares minoanos A, de Creta (cerca de 1500 A.C.). f. No final da era do Bronze, o nome desse deus encontra-se, sob forma composta, como substantivo próprio locativo, como *Dagā-Tacala*, nos tablettes de Tell El Amarna, ou como Bete-Dagom, nome de três cidades do território de Judá (Jos. 15:41), perto de Jope, mencionadas também nos anais de Senaqueribe, e no território de Aser (Jos. 19:27). g. Na época de Sansão (cerca de 1143 A.C.), Dagom era o principal deus dos filisteus (Juí. 16:21-23). A morte de Sansão está associada ao nome desse deus. h. Nos dias de Davi (1000 A.C.), as experiências ligadas à arca da aliança, em Asdode (I Sam. 5:1-7), estiveram associadas a esse deus pagão. A arca da aliança foi temporariamente guardada no templo de Dagom, em Asdode, do que resultaram todas as formas de eventos e castigos inesperados, o que, finalmente, forçou os filisteus a devolverem a arca a Israel. i. A adoração a Dagom perdurou por longo tempo, o que é demonstrado pelo fato de que até mesmo nos dias dos Macabeus, e posteriormente, essa adoração continuava (I Macabeus 10:83-85).

**3. Templos de Dagom.** Esse deus era quase uma divindade internacional (dentro do limitado mundo conhecido da época), o que é demonstrado pelos muitos templos construídos em sua honra. Sabe-se que ele tinha templos em Ugarite, em Bete-Seã, no norte da Síria (I Crô. 10:10), em Gaza (Juí. 16:23) e em Asdode (I Sam. 5:1-7). Os arqueólogos têm procurado encontrar um templo dedicado a Dagom, em Gaza; mas, até o momento, suas esperanças não se têm realizado. Em Bete-Seã quatro templos foram desenterrados pelos arqueólogos, os quais têm sido tentativamente reconstituídos, com a ajuda de várias evidências. Um dos maiores desses templos pertence-

ria, presumivelmente, a Dagom. Ali foi pendurada a cabeça de Saul (I Crô. 10:10). Um outro templo tem sido identificado como a causa de Astarote, onde os filisteus deixaram, em exibição, a armadura de Saul (I Crô. 10:10). É provável que a adoração a Astarote estivesse vinculada à adoração a Dagom. O templo descoberto em Ugarite tem aproximadamente as mesmas dimensões e o mesmo plano do templo de Baal. Fica apenas cerca de 52 m a leste-sudoeste do templo de Baal, e foi descoberto depois deste último. Ambos esses templos são bastante parecidos com os templos posteriores de Istar, Assur e Andrae. Uma estela demonstra que o templo foi erigido em honra a Dagom. O plano do templo de Salomão era essencialmente idêntico ao templo de Dagom, em Ugarite. Sabemos que Salomão contratou ajuda de estrangeiros, nessa construção, tanto no tocante ao planejamento como no tocante aos móveis e decorações da mesma. (MACA ND UN SCH Z)

#### D'AILLY, PIERRE

Suas datas foram 1350-1420. Foi bispo de Cambrai e cardeal. Tornou-se professor da Universidade de Paris, onde foi um dos mestres do conciliarista Jean Gerson (que vide). Trabalhou intensamente em favor da unificação da Igreja, durante o grande cisma ocidental. Assumiu papel de liderança quando do concílio de Constança (que vide). Ver o artigo sobre *Cisma*.

#### DAIMON (DAIMONION)

Isso representa a transliteração da palavra grega que significa «divindade secundária». Antes de 600 A.C., nos escritos de Homero, esse era um nome comum aplicado aos deuses ou aos poderes personificados, derivados de objetos e forças não-humanas. Nos escritos de Hesíodo vemos a idéia de que a psique (alma) humana, na era áurea do passado remoto, tornou-se um *daimon*, após a morte do corpo físico. Mas Hesíodo pensava que isso não continuaria nas eras subsequentes, como nas eras do bronze e da prata. Então o *daimon* ter-se-ia tornado um poder externo que exigia alguma espécie de respeito ou adoração. Pitágoras, após 600 A.C., referiu-se ao *daimon* como idêntico à psique humana. Heráclito pensava que era o *carditer* ou qualidades internas de um homem. Nos escritos de Platão, o *daimon* é uma divindade tutelar ou guardiã, o *nous*, conforme o mesmo se manifesta em cada pessoa. Sócrates falou sobre o *daimon* como uma entidade separada, uma espécie de espírito guardião e guia, investido de divindade. O filósofo estóico Marco Aurélio empregou o termo para aludir à compreensão e à razão humanas. No Novo Testamento, o termo sempre aparece com sentido negativo, referindo-se aos *demônios* como poderes externos malignos, embora sem nunca nos informar sobre a origem de tais seres, e nem se há mais de uma espécie ou nível deles. Ver o artigo separado sobre *Demônio*, onde se discute mais a respeito. Há sessenta referências aos demônios, nas páginas do Novo Testamento. Ver também sobre *Possessão Demoníaca*.

#### DĀ-JĀĀ

No hebraico, «Dā toca o órgão». Outros pensam em «Juiz do propósito». A Septuaginta diz «Dan nos bosques». Alguns intérpretes pensam que essa cidade é a mesma que, algures, é chamada Dā (que vide). Nesse caso, a cidade também recebe outros nomes na

## DAKHMA — DALMANUTA

Bíblia, como Lesém (Jos. 19:47), Laís (Juí. 18:27,28). Ainda outros estudiosos pensam em Danian, na região montanhosa, acima da atual Khan-en-Nakura. Essa cidade ficava ao sul de Tiro, perto de Gileade. Joabe visitou o lugar, quando Davi ordenou que se fizesse o recenseamento da nação. Evidentemente ela ficava entre Gileade e Sidom, o que a situaria nas vizinhanças de Dã (II Sam. 24:6), se é que não fosse a própria Dã, conforme dissemos acima. Alguns estudiosos pensam que a porção final do nome dessa cidade, Jaã, pode refletir um nome pessoal, talvez cognato do ugarítico *y'm*.

### DAKHMA

Esse nome significa «torre do silêncio». Era uma torre construída para ali serem postos os mortos, dentro do zoroastrismo. Os cadáveres eram postos sobre uma laje de pedra, elevada no ar, a fim de que as aves de rapina os devorassem. Ver o artigo geral sobre *Sepultamento, Costumes de*.

### DALAI LAMA

Ver o artigo geral sobre o *Lamaismo*. O Dalai Lama é o principal dos dois maiores lamas (sacerdotes) do Tibete e da Mongólia. O outro lama principal chama-se Tesho Lama. O Dalai Lama também é conhecido como Grande Lama, sendo uma espécie de figura papal da religião tibetana. Os dois grandes lamas são considerados encarnações de seres celestiais. Há maiores detalhes sobre a doutrina do Grande Lama, no artigo sobre o *Lamaismo*.

### DALE, ROBERT WILLIAM

Suas datas foram 1829-1895. Foi um congregacional inglês. Ver o artigo sobre o *Congregacionalismo*. Nasceu em Birmingham. Educou-se no Spring Hill College de Birmingham. Tornou-se pastor da capela de Carr's Lane. Promoveu a educação e a liberdade religiosa. Foi forte líder denominacional, entusiasmado com o tipo de governo eclesiástico congregacional. Seu *Manual of Congregational Principles* esboça a doutrina. Foi presidente da União Congregacional da Inglaterra e do País de Gales, antes de atingir os quarenta anos de idade. Advogava um ministério melhor instruído. Mediante a sua influência, o Spring Hill College foi transferido para Oxford, onde se tornou o Mansfield College. Foi o primeiro inglês a dirigir as Beecher Lectures, em Yale. Conferenciava largamente e escreveu diversos livros e artigos. Suas conferências sobre a *Expição* tornaram-se uma contribuição permanente à teologia, quanto a essa doutrina. Ele escreveu também uma *History of English Congregationalism*, bem como diversos volumes de obras homiléticas e expositivas. (AM E)

### DÁLETE

Quarta letra do alfabeto hebraico. Dessa palavra hebraica é que provém o termo grego *delta*, quarta letra do alfabeto grego, visto que o alfabeto (que vide) tem origem semita. A nossa letra «d» deriva-se dessa letra. Em Salmos 119, a quarta porção (vss. 25—32) começa com essa letra, em cada verso. Originalmente tinha o formato de um triângulo, sem qualquer projeção para o lado esquerdo. Após o século VII A.C., essa letra, devido ao seu novo formato escrito, ficou mais facilmente confundida com o rês (o nosso

«r»), embora esta última letra usualmente seja escrita com uma cauda maior. Numericamente, a letra dálete vale «quatro». Era pronunciada como o nosso «d»; mas, em tempos posteriores, passou a soar mais como o «th» inglês, na palavra «this».

### DALFOM

Nome do segundo dos dez filhos de Hamã. Esse nome significa «pendente», a menos que seja um nome tipicamente persa, cujo sentido é desconhecido. Foi morto pelos judeus em Susã (Est. 9:7), no décimo terceiro dia do mês de Adar, em cerca de 510 A.C.

### DALILA

No hebraico, «langor» ou «sensual». Viveu em torno de 1060 A.C. Era mulher pagã, que habitava no vale de Soreque. Foi amada por Sansão, juiz danita (Juí. 16:4-18). Conhece-se o nome de Dalila porque ela foi a tentadora e traidora de Sansão. Provavelmente pertencia ao povo filisteu. — Ela agia devido a sua lealdade a seu povo, além do desejo de prejudicar, de algum modo, o povo de Israel. Soreque, por essa altura dos acontecimentos, ficava dentro do território filisteu. Sansão sentiu-se arrebatado pela beleza física de Dalila, e passava muito tempo com ela. Gradualmente, ela conseguiu controlá-lo. — E assim, aquele que nenhum adversário era capaz de derrotar, foi derrotado por uma mulher. História antiga! Alguns escritores patrísticos pensavam que Dalila fosse esposa de Sansão, mas a opinião é por demais caridosa! Sansão começou a falar demais, e acabou revelando a Dalila o segredo de sua imensa força física. Os filisteus conseguiram comprar a lealdade de Dalila em troca de mil e cem siclos de prata (Juí. 16:5). A soma era considerável. A história terminou muito adversa para Sansão, conforme terminam quase todas as histórias dessa natureza.

### DALMÁCIA

Nome de um distrito do leste do mar Adriático, uma província romana. Tito visitou essa região, conforme aprendemos em II Timóteo 4:10. Paulo pregou ali (Rom. 15:19), que ele chamou de *Ilírico* (que vide). A Dalmácia era um distrito na porção sul do Ilírico. As dimensões exatas não são conhecidas. A província romana foi formada pelo imperador Tibério. Estava limitada a leste pela Média, ao norte, pela Panônia. Era habitada por tribos aguerridas, que os romanos conseguiram dominar pelos meados do século II A.C. Mas sempre houve revoltas e problemas com essa região, até que Otávio conseguiu pacificar definitivamente o lugar. A paz romana foi imposta pelo seu sucessor, Tibério. A área era vital para a expansão do império romano.

### DALMANUTA

Uma aldeia próxima de Magdala (Mar. 8:10; Mat. 15:39), nas praias ocidentais do mar da Galiléia, levemente ao norte de Tiberíades. O evangelho revela que Jesus e seus discípulos foram até esse lugar, após a multiplicação de pães e peixes para os quatro mil homens. O local moderno é incerto, embora seja comumente identificado com as ruínas da praia ocidental do lago, ao norte de Tiberíades, perto da moderna Mejdal (antiga Magdala).

## DALMÁTICA — DAMASCO

As variantes textuais em Marcos 8:10 incluem as formas Magedan, Magdala e Malegada, além de variações sobre Dalmanuta. Essa última palavra é retida nos melhores textos gregos, com apoio dos melhores manuscritos. Dalmanuta é palavra retida por todos os manuscritos unciais, excetuando «D». Os copistas, perplexos diante dessa palavra, que não ocorre em nenhum outro trecho do Novo Testamento, substituíram-na pela mais familiar *Mageda* (com variações). O paralelo de Mateus 15:39 diz *Magadan*, no acusativo. Ver comentários sobre essa variante, em Marcos 8:10, no NTI. A derivação desse nome é incerta, e tem sido muito debatida. Uma sugestão é que a palavra é uma corrupção de Tiberíades, em combinação com um anterior nome do lugar, *Amatus*.

### DALMÁTICA

Esse é o nome de uma espécie de sobretúnica bordada, usada como sinal de honra, a começar pelos diáconos de Roma, e, depois em outros lugares do Ocidente, pelos diáconos e bispos. Ver sobre *Túnica*.

### DÂMARIS

Alguns eruditos bíblicos têm feito dessa mulher esposa de Dionísio, o areopagita; mas essa é apenas mais uma daquelas tradições sem fundamento, que o texto sagrado não apóia de forma alguma. Furneaux assevera que Dâmaris era uma educada cortesã, mas também não existem provas disso. Não obstante, é realmente provável que ela fosse uma aristocrata, que teria tomado o seu lugar na igreja juntamente com outras «mulheres de distinção», que se tornaram membros do movimento cristão primitivo, conforme também Lucas já nos deu a conhecer, nos trechos de Atos 16:14 e 17:4. Encontramos neste ponto a reiteração de um tema extremamente comum nos escritos de Lucas, que dá à mulher um papel tão importante dentro da tradição dos evangelhos, mais do que nos escritos dos outros autores sagrados. (Ver os comentários a esse respeito em Atos 5:14 no NTI).

*E com eles outros mais*, Atos 17:34. Tem-se aqui a impressão de um pequeno número de convertidos, segundo o cálculo de qualquer pessoa, em contraste com as «grandes multidões» que vieram a crer no evangelho, em Tessalônica e Beréia. Parece que Paulo jamais voltou a visitar a cidade de Atenas. Não escreveu qualquer epístola endereçada àquela cidade, e a única referência possível aos crentes dali, em seus escritos, seria aquela que a todos incluiu em sua menção geral a «... todos os santos em toda a Acaia...» (II Cor. 1:1), dos quais ele não se olvidava em suas orações.

E.H. Plumptre em Atos 17:34 apresenta uma estimativa pessimista acerca da obra de Paulo em Atenas, ao dizer: «Até parece que ele, o apóstolo Paulo, sentiu que pouco havia a ganhar por ter entrado na discussão acerca das grandes questões da teologia natural; por conseguinte, dirigiu-se a Corinto, determinado a nada saber, salvo a 'Jesus Cristo, e este crucificado' (I Cor. 2:2)».

Entretanto, R.J. Knowling (*in loc.*) mostra-se muito mais positivo em sua avaliação: «Os resultados dos esforços do apóstolo Paulo em Atenas foram diminutos, quando comparados no tocante ao número de convertidos, embora até mesmo entre eles não se deve esquecer que foi alguma coisa obter a lealdade à fé de um homem que ocupava tão alta posição como Dionísio, o areopagita. Porém, em adição a isso, tam-

bém é importante nos lembrarmos de que o apóstolo Paulo nos outorgou 'um valioso método de pregação missionária' (ver Lechler, 'Das Apost. Zeitalter', pág. 275) e que Orígenes, em sua discussão contra Celso, pôde apelar para Atenas como prova dos frutos do cristianismo... que a sua fé vacilante foi reavivada em tempos de perseguição pelo bispo Quadrato, sucessor de Públio, o bispo mártir; que foi nas escolas cristãs de Atenas que Basílio e Gregório foram treinados; e que a um filósofo ateniense, Aristides, que se convertera a Cristo, devemos a mais antiga apologia que possuímos».

Robertson (*in loc.*), a respeito dessa mesma questão, opina: «É comum dizer-se que Paulo, em I Cor. 2:1-5, faz alusão ao seu fracasso ante a filosofia de Atenas, quando não conseguiu pregar Cristo, e ele crucificado, tendo então resolvido nunca mais cair nesse equívoco novamente. Por outro lado, Paulo ficou determinado a aferrar-se à cruz de Cristo, a despeito do fato de que o orgulho intelectual e a cultura superficial dos atenienses tenham impedido um sucesso mais retumbante. E ao defrontar-se com Corinto, com o seu verniz de cultura e imitação de filosofia, uma cidade que enriquecera repentinamente, ele deu continuação à sua prédica com o mesmo evangelho da cruz, o único evangelho que Paulo conhecia e pregava. E foi grande presente ao mundo ter dado ele um sermão como aquele que pregou em Atenas».

«Paulo não teria tido razão em dizer que labutou em vão em Atenas, porque de que modo calcularemos o valor de uma única alma!» (Matthew Henry, em Atos 17:34).

### DAMASCO

Essa era a bem conhecida cidade a nordeste do monte Hermom. Esse nome também se aplica à região geográfica geral e, algumas vezes, ao estado do qual essa cidade era a capital. Ficava localizada em uma planície com cerca de 670 m de altitude. A cidade fica cercada por montes em três lados, a saber, o monte Hermom e a cadeia do Antilíbano, a oeste; uma serra que se projeta dessa cadeia, ao norte; o Jebel Aswad (monte Aswad), que a separa da fértil Haurã (bíblica Basã), ao sul. A leste, certos lagos pantanosos e colinas baixas separam a região do deserto. Ali a chuva é escassa e a irrigação é necessária para a agricultura. Ali são produzidas azeitonas, várias frutas, amêndoas, castanhas, pistácias, cereais, fumo, algodão, linho e cânhamo. A cidade tem uma longa história sendo uma das mais antigas cidades do mundo. Talvez a mais conhecida menção bíblica seja aquela referente à conversão de Saulo de Tarso. Ali vivia o crente judeu, Ananias, que ajudou a Saulo em momento de necessidade, quando ele estava cego diante do resplendor da visão, e havia sido levado para o interior de Damasco. Ananias, orientado por uma visão que teve, foi à rua chamada Direita, e ali encontrou Saulo, que estava hospedado na casa de um homem de nome Judas. Foi então que Saulo recebeu de volta a capacidade de enxergar, o que lhe serviu de tremenda lição espiritual. Foi ali que Paulo recebeu sua comissão apostólica, um fator que alterou a história do mundo, bem como as vidas de incontáveis milhares de pessoas.

Atualmente, Damasco faz parte dos domínios árabes, o que teve início no ano de 636 D.C., por ocasião da batalha de Iarmuque. Foi a capital do império Umaiada (639-744 D.C.). No século XIV,

## DAMASCO — DANÇA

caiu sob o controle dos mamelucos egípcios, tendo mantido sua importância como centro político e comercial. Foi saqueada pelos invasores mongóis, em 1401. Nos tempos modernos, retém o papel de capital e principal cidade da Síria.

*Damasco* é uma das mais antigas cidades do mundo. Alguns estudiosos chegam mesmo a declarar ser ela a mais antiga cidade do mundo que vem sendo continuamente habitada até hoje. Porém, não há meios para alguém confirmar ou negar essa proposição. Ficava localizada cerca de duzentos e quarenta quilômetros a nordeste de Jerusalém, às margens do rio Abana, que descia do Antilíbano (que alguns chamavam de Abara) e de um outro rio denominado Farpar, que os gregos chamavam de «Chrysorroas», ou seja, «riacho de ouro», localizado fora das muralhas da cidade.

Era a capital da *Síria* (ver Isa. 7:8) e vinha sendo ocupada desde os tempos mais remotos, porquanto já era conhecida nos dias de Abraão (ver Gên. 15:2). Embora a cidade também tenha formas diversas nos idiomas hebraico, grego e aramaico, tendo sido encontrado em algumas antiqüíssimas inscrições, como nos escritos de Tutmoses III, Faraó do Egito e nas cartas de Amarna (século XIV A.C.), e também em inscrições feitas na escrita cuneiforme, o seu significado nos é inteiramente desconhecido hoje em dia.

**Davi capturou e dotou** Damasco de uma guarnição militar, depois que as tropas dessa cidade, enviadas em auxílio a Hadezezer, de Zobá (ver II Sam. 8:5), foram derrotadas. Damasco figurava com destaque entre os membros do pacto feito por Asa, rei de Judá, a fim de aliviar a pressão provocada por Baasa, de Israel (ver II Crô. 16:2). Foi na planície próxima de Damasco que o profeta Elias ungiu a Hazael, um nobre damasceno, como futuro monarca da Síria (ver I Reis 19:15). Os assírios, finalmente, capturaram e destruíram essa cidade, tendo igualmente deportado a muitos de seus habitantes. Essa cidade serviu de lição objetiva para Judá, de conformidade com os escritos de Isaías (ver Isa. 10:9 e ss), sobre o que pode acontecer a um povo que prefere ignorar a Deus.

Durante o período dos monarcas *selêucidas*, Damasco perdeu a sua posição de capital da Síria, embora tivesse sido, mais tarde, restaurada como capital da Celessíria, sob Antíoco IX, em 111 A.C. Damasco passou a ser cidade romana desde 64 A.C., o que continuou até 33 D.C. Nos tempos de Paulo, a cidade era governada por um etnarca, nomeado por Aretas IV (9 A.C. a 40 D.C.), que havia derrotado o seu genro, Herodes Ántipas (ver II Cor. 11:32,33).

A cidade de Damasco contava com uma numerosa população judaica e muitas sinagogas. (Ver Atos 9:2; e Josefo, «*Guerras dos Judeus*», ii.20). A população judaica de Damasco era tão numerosa, nos tempos do cristianismo primitivo, que Nero foi capaz de executar a dez mil judeus; e pode-se supor que ele não mandou matar a população judaica inteira da cidade, embora o tenha tentado. (Ver Josefo, «*Guerras dos Judeus*», ii.25). O cristianismo também fez progressos extraordinários em Damasco, e, finalmente, veio a tornar-se ela conhecida como cidade cristã. No entanto, mais tarde, o islamismo foi se tornando gradualmente a religião dominante, segundo se verifica na atualidade.

A cidade moderna cobre uma área de cerca de três quilômetros por um quilômetro e meio, ao longo do rio Barada. Existe ainda a rua chamada «*Direita*» (ver Atos 9:11), que corre de nordeste para sudoeste, atravessando a cidade. Uma grande mesquita, edificada ali no século VIII D.C., ocupa declarada-

mente o local do templo de Rimom (mencionado em II Reis 5:18).

O distrito de Damasco é famoso por seus pomares e jardins, porque recebe abundante suprimento de água de seus dois rios. Serve, por semelhante modo, de centro natural de comunicações, ligando as rotas de caravana que saem da costa do Mediterrâneo (cerca de cento e cinco quilômetros para o ocidente) para o Egito, para a Assíria e para a Babilônia.

Posto que essa cidade vem sendo continuamente habitada por muitos séculos, muito dela permanece por escavar, mas parte de seus muros data de tempos antigos, e restam ainda diversas portas feitas pelos romanos. A rua chamada «*Direita*» continua dividindo a cidade em duas metades. Uma antiga inscrição cristã, que diz: «O teu reino, ó Cristo, é um reino eterno, e teu domínio perdura por todas as gerações», tem sido preservada na igreja de João Batista (século IV D.C.), que posteriormente foi transformada em mesquita (século VIII D.C.). Moedas existentes, vindas dos reinados de Augusto, Tibério e Nero, têm sido ali encontradas.

Bibliografia. AM ENI ND UN(1957) Z

### DAMASCO, PACTO DE

Esse é o título de uma comunidade judaica que havia na região geral de Damasco (que vide). Eles compartilhavam das tradições sacerdotais dos filhos de Sadoque (que vide). A existência dessa comunidade tornou-se conhecida através da descoberta de dois manuscritos fragmentares, escritos entre os séculos X e XII D.C. Essa descoberta foi feita em 1896 e 1897, na sinagoga Ibn-Ezra, na cidade do Cairo, no Egito. Esses documentos foram chamados *Fragmentos Sadoquitas*. Há muitas significativas afinidades entre essa comunidade e a comunidade de Qumram. Esses documentos e manuscritos do mar Morto têm expressões comuns.

### DANA

No hebraico, «*murmuração*», uma cidade mencionada juntamente com Debir e Socó, localizada na região montanhosa de Judá (Jos. 15:49), ao sul de Hebrom. O local teria sido perto da moderna Kirjath-Seppher (antiga Debir), embora a localização exata seja desconhecida.

### DANÇA

#### I. Observações Gerais

Dançar é movimentar continuamente o corpo, de acordo com certo ritmo, em um certo espaço. É também uma expressão das emoções, uma válvula de escape de energias em excesso. As emoções assim expressas são as mais variadas, desde a alegria até a ira, desde a devoção à sensualidade. A arqueologia e a literatura de todas as culturas demonstram que, até onde a história retrocede, os homens dançam. Alguns animais também têm certas formas de dança, desde os insetos, passando pelas aves, até os mamíferos superiores; e esses movimentos rítmicos usualmente visam à comunicação de alguma mensagem, tal como na dança humana. Há provas de que, desde a antiguidade, a dança é associada às manifestações religiosas. Os homens primitivos imaginavam poder comunicar-se com os espíritos através da dança. De fato, certas danças conseguem alterar os estados de consciência, com o aparecimento de visões e alucinações, que são considerados comunicações com os poderes espirituais. Mas também é verdade que os

## DANÇA

homens primitivos demonstravam alegria ou consternação, diante dos eventos, como nascimentos, curas, luto, a chegada das chuvas ou a tentativa de fazê-las chegar, vitórias e outros acontecimentos importantes, mediante a dança. A dança tem sido usada e continua a ser usada em ritos de fertilidade, com o propósito de exprimir ou provocar a sensualidade.

As civilizações superiores têm feito a dança se tornar uma arte formal, que usualmente acompanha as apresentações musicais ou teatrais. Desse modo, a dança também se tornou uma profissão. Porém, em muitos lugares, a dança continua sendo uma importante parcela da expressão religiosa, como no teatro grego clássico e na religião hindu.

Os elementos básicos da dança são o desenho, os passos, os gestos, os movimentos específicos, a técnica, a dinâmica e os sons. A dinâmica da dança pode variar desde a languidez à intensa vibração, desde a suavidade até os gestos bruscos. O impacto da dança sobre os dançarinos e os espectadores é obtido, principalmente, por sua dinâmica. A técnica é a habilidade que o dançarino adquire na execução da dança. Os dançarinos precisam tornar-se atletas consumados, para fazerem o que fazem, como no balé moderno. Através da técnica é que uma idéia pode ser expressa mediante a dança.

### II. A Dança em Várias Culturas

a. Entre os egípcios, homens e mulheres dançavam, mas em grupos separados, com certa variedade de movimentos e gestos, tudo dependendo do propósito a ser atingido. No Egito, dançava-se por motivos religiosos ou como diversão. Os nobres usualmente não dançavam. A dança parecia limitar-se às classes inferiores e aos sacerdotes, dependendo do propósito da dança. As vestes usadas na dança usualmente eram longas, chegando ao chão e com freqüência, feitas de tecidos de alta qualidade, quase transparentes. A dança religiosa, por sua vez, era efetuada nos templos, em honra aos deuses, ou ao ar livre, em procissões. A dança popular, motivada pela alegria, era realizada quando das grandes festividades.

b. Entre os gregos encontramos a dança social e religiosa. As massas populares dançavam principalmente como recreação. No teatro, a dança foi desenvolvida ao ponto de tornar-se uma arte, sendo usada para exprimir todas as emoções que as peças teatrais tinham o intuito de transmitir. A literatura antiga informa-nos que as mulheres dançavam em entretenimentos particulares. Quando mulheres dançavam diante de convivas, o intuito é óbvio. Ver Mat. 14:6. Todas as classes, entre os gregos, dançavam, o que era encorajado pelo fato de que a dança tornara-se uma parte importante do teatro, o que tinha considerável prestígio, provocando a criação de peças teatrais que têm perdurado durante séculos, sendo levadas ao palco até os nossos próprios dias.

c. Entre os romanos, há evidências de que até as classes mais elevadas dançavam. Disse Cícero: «Nenhum homem sóbrio dança, a menos que tenha enlouquecido, estando sozinho ou em companhia decente; pois a dança é a companheira do convívio devasso, da dissolução e da luxúria». Essa citação ilustra que a dança se degenerara em uma forma essencialmente sensual, tendo perdido muito do refinamento mais antigo. A dança da filha de Herodias (Salomé?), diante dos convivas de Herodes, quando da festa de seu aniversário, ilustra o que Cícero queria dizer.

d. Entre os hebreus, a dança era usada apenas como diversão (Êxo. 32:19; Ecl. 3:4). Mas também

era um meio de exprimir sentimentos religiosos (Êxo. 15:20; Juí. 21:19-21). Podia ser um modo de louvar a Yahweh (Sal. 149:3; 150:4). Naturalmente, era usada na adoração idólatra. A vitória de Davi sobre os filisteus foi celebrada pelas mulheres, que saíram alegremente ao encontro dos soldados que voltavam da batalha. Isso foi acompanhado com cânticos e com instrumentos de música (I Sam. 18:6). Danças acompanhavam as festas e os festivais (Juí. 21:16-24). Alguns eruditos pensam que até a festa dos Tabernáculos incluía danças. As referências existentes nos Salmos mostram a conexão religiosa entre a religião e a dança. O trecho de Salmos 68:25 indica que os cantores e os instrumentos musicais algumas vezes estavam envolvidos de tal modo que somos levados a pensar que a música, no tabernáculo e no templo, era acompanhada por danças. Sabe-se que as sociedades pagãs da época tinham tais costumes. Baal era adorado por meio de dançarinos (I Reis 18:26). Na Babilônia, a dança estava tão intimamente ligada ao culto religioso que não há evidências de outro tipo de dança ali, apesar de que, certamente nem toda a dança dos babilônios era de cunho religioso. Os relevos egípcios retratam dançarinas que dançavam ao som de tambores e de certa variedade de instrumentos. Há a possibilidade de que a dança de Davi, registrada em II Samuel 6:16, estivesse relacionada a danças especialmente desenvolvidas na guerra, conforme se dava, igualmente, com os espartanos. Estes últimos dançavam com o acompanhamento de poemas elegíacos, compostos pelos líderes espartanos. Davi empregava a poesia a fim de inspirar e ensinar os seus soldados (II Sam. 1:18 ss), sendo possível que ele conhecesse certos tipos de danças de guerra.

e. *No Novo Testamento.* No trecho de Lucas 7:32 há uma alusão às danças das crianças, em seus folguedos. Também há a famosa dança da filha de Herodias (Mat. 14:6). Muitos pensam tratar-se da famosa Salomé. Sua dança era de natureza sensual, e culminou na execução de João Batista. A passagem de Lucas 15:26 menciona a dança como parte das celebrações devido à volta do filho pródigo à casa paterna. Podemos supor com segurança que a dança, nos dias do Novo Testamento, seguia de perto os modelos grego e romano. A referência às crianças que dançavam indica que a dança fazia parte dos costumes da sociedade, e que as pessoas dançavam por motivo de simples recreação.

### III. A Dança Moderna e os Crentes

As formas e razões antigas da dança continuam nos tempos modernos. — Por essa razão, nenhuma declaração simples pode dizer se, para o crente, dançar é próprio ou impróprio. Em algumas igrejas cristãs, a dança ainda é usada como uma expressão religiosa, usualmente associada a alguma produção teatral, mas nem sempre. Cada caso precisa ser examinado em separado, porquanto a dança pode ser elevada, uma legítima forma de arte religiosa, ou então pode ser vil, ou mesmo pode ser uma mistura de elementos bons e maus. As danças sociais, que envolvem o contacto dos corpos de homens e mulheres, geralmente são condenadas pelos crentes, visto que essas danças são obviamente sensuais, apelando para os instintos mais baixos do ser humano. Mesmo as danças em que homens e mulheres nunca se abraçam, mas têm movimentos que são sexualmente sugestivos, tradicionalmente são reprovadas pelos crentes, como indignas para os seguidores do Senhor Jesus. Porém, muitos crentes participam de danças tipo folclórico, não fazendo



## DANIEL

disso nenhum segredo. Tal como no caso de outras coisas que podem ser duvidosas, a consciência coletiva e individual é que deve decidir sobre essa questão. A consciência do crente individual, quando é honestamente consultada, revelará se a pessoa pode ou não envolver-se em alguma dança específica. (AM OE UN SO)

### DANIEL

No hebraico, «Deus é meu juiz». Há quatro personagens com esse nome, nas páginas da Bíblia:

1. Um filho de Davi, o segundo que ele teve com Abigail, a carmelita (I Crô. 3:1). No trecho paralelo de II Samuel 3:3, ele é chamado Quileabe. Viveu em torno de 1050 A.C.

2. Um descendente de Itamar, que retornou do cativeiro babilônico em companhia de Esdras (Esd. 8:2). Viveu em torno de 456 A.C. Foi um dos signatários do pacto firmado por Esdras.

3. Um dos sacerdotes que assinou o pacto com Neemias. Quanto à sua identidade, alguns pensam tratar-se do profeta desse nome. Mas outros identificam-no com o descendente de Itamar, segundo ponto, acima. (Nee. 10:6). Viveu por volta de 456 A.C.

4. O profeta Daniel, o herói principal do livro veterotestamentário desse nome. Ver abaixo, o artigo separado sobre ele, intitulado *Daniel, o Profeta e o Livro*.

### DANIEL, O PROFETA E O LIVRO

O nome é hebraico e tem o sentido de «Deus é meu juiz». Daniel foi um famoso profeta judeu do período babilônico e persa, embora isso seja posto em dúvida por muitos críticos modernos, que duvidam da cronologia a seu respeito. Ver a discussão sobre isso, mais abaixo. Tudo quanto sabemos acerca de Daniel deriva-se do livro que tem o seu nome; as tradições, como é usual, são duvidosas. Ver sobre Daniel, sob o segundo ponto, abaixo.

#### Esboço:

- I. Características Gerais
- II. O Homem Daniel e o Pano de Fundo Histórico do Livro
- III. Autoria, Data e Debates a Respeito
- IV. Ponto de Vista Profético
- V. Proveniência e Unidade
- VI. Destino e Propósito
- VII. Canonicidade
- VIII. Esboço do Conteúdo
- IX. Acréscimos Apócrifos
- X. Gráfico Ilustrativo das Setenta Semanas
- XI. Bibliografia

#### I. Características Gerais

Esse livro aparece na terceira seção do cânon hebraico, chamada *ketubim*. Nas Bíblias em línguas vernáculas, trata-se de uma das quatro grandes composições proféticas escritas, de acordo com o cânon alexandrino. Na moderna erudição, diferem as opiniões a seu respeito. Alguns estudiosos pensam que se trata apenas de um dos melhores escritos pseudépígrafos, uma pseudoprocacia romântica, escrita essencialmente como uma narrativa, e não um livro profético. Mas outros respeitam altamente o livro, como profecia, baseando várias doutrinas sérias, a respeito dos últimos dias, ainda futuros, sobre esse livro. Seja como for, é verdade que o Novo

Testamento incorpora grande parte da visão profética desse livro no Apocalipse, envolvendo temas como a grande tribulação, o anticristo, a segunda vinda de Cristo, a ressurreição e o julgamento final. As indicações cronológicas do livro de Daniel são adotadas diretamente pelo Apocalipse.

O livro foi escrito em hebraico, mas com uma extensa seção em aramaico, ou seja, Daniel 2:4b-7:28. Os eruditos liberais pensam que essa porção (é um tanto mais antiga, tendo sido adaptada às pressas para seu uso, em uma revisão palestina. Temos a introdução do livro, escrita em hebraico (Dan. 1:1-2:4a), com visões adicionais (caps. 8 em diante), a respeito de coisas que tiveram lugar durante a crise sob o governo de Antíoco IV Epifânio (175-163 A.C.). Reveste-se de especial importância o material do décimo capítulo, que apresenta uma personagem «à semelhança dos filhos dos homens» (Dan. 10:16), e que os estudiosos cristãos pensam tratar-se de uma alusão ao Messias. O livro também encerra a doutrina da ressurreição dos mortos (Dan. 12:2,3), e uma angelologia típica do judaísmo posterior. Daniel é o único livro judaico de natureza apocalíptica que foi finalmente aceito no cânon palestino, ao passo que vários livros dessa natureza vieram a tornar-se parte do cânon alexandrino.

#### II. O Homem Daniel e o Pano de Fundo Histórico do Livro

Daniel era descendente da família real de Judá, ou pelo menos, da alta nobreza dessa nação (Dan. 1:3; *Josefo, Anti.* 10.10.1). É possível que ele tenha nascido em Jerusalém, embora o trecho de Daniel 9:24, usado como apoio para essa idéia, não seja conclusivo quanto a isso. Com a idade entre doze e dezesseis anos, ele já se encontrava na Babilônia, como cativo judeu entre todos outros jovens nobres hebreus, como Ananias, Misael e Azarias, em resultado da primeira deportação da nação de Judá, no quarto ano do reinado de Jeoiaquim. Ele e seus companheiros foram forçados a entrar no serviço da corte real babilônica. Daniel recebeu o nome caldeu de Beltesazar, que significa «príncipe de Baal». De acordo com os costumes orientais, uma pessoa podia adquirir um novo nome, se as suas condições fossem significativamente alteradas, e esse novo nome expressava a nova condição (II Reis 23:34; 24:17; Est. 2:7; Esd. 5:14). A fim de ser preparado para suas novas funções, Daniel recebeu o treinamento oriental necessário. Ver *Platão, Alceb.* seção 37. Daniel aprendeu a falar e a escrever o caldeu (Dan. 1:4). Não demorou para ele distinguir-se, tornando-se conhecido por sua sabedoria e piedade, especialmente na observância da lei mosaica (Dan. 1:8-16). O seu dever de entreter a outras pessoas sujeitou-o à tentação de comer coisas consideradas impróprias pelos preceitos levíticos, problema esse que ele enfrentou com sucesso.

A educação de Daniel teve lugar durante três anos, e então tornou-se um dos cortesãos do palácio de Nabucodonosor, onde, pela ajuda divina, conseguiu interpretar um sonho do monarca, para inteira satisfação deste. Tudo em Daniel impressionava o rei, pelo que ele subiu no conceito real, tendo-lhe sido confiados dois cargos importantes, como governador da província da Babilônia e inspetor-chefe da casta sacerdotal (Dan. 2:48). Posteriormente, em um outro sonho que Daniel interpretou, ficou predito que o rei, por causa de sua prepotência, deveria ser humilhado por meio da insanidade temporária, após o que, seu juízo ser-lhe-ia restaurado (Dan. 4). As qualidades pessoais de Daniel, como sua sabedoria, seu amor e

## DANIEL

sua lealdade, resplandecem por toda a narrativa.

Sob os sucessores indignos de Nabucodonosor, ao que parece, Daniel sofreu um período de obscuridade e olvido. Foi removido de suas elevadas posições, e parece ter começado a ocupar postos inferiores (Dan. 8:27). Isso posto, ele só voltou à proeminência na época do rei Belsazar (Dan. 5:7,8), que foi co-regente de seu pai, Nabonido. Belsazar, porém, foi morto quando os persas conquistaram a cidade. Porém, antes desse acontecimento, Daniel foi restaurado ao favor real, por haver conseguido decifrar o escrito misterioso na parede do salão do banquete (Dan. 5:2 e ss). Foi por essa altura dos acontecimentos que Daniel recebeu as visões registradas nos capítulos sétimo e oitavo, as quais descortinam o curso futuro da história humana, juntamente com a descrição dos principais impérios mundiais, que se prolongariam não somente até à primeira vinda de Cristo, mas exatamente até o momento da «parousia», ou segunda vinda de Cristo.

Os medos e os persas conquistaram a Babilônia, e uma nova fase da história se iniciou. Daniel mostrou-se ativo no breve reinado de Dario, o medo, que alguns estudiosos pensam ter sido o mesmo Ciaxares II. Uma das questões envolvidas foram os preparativos para a possível volta de seu povo, do exílio para a Terra Santa. Sua grande ansiedade, em favor de seu povo, para que fossem perdoados de seus pecados e fossem restaurados à sua terra, provavelmente foi um dos fatores que o ajudou a vislumbrar o futuro, até o fim da nossa atual dispensação (Dan. 9), o que significa que ele previu o curso inteiro da futura história de Israel. Daniel continuou cumprindo seus deveres de estadista, mas sempre observando estritamente a sua fé religiosa, sem qualquer transigência. Há um hino cujo estribilho diz: «Ouses ser um Daniel; ouuses ficar sozinho». O caráter e os atos de Daniel despertaram ciúmes e invejas. Mediante manipulação política, Daniel terminou encerrado na cova dos leões; mas o anjo de Deus controlou a situação, e Daniel foi livrado dos leões, adquirindo um novo prestígio, uma maior autoridade.

Daniel teve a satisfação de ver um remanescente de Israel voltar à Palestina (Dan. 10:12). Todavia, sua carreira profética ainda não havia terminado, porquanto, no terceiro ano de Ciro, ele recebeu uma outra série de visões, informando-o acerca dos futuros sofrimentos de Israel, do período de sua redenção, através de Jesus Cristo, da ressurreição dos mortos e do fim da atual dispensação (Dan. 11 e 12). A partir desse ponto, as tradições e as fábulas se manifestam, havendo histórias referentes à Palestina e à Babilônia (Susã), embora não possamos confiar nesses relatos.

**Pano de Fundo e Intérpretes Liberais.** A moderna erudição crítica é praticamente unânime ao declarar que o livro de Daniel foi compilado por um autor desconhecido, em cerca de 165 A.C., porquanto conteria supostas profecias sobre monarcas pós-babilônicos que, mais provavelmente, são narrativas históricas, porquanto vão-se tornando mais e mais exatas, — à medida que o tempo de seu cumprimento se aproxima (Dan. 11:2-35). Para esses intérpretes o propósito do livro foi o de encorajar os judeus fiéis, em seu conflito com Antíoco IV Epifânio (ver I Macabeus 2:59,60). Por causa da tensão em que viviam, o livro de Daniel teria sido entusiasticamente acolhido, porquanto expõe uma visão final otimista da carreira de Israel no mundo. E assim, o livro teria sido recebido no cânon hebreu. Ver o artigo sobre *Apocalípticos, Livros (Literatura Apocalíptica)*. Isso posto, temos duas posições: uma delas afirma que realmente houve um profeta chamado Daniel, que

viveu a vida descrita nos parágrafos anteriores do livro, e cujas visões fazem parte indispensável do quadro profético. A outra posição diz que o livro de Daniel é uma espécie de romance-profecia, que apresenta acontecimentos históricos como se tivessem sido preditos, exatos em torno de 165 A.C., mas não tanto, à medida que se retrocede no tempo. Os vários argumentos são apresentados na terceira seção, intitulada *Autoria, Data e Debates a Respeito*, mais abaixo.

*Informes Posteriores Sobre Daniel.* Uma tradição rabínica posterior (Midrash Sir ha-sirim, 7:8) diz que Daniel retornou à Palestina, entre os exilados. Mas um viajante judeu, Benjamim de Tudela (século XII D.C.) supostamente teria encontrado o túmulo de Daniel em Susã, na Babilônia. Nesse caso, se o primeiro informe é veraz, então Daniel retornou mais tarde à Babilônia. Há informes sobre esse túmulo, desde o século VI D.C., embora muitos duvidem da exatidão dessas tradições, pois geralmente não passam de fantasias.

*Um Daniel Antediluviano?* Alguns supõem que o Daniel referido em Ezequiel 14:14 não é o Daniel da tradição profética, e, sim, uma personagem que viveu antes do dilúvio, não contemporâneo de Ezequiel, e cujo nome e caráter teriam inspirado o pseudônimo vinculado ao livro canônico de Daniel. A lenda ugarítica de *Aght* refere-se a um antigo rei fenício, *Dnil* (vocalizado como *Danel* ou *Daniel*), o que significaria que esse nome é antiqüíssimo. Ver Ezequiel 28:3, onde o profeta escarnece de Tiro porque, supostamente, era «mais sábio que Daniel». Isso poderia ser também uma referência a um antigo sábio, não contemporâneo de Daniel.

### III. Autoria, Data e Debates a Respeito

Essas questões são agrupadas neste terceiro ponto por estarem relacionadas umas às outras, dentro do campo da alta crítica sobre as atividades de Daniel. Alistamos e comentamos sobre esses problemas, abaixo:

1. *Um grave erro histórico*, segundo alguns pensam, estaria contido em Dan. 6:28 e 9:1, onde o autor sagrado situa Dario I antes de Ciro, fazendo Xerxes aparecer como o pai de Dario I. Nesse caso, teríamos a ordem Xerxes, Dario e Ciro, quando a seqüência histórica é precisamente a inversa. Mas essa crítica é plenamente respondida quando se demonstra que Daniel referia-se a Dario, o medo, um governador sob as ordens de Ciro, cujo pai tinha o mesmo nome que aquele rei persa posterior. Não seria mesmo provável que um autor, que demonstrasse tão notáveis poderes intelectuais, e que contava com Esdras 4:5,6 à sua frente, pudesse ter cometido um equívoco tão crasso, especialmente em face do fato de que ele situa Xerxes como o quarto rei depois de Ciro. (Ver Dan. 11:2).

2. *O problema do cânon.* A coletânea dos profetas hebreus já estava completa por volta do século III A.C., mas essa coletânea não incluía Daniel, livro esse que foi posto na porção posterior do cânon, ou seja, entre os Escritos. O catálogo de antigos hebreus famosos, publicado em Sabedoria de Ben Siraque, também chamado Eclesiástico, publicado no começo do século II A.C., não menciona Daniel; e, no entanto, um século depois, I Macabeus alude a esse livro. Além disso, uma porção do livro foi escrita em aramaico da Palestina, não no dialeto da Mesopotâmia. O aramaico estava sendo falado na Palestina. Isso faz nossos olhos desviarem-se da Babilônia, como o lugar da composição desse livro, fixando a nossa atenção sobre a Palestina. Essa crítica é respondida

mediante a observação de que Daniel não era oficialmente conhecido como profeta. Antes, foi um estadista com dons proféticos (Mat. 24:15). E isso justifica o fato dele não haver sido alistado entre os profetas tradicionais. Além disso, mesmo que o livro de Daniel já tivesse sido escrito quando Ben Siraque preparou sua lista de grandes hebreus, a omissão de seu nome não deve causar surpresa, porquanto esse catálogo também deixa de lado a Jó e a todos os juízes, excetuando Samuel, Asa, Josafá, Mordecai e o próprio Esdras (Eclesiástico 44 - 49).

3. *Numerosos equívocos históricos*, com as soluções propostas. Dizem alguns que esses equívocos aparecem quando o autor aborda questões distantes da data de 165 A.C. (quando, presumivelmente, o livro de Daniel teria sido escrito), o que faria óbvio contraste com o conhecimento que o autor tinha do período grego, posterior. Os críticos, em face disso, sentem que o livro de Daniel tirou proveito de antigas lendas judaicas acerca de um sábio de nome Daniel (ver Ezequiel 14 e 28). Teria sido então constituída uma pseudoprofecia para encorajar os judeus, que sofriam sob Antíoco IV Epifânio. Esse Daniel teria sido capaz de enfrentar os mais incríveis sofrimentos, pelo que todos os israelitas estariam na obrigação de seguir o seu exemplo. Como resposta, precisamos considerar as doze considerações abaixo:

a. Quanto aos supostos equívocos, esses parecem ter sido adequadamente respondidos no primeiro ponto, acima.

b. O suposto fato de que o tipo de aramaico usado foi da Palestina, e não da Mesopotâmia, tem uma resposta adequada, pelo menos até onde vejo as coisas. Os estudos sobre os documentos escritos em aramaico têm mostrado que a variedade de aramaico usada no livro de Daniel é bastante antiga, sendo impossível estabelecer claras distinções entre os dialetos, conforme alguns eruditos do passado chegaram a fazer. A linguagem aramaica do livro de Daniel tem fortes afinidades com os papiros elefantinos (que vide) do século V A.C. Outrossim, o hebraico usado no livro de Daniel ajusta-se ao período de Ezequiel, de Ageu, de Esdras e dos livros de Crônicas, e não ao hebraico do período helenista, posterior. Parece que melhores estudos e descobertas arqueológicas têm revertido o julzo negativo, em alguns casos significativos.

c. Escreveu Robert Pfeiffer: «Presume-se que nunca saberemos como o nosso autor aprendeu que a Nova Babilônia foi criação de Nabucodonosor (Dan. 4:30), segundo as escavações têm comprovado» (*Introduction to the Old Testament*, pág. 758).

d. O quinto capítulo de Daniel retrata Belsazar como co-regente da Babilônia, juntamente com seu pai, Nabonido. Antes, esse informe era objeto de ataques. No entanto, isso tem sido demonstrado como um fato, pelas descobertas arqueológicas (R.P. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar*, 1929; J. Finegan, *Light from the Ancient Past*, 1959).

e. Documentos escritos em cuneiforme, provenientes de Gubaru, confirmam a informação dada no sexto capítulo do livro de Daniel, acerca de Dario, o medo. Atualmente, não é mais possível atribuímos a Daniel um falso conceito de um independente reino medo, entre a queda da Babilônia e o soerguimento de Ciro, segundo alguns estudiosos fizeram, erroneamente, no passado.

f. O autor sagrado também sabia o bastante sobre os costumes do século VI A.C., a ponto de ter dito que as leis da Babilônia estavam sujeitas ao rei Nabucodonosor, que podia decretar ou modificar

decretos (Dan. 2:12,13,46), em contraste com a informação de que Dario, o medo, não tinha autoridade para alterar as leis dos medos e dos persas (Dan. 6:8,9).

g. Além disso, o modo de punição na Babilônia, mediante o fogo (cap. 3), ou mediante leões (cap. 6), concorda perfeitamente bem com a história. (A.T. Olmstead, *The History of the Persian Empire*, 1948, pág. 473).

h. A comparação com as evidências cuneiformes acerca de Belsazar, e aquelas informações que lemos no quinto capítulo de Daniel, demonstra que o livro de Daniel pode ter sido escrito em uma data anterior, e ser perfeitamente autêntico. Naturalmente, um autor do período dos Macabeus poderia ter usado materiais autênticos quanto aos fatos sobre os quais escrevia, e, ainda assim, poderia ter escrito seu livro em uma data posterior. Porém, o que as evidências demonstram é que a exatidão do material ali escrito pode ter tido, por motivo, o fato de que o autor sagrado foi contemporâneo de Belsazar.

i. Segundo alguns estudiosos, o livro foi escrito no tempo dos Macabeus, porque reflete melhor aquela época, mas bem menos tempos anteriores. Contra isto, podemos observar que entre os *manuscritos do mar Morto* (que vide), Daniel é representado. Isto sugere que o livro foi escrito antes daquela época, e supostamente, antes do tempo dos Macabeus. Isto, todavia, não determina *quanto* antes.

j. *Palavras gregas*. No livro de Daniel, há três nomes gregos para instrumentos musicais, a harpa, a cítara e o saltério (Dan. 3:5,10), o que poderia significar que tais palavras foram empregadas porque o autor viveu no período helenista. Mas essa crítica é rebatida mostrando-se que há provas da penetração do idioma e da cultura gregos no Oriente Médio, muito antes do tempo de Nabucodonosor. Portanto, não seria para admirar que Daniel, no século VI A.C., conhecesse alguns termos gregos para as coisas. (Ver W.F. Albright, *From the Stone Age to Christianity*, 1957, pág. 337). Também há palavras emprestadas do persa que se coadunam com uma data anterior. E o aramaico usado no livro de Daniel ajusta-se ao aramaico dos papiros elefantinos, do século V A.C.

k. O trecho de Daniel 1:1 parece conflitar com Jeremias 25:1,9 e 46:2, no tocante à data da captura de Jerusalém. Daniel declara que a cidade fora capturada no terceiro ano de Jeoaquim (605 A.C.). Jeremias, por sua vez, indica que mesmo no ano seguinte, a cidade ainda não havia sido vencida. Essa aparente discrepância envolve um período de cerca de um ano. Mesmo que fosse uma verdadeira discrepância, não anularia o livro de Daniel como uma profecia autêntica. Seja como for, os defensores do livro de Daniel ressaltam que os escribas babilônios usavam um sistema de computação segundo o ano da subida ao trono, o que significa que o ano da subida ao trono não era chamado de primeiro ano de governo, embora, na realidade, assim fosse. No entanto, os escribas palestinos não observavam essa distinção, pelo que o ano em que um monarca subia ao trono era chamado de primeiro ano de seu governo. Portanto, Daniel estava seguindo o modo babilônico de computação, ao passo que Jeremias estava usando o modo palestino. Isso quer dizer que o quarto ano mencionado em Jeremias 25:1 é idêntico ao terceiro ano de Daniel 1:1.

l. O uso do termo «caldeus», em Daniel, em sentido mais restrito, indica a classe dos *sábios*, ou então uma casta sacerdotal (o que não tem paralelo no resto do

## DANIEL

Antigo Testamento). Mas, alguns críticos pensam que isso é indicação de uma data posterior do livro de Daniel. Porém, a observação de Heródoto, em suas *Guerras Persas* também exhibe tal uso (séc. V A.C.), demonstrando que essa maneira de expressar é bastante antiga e não tão recente como os críticos querem dar a entender.

m. A insanidade de Nabucodonosor, de acordo com os críticos liberais, seria um dramático toque literário da parte do autor sagrado, infiel aos fatos históricos. Porém, tanto Josefo quanto um autor do século II A.C., Abideno, mencionam essa questão. Apesar desses dois terem vivido em data bem posterior, e que a informação dada por eles pode ser posta em dúvida, não parece que somente Daniel se tenha referido à questão. Três séculos mais tarde, um sacerdote babilônio, de nome Beroso, preservou uma tradição sobre esse incidente da insanidade de Nabucodonosor. O fato de que esse incidente só veio à tona tanto tempo depois de sua ocorrência, talvez se deva à crença, existente na Mesopotâmia, de que a insanidade mental resulta da possessão demoníaca; e o fato de que um monarca tenha sido assim afligido, sem dúvida, foi acobertado o máximo possível.

Acompanhar os lances do debate sobre os problemas históricos do livro de Daniel não é uma jornada fácil. Procurei expor diante do leitor apenas a essência indispensável da questão, com argumentos e contra-argumentos. Desnecessário é dizer que os dois lados não têm aceito os argumentos um do outro; pois, do contrário, já se teria chegado a um acordo. Até onde vejo as coisas, várias críticas foram devidamente respondidas, e a tendência parece ser que há explicações razoáveis para a maior parte dos supostos erros históricos de Daniel.

**No entanto, quero deixar claro** que o livro de Daniel poderia ser uma profecia genuína, mesmo que houvesse nele — alguns equívocos — históricos. Estamos esperando demais de qualquer livro da Bíblia, quando esperamos perfeição até sobre questões dessa natureza. A verdade profética, moral ou teológica, em nada sofre por causa de discrepâncias científicas ou erros sobre questões históricas. A própria ciência envolve inúmeras discrepâncias, mas nem por isso rejeitamos a dose de verdade que ela nos tem podido apresentar. As narrativas históricas dos melhores historiadores estão repletas de erros, mas não é por isso que dizemos que a humanidade não conta com nenhuma história. Aqueles que requerem perfeição da parte dos livros bíblicos promovem um dogma humano, porque as próprias Escrituras não declaram que eles não contêm qualquer erro. Ver o artigo sobre a *Inspiração*, quanto a uma declaração mais detalhada sobre essa questão.

**4. A Função Profética.** — Um dos problemas superficiais criado pelos críticos, é que eles objetam à profecia de Daniel como se todas as previsões ali existentes fossem observações históricas, supostamente escritas por algum autor que viveu quando as tais predições já se tinham cumprido. Os céticos que dizem que é impossível predizer o futuro são forçados a fazer com que cada livro profético seja reduzido ou a uma pseudoprofecia (as coisas preditas ainda não aconteceram, e nem acontecerão) ou a uma narrativa histórica (as coisas preditas aconteceram, mas foram registradas após os eventos terem acontecido). Porfirio (século III A.C.) foi quem deu começo à crítica contra o livro de Daniel, e esse ponto de vista **contraprofético** foi ele quem promoveu. Ele supunha que o livro de Daniel teria sido composto na época de Antíoco IV Epifânio, com a finalidade de animar os

judeus que estavam sendo perseguidos; e a sua idéia é quase exatamente a mesma coisa que está sendo dita em nossos dias, contra o livro de Daniel. Os estudos no campo da parapsicologia e a experiência humana comum mostram que o conhecimento prévio é um fenômeno simples, e todas as pessoas, quando estão dormindo, possuem poderes de pré-cognição. Mas isso ainda não é o dom da profecia, embora mostre que não é um fenômeno tão estranho. Os místicos modernos têm poderes proféticos comprovados.

**5. Conceitos Religiosos Posteriores.** Os críticos partem do pressuposto que, no livro de Daniel, há reflexos de uma teologia posterior, incluindo o conceito dos anjos e a doutrina da ressurreição, idéias essas que não teriam atingido a forma apresentada no livro de Daniel senão já na época dos Macabeus. As idéias de Zoroastro, aparentemente, influenciaram a angelologia dos hebreus. Sua data de 1000 A.C., dá amplo tempo para que os judeus adquirissem certas idéias sobre os anjos, incluindo as idéias expressas no livro de Daniel, que pertence cerca de 600 A.C. *Ressurreição.* A ressurreição é claramente mencionada em Jó 19:26, e é possível que o livro de Jó seja o mais antigo livro da Bíblia, portanto, este é um conceito muito antigo.

**Conclusão.** Se os críticos estão com a razão, então o livro de Daniel foi escrito em cerca de 165 A.C., no período dos Macabeus. Nesse caso, tanto o livro contém uma pseudoprofecia como também pertence ao grupo de pseudépigramas visto que o nome do autor, Daniel, teria sido artificialmente apostado ao livro. E, caso os críticos não estejam com a razão, então o livro de Daniel foi composto em cerca de 600 A.C., por Daniel, um profeta estadista. Os eventos registrados nesse livro abarcam um período de cerca de setenta anos.

### IV. Ponto de Vista Profético

Aqueles que levam a sério o livro de Daniel, como uma profecia, — não concordam sobre como o esboço do livro deve ser compreendido. É claro que esse livro deve ter alguma espécie de esboço da história humana, mas é menos claro onde ficam as divisões principais desse esboço. Alguns intérpretes supõem que a grande imagem (Dan. 2:31-49), as quatro feras (Dan. 7:2-27) e as setenta semanas (Dan. 9:24-27) tinham o intuito de mostrar o que teria lugar quando da primeira vinda de Cristo. Esses intérpretes também supõem que é o Israel espiritual, que eles denominam de Igreja, que cumpriu as promessas feitas aos judeus, o antigo Israel, que foi rejeitado por Deus por causa da sua desobediência. Essa escola de interpretação nega enfaticamente que haja um tempo parentético entre as semanas sessenta e nove e setenta, e que a semana restante haverá de cumprir na futura, grande tribulação (Dan. 9:26,27). De acordo ainda com essa interpretação, a pedra que feriu a imagem (Dan. 2:34,35) tem em vista a primeira vinda de Cristo, com o subsequente desenvolvimento da Igreja. Os dez chifres da quarta fera (Dan. 7:24) não se refeririam a reis do tempo do fim, ligados a um revivido império romano. O pequeno chifre de Dan. 7:24 não representaria um ser humano. A morte do Messias é que poria fim ao sistema de sacrifícios dos judeus, sendo também a morte de Cristo, o abominável que desola, e não um anticristo ainda futuro. Ou então, se essa idéia for personificada, teríamos de pensar em *Tito*, o general romano, porquanto foi ele quem destruiu Jerusalém e seu culto religioso. Os amilenistas é que tomam essa ridícula posição.

Por outra parte, os pré-milenistas (ver o artigo sobre

o *Milênio*) afirmam que a profecia de Daniel alude ao fim dos tempos, até à *parousia* (que vide) ou segunda vinda de Cristo. Nesse caso, deve-se entender um período parentético entre a sexagésima nona semana e a septuagésima semana (Dan. 9:26,27). Esse período é de tempo indeterminado (já se prolonga por quase dois mil anos), correspondente à dispensação da graça em que vivemos. E a septuagésima semana, que duraria sete anos, seria o período da grande tribulação.

Os prêmilenistas estão divididos quanto ao momento do arrebatamento da Igreja. Este ocorreria antes ou após a tribulação? Alguns chegam a pensar que o arrebatamento dar-se-á no meio da tribulação. A questão é amplamente discutida em meu artigo sobre a *Parousia*. Ver também o artigo separado sobre as *Setenta Semanas*. Os que pensam que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação supõem que Israel tornar-se-á novamente proeminente na história humana e enfrentará o anticristo, sobre o qual acabará obtendo a vitória, e será inteiramente restaurado à sua terra. Mas, segundo esse esquema pré-tribulacional, Israel, embora convertido ao Senhor, não fará parte da Igreja. Por sua vez, os que pensam que a Igreja só será arrebatada depois da grande tribulação, embora admitam que Israel venha a converter-se ao Senhor, fará parte integrante e inseparável da Igreja, porquanto o ensino bíblico é que toda a pessoa que se converte, após o sacrifício expiatório de Cristo, automaticamente faz parte da Igreja. Ver Rom. 11:26 ss, quanto a uma afirmação de que Israel será restaurado como nação.

De acordo com o ponto de vista pré-milenista, a imagem do segundo capítulo de Daniel representa os reinos do mundo, dominados por Satanás, a saber, a Babilônia, a Média-Pérsia, a Grécia e Roma. Nos últimos dias, na época dos dez reis de Daniel 7:7, Roma será revivificada (Dan. 2:41-33 e Apo. 17:12). O poder que unificará aqueles dez reis com seus respectivos reinos será o anticristo. E será precisamente esse poder que será destruído por Cristo, quando de sua segunda vinda (Dan. 2:45; Apo. 19). Ver também Apo. 13:1,2; 17:7-17 e Dan. 2:35. O Filho do Homem é que obterá a vitória final sobre o anticristo (Dan. 7:13), quando ele vier com as nuvens do céu (Mat. 26:64 e Apo. 19:11 ss). O anticristo é o pequeno chefe de Daniel 7:24 ss. (comparar com Dan. 11:36 ss). Historicamente, esse chefe aponta para Antíoco IV Epifânio, mas, profeticamente, o anticristo está em vista. Ver o artigo separado sobre o *Anticristo*.

#### V. Proveniência e Unidade

O livro tem toda a aparência de haver sido escrito na Babilônia. Naturalmente, poderia ter sido escrito posteriormente, em Jerusalém, após o retorno dos exilados judeus. Os críticos supõem que há porções mais antigas e mais recentes, que seriam refletidas nos dois idiomas (o trecho aramaico seria o mais antigo; ver Dan. 2:4b—7:28), que teriam sido adicionadas para dar uma forma final ao livro. Os críticos também pensam que diferentes autores estiveram envolvidos nesse trabalho. É possível que a porção mais antiga tenha sido produzida na Babilônia, ao passo que a porção mais recente teria sido preparada na Palestina, a fim de que o volume total fosse publicado na Palestina. A arqueologia tem descoberto provas de que, na antiga Mesopotâmia, os escritores, algumas vezes, tomavam a porção principal de uma obra, intercalando-a entre uma introdução e uma conclusão, de natureza literária totalmente diferente. Isso pode ser visto no código de Hamurabi,

onde a parte principal é prosaica, com um prefácio e uma conclusão em forma de poema. O livro de Jó parece ter uma estrutura similar. Porém, esse argumento é fraco. Pode-se supor que outras obras assim também reflitam autores diferentes, como, por exemplo, no código de Hamurabi, onde a porção prosaica é de autoria de um ou mais autores, e a parte poética pode ter tido um ou mais autores diferentes. Nesse caso, a obra poderia ser considerada como uma compilação feita por algum editor, ao mesmo tempo em que o próprio material escrito foi produzido por um autor ou mais. Por outro lado, a maior parte das obras literárias compõe-se de compilações, embora isso não queira dizer que não haja apenas um autor das mesmas. O problema da unidade do livro de Daniel não está resolvido; e também não podemos estar certos de que apenas Daniel o escreveu. Pois ele pode ter agido como autor-editor, ou então a obra pode ter incorporado seus escritos, por parte de um outro autor-editor. Mas essa possibilidade em nada alteraria o valor profético da obra.

#### VI. Destino e Propósito

Já tivemos ocasião de ver que os críticos supõem que o livro de Daniel foi escrito para encorajar os judeus palestinos em meio à sua resistência ao programa de helenização de Antíoco IV Epifânio. Por outro lado, o livro pode ter tido o propósito de realizar o mesmo papel, mas em favor dos judeus exilados na Babilônia, que estariam enfrentando graves problemas, em seus preparativos para retornar a Jerusalém. Nesse caso, o livro também mostraria que Deus, embora juiz dos judeus, em vista de que deixou que fossem para o exílio, haveria de restaurá-los, por motivo de sua misericórdia. Esse segundo ponto de vista está mais em consonância com o arcabouço histórico apresentado no próprio livro. Naturalmente, o arcabouço histórico poderia ter sido utilizado pelo autor como uma lição objetiva, destinada a um povo posterior, que estivesse enfrentando um conjunto inteiramente diverso de dificuldades.

#### VII. Canonicidade

O livro de Daniel foi recebido no cânon do Antigo Testamento na terceira divisão, chamada *Escritos*. Ao livro de Daniel não se deu lugar junto aos livros de Isaías e Ezequiel. Ele não mediou uma revelação à comunidade teocrática, mas foi um estadista judeu, dotado de dons proféticos. Não obstante, o Talmude (*Baba Bathra* 15a) testifica sobre a grande estima que os judeus tinham por esse livro, tendo-se tornado o único livro apocalíptico a ser recebido no cânon dos escritos sagrados dos hebreus. O cânon alexandrino incluía outros livros. Na Septuaginta, o livro de Daniel aparece entre os escritos proféticos, após o livro de Ezequiel, mas antecedendo os doze profetas menores. Essa arrumação tem sido seguida pelas traduções em línguas modernas. Ver o artigo separado sobre o *Cânon*.

#### VIII. Esboço do Conteúdo

- A. Introdução. História Pessoal de Daniel (1:1-21)
- B. Visões Sobre Nabucodonosor e a História de Ciro (2:1—6:28)
  - a. A imagem em seu simbolismo, e sua destruição pela pedra cortada sem mãos (2:1-49)
  - b. A fornalha ardente (3:1-30)
  - c. A visão da árvore, de Nabucodonosor (4:1-37)
  - d. O festim de Belsazar e a queda da Babilônia (5:1-31)
  - e. A cova dos leões (6:1-28)

C. Várias Visões de Daniel (7:1-12:13)

- a. As quatro feras (7:1-28)
- b. O carneiro e o bode (8:1-27)
- c. As setenta semanas (9:1-27)
- d. A glória de Deus (10:1-21)
- e. Profecias sobre os Ptolomeus, os Selêucidas e acontecimentos do tempo do fim (11:1-45)
- f. A grande tribulação (12:1)
- g. A ressurreição (12:2,3)
- D. Declaração Final (12:4-13)

**IX. Acréscimos Apócrifos**

A Septuaginta e a versão de Teodócio trazem consideráveis adições ao livro de Daniel, que não podem ser encontradas no cânon hebraico, a saber: 1. A Oração de Azarias (Dan. 3:24-51). 2. O Cântico dos Três Jovens (Dan. 3:52-90). 3. A História de Susana (Dan. 13). 4. A História de Bel e o Dragão (Dan. 14). Esse material todo foi acrescentado ao livro canônico de Daniel, para ser preservado e por causa de paralelos literários, e, sem dúvida, sob a inspiração do próprio livro. Ver o artigo separado sobre os *Livros Apócrifos*, quanto a completas descrições sobre o conteúdo e o caráter.

**X. Gráfico Ilustrativo das Setenta Semanas**

Ver esse gráfico no artigo sobre as *Setenta Semanas*.

**XI. Bibliografia**

I IB ID ND UN YOU Z

**DANITAS**

No hebraico, deriva-se do termo que significa «juiz» ou «julgar». Indica os descendentes de Dã, bem como aqueles que pertenciam a essa tribo (Jul. 13:2; 18:1,11; I Crô. 12:35). Ver o artigo sobre *Dã*, que alude ao homem, à tribo e à cidade desse nome.

**DANOS, PROVOCADOR DE**

As Escrituras ilustram muitas formas de males e de danos. Com grande freqüência, a tristeza é um resultado do pecado; mas essa é uma lição difícil de aprender. Além disso, há poderes impessoais, não-humanos, que criam confusão, desastres naturais, enfermidades, anarquia e a própria morte física. Os homens nasceram para a tribulação, tal como as fagulhas de uma fogueira sobem no ar, e essas fagulhas não sabem fazer outra coisa. Ver Sal. 5:6; 36:4; Pro. 17:4; Eze. 11:2. Há atos e esquemas iníquos que provocam muitas formas de danos (Sal. 26:10; 119:150; Pro. 10:23). Ver o artigo geral sobre o *Problema do Mal*. O maior dano de todos, porém, é a perda da vida eterna, por meio do pecado não solucionado (ver Rom. 6:23). O bem supremo consiste na restauração geral (que vide), quando Deus vier endireitar todas as coisas.

**DANTE, ALIGHIERI**

Suas datas foram 1265-1321. Foi poeta italiano, nascido em Florença. Autor da famosa obra *Divina Comédia*. Estudava poesia, os clássicos, a filosofia e a teologia. Esteve envolvido em uma breve mas turbulenta carreira política, em resultado do que foi exilado. Subseqüentemente, percorreu a Itália e morreu em Ravena. Terminou a *Divina Comédia* pouco antes de sua morte. Trata-se de um épico alegórico que descreve uma viagem pelo inferno, pelo purgatório e pelo céu tendo Virgílio, o poeta latino, como cicerone. Beatriz, a gloriosa dama de sua

imaginação (que muito o teria influenciado), tornou-se seu guia no fim da jornada. Esse poema épico é repleto de símbolos e alusões, sendo atualmente reputado a suprema expressão do pensamento poético medieval. Outras obras de Dante incluem a *Vita Nuova*, a história de seu amor por Beatriz, escrita em italiano. Em latim, ele escreveu um tratado político, intitulado *De Monarchia*, tratados filosóficos como *Convívio* (*Banquete*) e *De Vulgari Eloquência*, várias epístolas e muitos poemas.

**Idéias:**

1. Seu livro, *Vita Nuova*, embora uma história de amor, contém a idéia filosófica de que o amor pode espiritualizar seu objeto.

2. Em seu *Convívio*, ele vincula todo o conhecimento às dimensões natural e espiritual.

3. Em seu livro *De Vulgari Eloquência* («Eloquência na Linguagem Comum»), ele busca uma forma lingüística capaz de expressar um ideal nacional.

4. Em sua *De Monarchia* ele afirma que a Igreja e o Estado deveriam ser independentes, mas a Igreja seria mais importante que o Estado, porquanto busca o bem-estar das almas. — O governo ideal seria o da monarquia, quando um rei universal é capaz de assumir liberdade, paz universal e o cumprimento das potencialidades humanas.

5. Na *Divina Comédia*, Dante projeta a idéia de que a alma humana começa sua carreira nesta vida terrena, e exerce suas escolhas, que determinam que tipo de vida ela terá, após a morte biológica. Ele retratava nove níveis no inferno, adaptados à punição de várias modalidades de almas, que teriam adquirido o direito de viver em diferentes níveis na outra existência. No purgatório haveria sete níveis, que atuariam como lugares de preparação das almas para o paraíso. No paraíso, finalmente, uma alma vai subindo até atingir a *visão beatífica* (que vide), o verdadeiro destino do homem. (AM E P)

**DANU**

Nome de uma antiga deusa irlandesa, protetora do conhecimento e da cultura. Ela foi associada, na concepção popular católica romana da Irlanda a Santa Brigitte (que vide), e muito do ritual pagão que antes circundava Danu foi transferido para Santa Brigitte.

**DARCOM**

No hebraico, «suportador». Seus filhos formavam um grupo dos descendentes dos servos de Salomão, os quais retornaram, com Zorobabel e seus associados, do cativeiro babilônico (Esd. 2:56; Nee. 7:58). Viveu em torno de 536 A.C.

**DARDA**

No hebraico, «pérola do conhecimento». Esse era o nome de um filho de Maol (cerca de 960 A.C.), um dos quatro homens conhecidos por sua grande sabedoria, mas aos quais, segundo as Escrituras informam, Salomão ultrapassou (I Reis 4:31). Em I Crônicas 2:6, entretanto, os mesmos quatro nomes aparecem como filhos de Zera, da tribo de Judá. Ali o nome Darda tem sua forma modificada para Dara. A identidade parece muito provável, embora a questão tenha sido muito debatida pelos estudiosos. Zera poderia ter sido um antepassado remoto (chamado «pai», conforme era comum no linguajar dos hebreus), ao passo que Maol seria o verdadeiro pai dos quatro sábios.

**DARDO**

Há quatro vocábulos hebraicos e um grego, envolvidos neste verbete, a saber:

1. *Chets*, «flecha», «dardo». Palavra hebraica usada por cinquenta vezes. Para exemplificar: Núm. 24:8; Deu. 32:23,42; I Sam. 20:20; II Reis 13:15-18; I Crô. 12:2; II Crô. 26:15; Jô. 6:4; Sal. 7:13; 11:2; 18:14; Pro. 25:18; Isa. 5:28; 7:24; Jer. 9:8; 50:9; Eze. 5:16; 21:21; Hab. 3:11; Zac. 9:14.

2. *Massa*, «míssil», «dardo», palavra que vem da raiz hebraica «enviar». Ela é usada apenas por uma vez, em Jô 41:26, onde Deus diz a Jô que o dardo de nada vale como arma contra o crocodilo.

3. *Shebet*, «cana». Palavra usada por quarenta e oito vezes com esse sentido, e mais de cento e quarenta vezes com o sentido de «tribo». Por exemplo: Exo. 21:20; Lev. 27:32; II Sam. 7:14; Sal. 2:9; 23:4; Pro. 10:13; Isa. 9:4; Jer. 10:16; Eze. 20:37; Miq. 7:14. Joabe matou Absalão com um dardo, no hebraico chamado *shebet* (II Sam. 18:14).

4. *Shelach*, «lança», «dardo». Palavra hebraica usada por três vezes com esse sentido: II Crô. 23:10; 32:5; Nee. 4:17. — Quando Joás foi ungido rei, ainda muito jovem, o povo armou-se com esse tipo de lança, segundo se vê na segunda dessas referências. E, por ocasião da defesa dos reconstrutores da muralha de Jerusalém, na época de Neemias, os trabalhadores tinham um instrumento de trabalho em uma das mãos e uma lança (em português, uma *arma*) na outra, segundo se vê na última dessas referências.

5. *Bélos*, «míssil», «flecha». Palavra grega usada exclusivamente em Efê. 6:16, onde o português diz «...embracando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno». Está em foco um dardo com uma mecha acesa na ponta.

**DARICO**

Ver o artigo sobre **Dinheiro**. O darico era uma moeda. Na Palestina, após o retorno do cativo da Babilônia, circulava o darico de ouro. Esse termo deriva-se do nome do rei *Dario*, monarca persa. Foi Ciro, o Grande, quem introduziu no império persa o uso de moedas. E Dario, o Grande, tornou generalizado esse uso.

No hebraico temos a considerar duas palavras diferentes:

1. *Adarkonim*. Essa palavra aparece somente em I Crô. 29:7 e Esd. 8:27. A nossa versão portuguesa, certamente, a traduz por «darico», na primeira dessas referências, mas, erroneamente por «dracma», na segunda referência.

2. *Darkemonim*. Essa palavra figura em Esd. 2:69; Nee. 7:70-72. Também deveria ser traduzida por «daricos» (pois está no plural, como a primeira). No entanto, nossa versão portuguesa insiste em traduzi-la por «dracmas», o que já era outra moeda. Ver sobre *Dracma*.

**DARIO**

Há quatro homens com esse nome, de alguma maneira relacionados à narrativa bíblica, a saber:

1. **Dario I Histaspes** (521-486 A.C.). Ele foi o quarto governante do império persa, depois de Ciro, Cambises e Gaumata. As listas de Daniel, em 9:1 e 11:2, têm ocasionado muito debate quanto à fidelidade histórica desse livro, o que é discutido no artigo sobre *Daniel*, III.1. Dario I também era

chamado Dario, o Grande, título que ele adquiriu por haver restaurado o império, após o caos causado por Gaumata, o pseudo-Esmérides, que havia usurpado o trono. O problema provocado pelo usurpador foi tão grande que o império persa poderia ter chegado ao seu fim. Mas Dario I, um dos oficiais de Cambises, filho de Histaspes, um sátrapa, e bisneto de Ariaramnes, irmão de Ciro I, foi o salvador da pátria. O exército se pôs inteiramente a seu lado. Antes de tudo, ele executou Gaumata (522 A.C.), e, nos dois anos seguintes, derrotou a nove reis, em dezenove batalhas distintas, o que consolidou o seu poder e restaurou a dinastia acaemenida. Seus feitos ficaram registrados na inscrição cuneiforme trilingüe (persa antigo, acádico e elamita), na superfície da rocha de Behistun.

A força sempre foi o direito entre os homens, exceto nos poucos casos nos quais o Espírito de Deus interveio nas coisas. Lemos acerca dos métodos de Dario I, no caso de um usurpador que se nomeava Nabucodonosor IV, ao qual Dario derrotou. Dario atacou a cidade da Babilônia, onde esse homem e suas tropas tinham uma fortaleza. Uma vez capturada a cidade, seguiu-se a matança mais sanguinolenta, e os principais cidadãos foram crucificados, como advertência a quaisquer outros rebeldes, para que subessem qual tratamento esperava quem ousasse desafiar a autoridade de Dario (Heródoto III.159). Isso explica o extraordinário zelo que Tatenai exibiu, cerca de um ano mais tarde, na obediência ao decreto de Dario. Ler Esdras 6:11—13: «...todo homem que alterar este decreto, uma viga se arrancará da sua casa, e que seja ele levantado e pendurado nela; e que da sua casa se faça um monturo». Diante de um governo tão carrasco, por isso mesmo lemos que «...Tatenai, governador daquém do Eufrates, Setar-Bozenai, e os seus companheiros, assim o fizeram puntualmente, segundo decretara o rei Dario» (Esd. 6:13).

Muitas revoltas foram abafadas pela energia e pela habilidade militar de Dario I, e, por volta de 515 A.C. já tivera lugar uma completa restauração do domínio persa sobre todas as terras que Ciro e Cambises haviam subjulgado. Ciro tivera por norma conceder larga autonomia aos reis conquistados, mas Dario modificou essa política, tendo abolido os reinos e principados locais, preferindo dividir o império em satrapias, no número de vinte. Sobre cada satrapia ele nomeou um governante persa, que exercia autoridade suprema e que contava com uma divisão do exército ao seu dispor, a fim de repelir qualquer ataque. Julzes também foram nomeados para as cidades, e as comunicações foram melhoradas. Dario I organizou um sistema postal similar ao Pony Express norte-americano do século XIX (ver Heródoto 8:98).

Muito interessante para a narrativa bíblica é o fato de que quando os exilados retornaram do cativo babilônico, eles esperavam ter um governo autônomo; mas, sob Dario I, foi estabelecida a província persa de Judá, o que importava na supervisão imperial de todas as questões, civis e religiosas. Seja como for, os estudiosos da Bíblia pensam que Dario I foi um agente de Deus para a construção do segundo templo de Jerusalém, por haver ele ajudado aos judeus nessa tarefa. Tatenai, o governador persa do aquém-Eufrates se opusera à construção do templo, mas o decreto de Dario (mencionado acima), fê-lo ajudar aos construtores, em vez de tentar impedi-los (Esd. 6:6-12). Ele providenciou substancial ajuda material aos judeus, e o templo de Jerusalém foi terminado no sexto ano do governo de Dario (fevereiro-março de 516 A.C.). Nada mais se sabe sobre essa interação



## DARIO

entre Dario I e os judeus, nos trinta anos subsequentes de seu reinado. Ver as seguintes referências: Esd. 4:5,24; 5:5-7; 6:1,12,15; Ageu 1:1; 2:10; Zac. 1:1,7 e 7:1.

**2. Dario II Oxo (423-404 A.C.).** Ele foi o sétimo governante do império persa. Era filho de Artaxerxes I e uma sua concubina babilônica. Ele também é chamado Notus ou Dario, o Persa (Nee. 12:22). Esse título mui provavelmente tinha o intuito de distingui-lo de Dario, o Medo. Sua esposa (e meio-irmã), a rainha Parisatis, tinha grande poder, e talvez tenha sido a verdadeira governante do império, nesse período. Ela se tornou conhecida como uma pessoa cruel e ardilosa. Grande desintegração ocorreu no tempo de Dario II, com revoltas em Sardes, na Média, em Chipre, em Cadusia e no Egito. Uma colônia judaica, em Elefantina, perdeu o seu templo, que fora construído em uma ilha do Nilo, no alto Egito. O povo dali escreveu cartas aflitas a Jerusalém e a Samaria, pedindo ajuda, — mas não foi atendido. É possível que tenha sido nesse tempo que Neemias foi a Jerusalém pela segunda vez, tendo descoberto ali muitos abusos, conforme está registrado em Neemias 12:22. Porém, outros estudiosos insistem que o rei persa envolvido foi Dario III Codomano (ver abaixo, terceiro ponto). Esses estudiosos firmam-se no fato de que esse versículo menciona um sumo sacerdote, chamado Jadua, e que Josefo fala sobre um sumo sacerdote com esse nome, em 332 A.C. (*Anti.* 11:8,4). Porém, não podemos ter certeza se está em pauta a mesma pessoa, apesar da identidade de nomes. O pai de Jadua é mencionado no papiro Elefantino, que data de cerca de 400 A.C., pelo que não é necessário supormos que o Jadua de 332 A.C. tenha sido o mesmo homem. Esse último Jadua conheceu Alexandre, o Grande, tendo-o presenteado com uma cópia do livro de Daniel. Se os dois sumos sacerdotes de nome Jadua devem ser identificados, então esse homem era extremamente idoso quando conheceu Alexandre.

Dario II faleceu em 404 A.C., tendo sido o último rei acaemenida a ser sepultado na câmara escavada na rocha, perto de Persépolis. Deixou dois filhos, Artaxerxes II e Ciro, o Moço, o qual tentou apossar-se do trono, mas sem sucesso.

**3. Dario III.** Este tem sido identificado, por alguns estudiosos, com o segundo desses Darios (ver acima), o qual também foi intitulado Dario, o Persa, em Neemias 12:22. Mas outros eruditos distinguem, corretamente, os dois homens. Esse terceiro Dario é também chamado Codomano. Foi o último governante acaemenida. Artaxerxes III e seu filho, Arses, foram assassinados pelo eunuco Bagoas, e isso extinguiu a família real. Em seguida, Bagoas entronizou Dario III, que era parente do monarca morto. Dario III havia servido como sátrapa da Armênia. Mas Dario III ordenou a morte de Bagoas, como vingança pelo assassinato de seus parentes reais. Em seguida, ele encetou a conquista do Egito, e obteve bom êxito. Entretanto, chegara o momento de grandes alterações históricas. Alexandre, o Grande, da Macedônia, estava em plena campanha militar. Dario reuniu uma poderosa força armada, mas foi derrotado em *Iso*, na Cilícia, em outubro de 333 A.C. Dario tentou negociar e estabelecer a paz, mas Alexandre não precisava negociar. Dario, em seguida, fugiu mais para o oriente. Alexandre prosseguiu em sua perseguição, e, em julho de 330 A.C., alcançou Dario. Durante a fuga, os companheiros de Dario resolveram sacrificá-lo. Por isso, mataram-no e deixaram seu cadáver em lugar fácil de ser achado por

Alexandre. Isso pôs fim ao império persa.

A história tem julgado Dario III como um poltrão e incompetente. E alguns estudiosos supõem que se outro homem estivesse ocupando o trono persa, as coisas poderiam ter sido diferentes do que foram. Porém, quem poderia ter feito parar Alexandre, o Grande, no auge de seu poder? Alexandre casou-se com uma filha de Dario, de acordo com sua política de universalização, e, provavelmente, com a esperança de induzir os seus súditos iranianos à lealdade ao seu governo.

**4. Dario, o Medo.** Esse homem nasceu em cerca de 600 A.C., porquanto, por ocasião da queda da cidade da Babilônia, em 539, ele tinha sessenta e dois anos de idade (Dan. 5:31). Tem havido muito debate sobre a identidade desse homem, porque não há menção clara sobre ele, fora do livro de Daniel. A alta crítica supõe que o autor do livro estava mal informado, e que teria inventado vários incidentes históricos. As inscrições cuneiformes contemporâneas não alistem um rei da Babilônia entre Nabonidos (e Belsazar) e a ascensão de Ciro ao trono. Esse fato tem produzido muitas tentativas, por parte dos eruditos bíblicos, para identificar *Dario, o Medo*, com indivíduos mencionados nos textos babilônicos, tornando-o vice-governante de alguma sorte. Uma das tentativas favoritas consiste em identificá-lo com Gubaru, o vice-governador da Babilônia e da região além do rio Eufrates. Não há qualquer prova definida, porém, de que esse Gubaru tenha sido um medo, ou que tenha sido intitulado rei, com o nome de Dario, e sendo um dos filhos de Assuero. Dario, o Medo, também tem sido identificado com Ciro. Isso requer que se altere a tradução de Daniel 6:28 de modo a dizer: «...no reinado de Dario, a saber, de Ciro, o persa». Essa alteração identificaria os dois homens, mas é uma modificação extremamente duvidosa. Porquanto em parte alguma é dito que Ciro era filho de Assuero, e nem é ele identificado como um medo, e sim, como um persa. As objeções a essa crítica também podem ser respondidas pela observação de que Dario, o Medo, não é retratado em Daniel como um monarca universal, mas apenas como um rei vassalo. Sua posição de subordinação a Ciro é subentendida pela declaração de Daniel 9:1: «No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus». O reino de Belsazar foi dado aos *medos* e aos *persas* (Dan. 6:15), e ele era incapaz de alterar a lei dos medos e dos persas.

Lemos em Daniel 5:31 que Dario, o Medo, recebeu o reino, o que pode ser interpretado como informação que diz que ele foi nomeado como uma espécie de vice-governador, nunca tendo sido o imperador. Ele é melhor lembrado, pelos leitores da Bíblia, pelo fato de que se viu diante do dilema de não poder alterar o decreto que ordenava o fim de Daniel, na cova dos leões. O livro de Daniel fornece-nos maiores informações sobre esse homem do que sobre Belsazar ou Nabucodonosor. A sua parentela e nacionalidade são mencionadas, e, embora fosse apenas um vice-governador, tal como Belsazar, ele governou com maior zelo e eficiência do que o seu perulário antecessor. Chegou mesmo a reconhecer e honrar o Deus de Daniel (Dan. 7:25-27). A detalhada descrição oferecida na Bíblia parece confirmar o ponto de vista conservador que o reputa uma autêntica personagem histórica, apesar do fato de que não há menção satisfatória ou absolutamente convincente a seu respeito, fora do livro de Daniel. (AM ND UN WHIT Z)

**DARIO, O MEDO**

Ver sobre **Dario**, quarto ponto.

**DARIO, O PERSA**

Ver sobre **Dario**, terceiro ponto.

**DARSHANA**

Palavra sânscrita que quer dizer *conhecimento, visão* ou o *instrumento* da visão. A visão intuitiva da realidade é o alvo de todo sistema. A prática filosófica e a prática religiosa tornam-se, assim, uma unidade. O termo também é empregado para aludir a cada um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia, que são interpretações das escrituras védicas, que pretendem dar-nos uma visão da realidade.

**DARWIN, DARWINISMO**

**Charles Darwin**, nascido em 1809 e falecido em 1882, era natural de Shrewsbury, na Inglaterra. Foi educado em Cambridge e trabalhou como naturalista. Fez uma viagem de pesquisas, em 1831, nas ilhas dos oceanos Atlântico e Pacífico. A sua teoria da evolução resultou dos informes colhidos durante essa viagem. No entanto, inspirou-se também no livro de Malthus, *Essay on Population*, que leu em 1838. E, em 1858, recebeu de Wallace um ensaio que correspondia, em muitos particulares, à sua própria teoria. Portanto, com base em suas próprias pesquisas e em idéias alheias, ele produziu sua grande obra sobre a origem das espécies, que apareceu pela primeira vez a 24 de novembro de 1859. Conforme alguns têm dito, esse livro «sacudiu o mundo». Na verdade, embora muitas de suas idéias já estejam ultrapassadas, elas ainda estão abalando o mundo. Naturalmente, entre os filósofos pré-socráticos já se falava em uma teoria evolutiva. Podemos retroceder ainda mais, chegando à filosofia religiosa da Índia. Portanto, o conceito é tão antigo quanto a civilização. No entanto, foi Darwin quem desenvolveu essa noção, conferindo-lhe um aspecto de teoria científica, com grandes implicações filosóficas e religiosas. Ver o artigo separado sobre a *Evolução*, quanto a uma completa discussão.

**Idéias:**

1. As espécies das coisas vivas são mutáveis e intercambiáveis. Elas vêm à existência, modificam-se e perecem.

2. A maioria das espécies (incluindo o homem) é capaz de uma multiplicação tal que, se não for impedida, em breve tornará a terra um lugar impossível de ser habitado.

3. A multiplicação é impedida mediante a competição entre as espécies e no seio de cada espécie. A luta pela sobrevivência obtém a redução numérica necessária.

4. As variações inerentes e adquiridas pelas espécies são transmitidas para os membros seguintes, por meio da herança genética.

5. As condições descritas nos pontos anteriores provêm uma *seleção natural* geral, de tal modo que as variações favoráveis sobrevivem, e as desfavoráveis perecem. Esse fator também traz à existência novas espécies, de tal modo que ocorre a sobrevivência das espécies mais aptas.

6. Darwin acreditava que a origem e a história do homem, que seria apenas uma espécie animal entre outras, podem ser explicadas por meio dessa hipótese. Por detrás da mesma, naturalmente, temos de pensar na suposição de que a matéria inanimada foi a fonte

da primeira célula viva, produzida por processos químicos. Que isso pode suceder tem sido demonstrado em muitos laboratórios ao redor do mundo. Mediante reações químicas, o homem tem sido capaz de produzir mui primitivas formas de vida, capazes de reproduzir-se. Não há como prever onde isso pode levar, e nem o grau de sofisticação que isso pode atingir.

**Darwin e os Problemas em sua Teoria:**

Os estudos e a teoria de Darwin levantam diversos problemas, que são mais amplamente discutidos no artigo sobre a *Evolução*, pelo que aqui damos apenas um breve sumário dos mesmos:

1. *O Darwinismo e a Ética*. Os juízos morais do homem são produtos do mesmo processo que produziu o corpo humano, pelo que não seriam diretrizes divinas envolvidas em verdade e poder absolutos. A ética humana, portanto, também seria um produto da evolução. Os teólogos teístas podem argumentar que isso é verdade, embora o poder divino esteja por detrás dessa evolução ética. Mas não era isso que Darwin queria dizer. Na opinião dele, terminamos em uma ética relativa, segundo a qual os padrões se alteram à medida que se altera a biologia do ser humano. Isso retira a dimensão teísta da ética, o que representa uma posição diametralmente oposta à teologia bíblica. Devemos admitir que há alguns princípios éticos que se desenvolveram mediante um processo evolutivo; porém, é um erro reduzir o homem a meros processos terrenos. Ele tem uma dimensão superior a qualquer processo evolutivo terreno.

Outros supõem que a evolução é verdadeira, embora seja um meio divinamente determinado para a humanidade poder *atingir* sua ética apropriada, e não para o desenvolvimento da mesma. Em outras palavras, o homem está crescendo e continuará a crescer na compreensão apropriada dos princípios éticos, através de seu processo de evolução.

2. *Definição do Real*. O que é real? A resposta de Darwin era: aquilo que é físico e está em processo de evolução. Porém, essa é uma definição por demais limitada para poder satisfazer a teologia. Ademais, há boas evidências em prol de realidades não-materiais. Precisamos levar em conta a dimensão espiritual, quando falamos qualquer coisa acerca do homem, porquanto, essencialmente, ele é um ser não-material que, por algum tempo, utiliza-se de um corpo material, como seu veículo de expressão. Isso não significa que o que o homem faz com esse corpo físico, ou o ambiente no qual ele vive (este mundo físico) não sejam importantes. O homem tem uma tarefa a cumprir nesta vida terrena, bem como um destino a alcançar neste mundo físico. Mas é errado vê-lo somente por esse prisma.

3. *O Problema dos Começos*. Como cientista, Darwin não tentou explicar as origens. De fato, a ciência moderna desistiu da tentativa, devido à impossibilidade de fazer as coisas voltarem àquele estágio inicial, para serem examinadas. Darwin, pois, começou com o mundo físico já existente, e o homem como um derivado desse mundo físico. A ciência nem ao menos tenta pronunciar-se sobre como a matéria começou. Se o fizer, já terá penetrado no terreno da filosofia e da teologia. Qualquer sistema de conhecimento que apanhe o fio da meada pela metade, não tentando explicar nem o começo e nem o fim, é um sistema deficiente; e o coração humano jamais se satisfará com isso. Se quisermos explicar a origem e o destino das coisas, teremos de apelar para a filosofia e para a fé religiosa. E a alma humana precisa

## DARWIN — DARWINISMO SOCIAL

depende disso. É errado os evolucionistas e os cientistas em geral tentarem reduzir a vida apenas ao que é físico e às suas potencialidades. Quando assim fazem, estão aplicando erroneamente o conhecimento que adquiriram, *limitando* o próprio conhecimento.

4. *O Verdadeiro Homem.* Darwin nunca pretendeu falar sobre a alma. Podemos presumir que ele nem acreditava na existência da alma. Isso, por sua vez, significa que ele não acreditava no *homem propriamente dito*, mas somente em seu corpo físico. Há muitas evidências sobre a existência da *alma* (ver o artigo a respeito). Há provas científicas de sua existência e sobrevivência diante da morte física. Apresentamos algumas noções sobre isso no artigo *Abordagem Científica à Crença na Alma e na sua Sobrevivência Ante a Morte Física*, que aparece sob o título a *Imortalidade da Alma*. Assim, se Darwin procurava explicar como o corpo humano veio à existência, não conseguiu perceber que nem ao menos estava falando sobre o *homem*, mas apenas sobre um de seus modos de expressão.

5. *A Teoria da Evolução Corresponde à Verdade dos Fatos?* A teologia de vários grupos cristãos tem abraçado o conceito de uma evolução divinamente orientada como o *modus operandi* do desenvolvimento do corpo humano, que se tornou um apto veículo para a manifestação do espírito humano neste mundo físico. Alguns teólogos chegam mesmo a supor que o homem *começou*, realmente, dessa maneira, porquanto, através do *traducianismo* (que vide), ou de algum ato especial criador (ver sobre *criacionismo*), o corpo humano, formado mediante evolução, veio a unir-se à alma imaterial. Outros defendem a preexistência (que vide) da alma, supondo que uma vez que o veículo físico apropriado foi formado, por meio da evolução, então Deus enviou uma alma para habitar nesse corpo. O próprio Darwin, necessário é observar, rejeitava qualquer adaptação telista de sua teoria. Ainda outros estudiosos insistem sobre uma criação especial do corpo humano, conforme se vê no relato de Gênesis. Aqueles que conhecem a teologia dos hebreus informam-nos que a narrativa de Gênesis não é uma tentativa para informar-nos como a porção imaterial do homem veio à existência. Antes, segundo esse raciocínio, quando o homem tornou-se uma *alma viva*, isso apenas significou que o barro foi animado de tal modo que se tornou um ser vivo, e não que, *dentro* do corpo, havia uma porção imaterial residente.

De acordo com a interpretação cristã bíblica, a narrativa de Gênesis dá a entender que o homem é o imaterial dentro do material. «Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente» (Gên. 2:7). Todavia, o conceito da dimensão imaterial do homem não entrou francamente na teologia dos hebreus senão já no período dos salmos e dos profetas. Sendo esse o caso, encontramos o significativo fato de que o livro de Gênesis também não se pronuncia sobre a origem da alma (embora se refira a ela), a parte imaterial do homem. Por conseguinte, nem Darwin e nem o livro de Gênesis se pronunciam sobre a origem da alma humana. Isso significa que precisamos olhar na outra direção, se quisermos descobrir a origem do homem real. Essas fontes informativas podem ser bíblicas ou extrabíblicas. As fontes bíblicas devem ser fora do livro de Gênesis. Mas, mesmo no resto da Bíblia, não obtemos informações sobre a *origem* da alma, mas apenas sobre o seu destino.

Tudo quanto foi dito até aqui permite-nos fazer a

seguinte declaração: não importa muito se a evolução é verdadeira ou é falsa, exceto do ponto de vista científico. Ela não se manifesta acerca do verdadeiro homem. É de importância apenas secundária tentar explicar como o homem adquiriu um veículo físico para ele poder manifestar-se neste mundo físico. Trata-se de um assunto interessante, mas não de primária importância. Na Igreja cristã, porém, o assunto tem recebido uma importância exagerada, por causa da interpretação cristã da narrativa de Gênesis, de acordo com tal interpretação, essa narrativa diz como o *homem* começou. A grande verdade, porém, é que não há informações bíblicas sobre a origem do homem, exceto o ensino geral de que Deus é a fonte originadora de todas as formas de vida.

Origens e os pais alexandrinos supunham que o verdadeiro começo do homem deve ser encontrado entre os seres angelicais, na eternidade passada. Assim, o relato do livro de Gênesis falaria sobre a descida do homem ao mundo físico, e não sobre a sua origem absoluta. Penso que é enveredando por idéias assim que chegaremos à verdade da questão, embora isso nos faça penetrar no terreno da teologia especulativa. Ver o artigo geral sobre a *Alma*. Isso posto, em minha opinião, apesar de reconhecer que a controvérsia sobre a evolução é interessante (e que a mesma ainda não foi devidamente solucionada), não é de importância primária para a teologia. Portanto, os grandes debates que a teoria da evolução tem suscitado na verdade são pseudodebates, porque, afinal de contas, não importa saber de que modo o corpo físico veio a tornar-se veículo da alma eterna. Essa alma, a estrela de minha vida, teve algures e sua origem, vem de longe, vem de Deus, que é meu verdadeiro lar. «...e o espírito volte a Deus, que o deu» (Ecl. 12:7). A associação da alma ao corpo físico, embora interessante, é somente uma partícula de sua história total. É insensatez declarar guerra em torno de como essa minúscula e tão pouco importante associação começou. Em outras palavras, deixemos de debater sobre o corpo físico, e comecemos a investigar sobre a alma imortal.

*Escritos de Darwin: The Origin of the Species; The Variation of Animals and Plants Under Domestication; The Descent of Man.*

### DARWINISMO

Em sentido mais restrito esse termo fala sobre as doutrinas ou teorias de Charles Darwin (que vide). Em um sentido mais lato, refere-se àquelas teorias que surgiram em resultado de sua influência, com adições, explicações e modificações. Os seguintes pensadores estiveram muito envolvidos nessa questão, e a leitura dos artigos desta enciclopédia sobre eles dará ao leitor outras informações úteis: A.R. Wallace, Chauncey Wright; Spencer; Stephen; T.H. Huxley; Haeckel; W.G. Sumner.

### DARWINISMO SOCIAL

Esse assunto tem muitas implicações éticas, o que explica sua inclusão nesta enciclopédia.

*Esboço:*

- I. Caracterização
- II. Lei Natural
- III. Hedonismo
- IV. Abusos Modificadores
- V. Definições Bíblicas

#### I. Caracterização

O *darwinismo social* é uma filosofia desenvolvida no século XIX. A principal doutrina da teoria da evolução, a *sobrevivência dos mais aptos*, tem sido tomada como a justificação das coisas *conforme elas existem*, como se aquilo que aconteceu fosse certo. A luta que leva à sobrevivência subsequente de alguns, bem como à eliminação de outros, é considerada como uma lei natural, dando a entender que o que tem sucedido está baseado na plena justiça. Supostamente, as instituições humanas surgem através do mesmo processo. Alguns expoitores dessa idéia em geral têm chegado a supor que existem algumas desigualdades naturais entre os homens, e que é eticamente correta a continuação dessas desigualdades.

## II. Lei Natural

Para muitos, esse conceito substitui a idéia da lei natural estabelecida pela inteligência divina, conforme afirma o segundo capítulo da epístola aos Romanos. Portanto, todos os direitos, liberdades e poderes sociais seriam produtos da história em seu desenvolvimento evolutivo, e não direitos dados por decreto divino. O individualismo econômico também aparece como um texto de prova dessa teoria.

## III. Hedonismo

Do que os homens gostam? Pelo que eles estão lutando? As respostas podem ser bastante simples: o homem gosta dos prazeres, e com um mínimo de sofrimento. Se isso exprime uma verdade, então bem podemos supor que a suposta evolução levou o homem a esses tipos de conclusões; e que, nesse caso, as suas idéias estão com a razão. Na atualidade, o maior princípio que dirige a conduta dos homens em geral é o princípio utilitarista do auto-interesse, ou do interesse do grupo, se é que esse interesse coletivo não contradiz por demais violentamente o meu próprio interesse.

## IV. Abusos Modificadores

O capitalismo, juntamente com os seus abusos, baseado nesse conceito, provocou uma reação, levando os homens a buscarem conceitos mais idealistas. Dessa maneira vieram para o primeiro plano as idéias de *interesse público*, como um ideal maior do que as idéias egoístas, de auto-interesse.

## V. Definições Bíblicas

Ninguém pode negar que há uma certa verdade na doutrina do darwinismo social. Porém, o que podemos e devemos negar é que seja eticamente correto que alguma coisa veio a ser corrente somente por ter sido sujeita a uma evolução histórica, mediante a sobrevivência dos mais aptos. Pois, de acordo com esse conceito, quem triunfa não é Deus. A idéia de lei natural é uma idéia verdadeira, mas isso somente porque, por detrás dela há a mente e a providência divinas, que têm levado os homens, gradualmente, a certo tipo de crença e de conduta. Acima da lei natural há a vontade revelada de Deus, que nos é conferida através das experiências místicas, sobretudo aquelas constantes na Bíblia Sagrada.

## DASEIN

M. Heidegger (que vide) usava essa palavra para referir-se à existência *humana*, conferindo a isso a noção especial de que o homem se acha neste mundo como se tivesse sido abandonado à morte, como é ensinado nas idéias existenciais básicas. Ver sobre o *Existencialismo*. A palavra é formada de dois termos alemães, *da* e *sein*, que significam «estar ali». É vocábulo contrastado com *Vorhandenheit*, que descreve as coisas *presentes e à mão*, acerca das quais

não temos consciência íntima ou pessoal, e com as quais nos relacionamos apenas externamente. O que o homem conhece é a sua *presença* no mundo, e também que, algum dia, ele não mais estará *aqui*. O homem, pois, está na obrigação de tomar consciência desse tipo de existência, entrando em bons termos com ela.

## DASIUS

Esse foi o nome aplicado pelos invasores arianos aos habitantes aborígenes do Punjab, na atual Índia, — que tinham tez escura. Essa palavra veio a indicar qualquer *inimigo*, e, posteriormente, os inimigos sobrenaturais, como os demônios, etc.

## DATĀ

No hebraico, «fonte», «manancial». Foi o nome de um chefe rubenita, filho de Eliabe. Ele fez parte do grupo que conspirou lado a lado com Coré, um levita, em sua revolta contra Moisés, e que foi engolido por um terremoto. Viveu em torno de 1470 A.C. Seu nome é mencionado por várias vezes em Números 16, e também em Núm. 26:9; Deu. 11:6 e Sal. 106:17. Quanto a maiores detalhes sobre esse conluio contra Moisés, ver sobre *Coré*.

## DATAS

Acerca de como são determinadas as datas a respeito de assuntos de interesse para o estudioso da Bíblia, ver o artigo sobre a *Cronologia*, segundo ponto. Esse artigo também procura arquitetar uma cronologia da Bíblia, envolvendo o Antigo e o Novo Testamentos.

## DATEMA

Uma fortaleza mencionada no livro apócrifo de I Macabeu (5:29). Ficava localizada em Gileade, sendo lugar onde os judeus acharam refúgio das pressões sírias, até que Judas Macabeu e seu irmão, Jônatas, foram capazes de livrá-los. Não se sabe onde essa fortaleza ficava. Algumas opiniões modernas falam em Remtheh. O texto sírio de I Macabeus diz Rametha. Outros pensam em Dameh ou Athaman, a leste de el-Muzerib.

## DAVI

No hebraico, «amado». Provavelmente o maior rei de Israel e Judá. Viveu em cerca de 1016 a 976 A.C. Sua época é descrita nos livros de Samuel e de I Reis. Foi homem de variegadas habilidades, tendo sido guerreiro, político, poeta e profeta. Conseguiu reunir todas as tribos de Israel em torno da nova capital, Jerusalém. Embora não tenha sido o primeiro rei de Israel, conferiu ao reino uma nova solidariedade e uma nova direção espiritual.

### Esboço:

- I. Relações Genealógicas. História Anterior
- II. A Morte de Saul
- III. O Reinado de Davi
- IV. Instituições e Obras
- V. Outros Eventos Notáveis
- VI. Davi e a Bíblia
- VII. Caráter Espiritual de Davi

### I. Relações Genealógicas; História Anterior

A importância de Davi pode ser vista de pronto na posição que ele e sua família ocuparam na história de



**Davi esvazia, como oferta, a água preciosa  
de Belém (II Sam. 23:15)**





Hardy

**Jônatas avisando Davi do perigo**  
(I Sam. 20:35)

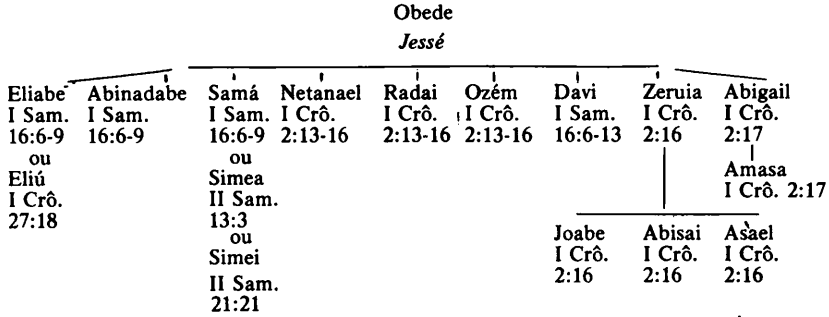
## DAVI

Israel. Em um dos extremos ele tinha Boaz e Rute como antepassados (Rute 4:18-22), e, no outro extremo, Jesus Cristo foi seu descendente (Mat. 1:6; Luc. 3:31).

a. Em relação a seus antepassados, seu pai Jessé, e seus irmãos, encontramos a seguinte situação:

### TABELA GENEALÓGICA DA FAMÍLIA DE DAVI

*Boaz e Rute (Rute 4:18-22)*



b. Em relação às muitas esposas e descendentes de Davi, temos de acompanhar sua árvore genealógica através de suas várias mulheres, que ele teve em

diferentes períodos de sua vida. Isso pode ser demonstrado através do gráfico abaixo.

### ESPOSAS DE DAVI

I. *Esposas das Vagueações* (I Sam. 27:3; I Crôn. 3:1)

Abinoã de Jezreel	Abigail do Carmelo
Amom	Quileabe ou Daniel
II Sam. 3:2	II Sam. 3:3

II. *Esposas em Hebrom* (II Sam. 3:2-5; I Crô. 3:1-4)

Maaca de Gêsur	Agite	Abiã	Eglá	Mical
Absã	Tamar	Adonias	Sefatias	Itrêã
3 filhos falecidos		Tamar (ou Maaca) a Reoboão		II Crô. 11:20
II Sam. 14:27; 18:18	Josefo, <i>Anti.</i> 7.8,5		Abias	

*N.B.* Houve também, neste período, 10 concubinas (II Sam. 5:13; 15:16) cujos filhos (I Crô. 3:9) não são chamados por nome.

III. *Esposas em Jerusalém* (Nomes não são dados) (II Sam. 5:13-16; I Crô. 3:5-8; 14:4-7)

Ibar	Elisama	Elifelete	Nogá	Nefegue
II Crô. 3:6		I Crô. 3:7		
Jafia	Elisama	Eliada	Elifelete	Jerimote
		beliada	II Crô. 11:18	
		I Crô. 14:7	Maalate a Reoboão	

*Bate-Seba* (I Crô. 3:5)

Um morreu infante	Samua	Sobabe	Natã
II Sam. 12:15	I Crô. 3:5		
Jedídia ou Salomão			
Maalate a Reoboão a Tamar ou Maaca			
(I Reis 15:2)			
Abias			

c. Mat. 1:6 mostra que foi justamente através da linha de *Bate-Seba* que o *Messias* nasceu. A graça de Deus venceu a situação errônea e produziu o maior dos bens.

1. *História Primitiva.* Davi era bisneto de Rute e Boaz, e o mais jovem dentre oito irmãos (I Sam. 17:12 ss). Sua responsabilidade, dentro da economia da família, era a de um pastor, ocupação essa que lhe deu chance de aprender a coragem que ele veio a usar em seus anos como guerreiro, os quais consolidaram o seu reinado (I Sam. 17:34,35). É possível que ao cuidar dos rebanhos ele tenha desenvolvido suas habilidades poéticas; e a vida nos campos também lhe deu muitas metáforas, que ele incluiu em seus salmos, principalmente no imortal Salmo 23. Davi, tal como José, muito antes dele, sofreu por causa da má vontade de seus irmãos (I Sam. 17:28). Saul tinha-se tornado rei de Israel; mas havia fatais falhas de caráter nele. O profeta Samuel começou a buscar um homem melhor, dotado de alguma espiritualidade.

2. *Relações Tempestuosas com Saul.* Saul caiu em muitos erros e a situação chegou a um ponto sem

retorno. O Espírito de Deus afastou-se dele, e um espírito maligno foi mandado para perturbá-lo. Seus assessores pensavam que a música lhe faria bem em períodos de melancolia, ou quando o espírito maligno viesse atacá-lo. Davi tornara-se um excelente harpista. Foi escolhido para a tarefa de consolar a Saul, em seus maus momentos. Saul gostou imediatamente de Davi, e o nomeou seu armeiro. Davi cumpria sua tarefa de acalmador de Saul. Ver I Sam. 16:14-23.

3. *Golias.* Davi era mais do que apenas bom, era ótimo. Quando os filisteus e seu gigante, Golias, ameaçavam Israel, foi o jovem pastor, com a sua funda, quem obteve a vitória. Saul permitiu alegremente que Davi arriscasse a vida nesse episódio. Davi sabia que uma pedra lançada por meio de sua funda podia matar um animal. Por que não um homem? Em seus dias como pastor, Davi tornara-se muito hábil no uso da funda. Sua habilidade foi-lhe muito útil. Esse relato tem-se tornado uma metáfora sobre como um homem pode vencer grandes obstáculos, algumas vezes de maneiras inesperadas. Davi, pois, correu ao encontro de Golias, e o matou



logo com a primeira pedrada. Então decepou a cabeça do gigante com a espada deste. Ver I Sam. 17:1-51. Era apenas natural que a reputação de Davi crescesse, e que a de Saul diminuísse. Pois não foi o jovem Davi quem arriscou a vida no encontro com Golias, enquanto Saul olhava? A simpatia transmutou-se em ódio; e o ódio inspirou a tentativa de assassinar. E, finalmente, Davi foi obrigado a fugir. Nem mesmo sua grande amizade com Jônatas, filho de Saul, foi capaz de amenizar o ódio de Saul contra ele, e a fuga tornou-se a única solução. Entremetidos, Saul ia-se desintegrando moralmente cada vez mais. I Samuel 18:5-16. Saul empregou vários truques para trazer Davi de volta à corte. Mical, uma sua filha, foi oferecida como esposa a Davi, tanto que este trouxesse cem prepúcios de filisteus, como uma espécie de dote de casamento. Saul esperava que Davi fosse morto nessa tentativa, mas Davi conseguiu duzentos prepúcios. Naturalmente, Davi e seus homens tiveram de matar duzentos filisteus. Mas isso foi apenas um reflexo da selvageria da época. Admiram-nos como qualquer pessoa, em meio a tanta matança podia desenvolver alguma espiritualidade. Ver I Sam. 18:17-30.

4. *A Fuga.* A popularidade de Davi crescia a proporção que o ódio de Saul aumentava. Saul tentou fazer Jônatas voltar-se contra Davi, mas o plano não funcionou. Saul tentou mesmo matar Davi, enquanto este dormia; mas Mical o livrou, ajudando-o a escapar (I Sam. 19:1-17). Davi fugiu para a companhia de Samuel, em Ramá; e juntos, foram para Naiote. Saul enviou homens para prenderem Davi, mas uma estranha força espiritual os restringiu. Saul foi pessoalmente, e caiu sob o mesmo estranho poder (I Sam. 11:18-23). Isso posto, uma vez mais vemos a providência divina operando na vida de alguém que tenha uma missão a cumprir. E muito precisamos das atuações da providencial!

5. *Vida de Fugitivo.* Esse período da vida de Davi trouxe-lhe muitos reveses, perigos e consternações. Saul continuou a perseguir-lo; Mical, sua esposa, foi dada a outro homem. Davi fugia de lugar para lugar. Teve de enfrentar a possibilidade de ser morto pelas mãos de outros homens, e não só de Saul (I Sam. 21:10-15). Na região selvagem e montanhosa da caverna de Adulão, Davi foi caçado como se fosse um animal selvagem (I Sam. 22:1,2). Por mais de uma vez, Davi poderia ter morto Saul, mas sempre lhe poupou a vida. As coisas melhoraram um pouco para ele quando Aquis, rei de Gate, deu a Davi e aos seus homens a cidade de Ziclague, na fronteira com o território dos filisteus, para usarem como residência temporária (I Sam. 27:3,4,6). Mas, até mesmo ali Davi teve que enfrentar dificuldades.

Estando afastado da cidade, os amalequitas aproveitaram-se da situação e incendiaram Ziclague e levaram todas as mulheres. — Davi perseguiu-os, e alcançando-os, tomou de volta o quanto pôde.

## II. A Morte de Saul

Saul sentia-se muito frustrado ante suas tentativas baldadas de matar Davi, além do que tinha de enfrentar outras dificuldades. Cada vez mais temia aos filisteus. Saul não mais contava com Samuel, para aconselhá-lo, visto que o profeta havia falecido e sido sepultado em Ramá. Por isso, Saul resolveu consultar uma feitiçeira, em En-Dor. Ela fingiu que estava chamando Samuel, e foi quem mais se assustou, quando o profeta, realmente, apareceu. Na verdade, os espíritos dos mortos podem aparecer aos homens, e o fazem vez por outra. Se Deus lhes dá essa permissão, e lhes confere uma tarefa a cumprir, então

isso é o que eles fazem. Além disso, o destino eterno dos homens ainda não foi determinado, e os espíritos que estão no mundo intermediário, ou hades, com seus muitos níveis de existência, acerca dos quais os nossos dogmas não nos fornecem qualquer informação, podem entrar em contacto com os homens, sob permissão do Senhor. Fazia parte da doutrina judaica comum que isso poderia acontecer. E também que os demônios são espíritos humanos negativos, destituídos de corpos, os quais obviamente podem entrar em contacto com os homens. Contudo, não devemos fazer do contacto com os espíritos uma religião, e o Antigo Testamento proíbe claramente essa prática. Nossa busca espiritual deveria elevar-se muito acima dos «espíritos do outro lado da existência». Samuel havia predito a morte de Saul (I Sam. 28:3-25), sendo precisamente aquilo que as pessoas não querem ouvir, quando vão consultar médiuns espíritas!

No dia seguinte, em batalha contra os filisteus, Saul e seu filho, Jônatas, foram mortos. Foi mais uma daquelas matanças selvagens. Israel fugiu, deixando no campo os cadáveres de Saul e seus filhos. Os filisteus, em zombaria, penduraram seus corpos em uma muralha. Mas o povo de Jabes-Gileade, respeitosamente, arriou os corpos deles e lhes deram um sepultamento condigno. Posteriormente, Davi mostrou sua apreciação por esse ato de decência. As notícias foram enviadas a Davi, em Ziclague. O mensageiro que trouxe a notícia pensou que seria recebido como um herói, e chegou a vangloriar-se de ter tirado a vida de Saul, ao qual teria encontrado nos estertores da morte. Davi sentiu-se consternado diante do relato, e mandou executar o mensageiro. O mensageiro era um amalequita, o que em nada o ajudou a escapar! Davi compôs uma bela lamentação pela morte de Saul e seus filhos, que se lê em II Samuel 1:1-27.

## III. O Reinado de Davi

1. *Primeiros Anos.* A morte de Saul e a derrota de Israel ante os filisteus deixou o povo de Israel em um estado de caos, e logo seguiu-se um período de guerra civil. Davi estabeleceu seu quartel-general em Hebrom, na região montanhosa de Judá, cerca de trinta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Ali ele foi ungido rei, tendo reinado por sete anos e meio sobre a tribo de Judá (II Sam. 2:1-11). O conflito entre a casa de Saul e a casa de Davi perdurou até o extermínio da casa de Saul; e foi somente então que Davi se tornou rei de toda a nação de Israel (II Sam. 2:8—5:5). Davi capturou a cidade jebusita de Jerusalém que se tornou capital do reino inteiro. Ela havia sido uma fortaleza que requereu considerável esforço para ser dominada. Desde então os homens têm lutado por Jerusalém. A cidade estava localizada em uma espécie de defesa natural, na fronteira futura entre Judá e Israel. E talvez isso tenha ajudado a produzir unidade entre as porções norte e sul do reino. Além disso, visto que a cidade não estava mais sob o controle dos cananeus, o comércio e a intercomunicação foi facilitada entre as duas áreas da nação.

2. *Conquista dos Estados Circunvizinhos.* Agora Israel estava bem mais forte do que antes, tendo uma nova unidade e um novo e forte homem como rei. Davi derrotou de modo decisivo os filisteus (II Sam. 5:17-25; 21:15-22; I Crô. 18:1). — Além disso, os amonitas, os idumeus, os moabitas, os arameus e os amalequitas foram subjugados (II Sam. 8:10; 12:26-31), e um império substancial foi estabelecido sob as ordens de Davi. Estendia-se desde Ezion-Geber, no extremo sul, no golfo de Aqabah, até a

região de Hums, perto da cidade-estado de Hamate, no extremo norte. Trechos bíblicos, como I Crônicas 22:17 até o fim, comentam sobre as habilidades diplomáticas e militares de Davi, e, ocasionalmente, há vislumbres sobre a sua espiritualidade. A arqueologia tem demonstrado que Davi empregou idéias estrangeiras em sua organização governamental, especialmente modelos egípcios e fenícios. Assim, encontramos o *mazkir* (cronista) e o *saphar* (escriva) que tinham funções importantes (II Sam. 8:16). Davi também reorganizou o exército, com uma guarda pessoal e mercenários, talvez selecionados dentre os filisteus, chamados queretitas e peletitas (II Sam. 8:18; em nossa versão portuguesa, «guarda real»). Ver sobre *Queretitas e Peletitas*.

#### IV. Instituições e Obras

a. Davi estabeleceu as cidades dos levitas, incluindo as cidades de refúgio (Núm. 35), confirmando a legislação anterior e garantindo as funções dos levitas, em lugares como Gezer, Ibleã, Taanaque, Reobe, Joneã e Naolal. Ver Josué 21. Esses lugares só vieram a ficar sob o controle dos israelitas nos dias de Saul e Davi. As amplas conquistas militares de Davi produziram muitas das coisas que somente haviam sido planejadas na época da conquista da Terra Prometida, nos dias de Josué.

b. As seis cidades de refúgio (que vide) tornaram-se uma instituição funcional, devido aos esforços de Davi. Havia quarenta e oito cidades levíticas, dotadas de significativa função. Isso quer dizer que Davi foi capaz de abafar as disputas tribais e entre famílias, produzindo um grande laço de união entre o povo como um todo.

c. *Jerusalém* (que vide) tornou-se o centro religioso da nação. A arca da aliança, que estivera fora do lugar próprio, foi trazida de Quiriate-Jearim (que vide). O relato aparece em II Samuel 6:11-15 (a primeira tentativa para trazer de volta a arca, falhou) e em I Crônicas 4:5,15,19. Esse evento foi muito significativo, por haver conferido a Jerusalém a autoridade de centro da fé religiosa de Israel.

d. *Estabelecimento da Música Sacra*. Davi era um musicista consumado (I Sam. 16:14-23), e anelava por melhorar o aspecto musical do culto divino. Davi veio a ser uma espécie de patrono da hinologia judaica. Os arqueólogos têm descoberto monumentos e documentos que confirmam a importância da música em Israel e nos países em redor. Há monumentos mesopotâmicos do século XIX A.C. que provam isso. Os artesãos semitas levaram instrumentos musicais com eles, quando entraram no Egito, segundo se vê nos relevos de Beni-Hasã. Esses ficam cerca de duzentos e setenta quilômetros do Cairo. A literatura religiosa épica, encontrada em Ras Shamra, fala sobre os *sharim*, «cantores», informando-nos de que eles formavam uma classe, em Ugarite, desde 1400 A.C. Portanto, nada há de anacrônico acerca da ênfase de Davi sobre a música. Os próprios salmos confirmam o ponto, pois muitos deles eram musicados e de fato, compostos como peças musicais.

e. *O Intuito de Edificar o Templo*. As qualidades religiosas de Davi transpareciam em tudo. Um de seus grandes desejos era o de construir um templo que melhor servisse de centro ao culto divino. Porém, Deus não permitiu que Davi edificasse o templo, por ser homem de guerra e ter criado muita confusão e derramado muito sangue. Na verdade, isso não recomenda um homem como construtor de templos, embora muitos grandes líderes religiosos também tenham matado muita gente. As pessoas pensam que Deus as inspira a fazer isso, sendo essa uma das várias

ilusões em que as pessoas caem. Contudo, Davi foi encorajado a fazer os preparativos para a construção, que um de seus filhos haveria de realizar (II Sam. 7; I Crô. 17). Ele reuniu material e traçou planos para a construção, mas foi Salomão, seu filho, quem erigiu o templo de Jerusalém.

#### V. Outros Eventos Notáveis

1. *Um Ato de Misericórdia*. — Depois que Davi estabelecera Jerusalém como a capital de seu reino, indagou se havia sobreviventes da família de Saul. Então descobriu que Mefibosete, filho de Jônatas, estava vivo. Davi devolveu a Mefibosete a herança da família de Saul, dando-lhe lugar na mesa do rei. Seus motivos foram a misericórdia e a simpatia. II Samuel 9:13.

2. *Os Grandes Pecados de Davi*. Nos países do Oriente, parte da glória de um monarca consistia no seu harém, recheado de mulheres de prestígio. O gráfico nº 1, sob o primeiro ponto, acima, ilustra o fato de que Davi praticava uma forma de franca poligamia. É difícil o homem moderno adaptar-se a certas práticas dos costumes antigos. Podemos estar certos de que Davi era admirado, em seus dias, por sua situação polígama. Seja como for, esse tipo de liberalidade sexual masculina não impedia ultrajantes casos de adultério. Assim, em momento de lazer, Davi observou Bate-Seba enquanto ela se banhava, e ele viu quão bonita ela era. Acabou sentindo que deveria tê-la como mulher. E mesmo quando, sob investigação soube que ela era casada com Urias, um militar hitita de seu exército, Davi deu prosseguimento ao seu plano. Mandou chamá-la imediatamente. Tolamente, alguns intérpretes observam que ela não resistiu aos avanços dele, fazendo-a culpada também. Mas isso ignora dois importantes fatores: em primeiro lugar, quando um rei chamava, a pessoa atendia. Um monarca antigo era uma autoridade absoluta, e Davi era homem violento. Em segundo lugar, as mulheres não tinham direitos, e mesmo quando as leis as protegiam, essas leis geralmente eram ignoradas.

A fim de tentar ocultar o seu pecado, Davi resolveu livrar-se de Urias, e arranjou as coisas de modo que ele fosse morto em batalha, mediante o recuo das tropas israelitas, deixando-o em uma posição indefensível. Que Davi tenha conseguido isso, comprova o que acabo de dizer sobre o poder absoluto e a brutalidade dos reis da antiguidade. Esses eram pecados que não podiam ser remidos, quanto à lei da colheita segundo a sementeira. Portanto, a partir daquele instante, a vida de Davi começou a desintegrar-se. Ele havia mandado matar um homem inocente, a fim de tentar ocultar um grave pecado. Por essa razão, nunca mais a espada afastou-se de sua família (II Sam. 12:10). Também houve o caso do estupro de sua filha, Tamar, por seu irmão mais velho, Amom. Tempos depois, Amom foi executado pelos servos de Absalão, um outro filho de Davi (II Sam. 11:13-29). Dois outros filhos rebelaram-se contra Davi, procurando arrancar dele a coroa, a saber, Absalão e Adonias.

3. *A Revolta de Absalão*. Por causa de sua irmã, Tamar, Absalão mandou executar Amom, o esturador. Absalão, após isso, teve de fugir. Abrigou-se com Talmai, filho de Amiúde, rei de Gesur, com quem ficou três anos. Então Absalão apelou para Joabe, pedindo sua mediação diante de Davi (II Sam. 14). Conciliado com Davi, Absalão começou a aspirar ao trono. Partiu para Hebron, a fim de tentar executar o seu propósito. Naquela cidade, Absalão cresceu em autoridade, ao ponto de Davi ser obrigado a fugir de Jerusalém (II Sam. 15:13). Davi estabeleceu

temporariamente em Maanaim a sede de seu governo, onde também estivera, quando ainda fugia de Saul (II Sam. 17:24). Mas Davi contou com a fidelidade de muitos de seus soldados, comandados pelo poderoso Joabe, um general virtualmente invencível. Na batalha final contra Joabe, Absalão feriu-se na floresta de Efraim. Enquanto fugia, os seus cabelos ficaram presos em galhos baixos de uma árvore. Joabe alcançou-o e matou-o, estando ele pendurado no ar (II Sam. 18:1-33). Davi recuperou o seu posto, e Joabe cuidou para que os pontos rebelados restantes fossem devidamente anulados, mediante a violência e a matança.

4. *O Recenseamento.* O orgulho levou Davi a fazer o recenseamento, a fim de averiguar o crescimento de sua nação. Isso foi julgado por três dias de pestilência. Muita gente morreu (II Sam. 24:1-9), um total de setenta mil pessoas, desde Dã até Berseba, ou seja desde o extremo norte até o extremo sul do país.

5. *A Eira de Araúna.* Davi adquiriu a dinheiro esse lugar, a fim de estabelecer ali um altar em honra a Yahweh. Seu propósito era fazer cessar a praga que estava destruindo tantos, dentre o povo. Deus atendeu Davi. Esse local, posteriormente, foi o sítio onde foi erigido o templo de Jerusalém, como centro da adoração nacional. Ver II Samuel 24:18-25.

6. *A Rebelião de Adonias.* Esse homem, que era um dos filhos mais velhos de Davi, pensou que o reino deveria ficar com ele. Assim, declarou-se rei, antes que Bate-Seba pudesse promover Salomão, seu filho. Porém, o plano de Adonias não deu certo, e o conluio fracassou. Nessa oportunidade, a questão terminou com o arrependimento de Adonias. Porém, após a morte de seu pai, Adonias quis ficar com Abisague, a sunamita, a única virgem do harém de Davi. Porém, Salomão, a despeito da intervenção de sua mãe, Bate-Seba, em favor de Adonias, — tomou a idéia deste como uma tentativa renovada de obter o poder real. Além disso, não era direito que um filho ficasse com uma mulher que fizera parte do harém de seu próprio pai. Portanto, Salomão, o homem «pacífico», ordenou a execução de Adonias. Esse relato aparece em I Reis 1:5 ss e 2:13 ss.

7. *O Rei Salomão.* Quando Davi estava idoso e cada vez mais débil, deixou o governo ao encargo de seu filho, Salomão. Sob seus auspícios, Salomão foi coroado rei (I Reis 1:1-53). A avançada idade de Davi foi a causa de ter sido trazida a seu harém a bela virgem Abisague, para dormir com ele e mantê-lo aquecido. Nunca ocorreu a ninguém que uma esposa mais velha poderia ocupar-se da tarefa tão bem quanto Abisague. Depois do falecimento de Davi, seu filho, Adonias, resolveu que teria Abisague como sua esposa, o que é ventilado no sexto ponto, acima. Muitos comentadores têm feito observações sarcásticas sobre esse pequeno incidente, e com bastante razão. Parece que o idoso rei poderia ter terminado os seus dias sem ter de envolver-se em mais um caso tolo com uma mulher. No entanto, a grande verdade é que todos os livros do mundo não seriam suficientes para narrar todas as tolices que os homens têm feito por causa das mulheres, e Davi não se mostrou imune a esse drama.

8. *Morte de Davi.* A morte de um homem é um dos principais eventos de sua vida. É uma ocasião solene, quando a vida da pessoa passa em revista, quando se extrai o significado dos poucos anos da sua vida. As experiências perto da morte (que vide) informam-nos que o Ser Luminoso sujeita a pessoa a uma completa revista. Assim ela chega a entender todo o sentido de sua vida, o que não deveria ter feito, o que deixou de

fazer, o que fez de bom, enfim, a média do valor dessa vida. Dois grandes fatores na vida são o conhecimento e o cumprimento da lei do amor. Esses dois fatores são muito mais importantes que os feitos dos guerreiros ou que o bom governo de um rei. Davi faleceu com setenta anos (II Sam. 5:4) e foi sepultado em Jerusalém ou Sião, a cidade de Davi (I Reis 2:10,11). Aos turistas, hoje em dia, mostra-se o suposto túmulo de Davi, localizado na colina sul da moderna Jerusalém, comumente chamada monte Sião. Porém, o local não pode ser identificado com a localização real do túmulo de Davi, o qual, definitivamente, ficava dentro das muralhas da cidade. Essa falsa localização vem sendo promovida desde a época das cruzadas.

## VI. Davi e a Bíblia

Nenhuma pessoa é tão freqüentemente aludida na Bíblia, no tocante a fatos de sua vida, quanto Davi. Além das simples referências a ele, o seu nome veio a ser associado a várias localizações e expressões, a saber:

1. *A Casa de Davi.* Há dez referências no livro de Isaías, dando a entender o seu governo e a sua família real. Ver, como exemplos: Isa. 7:2,13,14 e 22:22 (onde são mencionadas as «chaves»). Essa expressão também figura em I Reis 12:19,20,26; 13:2; II Crô. 10:16,21; Nee. 12:37 e Jer. 21:12.

2. *O Trono de Davi.* Ver Isaías 9:7, que encerra uma profecia messiânica que mostra que o Messias seria rei segundo a linhagem e a autoridade de Davi.

3. *O Tabernáculo de Davi.* Ver Isaías 16:5, uma outra referência à linhagem real da qual viria o Messias.

4. *A Cidade de Davi.* Isaías 22:9 e I Reis 2:10,11. Está em foco a cidade de Jerusalém, porquanto Davi foi quem conquistou esse lugar dos cananeus, tornando-o a sua capital. Ver também I Reis 8:1; II Reis 8:24; 9:24; II Crô. 5:2 e 8:11. No entanto, no Novo Testamento, essa expressão indica Belém da Judéia (Luc. 2:4).

5. *As Féiás Misericórdias Prometidas a Davi.* Ver Isaías 55:3. Essa promessa indica que Deus, por amor a Davi, teria misericórdia de Israel. Isso faz parte do pacto davídico. Ver também Isaías 38:5.

6. *O Deus de Davi.* Ver Isaías 38:5. Está em pauta o Deus de Israel, o Deus do maior monarca de Israel, e, portanto, de todos os demais reis de Israel.

7. *O Trono de Davi.* Ver Jeremias 13:13; 17:25; 22:2,4, etc. A expressão usada por Jeremias, acerca do reino de Israel, está baseada no fato de que os demais reis de Israel pertenciam à linhagem de Davi.

8. *O Justo Renome de Davi.* Ver Jeremias 23:5 e 33:15. Está em foco a descendência davídica, herdeira de seu trono, mas, especialmente, Jesus Cristo, o Rei-Messias.

9. *Davi como Rei.* O futuro Messias é visto como uma espécie de segundo Davi (Jer. 30:9). Alguns estudiosos supõem que o próprio Davi, por ocasião do reino milenar de Cristo, governará novamente Israel, sob as ordens do Messias. Porém, outros pensam que isso é perder de vista a implicação simbólica dessa expressão.

10. *O Pacto de Davi.* Ver Jeremias 33:21, onde aparecem várias garantias a respeito da linhagem e do reino de Davi.

11. *O Descendente de Davi.* Ver Jeremias 33:22,26, que também se refere ao descendente de Abraão, embora aludindo especificamente à linhagem real.

12. *Outras Referências Notáveis do Antigo Testamento.* Podemos falar em Ezequiel 34:23; 37:24,25,

## DAVI — DAVI, CIDADE DE

que expõe idéias sobre o Servo-Messias; Oséias 3:5, que se refere a Davi como o Rei escatológico; Amós 6:5 e 9:11, que alude a Davi como músico e ao tabernáculo de Davi, juntamente com a esperança messiânica; Zacarias 12:7,8,10,12 e 13:1, que destaca a casa de Davi e a sua futura restauração.

13. *No Novo Testamento.* Ali encontramos Jesus como o Filho e o Herdeiro Real de Davi (Mat. 1:1; 9:29; 12:23; Mar. 10:48; 12:35; Luc. 18:38,39; 20:41). Esperava-se que o Cristo fosse descendente da linhagem de Davi (João 7:42; Mar. 11:10). Jesus pertencia à família de Davi, através de Bate-Seba (Mat. 1:20; Luc. 3:21). No Novo Testamento, a «cidade de Davi» (Luc. 2:4 e João 7:42) é Belém da Judéia, o lugar onde Jesus nasceu. Os antepassados de Davi viviam ali, onde o próprio Davi nasceu (I Sam. 16:1; II Sam. 5:4), o que explica a conexão. Jesus como superior a Davi é o tema de Atos 2:29,34 e 13:36. Por meio de Cristo nos são dadas as fiéis misericórdias prometidas a Davi (Atos 13:16-34). Davi foi um dos escritores sacros da Bíblia (Atos 1:16; 4:25). O tabernáculo de Davi está ligado à eleição dos gentios dentro do Novo Israel (Atos 15:16-18, que cita Amós 9:11,12). Jesus é o descendente de Davi (Rom. 1:3; II Tim. 2:8). Davi é usado como ilustração do perdão dos pecados (Rom. 4:6). Ele aparece como um dos heróis da fé (Heb. 11:32). Os Salmos 69 e 95 são especificamente atribuídos à autoria de Davi (Romanos 11:9 e Heb. 4:7). No Apocalipse, Jesus Cristo é chamado de *herdeiro de Davi* (Apo. 3:7), e as chaves estão envolvidas. Em Apocalipse 5:5 e 22:16, Jesus é denominado *raiz e geração* de Davi. Jesus Cristo é o cumprimento das promessas de Deus feitas a Israel e ao mundo, feitas originalmente a Davi.

### VII. Caráter Espiritual de Davi

Davi pode ser usado como um quadro do que o homem é: em seu ponto mais alto e em seu ponto mais baixo. Seus salmos exibem uma espiritualidade elevada, difícil de reconciliar com sua vida de violência e pecados, como aquele que envolveu Bate-Seba. Porém, precisamos vê-lo como um representante de sua época. Então, era uma glória ser um guerreiro, matar e conquistar. Por essa razão, as mulheres de Israel entoaram a seu respeito o cântico que dizia: «Saul feriu os seus milhares, porém Davi os seus dez milhares» (I Sam. 18:7; 21:11). Temos averiguado o quanto Davi envolveu-se com mulheres (primeiro ponto); mas, de algum modo, apesar de tudo, as Escrituras dizem a seu respeito que ele era um homem segundo o coração de Deus (I Sam. 13:14; Sal. 89:20). Há também grande número de alusões bíblicas a Davi, que nos mostram que ele foi um homem do destino, um instrumento especial de Deus, a despeito de suas falhas gritantes. Davi foi um habilidoso músico e autor literário, e essas qualidades fizeram dele um digno autor, e uma parte de suas composições tornou-se porção integrante das Escrituras Sagradas.

«Davi chega ao nosso conhecimento como uma imensa mas incompreensível personalidade: corajoso, leal para com seus benfeitores, mas capaz de crueldade e de fraquezas diante de seus filhos; fiel à religião de seus antepassados; humilde diante de um profeta de Yahweh. Em suma, ele foi um homem superior, cujas qualidades intelectuais e religiosas chegaram a ser sombreadas por certa irresponsabilidade moral. Ele pertencia a uma era heróica, com sua violência e seus derramamentos de sangue, antes que padrões morais mais elevados fossem largamente reconhecidos. Os direitos da tribo ou do clã eram considerados superiores aos direitos do indivíduo,

como, de resto, na infância da maioria dos povos. No entanto, ele continuou sendo o herói ideal de todas as gerações posteriores. O Antigo e o Novo Testamentos descrevem o Messias, o *Rei Ideal* de Israel, na era vindoura, chamando-o de *Filho de Davi*». (AM)

*Bibliografia.* AM EUG GEO IB ID UN Z

### DAVI, A RAZ E A GERAÇÃO DE

Essa expressão aparece em Apocalipse 5:5 e 22:16 (completa, só nesta última referência). A expressão é usada metaforicamente, para indicar o Messias, como Alguém descendente de Davi e como o cumprimento das provisões do pacto davídico. Cristo é o Descendente eterno em quem todas as promessas feitas a Davi se cumprem; e isso é universalizado de modo a incluir o Novo Israel (a Igreja), e, através da Igreja, o mundo inteiro. Isso pode ser comparado ao uso da Igreja como uma *vinha*, em João 15. A raiz é a fonte da nutrição e crescimento da planta; e a vinha é o resultado desse desenvolvimento. A árvore é a árvore espiritual mediante a qual fluem e florescem as bênçãos de Deus. Cristo é a «raiz», e Jessé é o «ramo» que cresce de suas raízes. Essa é uma linguagem simbólica que indica a *descendência* de Davi, e também cumpre o ideal davídico de um monarca. Ver Isaías 11:1,10; Mateus 2:23. Isaías declarou que os gentios haveriam de buscar os benefícios dessa árvore espiritual, o que indica que a mesma é uma profecia messiânica. O Testamento de Judá 24:5 mostra que a referência de Isaías era considerada uma profecia messiânica, desde, pelo menos o primeiro século D.C.

### DAVI, CIDADE DE

A localização dessa porção de Jerusalém era a mais antiga, a sudeste, sobre o original monte Sião. Porém, quando o Novo Testamento usa essa expressão, «cidade de Davi», está em foco Belém da Judéia, onde Davi nasceu (Luc. 2:11).

Esse foi o nome dado por Davi ao castelo de Sião, que ele capturou dos jebuseus, onde passou a habitar (I Crô. 11:7), e que se tornou a capital do reino unido de Israel. Em seus primeiros anos como rei, Davi governou apenas a porção sul do reino, ou Judá; mas seus feitos e conquistas trouxeram sob o seu poder todas as demais tribos de Israel. Ver a história da conquista desse lugar em II Samuel 5:6-8 e I Crônicas 11:4-8. Ficava situada em um platô cerca de 760 m acima do nível do mar Mediterrâneo, e cerca de 1.160 m acima do nível do mar Morto, o que significa que era uma altura dominante sobre toda a região em derredor.

Como fortaleza dos jebuseus, era considerada inexpugnável, por causa de suas colinas, que atuavam como defesa natural, e por causa das elevadas muralhas, dos portões e das torres com que fora construída. Tão fácil era a sua defesa que era costume dizer que até os cegos e os coxos poderiam defendê-la (II Sam. 5:6). A referência, em II Samuel 5:8, à subida por um canal subterrâneo, parece indicar que Davi e seus homens obtiveram acesso à mesma mediante uma fenda natural na rocha. Porém, investigações arqueológicas recentes demonstram que isso era impossível. Portanto, em vez de uma fenda, alguns pensam na possível tradução *gancho*, o que significaria que o acesso ao alto das muralhas era feito mediante o emprego de ganchos. (Ver Albright no artigo «Old Testament and Archeology», no seu *Old Testament Commentary*, pág. 149). Aquele canal subterrâneo era vertical, em sua seção mais elevada,

## DAVI, TORRE DE — DEBIR

tornando impossível a subida por ali. A fortaleza dos jebuseus tinha uma muralha com seis metros de espessura, conforme tem sido averiguado pelos arqueólogos. As muralhas principais, que perduraram de 1800 A.C. até a queda de Jerusalém, ficavam localizadas cerca de cinquenta metros colina abaixo. A captura de Jerusalém, por parte de Davi, ocorreu em cerca de 1003 A.C. Ver II Samuel 5:7.

Após a captura, o próprio Davi foi habitar ali. Foi construído ali um palácio para seu uso (I Crô. 15:1). Davi mandou buscar a arca da aliança, que até então estivera entre os cananeus, desde a época de Eli, para a cidade de Davi (I Crô. 15:1,29). Ela ficou ali até que Salomão a colocou no novo Templo, no monte Moriá, mais ao norte (I Reis 8:1,2; II Crô. 5:2). Salomão embelezou o lugar, construindo uma acrópole (área palaciana), com muralhas sobre a crista da cidade de Davi.

Davi foi sepultado no interior da cidade (I Reis 2:10). E isso significa que o túmulo atualmente exibido aos turistas, como o túmulo de Davi, não pode ser o dele, visto que esse fica fora das muralhas. A maioria dos reis que se seguiram, até Jotão (falecido em 736 A.C.) foram sepultados ali, como também outras figuras importantes. Algumas abóbadas de sepulturas, perto do extremo sul da cidade, poderiam ser o que restou dessas sepulturas. Ezequias fortaleceu a cidade de Davi antes do conflito com os assírios, em cerca de 701 A.C., trazendo um suprimento de água desde Giom (II Crô. 32:30). O tanque de Silóe e o jardim do Rei, no extremo sul, dentro das muralhas (Nee. 3:15; Isa. 22:9-11), foram incluídos nesse sistema. A cidade de Davi foi destruída pelos babilônios em 586 A.C. Neemias a reconstruiu, pelo menos em parte, em 444 A.C. (Nee. 3:15; 12:37). Expansões posteriores estenderam a cidade na direção oeste, e foi ali que Josefo (*Guerras* 5:4,1) localizou erroneamente o túmulo de Davi. Depois que a cidade de Davi foi abandonada, em 70 D.C., essa porção oriental tornou-se conhecida como Sião.

### DAVI, TORRE DE

Essa torre é aludida somente em Cantares 4:4. Esse é o nome de uma das fortalezas de Davi, construída com pedras, e onde eram pendurados escudos. Nada se sabe, em nossos dias, sobre a sua localidade e suas condições, embora naquela referência encontremos um símbolo de poder. A chamada Torre de Davi, na Porta de Jafa, em Jerusalém, data do período medieval. Foi construída sobre alicerces da época dos Herodes.

### DAVID DE DINANT

Viveu nos séculos XII e XIII D.C. Foi um filósofo escolástico, aparentemente influenciado por Erigina (que vide). Ele desenvolveu uma teologia filosófica panteísta, tendo sido condenado em 1210 por motivo de heresia, e foi exilado. — Naturalmente, seus livros foram queimados, pelo que só conhecemos as suas idéias por meio de citações feitas por Alberto Magno, Tomás de Aquino e Nicolau de Cusa. Seu principal livro foi *On Separations, that is on Divisions*.

#### Idéias:

1. Ele pensava que os corpos são modos de expressão da matéria, e que as almas são modos de expressão da mente. As substâncias eternas seriam modos de expressão de Deus. Porém, mente, corpo e Deus seriam idênticos.

2. Isso seria uma verdade porque nem Deus e nem a matéria possuem forma, porquanto, se a tivessem, seriam substâncias compostas. Conhecemos Deus e a matéria porque nós mesmos somos idênticos a eles. A forma de panteísmo (que vide) dele era do tipo materialista, porque a substância subjacente a tudo (Deus) emana e se torna em matéria.

### DAVIDSON, ANDREW BRUCE

Suas datas foram 1831-1902. Foi professor de línguas orientais do New College, em Edimburgo, na Escócia. O seu comentário sobre o livro de Jô, que ele não terminou, é considerado o primeiro comentário realmente científico sobre alguma porção do Antigo Testamento, na língua inglesa. Foi membro da comissão encarregada da preparação da versão inglesa chamada Revised Version. Foi autor de vários comentários bíblicos e de certo número de outros livros, e contribuiu para várias obras de referência, como o *International Theological Library*, bem como o artigo sobre *Deus*, no *Hasting's Bible Dictionary*.

### DEAVITAS

Adjetivo pátrio encontrado somente em Esdras 4:9, em toda a Bíblia, alusivo aos habitantes de certa porção da Assíria, regada pelo rio Daba, talvez a mesma *Dai* de Heródoto (1.125). Seriam os habitantes da moderna província de Dehístá, a leste do mar Cáspio, que foram transferidos por Salmanezzer para a província de Samaria. Talvez seja uma tribo persa alistada juntamente com os elamitas e outros, que foram transferidos para Samaria, pelo rei assírio, Assurbanipal. Como se vê, a identificação não é fácil. Juntamente com outros, eles protestaram contra a reconstrução de Jerusalém. Há dois manuscritos da Septuaginta que dizem, em grego «hoi sístín», «isto é». Isso faria o texto dizer: «...susanquitas, isto é, elamitas...», onde as palavras «isto é» estão no lugar de «deavitas». Nesse caso, a tribo dos deavitas não existiria.

### DEBERATE

No hebraico, «pasto». Uma cidade no território de Issacar, entregue aos levitas (Jos. 19:12; 21:28). Ficava localizada a oeste do sopé do monte Tabor, e talvez seja a mesma cidade chamada Dabarita, na grande planície, segundo diz Josefo (*Vita*, 62; *Guerras*, 2:21,3), ou então Dabira, que Eusébio e Jerônimo situaram no monte Tabor, na região de Dio-Cesaréia. É possível que esse tenha sido o lugar onde Sísera foi derrotado por Baraque. A morte de Sísera, por parte de Jael, está vinculada a todo o episódio (Josué 4). Tem sido identificada com a moderna aldeia de Deburieh.

### DEBESETE

No hebraico, «corcunda». Esse era o nome de uma cidade do território de Zebulom, perto da fronteira com o território de Issacar, entre Saride e Joneá, um tanto a leste do ribeiro Quisom (Jos. 19:11). Seu local é desconhecido, na atualidade.

### DEBIR

No hebraico, «santuário», ou seja, «lugar de um oráculo». Nas páginas do Antigo Testamento, esse é o nome de duas cidades e de um homem, a saber:

1. Uma cidade no território de Judá, a quarenta e

oito quilômetros a sudoeste de Jerusalém e a dezesseis quilômetros a oeste de Hebrom (Jos. 15:7). No décimo quinto versículo desse mesmo capítulo, temos a informação de que o nome anterior dessa cidade era Quiriate-Sefer. Foi um dos muitos lugares conquistados por Josué (Jos. 10:38 ss). Posteriormente, foi reocupado por Otniel (Jos. 15:7,15,17). O nome que os cananeus lhe davam, Quiriate-Sefer, significa «cidade do livro». Mas seu novo nome, Debir, parece sugerir que era ali que os cananeus tinham um de seus oráculos. Portanto, tanto um quanto o outro nome sugere material escrito ligado ao culto dos deuses pagãos, ali localizado. Porém, outros imaginam que a transliteração para o hebraico não preservou o intuito original do nome cananeu, pelo que a referência à idéia de escrita seria incorreta. As escavações feitas na região têm produzido muito material da época da conquista israelita. W.F. Albright e Melvin G. Kyle identificaram o lugar com Tell Mirsim. As evidências mostram que o sítio vinha sendo ocupado desde cerca de 2200 A.C. Ficaram ali artefatos de cerâmica, do trabalho de pedreiros e da indústria dos hebreus. Uma asa de jarra com a inscrição «pertencente a Eliaquim, mordomo de Yaukin (Joaquim)», dá a entender que o local continuou sendo habitado até imediatamente antes do cativo babilônico, isto é, em 598 A.C.

2. Uma cidade em Gileade, perto do Jordão (Jos. 13:26). Não ficava longe de Maanaim, tendo sido identificada por alguns estudiosos com a «Lo-Debar» de II Samuel 17:27. A família de Jônatas, filho de Saul, fugiu para esse lugar, quando Israel foi derrotado pelos filisteus, e seu filho alejado, Mefibosete, fixou residência ali, até que Davi o convidou para vir residir no palácio real. Há alusão a Debir, em Amós 6:13; mas, uma distorção proposital do nome, faz com que este signifique «muldade» (nossa versão portuguesa diz «Lo-Debar»), porque, mui provavelmente, na época daquele profeta o local era sede de algum culto pagão. O local moderno dessa antiga cidade é desconhecido.

3. Um rei de Eglom, membro de uma aliança de cinco reis amorreus que se opuseram a Gibeom, a convite de Adoni-Zedeque, rei de Jerusalém. Porém, alguns eruditos pensam que o nome «Debir», nesse caso, refere-se a uma fortaleza, e não a um rei. Ver Jos. 10:3,5,16,26. Os gibeonitas apelaram para Josué, pedindo ajuda militar. A batalha teve lugar no vale de Aijalom, quando ocorreu o longo dia de Josué (Jos. 10:3-39). Quanto a comentários sobre esse milagre, ver o artigo sobre a Astronomia, ponto 5b. Se Debir foi, realmente, um monarca, então ele viveu em torno de 1450 A.C.

## DÉBORA

No hebraico, «abelha». Esse foi o nome de duas mulheres, cujas histórias aparecem nas páginas da Bíblia, e de uma mulher mencionada nas obras apócrifas do Antigo Testamento. As duas personagens bíblicas são as seguintes:

1. A primeira Débora da Bíblia foi criada de Rebeca, esposa do patriarca Isaque (ver Gên. 24:59 e 35:8). Ela acompanhou Rebeca desde a casa paterna desta, Betuel, quando de seu casamento com Isaque. Seu nome, porém, só aparece em conexão com seu sepultamento, sob o carvalho, perto de Betel. A partir de então, aquele carvalho passou a ser chamado Alom-Bacute (no hebraico, «carvalho da lamentação»), segundo se vê em Gênesis 35:8. Ela viveu em cerca de 1730 A.C.

2. Uma profetisa de Israel que, para nossa

admiração, também tornou-se uma juíza! Era esposa de Lepidote, tendo julgado Israel em parceria com Baraque. Ver Juí. 4:4. Isso ocorreu quando Israel abandonou sua lealdade a Yahweh, e assim o Senhor os entregou ao domínio de Jabim, rei dos cananeus, pelo espaço de vinte anos. Durante esse tempo, Débora era uma profetisa que aconselhava o povo que vinha consultá-la. Ela residia à sombra de uma palmeira (chamada segundo o seu nome), entre Betel e o monte Efraim. Ela enviou uma mensagem a Baraque, dizendo que o Senhor estava pronto para livrar Israel. Baraque foi instruído a reunir um exército de dez mil homens de Naftalim e de Zebulom, estacionando-o ao pé do monte Tabor. O Senhor então faria Sísera, o general de Jabim, guerrear contra eles às margens do rio Quisom; e, segundo Débora garantiu a Baraque, Israel obteria a vitória. Baraque era de Cades de Naftali, e, provavelmente, um dos líderes do lugar. Baraque concordou com o plano de Débora, mas com a condição de que ela também se fizesse presente. Ver Juí. 4:1-24. Por causa disso, teve que dividir com ela os triunfos da vitória. O trecho de Hebreus 11:32 alista Baraque entre os heróis cuja fé obteve resultados positivos. Ver o artigo separado sobre *Baraque*. Quando Débora deu o sinal de atacar, o pequeno exército de Israel, tirando vantagem de uma grande tempestade que desabara sobre o local, precipitou-se contra as forças muito superiores dos cananeus. Sísera foi derrotado e Jabim ficou arruinado. A vitória foi celebrada pelo cântico de Débora, registrado em Juí. 5:2-31.

*Nos dias de Sangar, filho de Anate, nos dias de Jael, cessaram as caravanas; e os viajantes tomavam desvios tortuosos. Ficaram desertas as aldeias em Israel, repousaram, até que eu, Débora, me levantei, levantei-me por mãe em Israel (vss. 6,7).*

Essa notável ode é a versão poética da narrativa em prosa do quarto capítulo do livro de Juizes. Ela é universalmente aclamada como representante da primitiva poesia dos hebreus. É notória por sua vivacidade, ilustrando muitos detalhes da vida rude e barbárica do século XII A.C., na Palestina.

A vitória de Débora garantiu quarenta anos de paz em Israel (Juí. 5:31). Ela combinava a autoridade de uma juíza com o dom profético (Juí. 4:6 e 5:7). De acordo com alguns autores, seu nome era um símbolo egípcio do poder real. Entre os gregos, esse nome era aplicado não somente aos poetas, mas também às pessoas peculiarmente castas, como as sacerdotisas de Delfos, Cibele e Artemis. Provavelmente, ela pertencia à tribo de Efraim, embora alguns opinem que ela era da tribo de Issacar, por causa do que se lê em Juízes 5:15. Também há quem diga que há alguma ligação com o nome Lapidote porque isso representa o termo hebraico que significa «luzes»; e, segundo dizem os rabinos, ela cuidava das lâmpadas do tabernáculo. Seu nome só é mencionado em Juízes 4 e 5. Viveu em cerca de 1120 A.C.

## DECÁLOGO

Essa palavra vem do grego *deka*, «dez» e *logos*, «palavra», ou seja, «dez palavras». Esse é um título usado para indicar os Dez Mandamentos. Esses mandamentos, dados por Deus a Moisés, no monte Sinai, tornaram-se a base da legislação levítica, uma das mais duradouras legislações de todos os tempos. Em sua forma mais familiar, esses mandamentos acham-se em Êxodo 20:2-17. Uma versão diferente, especificamente designada como as «dez palavras»,

aparece em Êxodo 34:28, a qual aborda festividades e oferendas. Isso teria sido escrito em uma outra tábuca de pedra, depois que Moisés quebrara a primeira (ver Êx. 20:2 ss, em comparação com Êx. 31:18 e 34:1). Outras formas do decálogo aparecem em Deuteronômio 27 e Levítico 19. As várias formas do decálogo aparentemente eram tipos de leis e liturgias preliminares, mediante as quais os adoradores, em diferentes santuários e em diferentes períodos da história, reconheciam os requisitos básicos de Yahweh. A razão para o número dez aparentemente é que isso facilitaria a memorização das exigências básicas da moralidade humana. Esses mandamentos têm sido usados por muitos séculos. A legislação levítica aborda detalhes, com grande complexidade de pormenores. A variedade de expressões dos mandamentos originais deixa em dúvida qual teria sido a forma original. O decálogo, conforme expresso em Êxodo 20 e em Deuteronômio 5, era usado tanto em Israel como em Judá, não havendo qualquer razão para supormos que os mandamentos básicos do judaísmo não foram originados por Moisés. Sem dúvida houve elaborações posteriores, o que é natural em qualquer sociedade.

Quanto a notas completas sobre o *Decálogo* (este artigo serve apenas de introdução ao assunto), ver o artigo intitulado *Mandamentos, os Dez*.

## DECANO, DEÃO

Ambas essas palavras derivam-se do termo latino *decanus*, que indica, literalmente, o cabeça de um grupo de dez. Com o tempo, o termo, sob a forma de «deão», passou a indicar o oficial presidente de uma catedral ou de um capítulo. E daí veio a indicar o presidente de uma instituição acadêmica, ou um suboficial envolvido na administração da mesma. Um *deão rural* é um padre, usualmente nomeado por algum bispo, cuja tarefa é supervisionar um grupo de paróquias, que constituem um *deado*.

## DECAPITAÇÃO

Ver *Crimes e Castigos*.

## DECÁPOLIS

No grego, «dez cidades». No Novo Testamento, o termo denota uma área geográfica onde havia dez cidades próximas umas das outras, e unidas por certos costumes e por uma certa população. Quase todos os seus habitantes eram gentios, com instituições e privilégios cívicos comuns. O sentido original pode ter sido político, dando a entender uma liga de dez cidades, que se formou durante o período entre a dominação de Herodes sobre a área e a estabilização da fronteira leste romana, nos primeiros dias do domínio imperial na região. A área envolvida ficava a leste do Jordão, incluindo uma parte da Galiléia. A região incorporava a maior parte do lado oriental do mar da Galiléia, em sua extremidade norte. Uma porção da mesma, não muito longe, abaixo do lago, estendia-se até à margem ocidental do rio Jordão, onde ficava situada a cidade de Citópolis, que fazia parte de Decápolis. Porém, a porção maior ficava a leste do rio Jordão. Para o extremo sul ficava a cidade de Filadélfia, que ficava quase tanto ao norte quanto Jericó. Jericó ficava localizada quase na extremidade norte do mar Morto, e Filadélfia ficava mais para o oriente.

**As Dez Cidades.** Essas eram Hipos (na margem oriental do mar da Galiléia), Damasco (um pouco

mais ao norte), Rafana, Canata (no extremo leste), Diom, Gadara, Citópolis (no extremo oeste), Pela, Gerasa e Filadélfia (no extremo sul). Do extremo norte ao extremo sul, a área cobria cerca de 190 km. De Dã a Berseba, os tradicionais pontos extremos norte-sul da antiga Israel, a distância era de cerca de 240 km. Portanto, Decápolis tinha quase as mesmas dimensões de Israel, a diferença sendo, essencialmente o comprimento do mar Morto.

Decápolis surgiu como um subfênômeno da dispersão do período helenizante. Houve grande imigração de gregos após as conquistas de Alexandre, o Grande. Isso significa que aquelas cidades foram construídas pelos gregos e reconstruídas pelos romanos. Duas dessas cidades, Diom e Pela, têm nomes tipicamente macedônios, sendo provável que tivessem sido erigidas por oficiais associados a Alexandre. Filadélfia ocupava o local de Rabate-Amam, do Antigo Testamento, a mesma Amam que é capital da Jordânia moderna. Era quase tão antiga quanto aquelas outras duas cidades. Gadara também era um antigo povoado grego, e essas duas cidades eram fortalezas, pelos fins do século III A.C. Gerasa tem sido amplamente confirmada, quanto aos informes bíblicos a seu respeito, pelas descobertas arqueológicas. Porém, juntamente com Hipos, não parece ter tido posição especial senão já no período da dominação romana. Damasco é uma das mais antigas cidades do mundo.

A área, desde há muito, vinha sendo controlada pelo governador da província romana da Síria, com as adaptações apropriadas ao governo romano de áreas externas ou de fronteiras. Roma protegia aquela região e paralelamente ela servia de área desértica de fronteira, servindo de proteção contra inimigos além dos limites do império, onde as grandes rotas de caravanas e estradas comerciais faziam uma curva em torno da curva interna do chamado Crescente Fértil (que vide). Cada uma dessas dez cidades servia de uma espécie de cidade-estado, pelo que as áreas ao redor eram governadas e controladas por elas, conferindo ao império romano autoridade sobre quase a totalidade do território de Israel. Essas cidades, com sua grande maioria populacional gentílica, eram cosmopolitas em sua natureza. Gadara produziu Filodemo, o filósofo epicúreo do século I A.C. Meleager, o epigramatista, nasceu ali, como também Menipo, o satirista, e Teodoro, o retórico, que foi tutor de Tibério. Gerasa tornou-se conhecida como cidade nativa de vários mestres da antiguidade bem conhecidos. A arqueologia tem demonstrado a natureza não-judaica da área, com seus templos, anfiteatros, artes, jogos atléticos e literatura. A presença desse tipo de cultura, naturalmente, influenciou e modificou a vida na Galiléia. Olhando na direção do mar da Galiléia, os agricultores judeus podiam ter uma boa visão do que era o mundo gentílico e romano. A história do filho pródigo, narrada por Jesus, ilustra como um jovem, impressionado pelo mundo grandioso ao seu redor, e enfadado pela vida monótona dos agricultores, viajou até um *pais distante*, a fim de buscar fortuna e gastar, divertidamente, o seu dinheiro.

**Jesus exerceu forte impacto sobre Decápolis.** No começo de seu ministério (ver Mat. 4:25), ele era seguido por grandes multidões. Jesus entrou na área de Gerasa (Mar. 5:2). Orígenes chama essa cidade de Gergesa. Essa variante é discutida no NTI, *in loc.* Ali encontramos a história dos porcos que morreram afogados. Os judeus geralmente não criavam esses animais. Quando os demônios entraram neles, a vara



## DÉCIO — DECISÃO

de porcos perdeu-se inteiramente, resultando isso no fato de que os habitantes locais rogaram a Jesus que abandonasse a região. Posteriormente, Jesus tornou a visitar a região, e fez um desvio incomum através da região de Hipos, a caminho de Sidom, até às praias orientais da Galiléia (Mar. 7:31). E quando os exércitos romanos avançaram, por ocasião da primeira rebelião dos judeus, e assediaram a cidade de Jerusalém, o que resultou em sua quase completa destruição (66-70 D.C.), os cristãos retiraram-se para Pela. Dessa maneira, a comunidade cristã judaica, como um todo, foi poupada da ira dos romanos, nessa ocasião, somente tendo que enfrentá-la um pouco mais tarde.

Há algo de apropriado quanto ao fato de que a Decápolis greco-romana ficava contígua e cercava Israel, e que o Salvador dos homens ministrou tanto em Israel quanto em Decápolis. Finalmente, o apóstolo Paulo foi capaz de dizer que, em Cristo, não há tal coisa como homem e mulher, livre ou escravo, judeu ou gentio—pois todos somos *um*, em Cristo (Gál. 3:28).

### DÉCIO

Suas datas foram 201-251 D.C. Foi imperador romano entre 249 e 251 D.C. Também foi soldado e administrador. Aderiu à antiga fé pagã, e deu início a uma perseguição sistemática contra os cristãos, com a idéia de extingui-los totalmente.

### DECISÃO

#### *Esboço*

1. Definição
2. Elementos da Decisão
3. Decisões Morais
4. Meios e Fins
5. A Decisão Existencial
6. Decisões Ligadas ao Destino
7. A Decisão em Favor de Cristo

#### 1. Definição

Decidir é determinar, é escolher entre alternativas, é resolver, é arbitrar. Com freqüência envolve a escolha sobre o curso de pensamento ou de ação que precisa ser modificado.

#### 2. Elementos da Decisão

Algumas decisões são fáceis e óbvias, mas outras são difíceis e complexas. Contribuem para a tomada de decisão as emoções, a racionalização, o prazer e o temor. Algumas decisões fazem as pessoas se enveredarem por caminhos partidárias, como quando Sartre (que vide) resolveu tornar-se marxista, ou quando Paulo resolveu entregar sua vida a Cristo. A complexidade das emoções com freqüência faz as decisões tornarem-se difíceis. — Certamente, pode haver interesses conflitantes, tanto pessoais como no tocante àquelas vidas que serão modificadas pelas decisões tomadas. Dois princípios deveriam ocupar papel de destaque nas decisões importantes que fazemos: justiça e amor.

#### 3. Decisões Morais

Um homem resolve fazer o que é certo, ou desviar-se da justiça. A maioria das decisões desse tipo é suficientemente clara porque a consciência (que vide) mostra-se bastante ativa e exata. Dispomos das normas das Escrituras, do Espírito e das experiências da vida. Rejeitamos as decisões morais relativistas, baseadas no auto-interesse. A moralidade jamais poderá ser usada para servir ao próprio eu. As

decisões baseadas na *lei altruísta* do amor quase sempre estão certas. De fato, o amor é melhor do que a simples justiça, pois o oposto da injustiça não é a justiça, mas o amor. A medida da misericórdia e da graça é um fator que nos pode fazer ir além do necessário, no trato que damos ao próximo. A medida de um homem, afinal de contas, é quão generoso ele é. O evangelho ensina-nos que Cristo, em sua missão, realizou uma série inteira de coisas e obteve muitos resultados benéficos para nós, que nem merecemos. Deveríamos agir em favor do próximo conforme Cristo agiu para conosco. Há algo ainda melhor do que ser meramente justo, isto é, ser generoso e bom (Rom. 5:7,8).

#### 4. Meios e Fins

O *pragmatismo* (que vide) ensina que aquilo que funciona (obtem os resultados desejados) é bom e verdadeiro. Aquilo que é prático, que nos dá aquilo que queremos, seria verdadeiro. Isso parece bom; mas nem sempre corresponde à realidade dos fatos. Todos nós gostamos de ser pragmáticos; mas as decisões que tomamos devem penetrar mais profundamente na verdade do que isso. Os *meios* devem ser *justos*, e não somente os fins, a menos que uma questão não moral esteja envolvida. O terrorismo, que defende uma causa considerada justa, tem causado imensos sofrimentos e a morte de pessoas inocentes. Sempre será errado infligir dor desnecessária, mesmo quando alguma causa justa está envolvida. Os políticos manipulam e prejudicam outras pessoas, a fim de realizarem aquilo que pensam ser bom para a sociedade. As pessoas sofrem perseguições, torturas, aprisionamento ou mesmo a morte, por causa de supostas boas obras, nas quais se envolvem os políticos; porém, ninguém precisa ser altamente inteligente para perceber a farsa. O comunismo fala em tons pios sobre as boas causas que está defendendo; mas, na vida diária e prática os líderes comunistas tomam decisões que produzem sofrimento e morte para muitas pessoas.

#### 5. A Decisão Existencial

Está em foco alguma decisão que alguém precisa tomar com base nos requisitos *do seu próprio ser*. Há algo que alguém *precisa* fazer, algo que *precisa* ser, algo que *precisa* tentar. Há ocasiões em que alguém chega às raízes de sua própria existência ao tomar uma decisão. Talvez esteja envolvida a escolha de uma educação formal, de uma profissão, do cônjuge a ser escolhido, dos projetos que tentará realizar, da área geográfica na qual viverá, a fim de melhor desincumbir-se de suas tarefas. O destino de um homem está envolvido em decisões assim.

#### 6. Decisões Ligadas ao Destino

O destino de um homem, — se tiver de ser devidamente cumprido, envolve certas decisões-chaves ao longo de sua vida. O destino requer ou força certas decisões, dependendo delas para a sua concretização. Uma decisão ligada ao destino pode ocorrer uma vez por ano, ou talvez, uma vez a cada poucos anos. Essas decisões nunca são numerosas, mas fazem parte do próprio destino da pessoa. Essas são as coisas que precisam ser feitas. Naturalmente, algumas pessoas rejeitam essas decisões, mesmo quando elas parecem óbvias, e fazem outras decisões, assim desviando-se de seu destino, pelo menos quanto a esta vida. Porém, todas as decisões erradas podem ser reparadas, devido à graça de Deus; mas isso pode envolver muito tempo, sofrimento e revezes, até que a alma aprenda a tomar decisões corretas interessando-se pelo uso apropriado dos dons da vida. As decisões ligadas ao destino com freqüência são paralelas às decisões existenciais, pelo

## DECISÃO — DECISÃO EXISTENCIAL

que esses termos são virtuais sinônimos.

### 7. A Decisão em Favor de Cristo

Deus requer dos homens que considerem o bem-estar eterno de suas almas. A missão de Cristo força os homens quanto a essa decisão. Falamos em aceitar a Cristo como nosso Salvador; essa é a decisão em favor de Cristo. Na Igreja cristã, há um aspecto tanto trivial quanto ritualista dessa decisão, na qual se requer que a pessoa erga uma mão ou diga uma breve oração, exprimindo o seu desejo de «aceitar a Cristo». Tudo isso pode ter apenas tanta importância quanto um batismo ritual, no qual o indivíduo pensa que muito ganhou, mas, — na realidade, ele apenas se iludiu. A verdadeira decisão em favor de Cristo envolve o movimento do Espírito sobre a alma, de acordo com o que a alma é regenerada e transformada. Nessa ocasião a pessoa começa a ser transformada segundo a imagem de Cristo, levando a pessoa regenerada a compartilhar de sua vida moral e espiritual. Sem isso, nenhuma decisão vital em favor de Cristo foi tomada.

### DECISÃO, TEORIA DA

Em primeiro lugar, temos um problema de decisão. Em seguida, precisamos pensar nas alternativas e conseqüências que se seguirão, ao tomarmos uma decisão, e não outra. A abordagem comum à questão consiste em resolver qual decisão e ação resultante produzirão os resultados mais favoráveis. Usualmente, o princípio normativo são as conseqüências. Buscamos o máximo de utilidade, de felicidade, de senso de realização e de prazer, com o mínimo de revezes, de sofrimentos e de dor. Em alguns casos, porém, surgem problemas: 1. Nem sempre é fácil escolher alternativas que não apresentem, com clareza, as melhores conseqüências propostas. 2. Para o crente, não é bastante considerar as conseqüências. Os meios também devem ser justos e bons em si mesmos. O pragmatismo com freqüência é bom, e, algumas vezes, pode ser nosso único guia. Mas, nem sempre sucede desse modo. 3. Os filósofos têm buscado formular axiomas que nos informem sobre o que está envolvido em uma decisão racional; mas é difícil para os filósofos chegarem a uma posição de consenso quanto a isso. 4. *Acima da razão.* Pessoalmente, evito tomar importantes decisões baseadas somente na razão; mas sempre busco orientação ditada pelo discernimento intuitivo, externo ou interno. Algumas vezes, as circunstâncias chegam a dar-nos indicações; mas, quando isso não ocorre, devemos buscar — orientações intuitivas — (como nos sonhos ou nas visões), a fim de ser ajudados. Se não recebermos tal ajuda, teremos de aliar-nos aos filósofos, tomando decisões racionais. Esse método não deve ser desprezado, porque Deus, afinal de contas, foi quem nos deu nossos poderes da razão. Portanto, chego à conclusão de que também é errado tomar decisões sempre sobre a base de meios intuitivos ou místicos. Uma das primeiras coisas que os místicos aprendem é desconfiar de suas próprias visões. Nenhum meio informativo deixa de ter erros ou de envolver equívocos. Em conseqüência, tomar uma decisão difícil algumas vezes é como a busca da própria verdade: precisamos combinar diversos métodos e aplicar mais do que um único teste. A alternativa que surgir como a mais satisfatória, em tal método investigativo, é a que deve ser seguida. A despeito disso, sinto-me na obrigação de dizer que, em quase todas as importantes decisões que tenho tomado, foram-me dadas claras indicações que

ultrapassam à mera razão, o que me deixa profundamente admirado ante a orientação recebida. Isso faz parte da nossa herança espiritual, porquanto o Senhor mesmo disse que nunca nos deixaria e nem nos abandonaria (Mat. 28:20; Heb. 13:5). Ver o artigo geral sobre *Decisão*.

### DECISÃO, VALE DA

No hebraico, temos mais o sentido de *vale da decisão estrita* ou *vale do julgamento*. A expressão encontra-se em Joel 3:14, onde é aplicada ao vale de Josafá (ver Joel 3:2,12). Aparentemente, trata-se de um nome simbólico de um vale próximo de Jerusalém, conforme é sugerido no vs. 16 daquele capítulo. Porém, o nome Josafá significa, em hebraico, «Yahweh julga», pelo que o termo pode ser simbólico, sem o intuito de identificar qualquer área geográfica. Seja como for, no vale de Bênção, cerca de vinte e cinco quilômetros de Jerusalém, o rei Josafá observou a vitória de Yahweh sobre as nações pagãs (II Crônicas 20), o que serviu de microcosmo do ainda futuro Dia de Yahwéh. A partir do século IV D.C., o vale que entra na colina do templo e o monte das Oliveiras tem sido identificado com o texto de Joel. Ele nos diz como os exércitos das nações reunir-se-ão naquele vale. Yahweh então aparecerá em tremenda glória, e julgará às nações. Porém, esse mesmo Juiz servirá de refúgio para o seu povo. Alguns estudiosos, entendendo mui literalmente a cena, supõem que o trecho de Zacarias 14:4 resolve o problema de localização. O Senhor, ao retornar ao monte das Oliveiras, em poder e grande glória, por ocasião de seu segundo advento, fará surgir um vale, mediante um terremoto que ocorrerá nas proximidades.

### DECISÃO EXISTENCIAL

Uma decisão existencial é alguma atitude importante, que o indivíduo precisa assumir, a fim de ficar garantida a continuação do plano que governa a vida e a missão daquele indivíduo. Coisas que envolvem decisões dessa ordem são, para exemplificar, a vereda religiosa que deve ser seguida, questões sobre a própria educação, casamento, a escolha de uma profissão, mudanças de emprego, localização da área de trabalho, projetos importantes na vida, etc. Essas decisões mais importantes podem envolver decisões existenciais. O termo subentende que aquilo que alguém decide afeta a sua própria existência, ou ser essencial, estabelecendo diferenças em sua expressão na vida. Algumas vezes, grandes alterações não dependem de decisões existenciais válidas, nestes casos: 1. Aquilo que fica decidido envolve somente algo temporário, de importância relativa, embora, no momento da decisão, a questão seja considerada importante; o homem bom usualmente reverte essas decisões, quando são conseqüentes, em algum ponto ao longo de sua caminhada. 2. Nos casos em que os homens se envolvem em coisas que não concordam com a missão que lhes foi designada. As decisões importantes, feitas quando a pessoa está fora da vontade de Deus, não são verdadeiras decisões existenciais, porquanto não se originam nos requisitos do verdadeiro ser espiritual do homem. As pessoas que se distanciaram da verdadeira espiritualidade também não tomam decisões verdadeiramente existenciais. É possível alguém desviar-se do reto caminho. A primeira decisão existencial que essas pessoas precisam tomar é retornar à verdadeira espiritualidade.

Esse conceito repousa sobre o pressuposto de que

## DECLARAÇÃO — DECRETO

Deus está interessado na vida humana, e que ele tem um plano para a mesma. Em consequência, há um designio que governa a vida; e certas decisões ajudam na perpetuação desse designio.

Ver sobre *Decisão*, no seu quinto ponto.

### DECLARAÇÃO DE BARMEN

Está em vista a proclamação doutrinária expedida pela Igreja Confessional Alemã, quando do primeiro sínodo de Barmen, 29 e 30 de maio de 1934. Essa proclamação nega (contra os Cristãos Nacionais Alemães) a existência de revelações subordinadas, à parte da ímpar revelação de Deus, em Jesus Cristo. (C)

### DECLARAÇÃO DE FÉ DA IGREJA REFORMADA FRANCESA

Ver sobre *Confissão Galicana*.

### DECLARAÇÃO DE SAVÓIA

Ver *Savóia, Declaração de*.

### DECRETAS, FALSAS

Ver o artigo geral sobre os *Decretos Papais*. Pelos meados do século IX D.C., apareceram quatro coletâneas canônicas na Igreja Franca, as quais, por algum tempo, foram consideradas autorizadas, mas que atualmente são reconhecidas como documentos forjados. Essas quatro coletâneas receberam os nomes de *Hispana Augustodunensis*, *Capitula Angilramni*, *Capitula de Benedito*, o *Levita* (uma personagem fictícia) e as *Decretais de Isidoro Mercator*. Dentre essas quatro, a última é a mais importante, pelo que todas elas acabaram sendo chamadas *Decretais de Isidoro*. Um outro nome dado a essas decretais é *Decretais do Pseudo-Isidoro*. O secularismo ameaçava o poder da Igreja Católica, na França. As falsas decretais foram forjadas a fim de fortalecer a autoridade dos bispos, conferindo-lhes maior poder contra os nobres e os bispos metropolitanos. Esses documentos forjados incluíam a modificação de documentos já existentes, bem como a fabricação de novos documentos. Decretos de bispos foram transformados em decretos papais. Documentos autênticos foram unidos a documentos forjados. A obra-prima dessas falsas decretais foi a própria *Pseudo-Isidoro*. Todos os estudiosos admitem que o documento foi redigido em excelente e vívida linguagem. O autor chama a si mesmo, no prefácio, Isidoro Mercator, procurando fazer os leitores suporem que estava em foco Isidoro de Sevilha (635 D.C.). Nesse documento forjado temos a chamada *Doação de Constantino*, segundo a qual o papa se tornou o governante da porção ocidental do império romano. Nessa obra, há cerca de cento e quatro textos autênticos de mistura com cem textos forjados. Parte do material diz respeito a medidas de reforma, mas outra parte é simplesmente didática. Vários autores estavam envolvidos, e produziram um dos mais famosos documentos forjados de todos os tempos.

Foram necessários séculos para detectar a plena extensão da fraude, embora já desde a época de Hinemar de Reims (faleceu em 882 D.C.) alguns trechos já vinham sendo postos em dúvida. Mas foi somente no século XVI que toda a extensão da fraude começou a ser reconhecida. Naquele tempo, os

historiadores protestantes conhecidos como os Centuriões de Magdeburg negaram a autoridade geral desse documento e, naturalmente, acusaram o papado de fraude. Os historiadores católicos romanos esforçaram-se, até ao ridículo, para estabelecer a autenticidade desses documentos. No século XVIII foram reconhecidas como forjadas as *Capitula Angilramni*. Acredita-se atualmente que vários autores, entre 847 e 865 D.C., foram os executores dessa vergonhosa fraude. Infelizmente, partes diversas das falsas decretais foram incorporadas em documentos posteriores; e dessa maneira, receberam vida permanente. (AM B)

### DECRETO

Ver também *Decretos Divinos*.

Há três palavras hebraicas principais e uma palavra grega que precisam ser levadas em conta:

1. *Esar*, «laço». Palavra aramaica usada por sete vezes: Dan. 6:7-9,12,13,15.

2. *Gzerah*, «coisa decidida». Palavra aramaica usada por duas vezes: Dan. 4:17,24.

3. *Dath*, «lei», «decisão baixada». Palavra hebraica usada por vinte e duas vezes, como, por exemplo, em Est. 2:8; 3:15; 9:1,13,14; Dan. 2:9,13,15.

4. *Dogma*, «decreto». Palavra grega usada por cinco vezes: Luc. 2:1; Atos 16:4; 17:7; Efê. 2:15; Col. 2:14: O verbo, *dogmatizōmai*, «decretar», é emprestado somente em Col. 2:20.

Essa palavra tem sinônimos como «lei» ou «edito», nas traduções. As decisões oficiais dos reis do Oriente eram chamadas decretos. Eram publicamente proclamados pelos arautos oficiais (Jer. 34:8,9; Jon. 3:5-7; Dan. 3:4; 5:29). Mensageiros anunciavam os decretos reais a lugares distantes, a fim de garantir o seu cumprimento (I Sam. 11:7; Esd. 1:1; Amós 4:5). Algumas vezes, os decretos eram anunciados nas portas das cidades, nos mercados ou nos lugares onde o povo costumava reunir-se. — Em Jerusalém, esses decretos eram anunciados no templo.

No Novo Testamento, estão em foco os decretos do senado romano, com o uso do termo grego *dogma* (Luc. 2:1; Atos 7:7). Em Atos 16:4 a mesma palavra é usada para indicar os decretos do concílio de Jerusalém. Os trechos de Efésios 2:15 e Colossenses 2:14 usam essa palavra para indicar as provisões da lei mosaica.

É interessante observar que essa palavra não se encontra na Bíblia no sentido teológico dos «decretos de Deus». Contudo, a idéia pode ser vista, indicando como Deus cuida providencialmente de todas as coisas e determina o próprio curso da história (Dan. 4:24 e Sal. 2:7). As leis da natureza são baixadas e se cumprem mediante os decretos divinos (Jô 28:26; Pro. 8:29; Sal. 148:6).

### DECRETO APOSTÓLICO

A entrada dos gentios na primitiva Igreja cristã produziu um choque com o núcleo judaico já existente. De um lado havia costumes pagãos abomináveis para os judeus. Por outro lado, havia as doutrinas paulinas da graça e da justificação pela fé, com as quais os judeus se viam a braços.

Uma das questões, entre muitas outras, indagava-se a circuncisão era necessária ou não à salvação. Podiam os gentios, sem o selo abraâmico, ser reputados membros verdadeiros do novo Israel? Os cristãos judeus apegavam-se a seus antigos caminhos (Atos 15), enquanto que as igrejas missionárias, como

## DECRETO — DECRETOS DIVINOS

a de Antioquia, já estavam se afastando das raízes legalistas judaicas. A fim de tratar de problemas assim houve o primeiro concílio cristão, em Jerusalém. Ali, ficou decidido que a circuncisão não era condição para a salvação e nem era requisito para a comunhão. Deve ter sido uma decisão revolucionária para o período e condição da Igreja. — Os líderes cristãos, entretanto, julgaram de bom alvitre recomendar que os convertidos dentre os gentios se abstivessem de certas práticas, devido às suas associações idólatras, a fim de que não fossem escandalizados seus irmãos judeus, o que poderia causar a desarmonia e a divisão no seio da Igreja. A proibição decretada por esse concílio, pois, tornou-se conhecida como *Decreto Apostólico*. Tiago fez a lista dos requisitos, conforme o registro de Atos 15:29. Há uma outra alusão a essas decisões em Atos 21:25.

Há um problema textual relacionado a isso, que afeta o número das proibições. O texto alexandrino tem quatro itens: 1. Os gentios devem abster-se da poluição da idolatria; 2. da imoralidade; 3. da carne de animais mortos por sufocamento; 4. da ingestão de sangue. Mas o texto ocidental omite a questão de carne de «animais sufocados», adicionando uma forma negativa da regra áurea, dizendo: «O que não queres que ocorra contigo, não o faças a outrem». Essas alterações fazem o decreto tornar-se uma espécie de instrução ética geral, mas a forma alexandrina sem dúvida é a original.

**Conceitos:** Abster-se das poluições idólatras sem dúvida incluía evitar carnes que sobejavam dos sacrifícios pagãos, e mui provavelmente, qualquer participação em ritos e eventos sociais vinculados à idolatria. Como é óbvio, os crentes não se envolveriam em idolatria franca, pelo que não é isso que está em pauta aqui. A proibição relativa ao sangue inclui, ou beber sangue ou comer carne ainda com seu sangue, o que é resultado inevitável do abate de animais por estrangulamento. Alguns pensam que esse preceito indica «não matarás», pelo que a proibição envolveria o homicídio, mas a idéia é ridícula. Não seria mister salientar aos crentes, mesmo gentios, que não deveriam tornar-se culpados de assassinato.

Excetuando o mandamento de abster-se da imoralidade sexual, esse decreto deve ser visto como uma concessão às sensibilidades judaicas acerca de coisas ofensivas, embora envolva algumas coisas que em si mesmas não são erradas. Se isso é verdade, o ponto leva-nos ao terreno da liberdade do crente, ventilada em Rom. 14. Há certas coisas que evitamos a fim de não escandalizarmos outros crentes, e que, se não fosse isso, poderíamos praticar. Paulo ao abordar muitos problemas existentes na igreja de Corinto, jamais apelou para esses decretos. Antes, alicerçou todos os seus argumentos sobre princípios éticos ou sobre a liberdade cristã, se estivessem envolvidas questões não-éticas. Ver I Cor. 10:23 ss. Quanto a idéias adicionais sobre os decretos, ver o NTI, introdução ao cap. 15 de Atos, e Atos 15:1,20,29. Essas notas mostram que a questão do decreto foi manuseada em escritos e em concílios posteriores da Igreja, além de darem uma plena exposição das próprias proibições. (B NTI)

### DECRETOS DIVINOS

*Esboço:*

I. Caracterização Geral

II. Um Termo Coletivo

III. Alguns Decretos Divinos Específicos

I. Caracterização Geral

Essa é a expressão usada na teologia para indicar aqueles atos da vontade de Deus que: 1. representam o seu propósito; 2. estavam presentes com ele desde a eternidade passada; 3. são cumpridos por ele dentro do tempo e do contexto humano; 4. determinam o curso da história, coletiva ou individualmente; 5. determinam o destino espiritual dos homens e dos anjos.

A teologia reformada enfatizava a questão, ensinando que tudo quanto acontece deve-se aos eternos decretos de Deus. Os arminianos modificaram isso, supondo que os decretos divinos, apesar de reais no tocante à salvação dos homens, são condicionados pela fé e pela fidelidade previstas. Porém, a teologia calvinista insiste em que os decretos de Deus não estão condicionados a qualquer fator humano. Nesse ponto, entramos na antiga e insolúvel controvérsia acerca da relação entre o determinismo divino e o livre-arbítrio humano. Ver os artigos sobre o *Determinismo* e sobre o *Livre-Arbítrio*. Aqueles que defendem o conceito dos decretos divinos em sua forma mais radical insistem que todas as coisas sucedem em resultado do exercício da soberania de Deus. Essa doutrina despreza as causas secundárias, caindo na armadilha de fazer de Deus a única causa, até mesmo do mal. O nono capítulo da epístola aos Romanos reflete essa maneira de pensar, de tal modo que Deus pode fazer um homem ser mau, se isso contribui para um bom propósito, como o da glorificação de sua pessoa, ou o de fomentar o bem-estar de seu povo escolhido. Alguns reformadores, percebendo a armadilha preparada por um raciocínio simplista, rígido e sem sofisticação, começaram a falar sobre os decretos permissivos de Deus; mas isso envolve uma contradição de termos, porquanto aquilo que meramente permite, não decreta. É melhor admitirmos que o problema do determinismo divino versus o livre-arbítrio humano envolve-nos em um paradoxo (que vide) isto é, nos pólos opostos de uma idéia teológica. Ver o artigo sobre a *Polaridade*.

Quando o trecho de Atos 2:23 fala sobre como a crucificação do Filho de Deus de alguma maneira esteve envolvida no conselho de Deus, de modo algum ensina-nos como isso pode ter sucedido. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como isso possa ser. O problema inteiro do pecado permanece um mistério, envolvenos no *Problema do Mal*, o que é longamente comentado no artigo desse nome. Talvez o máximo que podemos dizer é que Deus permitiu o pecado em sua criação porque tinha um alvo superior em vista, o que justifica o fato de que ele não resguardou a sua criação da entrada do mal. Parte desse alvo consistia em levar o homem a participar da natureza divina; e para que isso sucedesse, era mister que o homem fosse possuidor de livre-arbítrio genuíno, isto é, um agente no processo de transformação, com a ajuda do impulso dado pelo Espírito Santo. Esse princípio é claramente exarado em Filipenses 2:12,13. Precisamos efetuar a nossa própria salvação, com a utilização do livre-arbítrio. Porém, em última análise, é Deus quem «efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade». Isso posto, temos a clara enunciação do paradoxo de que falamos acima, embora sem qualquer tentativa para explicá-lo. É possível que, neste lado da existência, nem compreendêssemos a explicação, se ela nos tivesse sido dada. Portanto, precisamos aplicar o princípio da polaridade. Em outras palavras, algumas verdades reveladas são grandes demais para serem centralizadas em um único ponto. Essas verdades compõem-se de dois pólos bem separados. Quando Deus outorgou

## DECRETOS — DECRETOS PAPAIS

livre arbítrio ao homem, deu-lhe também o *potencial* para pecar; e de acordo com a lei de Murphy, (se algo *pode* acontecer, *acontecerá*), o homem pecou. Porém, isso foi de *menor* consequência para o homem do que não possuir e nem poder usar de livre-arbítrio, visto que, sem esse fator, o elevado alvo da salvação jamais poderia ter sido alcançado.

Dentro dos decretos de Deus vemo-nos envolvidos nas inexecráveis relações existentes entre o que é eterno e o que é temporal, entre o que é divino e o que é humano, entre o que é infinito e o que é finito.

### II. Um Termo Coletivo

O termo «decreto» é empregado para referir-se ao propósito divino (Efé. 1:11), ao conselho determinativo de Deus (Atos 2:23), à sua presciência (I Ped. 1:2,20), ao seu propósito eletivo (I Tes. 1:4), à sua predestinação à salvação (Rom. 8:30), à vontade divina (Efé. 1:11), e ao seu beneplácito (Efé. 1:9). Os decretos abarcam o começo e o prosseguimento inteiro da criação, incluindo tudo quanto é material e imaterial, mortal e imortal. A palavra «predestinação» aplica-se a essa ampla perspectiva, ao passo que a palavra *eleição* envolve, mais especificamente, a salvação do homem, por ser esta um subcategoria da predestinação. A «reprovação» e a «retribuição» aplicam-se ao destino dos não-eleitos.

### III. Alguns Decretos Divinos Específicos

As amplas definições dadas acima naturalmente requerem a existência de muitos decretos divinos, pelo que o que se segue é apenas sugestivo:

1. *O ato criativo.* Deus é a fonte e a causa de todas as coisas (Gên. 1 e 2; Sal. 33:6; 148:5; Nee. 9:6; Atos 17:28; Rom. 11:36; I Cor. 8:6). O Novo Testamento define esse ato realizado através do Logos (o Filho de Deus) (João 1:1 ss; Col. 1:16,17). Deus existia desde antes de todas as coisas (Sal. 90:2; João 17:5,24). Ele possui a vida necessária, aquela que não pode não existir, da qual todas as outras vidas são dependentes. Ver o artigo separado sobre a *Criação*.

2. *A ordenação e sustentação de todas as coisas.* Isso inclui a idéia da *providência* de Deus (Deu. 30:1-10; Dan. 2:31-45; Atos 15:13-18; Rom. 11:13-29). No Novo Testamento, essa providência é definida através do Logos (Filho de Deus) (João 1:7; Col. 1:17). Conforme esta última referência diz, todas as coisas foram criadas nele, por ele e para ele; e outro tanto é dito acerca do Pai, em I Coríntios 8:6. O poder *preservador* de Deus é frisado em trechos como Nee. 9:6; Sal. 36:6; Col. 1:17 e Heb. 1,2,3. E a sua *providência* envolve todas as coisas, ativa ou passivamente (Deu. 8:2; II Crô. 32:31; Osé. 4:17; Rom. 1:24,28; cap. 9; Gên. 50:20; Sal. 76:10; Isa. 10:5; João 13:37; Atos 4:28).

3. *Eleição.* Rom. 8:29 e Efé. 1:5. Ver o artigo separado a esse respeito.

4. *Adoção.* Rom. 8:14-17. Ver o artigo separado a esse respeito.

5. *Transformação do crente segundo a imagem de Cristo.* É mediante essa transformação que o crente vem a participar da natureza divina (Rom. 8:29; II Cor. 3:18; II Ped. 1:4; Col. 2:10). Ver o artigo separado a esse respeito.

6. *Reprovação.* Rom. 8:15 ss. Ver o artigo separado a esse respeito.

7. *Oração eficaz.* Essa oração garante a interação da vontade divina com a vontade humana, de maneira significativa (João 14:14; Rom. 8:26,27).

8. *Milagres.* Os milagres são intervenções divinas determinadas pelos decretos de Deus (Atos 2:19; Mat. 12:38; João 2:18).

9. *Operação universal da graça.* Tito 2:11 e Efé. 2:7-10.

10. *Restauração final de todas as coisas.* Efé. 1:10,23. Ver o artigo sobre esse assunto, sob o título *Restauração*.

11. *A missão universal de Cristo.* Essa missão inclui seu ministério preencarnado, seu ministério encarnado, sua morte, sua descida ao hades, sua ressurreição e ascensão, e sua segunda vinda (João 1:1 ss; João 17; I Ped. 3:18-4:6; I Tes. 4:17 ss; I Cor. cap. 15; Rom. 8:26 ss; a epístola de Hebreus e Apo. caps. 21 e 22).

*Conclusão.* Os decretos divinos são os atos da soberana vontade de Deus que podemos distinguir. Em seu conjunto, esses decretos formam o seu propósito, o qual abarca a eternidade passada e futura, e o próprio tempo. Eles constituem a *história*, no sentido mais lato da palavra, envolvendo o destino eterno de todos os seres inteligentes, bem como a disposição dos mundos materiais. Pessoalmente, eu tenho a fé para acreditar que os homens realizam seu potencial *mais alto* por causa dos *decretos divinos*. Eles sempre funcionam segundo o *amor* de Deus, não contrariamente, para o prejuízo do homem, como o calvinismo radical ensina. (B CHA E).

## DECRETOS PAPAIS

Esses decretos são de várias naturezas, a saber:

Há as *epistolae decretales*, os pronunciamentos papais, coligidos e inseridos nos livros legais da era medieval, incluídos na lei canônica (que vide), que visam a todos os cristãos, mas que usualmente são dirigidos aos oficiais eclesiásticos, cuja responsabilidade é orientar a comunhão geral dos fiéis. O termo *decretais* apareceu pela primeira vez no sínodo de Roma, de 496 D.C. De modo geral, uma decretal, tal como uma constituição, é uma declaração universal, visando à orientação geral dos cristãos. É contrastada como o *rescripto* (que vide) que é dado a um indivíduo para regulamentar alguma situação particular. Um rescripto, contudo, pode tornar-se universal, aplicável a coisas em geral; e, nesse caso, torna-se uma decretal. A mais antiga decretal conhecida da Igreja é a do papa Sirício, de 385 D.C., um regulamento acerca do celibato, enviado ao bispo Himério, de Tarragona.

A *Avellana* é a mais antiga coletânea de decretais que se conhece. Há decretais autênticas e falsas. As autênticas são aquelas produzidas genuinamente pelos papas. As falsas são aquelas produzidas por usurpadores e por indivíduos não-autorizados. Ver o artigo separado sobre as *Decretais, Falsas*.

As decretais são distinguidas dos decretos dos concílios gerais (ver sobre os *Concílios Ecumênicos*), que são chamados *cânones*. Após o tempo de Graciano (que vide) o termo «decretal» adquiriu sentido mais amplo, designando qualquer coletânea de leis eclesiásticas. Importantes coletâneas medievais de decretais foram as *Compilationes Antiquae*, o *Corpus Juris Canonici*, o *Liber Sextus*, as *Clementinae*, as *Extravagantes Communes* não-oficiais, as *Extravagantes* de João XXII, o *Liber Septimus* de Clemente VIII. As coletâneas mais recentes de legislações papais denominam-se as *Bullaria*. As decretais da era medieval foram coligidas em um documento chamado *Corpus Juris Canonici*, que então deu lugar a uma nova redação, no *Codex Juris Canonici*, iniciado por Pio X e promulgado a 19 de maio de 1918, por Benedito XV. Desse modo, as antigas provisões das decretais retiveram poder e legalidade, dentro da moderna Igreja Católica Romana. (AM E)

**DEDÃ**

No hebraico, **balxo**; mas outros estudiosos preferem pensar que seu sentido é incerto. Há duas pessoas e uma área geográfica com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Filho de Ramá, filho de Cuxe, filho de Cão (Gên. 10:7). O trecho de I Crônicas 1:9 refere-se a ele. Seu irmão era Sabá. Viveu em cerca de 2200 A.C.

2. Um filho de Jocsã, filho de Abraão e Quetura (Gên. 25:3; I Crô. 1:32). Ele se tornou fundador de tribos árabes. Viveu em torno de 1800 A.C.

3. *As Tribos*. Um oráculo concernente à Arábia menciona Dedã localizada nos bosques de palmeiras da Arábia, participante de caravanas (Isa. 21:13). Juntamente com Buz, são mencionadas como um povo que cortava as pontas dos seus cabelos (Jer. 25:23). A profecia contra Edom incluía uma advertência a Dedã, sobre um juízo divino iminente (Jer. 25:23). De modo geral, em Eze. 25:13, o termo «Edom» inclui todo o território de Temã e Dedã. O trecho de Ezequiel 27:15 tem uma referência ao nome dessa tribo. Eles negociavam com Tiro (Eze. 27:20). Além disso, Dedã é mencionada com Sabá na profecia que envolve Gogue (Eze. 38:13,14). A conclusão que se pode tirar é que eles eram tribos associadas aos habitantes da Arábia, embora sua identidade exata permaneça desconhecida. Fontes extrabíblicas referem-se a Dedã como uma oásis nas rotas comerciais dos povos de Sabá, Temã e Buz. Esse oásis era chamado Ed-dagá, até 1200 D.C., e tem havido algumas descobertas arqueológicas feitas na área. Talvez a moderna El-'ula seja a correta identificação do local. Fica localizada a oitenta quilômetros do mar Vermelho, na Arábia central. O nome talvez sobreviva na ilha de Dedã, nas margens do golfo Pérsico.

**DEDICAÇÃO, FESTA DA**

O artigo intitulado *Festividades Religiosas dos Judeus* apresenta um sumário da questão. Essa festa também era chamada festa de *Hanukkah*. Era celebrada anualmente, por um período de oito dias, a fim de comemorar a purificação do templo de Jerusalém pelos Macabeus, após o mesmo haver sido contaminado pelos sírios, sob a direção de Antíoco IV Epifânio (I Macabeus 4:52-59; II Macabeus 10:5). Judas Macabeu, o hasmoneu, foi a principal figura envolvida nessa revolta contra os sírios e na rededicação do templo, em 165 A.C., isto é, três anos depois que o mesmo fora corrompido. Antíoco mostrou-se fanático em suas tentativas de helenização dos territórios a ele sujeitos, e via na fé dos hebreus um obstáculo para os seus desígnios. Ele pensava que se pudesse corromper-lhes a fé, poderia quebrantar-lhes a resistência. Portanto, mandou erigir um altar idólatra sobre o altar dos holocaustos, no templo de Jerusalém, sobre o qual ofereceu sacrifícios pagãos. Somos informados de que ele chegou ao ponto de oferecer uma porca sobre aquele altar. Ver I Macabeus 1:41-64; II Macabeus 6:1-11; Josefo (*Anti.* 11:5,4). Os hasmoneus ergueram o grito de guerra e a revolta irrompeu por toda a parte. Finalmente, Israel foi capaz de derrotar Antíoco (Josefo, *Anti.* 12:5,4; 7,4). A festa para comemorar a vitória foi efetuada no mês de Quisleu, o nosso dezembro, embora sua celebração tenha variado quanto ao mês do ano. Josefo chama esse evento de «festa das Luzes». Foi efetuada mais ou menos segundo o estilo da festa dos Tabernáculos (II Macabeus 10:6). Sua característica mais proeminente era a iluminação mediante tochas

ou lâmpadas, o que explica seu nome alternativo. Podia ser celebrada fora de Jerusalém, nas sinagogas locais. O *Hallel* (que vide) era entoado, as palmas eram levadas em cortejo, e o templo (ou as sinagogas) e as casas particulares eram iluminadas. Não se permitia lamentações de qualquer sorte. A única referência à mesma, no Novo Testamento, aparece em João 10:22,23. Jesus caminhou pelo pórtico de Salomão, nessa ocasião, e ali debateu com alguns adversários. Foi uma ocasião na qual ele asseverou a sua deidade e a sua autoridade divina. «Eu e o Pai somos um» (João 10:30).

*Festa da Dedicção em Nossos Dias*. A comunidade judaica atual continua celebrando essa festa religiosa. A família reúne-se; o pai acende as velas; uma oração de agradecimento a Deus é feita; o poder libertador de Deus é relembrado; presentes e algum dinheiro são distribuídos às crianças; jogos são efetuados à noite, com o acompanhamento de quebra-cabeças e a troca de gracejos. Na Europa, fazia parte dessa festividade o consumo de panquecas. (E EDI)

**DEDICAR, DEDICAÇÃO**

Dois palavras hebraicas e uma palavra grega precisam ser consideradas:

1. *Chanak*, «pressionar», «dedicar». Palavra hebraica que ocorre por cinco vezes: Deu. 20:5; I Reis 8:63; II Crô. 7:5; Pro. 22:6.

2. *Qadesh*, «separar», «santificar». Termo hebraico usado por cerca de cento e setenta vezes. Por exemplo: Jui. 17:3; II Sam. 8:11; II Reis 12:18; I Crô. 18:11; 26:26-28; II Crô. 2:4; Gên. 2:3; Exo. 13:2; 15:30; Núm. 7:1; Deu. 5:12; 32:51; Jos. 7:13; Eze. 20:12; 36:28; Joel 1:4; 2:15,16.

3. *Egkainízo*, «renovar». Palavra grega usada por duas vezes: Heb. 9:18 e 10:20.

1. *Usos no Antigo Testamento*. Uma cerimônia religiosa mediante a qual alguma coisa qualquer era dedicada ou consagrada ao serviço de Deus, geralmente com os ritos apropriados: a. Moisés dedicou o tabernáculo no deserto (Exo. 40; Núm. 7). b. Salomão dedicou o templo de Jerusalém (I Reis 8). c. Os exilados judeus que retornaram da Babilônia dedicaram o segundo templo (Esd. 6:16,17). d. Os Macabeus, tendo purificado o templo, rededicaram (I Macabeus 4:52-59), e uma cerimônia anual relembra o fato ao povo. e. Lugares sagrados eram solenemente dedicados (Deu. 20:5; Sal. 30 (no título); Nec. 12:27).

2. *Idéias Centrais*. a. Separar para uso santo, seguindo o exemplo do Deus santo, o qual é separado de toda a contaminação (Isa. 6:3). b. Essa idéia é também transferida para lugares (Jer. 31:40), para pessoas (Exo. 28:3) e para coisas usadas nos ritos religiosos (Exo. 29:37). Até no Novo Testamento encontramos a idéia de pessoas dedicadas (João 10:37), de coisas dedicadas (Atos 9:13), de lugares dedicados (Mat. 23:17). O primeiro pacto foi dedicado (Heb. 9:18), assim tornando-se um meio de conferir santidade aos homens.

3. *Idéias Neotestamentárias*. Já vimos, no contexto do Novo Testamento, a dedicação de pessoas, de coisas e de lugares. Mas também temos a dedicação, por parte de Cristo, do «novo e vivo caminho», que foi trazido à luz por meio do evangelho (Heb. 10:20). O relacionamento com Cristo produz um elevado grau de dedicação por parte dos seus seguidores, conforme é demonstrado nas vidas de seus apóstolos, que deixaram tudo a fim de segui-lo (Mat. 4:19 ss; cap. 10; Mar. 10:28). O discipulado cristão requer a total renúncia de todas as ambições meramente pessoais,

## DEDO — DEDUÇÃO

além de profunda dedicação (Mat. 8:34 ss). O apóstolo Paulo deu-nos o mais brilhante exemplo de dedicação (Fil. 3:7 ss). Os crentes individuais são convocados dentro o mundo para uma singular dedicação à inquirição espiritual (Rom. 12:1,2).

4. *Outros Usos.* Os ritos de dedicação eram usados quanto a questões religiosas e seculares, igualmente. Há a iniciação de uma igreja, de um edifício, de um projeto, de uma organização, etc. Faz parte inerente desses ritos a idéia de alguma forma de *bênção* que haverá de prevalecer, visando o bem da pessoa ou coisa dedicada. Com freqüência, as dedicações eram lembradas mediante celebrações anuais.

5. *O Impulso.* O homem sente sua insignificância e temporalidade. Mediante a dedicação de coisas ou de si mesmo, o homem procura assinalar as coisas e a sua própria vida com um toque de importância e presumivelmente, com um toque de alguma forma de permanência. Jesus prometeu que isso realmente será feito àqueles que se dedicarem a ele mesmo e ao evangelho. De fato, ele ensinou que nessa dedicação está envolvida a eterna salvação da alma (Mar. 8:34,35). Não passa de um insensato aquele que dedica a sua vida a projetos terrenos, em uma atitude contrária a dos santos de Deus, que renunciam às coisas terrenas, que não podem reter, para se dedicarem àquilo que não podem perder, conforme disse, de certa feita, um mártir cristão.

### DEDO

No hebraico, *etsba*, com pequena variação no aramaico (esta última forma somente em Dan. 5:5). A palavra hebraica ocorre por trinta e duas vezes. Para exemplificar, Êxo. 8:19; Lev. 4:6,17,25,30; 16:14,19; Núm. 19:4; Sal. 8:3; Pro. 6:13; Can. 5:5; Isa. 2:8; 59:3; Jer. 52:21. No grego, *dáktulos*, termo que figura por nove vezes: Mat. 23:4; Mar. 7:33; Luc. 11:20,46; 16:24; João 8:6,8; 20:25,27. Tanto a palavra hebraica quanto a palavra grega indicam tanto um dedo da mão quanto um artelho do pé, pois não havia termos diferentes para esses dois apêndices do corpo. A palavra grega também indicava a menor medida de comprimento entre os gregos, a saber, a largura de um dedo, cerca de 1,78 cm.

#### I. O Dedo Literal

Ver usos literais do dedo no A.T.: o sacerdote que molhava um dedo no sangue dos sacrifícios (Lev. 4:6,17,25 etc.); quando o azeite era aspergido com o auxílio dos dedos (Lev. 14:16,27). Os dedos eram usados em gesticulações, durante os diálogos entre pessoas (Pro. 6:13). Um dedo podia representar a mão inteira, como no caso de dedos manchados de sangue (Isa. 59:3; em português, dedos contaminados de iniquidade). Em I Crô. 20:6, há menção a certa curiosidade genética de um homem com um dedo extra em cada mão e um artelho extra em cada pé. Belsazar viu uma mão que escrevia palavras enigmáticas na caiadura da parede da sala do banquete (Dan. 5:5). Jesus escreveu alguma coisa na areia, com o dedo, enquanto certos homens acusavam a mulher apanhada em adultério (João 8:6). Tomé, um dos apóstolos de Jesus foi convidado a pôr seu dedo sobre os ferimentos cicatrizados das mãos de Jesus, que haviam sido produzidos pelos cravos da cruz (João 20:25,27).

#### II. Usos Figurados

1. *O dedo de Deus.* Essa expressão indica o *poder de Deus* e a precisão com que ele é capaz de empregá-lo. Quando os mágicos egípcios não puderam continuar duplicando as pragas de Moisés,

reconheceram que naquilo havia o *dedo de Deus*. Em outras palavras, aquilo era algo que somente Deus era capaz de fazer, era um ato divino. O incidente provou a autoridade de Arão e Moisés. Lemos em Deu. 9:10 que os dez mandamentos foram escritos pelo dedo de Deus. Os céus foram feitos pelos dedos de Deus (Sal. 8:3). Algo tão maravilhoso como isso requereu todos os seus dedos. O poder que Jesus tinha de expulsar os espíritos malignos é referido como o *dedo de Deus*, em Lucas 11:20. O paralelo de Mateus diz «Espírito», sendo provável que uma coisa interprete a outra. Seja como for, o poder de Deus para fazer algo específico de modo eficaz, está em vista.

2. O «dedo que ameaça», em Isaías 58:9, refere-se ao uso dos dedos, em gesticulação, durante alguma conversa, talvez dando a entender que alguém apontava o dedo em direção dos humildes e piedosos.

3. A grossura «de quatro dedos» indica uma medida (ver Jer. 52:21). Tal medida era tomada com a mão espalmada, na largura maior dos quatro dedos da palma da mão, sem o polegar, o que dá uma média de 7,5 cm. Ver o artigo separado sobre *Quatro Dedos*.

4. Reoboão, filho de Salomão, taxou pesadamente o povo de Israel e ainda vangloriou-se de que seu dedo mínimo (com o qual, figuradamente, exercia pressão) era mais grosso que a cintura de seu pai (I Reis 12:10).

5. Os fariseus costumavam impor pesadas cargas ao povo, mas não ajudavam a quem quer que fosse, nem com um dedo, o que aponta para a indiferença para com as exigências morais e religiosas que eles mesmos impunham (Mat. 23:4).

6. *O dedo faz parte integral da mão*, apesar de ser uma entidade separada. Por causa dessa circunstância, tenho usado a figura do dedo, no tocante à mão, na tentativa de explicar a relação entre o juízo de Deus e a mão de Deus. Essas idéias não são contraditórias, da mesma maneira que um dedo não contradiz a sua própria mão, e nem faz oposição à mesma. Consideremos esta frase: «O julgamento divino é um dedo da mão amorosa de Deus». Isso significa que o juízo é um instrumento do amor de Deus. O juízo divino haverá de realizar alguma coisa. É mister que esse juízo seja remedial, e não apenas punitivo, conforme também se aprende em I Pedro 4:6.

7. *A doutrina oriental do superego*, que supõe que o superego humano pode encarnar-se em mais de um lugar ao mesmo tempo, emprega a comparação entre um dedo e a sua mão. A mão representa o superego, a entidade espiritual humana verdadeira. Os dedos da mão representam diversas encarnações alegadas, que teriam lugar ao mesmo tempo. Porém, há uma unidade essencial entre todos os dedos e a sua respectiva mão. Portanto, o superego pode obter informações da parte de várias vidas ao mesmo tempo, enquanto preserva a sua unidade essencial, a despeito do fato de que vários corpos possam ser usados por ele, ao mesmo tempo.

8. *Os estudos clínicos sobre os sonhos* têm demonstrado que qualquer objeto pontudo, incluindo um dedo, pode representar o pênis.

### DEDO DE DEUS

Ver o artigo sobre *Dedo*, II. 1.

### DEDUÇÃO

Um argumento considerado válido por ser impossível asseverar as premissas e negar a conclusão, *sem*



## DEDUÇÃO — DEFESA

se cair em contradição. Essa palavra é empregada em conexão com os silogismos de Aristóteles, embora não se confine a isso, na filosofia. Um famoso e mui usado silogismo é aquele que ilustra as deduções lógicas, a saber: «Todos os homens são mortais; Sócrates é um homem; portanto, Sócrates é mortal». A lógica filosófica, silogística, é o estudo das condições que precisam prevalecer para que um silogismo seja declarado válido, bem como quais as condições que invalidam um silogismo. Por exemplo: Todos os gatos são animais; todos os cães são animais; portanto, todos os gatos são cães. Uma pessoa que cultive a lógica pode dizer por que esse silogismo não é correto.

1. A *lógica dedutiva* de Aristóteles foi tão bem pensada que Kant afirmou que, em dois mil anos, não fora preciso alterar um só passo sequer. Naturalmente, Aristóteles foi o organizador da lógica filosófica dedutiva. Entretanto, na filosofia outros sentidos têm sido dados ao termo *dedução*.

2. Para John Stuart Mill (que vide) a *dedução* é uma transformação verbal, como no caso das inferências imediatas, ou então é uma inferência provável que, sob mais profunda análise, mostra ser uma indução (que vide).

3. Para Peirce (que vide) a dedução está vinculada à coligação ou às premissas, em termos formais.

4. O leitor precisa contrastar a dedução com a indução.

5. Dentro da *fé religiosa*, uma forma de dedução é freqüentemente utilizada. Um conjunto de textos bíblicos de prova é selecionado a fim de resolver quaisquer problemas sobre pontos teológicos. Com base nos mesmos são tiradas deduções, por meio do raciocínio, a fim de estabelecer outras idéias ou doutrinas. Esse tipo de prova, apesar de não ser inútil, depende, em *primeiro lugar*, da suposição de que os textos de prova foram devidamente escolhidos e interpretados; e em *segundo lugar*, da abrangência dos próprios textos de prova, que nos foram dados por meio da revelação. Desnecessário é dizer que esse sistema pode ser usado para provar quase qualquer coisa, o que significa que o método tem sido sujeito a muitos abusos. Tal como outros meios de busca da verdade, trata-se de um método parcial, devendo ser empregado com cautela. (F P)

### DEFENSOR DA FÉ

Vem do latim, *Fidel Defensor*, um título usado por Henrique VIII (que vide) depois que o papa Leão X (que vide) lho concedeu. Essa honra lhe foi concedida por causa de uma obra que ele havia produzido, acerca dos sete sacramentos, a fim de combater idéias de Lutero. Henrique queria glorificar-se com esse título, imitando outros, como Rex Christianissimus (França) e Rex Catholicus (Espanha). A despeito do subsequente rompimento de Henrique com Roma, o título continua sendo usado pelos soberanos britânicos.

### DEFESA, MECANISMOS DE

Todos nós temos impulsos, sentimentos e pensamentos que não podemos manusear devidamente na mente consciente. Isso posto, aplicamos os chamados mecanismos de defesa, para minimizar e/ou evitar a ansiedade daí resultante. Todas as pessoas empregam os mecanismos de defesa. Se forem usados com parcimônia, quem poderá objetar? Porém, o processo também envolve formas anormais e neuróticas. As ansiedades ameaçam a integridade da pessoa e de seu

auto-respeito. Portanto, é mister que haja certa defesa. Abaixo damos as formas comuns dessas defesas.

1. *Compensação*. Se alguém falha em uma área, poderá distinguir-se em outra área, assim preservando o seu auto-respeito. Além disso, através desse meio, a pessoa poderá tornar-se mais útil para si mesma e para o próximo. Todavia, ela poderá exagerar, tornando-se culpada de autoglorificação, mediante suas realizações.

2. *Deslocação*. Um homem sente-se frustrado e irado. Mas não é capaz de dirigir seu ressentimento contra o objeto que o deixa consternado, pelo que volta os seus sentimentos contra uma pessoa ou coisa substituída. Quantas esposas têm sofrido, por causa dessa atitude, por parte de seus maridos!

3. *Fantasia*. Uma pessoa almeja certa coisa, ou deseja realizar certa coisa, ou quer ser reconhecida, amada, etc., mas, na vida real, não consegue o que tanto quer. Então ela inventa um mundo imaginário, onde seus desejos são concretizados, e, algumas vezes, em forma bem elaborada e contínua. Os devaneios estão envolvidos nisso. Algumas vezes, a fantasia tem produzido grandes novelas, quando um autor habilidoso lança em forma escrita as fantasias que cria. Muitos filmes cinematográficos e produções teatrais têm sido produzidos com base na fantasia.

4. *Nomadismo*. Uma pessoa sente-se incapaz de enfrentar o mundo e vencê-lo. Então supõe que se pudesse mudar-se de área geográfica ou de emprego, poderia obter sucesso. Isso posto, lança-se em sua busca, indo de lugar em lugar, de emprego para emprego. Trata-se de um mecanismo de escape.

5. *Supercompensação*. Essa é a forma exagerada do primeiro desses mecanismos de defesa. Um homem falhou em determinada área, embora tenha obtido sucesso em outra área, e então fica obcecado pela idéia do sucesso naquela outra área também. Torna-se fanático em seu trabalho, como se seu trabalho o embebedasse. Apesar de que assim poderá obter muito sucesso, corre o perigo de negligenciar outras importantes áreas da vida, alienando-se de outras pessoas, porquanto em nada mais se envolve senão no seu trabalho. Por outro lado, devemos nos lembrar de que há pessoas que gostam de trabalhar arduamente, sem que isso envolva qualquer tipo de supercompensação, por mais que as pessoas se mostrem fanáticas em seu trabalho.

6. *Projeção*. A pessoa demonstra uma doentia tendência em sua personalidade. Não querendo enfrentar o fato, projeta essa tendência para outra pessoa, à qual critica acerbamente. Essas tendências com freqüência não são reconhecidas pelo projetor. Muitos sermões iracundos e virulentos são feitos por pregadores que, na realidade, estão atacando seus próprios impulsos e desejos, embora mediante o mecanismo da projeção, quando atacam os vícios de uma sociedade corrupta.

7. *Racionalização*. Uma pessoa deixa-se arrastar por pensamentos, atos e qualidades de personalidade distorcidos. Não querendo enfrentar essa realidade, cria intermináveis racionalizações para justificá-la. A *ira* torna-se uma autodefesa. A *impaciência* torna-se uma urgência para fazer qualquer trabalho. *Atos errados* são supostamente justificados como atos de retribuição ou mesmo como defesas da justiça. O *ódio* torna-se uma defesa da fé. A *contenção* torna-se uma luta contra as forças malignas. A *ambição pessoal* faz-se passar pelo trabalho em favor do Senhor.

8. *Formação de reações*. Um homem tem desejos socialmente inaceitáveis. Ele gostaria de praticar certas coisas questionáveis. Em reação a isso,

## DEFESA — DEFINIÇÃO

desenvolve atitudes e comportamentos que contradizem esses desejos, mas que, na realidade, refletem seus sentimentos íntimos. Assim, um homem com tendências homossexuais, ou com algum outro grave problema de personalidade, pode ingressar em um seminário para tornar-se um ministro, na tentativa de corrigir sua má tendência.

9. *Regressão.* Um homem sente que está fazendo e realizando coisas que não se ajustam às condições de alguma outra porção de sua vida. Assim, ele reverte a seus caminhos anteriores, onde se sentia mais seguro e adequado. Essa regressão pode ser um mecanismo de escape, porque tal indivíduo não é capaz de cumprir aquilo que pensa que se espera dele, e assim retorna a um caminho inferior de vida, para evitar a contínua confrontação com uma situação que não sabe manusear devidamente.

10. *Repressão.* Questões que causam dor, vergonha ou senso de culpa são excluídas da mente consciente, para que não tenham de ser enfrentadas. A psicanálise especializa-se no desvendamento dessas atitudes ocultas, trazendo-as à tona, a fim de serem enfrentadas e vencidas. Se não forem enfrentadas, elas podem causar toda espécie de ansiedade e neurose.

11. *Sublimação.* Um homem tem dificuldades para satisfazer seus impulsos sexuais de uma maneira que se ajustem aos padrões da sociedade. Portanto, ele escolhe uma alternativa. Há tal coisa como *conversão biológica*, especialmente entre os indivíduos jovens. Um jovem, por exemplo, pode interessar-se profundamente pela igreja e por questões religiosas, durante a época em que sua biologia requer que ele reproduza a sua espécie. Ele freqüenta a igreja porque gosta do contacto social com as jovens que ali se acham. Sua real motivação é biológica-sexual, mas ele representa isso, para si mesmo, como se fosse um profundo interesse por questões religiosas, sendo bem possível que ele nem entenda o que está acontecendo. Mas é interessante ver, seja como for, como certos jovens, depois que se casam, quando então conseguem controlar melhor seus impulsos sexuais, perdem todo interesse pela religião.

Dentro do vocabulário da química, a palavra *sublimação* significa converter um sólido em vapor, mediante calor. Vem do termo latino que significa «elevado», com a idéia de «refinar», nos contextos comuns. Em outras palavras, uma pessoa pode elevar seus impulsos mais vis, convertendo-os em algo aceitável para si mesma e para as outras pessoas. Nessa terminologia, podemos incluir muito mais do que os impulsos sexuais. Qualquer impulso primitivo, convertido em impulso mais refinado, pode estar em foco. Alguns estudiosos pensam que a palavra latina *limen*, «verga», seja a palavra raiz envolvida, por ser essa a peça mais elevada de uma porta ou janela.

12. *Substituição.* Uma pessoa quer fazer certa coisa; mas essa coisa ou é algo que está acima de sua capacidade ou de seus recursos, ou então é algo que não é aceitável para ela mesma e para outras pessoas. Em consequência, ela a substitui por alguma outra coisa, assim evitando a ansiedade que o fracasso criaria. A substituição pode ter o mesmo sentido que a sublimação, mas pode incluir uma gama mais ampla de ações.

**Observações.** 1. Não nos livramos de atos e atitudes errados meramente porque lhes pomos um rótulo e dizemos: «Estes são meus mecanismos de defesa». Há casos em que nem nos deveríamos envolver nesse tipo de atividade. É melhor a pessoa ser uma *vencedora*. 2. Alguns desses mecanismos, contudo, são úteis,

podendo ser legitimamente usados, sendo atos legítimos que nos ajudam a aceitar a nós mesmos e a sermos úteis. 3. Alguns desses mecanismos de defesa são perversões, da maneira como são empregados, representando antigos pecados. Se empregarmos algum dos mecanismos de defesa para defender um ato moralmente errado, ou que nos faça sentir menores do que deveríamos ser, então tal ato é condenável. 4. É útil termos conhecimentos gerais sobre tudo, e o conhecimento acerca desses mecanismos pode ajudar-nos a entender melhor o que fazemos, pelo que poderemos fazer os ajustes apropriados em nossa conduta. (H)

## DEFINIÇÃO

Vem do latim, *de* e *finire*, com o sentido de «limitar». Há muitos modos de limitar um conceito, uma intuição, uma experiência ou uma proposição, pelo que também há muitas idéias que estão ligadas à palavra «definição». De modo geral, podemos dizer que uma definição é um processo ou expressão que provê o sentido exato dessas coisas. Uma definição não pode estar limitada à linguagem, porque há outras maneiras de definir as coisas.

1. *Definição verbal.* Nesse caso, uma definição (definiens) corretamente feita será logicamente equivalente à palavra ou frase definida (definendum), de tal modo que uma pode ser substituída pela outra. A definição pode ser considerada um sentido estabelecido no presente, ou um sentido projetado para o futuro. No primeiro caso, a definição é chamada *descritiva*; no segundo, *prescritiva* ou *estipulativa*. Para exemplificar: «O homem (definendum) é um animal racional (definiens)». Essa é uma definição descritiva porquanto trata de um sentido presente. Se formulássemos uma declaração que projetasse aquilo em que o homem poderá tornar-se, como «O homem será um espírito eterno», então teríamos uma definição prescritiva.

2. *Definição léxica e estipulativa.* As definições léxicas são as definições comuns que dizem respeito a vocábulos, desenvolvidos através da história de uma língua qualquer. Desenvolvimentos e refinamentos dessas definições são chamados *estipulativos*. Por exemplo: A temperatura é a sensação ou estado de estar quente ou frio, ou mais ou menos meio-termo (uso comum, léxico). Mas também há aquelas medições científicas da temperatura, o que já representa uma atividade estipulativa.

3. *Definição ostensiva ou elaborada.* Uma definição ostensiva é verbal, tal como aquela que envolve o uso de nomes próprios. Na *elaboração*, temos uma definição por meio da enumeração de subcategorias. A definição ostensiva salienta verbalmente as coisas, mediante termos específicos. A elaboração é uma extensão e desenvolvimento do processo.

4. *Gênero e diferença.* Em seu trabalho sobre biologia, Aristóteles descobriu a utilidade desse tipo de definição. As características comuns dão-nos a classificação dos gêneros. Porém, dentro de cada gênero, há uma classe ou categoria de coisas, como *Homo sapiens*. Porém, dentro dessa classe geral, há subclasses ou categorias que são descobertas devido às diferenças. A diferença (*differentia*) supre o fator distinguidor ou os fatores distinguidores, que separam uma entidade de uma classe geral. Quando Aristóteles referiu-se ao homem como um «animal racional», ele empregou esse tipo de definição. *Animal* é o gênero; e *racional* é o fator distinguidor, que separa o homem da classe dos animais, fazendo

## DEFINIÇÃO — DEGRAU

dele uma subcategoria.

5. *Paráfrase*. Esse termo e esse modo de definição foram sugeridos por Bentham (que vide). As sentenças podem incluir matéria fictícia. Só podemos chegar a uma verdadeira definição e a um sentido verdadeiro se negarmos a validade da mesma, substituindo-a por material referente a realidades conhecidas. Muitos itens da teologia podem ser eliminados por meio desse conceito, visto que não podemos encontrar coisas, neste mundo material, correspondentes aos conceitos espirituais e às presumíveis realidades.

6. *Definições nominais*. Alguns lógicos, como J.S. Mill, supõem que as definições são apenas nomes que usamos na linguagem, dando-nos informações sobre a própria linguagem, e não sobre as realidades separadas da mesma. Quando uso a palavra «ouro», isso não me diz qualquer coisa sobre a natureza desse metal. Quando uso o termo «Deus», nem por isso estou dizendo qualquer coisa acerca da natureza divina. Posso dizer que Deus é um *espírito*, e, aparentemente, terei dito algo sobre Deus; mas, se alguém perguntar-me o que é um espírito, nada saberei adiantar. Posso falar em *matéria*, mas a ciência não sabe o que é a matéria, porquanto o próprio átomo é uma entidade misteriosa. Isso posto, nas definições terminamos essencialmente apenas com as palavras da linguagem.

7. *Definições impredivas*. Poincaré (que vide) supunha que as definições são incapazes de descrever uma classe inteira, podendo falar somente a respeito de subcategorias. A definição que pretende falar sobre uma classe inteira chama-se definição imprediva.

8. *Definição persuasiva*. Essa definição é feita mediante o uso de uma palavra em sentido dúbio, com o intuito de tomar por empréstimo o prestígio que aquela palavra tem, a fim de estabelecer a autoridade da coisa assim chamada. Para exemplificar: Adolfo Hitler chamava seu Socialismo Nacional de verdadeira democracia. Os comunistas chamam seus sistemas totalitários de democracia; mas ali o povo nunca vota e os direitos do indivíduo são suprimidos. A palavra democracia é usada de modo impróprio, mas o prestígio da mesma é transferido para um conceito ou sistema político onde não há qualquer democracia. Portanto, mediante o uso de uma palavra, o povo é *persuadido* a aceitar alguma coisa. Thomas Altizer falava sobre os seus pensamentos como ateísmo cristão, ao mesmo tempo em que afirmava que Deus havia morrido. Ver o artigo sobre a *Morte de Deus*. Assim também a palavra *cristão* foi usada para persuadir as pessoas a aceitarem certa forma de ateísmo, como se correspondesse à verdade.

9. *Definição racional*. Estou olvidando, momentaneamente, o dilema do conhecimento humano, conforme foi demonstrado no sexto ponto. Ali, as definições são apenas termos da linguagem, e tentam, através da razão pura, definir algo, como, por exemplo, um termo ético. Assevero no que consiste a *sabedoria*. Obtenho minhas definições com base exclusiva na razão, supondo que o homem, como ser racional que é, possui certo conhecimento que ultrapassa a experiência e as definições verbais, mas que pode ser parcialmente expresso por meio de palavras.

10. *Definição intuitiva*. Esse tipo de definição surge dentro de mim mesmo, de alguma fonte desconhecida, de minha alma, ou de alguma fonte exterior, como o Espírito de Deus, sob a forma de *discernimento*. Posso definir isso por meio de

palavras, pelo menos em parte. Porém, meu discernimento me provê uma importante definição acerca de algum aspecto da existência. Percebo o que está *certo* (conceito ético); e percebo a *permanência* do espírito, compreendendo o que é a *esperança*, etc.

11. *Definição mística*. Meus sonhos, minhas visões, minhas revelações conferem-me uma definição sobre alguma coisa. Isso pode ser subjetivo (meu próprio espírito está operando), ou pode ser *objetivo* (alguma entidade, separada de mim, está fazendo uma comunicação). Meus discernimentos podem ser parcialmente explicados por meio de palavras, embora haja certa inefabilidade acerca dessa espécie de definição. Elas entram naquela porção de nossa realidade que ainda não é bem conhecida por nós, por causa de nosso baixo estado metafísico. (F P EP MM)

### DEFINIÇÃO DE ESTADO

Ver *Estado*, *Definição de*.

### DEFINIÇÃO DE RELIGIÃO

Ver *Religião*, *Definição de*.

### DEFINIÇÃO LÉXICA

Ver o artigo geral sobre *Definição*, segundo item.

### DEFINIÇÃO REAL

Chama-se assim à definição que consegue definir a essência de alguma coisa, ou a essência da coisa em si mesma, em contraste com alguma definição meramente nominal ou verbal. — A diferença de sentido entre essas duas possibilidades é a mesma entre o *realismo* (que vide) e o *nominalismo* (que vide). Ver o artigo sobre os *universais*.

O grande problema que cerca as definições reais é que elas são capazes de capturar essências na linguagem, algo que, segundo Kant, não pode ser feito. Definimos as coisas segundo *nós somos*, e não como as próprias coisas são. Para exemplificar, as nossas definições de Deus são apenas antropomorfismos elevados. Porém, estamos limitados a esse método, visto que somente esse método de comparação reflete a nossa experiência na vida diária.

### DEGRAU, GRAU (Ver também sobre *Eacada*)

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolidas, a saber:

1. *Maalah*, «subida». Essa palavra hebraica é usada por quarenta e cinco vezes, com o sentido de «graus», como se vê, por exemplo, em II Reis 20:9,10,11; Salmos 120-134 (no título); Isa. 38:8.

2. *Bathmós*, «degrau», «subida». Palavra grega usada somente em I Tim. 3:13.

*O Relógio de sol*. Não conhecemos a natureza exata do relógio de sol de Ezequias; mas, por meio desse relógio, fazendo a sombra retroceder dez graus, o Senhor concedeu a Ezequias o prolongamento de sua vida física (II Reis 20:8-10; ver também Isa. 38:8).

*Cânticos dos Degraus*. Há quinze salmos (120 a 134) onde aparecem essas palavras no título de cada um deles. Contudo, a expressão é muito vaga, impedindo que os intérpretes concordem sobre o seu significado. Alguns supõem que está em foco o estilo específico com que esses salmos foram escritos. As palavras finais da sentença anterior com frequência são reiteradas no começo da sentença seguinte, produzindo uma espécie de subida, ou degrau. Ver

## DEGRAU — DEIFICAÇÃO

Sal. 121:4,5 e 124:1,2, e também os versículos 3 e 4 do mesmo salmo. Outros estudiosos supõem que a palavra *degrau* (em nossa versão portuguesa, «romagem») refere-se aos quinze degraus que conduziam do átrio das mulheres ao átrio dos homens, no templo de Jerusalém. Supõe-se que em cada um desses degraus era entoado um desses salmos. Ainda outros eruditos supõem que esses salmos eram usados pelos peregrinos que os entoavam enquanto subiam a Jerusalém, cada um deles assinalando, por assim dizer, um estágio da viagem. Quatro desses salmos são atribuídos a Davi, um a Salomão, enquanto que o resto é anônimo.

**Justa Preeminência.** Em I Timóteo 3:13 aparece essa expressão, ao passo que no grego encontramos a expressão *bathmôn kalôn*, «boa posição», «boa subida», «boa promoção». Essa expressão grega é usada para designar uma subida espiritual. O crente pode subir ou descer em sua posição espiritual. Isso depende do uso correto dos meios espirituais de desenvolvimento, que são: a leitura da Bíblia e de outros livros úteis para a iluminação espiritual. Esse método treina a mente quanto às verdades espirituais. A oração e sua irmã gêmea, a meditação. Ver os artigos separados sobre esses dois assuntos. A santificação (que vide) é um fator necessário à realização espiritual. A prática da lei do amor (o padrão de toda a espiritualidade), vinculada às boas obras, não pode ser omitida pelo homem espiritual. Além disso, há o toque místico, a possessão e o emprego dos dons espirituais, o uso da meditação, e das experiências místicas, que iluminam e encorajam o crescimento espiritual.

### DEIFICAÇÃO

Essa palavra vem do latim *deus*, «deus». Esse termo alude ao processo cerimonial, religioso ou social mediante o qual um homem, em sua doutrina, ou mediante o qual a sociedade eleva-se acima de si mesma, até à divindade. Na sociedade grega, o ceticismo e as religiões primitivas rebaixaram a tal ponto a idéia de divindade que se chegou a pensar que homens especiais, como os heróis das lendas gregas, podiam vir a participar, de alguma forma, da natureza divina. No Antigo Testamento, encontramos aquela instância na qual Satanás eleva-se, em seu orgulho, julgando-se semelhante ao Altíssimo. Essa é uma forma de deificação. Ver Isaías 14:14. Nas religiões antigas, em muitas culturas, julgava-se que o rei, de algum modo, era filho de algum deus, ou estava relacionado à linhagem dos deuses. Esse conceito pode incluir a idéia de que há certa afinidade de almas, de natureza espiritual, com os deuses, que seriam espíritos. Alexandre, o Grande, recebeu sua primeira *apoteose* (que vide) por ocasião do oráculo de Amom, no Egito; e por todo o Oriente, no auge de seu poder, ele era considerado divino. No grego, *apoteose* significa «deificação». As lendas gregas apresentavam os heróis como filhos de deuses ou deusas. Os deuses, em cooperação com os homens ou mulheres mortais, teriam gerado os heróis. Alguns estudiosos têm pensado que o ensino bíblico do nascimento virginal de Jesus, pelo Espírito Santo, é uma manifestação dessa doutrina, tão comum na cultura grega. Antíoco IV Epifânio teve a coragem de identificar-se com Zeus, chamando-se de «deus». Sabemos que, no Egito, os monarcas eram considerados divinos, sendo perfeitamente possível que Antíoco estava adotando essa doutrina para si mesmo. Os Ptolomeus, vivos e já falecidos, eram adorados como divindades.

De Júlio César em diante, a deificação dos imperadores tornou-se parte da política de Roma. Alguns imperadores romanos levaram a sério a questão, mas nem todos. Porém, a deificação, mesmo não passando de uma farsa, servia para aumentar a autoridade dos imperadores. — Estes eram adorados como divindades durante toda a vida, e, por ocasião da morte, eram oficialmente dedicados. É com base nesse fato que Vespasiano fez uma piada, quando estava prestes a morrer: «Penso que estou me tornando um deus». Certos imperadores loucos, como Calígula, Nero e Domiciano insistiam em receber honras divinas mesmo enquanto viviam. O movimento anticristão e o culto ao imperador divino chegou ao seu ponto culminante nos fins do século III D.C. Quando Constantino converteu-se ao cristianismo, cessou essa prática; mas, mesmo depois disso, continuou sendo usado o título *Divus*, aplicado aos imperadores romanos.

**A deificação e as perseguições contra os cristãos.** Reconhecer e jurar pelo «gênio» (presença divina) do imperador tornou-se um teste de lealdade ao império romano, e não apenas parte da religião pagã. Os cristãos, que se recusavam a participar desse pequeno ato de idolatria, eram perseguidos e mortos, segundo se aprende em Trajano, *ep.* 96; *Mart. Polycarpi*. O trecho de Apocalipse 2:10,13 reflete esse culto. A história informa-nos que essa prática nem sempre esteve localizada em Roma. Nos distritos periféricos, os governantes locais conseguiram ser — dedicados —, pelo que estavam em posição de perpetuar toda espécie de erros, investidos de uma falsa autoridade.

**A doutrina neotestamentária da participação do homem na natureza divina.** O evangelho promete a nossa transformação segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29), através de muitos estágios, mediante o poder do Espírito (II Cor. 3:18). Isso ocorre por recebermos a *pleroma* (plenitude, a natureza divina com todos os seus atributos) divina (Col. 2:10). E o resultado é que chegamos a participar da própria natureza divina (II Ped. 1:4), o que nos permitirá atingir a forma de vida de Deus, a vida necessária e independente (João 5:25,26). Há um artigo separado sobre o assunto, chamado *Divindade, Participação dos Homens na*. Isso é obtido quando participamos da forma de vida do Filho de Deus, — que é o nosso irmão mais velho, o que significa que nos tornamos membros genuínos da família divina, ao fim desse processo. Essa é a mais elevada de todas as promessas do evangelho. É errado reduzirmos isso à participação moral em algumas das qualidades divinas. II Pedro e Colossenses são livros bíblicos que encerram esse ensino, no seu combate contra o gnosticismo. Os mestres gnósticos referiam-se à *pleroma* como a manifestação da natureza divina sob a forma de muitas ordens de seres angelicais, o que seria uma participação real, posto que fragmentar, na natureza de Deus, o qual se emanaria a si mesmo. Dizer que Cristo contém toda essa *pleroma* divina, segundo se lê em Col. 2:9,10, seria uma afirmação ridícula se a real participação na natureza divina não estivesse em foco. Nesse caso, o apóstolo Paulo estaria abusando do termo, embora em sentido radicalmente diferente, sem qualquer tentativa de redefinir o termo.

**O que podemos dizer é que a participação dos remidos, na natureza divina, será real, em proporções crescentes, mas sempre finitas, porquanto ninguém pode tornar-se como o Deus infinito. Visto que há uma infinitude com que seremos enchidos, também deverá haver um preenchimento infinito. Em consequência, a glorificação será um processo eterno, e não algo que sucederá de uma vez por todas, por ocasião**

## DE INESSE — DEÍSMO

de nossa morte física ou por ocasião da *parousia*, embora essas ocorrências assinalem avanços significativos. O trecho de Efésios 3:19 diz-nos que o nosso destino é sermos enchidos com *toda a plenitude* de Deus. Isso nunca será atingido, finalmente, mas estará sempre em *andamento*, em grau sempre crescente. Uma taça de chá não pode conter o oceano inteiro, mas pode ser totalmente cheia com água do oceano. Além disso, as dimensões da taça podem ir aumentando cada vez mais.

### DE INESSE

Deriva-se do latim, *inesse*, «sendo em», uma expressão técnica usada pelos eruditos com dois sentidos, a saber: 1. Quando um predicado é afirmado (*est in*) ou negado (*non est in*), no tocante a alguma proposição. Usa-se a expressão de *inesse* em contraste com proposições que refletem mera possibilidade ou necessidade. 2. Visto que os acidentes das substâncias eram considerados não existentes em si mesmos (*in se*), mas em alguma outra coisa (*in alio*), dizia-se que o seu modo de ser, no tocante à substância a que pertenciam, dava-se de uma maneira de *inesse*.

### DEÍSMO

*Esboço:*

I. Definições Básicas

II. Ateísmo Prático

III. Contribuições Principais

IV. Críticas

Ver o artigo separado sobre os *Cinco Pilares do Deísmo*. Essas cinco doutrinas foram sugeridas por Herbert Cherbury (que vide). Elas são as seguintes: 1. A existência de um Ser supremo. 2. Ele é digno de ser adorado. 3. Precisamos de santidade para nos relacionarmos com ele. 4. O arrependimento expia pelo pecado. 5. Nossas obras precisam ser galardoadas ou punidas, além da morte biológica. Popularmente, o deísmo e o teísmo algumas vezes aparecem como sinônimos; porém, no uso filosófico, esses dois conceitos são claramente distinguidos um do outro.

#### I. Definições Básicas

A palavra vem do latim *deus*, «deus». Os socinianos (que vide) introduziram o termo no século VI. Porém, veio a ser aplicado a um movimento dos séculos XVII e XVIII, que enfatizava que o conhecimento sobre questões religiosas e espirituais vem através da razão, e não através da revelação, que sempre aparece como suspeita e como instrumento de fanáticos e de pessoas de estabilidade mental questionável.

1. Essa circunstância outorga-nos a característica básica do *deísmo*: um conhecimento adquirido através da razão, e não através da revelação. A isso chamamos de religião *natural*, em contraste com a religião *sobrenatural*.

2. O termo *deísmo* também é usado para aludir à idéia de que existe uma *primeira causa*, que podemos chamar de *deus*, mas que não é intrinsecamente perfeita ou completa, e nem é o objeto apropriado de nossa adoração.

3. Na filosofia, o termo é usado em contraste com o *teísmo* (que vide). Nesse caso, afirma que houve um deus ou força cósmica de algum tipo que deu origem à criação, mas que, ato contínuo, abandonou a sua criação, deixando-a entregue ao controle das leis naturais. Assim sendo, Deus não teria qualquer interesse por sua própria criação, não intervindo, nem galardoadando e nem castigando. Isso significa que

Deus está divorciado de sua criação. Em contraste, o teísmo ensina a presença de Deus na criação, intervindo, galardoadando e punindo. O homem é responsável diante dos princípios divinos, e será devidamente galardoadado ou punido, segundo suas ações; mas, de acordo com o deísmo, isso dar-se-ia por meio de leis naturais, as quais, para todos os propósitos práticos, tornam-se uma divindade substituta.

#### II. Ateísmo Prático

É muito difícil pensarmos nas leis naturais como uma divindade. Se elas são o nosso deus, então, apesar de existir um Ser Supremo, para todos os propósitos práticos, vivemos como ateus. Os deístas da Inglaterra, nos séculos XVII e XVIII, atacaram as chamadas *religiões reveladas*, especialmente o cristianismo. Eles asseveravam que as supostas revelações do Antigo e do Novo Testamentos são, na realidade, uma coleção de livros fabulosos e sem autenticidade. Lord Herbert de Cherbury (que vide; 1583-1648) tem sido chamado de «pai do deísmo». Apresentamos os cinco pilares ou doutrinas do deísmo, na declaração introdutória do artigo sobre o *Deísmo*. Contudo, ele era menos radical do que os deístas que se seguiram, pois ele insistia principalmente sobre a religião natural, através da *lumen naturae*, a luz da natureza, como o modo de se tomar conhecimento das verdades religiosas, em vez da revelação. — Os deístas mais extremados foram Thomas Morgan, Thomas Chubb e Thomas Woolston. É curioso que todos os três se chamassem Thomas, mas o mais provável é que tudo foi mero acaso. Outros deístas de nota foram John Toland e Matthew Tindal. Este último despertou especial atenção por causa de seus ataques contra o bispo Butler (que vide). Seus escritos mais bem conhecidos foram *Christianity as Old as the Creation* e *The Gospel, a Republication of the Religion of Nature*.

#### III. Contribuições Principais

Os homens que criaram o movimento deísta não foram eruditos de nome em qualquer sentido. Não obstante, prestaram um bom serviço ao exigirem a liberdade de pensamento e de expressão, bem como o direito de criticar. Sem esses elementos é muito difícil os homens crescerem intelectualmente, e a busca pela verdade é cortada pelas raízes. Há muitas mentes fechadas, muitas portas fechadas nas igrejas e denominações evangélicas. A verdade não precisa que edificamos cercas ao seu derredor. John Toland (que vide) argumentava em favor da natureza razoável do cristianismo, tanto que não insistamos rigidamente sobre cada uma de suas doutrinas (incluindo a doutrina da revelação), tendo declarado: «A verdade é a minha única ortodoxia». Sinto-me inclinado a apoiar essa declaração, porquanto ela demonstra um genuíno interesse pela obtenção da verdade, a despeito das limitações de busca que outras pessoas nos impõem, apesar de não concordar com a posição do deísmo.

#### IV. Críticas

1. Sabemos que Deus revelou-se através da natureza e da razão. A verdade chega até nós de muitas maneiras, e não apenas através da revelação. Também sabemos que a revelação, bem como todos os demais modos de comunicação da verdade, é parcial e sujeita a erro, devido aos veículos humanos empregados, porque tudo quanto passa pelo homem será eivado de imperfeições humanas. Não obstante, o cristianismo mantém-se de pé ou cai juntamente com a revelação; e outro tanto pode ser dito acerca do

judáismo. Portanto, apesar de admitirmos outros modos de comunicação da verdade, parece insensatez sacrificar uma genuína avenida de conhecimento, como é a revelação. Outrossim, a revelação (que vide) é o principal meio de comunicação espiritual, acima da intuição, do faciôcio e dos sentidos.

2. O movimento deísta presta-se a exageros. Refere-se em termos desprezadores às Escrituras, e não podemos ver nisso qualquer sentido. Nesse ataque há um certo espírito amargo, que jamais nos poderá conduzir à verdade.

3. O deísmo produziu alguns membros radicais, como Thomas Woolston, que exagerou no uso do método alegórico de interpretação, rejeitando tanto o ofício profético quanto a realidade dos milagres. Esse tipo de ceticismo (que vide) não nos leva muito perto da verdade. O bispo Butler (que vide) defendia o elemento miraculoso da religião cristã, procurando contra-atacar o deísmo quanto a esse e a outros particulares.

4. A obra de John Toland, *Christianity not Mysterious*, mostrou ser uma espécie de meio-termo na direção do panteísmo. Alguns deístas terminam como virtuais ateus. Anthony Collins negava, de modo peremptório, a validade do cristianismo. O seu *Discourse on Free-thinking* (1713) fez a expressão «livre-pensamento» tornar-se um virtual sinônimo de ceticismo, ou mesmo de ateísmo. Mas isso é um abuso da linguagem. Precisamos de livres-pensadores no sentido positivo da palavra, que verdadeiramente, sem ceticismo e sem amargor de espírito, tenham a verdade como a sua única ortodoxia.

5. *Voltaire* (que vide), o deísta francês, foi muito influenciado por seus pares ingleses. Ele, como homem de eloquência incomum que era, poderia ter comandado um exército em favor do bem. Poderia ter sido achado na frente da batalha; mas, por causa de seu ceticismo e amargor, retrocedeu ao ponto de perder-se de vista. (AM C E P WA)

### DEISSMAN, ADOLF

Nasceu em 1886. A data de sua morte é desconhecida. Foi erudito do Novo Testamento, tendo-se mostrado atuante em Heidelberg e Berlim. Foi um dos primeiros, se não mesmo o primeiro, a observar que o grego do Novo Testamento é o mesmo grego dos documentos em papiro, escritos no vernáculo do começo da era cristã, e não o grego ático dos gramáticos (o que ele afirmou em seu livro *Bibelstudien*, de 1895). Isso conduziu a uma investigação e compreensão genuínas do Novo Testamento em grego, em contraste com o grego clássico, o que resultou em melhores traduções para as línguas modernas. Deissman também chamou a atenção para o fato de que o Novo Testamento encerra cartas pessoais genuínas, como aquelas de Paulo, que fazem contraste com outros livros, como o tratado aos Hebreus, os quais, apesar de imitarem as epístolas paulinas, na verdade são tratados. Uma de suas maiores contribuições foi o estudo dos papíros e das inscrições da época do Novo Testamento, para mostrar como eles iluminam a linguagem do Novo Testamento (*Licht vom Osten*, 1908). Ele escreveu uma vívida biografia de Paulo, em 1910.

### DELAIAS

No hebraico, «liberto por Yahweh». Outros estudiosos preferem pensar no sentido «o Senhor atraiu». Há três personagens e uma tribo com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O pai de Semaías, filho de Meeteabel (Nee 4:10). Viveu em torno de 410 A.C.

2. Um filho de Semaías, um dos príncipes dos dias do rei Jeoaquim (Jer. 36:12,25). Viveu em torno de 600 A.C.

3. Um sacerdote e líder do vigésimo terceiro turno, no serviço do templo de Jerusalém (I Crô. 24:18). Viveu em torno de 1014 A.C.

4. Nome tribal dos descendentes de Delaías, que se encontravam entre aqueles que retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (Esdras 2:60; Nee. 7:62). Viveu em cerca de 536 A.C. Eles encontraram certa dificuldade para provar que eram verdadeiros israelitas, por motivo de genealogias.

### DELIBERAÇÃO

No campo da ética (que vide) essa palavra é usada para aludir ao processo mediante o qual um homem faz escolhas morais. Essas escolhas alicerçam-se sobre a consideração de valores; mas os valores são interpretados de muitos modos diversos e conflitantes. Perguntas como: — No que consiste o certo? No que consiste o bem?, não podem ser facilmente respondidas. Por detrás das respostas jazem as nossas crenças religiosas, filosóficas, políticas e sociais. Portanto, as nossas deliberações são muito condicionadas desde o começo. Diversas definições do bem fazem com que nem sempre o que é bom corresponda ao que é certo. Se o bem supremo de um homem é o prazer (ver sobre o *hedonismo*), poderíamos indagar se uma pessoa nada tem de melhor para fazer neste mundo do que divertir-se. Se esse bem consiste na *apatia* (estoicismo), poderíamos indagar quanta razão positiva pode estar ao lado daqueles que estão buscando evitar qualquer envolvimento emocional. Alguns têm pensado que a *consciência* é adequada para todas as definições e deliberações morais. Para os crentes, o primeiro padrão para as deliberações é o padrão espiritual. Os padrões espirituais nos são ensinados nas Sagradas Escrituras. Além destas, há a considerar a consciência, — que embora imperfeita e sujeita a distorções, usualmente serve de bom guia, mesmo nos casos questionáveis. Quanto mais espiritual for um homem, mais sensível será a sua consciência. O grande guia para distinguirmos aquilo que é bom e correto é a lei do amor, que cumpre toda a lei e os profetas (Rom. 13:8 ss), — que também serve de prova da espiritualidade de uma pessoa (I João 4:8 ss). Amamos porque Deus nos amou primeiro, pelo que o próprio amor está baseado no Ser divino (I João 4:19). O certo e o bom são inseparáveis. O amor é o solo onde são cultivadas todas as demais virtudes cristãs (Gál. 5:22,23). O amor é o nosso melhor professor acerca do que seja o certo e o bom. Ver o artigo geral sobre o *Amor*.

### DELINQUÊNCIA JUVENIL

A teologia de tendências calvinistas assegura-nos que a natureza humana é inerentemente má, desde o nascimento. Aqueles que crêm na *preexistência* da alma dizem-nos que o problema da alma corrompida começou antes mesmo da união do espírito humano com o seu corpo físico. *Freud* insistia em que toda espécie de réptil horrendo ocultava-se na mente até mesmo das crianças pequenas. Ele dispunha de evidências clínicas em comprovação à sua teoria. A *Bíblia* não nos apresenta um quadro muito lisonjeiro sobre a natureza humana, — que é ali descrita como decaída, desde o próprio berço (Salmos 51:5 estipula: «Eu

## DELINQUÊNCIA JUVENIL

nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe»: A doutrina do *pecado original* (que vide) tem sido intensamente ridicularizada nos tempos modernos, mas o problema da delinquência juvenil, que se perpetua e aumenta cada vez mais, favorece a posição tomada pela antiga teologia sobre o pecado original.

*Esboço:*

### I. Definição

### II. Disciplinas Envolvidas no Estudo do Problema

### III. Causas Propostas

### IV. O Remédio Espiritual

### I. Definição

A delinquência juvenil aponta para aquele comportamento criminoso praticado por jovens adolescentes, ainda menores de idade, que geralmente inaugura uma vida inteira caracterizada pelo crime. Esse crime tem o mais variegado escopo, incluindo desde as ofensas menores até às mais graves, como furto, vadiagem, vandalismo, atos de crueldade, atos sexuais, e chegando até ao homicídio. Atualmente, alguns jovens se têm envolvido até mesmo em furtos eletrônicos, quando, através de seus computadores domésticos, invadem o sistema bancário que cada vez mais depende da computação eletrônica.

### II. Disciplinas Envolvidas no Estudo do Problema

Advogados, sociólogos, psicólogos, antropólogos, psiquiatras, biólogos e teólogos todos têm participado do estudo desse problema da delinquência juvenil. Suas causas complexas requerem grande complexidade de soluções propostas, mas que não podem ser devidamente manuseadas por qualquer disciplina em particular. Ademais, não existe uma classificação única de delinquentes juvenis. Há aqueles delinquentes que procedem de famílias ricas e respeitáveis, cujos motivos não são fáceis de determinar. Há aqueles outros que vêm de famílias pobres, destruídas, e que vão engrossar os malfetores das ruas. É fácil perceber por qual razão alguns desses delinquentes tornaram-se tais. Mas as classificações também incluem tipos de comportamento, e não meramente tipos diferentes de pessoas. O jovem adolescente que chega a matar a uma pessoa por certo não tem o mesmo grau de periculosidade de um outro que furta algo de um supermercado, a fim de matar a fome. Em consequência, profissionais de várias profissões são necessários para encetar o combate às complexidades da delinquência juvenil.

### III. Causas Propostas

1. *Atitudes paternas* como atos, tipos de disciplina ou ausência da mesma. Essas atitudes podem exercer efeitos sobre os atos de um jovem adolescente. É verdade que Freud exagerou quanto à importância dessas causas, mas as evidências clínicas a respeito não podem ser ignoradas.

2. *Normas de subgrupos que fazem parte da sociedade.* Um jovem que tenha de enfrentar a violência das ruas talvez conte com um bom lar. Contudo, para efeito de sobrevivência e aprovação por parte de outros jovens de sua idade, ele poderá apelar para um comportamento anti-social, prejudicial. No entanto, os subgrupos também podem exercer uma influência positiva, como é o caso da Igreja, de sociedades fraternas, de clubes esportivos, etc., que podem exercer uma influência benéfica.

3. *Herança genética:* — A maior parte dos estudos sobre o campo da delinquência juvenil tem enfatizado fatores sociais, econômicos e de meio ambiente. Todavia, alguns estudos apontam para a possibilidade da existência da *mente criminosa*, inteiramente à parte de fatores ambientais. Alguns

delinquentes, incluindo aqueles que procedem de bons lares, têm demonstrado que, desde seus mais verdes anos, inclinaram-se para a mentira, para o engano, para o espírito de briga e para o furto, ao passo que seus irmãos permanecem jovens «normais». Nos Estados Unidos da América, cerca de metade dos criminosos não se tornou tal por razões econômicas e ambientais. Na Suécia, onde o pobre não conta como um grande fator social, os estudos têm demonstrado o aparecimento da mente criminosa, inteiramente à parte de fatores ambientais. Alguns peritos têm sugerido que esse tipo de mentalidade é provocado por defeitos no cérebro. Não há que duvidar que isso é um fator, embora não haja evidências de que se trata de um dos fatores principais.

4. *Fatores sociais.* — Conforme já se disse acima, quase todos os estudos que têm sido feitos nessa área apontam para causas ambientais, sociais e econômicas como causas do comportamento criminoso, anti-social. Muitos pensadores, entretanto, têm insistido que fatores correlatos da delinquência não são, necessariamente, causas. De fato, em Londres, a delinquência juvenil é muito mais um fenômeno da classe média, e não das classes sociais menos privilegiadas, economicamente falando. Apesar de poder ser demonstrado que as perturbações dos lares da classe média podem ser uma causa importante do comportamento anti-social (pois um jovem endinheirado ainda assim pode ter sua mente perturbada por brigas dos pais divorciados), ainda assim estamos falando sobre uma causa, e não sobre a causa dos problemas que afetam os jovens da classe média. O pior problema desses jovens da classe média parece ser a *permissividade* dos pais. Esse fator pode ser muito mais prejudicial que a pobreza. Essa permissividade geralmente ocorre em meio a uma atmosfera relaxada, quando as necessidades essenciais de uma família são supridas por recursos materiais adequados. Quando as pessoas não estão lutando pela própria sobrevivência, podem ter atitudes relaxadas, o que é refletido naquela declaração que diz «andar à vontade em Sião». Ver Amós 6:1. Uma outra declaração é aquela que diz que o diabo encontra o que fazer para as mãos que estão ociosas. Na realidade, uma causa clara do crime é a necessidade de excitação, diante da contínua monotonia. Já li, em algum livro, que uma das razões pelas quais eram executadas bruxas na fogueira, nas aldeias da Idade Média, — era a sede de excitação em que viviam muitas pessoas de então. Os jovens que têm muito tempo para gastar e muito pouco para fazer, além de muito dinheiro, acabam buscando a excitação do crime como uma válvula de escape. Essa é uma horrenda maneira de temperar a vida; mas, há ocasiões em que até bons jovens são tentados.

5. *A Dimensão do Extra-Tempo.* — Deveríamos considerar o caso da *preexistência* da alma. Muitos pais alexandrinos da Igreja supunham que o homem essencial, que é a alma, é uma entidade antiqüíssima, ao passo que a manifestação terrena, em um corpo físico, é de origem comparativamente recente. Outros, além dessa idéia, acrescentam a noção da reencarnação (que vide), e outros só pensam na idéia da reencarnação. Seja como for, uma alma já corrompida não é purificada meramente porque adquire um corpo físico como residência temporária. Muito pelo contrário, sair-se-á pior da experiência, porquanto o corpo físico é um instrumento fácil do mal. Esse fator é enfatizado no artigo desta enciclopédia *Educação Cristã*, porque os educadores evangélicos admiram-se de como crentes cuidadosamente treinados desviam-se tão facilmente, alguns



## DELINQUÊNCIA JUVENIL — DELOS

deles de maneira séria, uma vez que se afastam do ambiente da escola cristã, ao passo que muitos deles desviam-se enquanto ainda estão lá dentro. Essa circunstância parece anular, em grande parte, a culpa que se costuma atribuir às questões sociais e econômicas. É que a alma humana é suficientemente má para não precisar de qualquer justificativa para praticar a maldade. Quanto a essa declaração mais ampla sobre o fator do tempo extra, ver o artigo sobre o *Desenvolvimento Humano*, seção 3. A Dimensão Extratempo; e 4. Ético e Espiritual.

Os estudos sobre a mente criminosa certamente dão a entender que estamos tratando de qualidades espirituais boas ou más, quando abordamos a questão da delinquência juvenil, pelo menos em alguns casos. Almas pervertidas, mesmo quando parecem bem intencionadas desde que se encarnaram, não demoram a escorregar de volta a antigos hábitos pecaminosos, e se vêem envolvidas na maldade moral. É que já trazem consigo a bagagem de uma longa história da prática da maldade. A respeito do anticristo lemos na Bíblia que ele *ascenderá do hades*. (Ver Apo. 17:8). Isso significa que pelo menos algumas pessoas especialmente ímpias voltam a esta vida a fim de cumprirem alguma missão satânica. E essa condição pode ser muito mais generalizada do que ousamos pensar. A malignidade é uma condição cósmica, e não meramente pessoal; e o indivíduo com frequência apenas acompanha e participa da rebelião cósmica.

### IV. O Remédio Espiritual

O Logos foi encarregado de uma missão universal, não importando em qual esfera ele venha a encontrar-se com alguma alma corrompida. Onde estiver um espírito humano, ele tem o poder de redimi-lo, dando início àquele processo que resulta na *santificação* (que vide). A Bíblia ensina-nos que ninguém pode dominar sozinho o problema do pecado. Esse problema tem dimensões cósmicas, pelo que é mister a aplicação de um remédio cósmico. De fato, faz parte dos ofícios do Espírito Santo recuperar os homens dessa degradação. Por essa razão é que as Escrituras ensinam a salvação por meio da graça divina (que vide). O problema da delinquência juvenil é complexo, tal como é complicado o próprio problema do pecado. Os pais têm a responsabilidade de treinar seus filhos no caminho da retidão (ver Pro. 22:6). Deve haver um esforço envidado pela família inteira, se a ética cristã tiver de prevalecer nessa esfera da conduta juvenil (ver Ef. 6:1 ss). No caso de jovens que tiveram a felicidade de nascer em lares evangélicos, há meios de desenvolvimento espiritual que podem ser encorajados e implementados. Ver o artigo sobre *Desenvolvimento Espiritual, Meios de*. Essa vantagem deveria proteger tais jovens de experimentar atos criminosos. Mas, antes de terminarmos o nosso estudo, não podemos esquecer a delinquência de certos pais. Um pai ou uma mãe que não dê bom exemplo, mesmo que não pertença ao tipo abertamente criminoso, abre o caminho para a iniquidade atacar os seus filhos. Há três coisas que os pais devem a seus filhos: *exemplo...*, *exemplo...* *exemplo*. (H)

### DELITZSCH, FRANZ JULIUS

Suas datas foram 1815-1890. Hebraísta cristão, de ascendência judaica, de identificação denominacional luterana. Nasceu na Alemanha. Foi professor de teologia na Universidade de Leipzig, tendo sido um dos grandes campeões do estudo científico do Antigo

Testamento. Foi notável estudante da literatura hebraica, bíblica, rabínica e medieval. Produziu muitos comentários valiosíssimos sobre o Antigo Testamento, várias obras de poesia e tratados sobre o luteranismo. Traduziu o Novo Testamento para o hebraico. Seu filho, Friedrich Delitzsch, foi um famoso assiriologista. (E)

### DELLOS

Essa ilha é a menor e a mais central das Cicladas, ilhas do mar Egeu. Na antiguidade teve vários nomes, como Asteria, Cinto e Ortigia. O termo Cicladas (no grego, derivado de *kiklos*, «círculo») fala sobre como as demais ilhas desse arquipélago cercam a ilha de Delos. Nem a ilha e nem o arquipélago são referidos na Bíblia, mas há vinculações à mesma no período intertestamentário, segundo veremos abaixo:

*Na Mitologia*. Poseidon teria erguido uma rocha do fundo do mar. As ondas levaram-na até o centro das Cicladas, e essa rocha tornou-se Delos. De acordo com a mitologia grega, foi nessa ilha que Leto (Latona) deu à luz a Apolo e Ártemis, filhos que ela teve com Zeus. Por terem nascido ali, Apolo também é chamado Délios, e Ártemis, Délia. Ambos eram adorados naquela ilha. Zeus a teria ancorado ao fundo do mar Egeu com correntes de diamantes. Hera teria sido outra esposa de Zeus e ela sentia muitos ciúmes de Leto. Recebeu então a promessa de que Leto não receberia qualquer lugar de refúgio na terra, para ter seus filhos. Mas essa ilha, trazida do fundo do mar, e por ser flutuante, não seria um lugar da terra, pelo que não estava incluída na maldição. Por isso, Apolo e Ártemis teriam nascido ali.

*História*. A arqueologia tem encontrado vestígios de ocupação humana, em Delos, desde o começo da era do Bronze, cerca de 2000 A.C. Em fragmentos de cerâmica há vestígios de contacto com os minoanos. Gregos micenos ocuparam a ilha em cerca de 1400 A.C. Artefatos de marfim, de alta qualidade, além de outros, datam desse período, além de evidências de um templo dedicado a Ártemis e de sepulcros micenos, que poderiam ter sido de sacerdotisas de Ártemis e Apolo. Em cerca de 700 A.C., Delos era um centro religioso pagão florescente. Em cerca de 540 A.C., a ilha caiu sob o controle de Atenas. Em 477 A.C., tornou-se o tesouro comum da liga que lutava contra a invasão persa. Posteriormente, porém, todo o dinheiro amealhado foi transferido para Atenas. Na época, Delos permaneceu membro da liga, sem ter de pagar tributos. Atenas reteve o controle da ilha até a sua desastrosa derrota diante de Esparta, já nos fins do século V A.C. Em cerca de 377 A.C., Atenas recuperou o domínio sobre a ilha. Porém, por volta de 314 A.C., com o declínio de Atenas, cessou sua influência sobre Delos. Daí por diante, passou a ser governada pelos *hieropoioi*, oficiais do governo ptolemaico, os remanescentes das conquistas de Alexandre, o Grande. Por esse tempo, Delos era uma cidade-estado independente, respeitada por sua santidade, porque ali estavam os santuários de Apolo e Ártemis. Nos tempos helênicos, Delos era um centro comercial. Porém, a sua situação modificou-se, quando Delos deu seu apoio a Perseu, da Macedônia, em sua luta contra os romanos. Atenas era aliada de Roma, pelo que quando Roma saiu-se vencedora, Delos, uma vez mais, caiu sob o domínio de Atenas (cerca de 166 A.C.). Rapidamente tornou-se um centro cosmopolita, onde eram negociados escravos. Foi um dos estados para o qual o romano Lucius Calpurnius Piso apelou, para que protegesse os interesses dos judeus, quando Antíoco VII guerreava

## DEMÁS — DEMÉTRIO

contra Israel (I Macabeus 15:15-24). Mitrídates do Ponto atacou Roma em 88 A.C. Seu general, Arquelau, massacrara vinte mil italianos em Delos. E essa ilha, desde esse tempo em diante, nunca mais recuperou a sua antiga importância. Atualmente é um lugar abandonado e desprezado.

**Arqueologia.** Foi em 1829 que arqueólogos franceses deram início ao seu trabalho na ilha de Delos. As descobertas têm sido muitas. O plano completo do recinto sagrado de Apolo foi desenterrado, juntamente com um teatro, vários templos, edifícios públicos e privados, dos tempos helênicos e romanos. Vários documentos escritos vieram à luz, sendo úteis por revelarem muitos detalhes da vida diária na ilha. Ruas, jardins e um sistema de esgotos, inscrições sagradas e profanas, artefatos de mármore, incluindo uma fileira de esplêndidos e arcaicos leões, no lago sagrado (atualmente seco) de Apolo e Ártemis, onde supostamente eles teriam nascido, aumentam o nosso conhecimento sobre a antiga Delos.

### DEMÁS

Só há três alusões a esse personagem, em todo o N.T., em File. 24, onde ele aparece como um dos cooperadores fiéis de Paulo e em II Tim. 4:10, que fala de sua triste retirada, ocasionada pelo fato de que «amou ao mundo». Seu nome, provavelmente, é uma forma abreviada de Demeter (contração de Demétrio), deusa da agricultura (literalmente, *mãe-terra*). Sua deserção parece ter sido ocasionada por interesses pessoais e egoístas, e não devido à covardia. Alguns estudiosos têm pensado que Demás, uma vez restaurado em sua vida espiritual, é o mesmo Demétrio, citado em III João 12, mas isso não passa de pura conjectura. O livro apócrifo de Atos de Paulo e Tecla nos fornece um retrato tenebroso a seu respeito, mas tudo não passa de uma fabricação.

### DEMETER-PERSEFONE

Ver o artigo geral sobre as **Religiões Misteriosas**. Os mistérios eleusianos derivam seu nome de Eleusis, a localização de seu principal santuário, perto de Atenas. O mito acerca de Demeter e Persefone era a principal doutrina que inspirava essa fé. Esse mito aborda a sucessão das estações e o renascimento da vida por ocasião da primavera. Dali, o culto desenvolveu-se em torno do seu tema principal de renascimento pessoal. De modo geral, as religiões misteriosas caracterizavam-se pelo conhecimento esotérico, por ritos e cerimônias de iniciação, purificação e adoração, tendo em vista a final união com Deus. A maioria delas tinha, como seu ponto central, algum deus-salvador que morria e ressuscitava. Os liberais e os céticos têm procurado ligar os conceitos cristãos da morte e da ressurreição de Cristo com mitos greco-romanos das religiões misteriosas, mas a tentativa é ridícula. Porém, no coração humano, esse motivo é comum, pode afirmar que Cristo cumpriu a mais profunda necessidade humana, tornando isso uma realidade viva. (OS P)

### DEMÉTRIO (Novo Testamento)

Dois homens com esse nome aparecem no Novo Testamento. A palavra grega, *Demeter*, refere-se a uma deusa pagã com esse nome, filha de Crônos e Rea. O nome dela significa *terra-mãe*. Ela era a deusa

da agricultura, ou seja, da civilização. Seu nome era largamente usado como base de nomes próprios. Demétrio significa «pertencente a Demeter».

1. Um joalheiro ou ourives de Éfeso, que fazia nichos ou santuários portáteis do famoso templo de Diana, a fim de vendê-los (presumivelmente com outros objetos de idolatria), aos visitantes da cidade (Atos 19:24) ou a pessoas envolvidas nesse culto. Sem dúvida, seu negócio incluía o fabrico de imagens da deusa Diana (Atos 19:23-27). Observando o progresso do evangelho em Éfeso, ele ficou alarmado porque seu negócio estava sendo prejudicado. Reuniu então os membros de sua guilda e avisou-os sobre o perigo. Isso produziu grande levante na cidade, até que o escrívão da cidade foi capaz de acalmar a multidão. Essa ocorrência ilustra a ameaça que o evangelho significa para a idolatria e o paganismo, com a inevitável rebelião das mentes idólatras. O dinheiro envolvido nas atividades idólatras sempre será um forte motivo para a proteção à idolatria.

2. Um discípulo de Cristo, que todos consideravam um cristão importante, segundo se lê em III João 12. Essa é a única menção que temos a ele, pelo que não dispomos de qualquer informação pormenorizada a seu respeito. Alguns conjecturam que ele é o mesmo Demás de Colossenses 4:14, o qual, finalmente, abandonou Paulo; mas isso não passa de especulação. Outros estudiosos têm tentado identificar os Demétrios um e dois como se fossem uma só pessoa, mas isso também não passa de especulação.

3. *Fora da Bíblia*, Demétrio é o nome de três reis sírios, a saber: Demétrio I Soter, que reinou por doze anos, até cerca de 175 A.C. Era filho de Seleuco IV. Seu tio foi o infame Antíoco IV Epifânio, tão proeminente na história dos Macabeus, que se tornou um tipo do anticristo. Soter (Salvador) é descrito por Josefo (*Anti.* 12:10,1-4). Um outro rei com esse nome foi Demétrio II Nicator (Conquistador). Era filho de Demétrio Soter, e, por muitos anos, foi privado do trono por Alexandre Balas. Finalmente, ele recuperou o trono com a ajuda de Ptolomeu Filometer, seu sogro. Após várias vicissitudes, foi morto em cerca de 125 A.C., tendo sido sucedido por seu filho mais velho, Seleuco, que tinha um perigoso rival na pessoa de Alexandre Zebina. Josefo fala a seu respeito em *Anti.* 13:5,2,3,11. O terceiro desses reis foi Demétrio III Eucários (Próspero, afortunado), filho de Antíoco Gripo e neto de Demétrio Nicator. Teve de enfrentar uma guerra civil por ocasião do falecimento de seu pai. Dois de seus irmãos morreram durante o levante; mas um outro irmão, Filipe, ficou com uma parte da Síria, ao passo que Demétrio estabeleceu-se na Coele-Síria, tendo Damasco como capital. Ptolomeu Látrio, rei de Chipre, declarou-se em seu favor. Na Judéia, a guerra civil irrompeu entre Alexandre Janeu e seus súditos fariseus. Demétrio ajudava os fariseus, na esperança de ampliar a sua autoridade. Ele entrou na Palestina com um poderoso exército, para lidar com os judeus rebeldes, e derrotou Janeu em uma batalha em que este se feriu, perto de Siquém, conforme nos relata Josefo (*Anti.* 13 e 14; *Guerras I*, 4,5). Após várias vicissitudes, chegou o tempo dele mesmo ser derrotado. Foi tomado prisioneiro e enviado a Arsaces IX, que o confinou até a sua morte. Reinou entre 95 e 88 A.C. Ver o artigo separado sobre os *Ptolomeus*.

### DEMÉTRIO, O CÍNICO

Foi um filósofo grego que viveu no século I D.C. Nasceu em Sunum. Ele traçou uma cosmologia semelhante ao modelo cosmológico dos estóicos.

## DEMÉTRIO — DEMITIZAÇÃO

Enfatizava que a sabedoria só pode ser obtida mediante o esforço árduo, sem dar atenção à opinião pública e aos sistemas que homens vão têm criado. Sem a adversidade, seria impossível a um homem tornar-se um sábio. Ele depreciava o conhecimento científico. O imperador Calígula desejava obter sua amizade, pelo que lhe mandou um presente de grande valor. Demétrio, porém, rejeitou o presente, observando que se Calígula queria suborná-lo com seriedade, deveria ter-lhe enviado a coroa imperial. Demétrio não podia ser manuseado com facilidade, pelo que foi banido por Vespasiano. Mas ele riu-se do imperador e zombou de sua ira. (E P EP)

### DEMÉTRIO DE FALERO

Suas datas foram 345-283 A.C. Foi um filósofo grego, discípulo de Teofrasto (que vide) e membro do Liceu (que vide). Seus interesses eram a ética, a política, a retórica e as biografias. Foi governador de Atenas entre 319 e 307 A.C., governando em favor do rei da Macedônia. Quando foi restaurada a democracia, ele foi forçado a exilar-se. Sobrevivem até hoje alguns poucos fragmentos dos seus escritos, especificamente aqueles sobre a constituição de Atenas, sobre assuntos de retórica e sobre a vida de Sócrates.

### DEMITIZAÇÃO

Esse é o nome do método de interpretação do Novo Testamento proposto pelo teólogo alemão Rudolf Bultmann (que vide), inicialmente apresentado em seu ensaio, «O Novo Testamento e a Mitologia». Ele supunha que certos trechos do Novo Testamento (e, portanto, as doutrinas ali contidas) só podem ser entendidos do ponto de vista de que houve mitos que entraram no texto, que devemos reconhecê-los, removendo-os para que cheguemos à verdadeira compreensão histórica do texto. Sua definição formal de um mito, diz: «A mitologia é o uso da linguagem pictórica para exprimir as realidades do outro mundo em termos deste mundo, o divino em termos da vida humana, as realidades do outro lado em termos deste lado». Mas, no uso real, em seus escritos, o conceito é bem mais amplo. Um mito torna-se uma espécie de termo coletivo para denotar um discurso teológico que ele reputava problemático. Por exemplo, ocasionalmente, *mito* indica *falar objetivamente sobre Deus*, como quando a divindade aparece em um discurso como um poder ou força cósmica que perturba as estruturas ordinárias e estáveis da natureza, e quando tal perturbação aparece como um evento observável publicamente. Isso significa que é *mitológico* falar sobre Deus como quem realmente intervém na história humana, digamos, como sucedeu no mar Vermelho e por ocasião do êxodo. E isso pode incluir a ressurreição de Cristo, os seus milagres, etc. Em outras palavras, o processo demitizador ataca o próprio conceito do *teísmo* (que vide) que supõe que Deus pode e realmente intervém na história humana, de maneiras publicamente observáveis. O termo *mito* também é usado para falar sobre conceitos neotestamentários que refletem idéias presumivelmente obsoletas, no campo cosmológico e teológico, como aquelas que falam sobre os anjos e os demônios. Presumivelmente, o homem moderno ultrapassou todos esses mitos. E que dizer sobre a própria encarnação? Seria realmente possível Deus encarnar-se como homem, para então vir à existência o Deus-homem, a principal doutrina da cristologia? Os autores da Bíblia, de

acordo com Bultmann, tendiam a retratar as coisas de acordo com sua própria compreensão da realidade, e não objetivamente, conforme as coisas realmente são. Em outras palavras: «Eles viam o mundo conforme eles eram, e não como a realidade é». Naturalmente, isso sucede com todos nós; mas, negar o aspecto miraculoso, o misterioso e os elementos supranaturais da religião é tornar a religião uma atividade como outra qualquer, e não um contacto com a divindade.

**Desnecessário é dizer**, que sua teoria criou imensas controvérsias e debates. Várias objeções a ele podem ser mencionadas como típicas:

1. É claramente um erro reduzir uma religião — sobrenatural — a uma atividade meramente natural. Há nessa tentativa uma falácia, pois até hoje as intervenções divinas prosseguem, até mesmo sob a forma de milagres. Talvez os milagres não ocorram entre as paredes de uma universidade, onde teólogos e filósofos debatem e especulam sobre meras idéias. Porém, no mundo exterior, onde os homens padecem necessidades, essas intervenções continuam acontecendo. Como forte exemplo disso, o leitor pode considerar o caso de *Satya Sai Baba*. Há um grande poder no mundo que pode realizar coisas espantosas e misteriosas. Ignorar isso é ignorar uma das principais influências que têm produzido as religiões.

2. Um *mito*, mesmo quando não passa de um mito, existe porque coisas espantosas têm acontecido, as quais, de alguma maneira, vieram a ser elaboradas sob a forma de uma estória ou doutrina. O próprio mito quase sempre tem um âmago de verdade que lhe deu origem.

3. É errado interpretar a fé religiosa à luz de correntes sistemas e tendências teológicas ou filosóficas. Pois, quando uma outra década produzir outras tendências, será mister reinterpretar a fé religiosa.

4. Há *exageros* no sistema de Bultmann. Suas tentativas de *demitização* levaram-no ao ponto que o exercício tornou-se exaustivo. Ele presunha saber o que Deus pode ou não pode fazer, e até que ponto ele intervém ou não na história humana.

5. Bultmann chegou bem perto de transformar o cristianismo em apenas outra filosofia, desnudando-o de todos os fatores sobrenaturais. Mas, se alguém fizer isso, terá criado um novo cristianismo, com pouquíssima vinculação com o cristianismo bíblico e histórico.

6. O cristianismo não se ocupa apenas do elemento existencial (isto é, como Deus se relaciona com o homem), mas também enfatiza o *ontológico* (ou seja, o que Deus é em si mesmo, independente do homem). Se perdermos isso de vista, teremos anulado uma larga fatia da própria teologia.

7. Um cristianismo totalmente *demitizado* também perderia o seu elemento histórico. O Novo Testamento se propõe ser uma história séria e autêntica. Afirma: Isto foi o que Jesus disse; isto foi o que Jesus fez. Sua própria existência é prova de que algo de extraordinário sucedeu na vida de Jesus; de que algo de muito incomum sucedeu ali; que por detrás do mesmo havia um gigante espiritual que fez coisas extraordinárias. Esses são fatos históricos que inspiraram os homens a escrever, e que continuam a inspirar os homens. Se deslocarmos o cristianismo de suas raízes históricas, teremos furtado o mesmo de sua principal e básico elemento. Portanto, toda essa tentativa demitizadora aparece como uma falsidade, em face dos eventos miraculosos que prosseguem até hoje. Todos os milagres de Jesus têm sido reproduzidos em nossa própria época. O cristianismo deve incluir tanto os elementos ontológicos quanto os

## DEMIURGO — DEMOCRACIA

históricos, que o tornam uma religião distinta. O mundo moderno tem sido secularizado e naturalizado por alguns pensadores; mas o verdadeiro mundo não é assim, tal como o mundo antigo também não o era. Somente nas mentes de alguns pensadores é que o mundo é completamente secular e natural.

8. Portanto, o que Bultmann acusa os escritores do Novo Testamento de terem feito, é o que *ele mesmo fez*. Ele força sobre o mundo a natureza que ele imagina que o mundo deve ter, em vez de reconhecer a verdadeira natureza que ele tem. Em outras palavras, ele via o mundo conforme *ele era*, e não conforme o mundo realmente é. Bultmann agia com base em suas *dúvidas* internas, em sua própria incredulidade. Ele duvidava dos milagres e das intervenções divinas; e, por esse motivo, chamou essas coisas de mitos. Mas a fé não deixa de ter confirmações, nos eventos reais. Os céticos, que têm contemplado os milagres de Satya Sai Baba, têm alterado suas crenças em questão de segundos, porquanto vêem, diante de seus olhos, coisas notáveis que realmente sucedem, mas que nenhuma teoria natural é capaz de explicar.

9. Portanto, é seguro concluir que o Novo Testamento é uma *suavização* daquilo que Jesus fez, em vez de ser uma exposição exagerada. Para cada milagre ali registrado houve *dúzias* de outros milagres, que não foram historiados.

10. A *imensidade da própria criação* é uma testemunha permanente do poder divino que a permeia inteiramente. A mente que duvida é embotada ao ponto de não poder reconhecer aquilo que é tão evidente. Jamais deveríamos construir teologias fundadas sobre a dúvida. O resultado é sempre lamentável e repelente.

No artigo sobre a *Crítica da Bíblia*, é apresentado material relacionado ao presente assunto. Ver sob as seções dois e três do mesmo. (BARTS BUL BULT BULT(1960) C)

### DEMIURGO

Esse termo vem do vocábulo grego *demiourgós*, que significa, literalmente, «artífice». Porém, a aplicação dessa palavra, dentro da filosofia grega, é ao *artífice cósmico*, o qual, utilizando-se das idéias como modelos (as eternas realidades dos mundos imateriais), criou o mundo material, o mundo dos particulares. Encontramos uma descrição dessa doutrina no *Timeu* de Platão. Platão, ao procurar dizer-nos algo sobre como a criação veio a existir, não tentou ser exato ou dogmático, mas tão-somente chamou suas idéias de «uma história provável». O exame dessa doutrina leva-nos a crer que ela é similar, em sua natureza, à doutrina do *Logos* dos estoicos. Além disso, a função do Demiurgo seria similar àquela atribuída ao *Logos* (Cristo) do Novo Testamento. O *gnosticismo* (que vide) usava a idéia a fim de distanciar o Deus Altíssimo, que seria totalmente transcendental, do mundo material, de tal modo que o demiurgo seria uma espécie de poder divino intermediário, que poderia envolver-se com a matéria, ao passo que o Deus altíssimo não poderia contaminar-se com a matéria. Esse poder, algumas vezes considerado negativo ou demoníaco, era tido como cooperador com o desejo que Deus teria de destruir a existência material. Em outras palavras, Sua introdução do mal neste mundo teria tido um bom propósito, porquanto isso armava o palco para a sua destruição.

Algumas seitas gnósticas faziam o demiurgo ser o

criador supremo de todas as coisas, e não somente dos mundos materiais, embora sem negar a existência de outras divindades. Isso chama-se *henoteísmo* (que vide). Porém, a maioria deles concebia essa figura como a força que introduzira o mal no mundo; pois, de acordo com a doutrina gnóstica, quando tratamos da matéria obrigatoriamente nos envolvemos no mal, visto que a matéria é o princípio mesmo do mal, precisando ser finalmente transcendida. O *neoplatonismo* (que vide) reteve um ponto de vista similar ao do gnosticismo.

*História do Vocábulo.* Na antiga Ática, a população era dividida em três classes, a saber: 1. os *eupatridai*, a classe superior, formada por patricios e pela aristocracia dona de terra; 2. os *georgoi*, fazendeiros e aldeões; 3. os *demiourgoi*, os artífices, artistas e trabalhadores manuais. Contudo, no Peloponeso esse termo também era usado para denotar os magistrados supremos. Dentro da liga acaiana, referia-se aos oficiais da assembléia daquela liga. Platão aplicou o termo ao poderoso oficial cósmico e artífice que teria criado o próprio mundo. (AM OS P)

### DEMOCRACIA

*Esboço:*

I. Definições

II. Breve História e Idéias

III. Formas Gregas e Romanas

IV. Pseudodemocracias

V. A Democracia e a Igreja

VI. Alguns Ideais da Democracia

#### I. Definições

Esse termo vem do grego *demos* (povo) e *krateln* (governar), pelo que está em pauta um governo do povo, direto ou indireto. Na filosofia antiga, a democracia aparece alistada juntamente com a monarquia e a oligarquia como um dos tipos básicos de governo. A monarquia aponta para o governo de uma única pessoa, que governa como rei. A oligarquia indica o governo de uns poucos (no grego, *oligos* = pouco). Os gregos antigos empregavam o termo *democracia* a fim de aludirem ao governo do povo, em contraste com o governo por parte da aristocracia.

#### II. Breve História e Idéias

1. Há algumas evidências em favor de certo tipo de governo democrático entre as cidades-estados da Suméria, no terceiro milênio A.C. Mas as informações a esse respeito são muito escassas, pelo que usualmente afirma-se que o aparecimento histórico da democracia ocorreu na Grécia, nos séculos VI e V A.C.

2. *Demócrito* (que vide), que viveu entre 460 e 370 A.C., apoiava o governo democrático.

3. A *democracia ateniense* executou Sócrates, obviamente de maneira injusta. Não há dúvida de que isso afetou os sentimentos de Platão acerca da democracia. Ele chamava a democracia de «feliz anarquia, por algum tempo», sentindo que essa anarquia, quase inevitavelmente, é substituída por uma tirania (uma oligarquia corrupta). Platão, na verdade, mostrava-se bastante amargo sobre a variedade de democracia que observava em Atenas, tendo-a chamado de «o pior de todos os governos legais e o melhor dos governos ilegítimos». Ele favorecia o treinamento longo e cuidadoso do rei-filósofo para ser o governante, o qual seria não somente o melhor, mais inteligente e poderoso, mas que também seria o mais justo e benévolo dos

## DEMOCRACIA

governantes. Todas as outras profissões e vocações são ocupadas por indivíduos especificamente treinados. Por que a única exceção seriam os políticos? Um político, pois, teria de ser devidamente treinado para ocupar suas funções, aparecendo como alguém escolhido dentre outros, igualmente treinados, que então tornar-se-iam suboficiais e subgovernantes. Isso posto, a classe governante inteira seria uma classe devidamente treinada.

4. Para *Aristóteles*, a democracia era uma forma degenerada de governo. Haveria três dessas formas degeneradas de governo: a democracia, a tirania e a oligarquia. Dentre essas três formas, a democracia seria a mais *tolerável*. Ele preconizava um monarca devidamente treinado para governar, com uma constituição escrita para proteger os direitos dos indivíduos. Nisso, pois, temos uma espécie de democracia monárquica-constitucional. *Aristóteles* opunha-se à democracia popular, chamando essa forma de governo de truque político.

5. *A renascença* (que vide) encorajava a modificação nos poderes supremos, que freqüentemente terminam na tirania e na perseguição, sob os quais a liberdade é severamente prejudicada. Surgiu em cena a teoria dos contratos sociais, como garantia dos direitos individuais. Além disso, apareceu a doutrina dos direitos naturais. Essas idéias produziram monarquias limitadas (um tanto parecidas com o ideal aristotélico), que foram os fundamentos das democracias posteriores. A teoria política de *John Locke* (que vide) era uma forma de monarquia limitada.

6. *Spinoza* (que vide) ensinava que a democracia é superior à monarquia, mormente com base no fato de que a liberdade de indivíduos e de grupos é melhor preservada pela democracia. O ideal democrático é mais compatível com o ideal de liberdade, pelo que é o tipo preferível de governo.

7. *Montesquieu* (que vide) introduziu o conceito da separação de poderes dentro de um governo. Ele preferia a monarquia constitucional como a melhor forma de governo para atingir esse ideal. Entretanto, ele pensava que a forma ideal de governo seria a democracia clássica, edificada sobre a base das virtudes cívicas, embora também pensasse que esse ideal é impraticável neste mundo.

8. *Rousseau* (que vide) frisava os ideais da liberdade e da soberania humanas. Ao escrever sobre quais condições o homem poderia ser livre, ele contribuiu para o desenvolvimento da filosofia democrática moderna.

9. A *democracia norte-americana* estribou-se no passado e constituiu uma forma de democracia *representativa*, mediante a qual oficiais eleitos recebem o poder. Em um país de qualquer tamanho, é impossível que todas as decisões sejam feitas pelo voto direto do povo. A população desse país nada mais faria senão votar. Por conseguinte, representantes são eleitos, a fim de discutirem e decidirem as questões. Há uma constituição para proteger os direitos das minorias, cujo voto influenciará nas eleições, mas que usualmente não determina as questões mais importantes. O período de mandato dos oficiais eleitos é limitado quanto ao tempo, a fim de que a democracia não se transforme em tirania, conforme *Platão* declarou que sempre acaba acontecendo às democracias. Uma constituição escrita é outra salvaguarda contra a tirania. Muitos países, ao redor do mundo, têm governos similares ao norte-americano.

10. *John Stuart Mill* (que vide) ao defender o

princípio da liberdade, advogou um governo democrático representativo. Ele temia a tirania da maioria, a qual também pode ferir o princípio da liberdade individual. Para evitar isso, ele sugeria que somente homens de comprovada responsabilidade recebessem as rédeas do governo, a fim de que o poder da maioria pudesse ser controlado.

11. *John Dewey* (que vide) pensava que a democracia é o único método de organização da sociedade que se coaduna com seu método de inquirição e de experiência pragmática para determinar a verdade prática.

### III. Formas Gregas e Romanas

Entre os gregos, as tiranias com freqüência terminavam com alguma experiência democrática, e várias cidades-estados dos gregos experimentaram o governo democrático. A mais bem conhecida dessas cidades-estados foi Atenas. Havia a eleição anual de um magistrado principal, chamado o *árchon*. Ele presidia a assembléia de todos os cidadãos, que era a *ekklesia*. O concílio dos anciãos, que era a *gerousia*, servia de medida de segurança para evitar a tirania e controlar o poder da classe militar. Esse sistema ruuiu quando da guerra de Peloponeso, entre Atenas e Esparta, e, dali por diante, foi errando de decisão em decisão. Entre esses erros houve a execução de Sócrates, que emprestou à democracia uma reputação odiosa no mundo antigo. Não obstante, certos princípios foram ali enfatizados, os quais têm inspirado os homens, desde então.

Os romanos experimentaram o governo democrático antes de *Júlio César*, meio século antes de Cristo. A fórmula ateniense foi seguida, com aprimoramentos, e houve a injeção de uma larga dose de pragmatismo, tão característico dos romanos. *Políbio* louvou o sistema assim produzido, com seus freios e contrabalancos, e enfatizou a importância do indivíduo. Os negociantes da classe média eram figuras importantes nas assembléias populares. O senado era a assembléia deliberativa do estado. As assembléias populares exerciam autoridade sobre áreas locais. Os cônsules tinham uma autoridade especial, com poder de veto uns sobre os outros (sempre havia dois cônsules em qualquer lugar). O sistema de freios e contrabalancos dos romanos inspirou várias medidas da constituição norte-americana.

### IV. Pseudodemocracias

O vocábulo «democracia» tem adquirido grande prestígio em nossos dicionários e em nossas mentes. Era mesmo inevitável que certas formas de governo que nada têm de democrático, porquanto não representam o voto do povo, viessem a tomar por empréstimo essa palavra, a fim de prestigiar seus sistemas. Foi assim que o próprio *Hitler* chamou de democracia o seu sistema monstruoso, que inclua o genocídio. Os sistemas totalitários comunistas intitulam-se democracias populares, mas o povo jamais vota de acordo com esses sistemas, e os direitos individuais geralmente são desprezados. Porém, a palavra democracia é um vocábulo muito *persuasivo*, que empresta prestígio a tais sistemas.

### V. A Democracia e a Igreja

Várias formas de governo existem na Igreja cristã universal. Há um artigo separado sobre esse assunto, que examina a autoridade e os pontos de fortaleza e de fraqueza dessas várias formas. Ver o artigo *Governo Democrático*, II, 3, *Governo Congregacional*, quanto a completas descrições.

### VI. Alguns Ideais da Democracia

A separação de poderes: certo modo de obter<sup>6</sup> a

## DEMÓCRITO — DEMÔNIO

harmonia na combinação das diferenças, dentro de uma unidade; a fé na lei constitucional, com a consequente proteção do indivíduo e seus direitos, bem como dos direitos das minorias; o grande valor dado à liberdade; uma ampla participação da população nas decisões do governo; a necessidade de um eleitorado esclarecido, o que explica a ênfase sobre a educação em massa; a aceitação do veredito da maioria; a prevenção de poderes ditatoriais; um melhor modo de vida paralelamente a um mínimo de infração dos direitos alheios, mas salvaguardando os próprios direitos; um governo civil, e não militar. (AM E H P)

### DEMÓCRITO

Suas datas foram 460-370 A.C. Foi um filósofo grego, nascido em Abdera. Foi discípulo de Leucipo, e preservou a doutrina de seu mestre. Em sua própria época, Demócrito foi tão famoso quanto Platão ou Aristóteles, e a sua teoria atômica exerceu vasta influência.

#### Idéias:

1. O elemento simples e indivisível, o **átomo**, é o constituinte final da natureza (no grego, *a + tome* = não cortável). Os átomos seriam sólidos, simples e homogêneos, sem espaços vazios. As divisões podem ocorrer através de espaços existentes na matéria, mas, onde não houver espaços, não poderá haver divisões. Um átomo, pois, seria infinitamente duro.

2. Os princípios da natureza seriam três: o átomo, o vazio e o movimento dos átomos, inerente à sua natureza. O vazio consiste em espaço sem átomo, e as coisas que existem se movem através desses vazios.

3. As diferenças nos átomos incluem dimensões, formato e velocidade, e todas as diferenças qualitativas derivam-se desses três fatores. Quando os átomos se movimentam, entram em colisão e assumem formatos que encorajam novos eles. Demócrito chegou a propor a idéia de que os átomos têm ganchos e ilhosos que facilitam as ligações.

4. Haveria necessidades causais que governam os arranjos e as mudanças nos átomos. Por meio de colisões, são criados vórtices que resultam na geração de mundos, e essas colisões explicam também as inevitáveis dissoluções. Portanto, os mundos estão sempre sendo criados e desintegrados.

5. Sombras e sinais lunares resultam das sombras lançadas pelos montes e elevações existentes na lua.

6. A vida desenvolveu-se da argila primeva, relacionada ao calor e ao fogo. Há átomos do fogo e da alma, similares em natureza, porém, menores e mais esféricos do que os outros tipos. Encontramos nisso o começo de uma teoria evolutiva, com base na mecânica do átomo.

7. O *pensamento* também é um tipo de movimento e criatividade na natureza, que causa movimentos em outras coisas. Isso antecipa a doutrina da parapsicologia, chamada *psicocinesia* (PK).

8. A consciência é uma função dos átomos da alma, difundidos no corpo todo. Inalamos e exalamos esses átomos. Uma leve perda de seu número provoca o sono. Uma perda apreciável pode provocar a perda da consciência e finalmente, a morte física.

9. A percepção é criada pelo impacto dos átomos sobre nossos aparelhos dos sentidos físicos. Os átomos que assim causam impactos aparecem sob a forma de *eldola* ou imagens.

10. No sistema de Demócrito não há sobrevivência pessoal e nem imortalidade.

11. O *hedonismo* (que vide) é a busca pelo prazer,

servindo de guia para todos os atos e decisões éticos. A tarefa da ética consiste em equilibrar os elementos do prazer e da dor. A *moderação* é algo necessário, a fim de adquirirmos um equilíbrio apropriado. Buscamos um prazer imperturbado, chamado *ataraxia* (que vide).

Na filosofia grega, o *atomismo* não era resultado de experiências feitas em laboratório e mediante descobertas empíricas. Antes, ocorria como resultado do raciocínio lógico. Os homens procuravam entender as realidades finais, os elementos imutáveis, que em seus movimentos e relações uns com os outros, produzem o fluxo que observamos na natureza. Os átomos eram encarados como imutáveis, pelo que representariam a *realidade*. Porém, em seus movimentos e intercâmbios com outros átomos, ocorreriam fluxo, desenvolvimento e desintegração. As teorias atômicas eram coerentemente materialistas. Ver o artigo separado sobre o *Átomo*.

### DEMOFOM

Foi um governador de certo distrito da Palestina, nos dias dos Macabeus (II Macabeus 12:2). Juntamente com Timóteo, Apolônio e Jerônimo (outros governadores), ele labutou em favor da política da helenização, promovida pelo regime dos reis selêucidas, o que produziu tantas dificuldades para os judeus. Perturbações locais foram criadas pelos atos de Demofom.

### DEMONAX DE CHIPRE

Suas datas aproximadas foram 80-180 D.C. Foi um filósofo grego, discípulo de Epicteto, o estóico romano. Demonax era eclético quanto às suas idéias. Ele se opunha ao fatalismo do sistema grego estóico. Enfatizava as virtudes da moderação e da sabedoria, e embora eclético, geralmente é classificado como um filósofo cínico (ver sobre o *Cinismo*).

### DEMÔNÍACO

Refere-se à pessoa *possuída por um demônio*, ou sob o poder de algum demônio. No grego é um verbo, *daimonizomai* (estar endemoninhado). A palavra ocorre por treze vezes no Novo Testamento: Mat. 4:24; 8:16,28,33; 9:32; 12:22; 15:22; Mar. 1:32; 5:15,16,18; Luc. 8:36; João 10:21. Damos plenas descrições do fenômeno no artigo sobre *Demônio*, *Demonologia*, sob a seção V, *Possessão Demoníaca*.

### DEMÔNICO

Vem do termo grego *daimon*, que significa divindade secundária, e que deu *demônio*, em português, tantas vezes usado no Novo Testamento. Esse termo refere-se a alguma força espiritual negativa, que exerce influência sobre os homens ou se apossa deles. Ver o longo artigo sobre *Demônio*, *Demonologia*.

### DEMÔNIO, DEMONOLOGIA

#### Esboço:

I. O Termo *Daimon* e Declaração Preliminar

II. Caracterização Geral

III. Idéias de Várias Culturas Sobre os Demônios

IV. A Demonologia no Novo Testamento e na Interpretação Cristã

V. Possessão Demoníaca

Ver o artigo separado, *Possessão Demoníaca*.

## DEMÔNIO, DEMONOLOGIA

### I. O Termo «Dalmon» e Declaração Preliminar

Este termo era empregado no gr. clássico, às vezes, como um sinônimo de *theos* (deus). Ver seção III. Assim o usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra finalmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo. Gradualmente, esse vocábulo foi-se limitando aos espíritos malignos em geral, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.

Do princípio ao fim as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus quanto bons. Os espíritos, tanto os bons quanto os maus, são apresentados como extremamente numerosos (ver Efé. 1:21; 6:12; Col. 1:16 e Mar. 5:9). Os espíritos malignos têm influência sobre os homens, e procuram ocupar os seus corpos (ver Mar. 5:8 e Mat. 12:43,44). São imundos (o que significa que tornam o indivíduo incapaz de entrar em contacto com Deus, com o culto ao Senhor e com a adoração). Algumas vezes são obstinados, com frequência são maldosos e violentos, mas podem ser imitadores do bem, e supostamente trazem alguma luz. (Ver I Tim. 4:1-3). Sua inspiração não se limita a atos vis, mas essa perversa influência pode estar vinculada até mesmo ao ascetismo religioso. Um dos mais severos julgamentos, nos tempos do fim, consistirá da liberação de um poder demoníaco extremamente virulento neste mundo (conforme alguns consideram que ensina a passagem de Apo. 9:1-11, embora outras indicações sobre isso também existam nas Escrituras).

**Nada de realmente certo se encontra sobre a origem dos demônios, nas páginas da Bíblia, ainda que muitos creiam que sejam os anjos caídos que seguiram a Satanás.** (Ver Apo. 12:7-9 com Apo. 12:3,4). Mas outros estudiosos acreditam (conforme criam muitos dos antigos) que são espíritos dos mortos que ainda não entraram em qualquer estado bem determinado de transição. Outros, ainda, sustentam que os demônios pertencem a ambas essas ordens de seres. Muitos psicólogos modernos duvidam que exista realmente a possessão por meio de espíritos, mas a experiência universal com tais espíritos desaprova essas dúvidas. Alguns daqueles que se ocupam de pesquisas psíquicas, nestes últimos anos, estão convencidos da realidade do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. É uma completa tolice pensar que simplesmente porque não podemos ver os espíritos, eles não existem—todavia, alguns *sensíveis* (pessoas psiquicamente dotadas) asseveram que podem ver ocasionalmente aos espíritos, e alguns deles vêem-nos regularmente. É fato soberbamente conhecido que os sentidos humanos são *extremamente limitados*, não percebendo muitas coisas que sabemos que realmente existem, como, por exemplo, a força chamada lei da gravidade; e assim, a maior parte deste mundo totalmente físico continua imperceptível para os nossos sentidos (e quanto mais o mundo espiritual)! Assim, pois, afirmar alguém que algo não existe simplesmente porque os seus sentidos não são aptos a captá-lo, mostra que esse alguém se deixa levar por preconceitos. Mas uma coisa que

sabemos bem é que não sabemos praticamente coisa alguma acerca do universo em que vivemos. Não obstante, existem muitas evidências inequívocas, perceptíveis até mesmo para os sentidos humanos, que confirmam a existência de um mundo dos espíritos ao nosso redor.

Era ponto *teológico comum*, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de *mortos partidos* deste mundo, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6:3). Os gregos, os romanos e outros povos antigos compartilhavam dessa crença. Alguns dos pais da Igreja também aceitaram essa idéia, tais como Justino Mártir (150 D.C.) e Atenágoras.

**Tertuliano** (150 D.C.) foi o primeiro pai da igreja a começar a modificar essa idéia, e deu origem à crença de que os demônios fazem parte exclusivamente de uma ordem de anjos decaídos. Finalmente, tendo aparecido o grande comentador Crisóstomo (407 D.C.), obteve aceitação geral a idéia de que os demônios não são espíritos humanos caídos, e, sim, pertencem à ordem de anjos caídos juntamente com Satanás. Essa idéia também prevalece na teologia moderna, apesar de ainda existirem alguns que se apegam à idéia mais antiga, como Lange (do *Comentário* de Lange),—que acredita que aquilo que conhecemos pelo título de *demônio* pertence tanto à ordem de espíritos humanos que daqui partiram e que se tornaram parte de um nível mais baixo dos espíritos, como à ordem de seres angelicais caídos. Lange, portanto, aceita ambos os pontos de vista. As próprias Escrituras nada nos informam acerca da origem dos demônios, pelo menos em termos bem definidos; por isso mesmo, a sua identificação com os anjos caídos pode representar ou não a verdade. Se isso representa a verdade, mesmo assim pode *não* representar a *verdade inteira* sobre a questão. Muitos casos de possessão demoníaca parecem demonstrar que alguns demônios, pelo menos, são de fato entidades que antes eram seres humanos comuns. Pois é possível que por enquanto, pelo menos parcialmente, estejamos dentro de um intervalo de tempo, antes do julgamento, e que os espíritos não foram ainda para o seu *destino final*; embora também seja possível que exista alguma forma de comunicação entre certas dimensões espirituais (que podem até mesmo ser chamadas de *hades*) e os homens. Diversos exemplos bíblicos mostram que a comunicação com os mortos é algo que ocorre ocasionalmente. Nas Escrituras somos advertidos contra essa prática, mas não nos é dito ali que tal comunicação seja impossível. Existem evidências que parecem indicar que a posição assumida por Lange, de que os demônios pertencem a ambas as ordens; tanto espíritos humanos de mortos como seres pertencentes à ordem de anjos caídos—é a mais correta, embora nos faltem provas inequívocas quanto a isso.

Quanto a outros detalhes sobre o termo, ver sob o terceiro ponto, 1.

Esse vocábulo, usado em sentido tanto positivo quanto negativo, quase sempre traz até nós o conceito da possibilidade de um contacto real do homem com as forças espirituais, imateriais da criação, usualmente invisíveis. Assim, em certo sentido, a *demonologia* é uma extensão do conceito teísta, que diz que o homem não está sozinho no universo, havendo poderes espirituais invisíveis que precisamos levar em conta. Essas forças podem influenciar a vida humana para melhor ou para pior. A vida jamais poderá ser



## DEMÔNIO, DEMONOLOGIA

reduzida à razão e ao empirismo. Também existem realidades místicas, de natureza positiva e negativa.

### II. Caracterização Geral

Duas coisas são indiscutíveis sobre esse assunto: primeira, nem os hebreus e nem os cristãos criaram as elaboradas demonologias e angelologias que, finalmente, vieram a ser aceitas. Segunda, apesar das elaborações, exageros e elementos místicos que entraram no pensamento hebreu e cristão, no tocante aos demônios, essas noções são corretas quanto à temível realidade dos demônios e sua capacidade de influenciar e de apossar-se das pessoas.

Que os espíritos malignos existem e exercem poder sobre os homens tem sido uma idéia universalmente aceita. Essa idéia permeia todos os níveis da sociedade, podendo ser encontrada entre as tribos mais primitivas e as civilizações mais avançadas. Essa universalidade fala em favor da veracidade dessas noções, sem importar os exageros e os elementos mitológicos criados em torno do assunto. Os demônios são vistos como seres poderosos, sobre-humanos, pertencentes a vários níveis de seres. Alguns são tidos como espíritos humanos desencarnados, negativos, que ainda não chegaram ao seu destino, e que continuam tentando viver suas vidas nas vidas de outras pessoas, através de influência ou de possessão. Outras classes incluem os *elementares*, que são menos poderosos do que os espíritos humanos, como se fossem uma espécie de símios do mundo espiritual. Porém, até mesmo esses podem ser um incômodo. Então, se subirmos um pouco mais na escala, encontraremos os *anjos caídos*, os quais também pertencem a diversas categorias. Após o século V D.C., essa tornou-se a identificação mais comum dos demônios na teologia cristã, embora outras identificações não tenham sido abandonadas. Os demônios mais perigosos são aqueles que pertencem a elevadas ordens de seres espirituais; e a conexão com os anjos caídos sem dúvida está correta, pelo menos em parte. Em parte, digo, porque as evidências mostram que na influência e na possessão demoníaca há fenômenos que não podem ser explicados mediante nenhuma resposta simples. Alguns demônios são relativamente fáceis de serem expelidos, até mesmo por métodos não-religiosos, como maldições e uma linguagem obscena, que, por assim dizer, requeimam os ouvidos dos intrusos, encorajando-os a buscar habitações mais pacíficas. Porém, outros demônios são praticamente impossíveis de ser desalojados pelos exorcismos comuns. Na verdade, há pessoas que receberam o *dom* do exorcismo. Isso tem sido amplamente comprovado na prática. Essas pessoas revestem-se de uma *autoridade* espiritual que lhes torna possível ordenar às forças malignas e serem atendidas por elas. Nem todo pastor, padre ou oficial eclesiástico tem essa autoridade, e ritos exorcizadores geralmente provocam maior atividade demoníaca ainda! Bandeiras e fronteiras denominacionais parecem ter pouco a ver com essa autoridade de alguns exorcistas. O exorcismo (que vide) é realizado com sucesso por todos os grupos cristãos, por religiões não-cristãs e por pessoas não-religiosas, igualmente. Até mesmo os psicoterapeutas, em certas ocasiões, parecem ser capazes de pôr fim a casos reais de possessão demoníaca. Usualmente, porém, o exorcismo tem envolvimento religioso. Se isso não se dá por outra razão, é que quando alguém começa a lutar contra as forças malignas é apenas sensato invocar forças espirituais positivas, como aquelas que giram em torno da religião. Outrossim, a maior parte dos exorcistas compõe-se de ministros religiosos de alguma espécie, pelo que são homens dotados de

perspectiva espiritual.

No pensamento hebreu e cristão, tornou-se usual considerar maus todos os demônios. Esses são os espíritos que mais chamam a atenção, porquanto são perturbadores. Os cristãos primitivos levavam muito a sério a existência e o poder dos demônios, conforme é demonstrado pela freqüente menção a eles, no Novo Testamento. Males mentais e corporais eram atribuídos às atividades de espíritos invisíveis, o que ocorre na história da maioria das culturas. Jesus dava ordens aos maus espíritos, e eles lhe eram obedientes (Mar. 1:27). Eles reconheciam a autoridade espiritual dele, e não ousavam fazer-lhe oposição. Os discípulos de Jesus deram continuação ao seu ministério de curas, no tocante ao corpo e à mente, e se utilizavam da autoridade do nome de Jesus quando tratavam com os espíritos malignos (Atos 16:18; Mar. 9:38; Luc. 10:17). As culturas com as quais o cristianismo foi entrando em contacto, à medida que se propagava, já tinham suas respectivas demonologias, havendo muitas interferências demoníacas, pelo que nada de novo foi introduzido nessa área, excetuando o fato de que há aquele *Nome* que é capaz de libertar, com o qual as pessoas das culturas pagãs não estavam acostumadas.

Entre os judeus era corrente a noção que a idolatria pagã era influenciada pelos demônios, e que, algumas vezes, os demônios são o próprio alvo da adoração idólatra. Paulo compartilhava dessa crença, pois, apesar de chamar um ídolo de coisa vã, em certas ocasiões (ver I Cor. 8:4), em outras oportunidades ele afirmava que os demônios eram objetos da adoração idólatra do paganismo (I Cor. 10:20). Por volta do século III D.C. já havia surgido uma espécie de classe de exorcistas oficiais no cristianismo, usualmente constituída por ministros, e as pessoas apelavam para eles, a fim de serem ajudadas contra os demônios.

### III. Idéias de Várias Culturas sobre os Demônios

1. Na Cultura Grega. As antigas lendas gregas retratam os deuses envolvendo-se com os homens, de forma comum e fácil. Nos escritos de Homero, um *daimon* era considerado uma força divina, uma espécie de divindade secundária; e, algumas vezes, essa palavra era usada como sinônimo de *théos*, «deus». Talvez a palavra fosse ocasionalmente usada como personificação de alguma força vaga e desconhecida, porém temida, embora possamos ter a certeza de que entidades verdadeiras estavam em foco. Mas, essa palavra não envolvia uma conotação negativa, a menos que a força envolvida fosse tida como negativa. Nos escritos de Hesíodo, o *daimon* algumas vezes era concebido como a alma de um homem da era áurea que conseguira estabelecer a conexão entre os deuses e os homens, quando então *theoi* e *daimones* eram confundidos como um só tipo de entidade. Essa palavra também era usada para aludir ao *gênio* ou destino do indivíduo, ou então para referir-se a um poder mal definido que controlava a vida de uma pessoa, mais ou menos como a palavra destino é usada em nossos dias. Os *fantasmas* dos heróis eram, algumas vezes, identificados com os *daimones*, o que significa que o humano era confundido com o divino. Os conceitos sobre a divindade eram assim rebaixados a tal ponto que eram confundidos com conceitos sobre demônios. Ver o artigo sobre a *Deificação*, o que ilustra o ponto.

Os gregos criam na existência de espíritos orientadores, da ordem dos anjos guardiães, pelo que um *daimon* (sem importar seu nível) algumas vezes era concebido como um desses espíritos. O diálogo de Platão, *Apologia*, mostra que Sócrates pensava que

## DEMÔNIO, DEMONOLOGIA

era guiado por um *daimon*; mas não devemos pensar em qualquer espírito maligno, no seu caso. Alguns estudiosos supõem que Sócrates foi um médium psíquico, sem sabê-lo, mas esse ponto é debatível. Falava-se também sobre o espírito chamado *alastor*, que teria especiais poderes de vingança; e os espíritos humanos desincorporados seriam capazes de afligir fisicamente às suas vítimas. Os espíritos teriam poderes de possessão. Heráclito (que vide) procurou suavizar essa idéia ao observar que o caráter é o espírito que habita em um homem, e não uma entidade separada. Platão identificava os demônios com as almas dos mortos (*Cart.* 398), supondo que eles poderiam fazer um trabalho de mediação entre Deus (ou os deuses) e os homens (*Banquete* III, 202,203). Os estóicos contavam com uma doutrina exagerada a respeito dos demônios, misturando-os com praticamente tudo. Epicuro, por outro lado, negava a existência dos demônios. Visto que se acreditava que espíritos de vários tipos podiam transmitir sorte, doenças, etc., aos homens, desde os tempos clássicos encontramos a base da demonologia posterior. Referências em *Timem* (partes 41,42,69,71, 75), de Platão, indicam que uma das crenças era que as almas dos homens, após a morte, podem tornar-se *daimones* negativos. Isso quer dizer que a palavra é ali usada em sentido negativo, o que, afinal, veio a ser o sentido único no Novo Testamento. Lembremo-nos, por igual modo, que os *theoi* da cultura grega algumas vezes rebaixavam-se praticando atos próprios dos demônios. Em consequência, o desenvolvimento de uma doutrina da demonologia, usando a palavra *daimon*, antes honrada, foi um acontecimento natural.

**2. Na Mesopotâmia.** Os demônios aparecem muito ativos na sociedade mesopotâmia, a julgar pela complexidade da demonologia deles. Os rios Tigre e Eufrates eram uma ameaça constante ao bem-estar dos povos daquela região do mundo. Quando aqueles rios inundavam e destruíam, muitos tinham certeza de que poderes demoníacos estavam à solta. A mitologia dos sumérios contém muitas alusões a deuses bons, *anunnaki*, e a sete espíritos maus, ou demônios, os *asakki*, que habitavam no mundo inferior e podiam exercer drásticas influências sobre a vida humana. As enfermidades eram consideradas invasões desses seres, no corpo humano, através dos orifícios do corpo. Vários ritos eram usados na tentativa de expeli-los. Brincos e colares, e outros encantamentos eram usados para tentar desviar esses demônios. As atividades dos maus espíritos trariam toda espécie de infortúnio. Deuses patrocinadores eram invocados para controlar circunstâncias adversas. Ordens sacerdotais eram treinadas para exorcizar. Também se pensava que os fantasmas de pessoas mortas podiam fazer aquilo que agora atribuímos aos demônios, o que reaparece como uma crença constante em muitas culturas, incluindo a cultura dos hebreus. Esses fantasmas eram chamados *etimmu*, e os sacerdotes tinham encantamentos para proteger as pessoas dos atos maus.

Os mesopotâmicos davam nomes específicos a demônios específicos, como os *rabisu*, os «gachadores», que tinham o costume de ficar à espreita de suas vítimas, apanhando-as desprevenidas. Os sumérios salientavam o valor mágico dos nomes, e o exorcismo com frequência incluía a idéia de que se fosse possível obter o nome de um demônio, isso ajudaria na tentativa de expeli-lo. Essa crença pode ser comparada com Mar. 5:9 e Luc. 8:30. Alguns exorcistas modernos continuam a prática de primeiro obter o nome do demônio, antes de começar o exorcismo. Os

babilônios levavam essa questão a extremos, supondo que os espíritos malignos podem penetrar nas roupas ou nas estruturas dos edifícios. Os *asakki* dos sumérios eram chamados *utukku* pelos babilônios. Havia um demônio feminino muito temido, de nome *Lamashtu*. A especialidade dela era molestar, prejudicar e matar crianças. O demônio *Namtar* tinha, à sua disposição, sessenta doenças diferentes com que prejudicar aos homens. Um amigo seu era *Irra* especialista no envio de pragas. *Lilitu* (também mencionada na literatura hebraica; ver sobre *lilith*) era um *succuba*, isto é, um demônio sensual, que tentava os homens durante o sono, com sonhos tipicamente freudianos. A *Ardat Lili* dos assírios tinha o mesmo tipo de mentalidade, e ela e seu companheiro macho não davam descanso às mulheres.

**3. No Egito.** Os egípcios acreditavam em muitos seres demoníacos, cuja finalidade era deixar a vida humana o mais miserável possível, embora não os classificassem de maneira elaborada como o faziam os mesopotâmios. Além disso, os demônios concebidos pelos egípcios tinham menos trabalho a fazer, porquanto os desastres naturais, como as tempestades e as enchentes, eram atribuídos aos próprios deuses, mais ou menos da ordem dos *theoi* gregos, que perturbavam continuamente os homens. No Egito, os demônios gostavam de infligir enfermidades e febres noturnas, ou alguma praga ou dor súbita. Os sacerdotes egípcios dispunham de encantamentos para proteger as pessoas. Os egípcios tinham demônios aéreos, ou seja, demônios habitantes da atmosfera terrestre. Por essa razão é que eles fumigavam periodicamente seus templos, palácios e mesmo lares, especialmente por ocasião de algum funeral, o que servia de ocasião para os demônios se ativarem de maneira extraordinária. Novamente, em consonância com a maioria das culturas, os egípcios pensavam que alguns demônios eram fantasmas ou espíritos de pessoas que já haviam morrido, mas que teimavam em ficar gravitando por este mundo a fim de molestar aqueles que ainda tinham corpos físicos, como sinal de sua mortalidade. De acordo com muitas demonologias, os egípcios também enfatizavam a necessidade de descobrir o nome do demônio, a influência de dias bons ou maus (com o uso de horóscopos), a natureza eficaz de pedras preciosas, encantamentos e ritos, para proteção e livramento. Porém, para eles as crianças estavam em segurança, porquanto não haveria demônios especializados em molestá-las.

**4. No Antigo Testamento e nos Livros Apócrifos.** Não há uma demonologia plenamente desenvolvida no Antigo Testamento, o que demonstra o fato de que esse foi um desenvolvimento gradual na cultura hebraica, com muitos empréstimos feitos de outras culturas. Outro tanto sucedeu no campo da angelologia. Os antigos textos hebraicos não têm uma palavra separada para indicar «demônio». As atividades negativas sobrenaturais eram efetuadas pelo *elohim*, um nome comum dado ao próprio Deus. Nisso temos um paralelo com a cultura grega, onde *theos* podia ser um deus bom ou um deus mau. *Elohim* é empregado para indicar os fenômenos extraordinários e os poderes proféticos de Balaão (Núm. 24:2), ou aqueles ligados a Saul (I Sam. 10:11; 19:20-23). As traduções dizem «Deus», mas talvez «deus» estivesse mais correto. Seja como for, o uso adjetivado da palavra *elohim* é definitivamente usado em conexão com um espírito maligno, em II Sam. 16:15, 16, 23. Porém, até mesmo ali, alguns tradutores insistem em supor que está em foco o Deus de Israel. Em harmonia com o modo egípcio de manusear a

## DEMÔNIO, DEMONOLOGIA

questão, as pragas, as enfermidades e muitas mazelas humanas são atribuídas a Deus, no Antigo Testamento, e não a espíritos malignos. Ver Êxo. 9:3; Jó 2:7; II Sam. 1:9. A *cãibra*, citada na última dessas referências, segundo supõem alguns intérpretes, indicaria um ataque de espírito maligno, mas o ponto tem sido muito debatido. Conforme tudo isso nos permite ver, as elaboradas demonologias das culturas pagãs simplesmente fazem-se ausentes no Antigo Testamento, embora ali haja alusões a tal crença. O trecho de Deuteronomio 32:17 é um exemplo disso, onde a Septuaginta diz *daimonia*. Essa referência, porém, poderia ser uma séria aceitação da natureza demoníaca dos deuses pagãos, ou seja, de certa forma de demonologia. Outras referências similares existem, como a de Levítico 17:7, aos «cabeludos», que seria uma alusão aos *sátiros*. O sentido dessa palavra é «bode»; mas, nas referências pagãs há deuses ou demônios que habitavam em lugares ermos (comparar com Isa. 13:21; 34:14). A adoração ao bode, com os ritos depravados paralelos, era comum no Baixo Egito, e o povo de Israel estava familiarizado com a mesma, desde antes do êxodo. Nessa adoração estava envolvido o culto aos *sátiros*, visto que essa criatura imaginária é o «cabeludo» (embora nossa versão portuguesa diga «demônio», em Lev. 17:7). Ver também II Crônicas 11:15, nessa conexão. Esses versículos provavelmente estão por detrás da declaração paulina de que a idolatria envolve a adoração de demônios (I Cor. 10:20, que parece ter Deuteronomio 32:17 especialmente em vista). Isaías alude ao demônio feminino *Lilutu*, em Isa. 34:14 (onde nossa versão portuguesa diz «fantasmas»). Esse demônio feminino viria tentar os homens, durante o sono, sendo capaz de efetuar atos sexuais com eles. Outras possíveis referências, no Antigo Testamento, às atividades demoníacas, como a *destruição* que assola ao meio-dia (Sal. 91:6) ou o *terror* da noite (Sal. 91:5), ou a *sanguessuga* (Pro. 30:15), presumíveis aflições provocadas por espíritos que causam doenças (Deu. 28:22), são um tanto mais dúbias, e, provavelmente, só envolvem expressões poéticas, sem abordar qualquer especulação demonológica.

**Os Livros Apócrifos e Pseudepígrafos.** Essa literatura expõe um quadro desigual sobre os demônios. Eclesiástico, Macabeus e a Sabedoria de Salomão são a base veterotestamentária, com algumas poucas referências que refletem a crença nos demônios. Sabedoria de Salomão 18:15 é uma possível exceção. O anjo vingativo que ali aparece pode ser considerado uma força demoníaca. Porém, nos apocalipses do judaísmo helenista há uma grande variedade de espíritos, bons e maus. Jubileus é livro que atribui forças naturais às atividades espirituais (Jubileus 2:2; 10:5). As tendências imorais da natureza humana seriam inspiradas pelos demônios, no Testamento dos Doze Patriarcas. Ali são mencionados sete *espíritos enganadores*. Esses espíritos primeiramente levam os homens a pecar, então castigam-nos por causa do pecado cometido, se pudermos crer nos conceitos ali emitidos. As forças malignas alinham-se por detrás de Belial ou Satanás, o que significa que uma espécie de dualismo, por essa altura, se incorporara ao judaísmo. Todavia, isso não é tão estranho quando consideramos que, desde o princípio, no Antigo Testamento, temos o poder da serpente (um símbolo de Satanás, em tempos posteriores) e a queda de Lúcifer, em Isaías 14:12. Não obstante, um verdadeiro *dualismo* aparece na idéia da existência de um reino bom e de um reino mau, com suas respectivas forças boas e más, bem como o resultado do conflito, que aparece um tanto

duvidoso. Ver sobre o *Dualismo*. No Testamento dos Doze Patriarcas, em Aser 1:9; 6:2; Dan. 1:6,7; Judá 13:3; 14:2; Levi 19:1 ensina-se que o reino do mau será derrotado antes da inauguração da nova criação. Até então, os demônios do reino mau mostrar-se-ão ativos. Uma porção do Manual de Disciplina (parte dos manuscritos do Mar Morto), — fala sobre os espíritos perversos (III 22-24), e sobre as forças malignas que se lançam contra os filhos da luz (IV 12,13). A era messiânica haverá de livrar o mundo desses seres malignos. Os eruditos vêm, na apresentação desse documento, a influência da demonologia iraniana.

Os livros da Sabedoria de Salomão e o Enoque Eslavônico (2:4 e 3:31, respectivamente), apresentam Satanás como o arquidemônio que encabeça todos os demônios. Isso é um desenvolvimento cultural. O livro de Enoque procura explicar a origem dos demônios. Ali eles aparecem como anjos que se rebelaram contra Deus e caíram. Então vieram ter contacto sexual com mulheres humanas, o que causou muita confusão. Alguns têm interpretado desse modo os trechos de Gênesis 6:1-4 e Ezequiel 28:13-17. Esse livro sem dúvida segue a idéia iraniana de que a própria matéria é má (um conceito incorporado no gnosticismo), e que qualquer contacto com a matéria é automaticamente corruptor. No livro de Tobias vemos a influência persa, porque o demônio *Asmodeu*, a contrapartida masculina da *succuba* babilônica é ali apresentado, o que pode ser uma variação do demônio *Aeshma*, da Pérsia. Outros eruditos pensam que o *Shamedon* palestino está em pauta. Porém, nesse livro há outros vestígios do pensamento persa, pelo que, seja como for, há uma grande mescla de idéias.

A obra pseudepígrafa que mais fala sobre os demônios é a *Ascensão de Isaías*, onde Beliar (variante de Belial) é visto tentando os homens através das suas múltiplas agências. De modo geral, pode-se dizer que a demonologia da maioria das culturas do período helenista já estava bem desenvolvida. Qualquer calamidade, enfermidade e infortúnio, pessoal ou coletivo, é ali atribuído à atividade dos demônios. Foi dentro desse contexto que o Novo Testamento veio à existência e, conforme já seria de se esperar, sua demonologia é bastante ampla.

### IV. A Demonologia no Novo Testamento e na Interpretação Cristã

No Novo Testamento, a designação grega usual dos demônios é *daimonino* (no singular), forma diminutiva de *daimon*, embora ambas as formas possam ser ali encontradas. Desaparece o bom *daimon* dos escritos clássicos, e somente espíritos malignos são assim referidos, por esse termo. Beelzebube (ou Belzebu) é o príncipe dos demônios (Mar. 3:22).

1. *Atividades Específicas dos Demônios, no Novo Testamento.* Os demônios afligem os homens com problemas físicos e mentais (Mar. 1:21). Eles podem possuir os homens, controlando-os completamente (Mat. 5:1-21). Inspiram doutrinas distorcidas (I Tim. 4:1). Mostram-se ativos no sistema satânico de governo mundial, com implicações cósmicas (Efé. 6:12; ver também Dan. 10:13). São os agentes por detrás da idolatria, da imoralidade e de todos os tipos de iniquidade e perversão humanas (I Cor. 10:20; Apo. 9:20,21). Eles inspiram os falsos mestres (João 4:1,2). São capazes de prender os homens em situações desagradáveis e de longa duração (Luc. 13:11). Podem falar pela boca dos homens (Mar. 3:11; Mat. 8 e Lucas 8). Eles dialogaram com Jesus, e o Senhor lhes deu permissão para possuírem porcos. Eles reconhecem o caráter messiânico de Jesus (Mat.

8:29; ver também Luc. 4:41; Mar. 3:11; 1:34; Atos 19:13-17). Os evangelhos, bem como referências como Efésios 6:12 ss. aludem a um contínuo conflito espiritual entre forças boas e más. Jesus tem autoridade sobre esses espíritos malignos, e compartilhou dessa autoridade com os seus discípulos (Luc. 9:1; 10:17). O chefe dos demônios já foi julgado e receberá a sua sentença (Luc. 10:18 ss), o que significa que os seus ministros também estão condenados à derrota final. Ver o artigo separado sobre a *Queda de Satanás*.

2. *A Realidade dos Demônios*. É óbvio que o Novo Testamento participa no desenvolvimento da demonologia, conforme já pudemos acompanhá-la em várias culturas, segundo se vê sob o ponto III, acima. Era apenas natural que vários exageros e mitos tivessem vindo juntar-se ao assunto. Além disso, temos que admitir, desde o começo, que esse é um assunto muito vasto, acerca do qual sabemos comparativamente pouco, e acerca do qual muita coisa falsa já foi dita, e muito do que é veraz ainda precisa ser dito. Nosso conhecimento sobre o mundo dos espíritos, no tocante aos seus lados positivo e negativo, não é muito grande. É razoável supormos que o mundo dos espíritos é povoado, pelo menos, por tantas espécies quanto àquelas existentes no mundo físico, pelo que as forças espirituais, boas e más, devem existir em muitas e diferentes espécies, formando hierarquias de poder. Sem dúvida, o trecho de Efésios 6:12 alude a essa crença. A complexidade dos poderes espirituais bons é uma admirável realidade. E a complexidade dos poderes malignos é uma realidade assustadora. Contudo, não podemos dizer: «Os demônios são assim», referindo-nos a anjos caídos ou a somente um tipo específico de ser espiritual. O termo grego *daimon* é genérico, incluindo muitas espécies diferentes. Alguns deles são extremamente malignos. Outros são como nós, bons ou maus, havendo toda a variedade de gradação entre eles. Essa noção geral pode ser afirmada com base na experiência humana, porquanto ali entramos em contacto com toda a forma de poder espiritual, e não apenas com um tipo.

3. *Origem dos Demônios*. É abundantemente claro que o Novo Testamento não apresenta — qualquer informação — sobre esta questão. Josefo (*Guerras*, VII, 6.3) pensava que os demônios eram espíritos dos homens maus, que depois da morte voltariam a este mundo para — continuar — suas vidas ruins. Essa idéia era comum entre os antigos, incluindo os gregos e hebreus. Também foi a idéia de alguns dos pais da Igreja, como Justino (c. 150 D.C.) e Atenágoras. Tertuliano foi o primeiro a mudar a idéia na Igreja, promovendo o ensino de que os demônios são anjos caídos, não almas humanas. Crisóstomo (407 D.C.) rejeitou o ensino de que os demônios são espíritos humanos e muitos eruditos o seguem neste ensino. A evidência indica que *alguns* demônios são espíritos humanos desencarnados, mas outros são de outras ordens de entidades, inclusive da ordem dos anjos caídos. Estudos sobre *possessão* mostram, claramente, que existem muitas formas e forças de *possessão*. É óbvio que diversas ordens de seres são envolvidas no fenômeno, inclusive espíritos elementares que são sub-humanos, e não sobre-humanos. Há muitos mistérios.

#### V. *Possessão Demoníaca*

Ver o artigo separado sobre este assunto.

Essa questão tem atraído a zombaria e o ridículo da parte de alguns estudiosos modernos. Os céticos na Igreja e muitos cientistas afirmam que a idéia antiga é que os demônios provocaram enfermidades e loucura,

mas que atualmente se sabe que tais espíritos não existem, pelo que, tais casos seriam tipos de enfermidades psíquicas. Os que assim dizem apresentam, frequentemente, como parte das provas que oferecem, a observação de que hoje em dia não ocorrem mais esses casos. Isto, todavia, é uma avaliação superficial da questão.

#### 1. *A Realidade da Possessão*

a. O N.T. ensina inequivocamente que os espíritos imundos são reais e não imaginários. Pelo N.T., jamais entenderíamos que demônios não existem. Efé 6:12 afirma: «... a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes».

b. O N.T., contudo, não ensina que *todas* as doenças e casos de loucura resultem da influência ou possessão por parte dos demônios. O trecho de Mat. 8:2,6,16 indica diversas fontes das enfermidades, uma das quais é a influência exercida pelos demônios.

c. *Não é verdade* que o fenômeno não ocorra atualmente. Em diversos lugares do mundo, os missionários narram casos que não diferem dos que são encontrados no N.T.

d. Talvez o fenômeno se multiplicasse e evidenciasse mais nos dias em que Jesus esteve entre os homens, simplesmente por causa da *oposição* à sua presença. A luta entre as forças do bem e do mal foi intensificada.

e. É insensatez dizer que não se pode crer em nada *que não se possa ver*, isto é, os anjos, os demônios, Deus, alma, etc., porquanto qualquer estudante sabe que os sentidos humanos são débeis e inexactos, sendo muito provável que não tenhamos percepção sensorial da maior parte das realidades do universo. A princípio os cientistas negaram o fenômeno dos meteoritos porque, disseram eles, *sabemos que não existem pedras no ar*. Os cientistas também negaram o fato de que os germes podem causar enfermidades porque é ridículo acreditar em animais tão pequenos que são invisíveis para percepção da visão. Hoje, todavia, todos sabem que eles estavam equivocados. Até mesmo coisas das mais simples e corriqueiras hoje em dia, foram negadas pela ciência humana de ontem. Precisamos nos lembrar de que os cientistas do século XXI provavelmente dirão que a nossa ciência, a do século XX, sofria de uma espécie de provincianismo. Talvez se obtenham, no futuro, provas da existência dos espíritos, tanto bons como maus. No futuro, quiçá se obtenham provas absolutas sobre a imortalidade da alma, portanto, da natureza espiritual do homem.

f. *As pesquisas psíquicas* parecem confirmar a existência do mundo dos espíritos, tanto bons como maus. Nota-se, com interesse, que muitas pessoas que não são religiosas, mas que estão envolvidas nos estudos psíquicos, acreditam na existência de entidades invisíveis, porque essa hipótese explica diversos fenômenos que, de outra maneira, são mais difíceis de explicar. Por quê se reputa científica a idéia de que estamos *sós* no universo? Provavelmente, o mundo invisível tem tanta variedade de seres como o mundo visível.

2. *Outras Considerações*. a. A possessão demoníaca é um fenômeno que ocorre ao redor do globo, embora varie quanto ao tipo e à intensidade. Presume-se que além da possessão demoníaca há a *influência* demoníaca, o que também não é nenhuma brincadeira. Os povos primitivos, os bruxos e os que participam das bruxarias em geral, podem ser culpados de buscar

## DEMÔNIO, DEMONSTRAÇÃO

— a possessão por demônios. Isso também pode ocorrer com os médiuns psíquicos, que procuram a ajuda dos espíritos dos mortos, e assim expõem-se às influências demoníacas, que pouco conhecem, e sobre as quais exercem bem pouco controle. Nas sociedades primitivas, a possessão demoníaca é quase uma característica constante da fé religiosa. Em algumas religiões, supõe-se que os espíritos procurados são bons; mas, em outras, a ajuda de espíritos malignos é abertamente solicitada, sobretudo nos casos em que um bruxo procura prejudicar a outrem, ou então vingar-se. b. Os *espíritos* reconhecem que eles tratam com espíritos bons e maus. Tomam medidas para evitar o contacto com os maus espíritos, mas isso nem sempre é conseguido, do que pode resultar a influência ou mesmo a possessão demoníaca, devido ao estado de transe. A complexidade do mundo espiritual, em facetas positivas e negativas, não nos permite fazer um juízo universal sobre o que sucede às pessoas que buscam a cooperação e ajuda dos espíritos. Entretanto, as observações indicam que sempre há alguma possessão demoníaca envolvida nesses casos. c. Não somente isso, mas o exame dos *movimentos carismáticos* (que vide) indica que, no seio da própria Igreja há alguma atividade demoníaca. Não que tudo quanto ali ocorre seja demoníaco. Mas têm sido registrados casos de blasfêmias, proferidas em línguas, e as pessoas tomam consciência de poderes malignos que as influenciam, quando supunham exercer dons espirituais. Novamente, há manifestações boas e más, pelo que o espírito de discernimento torna-se urgentemente necessário. d. No Antigo Testamento, os médiuns que buscavam a ajuda dos espíritos eram banidos, não porque se pensasse que estivessem doentes e, sim, por serem influenciados por espíritos malignos (Lev. 10:6,27; I Sam. 16:14; 19:9). O que aqui é dito sobre os médiuns espíritas pode ser aplicado a certos acontecimentos do movimento carismático. Aqueles que se franqueiam propositalmente aos poderes espirituais podem atrair poderes negativos, e não positivos. Por seus frutos influenciados por espíritos malignos (Lev. 10:6,27; I Sam. 16:14; 19:9). O que aqui é dito sobre os médiuns espíritas pode ser aplicado a certos acontecimentos do movimento carismático. Aqueles que se franqueiam propositalmente aos poderes espirituais podem atrair poderes negativos, e não positivos. Por seus frutos influenciados por espíritos malignos (Lev. 10:6,27; I Sam. 16:14; 19:9). O que aqui é dito sobre os médiuns espíritas pode ser aplicado a certos acontecimentos do movimento carismático. Aqueles que se franqueiam propositalmente aos poderes espirituais podem atrair poderes negativos, e não positivos. Por seus frutos influenciados por espíritos malignos (Lev. 10:6,27; I Sam. 16:14; 19:9). O que aqui é dito sobre os médiuns espíritas pode ser aplicado a certos acontecimentos do movimento carismático. Aqueles que se franqueiam propositalmente aos poderes espirituais podem atrair poderes negativos, e não positivos. Por seus frutos influenciados por espíritos malignos (Lev. 10:6,27; I Sam. 16:14; 19:9).

f. Apesar de que a maioria dos psicólogos tenha eliminado a realidade da possessão demoníaca por parte de entidades espirituais separadas, muitos deles têm chegado a reconhecer a realidade dessas possessões, mediante sua própria experiência diária. Nos casos de múltipla personalidade, a maior parte dos mesmos pode ser explicada mediante a suposição de que houve a fragmentação da personalidade. Ocasionalmente, porém, a suposta fragmentação é mais do que isso: trata-se de alguma entidade separada verdadeira, com um campo de memória separado, e, com frequência, dotada do conhecimento do que se acha no depósito cerebral da pessoa possuída. A primeira tarefa de um curador consiste em distinguir essa identidade, fazendo-a identificar-se, a fim de que deixe de ocultar-se sob a máscara da fragmentação da personalidade. Em alguns casos, parece claro que essa entidade é uma alma humana desencarnada, mas, em outros casos, alguma forma de entidade espiritual está envolvida, incluindo a temida categoria dos anjos caídos. Meus

amigos, há muitos mistérios, e nosso conhecimento acerca deles é pequeno. Mas uma coisa é certa: Não estamos sozinhos neste mundo. Há entidades invisíveis que nos acompanham.

3. **Predisposições que Encorajam a Possessão Demoníaca.** a. Uma vida de dissipações. b. A frequência a lugares onde os espíritos vis supostamente mostram-se ativos, como os bordéis, os concertos de rock, os teatros e cinemas que apresentam peças e filmes de má qualidade. c. A participação em ritos e práticas religiosas que encorajam o contacto com os espíritos, incluindo certos aspectos do movimento carismático. d. Ter uma «casa vazia» (Mat. 12:44,45), o que indica que um homem não está internamente preparado para protegê-lo de invasões malignas. e. O uso constante de música sensual, mormente da variedade frenética como o rock, é prejudicial. Na África, ritmos musicais similares têm sido usados para invocar os espíritos. f. A persistência na forma de vícios que debilitam nossas defesas naturais. g. Os pactos propositais com as forças malignas, com propósitos de obter vantagens egoístas. h. Uma atitude descuidada acerca da necessidade de ter discernimento quanto aos espíritos, quando a expressão religiosa de alguém inclui a busca proposital de manifestações místicas. i. A associação com o ocultismo e suas práticas, sem o conhecimento adequado. j. Há fatores que não são facilmente entendidos, e sobre os quais temos poucas informações. Parece que as próprias crianças estão sujeitas a possessão, em alguns casos, e que os espíritos de parentes mortos têm uma certa facilidade para apossar-se delas. A proteção do Espírito Santo faz-se ausente por alguma razão, porque é teoria comum que as crianças possuem uma proteção natural. Mas essa teoria rui por terra, em alguns casos. k. Há *casos especiais* de possessão, em que uma figura maligna é escolhida para cumprir alguma missão satânica, como sucederá no caso do anticristo. Assim como há instrumentos especiais do bem, há agentes especiais do mal. Isso talvez explique a imensa malignidade de algumas pessoas extraordinárias, como Hitler e outros, que foram assassinos em massa e elementos destruidores em grande escala. Há um poder maligno incomum que inspira a certos homens poderosos. Aparentemente são missionários e profetas de Satanás, por estarem trabalhando em parceria com ele por longo tempo. Ele os envia em missões especiais, da mesma forma que Deus envia os seus profetas. Alguns desses enviados de Satanás, como o anticristo, cumprem mais de uma dessas missões, segundo se vê em Apo. 11:7; 17;8,10 ss, no tocante ao anticristo. O anticristo já esteve vivo neste mundo, e ascenderá do hades a fim de cumprir uma outra missão diabólica. Na próxima oportunidade, ele será a própria encarnação de Satanás, uma imitação da encarnação do Logos em Jesus Cristo. Nesse fenômeno, teremos a trindade maligna do décimo terceiro capítulo do Apocalipse.

*Bibliografia.* AM B C E LAN UN(1952) WEA Z

### DEMONSTRAÇÃO

Essa palavra significa «apontar», ou seja, «exibir», «tornar conhecido». A demonstração é formalmente feita mediante uma série de provas, com base em fatos, princípios racionais e inferências. Na *lógica*, o termo indica um sistema de raciocínio ou exibição de como e por quê certas coisas devem ser como são, com base em axiomas, postulados e deduções.

No campo da *ética*, o termo tem sido usado para aludir à ação física, em contraste com meras palavras, como um protesto contra algo ou como ato em apoio a

algo. As demonstrações públicas são conduzidas por meio de marchas, reuniões em massa, boicotes, greves, piquetes, jejuns individuais e coletivos, e em casos extremos, auto-imolação. As demonstrações são uma forma de protesto, o que tem ocorrido ao longo da história. Mas, na década de 1960, tornou-se um modo comum de expressão, especialmente dentro do movimento de direitos civis, nos Estados Unidos da América. Martin Luther King Jr., pastor negro batista, combinava os conceitos de resistência passiva, de Gandhi, com atos de demonstração pública. Ele produziu o que veio a ser conhecido como revolução negra. Os brancos reagiram mediante contrademonstrações, combatendo a integração nas escolas públicas, o direito de alugar casas em bairros de brancos e o uso de ônibus para conduzir estudantes negros para dentro ou para fora de áreas diversas, no esforço para impedir a integração pela força. Muitos líderes religiosos têm-se mostrado ativos nessas demonstrações, consideram-nos uma expressão não-violenta dos princípios democráticos. Os resultados de uma contínua demonstração têm sido eficazes na produção das mudanças almejadas. Naturalmente, há abusos, como em todos os movimentos radicais, porquanto políticos aproveitadores tiram vantagem do entusiasmo público, bem como do espírito de multidão, a fim de promoverem suas idéias radicais e, geralmente, destrutivas.

## DENÁRIO

Mateus 20:2. *Ajustou com os trabalhadores o salário de um denário por dia, e mandou-os para a sua vinha.*

*Um denário por dia.* O denário ou dracma (*termo ático*) era a principal moeda de prata dos romanos naquela época, talvez valendo vinte centavos de dólar norte-americano, embora com muito maior poder aquisitivo do que essa quantia representa hoje em dia. Geralmente é usado para indicar um dia de salário, o que se verifica na escala de soldos dos soldados romanos. (Ver também *Tobite* 5:14). Alguns intérpretes asseveram que o salário diário original era ordinariamente menor que um denário, pelo que o oferecimento de um denário inteiro em pagamento de um dia de trabalho era um salário liberal. Lemos que os acordos verbais sobre o pagamento esperado e o trabalho a ser feito eram válidos de conformidade com a lei, isto é, as condições tinham de ser satisfeitas de ambos os lados, ou poderia haver dificuldade ante as autoridades civis. Um dia de trabalho era considerado o tempo desde o nascer do sol até o aparecimento das estrelas.

*Muita discussão tem surgido em torno da interpretação do símbolo do «denário», a saber:*

1. Alguns têm ensinado que indica uma recompensa *temporal* apenas, e que não deve ser tomado como indicação de «galardão» eterno, nos céus. Essa recompensa (segundo essa interpretação) significaria as diversas expressões da bondade de Deus para com todos os povos que são seus servos. O recebimento desse tipo de «recompensa» não indicaria que essas pessoas têm ou teriam a «vida eterna». No fim, quando do julgamento, cada qual verá que recebeu o seu «denário», ou seja, qualquer aprazimento que a vida porventura lhes tenha dado. Alguns bons intérpretes, como Lutero, Stier, W. Nast e Wordsworth, têm mantido essa opinião; mas o ponto de vista não se coaduna com a dignidade da parábola e é incongruente com a descrição do dia da recompensa. Pois é muito difícil vermos como, no fim da vida (do dia, segundo a parábola) um servo poderia ser

recompensado com a vida que já viveu.

2. Alguns interpretam que o «denário» é um símbolo da *vida eterna*. Assim pensavam Orígenes, Agostinho (ver, por exemplo, em Sermões 343: «Denarius illevita aeterna est, quae omnibus par est»), e também Gregório I, Bernardo, Maldonato (*salus et vita aeterna*), Meyer, Lange, Alford (que achava possível que se referisse ao próprio Deus, porquanto Deus é a nossa recompensa). Alguns têm feito objeção a esse ponto de vista por que faz da vida eterna uma forma de recompensa por serviço prestado, o que evidentemente contradiz a salvação pela graça. Todavia, em outras oportunidades o próprio Jesus representou a vida eterna como uma espécie de recompensa ou soldo. Ver Mat. 5:12 («...é grande o vosso galardão nos céus...»); 10:42; Luc. 6:23,35; 10:7; João 4:36; e também Paulo, em I Cor. 3:8,14.

3. Certamente a segunda interpretação condiz melhor com a parábola do que a primeira, mas parece que podemos interpretar o sentido do *denário* à luz das idéias que nos são dadas em Mat. 20:15,16. O vs. 15 indica, de modo definido, que o «denário» é símbolo de *galardão*. Assim, pois, apesar da «vida eterna» estar em foco, esta existência terá certo caráter ou expressão para cada indivíduo. O caráter desta existência dependerá do que cada indivíduo tiver feito e tiver sido. Essa idéia, portanto, pelo menos em parte é paralela à doutrina dos galardões que serão conferidos na forma de «coroas», e que serão dados em recompensa ao serviço fielmente prestado. Por outro lado, devemos divorciar-nos de interpretações *materialistas*. Certamente que teremos posses materiais, mas as Escrituras falam mais particularmente, neste passo, da recompensa espiritual, o que deve incluir o desenvolvimento *do homem interior*, a capacidade de prestar serviço a Deus e a capacidade de ir-se desenvolvendo cada vez mais, mediante a graça divina, para que sejamos uma representação cada vez mais perfeita da imagem de Cristo. Nossa fidelidade no serviço cristão determinará o estado metafísico de nossos seres e a capacidade que teremos de prestar serviço especial e elevado a Deus. Portanto, aqui está em foco não simplesmente a «vida eterna», mas também a *nossa condição* nessa esfera. Esta passagem, pois, ensina a desigualdade daqueles que possuem a vida eterna, e isso está de acordo com todo o ensino cristão acerca dos «galardões». Seremos galardoados segundo nossas obras e nossa fidelidade; e isso não faz alusão às possessões materiais, de forma alguma. Deus tem muitas obras a serem realizadas, e essa realização envolve uma inquirição eterna. Ele disporá de instrumentos especiais para essas tarefas. Os galardões envolvem a doação de capacidade para o cumprimento dessas incumbências. Essa doação de capacidade envolve transformações metafísicas do ser, na direção da imagem de Cristo; o alvo mais elevado é a transformação total do crente, de conformidade com essa imagem. O vs. 16 (que também interpreta o sentido do «denário») mostra que nos aguardam muitas surpresas. O ponto de vista humano com freqüência é uma interpretação inadequada daquilo que Deus vê como valioso, daquilo que merece recompensa e daquilo que é digno de consideração, porquanto é verdade que nessa questão de recompensas, de posição metafísica na vida além, quer se trate de povos (nações), quer se trate de indivíduos, «...os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos».

## DENÁRIO

*Ver sobre Moedas.*

**DENCK, HANS**

Suas datas foram 1495-1527 D.C. Foi uma controversa figura do período da Reforma protestante. Foi reitor de uma escola da Basileia, na Suíça, e depois em Nurembergue. Mas foi despedido por promover os pontos de vista dos anabatistas (que vide). Essa rejeição repetiu-se por outras vezes, obrigando-o a mudar-se de cidade em cidade.

**DÊNIS, SÃO**

Faleceu em 258 D.C. Foi o primeiro bispo de Paris. Começou a trabalhar na Gália em cerca de 250 D.C., e ficou conhecido por sua energia e piedade. — Finalmente, sofreu o martírio. Tornou-se o santo patrono da França. De acordo com certa tradição, registrada por Gregório de Tours, em sua *Historia Francorum*, ele foi um dos sete bispos enviados, durante o reinado do imperador Décio (258-259 D.C.), de Roma à Gália. Seu martírio ocorreu durante as perseguições movidas por Valeriano. Santa Geneveva edificou uma basílica sobre o alegado lugar do sepultamento de Dênis, em Catullicus, uma aldeia próxima de Paris, em 574 D.C. Posteriormente, ela foi substituída pela abadia de São Dênis, edificada pelo rei Dagoberto, em 624 D.C. São Dênis tem sido erroneamente identificado com Dionísio, o Aeropagita (Atos 17:34), e também com o autor das obras atualmente intituladas pseudodionísianas, as quais, conforme se sabe agora, pertencem a uma data muito posterior. A festa religiosa em honra a São Dênis é celebrada a 9 de outubro. (AM E)

**DENNY, JAMES**

Suas datas foram 1856-1917. Foi um proeminente teólogo e erudito do Novo Testamento. Pertencia à Igreja Livre Unida, da Escócia. Nasceu em Paisley. Educou-se nessa cidade e em Glasgow. Foi pastor em Broughty Ferry. Mais tarde, foi professor do Novo Testamento na faculdade da Igreja Livre Unida, em Glasgow. Foi autor de diversas obras importantes: *Studies in Theology; The Death of Christ; Jesus and the Gospel; Christian Doctrine of Reconciliation*. Também foi um dos contribuintes do comentário intitulado *Expositor's Greek Testament*.

**DE NOBILI, ROBERTO**

Suas datas foram 1577-1656. Foi um jesuíta italiano, missionário bem-sucedido em Madura, na Índia. Foi o primeiro europeu a tornar-se eficiente na literatura indiana, sendo melhor lembrado por sua vigorosa defesa dos costumes sociais dos indianos.

**DENOMINAÇÃO**

Essa palavra significa três coisas possíveis: 1. O ato de nomear. 2. A designação de uma classe. 3. Um grupo organizado, que faz parte da Igreja cristã. Historicamente, as denominações vieram à existência quando as pessoas começaram a unir-se por detrás de certas interpretações, achando impossível manter comunhão organizacional com outros cristãos, que não compartilhavam exatamente das mesmas idéias e doutrinas. Pelos fins do século II D.C., já havia mais de vinte grupos distintos dentro do cristianismo, os quais poderiam ser chamados «denominações». Dentro do próprio Novo Testamento temos os primórdios das denominações cristãs, quando os crentes escolheram como heróis, Paulo, Pedro ou Apolo, mencionados em I Coríntios 3:4 ss. Quando os

homens diziam pertencer «a Paulo», e não a Cristo, uma denominação estava em formação. Assim também, vários séculos depois, os homens diziam-se «de Lutero», «de Calvino», etc., e as denominações foram surgindo. Na primeira epístola aos Coríntios, Paulo procura mostrar que uma grande variedade de opiniões pode ser mantida dentro das fronteiras da igreja. Ele não procurava excluir da Igreja aqueles que tinham idéias com as quais ele não concordava em todos os pontos. Ele criticou os filósofos por não aceitarem a sua posição referente à ressurreição, mas não causou uma divisão na Igreja, por esse motivo. Atualmente, porém, há homens que dividem denominações e seminários teológicos por causa de questões triviais, como se os dias da criação, no livro de Gênesis, devam ser entendidos como seis dias literais, de vinte e quatro horas cada um, ou não. Também há aqueles conflitos por motivo de poder, que provocam divisões, mesmo quando nenhuma questão doutrinária está em pauta. Todos nós temos consciência da praga das controvérsias, quando as mesmas geram hostilidade.

**Quando as denominações são boas? Podemos pensar nestas quatro possibilidades:**

1. Visto que as pessoas inclinam-se por causar divisões, e visto que suas mentes não são capazes de aceitar a pluralidade, o mal necessário das divisões pode cooperar para o bem, quando as pessoas organizam-se em grupos que funcionam eficazmente. É possível que um grande pluralismo seja impraticável pelo presente homem imperfeito, cuja mente sempre é por demais estreita em suas aplicações. Sendo esse o caso, é melhor que as pessoas que creem nas mesmas coisas, e que favorecem certas práticas, unam-se de modo a operarem mais suavemente. É melhor que haja um pequeno grupo, com poucos membros, do que um grupo numeroso, com muitos membros, se o grupo pequeno funciona melhor do que o grupo grande.

2. A *vantagem histórica* das denominações. Têm surgido denominações que encarecem certas práticas e doutrinas que precisam ser salientadas. Desse modo, as denominações têm-se tornado mestras para benefício da Igreja inteira.

3. Um *serviço prático*. Algumas denominações têm destacado certas obras e missões, coisas que precisam ser feitas, mas que a corrente principal do cristianismo não está realizando a contento.

4. Uma *expressão universal*. As denominações podem ser vistas como membros do corpo da Igreja universal, cada denominação com sua ênfase e seu serviço especiais. Uma delas, por exemplo, enfatiza o aspecto intelectual, erudito, o refinamento e a compreensão exata das doutrinas. Uma outra frisa a necessidade do toque místico na religião. Ainda uma terceira enfatiza a necessidade das obras de caridade. Uma quarta denominação mostra-se muito ativa nas missões ao estrangeiro. Quando consideradas em seu conjunto, as — denominações cristãs — formam um único corpo, mesmo que muitos não consigam reconhecer esse fato.

**Quando as denominações são prejudiciais? Também há quatro pontos que precisam ser levados em conta:**

1. Quando surgem devido às controvérsias baseadas na hostilidade, e a sua própria existência se deve ao espírito sectarista.

2. Quando criticam e perseguem a outras denominações, que, afinal, são da mesma natureza que elas.

3. Quando se tornam exclusivistas, e, no seu



orgulho, pensam que são melhores que as outras denominações, representando mais correta, ou mesmo exclusivamente a Igreja.

4. Quando aparecem pela razão de lutas pelo poder, servindo de meios para engrandecimento do homem, e não para glorificação de Cristo.

## DENOTAÇÃO

Essa palavra vem do latim, **de** e **notare**, isto é, «notar», «marcar». Os filósofos usam esse termo de muitos modos, alguns deles conflitantes. Na lógica, em oposição ao uso comum, a denotação de uma palavra refere-se aos particulares aos quais aquela palavra pode ser corretamente aplicada. Assim, a denotação da palavra «mãe» é todas as mães particulares que existem, ao passo que a *conotação* é a definição abstrata, — uma *genitora* animal. Porém, no caso de seres mitológicos, como o unicórnio, não há denotação possível, embora possa haver conotação, como «um animal semelhante ao gamo, com um único chifre no centro da testa». Todavia, na linguagem comum, denotação e conotação são confundidas, podendo ser consideradas meros sinônimos. Na filosofia, o termo pode significar apenas «designar». Ou então pode ter um uso mais especializado, como sentenças usadas para descrever a relação entre o sujeito e o predicado. A denotação, assim sendo, pode significar o *predicado* de tudo quanto uma palavra pode declarar ou dar a entender. Ver também sobre *Conotação*.

## DENTE(S)

No hebraico, **shen**, «dente», «marfim», «afiado». Com o sentido de *dente* aparece por quarenta e quatro vezes, incluindo as três vezes em que aparece como palavra aramaica. Para exemplificar: Gên. 49:12; Êxo. 21:24,27; Lev. 24:20; I Sam. 2:13; Jó. 4:10; 13:14; 41:14; Sal. 3:7; 35:16; Pro. 10:26; Can. 4:2; Jer. 31:29,30; Dan. 7:5,7,19; Joel 1:6; Amós 4:6; Zac. 9:7. No grego, **odoús**, «dente». Esse vocábulo é usado por onze vezes: Mat. 5:38 (citando Êxo. 21:24); 8:12; 13:42,40; 22:13; 24:51; 25:30; Mar. 9:18; Luc. 13:28; Atos 7:54; Apo. 9:8.

1. *Usos Literais*. O termo hebraico *lechi* é usado para indicar tanto o maxilar humano quanto a queixada dos animais (Sal. 3:7; do asno, Juí. 15:15-17; do leviatã, Jó 41:14). Embora *shen* fosse o termo geral para significar «dente», para indicar os molares ou os dentes de animais de maior porte, era usada uma outra palavra hebraica, a saber, *methalleoth*, conforme se vê em Jó 29:17; Sal. 47:4; Pro. 30:14; Joel 1:6.

2. *Usos Figurados*. a. A *lex talionis*, que impunha uma retribuição de acordo com a gravidade da ofensa (*talionis* significa «de tal»), é expressa na Bíblia pela expressão «Mas se houver dano grave, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe» (Êxo. 21:23-25; ver também Lev. 24:20; Deu. 19:21). Jesus, porém, proibiu a vingança privada, recomendando a não-resistência, em vez de se requerer a retribuição à altura da ofensa sofrida. Essa é uma lei moral à qual os homens não têm dado muita atenção, — e nem são capazes de cumpri-la por muitas vezes. b. Quando os dentes são «brancos de leite» (Gên. 49:12), isso indica abundância de leite e de provisões. c. O envio de «dentes de feras» (Deu. 32:24) aponta para uma das vinganças divinas contra a desobediência do povo. d. Os dentes «dos leõesinhos» que se quebram (Jó

4:10) apontam para a idéia de que a providência divina — falha em manter vivos os animais ferozes. e. O «ranger os dentes» (Jó 16:9; Sal. 35:16; Lam. 2:16; Mat. 8:12, etc.), indica a atitude de desespero, de sofrimentos no julgamento divino, etc. f. Tomar «a carne nos dentes» aponta para algo similar, como quem remorde a própria carne (Jó 13:14; ver também Apo. 16:10). g. A «pele dos dentes», sem dúvida, refere-se às gengivas, ou então a pele do queixo, que pode ser afetada por alguma enfermidade (Jó 19:20). h. Ter os dentes «quebrados na boca» aponta para a desgraça enviada por Deus contra seus inimigos (Sal. 58:6). i. Pode haver alusão à beleza quando se fala em dentes «como o rebanho das ovelhas recém-tosquiadas», em Can. 4:2 e 6:6. j. Ter os dentes «quebrados com pedrinhas de areia» refere-se a algum grande desapontamento ou derrota (Lam. 3:16). l. «Dentes de ferro» indica algum grande poder destruidor (Dan. 7:1,19). m. Os «dentes limpos», referidos em Amós 4:6, falam sobre a fome prolongada, por falta de viveres.

## Os Dentes nos Sonhos e nas Visões

1. Dentes frouxos indicam alguma enfermidade ou dificuldade. 2. O ato de nascer os dentes indica a atividade sexual. 3. Dentes que caem são um símbolo universal da morte física. Mas, visto que os dentes de leite, da primeira dentição, caem automaticamente, dentes que caem também podem indicar o processo de amadurecimento, em que a pessoa assume maiores responsabilidades, etc. 4. A ausência de dentes (uma condição comum nas pessoas de idade avançada) indica o temor do envelhecimento, alguma enfermidade; ou, no caso de pessoas jovens, a ansiedade para atingir a idade adulta. 5. Uma mulher que sonha com gengivas inchadas está preocupada ante a possibilidade de ficar grávida. 6. Por igual modo, dentes inchados podem indicar a concepção. Nesse caso, a boca simboliza a vagina, e o estômago, o útero. 7. Dentes estragados ou cariados indicam reversões, enfermidades, perdas, perturbações, etc. (CHE UN)

## DEODORO CRONOS

Filósofo grego do século IV A.C., da escola de Megara (que vide). Ele expunha o curioso argumento de que não existe tal coisa como o *possível*, porquanto tudo que é possível é real e atual. O argumento dele, chamado *kurieon* (termo de autoridade), dizia como segue: «O impossível não pode resultar do possível, e um evento passado não pode tornar-se outro, diferente do que é; mas, se um evento agora real, por um momento, tivesse sido possível, do possível teria resultado algo impossível. Portanto, o evento julgado possível na realidade é impossível». A restrição do que é possível ao mundo real aparentemente encerra uma defesa do determinismo, visto que não existem possibilidades não-atualizadas, de acordo com o ponto de vista dele.

## DEONTOLOGIA

Deriva-se do grego *deon*, «necessidade», «obrigação». Está em foco a ética considerada como uma teoria de obrigações ou deveres. Ver o artigo geral sobre *Jeremy Bentham*. A *ética deontológica* indica um sistema baseado nos deveres tidos como necessários, e não sobre *resultados* que poderiam ser esperados de certo ato ou atos. Esse tipo de ética chama-se *ética teleológica*. Alguns supõem que um ato é bom quando os seus resultados são bons; ou mau, quando seus resultados são maus. A *ética deontológica* ignora os resultados quando analisa a

## DEPENDÊNCIA

qualidade boa ou má. O *utilitarismo* (que vide) ressalta a utilidade prática dos atos. Naturalmente, é possível aplicarmos um variegado padrão, e assim contar com uma ética eclética. Kant defendeu uma ética deontológica quando apresentou o seu *imperativo categórico*: só deveríamos fazer aquelas coisas que admitimos poderem tornar-se uma lei universal. Desse modo, a questão do dever ocupa lugar de proeminência. O dever ocupa posição primária. Alguns atos talvez tenham de ser realizados devido ao senso de dever, sem importar as suas conseqüências. Podemos fazer coisas impulsionados pelo senso de dever, mesmo que sejam prejudiciais para os nossos auto-interesse. Um negociante dotado de firmes convicções morais, que tenha o senso de fazer o que é certo, pode agir de tal maneira que diminua os lucros que poderia ganhar de outra maneira. Poderá despedir um bom e eficaz empregado, por causa de certas práticas questionáveis do mesmo, embora a sua empresa venha a sofrer por causa disso.

As *éticas telstas*, como aquelas que emergem da Bíblia e de outros documentos sagrados, enfatizam os deveres para com Deus, pelo que podem ser intituladas *deontológicas*. Nesse contexto, confiamos na declaração de Sócrates, que disse: «Nenhum dano pode ser sofrido por um homem bom», ainda que, temporariamente, seus atos pareçam ser-lhe prejudiciais, quando ele adere aos deveres. Mas também precisamos levar em conta o amor, a bondade e a misericórdia de Deus, que cuida do homem bom, enquanto este procura fazer o seu dever. Nisso temos a união da *ética teleológica* com a *ética deontológica*. Quando alguém cumpre os seus deveres diante de Deus, a longo prazo os *resultados* lhe são favoráveis, ainda que, temporariamente, não pareça ser assim. Isso inclui a doutrina dos galardões e punições. Haverá um ajuste final de contas, que favorecerá o homem que cumpriu o seu dever. (E F P)

### DEPENDÊNCIA ABSOLUTA

F.D.E. Schleiermacher (1768-1834) falava sobre o senso de dependência absoluta para indicar a *consciência das coisas*, que existe universalmente nos homens e nas religiões, pois sendo o homem um ser dependente, depende de um Poder Superior quanto à sua existência e continuação. Só Deus é independente. (C)

### DEPENDÊNCIA HUMANA

#### Contra A Auto-suficiência

1. Só Deus é independente. Todos os demais seres são dependentes. Isso se aplica a todos os aspectos da vida humana; e quanto mais à eterna salvação!

2. A salvação vem pela graça divina por tratar-se de uma elevadíssima realidade, completamente além dos poderes humanos.

3. Nosso avanço científico tende a iludir-nos, levando-nos a imaginar que somos capazes de realizar qualquer tarefa. Porém, a ciência humana está escapando a nosso controle, e está inevitavelmente nos empurrando para a destruição atômica.

4. Deus ordena que o homem use o seu livre-arbítrio, a fim de aceitar e cultivar a sua obra divina. Dessa maneira, a vontade do homem coopera com a realização divina (e a torna possível), segundo é distintamente asseverado em Fil. 2:13. A entrada da vontade humana nesse quadro, significa que a queda é possível, conforme se aprende em I Cor. 9:27 e outros trechos bíblicos. Mas essa possibilidade de

queda é «relativa» quanto à ascensão para «novos níveis espirituais, podendo caracterizar um crente por algum tempo. A restauração do tal é inevitável, entretanto, e, em razão disso, a segurança do crente é absoluta. Esse conceito é longamente comentado em Rom. 8:39 no NTI, e de modo mais sucinto em Col. 1:23.

Somente Deus pode levar a vida eterna à perfeição, conferindo-nos a salvação completa. As páginas do N.T. ensinam-nos que isso é obra de suas mãos. Podemos observar a narrativa sobre o rico que derrubou seus armazéns a fim de construir depósitos maiores. Ele era o capitão de sua própria alma. Mas uma voz superior se fez ouvir dos céus, dizendo-lhe: «Louco...» (Luc. 12:19-20). O começo e o fim do destino humano estão nas mãos de Deus. O homem não se criou a si mesmo, e nem pode salvar-se a si próprio; pois isso é uma nova criação. Tudo isso, entretanto, requer a cooperação da vontade humana; e é nesse ponto que o divino entra em contacto com o que é humano. Não obstante, o homem pode recusar-se a cooperar com a graça divina, e então a obra da salvação permanece por fazer.

As mentes modernas, insufladas pelas idéias de avanço científico, gostam de manter a noção da auto-suficiência mas até mesmo agora o próprio avanço científico serve de ameaça de destruição do homem, e não de meio de salvação. Em seu orgulho, o homem gosta de pensar que ele é «naturalmente bom»; mas toda a história da humanidade nega isso redondamente, clamando de mãos dadas com a teologia cristã verdadeira que «O homem é um ser decaído e depravado». O homem caiu para bem longe de Deus, e a estrada de retorno é extremamente longa. Todavia, o caminho de volta foi preparado na pessoa de Cristo. Alguns pensam que a bondade natural do homem é estragada pelo meio ambiente; outros pensam que ela é revertida devido a forças subconscientes ocultas; ainda outros pensam que essa bondade natural é entravada por opressões políticas e sociais, conforme dizem os psicólogos, os historiadores e os revolucionários. Mas a verdadeira resposta reside no fato de que o homem é um ser espiritual, tendo caído de sua autêntica esfera espiritual e agora precisa de ajuda divina definida, na pessoa do Filho de Deus, Jesus Cristo, para poder voltar ao seu legítimo lar. É disso que nos fala a redenção que há no Senhor Jesus.

*Há de completá-la* (Fil. 1:6), isto é, «há de aperfeiçoá-la». No grego temos o verbo «epiteleo», que significa «levar ao término», «terminar», «realizar completamente», «aperfeiçoar». A perfeição absoluta é o alvo da redenção humana, a participação na perfeita natureza moral e metafísica de Jesus Cristo, para que os remidos sejam o que ele é e possuam o que ele possui, da mesma natureza que um corpo humano tem a mesma natureza que sua cabeça. Isso envolve ainda a posseção de «toda a plenitude de Deus» (ver Efê. 3:19).

#### Completos, Mas Ainda não Completos

1. A obra divina será conduzida ao *estágio* da perfeição, — o estado completo. Somente Deus é realmente completo ou perfeito; pelo que esses termos, quando empregados às criaturas, sempre assumem sentido relativo.

2. Quando assumirmos a natureza de Cristo (ver I João 3:2), isso será a perfeição, o estado completo; e isso sucederá quando da segunda vinda de Cristo.

3. Porém, quando recebermos a imagem e a natureza de Cristo, avançaremos para *outros* estágios de perfeição fantasticamente elevados, através do

## DEPOSIÇÃO — DEPRAVAÇÃO

poder transformador do Espírito (ver II Cor. 3:18). Esse processo jamais chegará a um ponto final, e nunca será absoluto, pois o seu alvo é a infinita plenitude de Deus (sua natureza e os atributos acompanhantes). Nossa participação em sua natureza, contudo, será sempre finita, embora vá crescendo constantemente, por toda a eternidade.

Deus dá início ao seu trabalho de aperfeiçoamento do crente desde o momento da conversão; e isso prosseguirá sem qualquer interrupção até à «parousia» ou segunda vinda de Cristo.

### DEPOSIÇÃO

Esse vocábulo refere-se à **privação** judicial de ofícios clericais, o que é feito de acordo com a denominação cristã envolvida. Algumas vezes, um ministro que foi deposto de seu ofício retém a posição de membro leigo. Outras vezes, é excluído de sua igreja, dependendo das causas específicas de sua deposição.

### DEPÓSITO

**Usos Literais.** Toda propriedade guardada por alguém, a pedido de seu dono, podia ser usada, contanto que, chegado o momento da devolução, ela estivesse em boas condições. Segundo a lei mosaica, essa propriedade consistia no seguinte: 1. dinheiro ou mercadorias; 2. animais, como bois, asnos, ou ovelhas (Êxo. 22:7,13; Lev. 6:5,6). Foram baixadas leis específicas para governar a questão dos depósitos. Aquele a quem alguma coisa era entregue para ser guardada como depósito, era o responsável por essa coisa. Aqueles que se mostrassem irresponsáveis quanto a isso, tinham de pagar por qualquer dano sofrido pelo proprietário.

No tesouro do templo guardava-se o dinheiro doado ao Senhor, para ser usado com propósitos sagrados. No terceiro capítulo de II Macabeus, lemos como o emissário Heliodoro, enviado por Seleuco, tentou confiscar o dinheiro existente nesse tesouro. O sumo sacerdote tentou fazê-lo mudar de idéia, salientando que muitos pobres e viúvas haviam contribuído para aquele tesouro.

**Usos Figurados.** Cada indivíduo recebeu certas habilidades e uma missão a cumprir. Cada pessoa tem um depósito ímpar que precisa guardar e utilizar. Ver as notas sobre Apo. 2:17, no NTI, quanto a uma explicação dessa doutrina, que ali é simbolizada pela pedrinha branca, com um novo nome inscrito. O trecho de I Timóteo 6:20 relembra Timóteo do *depósito* que ele havia recebido, uma missão a ser cumprida no ministério do evangelho.

### DEPÓSITO (ADEGA)

Essa é tradução da palavra *otsar*, que aparece no Antigo Testamento hebraico por setenta e oito vezes, e que nossa versão portuguesa traduz, principalmente, como «tesouro», mas que em I Crô. 27:27, ela traduz por «adegas», embora, já no versículo seguinte, onde aparece a mesma palavra hebraica, a tradução seja «depósitos». Como estamos vendo, trata-se mais de uma interpretação do que de uma tradução. Contudo, as escavações arqueológicas em Gibeom revelaram adegas feitas na rocha, provendo um ambiente mais frio e úmido que o normal, indicando que não se tratava de um armazém comum, mas, provavelmente, de uma adega, para armazenamento de vinho.

Algumas versões, em Lucas 11:33, traduzem a palavra grega *krýpte* por «adega». Mas esse vocábulo

significa «oculto» ou «lugar escondido», conforme o faz nossa versão portuguesa. Ali, a lição espiritual é que um lugar assim escondido dificilmente é o lugar onde alguém acenderá uma lâmpada para iluminar a sua casa, dando a entender que o crente não deve ocultar a sua profissão cristã, mas antes, deve torná-la pública, para que os homens vejam sua vida correta, e assim glorifiquem a nosso Pai celestial. A vida de cada homem deveria ser como uma lâmpada. Em caso contrário, haverá algo de muito errado na sua espiritualidade.

### DEPRAVAÇÃO

*Esboço:*

1. Definição na Teologia Cristã
2. Controvérsia Sobre a Origem e a Transmissão da Depravação
3. Modos de Transmissão da Depravação
4. O Problema do Criacionismo
5. A Total Depravação e a Questão da Salvação
6. Conseqüências da Depravação
7. A Reversão da Depravação

Quase todas as religiões reconhecem que o homem é um ser depravado; mas há diferenças de opinião quanto a estes particulares: a. como a depravação veio a instalar-se; b. até que ponto a depravação permeia a personalidade e o caráter do homem; c. como cuidar da depravação, produzindo a melhoria ou libertação; d. quais as conseqüências da depravação, tanto agora quanto no que concerne à outra vida.

#### 1. Definição na Teologia Cristã

O estado de corrupção moral e espiritual, pecaminosidade e rebeldia tornou-se característica do ser humano, após a *queda*. Essa queda é vista como resultante do pecado original de Adão, historiado em Gênesis, e/ou ligada à queda dos anjos, se a alma humana for concebida como preexistente. Essa doutrina supõe que o homem, em certo tempo, ou no estado pré-mortal, nas esferas espirituais, ou como ser criado para habitar na terra, era inocente, e, conforme alguns, imortal, em decorrência dessa inocência.

#### 2. Controvérsia Sobre a Origem e a Transmissão da Depravação

Debata-se quanto à *origem* e à *transmissão* da depravação humana. Os argumentos de Paulo, no quinto capítulo de Romanos, indicam que a depravação é herdada, de tal modo que os homens nascem pecadores, porquanto participam do pecado de Adão. Essa doutrina do *pecado original* (que vide) tem sido tradicionalmente aceita no cristianismo; mas alguns teólogos crêem que isso é pura alegoria piedosa, e que a *razão* da depravação humana deve ser buscada algures. Dentro do relato a respeito de Adão, o pecado originou-se do abuso da liberdade. O homem, embora ainda sem pecado, não sabia como manusear a liberdade moral, e não demorou a arruinar o seu estado sem pecado. Alguns teólogos, que aceitam a teoria da evolução, supõem que a depravação humana é a simples herança da natureza animal e selvagem, que é recoberta por fina camada de civilização. Essa é uma idéia interessante; mas a grande dificuldade é que os animais não são depravados, o que nos força a continuar buscando a razão da existência da depravação humana.

#### 3. Modos de Transmissão da Depravação

De acordo com os teólogos, esses modos são os seguintes: a. *Animalescos* (como na teoria da

## DEPRAVAÇÃO

evolução). b. *Biológicos*, como no *traducianismo* (que vide). Presumivelmente, visto que os pais de um ser humano são ambos físicos e não-materiais, eles produzem uma prole da mesma natureza sem a intervenção direta de Deus, —que, assim sendo, fica isentado da tarefa de criar uma nova alma para cada corpo humano que nasce (uma posição chamada *criacionismo*, que vide). Visto que os pais de um ser humano são seres de boas e más qualidades, naturalmente eles produzem filhos da mesma natureza. c. *Cósmicos*. A depravação humana deriva-se do mal proveniente das dimensões cósmicas, chamemo-las angelicais ou o que quer que mais nos agrade. A alma humana é que caiu, e essa queda ocorreu devido à contaminação no estado espiritual, antecedendo a associação da alma com o corpo. Mas isso significaria que o espírito humano não chegou inocente a este mundo, em Adão, e, sim, já depravado. Nos escritos de Platão, a depravação começou como um tipo de experiência curiosa, porque a alma que veio a associar-se ao corpo físico ficou curiosa sobre como seria a associação com a matéria. Nessa curiosidade, a alma envolveu-se na rebeldia e no mal. O Antigo Testamento lança a culpa da depravação original sobre a rebeldia cósmica, começando com a pessoa de Lúcifer (ver Isa. 14:12 ss). d. *Sociológicos*. Há quem defenda razões sociológicas, destacando a teoria ambiental. Quando o homem nasce, é puro; mas, em contacto com o mal, corrompe-se. Mas, mesmo que isso fosse verdade, não explicaria a própria origem do mal. A *psicologia em profundidade* (que vide) tem revelado como a influência dos pais (bem como da sociedade) influencia a formação do caráter básico da criança. Por outra parte, não é preciso ensinar uma criança para ela ser pecadora. Ademais, as grandes diferenças nas tendências boas e más entre as crianças com os mesmos pais e que sofrem as mesmas influências sociais, mostram-nos que há algo mais fundamental na depravação humana do que meras influências ambientais. Na verdade, há boas evidências em prol do argumento que uma criança já traz com ela o caráter de sua alma, ou seja, sua bondade ou maldade essenciais, bem como a mistura das duas tendências. Em outras palavras, o caráter essencial é a bagagem da alma, acumulada por longo tempo de existência espiritual, com ou sem a reencarnação. Nesse ponto, vemo-nos envolvidos na questão da *origem* da alma, discutida nos artigos sobre a *Alma*. e. *A reencarnação* (que vide). Essa teoria deve ser considerada uma subcategoria da explicação *cósmica*, visto que, naturalmente, deve aceitar o conceito da preexistência da alma. Essa teoria supõe que a depravação humana é, de fato, um tipo de cultivo do mal, no qual a alma se tem ocupado através de sua história, sem importar onde esteve habitando. Pressupõe que essa história inclui ao menos duas jornadas na esfera terrena. Na maioria dos sistemas, essa teoria também pressupõe que a associação da alma com o corpo físico é um castigo pela corrupção da mesma e que a alma, na verdade, não pertence a este mundo vil. Por essa razão foi que Platão, algumas vezes, chamou o corpo de sepulcro ou prisão da alma. f. No *gnosticismo*, a própria matéria aparece como o princípio da depravação, ao passo que a alma aparece como pura. Ali, a alma não seria corrompida pela depravação. Se alguém deixar cair uma moeda de ouro na lama, alguma lama apegar-se-á à superfície da moeda, mas a própria moeda continuará sendo ouro puro, podendo ser lavada facilmente da lama. Outro tanto sucederia à alma, lavada mediante a morte biológica. Assim sendo, no gnosticismo a busca pela liberação é,

ao mesmo tempo, a tentativa para livrar-se definitivamente da matéria. Finalmente, todas as coisas materiais seriam destruídas, e então os espíritos puros ficariam livres. Porém, é muito difícil entender como meros átomos, com suas partículas, girando e pulsando no espaço, podem ser depravados. Portanto, a depravação é um atributo *espiritual*, da alma, e não uma parte essencial da matéria.

### 4. O Problema do Criacionismo

Numericamente, os cristãos têm defendido em maior número o ensino que Deus cria uma nova alma a cada novo nascimento, uma doutrina intitulada *criacionismo*. Porém, é muito difícil reconciliar tal doutrina com a realidade e transmissão da depravação. Pois é impossível imaginarmos que Deus haveria de criar almas já corrompidas, a cada novo nascimento. Além disso, se as almas chegam puras no mundo, de que maneira se corrompem? A resposta necessária que os teólogos precisam dar a essa pergunta é a resposta social ou a resposta gnóstica, o que é extremamente inadequada. Pois, nesse caso, a alma corromper-se-ia ao entrar em contacto com a matéria, e também devido a fatores ambientais. Porém, isso de modo algum concorda com o raciocínio bíblico. Antes, é um raciocínio gnóstico e psicológico. Portanto, somos forçados a concluir que o *criacionismo* (que vide) não é a resposta para o dilema da origem da alma, e nem essa posição ajuda-nos a entender como a depravação se tem propagado. A matéria nunca é chamada mã na Bíblia. A matéria é moralmente neutra. O ambiente social pode, realmente corromper, mas a resposta dada pela Bíblia é que o homem já nasce pecador. Isso nos permite ficar ou com o *traducianismo* ou com a *preexistência da alma*, como as únicas explicações possíveis para a depravação humana. E as evidências que têm aplicação ao problema da depravação humana favorecem mais a idéia da preexistência do que a idéia do traducianismo.

### 5. A Total Depravação e a Questão da Salvação

Até que ponto o homem é corrupto, também é uma questão teológica. O calvinismo (que vide) inclui, como um de seus *cinco pontos* fundamentais (que vide), a doutrina da *total depravação*. Isso não significa que o homem não tem qualquer bem em sua pessoa, mas que a sua tendência para o mal é tão profunda e maligna que ele é totalmente incapaz de *salvar-se* a si mesmo. Quando os discípulos indagaram de Jesus: «Sendo assim, quem pode ser salvo?» o Senhor Jesus replicou: «Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível» (Mat. 19:25,26). Isso posto, a salvação só pode tornar-se uma realidade mediante a missão de Cristo e a graça de Deus (Efé. 2:8-10). A doutrina da total depravação não afirma que o homem não possa melhorar ou piorar em seu caráter, por meio do auto-esforço ou do condicionamento. Nem nega que algumas pessoas sejam melhores do que outras, embora todas sejam totalmente depravadas. Essa doutrina simplesmente ensina que a depravação humana é de natureza tal que o ser humano não busca a Deus, a fim de ser salvo, indicando que, para o homem, tal atitude é impossível. A iniciativa da busca é divina; e a salvação também vem de Deus. Ver Rom. 3:9 ss, quanto a um texto de prova favorito dessa doutrina. O *arminianismo* (que vide) apesar de concordar que o homem está verdadeiramente caído, ensina que ele ainda retém poderes espirituais suficientes para buscar a Deus de modo eficaz. Esse pensamento parece sugerido no segundo capítulo da epístola aos Romanos, quando fala sobre os gentios, que são uma lei para si mesmos

## DEQUER — DESAFIO

e que buscam a Deus através da consciência, mediante as evidências da natureza e da intuição. O trecho de Filipenses 2:12,13 também sugere o modo arminiano de pensar. Grandes mistérios estão envolvidos na questão, e nenhuma declaração suficientemente boa tem sido dita para solucionar os dilemas envolvidos na interação entre a vontade divina e a vontade humana. *Pelágio* (que vide), um monge inglês, foi longe demais ao tentar negar a depravação humana. Ele asseverava o seguinte: a. O homem não é condicionado pela hereditariedade ou pelo meio ambiente. b. O homem sempre é capaz de escolher livremente, pelo que pode viver uma vida sem pecado, perfeita, se assim desejar fazê-lo. c. Ele negava a doutrina do pecado original. De modo geral, ele superestimava o homem. O calvinismo, quando extremado, subestima o homem, chegando ao ponto em que tira o valor do propósito que Deus tem para todos os homens. A verdade deve estar em algum ponto intermediário entre esses pontos extremos do calvinismo e do arminianismo.

### 6. Conseqüências da Depravação

O homem, em sua rebeldia, afasta-se de Deus (Rom. 3:12); e é forçado a receber o salário do pecado, que é a morte (Rom. 6:23). Por si mesmo, o homem é incapaz de agradar a Deus (Rom. 8:8), pois o homem está em estado de inimizade com Deus (Rom. 8:7), e a morte paira próxima, em resultado disso (Apo. 20:15 ss). Se um indivíduo é dotado de consciência e treinamento religiosos, então procura observar as leis de Deus; porém, fracassa nesses esforços (Rom. 8:7). Sempre que o homem entra em conflito com o pecado, sai perdedor. (Rom. 7:9-24). Há livramento em Cristo, mas nunca no próprio homem (Rom. 7:25). O homem pratica algumas boas obras, mas essas são incapazes de salvar-lhe a alma, por não terem poder expiatório. Portanto, a salvação sempre tem que depender da graça divina (Efé. 2:8-10).

### 7. A Reversão da Depravação

Somente a graça de Deus, através da missão salvática de Cristo, consegue reverter a ruína espiritual criada pela depravação humana. A salvação vem pela graça divina, mediante a fé (Efé. 2:8; Tito 3:5), o que envolve a operação do Espírito Santo. Torna-se possível devido à expiação de Cristo (Rom. 3:24,25) e é vitalizada pela sua ressurreição (Rom. 4:25). A salvação produz a santificação (Rom. 8:2,11 ss). A glorificação é o resultado final da salvação (Ro. 8:28 ss). A *restauração* (que vide) é a remoção final e universal da depravação, com todos os seus efeitos, dos níveis cósmico e terrestre (Efé. 1:10,23). Isso terá lugar na eternidade futura.

## DEQUER

Ver sobre **Ben-Dequer**.

## DERBE

Na Bíblia, essa cidade da Licaônia aparece somente no livro de Atos (14:6,20; 16:1 e 20:4).

O nome dessa cidade, na opinião de alguns estudiosos, deriva-se de uma palavra que significa zimbro, uma espécie vegetal bastante comum naquela região. Embora haja dúvidas quanto à sua localização exata, é certo que ficava no extremo leste da região visitada por Paulo e Barnabé, quando evangelizavam a Galácia. Se eles tivessem passado além de Derbe, teriam saído da província romana da Licaônia e teriam entrado em território de um rei vassalo (Atos

14:6,7), mas Paulo preferiu não fazer isso.

Amintas, líder da Galácia entre 39 e 25 A.C., governava a área. Mas, por ocasião de sua morte, Derbe, juntamente com outras terras por ele governadas, passaram para o domínio dos romanos. De 41 a 72 D.C., a cidade foi dignificada com o nome de Cláudia, pelo que era então chamada Cláudia Derbe. Nessa época, a cidade era uma importante cidade de fronteira. Gaio, um amigo de Paulo, que o acompanhou em algumas de suas viagens missionárias, era natural de Derbe (Atos 20:4). Mui provavelmente, ele representava as igrejas da Galácia por ocasião da doação das ofertas das igrejas gentílicas para os santos pobres de Jerusalém (I Cor. 16:1 ss). Derbe, cuja localização exata, repetimos, é desconhecida, fica dentro da moderna Turquia.

Ainda não foi positivamente identificada, mas acredita-se, conforme opinam alguns estudiosos, que ficava em Gudelisin, onde foi encontrado um grande cômodo, com remanescentes dos tempos romanos. Marcos romanos têm sido encontrados ao longo da rota para Derbe. Essa área foi a região localizada mais a oriente visitada por Paulo e Barnabé, quando fundaram as igrejas do sul da Galácia. Qualquer movimento ainda mais para o oriente tê-los-ia levado para fora daquela província romana, tendo-os feito entrar no reino vassalo de Antioquia. Paulo e Silas, posteriormente, visitaram esse lugar em sua viagem na direção do ocidente, ao atravessarem a Ásia Menor (ver Atos 16:1). Outro dos companheiros de Paulo, em suas viagens missionárias, de nome Gaio, era natural de Derbe (ver Atos 20:4).

Ballance (em 1956) identificou Derbe tentativamente como *Kerti Huyuk*, cerca de vinte e um quilômetros a nordeste de Carman (Larando) e cerca de noventa e sete quilômetros de Listra. Assim sendo, evidentemente o trecho de Atos 14:20b deveria ser traduzido: «...e na manhã seguinte partiu com Barnabé para Derbe». (Ver M. Ballance, «*The Site of Derbe: A New Inscription*», *Anatolian Studies*, VII, 1957, págs. 147 e s).

## DERVIKÉ

Essa palavra vem do persa *darvish*, «esmoles». Refere-se a um membro de certa ordem monástica islâmica, similar a certas ordens monásticas da cristandade. Esse movimento islâmico começou no século XII D.C., incluindo em seus ritos o hipnotismo e os transe extáticos, a fim de se obter as almeçadas experiências religiosas.

**DESABRIGO** Ver sobre **Infanticídio e Nudismo**.

## DESAFIO E RESPOSTA

Um princípio desenvolvido na filosofia de Arnold Toynbee (que vide). Ele argumentava que as sociedades hígdas incorporam esse princípio. Quando se tem de enfrentar qualquer problema, a *porção criadora* da sociedade mostra-se sensível para com o mesmo, e dá uma resposta apropriada, de modo a solucionar o problema. As sociedades que estão em declínio, ou já degeneradas, deixam de reagir à altura, e, em meio às queixas gerais, deixam de resolver os seus próprios problemas. Em uma sociedade hígida, entretanto, a reação da minoria criadora é respeitada pela maioria. Mas, em uma sociedade enferma, nada funciona, havendo tribulações e confusões generalizadas.

Um sinal de declínio e decadência verifica-se quando a classe operária em geral não mais mostra respeito pela minoria governante, e nem demonstra

## DESARMAMENTO — DESCARTES

confiança nela. E isso porque a minoria governante não consegue solucionar os problemas, cujas promessas nunca são cumpridas. O mesmo princípio pode ser aplicado, do ponto de vista ético, a indivíduos. As pessoas moral ou espiritualmente enfermas continuamente deixam de corresponder adequadamente aos desafios da vida. Em meio aos conflitos internos, a qualidade espiritual da vida está em franco declínio. (P)

### DESARMAMENTO

Os diplomatas continuam a falar, mas armas cada vez mais destrutivas também continuam a ser estocadas. Há problemas internacionais mais sérios do que a questão do *desarmamento*. Mas as principais potências mundiais simplesmente não confiam umas nas outras; e isso talvez tenha razões válidas. A história nos tem ensinado a não confiar nas palavras dos diplomatas, — e a confiar sempre nas más intenções dos homens. Nunca houve preparativos militares sem que se usasse o poder assim acumulado. É altamente provável que o contínuo desenvolvimento das armas nucleares termine levando ao uso dessa capacidade de destruição, e, finalmente, a uma guerra atômica de proporções internacionais. Sempre será verdade que o poder corrompe, e o poder absoluto corrompe de modo absoluto. Entrementes, os profetas, antigos e modernos, referem-se à nossa época como uma era em que um antigo ciclo chegará ao fim, e um novo ciclo terá começo. Isso jamais sucederá exceto com a destruição da antiga ordem das coisas. Continuaremos esperando, entretanto, que, desta vez, as coisas sejam diferentes; mas a nossa razão segreda que a velha história se repetirá.

Os *políticos* asseguram que a maioria dos problemas da humanidade são gerados pelo desequilíbrio econômico. Apesar de darmos o devido respeito a essa teoria, pensamos que a resposta *teológica* é melhor: o homem é um ser decaído e corrompido, que gosta de provocar confusões, de destruir e matar. Enquanto a alma humana não for transformada, essas atitudes continuarão a caracterizar os homens. A experiência tem ensinado, até mesmo aos diplomatas que discutem sobre a paz, que essa é a realidade dos fatos. Porém, embora saibam, em seus corações, que o homem é um ser traçoeiro, em quem ninguém pode confiar, não querem admitir essa realidade, pois a confissão seria muito dolorosa.

*Preparações*. Em um mundo como o nosso, a única defesa é a retidão espiritual, é ser o que devemos ser, é estar onde devemos estar, é fazer aquilo que devemos fazer. Se, em meio a essas condições, juntamente com outras pessoas, os crentes forem destruídos, ainda assim a alma deles será beneficiada. Jesus ensinou-nos que, em última análise, isso é a única coisa que importa. Ver Mateus 10:28.

### DESCANSO

Entre as diversas palavras hebraicas geralmente traduzidas por «descanso», destaca-se uma, mais comumente usada, que significa exatamente isso, «descanso». No grego temos *anápausis* e *katápausis*, «descanso», «cessação do labor», «refrigério». A Bíblia menciona com frequência a idéia de descanso. O primeiro a dar o exemplo foi o próprio Deus, no sétimo dia da criação (ver Gên. 2:2,3). O descanso é uma recompensa dada por Deus ao homem, pelo seu trabalho. O descanso é um tônico para os cansados, um alívio do trabalho árduo. Restaura e refrigera o corpo, a mente e a alma das muitas preocupações.

1. *Descanso físico*. O descanso é uma instituição divina, uma lei natural, uma necessidade humana.

a. Deus ordenou para o homem o trabalho (Gên. 2:15) e o descanso. O ciclo dia-noite visa exatamente a isso. Além disso, Deus ordenou que o homem descansasse a cada sete dias (Êxo. 23:12 e 31:15). Isso incluía os animais e os estrangeiros que estivessem na Terra Santa. Houve até mesmo um ano sabático, ou cada sete anos, no qual a terra teria descanso (Êxo. 23:10 s; Lev. 25:1-7).

b. Sabemos que o descanso do sono restaura as energias e refaz os tecidos. Há muitas alusões a esse descanso físico, como o de Jacó (Gên. 28:11), o dos filhos de Israel, ainda no Egito (Êxo. 5:5), dos profetas e apóstolos (Mar. 6:31), Elias (I Reis 19:4). A mulher sunamita preparou um quarto de hóspedes especial para Eliseu (II Reis 4:11). Até acerca de Jesus é dito que ele descansou (João 4:6 e Mar. 4:38). Paulo teve momentos sem descanso (II Cor. 7:5) e momentos de descanso. Há ocasiões de descanso do trabalho (Pro. 6:9) e da vigília (Mat. 26:45).

2. *Descanso social*. As comunidades, tribos e nações também precisam descansar, como de períodos agitados, revoluções, ataques de inimigos, etc. Os israelitas desejavam descanso, na Terra Prometida, após longos anos vagueando pelo deserto e em conflitos armados (Deu. 12:9 s). No tempo dos Juizes, a terra descansou por dezenas de anos dos assédios de povos inimigos (Jui. 3:11,30, etc.). Davi, apesar de ser um guerreiro, obteve paz e descanso antes de morrer, e Deus prometeu-lhe que Salomão governaria em paz (I Crô. 22:8 s. e 18). Lemos que durante o reinado de Asa, «a terra esteve em paz dez anos» (II Crô. 14:1).

3. *Descanso espiritual*. O descanso natural é apenas um símbolo do estado final de bem-aventurança.

a. Começa por oferecimento de Jesus: «Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas» (Mat. 11:28,29). O próprio crente, ocasionalmente, pode sentir-se aflito, necessitado de descanso, como foi o caso de Jó, em sua miséria (Jó 3:26). Os endemoninhados não conhecem descanso (Mar. 5:1-5 e Luc. 11:24).

b. O céu é o lugar de descanso de Deus. (Atos 7:49). E o ser para os remidos: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham» (Apo. 14:13). E, logo em seguida, temos alusão à ceifa, o arrebatamento dos salvos (Apo. 14:14-16). Acerca dos israelitas incrédulos, porém, Deus disse: «Por isso jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso» (Sal. 95:11). Espiritualmente, pois, a incredulidade impede o descanso; e, contrariamente, a fé nos faz entrar no descanso espiritual. «Nós, porém, que cremos, entramos no descanso...» (Heb. 4:3). Quando lemos que «resta um repouso para o povo de Deus» (Heb. 4:9), não está em pauta o descanso de um dia de sábado. Os crentes já entraram no repouso espiritual, em seus espíritos; agora falta-lhes o descanso celestial.

### DESCARTES, RENÉ

Suas datas foram 1596-1650. Foi um filósofo francês. Nasceu em La Haye, na Roumaine, de família nobre. Foi educado na Escola de La Flèche, dos jesuítas, mas rebelou-se contra a educação tradicio-

## DESCARTES

nal. Viajou largamente a fim de aprender no livro do mundo. Seguiu a carreira militar por alguns anos. Retornou à escolaridade, primeiramente em Paris e então na Holanda, onde preparou a maioria de seus escritos. Inventou a geometria analítica. Alguns o têm chamado de fundador da filosofia moderna. Abordava o conhecimento pela via racionalista, e não pela via empírica. Foi convidado pela rainha Cristiana da Suécia para viver em Estocolmo e tornou-se o mestre dessa rainha quanto à filosofia. Porém, o clima da Suécia era frio demais para ele. Assim, Descartes contraiu uma enfermidade dos pulmões, do que faleceu.

### **Idéias Principais:**

1. Ele acreditava que se pode obter certa dose de conhecimentos, mas sentia que, para tanto, é mister o estudioso ultrapassar os limites do ceticismo. Seu alvo era desenvolver uma filosofia que conferisse um perfeito conhecimento e uma conduta ideal, servindo de meio para ajudar no progresso das ciências. Ele procurava criar um sistema que possuísse a certeza da matemática, e não dependesse dos sistemas escolástico e dogmático. Desconfiava do método empírico de obter conhecimentos, no que dizia respeito à obtenção da certeza no conhecimento, e preferia aplicar o *racionalismo* (que vide).

2. Alicerçado sobre o modo matemático de resolver problemas, Descartes supunha que podia desenvolver um conjunto de máximas que agiriam como guias válidos para o desenvolvimento do seu sistema. Isso lhe permitiu estabelecer os seguintes princípios gerais:

a. Ele nada aceitaria como verdadeiro que não fosse claro e certo.

b. Ele analisaria um problema, dividindo-o em partes, — então discutiria a questão parte por parte, em uma espécie de atomismo epistemológico.

c. Ele prosseguiria do simples para o complexo, e suas enumerações seriam as mais completas possíveis.

d. Ele *duvidaria de tudo* quando admitisse dúvidas, levando o ceticismo ao seu limite extremo. Somente as proposições que se mantivessem de pé diante desse exame crítico e cético seriam retidas como fundamentais, dentro do seu sistema. Por meio da *coerência* (que vide), ele arquitetaria outras proposições, com base naquelas proposições básicas, mas que também não admitissem dúvidas.

3. *Estabelecimento dos Princípios Básicos.* Se há um processo de dúvida, deve haver alguém que duvida. Com base nessa premissa fundamental ele chegou à sua famosa máxima: *Cogito ergo sum*. «Penso, portanto existo». Se há um processo de raciocínio, deve haver uma pessoa que pensa. Isso pode parecer uma tolice para aqueles que não têm treinamento filosófico; porém, devemos nos lembrar que os céticos duvidavam da própria existência do ser, supondo que a única coisa que pode ser afirmada é que há uma série de fenômenos. Mediante a fé animal, supomos que uma pessoa deve ser identificada com aquela série das percepções dos sentidos. Além disso, a filosofia analítica ensina-nos que não se pode predicar a existência. Em outras palavras, se alguém arma uma sentença e diz: «Isto existe» (no predicado, isso afirma algo sobre um sujeito), tendo afirmado isso, terá apenas construído uma sentença que afirma a existência, mas nem por isso se fez qualquer coisa vir à existência. Portanto, filósofos posteriores criticaram Descartes por ser culpado de predicar a existência quando dizia «Cogito ergo sum». No entanto, sem importar o que os lógicos possam fazer por meio de suas análises, a suposição de que para haver o processo de pensamento deve haver um

pensador, reveste-se de considerável força como declaração; e, sem importar se predica existência ou não, essa afirmativa diz uma verdade. Seja como for, Descartes pensava que sua posição era inatacável, que podia resistir a todos os assédios do ceticismo. Em consequência, ele havia estabelecido uma proposição que não podia ser posta em dúvida.

4. *A Descoberta de Deus.* Tendo estabelecido uma proposição inatacável, Descartes passou a buscar outras proposições. Ele raciocinou que não podia encontrar explicação para as suas próprias idéias. A inteligência reveste-se de um certo mistério. Ela inspira-nos o respeito. Parece ultrapassar a si mesma. Uma pessoa tem *idéias inatas* que surgem de seu interior, idéias com as quais ela já nasce, que não precisa desenvolver. Uma dessas idéias é a *idéia divina*, isto é, Deus, o qual é a fonte última das idéias, e com a qual a mente humana encontra uma afinidade natural. Há em nós a idéia inata de um Ser Perfeito. O próprio conceito de Deus requer que ele seja perfeito; e a sua perfeição, por sua vez, requer que ele verdadeiramente exista, porquanto se um ser existisse somente como um conceito, e não como uma realidade, então não poderia ser um ente perfeito. Quanto a esse ponto, Descartes não se mostrava original. Estava tomando por empréstimo o argumento ontológico de Anselmo. Nesta enciclopédia, o leitor poderá examinar dois artigos sobre esse assunto. Ver sobre *Argumento Ontológico*. Mediante outras idéias inatas, pois, podemos descrever Deus como um Ser infinito, eterno, imutável, independente, todo-poderoso, onisciente, criador de todas as coisas. Em outras palavras, Descartes propôs o Deus do cristianismo ortodoxo, partindo do pressuposto que a mente divina insuflou certas idéias na mente humana mediante as quais, sem a ajuda de qualquer investigação empírica, o indivíduo pode saber que Deus existe, e como ele deve ser. Descartes também aplicava o *Argumento Cosmológico* (que vide), para dar respaldo à sua idéia divina.

5. *A Descoberta do Mundo Exterior.* Agora, Descartes já possuía duas proposições inatacáveis: Deus e o próprio eu. Dessas duas podemos deduzir uma terceira, a saber, a do mundo material, exterior. Temos a idéia de que o mundo não é nossa imaginação ou sonho. Cremos que Deus não nos deixaria ficar enganados quanto a essa questão, pelo que o mundo externo realmente existe.

6. *O Dualismo.* A nossa razão segreda-nos que Deus é uma substância infinita e mental. A alma do homem deriva-se dessa substância, sendo ela uma substância que pensa. Ela é imaterial, ou *res cogitans*, uma «entidade pensante». O mundo material, em contraste, é *res extensa*, a matéria que se amplia pelo espaço e é governada pelo tempo. A matéria é uma extensão no espaço, sendo corpuscular em sua natureza (atomismo). A matéria é inteiramente distinta da mente, podendo ser definida sem se fazer qualquer alusão à mente (negação do *idealismo*). A mente pode ser definida com alusão à matéria, pois é absolutamente imaterial (idéia). Isso significa que temos um *dualismo* (que vide), que constitui a realidade. Isso posto, Descartes negava tanto o materialismo simplesmente quanto o idealismo como teorias absolutas, mutuamente exclusivas, mas aceitava ambas como verdadeiras, se fossem consideradas como descrições parciais da realidade.

7. *O Problema Corpo-Mente.* Ver o artigo separado sobre esse assunto. Descartes havia criado um dualismo radical. Tão radical, de fato, que afirmou que a mente não pode exercer efeitos sobre a



## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

matéria, e nem a matéria pode exercer efeitos sobre a mente. Como, então, uma poderia interagir com a outra? Descartes ensinava certa forma de *interacionismo* (que vide) entre a mente e o corpo, através da glândula pineal; mas as suas explicações mostram-se vagas; e ele criou com isso mais problemas do que os resolveu. A maioria dos seus seguidores, entretanto, tornou-se *ocasionalistas* (que vide). A doutrina do ocasionalismo surgiu, fazendo de Deus um intermediário. Haveria uma espécie de sistema telefônico celeste, mediante o qual o corpo enviaria mensagens a Deus, e Ele as reenviaria à mente; e a mente enviaria mensagens a Deus, que as reenviaria ao corpo físico. O problema do corpo-mente é uma das principais dificuldades enfrentadas pela filosofia, e a leitura do artigo separado, com esse nome, procura explicar a questão, apresentando as diversas teorias a respeito.

8. *Como se Comete um Erro no Campo da Gnosiológica*. Se todos contam com idéias *inatas* que se originam em Deus, como um homem pode errar naquilo que pensa? Descartes descobriu a resposta para essa pergunta em seu estudo sobre a *vontade*. A vontade do homem é livre, e, em seu entusiasmo, pode correr mais do que a razão.

9. *As Paixões da Alma*. De conformidade com Descartes, as paixões são modos de expressão da substância pensante. Haveria seis paixões básicas que constituiriam a porção emotiva do homem: admiração, amor, ódio, desejo ou apetite, felicidade e tristeza. Essas paixões dão seu colorido ao processo racional.

10. *O Problema do Mal*. Ver o artigo sobre esse assunto. Se existe um Deus todo-poderoso, perfeito em seu conhecimento, ilimitado em seu poder, como o mal conseguiu penetrar no mundo? As respostas dadas por Descartes são bastante convencionais. O mal teria entrado no mundo através da vontade perversa do homem. Faz parte da natureza das coisas finitas errarem, e errar implica em sofrimento. Essa explicação poderia justificar o mal moral, os sofrimentos que os homens atraem contra si mesmos com seus atos maus. Sobre o *mal natural* (desastres, doenças, morte, etc.) apelava a *fé* que Deus faz tudo bem.

*Escritos: Discursos sobre o Método; As Meditações; Princípio da Filosofia; As Paixões da Alma; Cartas; O Mundo, ou Tratado sobre a Luz; Regras para a Direção da Mente.* (AM BE E EP P MM)

### DESCIDA DE CRISTO AO HADES

Cristo realizou (realiza) uma missão redentora *tridimensional*: na terra; no hades; nos céus. É uma infelicidade que a Igreja Ocidental (Católica Romana e Evangélica) tem reduzido isso a uma missão *unidimensional*: o terreno. Em contraste, a Igreja Oriental preserva uma visão mais ampla da missão de Cristo, e, de modo geral, favorece um ensino *positivo* sobre a *Descida de Cristo ao Hades*.

Ver o artigo separado intitulado, *Descida de Cristo ao Hades, Perspectiva Histórica e Citações Significantes* que oferece mais informações sobre a natureza da *Descida*.

O propósito imediato de I Ped. 3:18 *ss* é mostrar que os sofrimentos de Cristo são *benéficos*, até mesmo para almas no lugar do julgamento. Portanto, os crentes não devem ter medo de compartilhar estes sofrimentos, como nas perseguições.

Sua *misericórdia* desce ao Hades. O *amor* de Deus alcançou o inferno mais baixo. A *graça* de Deus resolve tudo.

O oposto de injustiça não é justiça — é *amor*.

### Esboço

- I. Os intérpretes, antigos e modernos, que admitem estar em foco a real descida ao hades.
- II. Os que crêem que essa descida ao hades visou ao propósito de melhorar a condição das almas perdidas dali.
- III. Os que crêem que a descida visou ao propósito de agravar a condição delas, ou, pelo menos, ajudou somente os justos, deixando de lado aos injustos.
- IV. Paralelos em outros antigos escritos ou credos, judaicos e cristãos, que dão apoio à descida ao hades.
- V. Os que negam toda a idéia de tal descida.
- VI. Quem são os espíritos que seriam melhorados?
- VII. Qual a extensão ou potencial de sua melhoria?
- VIII. Não é a mesma coisa que o purgatório.
- IX. Sumário do ensino da passagem.
- X. Esse ensino nos comentários modernos.
- XI. A *descida ao hades* na história do cristianismo.
- XII. A descida no Novo Testamento.
- XIII. A descida e a restauração.

### I. Os intérpretes, antigos e modernos, que admitem estar em foco a real descida ao hades

Nenhum pai da igreja, credo ou tradição cristã negou a realidade da descida de Cristo ao hades antes de Agostinho, no século V. João Damasceno, no século VIII, em seu livro, «A Fonte do Conhecimento», no qual sumaria a doutrina e os ensinamentos cristãos dos pais, informa-nos que a realidade da *descida* era universalmente aceita em seus dias, e mostra que a opinião geral era que foi um oferecimento da salvação aos perdidos, além-túmulo, ou que, de algum modo, foi um oferecimento para *melhorar* a condição dos perdidos. Na Idade Média era um tema popular de peças teatrais, da arte e da literatura. Na Reforma, foi geralmente incluída essa idéia nas confissões e credos. Apesar de ser idéia aceita pela vasta maioria numérica dos cristãos até hoje, tem sido totalmente negada em algumas modernas denominações evangélicas.

\*\*\* \*\* \*

### II. Os que crêem que essa descida ao hades visou ao propósito de melhorar a condição das almas perdidas ali

Quanto à natureza exata da melhoria, há desacordo; mas que o texto de I Pedro 3 e 4 tenciona ensinar que o estado dos perdidos foi melhorado de algum modo, ou que foram eles potencialmente restaurados por meio desse ato de Cristo no mundo inferior, é idéia aceita por quase a mesma maioria descrita sob o primeiro ponto. Esse ensino necessariamente incluiu a idéia de que o próprio juízo não é algo meramente retributivo, mas também restaurador, isto é, a própria retribuição é uma medida restauradora. Esse ensino, por igual modo, com freqüência incluiu a idéia de que o «hades» representa um julgamento intermediário, e não o juízo final, e também que a segunda vinda de Cristo, com a eliminação do hades após o milênio, assinalará o fim do tipo intermediário de julgamento, bem como o início do estado final. Só uma pequena minoria de intérpretes tem visto nisso a justificação do «universalismo». Mesmo que a descida seja um precedente do que possa ocorrer no julgamento intermediário, isso significaria apenas que a capacidade de Cristo salvar abarca a todas as almas, de toda parte, até que seja instituído o estado final, mas não que as almas sejam forçadas a submeter-se ao senhorio de Cristo de modo a virem ser

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

salvas. Finalmente, todas as almas terão de sujeitar-se ao *senhorio de Cristo*, que deve ser *restaurador* (Efé. 1:10), se não *redentor*. Ver o artigo sobre a *Restauração* para uma explicação da diferença. O próprio julgamento será uma medida restauradora como I Ped. 4:6 certamente indica. De qualquer maneira, a *descida*, conforme é explicada pela maioria dos pais da igreja, estende até a segunda vinda de Cristo a *oportunidade* de total salvação e isso por meio de Cristo, o *Logos*, pois ele é o *Caminho*, aqui ou em *qualquer* lugar. Ver a relação entre a *descida* e a *restauração* sob ponto 13.

Nomes específicos ligados à idéia da «melhoria», que para a maioria indica oportunidade de completa salvação:

**A maioria dos pais da Igreja**, gregos e latinos, incluindo Justino Mártir, Pantaeno, Clemente de Alexandria, Orígenes e seus sucessores. João Damasceno, traçando o desenvolvimento da teologia da igreja antiga, sumaria a doutrina em foco como segue:

«Sua alma glorificada desce ao hades a fim de que, tal como o Sol da justiça nasceu para os homens da terra, por igual modo, ele brilha sobre aqueles que, sob a terra, se assentam em trevas e na sombra da morte; a fim de que tal como ele publicou paz aos homens sobre a terra, dando livramento aos cativos e vista aos cegos e tornando-se a Causa da eterna salvação dos crentes, ao mesmo tempo que convencia de incredulidade aos desobedientes, por igual modo tratasse com os habitantes do hades, a fim de que todo joelho se prostrasse ante ele nos céus, na terra e debaixo da terra, e para que, tendo assim solto as cadeias daqueles prisioneiros há muito confinados, ele retornasse dos mortos e preparasse para nós o caminho da ressurreição».

*Clemente de Alexandria* expressou a crença da maioria dos pais gregos, quando disse: «Assim, para que os levasse ao arrependimento, o Senhor também pregou aos que estão no hades. Quê! As Escrituras não afirmam que o Senhor pregara aos que pereceram no dilúvio, e não só a esses, mas a todos que estão em cadeias, e que são guardados no asilo e prisão do hades?» Sua citação passa a dizer que, nessa missão no mundo inferior, Cristo deixou exemplo, pelo que os apóstolos seguiram o exemplo de seu Senhor, e também ministraram naquele lugar. Isso quer dizer que, para esse autor, a *descida* do Senhor ao hades abriu o lugar como um campo missionário, ou que a missão evangelística instituída na terra foi estendida ao hades. Isso é óbvio, é conjectura, mas Efésios 1 (especialmente o vs. 23) pode apoiar tal ensino. Orígenes, (comentando sobre I Reis séc. 28, Hom. 2) expressou a crença de que o profetas do AT já haviam aberto missões de misericórdia no hades, pelo que a missão pessoal de Cristo ali foi confirmação e continuação do que os profetas do A.T. haviam iniciado. Nesse sermão particular, Orígenes ensinou que a pregação beneficiava aqueles que tinham sido preparados para o ministério (injetando um pouco da idéia de predestinação no hades), e esse ponto de vista tornou-se popular na Igreja Oriental. Mas o texto (I Ped. 3 e 4) não sugere tal limitação. O comentário de Orígenes neste lugar provavelmente foi influenciado pelo fato de que vários escritos judaico-helenistas falam de supostas missões de misericórdia de diversos profetas do A.T. ao mundo inferior.

Sob o primeiro ponto vimos que a crença na *descida* continuou na maioria das esferas do cristianismo moderno, embora tenha sido ignorada ou rejeitada por algumas denominações. Bloomfield, em seu comentário (citado no *Comprehensive Bible Commem-*

*tary*) afirma que é universal a crença na *descida* por parte da Igreja cristã.

«Nenhuma interpretação parece natural, ou trazer o selo da verdade, a não ser a 'comum', isto é, que Cristo foi e pregou (proclamou seu reino) aos antediluvianos no hades, interpretação essa apoiada pela autoridade unida dos antigos e pelos mais sãos de nossos modernos comentadores. As palavras certamente não envolvem dificuldade; e o sentido claro e natural não deve ser rejeitado porque contém assunto que nos admira, ou que pouco podemos apreender, com nossas atuais faculdades».

Assim também Meyer, em seu comentário, avalia o testemunho antigo e moderno, dizendo: «Essa é a opinião dos mais antigos pais da Igreja grega e latina, como também do maior número de teólogos posteriores e modernos». A *opinião* da qual ele fala é que a *descida* foi uma realidade, e que melhorou o estado dos perdidos. Seu próprio ponto de vista é que foi oferecida plena salvação, de tal modo, que, se aceita, tal melhoria poderia redundar em completa salvação.

**III. Os que crêem que a descida visou ao propósito de agravar a condição dos ímpios, ou, pelo menos, ajudando somente os justos, deixando de lado aos injustos**

a. A pregação foi feita somente aos justos, e (segundo alguns) elevou-os do hades para o céu. Assim ensinaram Márcion, Tertuliano e Zwinglio. Mas o texto de I Pedro 3 mostra especificamente que foi aos «desobedientes», e não para os justos do A.T. que foi feita tal pregação.

b. A pregação foi feita aos injustos, mas para confirmar a condenação deles. Assim ensinavam Flacius, Calov, Wolf, Buddeus e Aretius. Isso labora em erro porque: 1. é contra o contexto, que aborda especificamente como os sofrimentos de Cristo são «beneficentes»; 2. dá um sentido estranho ao verbo traduzido «pregar», que em outros lugares do N.T. (61 vezes) é usado para descrever a pregação do Evangelho, embora o termo não tenha, necessariamente esse sentido. Contudo, esse é seu uso coerente no N.T. (Cf. Mat. 3:4; 4:17; Rom. 10:8,15; Gál. 2:2). 3. I Pedro 4:6 mostra que o «Evangelho» foi pregado aos mortos e não se pode duvidar de que esse parágrafo de I Ped. alude à anterior história da *descida*, no terceiro capítulo. 4. O Cristo que tão recentemente pedira ao Pai que perdoasse seus mais fidedais inimigos, e que acabara de completar seu ato redentor, na cruz, se tivesse logo em seguida chegado ao hades para proclamar condenação, agravando a situação dos perdidos, teria agido de modo repugnante às sensibilidades cristãs.

c. A pregação foi feita aos penitentes de último minuto, os quais temendo o avanço das águas, subitamente deram crédito à pregação de Noé, pelo que *mereciam* algum benefício da parte de Cristo, uma vez que ele desceu ao hades. Essa interpretação é uma óbvia invenção.

d. A pregação teve *duplo aspecto*, de consolo e progresso, para os justos do A.T., e de condenação para os perdidos. Essa idéia está sujeita às objeções alistadas sob os pontos «a» e «b», que declaram os dois lados da dupla pregação independentemente. Atanásio, Ambrósio, Erasmo e Calvino se aferraram à idéia da dupla pregação.

«Tal pregação condenatória, além de ser totalmente supérflua no caso dos espíritos já reservados à condenação (conforme Alford comenta) é um insulto ao caráter do Redentor; a consciência cristã se revolta ante o pensamento que o santo Jesus, cujas palavras,

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

ao expirar, foram de perdão e amor, tivesse visitado as dimensões dos mortos e se tivesse jubilado ante a miséria dos condenados, publicando o seu triunfo, intensificando os tormentos deles e fazendo o inferno tornar-se mais inferno para eles». (Lange, em seu comentário, *in loc.* Lange foi o principal intérprete luterano de sua época).

### IV. Paralelos em outros antigos escritos ou credos judaicos e cristãos, que dão apoio à descida ao hades

Na literatura judaica, temos os livros de Enoque. I Enoque 67:4-69:1,12 são trechos tão proximamente paralelos de I Pedro que alguns intérpretes têm pensado em um empréstimo direto. O Talmude tem algumas passagens que falam da descida de profetas do A.T. ao hades, em missões de misericórdia. Os Doze Patriarcas e Levi 4 trazem algo similar. Os livros apócrifos do N.T., o Evangelho de Nicodemos, o Testamento de Abraão e o Evangelho de Pedro trazem histórias de descida e comentários que mostram que a Igreja primitiva não duvidava da questão. Os primeiros pais aludem com frequência à narrativa. Ver Irineu iii.20,4; iv.33,12; v.31,1; Márcion, em Irineu, i.27,2; Tertuliano, de *Anima*, 55; Orígenes, *Celso*, ii.43; Ignatius, *Magn.* ix.3; Justino Mártir, *Trifo*, 72. O «clima literário» da época, pois, antes e depois da composição do N.T., era favorável à narrativa da «descida». De fato, até o século V, não havia outra interpretação para I Pedro 3 e 4. Os Credos Apostólico e Atanasiano incluem a descida, refletindo a crença cristã dos primeiros séculos.

### V. Os que negam toda a idéia de tal descida

Esses intérpretes pensam que Cristo pregou *por meio de Noé* em seu dia, ou «através dos apóstolos», na missão evangelística da Igreja primitiva.

**A. Por meio de Noé:** Essa interpretação teve início com Agostinho, no século V, e foi popularizada em algumas denominações evangélicas atuais. Além de Agostinho, Beda, Aquino, Lira, Beza, Leighton (que mais tarde mudou de idéia), Hofmann e outros a têm defendido.

### Objecções a esse ponto de vista:

1. É arbitrária, apesar de alguns bons nomes que ficaram a ela associados. Arbitrária, porque as Escrituras nada dizem aqui da pregação de Noé. Nada há de mediação nessa descrição.

### 2. Não é gramatical:

a. O tema não é nem Noé e nem o Logos divino em algum ministério pré-encarnação, mas é Jesus, o Cristo, que tão recentemente morrera e agora tinha uma missão no hades.

b. Os objetos da pregação são os «espíritos», espíritos destituídos de corpos, e não mortais na carne, quando receberam a mensagem.

c. Não há indício, na estrutura da sentença, da declaração de que os espíritos a quem se pregou estavam vivos na carne quando ouviram a mensagem, embora agora estivessem *em prisão*, isto é, no hades. A simples leitura desses versículos mostra-nos que estavam na prisão ao ouvirem a pregação.

d. «*apeithésaisn pote*» (que em algum tempo foram desobedientes), vs. 20, obviamente são palavras que removem o tempo da desobediência a um tempo anterior ao da pregação. Isto é, a «desobediência» foi no passado remoto (antes do dilúvio) ao passo que a pregação foi feita em passado recente «por Cristo», imediatamente após sua descida ao hades, o que se seguiu à sua morte e antecedeu à sua ressurreição.

e. A expressão, «ele foi e pregou», no vs. 19, dá com clareza o sentido de «ir para outro lugar», a fim de

pregar. Isso dificilmente poderia ser dito sobre Noé pois, «para onde ele se foi, a fim de pregar?» Mas *Cristo* é o sujeito. Quando de sua morte, «ele foi ao hades», a fim de pregar ali. Também não faz muito sentido dizer: «O Logos divino 'se foi' do céu, tendo descido à terra, a fim de pregar por meio de Noé». Isso é ler demais no texto, meramente para evitar uma doutrina que parece modificar, necessariamente, certos pontos de vista sobre o julgamento.

f. A pregação medianeira, por meio de Noé, ignora totalmente a antítese tencionada entre *sarki* (na carne, na qual Cristo sofreu a morte) e *pneumati*, (no estado desincorporado, «espiritual», no qual ele desceu ao hades). Além disso, isso requer a dúbia tradução de «pelo Espírito», a fim de fazer com que a pregação tivesse sido feita nos dias de Noé. Isso ignora a força normal do vocábulo «em», «em» (e não «por»), e faz o termo *anarto* «espírito» significar «o Espírito». Se o Espírito Santo estivesse em pauta, é 99 por cento certo que o artigo antecederia «pneumati». Mas Jesus, «em espírito» é que se deve entender aqui, e em «essa forma desincorporada» («na qual», vs. 19), é que ele teve essa missão no mundo inferior.

3. Essa interpretação é anti-histórica. Ignora o «meio» no qual se originou a idéia da «descida», onde eram comuns «estórias da descida», que permeavam a atmosfera do pensamento e da teologia na qual I Pedro foi escrito. Pede-nos que creiamos que era teologia comum crer na descida de profetas e heróis ao hades, a fim de efetuar missões de misericórdia, mas que quando Pedro usou expressões quase idênticas (em comparação com as do livro de Enoque, por exemplo), que ele quis dizer algo diferente.

4. Essa interpretação é anti-hermenêutica. Quer levar-nos a crer que o que era universalmente aceito na Igreja, durante quatro séculos, como algo verdadeiro, na verdade não era verdadeiro, e que Agostinho, no século V, foi o primeiro que interpretou corretamente a passagem.

5. Essa interpretação é hermenêuticamente fraca: Dá-nos um ponto de vista míope e pessimista da missão do Cristo, atribuindo-lhe pequeníssima realização, se, de fato, Deus deseja que todos sejam salvos. Requer que a mensagem e a missão de Cristo caíam essencialmente por terra, pois tudo depende do que a Igreja possa fazer, aqui e agora, e não do que Cristo, com e sem a Igreja, pode fazer onde quer que se achem as almas dos homens, aqui e no além. Ignora as elevadas revelações do primeiro capítulo de Efésios, onde vemos que Deus, «na dispensação da plenitude dos tempos», «reunirá em Cristo todas as coisas» (vs. 10), para que Cristo seja «tudo para todos», por meio da Igreja, «que é sua plenitude» (vs 23). Exige que essa «unidade» seja conseguida mediante uma *exclusão*, o que o trecho de Col. 1:16 mostra ser *impossível*, pois assim como a criação é «em» e «por», assim também, in *deve ser para* ele. Em outras palavras, tal como procedeu dele, deverá também retornar a ele, a fim de que seja ele «tudo em todos» e venha a «preencher a tudo em todos», ou a ser «tudo para todos». E é míope porque não deixa espaço para níveis de restauração, que são essenciais à unidade que é «o mistério da vontade de Deus», supondo que porque homens não são eleitos a missão de Cristo não se aplica a eles. Mas ele declarou: «Quando eu for levantado, atrairei todos a mim» (João 12:32). Não vê que Cristo é o grande ímã central que nada deixa fora de seu poder de atração, e que Deus é amor, e que o juízo é um dedo da mão amorosa, e que a própria retribuição é uma medida de amor. Essa interpretação é hermenêuticamente fraca porque, ao pensar

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

honrar a Palavra de Deus, enfatizando inflexivelmente certos versículos acerca do juízo, conferindo assim um aspecto pessimista à missão salvadora do Cristo, ignora outros versículos que indicam a vasta magnitude de realização daquela missão. Sem querer degradar a obra de Cristo e limita a sua esfera de operação, ao passo que as próprias Escrituras não encerram tal limitação.

Essa interpretação é hermeneuticamente fraca porque ignora que o contexto da história da descida é o ensinamento de que «o bem pode provir do sofrimento», que visa a encorajar aos crentes que estavam sofrendo perseguição. O autor diz, na realidade: «Vede como o bem pode advir dos sofrimentos, porque Cristo, em seus sofrimentos, desceu ao hades e fez o bem às almas perdidas».

Essa interpretação é hermeneuticamente fraca porque supõe que podemos dividir a pessoa de Deus, tachando-o agora de amoroso, e depois de severo e julgador, por causa de sua justiça. Mas a verdade é que Deus não pode ser assim dividido, de tal modo que podemos dizer que ele é sempre amoroso, sempre justo, sempre severo; e todos esses fatores são simultâneos. Portanto, o amor requer julgamento, mas esse julgamento jamais consiste apenas de severidade, mas essa severidade será sempre manifestação do amor, e tem um propósito, chegando a realizar finalmente esse propósito. Ou, expressando esse conceito de modo mais simples, «o julgamento é um dedo da mão de amor».

Essa interpretação é hermeneuticamente fraca porque supõe em dividir o Logos eterno em seu propósito, limitando sua obra no que tange às almas dos homens, de modo que tal alma, enquanto está no corpo — conforme nos quer fazer acreditar — somente então pode ser alvo do ato salvador do Logos. Mas a verdade é que, conforme alguém já disse: «O que esta tradição nos ensina é que Jesus pode alcançar os homens em qualquer lugar».

Essa interpretação é hermeneuticamente fraca porque ignora o fato de que as próprias Escrituras situam o tempo das *fronteiras eternas* a serem traçadas quando da volta de Cristo, e não por ocasião da morte do indivíduo. (Ver Atos 17:31; II Tim. 1:12; 4:8; I João 4:17). «Mas em nossa passagem (I Pedro 4:6), tal como em 4:19,20, Pedro, por iluminação divina, afirma claramente que os meios da salvação divina não terminam com a vida terrena, e que o Evangelho é pregado além do sepulcro para aqueles que partiram da vida sem o conhecimento do mesmo» (Lange). E assim, se aos homens está «determinado morrerem uma vez, e depois disso (vem) o juízo» (Heb. 9:27), o «depois disso» é definido, nas próprias Escrituras, como «aquele dia», ou seja, a «parousia», o dia do aparecimento de Cristo. Por conseguinte, até aquele tempo, tal como no julgamento do hades, os homens estarão sujeitos ao poder da missão salvadora de Cristo.

6. Essa interpretação se baseia em um *preconceito a priori* sobre como deve ser o julgamento e sobre o que a missão de Cristo pode realizar, e quanto tempo haverá até ser cumprida. Esse preconceito acolhe somente todos os «versículos severos» que se aplicam ao juízo e ignora tudo mais. Em outras palavras, a fim de defender «um lado» do ensino bíblico sobre o tema, ignora ou não quer saber do outro lado, no qual a missão de Cristo é vista a triunfar, afinal, embora isso não torne em eleitos a todos os homens. Por causa desse «preconceito a priori» permite que a missão de Cristo caia por terra e aceita o absurdo que o seu poder realiza pouquíssimo, se é verdade que Deus

amou ao mundo inteiro e deseja que todos sejam salvos.

7. Essa interpretação tem uma visão míope do que é a missão de Cristo e o que a mesma visa a realizar; e assim perverte as revelações constantes em I Ped. 3:18 ss, e 4:6, bem como em Efé. 1 e Col. 1:16. O trecho de I Ped. 4:6 declara francamente (o que aplicaríamos, pelo menos no tocante ao juízo do hades, o julgamento intermediário) que «o evangelho foi pregado também aos mortos, para que fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem conforme Deus, no espírito», o que significa que o julgamento é um meio de restauração, e não apenas uma medida retributiva. Se aplicarmos isso ao julgamento final, então não se segue, necessariamente, que todos os homens por fim tornar-se-ão eleitos (embora alguns tenham usado esse ensino nesse sentido), mas segue-se que deve haver uma restauração em níveis diversos, o que produzirá a unidade de todas as coisas em torno de Cristo, e que o próprio Cristo deve ser o alvo e o propósito da vida de todo homem. Isso não significaria que muitos homens podem vir a participar da «natureza divina» (II Ped. 1:4), ou da «imagem de Cristo», mas significa muito mais do que supõe aquele que conhece apenas um lado da questão do julgamento.

8. Essa interpretação é anticronológica. O texto de I Ped. 3:18 ss. coloca a pregação de Cristo aos perdidos após sua morte e antes de sua ressurreição. A interpretação de que Noé é quem pregou, inspirado pelo «Espírito», faz a pregação situar-se antes da morte de Cristo, o que é distintamente contrário à cronologia da passagem.

9. Essa interpretação é uma deslocalização. Faz os homens receberem a mensagem enquanto ainda estão na terra, apesar de que agora, visto que morreram, estão «em prisão». Mas o texto de I Ped. 3:18 ss e 5:6 faz a mensagem ser pregada àqueles que estão «em prisão» e em «estado desincorporado».

10. Essa interpretação é antilógica. Aquilo que ignora o que a igreja dizia sobre a descida, durante quatro séculos, e o que a maioria da igreja continua dizendo, e aceita uma interpretação que data a partir do século V, sendo defendida até hoje por pequena minoria, é antilógica. Essa interpretação, que se alicerça sobre uma falácia gramatical, sendo anti-histórica, anti-hermenêutica e hermeneuticamente débil, é, igualmente, ilógica. Aquilo que se caracteriza por miopia do que a missão de Cristo pode realizar, e que transforma a fé cristã em um ponto de vista mundial pessimista, é antilógico.

**Finalmente**, aquilo que adere a certas Escrituras concernente à natureza do juízo, mas fá-lo mediante um «preconceito a priori», ignorando outras passagens bíblicas sobre o mesmo tema, é ilógico.

11. Essa interpretação é antibíblica. Visto que nega a realidade da descida de Cristo ao hades, nesta ocorrência de I Pedro, deve também negá-la em cada ocorrência sua no N.T. Deve ignorar a história de Atos 2:27,31 (Pedro também falava); Efé. 4:8-10 e Rom. 10:6-8. Também deve ignorar a antecipação profética do fato, em Sal. 16:10.

**B. Mediamente, através dos apóstolos.** Chegamos agora à segunda maneira comum de negar completamente a realidade da descida. Alguns supõem que a pregação não foi feita por Cristo, — que desceu pessoalmente ao hades, e, sim, por meio dele, isto é, «através do seu Espírito», — que teria inspirado aos apóstolos em sua missão evangelizadora, após a ressurreição. Essa interpretação tem atraído algumas pessoas de renome, como Socino, Grotius, Schottgen,

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

Schlechting e Hensler. Mas está sujeita, de vários modos, a todas as objeções levantadas contra a interpretação que acabamos de criticar.

1. É «arbitrária», porque o sujeito é Cristo, e não os apóstolos. Nadá é dito, em absoluto, sobre a missão da igreja, e nem tal idéia é ventilada.

2. É «não-gramatical», porque o sujeito é Cristo, em seu estado desincorporado, e os objetos da pregação são espíritos desincorporados, e não homens *mortais* da Judéia, da Ásia Menor ou da Grécia, os quais foram objetos da missão da igreja primitiva. Os outros pontos não-gramaticais, alistados em «d», «e» e «f» também podem ser aplicados a esta interpretação.

3. É «anti-histórica» porque também ignora o meio ambiente literário no qual se originou a narrativa da descida.

4. É anti-hermenêutica porque ignora o que a igreja universal tem ensinado.

5. É «hermeneuticamente fraca», porque nos confere o mesmo ponto de vista *míope* sobre o que é a missão de Cristo, tal como a interpretação que acabamos de descrever.

6. Apóia-se sobre um «preconceito *a priori*», acolhendo ou rejeitando versículos sobre o julgamento de acordo com as opiniões já formadas sem darem a devida atenção ao corpo inteiro de Escrituras sobre o tema.

7. É «míope» porque limita desnecessariamente o poder e a missão de Cristo, conforme se descreveu antes.

8. Também é «anticonológica», visto que, se admite que o texto exige uma «prédica após a morte de Cristo», contudo, situa essa pregação após a ressurreição, e não entre a morte e a ressurreição de Jesus.

9. É uma «deslocalização» porque localiza a cena da pregação na terra, e não «na prisão», no mundo inferior.

10. É «antilógica», por causa de todas as observações acima.

11. É «antibíblica», porque ignora os demais trechos bíblicos que descrevem a *descida*; pois de que adiantaria aceitar a narrativa em outros «textos de prova», mas negá-la neste ponto?

**Em adição a essas objeções, ainda outras podem ser levantadas.**

12. Essa interpretação vê-se forçada a dizer que os «mortos» de I Pedro 4:6 são aqueles que estão «vivos na carne», mas «mortos em delitos e pecados», a fim de separar aquele versículo da história da descida. Porém, não há qualquer indício, no contexto, de que devemos entender metaforicamente a palavra «mortos». Nem faz sentido dizer que aqueles que estão «agora mortos» é que estão em foco, pois isso é injetar no texto algo que está ausente no original grego.

13. Essa interpretação também se vê forçada a ver a «prisão» como uma expressão metafórica, como a «prisão do corpo», a «prisão do pecado», o que dificilmente fica de pé sob exame.

Concordamos com Huther, que observa com razão, «...essa interpretação acumula capricho acima de capricho».

Aludindo a esses tipos de interpretações, Alford observa, *in loc.*, «cada palavra de cada cláusula protesta contra» elas.

### VI. Quem são os espíritos que seriam melhorados?

a. Alguns dizem, «aqueles *agora* desincorporados, mas que eram homens mortais quando ouviram a pregação». Portanto, têm de ler I Ped. 4:6 como: «Por esta causa o Evangelho foi também pregado àqueles

que *agora* estão mortos...» Mas isso é desencavar no versículo, por causa de certo ponto de vista sobre o juízo, que «o Evangelho não pode ser pregado aos mortos», algo que não se acha ali. Além disso, é ignorar o claro ensino da descida de Cristo ao hades, que ocupa o trecho de I Ped. 3:18 ss.

Mason, *in loc.*, refutando essa idéia, diz: «Ninguém, com mente desanuviada pode duvidar, considerando esta cláusula por si mesma, que as pessoas a quem esta pregação foi feita estavam mortas quando ouviram a pregação».

Hart, *in loc.*, diz: «No que toca aos mortos, Cristo desceu ao hades a fim de pregar ali, e nisso foi seguido por seus apóstolos. E o objetivo disso foi que embora os mortos fossem julgados como homens, no tocante à carne, pudessem viver como Deus vive, no tocante ao espírito».

Alford, *in loc.*, diz: «Se, 'o Evangelho foi pregado aos mortos' pode significar que 'o Evangelho foi pregado a alguns durante sua vida terrena, os quais agora estão mortos', a exegese não conta mais com nenhuma regra fixa, e a Escritura pode ser manuseada para provar qualquer coisa».

b. Outros pensam que esses «espíritos» são anjos caídos, que são seres espirituais. O termo grego «pneuma» pode significar qualquer tipo de «espírito», como a alma humana, a porção não-material do homem, os espíritos angelicais, os espíritos demoníacos, ou o Espírito Santo. Portanto, nada se pode provar mediante uma consideração do vocábulo, à parte do contexto. Aqueles que aqui identificam os «espíritos» como anjos caídos, provavelmente fazem-no por causa da observação que em algumas histórias de descida, na literatura judaica-helenista, está em foco a restauração de anjos caídos, e, presumivelmente, pois, a história de Pedro poderia estar descrevendo tal coisa. Mas o texto em parte alguma indica redenção de anjos, e introduzir tal coisa aqui é algo fora de lugar, mesmo que se pudesse demonstrar que esse é um dos resultados positivos dos sofrimentos de Cristo. O texto procura provar que os sofrimentos de Cristo tiveram tais resultados positivos, a fim de convencer os crentes que o bem pode advir do sofrimento. O pensamento que a descida de Cristo ao hades foi boa, de algum modo, para aliviar o sofrimento humano, seria um argumento mais poderoso do que dizer que isso fez algum bem aos anjos caídos, pelo que também o mais provável é que é àquilo que Pedro alude. Outrossim, havia amplo precedente para isso nos escritos e na teologia judaicos, e assim Pedro não estava criando no vácuo uma nova doutrina. Se ligarmos I Ped. 3:18 ss com 4:6, então teremos um argumento totalmente fatal à idéia de que os «anjos «caídos» são os espíritos em foco. Cristo pregou aos «mortos», isto é, a «espíritos humanos desincorporados», chamados mortos por terem deixado seus corpos mortais. O termo «mortos» jamais poderia ser aplicado a anjos caídos. Virtualmente todos os intérpretes que crêem na descida de Cristo ao hades, ligam I Ped. 4:6 com a descrição da descida em 3:18 ss.

c. Outros pensam que os «mortos» são aqueles «mortos em delitos e pecados», e assim fazem esses espíritos serem os de homens mortais, mas ainda incorporados quando ouviram a pregação. Aqueles que acreditam que os apóstolos é que pregaram aos «mortos» em delitos e pecados, por inspiração do Espírito de Cristo, negam peremptoriamente a descida ao hades, conforme já vimos. Mas já mostramos, também, que essa interpretação não é válida, e isso, por meio de muitos argumentos.

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

Portanto, não vemos como se pode entender metaforicamente a palavra «mortos», em I Ped. 4:6.

d. Os «espíritos» são *espíritos humanos desincorporados*, e, especificamente, aqueles que foram desobedientes nos dias de Noé. Mas por que a narrativa, dada em I Ped. 3:18 ss. limitaria os mortos só a esses? Porventura somente os antediluvianos teriam recebido o benefício da descida de Cristo? Em resposta a essas perguntas, respondemos:

1. Essa limitação surgiu por causa do fato de que o contexto trata da história do dilúvio. Pedro usou a narrativa do dilúvio como ilustração tanto do juízo vindouro como da salvação em meio ao juízo. Era natural, pois, que ele tivesse falado somente dos «espíritos» associados com aquele evento, pois isso concorda com o contexto de sua ilustração.

2. Esses «espíritos» representam os *mais* rebeldes e corruptos entre os espíritos; e, no entanto, a graça de Deus atingiu até eles. Quanto *mais*, pois, a implicação pode abarcar todos os espíritos, já que esses péssimos «exemplares» de maus espíritos não estavam fora da missão salvadora de Cristo.

O ensinamento é claro, portanto: Os sofrimentos de Cristo se revestem de valor imenso, mais do que a língua humana pode narrar, atingindo aos mais altos céus, mas também ao mais baixo inferno. Se fomos perseguido, se estás sofrendo, lembra-te disto: Deus pode sair dentre o sofrimento.

3. I Ped. 4:6, seguindo imediatamente após a narrativa da descida, e querendo servir de comentário adicional a respeito, fala sobre os «mortos» em geral, como aqueles que receberam a visita da descida de Cristo, pelo que fica *eliminada* a limitação de I Ped. 3:18 ss. Se a descida de Cristo trouxe esperança aos mais rebeldes, é certo que trouxe esperança a todas as almas perdidas.

e. Ainda outros, apesar de admitirem a plena força da descida, pois é claro que Cristo pregou e ajudou às almas perdidas no hades, limitam isso a uma só ocasião, e se recusam a ver nesse acontecimento um «precedente». Isto é, crêem que Cristo foi de benefício ou ofereceu salvação plena a almas perdidas que tinham descido ao hades antes de sua missão terrena, mas não acreditam que esse ministério «continua no hades». Em outras palavras, desde a cruz, nenhum outro benefício pode ser esperado no hades da parte da anterior descida de Cristo ali. Dos dezessete comentários examinados sobre o tema, somente um toma essa posição limitada, embora treze concordem com a realidade da descida. A maioria dos intérpretes, antigos e modernos, vê um «precedente» do que sucedeu no hades. Essa tradição, pois, ensina que Jesus pode alcançar os homens em qualquer lugar, até que ele ache por bem traçar fronteiras eternas quando de sua segunda vinda, ou, conforme o caso pode ser, após o milênio, segundo Apo. 10 pode indicar. Assim é que Hunter, *in loc.* diz: «Se indagarmos que valor tem esta tradição para nós, hoje em dia, a resposta é que onde quer que estejam os homens, Cristo tem o poder de salvar». A lógica concorda com isso, pois é óbvio que o Evangelho alcança apenas poucos homens, uma minúscula porcentagem, enquanto vivem em corpos mortais, mas o amor de Cristo não permitirá que se vão devido à ignorância. Somente se chegarem a rejeitá-lo é que perderão a salvação por ele oferecida.

Que dizer sobre a justiça? Rom. cap. 1 deixa claro que Deus seria «justo» se condenasse homens ao inferno, sem importar se ouviram o Evangelho ou não. Porém, não existe tal coisa como *justiça nua*, da parte do amor e da misericórdia. Uma justiça

temperada, na qual os atributos de Deus não estejam divididos e nem se choquem uns contra os outros, alia-se à razoável posição que diz que ninguém poderá perder-se finalmente sem antes ter chegado frente a frente com a verdade, conforme ela se acha em Cristo. O Logos eterno salta todo o espaço e o tempo e garante esse encontro. O que as almas fizerem com isso, dependerá delas, entretanto. Por isso, Bigg, *in loc.*, defende a idéia de que a graça de Deus, por meio de Cristo, trará, finalmente, a todos os homens o «conhecimento» do Evangelho. Ele foi levantado. Todos os homens deverão saber disso, para então se voltarem para Cristo ou rejeitarem-no. Negar isso é perder as imensas dimensões da missão de Cristo, que são subentendidas na história da «descida», bem como em outras passagens, como Efésios 1 e Colossenses 1:16.

«...o Evangelho foi pregado aos mortos com o propósito de moldar a condição deles, de tal modo que, por um lado, sendo julgados segundo a carne (estado dos mortos visto como um juízo contínuo segundo a carne), por outro lado, fossem capazes de «através do juiz (aoristo), atingir, à maneira de Deus, a vida imortal do espírito». (Wiesinger, comentando sobre I Ped. 4:6).

Deus nos considerará responsáveis! Não negam outros versículos acerca do julgamento? Antes, procuramos combinar todos os versículos que falam sobre o assunto, formando um todo harmonioso, e não negligenciamos aqueles versículos que oferecem esperança, quer seja para a salvação das almas que tenham ido para o hades, quer para a melhoria dos perdidos, uma vez que sejam traçadas as fronteiras eternas. Deus nos considerará responsáveis se diminuirmos aquilo que foi revelado, no tocante à amplitude e poder da missão de Cristo. Sem dúvida é muito sério degradar ou subestimar a sua missão. A igreja universal tem reconhecido isso, em parte, pelo menos, porquanto a vasta maioria dos intérpretes antigos e modernos tem dado à «descida» um papel importante em sua teologia. O mais provável, porém, é que todos os homens, de alguma maneira, tenham subestimado o que Cristo pode fazer e fará, visto que seu poder permeia todas as esferas, todos os mundos e todos os seres. É impossível que alguma coisa esteja fora do alcance de seu poder.

### VII. Qual o potencial ou extensão de sua melhoria?

O que já foi dito até aqui produz muitos subentendidos sobre o que agora procuramos expressar, e alguma duplicação de pensamento é inevitável. Entre aqueles que acreditam que Cristo, em sua descida ao hades, fez o bem às almas perdidas, naturalmente há pontos de vista diversos.

a. **A maioria dos pais gregos e latinos ensinaram** que, através da descida, Cristo ofereceu aos perdidos a plena salvação. Muitos deles ensinaram que esta oferta será válida até a segunda vinda de Cristo que estabelecerá os destinos eternos.

b. **Conforme se mencionou acima, alguns crêem** que a descida foi um incidente isolado, e que a melhoria que isso trouxe ao estado dos perdidos, visava somente ao benefício dos antediluvianos. Esse «bem» poderia ser visto como uma oferta de plena salvação, ou como mero aprimoramento da condição dos perdidos, os quais estavam confinados a «prisão» antes do advento da Cruz. Se o «bem» consistiu da oferta de plena salvação, então alguns, poucos ou muitos, não somos informados, provavelmente se aproveitaram desse ato especial de graça; mas, de acordo ainda com essa interpretação, isso não seria possível para os perdidos que morreram desde a

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

crucificação de Jesus. Desse modo, tal graça foi oferecida a alguns poucos, após a morte deles, e essa graça deve ser encarada como paralela à revelação de Atos 17:30: «...Deus deixou passar os tempos dessa ignorância; mas agora ordena a todos os homens de toda parte que se arrependam». Apesar de que Deus estaria plenamente justificado se condenasse a todos (ver Romanos 1), contudo, seu amor levou a missão de Cristo a beneficiar os perdidos antes da cruz. Presume-se que essa interpretação nos queira levar a crer—agora que a igreja leva avante a missão evangelizadora instituída por Cristo—que agora não se pode mais esperar o oferecimento dessa graça especial aos perdidos do hades.

Mas se a descida ao hades e a pregação do Evangelho aos mortos (I Ped. 4:6) não visava a oferecer a salvação, mas somente melhorar o estado dos perdidos; talvez lhes dando razão e propósito de um viver centralizado em Cristo, embora não a salvação, ou seja, a participação em sua natureza, então poderíamos supor que essa condição de melhoria no hades tornou-se uma regra — isto é, a dimensão dos mortos foi elevada a fim de permitir-lhes fazer parte da unidade que, finalmente, terá lugar em torno da pessoa do *Logos* eterno (ver Efé. 1:10). Portanto, segundo essa idéia, a «melhoria dada numa ocasião», produziu resultados contínuos embora algo que não deva ser repetido. Homens bons e dignos intérpretes têm assumido uma ou outra dessas posições, isto é, aquela exposta no parágrafo anterior, com as modificações dadas neste parágrafo. Wordsworth parece tomar a primeira, e Ellicott a segunda posição. Ellicott supõe que essa *melhoria* seria mediada através das diferenças nas ressurreições, pois os perdidos ficariam excluídos dos benefícios do corpo ressurrecto, conforme os salvos possuirão, e, portanto, perderão o tipo de vida de que o corpo ressuscitado será o veículo. No entanto, com base em I Ped. 4:6, este autor supõe que eles terão uma expressão espiritual agradável a Deus, por ter sido dada diretamente por ele, o que não eliminará o juízo, mas será seu resultado. Conforme esse ponto de vista, pois, o juízo não será apenas retributivo, mas também restaurador, e a retribuição se tornará um meio de uma espécie de restauração para os perdidos, embora isso esteja longe da salvação descrita no N.T. O que Ellicott supõe certamente tem valor no tocante ao estado final dos perdidos, mas é quase certo que o «hades» não é o estado final. Apocalipse 20 deixa claro que haverá um juízo *além* do hades, após o milênio. O testemunho da literatura judaica e cristã sempre foi que o hades representa um «juízo intermediário», e muitos autores têm pensado ser algo «mutável». Assim, no Testamento de Abraão, a oração intercessória prevalente do patriarca impele Deus a livrar do hades as almas perdidas; e no evangelho de Nicodemos, a descida de Cristo ao hades esvazia aquele lugar de todos os seus cativos; e na narrativa inspirada de Pedro, a base de nossa atual discussão, a descida de Cristo, de algum modo, oferece melhoria aos perdidos, ou quiçá, no mundo intermediário, até lhes ofereça salvação, pois Cristo é o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos. E é curioso observar que o evangelho apócrifo de Pedro (escrito em cerca de 130 D.C.) fala em favor do benefício aos mortos proveniente da descida de Cristo ao hades por antecipação, pois estando ainda na cruz, a Jesus é feita a pergunta: «Pregaste àqueles que dormiram?» A resposta dada pelo Salvador em agonia é o misericordioso «*Sim*». O autor, não Pedro, naturalmente antecipa assim a história da descida do Salvador agonizante, que beneficiou até ao próprio

hades. Mencionamos essas obras extracanônicas a fim de ilustrar atitudes cristãs dos primeiros séculos. A observação, conforme se notou acima, no evangelho apócrifo de Pedro, sem dúvida se baseou sobre o livro canônico de I Pedro, e sua história da descida, e firma-se como uma interpretação deste último. Portanto, se essas obras extracanônicas não têm autoridade como documentos inspirados, pelo menos refletem a interpretação cristã comum do livro canônico de I Pedro.

c. Fazendo o pêndulo da interpretação inclinar-se para o extremo oposto do pensamento teológico, os universalistas vêem evidências, na história da descida, de que em algum lugar, de algum modo, em algum tempo, a graça divina, por meio de Cristo, atrairá todos os homens aos lugares celestiais, como homens remidos. Os universalistas fazem a predestinação dar as mãos ao total propósito remidor, fazendo eleitos a todos os homens. A diferença entre os homens seria apenas uma questão de tempo, e não se seriam ganhos ou não pelo poder de Cristo. Os universalistas não se interessam em tentar equilibrar as Escrituras que falam sobre o juízo, e nem em contrastar versículos sobre o juízo com aqueles sobre a eleição. Eles assumem a atitude que diz que as revelações superiores ultrapassam as inferiores, e assim a salvação final (uma revelação superior) substituiria os temíveis versículos sobre a condenação eterna. É conveniente, portanto tomar a palavra «eterno» em seu sentido possível de «qualidade», e não em seu sentido de «quantidade». Em outras palavras, o juízo «pertence ao estado eterno», pelo que seria *eterno*, mas não seria «sem fim». Teólogos e filósofos estão bem cômicos do fato de que a palavra «eterno» pode aludir à «qualidade», e não à quantidade. Assim é que Deus é chamado Eterno a fim de distingui-lo do que é temporal. E *vida eterna* é um «tipo de vida», isto é, pertencente aos mundos celestiais, não-físicos. Portanto, o termo «eterno» pode indicar «espécie», e não, necessariamente «extensão». Não se pode duvidar de que no evangelho de João o vocábulo «eterno» algumas vezes pelo menos, tem o sentido de «qualidade», e não o de «extensão». A «vida eterna», pois, é a vida que pertence ao mundo além; e «juízo eterno», é o tipo de juízo que pertence ao mundo além, embora não seja algo necessariamente «interminável». As alusões ao grego clássico apóiam esse uso «qualitativo» do termo. Porém, se pressionarmos os universalistas, dizendo que o sentido «comum» do termo «eterno» quase sempre inclui também a idéia de «extensão», e se a apresentação de muitas referências bíblicas os deixar avassalados, eles simplesmente retrucarão voltando a seu anterior argumento de que «revelações superiores» suplantam inferiores. A história da descida seria um exemplo de revelação superior, oferecendo esperança final para todos, porquanto há provas positivas de que o propósito de Cristo opera para a salvação de todas as almas até mesmo do outro lado da morte física. Se seu raciocínio for contradito, aludindo nós que é ilógico supor que uma revelação superior possa suplantá-lo (e contradizer) uma inferior, eles simplesmente nos lembrarão de que foi exatamente isso que sucedeu em relação ao Antigo e ao Novo Testamentos, com suas respectivas mensagens. Nos mostrarão referências veterotestamentárias que falam da aplicação «eterna» da lei, com seus sacrifícios etc. Então, enquanto estamos um pouco encolhidos, a arrumar os pensamentos, eles mostrarão que os rabinos do Talmude assim interpretavam sua própria revelação, pois defendiam a qualidade eterna das leis, cerimônias, sacrifícios, etc. (O judeu olhará desconfiado para nossas «inovações cristãs», perguntando



## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

como temos contradito «a revelação», abandonando os mandamentos do A.T., que naquele mesmo documento são declarados como de aplicação eterna. Se frisarmos certos textos do N.T., que falam de punição eterna, então os universalistas apontarão para outros versículos, incluindo aqueles sobre a descida de Cristo ao hades, que podem ser interpretados como se ensinassem salvação final para todos. E assim, conforme se dá com a maioria das discussões argumentativas, ambos (nós e eles), deixaremos a sala pela mesma porta que tínhamos entrado.

Nesta discussão sobre a descida, como por todo este artigo, procuramos obter bom equilíbrio na interpretação. Cremos, portanto, que por mais nobre que seja a idéia do universalismo, não preserva esse equilíbrio, comparando Escrituras com Escrituras, motivo porque é suspeito.

d. Além disso, ansiosos por preservar esse citado equilíbrio, rejeitamos ver nas Escrituras somente os temidos versículos de retribuição eterna. Nesses versículos, outrossim, vemos outras revelações modificadas ainda por outros versículos, que lançam maiores luzes sobre a questão do hades, projetando esperança. A fonte de água viva da cruz eleva-se acima de toda a vergonha humana e cascadeia dali as doces águas da gentileza, que tombam sobre a dimensão tristonha dos antediluvianos desobedientes. Por isso, foi dito: «Ele foi pregar aos espíritos em prisão, que antes foram desobedientes... O Evangelho foi pregado aos mortos». Haverá de desistir dessas palavras de graça e benevolência eternas porque, em outro lugar, a ira ardente de Deus é vista a perseguir o pecado e o pecador com terrível luta sem quartel? Não eu! Sim, eu não, principalmente porque não ousou diminuir a missão de Cristo abaixo do que ela é vista nas Escrituras, ainda que outros homens, ignorando as mesmas, ou por terem um ponto de vista diverso das mesmas, diminuíam essa missão para menos do que ela certamente é.

### **Oh, Cristo, Salvador de Todos os Mundos**

*Cristo, o Salvador de todos os mundos, em todos os mundos, até a própria beira da condenação;*

*Amando, buscando, sondando, salvando além do sepulcro ou túmulo.*

*Não decretos divinos, dogmas de homens, eras agora e então, mentes mesquinhas, embotadas pelo sentido e pelo tempo,*

*Podem limitar seu imutável poder salvador, uma fixa esperança sublime.*

*Oh, Cristo, imutável, Redentor perene,*

*na transição dos séculos o mesmo*

*Constante e perpétuo é o poder reconquistador de teu nome.*

*Ponto do tempo chamado terra e um Jesus terreno não são tudo, não podem ser tudo,*

*Esferas além, mundos vindouros, o Jesus Celeste deverá fascinar.*

*Ponto de tempo terminado pela morte, significa para alguns, o fim da própria vida,*

*Para outros, o fim da esperança; ambas são visões míopes, sem dúvida.*

*Pois Tu, ó Cristo eterno, no tempo e fora do tempo, seguras a tudo com segurança.*

*Amando, buscando, sondando, salvando além do sepulcro ou túmulo.*

*Tu és o Cristo de todos os mundos, em todos os mundos, até à beira da condenação. Na condenação? Na condenação!*

(Russell Champlin, meditando sobre I Ped. 3:18-20; 4:6).

Quão temível o caso, quão temível o pensamento, aqueles que perderam seres amados:

*Os quais até à beirada seguiram aqueles a quem amam,*

*E sobre a limiar insuperável se postam,*

*Com nomes queridos reprovam sua calma muda,*

*E afagam por sobre o abismo sua mão não segurada.*

(Tennyson).

«Ele foi e pregou aos espíritos em prisão, que antes foram desobedientes... O Evangelho foi pregado aos mortos».

*O abismo é profundo demais,*

*Suas mãos são por demais pequenas,*

*No entanto, Jesus, ao lado delas,*

*Pode recuperar almas perdidas.*

*Contemplai esses homens erguidos por Cristo,*

*O resto permanece sem ser desvendado.*

*Ele não nos diz, ou algo selou*

*Os lábios de Pedro, o Evangelista.*

(Russell Champlin, primeiro versículo;

segundo, adaptado de Tennyson).

Deixe-nos ver o que o texto aqui tem a ensinar, nada mais, mas, ao mesmo tempo, nada menos. Ele pregou o Evangelho aos mortos desobedientes, sem dúvida, para estender sua missão redentora (ou melhoradora) aos mesmos, que tão recentemente havia feito na face terrestre. Primeiro Pedro 4:6 exige esta interpretação da descida, pois é um comentário breve sobre o mesmo. O resto Pedro não revela. Seus lábios estavam selados. Quantos acreditaram? Quantos zombaram? Quantos rejeitaram? Foi seu ato um precedente? Foi acatocimento único? Estas são questões importantes.

**O caso para o precedente:** Um pouco de reflexão nos assegurar-á de que aquilo feito por Cristo no hades era um precedente, isto é, «estabeleceu um modelo» para futuras missões similares, de fato, foi a abertura do hades como campo missionário. A razão e as Escrituras nos levam a isto, mesmo que o texto com o qual nos defrontamos não declara simples e diretamente esta implicação. *Tudo* que Cristo fez foi um precedente. Toda sua vida e missão foram designadas para serem precedentes de diversos tipos. Sua vida tornou-se para nós, por todos os tempos, um precedente de como a busca espiritual deve ser conduzida. Sua morte tornou-se a base da expiação por todos os tempos. Sua ressurreição tornou-se a base da vida, a própria fonte do princípio da vida. Em sua ascensão, também nós somos elevados aos céus. Seria deveras estranho se sua descida ao hades fosse a única ação de sua missão que tivesse aplicação de vez única, sem resultados contínuos no futuro. Seria deveras estranho se sua descida ao hades, em contraste com tudo o mais que realizou, não tivesse aplicação além do que no momento e naquele tempo ele lá conseguiu.

As Escrituras são pelo precedente: Ver as notas em Efé. 4:9,10 no NTI, que impõem sobre nós a idéia do precedente. Efé. 1:23 mostra que Cristo tornar-se-á tudo para todos, e por sua «plenitude», a igreja, pois é por intermédio de seu corpo que ele se expressa.

**O que fica implícito na descida, no tocante ao estado final dos perdidos:**

Esta narrativa (como dada em I Ped.) não descreve diretamente o estado final, mas antes, o julzo intermediário do hades. Contudo, seu espírito de admirável graça concorda com outras revelações que levantam ainda mais a cortina eterna, além da história da descida. Apesar de não podermos aqui defender os ensinamentos do universalismo, por

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

razões já declaradas, contudo as Escrituras, em passagens como Efésios 1 e Col. 1:16 certamente vão além do que alguns homens ensinam acerca do estado final dos perdidos. Essas Escrituras requerem que, no estado eterno, haja uma espécie de restauração de tudo em Cristo. Esse é o mistério da vontade de Deus (ver Efésios 1:10), e todos os ciclos sucessivos (dispensações) da operação de Deus levarão, todas as coisas e todos os seres, finalmente, a ficarem em torno do Logos como sua razão de existência. Mas isso não faz com que todos os homens se tornem eleitos, embora envolva infinitamente mais do que alguns querem atribuir a essas palavras. Ver as notas sobre Efé. 4:9,10 no NTI onde a descida é ligada com o estado eterno.

A tragédia de rejeitar a Cristo depois que ele oferece aos seres humanos a sua própria natureza e vida (*salvação*), não consiste principalmente nos «sofrimentos» que os homens encontrarão; e não nos equivoquemos sobre isso, tais sofrimentos são reais. Mas a tragédia consiste muito mais do fato de que perderam sua primogenitura como homens, um direito de primogenitura que lhes cabe pelo simples fato de serem homens, pelo que, potencialmente podiam ter vindo a participar da vida e da natureza do Homem Ideal, chegando assim a participar da sua própria divindade (ver II Ped. 1:4). Tendo perdido seu direito de primogenitura, passaram por perda infinita, porquanto aquilo que poderiam ter ganho é um ganho infinito. Os perdidos, pois, estão *infinitamente perdidos*, por terem deixado de ser infinitamente salvos. Se fizermos da salvação apenas o perdão dos pecados e a mudança futura de endereço para os céus, algum dia, então não teremos compreendido o que significa ser eleito para a glória eterna. Nisso, outrossim, teremos perdido de vista o contraste gigantesco entre o que significa ser «salvo» ou ser «perdido».

### Note bem

Meus amigos, há alguns anos, quando escrevi este artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*, na preparação do *Novo Testamento Interpretado*, falei (como o leitor pode ver) sobre a *restauração* dos perdidos como se fosse uma *perda infinita*, em comparação com a *redenção* dos remidos. Desde aquele tempo, tenho chegado a percepção de que é *depreciador* ao caráter do Salvador-Restaurador falar sobre *qualquer* parte de sua obra como uma perda infinita. É melhor dizer que *tudo* que ele faz é *magnificante*; tudo que ele faz, ele *faz bem*, e o *total* de suas obras constituem um tapete magnífico, composto dos contrastes *necessários* de cores brilhantes e claras e escuras. Ver o artigo sobre *Restauração* que dá mais detalhes sobre estes conceitos.

O trecho de Col. 1:16 mostra que o «tudo» que Cristo criou, o que foi criado por causa de seu ser (a criação foi «nele» e «por» ele), também será «para ele», isto é, um «retorno a ele». Encontramos aqui uma «metáfora da emanação» da filosofia e da teologia antigas. O sol, o fogo central, despede seus raios, emana seus raios. Mas então o sol recolhe seus raios, que uma vez mais são absorvidos pelo sol. Autores do N.T. e primitivos cristãos normalmente evitavam a metáfora da emanação, porque se prestava a ensinar o panteísmo; mas neste ponto essa metáfora é aplicada com cautela, sem qualquer intenção de ensinar o panteísmo. Assim, a criação procede de Cristo. «O tudo» vem da parte dele, por causa dele e por meio de seu poder. Mas então, com a mesma certeza, haverá de retornar a ele, sendo por ele absorvido, o que é a mesma coisa que a *unidade* referida em Efé. 1:10. O

mesmo «tudo» que foi emanado dele, haverá de retornar a ele, pois nada pode ficar fora do magnetismo de seu poder. Em seu retorno, Cristo tornar-se-á «tudo para todos» (ver Efé. 1:23). Ele é a razão da existência de tudo, o alvo do viver de todos. Sim, isso será menos intenso no caso dos perdidos, mas é algo verdadeiro, embora com alguma limitação, o que nos admira. E assim se vê a veracidade da declaração: «Quando eu for levantado, atrairei todos a mim» (João 12:32). Isso não quer dizer que todos os homens venham a entrar na «verdadeira vida», que foi tencionada para todos, e que consiste na participação na própria forma de vida necessária e independente de Deus (ver João 5:25,26 e 6:57). Nem significa que todos compartilharão da «natureza divina» (II Ped. 1:4). Mas significa que de nenhuma forma, e por nenhum meio, poderá falhar finalmente a missão de Cristo, conforme os homens consideram isso um fracasso. Quando tudo for reunido em torno de Cristo, formando uma unidade, sua missão terá sucesso de diferentes modos, e com diferentes resultados, mas não será um fracasso. E é mesmo impossível que sua missão possa falhar, do modo como os homens descrevem um fracasso.

### O vício das teologias sistemáticas e das denominações sectaristas:

É bom termos um sistema de crenças; é bom que nos identifiquemos com algum grupo, a fim de podermos envidar um esforço comum em prol do Evangelho. As teologias sistemáticas e as denominações, porém, compartilham todas do vício de «excluir» ou «distorcer» aquilo que não se bitola dentro de sua linha de pensamento. Assim, alguns homens negam a divindade de Cristo porque não podem perceber como uma entidade pode ser, ao mesmo tempo, divina e humana. E outros, pelo mesmo motivo, negam a humanidade de Cristo. Ambos esses lados deixam de ver as doutrinas realmente grandes da fé cristã, as quais, em algum ponto, se resumem em paradoxos; não por serem realmente tais, mas porque assim nos parecem, devido ao nosso presente limitado entendimento. A «teologia» é o estudo do divino, e, portanto, como pode ser reduzido com êxito a termos humanos? Alguns rejeitam a doutrina do «livre-arbítrio», porque as Escrituras ensinam a «predestinação» e, por semelhante modo, outros rejeitam a doutrina da predestinação, porque as Escrituras ensinam o livre-arbítrio. Denominações são formadas a fim de defender este ou aquele lado de um paradoxo. As denominações fazem a verdade estacar no ponto de partida. As denominações param, mas a verdade continua; e aqueles que se põem a seguir a verdade, são tidos como quem está no trilho errado.

Nesse mesmo campo dos paradoxos deixamos os ensinamentos sobre o juízo. Existem aqueles versículos severos, incansáveis, aterrizantes, rubros. Precisamos deles porque nos advertem sobre os resultados muito negativos do pecado. — Mas também existem aqueles versículos esperançosos, resplendentes, penetrantes, que levantam o véu da melancolia. Não se pode duvidar que não sabemos como harmonizar todas as Escrituras em um único «grande quadro», e nem podemos dar argumentos convincentes para todos. Mas incorremos em erro ao fazermos uma passagem bíblica entrar em choque com outra, negando assim a grandiosidade da revelação de Cristo, — que, finalmente, será «tudo para todos».

Ouçamos o cântico da redenção que desce dos céus, em tons divinos, o magnífico cântico dos eleitos, e que somente eles podem entoar. Mas demos ouvidos,

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

igualmente, ao cântico da *restauração*, que ultrapassa as dimensões do juízo eterno. Esse cântico é menos imponente, mas expressa o mesmo tema, o único tema que finalmente haverá, Cristo. Ouçamos o tema do hino entoado por qualquer indivíduo ali: é Cristo. É isso que as Escrituras querem dizer quando afirmam que Cristo é o Alfa e o Ômega. Alfa, porque a criação foi efetuada «nele» e «por ele». E Ômega, porque a criação também é «para ele». Ômega, repito, e não meramente Alfa. Vede o Cristo de pé!

*Foi grandioso ordenar que um mundo sãisse do nada, Mas foi maior redimir.*

*Foi grandioso revelar Deus a seres angelicais, Mas foi maior dar valor ao humilde exaltado.*

*Foi grandioso habitar em favor divino exaltado, Mas foi maior ser Salvador de homens alquebrados.*  
(Russell Champlin)

Aos perdidos, entretanto, sem importar quão grande seja seu lucro final, podemos dizer as palavras de Robert Browning:

*Oh, se traçarmos um círculo prematuro,  
Sem nos importarmos com ganho a longo prazo,  
Gananciosos por pronto lucro ou proveito, certamente  
Má terá sido nossa barganha!*

### VIII. Não é a mesma coisa que o purgatório

O texto que ora comentamos tem sofrido várias perversões. Naturalmente, tem sido usado como texto de prova da existência do purgatório, mas desajeitadamente. Pois o purgatório envolve a noção de que os cristãos que tiverem morrido com pecados não-perdoados ou imperfeições, terão de passar um período de sofrimento e julgamento, a fim de serem purificados e aprimorados. Nosso texto, porém, fala de almas perdidas, e não das almas dos justos. Para os perdidos foi que a misericórdia foi oferecida; a eles é que o Evangelho foi pregado.

### IX. Sumário do ensino da passagem

Após fazer expiação, Cristo, em seu espírito humano desencarnado, desceu ao hades, dimensão dos espíritos humanos que partiram. Ali pregou o evangelho aos desobedientes e lhes ofereceu salvação sob a condição de fé e arrependimento, preservando as mesmas condições de sua missão salvadora conforme se vê no plano terrestre, onde ele é, igualmente, o único Salvador. Nesse ato, Cristo, cremos, por implicação, estabeleceu um precedente. A Igreja, que é seu corpo, sua plenitude, por ser isso, tem a tarefa de fazer Cristo tornar-se «tudo para todos», pois o corpo é a expressão do Cabeça em todas as dimensões. Assim nos ensina Efé. 1:23 e este versículo contempla a eternidade, conforme nos mostra o contexto. Outros trechos bíblicos ensinam que fronteiras eternas serão traçadas quando da volta de Cristo, e não quando da morte de cada indivíduo; e notemos que I Ped. 4:6 demonstra isso. O texto mostra que Cristo é o Salvador cósmico, e não meramente terreno. Ele teve seu ministério sobre a terra; seus apóstolos e sua Igreja continuaram essa missão; então ele levou sua missão ao mundo inferior, para ser continuada do mesmo modo que sua missão terrena. Finalmente, ele teve sua missão nos céus, e, combinando todas essas missões, que são apenas uma grande Missão Cósmica, finalmente ele se tornará tudo para todos.

Alguns intérpretes acham que a descida deve ser ligada com tais escrituras como Efé. 1:10,23 e 4:8-10 para ensinar que esta missão de Cristo aos perdidos no hades terá o efeito de uma *restauração* dos não-eleitos, mas não a redenção dos eleitos. A

restauração dará a eles uma vida de utilidade e certo nível de glória, mas será uma forma de vida infinitamente mais baixa do que a redenção.

### X. Esse ensino nos comentários modernos

Conforme já se frisou aqui e ali, acima, essa interpretação é «comum» na história da igreja, embora, para alguns, possa parecer uma novidade até obnoxia, pois têm contemplado a verdade somente através dos óculos de alguma denominação particular. Este artigo tem sido compilado com base no exame de dezesseite comentários diversos, além de outros livros, como dicionários, léxicos e enciclopédias, que também têm sido consultados. Dentre os dezesseite comentários consultados, doze têm uma interpretação essencialmente idêntica à deste artigo. Esses doze são os seguintes: Bloomfield, no «Comprehensive Commentary»; Vincent, em «Word Studies in the New Testament»; Mason em «Ellicott's Commentary»; R. Rawson Lumby, em «The Expositor's Bible»; Lange, no «Lange's Commentary»; Bigg, no «The International Critical Commentary»; Hunter e Homrighausen no «The Interpreter's Bible»; Meyer, em «Meyer's Commentary on the New Testament». Pode-se notar que esses homens representam a herança da literatura cristã no idioma inglês, e são luteranos, anglicanos, batistas e presbiterianos. A maior parte dos batistas e presbiterianos no tocante aos modernos grupos evangélicos, precisamos admitir, não seguiu essa orientação. Dentre os cinco comentários restantes que foram consultados, John Gill, Adam Clarke e Faucett negam totalmente a narrativa da descida. Calvino admite a realidade da descida, mas não vê nenhum bem oferecido aos perdidos dali. Robertson apresenta ambos os lados da questão, mas não nos dá sua opinião pessoal. Portanto, dentre os dezesseite comentários examinados sobre a questão, apenas três negam completamente a «descida», e somente quatro dão uma interpretação que não segue as linhas apresentadas neste artigo. Por «não seguirem as linhas» queremos dizer que não vêem vantagem nem melhoria na descida, no tocante aos perdidos, ao passo que todos os outros comentários, de vários modos, vêem uma melhoria ou mesmo o oferecimento de plena salvação no mundo de julgamento intermediário. Esse mesmo esmagador apoio tem sido dado à narrativa da «descida» através da história da igreja (conforme já vimos no primeiro ponto deste artigo).

### XI. A descida ao hades na história do cristianismo

Primeiramente, deve-se notar, que «descidas» ao mundo inferior dos espíritos, por parte de deuses e heróis, e por várias razões, como curiosidade, obtenção de algum dote pessoal, para prestar algum serviço misericordioso, etc., são comuns nos escritos dos babilônios, egípcios, gregos e romanos. Nas tradições babilônicas temos a descida de Istar; nas tradições mandeanas, a descida de Hibil-Ziwa; nos escritos gregos, a descida de Hércules, na obra de Eurípedes, «Alcesteis». E tais descidas também eram comuns nas religiões misteriosas.

As *descidas* na literatura pagã podem refletir uma intuição espiritual da parte dos homens que o estado dos mortos deve ser sujeito a modificação pela misericórdia de Deus. Na teologia judaico-helenista, tal conceito era acolhido favoravelmente, e profetas do A.T. são retratados como quem cumpria missões ao hades. (Ver o ponto quarto da discussão em prova disso). Na literatura extracanônica da igreja primitiva, a descida era doutrina importante. O Evangelho de Pedro, o Evangelho de Nicodemos e o Testamento de Abraão contêm a história. A *descida* foi referida de

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

modo positivo pela maioria dos pais da igreja, cujos escritos porventura ventilem o tema, e isso continuou até Agostinho, no século V, que deu uma interpretação que nega totalmente a descida. A descida foi incluída nos Credos Apostólico e Atanasiano. Logo após a época de Agostinho, poucos chegaram a negá-la, embora alguns nomes respeitáveis estejam ligados a essa negação.

«Tal crença, sob uma forma ou outra, tornou-se cada vez mais comum nos primeiros séculos, e finalmente, foi geralmente aceita pela igreja, aparecendo nos Credos Apostólico e Atanasiano. Na Idade Média, tornou-se tema popular de peças teatrais sobre milagres, na arte e na literatura. Durante a Reforma, foi geralmente incluída nas confissões e outras declarações de fé. Em tempos mais recentes, a «descida» tem-se tornado motivo de controvérsia. Contudo, continua sendo aceita, mas com variadas interpretações, pela maior parte do cristianismo, tanto católico quanto protestante, ainda que um número crescente de denominações evangélicas a venha negando» (*Encyclopedia of Religion, New Students' Outline Series*, pág. 224).

### XII. A descida no Novo Testamento

Quanto a passagens, além daquelas que ventilamos, que contêm alusões à descida de Cristo ao hades, ver Ato 2:27,31 (Pedro também falava); Efé. 4:8,10; Rom. 10:6,9.

*Idéias de Efé. 4:9.* Ver a exposição completa no NTI *in loc.*

Embora as referências neotestamentárias não sejam abundantes no que tange a esse acontecimento, há muitas alusões a descidas assim, na literatura não-judaica. Além disso, os primeiros escritos cristãos, e não poucos deles, contêm a narrativa da descida de Cristo ao hades. Ver uma demonstração desta declaração, com outras referências nas notas do presente artigo.

1. O significado da *descida* não é que Cristo foi ao hades a fim de pregar o juízo. Isso é contradito pelo texto de Efé. 4:9 ss e I Ped. 4:6. Sua descida teve o mesmo propósito que sua subida, isto é, «para que enchesse todas as coisas», ou se tornasse «tudo para todos», a mesma expressão encontrada em Efé. 1:23. Ver Efé. 4:10.

2. A maioria dos pais da igreja viam, nessa descida ao hades, a oferta de plena salvação aos perdidos que ali se encontravam. Em outras palavras, Cristo transformou o hades em um campo missionário. Ver detalhes sobre esta idéia no NTI em I Ped. 4:6.

3. Outros dentre os pais da igreja, pensavam que Cristo *melhorou* o estado dos perdidos, mas sem lhes oferecer a salvação evangélica, que é uma idéia digna de atenção, mas inferior. I Ped. 4:6 quase certamente fala de salvação. O plano de Deus de *longo* alcance (o mistério da vontade de Deus), sem dúvida, contém esta idéia de restauração, mas a descida é relacionada a uma oferta de salvação, não meramente restauração a um estado inferior.

4. Que alguma forma de restauração foi a intenção de Cristo, concorda com a mensagem de Efé. 1:10, a qual requer a formação da unidade de tudo em torno de Cristo, finalmente. Sua descida ao mundo inferior, garantiu que os lugares de julgamento não escapassem o âmbito de seus propósitos. (Ver João 14:6 no NTI e o artigo, *Missão Universal de Cristo*).

5. A remoção dos santos do tempo do V. T. de hades para os céus.

6. Tanto a descida quanto a subida de Cristo tiveram idêntica finalidade (ver o vs. 10), isto é, que

Cristo fosse tudo para todos. As notas que figuram em Efé. 1:10 no NTI definem para nós como isso pode ser.

7. O que indica a tradição da descida de Cristo ao hades? Indica que, sem importar onde os homens se encontrem, o Cristo pode alcançá-los em sua missão de benevolência.

«Pensemos nas regiões atravessadas pelo Senhor Jesus, o alcance das categorias de seres pelas quais ele passou, ao subir e descer, a fim de que pudesse 'encher todas as coisas'. Céus, terra, hades — e novamente hades, terra e céu, tudo se tornou dele; não apenas na forma de mero poder soberano, mas também na forma de experiência e de comunhão de vida. Cada coisa Cristo anexou ao seu domínio por motivo de habitação e devido ao direito de um amor autodevotado, quando, de esfera em esfera, ele 'viajou na grandeza do seu poder, poderoso para salvar'. Ele é o Senhor dos anjos; ainda mais, dos homens — Senhor dos vivos e dos mortos. Para aqueles que dormem no pó ele proclamou seu sacrifício realizado e o direito de julgamento universal que lhe foi dado pelo Pai... Estivera ele humilhado? Esteve humilhado no ventre da virgem e na manjedoura, envolvendo sua deidade dentro do arcabouço e do cérebro de uma criancinha; esteve humilhado em sua casa e na bancada do carpinteiro da vila; esteve humilhado devido às contradições dos pecadores com as suas zombarias; esteve humilhado devido à morte na cruz, até o abismo mais profundo, até aquele submundo populoso e sombrio para o qual olhamos estremecendo à beira da sepultura! E daquele golfo mais inferior ele subiu novamente à terra sólida e à luz do dia, este mundo de homens que respiram; e daí foi subindo e subindo, através das nuvens rasgadas e das fileiras de anjos em coro, tendo passado sob os umbrais das portas eternas até que tomou seu assento à mão direita da Majestade, nos céus» (Findlay, em Efé. 4:9,10).

### XIII. A descida e a restauração

A descida ao hades e a ascensão tinham o mesmo propósito, isto é, fazer Cristo tudo para todos, (encher todas as coisas). Ver Efé. 4:9,10. É impossível pensar que a descida foi para condenar e a ascensão para salvar. Os dois têm o mesmo propósito e são elementos vitais da Restauração (que vide). Ver Efé. 1:10,22,23. A descida, portanto, não tocou somente as vidas das pessoas que viviam antes de Cristo, mas sim, todas as vidas, em todos os tempos. A descida foi uma das chaves que abriu a porta universal da oportunidade e da salvação.

#### Tempo e a restauração

As imensas eras da eternidade futura serão envolvidas, até que a restauração seja absolutamente completa. O *mistério da vontade de Deus* (que vide) não pode ser vencido, nem completamente, nem parcialmente, ou Deus não é Deus. Seu poder onipotente e sua predestinação garantem a realização. O amor de Deus opera em tudo, porque o próprio julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus.

#### Tempo e a salvação

Faça uma diferença entre a redenção e a restauração que é explicada no artigo sobre a *Restauração*. A restauração deve ser absoluta, de todos os seres. A salvação é dos redimidos. Há uma grande diferença em nível de glória, embora tudo que o Redentor-Restaurador faça é infalivelmente grande e glorioso. Vem, então, uma pergunta importante: Os *restaurados*, afinal, podem tornar-se *redimidos*? As imensas eras da eternidade futura podem ser meios de salvação e não somente de restauração? A esta

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

pergunta eu conjecturo *sim* na base da convicção que nenhum ato de Deus pode ser estagnado, inclusive, o ato redentor. Porém, o resultado *final* disto, é conhecido só por Deus. Antecipo o *efeito do tapete* no qual existirão muitos níveis de glória, um tapete de *muitas* cores, brilhantes e obscuras, cada uma representando um nível diferente de glória e *tipo de ser*. Acho que uma cor pode transformar-se em outra, até mesmo na cor áurea da redenção, mas antecipo que o número final do eleitos será pequeno. Somente Deus tem conhecimento destes mistérios.

**Otimismo.** O ponto de vista pessimista que limita o ato redentor e o ato restaurador à extensão da vida biológica de cada pessoa nos dá um evangelho negativo e impotente. Neste evangelho, a missão de Cristo falha. Isto não pode representar a verdade. Trechos do Novo Testamento como I Ped. 3:18-4:6 e Efé. cap. 1 são contra este tipo de explicação do evangelho.

### CONCLUSÃO

1. É errado usar este texto ou permitir que influencie o pensamento de alguém de modo a diminuir a importância da missão evangelizadora da igreja atual. Quão absurdo seria pensar que é menos importante conduzir homens a Cristo agora, somente porque é possível que sejam levados após seu sepultamento. A mesma rebeldia que levou homens a rejeitarem a Cristo agora, facilmente pode levar homens ao estado eterno destituídos de sua salvação. Entretanto, por outro lado, nenhum zelo evangelístico no presente estado mortal deveria levar-nos a uma visão embotada acerca do *prodigioso poder* da missão de Cristo, aqui, ali ou em qualquer parte.

2. A discussão sobre a «descida», ou sobre qualquer outro ponto teológico, não deveria tornar-se pretexto para certarmos e requeimarmos a outros, apontando-lhes dedos acusadores, usando impensadamente a palavra temível «herege».

*Ó Deus! ... Que carne e sangue fosseis tão baratos!  
Que os homens viessem a odiar e matar,  
Que os homens viessem a silvar e a decepar a outros  
homens,*

*Com línguas de vileza  
...por causa da...*

«Teologia».

(Russell Champlin)

Ouçamos as palavras ditadas pela sabedoria:

*Da covardia que teme novas verdades,  
Da preguiça que aceita meias-verdades,  
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,  
Ó Senhor, livra-nos!*

... ..

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES:

### Perspectiva Histórica e Citações Significantes

O oposto de injustiça não é justiça — é amor.

Ver o artigo geral sobre *Descida de Cristo ao Hades*.

O que uma pessoa acredita sobre essa doutrina depende em muito da denominação cristã em que ela foi criada. Naturalmente, se você é leitor de comentários e obras teológicas que procedem de várias escolas de pensamento evangélicas, então está acostumado a topar com novas idéias e, assim sendo, talvez acredite em pontos doutrinários que estão fora do escopo de seu sistema teológico denominacional. Isso às vezes acontece, mas não mui frequentemente.

Até mesmo as pessoas que vão a outros estados para estudar, usualmente freqüentam escolas que ensinam a mesma linha de pensamento que suas igrejas adotam. Poucas instituições de ensino teológico ensinam a *teologia comparada*. Isso é algo que cada um de nós precisa aprender por si mesmo. O que muitos reconhecem é que as disputas começam dentro mesmo do Novo Testamento, e não na teologia posterior. Para exemplificar, posso apresentar um bom caso em favor da doutrina da predestinação se selecionar certas passagens e negligenciar outras. E, contrariamente, também sou capaz de apresentar um bom caso contra a doutrina da predestinação (e do livre-arbitrio), se, em minha seleção, eu evitar certas passagens e incluir outras. Por semelhante modo, utilizando-me de textos de prova apropriados, posso arquitetar uma teologia que não leve em consideração as implicações da descida de Cristo ao hades. Nesse caso, o intérprete é forçado a distorcer pelo menos dois versículos do Novo Testamento. Um deles é I Pedro 3:19 que afirma especificamente que a pregação foi feita aos *desobedientes* (e não aos santos, no paraíso). E o outro é I Pedro 4:6, que afirma que o *evangelho* é que foi pregado. Ou então, o intérprete é forçado a dizer que Noé foi quem pregou, em seus próprios dias e a pessoas que *agora* estão mortas, mas que estavam vivas, *quando* ele pregou. Essa maneira de distorcer o texto sagrado não apareceu na teologia e na interpretação cristã senão já no século V D.C. Hoje em dia, entretanto, esse é um dos métodos preferidos na tentativa de demolir a passagem, visto ser o método que foi popularizado pela *Scofield Reference Bible* (em português traduzida com o título de *Bíblia Anotada de Scofield*). — A verdade é que Agostinho originou esta interpretação. A história nos mostra que foi por meio dele que essa interpretação passou para a Igreja Ocidental, embora a Igreja Oriental jamais a tivesse aceitado. Para melhor compreendermos o que aconteceu no que concerne à interpretação da narrativa sobre a *descida* de Cristo ao hades (ver I Pedro 3:18 — 4:6), é necessário vermos como as interpretações regionais foram-se desenvolvendo dentro da cristandade.

... ..

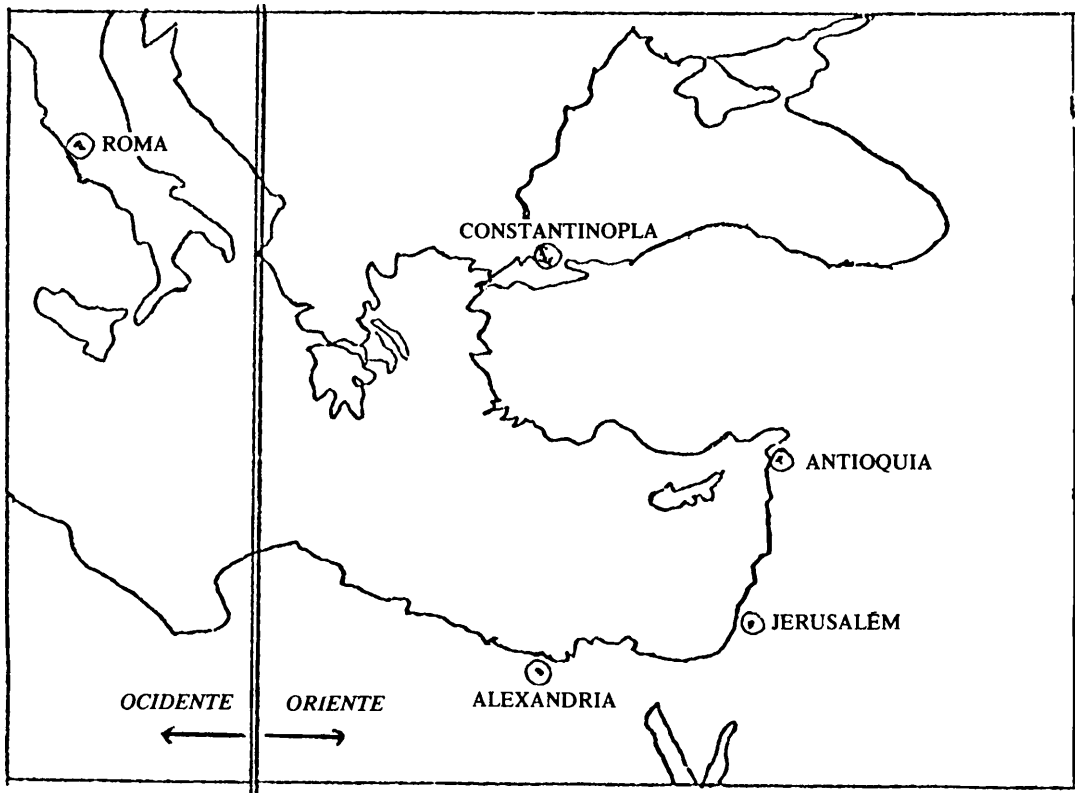
### Observações Importantes

1. Nossa busca pela verdade *deve* ultrapassar o simples e duvidoso método de produzir textos de prova quando estamos discutindo qualquer conceito. A *verdade*, em muitos casos, não pode ser determinada desta maneira. A manipulação de textos de prova é semelhante à manipulação de estatísticas. Qualquer coisa pode ser comprovada por um manipulador hábil. Precisamos testar doutrinas com a nossa razão e intuição, não meramente através de *alguma* citação. A *descida* de Cristo ao hades tem textos de prova, mas não é o bastante citar esses textos. Devemos perguntar se esta doutrina melhora ou não o nosso entendimento do evangelho. Para mim, a resposta a esta questão é uma afirmativa enfática. Esta doutrina (juntamente com outras) salva o evangelho de um profundo pessimismo sobre os resultados potenciais da missão de Cristo que tem dominado a Igreja Ocidental.

2. Devemos ter a coragem de expandir as nossas fronteiras e incorporar doutrinas de outros sistemas quando parecemos glorificar a missão de Cristo mais enfaticamente. Precisamos da teologia comparativa.

3. A teologia comparativa nos ajuda a definir algumas doutrinas, inclusive a descida de Cristo ao hades. Considere a ilustração abaixo.

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES



### A. Fatos a Observar: uma Perspectiva Histórica

1. Em cerca do século V D.C., cinco grandes patriarcados cristãos haviam surgido, representando a Igreja em específicas áreas geográficas. Esses patriarcados ficavam nas cidades de Alexandria, Antioquia, Constantinopla, Jerusalém e Roma. Essas cidades aparecem no mapa com um pequeno círculo em redor.

2. Quatro desses patriarcados ficavam no Oriente; e apenas Roma ficava no Ocidente.

3. Nesse tempo, numericamente falando, o Oriente era muito maior do que o Ocidente. Porém, no século VI D.C., a expansão do islamismo debilitou muito o cristianismo oriental. Alguns centros cristãos importantes anteriores, como Efeso, foram praticamente eliminados da geografia cristã. Paralelamente, a isso, no Ocidente a Igreja foi crescendo em números e em poder político.

4. O Oriente e o Ocidente defendiam diferentes pontos de vista sobre certas doutrinas, entre as quais estava a narrativa da descida de Cristo ao hades. Essa doutrina, com todas as suas implicações, era aceita pela esmagadora maioria, no Oriente; mas, *gradualmente*, foi sendo negada no Ocidente. Até o século VI D.C., quando a Igreja continuava numericamente mais forte no Oriente, a crença nessa doutrina era quase universal, tanto no Oriente quanto no Ocidente. Por conseguinte, os pais da Igreja que *não* a aceitavam, foram mencionados, nos comentários, como *exceções à regra geral*.

5. Gradualmente, as igrejas do Ocidente e do Oriente se foram distanciando uma da outra, com o crescimento da competição religiosa e política entre elas. A maior realização missionária do Oriente foi a

cristianização da Rússia. A Igreja cristã dali tornou-se numericamente maior do que qualquer outro grupo da cristandade oriental. Mas foi então que surgiu o poder destrutivo do islamismo, que já mencionei.

6. No ano de 1054, a Igreja do Oriente separou-se oficialmente da Igreja do Ocidente. Preciso salientar aqui que as igrejas orientais nunca aceitaram o bispo de Roma como papa, mas somente como *bispo de Roma*. Nunca foi considerado ali como o cabeça da Igreja, embora o bispo da antiga capital do império, mui naturalmente, tivesse mais prestígio que os bispos de outras cidades.

7. No século XVI, a Igreja Ocidental foi despedaçada em várias facções, devido à Reforma Protestante. Portanto, *surgiram* do Ocidente as igrejas reformadas e evangélicas. Essas várias igrejas imediatamente eliminaram muitos abusos e distorções históricas da Igreja Ocidental; mas, quanto a muitos pontos doutrinários, elas simplesmente preservaram os pontos de vista ocidentais. E *um* desses pontos é a negação ou enfraquecimento das implicações envolvidas na narrativa sobre a descida de Cristo ao hades. Entretanto, a Igreja Oriental (que, finalmente, subdividiu-se em dezesseis grupos-membros) continuou a dar valor a essa doutrina.

8. *Vínculos históricos e teológicos* entre o Oriente e o Ocidente. No Ocidente, esses vínculos foram Agostinho (falecido em 430 D.C.), o papa Gregório, o Grande, (falecido em 604 D.C.) e Tomás de Aquino (falecido em 1274). Embora Tomás de Aquino tenha sido homem de brilhante intelecto e de profunda piedade pessoal, ele introduziu na Igreja Ocidental várias idéias que a distanciaram ainda mais das Sagradas Escrituras. A Reforma Protestante, pelo

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

menos em parte, foi um retorno às idéias de Agostinho. Lutero era um monge agostiniano. A propósito, o papa Gregório, o Grande, foi o responsável pela evangelização generalizada da Inglaterra, embora, desde muito antes de seus dias, o cristianismo já tivesse chegado aos celtas. É ponto de curiosidade histórica a observação de que outro Agostinho tornou-se o apóstolo da Inglaterra, para onde foi enviado pelo papa Gregório.

No Oriente, por sua vez, os vínculos históricos foram Justino Mártir, Irineu, os pais alexandrinos, Basílio, o Grande, Gregório Nazianzeno e João Damasceno. O resultado disso foi o aparecimento da Igreja Grega e de outras igrejas chamadas católicas ortodoxas. Interessante é observar que a Igreja da Inglaterra (também chamada anglicana), embora produto do labor missionário do Ocidente, tem-se apegado tenazmente a alguns pontos distintivos do Oriente, incluindo o reconhecimento do valor da narrativa bíblica da descida de Cristo ao hades. É em vista dessa circunstância que a maior parte das obras de consulta, no idioma inglês, incluindo quase todos os comentários bíblicos, dá apoio a essa doutrina da descida de Cristo ao hades. Dentre os dezessete comentários que consultei sobre o assunto, doze defendiam ou a idéia da oferta de plena salvação, por parte de Cristo, para os espíritos desobedientes encerrados no hades, ou defendiam a idéia de que a descida de Cristo ao hades melhorou as condições dos espíritos ali encerrados. Porém, desses doze, a maioria defendia a primeira dessas alternativas. O ensino final, pois, é que Cristo tem tido três missões: a missão na terra, a missão no hades e a missão celeste. É dessa maneira que ele é o Cristo cósmico e universal, cujo poder envolve todas as regiões onde possam estar as almas humanas. E essa doutrina envolve uma grande diferença, porque se o poder de Cristo abrange todos os lugares, sem dúvida realizará alguma coisa em cada lugar.

### B. Citações Antigas e Modernas

Antes de tudo, em apoio àquilo que acabo de dizer sobre a história eclesiástica, cito dois notáveis escritores cristãos do Oriente, João Damasceno e Clemente de Alexandria.

**1. João Damasceno.** Ele foi o maior teólogo cristão do século VIII D.C. A sua principal obra literária, intitulada *Fonte do Conhecimento*, avulta na Igreja Oriental como uma produção que marcou época. Nessa obra, entre outras coisas, João Damasceno sistematicamente coligiu e comentou sobre as doutrinas da fé cristã, de conformidade com os concílios e com os antigos pais da Igreja. Essa obra sistematiza a doutrina inteira de todo o corpo dos pais da Igreja e dos concílios, até à sua própria época. A respeito do relato bíblico sobre a descida de Cristo ao hades, ele comentou o seguinte:

«A Sua (de Cristo) alma glorificada desceu ao hades para que, assim como o Sol da justiça resplandeceu sobre os homens, na terra, por igual modo, brilhasse sobre aqueles que estão *debaixo da terra*, assentados em trevas e nas sombras da morte. (Isso foi feito) a fim de que, assim como ele publicou a paz aos homens da terra, dando liberdade aos cativos e vista aos cegos, tornando-se a causa da eterna salvação dos crentes (ao mesmo tempo em que convenceu os desobedientes de sua incredulidade), por semelhante modo, ele pudesse tratar com os habitantes do hades, a fim de que diante dele, todo joelho se dobrasse, daqueles que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e a fim de que, tendo assim *solto as cadeias* daqueles

prisioneiros desde há muito confinados, ele pudesse retornar dentre os mortos e preparar para nós o caminho da ressurreição».

Em outras palavras, Cristo abriu o hades como um campo missionário; e a mesma regra que se aplica à vida na terra, aplica-se também ali. Cristo teve três campos missionários: o da terra, o do hades e o dos céus. Esse ensino, como é óbvio, exalta o conceito da missão de Cristo. Penso que é falha muito séria distorcer I Pedro 3:19 — 4:6, a fim de fazer com que essa pregação tenha sido efetuada no *paraíso*. Isso diminui a importância daquilo que Cristo realizou, a fim de manter um ponto de vista rígido e obsoleto sobre a natureza do julgamento.

**2. Clemente de Alexandria.** Citamos abaixo uma palavra proveniente do patriarcado de Alexandria:

«Portanto, a fim de levá-los também ao arrependimento, o Senhor também pregou àqueles que estavam no hades. Mas quê? Não declaram as *Escrituras* que o Senhor pregou àqueles que pereceram no dilúvio, e não somente a eles, mas também a todos quantos estão em cadeias, guardados em prisão, no hades?»

Comentando sobre o trecho de I Pedro 4:6, o mesmo escritor expressa a sua crença de que esse versículo indica a *generalização* da missão que Cristo teve no hades, de tal modo que até agora o hades é um campo missionário da Igreja, o que teria sido iniciado pelos apóstolos de Cristo.

**3. Martinho Lutero.** Comentando sobre a realidade da narrativa bíblica sobre a descida de Cristo ao hades, ele afirmou:

«Não se pode rejeitar essa opinião, por ter sido o que Pedro claramente afirmou» (*Werke*, Leip. vol. xii).

O próprio Lutero, a despeito disso, pareceu vacilar quanto ao assunto, segundo se pode ver por meio de seus vários comentários sobre a questão. O que nos admira é que um monge agostiniano nada tenha dito de positivo a esse respeito. No entanto, comentando sobre a passagem de João 14:6, ele afirmou que a missão salvífica de Cristo aplica-se também às almas que estão para além da morte física, e que Cristo, destarte, é o *único* caminho, embora um *caminho* não limitado à esfera terrestre. Os luteranos, pois, acham-se divididos em torno da questão. O principal comentarista bíblico luterano, João Pedro Lange, mostrava-se inflexivelmente em favor da descida de Cristo ao hades e de seu valor remidor, conforme o leitor perceberá nas citações que damos abaixo:

**4. João Pedro Lange.** Ele escreveu o seguinte:

«Alguns *distorcem* a pregação de Cristo como se tivesse sido a pregação medianeira feita por Noé. Outros afirmam que essa pregação, embora efetuada diretamente no reino da morte, contudo foi confinada exclusivamente aos piedosos. Steiger enumerou essas fantasias. Elas encerram em si mesmas a sua própria refutação e, todas juntas, repousam sobre embaraços dogmáticos».

Uma outra citação de Lange é aquela que assevera:

«A justiça e o amor de Deus agora aparecem diante de nós em gloriosa luz, adiando a sentença definitiva da condenação até que todos os homens tenham podido decidir, com plena consciência, o que farão com Cristo e o seu evangelho. Aqueles que, aqui na terra, não o ouviram de modo nenhum, ou não o ouviram de maneira certa, haverão de ouvi-lo *ali* (no hades). Tal como aqui, assim também além-túmulo, não haverá falta de testemunho acerca de Cristo, nem de pregadores do evangelho».



## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

E, comentando sobre a passagem de I Pedro 4:6, diz esse mesmo comentador da Bíblia:

«As Santas Escrituras em parte alguma ensinam a condenação eterna daqueles que morrerem como pagãos ou não-cristãos. Antes, em muitos trechos elas dão a entender que o perdão é possível além do sepulcro, vinculando a decisão final, não à morte física, mas ao dia de Cristo. Ver Atos 16:31; II Tim. 1:2; 4:8; I João 4:17. Mas, em nossa passagem, tal como já fizera em I Pedro 3:19,20, o apóstolo Pedro, mediante iluminação divina, claramente afirma que os recursos salvíficos de Deus não terminam nesta existência terrena, e que o evangelho é pregado além do sepulcro, àqueles que saíram desta vida sem terem conhecimento do mesmo. No entanto, isso não prova nem a doutrina da recuperação universal... e nem a doutrina do purgatório».

**5. Richter**, um escritor luterano de um comentário, escreveu:

«A doutrina dessa seção nada tem a ver com as heresias do purgatório e da recuperação universal. Contudo, ela nos fornece um lúcido exemplo do fato de que a *redenção*, uma vez feita (vs. 18), tem uma *aplicação universal*, ou seja, para *todos os homens* e para *todas as épocas*. Afeta até mesmo aos mortos, e a decisão sobre o destino eterno deles depende da relação deles para com o anúncio da morte e da ressurreição de Cristo».

**6. O International Critical Commentary**, manifesta-se como segue sobre essa questão:

«As palavras 'vivam no espírito segundo Deus' (I Ped. 4:6) são equivalentes a *vida bendita*. O objetivo da pregação (feita no hades) foi a salvação dos mortos. Mas o apóstolo Pedro não disse, e provavelmente nem quis dizer, que esse objetivo foi obtido sempre, em todos os casos. Antes, a idéia ali envolvida parece ser que Deus não julgará a qualquer pessoa, finalmente, enquanto a verdade inteira não lhe for revelada. Se essa interpretação está com a razão, então a *pregação* é a mesma que aparece em I Pedro 3:19; mas os ouvintes, neste caso (em I Pedro 4:6), incluem todos aqueles que morreram antes da descida de Cristo ao hades, sem importar se santos ou se pecadores. Outrossim, se aqueles que foram *desobedientes* antes do dilúvio puderam ouvir a Palavra, certamente aqueles que foram desobedientes depois do mesmo não podem ficar sem ouvi-la».

**7. A.H. Hunter**, comentou como segue:

«Segundo nos diz Pedro, Cristo desceu ao hades em Espírito, entre a sua morte e a sua ressurreição, a fim de oferecer a salvação aos pecadores que tinham morrido sem ouvir o evangelho, sem terem tido oportunidade de se arrependem. Sem perguntarmos que valor essa tradição tem para nós, a resposta é que, *onde quer que os homens estejam*, Cristo tem o poder de salvá-los».

«*Gloriosíssimo Senhor da Vida, que neste dia Tu Triunfaste sobre a morte e o pecado, E, tendo vencido o inferno, tiraste para fora O cativo, até ali cativo, para nós vencermos*».  
(Spenser).

**8. F.W. Bare**, comentando sobre o trecho de Efésios 4:9, deixou registrado:

«É inconcebível que o senhorio de Cristo conhecesse *quaisquer* limitações. Se o Filho de Deus pôde descer ao nosso lamentável nível contaminado pelo pecado, certamente ele incluiria, na sua visita, aqueles a quem um escritor posterior do

Novo Testamento descreveu como *espírito em prisão* (I Pedro 3:19). A cláusula existente no *Credo dos Apóstolos*, «desceu ao inferno», descreve o evento do drama da descida, que não é tão claramente retratado nas páginas das Escrituras como gostaríamos que fosse. Contudo, esse detalhe não é incoerente com o resto da admirável história. Esse detalhe tem consolado a muitas almas cristãs, torturadas por pensamentos acerca de entes queridos, que, nesta vida, não tiveram oportunidade de se encontrar com o Cristo real. O quadro sobre o senhorio de Cristo, em nossa epístola (Efésios), como 'sobre todas as coisas' (1:22), é um dos grandes tesouros da fé cristã.

**9. Alford**, em seu *Greek New Testament*, afirma:

«Juntamente com a *maioria* dos comentadores, antigos e modernos, compreendo que essas palavras afirmam que nosso Senhor, em seu estado desincorporado, foi até o lugar de detenção dos espíritos dos mortos e ali anunciou a sua obra redimidora, pregando a salvação como um fato, aos espíritos desincorporados daqueles que se recusaram a ouvir a voz de Deus quando o juízo do dilúvio estava prestes a descarregar-se contra eles... Cabe-nos aceitar as claras palavras das Escrituras, aceitando suas revelações conforme elas nos foram transmitidas. E elas nos foram transmitidas até ao limite máximo da inferência legítima, com base em fatos revelados. A inferência que todo leitor inteligente extrairá do fato aqui anunciado não é a existência do purgatório, e nem é uma restituição universal; mas é uma inferência que lança uma *bendita luz* sobre um dos mais obscuros enigmas da justiça divina: os casos em que a condenação final parece infinitamente fora de proporção com o lapso envolvido».

Outra citação de Alford diz como segue:

«Se as palavras 'foi o evangelho pregado também a mortos' (I Pedro 4:6) podem significar 'o evangelho foi pregado a alguns durante o período de vida deles, que *agora* estão mortos', então a exegese não dispõe mais de qualquer regra fixa e as Escrituras poderão ser usadas para provar qualquer coisa».

**10. J. Isidor Mombert** no comentário de Lange).

Esse autor ataca a interpretação sobre a descida de Cristo ao hades que afirma que Cristo pregou a *condenação*, e não o evangelho. O comentário dele diz respeito ao trecho de I Pedro 4:6, onde ele afirma que o *evangelho* é que foi anunciado no hades:

«...uma pregação condenatória, além de ser inteiramente supérflua, no caso de espíritos já reservados para a condenação, é ofensiva ao caráter de nosso Redentor. A consciência cristã revolta-se diante do pensamento que o santo Jesus, cujas últimas palavras, na cruz, foram palavras de perdão e de amor, tivesse visitado a região dos mortos e tivesse exultado diante da miséria dos condenados, publicando o seu triunfo sobre eles, e assim tendo aumentado os tormentos deles, fazendo o inferno tornar-se ainda mais infernal para eles».

**11. Wordsworth**, em seu *Greek Testament*:

Wordsworth foi um dos mais respeitados eclesiásticos ingleses e escritor de comentários bíblicos do século XIX. Spurgeon elogiou e recomendou o uso de suas obras escritas: Disse Wordsworth:

«...após a morte, ele (Jesus) foi ao mundo inferior, em seu espírito desincorporado. A morte abriu para ele uma *nova esfera de empreendimento missionário*. Ele foi e pregou aos espíritos em prisão,

## DESCIDA DE CRISTO AO HADES

aos espíritos de gerações passadas de homens, aos espíritos que tinham vivido na terra nos tempos do patriarca Noé, mais de dois mil anos antes. Dessa maneira, a malícia de Satanás ricocheteou em si mesma. Ele instigara Judas a trair a Cristo, e aos judeus a matá-lo. Mas, mediante a *morte* de Cristo, uma nova *vida* emanou Dele, e um novo consolo foi ministrado aos espíritos, aprisionados no mundo inferior até então.

### 12. Vários Outros Autores:

Foi com base nessa passagem de I Pedro 3:18 — 4:6 que Cirilo argumentou contra o alegado atraso da encarnação de Cristo. O argumento dele era que, embora muitos, aparentemente, tivessem sido privados dos benefícios da missão de Cristo, contudo, mediante a sua descida ao hades, esses muitos derivaram dela as misericórdias apropriadas e a graça necessária. *Hilário*, por sua vez, comentando sobre Salmos 119:82, fez observações semelhantes. E o Dr. Cranmer salientou passagens nos escritos de *Gregório Nazianzeno* (*Orat. Pasch.* 42), de *Teofilacto* e de *Ecumênio* que também se manifestavam favoravelmente à obra redidora de Cristo em sua descida ao hades.

Um dos artigos da Igreja da Inglaterra, formulados no tempo do rei Eduardo VI (falecido em 1553), declarava: «O corpo de Cristo jazia no sepulcro, até à sua ressurreição; mas o seu espírito, que ele entregou, esteve com os espíritos detidos em prisão, e ele pregou a eles, conforme testifica o texto do apóstolo Pedro. E a Igreja tem determinado *sabidamente* que essa porção da epístola de Pedro (ver I Pedro 3:17-22) seja lida como a epístola da tarde do dia da páscoa». Essa citação mostra-nos que a liturgia da Igreja da Inglaterra incorporava a narrativa da descida de Cristo ao hades, em sua celebração sobre a páscoa. A Igreja da Inglaterra, tanto antes quanto depois da Reforma Protestante, tem-se apegado firmemente ao ponto de vista oriental sobre a oportunidade de salvação além-túmulo.

### 13. Anotações na New American Bible:

Embora essa seja uma tradução católica romana, oficialmente aprovada pelo papa Paulo VI, e, portanto, uma tradução que segue a tradição ocidental em sua forma mais rígida, ali há notas, que aparecem em I Pedro 3:19 e 4:6, favoráveis à narrativa sobre a descida de Cristo ao hades.

*Em I Pedro 3:19:* «Há várias interpretações sobre esse versículo. Provavelmente refere-se ao Cristo ressurreto, que tornou conhecida, às almas aprisionadas, a sua vitória sobre o pecado e a morte».

*Em I Pedro 4:6:* «O evangelho foi pregado até mesmo a mortos: isso pode referir-se à extensão dos benefícios da salvação aos espíritos em prisão (ver I Pedro 3:19), ou então a pregação do evangelho aos cristãos que desde então têm morrido».

A segunda dessas possíveis interpretações tem sido sempre uma outra maneira tipicamente *ocidental* de evitar aquilo que o texto sagrado diz claramente. Mas a primeira dessas interpretações admite a verdade da questão.

### C. Uma Percepção (Arquétipo) Universal

Alguns estudiosos têm suposto que as passagens de I Pedro 3:18 — 4:6 e de Efésios 4:8-10 são apenas referências isoladas, de significado duvidoso, pelo que não poderiam ser utilizadas em formulações dogmáticas. Entretanto, isso é extrair a história da descida de Cristo ao hades do seu arcabouço histórico. Vários livros do período judaico intermediário (escritos entre o Antigo e o Novo Testamentos) incluem relatos de descidas que envolvem profetas do Antigo Testamen-

to. Diversas obras cristãs, posteriores a época em que o Novo Testamento foi escrito, pertencentes ao século II D.C., fazem alusões à descida de Cristo ao hades. Esse relato fazia parte do arcabouço literário e teológico da época. Exatamente por essa razão é que mais ainda não nos foi dito na Bíblia, quando a descida de Cristo ao hades foi mencionada nas páginas do Novo Testamento. Os autores sagrados, Paulo e Pedro, devem ter pensado que os seus leitores conheciam bem os detalhes dessa descida. Se eu falasse sobre a questão do *filioque*, provavelmente o leitor não reconhecera que eu estaria falando sobre uma das principais razões pelas quais a Igreja Oriental separou-se da Igreja Ocidental, isto é, porque esta última repelia a idéia envolvida na palavra *filioque*. Está ali em pauta a doutrina que diz que o Espírito Santo procedeu do Pai e do Filho (no latim, *filioque*). A Igreja Oriental aferrou-se à posição que o Espírito Santo procedeu somente do Pai, mas não do Filho. Por igual modo, se eu me referisse ao *cativoiro*, diante de alguém que conhecesse a narrativa do Antigo Testamento, então esse alguém compreenderia que eu estaria me referindo ao *cativoiro assírio* ou ao *cativoiro babilônico*. Mas, para quem desconhecesse essa narrativa do Antigo Testamento, a minha alusão pareceria ser uma vaga alusão, e tal pessoa sentir-se-ia inteiramente incapaz de entender minhas palavras.

\*\*\* \*\* \*

A história da descida ao hades, por parte de patriarcas do Antigo Testamento, ou por parte de algum herói, divindade ou líder religioso, no caso de culturas não-judaicas e não-cristãs, é um motivo universal. A literatura dos babilônios, dos egípcios, dos gregos e dos romanos incluía narrativas de descidas ao hades. Outro tanto sucede no caso de modernas religiões não-cristãs. Existe algo, na consciência humana, que reconhece que Deus, de alguma maneira, em algum lugar, em algum tempo, haverá de fazer alguma coisa sobre a tragédia simbolizada pela palavra *hades*. E o Novo Testamento assegura-nos de que algo foi, realmente, feito. De fato, uma missão de Cristo ao hades foi uma de suas três missões: à terra, ao hades e aos lugares celestiais.

O trecho de Efésios 4:8-10 mostra-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito que a subida de Cristo dali. Esses são os dois pólos de um mesmo propósito: fazer Cristo preencher todas as coisas, ser tudo para todos, ser a causa da vida, ser o agente da continuação da vida e ser o alvo de toda a existência.

### D. Ortodoxia e Heresia

Já pude demonstrar o arcabouço histórico e a importância da doutrina da descida de Cristo ao hades, dentro da Igreja cristã. Ofereci várias citações dos escritos dos principais representantes da Igreja histórica, os quais têm destacado essa doutrina como uma importante doutrina cristã. Também mostrei que a Igreja Ocidental, gradualmente, foi abandonando ou distorcendo essa doutrina. Tornou-se claro, em minha exposição, que essa doutrina sob hipótese alguma pode ser chamada de heterodoxa ou herética. Quem a considera como tal tem uma visão bastante míope da teologia cristã. E quem continuar falando dessa maneira, após tomar conhecimento dos fatos aqui expostos, deve ser um arrogante. «Mas quê? Não declaram as Escrituras que o Senhor pregou àqueles que pereceram no dilúvio, e não somente a eles, mas também a todos quantos estão em cadeias, guardados em prisão, no hades?» (Clemente de Alexandria).

## DESCRIÇÃO — DESCUIDO

Se alguém não concordar com a interpretação aqui apresentada, isso é direito de tal pessoa. Penso que tal pessoa comete um erro, quando defende as alternativas a essa posição, mas respeito o seu direito de fazê-lo. Porém, considerando a autoridade que essa doutrina tinha na Igreja histórica, e considerando que parece ser, realmente, aquilo que Pedro quis ensinar, é um ato de arrogância não reconhecer o direito de outras pessoas de serem que Cristo teve uma missão misericordiosa no hades, e tachar essa interpretação de herética.

Essa doutrina reconhece uma esperança mais ampla no evangelho, mostrando que a missão de Cristo teve prosseguimento no hades, e então continuou no céu, sem qualquer interrupção. Certamente precisamos desse conceito da *intervenção* divina no hades. Sem isso, terminamos contando com um evangelho bastante pessimista. É questão séria diminuir a missão de Cristo, não incluindo aquilo que as *Escrituras* afirmam em sua totalidade.

### E. Evidências Científicas

A doutrina bíblica da *descida* de Cristo ao hades é razoável por causa de sua medida de misericórdia e demonstração óbvia do amor de Deus. Se não tivéssemos mais evidências, tranquilamente, aceitaríamos esta palavra de esperança que salva o evangelho de um *pessimismo* marcante.

Felizmente, existem outras evidências que indicam a verdade do trabalho *missionário* no hades. As *Experiências Perto da Morte* (vide) têm ilustrado que nos mundos de julgamento há trabalho missionário. Estas evidências cooperam com aquelas da revelação para nos confortar. Infelizmente, algumas partes da igreja, especialmente no Ocidente, têm feito oposição às pesquisas sobre a volta da morte clínica. Estas pessoas são incentivadas por dogmas pessimistas. Algumas pessoas não esperam uma ampla missão de Cristo e ficam contentes em promover uma teologia de desespero, pelo que, pouco se faz. Por outro lado, muitos cristãos modernos estão contentes em acrescentar evidências científicas ao problema. De modo geral, podemos afirmar que as evidências são otimistas. Podemos confiar que o trabalho de Cristo na terra, no hades, e nos céus, foi amplo e efetivo, e *continua* sendo amplo e efetivo. A missão de Cristo ultrapassa grandemente a expectativa de muitos cristãos.

••• ••• •••

### DESCRIÇÃO E CONHECIMENTO

Aristóteles supunha que o conhecimento vem através de um *juízo* apropriado, seguido por uma descrição plena e sem erros. Para exemplificar: defronte de mim há uma mesa. Esta mesa é... segue-se uma grande descrição, dando todas as informações concebíveis sobre a mesma, chegando até à descrição de sua estrutura atômica. Aristóteles, visto não ter conhecimento da complexidade do átomo, pensava que se pudesse oferecer uma descrição completa das coisas. Isso é um empirismo ingênuo. Visto que a natureza do átomo é essencialmente misteriosa, a despeito dos tremendos avanços da ciência moderna, sabe-se que qualquer descrição completa das coisas continua sendo impossível. Portanto, a *descrição* é útil quanto às certezas práticas, mas não quanto às certezas

teóricas. Isso quer dizer que nosso conhecimento se reduz ao nível do que é pragmático e provável. Uma das razões do desenvolvimento do racionalismo, da intuição e do misticismo, como meios de conhecimento, é que o empirismo naturalmente conduz ao *ceticismo* (que vide), o qual já abandonou a busca do conhecimento teórico, afirmando que isso jamais poderá vir a ser concretizado. Bertrand Russell afirmava que o conhecimento mediante descrição somente leva a vários graus de probabilidade; e esse ponto de vista, naturalmente, reflete a posição da ciência moderna.

### DESCRIPTIVISMO

Esse termo foi cunhado por R.M. Hare (que vide), a fim de aludir aos juízos morais que são meramente descritivos, e não prescritivos (que vide). Podemos descrever os juízos morais, chegando ao ponto de os alistarmos e de desenvolvermos conceitos acerca dos mesmos. Porém, se os juízos fossem apenas descritivos, então não poderíamos dizer: «Faz isto»; e nem, «Não faça aquilo». Podemos aceitar um juízo moral que tenhamos descrito; mas isso, por si mesmo, não nos dá razão para agirmos desta ou daquela maneira. Hare afirmava que a função primária dos juízos morais consiste em prover a inspiração para agirmos de uma maneira ou de outra, e para evitarmos certos atos. É nesse ponto que naufragam os juízos meramente descritivos.

### DESCUIDO, INCÚRIA

Trata-se de um vício de deficiência, quando aplicada à esfera das questões espirituais, sobretudo. Algumas pessoas simplesmente não se importam com as realidades e necessidades de sua própria alma. Essa atitude de indiferença leva-as a tratar com superficialidade a mensagem espiritual. Apesar de encontrarem tempo para todas as inúmeras atividades desta vida, não encontram tempo para a inquirição espiritual; e quando essa necessidade lhes sobe à mente, elas simplesmente transferem para o futuro o exame da questão.

Jesus considerava essa atitude extremamente perigosa para o bem-estar da alma. Em Lucas 10:38-42, temos o episódio das atitudes de Marta e Maria para com Jesus. A primeira «agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços», precisamente quando sua irmã «quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos». Maria foi elogiada pelo Senhor, ao passo que Marta foi repreendida, posto que brandamente, devido à sua incúria: «Marta! Marta! andas inquieta e te preocupas com muitas cousas». No livro de Apocalipse, a igreja de Laodiceia (ver Apo. 3:14 ss), mostrou ser uma igreja *descuidada*. Seus membros preocupavam-se com o que preocuparia a qualquer pagão; mas nada havia nela que pudesse impressionar ao Senhor. O que o impressionou negativamente foi a atitude de descuido, para com as realidades espirituais, daquela igreja local: uma atitude tão antiga, mas tão moderna!

Essa atitude de embotamento para com as realidades espirituais, mesmo quando elas se impõem forçosamente, caracteriza aqueles que estão destinados à perdição. Lemos que nos últimos dias Deus fará intervenções extraordinárias neste mundo. As catástrofes multiplicar-se-ão, milhões de pessoas perecerão em meio aos desastres e flagelos. Mas, qual será a reação dos sobreviventes? «Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se

## DESDE DÃ ATÉ BERSEBA — DESEJAR

arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar, nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos» (Apo. 9:20,21)!

### DESDE DÃ ATÉ BERSEBA

Dã localizava-se no extremo norte do antigo Israel, enquanto que a cidade de Berseba ficava ao extremo sul, pelo que a expressão tornou-se proverbial, indicando a «extensão inteira da Terra Prometida, de norte a sul». Ver Juí. 20:1; I Sam. 3:20; II Sam. 17:11.

### DESEJADO DAS NAÇÕES

Essa expressão encontra-se em Ageu 2:7. Mas, nossa versão portuguesa prefere dizer «as cousas preciosas de todas as nações», o que está alicerçado sobre a Revised Standard Version, que diz «tesouros de todas as nações», com o comentário, logo em seguida, de que Deus encheria a casa (o templo de Jerusalém) de esplendor. Nesse caso, a palavra «desejado» aponta para aquilo que é de elevado preço. O contexto refere-se a um tempo em que a glória de Israel seria maior que a do templo de Zorobabel, erigido após o cativeiro babilônico. Muitos judeus ficaram desapontados com esse templo, porquanto não podia comparar-se com o esplendor do templo de Salomão. Mas o profeta Ageu, olhando para o futuro, foi capaz de divisar uma glória maior, preciosa, que todas as nações haveriam de desejar. A referência primária parece ser a um templo futuro, ao qual os povos das nações teriam suas *oferendas*, a fim de enriquecê-lo ainda mais. O trecho de Ageu 2:22 evidentemente refere-se simbolicamente a Zorobabel, como se ele fosse o Messias, do mesmo modo que Zacarias 6:12 faz com Josué. A passagem de Ageu 2:7 provavelmente refere-se ao aparecimento dos líderes gentílicos, e não ao Messias. Seja como for, esses líderes viriam adorar durante a era messiânica, pelo que essa predição é considerada messiânica.

Outros intérpretes fazem o próprio Messias ser o «desejado», idéia que está por detrás da tradução comum desse trecho de Ageu. Mas, a tradução mais correta, segundo muitos estudiosos pensam, é aquela que fala em «tesouros», e não em um «desejado». A Septuaginta dá apoio ao plural, mas as versões Vulgata e Siríaca do Antigo Testamento retêm o singular. Os comentaristas judeus dessa passagem também favorecem o singular. Tudo isso mostra que a questão é difícil de resolver.

### DESEJAR Ver também Desejo.

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Avah*, «desejar». Verbo hebraico usado por vinte e seis vezes, como, por exemplo, em I Sam. 2:16; II Sam. 3:21; I Reis 11:37; Jó 23:13; Sal. 132:13,14; Pro. 21:10; Isa. 26:9; Miq. 7:1.

2. *Chamad*, «desejar», «ter prazer em». Verbo grego usado por vinte vezes, como, por exemplo, em Exo. 34:24; Deu. 5:21; 7:25; Jó 20:20; Sal. 68:16; Pro. 12:12; Isa. 1:29; 53:2.

3. *Chapets*, «desejar», «ter prazer em». Palavra hebraica empregada por mais de setenta vezes, como em Nee. 1:11; Jó 13:3; 21:14; 33:32; Sal. 34:12; 40:6; 51:6,16; 70:2; 73:25; Jer. 42:22; Osé. 6:6.

4. *Chashaq*, «deleitar-se em», «apegar-se a». Palavra

hebraica usada por sete vezes; como, por exemplo, em I Reis 9:19; II Crô. 8:6; Deu. 7:7; Sal. 91:14.

5. *Thélo*, «querer», «desejar». Verbo grego que figura por duzentas e dez vezes, desde Mat. 1:19 até Apo. 22:17. É o verbo grego mais usado com esse sentido.

6. *Epithéô*, «desejar muito». Verbo grego usado por nove vezes: Rom. 1:11; II Cor. 5:2; 9:14; Fil. 1:8; 2:26; I Tes. 3:6; II Tim. 1:4; Tia. 4:5; I Ped. 2:2.

7. *Orégomai*, «estender os braços para». Verbo grego usado por três vezes: I Tim. 3:1; 6:10 e Heb. 11:16.

8. *Epithuméo*, «desejar apaixonadamente». Verbo grego que figura por dezesseis vezes: Mat. 5:28; 13:17; Luc. 15:16; 16:21; 17:22; 22:25; Atos 20:33; Rom. 7:7; 13:9 (citando Exo. 20:15,17); I Cor. 10:6; Gál. 5:17; I Tim. 3:1; Heb. 6:11; Tia. 4:2; I Ped. 1:12; Apo. 9:6. O substantivo, *epithumía*, ocorre por trinta e oito vezes, de Marc. 4:19 até Apo. 18:14.

Os desejos podem ser positivos e negativos, bons ou maus. Um desejo pode ser apenas isso, mas pode tornar-se uma paixão. O extremo desejo por bens materiais chama-se *cobiça*. Nesta enciclopédia há um artigo especial sobre a *Cobiça*, por tratar-se de um dos pecados cardeais. Há um tipo de desejo que provoca ciúmes, quando o objeto desejado pertence a outrem. Ver o artigo separado sobre o *Ciúme*. No hebraico usava-se uma maneira gráfica de aludir aos desejos, ou seja, como os quereres e pedidos da *nephesh*, a alma. (Ver Deu. 14:26. Na verdade, alguns desejos são tão intensos que envolvem a própria alma). O desejo pode ser um anelo da alma (II Sam. 3:21). Uma outra expressão hebraica gráfica aparece em Núm. 11:4,6, que, literalmente traduzida, diz «desejar um desejo», embora não apareça assim em nossa versão portuguesa. O décimo mandamento tem por intuito impedir esse forte tipo de desejo (Exo. 20:17). Esses desejos descontrolados podem ser prejudiciais para uma comunidade inteira, e não apenas para um indivíduo (Jer. 6:13-15).

No Novo Testamento há várias aplicações específicas, muito instrutivas, da idéia de desejo. Sempre haverá algum problema, entre os homens, envolvendo dinheiro. Em primeiro lugar, há necessidades básicas que provocam os nossos desejos (Mat. 6:25). A *ansiedade* é um pecado, mesmo quando diz respeito às nossas necessidades mais básicas, porquanto contradiz a fé no Senhor. Jesus declarou que o homem não vive de pão somente (Mat. 4:4) e Deus sabe de todas as nossas necessidades, estando resolvido a supri-las (Mat. 6:33,34). Muitas pessoas têm mais do que o suficiente; mas vivem querendo mais e mais. Algumas pessoas cobiçam abertamente as riquezas materiais, o que é diretamente condenado, segundo se vê em I Timóteo 6:9. No vs. 10 do mesmo capítulo lemos que o «amor ao dinheiro» é raiz de todos os tipos de males. E também há o fortíssimo desejo sexual, que a Bíblia ensina ser legítimo dentro dos limites do matrimônio (I Cor. 7:2-6), mas que de outro modo é pecaminoso, como nos casos de adultério (Mat. 5:28). As paixões precisam ser crucificadas juntamente com Cristo (Col. 3:5 *ss*). Essas paixões são malignas (Pro. 21:10), impuras (Rom. 1:24), satânicas (João 8:44), escravizadoras (Tito 3:3), ténadoras (Tia. 1:14,15), pecaminosas (Rom. 13:14; I Ped. 4:2,3). A inveja e a ganância são difíceis de satisfazer (Pro. 27:20; Ecl. 5:10). No sétimo capítulo da epístola aos Romanos, Paulo descreveu graficamente como os desejos conflitantes rasgam a alma, dividindo-a em sua lealdade, voltando-se ela ora para o bem, ora para o mal.

## DESEJO-DESENVOLVIMENTO

*Os Bons Desejos.* Há aquele desejo amoroso que se desenvolve entre duas pessoas de sexo diferente, e que realmente se amam. Esse tipo de amor é ilustrado supremamente no livro Cantares de Salomão. Esse amor é físico e espiritualmente orientado, e esses dois aspectos não são necessariamente opostos. Também há aquele hígido desejo de realizar um bom trabalho, o que faz parte da missão de uma pessoa. Salomão, ao desejar construir o templo de Jerusalém, serve de boa ilustração desse princípio. Ver I Reis 9:1. O Espírito Santo, que vem residir no crente, confere-lhe desejos espirituais que o inclinam para a piedade, que guerreia contra os desejos da natureza pecaminosa (Gál. 5:17; Rom. 8:9). O desejo expresso do Senhor é que os homens sejam inquiridores da verdade e da retidão; e Deus não quer que alguém pereça (Sal. 40:6; 51:6; Osé. 6:6; II Ped. 3:9). Deus concede aos mansos e justos o que eles desejam (Pro. 10:24; Sal. 10:17), bem como a aqueles que nele se deleitam (Sal. 37:4).

### DESEJO Ver também Desejar.

O termo grego assim traduzido é *epithumia*, «cupidéz», que ocorre por trinta e oito vezes: Mar. 4:19; Luc. 22:15; João 8:44; Rom. 1:24; 6:12; 7:7,8; 24:14; Gál. 5:16,24; Efé. 2:3; 4:22; Fil. 1:23; Col. 3:5; I Tes. 2:17; 4:5; I Tim. 6:9; II Tim. 2:22; 3:6; 4:3; Tito 2:12; 3:3; Tia. 1:14,15; I Ped. 1:14; 2:11; 4:2,3; II Ped. 1:4; 2:10,18; 3:3; I João 2:16,17; Jud. 16:18; Apo. 18:14. O verbo, *epithuméo*, aparece por dezesseis vezes: Mat. 5:28; 13:17; Luc. 15:16; 16:21; 17:22; 22:15; Atos 20:33; Rom. 7:7; 13:9 (citando Êxo. 20:15,17); I Cor. 10:6; Gál. 5:17; I Tim. 3:1; Heb. 6:11; Tia. 4:2; I Ped. 1:12; Apo. 9:6.

O vocábulo grego é neutro, referindo-se a qualquer apetite legítimo, ou a qualquer desejo negativo, neste caso, geralmente com alguma conotação sexual. A palavra foi usada em sentido positivo, para exemplificar, ao aludir ao anelo que Jesus sentia por participar da última páscoa, com os seus discípulos (Luc. 22:15). Em Romanos 7:7,8, algumas traduções traduzem essa palavra por «cobiça», conforme se vê, igualmente, em nossa versão portuguesa. O termo grego refere-se a alguma forma de disposição pecaminosa, alguma perversão e exagero dos desejos. Em Col. 3:5 e I Tes. 4:5, encontramos a conotação sexual. Ver os artigos sobre a *Fornicação* e sobre o *Adultério*.

### DESEMPREGO

Uma pessoa acha-se desempregada quando não tem um emprego por meio do qual esteja ganhando seu dinheiro. Essa definição é válida mesmo que essa pessoa tenha dinheiro para pagar alugueis, suas contas, juros sobre empréstimos, etc. Porém, se tal pessoa tem um meio emprego e está ganhando dinheiro através de atividades que não importem em vínculo empregatício, então devemos considerá-la empregada. O desemprego não importa, necessariamente, na privação e na ausência de atividades significativas, porquanto uma pessoa que não esteja ganhando um salário, mesmo assim pode mostrar-se ativa em coisas muito significativas, tanto para si mesma como para seus semelhantes. No entanto, o termo usualmente envolve um certo tom de desespero, de privação e com freqüência, de desaprovação, de preguiça, etc. Na verdade, há muitas pessoas desempregadas meramente porque não gostam de trabalhar. Outras pessoas, embora desejem trabalhar, e embora procurem emprego com diligência, não conseguem encontrá-lo, — ou porque as

condições econômicas estejam em fase de recessão, ou porque não têm as aptidões necessárias para a obtenção de emprego.

**O Desemprego e os Padrões Éticos.** Os governos têm o dever de prover algum tipo de seguro, mesmo temporário, contra o desemprego. Esse seguro garante aos desempregados a oportunidade de buscarem algum outro emprego, sem passarem graves necessidades. No caso daqueles que realmente são incapazes de trabalhar, o governo, a Igreja e as organizações de caridade têm o dever de prover meios de vida razoáveis. Em alguns lugares, as provisões para os desempregados são muito generosas, com o resultado que é financeiramente melhor eles permanecerem desempregados. Os governos têm o dever de desenvolver a indústria e a educação de tal maneira que o desemprego seja reduzido ao mínimo.

*A Preguiça.* Uma das razões pelas quais sempre teremos os pobres conosco é que há uma pobreza de espírito que domina a muitas pessoas. A preguiça é um defeito moral e espiritual. Há pessoas preguiçosas sem que isso envolva qualquer incapacidade física ou qualquer falta de instrução ou aptidão. Há pessoas educadas que são preguiçosas. Há casos em que homens fisicamente capazes e bem-educados preferem viver daquilo que suas esposas ganham, trabalhando pouco e esforçando-se ao mínimo. Escreveu Paulo: «Porque, quando ainda convosco, vos ordenamos isto: Se alguém não quer trabalhar, também não coma» (II Tes. 3:10). Portanto, Paulo reconhecia que a preguiça pode ser uma perversão moral. Paulo também exalta a indústria e o espírito trabalhador como uma virtude, porquanto trata-se de algo em que nos deveríamos ocupar ativamente. O nosso trabalho deveria ser realizado como um meio de expressarmos a lei do amor, para ajudarmos a nós mesmos e aos nossos semelhantes, fazendo algo de útil. Ver o artigo separado sobre a *Ética do Trabalho*.

### DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL, MEIOS DO

#### O Uso dos Meios de Desenvolvimento Espiritual

Como podem a morte e a vida de Cristo serem realizadas em nós? Existem meios pelos quais cultivamos o desenvolvimento espiritual:

1. A oração (que vide) que é o contacto do homem com Deus.
2. A meditação, que é o contacto de Deus com o homem (ver Efé. 1:18 e ss).
3. A santificação (que vide). O desenvolvimento espiritual sem isso é apenas um mito.
4. A prática das boas obras, mediante o que se vive a lei do amor (ver I João 4:7,8), porquanto o amor é a prova da espiritualidade, o produto do novo nascimento.
5. O emprego dos dons espirituais, inspirado pelo amor (ver I Cor. 12 e 14 e Efé. 4:11 e ss), o toque místico.
6. O estudo das Escrituras, o aprendizado profundo das verdades espirituais, mediante a Bíblia e a literatura que encoraja a espiritualidade.
7. Aquele que diligentemente praticar todos esses meios, será um gigante espiritual.

### DESENVOLVIMENTO HUMANO

#### Esboço:

1. Biológico
2. Psicológico
3. A Dimensão Extratempo
4. Ético e Espiritual

# DESENVOLVIMENTO HUMANO

## 1. Biológico

O desenvolvimento é aquele processo do organismo humano à medida que este se desdobra e interage com o meio ambiente. O crescimento faz parte desse desenvolvimento. O desenvolvimento biológico inclui fatores básicos como o da hereditariedade e o do meio ambiente. A hereditariedade, embora conte com muitas descrições científicas, ainda está envolta em muitos mistérios. Apesar desse processo poder ser descrito em parte, as causas reais da hereditariedade estão ocultas aos olhos da ciência materialista. Há mistérios suficientes em um pé de feijão para confundir todos os ateus, quanto mais no corpo humano, em suas origens, manipulações genéticas e desenvolvimento. A idéia exposta por alguns biólogos, que falam na atuação do *acaso*, é por demais ridícula para ser levada a sério. Porém, quando começamos a falar em *designio*, já começamos a empregar — uma linguagem filosófica e teológica, por termos abandonado a dimensão de uma ciência que se autolimita quanto a seu escopo, e que pensa haver uma inteligência superior da parte dos céuticos e/ou ateus. O desenvolvimento envolve a teologia do começo ao fim, e o ponto de interrogação que alguns cientistas põem após essa questão não é satisfatório para a alma humana.

## 2. Psicológico

A ciência materialista tenta encontrar a mente no cérebro, pregando uma doutrina monista. Entretanto, é impossível descrever as propriedades da mente através da descrição dos neurônios e da química do cérebro. Provemos um artigo sobre o *Problema Corpo-Mente*, onde o leitor poderá ver como os filósofos têm lutado com a questão da interação entre o corpo e a mente, discutindo as evidências que existem em prol da inteligência extracerebral. John Locke supunha que todo desenvolvimento psicológico ocorre através do acúmulo de informes colhidos pelos sentidos físicos, e que não há qualquer mente com seu fundo de idéias inatas. Ele falava em termos da *tabula rasa* (sem registros) e como a experiência diária é que deixa as suas marcas, cujo acúmulo resultaria na inteligência. Em outras palavras, o desenvolvimento psicológico seria resultante dos informes colhidos pelos sentidos físicos. No artigo desta enciclopédia sobre a *Parapsicologia*, procuramos demonstrar que o homem não pode ser reduzido a seu corpo físico, e que esse corpo físico é apenas um veículo. Portanto, quando consideramos o desenvolvimento psicológico, precisamos levar em conta a *mente* e o *corpo* físico.

## 3. A Dimensão Extratempo

Muitos teólogos crêem no *criacionismo* (que vide), a idéia de que Deus cria uma nova alma quando do nascimento de cada bebê. Essa idéia é muito difícil de defender, mormente se alguém tenta manter o ensino do pecado original. É possível que Deus crie uma alma que já chega corrupta neste mundo? Alguns voltam-se para as idéias gnósticas a fim de escapar desse dilema. Supõem os tais que, mediante o contacto com o corpo físico, a alma vê-se imediatamente corrompida, mas isso é um contra-senso. A matéria é eticamente *neutra*, e não pode corromper o espírito. Os escritores do Novo Testamento sabiam — nunca chamam o próprio corpo de «mau», embora pintem-no como um veículo fácil para a prática do mal, e como provocação para certos tipos de males. O *traducionismo* (que vide), por sua vez, parte da idéia de que os pais, sendo pessoas boas-más, produzem filhos bons-maus, e que a alma vem a existir como parte do processo da procriação. Alguns nomes

eminentes têm estado ligados a essa idéia; mas ela não passa de uma teoria, não havendo qualquer prova para a mesma. Essa é uma idéia melhor que a do criacionismo do ponto de vista ético; mas não encontra apoio nos fatos. A preexistência da alma é um ensino que, de alguma maneira, vem em nosso socorro. Se concebermos a alma como *preexistente*, a qual caiu, talvez por ocasião (ou ocasiões) da rebelião dos anjos, então poderemos explicar por qual motivo uma criança, desde seus mais primordiais estágios, exhibe tendências pecaminosas, e logo transforma essas tendências em atos, quando chega à idade de mostrar-se ativa. Em outras palavras, a alma já chega corrupta a este mundo. Platão ensinou que essa corrupção era a razão mesma de sua encarnação, de tal maneira que o corpo tornou-se sua prisão e sepulcro. Se a idéia da *preexistência* (que vide) corresponde à realidade dos fatos, então podemos entender facilmente por qual razão as crianças diferem tanto uma da outra, mesmo quando têm os mesmos pais e são criadas no mesmo ambiente. A idéia da preexistência pode ser acompanhada ou não da *reencarnação* (que vide), o que também nos oferece possíveis discernimentos quanto à questão do desenvolvimento psicológico, ético e espiritual.

## 4. Ético e Espiritual

**Materialistas e criacionistas** (conforme são muitos crentes evangélicos) encontram alguns problemas em comum. Eles ficam perplexos sobre por que as pessoas tornam-se o que são; eles ficam perplexos sobre os problemas da perversão de crianças. Eles aplicam suas teorias sobre como as crianças devem ser treinadas, para que tudo vá bem com elas. Os educadores cristãos ficam consternados quanto à ausência de desenvolvimento moral e espiritual das crianças, embora tenham sido criadas em ambientes evangélicos *saturados*. Porém, muitas dessas crianças, uma vez que enfrentam o mundo conforme ele realmente é, tornam-se vítimas fáceis de suas próprias degradações. Então os educadores reexaminam o processo de educação e estipulam: «Onde foi que erramos?» Talvez fosse melhor perguntar: «Onde e quando esta alma errou, de modo que todos os melhores esforços falharam no seu caso?» Se acrescentarmos a dimensão *extratempo*, também estaremos acrescentando uma dimensão nova à nossa própria maneira de pensar sobre a educação e os seus resultados. Outrossim, a sociologia e a criminologia assumem uma perspectiva inteiramente nova.

Os estudos feitos sobre a mente criminoso, nos Estados Unidos da América, demonstram que somente metade dos crimes está associada a condições econômicas e sociais. Muitos criminosos exibem suas tendências anti-sociais desde o começo na vida, em meio à abundância e enquanto seus irmãos e irmãs são perfeitamente normais. Estudos feitos na Suécia confirmaram isso. Como é óbvio, alguns crimes derivam-se da pobreza e da luta pela sobrevivência; mas, grande parte dos crimes deve-se apenas a uma mentalidade perversa. Alguns cientistas têm contido pela tese que o crime resulta de defeitos no cérebro. Essa tese continuará sendo investigada, sendo bem provável que *alguns* crimes se derivem desse fator. A Bíblia, porém, afirma a perversão da natureza humana, e de todos os lados surgem evidências em confirmação desse fato. Aqueles que crêem na preexistência da alma salientam que a quantidade e a qualidade da perversidade dificilmente podem ser atribuídas a meros fatores ambientais, e nem esses fatores explicam a grande corrupção a que pode chegar uma alma, em pouco tempo. A maldade humana é algo maior do que isso. O sexto capítulo de

## DESENVOLVIMENTO — DESERÇÃO

Efésios atribui parte do problema humano à influência de espíritos malignos; e essa explicação provavelmente tem maior validade do que a maioria dos crentes está disposta a reconhecer. Portanto, o *desenvolvimento* torna-se uma consideração extremamente complexa, não podendo ser reduzido aos atuais poucos anos de vida terrena de uma pessoa. Suas tendências boas e más devem ter evoluído em mais do que na presente experiência terrena.

**Quanto ao lado bom.** João Batista não precisou de muitos anos de desenvolvimento para tornar-se o que ele foi. Ele já nasceu contando com a poderosa presença do Espírito Santo (Luc. 1:15). Era impossível que ele fosse diferente do que foi. Teria sido isso uma escolha arbitrária do Espírito de Deus? Não é provável. Antes, precisamos voltar a uma antiga doutrina judaica, no sentido de que os profetas teriam mais de uma missão terrena, reaparecendo no tempo apropriado a fim de conferir a Israel uma nova liderança espiritual. Havia a idéia de que João Batista era Elias. Talvez isso indique uma realidade. Uma permanente tradição bíblica diz que Elias voltaria e teria uma missão especial relativa à «parousia». Talvez ele tenha estado entre nós, na pessoa de João Batista, na primeira «parousia», e terá uma nova missão na segunda «parousia» (ver Mat. 17:10). O próprio Jesus foi tido como um dos antigos profetas, em harmonia com a opinião popular de sua época (Mat. 16:14). O mistério da piedade é mais amplo do que uma única vida terrena, maior do que os poucos anos desta vida. Paulo praticou certas crueldades antes de sua conversão, e, até o fim de sua vida lamentou-se tristemente por esse motivo. No entanto, desde o começo ele foi uma poderosa figura religiosa, embora de zelo mal orientado. Ele afirmava ser a mais poderosa figura entre os jovens de Israel (Gál. 1:14). Ele tinha as qualidades mentais e espirituais necessárias para a tarefa. Por que ele tinha essas qualidades? Elas se derivariam da herança genética, ou meramente por causa de um zelo mais intenso que ele tinha além das outras pessoas, mediante o qual, através do *desenvolvimento*, ele se tornou melhor do que outras pessoas, *em alguns breves anos*? Paulo afirma claramente que essa não era a razão. O trecho de Gálatas 1:15 afirma que ele foi separado *antes de ter nascido*. Não se tornou no que foi em poucos anos, após o seu nascimento físico. A doutrina judaica o identificaria com a história passada de Israel, encontrando-o em algum ponto dessa história, já envolvido no conflito espiritual, já se distinguindo dos demais, já se tornando poderoso, espiritualmente falando. Não sei dizer se isso corresponde à verdade dos fatos, mas estou bem certo de que o que sucede a alguém, desde o nascimento físico até à maturidade, *nesta vida terrena*, é apenas um *fragmento* da espiritualidade total.

Minha alma, a estrela de minha vida, tem estado em outro lugar, e voltou para trilhar nuvens de glória, proveniente de Deus, que é o seu lar. A teologia de muitas pessoas tem escopo bem pequeno. Não conseguem divisar o quadro maior de Deus e procuram espremer tudo nesta breve vida terrena, incluindo a determinação do destino de uma alma eterna. A Igreja oriental, porém, tem-se mostrado mais sábia quanto a esse particular, percebendo que Deus opera em favor da alma desde antes do nascimento físico da pessoa, continuando a fazê-lo após a morte biológica. O plano de Deus é muito vasto e requer tempo. Deus dispõe de todo o tempo que ele quiser. As pessoas é que vivem apressadas, diminuindo assim o escopo da teologia.

**O que Faz as Crianças Serem o que São?** Muitos filhos desapontam os seus pais. São cuidadosamente treinados e ensinados, mas não correspondem às expectativas de seus genitores. Talvez não pratiquem nenhum grande mal, mas também não se envolvem em qualquer grande bem. Mostram-se descuidados quanto às realidades espirituais. A vacinação espiritual simplesmente não pegou. Por quê? À minha frente está aberta uma enciclopédia sobre assuntos éticos, na qual um homem bom, chamado Piaget, procura informar-me sobre como os filhos devem ser educados, para que se consiga os melhores resultados possíveis. Seus argumentos são: 1. Há o estágio *refreamento*. As crianças ainda não sabem como escolher o que é bom e rejeitar o que é mau, e os pais precisam *determinar* (palavra usada por Piaget) para os filhos (idem) a moralidade e a ética deles. 2. Segue-se o estágio da *cooperação*, quando a criança começa a *concordar* com seus pais quanto aos padrões que foram estabelecidos. 3. Finalmente, há o estágio da *compreensão*, quando a criança passa a entender as implicações dos ideais estabelecidos para ela pelos seus pais. Nesse estágio de compreensão, a criança começa a agir por conta própria, tornando-se naquilo que seus pais esperam dela. Tudo isso é lindo, e, naturalmente, não é totalmente inútil, porque assim é que os pais deveriam agir. Mas, meus amigos, essas idéias e declarações não penetram muito fundo nos grandes mistérios da piedade e da malignidade. Há muito mais fatores envolvidos do que esses, e estou plenamente certo de que a *longa história* da alma envolve essa questão inteira. Quantos pais têm devidamente refreado, cooperado e conferido compreensão a seus filhos, somente para vê-los arrebatados pela maldade mais franca, ou estagnados na indiferença espiritual? Por outro lado, quantos poderosos homens de Deus nunca contavam com a vantagem de todos esses cuidados paternos, mas saíram em campo quais leões espirituais, rugindo contra este mundo perverso? Há mistérios da piedade e da impiedade que transcendem aos poucos anos de treinamento que um pai ou mãe podem dar a seus filhos. Isso não significa, porém, que os pais devem desistir de sua responsabilidade, em face disso. Como é patente, eles têm o sagrado dever de fazer o que possam de melhor. No entanto, o que eles fizerem, em favor do bem ou do mal, é apenas *uma peça* desse grande quebra-cabeça.

*Meios do Desenvolvimento Espiritual.* Quanto a isso, esta enciclopédia provê um artigo separado, intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios de*.

### DESERÇÃO

Esse termo é usado no campo da *ética* (que vide) para indicar o abandono com que um cônjuge trata o seu parceiro, ou um pai ou mãe que abandona seu filho ou filhos. Essa é sempre uma situação assinalada por muito sofrimento humano, usualmente com o envolvimento de algum pecado grave. Metaforicamente, a Bíblia fala sobre o homem que abandona Deus, o que, no livro de Oséias foi ilustrado pela deserção de Gômer, a esposa do profeta. Com base nessa experiência amarga, o profeta aprendeu a seriedade do abandono dos caminhos do Senhor e da fé religiosa. Não podemos dizer que Deus se angustia, ainda que, antropomorficamente falando, há sentimentos dessa natureza por parte do Senhor. Esses termos tornam-se significativos para os homens quando eles atravessam experiências difíceis, e então tais experiências servem para ilustrar a necessidade da fidelidade espiritual. Não obstante, Deus dirige-se



ternamente àqueles que se tornaram culpados de deserção espiritual (Osé. 2:14). Grande é a longanimidade e magnanimidade do Senhor; grande é a sua graça, sem a qual a vida humana seria simplesmente impossível.

As leis humanas encaram o abandono do lar com suficiente alarme, lamentando o ato de um pai ou mãe que deixa seus filhos, ou o cônjuge que abandona seu companheiro ou companheira. Tal deserção é severamente condenada pela opinião pública, embora o fato não envolva crime que mereça um termo de prisão. Perguntam as Escrituras: «Acaso pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti» (Isa. 49:15). Esse texto tem sido de muito conforto para muitos crentes recém-convertidos, alijados do convívio familiar.

Embora, usualmente, o abandono envolva algum ato de supremo egoísmo, há aqueles casos em que a deserção é forçada por motivo de extrema pobreza ou por grave enfermidade, quando então é melhor que os filhos sejam criados por outras pessoas ou que os cônjuges se separem para que o sobrevivente possa cuidar dos filhos. Todavia, esses casos não envolvem verdadeiras deserções.

O trecho de I Coríntios 7:15 trata diretamente do abandono do cônjuge crente por parte do cônjuge incrédulo. E Paulo afirma que, nesses casos, o cônjuge crente está livre para casar-se novamente. Outro tanto não é o caso quando um cônjuge crente abandona a outro cônjuge crente.

## DESERTO

Nos países do Oriente, as grandes planícies geralmente estão sujeitas a prolongadas secas e conseqüentemente, à esterilidade. A esterilidade prolongada produz os desertos. Os hebreus contavam com vários vocábulos para nomear esses lugares; essas palavras são intercambiáveis, e as traduções as têm confundido de tal modo que não podemos estar certos quando está em vista, ou não, um verdadeiro deserto. Há quatro palavras hebraicas e uma palavra grega que precisam ser levadas em conta:

1. *Midbar*, «pasto». Palavra usada por duzentas e cinquenta e sete vezes no Antigo Testamento, que tem sido traduzida como «pastagem» (Exo. 3:1; 5:11) ou «deserto» (Gên. 14:5). Também era palavra aplicada à região entre a Palestina e o Egito, incluindo o Sinai (Núm. 9:5). Com o artigo definido temos «o deserto da Arábia» (I Reis 9:18), quando então estamos tratando com um autêntico deserto. Terras de pastagem, com circunstâncias climáticas adversas, podem tornar-se desertos, o que explica a conexão entre o vocábulo e o uso do mesmo. A idéia de esterilidade com freqüência se faz presente (Gên. 14:6; 16:7; Deu. 11:24. Ver também Deu. 32:10; Jô 24:5; Isa. 21:1 e Jer. 25:24, onde algumas versões dizem «deserto»).

2. *'Arabah*, que significa, literalmente, «esterilidade», e que com freqüência é palavra traduzida por «deserto». — Porém, parece que, originalmente, referia-se a uma planície, um extenso território. A porção plana do vale do Jordão tinha esse nome, estendendo-se até as margens do mar Vermelho (Deu. 1:1; 2:8; Jos. 12:1). Novamente, por causa de condições climáticas adversas, essas extensas planícies podiam tornar-se verdadeiros desertos, o que explica o uso dessa palavra com esse sentido. No hebraico, uma planície, um lugar estéril, um lugar ermo e um deserto podem ser referidos através da

mesma palavra. Essa palavra hebraica ocorre por cinquenta e sete vezes no Antigo Testamento. Por exemplo: Isa. 25:1,6; 40:3; 41:19; 51:3; Jer. 2:6; 17:6; 50:12; Eze. 47:8.

3. *Yeshimon*, «desolação», «solidão», palavra hebraica usada por sete vezes no Antigo Testamento: Sal. 68:7; 78:40; 106:14; 107:4; Isa. 43:19,20; Deu. 32:10. Essa palavra também podia apontar para um deserto, em vista de sua solidão e desolação. Aparece com o artigo para indicar aqueles lugares desolados de ambos os lados do mar Morto. Em Núm. 21:20 é usada como um nome próprio, como se fosse a designação de um lugar específico, em algumas traduções (nossa versão portuguesa diz «deserto»).

4. *Chorbah*, «desolação». Palavra hebraica usada por trinta vezes, como em Sal. 102:6; Isa. 48:21; Eze. 13:4. Nesses trechos, as traduções geralmente traduzem essa palavra por «deserto», mas, em Esd. 9:9; Sal. 109:10 e Dan. 9:12, está em foco aquilo que se tornou uma desolação, pelas condições climáticas adversas ou pela atuação humana.

5. No grego, *eremia* e *eremos* aparecem, respectivamente, por quatro e por quarenta e oito vezes, a saber: Mat. 15:33; Mar. 8:4; II Cor. 11:26; Heb. 11:38; Mat. 3:1,3 (citando Isa. 40:3); 4:1; 11:7; 14:13,15; 23:38; 24:26; Mar. 1:3,4,12,13,35,45; 6:31,32,35; Luc. 1:80; 3:2,4; 4:1,42; 5:16; 7:24; 8:29; 9:12; 15:4; João 1:23; 3:14; 6:31,49; 11:54; Atos 1:20 (citando Sal. 69:26); 7:30,36,38,42 (citando Amós 5:25); 7:44; 8:26; 13:18; 21:38; I Cor. 10:5; Gál. 4:27 (citando Isa. 54:1); Heb. 3:8 (citando Sal. 95:8); 3:17; Apo. 12:6,14; 17:3. Esses termos gregos significam, ambos, «deserto» ou «lugar ermo», ou seja, não somente um verdadeiro deserto, mas também um lugar desabitado ou escassamente habitado. Josefo usou essa palavra para indicar deserto, campina ou lugar ermo (*C. Ap.* 1,89). Em *Anti.* 20,169 ele usou a palavra para indicar o deserto da Arábia, e a forma verbal, *eremoo* significa «despovoar», «assolar», conforme se vê em Mat. 12:25; Luc. 11:17; Apo. 17:16; 18:16,19; I Esdras 2:17; II Esdras 12 e Josefo (*Guerras* 2,279; *Anti.* 11,24).

*Uso Figurado.* Idéias como solidão, tentação e perseguição são referidas por essas palavras (e seus outros possíveis usos). Ver Isa. 27:10; 33:9. As nações que se esquecem de Deus e ignoram os seus caminhos, tornam-se desertos (Isa. 32:15; 35:1), tal como sucedeu a Israel, quando abandonou o seu Deus (Isa. 40:3).

*O Deserto e os Espíritos Malignos.* — Supunha-se que os desertos eram os lugares de habitação apropriados para os — espíritos malignos —, os lugares onde eles manifestam mais a sua má influência (Mat. 12:43; Luc. 11:24). Porém, em todo este vasto mundo, nada há de errado com a solidão. Os sentimentos de desolação, que há nos lugares ermos e desérticos, inspiram-nos a pensar neles como lugares onde o mal manifesta-se especialmente.

*O Deserto e a Vida.* A ciência moderna tem demonstrado que os desertos sustentam muita vida biológica, animal e vegetal. Mas a vida animal geralmente não aparece facilmente ante os olhos dos homens, porquanto os animais que ali vivem escondem-se entre as rochas ou na areia, quando o sol está quente. Oséias percebeu o amor de Deus, expresso em favor de seu povo, no deserto (Osé. 13:5). Débora entou louvores ao Deus do Sinai e do deserto (Juí. 5:4,5). Portanto, a graça de Deus permeia até mesmo ali. As pessoas que vivem nos desertos ou nas proximidades dos mesmos, dão um valor especial a esses lugares, em seus afetos. O autor desta

enciclopédia nasceu perto do grande deserto norte-americano. Por muitas vezes, atravessou de trem o deserto que há entre as cidades de Salt Lake e Los Angeles, durante a primavera, quando havia muita florescência, uma vista muito linda. E o tradutor não pode esquecer a quase despovoada região amazônica, onde passou sua meninice, juventude e boa parte de sua vida adulta, e onde se dá valor à vida humana, muito mais do que nos grandes centros urbanos, por ser ela tão rara. Há algo de encantador nos minúsculos riachos que conseguem sobreviver. Há algo de misterioso nas ravinas e penhascos do deserto, bem como nas florestas virgens, com muitas feras e pouquíssimos seres humanos. Há algo de místico nos lugares desérticos e despovoados do planeta, quando o sol se põe sobre as vastidões arenosas ou recobertas de florestas virgens. Saudades!

## DESESPERO

Ver os artigos paralelos sob os títulos **Cinismo**, **Melancolia**, **Nihilismo** e **Pessimismo**. O desespero é o contrário da esperança. A idéia não figura por muitas vezes na Bíblia. Há uma palavra hebraica e uma palavra grega que precisam ser levadas em conta:

1. *Yaash*, «desesperar». Palavra hebraica usada por seis vezes: I Sam. 27:1; Ecl. 2:20; Jô 6:26; Isa. 57:10; Jer. 2:25; 18:12.

2. *Eksaporéomai*, «não ter saída». Palavra grega usada por apenas duas vezes: II Cor. 1:8 e 4:8.

O desespero é o estado onde toda a esperança se perde, quando a pessoa parece não encontrar saída para a sua situação. Embora comum à condição humana, é incompatível com a fé cristã (II Cor. 4:8, onde a palavra é traduzida, em nossa versão portuguesa, por «desanimados»). Em seu amor, Deus faz todas as coisas cooperarem juntamente para o benefício daqueles que estão sendo amoldados à imagem de seu Filho (Rom. 8:28 ss). Aproximando-se do desespero, há estados menos intensos, que poderíamos chamar de ansiedade e desânimo. O desespero é uma espécie de abandono de um alvo, quando o espírito humano não mais espera que suceda algo melhor. Por muitas vezes, o suicídio é resultado do desespero; ou então o indivíduo mergulha em condições psicóticas de profunda angústia. Há muitas pessoas que cultivam o desespero mediante o ócio habitual, a busca exagerada pelos prazeres ou o cumprimento pervertido de desejos, que deixam a pessoa vazia. Muitas igrejas pregam uma forma final de desespero quando ensinam que a morte biológica põe fim a toda oportunidade de salvação, e que, após isso, as pessoas só podem esperar um inferno em chamas. Isso representa um desespero espiritual final. Eles se esquecem de que Cristo deixou uma provisão mais ampla do que isso, para a salvação das almas. Em I Pedro 4:6 lemos que Cristo desceu ao hades (que vide), a fim de pregar aos perdidos; e, finalmente, haverá a *restauração* (posto que não a redenção) de todos os seres e coisas, conforme se aprende em Efésios 1:10,23. Ver o artigo sobre a *Restauração*. É um erro pregar um evangelho de completo desespero, embora seja perfeitamente correto pregar o juízo divino segundo sua devida perspectiva. Alguém já disse: «Sempre é cedo demais para desistir». Essa é uma grande declaração que nos ajuda a controlar as vicissitudes da vida. É também é uma grande declaração no tocante ao propósito a longo prazo da missão de Cristo.

••• ••• •••

## DESFAZER

No hebraico, *machah*, «apagar». Palavra hebraica usada por trinta e duas vezes (por exemplo, Êxo. 32:32,33; Núm. 5:23; Deu. 9:14). Esse vocábulo é empregado no sentido de *obliterar*, *destruir*, *remover*, *desfazer*. O pecado é declarado como totalmente perdoado, ou seja, «desfeito» (Isa. 44:22). Por outra parte, o indivíduo cujo nome é apagado do Livro da Vida de Deus, é aquele que perdeu o favor divino (Êxo. 32:32; Deu. 29:20; Sal. 69:28). Podemos entender nisso a metáfora que se refere à lista de cidadãos que, como tais, haviam recebido certos direitos e privilégios, mas vieram a perdê-los. Se o nome de alguém fosse removido da lista, esse alguém perderia os seus direitos de cidadão. Moisés dispôs-se a deixar de ser um cidadão da comunidade do povo de Deus, se pudesse ser útil, com isso, aos demais cidadãos dessa comunidade.

Há a questão mais difícil de entender, de alguém ter seu nome apagado do próprio Livro da Vida (Apo. 3:5). Isso parece indicar que, em tal caso, o indivíduo perderia a sua salvação, a vida celestial e eterna, deixando de ser um cidadão da pátria celeste. A expressão contrária, «não ter o nome apagado do Livro da Vida», indica que o indivíduo é confirmado como possuidor da vida eterna, ou seja, da vida própria dos mundos luminosos, onde se participa da própria vida de Deus, — e se compartilha de sua natureza, porquanto ele é o pai dos cidadãos daquelas dimensões (II Ped. 1:4). Em Jô 31:7 e Pro. 9:7, um ato que mancha e corrompe é chamado de «mancha».

## DESFAZER OS TORRÕES

Trata-se de um processo usado pelos agricultores para tratar o solo após a aragem. As técnicas agrícolas modernas não usam o método. Há duas palavras hebraicas envolvidas, a saber:

1. *Charits*, *desterroar*. Esse termo é usado por duas vezes: II Sam. 12:31 e I Crô. 20:3.

2. *Sadad*, «nivelar». Palavra que aparece por três vezes: Jô 39:10; Isa. 28:24 e Osé. 10:11.

Lê-se no livro de Jô que é o boi que faz esse trabalho de desterroamento. Em Isaías 28:44 ss. lê-se que o lavrador não fica «esterroando» o terreno o tempo todo. É possível que fossem arrastados ramos, após um carro puxado a bois, a fim de espalhar a semente mais por igual. Alguns estudiosos pensam estar em foco o uso de um arado tipo cruzeta. As traduções dão idéia de uma aragem simples, mas parece que um tipo de arado assim está em foco. Outros chegam a pensar em alguma máquina de *desterroar*. A moderna grade, usada pelos agricultores, é uma armação dotada de dentes ou de discos, a qual desempenha a dupla função de quebrar o solo e nivelá-lo, ao mesmo tempo. Todavia, não parece que os antigos dispunham de qualquer implemento agrícola que se assemelhasse a isso. Sabe-se, contudo, que os antigos faziam isso, embora não saibamos dizer como o faziam.

## DESÍGNIO, ARGUMENTO DO

Uma das maneiras da filosofia procurar provar a existência de Deus é utilizando-se do óbvio desígnio que pode ser visto em tudo quanto existe e acontece no mundo. Esse argumento é apresentado sob o título *Argumento Teleológico*. No artigo sobre *Deus*, em certa seção, há um grande número dessas provas argumentativas.

**DESIGUALDADE**Ver **Igualdade**.**DESMAMAR**

Nos dias do Antigo Testamento, uma criança só era desmamada ao atingir dois ou três anos de idade. Isso torna-se claro no relato de Ana e Samuel (II Sam. 1:21-24). Outro tanto se vê no caso da mulher que viu sete de seus filhos serem mortos por Antíoco Epifânio e então exortou seu filho menor a não abandonar sua fé judaica diante das ameaças do rei, o qual procurava persuadi-lo a abjurar de suas crenças. Disse a mãe ao jovem: «Levei-te no meu ventre por nove meses e te amamentei por três anos, e te tenho criado até este ponto em tua vida, cuidando de ti» (II Macabeus 7:27). O término do período de amamentação, ou desmame, algumas vezes era celebrado por meio de uma festa (ver Gên. 21:8). Mas a palavra «desmamar» também é usada na Bíblia em sentido metafórico. Ver Sal. 131:2 e Isa. 28:9.

**DESOBEDIÊNCIA CIVIL**

A desobediência civil consiste em algum ato de insubordinação de um indivíduo, de vários indivíduos, ou de um grupo de pessoas, que labora contra a lei estabelecida. Algumas vezes, esses atos são espontâneos, mas, na vida moderna, quase sempre são organizados e executados propositalmente. A desobediência civil pode ter natureza pacífica, como no caso de greves proibidas, morosidade no trabalho, ausências em massa, etc. Mas também pode revestir-se de uma violência tal que se aproxime do terrorismo. A justificação apresentada é que as leis foram feitas a fim de privilegiar a alguns poucos, e que somente a desobediência proposital é capaz de modificar, em alguns casos, as leis parciais, injustas. Quando os colonos norte-americanos recusaram-se a pagar impostos à coroa britânica, lançando ao mar três tipos de mercadorias que tinham vindo da Inglaterra, isso constituiu um ato de desobediência civil. Uma ilustração bem conhecida entre nós foi quando os insurrectos de Minas Gerais planejaram não pagar à coroa portuguesa a parcela que, por lei, os mineiros deviam, em ouro. Todas as revoluções começam dessa maneira, e acabam degenerando-se para algo mais violento. Na época da escravatura, muitos cidadãos desobedeciam às leis, a fim de ajudar a proteger os escravos fugidos. Nos lugares onde as leis discriminam grupos raciais, como aqueles que designam o lugar onde os negros podem sentar-se nas conduções públicas, quais facilidades públicas podem ser freqüentadas por eles, etc., estes agem de maneira proposital, desobedecendo a tais leis, trazendo à atenção do público o fato de que leis assim precisam ser descontinuadas. Mahatma Gandhi motivou as massas indianas contra o governo britânico, efetuando campanhas de resistência passiva, daí resultando a independência da Índia. Em alguns lugares, a desobediência civil assume a forma de recusa dos jovens servirem nas forças armadas. Isso tem sucedido em muitos países ao longo dos séculos. O episódio mais conhecido foi o pacifismo de muitos jovens norte-americanos, durante a guerra do Vietnã, que não gozava de apoio popular.

*A Desobediência Civil e os Cristãos.* Os trechos de Romanos 13:1-12 e I Pedro 2:13 ss. apresentam a ordem geral de que os crentes devem obedecer às autoridades civis por terem sido ordenadas por Deus. Isso continua sendo verdadeiro enquanto essas autoridades não tentarem violentar a consciência religiosa. Neste caso, uma lei mais alta entra em

vigor, a qual diz que devemos antes obedecer a Deus do que aos homens (Atos 5:29). Existem leis injustas, pois os legisladores nem sempre agem baseados na razão, baixando leis que beneficiam a uma minoria qualquer, sobretudo a aqueles que têm maior poder econômico. Leis particulares injustas podem ser desafiadas e modificadas por meios pacíficos.

*Quando Ocorrem Abusos.* Algumas vezes, as pessoas são insufladas à desobediência civil por parte de agitadores políticos, cujo intuito é a derrubada do governo. Nem sempre as modificações colimadas são para melhor. Até onde vejo as coisas, por exemplo, o comunismo sempre prejudica a Igreja e destrói os direitos individuais, mesmo quando esse regime é estabelecido por meios pacíficos, o que é muito raro:

**DESOLAÇÃO, ABOMINÁVEL DA**Ver o artigo sobre o **Abominável da Desolação**.**DESONESTIDADE**

A desonestidade é um dos vícios do espírito humano, que o leva a abandonar seu reto juízo, levando-o a dizer e realizar atos contrários à honestidade. A desonestidade é uma violação da confiança e uma perversão da verdade. É também algo fraudulento ou falso. A palavra honesto vem do latim, *honestus*, cuja raiz é *honos*, «honra». A desonestidade, pois, é a violação da honra. Ser honesto, por outro lado, é ser veraz, justo, reto e digno de confiança. Qualquer ato que negue esses conceitos é um ato desonesto. Ver II Cor. 4:2 quanto a uma referência bíblica a tais atos. A palavra grega por detrás da tradução «desonestidade» é aquilo que é *vergonhoso*, que é um opróbrio. Ver o artigo geral sobre os **Vícios**.

**DESPENSEIRO**

A rigor, a idéia de despenseiro aparece somente no Novo Testamento, quando o original grego usa a palavra *oikonómos*, «gerente da casa», que figura por dez vezes: Luc. 12:42; 16:1,3,8; Rom. 16:23; I Cor. 4:1,2; Gál. 4:2; Tito 1:7; I Ped. 4:10; ou quando usa a palavra *epítropos*, «encarregado», que aparece por três vezes: Mat. 20:8; Luc. 8:3; Gál. 4:2.

No hebraico temos três expressões diversas, que se aproximam da idéia, a saber: a. *Ben mesheq*, «filho de aquisição», termo que Abraão usou para referir-se a Eliezer, segundo se vê em Gên. 15:2. Nossa versão portuguesa diz ali «herdeiro». b. *Ha-ish asher al*, «homem que está acima», usada em Gên. 43:19, e que a nossa versão traduz por «mordomo». c. *Asher al bayit*, «quem está sobre a casa», que é usada em Gên. 44:4, e que a nossa versão portuguesa também traduz por «mordomo». Mais distante desse sentido é o termo hebraico *sar*, quando aparece em I Crô. 28:1, e que a nossa versão portuguesa traduz por «administrador».

O despenseiro era alguém que gerenciava uma casa ou tomava conta da propriedade ou negócio de alguém. Eliezer era o despenseiro da casa de Abraão (Gên. 15:2), o que mostra que Abraão era uma pessoa de muitas posses materiais. No Egito, José também tornou-se um administrador (Gên. 43:18; 44:1,4), uma posição importante. Os reis, naturalmente, tinham os seus administradores. Ver o caso de Davi (I Crô. 28:1), de Tirza (I Reis 16:9) e de Herodes (Luc. 8:3). O cargo envolvia confiança e responsabilidade, porquanto um homem sempre se mostra cuidadoso acerca de suas possessões; e, quando tem muito para guardar, quer que homens de plena confiança o

## DESPENSEIRO — DESQUALIFICAÇÃO

façam. Um auxiliar assim alivia muito o trabalho administrativo de um proprietário, quando faz seu trabalho bem feito, de modo apropriado.

No Novo Testamento, um *oikonômos* (palavra derivada de *oikos*, «casa», e de *nemo*, «dispensar») era um superintendente, alguém dotado de autoridade delegada para dirigir, como se vê nas parábolas dos trabalhadores da vinha e do mordomo infiel.

### Usos Metafóricos e Espirituais

1. Os ministros do evangelho são mordomos da casa de Deus (sua esfera de atividade neste mundo, ou seja, a sua Igreja), conforme se vê em Tito 1:7. Ver também I Cor. 4:1,2.

2. Os crentes, em geral, seriam mordomos de Deus, bem como de seus dons e de sua graça (I Ped. 4:10). Se isso é uma verdade e não apenas uma bela metáfora, então é óbvio a grande responsabilidade dos ministros. Esse conceito, antes de tudo, dignifica-os; e em seguida, confere-lhes uma responsabilidade que concorda com a estatura deles.

3. Paulo recebeu uma mordomia especial em sua missão entre os gentios, que o Senhor lhe deu, a fim de dar cumprimento à Palavra de Deus (Col. 1:25). A passagem de Efésios 3:2 tem um sentido similar.

4. Todos os homens receberam missões sem-par, tanto aqui quanto no estado eterno, o que envolve mordomias especiais. Ver a exposição sobre Apo. 2:17 no *NTI* e o artigo *Novo Nome e Pedra Branca*.

5. Essas mordomias espirituais têm por finalidade fazer a mensagem de Cristo operar de maneira eficaz entre os homens, cumprindo o designio redentor que Deus determinou (que vide).

## DESPERTAMENTO

Ver *Reavivamento*.

## DESPOJOS

Uma das teorias militares é aquela que diz que um exército que avança pode sobreviver do que encontrar no trajeto, não precisando de qualquer linha de suprimentos. Em algumas campanhas militares, essa idéia funcionou bem, mas às custas do sofrimento dos povos conquistados. Na Bíblia, encontramos muitos exemplos de como conquistadores, mediante matanças maiores ou menores, apossaram-se de tudo quanto quiseram, como se isso fosse o galardão do mais forte. Ver o caso de Abraão, descrito no décimo quarto capítulo de Gênesis. Despojos foram tomados e despojos foram reconquistados, de acordo com o sabor das batalhas.

Os despojos consistiam em qualquer coisa que podia ser tomada e que os homens julgassem ter valor e utilidade. Assim, homens, mulheres e crianças foram aprisionados para serem vendidos como escravos; mas também gado, bens materiais, etc., eram tomados como despojos. Entre os israelitas, os despojos de guerra foram igualmente divididos entre os que haviam participado de alguma peleja, e aqueles que tinham ficado para trás, cuidando do acampamento, das provisões, etc. Também, havia a questão da porcentagem dos despojos entregue aos sacerdotes e levitas. Ver Núm. 31:27-47 e comparar com II Sam. 8:10 ss e I Crô. 26:27 ss. O trecho de II Macabeus 8:28-30 mostra-nos que em tempos posteriores, pelo menos, os idosos, as viúvas e os órfãos participavam dos despojos. Davi exigiu que uma parte dos despojos fosse dada aos membros do exército combatente que não foram à batalha, mas ficaram para guardar o

acampamento e suas possessões (I Sam. 30:24,25). Por incrível que nos possa parecer, essa divisão dos despojos foi acompanhada de muita festividade (Isa. 9:2).

**Uso Metafórico.** O trecho de Efésios 4:8-11 está baseado na prática explicada acima. Cristo é retratado como quem venceu na batalha contra o mal, e como quem cativara as forças malignas, subjugando-as totalmente. Isso lhe possibilitou dar presentes (os despojos conquistados em sua vitória). Sua descida ao hades e sua ascensão aos céus estiveram ambas envolvidas nessa distribuição de presentes, enriquecendo assim o seu povo redimido. Pessoas espiritualmente dotadas fazem parte dos dons distribuídos entre os cristãos. Portanto, apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres são dons dados à Igreja. Alguns estudiosos pensam que os cativos envolvidos são aqueles que estavam no mundo intermediário ou hades (a boa parte do mesmo), que então foram transferidos para o céu. Essa interpretação é possível, mas é uma interpretação menos provável. Ver a completa exposição dessa passagem no *NTI*.

## DESPOSADA

No hebraico, *beulah*. Nome dado à congregação judaica, referindo-se a seu desposório simbólico com Deus, daí derivando-se a sua bênção (Isa. 62:4). Ver também Eze. 16:23 e Osé. 1-3, quanto a parábola do casamento de Deus com o seu povo. Esse simbolismo retrata o estado de felicidade de Israel, após o exílio; mas a idéia estende-se ao estado final da plena restauração de Israel, que incluirá o reino milenar, quando Israel será a cabeça das nações, e não a causa. (Ver Deu. 28:13; Jer. 27:22; Dan. 9:25; etc.). Ver o artigo sobre o *Milênio*.

## DESQUALIFICAÇÃO

**Desqualificado**, I Cor. 9:27. Muita controvérsia tem surgido sobre o significado da palavra usada por Paulo neste texto. A antiga controvérsia sobre a *segurança* do crente fica envolvida. — Este versículo tem recebido interpretações ordinárias, conforme sucede a todos os versículos que provocam controvérsias. Em primeiro lugar, o próprio vocábulo *desqualificar*, significa «desaprovar», «rejeitar», «não passar no teste», «mostrar-se indigno ou vil». Era usado para definir moedas que não passavam no teste do tipo e qualidade requerida do metal, como o «refugo de prata» (ver Jer. 6:30). Porém, o conhecimento da definição de uma palavra não nos confere necessariamente o seu sentido. Somente o contexto pode fazer isso. Assim, pois:

1. Alguns estudiosos calvinistas insistem que essa palavra significa «rejeitado *pelos homens*», porquanto pensavam eles que era um pensamento inaceitável o de vir Paulo a ser rejeitado por Deus.

2. Outros calvinistas supõem que a rejeição aqui referida é apenas *hipotética*, como se fora uma advertência íntima capaz de impedir que a rejeição tome lugar. Porém, uma advertência feita contra um perigo imaginário não passaria de um truque dos filósofos sofistas. Mas podemos estar certos de que Paulo não se prestaria para esse papel.

3. Ainda outros estudiosos supõem que Paulo falou sobre o «serviço cristão» e não sobre a salvação. Assim sendo, — ele temeria falhar em sua missão apostólica, ficando desaprovado quanto ao serviço que prestava ao Senhor, embora jamais pudesse ser desqualificado quanto a si mesmo e no tocante à sua

confiança em Cristo.

4. Ou então essa palavra significaria que ele seria rejeitado, não podendo receber algum galardão elevado e especial, depois de se ter desviado de seu propósito original. Assim falharia em atingir o alvo na direção do qual tanto se esforçava, o seu mais elevado ideal.

5. Ainda outros pensam que a salvação está em foco, porquanto o *prêmio* é aquilo que ele não receberia, se fosse «desaprovado», «desqualificado». Ele tinha entrado na corrida, mas isso não significava que ele a terminaria e receberia o «prêmio» cobiçado. Não estaria desqualificado de participar da competição, já que todos os homens têm esse direito. Mas, embora começando bem, titubearia a meio caminho, e não terminaria a corrida. Nesse caso, não receberia o «prêmio» que, no vigésimo quarto versículo, é descrito como a *vida eterna*, e, ao mesmo tempo, que é descrito como a *coroa incorruptível*, no vigésimo quinto versículo. Essa é a única interpretação que faz sentido aqui.

Sendo esse o caso, somos lançados em conflito com passagens como o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, onde a segurança eterna dos crentes parece absoluta, o que também se dá com o décimo capítulo do evangelho de João. E isso dá início a uma das mais antigas controvérsias doutrinárias no seio do cristianismo, sendo perfeitamente possível que na igreja cristã primitiva, até mesmo entre os apóstolos, alguns aceitassem a segurança eterna, ao passo que outros admitissem a possibilidade da queda. (As notas expositivas referentes ao trecho de Rom. 8:39 no NTI discutem com amplitude de detalhes esse problema inteiro, apresentando as várias facetas possíveis da questão).

A posição tomada por este artigo é que o desvio do crente é possível, embora apenas como uma questão *relativa*. Sim, é uma questão relativa quanto ao tempo e ao espaço, isto é, a este mundo, ou mesmo ao mundo intermediário, antes da inauguração do estado eterno, sem importar que esteja envolvido o após-túmulo. Assim sendo, um crente verdadeiro poderia cair e até morrer nesse estado. Não obstante, existe aquela promessa *incondicional* de Cristo, expressa no oitavo capítulo da epístola aos Romanos e no décimo capítulo do evangelho de João. Segundo tal promessa, Deus haverá de finalmente trazer de volta todas as ovelhas desviadas, de tal modo que nenhuma delas se perca eternamente. Esse retorno pode verificar-se antes ou depois da morte do corpo físico, neste mundo ou no mundo intermediário, quando a alma encontrar-se novamente com Cristo.

### DESTERRO

Temos que pensar sobre três palavras hebraicas e uma palavra grega. No hebraico temos os verbos «ser expulso», usado por cinquenta e uma vezes no Antigo Testamento (por exemplo, II Sam. 14:13, 14); o substantivo «banimento», usado apenas em Esd. 7:26, e o substantivo «causa de banimento», também usado apenas por uma vez, em Lam. 2:14. No grego temos a palavra *metoikesia*, «mudança de habitação» ou «migração», e seu cognato, *metoikizo*, «migrar». O substantivo grego aparece somente em Mat. 1:11, 12, 17; o verbo em Ato 7:4 e 43 (este último versículo sendo uma citação de Amós 5:27).

O desterro era um castigo contra crimes graves, embora não legislado na lei mosaica. Entretanto, foi adotado em combinação com o confisco de propriedades, após o cativo babilônico. Na lei romana era

uma punição comum, chamada *disportatio*, de onde vem a palavra portuguesa «deportação»; era punição reservada aos ofensores sérios, ou aos inimigos políticos perigosos. Algumas vezes incluía o confinamento no lugar para onde a pessoa era banida. O vidente João foi banido para a ilha de Patmos (ver Apo. 1:9).

No Antigo Testamento vemos casos de desterro voluntário, como quando Jacó fugiu para Harã; ou quando os réus de homicídio involuntário tinham de fugir para as cidades de refúgio (ver Núm. 35). Sara forçou Hagar a fugir (ver Gên. 16:6), embora não houvesse qualquer crime envolvido. Além disso, temos o desterro original, quando Deus expulsou Adão e Eva do jardim do Éden (ver Gên. 3:22-24). Durante o reinado de Cláudio, que era anti-semita, foram banidos de Roma todos os judeus (ver Ato 18:2). Há certas passagens veterotestamentárias que refletem a exclusão (embora não o desterro propriamente dito), para os casos em que os homens não se deixavam circuncidar (ver Gên. 17:14), ou por alguém ter ingerido sangue (ver Lev. 17:10), ou por alguém ter cometido algum pecado deliberado (ver Núm. 15:31). Ver sobre *Exclusão*.

### DESTINO

**Declaração Introdutória.** A Bíblia nunca apresenta a idéia de destino com o sentido de sina ou sorte. No entanto, muitas pessoas preocupam-se com o destino. Os antigos inventaram complexos sistemas, segundo os quais o destino, supostamente, funcionaria. Muitos têm pensado que alguma forma de determinismo (que vide) governa este mundo. Os gregos, em suas produções teatrais, bem como em sua filosofia, muito tinham a dizer sobre um destino inexorável que agrihosa os homens, para o bem ou para o mal. Os estóicos pensavam que o *Logos universal* é a absoluta força controladora, e que todas as coisas acontecem por necessidade e em ciclos. Muitas coisas correm erradas nesta vida, repleta de tragédias. A tradição teatral dos gregos registrava muitas tragédias, com freqüência retratando um destino cruel, que pairaria, ameaçador, sobre as cabeças dos homens, como uma nuvem escura e ameaçadora. Freud deve ter se divertido muito, analisando e aplicando esses motivos a seus pacientes.

O mistério da vida leva os homens a tentarem sondar o futuro, na esperança de que algo de bom esteja à espera deles ali. Em grande parte do pensamento contemporâneo, o destino aparece como paralelo do determinismo, em oposição à liberdade humana. Com grande freqüência, o destino aparece vinculado à inutilidade e falta de propósito. O materialismo dialético procura forçar o comunismo materialista pela goela abaixo dos homens, como se fosse o estado político final e necessário; porém, as predições bíblicas garantem que esse sistema político fracassará, juntamente com todos os demais sistemas políticos dos homens, uma vez que o poder de Cristo se manifestará no devido tempo. O sistema do comunismo já pôs fim à liberdade em muitos países, mas o verdadeiro Libertador, no devido tempo, haverá de corrigir essa situação.

Os conceitos bíblicos de «destino», em contraste com os conceitos comuns dos homens, são raios de esperança. Não há de que duvidar que o oitavo capítulo de Romanos mostra-nos que a redenção opera no destino dos homens; e o trecho de Efésios 1:10, 23 obviamente ensina-nos que a restauração será o resultado final dos propósitos de Deus, ainda que a restauração não venha a levar os homens à redenção

gloriosa dos remidos.

O Breve Catecismo de Westminster declara: «As obras providenciais de Deus são seus atos mais sábios e santos, preservando e governando poderosamente todas as suas criaturas, em todas as suas ações». De acordo com a Bíblia, o destino das almas pode ser brilhante ou tenebroso. Basta-nos levar em conta estes dois trechos bíblicos, que sumarizam a doutrina bíblica: «Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor» (Col. 1:13). «...o Senhor sabe livrar da provação os piedosos, e reservar, sob castigo, os injustos, para o dia de juízo...» (II Ped. 2:9).

*Esboco*

- I. Elementos Básicos
- II. A Moralidade e o Destino
- III. Destino e a Providência Divina
- IV. Participação na Divindade
- V. O Destino Ímpar de Cada Indivíduo

**I. Elementos Básicos**

João 11:4: *Jesus, porém, ao ouvir isto, disse: Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.*

Este capítulo encerra algumas implicações importantíssimas, a saber:

1. Que o *destino do crente* (ainda que não sejamos obrigados a limitar isso somente aos crentes) está tão intimamente ligado com o de Cristo, o homem representativo daqueles que Deus está conduzindo à glória, que os incidentes particulares da vida de uma pessoa têm uma relação direta para com a glória de Cristo. Alicerçados em outras passagens bíblicas, ficamos confirmados quanto à veracidade dessa doutrina, porquanto a glória de Cristo não ficaria completa sem aqueles que Deus está conduzindo à glória, na qualidade de filhos seus e irmãos de Cristo. Assim nos ensina o primeiro capítulo da epístola aos Efésios, em sua inteireza, bem como o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, o segundo capítulo da epístola aos Efésios, e diversos capítulos da epístola aos Hebreus, entre os quais fica em saliência o quarto capítulo, como exemplo mais notável.

De tudo isso observamos que o destino de Cristo está *indissoluvelmente ligado ao destino dos homens*. O sucesso de seu destino, em conformidade com o plano de Deus, é uma garantia da glória final e do bem-estar dos remidos, porque aquilo que Deus fez em Cristo e através dele, faz nos homens e através deles, e da mesma maneira. E assim como ele conferiu ao Senhor Jesus, quando de sua encarnação, a «vida necessária», que é a verdadeira imortalidade, assim também Cristo a transmite a todos quantos se chegam a ele. (Assim ensinam-nos os trechos de João 5:26 e 6:57). Podemos afirmar, por conseguinte, que não há como separarmos Lázaro de Jesus Cristo. Lázaro não podia enfermar e morrer, sem afetar a Jesus; e nenhum milagre poderia ser realizado em favor de Lázaro, que não afetasse o destino de Jesus. Por si mesma, essa vinculação é uma resposta parcial ao problema do mal, posto que nos assegura a vitória final, visto que Jesus foi declarado finalmente vitorioso, por haver vencido ao mundo e à morte; pelo que também, todos quantos compartilham de sua vida, devem compartilhar, finalmente, de sua vitória.

2. Que os acontecimentos, por isso mesmo, *não ocorrem por acaso*—até mesmo uma enfermidade séria, que causa preocupação intensa, pode servir de meio para redundar em glória para a pessoa de Cristo, e, subseqüentemente, para a pessoa envolvida. Por

semelhante modo, depreendemos disso tudo que os acontecimentos, mesmo os adversos, podem ensinar-nos profundas lições espirituais, conduzindo-nos a um desenvolvimento espiritual mais profundo, que seria inteiramente impossível à parte desses acontecimentos muitas vezes incompreensíveis para nós.

3. Também aprendemos que quando *Deus está conosco*, sem importar os testes pelos quais tenhamos de passar, há um propósito e designio divinos que governam as nossas vidas, a despeito dos ultrajes que porventura nos assaltem. Essas coisas, pois, ensinam-nos a «providência de Deus», assunto esse comentado com amplitude em João 7:6 no NTI. (Ver também 2:4; 8:20; 12:23; 13:1; 17:1; 19:28).

Estes versículos lembram-nos do trecho de João 9:3, onde algo quase idêntico é dito com respeito ao *cego de nascença*.

**II. A Moralidade e o Destino**

Efê. 3:6: *pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência;*

«Ninguém vos engane com palavras vãs;...por estas cousas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência» (Efê. 5:6).

1. Observemos que a questão moral está vinculada à ira de Deus, ao julgamento. Os viciados se encaminham, inexoravelmente, para esse destino. Falta-lhes a retidão de Deus (ver Rom. 3:21), sem a qual ninguém jamais poderá aproximar-se de Deus.

2. Por semelhante modo, a santidade está ligada ao destino celestial (ver Heb. 12:14). Cada indivíduo será julgado em consonância com suas obras (ver Rom. 2:6), segundo a lei da colheita conforme a sementeira (ver Gál. 6:7,8). Isso, necessariamente, inclui a moralidade.

3. É impossível exagerarmos a necessidade da *santificação* (ver o artigo a respeito).

*O mar da Fé*

*Esteve antes cheio, ao redor da praia da terra,  
Como as dobras de um brilhante cinto enrolado.  
Mas agora somente ouço  
Sua melancolia, seu longo rugido surdo,  
A retroceder, ante a respiração  
Do vento noturno, pelas vastas beiradas  
E pelos pedregulhos nus do mundo.*

*Ah, amor, permite-nos ser sinceros*

*Uns com os outros! pois o mundo, que parece  
Jazer diante de nós como uma terra de sonhos,  
Tão variegado, tão belo, tão novo,  
Na realidade não tem alegria, nem amor e nem luz,  
Nem certeza, nem paz e nem ajuda para a dor;  
E estamos aqui como sobre uma planície escura,  
Varrida de alarmes confusos de luta e fuga,  
Onde exércitos ignorantes se chocam à noite.*

(Matthew Arnold, «Dover Beach»)

Sem a santificação ninguém jamais verá a Deus (ver Heb. 12:14), e nenhuma idéia da *crença fácil* do evangelho moderno pode modificar isso. Afirmamos que um crente precisa possuir, na realidade, aquilo que ele professa ter, mediante o decreto divino, porque, do contrário, nem será crente autêntico. Um homem viciado não é um crente. É antes uma contradição em termos morais e espirituais. (Ver também Efê. 3:5, passagem que diz especificamente que tal homem não faz parte do «reino de Deus»).

**III. Destino e a Providência Divina**

1. Paulo (Atos 2:3) tinha um destino a cumprir. Nenhum ataque desfechado contra ele podia ser bem-sucedido enquanto tal destino não estivesse cumprido. Todos os verdadeiros crentes são assim

protegidos por Deus. (Ver Apo. 2:17 sobre como cada um de nós é sem igual e tem uma missão ímpar a cumprir).

2. Nossas respectivas missões nos são proporcionadas por Deus. Não abusemos. Se formos honestos, a proteção divina nos assegurará o sucesso. Certamente isso nos consola.

#### **Idéias e Referências Sobre a Providência**

A providência de Deus garante que cada homem será singular no seu ser e nas suas obras. Ver a nota de sumário sobre este conceito em Apo. 2:16 no NTI. Cuida das obras divinas na terra, Sal. 145:9.

Preserva os seres vivos, Sal. 1:4,27,28.

Preserva, especialmente, os santos, Mat. 10:30.

Promove a prosperidade, Gên. 24:48,56.

Protege os santos de perigos, Sal. 91:4.

Guia o povo de Deus, Deut. 8:2,15.

Guia os passos dos santos, Pro. 16:9; 20:24.

Ordena as condições e circunstâncias da vida, Sal. 75:6,7.

Determina o número de anos da vida humana, Sal. 31:15; Atos 17:26.

Vence a perversidade, Fil. 1:12.

Penetra em tudo, Sal. 139:1-5.

Preserva o curso da natureza, Gên. 8:22.

Dirige todos os acontecimentos da vida, Atos 1:26.

É sempre vigilante, Sal. 121:4.

Penetra tudo, Sal. 139:1-5.

Promove a glória de Deus, Isa. 63:14.

Pode ser misteriosa, Rom. 11:23.

Deve ser reconhecida sob todas as condições possíveis, Deut. 8:18, Pro. 3:6.

Os santos devem confiar na providência de Deus, Mat. 6:33,34.

A oração depende da providência divina, Atos 12:5.

A providência determina os meios de operação, Atos 27:22,31,32.

É perigoso negar ou negligenciar, Isa. 10:13-17; Dan. 4:29-31.

#### **IV. Participação na Divindade**

A essência da salvação é a participação na divindade pela alma redimida, II Ped. 1:4. Esta participação é finita, mas sempre crescente, e é real, não-simbólica. O Pai realmente compartilha de sua *essência* com os filhos redimidos, segundo o modelo do Filho. A natureza da família divina será compartilhada. Ver o artigo sobre *Divindade, Participação na, pelos Homens* que oferece explicações detalhadas. Esta realização é o ápice do destino humano.

#### **V. O Destino Ímpar de Cada Indivíduo: Apo. 2:17**

**Caráter ímpar de cada indivíduo, agora e para sempre:**

*Pedrinha branca*, Apo. 2:17. Já que há alguma forma de obscura referência, nestas palavras, os intérpretes não concordam com o seu sentido. Abaixo expomos as idéias principais:

1. Alguns pensam haver alusão ao diamante dentro do peitoral do sumo sacerdote, no qual estava gravado o nome intransmissível de *Yahweh*. Até hoje, os judeus piedosos não preferem esse nome, mas substituem-no por outro. Daí é que surgiu «Jeová», como corrupção do nome inefável, mediante a combinação das consoantes de «Yahweh» com as vogais de «Adonai». Muitos judeus piedosos também não pronunciavam «Elohim», mas o corrompem para algo diferente, como «Elokim», para não se tornarem culpados de usar o nome de Deus injusta, profana e desnecessariamente. O diamante evidentemente era usado como ajuda para entrar em transe, em cujo estado eram dadas revelações e profecias. Isso se faria mediante a

concentração da atenção sobre a pedra, talvez para provocar um estado de auto-hipnose ou outro estado de transe. A concentração, naturalmente, seria sobre o nome «Yahweh», por ser esse o nome gravado na pedra. Alguns intérpretes supõem que em tudo isso está envolvido o Urim e o Tumim. (Ver Êxo. 28:30 e Lev. 8:8). Supõe-se que eram «gemas», talvez diamantes.

Se o diamante de predições está em foco, então sem dúvida o nome aqui aludido seria o de Cristo, —que é nosso Senhor e Deus, mediante quem a vontade de Deus nos é revelada. Nesse caso, isso significaria que todo o «vencedor» receberá uma revelação especial de Cristo, que o transforma e o torna uma pessoa sem igual, para realização da vontade de Deus. Uma vez que Cristo se fizer conhecido dele, de maneira especial, tornar-se-á tal crente um instrumento ímpar para glória do Senhor Jesus.

2. Outros intérpretes pensam que a alusão é a alguma espécie de filactéria, uma forma de caixinha, usada pelos judeus piedosos, segura à testa, onde havia escritos de orações e votos, ou partes da lei mosaica. Nesse caso, a caixinha conteria ou um novo nome do crente, assinalando sua natureza ímpar, ou então conteria um novo nome de Cristo, em que haveria uma nova revelação dada a cada crente, tornando-o um indivíduo sem-par. (Ver Mat. 23:5 no NTI, em suas notas expositivas, sobre as «filactérias»). Essa interpretação, naturalmente, é muito duvidosa, pois as filactérias de modo algum eram pedras.

3. Outros pensam estar aqui em foco o amuleto da boa sorte (com uma aplicação cristã). Os crentes, todos eles mártires em potencial, precisam da proteção de Cristo. Portanto, ter-lhes-ia sido dado um amuleto, com seu nome de proteção gravado, assegurando-lhe a bênção e a imortalidade no mundo vindouro. Isso é possível; mas não há como confirmar sua veracidade, além de qualquer dúvida.

4. Nos tempos antigos, os juízes, ao lançarem seus votos, davam um pedregulho preto a quem era julgado, se o reputavam culpado; ou davam-lhe um pedregulho branco, se o reputavam inocente. (Ver Ovídio, *Metam.* lib. xv, vs. 41, acerca desse costume). Se essa é a referência, então ao crente é prometido um completo perdão, que lhe dará o direito de entrar nas glórias celestes. Porém, é difícil perceber por que haveria aquela pedra de ter um novo «nome» gravado, se tudo quanto está envolvido no simbolismo é a declaração de culpa ou de inocência.

5. O simbolismo pode envolver os jogos públicos, em que os vencedores recebiam uma pedra branca, com seus nomes gravados na mesma, como símbolo da glória da vitória obtida. Isso concorda com a idéia do galardão dado ao «vencedor». A pedrinha branca, pois, simbolizaria a obtenção da vitória, a vida eterna em sua glória, o *prêmio* da corrida (ver Fil. 3:10 e ss). (Quanto a certa alusão a isso, na literatura clássica, ver Píndaro, *Olymp.* vii.159). Os romanos chamavam essas pedras «tesserae». Algumas dessas pedras eram dadas a pessoas especialmente notáveis as quais, daí por diante, tinham o direito ao sustento público vitaliciamente. As «tesserae» eram de vários tipos. Por exemplo, algumas delas eram sinais de amizade ou compromissos de favor. Algumas dessas pedrinhas tinham tal valor que eram preservadas e passadas de pai para filho; em alguns casos, agiam quase como «cartões de crédito». Não eram feitas apenas de rocha, mas de muitos materiais, como madeira, osso ou marfim. Tais objetos traziam os nomes das pessoas a quem eram dadas; e, se porventura isso é o que está em foco aqui, então o



## DESTINO — DESTRUIDOR

«novo nome» não é o de Cristo, e, sim, o nome do próprio «vencedor». Nesse caso, seu caráter «ímpar» é ilustrado pelo fato de que tem um nome que fala de seu ser «glorificado» e de suas capacidades especiais de dar glória a seu Senhor.

6. *A pedra de amizade.* Dois amigos poderiam, como sinal de amizade, partir uma pedra pelo meio, e cada um ficava com a metade. Ao se encontrarem, a pedra era refeita, e a amizade continuaria. Apesar de ser essa uma idéia interessante, podendo ser usada para falar sobre a nossa «amizade» com Cristo, e sobre como o nosso encontro com ele aprofundará tal amizade, não há como confirmar que essa é a alusão, neste ponto, do mesmo modo como não temos meio de asseverar com confiança qual o exato símbolo que o vidente João tinha em mente.

*Branca.* Talvez não por ser de cor «branca», mas por «rebrilhar», como se fosse um diamante coruscante. O branco pode simbolizar a pureza, a bondade, etc., mas, tal como no caso da natureza da própria pedra, não podemos afirmar com certeza coisa alguma sobre sua cor «branca», como se isso tivesse alguma significação especial.

*Novo nome,* Apo. 2:17. Consideremos os pontos seguintes: 1. Seria o nome de Deus, o nome inefável, que seria transmitido à pessoa, conferindo-lhe bênçãos divinas eternas, a vida eterna e tudo quanto nela está envolvido. 2. Mas outros preferem imaginar o nome de Cristo, com o sentido de uma revelação especial de sua pessoa para cada vencedor, o que equivale a uma visão transformadora que tem o efeito de fazer de cada qual um ser sem paralelo, podendo ser usado de maneira ímpar como instrumento da graça de Deus, por toda a eternidade. (Ver Apo. 3:12). 3. Ou esse nome seria do «recebedor» da pedrinha, aludindo a seu novo e ímpar caráter, para uso e glória de Deus por toda a eternidade. As várias alusões possíveis da «pedrinha branca», conforme acabamos de ver, poderiam indicar qualquer dessas três idéias. Vários intérpretes têm decidido de um modo ou de outro, mas sem que se possa ter qualquer certeza. A maioria dos estudiosos prefere pensar no próprio nome de Cristo, dando a entender que Cristo se revelará a cada crente de modo especial, tornando-o sem-igual. Seja como for, a grandeza do crente individual é um princípio ensinado por todo o N.T. (Comparar com Mar. 8:35-37).

*O qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe.* «Queres saber que tipo de novo nome obterás? Torna-te vencedor! Antes disso, indagarás em vão, mas, imediatamente depois poderás lê-lo inscrito sobre a pedrinha branca». (Bengel)

*«A glória secreta da vida individual.* Quando o cristianismo é interpretado como uma experiência coletiva, é fácil esquecer a sua significação, como uma experiência individual. Quando pensamos na vitória cristã, nas relações sociais, podemos olvidar sua profunda e poderosa vitória na vida individual. A passagem clássica do N.T., acerca do indivíduo, é a promessa da «pedrinha branca, com um novo nome escrito, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe». Cada crente vitorioso haverá de entrar em um segredo eterno com Deus. Há uma cidadela central, em cada personalidade, da qual somente Deus partilha. Deus limpa completamente a vida de um homem. Por isso, a pedra que ele lhe dá é uma *pedrinha branca*. O «novo nome» representa a personalidade individual, obtida exclusivamente mediante a graça de Cristo. Ele é um novo homem; mas não é novo homem apenas como qualquer outro homem novo. Eternamente, será algo individual e

diferente, eternamente valorizado por Deus. Naturalmente, não se pode ilustrar um segredo guardado. Mas um escrito como aquele grande livro 'Devoções Particulares de Lancelot Andrewes', sugere o que aqui se entende. Andrewes foi um grande personagem tribunício; teve notável amizade com eruditos. Mas sua vida mais profunda era vivida sozinha com Deus» (Hough, em Apo. 2:17).

### DESTRUIÇÃO, CIDADE DA

Ver sobre *Heliópolis*.

### DESTRUIDOR, DESTRUIÇÃO

No hebraico, *mashchith*, «destruidor». Palavra que ocorre por oito vezes, como em Exo. 12:13; II Crô. 20:23; Pro. 28:24; Eze. 21:31; 25:15. Portanto, não são numerosas as referências bíblicas ao «Destruidor». No Novo Testamento temos a palavra específica *holothreutês*, «destruidor», em I Cor. 10:10, e o verbo *holothréuo*, «destruir», em Heb. 11:28. No Antigo Testamento, a idéia gira em torno da décima praga que caiu sobre os egípcios, quando os primogênitos dos egípcios pereceram. Não é claro o que está ali em vista, exatamente; mas os intérpretes têm sugerido algum ser angelical, um demônio ou um ser satânico, usado por Deus como instrumento, ou alguma força natural, personificada com esse título. A passagem de II Samuel 24:16 alude ao anjo do Senhor como instrumento usado por Deus para lançar uma praga sobre o povo de Israel, como castigo pelo recenseamento determinado por Davi. Nos dias do rei Ezequias, cento e oitenta e cinco mil soldados assírios foram destruídos em uma única noite, pelo anjo do Senhor (II Reis 19:35). Em Ezequiel 9:5-7 aparecem anjos que executam juízo, o que tem paralelos similares em Sal. 35:5,6 e 78:49, como também nos livros apócrifos do Antigo Testamento, como a Epístola de Jeremias 6:5-7 e II Macabeus 3:24-26. Ali somos informados de que Heliodoro foi açoitado por anjos quando tentou saquear o templo de Jerusalém. Parecia natural pintar vastas e súbitas destruições como obra de algum poder divino; mas podemos supor que eventos naturais, mas catastróficos, com freqüência era tudo quanto estava envolvido nessas narrativas; mas, outras vezes, houve intervenções sobrenaturais. Satanás, em seus atos nefandos, é o maior de todos os destruidores (I Ped. 5:8). O rei das forças destrutivas que saiu do abismo é chamado no hebraico, *Abaddon*, e, no grego, *Apollyon* (que vide) palavras essas que significam «destruidor». Alguns estudiosos supõem que o próprio Satanás está em pauta, nessa referência (Apo. 9:11).

*Destruição Escatológica.* A destruição aguarda aqueles que têm escolhido o caminho largo (Mat. 7:13), que se opõem à mensagem da cruz (Fil. 3:19; II Ped. 2:1), que se mostram ímpios (II Ped. 3:7) e que pervertem as Sagradas Escrituras (II Ped. 3:16). A *destruição* ou *perdição* é o contrário da vida e da salvação (Heb. 2:13), sendo mesmo um sinônimo de *juízo* (que vide). A resposta a longo prazo, dada por Deus, à destruição, é a restauração (que vide), mas, antes disso, o julgamento divino terá de fazer sua obra remediadora (I Ped. 4:6).

*Destruição.* O termo hebraico *abaddon* aponta para a perdição à destruição (Jô 26:6; 31:12; Sal. 88:1; Pro. 15:11), referindo-se a destruição em geral, de qualquer variedade; mas também é usado especificamente para indicar a destruição no *sheol* (que vide) o que não deve, contudo, ser confundido com extinção, pois as almas não morrem.

## DESTUTT — DETERMINISMO

*No Campo da Ética.* O poder destrutivo do pecado com frequência é ignorado ou subestimado pelos homens. A missão de Cristo teve por finalidade reverter o poder destrutivo do pecado. Grande porcentagem dos textos bíblicos ocupa-se com a descrição do que o pecado é capaz de fazer contra o homem. A mensagem da redenção fala sobre a provisão de Deus, em face do poder destruidor do pecado. A destruição final é a segunda morte (Apo. 20:15 ss). O ato final da reversão do poder destruidor do pecado é a restauração (que vide).

### DESTUTT DE TRACY, ANTOINE

Suas datas foram 1758-1836. Foi um filósofo francês, nascido em Paris. Educou-se em Strasburgo. Conseguiu sobreviver à Revolução Francesa e foi encarcerado durante o regime do Terror. Foi influenciado, em suas idéias, por Condillac e Locke, e desenvolveu o sistema chamado *ideologia*. Quando é aplicado à sua filosofia, esse termo indica uma forma de epistemologia que é criada mediante um processo de análise semântica reductiva, ou seja, a análise de idéias segundo seus elementos sensíveis, tal como na filosofia de Locke. Seus pontos de vista tornaram-se influentes tanto na École Normale quanto no Institut National, de Paris.

Em 1803, Napoleão Bonaparte suprimiu a filosofia de Destutt de Tracy, afirmando que a mesma é ameaçadora à religião. Napoleão perseguiu os filósofos que ensinavam a ideologia de De Tracy. Thomas Jefferson traduziu sua obra final, intitulada *Commentary on the Spirit of the Laws of Montesquieu*, do francês para o inglês. Além desse livro, De Tracy escreveu outros livros, como *Elementos da Ideologia; Gramática Geral; Lógica e Tratado sobre a Vontade*. (EP P)

### DESVIO

Popularmente, esse termo é usado em contraste com o verbo «apostatar». Indica um lapso, uma queda no pecado, um desvio na conduta que se torna habitual, em contraste com a apostasia, que importa no total abandono do caminho da fé. De acordo com a doutrina calvinista, um *desviado* é um crente verdadeiro, e sua alma é conservada em segurança, embora sua vida esteja sendo mal usada neste mundo. Os arminianos não podem ver um crente nessas condições, e supõem que os desviados caíram da graça, embora mais tarde possam voltar ao bom caminho. No entanto, segundo Paulo, quem caiu da graça é que nunca chegou lá, estando separado de Cristo. (Ver Gál. 5:4). Ver o artigo sobre *Segurança Eterna do Crente*, — que aborda a questão com amplos detalhes.

Nas traduções, porém, o termo assume um sentido mais geral do que aquele que lhe é emprestado pela teologia popular. Assim, a palavra hebraica envolvida, que significa «fugir» ou «rebelar-se», é usada em Jer. 2:19; 3:5,8,11 e Osé. 11:7 e 14:4, podendo significar «rebelião», indicando o pecado de idolatria, ou seja, o estado de apostasia. Nas páginas do Antigo Testamento, a idéia é usualmente associada à idolatria. Naturalmente, a maior parte dessas condições que poderíamos descrever como um *desvio*, na realidade são formas de idolatria, porquanto sempre envolvem formas de egoísmo que incluem a adoração a ídolos, como os pecados de ganância e auto-interesse, que se tornam os objetos da nossa atenção. Já no Novo Testamento, encontramos a idéia de desvio em trechos como Mar. 4:16,17; Luc. 9:62;

Gál. 3:1-5; I Tim. 5:15; II Tim. 4:10; Apo. 2:4 e 3:17. Nesses textos, entramos novamente no problema da segurança do crente.

Uma terceira posição afirma que a pessoa que considera com tamanha desconsideração a sua profissão cristã, nunca foi sincera, desde o começo, mas antes, mostra-se falsa em sua experiência cristã. Minha posição pessoal talvez seja sui generis, mas tenho o direito de expressá-la. Um crente verdadeiro, segundo penso, pode desviar-se totalmente, não apenas segundo o entendimento popular, mas caindo até mesmo em total apostasia. Por conseguinte, ele caiu da graça (segundo o ponto de vista arminiano). Mas, se ele realmente se convertera, dispõe da promessa de vitória final, garantida por Cristo. Isso significa que durante a sua vida terrena—ou, se necessário, na vida do espírito, além-túmulo—tal crente será restaurado (segundo o ponto de vista calvinista, embora com uma amplitude de visão muito maior, — acerca de quando se cumprirá essa promessa). Isso significa que a questão toda envolve um paradoxo (ver o artigo a respeito), em que ambos os lados envolvidos são verdadeiros, posto que de diferentes modos e em diferentes graus. Ver também o artigo sobre a questão da polaridade. Algumas idéias só podem ser compreendidas quando vistas de ambos os pólos que são pontos opostos aparentes. (G IB NTI Z)

### DETERMINISMO (PREDESTINAÇÃO)

#### *Esboço*

- I. Idéias Diversas
- II. Nas Escrituras
- III. Na História
- IV. A Doutrina da Eleição
- V. Predestinação Segundo a Imagem de Cristo
- VI. Garantia da Santidade
- VII. A Predestinação e o Livre-Arbitrio

#### **I. Idéias Diversas**

1. *Ciclos periódicos.* Os filósofos estoicos pensavam que tudo, de forma absoluta, é determinado de antemão. Assim sendo, todos os acontecimentos ocorreriam por necessidade, porque o «logos divino» se manifestaria em tudo através das suas emanações. Todas as coisas ocorrem em ciclos, embora esses ciclos possam ser extremamente longos. Finalmente, o «logos divino», que se comporia de fogo, resolveria dar ponto final aos seus ciclos, o que fará tudo retornar ao seu estado primeiro, isto é, ao fogo, o que poria fim a todos os ciclos. Não existiria o mal, segundo esse sistema filosófico, porque tudo seria apenas manifestações da razão divina, isto é, do «logos divino». O mal seria tão-somente a errônea interpretação humana acerca dos acontecimentos.

2. Alguns filósofos *epicureus* aceitavam a idéia dos «ciclos», mas pensavam que havia alguma possibilidade de modificação dos acontecimentos, ao passo que as coisas permanessem essencialmente as mesmas dentro da grande expansão geral do tempo.

3. *Os filósofos atomistas* (ou, pelo menos, alguns deles) acreditavam que a matéria é tudo quanto existe, e que tudo quanto acontece é apenas movimento da matéria. Outrossim, os movimentos dos átomos seriam determinados por «afinidades» entre átomos e átomos. Isso formaria um determinismo materialista, que não se alicerça sobre qualquer mente ou mentes divinas, mas, meramente, sobre as leis mecânicas da natureza. Nenhuma explicação é oferecida sobre como a natureza, sem o auxílio de qualquer mente inteligente, poderia ter-se organizado

## DETERMINISMO

como se organizou. De conformidade com esse sistema, o mal, em sentido moral, não existe, porquanto todos os acontecimentos seriam totalmente mecânicos e físicos.

4. Há também a *dialética espiritual* de Hegel. Para Hegel e outros idealistas alemães, o espírito divino se manifesta de tríplice maneira, isto é, sempre através de tese, antítese e síntese. Por exemplo, no âmbito religioso: a ênfase sobre o indivíduo procedeu do Ocidente, da religião grega. A ênfase sobre a comunidade veio do Oriente, das religiões orientais. Dessa maneira, criou-se uma tensão entre essas duas idéias religiosas opostas. A tensão criou uma síntese, e, no caso da religião, a síntese é o cristianismo, o qual encerra, em seu próprio bojo, tanto a ênfase individual como a ênfase sobre a comunidade. Tudo quanto existe faz parte das manifestações do Espírito divino. E isso nos mostra que a posição hegeliana é apenas uma modificação do panteísmo. Hegel ilustrava sua posição no campo das artes, dizendo que a forma artística mais primitiva é a arquitetura. Sua antítese seria a escultura, e os dois teriam a síntese na pintura. A pintura, por sua vez, teria sua antítese na música, e a sua síntese seria a poesia. A poesia épica seria uma nova tese, cuja antítese seria a poesia lírica. A síntese das mesmas seria a poesia dramática, que se evidencia especialmente no teatro, sendo essa a síntese das belas-artes. Outro tanto sucederia em tudo e em todas as instituições, e, dessa maneira, conforme pensava Hegel, todas as coisas foram previamente determinadas.

5. Surgiu também a *dialética materialista*. O comunismo tomou de empréstimo diversas idéias de Hegel, embora tenha rejeitado o espiritualismo hegeliano. No comunismo, tudo quanto ocorre é manifestação da matéria e dos fatores econômicos, que seriam determinados, e não dependeria de qualquer espírito divino em suas ações. A dialética materialista igualmente se manifestaria de forma tríplice. Dizem os teóricos comunistas que no princípio toda a sociedade humana era comunista. Então alguns homens fizeram outros homens seus escravos, ficando assim criada a antítese da escravidão. A tensão entre o comunismo e a escravatura teria criado a síntese do feudalismo. Do feudalismo se originou o capitalismo, e isso provocou uma nova tensão. Essa tensão resultou em uma nova síntese, o socialismo. O socialismo e o capitalismo, pois, tornaram-se os dois novos sistemas antagônicos, resultaram no comunismo, que supostamente seria a síntese de todas as tensões políticas. Esse processo, na opinião de seus expoentes, é algo previamente determinado, inevitável. Seus fatores determinantes são todos materiais e econômicos, e, portanto, temos aqui apenas outra forma do determinismo materialista.

6. *Carnéades* (que vide) (214-129 A.C.), que foi oponente do estoicismo e seu fatalismo, introduziu o conceito de *autodeterminação*. Com isso, ele ensinava que as chamadas ações sem causa são causadas pelo próprio indivíduo. Isso sugere o item abaixo, que apresenta o homem como um ser criativo.

7. *O homem, um ser criativo*. Em vez de ser uma vítima de forças fatalistas, há evidências em prol da noção de que o homem é um ser criativo, que pode amoldar sua vida de conformidade com isso. Muito tem sido dito em favor da posição fatalista. Mas podemos pensar melhor sobre o homem como um *autodeterminador*, o que deve fazer parte de qualquer discussão sobre o *determinismo*. O homem é dotado de poderes criativos, e pode fazer coisas admiráveis,

apesar de forças externas que procuram tolhê-lo. Lembremo-nos da doutrina de Orígenes de que o homem (como alma), pertence à mesma ordem de seres que os anjos, e, portanto, é um poder elevado. A diferença entre os homens e os anjos é que os primeiros caíram, sendo rebaixados em seu nível. A despeito da queda, porém, o homem continua dotado de tremendo potencial, e os seus poderes estão apenas começando a ser investigados, em nossos próprios dias.

A *parapsicologia* (vide) tem-nos mostrado que devemos estar alertas para o vasto potencial das forças psíquicas do homem, porquanto isso é uma manifestação de sua natureza como uma *psique* (ou alma). A teologia tem-nos alertado para o fato de que o homem, em seu livre-arbítrio, tem o seu destino em suas próprias mãos. Ver o artigo sobre o *Livre-Arbítrio*. O poder do homem foi-lhe dado e delegado como parte de sua natureza essencial, por parte de Deus. A Bíblia apela para o homem como se ele realmente agisse com base nos mandamentos dados, como se dirigisse seus poderes inerentes na direção do bem. Paulo, em Filipenses 2:12,13, diz-nos que devemos «desenvolver» (isto é, levar à plena fruição) a nossa salvação. Naturalmente, isso é feito em cooperação com a missão de Cristo. Isso está vinculado à atuação da vontade divina em nós (vs. 13). O fator divino e o fator humano existem, operam e estão inter-relacionados, embora não saibamos explicar de que modo Deus se utiliza da vontade humana, sem destruir a sua liberdade.

8. *Spinoza* (que vide) pensava que a causa de todas as coisas era o seu conceito panteísta de Deus. Para ele, a *liberdade* consistia meramente no estado de ignorância a respeito da causa das coisas. O indivíduo sente-se livre quando pensa que nenhuma causa está em operação; mas isso seria apenas uma ilusão.

9. *Hume* (que vide) opinava que a causalidade consiste meramente na *sucessão de eventos previstos*, no tocante a qualquer questão. Porém, ele não pensava que o princípio da verdadeira causalidade poderia ser demonstrado. Seria apenas um termo que atrelamos às sucessões de eventos.

10. *Priestly* (que vide) supunha que somente o conceito de determinismo é coerente com a idéia da maior felicidade antecipada para todos. Porém, ele estava pensando sobre o determinismo *benevolente*, um grande pensamento, que, segundo penso, tem uma base firme na teologia, por meio da doutrina da *restauração* (que vide).

11. Alguns estudiosos *universalistas* acolhem o princípio do determinismo absoluto (a predestinação) de braços abertos, supondo que isso é necessário à salvação final de todos os seres humanos. Esses juntam o determinismo à missão salvífica de Cristo, de tal modo que o sucesso universal desta última ficaria garantido—ninguém ficaria, finalmente, perdido. O homem, por si mesmo, não é capaz de salvar-se a si mesmo, pelo que isso seria assegurado pela intervenção divina.

12. *Laplace* (que vide) supunha que se existisse uma inteligência com o poder de conhecer a posição, a direção e a velocidade de todas as partículas do universo, tal inteligência poderia prever, com uma fórmula simples, o futuro total de todas as coisas, ao mesmo tempo que poderia descrever toda a história passada. Isso representa o determinismo atomista. Alguns cientistas têm confiado que, algum dia, a ciência será capaz de atingir tão grande compreensão das coisas. Einstein não pensava que Deus está lançando dados. A *mecânica quantum* (que vide)

## DETERMINISMO

parece contradizer a idéia envolvida na teoria de Laplace; porém, nem todos os dados já foram recolhidos, podendo haver algum tipo de poder determinante por detrás de acontecimentos aparentemente fortuitos, na emissão de partículas atômicas.

13. Freud (que vide) acreditava na presença de fatores determinantes inconscientes que governariam os atos humanos. Isso nos confere um determinismo psicológico. Os fatores psicológicos determinam os atos humanos, mesmo quando muitas motivações estão ocultas da mente consciente. Apesar de haver nisso uma verdade óbvia, levar essa idéia longe demais destrói o conceito dos poderes criativos do homem, o que também é um princípio em favor do qual há abundantes provas.

14. Ducasse (que vide) pensava que o princípio contrário ao determinismo, a saber, o *indeterminismo*, é autocontraditório. Para ele, a *liberdade* alude à capacidade do homem de fazer, *algumas vezes*, aquilo que deseja, deixando de lado forças determinadoras. Ver o artigo separado sobre a *Liberdade*.

15. *Determinismo radical e suavizado*. O determinismo radical pode ser ilustrado pelo calvinismo radical, onde Deus aparece como a *única* verdadeira causa, e não apenas a primeira causa. Ou então, na ciência, pode ser ilustrado pela teoria de Laplace e Hobbes, a qual expõe um determinismo materialista, atômico. O determinismo suavizado é representado por Carnéades (ponto seis, acima), e por Ducasse (ponto catorze, acima). Pode-se dizer que o arminianismo também defende um determinismo suavizado, pois se, por um lado, Deus é quem faz as coisas acontecerem, ele não anula o livre-arbítrio humano, e nem condena ativamente os homens ao julgamento final.

### II. Nas Escrituras

É interessante que tanto o Antigo como o Novo Testamentos, ocasionalmente, apresentam uma *forma teísta* de determinismo ou predestinação, em que o Ser de Deus, a mente divina, determina os acontecimentos previamente. Tais acontecimentos podem ser físicos, celestiais, cosmológicos, humanos, em suma, todas as coisas, tudo quanto existe na criação de Deus, é determinado por vontade de Deus. Temos aqui o determinismo teísta. Afeta o estado do ser de todas as coisas, e é de natureza teleológica, isto é, tem alvos e propósitos definidos a serem atingidos. No que diz respeito aos homens, opera em todas as coisas, incluindo a salvação das almas. Por conseguinte, a «eleição» (que envolve a salvação de alguns dentre os homens) e a «reprovação» (que importa na condenação de outros homens), seriam tão-somente subcategorias do determinismo geral, ou predestinação. Há certo esforço dos estudiosos evangélicos por evitarem a idéia de «sorte», pois, supostamente, essa seria cega, ao passo que a predestinação é guiada pela inteligência divina.

As Escrituras contêm vários versículos e passagens que ensinam um determinismo divino que guia os acontecimentos físicos, bem como os acontecimentos celestiais ou cosmológicos, além dos acontecimentos humanos. Abaixo apresentamos uma seleção das passagens onde essas idéias podem ser encontradas: Gên. 50:20; Êxo. 4:21; 7:3; 9:16; 10:1; 14:4,17; Jó 26:14; Deut. 7:6-8; Isa. 46:10; 14:1-5; Jer. 1:5; 10:23; 18:1-6; 31:3; Sal. 139:13-17; Prov. 16:1,4; 20:24; Dan. 4:35; 5:23; Amós 3:2; Mar. 4:11,12; Luc. 1:15; 10:21; João 6:37,44,65; 12:39,40; Atos 4:27,28; 13:48; 18:10; Rom. 8:29; 9:6 e s; Fil. 1:29; I Cor. 2:7; Efé. 1; 2:3,10; II Tes. 2:13; II Tim. 1:9; 2:25; I Ped. 2:8,9; Heb. 2:13; Apo. 3:5; 13:8 e 17:8. A leitura dessas

passagens bíblicas mostra-nos que todos os aspectos das funções da natureza, nos lugares celestiais e entre os homens, são declarados influenciados, ou mesmo determinados pela vontade divina.

O vocábulo «predestinação», na igreja evangélica ortodoxa, se tornou sinônimo virtual da posição calvinista, porque foi Calvino quem, tão lógica e vigorosamente, firmou tais idéias em sua teologia sistemática. Essa doutrina sustenta que desde toda a eternidade passada, todas as coisas foram ordenadas de antemão, de tal modo que elas terão de ocorrer necessariamente dentro do tempo, incluindo a salvação final ou a reprovação final dos homens. Vários indivíduos e grupos da igreja local têm dado sua lealdade a essa doutrina. Ela se encontra, por exemplo, na Confissão de Westminster, o principal e mais histórico dos credos presbiterianos. Diz um trecho dessa confissão: «Deus, desde toda a eternidade, por seu sábio e santo conselho, por sua livre vontade, gratuita e imutavelmente ordenou tudo quanto deve acontecer; no entanto, com isso, Deus não é o autor do pecado e nem faz ele violência à vontade das criaturas, nem a liberdade ou contingência de segundas causas é retirada, mas antes, é estabelecida».

Naturalmente, isso não explica como é que Deus não é o autor do pecado, e nem como causas secundárias ou «contingentes» podem gozar de qualquer verdadeira liberdade, se de fato tudo foi determinado por Deus, desde a eternidade. A igreja anglicana tem produzido muitos advogados do calvinismo, e exibe um credo regularmente calvinista, em seus Trinta e Nove Artigos de Fé. Muitas igrejas e muitos ministros batistas e congregacionais expressam pontos de vista calvinistas, ainda que, ordinariamente, não possuam credos formais escritos.

### III. Na História

Durante os três primeiros séculos da história da igreja cristã, os chamados pais da igreja deixaram sem desenvolvimento essa doutrina, embora, aqui e acolá, houvessem sido feitas declarações a respeito, por Agostinho, do século IV D.C., o qual declarava que a graça divina é a base exclusiva da salvação, o que serviu para revivificar a doutrina da predestinação, que é seu paralelo lógico. Na Idade Média, elementos como Anselmo, Pedro Lombardo, Erigena e Tomás de Aquino seguiram essencialmente o ponto de vista agostiniano, com algumas modificações. Essa doutrina foi apresentada com nova ênfase e vigor quando da Reforma protestante, tendo sido advogada por Calvino, Lutero, Zwínglio, Melancton e João Knox, além de seus descendentes espirituais.

Nos tempos anteriores à Reforma protestante, porém, Wycliffe e João Huss já esposavam pontos de vista favoráveis à predestinação. Lutero, o principal dos reformadores, em suas obras, «A Escravidão da Vontade» e «Comentário sobre a Epístola aos Romanos», mostrou que ele ensinava a doutrina da predestinação com não menor empenho do que Calvino. Nos séculos que se seguiram, os puritanos da Inglaterra, bem como aqueles que se estabeleceram na América do Norte, além dos Compactados da Escócia e os huguenotes da França, eram calvinistas declarados. Nos tempos modernos, nomes como Whittfield, Hodge, Darby, Cunningham, Smith, Shedd, Strong, Kuiper e Warfield, entre outros, têm defendido esse sistema.

Dentro da doutrina da predestinação, os planos de Deus são expostos como algo eterno e inevitável, santos e incondicionais, independentes de toda a criação finita, incluindo o homem, com todos os seus

esforços e sua vontade. Os decretos de Deus, por conseguinte, são eternos, imutáveis, sábios e soberanos.

Esse determinismo, entretanto, de alguma maneira deve alcançar os atos pecaminosos dos homens, apesar de fazê-lo de forma misteriosa, que não podemos compreender, pelo menos na forma de permissão divina aos mesmos, porquanto existem propósitos divinos maiores do que a mera preservação das criaturas humanas livres do pecado, como seja, a determinação de levar os remedos à perfeição da imagem de Jesus Cristo, o que não poderia ocorrer se o homem não tivesse sido criado como um ser moral livre, que possa, por conseguinte, produzir a santidade de Cristo, da mesma maneira que o Senhor Jesus obteve, em sua vida terrena, isto é, mediante escolhas sábias e santas. Assim sendo, até mesmo o pior de todos os crimes da história humana, isto é, a crucificação do Senhor Jesus, é declarado como algo que tem lugar dentro do plano total de Deus, como *parte* necessária do mesmo. (Ver Atos 2:23 e 4:28).

#### IV. A Doutrina da Eleição

A doutrina da eleição divina (que vide) é uma subcategoria da doutrina da «predestinação», que opera no âmbito da salvação humana. O homem é pintado como uma criatura totalmente depravada (ver o terceiro capítulo da epístola aos Romanos), e, portanto, somente a graça divina é que pode salvá-lo. A salvação do homem, pois, se alicerça sobre a vontade e a graça divinas, e não sobre os esforços humanos. Nem mesmo se alicerça sobre a fé, que é uma condição humana necessária à salvação. Antes, alicerça-se *exclusivamente* sobre uma operação de Deus. (Ver Efê. 2:8-10). As boas obras são uma decorrência necessária, mas essas boas obras são resultantes e frutos da eleição, e jamais a sua causa. (Ver João 15:16 e Efê. 2:10).

*Posições teológicas do infralapsarianismo e do supralapsarianismo.* O infralapsarianismo acredita que os indivíduos que foram vistos por Deus como «eleitos», foram contemplados por Deus como membros de uma raça decaída. Em outras palavras, o decreto da eleição se seguiria logicamente, se não mesmo cronologicamente, à queda do homem no pecado. De acordo com essa posição, pois, a ordem dos decretos divinos seria a seguinte: 1. criação; 2. permissão da queda; 3. eleição de alguns dos indivíduos caídos; 4. olvido ou reprovação deliberada dos demais homens caídos; 5. provisão de um Redentor; 6. regeneração através do Espírito Santo. Em contraste com isso, a posição do *supralapsarianismo* ensina uma ordem diferente para os decretos, a saber: 1. reprovação e condenação para outros; 2. criação; 3. permissão da queda e da destruição que isso inevitavelmente provoca; 4. missão redimidora de Cristo; 5. missão regeneradora do Espírito Santo. Portanto, de conformidade com a posição do *supralapsarianismo*, a eleição precedeu à queda, sendo esta quase incidental.

#### V. Predestinação Segundo a Imagem de Cristo

«...também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho...» Rom. 8:29.

Trata-se de um decreto determinador, — que também provoca a *chamada* do crente dentro do tempo. Os importantes particulares, abaixo determinados, devem ser notados acerca dessa determinação divina:

1. O nono capítulo da epístola aos Romanos, referindo-se a indivíduos específicos, demonstra que a predestinação envolve *indivíduos*, e não somente

nações, contrariamente ao pensamento de alguns, que afirmam que Israel, como nação, deveria ter alguns privilégios. Por outro lado, é verdade que Deus é quem fixa os limites ou fronteiras das nações, tendo um propósito nisso; como também é Deus quem fixa os destinos dos indivíduos.

2. Ainda que o ensino da predestinação envolvesse somente a idéia de privilégios, isto é, que certas nações receberiam a revelação de Deus de maneira especial, isso seria praticamente equivalente à predestinação individual, porquanto determinaria os lugares de onde os eleitos procederiam, bem como o conhecimento perfeito de cada um daqueles que recebessem privilégios especiais, o que, para todos os efeitos práticos, seria equivalente à *eleição individual*. Isso expressa uma verdade, a menos que queiramos defender o conceito de que os homens podem ser salvos inteiramente à parte da pregação do evangelho. Privilégios especiais, portanto, quer envolvessem indivíduos ou nações, é que «determinariam» quem, em última análise, haveria de conhecer a Cristo, a menos que os homens possam conhecer a Jesus Cristo inteiramente à parte do evangelho, conforme o mesmo é anunciado à face da terra. Alguns bons intérpretes, naturalmente, postulam que pode haver salvação para além do sepulcro, mediante o Verbo eterno, ainda que, mesmo para esses, a salvação *dependa* inteiramente da *missão* que o Verbo de Deus cumpriu encarnado, como Jesus de Nazaré. (Quanto a notas expositivas acerca desse conceito, ver Atos 10:25 no NTI). Podemos estar plenamente certos, entretanto, de que Rom. 8:29 está falando de muito mais do que simplesmente de algum *privilégio especial*. (Ver I Ped. 4:6).

3. A predestinação se baseia no «conhecimento anterior» de Deus, no sentido que o seu «amor eterno» e «preocupação e interesse» pelos crentes é que está em foco (o que é a predestinação, conforme essa idéia é empregada aqui, não estando em foco a mera «previsão»). Aqueles «sobre quem fixou seu coração de antemão», portanto, são aqueles que se tornaram os alvos de seu decreto determinador.

4. Esse decreto determinador não é um *mero* pronunciamento judicial, mas é sem dúvida acompanhado por um poder orientador e criador, através do Espírito Santo, que garante o cumprimento do propósito preordenador de Deus.

5. O grande alvo da predestinação é a *chamada* dos crentes dentro do tempo, e o resultado de ambas as coisas é a transformação do crente segundo a imagem de Cristo, tanto moralmente (no que respeita à participação do crente na própria santidade de Deus, tal como Cristo dela participa) como metafisicamente (no que concerne à natureza essencial de Cristo).

6. Não existe predestinação para a *reprovação*, portanto. Em outras palavras, apesar de que Deus predestina para a vida, para a transformação segundo a imagem de Cristo e para a santidade, isso não quer dizer que, por outro lado, ele predestine alguns para a condenação, conforme alguns teólogos calvinistas mais radicais têm imaginado. Podemos notar que até mesmo no nono capítulo da epístola aos Romanos, o trecho bíblico mais forte sobre a predestinação, podemos ler, no décimo quinto versículo: «Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão», o que mostra que a determinação divina sempre — visa o lado *positivo*, servindo como agente de misericórdia, em vez de visar o lado *negativo*, como agente de condenação e juízo. Assim, pois, o Senhor Deus *tolerou* os vasos de ira, mas *preparou* os vasos de

## DETERMINISMO

misericórdia.

**Não obstante**, alguns eruditos têm argumentado, com base no trecho de Rom. 9:18, que o «endurecimento» também é um ato ativo de Deus. Em outras palavras, não se trata apenas de uma questão de «deixar passar» ou de «reter» a misericórdia, e, sim, é a questão de um endurecimento ativo, que naturalmente resulta em uma vida pecaminosa e rebelde. A maioria dos intérpretes, entretanto, pensa que esse «endurecimento» significa simplesmente que Deus deixa de usar de misericórdia para com alguns, retendo a sua graça, permitindo que a perversidade dos mesmos siga o seu curso natural. Mas isso não se coaduna com o conceito da santidade de Deus. Porquanto, se Deus endurece ativamente a certos indivíduos, então deve ser visto como o *autor* do pecado. Portanto, se algum versículo ou versículos parecem demonstrar aparentemente que Deus é quem endurece ativamente os pecadores, teremos de dizer que a verdade exata não é essa, pois, de outro modo, Deus seria mau, ou, pelo menos, seria uma mistura de bondade e maldade, sendo ele o verdadeiro originador do pecado.

7. Defender o princípio do determinismo filosófico, científica ou teologicamente, *não é* a mesma coisa que *negar* a existência do livre-arbítrio humano, embora, para alguns pensadores, isso pareça logicamente a mesma coisa. Mas as Escrituras Sagradas, em outros trechos, *defendem* a vontade humana livre, e a própria experiência humana o demonstra. Isso também expressa uma verdade, embora pareça contradizer a verdade da escolha divina; mas a contradição reside tão-somente na fragilidade do intelecto humano presente, e não na própria exposição bíblica. Não obstante, por enquanto, não contamos com qualquer solução para reconciliar esses dois princípios opostos, ainda que, sem a menor dúvida, sejam aspectos diversos de uma única verdade. Deus se utiliza da vontade humana a fim de realizar os seus propósitos, mas não faz isso eliminando-a, embora não saibamos dizer como isso pode ser.

8. A predestinação *não serve de empecilho* para a salvação de quem quer que seja, ainda que, para muitos, pareça ser um obstáculo intransponível. «Todos os homens», de uma maneira ou de outra, são atraídos a Cristo, desde que ele foi «levantado». (Ver as notas expositivas que versam sobre esse conceito, e como o mesmo é expressão de uma verdade bíblica, em João 12:32 no NTI). Isso não significa que todos os homens sejam automaticamente eleitos, mas significa: a. todos os homens poderiam sê-lo; b. a graça divina é universalmente propiciada por meio de Cristo, tanto potencial como realmente. Isso, em outras palavras, significa que todos os homens poderiam crer, se assim o quisessem fazer; e Cristo Jesus, em sua missão total, preexistente, encarnada e pós-encarnada, estabeleceu uma diferença universal quanto ao estado de todas as coisas, para melhor. (Ver I Ped. 3:18-20 e 4:6).

9. Não existe qualquer solução ou reconciliação fácil para o dilema entre o livre-arbítrio humano e a predestinação divina. Precisamos aceitar ambas as idéias, e esperar por mais luz, para sabermos reconciliá-las. Muitas pessoas têm imensa dificuldade por se expressarem com base em dois ou mais jogos de conceitos, e que, por isso mesmo, limitam a verdade a canais estreitos. Mas as mentes que podem expressar-se com base em mais de um jogo de conceitos, embora aparentemente contraditórios, pelo menos descansarão, crendo tanto na predestinação divina como no

livre-arbítrio humano ao mesmo tempo, apesar de não encontrar meio para reconciliar suas expressões a respeito. (Quanto a uma discussão mais completa sobre a doutrina da «predestinação», ver sobre *Livre-Arbitrio; Eleição e Predestinação*).

«Quando argumentamos dedutivamente, com base na onisciência e na onipotência de Deus, o livre-arbítrio humano parece ser obliterado. Por outro lado, quando argumentamos dedutivamente, com base no livre-arbítrio humano, a presciência divina e o poder divino de determinar as ações parecem excluídos. Não obstante, ambas essas verdades precisam receber nossa atenção, uma sem detrimento da outra. Não sabemos estritamente no que consiste a onipotência e a onisciência de Deus (segundo um uso mais exato da linguagem talvez deveríamos dizer 'poder e conhecimento perfeitos', poder e conhecimento pertencente a algo que não somos capazes de conceber, possuídos por um Ser perfeito) e nem no que consiste o próprio livre-arbítrio humano. Mas é *necessário* postularmos essas *duas verdades*, se quisermos apresentar a síntese da vida humana de qualquer maneira; pois, sem isso, não pode haver distinção, sob hipótese alguma, entre o que é bom e o que é mau. Porém, na realidade, não sabemos mais do que o fato de que se trata de uma faculdade hipotética, existente no homem, em virtude da qual ele é um agente responsável». (Sanday, em Rom. 8:29)

### VI. Garantia da Santidade

Encontramos aqui a **garantia da santidade**. Precisamos lembrar que o elevadíssimo discurso do oitavo capítulo da epístola aos Romanos veio a lume por causa da consideração sobre como aqueles que são salvos pela graça, mediante a fé, e não através da economia da lei, serão vitoriosos sobre o pecado. O vigésimo nono versículo desse capítulo, e as conseqüências do que ali é dito, conseqüências essas expostas no restante desse oitavo capítulo, nos dão a mais elevada das respostas. Aqueles assim redimidos devem, *necessariamente*, ser santos; e, finalmente, serão perfeitamente santos, porquanto foram predestinados para serem conformados à imagem do Santo Filho de Deus; e isso significa que, gradualmente, estão se tornando participantes de sua própria santidade. É nisso que consiste o andar diário do verdadeiro crente, até que, finalmente, venham a compartilhar dessa natureza divina de maneira perfeita. Ora, a lei mosaica nunca prometeu tal coisa, e nem mesmo poderia tê-la produzido, ainda que a tivesse prometido. Portanto, a passagem de Rom. 8:29 é outra resposta à pergunta feita em Rom. 6:1: «Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?» Pelo contrário, a graça divina abundante, auxiliada pelos propósitos predestinadores de Deus, será o próprio agente ativo da santidade, e não um elemento prejudicial e entravador da santidade. Tudo isso, entretanto, pressupõe ter havido um contacto místico com o Espírito Santo transformador, que forma a imagem de Cristo no íntimo dos crentes. Devemos observar, pois, a progressão, desde o sexto capítulo da epístola aos Romanos, da resposta à pergunta feita no primeiro versículo *daquele* capítulo.

### VII. A Predestinação e o Livre-Arbitrio

1. Como é que Deus poderia predestinar homens à cegueira espiritual? Não seria ele a fonte do mal, se assim tivesse feito? O trecho de João 12:40 parece lançar sobre Deus toda a culpa pela cegueira de Israel. Ele assim o planejara!

2. O trecho de Rom. 9:15,16 diz outro tanto com

## DETERMINISMO — DEUS

explicações levemente diversas. No NTI são oferecidas notas que explicam o que se sabe sobre esse misterioso tema.

3. Outros trechos bíblicos ensinam, com clareza igual, o livre-arbítrio do homem. Sem este, seria impossível edificar um sistema ético ou fazer exigências de natureza ética aos homens. É mister que tenham a capacidade de escolher. Ver o artigo sobre o «livre-arbítrio humano» e o que este envolve.

4. Não há como reconciliar entre si esses conceitos, pelo que temos um *paradoxo*, um ensino que parece desdizer-se a si próprio.

5. É verdade que Deus previu quem creria, mas, nas Escrituras, a «presciência» envolve «indivíduos», e não «a fé exercida» pelas pessoas. (Ver no NTI notas completas em I Ped. 1:2 sobre como a «fé prevista» não soluciona o mistério da interação entre a predestinação e o livre-arbítrio).

6. Outra explicação: O homem endureceu a si mesmo, o homem cegou a si próprio, pelo que Deus «confirmou» isso com uma cegueira judicial. Isso é verdade, mas nem todos os versículos do N.T. sobre a predestinação cabem dentro dessa explanação simplista.

7. Deus usa o livre-arbítrio humano sem destruí-lo, embora não saibamos como.

8. Abramos espaço para a especulação. Dai-me lugar para especular! Parece-me que a predestinação, pura e simples, pode exprimir uma verdade, contanto que levemos a sério a proposição que, por detrás da «redenção», há uma *restauração* dos não-eleitos. Quanto a isso, a eleição, e mesmo a reprovação ativa, não seria imoral. Não levando isso em conta, temos de estar preparados a supor que Deus é causa direta ou causa indireta do mal. Por certo, isso é uma blasfêmia, sem importar quem a ensine! Não afirmo que essa especulação soluciona o mistério com que ora nos defrontamos, mas lança uma luz preciosa sobre o destino final dos homens. Ver o artigo sobre *Restauração*.

O estudo aqui exposto não penetra na questão da *reconciliação* entre esses dois aspectos da verdade bíblica; na realidade, isso é quase *impossível*, em face de nosso atual estado de conhecimento. Mas talvez seja motivo de consolo, para alguns, o fato de que esse problema de reconciliação é igualmente espinhoso na filosofia, e até mesmo nas ciências naturais, porquanto até nessas disciplinas de ordem natural alguns crêem que o mundo tenha sido determinado (como resultado das ações previamente determinadas dos átomos ou forças cósmicas), ao passo que outros acreditam que a ação dos átomos ou das forças cósmicas dependa da probabilidade fortuita, e não de qualquer determinação prévia.

### DEUS

Vários artigos separados são apresentados, nesta enciclopédia, com provas da existência de Deus. Ver os seguintes: *Argumento Ontológico* (dois artigos); *Argumento Cosmológico*; *Argumento Teleológico*; *Argumento Moral*; *Cinco Argumentos em Prol da Existência de Deus*, de Tomás de Aquino, e um *Comentário sobre os Cinco Argumentos de Aquino*, por F.C. Copleston. Esse artigo segue aquele redigido por Tomás de Aquino; e também o *Clássico Argumento do Relógio*, de William Paley, apresentado em conexão com o artigo a respeito dele. Uma espécie de sumário dos argumentos tradicionais, vistos pela mente contemporânea, aparece no artigo intitulado *Reafirmação Contemporânea de Argumen-*

*tos Tradicionais em Prol da Existência de Deus*, por A.E. Taylor. Ver o artigo sobre os *Atributos de Deus*.

### Esboço:

- I. Mistério Tremendo
- II. Mistério Fascinador
- III. Conceitos de Deus
- IV. O Conceito Bíblico de Deus
- V. Provas da Existência de Deus
- VI. Nomes Bíblicos Dados a Deus
- VII. O Conhecimento de Deus

### I. Mistério Tremendo

Meus amigos, só há uma maneira de começarmos a falar sobre Deus. Coisa alguma tem sido dita de tão significativa, acerca de Deus, do que confessar que ele é o *mysterium tremendum*. O homem, em seu atual estado de inteligência, não tem podido dizer muito sobre Deus, senão em sentido antropomórfico. Não podemos saber quão aproximada é a nossa terminologia da realidade de Deus; e no presente, não há como evitar o uso dessa linguagem. — Portanto, não deveríamos, por tolo orgulho, pensar que temos dito qualquer coisa grandiosa sobre Deus. Se, por enquanto, nem podemos descrever a matéria, porque o átomo continua sendo uma entidade misteriosa, apesar dos avanços da ciência, quanto mais é correto afirmarmos a mesma coisa sobre o *espírito* que é muito mais misterioso. Nosso conhecimento a respeito é muito mais fraco! Obtemos bem melhor sucesso quando falamos sobre as obras e a providência de Deus, especialmente quando elas são vistas à luz da missão de Cristo. Porém, quando se trata de tentativa de descrever a *natureza* e os atributos de Deus, falhamos para todos os efeitos práticos. Em separado, há um longo artigo, nesta enciclopédia, sobre os *Atributos de Deus*. A leitura desse artigo (compilado com base em compêndios de teologia) demonstrará ao leitor que temos de apelar pesadamente para as expressões antropomórficas. Essa é a única maneira que temos para descrever Deus. Partimos com algum atributo humano, engrandecemos-lo a dimensões infinitas, então atribuímo-lo a Deus. Porém, até que ponto isso se aproxima da realidade divina, não podemos afirmar com qualquer grau de certeza. Para exemplificar isso, tomemos o termo «infinito», que empregamos tão largamente. Esse vocábulo não tem qualquer sentido para nós, se for examinado de forma crítica, visto que não temos qualquer experiência com a infinidade. Todas as nossas experiências são finitas. Portanto, o termo *infinito* é usado por nós para indicar algo muito grande, muito extenso, que nos inspira profunda admiração. Tão-somente tateamos em busca de respostas, sem conseguir, entretanto, afirmá-las. Se tentarmos usar a palavra «infinito» em sentido verdadeiro, então ele passará a ser um *termo negativo*, porquanto não podemos atingir o sentido tencionado. Se usarmos a palavra «infinito» para indicar algo grande ou vasto (mas não infinito) então estaremos usando uma mensagem positiva, mas que não expressa, realmente, a idéia de infinidade. Em outras palavras, com o vocábulo infinito queremos dar a entender algo vasto, imenso, extremamente extenso. Entretanto, não temos verdadeira experiência com o infinito, pelo que não podemos expressar mais do que «muito grande». Isso nos mostra o dilema do emprego da linguagem humana, quando procuramos formular conceitos que envolvem o mistério tremendo que é Deus.

Os místicos sentem mui profundamente a futilidade da linguagem humana. Eles não crêem que possamos jamais compreender Deus através de conceitos e



raciocínios. Portanto, eles buscam a *experiência imediata* com Deus, a qual, uma vez obtida, é *inefável*, isto é, não pode ser expressa por meio de palavras. A alma humana vem a conhecer a Deus na comunhão com ele, mas tal compreensão não é verbalmente comunicável. O conhecimento intuitivo é como as águas-vivas de uma fonte que jorra incessantemente para cima. O conceito é como as águas que retornaram ao solo, — ficando estagnadas. Os homens gostam de vincular conceitos às coisas, cristalizando suas idéias e tirando-lhes a vitalidade. Os homens gostam de sistematizar as coisas, então eles dizem: «Nisto consiste a revelação, e não há maior revelação do que isto». Os homens gostam de reduzir seus sistemas a livros, e então homenageiam esses livros. Os homens têm livros sagrados e levantam muralhas em torno deles, presumivelmente confinando a verdade dentro dessas muralhas e excluindo todas as demais idéias.

Quando abordamos o conhecimento teológico, o estudo sobre *Deus*, então esses métodos humanos são obviamente absurdos, menos para os edificadores de sistemas fechados. Os céticos desesperam-se da busca e contentam-se com sua ignorância auto-imposta. O verdadeiro inquiridor da verdade nunca se sente satisfeito com o que já foi dito, com aquilo que aparece nos livros, com aquilo que as denominações cristãs afirmam. O verdadeiro inquiridor da verdade nunca se satisfaz com as suas próprias experiências, ainda que algumas delas sejam elevadamente místicas e emocionalmente cativantes. Ele sabe que a jornada até o Ser Infinito é de tal ordem que um ser finito jamais poderá chegar ao fim, embora não deva desistir da caminhada para a frente.

*Abordando a Realidade.* Quando um inquiridor da verdade aproxima-se da Realidade Última, chega a compartilhar da própria natureza dessa Realidade (ver II Pedro 1:4; II Coríntios 3:18). Mas isso envolve um processo eterno. Conhecer a Deus, no sentido mais prene da palavra, é ir adquirindo a sua natureza e os seus atributos; e é justamente isso que chamamos de salvação (que vide), o que jamais poderá ser equiparado ao simples perdão dos pecados e à mudança de endereço para o céu, no futuro. O conhecimento de Deus, portanto, é algo *existencial*, experimental, algo que ocorre mediante a transformação do próprio ser e da maneira de existir, compartilhando de um Ser muito maior. Sem dúvida, os conceitos aprimoram-se quando adquirimos maior experiência com o Ser divino; mas, pelo menos por enquanto, os nossos conceitos são apenas maneiras débeis e infantis de falar sobre Deus. O conhecimento jamais pode ser reduzido a meros conceitos. É mister que também seja existencial, experimental. Porém, a teologia sistemática pensa que sua redução conceitual de Deus é digna de confiança. Poucas coisas são tão obviamente falsas quanto isso.

Até onde posso determinar, foi Rudolfo Otto (que vide) quem primeiro utilizou a expressão *mysterium tremendum*, em alusão a Deus. Ele pensava que, quando nos avizinhamos de Deus, penetramos em um mistério insondável, que ultrapassa à nossa análise racional. O conhecimento de Deus precisa ser algo intuitivo, místico e existencial. Nossa análise racional fracassa, embora não seja totalmente inútil.

## II. Mistério Fascinador

Os judeus demonstravam um profundo respeito pelos nomes de Deus. Entre eles, a palavra *Yahweh* jamais era pronunciada. Esse nome era distorcido de algum modo, a fim de que a pessoa que proferisse o nome divino nunca fosse culpada de exagerada

familiaridade com Deus. Lemos que o nome de Deus nunca era escrito por algum escriba enquanto este não tivesse lavado, primeiramente, as suas mãos. Quão grande contraste isso forma com a moderna atitude evangélica, que brinca com o nome divino de forma tão frívola. Com frequência ouve-se dizer: «O Senhor disse-me para fazer isto; o Senhor disse-me aquilo; o Senhor lembrou-me que...» Conheci uma dama que chegou a dizer que o Senhor era o culpado pela feliz circunstância de que as toalhas que ela comprara eram compatíveis com a cor do banheiro da nova casa que seu marido acabara de adquirir. Estaria Deus interessado em toalhas para serem usadas no banheiro? Um pregador evangélico cujo carro fora muito danificado, disse: «Senhor, não sei por que queria que o teu carro fosse danificado assim!» Meus amigos, estaria Deus interessado em desastres automobilísticos? Há pessoas que tratam Deus como se ele fosse algum bichinho de estimação da casa, fazendo seu nome participar das conversas, diante dos menores ensejos. Pessoalmente, procuro evitar o uso do nome de Deus, substituindo-o por alguma palavra vaga, como *autoridades* (no plural, porquanto Deus controla muitas agências e poderes). Na Universidade de Chicago, nas aulas de hebraico que tomei, havia alguns judeus. Eles evitavam pronunciar o nome divino. A mudança usual era de Elohím para *Elokim*, uma palavra inventada, para substituir a respeitável palavra *Elohím*, que é um dos nomes de Deus, no A.T. Temos algo a aprender dos judeus, quanto a isso.

A expressão *mistério fascinador* também foi cunhada por Rudolfo Otto, aludindo ao profundo fascínio ou encanto experimentado pelo adorador, quando ele se aproxima de Deus. Quando a adoração é verdadeira, esse será um dos resultados. Meus amigos, fico perplexo diante do ruído e da confusão dos cultos em muitas igrejas evangélicas. Onde está o mistério fascinador? Poderemos sentir o encanto da presença de Deus, com tantos gritos por toda parte? Paulo pensava que não (ver I Cor. 14:33). Deus é o autor da paz, e não da confusão. É na tranquilidade da paz do coração que podemos sentir o encanto da presença do Senhor. Conheci um jovem, de Salt Lake City, Utah, E.U.A., que dizia que não conseguia obter a correta atitude religiosa senão em meio a muitas exclamações e brados de Aleluia! Indago se o mistério fascinador pode mesmo ser sentido sob tais circunstâncias? Porém, igualmente amedecedor do espírito é aquela expressão religiosa dominada por meros conceitos, onde o elemento místico se faz ausente. Alguns evangélicos opõem-se decididamente a qualquer expressão mística na fé religiosa, pondo todos os seus ovos na cesta do conceito, comunicados mediante o ensino verbal. Isso é contrário ao espírito da oração de Paulo, em Efésios 1:17 ss. É mister que se faça presente entre nós o Espírito comunicador. Deve haver a *iluminação* na fé religiosa, pois, do contrário, paralizaremos as pessoas com meros conceitos, que não demorarão a tornar-se secos e estêreos.

## III. Conceitos de Deus

Que podemos dizer sobre Deus por meio de conceitos? Oferecemos a análise abaixo, que inclui muita coisa que filósofos e teólogos dizem sobre a *Idéia Divina*. Ao apresentar este estudo, lembramos nossos leitores do que foi dito nas duas primeiras seções, advertindo, desde o começo, que os nossos conceitos ficam muito aquém de uma verdadeira descrição de Deus, sem importar a utilidade que esses conceitos possam ter.

**Els as Principais Idéias sobre Deus**

As principais idéias sobre a pessoa e a natureza de Deus podem ser classificadas sob os seguintes títulos:

**1. Politeísmo.** Trata-se de uma espécie de «teísmo», embora afirme que existem muitos deuses que mantêm interesse pelas vidas humanas, mantendo com os homens alguma espécie de contacto. O politeísmo, em sua fase original, consistia na personificação de importantes elementos da natureza, como o sol, a lua, a fertilidade, o amor, o poder, a violência ou a misericórdia.

a. *No Egito*, encontramos os deuses Atne Re-Khepri, o Sol; Amon-Re, o rei dos deuses; Ptah, Sekhmet e Nefer Tem, que formavam uma espécie de trindade e que seriam pai, mãe e filho, — que compunham uma família divina. Havia também muitas outras personificações divinas menores, como Apis ou Serápis, o boi divinizado. Foi a essa divindade que o povo de Israel chegou a sacrificar seus filhinhos, em um momento de apostasia bárbara. Muitas outras nações compartilhavam desses deuses pagãos.

b. *Na Grécia* temos o deus Cronos (tempo, eternidade), o qual, em tempos primitivos, foi o principal dos deuses, segundo diz a própria mitologia grega. Finalmente, porém, seu filho, de nome Zeus, obteve a supremacia. Havia muitos outros deuses do Olimpo.

c. *Em Roma* a situação se torna um tanto caótica. Houve uma mescla de suas divindades com outras de outros povos, e muitos desses deuses estrangeiros passaram a ser conhecidos por outros nomes ali. Assim é que os romanos identificavam o Zeus dos gregos com o seu próprio Júpiter. Hera, a esposa de Zeus, segundo os gregos, passou a ser chamada Juno, pelos romanos. Júpiter era reputado pai dos deuses e dos homens. Juno era a rainha dos céus, e também era a deusa do matrimônio. Hermes passou a ser chamado Mercúrio, pelos romanos, e era o deus da fertilidade, do gado e da música, da qual era o patrono. Segundo a mitologia romana, Mercúrio era o mensageiro dos deuses, bem como o advogado dos demais deuses. Atena, que os romanos chamavam de Minerva, era a virgem deusa do conselho, da guerra e das belas-artes femininas. Apolo era o deus da poesia, da música e da profecia. Conforme dizia a mitologia romana, Apolo era a luz dos céus. *Afrodite*, que os romanos chamavam de Vênus, era a deusa do amor, da beleza feminina e da fertilidade, tanto da terra como dos homens. Esculápio, que em Roma se chamava Asclépio, era o deus da medicina, da cura. Esse deus era adorado sob o símbolo de uma serpente.

Segundo se pode observar claramente por essas brevíssimas descrições, os homens criaram deuses de acordo com as suas próprias noções. A única diferença é que as experiências e os conceitos imaginários desses deuses seriam mais absolutos, porquanto lhes eram atribuídos tanto seres como qualidades mais exaltadas que entre os homens. Quase todos os pagãos e politeístas atribuíam, aos seus deuses, as suas próprias fraquezas e pecados; mas, ao fazê-lo, tornavam esses deuses mestres do mal, extremamente poderosos para a maldade. Disso é que se derivou o conceito errôneo de que «poder é razão», e que a moralidade equivale a alguém poder fazer algo sem que ninguém tenha poder suficiente de tolher tal ação. Por esse mesmo motivo é que Zeus supostamente governava aos deuses, mas não por sua bondade, e nem por amor à bondade, e, sim, por causa dos raios que ele despedia ao redor e que podiam fazer parar a qualquer deus ou homem que porventura quisesse pôr algum obstáculo aos seus desejos.

Infelizmente, até mesmo na cristandade, continua em existência um conceito de Deus que não difere muito da idéia dos pagãos. Esse conceito, na filosofia, é chamado *voluntarismo*, isto é, a vontade é que domina, e não a razão. Isso significa que a bondade pode ser qualquer coisa que Deus porventura deseje; e pôr em dúvida a justiça deste ou daquele ato divino é reputado como pôr em dúvida a própria autoridade de Deus. No entanto, a fé ensina-nos que aquele que governa os céus não fará jamais um ato errado; e a razão confirma que Deus jamais quebrará as suas próprias regras. É posto que ele tem revelado para nós no que consiste a moralidade, podemos supor que aquilo que o Senhor nos tem revelado, nas Santas Escrituras, concorda com a natureza moral de seu próprio ser.

**2. Enoteísmo.** Essa palavra se deriva de uma palavra grega, *hen*, que é um adjetivo numeral, «um». Trata-se da crença em um deus que age em nosso favor, mas que não nega que talvez existam outros deuses, cuja ação e autoridade são exercidas em outras esferas. Assim sendo, haveria um deus que exerce controle sobre os homens, interessando-se por alguma pessoa, alguma cultura ou alguma nação. Por essa razão alguns intérpretes acreditam que esse conceito de divindade, na cultura dos hebreus, precedeu ao puro monoteísmo. Em outras palavras, supõem que os israelitas originalmente criam que Yahweh era deus *deles*, — e não o Deus criador de todos. Os israelitas também pensariam que Yahweh era o maior de todos os deuses, mas que isso não eliminava a possibilidade da existência de outros deuses, que de Yahweh receberiam a sua autoridade. Isso seria apenas a combinação de idéias monoteístas e politeístas. Praticamente seria monoteísmo, mas teoricamente seria politeísmo. Também seria uma forma de teísmo, porquanto ensina que o deus supremo ou mesmo vários deuses mantêm contacto com os homens, estando interessados por eles, guiando-os, punindo-os por suas más ações e galardando-os por suas boas ações.

**3. Monoteísmo.** O judaísmo, o islamismo e o cristianismo são os três grandes expoentes dessa idéia da divindade. Segundo essa posição, existe apenas um único Deus, em sentido absoluto, não querendo isso dizer que ele é o nosso deus e que existem outros deuses de outros povos. Antes, somente um ser é o possuidor da divindade autêntica. É interessante observarmos que esse ensino foi antecipado ou mesmo parcialmente duplicado dentro da filosofia platônica, em seu conceito de bondade universal, como também no conceito do «intelecto puro», de Aristóteles. Essa doutrina é ensinada francamente na idéia de «Yahweh», segundo o judaísmo posterior, segundo a qual Deus é o Deus de todos, e não meramente da nação israelita. Na realidade, ele é o Deus de todos os universos, de tudo quanto existe, sem importar se pertence à categoria terrena ou celestial, humana ou angelical, material ou espiritual.

Ordinariamente as seguintes idéias são vinculadas ao monoteísmo:

a. Deus é um ser *infinito ou absoluto*. Daí a origem da introdução do vocábulo «omnis», em «onipotente», «onipresente» e «onisciente». Isso nos leva à suposição de que Deus é, em grau infinito, aquilo que experimentamos apenas em pequena medida.

Naturalmente os conceitos sobre a *infinitude* na realidade são negativos, porquanto não possuímos qualquer experiência sobre qualquer coisa infinita. Assim que alguém começa a tentar descrever o «infinito», por motivo de suas próprias descrições já começou a reduzir o infinito à mera finitude. Não

obstante, temos fé suficiente para crer que apesar de nada realmente sabermos sobre a infinitude, e apesar de não possuírmos linguagem capaz de descrevê-la, podemos atribuir a qualidade da infinitude a Deus, supondo que aquilo que possuímos, de forma finita, ele possui em grau infinito. Discussões semelhantes ao raciocínio que aqui expomos mostram-nos quão pouco realmente conhecemos sobre Deus, visto que nossas descrições e nossa mentalidade não se prestam muito para descrever a natureza infinita de Deus.

b. Além disso declaramos que esse Deus possui tanto a *vida necessária* como a *vida independente*. Em outras palavras, Deus possui aquela forma de imortalidade verdadeira, que não pode deixar de existir. Esse é um dos pontos doutrinários mais exaltados do evangelho de João, onde há comentários nos trechos de João 5:26 e 6:57 no NTI. Todos os demais seres possuem uma vida que não é necessária, isto é, aquela variedade de vida que pode deixar de existir. No entanto, o ensino do evangelho de João é que Deus outorgou essa vida necessária a Jesus Cristo, como homem — e através dele, a todos os seres humanos que nele vierem a crer; e assim o homem pode tornar-se possuidor da imortalidade verdadeira, o mesmo tipo de vida que Deus tem e que caracteriza agora a vida do Senhor Jesus. Mas a vida de Deus é igualmente «independente», isto é, uma vida que existe por si mesma, sem depender de outra qualquer, para sua origem e continuação. Ora, os remidos, por intermédio de Cristo, por semelhante modo tornar-se-ão possuidores dessa «vida independente», que também caracteriza a verdadeira imortalidade.

**Tomás de Aquino** criou um argumento em prol da existência de Deus com base na idéia da vida necessária e independente, supondo que a menos que ela existisse em algum lugar, seria impossível para qualquer outra coisa existir. A alternativa do pensamento de que alguma *vida necessária* foi a origem de toda a vida dependente, é o regresso infinito de uma causa para outra, «ad infinitum». Ou seja, uma coisa teria sido a causa de outra, mas ela, por sua vez, também teria causa, e esta causa teria sido causada por outra coisa, etc., até que nos cansamos de repetir a mesma coisa. Tomás de Aquino, pois, pensou ser muito mais lógico supormos que esse regresso infinito se interrompe quando chega à «vida necessária», que não precisa de ter tido uma causa, mas antes, representa a verdadeira imortalidade.

c. *Ordinariamente*, o conceito do monoteísmo inclui a idéia de que Deus é o criador de todas as coisas, que somente ele existiu desde a eternidade, e que todo o resto da existência, sem importar se pertence à natureza física ou à natureza espiritual, se deriva dele. O conceito da criação, conforme aparece como idéia filosófica, não requer a introdução de um início absoluto; ou, em outras palavras, pode ser encarado no mesmo sentido em que dizemos que um objeto físico «cria» uma sombra quando exposto à luz. Nesse caso, a sombra realmente co-existe com o objeto, mas este último é a «causa» da sombra, ou seja, o «criador» da sombra. Por semelhante modo, no conceito da emanção (conforme ensinado pelo pantéismo estoíco), embora a criação seja vista como parte integrante do criador, e, por isso mesmo, co-eterna com ele, contudo, ainda assim poderíamos falar em criação, pois Deus teria criado tudo emanando a si mesmo.

Não obstante, tanto o judaísmo como o cristianismo ensinam que os mundos físicos, juntamente com tudo quanto existe, tiveram início em um ponto do tempo, deixando somente Deus como eterno. Isso tem criado, para alguns, o pseudoproblema que indaga: «E o que

Deus estava fazendo quando somente ele existia?» Orígenes, para resolver esse problema, supôs que a criação seria um ato eterno de Deus, de tal forma que nunca teria havido um tempo em que Deus esteve *inativo*. Mas outros estudiosos da Bíblia ensinam que o tempo pertence somente à criação, e que, por isso mesmo, antes da criação, não havia tempo. Ainda outros intérpretes, em busca da solução para esse problema, têm sugerido que a criação é eterna apenas como um conceito de Deus, isto é, existente na mente de Deus desde a eternidade. Todavia, a idéia ordinária, aceita pela maioria dos teólogos cristãos, é que Deus criou todas as coisas em um ponto inicial do tempo, mediante a sua própria *energia*, como que «do nada»; embora a criação, através da própria energia divina, com a qual Deus teria formado a matéria, baseado em princípios espirituais, não é realmente uma criação *do nada*. Quanto a outras notas expositivas sobre a «criação», ver Heb. 11:3 e João 1:1-3 no NTI. Ver também o artigo sobre *Criação*.

d. Como parte usual da teologia monoteísta avulta o conceito de que Deus é um ser pessoal, e não alguma força cósmica impessoal. Deus é um ser inteligente; e podemos saber algo a seu respeito mediante o exame do ser humano, — que foi criado à sua imagem. Mais perfeitamente ainda, podemos saber sobre Deus através do Senhor Jesus Cristo, que refletiu a sua glória. Deus é Espírito, no que faz contraste com a matéria, ainda que não saibamos no que consiste um «espírito», exceto que não pode ser compreendido em termos das coisas materiais. Além disso, Deus possui natureza emocional. Deus tem vontade e razão, de uma maneira infinita, ainda que, até certo ponto, o homem seja um reflexo dessas verdades, possuindo tais propriedades mais ou menos da mesma maneira que Deus as possui, posto que em grau muito menor. Por conseguinte, somos levados à conclusão de que Deus não é alguma força cósmica, remota, impessoal, sem qualquer consciência da existência do homem. Pelo contrário, é um ser vivo que tem todo o conhecimento dos homens, que os guia, que os castiga ou galardoa, segundo as suas ações, e que determina os eventos e o destino de cada ser humano. Ora, essa é a posição do «teísmo».

e. *Ao Deus único*, o Deus apresentado pelo monoteísmo, também atribuímos a qualidade da moralidade. Deus é bom, amoroso e santo, sendo o grande despenseiro da justiça. O seu amor, entretanto, não é da qualidade do «eros» ou amor erótico, sensual, e, sim, é «agape», um amor sem causa, sem começo e puro em seu princípio, consistindo em um interesse genuíno e eterno pelo bem-estar de todas as suas criaturas. Esse amor, outrossim, é independente, ou seja, não é criado ou mantido por qualquer coisa existente no objeto amado; pelo contrário, devido à sua suprema natureza amorosa, Deus é quem dá corpo ao princípio da bondade e da justiça, não precisando indagar, de quem quer que seja, o que seria bom e o que não o seria. Assim, pois, Deus é o padrão final de todos os valores morais.

**Kant**, um filósofo alemão, costumava utilizar-se dessa idéia da moralidade de Deus como prova de sua existência. É óbvio que neste mundo não prevalece a justiça, embora nossos sentimentos íntimos digam-nos que a justiça terá de prevalecer final e completamente. Porém, somente uma personalidade como Deus poderia fazer com que essa vitória final do bem venha a ser uma realidade. A isso devemos acrescentar que somente uma pessoa como Deus pode ser o Juiz de todos, recompensando e punindo, de conformidade com um princípio correto. Há igualmente um pensamento que não devemos esquecer: a

imortalidade precisa ser um fato, pois somente depois desta vida é que a maior parte das vidas pode prestar contas a Deus como convém. A fim de dar a esse Juiz o tempo de tomar essa prestação de contas, o homem precisa sobreviver à morte física, para que possa apresentar-se ao julgamento, recebendo sua recompensa ou sua punição, de conformidade com o que cada um tiver feito nesta vida terrena. Além disso, deve haver lugares de recompensa e de punição.

**f. Trinitarismo ou triteísmo?** O cristianismo se desenvolveu a doutrina da trindade, a fim de preservar tanto a unidade como a complexidade existentes dentro da personalidade do ser a quem chamamos de Deus. Essa doutrina não ensina que existem três pessoas distintas e separadas, que seriam todas as três outros tantos deuses: Pai, Filho e Espírito Santo, e não um único Deus, em três pessoas ou manifestações. O mormonismo é a principal expressão religiosa da cristandade que ensina o triteísmo, o que, naturalmente, não passa de uma forma de politeísmo. É interessante observarmos que segundo a teologia vulgar da igreja cristã, não se faz a distinção entre o triteísmo e o trinitarismo. Isso envolve não somente os leigos, os simples membros das igrejas evangélicas, mas também até os seus próprios ministros. Assim sendo, o pastor evangélico comum, ao ser solicitado a apresentar uma definição de Deus, dará uma resposta triteísta, e não trinitarista. Mas isso se deve ao fato de que rara é a pessoa que reconhece o que é o trinitarismo.

**4. O telmo.** — O telmo reivindicava possuir conhecimento; em outras palavras, declara que há evidências conclusivas em favor da existência de Deus, suficientemente positivas para permitir-nos uma declaração em prol de sua existência. Essas evidências nos chegam através da observação meramente empírica da grandiosidade e do desígnio aparentes neste mundo, através da intuição, através da razão e, sobretudo, através das experiências místicas. Outrossim, nossa experiência, física e espiritual, confirma para nós que Deus jamais abandonou ao seu universo, mas antes, continua bem próximo de nós, mantendo assim constante contacto com os homens, no que visa o benefício e o proveito eternos deles.

O trecho de Atos 17:24-31 apresenta elevadas expressões teístas. Deus, pois, é a fonte originária de toda a vida física e espiritual, e é o poder sustentador de ambos esses tipos de vida. Deus é a fonte de toda a forma de consciência. Ele é a origem de todas as idéias morais, como também de todos os valores humanos. Deus é imanente em sua natureza, e não absolutamente transcendental. Ele é quem preserva todo o valor e a dignidade humanos. Finalmente, Deus é o Salvador e o Redentor do homem, aquele que se oferece para elevar o homem à vida divina, por intermédio de Cristo. Além disso, Deus é o Juiz de todas as suas criaturas inteligentes, morais, que as recompensa ou pune, de conformidade com a retidão ou a maldade de suas ações. Deus é o alvo de toda a existência. É a própria razão para continuarmos vivendo.

**5. O deísmo.** Esse ponto de vista faz contraste direto com a posição anterior, a do «telmo». O deísmo consiste na noção de que Deus é totalmente transcendental, porquanto, apesar de ser o criador e a fonte da vida, divorciou-se de seu universo, abandonando-o completamente e não mais exercendo interesse por ele. Deus teria criado, segundo essa posição filosófica, os mundos, como se fossem máquinas dotadas de movimento perpétuo, as quais após o impulso inicial da criação, não mais

necessitariam da orientação e da energia da mente divina. Deus seria a primeira causa de todas as coisas, mas não seria objeto apropriado de nossa adoração, porquanto nem mesmo daria atenção a seus adoradores.

Na realidade, o deísmo equivale ao ateísmo prático, porquanto Deus nada significaria para o homem. Segundo esse sistema, a moralidade fica inteiramente ao encargo do homem. Ele é que tem de descobrir quais leis concordam com aquilo que Deus determinou no princípio; e então, se conseguirem acertar, tudo irá bem com os seres humanos. Mas isso não porque Deus recompensará ou punirá aos homens, e, sim, porque praticar o bem é melhor do que praticar o mal e, em certo sentido, praticar o bem é sua própria recompensa. O *deísmo* guia-se pela crença de que a lei estabelecida, com seus resultados naturais para o bem ou para o prejuízo dos homens, dependendo tão-somente de como obedecerem ou desobedecerem a essas leis, é suficiente para os homens. Isso significa que Deus jamais haverá de retornar à sua criação, fazendo intervenção em qualquer sentido, de forma pessoal, a fim de recompensar ou de castigar aos homens. Por conseguinte, o homem seria responsável apenas diante de si mesmo, embora de conformidade com uma lei natural originalmente estabelecida por Deus. Epicuro é considerado o criador dessa idéia; e ele a criou a fim de desenvolver uma ética humanista, aliviando os pagãos de seus temores supersticiosos dos seus «deuses».

**6. O pantelismo.** De conformidade com esse sistema, a natureza inteira é reputada como parte integrante de Deus. Em outras palavras, todas as coisas têm a mesma essência de Deus, não havendo qualquer distinção, entre Deus e a criação, no que diz respeito à essência ou substância. O mundo seria o corpo de Deus, e Deus seria a alma do mundo. Tudo quanto existe é Deus, e Deus é tudo quanto existe. Dentre as escolas filosóficas, podemos dizer que o estoicismo, o neoplatonismo, o «um» de Parmênides e diversas formas do idealismo germânico representam variações do pantelismo. Segundo o pantelismo, não existe qualquer Deus pessoal, não existe qualquer inteligência superior, distinta da criação, em qualquer sentido absoluto, como se Deus fosse possuidor de uma natureza diferente do resto. Tudo que existe pode ser comparado ao sol. O sol envia os seus raios, a sua energia. A sua energia faz parte do próprio sol. Assim também Deus é visto como o grande *Sol* que emana a si mesmo. Assim, tudo que existe é produto de sua emanção, participando de sua natureza, ainda que sob formas modificadas, tal como os raios do sol fazem realmente parte desse astro luminoso.

**7. O realismo agnóstico.** Essa filosofia assevera que a verdadeira natureza de qualquer Deus ou deuses, mente divina, realidade última, ou qualquer outro termo que queiramos usar, é desconhecida e impossível de ser conhecida. Poderíamos dizer alguma coisa acerca dessa suposta *realidade última*; porém, o mais que podemos fazer, nesse caso, é usar uma linguagem simbólica. Outrossim, seria um erro supormos que aquilo que dizemos representa fielmente o que na realidade representa esse suposto «Deus». Poderíamos fazer alusão a uma «primeira causa» ou à «fonte da existência»; mas tudo isso não passa de meras tentativas de formularmos idéias sobre uma divindade acerca da qual nada realmente sabemos com certeza. Herbert Spencer foi um grande advogado dessa idéia, no que diz respeito a Deus. Esse ponto de vista não nega a existência de Deus; mas tão-somente deixa na dúvida a questão inteira.

## DEUS

**8. O humanismo** é aquela posição filosófica que pensa que Deus não é alguma força cósmica e final, algum poder supremo, alguma existência absoluta, algum ser supremo e transcendental, pessoal ou impessoal, teísta ou deísta, que seria um só ou diversos, e nem teria forças como uma energia, a gravidade, etc. Pelo contrário, Deus seria «le grande être», ou «grande ser». Esse grande ser seria a própria humanidade, o que há de melhor no homem, as suas esperanças e realizações mais excelentes, os seus valores mais altos, a sua suprema bondade. Essa idéia é criação de Comte (1759-1857, — o genitor do positivismo lógico) e também foi esposada por John Dewey, um dos principais representantes do pragmatismo, por Max Otto, Roy Wood Sellars, Corliss Lamont e outros filósofos pragmáticos e humanistas.

**9. O idealismo impessoal.** Deus seria o valor ideal. Trata-se de um conceito similar ao da posição filosófica precedente, podendo ser classificado como uma subcategoria do «humanismo». Todavia, neste caso, a ênfase recai sobre os valores. Os valores possuiriam uma existência objetiva, «sui generis». Os valores, ou princípios ideais, que seriam válidos e universais, é que seriam Deus, de acordo com esse ponto de vista.

**10. A sobrenaturalidade deísta.** Deus seria o revelador sobrenatural dos valores. Deus aparece usualmente como transcendental (o que mostra as tendências para o «deísta» dessa posição filosófica). Contudo, algumas vezes ele penetraria no universal a fim de alterar o rumo das coisas, efetuando um milagre, revelando algo importante, mantendo algum contacto com o homem. (E isso mostra que essa posição também combina com o «teísmo»). Ao mesmo tempo, entretanto, Deus é totalmente distinto do universal; é transcendental. Isso significa que às vezes Deus é teísta, e às vezes é deísta. As raízes dessa idéia podem ser encontradas em várias declarações de Lutero, de Calvino e de outros teólogos cristãos. Mais recentemente, tal idéia foi expressa no existencialismo de Soren Kierkegaard, como também em determinadas seções das obras de Karl Barth (em sua neo-ortodoxia) É interessante que algumas declarações das Escrituras pareçam ter um certo colorido que as assemelham às afirmações da sobrenaturalidade deísta.

**11. O naturalismo religioso.** De acordo com essa idéia, a tendência observável nos homens e no mundo, que busca alcançar a perfeição e que produz valores, é que é Deus (tal como na oitava e na nona posições, mais acima). Mas com isso estaria combinada a teoria da evolução. O alvo da evolução seria a perfeição. Esse alvo é Deus. No dizer de Nelson Wieman: «Deus é o desenvolvimento da significação e do valor no mundo». Deus seria o valor teleológico.

**12. O panenteísmo.** Essa posição filosófica deriva sua designação de vocábulos gregos que significam, mais ou menos, «Deus conforme aparece em tudo». Conforme dizem os seguidores dessa idéia, Deus penetra e enche todas as coisas, porquanto se mantém imanente em tudo; porém, ao mesmo tempo, não deve ser identificado com esses objetos, conforme diz o panteísmo. Deus estaria em tudo, mas não é tudo. Possui a sua própria natureza ou essência distinta. Assim ensinavam Alfred North Whitehead e Alberto Schweitzer.

**13. O ateísmo.** O ateísmo também afirma possuir certo conhecimento, acreditando contar com evidências suficientes, de natureza negativa, que afirmam que não há Deus. Nem Deus e nem deuses existem. Conforme dizem os seus seguidores, no nosso mundo

existem provas, que podemos observar na maldade existente no universo, que negam a existência de um bondoso Deus, juntamente com a confusão e o sofrimento que imperam por toda a parte. E posto que o mal e o sofrimento obviamente existem, os ateus acreditam que isso significa que Deus não existe. De conformidade com o conceito cristão, as idéias aqui enumeradas como sexta, oitava, nona e décima primeira, são todas formas de ateísmo, as quais, embora retenham a palavra «Deus», em seu vocabulário, na realidade não querem dizer coisa alguma com isso, a não ser dar uma satisfação às Escrituras Sagradas ou à teologia cristã, no que esse termo realmente significa.

O ateísmo está vinculado às seguintes declarações básicas, que o definem:

a. Não existe qualquer Deus, segundo qualquer definição.

b. Não existe Deus, segundo os termos de qualquer filosofia ou religião, sem importar a forma tomada pelas declarações que fazem as filosofias ou religiões.

c. Não existe Deus, sobretudo conforme a proclamação do judaísmo e do cristianismo.

Usualmente o ateísmo aceita como pontos de vista válidos somente aquelas coisas sujeitas à percepção dos sentidos, ficando assim negados o misticismo, a intuição e a razão pura como meios de que dispõem os homens para saberem das coisas. Ora, não haveria percepção de Deus através dos sentidos, mas bem pelo contrário. Outrossim, a percepção dos nossos sentidos pode conferir-nos uma razoável descrição da maldade e da corrupção que imperam no mundo; e, por isso mesmo, essas coisas negam a existência de um Deus bom e inteligente. No entanto, alguns ateus têm caído no absurdo de declararem: «Se eu fosse Deus, teria criado um universo melhor». Não obstante, isso nos permite entrever que os ateus acreditam ordinariamente que este universo imperfeito, especialmente do ponto de vista moral, serve de prova que, no universo, agem forças cósmicas e impessoais, em vez de um Deus pessoal e moral. Todavia, não dignificam os ateus a essas forças naturais e impessoais, chamando-as de «Deus».

Em comparação com a posição assumida pelos ateus, o teísmo também assevera possuir determinado conhecimento, afirmando que existem evidências suficientes que confirmam a existência de Deus. Essas evidências são de ordem positiva. E isso leva os que assim pensam a afirmarem que Deus realmente existe. Pois a própria percepção dos sentidos, que nos permite observar os vários fenômenos maravilhosos da natureza, nos confere testemunhos variegados da existência de Deus.

**14. O agnosticismo.** Essa é a posição filosófica teológica que afirma: Talvez Deus exista; talvez não exista. E a posição de quem não afirma ser possível ter tal conhecimento com certeza. Existiriam provas tanto positivas como negativas da existência de Deus, mas nenhuma delas seria suficientemente conclusiva para capacitar os homens a tomarem uma decisão firme sobre a questão. O agnosticismo admite a possibilidade da existência de certo conhecimento sobre a questão, mas que esse conhecimento está sujeito a modificações, com a passagem do tempo, de acordo com elementos positivos ou negativos que forem surgindo.

Alguns agnósticos se inclinam para o teísmo, e outros para o deísmo. Em outras palavras, alguns deles pensam que as evidências em favor da existência de Deus, apesar de não serem conclusivas, são sugestivas dessa existência. Mas outros agnósticos, a

despeito de admitirem que não sabemos se Deus realmente existe ou não, afirmam que a existência disponível é principalmente negativa, o que os leva a suspeitarem que Deus realmente não existe. Por conseguinte, essa segunda forma de agnosticismo tende para o ateísmo.

O agnosticismo, estranhamente, também afirma possuir certo conhecimento, porquanto aceita a idéia de que talvez existam evidências inconclusivas a respeito do caso. No entanto, mantém a posição que diz: «Não sabemos». Assim sendo, o nome «agnóstico» se deriva dos termos gregos «a gnosis», palavras que significam «não-conhecimento». Alguns agnósticos têm a fé que é impossível, tanto agora como talvez para sempre, sabermos se realmente Deus existe, crendo que essas questões, e outras similares, não são possíveis de serem respondidas pela mente humana. Ainda outros desses agnósticos acreditam que a evidência de que dispomos não está necessariamente estagnada, e que futuras modificações poderão propiciar base para a crença favorável ou contrária à idéia da existência de Deus.

**15. O ceticismo.** O ceticismo é uma espécie de agnosticismo radical. Aquilo a que chamamos de conhecimento, segundo esse ponto de vista, não é realmente tal, mas, quando muito, apenas indicações parciais do que a natureza de qualquer coisa poderia ser. Os céticos radicais pensam que tanto agora como para sempre será impossível obter qualquer conhecimento real acerca da natureza verdadeira do que quer que seja. Ora, isso se aplica não somente a Deus, mas a todas as coisas também, incluindo a natureza da matéria. Assim sendo, os homens podem falar sobre os átomos, sobre as partículas dos átomos, como os electrões, os nêutrons e os três elementos do electrão, chamados «quarks»; porém, tudo quanto os homens dizem, quando muito, não passaria de uma descrição parcial do que é a matéria, porquanto não sabemos no que consiste a matéria, embora possamos fazer descrições tentativas a respeito.

Os céticos ordinariamente limitam os meios humanos de obter conhecimentos à percepção dos sentidos, e por isso mesmo negam qualquer valor à intuição, à razão e ao misticismo, como meios de obtenção de conhecimentos. Porém, conforme é bem conhecido o fato, a percepção dos sentidos não é muito acurada, e podemos estar certos de que a maior parte dos fenômenos que ocorrem no mundo não está sujeita à percepção dos nossos sentidos. Alguns indivíduos podem ver áreas de luz que outros não podem. Alguns podem ouvir sons que geralmente não podem ser ouvidos. É lógico, por conseguinte, que qualquer coisa que os homens conhecem através de seus cinco sentidos, só pode ser uma descrição parcial até mesmo dos objetos físicos. Quão pouco é o nosso conhecimento, adquirido através desses sentidos físicos, pois, acerca de realidades imateriais como Deus, os anjos, a alma, etc., não sabemos entrar em contacto através desses sentidos?

**16. O positivismo lógico.** Trata-se de uma forma de ceticismo que domina a ciência moderna. Tal como o ceticismo comum, limita tudo quanto se pode conhecer à mera percepção dos sentidos, assim rejeitando quaisquer reivindicações de conhecimento que nos chegam através de outros meios, como a razão pura, isto é, aquela que prescinde de experiências, a intuição ou o misticismo, que também inclui a *revelação* divina. Todas as proposições de conhecimento que não têm base na experiência são *sem sentido*; ou em outras palavras, não haveria qualquer meio de julgar o seu verdadeiro

valor. Assim sendo, o *ateísmo* e o *teísmo* são igualmente errados porque dizem que *existem evidências*: indicações *negativas* (*não há Deus - ateísmo*); indicações *positivas* (*há Deus - teísmo*). As duas declarações são incorretas, no dizer dos positivistas lógicos, porquanto ambos fazem declarações que são «sem sentido», porque é impossível demonstrar a existência de Deus através da experiência baseada na percepção dos sentidos. O positivismo lógico rejeita também a maior parte dos sistemas de ética, de metafísica e de estética, reduzindo a filosofia a um mero método científico.

Até mesmo quando fala de assuntos que podem ser conhecidos cientificamente, os positivistas lógicos não se referem a algum conhecimento autêntico, mas tão-somente buscam encontrar alguma taxa de probabilidade, no tocante ao seu valor verdadeiro. Assim sendo, algumas coisas teriam uma elevada taxa de probabilidade, ao passo que outras teriam uma taxa de probabilidade bem baixa; e esse seria o verdadeiro valor dessas coisas. Em todas as experiências científicas, todas as evidências jamais podem ser descobertas, acerca de qualquer objeto; e isso significaria que nada, realmente, pode jamais ser conhecido com certeza absoluta. Por conseguinte, não haveria qualquer coisa como uma lei científica, porque outras evidências e experiências podem modificar os nossos conceitos sobre tais leis. Todas as chamadas «leis» seriam meramente taxas de probabilidade e sempre estariam sujeitas a sofrer modificações. Até mesmo o chamado conhecimento científico não passa de uma «inferência lógica».

**17. O existencialismo.** De acordo com essa posição filosófica, Deus seria transcendental, o «ser sem limites». Assim sendo, não poderíamos dizer que Deus «existe» ou «não existe», porque essas palavras não têm significado quando são aplicadas a Deus. Elas subentendem «um ser» entre outros seres. E dizer alguém que «Deus existe», é, na realidade, expressar uma forma de ateísmo, porquanto reduz o Grande Deus Transcendental à categoria daquelas coisas que podemos conhecer e expressar com a nossa mentalidade tão limitada. A própria palavra «Deus» não se refere a uma «realidade», e nem mesmo à «mais alta realidade», mas é antes uma alusão à fonte e ao alicerce de toda a vida e existência. Ao mesmo tempo, essa qualidade transcendental suprema é totalmente transcendental, e jamais poderá vir a ser descoberta e descrita pela investigação. Deus é o grande mistério perpétuo, e sempre haverá de ser o objeto do ser, o objeto de uma pesquisa admirada. E assim, quer neste mundo material, ou em algum outro mundo, após a morte física, Deus será sempre o «Grande Mistério» em direção ao qual os homens se movimentam, dirigindo-lhe a sua atenção, sempre procurando, mas sem jamais encontrá-lo, porquanto Deus é inerentemente transcendental. Esse é o tipo de existencialismo religioso, conforme é apresentado por Paul Tillich.

A principal fraqueza dessas diversas formas de *incredulidade*, descritas acima, consiste no fato de que ordinariamente fazem da percepção dos sentidos o único meio de adquirirmos conhecimentos, não dando a devida consideração a outros meios, como a intuição, a razão pura e o misticismo, que são meios de descobrimento de Deus muito melhores do que a percepção dos sentidos. Pois se realmente Deus existe (isso é fato) e ele resolve revelar-se, poderá simplesmente fazê-lo através de visões, sonhos ou outros meios dessa natureza, deixando assim inteiramente de lado toda e qualquer necessidade do concurso da percepção dos sentidos, e até mesmo da

razão e da intuição.

Deus se dá a conhecer aos homens como um ato de sua misericórdia e graça, e alguns indivíduos, altamente inteligentes e treinados, têm arriscado as suas vidas sobre essa proposição. O mais poderoso argumento em favor do conhecimento religioso de toda a variedade, incluindo o conhecimento da existência de Deus, é o apresentado pelo misticismo. O Antigo e o Novo Testamentos se alicerçam sobre a suposição de que o Ser Supremo e divino se tem revelado aos homens por intermédio de meios especiais. Isso quer dizer simplesmente que o conhecimento autêntico de Deus é um «dom de Deus» e não, necessariamente, aquilo que pensaríamos que devemos experimentar, para afirmar tal verdade.

#### IV. O Conceito Bíblico de Deus

Oferecemos ao leitor um detalhado artigo sobre os *Atributos de Deus*, bíblicamente orientado, com muitas referências escriturísticas. Ali expomos o conceito geral de Deus, de conformidade com a Bíblia. Adicionamos aqui somente uma caracterização geral:

1. O Deus da Bíblia é teísta, e não deísta. Ver os artigos separados sobre o *Teísmo* e o *Deísmo*, como também os comentários deste artigo, em sua terceira seção, pontos quatro e cinco. Isso significa que Deus não apenas transcende à sua criação, mas também que ele é *imanente* na mesma. Deus intervém em sua criação, alterando o curso da história e de vidas individuais, recompensando ou punindo. Portanto, Deus é quem impõe a responsabilidade moral, e não o homem, pois ele é quem estabelece as regras e determina penas para os desobedientes. As experiências místicas dependem do conceito teísta de Deus. Há uma *Presença* que pode ser buscada, sentida e conhecida.

2. O Deus da Bíblia é um só (ver sobre o monoteísmo), embora se manifeste como uma *Trindade* (que vide). Isso se refere não somente à natureza de Deus, mas também ao seu impulso de comunicar-se, porquanto é no Filho, através do Espírito Santo, que Deus se comunica com o homem.

3. O Deus da Bíblia faz-se conhecer pela *revelação* (que vide). Judeus e cristãos crêem que Deus quis revelar-se, tendo-o feito por meio de profetas e homens santos. Essas revelações têm-se concretizado nos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamentos. Esse é um dos aspectos do *teísmo*. O desvendamento sobrenatural de Deus e as suas exigências são universais em caráter, tendo-se tornado parte da história da humanidade. A encarnação do Logos, em Jesus de Nazaré, é a suprema revelação de Deus, e o Novo Testamento é uma prolongada declaração das implicações dessa revelação. O Pai faz-se conhecido no Filho (João 14:7 ss, e cap. 17). A revelação de Deus, no Filho, tem natureza redentora e restauradora, por serem esses os propósitos principais por detrás dos atos reveladores.

4. O Deus da Bíblia é o *Espírito Eterno*, o Criador e Preservador Infinito, bem como o Juiz de toda a criação. Ele é também o Redentor, pois aquelas outras qualidades teriam pouca significação para os homens. A Confissão de Fé de Westminster (que vide) declara: «Deus é um Espírito, infinito, eterno e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e veracidade». Essa declaração, infelizmente, deixa de lado o seu atributo de amor, que é a base de toda a sua natureza moral, bem como o impulso mesmo por detrás da revelação e da encarnação de Deus, no Filho.

5. O Deus da Bíblia é uma *pessoa*, em contraste com os conceitos descritos na seção III deste artigo, como o panteísmo (ponto sexto), o realismo agnóstico (ponto sétimo), o humanismo (ponto oitavo), o idealismo impessoal (ponto nono), o naturalismo religioso (ponto décimo primeiro), ou o permanente grande mistério do existencialismo (ponto décimo sétimo). Afirmamos que Deus é uma pessoa e um espírito. E isso é o começo dos problemas, porquanto não sabemos como definir um espírito, exceto asseverando, de maneira vaga e imprecisa, que se trata de um ente *não-material*; e também só podemos descrever os atributos de uma pessoa fazendo analogia com as pessoas humanas; mas isso faz as descrições ficarem muito aquém da realidade toda de Deus. Não obstante, retemos esses termos por falta de melhores, ainda que as descrições assim conseguidas estejam longe de ser brilhantes.

6. *Classificação dos Atributos de Deus*. Os teólogos acham conveniente falar sobre os atributos de Deus mediante duas amplas categorias: os atributos *comunicáveis* e os *incomunicáveis*. Os primeiros são aqueles como as qualidades racionais e morais, que encontram algum paralelo na natureza humana: sabedoria, bondade, retidão, justiça e amor. Deus mostra-se imanente em sua criação, de acordo com esses atributos. Sob a segunda classificação, temos a auto-existência (o Ser Necessário), em contraste com os seres desnecessários ou dependentes, cuja vida é derivada da Fonte da vida; a imutabilidade; a onisciência; a onipotência e a eternidade. Nesses atributos, Deus mostra-se transcendental, sendo eles análogos às condições humanas. Com o termo «eternidade» indicamos que Deus meramente não teve começo, e nem terá fim. Também indicamos que ele é um Ser totalmente além da categoria humana do tempo, pertencente a um tipo totalmente diferente de esfera e forma de vida. Ver sobre *Atributos de Deus*.

7. *A Vontade de Deus e a sua Soberania*. Esse é um outro aspecto do ensinamento do teísmo. Deus faz-se presente e pratica aquilo que ele quer; mas a sua santidade garante que tudo quanto ele faz sempre é correto e justo. A vontade de Deus é um aspecto de sua autodeterminação, que encontra expressão em seus atos criativos. Ver o artigo separado sobre o *Determinismo*, que aborda esse assunto quanto aos seus detalhes.

8. *A Paternidade de Deus*. Essa é a base de seus atos remidor e restaurador. Ver Romanos 8:14 ss quanto a uma expressão bíblica a esse respeito. Jesus ensinou os homens a orarem a Deus como Pai (Mat. 6:9). Esse capítulo tem doze referências a Deus como Pai. Tais alusões são extremamente numerosas no evangelho de Mateus. Ver também Mat. 5:16,45,48; 7:11,21; 11:25-27; 12:50; 16:17; 26:38,42 e 28:19. Ao chamar Deus de Pai, Jesus enfatizou o interesse de Deus pela humanidade, bem como o seu amor, cuidado vigilante, generosidade e fidelidade. Conta-se a história de como um missionário evangélico procurava ensinar a alguns africanos os conceitos bíblicos de Deus. Uma idosa mulher desistiu de continuar aprendendo as lições. Perplexo, o missionário perguntou-lhe por qual razão. Ela respondeu: «Aprendi que Deus é o meu Pai. Isso basta para mim».

#### V. Provas da Existência de Deus

De certa feita, estava eu pregando em uma igreja batista sobre as provas da existência de Deus. Procurei usar algumas poucas referências bíblicas que concordam em espírito com as provas filosóficas, mas que não se acham ali com o propósito específico de



provar a existência de Deus. Fui severamente criticado devido àquele sermão, e uma das senhoras chegou a dizer: «Espero que o pastor não torne a convidar aquele filósofo para falar à igreja!» Em uma outra ocasião, um jovem de um seminário batista, na cidade de São Paulo, referiu-se ao que aquela senhora dissera, concordando inteiramente com ela. Eu estava presente e ouvi a observação dele, mas não me dei ao trabalho de protestar. Mas eu sabia que tanto os cursos de filosofia como de teologia (da escola que ele frequentava) incluíam provas racionais da existência de Deus, naquelas disciplinas. A ignorância dos fatos nunca leva a coisa alguma. Quanto mais aprendemos, tanto melhores ficamos. Os filósofos têm feito bem em examinar esse assunto; fazemos bem em ficarmos informados acerca do assunto, — mesmo que não precisemos de tais provas para constatarem a nossa fé cristã. Pois os que ainda pertencem ao mundo, talvez sintam que essas provas são úteis para eles constatarem sua fé na existência de Deus. Outrossim, muitas dessas provas têm uma sólida base bíblica, ainda que, na Bíblia, tais conceitos não sejam expostos como provas.

**Abaixo oferecemos os vinte argumentos diversos que comprovam a realidade da existência de Deus, a saber:**

1. Há a idéia do *cinque viae*, exposta por Tomás de Aquino. Antes de tudo destaca-se o princípio do *impulsador primário*, isto é, aquela força que desencadeou o movimento e que agora sustenta o mesmo. O mundo seria, essencialmente, «matéria em movimento». Precisamos explicar a existência tanto do movimento como de sua causa primária. Pois não é lógico entrarmos em um regresso infinito, afirmando que um movimento foi causado por um antecedente, e este por um outro, anterior a ele, e assim indefinidamente. Precisamos finalmente chegar à declaração da origem do movimento. Em Col. 1:17 vemos que esse poder é atribuído a Cristo (o *Logos*), ao passo que no trecho de Atos 17:28 essa força é atribuída a Deus Pai. Estes dois trechos foram declarações do Apóstolo Paulo. Por consequente, esse argumento de Tomás de Aquino já existe nas Escrituras, ainda que não na forma rigorosa de um argumento, porém, meramente como uma afirmação sobre a origem do movimento e como o mesmo tem prosseguimento. O movimento assume muitas formas diversas, e, segundo o conhecimento mais avançado de que dispomos, sobre essa particularidade, o movimento mais elementar é aquele que se verifica no interior do átomo, e que envolve os elementos constitutivos do átomo. Existe igualmente movimentos na formação das coisas, no desenvolvimento de qualquer coisa a que chamamos de crescimento. Tais movimentos são governados por uma inteligência qualquer, porque, de outro modo, tudo não passaria do mais absoluto caos. Os movimentos são dirigidos na direção de alvos fixos, levados a efeito com um propósito definido. Somente uma inteligência elevada poderia assim ordenar e dirigir tais movimentos.

2. Há o *argumento cosmológico*. Temos a necessidade de explicar a origem da matéria. Poderíamos encetar uma série infindável de retrocessos, supondo que há uma fileira interminável de causas, sem jamais chegarmos a uma *causa primária*, — mas isso é simplesmente contrário à razão. Assim sendo, precisamos supor que existe uma causa, maior do que qualquer dos seus efeitos, causa essa que originou a matéria. Com base na grandiosidade da criação, podemos averiguar algo da grandiosidade da inteligência de Deus, bem como algo de seu

extraordinário poder. A única alternativa possível a essa posição é aquela que afirma que a matéria é eterna; essa idéia, entretanto, é muito menos satisfatória do que aquela que fala de uma Causa inteligente de todas as coisas, Causa essa que é eterna, mas que produziu a criação dentro do tempo. Coisa alguma, de tudo quanto existe, pode ser declarado como sua própria causa, porquanto sempre podemos encontrar uma causa para qualquer coisa, e outra causa para essa causa, e assim por diante. Finalmente, porém, somos forçados a pôr ponto final nesse retrocesso, supondo a existência de uma Causa primária. Essa é a solução mais razoável, para o problema da origem, dentre todas as soluções que têm sido apresentadas pelos homens.

3. Há o argumento alicerçado na *contingência* ou na *possibilidade*. — Esse argumento tem por fundamento a verdade empírica que mostra que tudo quanto conhecemos, através de nossa experiência, é «contingente». Em outras palavras, depende de alguma outra coisa para explicar a sua existência. Isso subentende que a menos que exista alguma coisa «necessária», que «não possa deixar de existir», todas as coisas, finalmente, cessariam de existir, porquanto dependem ou são contingentes dessa coisa necessária. Uma vez mais poderíamos iniciar um retrocesso infinito, supondo que todas as coisas realmente dependem de alguma outra coisa, sem jamais chegarmos a um «ser necessário», independente, que não depende do que quer que seja para a sua existência. Porém, essa idéia é muito menos razoável do que supomos que ao longo do caminho de retrocesso, em algum lugar, se encontra aquela *vida necessária*, que não depende de qualquer outra coisa para a sua existência, mas antes, é sua própria causadora e existe independentemente de tudo o mais. A esse ser independente é que denominamos «Deus». O evangelho de João encerra esse conceito em trechos como João 5:25,26 e 6:57, onde se lê que esse tipo de vida independente, imortal e necessária foi conferida ao Filho de Deus (através da ressurreição), pelo poder de Deus Pai, e então, por intermédio do Filho, a todos quantos nele creêm. Esse é um dos conceitos mais elevados da religião, revelada ou não. O homem, através dessa doação, vem a participar da «vida independente» de Deus, e assim virá a participar do mesmo tipo de imortalidade que Deus Pai possui. Essa é a autêntica *vida eterna*.

4. Há o *argumento axiológico*. Em outras palavras, há uma única forma ou grau de perfeição? Sempre que examinamos a bondade, a justiça, a beleza, a nobreza, ou qualquer outra das qualidades morais, observamos neste mundo muitos graus de perfeição. Ora, a própria idéia de «grau» subentende a necessidade de um grau máximo, ou seja, da perfeição — um «maxime ens» ou «ens realissimus». Esse ente mais real se chama «Deus» que é o ápice de todos os graus de perfeição.

5. O *argumento teleológico*. Todos os aspectos da vida e do ser demonstram um desígnio extremamente completo. Tudo quanto é vida possui propósito em seu ser, além de um esquema muito complexo de funções físicas, o que demonstra o mais estupendo desígnio. A complexidade de desígnios existente, por exemplo, no olho humano, é demonstração suficiente da existência de uma inteligência cheia de propósito para confundir um milhão de ateus. A ordem que impera no universo físico é exata e maravilhosa para a nossa apreciação. Ora, por detrás de todo esse propósito e desígnio deve haver um grande Planejador, ou seja, a mais elevada inteligência que se pode



imaginar, — que foi capaz de pôr em movimento uma criação magnífica que sempre desperta a nossa observação. O *Planejador é Deus* e sua inteligência é amplamente demonstrada no mundo por ele criado. Por exemplo, há uma variedade de mariposa que possui dez tipos diferentes de antenas, e que são receptores de luz. Por meio do seu uso, esse inseto é capaz de dirigir o seu vôo e a sua vida em geral. A ciência dos homens ainda não foi capaz de descobrir a utilidade específica de cada uma dessas variedades de antenas, mas os cientistas se maravilham extasiados ante o fenômeno. O engenho humano jamais foi capaz de desenvolver antenas com essa sensibilidade. No entanto, alguns animais possuem receptores de luz ainda mais complicados e perfeitos, aos quais chamamos de *olhos*. Por detrás de desígnios tão inteligentes, deve haver um *Intelecto Supremo*. E essa inteligência extraordinária se chama Deus. Até mesmo as coisas inanimadas têm desígnio, e essas coisas, juntamente com outras coisas de desígnio mais complexo, adicionam o seu testemunho em favor do grande Planejador.

**Ver o artigo separado sobre os Cinco Argumentos em Prol da Existência de Deus.**

6. *O argumento da eficácia da razão.* A razão humana, com sua extraordinária complexidade e com suas muitíssimas sutilezas e os seus poderes abstratos, comprova a necessidade de admitirmos, em nossa ontologia, o Criador e Planejador desses poderes, sendo, ele mesmo, o Intelecto supremo. A razão humana é apenas uma pequena demonstração da razão divina. Até mesmo as tentativas racionais do homem, para provar que Deus não existe, não passam de demonstrações que Deus verdadeiramente existe, porquanto essas tentativas são um uso e uma exibição da razão, o que, quando devidamente examinado, inevitavelmente nos conduz de volta a Deus. Esse argumento é uma faceta do argumento teleológico, discutido acima, no ponto anterior.

7. *O argumento moral.* Em sua forma original, esse argumento assevera que o elevado senso de moralidade que algumas pessoas possuem pode ser melhor explicado se supormos que esse senso se assemelha ao do grande Ser moral. Essa explicação é melhor do que atribuírmos tal moralidade a fatores meramente biológicos ou físicos. De conformidade com esse ponto de vista, aceitamos que um elevado senso moral se deriva da influência exercida por um Deus santo.

Em suas formas mais complexas, compreendemos que esse argumento mostra que até mesmo o vocabulário da moralidade, que se refere a conceitos como «bondade», «justiça», e «conduta ideal», subentende um elevadíssimo Padrão de moralidade, o qual inspira a moralidade no homem, o que, por sua vez, é refletido na própria natureza da linguagem humana. Outrossim, o argumento moral, em suas formas mais complexas, afirma que existe na mente humana a intuição de que deve haver uma retribuição apropriada às ações morais dos homens, subentendem que deve haver um Juiz capaz de dispensar retribuições na forma de bênção ou punição. Além disso, a experiência e a observação humanas demonstram que, nesta existência terrena, a injustiça pode prevalecer e freqüentemente o faz, pelo que a justiça, neste lado terreno da vida, não se cumpre. A razão também nos diz, por conseguinte, que deve forçosamente haver a imortalidade, pois é no «outro lado» da existência que a justiça terá de ser satisfeita. Ora, somente o Juiz absoluto pode fazer os ajustamentos necessários para que a justiça repose sobre todos, através da bênção ou através do castigo.

A esse Juiz nós chamamos «Deus». O raciocínio da pura moral humana requer a existência de Deus. Outrossim, alicerçados em bases bíblicas, como vemos em Rom. 1:19,20, ou como se vê em João 16:8-11, percebemos que esse Juiz transmite pessoalmente aos homens quais sejam as exigências morais deste mundo.

8. *O argumento axiológico,* em sua forma mais complexa. Todas as sensibilidades humanas, no que diz respeito às perfeições da realidade, das qualidades morais, das qualidades estéticas, das qualidades políticas e da busca pela perfeição, em qualquer campo do conhecimento humano, requerem que exista o Valor supremo na direção do qual todos os demais valores apontam, e cujo padrão esses valores seguem como linha diretriz. Há uma subcategoria desse argumento, denominado «argumento henológico», o qual afirma que há uma espécie de unidade em todos os conceitos de valor, isto é, o Grande Padrão de valor, que age como o alvo e o unificador de todos os valores, a despeito do que essa disciplina porventura envolva. Essa unidade dos valores exige a aceitação da existência do Unificador de todos os valores, que é Deus.

9. *O argumento derivado da autoridade.* Os livros sagrados, as experiências místicas que dão conteúdo a esses livros sagrados, a tradição histórica da igreja cristã, os escritos e predições orais dos profetas, o cumprimento dessas suas profecias, etc., mostram-nos que existem «autoridades» de natureza religiosa, o que comprova a existência de um Deus que nos transmitiu tais revelações, e que, por isso mesmo, constitui a autoridade apropriada para representar a sua própria pessoa.

10. *O argumento baseado na experiência religiosa.* A experiência religiosa, como a regeneração, e as demais experiências místicas, como as curas, diversas experiências psíquicas, os milagres, etc., provam que deve haver uma realidade na fé religiosa, cujo ponto mais elevado é o Ser supremo que denominamos «Deus», o qual, também, é a fonte originária válida de toda a experiência religiosa autêntica.

11. *O argumento baseado na esperança religiosa.* Existe uma crença universal dos homens na existência de Deus, que os leva a terem «esperança». A remoção da esperança deste mundo deixaria a raça humana em estado de miséria íntima. Essa esperança é justificada porque é outorgada por Deus, sendo comprovada pelo consenso humano universal. Os homens esperam em Deus, a não ser quando ensinados em contrário, por algum sistema perverso, que os condicione a isso.

12. *O argumento baseado na realidade dos milagres.* A experiência humana comum testifica sobre a realidade dos milagres. A ciência não conta com qualquer explicação e nem com qualquer teoria geral que explane as muitas maravilhas extraordinárias que se verificam neste mundo. Somente a verdade religiosa pode explicar tais fenômenos. O princípio religioso afirma a existência de Deus como o grande poder que há por detrás dos milagres. Existem leis mais elevadas do que aquelas que são explicadas pela ciência humana, e que podem ultrapassar as supostas limitações, impostas pela ciência natural. Deus é controlador das leis cósmicas, e, se assim quiser fazer, pode agir contrariamente a elas, fazendo intervenção, ultrapassando-as ou utilizando-se de leis superiores a elas, a fim de produzir acontecimentos que desafiam qualquer explicação «lógica», de conformidade com a lógica científica.

13. *O argumento do consensus gentium.* Essas palavras latinas significam «opinião popular». Sempre

faz parte da opinião de todas as culturas humanas que existe algum Ser supremo, ou existem alguns seres divinos. O ateísmo, em contraste com isso, precisa ser aprendido; não ocorre naturalmente a quem quer que seja. Não existe um único ser humano, à face da terra, que seja ateu de nascimento. Usualmente os indivíduos aceitam o ateísmo nas escolas seculares e profanas, onde os mestres, inchados de orgulho intelectual, pensam ser suficientes para si mesmos, sem necessitarem de qualquer Poder supremo. Todavia, em todas as culturas onde a sofisticação do ceticismo ainda não penetrou, há a crença na existência de Deus, ou, pelo menos, de vários deuses. A opinião geral da humanidade, entretanto, não nos pode conduzir à natureza exata de Deus, mas, pelo menos, pode conduzir-nos à «idéia da existência da divindade»—Deus existe.

14. O argumento baseado na *revelação e no misticismo*. Deus tem achado por bem revelar-se a si mesmo aos homens; e isso ele tem feito por intermédio de visões e sonhos. Essa revelação aparece em forma mais concreta nas Santas Escrituras. O Senhor Deus simplesmente dá conhecimento de si mesmo como um dom aos homens, porque sabe que precisam desse conhecimento. Essa revelação se origina em sua graça e em sua bondade. Que o misticismo é uma realidade é fato que se pode comprovar facilmente, através de pesquisas e da mera observação. O impulso que há por detrás de todas as experiências místicas, quer se trate de milagres ou de visões, é a Mente divina. E formas falsas de misticismo não eliminam o que é verdadeiro; e, além disso, qualquer grau de misticismo já serve de prova sobre a existência de Deus. As experiências místicas conseguem descrever Deus, em certo sentido, não sendo meramente uma afirmação de sua existência.

15. O argumento baseado na *felicidade do crente*. A profunda felicidade e senso de confiança que têm os crentes em Deus, a alegria e a segurança que a fé teísta confere aos seus possuidores, servem de provas da validade da crença na existência de Deus.

16. O argumento baseado na *melhor crença*. Sendo inquiridores sérios da verdade, sentimos a necessidade de escolher entre as muitas idéias que existem, e, ao sermos defrontados por tal necessidade de escolha, a «melhor fé», obviamente, é a fé teísta. Essa crença explica melhor a existência da criação, de seu desígnio, das experiências místicas e dos milagres. Isso é uma explicação melhor do que a idéia da mera «chance», da «evolução» ou da «seleção natural», ou mesmo da coincidência sem desígnio, das «forças naturais e cósmicas», que são suas alternativas. A crença em Deus fica melhor fundada, psicologicamente falando, na realidade das coisas, do que o ateísmo, e é muitíssimo mais satisfatória. O ateísmo perde a sua utilidade quando o indivíduo morre.

17. O argumento da *aposta*, apresentado por *Blaise Pascal*. Pascal ensinava que é impossível provar ou negar a existência de Deus, mas dizia que, sob bases pragmáticas, a crença em Deus é superior à descrença, porquanto essa crença agrada a Deus, ao passo que o ateísmo lhe é desagradável. De acordo com essa idéia, quando um homem morre, se porventura descobrir que Deus não existe, ou se ele mesmo simplesmente deixa de existir, nada terá perdido. Por outro lado, se um homem, ao morrer, descobrir que Deus realmente existe, então só terá a ganhar com a sua crença teísta. Essa idéia, entretanto, não é válida, pois é extremamente imperfeita. Pois Deus existe, e, segundo podemos estar plenamente certos, não é nenhum tolo, o que

significa que não ficará satisfeito com alguém que se aferra à crença teísta somente por motivo de vantagens egoísticas. De fato, talvez Deus se sinta mais agrado com um ateu sincero e honesto, e não com um teísta jogador com a sorte. Essa forma de crença é uma hipocrisia, e jamais poderá agradar a Deus. Outrossim, do ponto de vista teológico, a mera crença na existência de Deus não é mais vantajosa do que a crença que têm os poderes demoníacos na existência de Deus, pois os demônios crêem e estremeçam.

18. O argumento do *teísmo pragmático*. Paralelamente ao argumento anterior, alguns pensam que é pragmaticamente melhor ser algum religioso, não somente no que tange à questão da crença na existência de Deus, mas também no que diz respeito à questão da prática religiosa. O ateísmo não oferece qualquer futuro a quem quer que seja, e nem mesmo reivindicar oferecer isso. É melhor, portanto, do ponto de vista do pragmatismo prático, lançarmos nossa sorte com a religião, com a existência de Deus e da alma, fazendo profissão geral e prática da religiosidade. Se, ao morrermos, nada existir senão o vazio, ou se descobrirmos que estávamos equivocados em nossas crenças, nada perderemos com isso. Por outro lado, se alguma parte ou a totalidade das crenças religiosas estiverem de conformidade com a realidade, descobriremos que fizemos uma acertada decisão, ao seguirmos a fé teísta e as práticas religiosas, porquanto, presumivelmente, obteremos algum mérito com isso. Do ponto de vista evangélico, entretanto, essa «fé pragmática» não se reveste de valor algum, porquanto somente uma fé verdadeira em Jesus Cristo pode transformar os remidos segundo a sua própria imagem. Seja como for, o teísmo pragmático é melhor do que o ateísmo, como expressão para a existência terrena presente.

19. A existência de Deus é a *melhor explicação possível* para tudo quanto está envolvido em todos esses argumentos, considerados como um conjunto. Ao examinarmos a gama inteira das possibilidades, dos argumentos, das teses e das contrateses, o teísmo mostra-se mais convincente do que o ateísmo. Isso é verdade, ainda que não possamos chegar a uma conclusão racional definitiva. A melhor idéia é a teísta, e esse é o resultado líquido de todos os argumentos, considerados em sua totalidade.

20. O argumento alicerçado na *fé pura*. Alguns cristãos, especialmente nas igrejas evangélicas, têm chegado à conclusão de que nenhum argumento «racional» ou «físico» verdadeiramente demonstra a existência de Deus, mas antes, que essa certeza só ocorre através da fé bíblica. Nas igrejas evangélicas, que seguem o ensinamento bíblico, acredita-se que essa fé é conferida pelo próprio Deus, o qual dá, dessa maneira, certeza de sua existência, inteiramente à parte de evidências externas. Alguns crentes chegam mesmo a alegrar-se nessa idéia, rejeitando totalmente quaisquer outras idéias, como se estivessem próximas da blasfêmia, as quais dizem ser necessário ser comprovada a existência de Deus para que nela possamos acreditar. Porém, apesar das Escrituras Sagradas em parte alguma se lançarem à tarefa de tentarem provar que Deus existe, contudo, passagens bíblicas como aquela de Rom. 1:20 dão a entender que verdadeiramente existem provas, físicas e racionais, acerca dessa existência. Portanto, não é crime procurarmos delinear a validade de tais provas, pois, para os incrédulos, esse delineamento pode ser muito útil e valioso. Um dos primeiros passos que uma alma pode dar na direção de Jesus Cristo pode ser a crença firme na existência de Deus. Ninguém

poderá jamais avizinhar-se de Cristo, segundo um sério ponto de vista evangélico, se for um ateu convicto. (Esse argumento baseado na «fé pura» na realidade é uma variedade do argumento «místico», que aparece no décimo quarto lugar nesta lista de argumentos sobre a existência de Deus).

Deus?

*Quem me terá trazido a mim suspenso,  
Atônito, alheado...ou a quem devo,  
Enfim, dizer que em nada mais me enlevo,  
A ninguém mais de coração pertença?  
Se desço ao vale, ao alcantil me enlevo,  
Quem é que eu busco, que será que eu penso?  
És tu, memória de horizonte imenso  
Que me encheu a alma dum eterno enlevo?  
Segue-me sempre...e só por ti suspiro!  
Vejo-te em tudo...terra e céu te esconde!  
Nunca te vi...cada vez mais te admiro!  
Nunca essa voz à minha voz responde...  
E eco fiel até do ar que aspiro,  
Sinto-te o hálito...em minha alma ou onde?*  
(João de Deus, Portugal)

## VI. Nomes Bíblicos de Deus

Ver o artigo separado sobre esse assunto, sob o título *Deus, Nomes Bíblicos de*.

## VII. O Conhecimento de Deus

Nas seções I e II, enfatizamos a debilidade das tentativas humanas para conhecer a Deus. Desconhecemos muito mais do que conhecemos sobre Ele. Contudo, é nosso dever procurar conhecer a Deus, sendo isso algo necessário para a sustentação de nossa própria vida. Pelo menos espiritualmente falando, isso não é algo que possamos dispensar, se assim quisermos fazer. O homem é um ser espiritual, e a espiritualidade é a substância de toda a sua vida e de todo o seu esforço, embora muitos homens não reconheçam isso.

Há trechos bíblicos que abordam a natureza incompreensível de Deus, como Jó 11:7; 21:14; 37:26; Sal. 77:19; Rom. 11:33. Portanto, qualquer conhecimento de Deus, que venhamos a obter, é extremamente limitado, mas, esse conhecimento limitado reveste-se de imensa importância.

### Maneiras de Conhecer a Deus:

1. A principal dessas maneiras é a *auto-revelação* de Deus. A própria existência da Bíblia serve de prova do fato de que Deus se revela a nós, embora essa revelação seja necessariamente parcial. Ver Mat. 11:27; João 17:3; Rom. 1:19,20; Efé. 1:17; Col. 1:10 e I João 5:20.

2. A *Revelação do Filho*. O Logos, o princípio do Filho da deidade, manifesta-se em Jesus Cristo, mediante a sua encarnação. Essa é a suprema revelação de Deus entre os homens (João 1:14,18).

3. *Abordagem Racional*. O primeiro capítulo de Romanos reconhece que a razão humana pode chegar a obter certo conhecimento de Deus (vs. 19,20). Os filósofos têm afirmado que Deus é o *Grande Intelecto*, e que o homem é um *intelecto* que se deriva de Deus, o que explica a afinidade existente entre Deus e o homem. A razão humana, naturalmente, reveste-se de certa qualidade divina, podendo refletir algo do Ser divino.

4. *Abordagem Intuitiva*. O homem tem acesso a um conhecimento que ultrapassa à percepção dos sentidos e da razão. Ele é capaz de conhecimento imediato (intuição), sem fontes conhecidas. Parte disso deve-se, sem dúvida, à sua afinidade com a natureza divina, pois o homem foi criado à imagem de

Deus. Sua faculdade intuitiva revela-lhe certas coisas sobre a natureza de Deus. Ele possui *idéias inatas* (que vide) entre as quais destaca-se a *Idéia Divina*. A crença na existência de Deus, bem como algum conhecimento sobre Deus, não depende da revelação, além de transcender à razão. Esse conhecimento tem base firme na própria natureza humana, criada com a capacidade inata de reconhecer a Deus.

5. *As atividades filosóficas*, que incluem os argumentos racionais, intuitivos e morais para lançarem luz sobre o conhecimento de Deus e da alma, revestem-se de grande valor. Destaco esse fato como um ponto separado, a fim de enfatizá-lo, embora tais elementos também se achem sob outros pontos. Nesta altura, incluo uma citação extraída do *Dicionário Bíblico de Unger*, que se reveste de certa força, quando consideramos que Unger foi um escritor evangélico bastante conservador.

«As Escrituras não buscam provar a existência de Deus, mas apenas supõem ou asseveram o fato como algo que os homens deveriam estar preparados a reconhecer. As provas racionais da existência do Ser divino, porém, não devem ser consideradas de *grande valor*. São extraídas principalmente da natureza, da história e da humanidade. Algumas vezes é precipitadamente afirmado que os argumentos edificadas em torno desses alicerces são antiquados ou inúteis. No entanto, permanecem de pé, sem importar suas modificações quanto à forma, sendo essencialmente válidas e de grande valor para confirmar e explicar a crença em Deus, o que, ao mesmo tempo, é tão natural para todo coração humano. Deve-se notar também que a natureza, o homem e a história nos dão revelações gerais sobre Deus — um fato que não é raramente mencionado nas Escrituras. Ver Sal. 19:1-3; Atos 14:17; 17:26,27; Rom. 1:19,20; 2:15. De acordo com isso, o estudo dessas normas produz não somente certas evidências da existência do Ser Divino, mas também algum conhecimento a respeito de seu caráter.»

6. *As Experiências Místicas*. O *misticismo* (que vide) pode ser definido como o contacto com um ser ou com seres superiores a nós mesmo, e isso de vários modos. No misticismo *ocidental*, esse contacto usualmente é *externo*, isto é, com seres fora de nós. No misticismo *oriental*, a ênfase se faz com as dimensões mais altas do próprio ser. O contacto com algum ser superior, ou com o próprio «eu» superior, pode ser mediado através da percepção dos sentidos, como nas experiências visionárias e auditivas, ou pode ser inteiramente subjetivo, como nas visões internas e experiências intuitivas. Todas as religiões são edificadas sobre a base das experiências místicas. Um profeta teve uma visão. Ele a registra por escrito; seus discípulos preservam-na em um livro sagrado. A organização (a Igreja) preserva o livro e o canoniza, a fim de protegê-lo. Porém, o processo inteiro começa com a visão, com a experiência pessoal do profeta sobre o Ser divino. Muitas dessas experiências são inefáveis, e não podem ser reduzidas à forma escrita, exceto nos termos vagos de conceitos abstratos. O ministério do Espírito Santo e os seus dons são formas de misticismo. Os discernimentos obtidos através da mediação são frutos da abordagem mística ao conhecimento. Alguns místicos têm-se asseverado possuidores de um perfeito conhecimento de Deus, mas isso representa uma opinião exagerada e absurda. Não obstante, a maneira mais eficaz de alguém adquirir o conhecimento de Deus é através do caminho místico. A revelação é mesmo uma subcategoria do misticismo. A iluminação referida em Efésios 1:17 só é possível através das experiências

místicas.

7. *As Escrituras.* A Bíblia não representa uma única maneira pela qual Deus revela a si mesmo. Ela incorpora muitos aspectos. São o produto da revelação, mas também contêm raciocínios e discernimentos intuitivos que não foram dados diretamente como revelações, mas foram produtos do exercício espiritual e da inquirição por parte de homens santos. A inspiração das Escrituras inclui o uso das habilidades naturais e da erudição dos homens, sendo frutos de sua busca espiritual. Seja como for, o resultado final é que contamos com muitos ensinamentos e discernimentos de Deus e de sua natureza, de tal modo que a Bíblia é a nossa principal informação sobre a Idéia divina.

«...*Deus Desconhecido*... é precisamente aquele que eu vos anuncio... o Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe... Senhor do céu e da terra... ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais... Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração» (Atos 17:23-25, 28).

*Bibliografia:* B BRUN C E EP GE RP RYR UN

**DEUS, AMOR DE** Ver o artigo geral sobre **Amor**.

**DEUS, ATRIBUTOS DE** Ver **Atributos de Deus**.

**DEUS, FILHO DE** Ver **Filho de Deus**.

**DEUS, FILHOS DE (FILHAS DE)**  
Ver **Filhos (Filhas) de Deus**.

**DEUS, FINITO**  
Ver o artigo sobre **Finlto**, ponto 3.

**DEUS, IRA DE**  
Ver sobre **Ira e Julgamento**.

**DEUS, NOMES BÍBLICOS DE**

*Esboço:*

- I. Caracterização Geral
- II. Lista dos Nomes Divinos
- III. Comentário sobre os Principais Nomes

**I. Caracterização Geral**

a. *Nomes Pagãos.* A fértil imaginação dos homens tem atribuído inúmeras funções ao Ser divino, e, ao enfatizar muitas delas, tem-lhe conferido grande variedade de nomes. Essa atividade é universal, não se circunscrevendo à Bíblia. Nas religiões politeístas, vemos os deuses realizando muitos tipos de serviço, e os nomes a eles atribuídos refletem as atividades específicas de cada divindade em questão. *Cronos* (tempo, o eterno) era um dos principais deuses da mitologia grega. *Zeus*, um de seus filhos, finalmente o derrubou. Sob *Zeus*, os deuses organizaram-se, com seus muitos tipos de autoridade e funções. — O nome de *Zeus* significa «céu brilhante», tendo sido assim chamado porque a princípio foi identificado com o céu e seus fenômenos. Os raios sempre foram suas armas principais, por meio dos quais ele preservava a disciplina entre os deuses e os homens. *Gaea* (terra) era a deusa da vida, a mãe de todos. Os homens reconhecem a sua dependência da terra, quanto à sua vida física, o que explica o nome e as funções dessa deusa. Na angelologia judaica posterior, anjos com nomes apropriados assumiram funções atribuídas a muitos dos deuses pagãos. Haveria até mesmo anjos controladores dos elementos

da natureza, como o vento, a chuva, a saraiva, o calor e o frio.

b. *Os nomes de Deus na Bíblia*, embora provenientes de um processo mais elevado e mais nobre do que aquele que produziu os nomes dos deuses pagãos, refletem o mesmo tipo de atividade. Os nomes de Deus refletem suas qualidades e atividades, coisas às quais os homens dão atenção especial. Na verdade, a leitura de uma lista dos nomes divinos encontra paralelo parcial na leitura da lista dos atributos e atividades de Deus.

c. *Empréstimos.* Como já seria de se esperar, nem todos os nomes divinos, dados no Antigo Testamento, pertenciam originalmente à cultura hebréia, mas foram tomados por empréstimo de um fundo comum de nomes que havia na cultura mesopotâmica. *El*, o nome básico de Deus, que se encontra em diversas combinações, é uma das mais antigas designações da deidade no mundo antigo. Forma o componente básico dos nomes de Deus na Babilônia e na Arábia, e, naturalmente, na cultura israelita. O sentido original de *El* parece ser «forte», dando a entender as capacidades de controlar, de obrigar, pelo que é evidente, um poder que os homens julgavam ser uma necessidade aos atributos da divindade, tornou-se o próprio nome divino. Quase todos os outros nomes divinos originaram-se desse modo.

d. *Instrumentos da Revelação.* Embora houvesse a atividade humana por detrás do desenvolvimento dos nomes divinos, podemos dizer, igualmente, que esses nomes foram discernimentos quanto à natureza de Deus, pelo que esses nomes também fazem parte da revelação, tanto a natural quanto a sobrenatural. O nome de uma pessoa revela algo de distintivo sobre essa pessoa, de acordo com os costumes dos hebreus. Quanto mais isso deve ser verdade, quando falamos a respeito de Deus.

e. *Respeito pelo Nome Divino.* Acima de todos os outros povos, os hebreus respeitavam e temiam a Deus. Por essa razão, não usavam o nome de Deus frivolamente. Eles pronunciavam os nomes de Deus como alterações que lhes permitiam não terem de verbalizar os sons exatos desses nomes. Os escribas registravam os nomes de Deus lavando freqüentemente as mãos. Um dos mandamentos mosaicos, o terceiro, proibia o uso frívolo do nome divino (Êxo. 20:7). Sabemos que as culturas antigas acreditavam no poder mágico dos nomes. Saber qual o nome de uma divindade, ou de um demônio, supostamente dava à pessoa certo poder sobre essa divindade ou demônio, em momentos de necessidade. No caso dos demônios, o conhecimento dos nomes deles poderia ser um meio de expeli-los. Esses fatos demonstram o respeito que algumas pessoas tinham pelos nomes, e talvez esse fosse um dos motivos pelo extremo respeito que os judeus tinham pelo nome divino. No judaísmo posterior, encontramos o uso mágico de nomes; mas não temos evidências a esse respeito quanto à primitiva cultura judaica, embora isso deva ter existido em algum grau e de alguma maneira.

**II. Lista dos Nomes Divinos**

Apresentamos abaixo certa variedade de nomes de Deus, a fim de dar ao leitor uma idéia sobre a extensa natureza dos nomes divinos. Sob a seção terceira, comentamos sobre alguns dos nomes mais importantes de Deus.

*Deus. El, Elah, Elohim, Eloah.* Esses nomes são de ocorrência muito freqüente, aparecendo em muitas combinações, o que comentamos na seção III.

*Yahweh.* As consoantes desse nome foram combinadas com as vogais de *Adonai*, aparecendo de modo

## DEUS, NOMES BÍBLICOS

frequente e em muitas combinações, o que comentamos na seção III (7).

*Rocha.* Tradução da palavra hebraica *tsur*, «rocha» (Isa. 44:8).

*Adonai.* No hebraico, *Adonai*; no grego, *Theós*, usualmente traduzidos em português por Deus.

*Senhor.* No hebraico, *Adonai*; no grego, *Kúrios*.

*Divindade.* No grego, *Theótes* (Col. 2:9), ou *Thelos* (Ato 17:29).

*Deus Altíssimo.* No hebraico, *Elyon* (Sal. 18:13).

*Santo* (de Israel). No hebraico, *Qadosh* (Sal. 71:22).

*Poderoso.* No hebraico, *El* (Sal. 50:1); ou *Gibbor* (Deu. 10:17).

*Deus dos Deuses.* Deu. 10:17.

*Senhor dos Senhores.* Deu. 10:17; no grego, *Kúrios* (Apo. 17:14).

*Doador da Luz.* No hebraico, *Maor* (Gên. 1:16).

*Pai.* No hebraico, *Aba* (Sal. 89:26); transliteração grega do aramaico *abba* (Rom. 8:15).

*Juiz.* No hebraico, *Shaphat* (Gên. 18:25).

*Redentor.* No hebraico, *Gaal* (Jó 19:25).

*Salvador.* No hebraico, *Yasha* (Isa. 43:3); no grego, *Soter* (Luc. 1:47).

*Libertador.* No hebraico, *Palat* (Sal. 18:2).

*Escudo.* No hebraico, *Magen* (Sal. 3:3).

*Força.* No hebraico, *Eyaluth* (Sal. 22:29).

*Todo-Poderoso.* No hebraico, *Shaddai* (Gên. 17:1).

*Deus que Vê.* No hebraico, *El Roi* (Gên. 16:13).

*Justo.* No hebraico, *Tsaddiq* (Sal. 7:9).

*Senhor dos Exércitos.* No hebraico, *Elohim Sabaoth* (Jer. 11:20); no grego, *Kúrios* (Rom. 9:29; Tia. 5:4).

*Rei dos Reis.* No grego, *basileus basiléon* (Apo. 17:14).

*Deus Vivo.* No hebraico, *Elohim* (Deu. 5:36).

*Pai das Luzes.* No grego, *Pater* (Tia. 1:17).

*Eu Sou.* No hebraico, *Hayah*; no grego, *Ego eimi* (João 8:58).

### III. Comentário Sobre os Principais Nomes

1. *El*, um termo para indicar Deus (deus), ou seja, a deidade verdadeira ou falsa, ou mesmo um ídolo que os homens chamem de «deus» (Gên. 35:2), como o Deus de Betel (Gên. 31:13). El era o nome do deus supremo da religião cananéia, cujo filho era Baal. O plural de El é Elohim, palavra que também pode significar deuses, ou que pode ser usada como um aumentativo para referir-se a um elevado poder, o Deus supremo. Ver sobre a palavra seguinte. O sentido básico de *El*, é «força».

2. *Elyon*, *El Elyon*, o *Deus Altíssimo*, título usado em conexão com a adoração de Melquisedeque (ver Núm. 24:16). Em Salmos 7:17 a palavra aparece composta com *Yahweh*. Em Daniel 7:22,25 há um plural aramaico dessa palavra.

3. *Elohim*, embora seja plural, podendo ser traduzida por «deuses», essa palavra pode indicar o Ser supremo, sendo usado o plural para enobrecer a palavra, e não para que pensemos no verdadeiro plural. A própria palavra é um plural de *El* e retém, por isso mesmo, o sentido básico de «força», «poder». A presença desse nome, na narrativa da criação (no plural), tem dado origem à interpretação trinitariana da palavra, ali; mas isso é uma cristianização da passagem, e não uma verdadeira interpretação. Gênesis 1:1 faz com que esse seja o primeiro nome de Deus na Bíblia.

4. *Eloah*, uma forma singular de *Elohim*, e com o

mesmo sentido de *El*. Essa forma variante encontra-se principalmente na linguagem poética, pelo que aparece, com mais freqüência, no livro de Jó.

5. *El 'Olam*, com base na forma original, *El dhu-'Olam*, que significa *Deus da Eternidade*. Em Gênesis 21:33 aparece em combinação com *Yahweh*.

6. *'El-Elohe-Israel*, que significa «Deus é o Deus de Israel». Foi nome usado por Jacó em Siquê (Gên. 32:20), comemorando o seu encontro com o Anjo do Senhor. Foi ali que ele, e, portanto, Israel, dedicou-se a Deus.

7. *Jeová*. Esse nome foi artificialmente criado: O tetragrama YHWH (*Yahweh*) era considerado sagrado demais para ser pronunciado. As vogais de Adonai (meu Senhor) foram combinadas com as consoantes *yhw*, e o resultado foi a forma *Jeová*. Não se trata, realmente, de um nome de Deus, mas de uma corruptela do nome, a fim de que pudesse ser proferido, sem nenhum temor, pelos judeus. Mas nunca aparece, com essa forma, no original hebraico da Bíblia. Tal forma só começou a aparecer no século XII D.C. Antes disso, — cada vez que aparecia YHWH, os judeus pronunciavam «Adonai».

8. *Yahweh*, com formas mais breves como *Yah* (Exo. 15:2, etc.), *Yahu* e *Yeho*. Entre os nomes sagrados dos documentos de Ras Shamra (que vide), no norte da Mesopotâmia, da época do século XV A.C., temos a forma *Yaw*. Esse nome era pré-mosaico, o que fica implícito no fato de que aparece como uma nova revelação feita a Moisés (Exo. 3:13-15; 6:4). Que não era um nome originalmente israelita fica patenteado em Gênesis 4:26. É questão contestada exatamente sob quais circunstâncias ocorreu a adoração a *Yahweh*, ou a incorporação desse nome na teologia judaica. Ver o artigo separado sobre *Yahweh*, quanto a detalhes. YHWH, a forma hebraica mais longa, é confirmada desde o século IX A.C., em fontes extrabíblicas. — Assim aparece na pedra moabita. Vem do verbo *ser*, dando a entender o Deus vivo e eterno. Ver Exo. 3:14, onde temos o nome de Deus «Eu sou». *Yahweh* tornou-se o nome predominante de Deus, por demais sagrado para ser pronunciado. Notemos o que diz Êxodo 3:15: «O Senhor (no hebraico, *Yahweh*), o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó...», onde Deus é qualificado como *Yahweh*, como Seu nome especial. Portanto, tornou-se um nome próprio, em contraste com *Elohim*, que pode ser o simples abstrato para «deus» ou «deuses».

9. *Yahweh Elohim* (Gên. 2:4 e cap. 3). Uma combinação comum.

10. Várias combinações com *Yahweh*:

a. *Yahweh yireh*, que significa «Senhor que provê» (Gên. 22:8,14).

b. *Yahweh nissi*, «o Senhor é minha bandeira» (Exo. 17:5), usado pela primeira vez para comemorar a vitória de Israel sobre os amalequitas.

c. *Yahweh shalom*, «o Senhor é paz» (Juí. 6:24).

d. *Yahweh tsidquenu*, «o Senhor é a nossa justiça» (Jer. 23:6; 33:16).

e. *Yahweh samma*, «o Senhor está ali» (Eze. 48:35). Estritamente falando, esses nomes não são nomes divinos, mas apenas combinações com frases descritivas, para aludir a eventos especiais.

11. *Yahweh Sabaoth*. Esse é um verdadeiro nome divino, que significa «Senhor dos Exércitos». Não se acha no Pentateuco, aparecendo no Antigo Testamento somente em I Sam. 1:3. Deus era adorado por esse título em Silo. Foi usado por Davi, quando desafiou os filisteus (I Sam. 17:45), e em seu cântico de vitória

## DEUS – DEUS DESCONHECIDO

(Sal. 24:10). Tornou-se comum nos livros proféticos, sendo usado por oitenta e oito vezes somente no livro de Jeremias. Esse título refere-se a Deus como Capitão dos Exércitos, protetor de seu povo, aquele que obtém qualquer tipo de vitória que se possa imaginar (Sal. 46:7,11). Os «exércitos», nesse caso, são os poderes celestiais, sempre prontos a cumprir a vontade de Deus e a produzir qualquer tipo de vitória de que o povo de Deus precise.

12. *Yahweh Elohe Yisrael*, «o Senhor Deus de Israel», uma forma composta encontrada, pela primeira vez, no cântico de Débora (Juil. 5:3), mas freqüente depois disso (Isa. 17:6; Sof. 2:9; Sal. 59:5), em outras combinações.

13. *Qedosh Yisrael*, «o Santo de Israel», usada por vinte e nove vezes em Isaías (Isa. 1:4, etc.). Também encontrada em Jeremias e nos Salmos.

14. *Abir Yisrael*, «o Poderoso de Israel» (Isa. 1:24).

15. *Nesah Yisrael*, «a Força de Israel» (I Sam. 15:29).

16. *'Attiq Yomin*, expressão aramaica que significa «o Antigo de Dias» (Dan. 7:9,13,22).

17. *'Ilya*, *'Elyonin*, «O Altíssimo», expressão aramaica que aparece em Dan. 7:18,22,25,26, alternada no texto com a expressão de número dezesseis, acima.

*Bibliografia.* E ND SCO Z

### DEUS, O DEUS DE ISRAEL

Ver sobre *El-Elohe-Israel*.

### DEUS ABSCONDITUS

Expressão latina que significa *Deus oculto*. Lutero propunha que as experiências religiosas dos homens tratavam com um Deus oculto, tanto quanto com uma presença divina. Esse aspecto de seu ensino resultou de sua luta por obter a salvação exclusivamente pela fé, em meio a um mundo tenebroso e decaído. Este mundo pode ser um lugar escuro e irracional, e Deus pode ocultar-se em meio a tanta melancolia.

### DEUS A SE

Expressão latina que significa «Deus como ele é em si mesmo». A expressão refere-se ao *mysterium tremendum*, o mistério do seu Ser, que não pode ser apreendido pela razão humana. Ver o artigo sobre *Deus*, parte primeira. A expressão é usada em contraste com uma outra, *Deus pro nobis* (que vide), isto é, «Deus segundo se tornou conhecido ao homem», mormente através de sua revelação salvatícia.

### DEUS DESCONHECIDO

Quanto a comentários completos sobre esse assunto, ver as notas no NTI, em Atos 17:23. Abaixo apresento um esboço de idéias envolvidas:

1. O altar que Paulo encontrou em Atenas, sem dúvida, refletia o politeísmo pagão, sendo bem possível que o título estivesse no plural, «deuses desconhecidos». Há evidências literárias e arqueológicas em favor do plural, como em Pausânias (*Descrição da Grécia* 1.1.4), que mencionou, especificamente, os altares dedicados aos deuses desconhecidos. *Filóstrato* (*Vida de Apolônio de Tiana* 6:3,4) diz algo similar, e ambos os autores relatam a questão da adoração a muitos deuses, em Atenas. Diógenes Laércio (*Vidas dos Filósofos* 1.110) fornece-nos uma

razão importante para essa adoração exagerada: espantar as pragas. Aparentemente, acreditava-se que os deuses poderiam viver ocultos e, se não fossem honrados de alguma maneira, poderiam causar dificuldades. Isso, naturalmente, assemelha-se muito mais ao demonismo. De fato, os conceitos gregos sobre as divindades não as distinguiam muito bem dos demônios, conforme usamos este último termo em nossos próprios dias.

2. Os altares aos deuses desconhecidos não se limitavam a Atenas. Talvez uma parcela desses altares se devesse apenas à religiosidade exagerada. Pessoas especialmente religiosas podiam sentir a necessidade de honrar aos deuses, embora muitos deles lhes fossem desconhecidos. Há um reflexo disso na cristandade moderna, com sua adoração a muitos santos, cujo número vai aumentando sempre cada vez mais. A religiosidade do homem não conhece limites. Uma outra imagem poderá sempre encontrar espaço nos nichos e um outro conceito religioso sempre poderá desenvolver-se.

3. *Jerônimo*, ao comentar sobre o trecho de Tito 1:12, deu apoio à forma plural, embora não saibamos dizer quais as informações de que ele dispunha para fazer tal assertiva.

4. Em *Pérgamo*, em 1909, foi encontrada uma inscrição no plural, embora até hoje, nenhuma inscrição assim tenha sido encontrada pelos arqueólogos em Atenas.

5. *O singular*. Alguns intérpretes insistem em preservar o singular, que foi usado por Paulo, chegando ao ponto de suporem que o Deus desconhecido, assim honrado, era o Deus dos judeus. Tudo isso, porém, não passa de conjectura, porque não há a menor evidência em apoio a isso. Essa interpretação, como é claro, é uma cristianização do incidente, a fim de emprestar-lhe um aspecto um tanto mais dramático.

6. *O uso e sua importância*. Sem importar se a expressão esteja no singular ou no plural, o uso de Paulo faz-nos lembrar do fato de que Deus, para muitas pessoas, continua sendo o Deus desconhecido. Na verdade, nós mesmos, com todas as vantagens de que dispomos, incluindo os Livros Sagrados, não sabemos muita coisa a respeito de Deus. Parte desse conhecimento é intelectual, parte é intuitiva e parte é mística. Em todas essas áreas ainda precisamos crescer muito. De fato, conhecer a Deus importa em uma busca eterna e não em algo que possa ser obtido mediante qualquer número de livros. As duas grandes colunas da espiritualidade são o conhecimento e a lei do amor. O conhecimento divino é a mais elevada de todas as categorias do conhecimento e é disso que a *teologia* se ocupa. A iluminação nos é conferida a fim de termos um apropriado conhecimento de Deus (Efé 1:7 ss). É mister que nossos olhos espirituais sejam abertos, se tivermos de conhecer a Deus em grau apreciável. Isso é uma operação do Espírito. O Logos, encarnado no Cristo, foi o meio especial de Deus para revelar a si mesmo (João 1:18). O mundo não conhece a Deus e propositalmente, afasta-se para longe desse conhecimento (Rom. 1:21 ss). A missão do Filho foi fazer Deus tornar-se conhecido dos homens (João 17:25,26). Espiritualmente falando, o conhecimento nunca é apenas o conhecimento de fatos, mesmo que sejam fatos teológicos. Também é algo experimental. Aquilo que conhecemos torna-se então parte de nós e nos transforma. A transformação operada pelo Espírito de Deus envolve um conhecimento prático, experimental. O princípio ético e o princípio espiritual do conhecimento de Deus consiste em

## DEUS DOS HIATOS — DEUS SIVE NATURA

conhecer e expressar o seu amor (I João 4:15 ss; 5:2 ss «...aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus», I João 4:7).

7. *A mais alta realização* do conhecimento de Deus é nossa própria transformação segundo a imagem de Cristo (II Cor. 3:18), de tal modo, que vamos adquirindo a própria essência e natureza de Deus (II Ped. 1:4; Col. 2:10). Dessa maneira, conhecemos a Deus por meio de nós mesmos, porquanto Deus manifestou-se em nós. Ver o artigo sobre a *Visão Beatífica*. Ver também o artigo intitulado *Conhecendo a Deus*.

Alguns estudiosos afirmam que a inscrição original estava no plural, ou seja, «deuses desconhecidos». Sabemos, mediante descobertas arqueológicas e referências literárias, como em Filóstrato (217 D.C.), que havia altares erguidos em honra a deuses desconhecidos. Uma inscrição achada em Pérgamo, em 1909, diz exatamente isso. Várias outras inscrições similares têm sido encontradas em vários lugares da Grécia, embora não em Atenas. Contudo, não há razão para duvidarmos da autenticidade da alusão, feita por Paulo, ao Deus Desconhecido, em Atos 17:23. É possível que ele tenha alterado propositalmente o plural para o singular, a fim de facilitar a sua argumentação. Em algumas das inscrições achadas é usado o termo grego correspondente a «demônios», provavelmente dando a entender divindades secundárias. Muitas pessoas religiosas preocupavam-se em não negligenciar qualquer divindade, que talvez estivesse esperando algum tipo de adoração ou atenção. Pausânias (ver *Descrição da Grécia* I.1,4; V.14,8) adiciona o seu testemunho quanto à prática antiga de serem erigidos altares em honra a deuses desconhecidos. Ele era um viajante e geógrafo grego, nativo da Lídia, que explorou a Grécia, a Macedônia, a Ásia e a África, pelos meados do século II D.C. Outros intérpretes exageram o texto citado do livro de Atos, afirmando que o *Deus desconhecido* referia-se ao Deus de Israel. Não há a menor evidência histórica em prol dessa assertiva, que parece inspirada pela tentativa de dar maior dramaticidade à cena. Entretanto, o politeísmo é o pano de fundo óbvio do incidente.

### DEUS DOS HIATOS

Ver o artigo geral sobre a **Religião e a Ciência**. A expressão *Deus dos Hiatos* é uma expressão hostil, usada por alguns filósofos e cientistas a fim de desprezarem a atividade de certas pessoas para quem, tudo quanto a ciência não pode explicar é atribuído a Deus. Dessa maneira, Deus vai preenchendo os espaços em branco do conhecimento humano. O fator sobrenatural é usado para explicar as coisas naturais que ainda não foram explicadas. Exemplos disso são as questões sobre origem e destino, natureza final do átomo, interação entre os alegados materiais e imateriais, e a natureza da consciência. É verdade que esses apelos a Deus, a fim de explicar as coisas com freqüência, somente criam a ilusão que assim nos foi provida uma explicação, quando tudo aquilo que fazemos recebe outro nome. Há mistérios insondáveis para a mente humana. O próprio Deus é o *Mysterium Tremendum*. Ele mesmo, por assim dizer, é o maior de todos os hiatos, nas nossas tentativas para sabermos das coisas. Por outro lado, contra esse uso hostil do termo, deveríamos afirmar que quanto mais a ciência humana aprende, maiores se tornam os mistérios da vida. Visto não ser provável que as teorias materialistas possam explicar a existência, será necessário, em última análise, até mesmo no

caso da ciência, postular a idéia divina. Na verdade, a existência assemelha-se muito mais a uma gigantesca idéia do que a uma máquina complexa. Mediante a expressão *Deus dos Hiatos* nada se consegue no sentido de explicar os grandes mistérios. A ciência mantém a ilusão de que ela pode eliminar Deus do quadro e manter uma metodologia atéia, se não mesmo o ateísmo pessoal. Entretanto, posso prever que, algum dia, a ciência será divinizada, porquanto a explicação final das coisas que desde agora parece mais viável do que qualquer outra é a da IDEIA. E essa *Idéia* é tão grande que é difícil não chamá-la de *divina*.

Naturalmente, a história da ciência demonstra claramente que coisas que antes eram consideradas divinas, como as ações dos elementos naturais, com o tempo, segundo ficou demonstrado, têm causas meramente naturais. No entanto, o que é uma causa natural? Haverá alguma coisa natural que não conte com a realidade sobrenatural que a respalde? Por conseguinte, o grande e verdadeiro hiato encontra-se no método ou na inteligência dos próprios cientistas. Isso posto, alguma nova maneira de pensar sobre a realidade precisará ser criada, que capacite os homens a solucionar os grandes mistérios. É verdade que, mesmo em nossos dias, a física especulativa está falando de modo bem parecido com a maneira dos místicos. Naturalmente, ainda será preciso muito tempo antes de Deus começar a ser examinado em laboratórios! Mas, talvez, em alguma data distante (vários séculos?), isso venha a acontecer. Sem dúvida alguma, isso será acompanhado por algum conceito de Deus melhor e mais elevado. A teologia cederá diante desse novo futuro conhecimento, e não apenas a ciência.

### DEUS EX MACHINA

Expressão latina que quer dizer «deus proveniente de uma máquina». Originalmente aludia a uma manobra teatral, em algumas tragédias clássicas, mediante a qual uma divindade descia ao palco, a fim de solucionar o problema envolvido no complicado enredo da peça. A expressão veio a indicar qualquer truque ou artifício aplicado, como em uma discussão filosófica, a fim de dar solução a dificuldades inerentes ou avassaladoras.

### DEUS PRO NOBIS

Uma expressão que significa «Deus por nós», usada na teologia a fim de ensinar que Deus resolveu ajudar o homem, identificando-se com o homem, a fim de garantir-lhe a salvação. Está alicerçada sobre o trecho de Romanos 8:31: «Se Deus é por nós, quem será contra nós?» Isso ressalta o ministério do Filho de Deus, que veio para nos salvar (Mar. 10:45). Foi ele quem deu a sua vida por nós, como resgate (I Tim. 2:6). A doutrina do *Deus pro nobis*, por conseguinte, enfatiza a teoria substitucionária da expiação, conforme é sugerido pelo capítulo cinquenta e três do livro de Isaías. Essa foi uma das idéias da expiação que o apóstolo Paulo ressaltou (ver Tito 2:14; Rom. 3:25). Também foi um dos ensinamentos principais de Lutero. A idéia foi reenfetizada na teologia de Karl Barth, fazendo parte essencial da teologia dos grupos evangélicos. Ver o artigo sobre a *Expiação*, quanto a uma visão geral dessa doutrina, incluindo o aspecto de substituição.

### DEUS SIVE NATURA

Expressão latina que significa «Deus ou a

## DEUS TRIBAL — DEUSES FALSOS

natureza», usada por Spinoza (que vide) a fim de denotar a única Substância infinita, à qual podem ser atribuídos todos os atributos. Ver sobre o *Panteísmo*.

### DEUS TRIBAL

Esse nome dá a entender alguma divindade adorada por alguma tribo, e que se torna uma espécie de protetor dos membros daquela tribo. É verdade que os deuses de quase todas as nações pagãs começaram como divindade que controlariam certas tribos. Em torno dessas divindades começou um processo de unificação, o que produziu uma sociedade mais numerosa e ampla, que pode ser intitulada de nação. Isso tem feito com que as nações contassem com certa multiplicidade de divindades, cada qual de uma tribo formativa diferente. Verdadeiramente, muitos intérpretes pensam que Yahweh, anteriormente, foi o deus tribal de alguns povos, e que, quando Israel se multiplicou, ele tenha sido, a princípio, a divindade principal de um sistema *henoteísta* (que vide), até que, finalmente, veio a ser o único Deus de um sistema monoteísta (que vide). De nada adianta lutar contra isso, porquanto é óbvio que o conceito de Deus, em qualquer sociedade humana, desenvolve-se juntamente com a compreensão espiritual das pessoas que formam essa sociedade. Essa compreensão espiritual depende do processo histórico, que, por sua vez, está sujeito ao princípio teísta. Continuamos não sabendo muita coisa a respeito de Deus, e o conhecimento de Deus envolve uma inquirição eterna, não sendo realização de um estágio apenas da vida do indivíduo ou da história da humanidade. A revelação, constante em nossos Livros Sagrados, reflete o nosso conhecimento crescente e cada vez mais profundo de Deus, porquanto nenhum livro ou coleção de livros pode conter e delinear perfeitamente o conhecimento de Deus. As declarações em contrário são manifestamente absurdas e supõem que o nosso conhecimento é muito maior e melhor do que realmente é e que a nossa maneira de compreender é muito mais ampla do que realmente é, no presente estágio do desenvolvimento espiritual do homem.

### DEUS TUTELAR

Uma divindade, uma entidade espiritual ou um poder que serviria como guardião ou protetor de algum indivíduo, família, clã, tribo, cidade ou nação. Nas *religiões de um fator* (que vide), segundo as quais se supõe que há unidade de natureza, um vínculo comum que dá um destino único e natural, ligando todas as coisas da criação entre si e com o ser divino, a função do deus tutelar pode ser ocupada pelo santo ou anjo guardião, ou então, em alguns casos, por alguma divindade secundária, embora tudo seja controlado pela força suprema. Já nas *religiões de dois fatores* (que vide) supõe-se que os poderes de natureza não-humanos são controlados por forças religiosas distintas daquelas forças que controlam os seres humanos. Portanto, não haveria qualquer unidade geral de forças. Nessas religiões (que envolveriam cerca de uma décima parte da população do mundo), os deuses tutelares usualmente derivar-se-iam de poderes de pessoas já falecidas (incluindo espíritos desencarnados), como também de animais, de plantas ou mesmo de outros objetos. Os espíritos guardiães, pertencentes a várias categorias, não pertenceriam a qualquer sistema unificado. Em outras palavras, nesse caso deveríamos pensar em deuses tutelares *provinciais*.

••• ••• •••

### DEUSES DE FOGO: AGNI E ATAR

Nos escritos das Vedas (que vide), o deus Agni (que vide) aparece como *fogo* divinizado. No hinduísmo posterior, ele se tornou o filho da Terra, o laço de união entre os poderes sobre-humanos os homens, uma espécie de mediador, dotado das funções de protetor e purificador. No zoroastrismo (que vide), Atar era o deus do fogo. Ele era um dos filhos de Ahura Mazda (que vide), com a responsabilidade de lutar contra os grandes poderes da maldade, especialmente o terrível dragão Azhi. Sorrimos diante da natureza primitiva desses conceitos das religiões antigas, mas, atualmente, os homens têm feito do próprio «eu» e do dinheiro divindades não menos ridículas.

### DEUSES FALSOS

A adoração aos mais variados tipos de deuses imaginários, entre os pagãos, tem sido quase interminável. Essa atividade reflete tanto a insegurança quanto a perplexidade dos homens. Eles tentam proteger-se em um mundo ameaçador. Olham para fora de si mesmos e vêem muitos mistérios, e dão títulos a alguns desses mistérios, chamando-os deuses. A alma humana sempre foi incuravelmente religiosa, e seus muitos deuses são uma tentativa para exprimir isso. Paulo admirou-se ao ver a extensão da idolatria de Atenas (Atos 17). O homem sempre se inclina para a *pluralidade*. O Deus único, tão elevado, tão distante, parece remoto demais para alguns. Portanto, é mais fácil personificar coisas próximas, conferindo-lhes qualidades divinas, porque essas coisas fornecem a proximidade que não se encontra em algum elevado conceito divino. O desenvolvimento da *angelologia* (ver sobre os *Anjos*) sem dúvida foi inspirado pelo mesmo impulso. O desenvolvimento da doutrina dos santos, e então de ícones e ídolos a fim de lembrá-los, pelo menos em parte deveu-se à busca pela proximidade e pela comunhão. (Ver o artigo geral sobre a *Idolatria*). O Deus único da Bíblia e o único Mediador entre Deus e os homens (ver I Tim. 2:5) é o protesto bíblico contra a pluralidade. No entanto, no ministério dos anjos temos toda a pluralidade imaginária, contanto que não lhe confirmamos posição divina. Os espíritos, por sua vez, buscam a pluralidade no contato com as inúmeras almas dos mortos. Uma parte da cristandade tem os seus santos, que satisfazem o impulso de poderes mais próximos, que possam ajudar os homens, e que seriam agentes de Deus com essa finalidade. Infelizmente, o impulso pela pluralidade com frequência é expresso na forma de idolatria, mesmo quando a teologia oficial de um grupo cristão negue a validade da mesma.

#### *Esboço:*

- I. Classes de Deuses
- II. A Geração dos Deuses
- III. Alguns Deuses Falsos Referidos na Bíblia

#### **I. Classes de Deuses**

1. *Espíritos criados ou eternos*. Anjos divinizados, espíritos demoníacos (divindades malignas), gênios, lares, lêmures, tífones, deuses guardiães, deuses infernais, semideuses (heróis divinizados), filhos de deuses e mulheres ou de deusas e homens. Muitos desses eram classificados como espíritos não-materiais.

2. *Corpos celestes*. Poderíamos falar sobre o sol, a lua, os planetas, as estrelas, que supostamente seriam habitações de deuses, ou seriam os próprios seres espirituais. Os antigos não faziam idéia sobre as



## DEUSES FALSOS

enormes dimensões desses corpos celestes, e nem sobre a distância que os separa de nós. A adoração ao sol tem sido uma das mais importantes formas de idolatria que o homem já criou.

3. *Elementos naturais*, como o ar, o oceano, Ópis, Vesta, rios, fontes, etc. Pensava-se que os deuses controlam esses elementos, e os próprios elementos tornaram-se objetos de adoração e respeito.

4. *Meteoros e manifestações celestes*. Além dos meteoros e cometas literais serem adorados como deuses, manifestações celestes como os ventos, o relâmpago, o trovão, etc., foram considerados atos divinos.

5. *Minerais e fósseis*. Estranhos ou interessantes objetos minerais, como gemas e rochas têm sido transformados em deuses pelos homens. Os citas adoravam o ferro; e muitas nações adoravam metais preciosos, como o ouro e a prata. De fato, o ouro continua sendo um dos principais deuses, entre as nações. Os finlandeses adoravam pedras, as mais variadas.

6. *Plantas*, como cebolas e alhos têm recebido qualidades divinas imaginárias. Certas árvores têm sido adoradas. Os druidas homenageavam o carvalho. O trigo e outros cereais eram adorados sob os nomes de Ceres e Proserpina.

7. *Animais marinhos* têm sido adorados pelos homens. Os sírios e os egípcios envolveram-se nesse tipo de idolatria.

8. A *serpente* tem sido adorada, com muita frequência, por povos antigos e modernos. Poderíamos lembrar, neste ponto, a adoração diretamente prestada ao diabo. Em vários lugares do mundo religiões têm sido organizadas para fomentar a adoração a Satanás.

9. O *gado* (que vide) era adorado no Egito.

10. Também havia o *tourro* sagrado, uma forma favorita de idolatria no Egito. Ver o artigo separado sobre o *Boi Apis*.

11. Várias *aves*, como a cegonha, o corvo, o íbis, a águia e outros pássaros têm recebido honras divinas. Isso era comum no Egito antigo e no México.

12. *Vários mamíferos*, além do gato e do boi, como o porco, o rato, o furão, o leão, o crocodilo, o bafuino e muitos outros animais, chegaram a receber posição divina. No Egito era comum esse tipo de adoração. O porco era o deus dos cretenses. Tróade entronizou o rato. O porco-espinho obteve posição divina entre os adoradores de Zoroastro.

13. *Homens deificados*. Há um artigo separado sobre a *Deificação*, onde se explica como os homens têm sido feitos deuses, mesmo enquanto viviam, ou então após a morte. Isso era comum em Roma, no tocante aos imperadores; mas tal costume não estava limitado aos romanos.

14. *Virtudes deificadas*. As virtudes têm sido primeiramente personificadas, e então deificadas. Poderíamos falar sobre a saúde, o amor, a dor, a indignação, a vergonha, a opinião, a razão, a prudência, a arte, a fidelidade, a felicidade, a calúnia, a liberdade, o espírito aguerrido e a atitude contrária, e a paz.

15. A *natureza*. No panteísmo, encontramos a deificação da natureza como *um todo*.

### II. A Geração dos Deuses

Hesíodo forneceu-nos uma tentativa interessante de explicar como os deuses surgiram. A sua *Teogonia* (a geração dos deuses) explica a geração e a descendência dos deuses, quem era o principal deles, quem veio em seguida, e então como os deuses foram

surgindo ordem após ordem. Ele tentou criar um sistema com base na teologia pagã, o que não foi tarefa pequena e fácil. Outras noções sobre isso emergem de obras como o *Timeu*, de Platão e a *De Natura Deorum*, de Cícero. Vários dos pais da Igreja antiga, como Justino Mártir, Tertuliano, Arnóbio, Eusébio, Agostinho e Teodoro expressaram seu espanto diante da extensão da idolatria pagã. Havia divindades superiores, inferiores, nobres, vis, no céu, na terra, nos prados, nas águas, no ar, no céu distante e no hades, debaixo da terra. Cada lugar existente simplesmente estaria repleto de deuses.

Marcus Terentius Varro Reatinus, o mais erudito dos romanos (cerca de 116 A.C.), teria escrito mais de seiscentos livros! Ele contou nada menos de trinta mil deuses pagãos. Mas, na realidade, seu número é incalculável.

### III. Alguns Deuses Falsos Referidos na Bíblia

1. *Adrameleque*. Esse nome significa «Adar é rei». Era adorado a noroeste da Mesopotâmia, com o nome de Adade-Milki, uma forma do deus sírio Hadade (que vide). Crianças eram sacrificadas no fogo, nesse culto (II Reis 17:31).

2. *Anameleque*. Seu sentido é *Anu é rei*. Anu era um dos deuses babilônicos, um deus do firmamento (II Reis 17:36). Parte desse culto incluía o sacrifício de crianças no fogo (I Reis 11:7).

3. *Asima*. Hamate introduziu esse deus entre os colonos que Salmaneser enviou para a Samaria (II Reis 17:30).

4. *Aserá*. O plural dessa palavra é *Aserim*. Esse nome designa uma deusa pagã mencionada no épico de Ras Shamra. Ela era a Senhora do Mar, consorte de El, e a principal deusa de Chipre, em cerca do século XV A.C. As referências bíblicas que mencionam esse nome referem-se a algum tipo de culto que envolvia madeira, talvez porque houvesse ídolos feitos de madeira, ou talvez porque fosse queimada madeira com propósitos sagrados. Ver I Reis 15:13 e II Reis 21:7. Essa deusa também contava com profetas (I Reis 18:19). Alguns arqueólogos supõem que uma árvore ou um poste fosse o símbolo dela, o que explicaria a alusão à madeira, segundo dissemos acima. Nas referências ela aparece ou como esposa ou como irmã de El. Aserá tornou-se a principal deusa de toda a Ásia ocidental. Astarte e Anate eram apenas variantes do nome. Nas gravuras antigas ela é representada despida, montada sobre um leão, com um lírio em uma das mãos e uma serpente na outra. Também era chamada de *Santidade* ou de *Santa*. Na realidade, porém, ela era uma prostituta divina, e era adorada em um ambiente de prostituição sagrada. Ver Deu. 23:18; I Reis 14:24; 15:12; 22:46. Seu nome, no plural, dá a entender um aumentativo, tal como o termo hebraico *Elohim*, a fim de expressar a dignidade e a honra dessa deusa, e não pluralidade.

5. *Astarte*. Também chamada Astorete. Ver o artigo separado sobre *Astarote*, onde fornecemos material pertinente.

6. *Baal*. Ver o artigo separado sob esse título, quanto a completas informações a respeito.

7. *Baal-Berite*. Ver o artigo separado sobre essa palavra. Sob esse título, Baal aparece como um deus das condições atmosféricas, sendo adorado em Siquém com esse nome.

8. *Baalins*. Essa é a tradução portuguesa da forma hebraica plural de Baal, referindo-se a vários atributos desse deus. Esses atributos eram expressos mediante várias combinações, como Baal-Shamem, «senhor do céu», Baal-Melcarte (em Tiro), Baal-Safom, dos cananeus de Ugarite. Cada deus local

## DEUSES FALSOS

deuses representava alguma qualidade específica de Baal.

9. *Baal-Peor*. Ver o artigo separado.

10. *Baal-Zebube*. Ver o artigo separado sobre esse nome.

11. *Bel*. Ver o artigo separado sobre esse nome.

12. *Adoração ao Bezerro*. O boi era um animal sagrado no Egito. Ver sobre o boi *Ápis*. Essa forma de idolatria foi adotada pela sociedade israelita. Ver o artigo separado sobre o *Bezerro de Ouro*. Em muitas nações orientais, há evidências de que o touro era adorado por simbolizar a força e os poderes generativos. O boi alado era comum entre os assírios. O nome desse animal era aplicado ao rei e às divindades. No tocante ao culto ao touro, entre o povo de Israel, ver o artigo sobre *Bezerro de Ouro*, onde damos mais detalhes.

13. *Castor e Pólux*. No grego, *dióskouroi*, «filhos de Júpiter». Ver o artigo separado sobre *Dióscuros*.

14. *Camos*. Essa era a mais importante divindade dos moabitas, adorada através do cruel holocausto de crianças na fogueira, ou através de outros métodos bárbaros. A pedra Moabita afirma que esse deus entregou Moabe nas mãos de Israel porque estava desagradoado com os moabitas. Comparar com Juízes 11:24. Salomão, em sua queda, chegou a edificar um altar a esse deus (I Reis 11:7). Somente três séculos mais tarde essa abominação foi expurgada por Josias (II Reis 23:13). Os moabitas eram chamados «filhos de Camos» (Núm. 21:29), o que demonstra até que ponto essa adoração lançou raízes ali.

15. *Quim*. Aparentemente esse era um antigo nome de Saturno, ou, pelo menos, Quim é a base desse antigo nome. O texto massorético parece haver corrompido a palavra para dizer «coisa detestável»; mas algumas traduções dizem «santuário». Ver Amós 5:26, onde nossa versão portuguesa diz «imagem». Esse é o único trecho bíblico onde essa divindade pagã é mencionada.

16. *Dagom*. Ver o artigo separado sobre esse deus, onde há abundantes informações.

17. *Deus*. Lat. para o grego *zeus*, deus dos céus.

18. *Diana*. Uma designação alternativa de *Artemis*. Ver o artigo sob esse título.

19. *Gade*. Esse era um deus cananeu da «boa sorte», que alguns pensam ter sido o planeta Júpiter deificado. Esse planeta é chamado pelos árabes de «a maior sorte», o que serve de indicação da identificação desse deus com aquele planeta. Ver Isa. 65:11, onde algumas versões traduzem o nome, impropriamente, por «tropa». Nossa versão portuguesa mostra-se mais correta, ao traduzir essa palavra por «Fortuna».

20. *Júpiter*. Esse é o nome latino da divindade chamada, em grego, *Zeus*. Na mitologia romana, Júpiter era a divindade máxima, tal como Zeus o era para os gregos. Essa palavra significa «pai dos céus». Portanto, é interessante notar que essa divindade pagã superior é identificada com o conceito da paternidade de Deus. Ver o artigo sobre a *Paternidade de Deus*. O termo Ju-piter poderia ser traduzido por «Pai celeste». Na mitologia romana, Júpiter é considerado filho de Saturno e de Opis, nomes correspondentes aos gregos Urano e Réa, respectivamente. Júpiter seria a luz brilhante, o alvorecer, a lua cheia. Os *idos*, dias treze a quinze de cada mês, eram sagrados em homenagem a Júpiter. Acreditava-se que ele controlava todas as manifestações celestes, como as condições atmosféricas, embora também fosse o doador do vinho e o juiz daqueles que deveriam vencer nas batalhas, o doador da vitória e o

deus dos juramentos. O trecho de Atos 14:12,13 tem uma alusão a Júpiter, onde vemos que ele teria aparecido como Barnabé, ao passo que Mercúrio (mensageiro de Júpiter) foi identificado com Paulo, que era o orador principal. A passagem de Atos 19:35 mostra que os esfésios criam que a estátua de Diana (Artemis), que adoravam, havia caído da parte de Júpiter. Sem dúvida, era um fragmento de meteorito. Ver esse versículo, no NTI, quanto a maiores detalhes.

21. *Malcã*. Esse era o deus nacional dos amonitas, algumas vezes identificado com Moleque ou Moloque (que vide). O trecho de I Reis 11:5,33 mostra-nos que Salomão, ao desviar-se do Senhor, chegou ao absurdo de instituir a adoração a Malcã, adoração pagã que só foi descontinuada nos dias de Josias (II Reis 23:13).

22. *Meni*. No hebraico, essa palavra significa «destino». Em tempos de apostasia, esse deus era adorado em Israel (ver Isa. 65:11). Esse versículo fala sobre duas divindades, *Fortuna* (Gade, ponto 19) e *Destino* (ou Meni). Há alguma coisa de espantoso no curso da vida. Os homens esforçam-se por prever o futuro, na constante esperança de que algo de melhor ocorra, algo de grande e inspirador. Foi apenas natural, pois, que os homens viessem a deificar o conceito de *Destino*. Ver o artigo sobre esse assunto.

23. *Mercúrio*. Esse era o nome do deus do comércio dos romanos, protetor do comércio de cereais. Era identificado com o grego *Hermes*, filho de Zeus e Naiade, filha de Atlas. Diziam-no inventor da lira, e que, com freqüência, era empregado como arauto dos deuses. Também era o encarregado de guiar as almas ao hades. Foi o deus da mineração, da agricultura e das estradas. Era o deus patrono da oratória. Em Atos 14:12, Paulo é confundido com Mercúrio, e Barnabé com Júpiter. A palavra latina é *Mercurius*, que se deriva de *merx*, «comércio».

24. *Merodaque*. Essa é a forma hebraica do acádio *Marduque*. Esse era o principal deus do panteão babilônico e deus patrono da cidade da Babilônia. De acordo com o mito da criação dos babilônios, *Enuma elish*, a posição dessa divindade, como o deus mais poderoso, é claramente retratada. Essa era a principal divindade adorada por Nabucodonosor, pelos assírios e por Ciro, o Grande. Ver Jer. 51:44 e Isa. 46:1. Tal como os principais nomes hebraicos para Deus aparecem em muitos nomes compostos, assim também o nome de Merodaque aparecia em muitos apelativos compostos, incluindo nos nomes próprios de pessoas. Merodaque-Baladã e Evil-Merodaque são exemplos disso, nas Escrituras. Ver Isa. 39:1; II Reis 25:27 e Jer. 52:31.

25. *Milcom*. Essa é uma forma variante de Malcã (que vide).

26. *Moleque* ou *Moloque*. Esse nome está ligado à palavra hebraica que significa «rei». Ele era cultuado com a imolação de crianças na fogueira. A arqueologia tem confirmado plenamente a prática, tendo descoberto muitos esqueletos infantis em cemitérios em redor de santuários e templos pagãos. Os amonitas transformaram-no em um deus-pai. A adoração a essa divindade era estritamente proibida em Israel (Lev. 18:21; 20:1-5). No entanto, Salomão erigiu um altar dedicado a esse deus, no vale de Hinom, o que mostra até que ponto ele se desviou do Senhor. Manassés, gerações mais tarde, fez-se agente desse deus (cerca de 686-642 A.C.). Josias eliminou tal culto, mas Jeoaquim o reviveu. As severas advertências dos profetas (Jer. 7:29-34; Eze. 16:20-22; 23:27-29; Amós 5:26) mostram a incrível influência exercida por esse culto entre os israelitas. Dentre

## DEUSES FALSOS

todos os elementos pagãos que invadiram Israel, esse foi o mais lamentável e repelente.

27. *Nebo*. Forma hebraica do acádio *Nabu*, um dos deuses babilônicos (Isa. 46:1). Era considerado o deus da sabedoria e da literatura. A cidade de Borsipa (que vide), perto da cidade da Babilônia, era o principal centro desse culto. Assurbanipal (669-633 A.C.), o maior dos imperadores assírios, cultivava a adoração a esse deus, conforme é evidente na declaração de certa inscrição: «Eu, Assurbanipal, aprendo a sabedoria de Nabu, a arte inteira da escrita em tabletas de argila». Esse monarca é chamado Osnaper, no Antigo Testamento (ver Esd. 4:10). A *Crônica Nabunaida* (do tempo de Belsazar), atribui a Nabu e a Bel posições proeminentes no culto nacional da Babilônia.

28. *Neustã*. Essa palavra vem do termo que significa «cobre», em hebraico. Os israelitas transformaram a serpente de bronze em objeto de adoração (II Reis 18:4), e o título dado a esse objeto era *nehushtan*, usado como epíteto derogatório pelos profetas. O objeto foi cercado de um culto elaborado, e Ezequias tomou sobre os ombros a tarefa de pôr fim a essa adoração idólatra. O culto era ajudado pelo fascínio e pelo horror dos homens diante da serpente, a qual, até onde a história da humanidade registra, vem sendo deificada pelos homens.

29. *Nergal*. Esse era o nome do deus-sol dos babilônios (II Reis 17:30). A cidade de Cutá tornou-se o centro da adoração ao sol. Após a deportação das dez tribos de Israel, foram trazidos colonos daquela cidade para ocuparem as cidades e as áreas adjacentes vagas. Desse modo, o culto ao sol firmou-se no território de Israel. Ver II Reis 17:24-30. *Nergal* também era o deus da pestilência e da guerra. Também exerceria controle sobre o mundo inferior. Tal como sucedia a outros nomes de divindades, esse nome passou a ser usado em nomes próprios compostos, inclusive de pessoas. Assim, encontramos *Nergal-Serecer*, um dos embaixadores de Nabucodonosor. Ver Jer. 39:3,13.

30. *Nibaz*. Um deus pagão trazido pelos aveus que vieram colonizar Samaria, após os assírios terem levado os israelitas para o cativeiro (II Reis 17:31). Alguns têm identificado esse deus com o deus elamita *Ibna-Haza*.

31. *Nisroque*. Senaqueribe (705-681 A.C.), rei da Assíria, adorava essa divindade. Havia um templo erigido em sua honra, em Nínive. Ali foi assassinado esse monarca (II Reis 19:37; 37:38). Alguns pensam que esse título é uma corruptela de *Marduque*, pelo que estaria em pauta a mesma divindade. Mas outros estudiosos opinam que o deus em questão é o *Nusku* dos assírios.

32. *Pólux*. Ver sobre *Castor e Pólux*.

33. *Refã*. Uma divindade identificada com os corpos celestiais, e adorada por Israel no deserto, Ato 7:43. Alguns identificam este deus com *Saturno*, ou com o deus *Chiun* mencionado em Amós 5:36. Certos eruditos ligam o nome com o heb. *kinyon* (*chiun*), que significa *estátua*. Neste caso temos uma referência geral a idolatria. A maioria, todavia, acha que *Saturno* está em vista. O ár. *chevan* significa *Saturno*, e é provável que *chiun* seja uma variante desta palavra, que significa também, *planeta*.

34. *Rimon*. Ele foi uma divindade da Síria, adorada em Damasco. Um templo ali foi dedicado a ele. Ver II Reis 5:18. Alguns supõem que este título seja uma forma contraída de *Hadade-Rimon*, e que *Hadade* fosse o *deus-sol*, o supremo deus da Síria. *Rimon*

significa *romã*. Esta fruta foi associada com o poder do sol para amadurecer vegetais e frutas. Por analogia, os poderes de geração foram associados com este deus. Esta fruta tem uma abundância de sementes e no Oriente e nas mitologias gregas, esta abundância simboliza os poderes generativos. Monumentos assírios têm inscrições que comprovam este uso.

35. *Sátiro*. Essa palavra significa *peludo*, aludindo à combinação de um homem com um bode, adorado como uma divindade. Na mitologia grega, era uma divindade que habitava nos bosques, dotado de orelhas pontudas, nariz arrebicado, cauda curta, chifres curtos, rosto prognata, os braços e o corpo de homem, mas sobre pernas como de um bode. Nas referências bíblicas, forças demoníacas estão em foco, provavelmente como aquelas que dão impulso à idolatria em torno de imagens similares a um bode. Ver Isaías 13:21. O trecho de Apocalipse 18:2 indica a natureza demoníaca dessa adoração. Na mitologia grega e romana, o sátiro era um deus silvestre, companheiro de Baco, e, por conseguinte, associado a todo o tipo de sensualidade. Algumas referências veterotestamentárias dizem simplesmente «bode», como tradução; mas essa mesma palavra veio a ser usada para indicar a adoração idólatra (Lev. 17:7; II Crô. 11:15).

36. *Sicute*. Provavelmente o mesmo *Sakkut* dos babilônios, que correspondia a *Saturno*. Portanto, provavelmente está em vista a adoração àquele corpo celeste. Os antigos pensavam que os planetas eram deuses (entidades vivas), ou pelo menos, lugares onde residiam os deuses. Os babilônios também se utilizavam do nome *kaimonu* ou *chian* (que vide) para indicar *Saturno* (Amós 5:26).

37. *Sucote-Benote*. Colonos babilônios que ocuparam, em Samaria, os lugares deixados vagos pelos israelitas, quando do exílio imposto pelos assírios, levaram para ali o culto relacionado a essa deusa (II Reis 17:30). Talvez esteja em foco a esposa do deus *Marduque*, *Zarpanitum*, o grande deus dos babilônios. Entretanto, há eruditos que preferem a identificação com o deus acadiano do arbítrio, *Sakkut binuti*. Neste caso, esse nome pode ser apenas um dos títulos de *Marduque*, e não uma divindade distinta.

38. *Tamuz*. Nome ainda de um outro deus dos babilônios, ao qual alguns israelitas se tornaram muito afeiçoados. Ezequiel viu mulheres chorando por essa divindade no portão norte de Jerusalém (Eze. 8:14). Os babilônios chamavam-no *Dumuzi*. Ele era o deus das pastagens e dos rebanhos, das águas subterrâneas e da vegetação. Era considerado meio-irmão de *Aserá*, a deusa da fertilidade. A esse deus estava vinculado um mito de morte-ressurreição. No outono ele morreria, desceria ao hades, e então era ressuscitado por Istar. Então *Tamuz* reaparecia na primavera, e as coisas começavam a reverdecer novamente, sob suas bênçãos. O quarto mês babilônico, correspondente a julho, tinha o nome desse deus. Ele é equiparado ao grego *Adonis* e ao egípcio *Osiris*. Parece haver alguma alusão a esse culto em trechos como Jer. 22:18; Amós 8:10 e Zac. 12:10. Esse culto disseminou-se por todo o mundo antigo, com seus vários ramos, sob diferentes apelativos. A cidade de Biblos (na Bíblia, Gebal) era um importante centro dessa adoração. Na Babilônia, anualmente, havia o casamento divino do rei com a deusa da fertilidade, simbolicamente representados pelo monarca e por uma sacerdotisa do templo de *Tamuz*, que celebrava assim os poderes doadores de vida desse deus.

39. *Tartaque*. Os aveus, que foram levados a Samaria para ocupar o lugar deixado vago pelo exílio dos israelitas, por parte dos assírios, trouxeram com eles vários cultos religiosos, incluindo aquele que girava em torno de Tartaque. Ver II Reis 17:31. (NTI S UN)

## DEUTEROCANÔNICOS, LIVROS

Ver o artigo sobre os **Livros Apócrifos**.

## DEUTERONÔMIO

Deuteronômio é o último livro do Pentateuco, completando assim os cinco primeiros livros da Bíblia tradicionalmente atribuídos a Moisés. Seu nome foi obtido da LXX através de uma tradução inacurada do verso 17:18, o qual corretamente traduzido daria, «Esta é a cópia (ou repetição) da lei». A palavra «Deuteronômio» é a forma portuguesa da palavra grega «segunda lei». É evidente que o livro não é uma *segunda lei* distinta da lei dada no Sinai, todavia, esse título não é totalmente inapropriado, pois o livro inclui, entre outros assuntos, uma repetição ou reformulação de grande parte das leis. O nome hebraico do livro é *'Elleh haddevarim*, «Estas são as palavras» ou simplesmente *Devarim*, «Palavras». A tradição judaica intitula o livro de Deuteronômio de *Mishneh Torah*, que significa *repetição* ou «cópia da lei» (Deut. 17:18).

### Esboço

- I. Composição
- II. Conteúdo e Propósito
- III. Esboço
- IV. Seção Legal
- V. A Importância do Livro
- VI. Bibliografia

### I. Composição

1. **Autoria**. Há mais polêmica em relação à autoria e à data de Deuteronômio do que em relação a qualquer outro livro do Pentateuco. A maior variedade de opinião encontra-se especialmente entre os que se opõem à autoria mosaica.

a. *Ponto de vista conservativo*. — Os que apóiam o ponto de vista conservativo da autoria mosaica de Deuteronômio baseiam-se em declarações bíblicas e na tradição judaica-cristã que estava em pleno acordo concernente à autoria desse livro até antes do advento do criticismo. Os argumentos mais fortes em favor da autoria mosaica do livro são as reivindicações do próprio livro, a saber: Deut. 31:8-13 e 31:24, 26. O vers. 31:9 diz: «Esta lei escreveu-a Moisés e a deu aos sacerdotes...», e 31:24 diz: «Tendo Moisés acabado de escrever integralmente as palavras desta lei num livro...». Os escritores do NT atribuíam a autoria do Pentateuco a Moisés, e o vers. 19:8 de Mateus indica a posição de Cristo em relação especificamente ao livro de Deuteronômio. Para os que acreditam na plena inspiração das Escrituras, estes vers. são evidências enfáticas da autoria mosaica de Deuteronômio. Os fatos de que o uso da primeira pessoa predomina e de que Moisés é mencionado por mais de 40 vezes no livro, são também apresentados como provas de que Moisés escreveu Deuteronômio. O relato da morte de Moisés não apresenta problema, pois explica-se que os capítulos 31-34 foram adicionados depois da morte deste. — Alguns afirmam que Moisés escreveu os capítulos que constituem a legislação (12-26) e que os capítulos de 1-12 e de 27-30, embora de sua autoria, foram

adicionados posteriormente.

Quanto aos capítulos 31-34, sugere-se Eleazar e Josué como possíveis autores. Ambos foram amigos de Moisés e portanto pessoas apropriadas para fazerem seu panegírico. Josué se tornou o sucessor de Moisés e alguns supõem que o que atualmente é o apêndice de Deuteronômio, foi uma vez o início do livro de Josué. É particularmente interessante observar que as expressões «Moisés, servo do Senhor» e «Moisés, homem de Deus» não aparecem nos capítulos precedentes nem nos outros livros do Pentateuco. Por outro lado, a expressão «Moisés, servo do Senhor» ocorre várias vezes no livro de Josué, fato que fortalece a probabilidade de que Josué fora o responsável pela composição do apêndice.

b. *Ponto de vista crítico*. Os críticos consideram improvável que Moisés tenha escrito Deuteronômio e mantêm que o livro fora composto por um profeta anônimo que escreveu segundo as noções de Moisés. A despeito de não apoiarem a teoria da autoria mosaica do livro, os críticos declaram que Deuteronômio pode ser qualificado como um livro mosaico, pois toda a lei judaica se originou na tradição básica dos tempos em que Moisés era o líder do povo.

Segundo a teoria documental de Wellhausen, o *Código Deuteronômico*, ou *D*, é o documento básico desse livro. O documento D (Deuteronômio 12-26), foi publicado em 621 A.C. quando Hilkiyah o encontrou no templo durante o reinado de Josias (2 Reis 22). Acreditava-se que o documento D fora composto no tempo de sua «descoberta» (por Hilkiyah) com o fraudulento propósito de promover reformas religiosas. Atualmente esta teoria tem sido abandonada por falta de evidências.

Deuteronômio sumariza, de diversas maneiras, as doutrinas dos grandes profetas do VIII séc. A.C. Eles também pregaram a absoluta soberania de Deus, seu relacionamento especial com Israel, e a conseqüente condenação da idolatria. De fato, Deuteronômio representa Moisés dando uma nova interpretação da lei (para a vida em Canaã) no momento em que Israel estava fazendo a transição de um estilo de vida nômade para um permanente. Dessa maneira o Código Deuteronômico demonstra a adaptação da velha lei para as condições posteriores de vida.

A **forma exata** do documento encontrado no tempo do rei Josias tem sido questão de muita polêmica. É evidente que o atual livro de Deuteronômio é o resultado da compilação de porções independentes. O mistério da questão consiste em descobrir quando essas porções foram compiladas. Considerando que a leitura da Lei atemorizou Josias (II Reis 22:11-13), o documento continha pelo menos algumas maldições como as do presente capítulo 28. É também importante observar que o documento encontrado compeliu Josias a renovar o pacto entre Jeová e a nação de Israel. Isso indicaria que o documento tinha a forma familiar de um tratado e não era muito diferente do atual livro de Deuteronômio que reflete claramente a estrutura dos antigos tratados ou pactos.

Alguns críticos acreditam que Deuteronômio é uma sùmula da doutrina preservada da Samaria depois de sua queda em 721 A.C. Mesmo os que defendem Jerusalém como o lugar de origem do livro, mantêm que sua composição se deu no século VIII A.C. E. Robertson, defendendo uma posição mais conservativa, sugere que o livro foi compilado (a partir de material mosaico) por Samuel. Em resumo, a origem e a data de Deuteronômio constituem um dos mais controversais problemas para os críticos bíblicos. Nada de concreto tem sido concluído a esse respeito

# DEUTERONÔMIO

até o presente momento.

**2. Estrutura.** A estrutura básica de Deuteronômio reflete claramente a forma dos antigos tratados ou pactos. O livro (delineado quase exclusivamente na forma de discursos), apresenta primeiramente uma introdução exortatória com alusões históricas, a seguir, as leis e finalmente as bênçãos e maldições condicionadas segundo a obediência das estipulações.

O livro de Deuteronômio é dotado de um vigoroso estilo oratório, mesmo em se tratando da apresentação das leis. Apesar de bastante peculiar, este estilo reflete alguma influência da literatura profética. Tendências retóricas e preocupações com o culto e com a religião interior lembram as pregações dos sacerdotes e levitas.

## II. Conteúdo e Propósito

O livro compreende uma série de discursos proferidos por Moisés. O primeiro desses, considerado uma adição secundária ao livro, relata a viagem de Horebe à Terra Prometida e enfatiza a conquista da Transjordânia. O segundo discurso é o mais importante do livro — contém primeiramente uma exortação de como o indivíduo deve entregar-se de todo coração ao Deus do Pacto, e em seguida apresenta as leis desse Pacto. O terceiro discurso consiste de um apelo por fidelidade. O livro termina com um apêndice histórico contendo a narrativa dos últimos atos e palavras de Moisés. (Ver *esboço* para maiores detalhes).

O propósito de Deuteronômio é persuadir o povo a uma total entrega ao Deus de Israel, o que significa amá-lo de todo coração, de toda alma, e de toda força (6:5). Dessa maneira o livro enfatiza uma total união com Jeová, através da qual o povo deve adorar somente a ele, e de modo apropriado.

## III. Esboço

### A. Primeiro Discurso de Moisés (1:1-4:43)

1. Sumário da história de Israel no deserto (2:1-3:29)
  - a. Introdução (1:1-5)
  - b. O fracasso em Cades (1:6-1:46)
  - c. A perambulação e os conflitos no deserto (2:1-3:29)
2. Moisés exorta o povo à obediência (4:1-4:43)

### B. Segundo Discurso de Moisés (4:44-26:19)

1. Repetição da lei com advertências e exortações (4:44-11:32)
  - a. Introdução (4:44-49)
  - b. Repetição dos Dez Mandamentos (5:1-3:3)
  - c. O fim da lei é a obediência (6:1—25)
  - d. A destruição dos cananeus e de seus ídolos é ordenada (7:1-26)
  - e. Advertências e exortações (8:1-11:32)
2. A legislação que Moisés colocou diante do povo (12:1—26:19)
  - a. Condições de bênção na terra (12:1—32)
  - b. Castigo dos falsos profetas e idólatras (13:1-18)
  - c. Animais limpos e imundos (14:1—29)
  - d. O ano da remissão (15:1-23)
  - e. As três festas: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos (16:1-17)
  - f. Deveres dos juizes (16:18-22)
  - g. Castigo da idolatria, obediência a autoridade, eleição e deveres de um rei (16:1—20)
  - h. Os sacerdotes, as práticas proibidas, e a promessa de um profeta (18)
  - i. As cidades de refúgio (19)
  - j. As leis da guerra (20)
  - k. Regulamentos gerais (21:1-26:19)

### 3. Sumário de Profecias sobre a história de Israel e a 2ª vinda de Cristo (27:1-28:68)

- a. As pedras da lei no monte Ebal (27:1—8)
- b. As maldições que serão lançadas no monte Ebal (26:11—26)
- c. As bênçãos que serão lançadas no monte Gerizim (28:1—14)
- d. Condições que trarão castigo à terra (28:15-68)

### C. Terceiro Discurso de Moisés: O pacto palestino (29:1—30:20)

1. Introdução (29:1-29)
2. Declaração do pacto (30:1-40)
3. Advertência final (30:11-20)

### D. Apêndice Histórico (31:1—34:12)

1. Últimas palavras de Moisés e nomeação de Josué (31:1—30)
  - a. Últimos conselhos de Moisés aos sacerdotes, levitas e a Josué (31:1-13)
  - b. Jeová adverte Moisés sobre a apostasia de Israel (31:14—23)
  - c. Moisés instrui os levitas (31:24—30)
2. Último canto de Moisés e sua exortação (32:1-47)
3. Moisés vê a Terra Prometida (32:48-52)
4. Moisés abençoa as tribos (33)
5. A morte e sepultamento de Moisés (34:1—12)

## IV. Seção Legal

Os capítulos de 5-11, introduzindo a seção legal, apresentam os Dez Mandamentos, tratando de um modo especial o primeiro mandamento. Os capítulos seguintes expõem as leis que podem ser consideradas nas categorias de cerimonial, civil e criminal. Seguindo estas categorias estão as leis mistas concernentes a família e propriedade.

As leis cerimoniais referem-se a lugar de adoração (12:1-28); idolatria (12:29—13:18; 16:21—17:7); comida pura e impura (14:1—21); dízimos (14:22—29); remissão (15:1—18); santificação do primogênito (15:19-23); e as festas sagradas (16:1-17).

As leis civis tratam da nomeação dos juizes (16:18-20; 17:8-13); eleição de um rei (17:14-20); regulamentações referentes aos direitos e aos rendimentos dos sacerdotes e levitas (18:1-8); e das regras concernentes aos profetas (18:9-22).

As leis criminais referem-se ao homicida, às cidades de refúgio (19:1-14); falso testemunho (19:15-21); conduta na guerra (20:1-20); expiação por uma morte cujo autor é desconhecido (21:1-9); e aos crimes puníveis por enforcamento (21:22,23).

As leis mistas abrangem uma variedade de assuntos tais como casamento com uma mulher cativa (21:10-14); direito de primogenitura (21:15-17); filhos desobedientes (21:18-21); benevolência para com os animais (22:1-4; 6-8); proibição das várias misturas (22:4,9-11); cordas torcidas nas vestimentas (22:12); punição de impureza (22:13-29); expulsão da congregação (23:1-9); rito de purificação no acampamento militar (23:10-15); escravos fugidos (23:16,17); prostituição, usura e votos (23:18-24); ato de casar depois do divórcio (24:1-4); isenção do recém-casado de servir na guerra (24:5); penhor (24:6, 10-13,17,18); ladrão (24:7); lepra (24:8,9); salários (24:14,15); pais e filhos (24:16); tratamento dos estranhos, órfãos e viúvas (24:17-22); castigo excessivo (25:1-3); o boi de arado (25:4); levirato (25:5-10); estupro (25:11,12); pesos e medidas (25:13-16); e a destruição de Amaleque (25:17-19). Os capítulos 26 e 27 apresentam uma aplicação didática dessas leis.

Outra classificação das leis contidas nos capítulos

## DEUTERONÔMIO — DEVER

12—26, pode ser feita com base no significado de três palavras-chaves, a saber, juízos, estatutos, e mandamentos. O juízo é definido como uma regra ou lei estipulada por uma autoridade ou estabelecida por costumes antigos, pelo qual o juiz deve se guiar na solução de certos casos (juízos de Exodo 21). O estatuto é definido como uma regra permanente de conduta que difere do juízo no sentido de que não requer um juiz físico no quadro, mas somente a consciência do indivíduo perante Deus. A distinção entre juízo e estatuto está delineada em I Reis 6:12 onde Salomão é encorajado a *andar* nos estatutos de Deus, e «executar» os juízos dele. Exemplos típicos de estatutos são as leis referentes às instituições religiosas, festas (Deut. 16:1-17), oferendas, ou leis de justiça, purificação, etc. Em relação à palavra «mandamento», seu significado comum é convenientemente limitado aqui para os propósitos da presente classificação: significa aqui, não uma ordem de obrigação permanente, mas uma que pode ser cumprida de uma vez por todas. (Exemplos: a destruição dos santuários pagãos, a nomeação dos juízes, e o estabelecimento das cidades de refúgio).

### V. A Importância do Livro

Os escritos posteriores da história de Israel, do VT e do NT testificam a grande influência que o livro de Deuteronômio exerceu em seus autores. Nos livros de Josué, Juízes, I e II Samuel, e I e II Reis encontram-se numerosas referências reveladoras do fato de que Deuteronômio era conhecido e observado na época. Entre as muitas referências que ilustram a observância das leis de Deuteronômio encontra-se Josué 8:27 que relata o fato de que quando Ai foi capturada, «Tão-somente os israelitas saquearam para si o gado e os despojos da cidade» (Deut. 20:14). Outro detalhe que indica a observância da lei de Deuteronômio é o fato de que o corpo do rei da cidade de Ai foi retirado da árvore em que havia sido enforcado antes do cair da noite (conf. Josué 8:29; 10:26 e 27 com Deuteronômio 21:23).

Os profetas do VIII século também refletem familiaridade com o livro.

As seguintes passagens são alguns exemplos da influência de Deuteronômio nos escritos de Oséias e Amós:

Oséias	Deuteronômio
4:4	17:12
5:10	19:14
8:13 e 9:3	28:68
11:3	1:31 e 32:10
Amós	
3:2	7:6 e 9:12
2:7-8	24:12-15 e 23:17

No NT há igualmente algumas citações e várias referências ao livro de Deuteronômio. Em Hebreus 10:28 as palavras de Deuteronômio 17:6 são citadas como «a lei de Moisés». Paulo citou Deut. 27:26 e 21:23 em Gál. 3:10,13 adicionando a introdução «está escrito». Semelhantemente Paulo citou partes do Decálogo em Rom. 7:7; 13:9; Efé. 6:2. Jesus também citou Deuteronômio em várias ocasiões, a saber: Mat. 4:1-11; 22:38; Lucas 4:1-13; Marcos 7:9-12; 10:5 e 10:17-19.

### VI. Bibliografia: AM E IB ID MAN UN Z

#### DEVA

No sânscrito, *celeste brilhante*, termo originalmente usado para indicar os deuses da natureza da religião védica, os quais seriam filhos do pai celeste, Dyau. Posteriormente, a palavra passou a ser usada

para designar «Deus», tanto no hinduísmo quanto no budismo. Porém, no zoroastrismo (que vide), passou a significar espíritos malignos. Os *devas* tornaram-se então equivalentes aos *demônios*, aliados de Arimã, o deus do mal, que é retratado em conflito com o deus do bem, o que cria um nítido *dualismo* (que vide). É interessante observar que a raiz desse termo, nas — línguas indo-européias —, desenvolveu-se até tornar-se o latim *Deus*, o grego *Theós*, e também demônio, em ambos os idiomas.

### DEVER

Uma de nossas mais importantes palavras éticas é «dever». Ela subentende a existência dos deveres morais ou legais, e que isso cria deveres que precisam ser cumpridos. O dever tem um caráter imperativo. Precisamos estabelecer a distinção entre as coisas como *elas são* e as coisas como *elas deveriam ser*. O dever nunca aceita o estado das coisas como se isso ditasse o que é certo ou errado, porquanto as coisas raramente são como deveriam ser.

#### Esboço:

- I. O Vocábulo e Seus Usos
- II. Vários Pontos de Vista
- III. O Ponto de Vista da Bíblia
- IV. O Dever de Amar

#### I. O Vocábulo e Seus Usos

O vocábulo *dever* vem do latim *debere*, «dever». Destaca-se a idéia de dívida. Como um termo, assume lugar juntamente com o que é *bom* e *valioso*, como conceitos fundamentais da moralidade. Os sistemas que exaltam o *dever* como o alicerce da ética são chamados *formalistas* ou *deontológicos*. Esta última palavra vem do grego *deon*, *deontos*, «necessário» e de *dein*, «falta», «necessidade». O sistema de *dever* fala sobre obrigações morais. Outros sistemas principais, que podem ser contrastados com esse, são o *teleológico* e o *axiológico*. Ver o artigo geral sobre a *ética*, que fornece as várias abordagens que os teólogos e filósofos usam, quanto à questão da *conduta ideal*.

#### II. Vários Pontos de Vista

1. No *estoicismo* (que vide). O *dever* do homem é absoluto, baseado sobre requisitos da natureza. Todas as coisas acontecem por determinação prévia, e é *dever* do homem aceitar tudo em atitude de apatia. A única escolha do homem consistiria na atitude com que ele aceita os eventos. Não tem a capacidade de ordená-los. A obrigação é a base da conduta moral, e não a satisfação própria ou o prazer pessoal.

2. Em *Emanuel Kant* (que vide). O *dever* é a finalidade máxima da vida. O *dever* é definido por imperativos categóricos e práticos. O homem é possuidor de uma vontade autônoma e noumenal, do que também se origina a idéia e a necessidade de seu *dever*. Há o imperativo categórico (que vide), o que nos diz que é nosso *dever* nada fazer daquilo que não queremos que se torne uma lei universal. Ver sobre *Kant*, *Ética*. Ele também requeria o *dever* de tratar todos os homens como finalidades em si mesmas, e não como meios, respeitando a individualidade e o valor essencial deles.

3. *F.H. Bradley* (que vide) argumentava que os deveres dos homens são determinados pelo lugar e funções que ocupam na sociedade. Portanto, o *dever* seria uma questão comunal, e não meramente individual. Além disso, o *dever* seria determinado por condições metafísicas e universais, e não pelo indivíduo.

## DEVER — DEVER DO CRISTÃO

4. *Josiah Royce* (que vide) supunha que o pessimismo ocorre quando os homens falham em descobrir um ideal que deve ser aceito e cultivado. Haveria ideais que deveriam ser descobertos, capazes de impedir o fracasso, ou seja, capazes de evitar o pessimismo. O seu mais elevado ideal era uma adaptação da regra áurea: «Vive de tal modo que a tua vida e a vida do próximo seja uma delas». Ele tinha um forte senso de lealdade e dever, e acreditava que a miséria humana é causada, essencialmente, pela falta de lealdade a princípios autênticos.

5. *H.A. Prichard* (que vide) mantinha o ponto de vista intuicionista que diz que sabemos, através da intuição, quais são os nossos deveres. Ele cria que não devemos tentar formular uma teoria do dever, mas apenas depender de nossa intuição, dia após dia, enquanto vivemos e entramos em contacto com outras pessoas.

6. *W.D. Ross* (que vide) levantou e discutiu a antiga questão dos conflitos de deveres. Há uma verdadeira hierarquia de deveres. O mais elevado deles intitula-se *dever prima facie*. Um exemplo: um paciente terminal pode sentir-se mais confortável e enfrentar melhor a morte física, se não tiver consciência de sua enfermidade. Pelo menos, alguns casos terminais têm esse caráter. Seria um erro dizer a verdade (que, usualmente, é um dever) a tal pessoa. Nesse caso, devemos preferir a misericórdia do que dizer a dura verdade. Ele era um intuicionista e supunha que, em cada caso, a nossa intuição haverá de dizer-nos qual dever deve ser considerado preferencial, e quais outros deveres devem ser postos de lado.

### III. O Ponto de Vista da Bíblia

Na Bíblia, a base do dever é a idéia de que Deus revelou o que é bom para o homem. Isso quer dizer que temos uma ética teísta, completa com todas as formas de deveres revelados, delineados nas Escrituras. A maioria dos evangélicos concordaria que o dever é um requisito divino, porquanto Deus é quem estabelece os princípios éticos, e não o homem. Surgem problemas neste ponto: em primeiro lugar, há a questão da *interpretação*. A existência da revelação nem sempre nos serve de uma orientação clara. Consideremos o caso de Abraão, que compreendeu que Deus requeria que ele realizasse um sacrifício humano. A maior parte dos teólogos e filósofos éticos concorda que isso era uma idéia de Abraão (com base em um pano de fundo cultural e religioso), e não um real requisito de Deus. Em segundo lugar, há a questão dos conflitos de deveres, segundo discutimos em II.6. Em terceiro lugar, são levantadas questões pelos liberais e pelos críticos no tocante à validade de supostas revelações. Mesmo admitindo que a Bíblia é um excelente livro sobre princípios éticos, vemos certa progressão no conceito de Deus, partindo da noção primitiva de Deus como um supremo guerreiro, chefe de tribos selvagens, que requeria destruição e vingança por todos os lados, para a idéia mais refinada de Deus, conforme se vê refletida no Sermão da Montanha de Jesus. Ao longo dessa caminhada, os homens, em seus livros sagrados, têm *purificado* o conceito de Deus; mas esse processo prossegue, e o conceito de Deus vai se modificando, devido ao crescente conhecimento e experiência espiritual dos homens. Segue-se, pois, que a própria revelação, mesmo quando válida, não é algo fixo e perfeito. Em consequência, os deveres exibidos pela revelação divina não são necessariamente perfeitos e finais. Isso não quer dizer que não nos tenham sido dados deveres claros, mas somente que não fomos isentados da necessidade de raciocinar, de experimentar e de

crescer.

O Novo Testamento achou por bem reforçar os *mandamentos* do Antigo Testamento. O amor a Deus e ao próximo aparece no Novo Testamento como o sumário da lei (Mat. 22:37-39; Rom. 13:10). Os filósofos morais nunca foram capazes de aprimorar esse princípio fundamental, e a maioria deles o admite. Ver o ponto abaixo.

### IV. O Dever de Amar

Os místicos dizem, após todas as suas elevadas e celestiais experiências, que é impossível melhorar o princípio moral do amor como base de toda a conduta. Paulo, a despeito de todas as suas inovações teológicas, chegou à conclusão de que o amor é o cumprimento da lei. Ver Rom. 13:10. Jesus apresenta-nos idêntica avaliação (Mat. 22:37-39). João mostra-nos que a prova mesma da espiritualidade é a vida diária de acordo com a lei do amor (I João 4:7 ss). O novo nascimento é a fonte do poder para amar como devemos fazê-lo; e aquele que nasceu de Deus é ativo no cumprimento desse princípio. Ver o artigo geral sobre o *amor*. O amor leva-nos além da expressão ordinária do dever, o que, na experiência humana, com frequência consiste em se fazer somente aquilo que se deve, algumas vezes, com má vontade. Naturalmente, o dever real não consiste nisso; mas nós o reduzimos a isso. Seja como for, viver a lei do amor é o dever supremo, bem como aquilo que impulsiona todos os outros deveres.

## DEVER DO CRISTÃO

### Tipos de Dever. (Rom. 1:5).

1. Alguns têm pensado que se trata da obediência que consiste da fé, ou, em outras palavras, que um indivíduo obedece a Cristo quando chega a confiar nele, assim aceitando as suas reivindicações messiânicas e a sua mensagem. É por esse motivo que diz Wordsworth: «Para que eu possa levar todas as nações àquela fé que se manifesta em dar ouvidos à Palavra e em obedecer à vontade de Deus». Apesar de ser subjetiva, essa fé é uma espécie de obediência, porquanto, ao crer, um homem faz aquilo que Deus requer de sua parte; contudo, certamente a fé objetiva está aqui em pauta, a «doctrina fidei».

2. Outros opinam que se trata de obediência àquela fé, interna e externa, que é o *princípio controlador* da vida dos crentes. Esse ponto de vista concorda com a idéia de W. Sanday que diz, concordando com essa idéia da fé *subjetiva*: «Neste caso, a fé não é equivalente à 'fé', um conjunto de doutrinas recebido e crido, mas, em seu sentido mais estrito, equivale ao hábito e atitude ativos da mente, mediante o que o crente demonstra a sua devoção e lealdade a Cristo, bem como sua total dependência a ele. (Ver Gál. 2:19)».

3. Conforme pensava Adam Clarke (*in loc.*), a fé indicaria, neste caso, «o evangelho de Jesus Cristo».

Todos esses três pontos de vista têm os seus respectivos méritos, mas a posição aqui apresentada em primeiro lugar parece ser aquela que Rom. 1:5 em particular deseja ensinar. Isso concorda com o trecho de Atos 6:6, onde se lê: «Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé». (Ver também Rom. 10:16, que diz: «Mas nem todos obedeceram ao evangelho...», que contém uma expressão similar e quase igual a esta).

*Entre todos os gentios.* Talvez fosse melhor traduzir essa expressão por «entre todas as nações», incluindo

## DEVER DO CRISTÃO — DEVOÇÕES

até mesmo os judeus nessa declaração, o que estaria mais em consonância com a totalidade da epístola, que anela pela salvação de todos os povos, e tem por intuito ensinar a unidade dos remidos de todas as nações, sob Jesus Cristo, por meio da fé. Todavia, existem autoridades que pensam que, nesta declaração, os judeus não estão incluídos, embora também não estejam propositadamente excluídos, mas pensam que tão-somente Paulo enfatizou o seu apostolado entre os gentios, tudo o que é uma interpretação possível.

### Ode ao Dever

*Filho severo da Voz de Deus!  
O Dever! se a esse nome tu amas,  
Que és uma luz que guia, uma vara  
Que castiga a quem erra, e reprovás;  
Tu, que és vitória e lei,  
Quando se ataçam os terrores vazios;  
Das vãs tentações tu libertas;  
E acalmas a contenda cansativa e a débil  
humanidade!  
A uma função mais humilde, Poder tremendo!  
Eu conclamo; eu mesmo entrego  
À tua orientação, nesta hora;  
Oh, que minhas fraquezas tenham fim!  
Dá para mim, sábio e humilhado,  
O espírito da abnegação;  
Dá-me a razão da confiança;  
E na luz da verdade, eu, teu escravo, deixa-me  
viver!*

(William Wordsworth)

### DEVOÇÃO, DEVOTAR

No hebraico temos uma palavra a considerar, *cherem*, usada por vinte e oito vezes, como em Lev. 27:21,28,29; Núm. 18:14. — No grego, *sébasma*, «objeto de adoração», que figura por duas vezes: Atos 17:23 e II Tes. 2:4. A palavra grega envolvida indica, geralmente, algum objeto usado na adoração religiosa. De acordo com o pensamento dos semitas, uma coisa «devotada» era inteiramente dedicada à divindade, pelo que não mais podia ser tocada por um ser humano. Portanto, era algo santificado (Lev. 27:28). Em sentido negativo, uma coisa devotada era *mal dita*. Ver o artigo sobre *Anátema*. Também poderíamos dizer que algo foi «devotado a Yahweh», dando a entender que a coisa devotada deveria ser totalmente destruída. Ver Josué 6 e 7, o exemplo mau de Acã, e I Samuel 15, o exemplo dos amalequitas. Tais conceitos estavam por detrás das *guerras santas*, nas quais a destruição era considerada como algo que honrava a Deus. A idolatria era punida mediante total devoção (Exo. 22:20). O vocábulo também podia significar «exclusão», segundo se vê em Esdras 10:8. Positivamente falando, uma pessoa ou coisa podia ser devotada a Deus, mediante total consagração. Parte da propriedade ou dos bens materiais de alguém podia ser devotada (Lev. 27:28), do que também originou-se o costume do Corbã (que vide) (Mar. 7:11).

**Devoção Cristã.** As exigências feitas por Cristo são grandes, porque também os benefícios que ele nos dá são grandes, e porque o destino dos crentes é serem conformados à sua imagem (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Portanto, total devoção e dedicação são requeridas dos discípulos sérios (Rom. 12:1,2; Mar. 8:34 ss). Um aspecto da devoção é a *adoração*. Um longo e detalhado artigo foi provido, nesta enciclopédia, acerca desse assunto. Parte da adoração do crente é a prática diária de suas devoções, o que pode incluir a

leitura da Bíblia, a oração, e, em alguns casos, a meditação. Esse é um exercício que tem por finalidade ajudar o crente em seu desenvolvimento espiritual.

No plural, «devoções», a palavra é usada, em várias traduções, em Atos 17:23 (nossa versão portuguesa usa o singular, «culto»), dando a entender a adoração a divindades pagãs. O termo grego por detrás desse vocábulo é *sébasma*, dando a entender aquilo que é adorado (II Tes. 2:4), ou as coisas usadas como adjuntos na adoração.

### DEVOÇÃO VOLUNTÁRIA (Col. 2:23).

Em algumas traduções temos a idéia de culto voluntário. O texto envolvido é Colossenses 2:23, onde nossa versão portuguesa diz «culto de si mesmo». A melhor tradução do termo grego *ethelothreskia* seria algo como «adoração auto-imposta». Contudo, há dificuldades no caminho da interpretação desse vocábulo, — pois Paulo estava criticando certo aspecto da adoração dos gnósticos quando usou essa palavra grega e por isso mesmo tem deixado os intérpretes perplexos. Esse termo parece haver sido cunhado pelos cristãos, podendo ter o sentido de «religião autocrizada», o que nos levaria a entender que as pessoas assim acusadas haviam criado suas próprias regras religiosas. Esse termo grego combina a palavra que significa «vontade» e uma das várias palavras que significam «religião» (adoração, serviço, observância) a saber, *threskia*. Alguns supõem que o vocábulo resultante significa «adoração rigorosa», quando então estariam em pauta as práticas ascéticas de alguns gnósticos. Alguns dos pais da Igreja, porém, interpretaram-no como «pseudo-religião», ou seja, uma religião criada pela mera vontade humana, e não através da revelação divina. É assim que se chega à idéia de adoração auto-imposta, em vez de uma adoração determinada por Deus; e essa idéia provavelmente inclui o ascetismo (que vide). Epifânio tomava essa última posição (Haer. 1.16). Ver o artigo geral sobre o *Gnosticismo*.

### DEVOÇÕES E LITERATURA DEVOCIONAL

No decurso da história da Igreja cristã têm sido produzidos alguns notáveis exemplos de literatura devocional. Certos trechos bíblicos, como também muitos dos Salmos e alguns capítulos das epístolas de Paulo (como Efé. 1 e Fil. 3) têm servido de exemplos. Ademais, há as antigas liturgias da Igreja, cujo caráter era essencialmente devocional. Dionísio, o Aeropágota, um escritor desconhecido, mas equivocadamente identificado com um convertido de Paulo, no Areópago (Atos 17:34), produziu documentos que influenciaram a Igreja por um longo período de tempo. Ele produziu uma expressão mística intensamente devocional, influenciada por conceitos neoplatônicos. Como exemplo do lado católico romano da cristandade temos a *Devoção das Quarenta Horas*, acerca de cuja obra oferecemos um artigo separado. Francisco de Sales, Gerhard e Grootel (ver os artigos a respeito deles) ajustam-se dentro dessa categoria de autores, como quase a hinologia cristã inteira, como também a judaica. Tomás à Kempis (que vide) produziu o imortal *Imitação de Cristo*, escrito originalmente em latim, do qual possuo uma versão em inglês, com data de 1726, o mais antigo livro de minha biblioteca. Outros autores cujas obras pertencem a esse tipo de literatura foram Richard Baxter, John Bunyan, Jeremy Taylor e a *Theologia Germanica*, acerca de quem e do que oferecemos artigos



separados. Parte do caráter religioso do ser humano é a necessidade de adoração, o que se reflete na literatura devocional dos homens. Ver os artigos sobre *Devoção*, *Devotar* e *Adoração*.

## DEVOTO

No original grego temos a considerar os vocábulos *eulabés*, «reverência», *eusebés*, «piedoso», e o verbo *sebomai*, «adorar». Essas palavras ocorrem, respectivamente, por quatro vezes (Luc. 2:25; Atos 2:5; 8:2; 22:12), três vezes (Atos 10:2,7; II Ped. 2:9) e dez vezes (Mat. 15:9—citando Isa. 29:13—Mar. 7:6; Atos 13:43,50; 16:14; 17:4,17; 18:7,13; 19:27). Nos livros de Lucas encontramos menção a pessoas devotas, como Simeão (Luc. 2:25), Cornélio e seu soldado devoto (Atos 10:2,7), Ananias, através de quem Paulo recebeu de volta a visão (Atos 22:12), os homens piedosos que sepultaram Estêvão (Atos 8:2). Havia homens devotos por se terem convertido ao judaísmo (Atos 13:43), mulheres devotas (Atos 13:50), gregos devotos, em Tessalônica (Atos 17:4), e pessoas devotas nas sinagogas de Atenas (Atos 17:17). *Ordevotos* são aqueles que, de alguma forma, viram ao Rei, cujas vidas foram assim transformadas, e cujas práticas diárias incluem atitudes e atos religiosos que demonstram a piedade deles. Os devotos devem ser contrastados com os *profanos*, os quais têm pouco respeito pelas coisas espirituais, cujas vidas são dominadas por motivos carnis e egoístas. As pessoas devotas são intensamente religiosas, reverentes, calorosamente dedicadas às realidades espirituais, sinceras e ativas nos exercícios e obras de natureza religiosa.

## DE WETTE, WILHELM MARTIN LEBERECHEIT

Suas datas foram 1780-1849. Foi professor em Heidelberg, Berlim e Basília, esta última na Suíça. Foi um pensador criativo e autor que obteve considerável influência nos círculos teológicos. À medida que foi ficando mais idoso,—tornou-se mais dogmático e conservador; mas alguns de seus primeiros escritos causaram controvérsias. Suas discussões diziam respeito às principais questões referentes à relação entre a religião e a intelectualidade de uma pessoa, à relação entre o cristianismo e a história, à relação entre a teologia e a ciência. A teologia dele era isenta de exageros especulativos e racionalistas, e ele continuou admirador profundo do idealismo alemão. A estimativa dele quanto a Jesus Cristo exibia uma mistura não esclarecida de revelação com o ideal humanista dos homens.

## DEWEY, JOHN

Nasceu em 1859 e faleceu em 1952. Foi um filósofo pragmático norte-americano. Nasceu em Burlington, estado de Vermont. Educou-se na Universidade de Vermont e na de John Hopkins. Ensinou em Michigan, Minnesota, Chicago e também na Universidade de Colúmbia. Começou sua carreira como seguidor de Hegel, mas terminou sofrendo forte influência do pensamento pragmático, especialmente aquele exemplificado nos escritos de William James (que vide). Seu principal interesse, nos seus anos de vida adulta, era aquele sobre a relação entre o pensamento pragmático e a educação. Na Universidade de Colúmbia ele trabalhou tanto no Departamento de Filosofia como no Colégio de Professores (Faculdade de Pedagogia). Influenciou diversas gerações de educadores, nos Estados Unidos da América e em outros lugares. Mas, com o advento do

«sputnik» russo, o sistema tornou-se mais científico, em vez de seguir mais de perto uma orientação experimental educacional. A influência dele quanto ao pensamento ético foi grande, e, por causa disso, incluímo-lo nesta enciclopédia.

### Idéias:

1. A filosofia avançou, tornando-se útil, quando deixou de ser especulativa, tendo-se tornado um *método* empregado para solucionar experimentalmente os problemas humanos. A publicação da *Origem das Espécies*, por Darwin, foi um avanço que deveria encorajar a nossa experimentação, porquanto a vida, afinal de contas, é a grande experiência. Dewey pretendia por fim à mania por absolutos, na filosofia, a fim de que ela se ocupasse mais no solucionamento dos problemas.

2. A inquirição naturalmente tem início em situações perturbadoras, complexas e indeterminadas. O objetivo da inquirição é fazer o que é indeterminado tornar-se determinado. Esse método caracteriza-se por estes pontos principais: a. localizar e determinar a natureza de um problema; b. estabelecer soluções relevantes e possíveis (sendo esse o estágio do *ou isto ou aquilo*); c. encontrar as conseqüências possíveis das soluções propostas (sendo esse o estágio do *nesse caso*); d. sujeitar as soluções propostas a novas experiências e exames; e. concluir com aquela alternativa que ofereça a melhor solução para o problema.

3. O alvo da inquirição não é a verdade abstrata e teórica. De fato, a verdade é aquilo que funciona bem em qualquer dada situação. As verdades reais produzem situações transformadoras.

4. Não há finalidades fixas em qualquer ato, mesmo em um ato ético. Pelo contrário, há um tipo de *continuo de meios* para um fim, onde uma situação permaneça em estado de fluxo, e muitas soluções temporárias são encontradas, em série. Os fins tornam-se meios para novas experiências, assim que são descobertos. As idéias não são coisas que devam ser guardadas como tesouros, mas antes, são instrumentos a serem empregados na solução de problemas. Portanto, devemos pensar na filosofia do Instrumentalismo (que vide).

5. A filosofia de Dewey também foi chamada por ele de *naturalismo*, além de *instrumentalismo*. O naturalismo ético afirma que as questões de certo e errado podem ser solucionadas mediante a adução de evidências, por meio da experimentação, e não através de supostas leis fixas e infalíveis.

6. No campo da *estética* (que vide), Dewey discutiu sobre as fases instrumental e consumatória da experiência. Uma obra de arte seria apreciada e experimentada mediante as reações dos apreciadores. Haveria uma espécie de *todo unificado* que o experimentador atingiria em sua experimentação com a obra de arte. Essa experiência consumatória teria valor em si mesma, sendo essa a reação estética do homem.

7. A filosofia de Dewey frisava a necessidade da *liberdade*, a fim de que a inquirição não fosse impedida. Isso incluiria a capacidade e o direito de tomar decisões inteligentes, sem imposições externas em contrário. Um homem seria livre quando as circunstâncias sob as quais ele vive fossem escolhidas por ele, sem importar quais seriam essas circunstâncias. A liberdade de um homem pode ser a prisão de outro. Dewey também salientava a importância da individualidade. Um homem não seria livre a menos que seja autônomo.

8. A democracia concorda com a insistência de

## DEWEY — DEZ CHIFRES

Dewey quanto à liberdade, a autonomia e a necessidade de experimentos para serem encontradas soluções. Outras formas de governo representam restrições que não são próprias ao instrumentalismo.

9. Dewey empregava o termo *Deus* para indicar a relação ativa entre o real e o ideal. Empregar o termo com um sentido mais amplo do que esse levaria ao dogmatismo e à falta de compreensão.

10. No campo da *educação*, Dewey enfatizava a necessidade de respeitar o individualismo, a livre escolha, a inquirição sem empecilhos. Um sistema educacional simplesmente gira em torno das necessidades dos indivíduos e da livre inquirição, paralelamente à experimentação. Finalidades fixas são substituídas pela experimentação e pelo pragmatismo.

11. *Críticas das Idéias Éticas de Dewey*. Ele afirmava que coisa alguma tem valor por si mesma. O que tem valor é a *conseqüência* das ações. Coisa nenhuma traz suas próprias credenciais imutáveis. Tudo é instrumental. Não haveria valores finais e intrínsecos, mas somente valores instrumentais. A busca ética pelo ideal é uma busca pragmática, individual e livre. Não haveria valores *de jure*, mas apenas valores *de facto*. Ele admitia que existem ideais equivocados, porque, sem o aprazimento estético, um homem pode tornar-se uma mera máquina, e a sociedade pode transformar-se em um monstro econômico. Porém, se não existem valores intrínsecos, por que não escolheríamos o monstro econômico, esquecendo-nos dos valores estéticos? É difícil a um homem resolver os problemas morais, se ele não dispõe de algumas regras de conduta, mas está sempre envolvido em experimentações, sempre à espera de resultados incertos. Seria difícil ao menor dizer que o *assassinio* é errado, a não ser dizendo que teve um mau resultado, pelo que foi um erro. Porém, esse parecer de Dewey não dá solução ao problema da moralidade. O sistema dele ignora fatores importantes: a revelação pode mostrar-nos o que está certo e o que está errado, ainda que apenas parcialmente, admitindo-se que esse meio de conhecimento também é incompleto. Há um bom argumento em favor da noção de que as funções racionais e intuitivas do homem são eficazes no estabelecimento de regras éticas, inteiramente à parte das conseqüências. As considerações do teísmo descobrem pontos fracos na teoria de Dewey. Realmente, se Deus existe, essa teoria tem muitos defeitos, porquanto não admite que haja tal coisa como responsabilidade diante de Deus.

*Principais obras: Psychology; Studies in Logical Theory; Ethics, How We Think; Reconstruction in Philosophy; Human Nature and Conduct; The Quest for Certainty; Art as Experience; The Teacher and Society; Experience and Education; The Theory of Inquiry; Theory of Valuation.*

### DEZ ARTIGOS

Esses artigos foram publicados por Henrique VIII, em 1536, a fim de definir quais as crenças necessárias para a salvação e para a fé religiosa sã. Ademais, esses artigos afirmavam quais ritos e cerimônias devem ser usados na prática cristã. As bases da fé estão ali limitadas à Bíblia, aos três credos, aos quatro concílios gerais e às tradições que não sejam contrárias às Escrituras. São ali retidos os sacramentos do batismo, da penitência e do altar. É discutida a doutrina da justificação pela fé. A veneração às imagens e as honras prestadas aos santos, bem como o purgatório, são mantidos. Esses artigos foram

suplantados não muito tempo depois pelo *Livro do Bispo*.

### DEZ CHIFRES

**O que significam os dez chifres? (Apo. 12:3)**

1. Simbolicamente, significam *poder*.
2. Metafisicamente, indicam «o poder de Satanás», em todas as dimensões.
3. Historicamente, os «dez chifres» são «reis», de algum modo associados com Roma, talvez imperadores romanos ou «reis» de províncias romanas, que ajudavam Roma e faziam ampliar o seu domínio.
4. Profeticamente, é quase certo que esses «dez chifres» se referem à federação de dez reinos que formará o império do anticristo. Não é mister pensar que todos esses dez reinos pertencerão à comunidade européia. Os místicos contemporâneos dizem que os Estados Unidos, Canadá e o Japão serão três desses reinos; e isso, mui provavelmente, é correto. Essas *dez nações* serão usadas como instrumentos do poder do anticristo, nos últimos dias. Derrotarão à União Soviética quando da Terceira Guerra Mundial, embora a um preço incrivelmente elevado. Também farão oposição à China, na Quarta Guerra Mundial, que culminará na batalha do Armagedom. Quanto a detalhes sobre essas predições, ver o artigo intitulado *a Tradição Profética e a Nossa Época*. Podemos conjecturar que essas dez nações serão a Inglaterra, a França, a Itália, o Canadá, o Japão, a Bélgica, a Alemanha, a Holanda, a Suécia e os Estados Unidos da América do Norte.
5. Misticamente falando, os dez chifres de Satanás indicam o seu poderoso poder cósmico, que transcende a qualquer situação desta terra.

Essa interpretação, conforme damos no parágrafo imediatamente acima, deve ser correta. Mas há outras interpretações, que enumeramos abaixo:

a. Os intérpretes históricos (pelo menos alguns) dividem as sete cabeças e os dez chifres em fases históricas, não permitindo que pertençam todas a um único período de manifestação satânica. Portanto, removem a questão dos «últimos dias» e a transferem para o desdobramento de um prolongadíssimo processo histórico. Nesse caso, as cabeças e os chifres são normalmente encarados como «reinos» e «períodos de governo», e não como governantes individuais. Segundo dizem eles, «dez» é o número do «curso completo do mundo». Portanto, estaria supostamente em foco o governo maléfico sobre o mundo, inspirado por Satanás, através da história da humanidade.

Alguns intérpretes históricos pensam que as «sete cabeças», seriam «sete cidades capitais» do império romano, a saber, Roma, Cartago, Aege, Antioquia, Augustodunum, Alexandria e Constantinopla. Outros vêem, nos «dez chifres», «dez impérios romanos perseguidores», ou então dez sucessivos estágios de governo humano, desde o império romano. Também há aqueles que vêem nisso dez áreas do império romano da antiguidade, como a África, a França, a Bretanha, a Germânia, a Dácia, a Trácia, a Capadócia, a Armênia, a Síria e a Palestina.

b. Outros intérpretes rejeitam inteiramente qualquer conexão com o império romano, com governantes humanos ou com a «besta saída do mar», pensando que os símbolos das cabeças e dos chifres pertencem exclusivamente ao próprio dragão, nada tendo a ver com aquela besta. Isso significaria, pelo menos para alguns desses estudiosos, o governo cósmico de Satanás, e não o seu domínio sobre a terra. Ele seria «todo-sábio» (cabeças) e «completo» (chifres). Se

## DEZ ESTÁGIOS DO BUDISMO — DEZ MANDAMENTOS

seguirmos essa linha de pensamento, juntamente com alguns, concluiremos que as cabeças e os chifres representam poderes «demoníacos» e não governos terrestres.

### DEZ ESTÁGIOS DO BUDISMO

Ver o artigo geral sobre o **Budismo**. Os *dez estágios* referem-se àqueles modos de desenvolvimento espiritual que os budistas sinceros precisam experimentar, se quiserem chegar à plena *iluminação*, à natureza de *Buđa*, que é o alvo final da passagem pelos ciclos da vida terrena, antes de se chegar ao *Nirvana* (que vide).

As várias escolas budistas diferem quanto à apresentação e enumeração desses estágios, mas uma boa versão padronizada dos mesmos é a da escola Mahayana, que aparece no *Dasa-bhumi Sastra*, a saber:

1. O estágio da *alegria*. Aquele que busca pela iluminação remove os pontos de vista negativos e desenvolve sua natureza santa.

2. O estágio da *pureza*. É atingida a perfeição no campo moral.

3. O estágio da *iluminação*. O discernimento introspectivo é desenvolvido, sendo então atingida a perfeição na humildade e na paciência.

4. O estágio da *sabedoria flamejante*. É obtida a perfeição na energia.

5. O estágio da *total invencibilidade*. É atingida a perfeição na meditação. Então parece que a verdade deste mundo e a verdade suprema harmonizaram-se.

6. O estágio da *presença*. A perfeição na sabedoria é alcançada, o que elimina a discriminação entre a pureza e a impureza.

7. O estágio do *senso de missão*. Essa é a fase evangelística, em que o indivíduo parte a fim de tentar salvar todos os seres. Essa é a chamada perfeição da experiência.

8. O estágio da *imobilidade*. É então atingida a perfeição nos votos, e o indivíduo percebe que todos os elementos físicos são irrealis.

9. O estágio da *boa sabedoria*. O inquiridor obtém os dez poderes santos do budismo, e prega tanto aos que podem ser remidos quanto aos que não o podem. Esses poderes incluem a onisciência e o direito à libertação final dos ciclos da encarnação.

10. O estágio da *nuvem da lei*. O inquiridor atinge a expressão da lei perfeita e prega-a para salvar todas as criaturas, da mesma maneira que as nuvens deixam cair suas gotas de chuva sobre todas as pessoas e coisas. (E P)

### DEZ MANDAMENTOS

Quanto a artigos relacionados, e onde importantes princípios são frisados, ver o artigo geral sobre *Mandamentos*. Ver também sobre o *Novo Mandamento* e sobre o *Decálogo*.

*Esboço:*

1. O Princípio da Lei
2. Palavras Envolvidas e Designações
3. Ocasião Histórica
4. Versões
5. Natureza e Conteúdo
6. Divisões
7. Os Dez Mandamentos e o Novo Testamento

#### 1. O Princípio da Lei

Todo povo precisa ter leis, e até as tribos mais primitivas contam com sua legislação, formal ou informal. — Algumas vezes, essas fórmulas são

bastante simples. Os indígenas primitivos do extremo norte do Brasil têm dois pecados principais: o furto e o maltrato à própria mãe. Segue-se um terceiro, não tão grave: não compartilhar do que se possui. As bananas são consideradas uma possessão preciosa. Espera-se que aquele que encontrou bananas na floresta, compartilhe das mesmas com os demais membros da tribo. Porém, o homicídio é tão comum que parece haver bem pouca consciência de que isso constitui uma grave ofensa. Foi-me explicado pessoalmente, por alguém que viveu dentro daquela cultura primitiva por muitos anos, que o homicídio não é considerado um mal, a menos que atinja algum parente próximo. O homicídio é ali praticado por qualquer razão, ou mesmo sem razão nenhuma. Naturalmente, o homicídio é vingado, mas essa é a única pena aplicada contra tal ato. Quase todos os homens adultos, entre aqueles indígenas, já mataram algum ser humano. Isso nos mostra que se o princípio da lei é natural a todos os povos, seus preceitos precisam ser dirigidos por Deus, o qual nos esclarece o que, realmente, é certo e errado.

**Códigos Antigos.** Ficamos admirados diante da extensão e da boa qualidade das leis habílicas. Ver o artigo sobre a *Babilônia*, em seu ponto 5. f., *Ética e Moral dos Babilônios*. Uma das principais realizações da arqueologia tem sido o descobrimento dos códigos e das leis dos povos antigos, que nos informam sobre as suas idéias éticas. Mas, quando estudamos o assunto, descobrimos que não há povo e nem há história que se possam comparar com a de Israel.

Antes da outorga dos Dez Mandamentos, já encontramos ordenanças divinas no Antigo Testamento; mas, juntamente com o decálogo houve uma imensa elaboração. E os judeus nunca se cansaram de maiores elaborações ainda. Os ensinos judaicos incorporavam 613 mandamentos específicos, dos quais 248 eram positivos e 365 negativos, cobrindo todas as facetas imagináveis da vida diária. Não há que duvidar que a nação judaica considerava a estrita obediência à lei escrita como a base e a expressão da espiritualidade. O Novo Testamento faz essa obediência depender das operações do Espírito Santo, sendo significativo que todos os Dez Mandamentos (excetuando aquele referente ao sábado), tornaram-se princípios neotestamentários. Contudo, alguns estudiosos pensam que até mesmo o sábado tornou-se um princípio do Novo Testamento sob a forma de nosso descanso espiritual em Jesus Cristo, mediante a fé. (Ver Heb. 4:9,10).

**Tendências Teológicas.** Em nossos dias vê-se a tendência de abandonar uma lei escrita, objetiva, como expressão da vontade de Deus. Muitos teólogos têm HUMANIZADO a idéia veterotestamentária da lei, pois dizem que a reivindicação de origem divina, da lei mosaica, não passa de uma invenção humana. Historicamente, isso exprime uma verdade — pode-se mostrar que os babilônios e outros povos antigos contavam com códigos legais bastante similares aos dos judeus, e expressos com bastante elaboração. É nossa tendência subestimar a sensibilidade moral dos povos antigos. Preferimos apontar para suas muitas guerras, para sua brutalidade e para suas constantes agitações. Porém, se os compararmos com as sociedades modernas, veremos que o ato de matar é uma atividade que prossegue como sempre ocorreu, e que, em nossos dias, as técnicas tornaram-se muito mais sofisticadas, de tal modo que temos a intrepidez de falar em *artes militares*. Quando lemos o Antigo Testamento, ficamos perplexos diante da violência que transparece na história de Israel; e não

## DEZ MANDAMENTOS

meramente dos israelitas contra outras nações, mas até de israelitas contra israelitas. Não podemos entender como uma pessoa, como Davi, que escreveu tantos dos Salmos do Antigo Testamento, com sua evidente espiritualidade profunda, o que se reflete em seu elevado estilo literário, pode ter estado ocupado em tanta luta e matança. Será possível uma pessoa, em um dado momento, mostrar-se espiritualmente sensível, expressando essa sensibilidade mediante termos poéticos lindíssimos, para então, momentos depois, enterrar a lâmina de sua espada no ventre de outro homem? Parece que a dualidade de todo ser humano, até mesmo dos regenerados, com seu aspecto positivo e com seu aspecto negativo, pode explicar tal fenômeno. Seja como for, o evangelho veio a fim de salvar os pecadores, e o próprio fato de que a alma humana vive nesta esfera terrena serve de prova de que ela caiu muito abaixo de Deus. Tradicionalmente, a obediência às leis divinas tem sido o principal método de tentativa de retorno da alma humana a Deus.

Karl Barth enfatizava a **Palavra de Deus** como a expressão de sua vontade. Contudo, não pensava que essa Palavra pudesse ser limitada a seu aspecto escrito, na Bíblia. Barth, pois, representa uma mudança de opinião, afastando-se de um conceito literal e literário e aproximando-se da iluminação interior acerca da vontade de Deus, porquanto a expressão literária continha imperfeições, resultantes da inventividade humana. Aqueles que não aceitam de bom grado o princípio legal da justificação, preferindo a teologia paulina, algumas vezes têm ido longe demais, reduzindo os mandamentos da lei à condição de meros iluminadores do entendimento, chamando-os de invólucros legais. Para eles, o amor seria a única lei verdadeira e pura; e o que estiver separado disso será imperfeito ou desviador. Entretanto, não há qualquer contradição entre o amor e a lei. De fato, a lei, quando correta, coopera com o amor, pois sua finalidade sempre visa ao benefício do homem. Outrossim, há uma maneira de reconciliar as obras da lei e a graça. Se considerarmos aquelas obras como operações do Espírito, então lei e graça tornam-se sinônimos. A lei aponta para os princípios morais, e as operações do Espírito tornam-nos pessoas moralmente inclinadas, capazes de pôr em prática aquilo que a lei mosaica recomenda verbalmente. Naturalmente, a letra mata. Por si mesma, a lei nunca será uma força espiritual capacitadora. É o Espírito de Deus quem nos dá vida (II Cor. 3:6). Todavia, isso não significa que a lei seja errada em si mesma, ou que Deus errou ao dar ordens aos homens, por intermédio da lei. Os padrões de Deus deveriam ser conhecidos e postos em obra. Porém, quando chega o momento de cumprir o espírito dos mandamentos, então é que precisamos do poder capacitador do Espírito; e essa é uma clara mensagem no Novo Testamento.

Não há qualquer contradição ou antipatia entre a graça e a lei, ou entre o amor e a lei, tanto que consideremos tudo segundo a correta perspectiva. A vida cristã envolve a observância das «ordenanças de Deus» (I Cor. 7:19). Mas isso só pode ser feito mediante a atuação do Espírito capacitador, que vem residir no crente (Rom. 8:2 ss). A espiritualidade é uma obra do Espírito (Gál. 5:22,23), e não meramente a tentativa de obedecer, segundo nossas melhores possibilidades de atender aos mandamentos. Temos de levar em conta que a lei escrita, por mais elaborada que seja, sempre é incompleta, pois nenhuma palavra escrita poderá exprimir plenamente a mente de Deus. Eis por que alguns teólogos têm

apelado para o conceito da Palavra de Deus, não limitada ao que foi escrito na Bíblia Sagrada.

Os mandamentos de Deus despertam em nós a consciência de nossa própria imperfeição e desse modo, eles prestam um importante serviço (Rom. 3:20). Com base nisso, o Espírito Santo ajuda-nos a fazer algo a respeito. Os mandamentos podem servir de guias para que evitemos pecados específicos e para que realizemos atos consoantes com nossos deveres morais; e nada há de errado quanto a isso, contanto que não pensemos que é através disso que seremos justificados diante de Deus (Rom. 3:20,28). Naturalmente, dentro da comunidade humana, a lei, considerada como um princípio, é algo absolutamente necessário, porquanto deve haver um padrão para que todos possam seguir.

### 2. Palavras Envolvidas e Designações

Quanto a detalhes sobre esta divisão, ver o artigo sobre *Mandamentos*, sob o subtítulo, *Idéia Geral*. A importância da lei, dentro do judaísmo, pode ser demonstrada pelo fato de que há cerca de noventa referências aos mandamentos, no Antigo Testamento, mediante o uso de uma dezena de palavras diferentes.

*O Decálogo*. Ver o artigo separado sob esse título, quanto a maiores detalhes. O termo *decálogo*, que significa *dez palavras*, foi usado pelos pais gregos da Igreja para se referirem aos dez mandamentos do Antigo Testamento. No hebraico, esses mandamentos são chamados *haddebarim asereth*, «dez palavras». Ver Êxo. 34:28; Deu. 4:13 e 10:4. Outras expressões também usadas para indicar a lei são: «as duas tábuas do testemunho» (Êxo. 34:29); a «sua aliança» (Deu. 4:13); «as tábuas da aliança» (Deu. 9:9). No Novo Testamento, encontramos, principalmente, o termo grego *entolai*, «mandamentos» (Mat. 19:17 ss, Rom. 13:9; I Tim. 1:9, para exemplificar).

### 3. Ocasião Histórica

O Antigo Testamento apresenta a outorga da lei mosaica como um ato divino, co.no uma direta intervenção de Deus na história humana. Moisés é retratado como o homem que recebeu tábuas literais de pedra, inscritas com os dez mandamentos. Mediante esse ato, foi estabelecido o pacto teocrático. E é nesse ponto que temos o início de uma das principais dispensações, que alteraram todo o rumo da história da humanidade. Ver Êxodo 19 e 20: Seguem-se muitas leis subordinadas aos dez mandamentos originais, com base no que uma vasta e elaborada legislação veio a desenvolver-se. Muitos teólogos modernos têm salientado o teísmo extremado da situação. Deus desceu sobre o monte Sinai, com manifestações de fogo e fumaça, o monte tremeu e os israelitas ficaram aterrorizados, etc. Esses teólogos opinam que esses elementos marcam a porção histórica da história como um relato essencialmente mitológico. Os estudiosos místicos, que não se preocupam muito com o arcabouço histórico, supõem que essas descrições são tentativas cruas para descreverem para nós as profundas experiências místicas de Moisés, mediante as quais ele foi inspirado a produzir as leis mosaicas. Isso significa que houve acontecimentos reais, e não imaginários, mas que esses eventos foram mais místicos do que literais, e que poucas referências literárias são válidas se forem interpretadas literalmente, e não alegórica ou simbolicamente. Os estudiosos liberais salientaram que outros povos semitas, especialmente os babilônios, também contavam com todos os itens essenciais dos Dez Mandamentos; e, com base nisso, supõem que, na realidade, eles representam a essência do pensamento daqueles povos da antiguidade, nada

## DEZ MANDAMENTOS

tendo de original ou de origem divina. Na minha opinião, porém, essa interpretação liberal reduz Moisés a quase nada; ele seria apenas um compilador. No entanto, precisamos perceber que ele encabeçou um novo e radical movimento religioso. Não foi apenas um líder do ângulo social, militar e cultural. Como pioneiro de um avanço muito grande na compreensão das realidades religiosas, ele deve ter sido uma figura muito incomum. Penso que é melhor concebermos a outorga da lei mosaica como uma experiência mística, mas cercada por circunstâncias históricas verdadeiras, relatadas de forma a salientar a verdade mística. Como exemplo disso, podemos pensar sobre a narrativa a respeito da *ascensão de Cristo* (que vide). Lemos acerca da *nuvem* que recebeu a Jesus, e, quando falamos em nuvens, em meio às quais ele retornará, ou naquelas nuvens associadas ao nosso próprio futuro arrebatamento, é melhor pensarmos não em termos de nuvens literais, formadas por vapor d'água. Antes, houve a manifestação de energias místicas, envolvidas no processo, mas que resultou em uma espécie de aparência visual. Por semelhante modo, a outorga da lei mosaica envolveu visões místicas que foram então descritas mediante termos literais.

### 4. Versões

No Pentateuco há duas versões do decálogo. A primeira delas aparece no vigésimo capítulo do livro de Êxodo; e a segunda no quinto capítulo do livro de Deuterônimo. Essas versões concordam essencialmente entre si, excetuando no caso das razões para a observância do quarto mandamento. No livro de Êxodo, é dito que era preciso obedecer esta lei como uma obrigação diante de Deus como Criador. Mas, em Deuterônimo, a razão é que o indivíduo deve servir ao próximo, concedendo-lhe descanso, em memória à servidão sofrida no Egito, quando então ninguém, dentre os israelitas, podia descansar. É possível, porém, que a versão deuteronomica represente uma elaboração posterior do mandamento mais simples, que dizia: «Lembra-te do dia de sábado, para o santificar» (Êxo. 20:8).

### 5. Natureza e Conteúdo

O decálogo é mais que um código de leis. Antes, é a base do pacto teocrático que separou o povo de Israel como um veículo do favor divino, como um elemento através do qual a mensagem espiritual haveria de ser transmitida. É instrutivo pensarmos em Cristo como o Segundo Moisés. Os inúmeros preceitos que aparecem em seguida, governando cada aspecto da vida diária, ensinam-nos que não existe tal coisa como lado secular da vida. À mente divina cabe o controle de todos os detalhes da vida, de tal maneira que a alma humana possa encontrar eficazmente o seu caminho de volta a Deus. Esse elaborado sistema tinha o intuito de governar a vida física dos israelitas, mas também tinha funções educativas. O próprio decálogo estabelece alguns princípios perfeitamente éticos, cuja aplicação pode ser vasta e abrangente. A lei foi escrita em tábuas de pedra pelo próprio Deus. Nos países orientais, a pedra simbolizava a perpetuidade da lei, ali contida. As tábuas de pedra estavam escritas em ambas as faces, indicando quão completa era aquela legislação. Subseqüentemente, as tábuas de pedra foram guardadas no lugar sagrado do tabernáculo, salientando o ato e a importância da revelação divina.

*Conteúdo.* O decálogo contém os pontos essenciais da lei moral. Jesus respondeu a certo jovem, que inquiria sobre a vereda para a vida eterna, que ele deveria obedecer a essa lei moral, e então viver (ver

Mar. 10:19; Luc. 18:18-20): «Faze isto e viverás» (Luc. 10:28). Os fariseus, em contraste, tinham caído no erro crasso de enfatizar o aspecto menos importante, o cerimonial. Não podemos duvidar que eles pensavam que todos os mandamentos, de qualquer sorte, eram moralmente obrigatórios. Para eles, a distinção que fazem alguns cristãos judaizantes modernos, entre mandamentos morais e mandamentos cerimoniais, pareceria absurda. Não obstante, a história tem separado os Dez Mandamentos dos demais preceitos, pelo que essa definição cristã, de certo modo, parece vindicada.

### Os Dez Mandamentos:

1. Monoteísmo (ou henoteísmo): «Não terás outros deuses diante de mim».
2. Contra a idolatria: «Não farás para ti imagem de escultura...»
3. Contra a profanação: «Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão».
4. Sobre o sábado: «Lembra-te do dia de sábado, para o santificar».
5. Respeito aos genitores: «Honra a teu pai e a tua mãe...»
6. Respeito pela vida alheia: «Não matarás».
7. Vida pura: «Não adulterarás».
8. Honestidade: «Não furtarás».
9. Veracidade: «Não dirás falso testemunho contra o teu próximo».
10. Respeito à propriedade alheia: «Não cobiçarás...»

Esses são princípios morais cardeais, básicos. Dentro da exposição cristã, cada um desses mandamentos recebeu notável expansão. Jesus deu início a essa tradição, no tocante ao ponto de vista cristão da lei, quando mostrou que a observância dos mandamentos está vinculada aos nossos motivos básicos. O homicídio já está latente no ódio ao próximo. O adultério já está latente na sensualidade (Mat. 5:22 ss). As elaborações dos séculos posteriores tiveram de lançar mão de uma imaginação muito frutífera, para ver um imenso número de pecados implícitos nos dez mandamentos fundamentais. Damos abaixo um exemplo disso:

*O que está envolvido no mandamento contra o adultério?* O Grande Catecismo de Westminster, respondendo à pergunta 139, sobre a lei moral, retruca: O adultério, a fornicação, o estupro, o incesto, a sodomia, as paixões desnaturais, a imaginação impura, a impureza nos propósitos e nos afetos, a linguagem imoral, os olhares sensuais, o comportamento imodesto, as vestes imodestas, os casamentos ilegítimos, a tolerância a bordéis ou a qualquer tipo de prostituição, o indevido adiamento no casamento, o divórcio, a separação ou deserção do cônjuge, a preguiça, a glotonaria, o alcoolismo, as companhias imorais, as canções lascivas, livros, gravuras, danças, peças teatrais e qualquer coisa que excite ou promova pensamentos.

### 6. Divisões

Os mandamentos da lei mosaica foram registrados em duas tábuas de pedra (Êxo. 31:18). Isso poderia indicar as duas faces de uma mesma pedra, ou então duas pedras. Alguns estudiosos preferem pensar na primeira possibilidade. Seja como for, a primeira dessas tábuas trata da responsabilidade do homem diante de Deus, incluindo o primeiro e grande mandamento de se amar a Deus com todas as fibras e potencialidades do ser (Deu. 6:4,5; Mat. 22:36 ss). A segunda tábua definia os deveres do homem para com os seus semelhantes, o que é elaborado em Lev. 19:18. Historicamente, outras divisões vieram a existir,

## DEZ MANDAMENTOS

conforme se vê nas igrejas reformadas. Ali o trecho de Êxodo 20:2.3. é considerado como passagem que enfatiza a exclusividade de Yahweh. Os vs. 4 e 6 desse cap. aparecem ali como um único mandamento, a injunção elaborada contra a idolatria, sob qualquer forma. O vs. 7 seria o terceiro mandamento, que proibiria qualquer forma de profanação. Então seguir-se-iam sete mandamentos que tratam das relações entre homem e homem, o que seria o aspecto ético da lei mosaica. Além dessa divisão reformada, há a chamada divisão agostiniana, que une os vs. 3 a 6, onde o monoteísmo e a idolatria são encarados como mutuamente exclusivos. Assim, aquele que adora a qualquer tipo de imagem de escultura, já abandonou a adoração ao único Deus. Além disso, o mandamento referente à cobiça é dividido em duas partes distintas. A divisão *talmúdica* faz de Êxodo 20:2 o primeiro mandamento, e de Êxodo 20:3-6 o segundo.

**Divisão segundo o Conteúdo Geral.** a. Deveres do homem diante de Deus (Êxo. 20:2-7): monoteísmo, contra a idolatria, contra a profanação. b. Deveres do homem para com a adoração (Êxo. 20:8-11): observância do sábado, que envolvia o descanso físico naquele dia e as observâncias religiosas que visam ao bem da alma. As igrejas reformadas fazem o domingo tomar o lugar do sábado. Mas o Novo Testamento não concorda com isso, e nem faz a guarda do sábado obrigatória para os cristãos. Contudo, qualquer dia pode ser observado com propósitos religiosos, se isso for feito para honrar a Deus (Rom. 14:5; Col. 2:16). Naturalmente, existem seitas cristãs, que insistem sobre a natureza obrigatória do sábado; também há aquelas que dizem a mesma coisa em relação ao domingo. Nenhuma dessas opiniões conta com o respaldo do Novo Testamento, exceto no sentido de que o crente tem a permissão de fazê-lo, se assim quiser, seguindo o princípio da liberdade cristã; mas ficando entendido que ele não pode forçar outras pessoas a seguirem o seu exemplo. c. Deveres do homem para com seus semelhantes (Êxo. 20:12-17): A santidade da família, do matrimônio, da propriedade alheia, da veracidade e honestidade nos negócios. Adulterio, homicídio, mentira e cobiça e coisas semelhantes, são vedadas.

Todas essas divisões são enfileiradas na direção da *lei do amor* (Deu. 4:6; Rom. 13:10; I Tim. 1:5). A lei do amor faz os mandamentos descerem até os motivos que impulsionam as pessoas, dando-nos a *razão* desses mandamentos. Amamos a Deus, e assim evitamos a idolatria. Amamos ao próximo, pelo que não fazemos qualquer coisa capaz de prejudicá-lo. Outrossim, a lei do amor inspira-nos a ações positivas, de tal maneira que não cumprimos a lei moral meramente a fim de evitar certos atos errados. O respeito ao próximo envolve mais do que evitar coisas que possam prejudicá-lo. Também precisamos promover ativamente o bem de nossos semelhantes.

### 7. Os Dez Mandamentos e o Novo Testamento

a. Segundo alguns estudiosos, todos os dez mandamentos são reiterados e enfatizados espiritualmente, no Novo Testamento, excetuando o mandamento atinente ao sábado. Outros pensam que até o sábado tem sua contraparte espiritual no Novo Testamento, sob a forma do descanso de que desfrutamos em Cristo, mediante a fé (ver Heb. 4:9,10). Os mandamentos permanecem como preceitos morais, embora não sejam considerados poderosos em si mesmos. De acordo com o Novo Testamento, é mister o ministério do Espírito Santo, a fim de que a lei moral seja inscrita em nossos corações, a fim de

que não seja meramente entendida por nosso intelecto. Diz II Coríntios 3:3: «...estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações». O sexto versículo, logo adiante, é um dos mais bem conhecidos versículos de autoria paulina, no tocante à lei. Ali é mencionada uma nova aliança, não mediante um código escrito, mas realizado por meio do Espírito, pois a letra mata, mas o Espírito dá vida. Portanto, entre nós há uma lei do Espírito, que em nós opera e nos transforma (Rom. 8:2). As operações do Espírito necessariamente incluem a transformação moral, e essa transformação satisfaz plenamente aos requisitos da lei. Mas isso opera de maneira mística (ou seja, através do contacto com o Ser divino), e não legalmente, na forma de obediência a um código escrito. Não existe tal coisa como salvação sem santificação (ver Heb. 12:14). Ver o artigo sobre a *Santificação*.

b. **Jesus.** Cristo não veio destruir a lei, mas cumpri-la (Mat. 5:17). Uma das maneiras de cumprir a lei consistiu em ampliar seu alcance, incluindo até mesmo os motivos dos homens (Mat. 5:22 ss). Uma outra maneira de cumpri-la consistiu em trazer à tona a possibilidade de uma autêntica espiritualidade, impelida pelo Espírito de Deus, capaz de fazer a obediência à lei algo eficaz, mesmo que não perfeito ainda. Jesus trouxe a nós aquela mensagem que mostra como a espiritualidade da lei pode tornar-se real em nossas vidas diárias. Porém, incorremos em erro quando tentamos ler as idéias de Paulo nas declarações de Jesus. Jesus não ensinou os princípios paulinos, já plenamente desenvolvidos, exceto no sentido de que certos preceitos básicos de Paulo foram antecipados por Cristo. Paulo jamais poderia ter dito o que encontramos em Marcos 10:19 e em Lucas 18:18-20. Diante de Jesus, o jovem rico queria saber como poderia adquirir a vida eterna. Jesus referiu-se aos requisitos da lei, dizendo: «Faze isto, e viverás. É claro que Jesus não parava aí, em seus ensinamentos; mas ele precisava mostrar ao jovem rico a impossibilidade de salvação por esse intermédio. E o jovem compreendeu isso, tendo então respondido: «Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?» (Mat. 19:20). Paulo, entretanto, vai direto ao ponto, afirmando que a observância dos mandamentos não pode salvar a alma humana. Naturalmente, podemos reconciliar a lei e a graça, dizendo que a verdadeira obediência à lei é aquela inspirada pela transformação da alma, mediante o poder do Espírito. Assim a alma é santificada e transformada, mediante o contacto místico com o Ser divino. Em outras palavras, o Espírito faz os princípios da lei tornarem-se reais em nosso homem interior. Por meio dessas operações do Espírito, fica eliminada a observância da lei como meros atos de comissão ou de omissão de atos proibidos.

c. **Tiago.** Parece-me claro, embora não o pareça para alguns teólogos cristãos, que, na epístola de Tiago, continuamos no solo do Antigo Testamento. As boas obras e a observância da lei estão envolvidas na justificação, juntamente com a fé. Não percebo como Tiago 2:24 poderia ser interpretado de outro modo, pois ali lemos: «Verificais que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente». É inútil tentarmos explicar isso, dizendo que a justificação da pessoa é demonstrada mediante obras que são resultantes do princípio da fé. Isso também expressa uma verdade, mas não é o que Tiago diz nessa passagem. O décimo quinto capítulo do livro de Atos

## DEZ MANDAMENTOS — DHARMA

mostra-nos claramente que os primeiros judeus convertidos ao cristianismo continuavam exigindo a circuncisão como necessária à salvação, para nada dizermos sobre as medidas ainda mais importantes da lei. Simplesmente precisamos reconhecer que Tiago, no período de transição entre o Antigo e o Novo Testamentos, continuava defendendo o ponto de vista judaico comum da justificação. A questão é tão simples quanto isso. Nem todos os crentes primitivos tinham o profundo discernimento de Paulo quanto à natureza da graça divina (que vide). Isso não significa, porém, que Tiago não foi um crente genuíno. Deus tem paciência com as nossas crenças e conceitos tão imperfeitos. Em caso contrário, ninguém poderia ser salvo, porquanto nenhum credo representa com perfeição a verdade divina. Todos conhecemos em parte, vemos em parte, compreendemos em parte. Se, porventura, alguém disser que as obras exigidas pela lei são, de fato, possíveis mediante as operações do Espírito na alma — o que reflete uma noção espiritual do intuito da lei — então estará dizendo que a lei é idêntica em sua finalidade, às operações transformadoras do Espírito. Nesse caso, lei e graça são a mesma coisa, embora vendo o mesmo resultado de ponto de vista diferentes. Na lei e nas obras, vejo as operações do Espírito. Na graça, vejo que tudo depende de Deus, em última análise; e que a salvação de minha alma depende das operações do Espírito. E isso posso receber mediante a fé. Não há nisso qualquer contradição inerente. A lei e a graça são os pólos opostos de um mesmo princípio mais profundo. Ver o artigo sobre a *Polaridade* de muitas verdades ensinadas na Bíblia. Todavia, não penso que Tiago percebeu esse fato. Antes, ele via dois princípios separados — a fé e as obras — como os princípios que produzem a justificação. Para ele, esses princípios seriam verdades distintas. Porém, se os considerarmos por outro ângulo, veremos que ambos formam uma única verdade.

**d. Paulo.** Paulo declara francamente que a lei não tinha o propósito de salvar, e que nem mesmo poderia fazê-lo (Rom. 3:28). O homem é justificado pela fé, «independentemente das obras da lei». Além disso, escreveu ele: «...visto que ninguém será justificado diante dele (de Deus) por obras da lei...» (Rom. 3:20). Segundo Paulo, a lei tinha funções diferentes daquelas que os judeus lhe atribuíam, conforme se pode perceber melhor mediante os pontos abaixo discriminados: 1. A lei nos dá o pleno conhecimento do pecado (Rom. 3:20). 2. A lei dá impulso e energia ao pecado, atraindo o julgamento (Rom. 7:10). As palavras de Paulo são extremamente severas quanto a esse ponto: o próprio mandamento que prometia a vida, termina por operar a morte. Nenhum judeu haveria de concordar com tal declaração, enquanto permanecesse na incredulidade. 3. Em Gálatas 3:10, Paulo mostra que aqueles que esperam a vida eterna por meio da lei, na verdade estão sob a maldição que condena a todos os homens, sem qualquer exceção. Ora, Cristo veio a fim de nos livrar dessa maldição. A passagem de Gálatas 3:21 afirma enfaticamente que a doação da vida eterna não era o *propósito* da lei. A lei tinha a finalidade de reduzir-nos a nada, mostrando quão miseráveis e desobedientes criaturas nós somos. Mas então vem a mensagem do evangelho, para salvar-nos de toda essa miséria e impotência. A despeito de tudo, se pensarmos sobre a lei em termos daquilo que o Espírito opera em nós, em consonância com a moralidade divina, então a lei já se torna doadora de vida. Paulo concorda, em princípio, com essa declaração, em Filipenses 2:12b,13, onde ele escreve: «...desenvolvi a vossa salvação com temor e

tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade». Cumpre-mé fazer tudo quanto estiver ao meu alcance para seguir os preceitos morais; e assim a minha salvação torna-se uma realidade. Mas, paralelamente a isso, segundo aprendo nas Escrituras, o tempo todo era Deus quem estava atuando por meu intermédio. Por conseguinte, um complexo conceito é aquele que enfeita as idéias de *lei-obras-graça-agência-humana-agência-divina*. Se quisermos separar esses elementos uns dos outros, analisando em separado cada um deles, haveremos de cair em todas as formas de contradição e disputa. Mas, se considerarmos essa complexidade, com todos os seus elementos intactos, teremos de confessar que o conceito é por demais difícil para ser explicado de forma satisfatória; sendo essa a precisa razão pela qual tantas pessoas preferem separar idéias e explicá-las individualmente. Nesse processo, elas fazem tais conceitos se oporem uns aos outros, o que já não exprime a verdade, embora a questão não seja fácil de ser esclarecida. (B C CHA H ID UN WAT)

### DHAMMAPADA

Termo sânscrito que significa «vereda da virtude». O Dhammapada é um antigo documento budista que discute os principais valores da vida e a vereda que conduz à iluminação. Essa vereda move-se dentro do arcabouço do *karma* (que vide), do renascimento (ver sobre a *Reencarnação*) e das quatro virtudes nobres de Buddha, e sobre a vereda da fé religiosa, em oito aspectos. Ver os artigos sobre *Buddha* e o *budismo*. Esse documento também provê várias meditações cujo desígnio é ajudar àquele que busca a salvação.

#### Algumas Idéias Principais:

1. Desapego, liberdade de qualquer desejo, serenidade e autocontrole. Essas seriam as características do homem espiritual que está atingindo o seu alvo.

2. Um homem espiritualmente avançado é um Brahmin, preparado para o Nirvana (que vide). Outras pessoas ficam presas à grande roda dos renascimentos, — sempre retornando para tentar novamente. Haveria recompensas e castigos em céus e infernos, mas o Nirvana é o alvo.

3. Os elementos da vereda da iluminação incluem a necessidade de vigilância, a sabedoria, a felicidade, a retidão, os fatores da verdade em oito aspectos e a eliminação dos desejos e dos empecilhos.

Quanto à vereda de oito aspectos ver o artigo sobre o *Budismo*, primeiro ponto, número sete, «A vereda nobre e mediana».

### DHARMA

Vocabulo sânscrito com muitas definições, uma das quais é *lei*, que é uma das jóias do budismo. O conceito inclui costumes, justiça, religião e cultura. Aponta para o princípio da função das coisas individuais. Também aponta para a ordem cósmica e seus elementos, que têm efeitos correspondentes sobre os homens. Portanto, o que os homens podem fazer de sábio é seguir a vereda apropriada da lei. Algumas vezes, a palavra assume o sentido mais amplo de RELIGIÃO, com tudo quanto isso implica. Também há as *leis de Manu* (que vide), o que já se intitula *Dharmasastra*. Esse termo também é popularmente empregado para designar os costumes, usos e práticas de qualquer sistema específico de castas, na religião hindu e na filosofia indiana. No budismo, o *Dharma* é uma das três jóias da fé religiosa, entre as quais os

monges se refugiam.

O jovem que quiser tornar-se monge terá de deixar a família e os amigos. Por assim dizer, ele se torna um pária, embora a decisão seja totalmente dele. Em face disso, ele precisa refugiar-se em alguma coisa. Portanto, ele se refugia por detrás das três jóias do budismo, a saber: 1. Em *Buda*, seu guia na busca pela iluminação. 2. Na *Samgha*, ou comunidade religiosa, as pessoas que vivem juntas a fim de seguirem melhor a inquirição espiritual. 3. O *Dharma*, ou lei da comunidade religiosa, onde o peregrino encontra tudo — que precisa — para viver. Esse Dharma comunal reflete a ordem cósmica e serve de guia seguro para o indivíduo dirigir a sua vida.

### DHYANA

Termo sânscrito que significa **meditação**, uma prática central no hinduísmo, no budismo e no jainismo (ver o artigo a respeito). Dhyana forma o sétimo estágio da meditação da ioga, conduzindo ao estágio final de absorção, ou *Samadhi*. Ver sobre a Ioga, no seu quarto ponto.

### DIA

Há uma palavra hebraica e uma palavra grega envolvidas:

1. *Yom*, «dia». Palavra hebraica usada por mais de mil e trezentas vezes, em todos os livros do Antigo Testamento, sem exceção.

2. *Eméra*, «dia». Palavra grega empregada por cerca de trezentas e oitenta e duas vezes no Novo Testamento, desde Mateus 2:1 até Apocalipse 21:25.

As Escrituras exibem certa variedade de usos, designados por meio dessa palavra, a saber:

1. As horas entre a alvorada e o ocaso do sol (Gên. 1:5; 8:22; Atos 20:31). Os dias da criação teriam tido essa duração, embora comumente digamos que os dias duram vinte e quatro horas. Talvez a expressão somente nos chame a atenção aos dias de vinte e quatro horas, não se referindo estritamente ao dia limitado às horas iluminadas pelo sol. Nesse caso, o dia poderia ser dividido em manhã, meio-dia e noite (Salmos 55:17). Os babilônios computavam seus dias do raiar do sol ao raiar do sol; os romanos, de meia-noite à meia-noite (conforme nós o fazemos); os gregos e os judeus, de pôr do sol ao pôr-do-sol. A primeira menção bíblica específica ao dia de vinte e quatro horas aparece no Novo Testamento, em João 11:9.

2. *Divisões e Viglias Naturais*. A divisão natural do dia em manhã, meio-dia e noite assinalava os períodos de oração (Salmos 55:17). Originalmente, a noite era dividida em três porções ou viglias (Sal. 62:6; 90:4). O trecho de Lamentações 2:19 menciona a primeira dessas viglias; a segunda aparece em Jul. 7:19; e a manhã, ou última viglia, é mencionada em Exo. 14:24. Os gregos e romanos introduziram uma quarta viglia, o que significa que cada viglia passou a durar cerca de três horas. A segunda e a terceira viglias são mencionadas em Luc. 12:38; a quarta, em Mat. 14:25. As quatro viglias juntas aparecem em Mar. 13:35.

*Duração Específica das Viglias*: 1. Do pôr-do-sol à terceira hora da noite, chamada «tarde» ou «cair da tarde» (Mar. 11:11 e João 20:19). 2. A viglia da meia-noite, isto é, da terceira hora da noite até à meia-noite. 3. O cantar do galo, ou seja, da meia-noite às três horas da madrugada, ou mais tarde, ou seja, a nona hora da noite. 4. Cedo de manhã, da nona hora da noite até ao nascer-do-sol,

que seria a nossa seis horas da manhã (João 18:28).

3. *A Divisão do Dia em Doze Horas*. Essa divisão só se tornou comum após o cativeiro babilônico; e os judeus trouxeram essa prática para a Judéia. É no trecho de Daniel 4:19 que encontramos, pela primeira vez, a palavra «hora». Jesus disse, em João 11:9, que o dia tem doze horas. Períodos específicos eram: a. primeira hora, ou nascer do sol; b. sexta hora, até o meio dia; c. sétima hora, de meio-dia em diante; décima segunda hora, terminava ao pôr-do-sol. Os hebreus não tinham nomes para as suas horas, mas as numeravam, apenas.

4. *Um Dia Simbólico — um Período de Tempo*. Alguns estudiosos opinam que os dias da criação simbolizam longas eras, ou mil anos, conforme parece sugerir o trecho de Salmos 90:4. O termo «dia» é empregado para indicar qualquer período de tempo, sem importar se esse conceito tem aplicação ou não aos dias da narrativa da criação. De acordo com a profecia de Daniel, é evidente que cada dia representa um ano, e que uma semana representa sete anos (Dan. 7:25; 9:24). E isso é transferido para o livro de Apocalipse, conforme se nota claramente em Apo. 4:15 e 10:3.

5. *O Dia Simbólico, Vinculado ou Não ao Tempo*. Pode estar em foco a oportunidade dada pela misericórdia divina (Sal. 37:13; Mal. 4:1; Luc. 19:42); um período de ruína ou tribulação (Sal. 37:13; Jô 3:8); a vinda da «parousia» ou da eternidade (Rom. 13:12); um tempo de manança, de festividades e de exageros (Tia. 5:5); o julgamento divino ou a redenção (Isa. 49:8; II Crô. 6:2; I Tes. 5:5,8; II Ped. 1:19; Efê. 4:30); um grande dia, como o da conversão de Israel, ou um dia importante qualquer (Osé. 1:11; Apo. 6:17; 16:14); *aquele dia*, um notável período de realizações (Isa. 11:1), o que incluirá o juízo final (Jud. 6); os *últimos dias*, um tempo futuro, em relação a quem falou, ou seja, a dispensação do evangelho (Isa. 2:2), ou mesmo a porção final da dispensação do evangelho (I Tim. 4:1; II Tim. 3:1); um dia bom, que indica um período de prosperidade, festividade e regozijo (Est. 8:17; 9:22); um dia mau ou amargo, que é um período de tribulação ou desastre (Amós 6:3; 8:10); o dia de hoje, que é um tempo de oportunidade de salvação (Sal. 95; Heb. 3 e 4); algo feito em *um único dia*, algo que é feito com prontidão, em pouco tempo (Apo. 18:8); o *dia todo*, algo feito de modo habitual e constante (Deu. 28:32; Sal. 25:5).

6. *Um Título de Deus*. Em Daniel 7:9,13 encontramos a expressão «o Ancião de dias», referindo-se à eternidade de Deus.

7. *A oportunidade* de prestar serviço no evangelho (João 9:4).

8. Vários dias são comentados em artigos separados. Ver os seguintes títulos: Dia do Senhor; Domingo, Dia do Senhor, Dia de Cristo; Último Dia (Escatologia); o Dia Longo de Josué; Um Dia de Jornada; Dia da Expição.

### DIA DA CRUCIFICAÇÃO, SEXTA-FEIRA

**O dia da crucificação**: Os acontecimentos do dia da crucificação ocorreram na *sexta-feira*, conforme concorda a maioria dos eruditos antigos e modernos. O dia da crucificação de Jesus tem sido variegadamente situado na quarta-feira, na quinta-feira ou na sexta-feira. Apesar de que qualquer dessas datas conta com algumas dificuldades, contudo, a sexta-feira, que tem sido tradicionalmente aceita como o dia da crucificação, desde os tempos mais antigos, é a que conta com menor número de objeções. A questão tem



## DIA DA CRUCIFICAÇÃO

provocado muitos debates, e muito tempo tem sido desperdiçado, e imensas energias têm sido concentradas nessa discussão. Para alguns, o conhecimento e a declaração do dia certo parecem ter a importância de uma convicção religiosa. Que a sexta-feira foi o dia da crucificação, é indicado pelos seguintes argumentos:

1. Um número *demasiado* de acontecimentos teve lugar nas narrativas, segundo as temos, para permitir que todos tivessem ocorrido entre o domingo, que foi o dia da entrada triunfal, e a crucificação de Jesus, se esta tivesse tido lugar na quarta ou mesmo no quinta-feira.

2. O testamento deixado *pelos pais* da igreja primitiva, até o terceiro século, é unânime em afirmar que a crucificação teve lugar na sexta-feira. (Ver Wordsworth, *The Greek New Testament*, sobre as passagens envolvidas, incluindo Mat. 27:62, onde há uma lista dos nomes dos pais que apoiavam a sexta-feira). De fato, da parte dos pais da igreja, não temos outra data exceto a sexta-feira. Os antigos pais da igreja são anteriores aos primórdios da Igreja Católica Romana, pelo que, de forma alguma podemos asseverar que a crucificação na «sexta-feira» foi uma invenção dessa organização religiosa.

3. O testamento do *símbolo* favorece o dia de sexta-feira. Quando da criação, Deus trabalhou durante seis dias, e então descansou. Assim também Cristo trabalhou durante esses seis dias, e então descansou no dia sétimo, o sábado.

4. A profecia de Jesus, de que estaria no sepulcro por «três dias e três noites» (Mat. 12:40), embora para ouvidos modernos pareça três dias e noites completos, para os antigos não era assim, por causa do costume de computar *partes* do dia ou da noite como se fossem dias ou noites inteiras. Uma parte da sexta-feira, o sábado e uma parte do domingo, satisfaria o sentido aqui tencionado. Ao computarem seqüências do tempo, os antigos sempre incluíram, nesse cômputo, o mesmo dia em que a declaração era feita. Assim sendo, «em três dias» incluiria o dia em que a declaração foi feita. Esses três dias seriam a sexta-feira, o sábado e o domingo. Partes desses dias podiam ser chamadas de «três dias».

5. A *cronologia* simples de Lucas (23:54-24:1) não deixa dúvida alguma a respeito, porquanto ele menciona declaradamente três dias: 1. A «preparação» (vs. 54), isto é, o dia anterior ao sábado, ou sexta-feira, conforme essa palavra significa até mesmo no grego moderno, sendo usada com esse sentido por todas as páginas do N.T. onde ela aparece. 2. O sábado (vs. 56), durante o qual descansaram. 3. O primeiro dia da semana (24:1) ou domingo. Se é que a crucificação ocorreu antes, o que teria acontecido à quarta-feira e à quinta-feira, nesse novo cálculo cronológico? João 19:31 diz especificamente que o corpo de Jesus foi tirado da cruz, a fim de que não permanecesse ali no dia de «sábado».

6. Alguns tentam fazer desse *sábado* um feriado judaico diferente, salientando que, no vs. 31, esse sábado é chamado de «grande o dia daquele sábado». Mas a expressão se deriva do fato de que este dia era o sábado durante o período da páscoa, sincronizado com o segundo dia da festa dos pães asmos. A narrativa de Lucas indica que somente *um dia* de «sábado» está aqui em foco, por maior que fosse considerado esse dia.

7. Alguns estribam-se no fato de que, em Mat. 28:1, a palavra usada para sábado está no plural, o que leva tais intérpretes a traduzirem, «no fim dos sábados», como se tivesse ocorrido mais de um sábado (ou feriados especiais), o que faria com que o dia da

«preparação» fosse a terça-feira, ao passo que os dias de quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira e sábado seriam os «sábados». Todavia qualquer pessoa que consulte um dicionário grego completo do N.T. descobrirá que o plural era freqüentemente usado em lugar do singular, embora estivesse em vista apenas um sábado. Outras instâncias desse fato se encontram em Mat. 12:1; Mar. 1:21; 2:23; 3:2,4; Luc. 4:31; 6:9. Em todas essas instâncias, o grego tem o plural, mas o contexto mostra sempre que se trata do singular. Esse emprego do plural era comum entre os demais autores, fora do N.T., conforme um dicionário grego completo facilmente revela. Que o singular era tencionado é óbvio em Mar. 16:1, que usa o singular, «sábado», e de onde Mateus extraiu a sua narrativa (posto parecer correto dizer, com o que muitíssimos concordam, que Marcos foi usado como base dos evangelhos de Mateus e de Lucas). Adicione-se a isso a narrativa em Luc. 23:54-56, que também usa o singular.

8. É altamente improvável que as mulheres tivessem esperado durante quase *três dias e meio* (desde a tarde de quarta-feira até à manhã de domingo), antes de irem ao sepulcro, a fim de ungirem e embalsamarem o corpo de Jesus. Nessa altura, a putrefação estaria tão adiantada que todo esforço seria estranho e inútil. Afinal de contas, elas esperavam encontrar um cadáver, embora não tivessem ficado desapontadas por não terem encontrado tal.

9. As Escrituras declaram pelo menos por *nove vezes* que Jesus ressuscitaria *ao terceiro dia* (Mat. 16:21; 17:23; 20:19; Mar. 9:31; 10:34; Luc. 9:22; 18:33; 24:7; I Cor. 15:4). Segundo o costume do *cômputo inclusivo* das seqüências de tempo, comum entre as culturas antigas, ao enumerar qualquer número de dias, horas, meses ou anos, sempre se incluía nessa numeração o dia em que se fazia a declaração e é óbvio que o dia da crucificação deve estar incluído nesse cômputo dos «três dias». Jesus queria dizer que ressuscitaria ao terceiro dia. Assim sendo, segundo esse cômputo à moda antiga, temos a sexta-feira, o sábado e o domingo. O terceiro dia, a começar na quarta-feira, dificilmente poderia ser o domingo. Jesus teria de ter ressuscitado na sexta-feira, se a quarta-feira tivesse sido o dia de sua crucificação. Se o dia de sua crucificação foi na quinta-feira, Jesus teria de ter ressuscitado no sábado. Alguns intérpretes, embora em pequeno número, ensinam exatamente isso. As descrições sobre a manhã da ressurreição parecem indicar que a mesma teve lugar bem cedo, — na manhã de domingo, talvez às três horas da madrugada, ou entre as três horas e as seis horas da manhã. Não contamos com qualquer declaração específica sobre a hora exata. De conformidade com os cálculos dos judeus, o domingo teria começado às 18:00 horas daquele que ainda consideraríamos como dia de sábado. Portanto, Jesus poderia ter permanecido no túmulo por diversas horas do «domingo», ainda que tivesse ressuscitado tão cedo como a meia-noite de nosso sábado, embora bem dentro do domingo, segundo a maneira de contar dos judeus. Assim sendo, embora tivesse ressuscitado antes da meia-noite do domingo judaico, Jesus ainda estaria morto no túmulo, no domingo. Dessa maneira, esteve no túmulo por «três dias», conforme ele declarou que ficaria. «Três dias e três noites», sendo uma expressão que não precisa envolver mais do que partes desses três dias e noites, não está fora de lugar. (Ver a nota, em Mat. 28:1, no NTI quanto a uma discussão mais ampla sobre o dia da ressurreição do Senhor Jesus).

## DIA DA EXPIAÇÃO

### DIA DA EXPIAÇÃO

No hebraico, **dia do perdão**. No Talmude, a data é chamada *grande festa* ou meramente *o dia*.

1. *Tempo*. Talvez, originalmente, fosse qualquer dia em que se fizesse a expiação pelo pecado. Posteriormente, indicava o dia específico e geral de expiação para todo o Israel. Foi instituído como estatuto permanente por Moisés, como dia de expiação pelos pecados, no décimo dia do mês de Tisri (setembro/outubro). Esse foi o único dia festivo originalmente ordenado por Moisés. (Ver Lev. 16:1-34 e Núm. 29:7-11). Essa grande festividade, tal como todos os demais dias festivos dos judeus, começava ao pôr-do-sol do dia anterior, prolongando-se por 24 horas, isto é, de pôr-do-sol a pôr-do-sol, ou então conforme os rabinos recomendavam, até que três estrelas fossem visíveis no horizonte.

2. *Cerimônias*. O décimo sexto capítulo de Levítico descreve as cerimônias muito laboriosas, mormente no caso do sumo sacerdote. Ele precisava preparar-se durante os sete dias anteriores, vivendo quase solitário, abstendo-se rigorosamente de qualquer coisa que pudesse torná-lo imundo ou que viesse a perturbar o seu estado mental espiritual. Chegado o dia da expiação, ele entrava no Santo dos Santos, ato esse vedado até mesmo a ele, em qualquer outro dia do ano (ver Heb. 9:7). De fato, nesse dia ele entrava no Santo dos Santos por quatro vezes. Na primeira vez, ele trazia o incensário de ouro e o vaso cheio de incenso. Após ter entrado, ele punha o incensário entre as duas extremidades do Santo dos Santos e o incenso sobre os carvões acesos. Então retirava-se, andando de costas, para nunca voltar as costas ao Santo dos Santos. Em sua segunda entrada, levava consigo o sangue do animal que havia sido oferecido em expiação por seus próprios pecados e pelos pecados dos demais sacerdotes; colocava-se entre as duas extremidades do Santo dos Santos, imergia um dedo no sangue e o aspergia por sete vezes embaixo e por uma vez em cima do propiciatório. Tendo feito isso, deixava a bacia com sangue e retirava-se novamente. — Na terceira vez, o sumo sacerdote entrava com o sangue do carneiro que havia sido oferecido pelos pecados da nação, com o qual aspergia na direção do véu do Santo dos Santos por oito vezes, e tendo-o misturado com o sangue do novilho, aspergia novamente na direção dos chifres do altar de incenso por sete vezes, e uma vez mais na direção leste, após o que derramava todo o sangue no soalho do altar das ofertas queimadas, tendo novamente saído, levando para fora as bacias com sangue. Na quarta vez em que adentrava o Santo dos Santos, o sumo sacerdote meramente vinha buscar o incensário e o vaso de incenso. Tendo retornado para fora, ele lavava as mãos e realizava as demais cerimônias do dia. Que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos por mais de uma vez torna-se claro em face da variedade dos ritos por ele realizados, conforme as descrições de Levítico 16:12,14,15. A expressão «uma vez por ano», em Hebreus 9:7, mostra que ele entrava ali «uma vez por ano», não dizendo respeito às várias entradas que constituíam a entrada coletiva anual.

3. *Proibições e normas*. a. Os preparativos acima descritos; b. o jejum absoluto; c. o dia era um sábado santo, e nenhum trabalho podia ser feito durante o mesmo; d. o povo precisava manter-se em atitude de aflição e reflexão espiritual. Em caso contrário, alguém podia ser cortado do meio do povo de Israel (ver Lev. 23,27-32). e. Santidade era a ordem do dia. Somente uma alma limpa podia aproximar-se de

Deus naquele espantoso dia (ver Lev. 16:1,2).

4. *Outros deveres do sumo sacerdote nesse dia*. Havia frequentes lavagens e trocas de roupa. As lâmpadas eram acesas e o incenso era queimado, operações essas iniciadas no décimo dia do sétimo mês (Tisri). O sumo sacerdote paramentava-se em seus trajes pontifíciais. Confessava seus pecados e os pecados de sua própria família, oferecendo um novilho. Dois bodes eram separados, e um deles era escolhido mediante lançamento de sorte para ser oferecido a Yahweh, enquanto que o outro era solto, enviado para algum lugar desértico, simbolicamente carregado com os pecados do povo. De conformidade com o Talmude, ambos os bodes tinham de ser da mesma cor, estatura e idade, quando fossem separados para esses ritos. No grande dia, o sumo sacerdote abençoava a nação inteira de Israel, e o resto do dia era gasto em orações e obras de penitência.

5. *O propósito*. A finalidade que transparece servia de lembrete de que os holocaustos diários, semanais e mensais, feitos sobre o altar das ofertas queimadas, não eram suficientes para fazer expiação pelo pecado. Até mesmo no caso das ofertas feitas sobre o altar das ofertas queimadas, o adorador mantinha-se afastado, incapaz de aproximar-se da santa presença de Deus, o qual se manifestava entre os querubins, sobre o propiciatório, no Santo dos Santos. Somente nesse dia era feita plena expiação simbólica, em face da oferta feita no interior do Santo dos Santos.

6. *Simbolismos*. a. O dia da expiação era um tipo da obra expiatória de Cristo. b. O próprio Cristo é o sumo sacerdote (ver Heb. 9 e 10). c. O sangue do sacrifício é o Seu próprio sangue (ver Efé. 1:17 e Col. 1:20). d. Diferentemente dos sacerdotes do Antigo Testamento, Ele não tinha necessidade de fazer expiação por Seus próprios pecados, porquanto não tinha pecado (ver Heb. 7:27 e I Ped. 2:22). e. Sua expiação tem efeitos nos céus, estabelecendo a reconciliação com Deus (ver Heb. 9:11,12). f. A obra do Sumo Sacerdote substitui por inteiros os sacerdotes de Aarão e Melquisedeque, isto é, uma mudança espiritual radical é produzida na abordagem do homem à espiritualidade (ver Heb. 7 - o sacerdócio de Melquisedeque — e Heb. 8 — o sacerdócio levítico). g. O novo sacerdócio está baseado em melhores promessas (ver Heb. 8:7). h. O primeiro sacerdócio, o levítico, estava baseado sobre um pacto que precisava ser substituído por outro pacto, melhor (ver Heb. 8:8 ss.). i. O antigo era uma sombra do novo, sem a substância da eternidade (ver Heb. 10:1). j. O antigo, como sombra que era, na verdade não anulava e nem fazia expiação pelo pecado (ver Heb. 10:4,11), mas envolvia apenas sacrifícios simbólicos daquele sacrifício que faria expiação de uma vez por todas (ver Heb. 10:12). k. O novo sumo sacerdote não entra em um lugar santo terreno e simbólico, mas, tendo terminado sua obra, entra no Santuário Celestial e assim ocupa o lugar de poder e honra à mão direita de Deus (ver Heb. 10:12). l. Está em operação um plano que finalmente porá todas as coisas em sujeição a Cristo, na qualidade de Salvador e Senhor universal (ver Heb. 10:13). m. Entrementes, o novo pacto atua, conferindo aos homens o verdadeiro acesso a Deus. A nova lei acompanha esse pacto, escrita nos corações, isto é, transformando espiritualmente os homens (ver Heb. 10:16). n. O resultado é o perdão absoluto (ver Heb. 10:17). o. Obtém-se um tipo de acesso que dá aos homens ousadia e confiança, porque Deus é Pai e quer desfrutar de comunhão conosco (ver Heb. 10:22 ss.). p. O empecilho é removido. A espiritualidade do

## DIA DA GRAÇA – DIA DA PREPARAÇÃO

Antigo Testamento simbolizava a espiritualidade que viria, mas foi instituída na debilidade da lei e dos sacrifícios de animais. Ao mesmo tempo em que falava de acesso, na verdade ensinava que o pecado constituía um tão grande obstáculo que o acesso não era possível, na realidade. Portanto, o pecador continuava distante, enquanto o sacrifício era oferecido segundo a lei. Porém, o novo pacto aproxima o homem, que então entra no Santo dos Santos, na própria presença de Deus (ver Heb. 10:19-22). q. A entrada no Santo Lugar não representa apenas o perdão dos nossos pecados e a nossa ida para o céu. Envolve a transformação da alma, a fim de participar da própria natureza divina, segundo a imagem do Filho (ver Rom. 8:29; II Cor. 3:18; II Ped. 1:4 e Heb. 2:10). r. A oferta pelo pecado, no dia da expiação, era feita fora do acampamento de Israel. Jesus também sofreu fora da cidade, como se tivesse sido rejeitado, e devemos segui-lo em seu opórbio, abandonando o mundo. Essa é uma lição moral. Aquele que se vê envolvido nesse programa espiritual terá de abandonar o mundo e seguir ao Mestre. Sem a santificação, não pode haver salvação (ver Heb. 12:14; ver Heb. 13:11,12 quanto à oferta feita fora do acampamento). s. Sair fora, ao acampamento, é confessar nossa condição de peregrinos na terra. Buscamos a cidade vindoura, o reino celestial (ver Heb. 13:14). Aqui não temos cidade permanente, porquanto tudo está em estado de fluxo. A permanência só se encontra no terreno espiritual.

7. *Observações modernas.* O dia da expiação é atualmente chamado *Yom Kippur* pelos judeus, caindo no último dos dez dias de penitência, que começa com o *Rosh Hashanah*, que é o dia do Ano Novo dos judeus. Esse período de dez dias é consagrado a exercícios espirituais que consistem em vários tipos de penitências, orações, jejum — preparando o indivíduo para o dia mais solene do ano, o *Yom Kippur*. Esse dia é o décimo do mês de Tisri (setembro/outubro). O próprio nome significa «dia da expiação». Os aspectos sacrificiais do dia original, naturalmente, foram abandonados, pois não há mais sacrifícios de animais, mas o espírito daquele dia era observado, e simbolicamente, o sacrifício era realizado. O período de 24 horas, de pôr-do-sol a pôr-do-sol era um dia de jejum absoluto, um sábado importante no qual nenhuma obra podia ser feita. O *shophar*, ou chifre de carneiro, era soprado para reunir o povo para adorar na sinagoga, na véspera do *Yom Kippur*. Então era entoado o impressionante *Kol Nidre* (todos os votos). A congregação judaica pedia humildemente a Deus que os perdoasse de seus pecados, e também por terem quebrado os votos que não tinham podido cumprir. Cultos diversos eram efetuados no dia seguinte (que ainda era o *Yom Kippur*), porque entre os judeus o dia é contado de pôr-do-sol a pôr-do-sol. Esses exercícios religiosos começavam cedo pela manhã e continuavam até o pôr do sol. Quando vinha o crepúsculo, terminava o Dia da Expiação com um único sopro do *shophar*. E os adoradores regressavam às suas residências. (COH E EDE ID ND Z)

### DIA DA GRAÇA

Essa expressão bíblica representa a oportunidade que Deus oferece aos homens para se salvarem. Ver Sal. 95:7 ss. (citado em Heb. 3:7,8). Ver também Isa. 55:6,7. Algumas vezes, essa expressão é usada como sinônimo da era da Igreja cristã. Os intérpretes não concordam quanto ao tempo exato da duração desse «dia». Alistamos abaixo as idéias a respeito:

1. Esse dia iniciaria no começo do tempo, quando o homem, já caído no pecado, aparece necessitado de redenção, e terminaria no começo do «dia eterno».

2. Se a referência é à nova dispensação e à missão de Cristo, então esse dia teria começado com o seu ministério, mas, por antecipação, já demonstrava os seus efeitos antes mesmo disso (Rom. 3:25), e terminaria no final da missão de Cristo, ou seja, no começo do estado eterno.

3. Teria as dimensões referidas no segundo ponto, acima, no tocante à humanidade; mas, no que concerne ao indivíduo, a morte biológica de cada pessoa assinalaria o seu término. Esse é o ponto de vista comum da Igreja ocidental. O texto de prova usado é Hebreus 9:27.

4. Muitos elementos da Igreja oriental pensam que esse dia não terminará senão na «parousia» ou segunda vinda de Cristo, mesmo no caso do indivíduo. Nesse caso, a oportunidade de salvação prosseguiria até àquela ocasião. Parece que o texto de I Pedro 4:6 pode ser usado corretamente como comprovante desse conceito. No Novo Testamento, o julgamento quase sempre é vinculado à «parousia».

5. Os pais gregos da Igreja supunham que a alma humana é preexistente, pelo que o «dia da graça» começaria onde quer que a alma preexistente tenha caído, muito antes do primeiro advento de Cristo. Além disso, muitos deles supunham que nunca poderemos fixar um tempo em que o dia da oportunidade cessará. O ato *redentor* é um ato eterno. Os universalistas supõem que essa redenção mostrar-se-á eficaz, finalmente, no caso de todos os homens. Nesse caso, por que Deus escolheu uns poucos dentre os muitos? Ver Mat. 22:14. Outros defendem a idéia de uma oportunidade eterna, embora não se atrevam a professar saber quanto eficaz, a longo tempo, será a redenção, no tocante a números. Também há o ponto de vista do *tapete de várias cores*. De acordo com essa posição, a despeito da oportunidade eterna, os homens ir-se-ão diversificando em várias espécies espirituais, tornando-se porções constitutivas do tapete da redenção-restauração, de muitas cores variegadas, isto é, com vários níveis de glória. Os remidos formariam o retalho de cor dourada; mas muitos não conseguirão chegar lá, provavelmente a maioria, como a Bíblia dá a entender repetidamente. Mas a restauração (que vide) fará todos os homens e todas as coisas encontrarem unidade em torno de Cristo (Efé. 1:10). Portanto, essa será uma realização gloriosa, levando toda a criação de Deus a uma posição de harmonia e utilidade, embora em níveis os mais variados. Ver o artigo sobre o *Mistério da Vontade de Deus*.

O título, «dia da graça», indica que é a graça divina que atua em toda essa grandiosa realização (Efé. 2:8), sem importar as limitações temporais que poderão ser impostas ou não.

### DIA DA PREPARAÇÃO

A palavra grega envolvida é *parakete*, que significa «preparação», mas, no Novo Testamento (ver Mat. 27:62; Mar. 15:42; Luc. 23:54 e João 19:14,31), indica o dia anterior ao sábado, a saber, a sexta-feira. Em grego moderno, continua sendo a palavra para indicar a sexta-feira.

No *judaismo*, o dia anterior ao sábado era um dia durante o qual se faziam os preparativos necessários para se evitar a necessidade de trabalhar no sábado (Exo. 16:23). O grande dia da preparação era o dia anterior ao sábado da semana da páscoa. Esse é o dia

## DIA DE CRISTO — DIA DO SENHOR

focalizado nos evangelhos, naquelas referências acima. Por causa da influência helenista, foi mister que os oficiais judaicos impusessem severas sanções ao povo, para garantir a correta observância do sábado. Josefo (*Anti.* 16:6,2) diz-nos que o povo começava a preparar-se para o sábado bem antes do ocaso, suspendendo suas atividades usuais e preparando com bastante antecedência todo o alimento e tudo quanto fosse necessário para os cultos do sábado. Estritamente falando, esse dia começava às 18:00 horas da quinta-feira e ia até às 18:00 horas da sexta-feira, segundo o costume judaico de computar as horas do dia a partir do momento em que o sol estivesse desaparecendo no horizonte. No entanto, o uso entre os gregos é diferente desde o começo. Encontramos a palavra que significa «sexta-feira» sendo usada nas obras *Martírio de Policarpo* 7:1 e no *Didache* 8:1, mas isso não inclui a noite da quinta-feira.

A crucificação de Jesus teve lugar na sexta-feira, e a Bíblia informa-nos especificamente que a crucificação ocorreu no dia anterior ao sábado (Mar. 15:42 e Luc. 23:54), ou seja, a sexta-feira, conforme a Igreja cristã histórica sempre afirmou. Ver o artigo sobre o *Dia da Crucificação, Sexta-feira*, quanto a detalhes sobre a questão. Dizer que esse dia era uma preparação para a páscoa, que não seria um sábado, e portanto, uma preparação que não seria em uma sexta-feira, ignora a cronologia cuidadosa que Lucas nos oferece em Luc. 23:54—24:1, onde encontramos exatamente três dias: 1. a preparação; 2. o sábado; 3. o primeiro dia da semana (o domingo).

O trecho de João 19:14 fala na «preparação da páscoa», o que significa preparação da semana da páscoa, e não um dia de preparação especificamente para o dia da páscoa. Com essa interpretação os outros três evangelhos concordam explicitamente. Quanto ao controvertido problema do tempo da crucificação de Jesus, ver as notas expositivas no NTI, em João 19:14.

### DIA DE CRISTO

O *Dia de Cristo*, ou seja, a *Parousia* (que vide), o segundo advento de Cristo. (Ver sobre a «segunda vinda de Cristo», em Apo. 19:11). Paulo esperava que isso ocorresse durante o seu período de vida terrena, antes de sua morte física, conforme se depreende de I Cor. 15:51 e I Tes. 4:15. Já nas suas chamadas «epístolas da prisão» ele mostra que aguardava a morte, parecendo ter perdido a esperança de um arrebatamento imediato; mas, ainda assim, esperava tal acontecimento para bem breve, sem ter tido a idéia de uma prolongada «era da igreja» ou «era da graça», que já separa o primeiro advento de Cristo de nós pelo espaço de mais de mil e novecentos anos. (Ver os trechos de I Tes. 5:4 e I Cor. 3:13, onde Paulo fala acerca da «parousia» como «aquele dia»). A expressão *aquele dia* aparece tanto ali como em II Tes. 1:10; mas «dia de Cristo» é a expressão de Fil. 1:10 e 2:16, ao passo que «dia do Senhor» figura em I Cor. 5:5; I Tes. 5:2 e II Tes. 2:2, ao passo que «dia de nosso Senhor Jesus (Cristo)» se encontra em I Cor. 1:18 e II Cor. 1:14. Todos esses casos, entretanto, apontam para o retorno breve de Cristo, pois os cristãos primitivos esperavam para bem dentro em breve o reaparecimento glorioso de Cristo, quando ele virá em grande majestade e poder.

### DIA DE JORNADA

Essa é uma distância padrão, determinada pelo

período de um dia. Em outras palavras, o quanto pudesse ser percorrido no período de um dia, essa era a jornada de um dia. Ver Gên. 31:23; Exo. 3:18; Núm. 11:31; Deu. 1:2; I Reis 19:4; Luc. 2:44 e Atos 1:12. A distância percorrida variava segundo a natureza do terreno e o modo de transporte. Em áreas específicas, por onde passavam as caravanas, essa distância podia ser predita com razoável exatidão: a distância que uma pessoa provavelmente percorreria em um dia. Um homem montado em um camelo, em uma região não muito acidentada, poderia viajar até quarenta e oito quilômetros em um dia. Uma caravana, com seus muitos empecilhos, viajava menos, provavelmente não mais do que trinta quilômetros. Um camelo percorre cerca de quatro quilômetros por hora, e continuar caminhando por oito horas em seguida, seria, mais ou menos, o seu limite. Um numeroso grupo de nômades, como o de Israel no deserto, percorria uma distância bem menor que aquela percorrida por uma caravana. Em outras palavras, as viagens, nos dias antigos, importavam em imensos sacrifícios. Os romanos melhoraram consideravelmente essas condições, com suas estradas aprimoradas e suas carruagens puxadas a cavalos. Porém, nada se compara com o motor de combustão interna dos modernos veículos motorizados. Mesmo mantendo-se dentro dos limites de velocidade permissíveis, um automóvel pode cobrir, em oito horas de viagem, seiscentos quilômetros ou mais. Heródoto estabeleceu em quarenta quilômetros a distância média percorrida por uma pessoa em viagem, a cada dia (*Hist.* 5:23). Lemos em Gênesis 31:23 que Labão perseguiu Jacó de Harã até Gileade, uma distância de quinhentos e sessenta quilômetros, o que cobriu em sete dias, ou seja, uma média de oitenta quilômetros diários. É possível que ele tenha estabelecido um antigo recorde de distância percorrida dentro daquele prazo.

### DIA DO JULGAMENTO Ver sobre Julgamento.

### DIA DO SENHOR

Atos 2:17: *E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, os vossos anciãos terão sonhos;*

Joel não registrou precisamente essas palavras, mas definiu que tais dias seriam no «...*dia do Senhor*...» (Ver também Isa. 2:2 e Miq. 4:1). Na terminologia cristã, essa expressão, os «últimos dias», veio a significar comumente os dias imediatamente anteriores à «parousia» ou segundo advento de Cristo, quando ele voltar a este mundo em glória. Porém, na terminologia judaica, conforme foi usada a expressão em relação ao livro de Joel, e segundo é próprio ao contexto do livro de Atos, tal termo significa os dias do Messias, os quais, para os judeus, eram tanto os «últimos dias» como o «dia do Senhor».

Em diversos trechos bíblicos encontramos a expressão *últimos dias* como indicação dos primórdios da era cristã. (Ver Heb. 1:2). Porém, essa expressão pode, por semelhante modo, incluir todos os dias do Messias, isto é, a duração desta nova dispensação, sem qualquer circunscrição aos seus começos. Essa referência na epístola aos Hebreus pode ter essa significação. O trecho de II Ped. 3:3,4 parece aplicar-se à expansão geral da era cristã. Entretanto, outras referências bíblicas, dentro do contexto

## DIA DO SENHOR — DIABO

cristão, mostram-nos que a expressão «últimos dias» também pode dar a entender o tempo de declínio da igreja, a apostasia, bem como os eventos que, de maneira geral, antecederão à segunda vinda de Cristo. (Ver II Tim. 3:1; 4:4). O trecho de I Tim. 4:1-3 também parece caber dentro dessa categoria. A passagem de I João 2:18 evidentemente tem esse duplo sentido, referindo-se tanto à era cristã como às condições que prevalecerão no fim desta nossa era. Porém, apesar do uso judaico usualmente aplicar essa expressão à era messiânica, dentro do contexto judaico também se aplicava a mesma ao reino milenar e ao julgamento final que se seguiria. (Ver os trechos de Isa. 2:2-4 e Miq. 4:1-7).

A expressão *dia do Senhor* é muito lata e pode indicar todo o período de tempo em que Deus faria intervenção particular na história humana, incluindo até mesmo o julgamento final. Os intérpretes judeus, (ver Atos 2:16), associavam definitivamente essa profecia aos dias do Messias, em que a sociedade judaica passaria por grande modificação, em face do aparecimento do Messias e de seu ministério. Assim é que, para tais intérpretes, a promessa do Espírito, a sua vinda para habitar entre os homens, e a amplificação do dom profético, a ponto de todos os crentes virem a participar do mesmo, haveria de ser conferida através da agência do Messias. Pois essa razão foi que, no dia de Pentecoste, quando desceu o Espírito Santo e houve a manifestação das línguas, que serviu naquela ocasião como prova concludente do recebimento do dom do Espírito, por parte dos crentes, Simão Pedro reconheceu imediatamente que a profecia de Joel estava sendo cumprida, pelo menos parcialmente. Mais do que isso, porém, uma nova era ou dispensação havia raiado; o tempo em que o Messias haveria de tratar de modo específico com os homens. Essa seria a era caracterizada pelo mistério e pela graça do Messias, o período da igreja, o período da graça.

Ao *dia do Senhor*. Essa expressão equivale a «no dia de Cristo», porque *Senhor*, nessa expressão, significa *Cristo*. (Ver Rom. 1:4). Paulo se refere à segunda vinda de Cristo, à ressurreição, ao julgamento que se seguirá, conforme aprendemos em I Cor. 3:13. (Ver também I Cor. 1:8 onde Paulo mostra o seu interesse pelo bem-estar daqueles crentes, no «dia do nosso Senhor Jesus Cristo»). Paulo, pois, via esse julgamento como algo escatológico, e não como algo que vai ocorrendo à proporção que cada crente morre. Há uma orientação da alma na ocasião da morte biológica da pessoa, que inclui elementos de julgamento preliminar, mas também, oportunidade renovada. Mas, o *julgamento* acompanha a 2ª vinda de Cristo. Ver notas sobre este conceito em I Ped. 4:6 no NTI.

Ver detalhes sobre o conceito do *Dia do Senhor* no Antigo Testamento no artigo sobre *Escatologia III*, Temas Principais da Escatologia do Antigo Testamento, 3, *O Dia do Senhor*.

### DIA DO SENHOR, DOMINGO

Ver o artigo sobre *Domingo, Dia do Senhor*.

### DIA DOS INOCENTES

Uma festa celebrada em memória das crianças inocentes que Herodes mandou matar, em sua tentativa para desfazer-se do menino Jesus. Alguns consideram que teriam morrido em lugar de Jesus Cristo, e, em certo sentido, preservaram a sua vida, pois Herodes descarregou contra aquelas crianças a

sua ira, em vez de fazê-lo contra o menino Jesus. Na Igreja Latina essa festa é celebrada a 28 de dezembro. Na Igreja oriental, a 29 de dezembro. A celebração de tal festa começou no séc. V D.C. Ver Mat. 2:16 ss e o artigo sobre *Inocentes, Massacre dos*.

### DIA LONGO DE JOSUÉ

Essa é uma das mais importantes referências astronômicas constantes nas Escrituras. Ver a completa descrição e as teorias sobre esse dia, no artigo sobre *Astronomia*, ponto 5b.

### DIAS SANTOS E FESTIVAIS

Ver sobre *Calendário Eclesiástico*.

### DIABO

Ver o artigo geral sobre *Satanás*, bem como artigos suplementares como *Adversário*, *Baal-Zebube* e *Belzebu*. O termo grego *diábolos*, traduzido em português por «diabo», encontra-se no Novo Testamento por trinta e seis vezes: Mat. 4:1,5,8,11; 13:39; 25:41; Luc. 4:2,3,6,13; 8:12; João 6:70; 8:44; 13:2; Atos 10:38; 13:10; Efé. 3:27; 6:11; I Tim. 3:6,7,11; II Tim. 2:26; 3:3; Tito 2:3; Heb. 2:13; Tia. 4:7; I Ped. 5:8; I João 3:8,10; Jud. 9; Apo. 2:10; 12:9,12; 20:2,10. Essas ocorrências contam com certa variedade de traduções, como «diabo», «acusador», etc. A palavra tem os seguintes usos na Bíblia:

1. Alguém que calunia a outrem com o propósito de prejudicar, como o indivíduo que espalha maledicências (I Tim. 3:1; II Tim. 3:3; Tito 2:3).

2. Algumas traduções traduzem a palavra *sátiro* (que vide) de Levítico 18:7, como «diabo». Provavelmente está ali em foco alguma forma de demonismo. Ver também Isaías 13:21 e 34:14. Acreditava-se que os espíritos demoníacos habitam nos lugares desérticos, manifestando-se como criaturas do tipo bode (no hebraico, *sa'ir*, «peludo»). A fim de contrabalançar a má influência desses espíritos, os antigos ofereciam holocaustos. Israel trouxe essa superstição do Egito, onde o bode era adorado como um ser divino.

3. Pensava-se que os ídolos contavam com poderes *demoníacos* por detrás dos mesmos. Em algumas traduções, essas forças demoníacas são chamadas «diabos» (isso, porém, nunca ocorre em nossa versão portuguesa). Ver Deu. 32:17; Salmos 10:6-37. A palavra traduzida por «diabo», nesses trechos, é o termo hebraico *shed*, «demônio». O vocábulo grego *daimonion*, que ocorre por sessenta vezes no Novo Testamento grego, é traduzido por «diabo», em algumas traduções. Ver o artigo separado sobre os *Demônios*.

4. O príncipe dos espíritos caídos, *Satanás*, também é chamado «diabo» (Mat. 4:8-11; Apo. 12:9). Ele é chamado de acusador dos nossos irmãos (Apo. 20:10). As Escrituras o descrevem como caluniador dos homens diante de Deus. Esse assaçã *acusações hostis* contra os crentes. Ele foi o acusador de Jó (Jó 1:6-11), e é pintado como se vagueasse pela face da terra, espionando a fraqueza daqueles que procuram a vitória na inquirição espiritual. O diabo é como um leão que destrói sem misericórdia. Em seu ser não há bem algum, embora ele goste de apresentar-se como um ser bondoso. Provavelmente, está auto-enganado. De certo ângulo, a própria história humana é a luta entre as forças do bem e do mal, em que a lealdade do homem é constantemente solicitada. É preciso muito tempo para que os homens se convençam de que o

## DIACONISA

bem é melhor do que o mal. Segundo certo aspecto, a redenção é a libertação do homem dos poderes do Acusador e do pecado que ele inspira. No fim, os remidos estarão libertos do domínio satânico. O trecho de I Coríntios 5:5 parece indicar que a Satanás são dados certos poderes sobre os crentes carnisais, a fim de castigá-los, o que pode envolver até mesmo a morte física, o que é um solene conceito. Há a considerar a advocacia de Cristo, o qual nos livra desse e de todos os demais aspectos do mal (I João 2:1). Quando começar a Grande Tribulação, o acesso que Satanás tem a Deus, como nosso acusador chegará ao fim (Apo. 12:7-11). Ele continuará provocando muita perturbação, mesmo após o milênio, quando fará a tentativa de derrubar o reino da luz (Apo. 20:3,7,8). Mas então terá de enfrentar o fruto de suas escolhas e atos.

### DIACONISA

Ver o artigo sobre **Diácono**. No grego, a mesma palavra é usada para indicar os homens ou as mulheres que ocupam esse ministério da ação (contrastando com os ministérios da palavra: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres; ver Efé. 4:11). É possível que o termo indique apenas uma auxiliar do sexo feminino, sem qualquer intuito de indicar um ofício ou ministério. Mas outros estudiosos pensam que está em foco uma verdadeira posição ministerial feminina. A história primitiva dessa posição, e como as diaconisas se relacionavam a outros grupos femininos, como as virgens e as viúvas, que formavam grupos distintos, é obscura. As referências bíblicas são: Rom. 16:1; I Tim. 3:11; 5:9 ss. Ver Também a *Epístola de Plínio* 10:97.

1. *Antigas Funções.* Várias mulheres cristãs primitivas atuavam entre os enfermos e os pobres. É possível que elas batizassem mulheres, o que, pelo menos em alguns lugares, era considerado um ato impróprio para os homens. Devemo-nos lembrar que havia uma rígida separação dos sexos, nos dias bíblicos, que as mulheres tinham muito menor liberdade e pouco contacto com a sociedade em geral. Paulo menciona Febe como uma diaconisa, e talvez também Trifena, Trifosa e Persis, às quais ele louva, por seus labores em prol do evangelho. Elas eram mestras de mulheres e crianças.

2. *Qualificações.* As diaconisas precisavam exibir as mesmas qualificações que os anciãos e os diáconos, a saber, piedade, discrição e boa reputação. Podemos estar certos de que os requisitos de uma mulher piedosa aparecem em I Tim. 3:11 ss, (onde a palavra «diaconisa» não é usada), caso ela almejasse tornar-se uma diaconisa. Elas precisavam ser sérias (não dadas a qualquer tipo de frivolidade), não podiam ser caluniadoras, tinham que ser temperadas (praticando a moderação em todos os seus hábitos, livres de vícios), e fiéis. É provável que as primeiras diaconisas tenham sido esposas dos ministros das igrejas. Sé, posteriormente, tornou-se usual que as diaconisas tinham de manter-se solteiras, isso não ocorreu no começo. Alguns intérpretes, entretanto, supõem que as esposas dos ministros, em I Timóteo 3:11 ss, não eram diaconisas oficiais. Porém, é possível que esse ofício tivesse raízes no trabalho daquelas mulheres casadas. Mas também é possível que algumas das virgens e viúvas, referidas em I Timóteo 5:3-16 e I Coríntios 7:8, também fossem diaconisas. Esse ponto, porém, permanece obscuro.

3. *Ordenação?* Esse ponto tem sido bastante disputado. As diaconisas eram recebidas no ofício conforme sucedia aos anciãos e diáconos, isto é,

mediante a imposição de mãos, unção, etc.? Parece haver provas de que elas passavam por uma espécie de ordenação; mas esse é um outro ponto obscuro. A história posterior desse ofício já é bem mais clara, e sobre isso já podemos falar em termos mais definidos.

4. *Desenvolvimento do Ofício.* Pelos fins do século III D.C., já havia uma ordem bem definida das diaconisas, um ofício formal. Epifânio (315-403 D.C.), fala em termos seguros: «Embora exista uma ordem de diaconisas na Igreja, elas não atuam em serviços sacerdotais, nem fazem qualquer coisa dessa categoria. Antes, devido à modéstia do sexo feminino, elas ajudam por ocasião do batismo, ou na inspeção de casos de enfermidade, ou de sofrimentos, e quando o corpo de alguma mulher tem que ser exposto, para que não seja visto pelos homens oficiantes. Este só é visto pelas diaconisas, que é dirigida pelo sacerdote para examinar a mulher, quando seu corpo é despido». (*Adv. Haer.* 3.2,79).

Também sabemos que esse ofício das diaconisas tornou-se mais formalizado, — ao ponto delas não terem permissão de casar-se. Na Igreja oriental, o ofício prosseguiu existindo até o século XII. Era ocupado pelas viúvas dos ministros, ou pelas esposas dos bispos; mas, neste último caso, tinham de abandonar sua condição de casadas. No Oriente, a partir do século VIII D.C., o ofício das diaconisas começou a desaparecer. No Ocidente, onde o ofício sempre foi menos proeminente, não há qualquer menção a diaconisas depois do século XI D.C. Sabemos que Crisóstomo (que vide; falecido em 407 D.C.), contava com a ajuda de quarenta diaconisas e de oitenta diáconos. Após o seu tempo, o ofício das diaconisas entrou em eclipse e finalmente, foi substituído pelo ofício das freiras enclausuradas, que se ocupavam do trabalho antes feito pelas diaconisas, além de fazerem muitas outras coisas. O ofício dos diáconos, por sua vez, tornou-se uma ordem ministerial, dentro da hierarquia da Igreja ocidental. Entretanto, certas funções foram retidas, não realizadas por freiras, que se aproximavam mais das funções das diaconisas, em algumas áreas. Vicente de Paula (que vide) (1576-1660), formou uma associação de mulheres, não-enclausuradas, que ministrava aos pobres e aos enfermos. Essas mulheres tornaram-se conhecidas pelo nome de *Irmãs de Caridade* (que vide).

No **Protestantismo Moderno**. Houve um reavivamento desse ofício, que podemos fazer retroceder até 1836. O pastor Theodor Fliedner (que vide), em Kaiserwerth, na Alemanha, estabeleceu um instituto para treinar mulheres que se ocupassem em obras de misericórdia. Essa instituição cresceu e por volta de 1940, havia cerca de cinquenta mil diaconisas luteranas na Alemanha, na Holanda, na Escandinávia, na Suíça e nos Estados Unidos da América. Pelo menos três outras organizações similares foram instituídas, e a idéia tornou-se popular entre os anglicanos, os metodistas e os presbiterianos. Escolas, orfanatos, hospitais e instituições de atendimento social de todas as variedades têm servido de cena da atividade dessas mulheres. Entre os anglicanos, as diaconisas são ordenadas por toda a vida, mediante a imposição de mãos.

O trabalho das mulheres, desde o início da Igreja, sempre foi de máxima importância. Existe algo mais sensível nas mulheres, como classe, no campo da espiritualidade. O ofício da *diaconisa* oficializa e organiza o serviço da mulher em favor da Igreja e da comunidade. (AM C E)

## DIÁCONO

## Esboço

- I. Diáconos Originais
- II. Qualificações em Atos
- III. Qualificações em I Timóteo
- IV. O Ofício dos Diáconos

Atos 6:3: *Escolhei, pois, irmãos, dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarreguemos deste serviço.*

Deve-se observar, com base nessas palavras dos apóstolos, que à congregação é que cabia o privilégio de fazer a seleção, embora os escolhidos devessem ser aprovados e consagrados pelos apóstolos. Trata-se de uma ação democrática bem definida e clara. (Sobre essa questão e sua importância para o governo da igreja cristã, ver as notas expositivas em Atos 6:2 no NTI.).

O códex B diz «escolhamos», neste ponto, o que indicaria que os apóstolos também participariam da escolha; e talvez assim o tivessem feito. Entretanto, o texto original diz «...escolhei...», conforme aparece em quase todos os manuscritos.

## I. Diáconos Originais

Por que **sete** diáconos? Por que foi escolhido tal número de diáconos? As seguintes sugestões têm sido apresentadas como explicação desse fato:

1. Por ser esse o *número dos dons* do Espírito Santo (ver Isa. 11:2 e Apo. 1:4).

2. Porque sete talvez fosse a representação eqüitativa dos diversos grupos de que se compunha a comunidade cristã, isto é, três representantes do grupo hebraico, três representantes do grupo helenista e um representante dos prosélitos. Contudo, essa explicação não justifica o número «sete», porque a representação poderia ser feita de outro modo, em que se chegasse a um total bem diferente.

3. Alguns têm suposto que tal número foi regulado pela circunstância de que a cidade de Jerusalém, naquela época, estava dividida em sete distritos. Porém, acerca disso não há qualquer evidência comprobatória.

4. Talvez esse número tenha sido escolhido por ser considerado um número sagrado segundo o pensamento dos hebreus.

5. Alguns pensam que se tratou de uma cópia da corporação distinta ou «collegium», também conhecida como «*Septemviri Epulones*» ou «Sete Despenseiros» (ver Lucan. 1602), cuja responsabilidade era de cuidar dos arranjos dos banquetes efetuados em honra aos deuses, festas essas mais ou menos análogas ao «*agape*» cristão ou festas de «amor», isto é, a «Ceia do Senhor» do cristianismo primitivo, que era muito mais elaborada do que modernamente. A origem desse ofício pagão foi similar ao que se verificou no caso dos diáconos cristãos, pois os líderes pagãos não tinham tempo para dirigir tais funções. (Essa é a interpretação dada por E.H. Plumpton, em Atos 6:3, embora não tenha sido acolhida com muito entusiasmo pelos expositores, porquanto é bastante difícil que os apóstolos se tenham deixado guiar por um exemplo pagão para a escolha dos diáconos).

Os *diáconos*, que aparecem no sexto capítulo do livro de Atos, apesar de serem um grupo distinto de indivíduos, com distintas responsabilidades, não equivalentes aos «anciãos», em suas tarefas, e nem equivalentes às responsabilidades mais tarde distribuídas entre os «anciãos» e os «diáconos», servem de exemplos antecipatórios da organização eclesiástica, excetuando tão-somente o ofício apostólico, que

jamais esteve sujeito a alterações, em face mesmo das condições exigidas para tal ofício, que era as de terem visto ao Senhor Jesus ressurrecto e de terem sido pessoalmente nomeados por ele. Uma prova disso é que as qualificações para qualquer oficial eclesiástico subordinado eram praticamente idênticas, como também muitas de suas funções eram parecidas, pois quase tudo quanto uns podiam fazer, os outros também podiam.

«Posto que Paulo considerava a igreja cristã como o verdadeiro 'Israel de Deus', é perfeitamente natural que ele tenha planejado a organização embrionária das igrejas cristãs segundo as normas da congregação judaica, caso em que os anciãos da igreja cristã podem ser comparados, em termos latos, com os 'líderes' das sinagogas judaicas. A palavra *ancião* é comumente utilizada para descrever a terceira seção... dos conciliadores, os quais, juntamente com os sumos sacerdotes e com os escribas, compunham o sínédrio, e, de conformidade com o parecer de algumas autoridades sobre o assunto, eram os membros não-legais desse concílio. Finalmente, a mesma palavra parece ter sido usada, na Ásia Menor, como título dos chefes de diversas corporações, ao passo que, no Egito, era usada para indicar tanto oficiais religiosos como civis. (Ver Deissmann, *Bible Studies*, págs. 154-157; 233-235). (G.H.C. Macgregor, *in loc.*)»

## II. Qualificações em Atos

1. *Boa reputação.* Isso tanto no aspecto positivo como no negativo. Não deveriam ter-se envolvido em qualquer escândalo que lançasse qualquer reflexo adverso sobre sua moralidade ou honestidade. Deveriam ser conhecidos como homens de interesses humanitários, que promovessem o seu ofício e apresentassem soluções eqüitativas aos muitíssimos problemas.

A palavra «...*reputação*...» dá-nos a entender que teriam de ser indivíduos testados, ou, segundo o que o seu sentido original entende, que lhes «tivesse sido dado testemunho». Outras pessoas precisam conhecê-los em seus negócios e em seu caráter passado, testificando favoravelmente acerca deles.

2. *Cheios do Espírito Santo.* Alguns manuscritos unciais, A e E, além de algumas versões e muitos manuscritos minúsculos posteriores, dizem apenas «santo»; porém, os melhores manuscritos, como P(8), Aleph, BD e muitas versões, dizem tão somente «Espírito», que é o texto correto neste caso. A palavra «santo» representa pequena expansão feita por escribas posteriores, a exemplo de muitíssimas passagens onde «Espírito Santo» é o título dado ao Espírito de Deus. Ver o artigo sobre *Manuscritos*. Aqueles «diáconos», pois, deveriam ter sido participantes da experiência pentecostal não menos que os apóstolos. Devem ter experimentado pessoalmente a promessa feita pelo Senhor Jesus de que aos seus seguidores seria dado o divino «paracleto» ou Consolador.

É bem provável que os dons espirituais também estivessem em foco. — Os diáconos precisavam ser homens dotados de habilidade, sendo homens destacados na comunidade cristã, como homens de Deus, ativos e poderosos no ministério. Deve-se notar que um dos indivíduos assim selecionado foi Estêvão, homem *cheio de graça e poder* (Atos 6:8), — que «fazia prodígios e grandes sinais entre o povo». Visto que tais dons espirituais eram tão comuns na igreja primitiva, não somente entre os apóstolos, mas também no caso de outros líderes da segunda linha, é bem provável que a igreja primitiva tenha encarado

## DIÁCONO

esses sinais visíveis dos dons espirituais como característica necessária para alguém ser nomeado a qualquer ofício mais elevado, como deve ter sido inicialmente considerado o diaconato. Além disso, o Espírito Santo, que neles estava, sem dúvida instilava-lhes graças cristãs especiais de fé, de amor, de bondade, de paciência, de longanimidade, de mansidão, as quais seriam úteis para o correto exercício de suas funções, porquanto essas qualidades não são menos operações do Espírito Santo, no íntimo do crente, do que os sinais dos dons miraculosos.

3. *Cheios de sabedoria.* Obviamente, essa qualidade era resultado direto do poder habitador do Espírito Santo. Trata-se de uma qualidade ao mesmo tempo negativa e positiva, terrena e celestial. Era mister que soubessem como rejeitar as murmurações e como cuidar delas, sabendo também cuidar dos que eram dados à fraude, à calúnia e à traição por palavras; pois, em seu trabalho de administração do dinheiro, naturalmente se encontravam com muitas pessoas dessa natureza, especialmente visto que tinham de tratar com pessoas mais idosas, nas quais, com frequência, talvez por motivos físicos, se encontra o espírito de partidarismo radical, além de idéias fechadas e preconcebidas. A sabedoria dos diaconos precisava ser terrena e prática, dando eles exemplos de discrição e poupança, além da aptidão pelas coisas e soluções práticas. Contudo, essa sabedoria também teria de ter um aspecto espiritual, fazendo com que olhassem para seus semelhantes com espírito de amor, de ternura e de bondade, sempre considerando seu destino espiritual e eterno, visando o avanço e o desenvolvimento espiritual de suas almas.

Falando de maneira geral, teriam de ser homens que cuidassem tanto das necessidades físicas como das necessidades espirituais de muitíssimas pessoas, motivo pelo qual teriam de ser indivíduos altamente qualificados.

É perfeitamente possível que o *ofício diaconal*, especialmente criado neste ponto da narrativa histórica, não seja idêntico ao ofício mencionado no trecho de I Tim. 3:1-13, onde aparecem, dadas pelo apóstolo Paulo, as qualificações necessárias dos pastores e diaconos, porquanto diversas modificações podem ter sido efetuadas no decorrer dos anos. Não obstante, o ofício diaconal no livro de Atos, foi o *precursor* dos ofícios inferiores ao apostolado, na igreja cristã; e, originalmente, sem dúvida muito se assemelhava aos ofícios pastoral e diaconal dos anos posteriores.

### III. Qualificações em I Timóteo

I Timóteo 3:8: *Da mesma forma os diaconos sejam sérios, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiciosos de torpe ganância.*

O termo «...Semelhante...» é tradução do grego «osautos», que significa exatamente isso. Desde o começo, pois, o autor sagrado diz-nos que não dirá algo muito diferente acerca das qualificações dos diaconos. Espera-se que tenham eles as mesmas virtudes dos pastores, pois apesar de que o ofício diaconal talvez seja menos importante, com um pouco menos de prestígio, é mister que os diaconos sejam homens espirituais, para que seu ofício seja um sucesso, o que é importante para o bem-estar da igreja local. Ver Atos 9:15; 9:19 e Apo. 2:17.

Clemente de Roma na sua epístola aos *Coríntios*, xlii, xlii, assevera que a nomeação dos diaconos era originalmente apostólica. O ofício e a função dos diaconos teve começo no tempo dos apóstolos, conforme a descrição do sexto capítulo do livro de Atos; mas a passagem do tempo, tal como sucede a

tudo o mais, ampliou o escopo e a natureza desse ofício, até que o mesmo se tornou uma posição eclesiástica, tal como ocorreu no caso do ofício dos «supervisores», ou pastores, que se desenvolveu para além de sua função simples original. A própria palavra *diácono* é usada de várias maneiras, nas páginas do N.T., subentendendo «serviço» de qualquer espécie, espiritual ou material. Paulo a aplica a si mesmo, em I Cor. 3:5; a Jesus Cristo, em Gál. 2:17 e Rom. 15:8; aos governantes civis, em Rom. 13:4; e aos «ministros de Satanás», em II Cor. 11:15.

Spence (*in loc.*) acompanha as diversas menções aos «diaconos», quanto à localização geográfica e quanto à passagem do tempo:

Jerusalém:	55 D.C. — I Cor. 12:28
Roma:	58-59 D.C. — Rom. 12:7
Filippos:	64 D.C. — Fil. 1:1
Efeso:	66 D.C. — I Tim. 3:8,13
Ásia Menor:	63-69 D.C. — I Ped. 4:11
	138-140 D.C. — Justino Mártir, <i>Apologia</i> , i.65,67

É possível que os *socoros*, que figuram em I Cor. 12:28, incluam os diaconos. Pode haver também alusão aos mesmos tanto em Rom. 12:7 como em I Ped. 4:11. Entretanto, algumas dessas referências talvez não digam respeito a eles.

1. *Respeitáveis.* No grego é «semnos», que significa «digno de respeito», «nobre», «digno», «sério». Tal vocábulo é usado acerca dos homens idosos, em Tito 2:2. Indica igualmente a «reverência» que alguém deve ter pelos seres sobrenaturais, em *Sb.* 4094. É termo usado em Fil. 4:8; Tito 2:2 e novamente em I Tim. 3:11. «A palavra que ora consideramos combina o senso de seriedade e dignidade com a idéia de reverência». (Trench, *in loc.*). Sim, os diaconos devem ser homens de *aspecto digno*, mostrando-se intensos nessa qualidade.

2. *De uma só palavra.* Estas palavras representam o grego *diólogos*, que pode significar «de língua dupla», isto é, *insincero*, no sentido de alguém dizer uma coisa mas querer dar a entender outra, ou de dizer algo para alguém e dizer algo diferente para outrem, sobre a mesma questão. Os líderes da igreja com frequência agem como mediadores entre partes em conflito. E por muitas vezes são tentados a falar de diferentes modos e tons para pessoas diversas, ocultando informes para alguns e revelando-os para outros. Um diacono deve manter total honestidade e franqueza ao tratar com todos, sem qualquer favoritismo.

3. *Não inclinados a muito vinho.* As pressões do serviço, os hábitos e costumes antigos, as tendências biológicas pessoais, podem fazer um líder da igreja inclinar-se para o excesso de ingestão de bebidas alcoólicas, o que pode suceder a qualquer outra pessoa. Se alguém não pode controlar essa tendência, não pode estar qualificado para liderança na igreja, pois não tardará a fazer seu ofício naufragar, trazendo desgraça à igreja. Outro tanto pode ser dito acerca de qualquer droga ou estimulante artificial que destrua o bom senso do indivíduo, e que o coloque na categoria daqueles que têm um caráter débil. A abstinência total não é imposta no caso dos diaconos. Porém, devido a associação do álcool a outros vícios é bom que um líder cristão seja total abstinente. O termo grego usado é *prosecho*, que significa «voltar a mente para», «dar atenção a», «dedicar-se a». Um líder cristão não pode demonstrar tendência para com o vício do alcoolismo, ver I Tim. 3:3 e Efé. 5:18. Ver o artigo sobre *Alcoolismo*.



4. *Não cobiçosos de sórdida ganância.* Esse defeito é igualmente repreendido, embora com palavras diferentes, no caso dos supervisores (ver o terceiro versículo deste capítulo). O termo grego aqui usado é «*aischrokerdes*», a adição textual àquele versículo, usado novamente em Tito 1:7. Pode significar «ganho desonesto» ou, simplesmente, *cobiça pelo ganho*. Um líder da igreja não pode fazer de seu ofício um meio de enriquecer-se, conforme muitos têm feito através da história. O seu propósito deve ser antes a dedicação a seu trabalho; e ele deveria investir o máximo de volta no seu trabalho, para enriquecer a este, e não a si mesmo. Isso será sinal de um servo de Cristo verdadeiramente dedicado, que não é um mercenário. Ver o artigo sobre *Cobiça*.

Aristófanes, em sua obra *Paz*, 622, alista dois vícios em que mais se destacavam os espartanos, isto é, a «sórdida cobiça pelo lucro» (a mesma palavra aqui utilizada) e a traição, mascarada de hospitalidade. Ora, essa «sórdida cobiça pelo lucro» é algo que jamais deve caracterizar aquele que serve a Cristo na igreja; embora isso não seja fenômeno desconhecido entre os líderes cristãos. Tal pecado é especialmente tentador para um diácono, que tem a responsabilidade de manusear o dinheiro na igreja. Pode ser tentado a furtar parte do mesmo, ou então devido a seu contacto constante com o mesmo, pode ser encorajado a pensar sobre modos e meios de enriquecer-se através da administração de seu ofício.

I Timóteo 3:9: *guardando o mistério da fé numa consciência pura.*

5. *Fidelidade.* No grego a idéia de «guardar» vem do verbo *echo*, que significa «ter», «possuir», indicando o caráter da pessoa. O diácono é o guardião do *mistério*.

*Mistério*, ver Rom. 11:25, ver também o artigo sobre *Mistério*. Normalmente, no contexto neotestamentário, essa palavra indica alguma verdade divina, antes oculta, mas agora revelada, de forma a tornar-se uma «verdade franqueada». Os gnósticos davam grande importância aos seus próprios supostos «mistérios», ao seu «conhecimento secreto», que eles revelavam exclusivamente a alguns poucos iniciados; e a escolha dessa palavra, neste caso, provavelmente é reprimenda indireta contra a doutrina gnóstica, a heresia tão freqüentemente combatida nas *epístolas pastorais*. Ver o artigo sobre *Gnosticismo*. — O único outro lugar, nestas epístolas, onde esse vocábulo é empregado, é no décimo sexto versículo deste mesmo capítulo, onde é apresentado um dos principais mistérios do N.T.

*Da fé.* Neste caso devemos pensar na fé «objetiva», isto é, a revelação ou doutrina cristã. (Ver I Tim. 1:2 quanto a esse sentido «objetivo» da palavra «fé»). Mas tal termo também pode ser empregado em sentido *subjetivo*, indicando a confiança pessoal e a outorga da própria alma aos cuidados de Cristo. Ver o artigo sobre *Fé*. Além disso, essa palavra pode indicar uma «virtude», paralelamente a muitas outras virtudes cristãs, que são aspectos diversos do «fruto do Espírito» (ver Gál. 5:22,23). Porém, quando a «fé» é uma virtude, então deve ser reputada como mera extensão da fé *subjetiva*, ou seja, a fé subjetiva em operação.

O *mistério da fé* significa que a doutrina cristã contém muitas revelações admiráveis, «segredos abertos» para benefício da humanidade. Há o Cristo, o Salvador, e suas boas-novas de redenção; há as boas-novas da glorificação e da vida eterna. E todos esses elementos são «segredos franqueados», são verdades divinas que antes estavam ocultas, mas que agora nos foram desvendadas. Conforme diz Vincent

(*in loc.*): «O mistério da fé é o tema da fé; é a verdade que serve como sua base, que fora mantida oculta desde a fundação do mundo, até ter sido revelada no tempo determinado, que é um segredo para os olhos comuns, mas que a revelação divina torna conhecida».

Pode-se notar, em Rom. 16:25, que há uma *revelação do mistério*, que fora mantido em segredo desde que o mundo começou. Ora, tudo isso está envolvido no «evangelho» e na «pregação de Jesus Cristo», conforme aquele mesmo versículo o declara. O líder cristão deve conhecer essas verdades, deve honrá-las e deve propagá-las. Ele é o guardião das mesmas, bem como seu representante. Outrossim, deve confiar pessoalmente nesses mistérios, tornando-os conhecidos de outros mediante sua pregação e ensino. Também deve «defendê-las» contra os falsos mestres, o que é uma das ênfases constantes das *epístolas pastorais*. (Ver I Tim. 1:18,19). O décimo nono versículo dessa passagem usa a expressão «...mantendo fé...», que é expressão sinônima àquela usada no presente versículo.

Com a *consciência limpa*. (Comparar novamente com I Tim. 1:19). O autêntico ministro de Cristo deve ser dotado de «boa consciência». O trecho de II Tim. 1:3 contém a expressão «consciência pura», embora no grego apareça exatamente a mesma expressão, «*kathara suneidesei*». O adjetivo grego é *katharos*, que quer dizer «puro», «limpo», e que tem inúmeras aplicações. Pode significar fisicamente limpo, cerimonialmente puro, mas, tal como aqui, pode exibir o sentido de «pureza moral». Um líder cristão deve ser isento de vícios degradantes, como os pecados sexuais, de adonestidade e a cobiça. Tudo isso, naturalmente, fala sobre a sua «santificação». (Ver I Tes. 4:3). É necessário, pois, que o líder cristão não apenas creia nos mistérios do evangelho mas os aceite. É preciso que esses mistérios operem nele, transformando-o conforme a imagem moral de Cristo, que deve ser o modelo de todo o homem de Deus, pois, do contrário, dificilmente estará apto para ser um dos líderes da igreja. Além disso, é mister que seja um exemplo de santidade para os outros crentes, porque, do contrário, ter-se-á desqualificado automaticamente. Deve possuir ele a realidade daquilo que prega, em sua própria vida; de outra maneira, sua pregação será inútil e sem vida.

«É como se a consciência pura fosse o vaso onde é preservado o mistério da fé». (Weiss, *in loc.*). Notemos que, em II Tes. 2:13, a «santificação» é um dos elos imprescindíveis da salvação. Ninguém tem realmente a Jesus, como seu Salvador, se igualmente não o tiver como seu Senhor, se o senhorio de Cristo não estiver operando nele. E assim, todo o líder cristão deve ter mais que mera atitude intelectual para com o mistério; é necessário que esse mistério se tenha apossado de todo o seu ser e o esteja transformando, porquanto, em caso contrário, na realidade não estará «conservando o mistério da fé». Sem a santificação, ninguém jamais verá a Deus. (Ver Heb. 12:14). É preciso que um líder cristão, portanto, seja ortodoxo em suas doutrinas, mas também é necessário que seja ortodoxo em sua conduta diária. Caso essa conduta não seja ortodoxa, então será ele um «herege prático», ainda que suas opiniões doutrinárias sejam perfeitas. Ora, um herege prático não pode ser líder na igreja de Cristo, tal como não pode sê-lo um herege doutrinário.

*Superficiais meio-crentes de credos casuais,  
Mas que nunca sentiram no íntimo,  
nem desejaram,  
Cujos discernimento, nunca produziu fruto nas*

*ações,  
Cujas vagas resoluções nunca foram cumpridas;  
Para quem, cada ano que passa,  
É um novo começo, mas gera novos desapontamentos,  
Que hesitam e titubeiam por toda a vida,  
É que perdem amanhã o terreno conquistado ontem.*

(Matthew Arnold).

«É óbvio que não entendo a fé como mera credulidade cega e sem críticas... Não, a fé é antes a 'razão em atitude corajosa', conforme L.P. Jacks a definiu em algum lugar. Consiste em 'apostamos a própria vida que Deus existe', usando as palavras de Donald Hankey, o 'amado capitão'. Ou então, conforme Josiah Royce declarou de certa feita: A fé é o discernimento da alma, ao descobrir alguma realidade, e que capacita o homem a tolerar qualquer coisa que lhe aconteça no universo». (Albert W. Palmer, *Treasury of Christian Faith*, pág. 273).

**Consciência.** Temos aqui alusão às facilidades intelectuais e morais do «homem interior», da «alma» ou ser essencial, e que dita para nós o que é certo e o que é errado. (Ver o artigo sobre *Consciência*).

1 Timóteo 3:10: *E também estes sejam primeiro provados, depois exercitem o diaconato, se forem irreprensíveis.*

6. **Experimentados** (provados) é tradução do termo grego *dokimadzo*, que significa «provar por meio de teste», palavra usada para indicar o teste das moedas, quanto à qualidade de seu metal. E também indica experimento. Mui provavelmente temos aqui uma alusão ao que já fora dito acerca dos supervisores, no sentido de que não devem ser «novos convertidos». Nenhuma regra é baixada acerca de como esse teste deve ter lugar. Mas certamente isso indica que não podiam ser novos convertidos, e, sim, homens dotados de profunda experiência cristã, de notável desenvolvimento espiritual, levantados pelo Espírito Santo dentre os irmãos, distinguidos pelas boas obras e pela fé firme. No contexto do N.T., isso deve significar também aqueles que tinham dotes espirituais, e que já haviam demonstrado a capacidade de usar dos mesmos corretamente. Mui provavelmente não há aqui qualquer alusão a algum «período de prova», costume esse surgido em outra época, como meio de aprovar líderes eclesiásticos. Também deve ter uma boa reputação entre os *de fora* (conforme se vê no sétimo versículo). Segundo comenta Vincent (*in loc.*): «Não fica aqui implícito algum exame formal, e, sim, referência ao julgamento geral da comunidade cristã, para averiguar se cumprem as condições detalhadas no oitavo versículo deste capítulo. Comparar com os trechos de I Tim. 5:22 e II Tim. 2:2».

**Também sejam estes.** Estas palavras podem significar: 1. Em adição àquilo que Paulo já dissera, como as qualidades que devem caracterizar os diaconos; 2. ou então «tanto os diaconos», como os supervisores, devem ser homens «provados», uma alusão de volta ao sétimo versículo, acerca de não serem eles «recém-convertidos».

7. **Irreprensíveis.** No grego é «anegkletos», palavra muito bem traduzida aqui, usada por cinco vezes nas páginas do N.T., isto é, em I Cor. 1:8; Col. 1:22 e Tito 1:6,7. Um diacono deve ser alguém de tão boa reputação que, ninguém, pertencente aos «de fora» (ver o sétimo versículo), ou do seio da igreja, possa fazer acusação contra ele. Deve ser homem liberto de todos os vícios. Essa palavra é forma privativa de «*egkaleo*», que quer dizer «acusar», «convocar para acusação». O diacono deve ser livre de toda a

«acusação justa», contra qualquer defeito em sua vida que poderia servir de obstáculo ao seu serviço. Deve ser homem dotado de elevado grau de santificação.

#### IV. O Ofício dos Diáconos

1. Teve por origem a **controvérsia** que surgiu em torno do cuidado pelas viúvas da igreja de Jerusalém, tendo surgido para providenciar os problemas materiais mais essenciais da comunidade cristã; porém, o fato de que era exigido daqueles homens que fossem dotados de elevadas qualificações espirituais, mostra-nos que o trabalho material não era única responsabilidade e labor de que estavam investidos.

2. O ofício diaconal desenvolveu-se e expandiu-se e os indivíduos nomeados para o mesmo tornaram-se líderes da igreja cristã de muitos outros modos, além de cuidarem do recolhimento das esmolas, embora isso fizesse parte mais importante da vida piedosa, na igreja primitiva, do que estamos acostumados a ver nas modernas igrejas evangélicas. (Quanto a essa questão ver Atos 3:2). Por isso é que no N.T. aparecem as histórias relativas a *Estêvão* e *Filipe*, os quais não ficaram muito atrás dos próprios apóstolos no tocante ao poder espiritual e à eficácia de seu ministério de evangelismo.

3. Com base no trecho de I Tim. 3:8, além do *Didache*, e dos escritos de Clemente, vemos que o ofício diaconal era reputado quase paralelo ao ofício dos «bispos» ou anciãos. Parece mesmo que os diaconos eram os assistentes mais diretos dos anciãos ou pastores, especialmente por ocasião da celebração da Ceia do Senhor e da consagração de discípulos.

4. Porém, no livro de Atos, não devemos procurar encontrar tais distinções, porquanto, neste livro histórico, os diaconos se assemelhavam mais a «anciãos» espiritualmente poderosos, que ocupavam a primeira posição de autoridade e poder, depois dos apóstolos. As palavras «apóstolos e anciãos», que se referem aos doze apóstolos e aos sete diaconos, além de outros elementos investidos de grande autoridade, não fazem ainda a distinção a uma terceira classe, a dos «diaconos», que, mais tarde, vieram a ocupar ainda um terceiro lugar, após os *anciãos* e os *apóstolos*. Portanto, por esta altura dos acontecimentos, segundo a narrativa do livro de Atos, o ministério ainda não havia atingido o desenvolvimento que atingiu anos mais tarde, segundo se depreende especialmente pelas epístolas pastorais, escritas por Paulo.

5. No livro de Atos, os *sete* se conduziam muito mais como administradores e anciãos da igreja local; porém, também mostraram ser missionários de elevada categoria. Por essa razão é que Crisóstomo acreditava que os «sete» não eram «nem presbíteros e nem diaconos», mas antes, ocuparam um ofício sem igual, quase paralelo ao do apostolado. Essa observação de Crisóstomo é parcialmente válida, apesar de que não há ainda razão em supormos que, com base nessa ação tomada pela igreja primitiva, no começo de sua história, — consagrando aos «sete», as sementes dos ofícios de «ancião» e «diacono» tivessem sido semeadas, e que ambos esses ofícios tenham resultado dessa consagração especial dos «sete».

**No que diz respeito à origem do ofício de diaconos,** Adam Clarke (em Atos 6:6) apresenta-nos o seguinte comentário: «O ofício de diacono (no grego, *diakonos*) chegou ao meio cristão através da congregação judaica. Toda a sinagoga tinha ao menos três diaconos, os quais eram chamados *parnasim*, palavra essa derivada do vocábulo *parnes*, que significa alimentar, nutrir, sustentar, governar. O *parnas*, ou

## DIADEMA — DIALÉTICA

*diácono*, era uma espécie de juiz na sinagoga; e de cada um deles se requeria doutrina e sabedoria, a fim de que pudessem discernir e passar julgamento justo, tanto nas questões sagradas como nas questões civis. O *chzan* e o *chamash*, eram também ofícios parecidos com o do diaconato. O primeiro era o delegado do sacerdote, e o outro, pelo menos em alguns casos, era o deputado desse delegado, isto é, uma espécie de 'subdiácono'. No N.T. os apóstolos são intitulados igualmente como *diáconos* (ver II Cor. 6:4; 9:19; Efé. 3:7 e Col. 1:23). — O próprio Cristo, Pastor e Bispo das almas, é chamado diácono da circuncisão (ver Rom. 15:8). Visto que essa palavra implica ministrar ou servir, ela é variegadamente aplicada para todos aqueles que eram empregados na tarefa de ajudar os corpos ou as almas dos homens; sem importar se fossem apóstolos, pastores, ou até mesmo aqueles a quem chamamos de diáconos.

### DIADEMA

Três palavras hebraicas e duas palavras gregas devem ser examinadas quanto a este verbete, a saber:

1. *Mitsnepheth*, «mitra». Palavra hebraica usada por doze vezes, como em Eze. 21:26; Exo. 28:4,37,39; Lev. 8:9; 16:4.

2. *Tsaniph*, «diadema». Termo hebraico usado por cinco vezes: Is. 3:23; 62:3; Zac. 3:5; Jó. 29:14.

3. *Tsephirah*, «diadema», «tiara». Palavra hebraica empregada por uma só vez com esse sentido, em Isa. 28:5.

A segunda dessas palavras referia-se ao material enrolado na cabeça, como um turbante, usado pelos homens (Jó 29:14), ou então uma espécie de capuz usado pelas mulheres (Isa. 3:23). O sumo sacerdote usava uma espécie de turbante (Zac. 3:5). Os reis usavam uma tiara (Isa. 62:3). Os antigos monarcas persas usavam uma cobertura elevada para a cabeça. Os papas usam uma tiara em três níveis, símbolo de sua autoridade espiritual e temporal. A «tiara» era termo usado para indicar a peça usada pelos reis persas. Em Isaías 62:3, a Septuaginta traz a palavra grega *stephanos*.

A terceira dessas palavras indicava um aro (Isa. 28:5), estando em pauta a tiara real.

A *mitsnepheth* aponta para a tiara usada pelo sumo sacerdote.

4. *Diadema*, palavra grega usada por três vezes, sempre no Apocalipse (12:3; 13:1 e 19:12). Essa peça era usada como coroa, e servia de sinal de realeza. Porém, não é claro qual a natureza da peça entre os judeus. As descobertas da arqueologia indicam que havia muitos tipos de diademas, alguns feitos de metal, geralmente com decorações caras, como jóias e gemas, embora outros feitos apenas de tiras de seda. Dario tinha uma coroa de tecido branco, onde foram costuradas pérolas e gemas (Zac. 9:16; comparar com Mal. 3:17). Um diadema era similar a uma coroa (que vide).

5. *Stéphanos*, como substantivo comum, essa palavra ocorre por dezoito vezes: Mat. 27:29; Mar. 15:17; Jó 19:2,5; I Cor. 9:25; Fil. 4:1; I Tes. 2:19; II Tim. 4:8; Tia. 1:12; I Ped. 5:4; Apo. 2:10; 3:11; 4:4,10; 6:2; 9:7; 12:1; 14:14. Essa palavra grega apontava para a coroa de louros ou de algum outro vegetal, que era o sinal da vitória obtida em alguma competição atlética.

**Usoes Figurados.** Realeza, poder, glória espiritual, como em Isaías 28:5, que diz: «Naquele dia o Senhor dos Exércitos será a coroa de glória e o formoso diadema para o restante de seu povo...» O governo soberano de Deus sobre o seu povo é um benefício

espiritual e uma grande glória para eles. A própria Sião haverá de ser uma coroa de glória e beleza nas mãos de Deus (Isa. 6:23). Em Apocalipse 12:3 lemos que o dragão usará sete diademas sobre suas várias cabeças, o que demonstra a grande amplitude de seu governo e autoridade. O anticristo haverá de usar dez diademas, sobre seus chifres, dando a entender o poder que ele exercerá sobre dez reinos (Apo. 13:1). Acerca de Cristo é dito que ele tem *muitos* diademas, o que é símbolo da universalidade de seu senhorio (Apo. 19:12). Quanto a outros sentidos simbólicos e espirituais, ver os artigos sobre *Coroa* e *Coroas*.

### DIALÉTICA

Vem do grego *diálektos*, «discurso», «debate». Esse vocábulo refere-se àquele tipo de atividade filosófica que traça distinções rígidas, trazendo à luz contrários e opostos, com a subsequente rejeição de alternativas, a fim de obter a melhor resposta possível para uma pergunta. Esse método começou com Zeno, Sócrates e Platão. Os sofistas nesta atividade ganharam uma arma de apoio a seu sofisma. Motivos e alvos bastante diferentes têm inspirado esse tipo de discussão, dentro das várias escolas filosóficas, o que ilustramos nos pontos abaixo:

1. Para *Sócrates*, a dialética consistia em seu método de perguntas e respostas no exame de qualquer questão, trazendo à tona teorias contrastantes, examinando alternativas e tentando chegar a conclusões certas.

2. *Platão*, em alguns de seus diálogos, utilizou-se do método sócrático, visto que é impossível separar os dois nos primeiros diálogos de Platão. Quando Platão desenvolveu sua própria forma de pesquisa, sua dialética tornou-se uma espécie de forma suprema de adquirir conhecimentos, aquilo que presta contas de tudo por meio da alusão à *Idéia do Bem* (o seu Deus). Em alguns diálogos posteriores, como no *Sofista*, a dialética aparece como o nome dado ao estudo do inter-relacionamento das idéias platônicas, tornando-se uma espécie de meio de definição de gênero e espécie.

3. *Aristóteles* usava o termo para referir-se ao raciocínio com base em premissas prováveis, de acordo com as opiniões dos homens, o que é um silogismo menos seguro do que o raciocínio com base em primeiros princípios. A dialética pode ser identificada com o sofisma, mas também pode tornar-se um método de crítica de onde os princípios de inquirição podem ser extraídos.

4. No *neoplatonismo* a dialética faz parte do modo mediante o qual o indivíduo aprende a ascender para o Ser único, entrando em união com ele.

5. Os *estóicos* dividiam a lógica em retórica e dialética, a saber, a arte do bem falar e a arte do exame crítico.

6. Na *Idade Média*, a lógica e a dialética tornaram-se parte da educação liberal. A dialética tem sido combatida por alguns teólogos, como Pedro Damiano, que a condenou como um exercício do orgulho humano.

7. Quase todos os *escolásticos* usaram o método dialético para definir a sua filosofia. Abelardo, por exemplo, expressava o seu *Sic et Non* (sim e não) mediante perguntas e seleção de perguntas, o que ele incorporou em um livro com esse nome. Nessa obra, ele alistou as opiniões contrárias dos pais da Igreja sobre muitas questões, e então argumentou em prol da liberdade do indivíduo de chegar a conclusões, sem qualquer obrigação de crer em uma coisa ou em

outra. Ele acreditava no primado da razão sobre a fé. Seu método de inquirição consistia em três passos: a. duvidar de alguma proposição; b. inquirir a fim de descobrir a solução para dúvidas; c. fazer isso através do raciocínio crítico, até chegar à verdade.

8. *Kant* usava o termo *dialética* a fim de aludir aos esforços equivocados dos homens mediante os quais eles supõem poder descobrir a natureza das coisas, por si mesmas, isto é, a natureza real e metafísica das coisas. A sua *Crítica da Razão Pura* tinha por finalidade desmascarar esses falsos raciocínios, onde também encontramos a sua rejeição dos argumentos tradicionais em favor da existência de Deus, como o argumento ontológico, o cosmológico e o teleológico. O termo *dialética*, assim sendo, tornou-se o nome vinculado a certo ramo da filosofia que desmascara os sofismas e os raciocínios mal orientados. A sua *dialética transcendental* é que examina de forma crítica, rejeitando os argumentos tradicionais em prol da existência de Deus.

9. *Fichte* (mas não *Hegel*) foi o primeiro a propor a tríada composta por tese, antítese e síntese, como um modo de examinar as ações do Espírito Absoluto em suas manifestações neste mundo. Para exemplificar, primeiramente postulamos o *ego*, então o *não-ego* (sua antítese), e finalmente, ao examinarmos os dois, chegamos ao *ego absoluto* (o Deus dele). Seu processo de raciocínio também tem sido chamado de Postulação, Contrapostulação e Síntese.

10. *Hegel* lançou mão da idéia de *Fichte*, tentando explicar tudo quanto sucede na existência através do processo de tese, antítese e síntese. Ele supunha que é dessa maneira que o Espírito Absoluto se expressa. Por exemplo, na religião, temos o seguinte: a *tese* é a religião individual, como na teologia grega; a *antítese* é a participação comunal na divindade, a formação da idéia do Um, das religiões orientais; e a *síntese* é o cristianismo, que combina tanto o elemento individual quanto o comunal. Ver o artigo sobre *Hegel* quanto ao seu sistema de tríadas.

11. No *marxismo* a dialética é usada para tentar explicar o processo do mundo segundo o qual, se presume, o comunismo virá a dominar todas as coisas. Ver o artigo separado sobre o *Materialismo Dialético*. A idéia fundamental foi tomada por empréstimo dos escritos de *Hegel*, embora aplicando-a à matéria, e não ao espírito.

12. *Sartre* desenvolveu uma oposição dialética através dos conceitos de escassez e antagonismo. A escassez de bens, neste mundo, provoca o antagonismo entre os homens; mas daí são propostas certas soluções. (B F E EP MM)

## DIALÉTICA, TEOLOGIA DA

Quanto ao pano de fundo desse assunto, ver o artigo geral sobre a *Dialética*, bem como aquele sobre a *Ética Dialética*. A expressão *teologia da dialética* é usada como sinônimo para *teologia de crise* (que vide). Essa teologia, desenvolvida por *Karl Barth* (que vide) e seus colegas, rejeita os modos católicos tradicionais de buscar a Deus, a saber: a *via afirmativa*, a *via negationis* e a *via eminentiae*. Essas expressões são discutidas no artigo sobre a *Linguagem Religiosa*. *Barth* sentia que esses modos de buscar informações sobre Deus não podem saltar por cima do grande abismo entre o infinito e o finito. Portanto, em lugar desses modos, ele propôs a *via dialectica*. Esse é o método que consiste em afirmação e contra-afirmação, o método do «sim e não», com o reconhecimento da existência de *paradoxos* que resultam de qualquer

questão teológica. Doutrinas e conceitos são aceitos em pares polares (ver sobre a *Polaridade*), cuja unidade não podemos explicar devidamente. Esses pares só aparecem juntos quando correspondemos a Deus mediante a fé, quando confiamos em sua revelação, e não em nossa razão. Os conceitos de finito e infinito, tempo e eternidade, ira e graça, só para exemplificar, são idéias que existem em pares polares e não podem ser reduzidas a uma unidade, mediante a racionalização humana. Deus transcende à nossa compreensão racional, pelo que nenhuma formulação dogmática é capaz de descrever, razoavelmente, a Deus e às suas obras, embora, como é óbvio, essas não sejam atividades inúteis. A *Verdade Divina*, no entanto, não pode ser identificada com qualquer sistema ou denominação. Uma denominação é apenas um sistema interpretativo. A *Palavra de Deus* também não pode ser identificada com qualquer livro ou palavra em forma escrita, embora a palavra escrita nos proporcione informações sobre a *Infinita Palavra de Deus*.

## DIÁLOGO

Essa palavra deriva-se do grego *diálogos*, «discurso». O significado literal da palavra é «através da troca de palavras», ou seja, uma conversa, da qual participam duas pessoas ou mais. O diálogo é uma forma literária desenvolvida no século V A.C., nas tragédias gregas, como no *Eumênides*, de *Ésquilo*. As peças de *Eurípides* influenciaram *Platão*; mas não há razão para duvidarmos que *Sócrates*, que é o principal porta-voz das idéias de *Platão*, nos diálogos, realmente tivesse ensinado por esse método. Foi apenas natural, pois, que *Platão* tivesse adaptado o diálogo para seus escritos principais, transformando-o assim em uma maneira de ensinar filosofia. A forma verbal, *dialégo*, significa «conversar», «raciocinar», «falar com». Portanto, através da conversação e do debate, onde são levantadas várias perguntas, com suas diferentes alternativas, encontramos uma maneira de buscar definições e a verdade. Ver o artigo separado sobre a *Dialética*.

O método socrático de diálogo passou a ser utilizado por outros filósofos, tanto antigos quanto modernos, tendo sido adotado até mesmo pelos primeiros pais da Igreja. O diálogo tende por começar de maneira vaga, mas, no decorrer da conversa, passa a definir-se melhor mediante críticas e reformulações. Trata-se de um bom método de ensino, embora precise de muito tempo. Por esta razão, geralmente é preterido pelos mestres, que preferem o método da exposição, onde o material já é apresentado digerido para benefício dos estudantes, apresentando pontos principais e subpontos, já estabelecidos, em vez de ainda precisarem ser estabelecidos.

Na filosofia moderna temos os exemplos dados por *George Berkeley*, em seu livro *Dialogues between Hylas and Philonous* (1713); no *Dialogues Concerning Natural Religion* (1779); no *Dialogues in Limbo*, de *Santayana* (1926); e na *Critique of Religion and Philosophy*, de *Kaufmann*, onde há uma vívida discussão da qual participam um teólogo, um cristão, um ateu e *Satanás*. *Buber* (que vide) referia-se ao diálogo como a revelação mútua do próprio eu, através da confrontação do eu-tu. (AM P EP)

## DIAMANTE

Ver o artigo geral sobre *Jóias e Pedras Preciosas*. É questionável que os antigos hebreus, ou mesmo os gregos, conhecessem o verdadeiro diamante. A

primeira referência definida ao diamante parece ser a do poeta latino Manilius, em cerca de 12 D.C. Na *História Natural*, de Plínio (cerca de 79 D.C.), há uma inequívoca descrição do diamante. O que os romanos chamavam de *adamas*, palavra que significa duríssimo ou invencível, provavelmente era alguma forma de corindon. E o que algumas versões chamam de diamante, no Antigo Testamento, como pedras que havia nos ombros da estola sacerdotal (Êxo. 28:18; 39:11; no hebraico, *yahalom*), ou na ponta do estilete (Jer. 17:1; no hebraico, *shamir*), na opinião dos eruditos não seria o verdadeiro diamante, mas alguma outra pedra muito dura, como o corindon, que só perde em dureza para o diamante. O trecho de Zacarias 7:12 refere-se a isso quando fala sobre a dureza dos corações humanos, ao se rebelarem contra Deus e as suas leis. Os antigos utilizavam-se do corindon para perfurar e gravar em outras pedras, um método bem conhecido no mundo antigo. O verdadeiro diamante compõe-se de carbono puro, e geralmente ocorre sob a forma de cristais octaédricos. O corindon tem sido extraído em minas da Índia desde a remota antiguidade, sendo provável que os primeiros verdadeiros diamantes sejam também originários desse país.

Algo impenetravelmente duro, um mineral ou metal. No latim, era poeticamente usado para indicar o ferro mais duro, ou aço, ou qualquer coisa durável ou indestrutível. Plínio usou o termo para referir-se a uma gema de transparência cristalina, provavelmente a safira branca, a qual, depois do moderno diamante, é um dos minerais naturais mais duros. Até o século XVIII, havia certa confusão entre o diamante e a magnetita, o óxido de ferro magnético, e o termo diamante era largamente usado. Ver Eze. 3:9 quanto à referência bíblica.

## DIANA

Ver o artigo sobre *Ártemis*.

## DIÁSPORA (DISPERSÃO DE ISRAEL)

*Esboço:*

- I. Definição
- II. Distinta dos Cativoiros
- III. Uma Antiga Diáspora em Três Fases
- IV. Algumas Características
- V. Contribuições
- VI. Influências Sofridas pelos Dispersos
- VII. No Novo Testamento — Uso Metafórico

### I. Definição

Esse termo é usado pelos historiadores para referir-se às colônias judaicas (forçadas ou não), que eles estabeleceram em outras partes do mundo, fora da Palestina. A palavra é grega e significa «dispersão». Equivale ao vocábulo hebraico *golah*. O termo inclui os movimentos voluntários de emigração de judeus para outras terras, mas também se refere às colônias judaicas que resultaram de guerras, exílios e aprisionamentos. Os descendentes dos exilados e deportados também vieram a fazer parte da *diáspora*. Os *Oráculos Sibílicos* (cerca de 250 A.C.) refletem a extensão da dispersão dos judeus, afirmando que cada terra e que cada mar estava repleto de judeus. Nos tempos do Novo Testamento, havia mais judeus vivendo fora da Palestina do que dentro dela. O número de judeus dispersos, naquela época, tem sido calculado entre três a cinco milhões de pessoas.

### II. Distinta dos Cativoiros

Nesta enciclopédia há artigos separados sobre os

cativoiros assírio e babilônico. Alguns estudiosos fazem a distinção entre os cativoiros e a diáspora. No entanto, filhos de Israel que ficaram nas terras onde eles estiveram exilados por certo contam-se entre os partícipes da diáspora, e muitos autores não estabelecem essa delicada distinção. Seja como for, o termo *diáspora* refere-se originalmente aos judeus dispersos fora da Palestina, durante os períodos grego e romano. Pequenas comunidades judaicas têm existido fora da Palestina desde que Judá e Israel tornaram-se reinos separados, após a época de Salomão. Atualmente, alguns eruditos usam esse termo para aludir aos judeus dispersos a partir do século IV A.C., quando eles se estabeleceram em Alexandria, no Egito, ou em Antioquia da Síria. Por volta do século II A.C., a *diáspora* já se estendia por uma vasta área, incluindo a Ásia Menor, o norte da África e Roma. Cícero refere-se a judeus que haviam adotado a cidadania romana, em Roma. Havia comunidades judaicas na Europa, antes mesmo do começo do cristianismo, antes da destruição do segundo templo de Jerusalém. Prolongando-se até os tempos modernos, a dispersão tem envolvido a maioria das nações, entre as quais se destacam a Espanha, Portugal, a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Polônia, a Rússia, porções da Índia e da China, e, posteriormente, muitos lugares do hemisfério ocidental, incluindo as Américas. Na América do Norte encontramos a maior colônia judaica do mundo, fora da Palestina. Na América do Sul as maiores colônias judaicas acham-se, respectivamente, na Argentina e no Brasil. Apesar de tão disperso, o povo de Israel de algum modo consegue permanecer um elemento distinto na cultura para onde ele emigra, mantendo a sua própria cultura e fé religiosa. O movimento sionista tem feito muitos judeus voltarem para Israel, estado criado em 1948, sob a égide das Nações Unidas. Todavia, há mais judeus vivendo fora da Palestina do que ali, o que significa que continua havendo uma grande *diáspora*, até os nossos próprios dias.

### III. Uma Antiga Diáspora em Três Fases

A *Dispersão dos Judeus*: Três *diásporas* ou dispersões, de maior vulto, podem ser acompanhadas na história: A dispersão egípcia, que é mencionada nas páginas do A.T., como em Jer. 41:17 e 42:18, que aumentou muito em volume sob Alexandre o Grande e seus sucessores, de forma a incluir o Egito inteiro. (Ver Josefo, *Antiq.* 16 7, pág. 2). Essa dispersão, contudo, teve menor volume que a dispersão babilônica, cujos descendentes foram virtualmente absorvidos por culturas não-judaicas, tendo adotado o idioma grego. Mas é aos participantes dessa dispersão no Egito, não obstante, que devemos a possessão da Septuaginta e as idéias judaicas neoplatônicas de Filo e de seus escritores contemporâneos. A dispersão babilônica foi sempre a de maior vulto e se manteve constante por causa da preferência das populações assim dispersas, em permanecerem em suas terras adotivas, as quais, assim sendo, não retornaram à Palestina depois do cativoiro babilônico. A menor dessas três dispersões foi a da Síria, causada pelas conquistas e deportações de judeus pelas tropas de Seleuco Nicator (c. 300 A.C.; ver Josefo, *Antiq.* VII.3,§1). Sob as perseguições movidas por Antóco Epifânio, os judeus se espalharam por um território muito extenso, tendo atingido a Ásia Menor, e, finalmente, a própria Grécia. Os judeus dispersos que mantinham a fé judaica.

A maior *diáspora* dos judeus foi provocada pelos romanos um pouco depois de 130 D.C. Somente nos nossos próprios dias ela foi parcialmente revertida. O avanço do cristianismo foi facilitado pela presença da

## DIÁSPORA (DISPERSÃO DE ISRAEL)

sinagoga nos territórios pagãos.

### IV. Algumas Características

O povo de Israel sempre trouxe a Palestina no coração. Quando os judeus celebram a páscoa, dizem: «No próximo ano, em Jerusalém!» Com isso eles querem dizer que gostariam de encontrar-se em Jerusalém, quando da próxima celebração da páscoa. O fato, porém, é que o povo de Israel tem-se saído bem em terras estrangeiras, com frequência desfrutando de liberdade social e econômica, podendo colher os benefícios naturais da vida, juntamente com os nativos dos países para onde têm emigrado. Têm-lhes sido confiadas posições de responsabilidade, e eles têm chegado a ser altos oficiais do governo ou dos exércitos estrangeiros. Uma das razões disso é que o valor que eles dão à lei e à ordem, tornam-nos cidadãos confiáveis e respeitáveis. Apesar dessas condições, eles têm permanecido leais à sua fé ancestral, embora com alguns óbvios empréstimos e modificações, com base em costumes e crenças locais. Por outro lado, não têm deixado de sofrer tribulações. Tibério César, imperador romano, para exemplificar, odiava os judeus e providenciou para que fossem perseguidos. Antíoco III transferiu dois mil judeus para a Ásia Menor, embora lhes tivesse conferido direitos e liberdades consideráveis. O governo romano considerava a fé judaica uma *religio licita*, embora fizesse isto motivado pela necessidade, posto ser impossível livrar o mundo de uma fé religiosa tão disseminada e influente como a dos judeus. Alguns judeus da *diáspora* adquiriram a cidadania romana, entre os quais podemos pensar nos familiares de Paulo. A alguns judeus era conferida a cidadania romana em face de serviço meritório ao governo ou às forças armadas.

Naturalmente, os judeus nunca deixaram de fazer prosélitos, de tal maneira que por onde quer que Paulo fosse, encontrava alguma sinagoga, mesmo nas regiões mais distantes do império romano. Os judeus sempre foram fanáticos e devotados propagandistas de sua fé, algo que Jesus observou zombeteiramente, porquanto esse zelo nem sempre era acompanhado pela verdadeira santidade (Mat. 23:15).

### V. Contribuições

1. *Fé Religiosa*. Antes de mais nada, podemos afirmar que o próprio ato da propagação do judaísmo, por todo o império romano, foi uma contribuição para o pensamento e a prática religiosos, porquanto, sem importar as falhas dos judeus, a fé e a prática deles eram muito superiores às dos pagãos. Dentro desse mesmo particular, podemos afirmar que a *diáspora* foi uma grande ajuda para a propagação do cristianismo, porquanto preparou o caminho para a nova fé, que era uma graduação sobre a antiga fé judaica, embora relacionada a ela. A presença de comunidades judaicas oferecia um ponto de partida natural, pelo que também sempre fez parte do método de trabalho do apóstolo dos gentios dar início a seu ministério, em alguma cidade ou região, na sinagoga judaica. As primeiras colunas da Igreja cristã procederam da comunidade judaica, não somente na Palestina, mas também em outras partes do mundo.

2. *A Versão da Septuaginta do Antigo Testamento*. Muitos judeus lamentaram que o Antigo Testamento tivesse sido traduzido do hebraico para o grego. Mas é provável que essa tenha sido a maior de todas as contribuições tendentes a propalar a fé judaica. A Septuaginta foi um produto da *diáspora*. O idioma universal da época era o grego; muitos judeus conheciam-no melhor do que o hebraico. O latim era a linguagem apenas do Lácio, a região em torno da

capital do império.

3. *Outros Materiais Relacionados à Bíblia*. A produção dos Targums, as paráfrases do Antigo Testamento para outros idiomas ou dialetos do mundo de então, como o grego e o aramaico, também se deveu à *diáspora*. Por igual modo, não nos devemos olvidar da produção dos livros apócrifos (ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos*) e dos pseudepígrafos (que vide), os quais também foram produtos da *diáspora*. Há estudiosos que também supõem que ao menos uma parte do livro de Daniel, alguns dos Salmos, e talvez os livros de Jó e Provérbios também surgiram dentro desse contexto.

4. *A Sinagoga*. Alguns eruditos acreditam que a própria sinagoga é uma instituição que se desenvolveu a partir da *diáspora*, pelo menos na forma que ela veio a assumir, — no mundo greco-romano.

### VI. Influências Sofridas pelos Dispersos

As influências entre os povos sempre ocorrem em duas direções. Os judeus influenciaram os povos vizinhos, e estes influenciaram os judeus. Isso ocorreu na própria Palestina, uma das razões que mantinham os profetas atarefados, visto que o paganismo teimava em introduzir-se em Israel, contra o que os profetas nunca cessaram de bradar. Durante a *diáspora*, entretanto, isso se tornou ainda mais óbvio. É inegável que o desenvolvimento da doutrina judaica da imortalidade da alma, em contraste com a ressurreição, deveu-se à influência exercida por outras filosofias e religiões. A angelologia e a demonologia que vieram a caracterizar o judaísmo posterior eram empréstimos evidentes. Em muitos lugares, o judaísmo foi helenizado, e, mais precipuamente ainda, foi platonizado, de tal maneira que surgiram teólogos-filósofos judeus, como o famoso Filo. O judaísmo adquiriu um ponto de vista mais cosmopolita, mediante o contacto com muitos povos diferentes; e isso, por si mesmo, ajudou a propagar os ensinamentos do cristianismo.

### VII. No Novo Testamento — Uso Metafórico

No N.T., essa palavra é usada em três lugares, a saber: João 7:35; Tia. 1:1 e I Ped. 1:1. Esse termo foi aplicado a Israel, referindo-se às diversas deportações e dispersões deles entre as nações, isto é, entre assírios, babilônios e romanos. Mas tal vocábulo também passou a ser usado para indicar todos os judeus que viviam em países estrangeiros, por qualquer motivo que para ali tivessem ido, de natureza violenta ou pacífica. Parte dessa dispersão era voluntária, usualmente por razões econômicas. Após as conquistas de Alexandre, muitos judeus migraram para países estrangeiros. Filo calculava que o número de judeus somente no Egito, era de cerca de um milhão (ver *In Flaccum* vi). Estrabão, o geógrafo antigo, menciona, em uma época anterior à de Filo, como havia colônias judaicas que se tinham concentrado em certos lugares. «Esse povo já se instalou em cada cidade, e não é fácil descobrir algum lugar, no mundo habitável, que não tenha recebido elementos dessa nação, e onde seu poder não se tem feito sentir». (Citado em Josefo, *Antiq.* xiv.7.2). A história comprova a veracidade dessa avaliação. Fora do Egito, havia grandes colônias de judeus na Ásia Menor, na Síria e na própria capital do império. Desta, entretanto, os judeus foram expulsos, em 139 A.C., e, uma vez mais, nos tempos neotestamentários, mas terminavam sempre por voltar. Aprendemos que a dispersão não estava confinada ao império romano. Também havia numerosas colônias judaicas na Pérsia. (Ver Atos 2:9-11).

## DIATESSARON — DIBLAIM

Pedro, pois, considerava que os cristãos, tal como os judeus, habitavam em muitas áreas geográficas diferentes, mas nunca se sentindo inteiramente em casa. Isso também era uma «dispersão», pelo que lhes dá esse título. Eram como uma nação que habitava em muitos países estrangeiros, espalhados, peregrinos e forasteiros na terra.

«Os crentes sabem que são peregrinos que vivem em um vale de formação da alma, em uma escola terrena de aperfeiçoamento da vida, em um lugar onde até o Filho do homem foi 'aperfeiçoado pelos sofrimentos'. Eles conhecem a verdade das palavras dos escritos da epístola aos Hebreus, que relembrou a seus amigos que Deus pune amorosamente a seus filhos, a fim de torná-los 'participantes de sua santidade' (Heb. 12:10), para levá-los à maturidade, se assim se exercitarem e são ensinados». (Homrighausen em I Ped. 1:1). (AM IB NTI Z)

### DIATESSARON

Palavra grega que significa «por meio de quatro», título dado a uma harmonia dos evangelhos compilada por Taciano (que vide). Ele foi um apologista cristão de origem assíria, que viveu em Roma pelos meados do século II D.C. Em certa referência antiga a sua obra é intitulada *Diapente* («por meio de cinco»). Ambos os termos evidentemente foram tomados por empréstimo da terminologia musical dos gregos, referindo-se à idéia de *harmonia*. A palavra alusiva a *cinco* talvez indique que Taciano incluiu algum material apócrifo, que se tornou uma quinta fonte informativa.

É possível que a obra original tenha sido escrita em siríaco; mas, nesse caso, houve uma antiga tradução latina. Não são muitos os eruditos que propõem um original grego, embora também tivesse havido uma versão grega, representada atualmente em um único fragmento autenticado. O Diatessaron não tem sobrevivido em sua forma original. A melhor fonte informativa a respeito é um comentário sobre o mesmo, feito por Efraem (falecido em 378 D.C.), e publicado em 1963.

Esse combinava as várias narrativas dos quatro evangelhos, como uma narrativa contínua, sendo uma tentativa de contar a história de Jesus com todos os pormenores fornecidos pelos diversos evangelistas. Ele incorporou a quase totalidade dos quatro evangelhos. A obra tornou-se bastante popular na Síria, mas, o fato de que a mesma foi traduzida para o latim e o grego mostra que ela teve larga aceitação. Também houve uma tradução armênia do comentário de Efraem, e esse fato é outra indicação de seu uso popular. Outrossim, há evidências de sua influência sobre os manuscritos dos evangelhos no grego, no armênio, no georgiano e no siríaco palestino, pelo que o Diatessaron tornou-se um fator que causou *adições* ao texto dos evangelhos, mediante a atividade dos harmonistas.

Tão tarde quanto o século V D.C., Teodoreto, que se tornou bispo de Cirus, às margens do rio Eufrates, na Síria superior, em 423 D.C., descobriu que muitas cópias do Diatessaron estavam em uso em sua diocese. Mas, visto que Taciano posteriormente foi considerado herege, Teodoreto fez tudo quanto pôde para destruir as muitas cópias de sua obra, tantas quantas lhe foi possível, pelo que realizou uma obra perniciosa, baseada na ignorância. Ele destruiu cerca de duzentas cópias.

O Diatessaron, evidentemente, estava alicerçado sobre um antiqüíssimo tipo ocidental de texto. Ver o

artigo separado sobre os *Manuscritos do Novo Testamento*. (KE ME)

### DIATRIBE

A diatribe é uma forma retórica que usa um método abusivo. A palavra vem do grego *diatribe*, «desgaste». Essa maneira de falar era usada com perfeição por alguns dos primeiros filósofos gregos. Bion de Boristenes (que vide) merece o crédito de ser o seu inventor. Dion Crisóstomo (cerca de 40-120 D.C.), um filósofo grego, desenvolveu ainda mais esse estilo. Infelizmente, muitos pregadores evangélicos modernos usam mais da diatribe do que da pregação homilética.

### DIAUS

Essa palavra vem do sânscrito e significa «céu» ou «dia». Na religião védica o termo é usado para aludir ao deus do céu brilhante, considerado o pai de todas as demais divindades. Pela época em que se desenvolveram os hinos vedas, ele já havia passado do zênite, na avaliação do pensamento religioso da região do mundo onde era adorado. A grosso modo, Diaus correspondia ao Zeus dos gregos, ao Júpiter dos romanos e ao Ziu ou Tiu dos teutões, aos quais eram atribuídas qualidades divinas e paternais. Esse é um dos mais elevados e excelentes conceitos acerca de Deus. Isso é transportado, de modo muito significativo, para o cristianismo. Ver Rom. 8:14 *ss*.

### DIBELIUS, MARTIN

Nasceu em 1884. Foi professor na Universidade de Berlim e na de Heidelberg. Também foi conferencista em Yale. Enfatizava a crença de que a *pregação* é um importante fator formativo como origem dos evangelhos. Ele acreditava que, desde o começo do cristianismo, a história da paixão era uma narrativa contínua, e que talvez tivesse sido o fator inspiracional central na formação dos evangelhos, os quais, em certo sentido, seriam extensas narrativas da paixão. Ele também identificou outras narrativas importantes que constituiriam elementos básicos na formação da tradição evangélica, chamando essas narrativas de *paradigmas*. Dibelius desempenhou importante papel do ponto de vista das fontes informativas do Novo Testamento, postulado por Gunkel, que se atém à forma histórica. Estudava com empenho a escatologia. Também fazia objeção à apresentação de Jesus, de Paulo e de Lutero como figuras liberais, uma atividade equivocada de certo número de eruditos, os quais projetam, para essas personagens históricas, os seus próprios sentimentos, procurando encontrar neles precedentes para as suas próprias idéias. Ver o artigo geral sobre a *Crítica da Bíblia*, em seu quarto ponto, *Crítica da forma*.

### DIBLA

Ver sobre Ribla.

### DIBLAIM

Esse nome talvez signifique *duas bocadas*, ou «dois montículos». Referia-se a bolos, como os de figos pressionados. Esse era o nome do pai de Gomer, a esposa infiel do profeta Oséias (Osé. 1:3). Viveu em cerca de 725 A.C. Alguns estudiosos supõem que Diblaim não era o pai, e, sim a mãe de Gomer.

••• ••• •••

**DIBLATAIM**

Ver sobre **Bete-Diblataim**.

**DIBOM, DIBOM-GADE**

Nome de duas cidades referidas no Antigo Testamento, a saber:

1. Uma cidade localizada no lado oriental do rio Jordão, também chamada Dibom-Gade, Adquiriu a segunda designação por haver sido reedificada por elementos da tribo de Gade (Núm. 32:34). Ficava na margem norte do rio Arnom, onde os israelitas atravessarem esse rio, a caminho para o Jordão, e onde o seu primeiro acampamento foi estabelecido, após a travessia do rio. Posteriormente, a área caiu sob o domínio dos moabitas (Isaías 15:2; Jeremias 43:18,22). A região era rica área pastoril, pelo que tinha grande valor para os seus habitantes. Mudou de mãos por várias vezes ao longo de sua história. O trecho de Juizes 3:12 ss. diz que estava sob o controle dos moabitas. Davi (II Sam. 8:2) a conquistou. Moabe rebelou-se, mas foi subjogado por Judá e Israel (II Reis 3). Mas Mesa, na inscrição moabita (cerca de 840 a 830 A.C.), afirmou ter obtido vitória sobre Israel, o que significa que a cidade continuou trocando de mãos. Moabe, como um estado político, foi destruída por Nabucodonosor, e a área, depois desse tempo, ficou novamente em poder de Israel, conforme nos indicam moedas de Hircano II (63-40 A.C.). Esse lugar não é mencionado no Novo Testamento, mas contava com uma próspera população até bem dentro da época neotestamentária, até o período árabe, o que é confirmado pelas descobertas arqueológicas. — estas incluem muito material dos tempos do gregos, nabateus, romanos, bizantinos e árabes, incluindo moedas. Eusébio refere-se a essa cidade em seu *Onomasticon* (século IV D.C.), onde ele a considera uma vila bastante grande.

A moderna cidade de Dhiban está localizada a poucos quilômetros ao norte do vale do Arnom, na estrada para Queraque, e fica no local do antigo câmor chamado Dibom. Foi ali que se achou a chamada pedra Moabita, em 1868. Essa descoberta mostrou que o rei de Moabe tinha ali a sua capital (comparar com II Reis 3,4,5). Na inscrição moabita ela é chamada Qrhh, mas esse nome não perdurou por muito tempo. Ela é mencionada nas linhas 21 e 28 dessa inscrição.

Grandes escavações arqueológicas começaram ali em 1950, perdurando por seis anos, e o câmor de Dibom mostrou ter vários níveis, conferindo assim uma espécie de história da área. As evidências demonstram que Dibom é, sem dúvida alguma a Diban do período de Onri-Acabe-Mesa (cerca de 850 A.C.). Porém, o local vinha sendo habitado desde o período do começo da era do Ferro II. Foi sendo continuamente ocupado nos sucessivos períodos históricos. Contudo, parece ter havido um hiato na ocupação, entre 1850 e 1300 A.C. Era um centro agrícola, com muitas cisternas, porquanto já foram descobertas cem delas.

2. Uma cidade da tribo de Judá (Nee. 11:25), talvez o mesmo lugar chamado Dimona, em Josué 15:22. Isso podemos supor porque esse trecho menciona cidades da área em geral, embora o nome — Dibom não ocorra ali. Sabemos que a cidade foi novamente ocupada após o cativeiro babilônico (Nee. 11:25). Tem sido identificada com o moderno *Tell ed Dheib*.

**DICAEARCO**

Viveu no século IV A.C. Foi um filósofo nascido em

Messina. Foi discípulo de Aristóteles e amigo de Aristótenos (que vide). Aplicava a doutrina da harmonia aos campos da música, da psicologia e do governo. Ele pensava que a cidade-estado de Esparta era representante de uma admirável harmonia, combinando elementos da aristocracia, da monarquia e da democracia. Fez importante obra no campo das medições geográficas. Mais ou menos à maneira aristotélica, ele procurou demonstrar a *mortalidade* da alma, supondo que existia uma porção psicológica no complexo humano, mas que a mesma era reduzida a zero por ocasião da morte biológica.

**DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS DA BÍBLIA**

*Esboço:*

- I. Observações Preliminares
- II. Uso de uma Enciclopédia Bíblica
- III. Relato Histórico Abreviado das Enciclopédias Religiosas
- IV. Dicionários e Enciclopédias da Bíblia em Português

**I. Observações Preliminares**

Se excetuarmos o estudo das próprias Escrituras, os principais instrumentos de estudo da Bíblia são os comentários e dicionários. Não há fim nos livros que têm sido escritos sobre a Bíblia Sagrada, de todos os ângulos possíveis, como devocional, histórico, ético, teológico, textual e biográfico. Visto que um dicionário ou enciclopédia da Bíblia incorpora todos esses elementos em si mesmo, é uma obra muito útil no campo inteiro dos estudos bíblicos. O título *Dicionário Bíblico* refere-se a uma obra que contém artigos em ordem alfabética, mas estritamente limitados a assuntos bíblicos, ou seja, coisas mencionadas especificamente nas Sagradas Escrituras. A maioria desses dicionários suplementa esses artigos com um pequeno número de artigos de natureza textual, histórica e teológica que são considerados absolutamente essenciais a qualquer compêndio de estudos bíblicos. Por outra parte, uma *enciclopédia* tem um escopo mais amplo, contendo um número muito maior de artigos sobre teologia, história, textos, biografias, ética, filosofia, etc. A presente enciclopédia, além da parte bíblica, tem procurado incorporar o campo inteiro da teologia, muito material filosófico que se relaciona à ética e à gnosologia, além de abundante material biográfico de interesse para a história da religião.

**II. Uso de uma Enciclopédia Bíblica**

Sempre fui um homem envolvido em enciclopédias. Quando ainda era adolescente, meus pais compraram para mim uma *Encyclopedia Americana*, e, durante todos os meus anos de ginásio e colegial, usei essa obra. Em casa também tínhamos o *Bible Encyclopedia and Dictionary*, de Fausset. Essa obra, embora atualmente obsoleta (só recentemente deixou de ser publicada), tinha grande riqueza de informações a oferecer. Ainda que, durante toda a minha vida adulta, quase todos os dias, eu tenha consultado enciclopédias, por uma razão ou outra, sagrada ou profana, simplesmente eu nunca li uma enciclopédia inteira, verbete após verbete, para obter informações gerais. Mas, no preparo da presente obra, examinei um bom número de enciclopédias, que me serviram de material informativo. Sendo obrigado a ler todos os artigos de um bom número de enciclopédias (de natureza bíblica, teológica, filosófica, etc.), vim a perceber que somente assim uma pessoa pode entender, de maneira bem abrangente, o campo inteiro das informações relativas a assuntos bíblicos.



## DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

Portanto, um excelente modo de aprender e estudar consiste simplesmente em ler, de capa a capa, obras dessa natureza. Não espero poder convencer os meus leitores a fazerem isso, embora isso continue sendo uma verdade. O conhecimento de cada um de nós, sem importar quão amplo for, sempre será *provincial*. A tendência cada vez maior, em todos os ramos do conhecimento humano, é o da especialização. Portanto, alguém que se especialize no Novo Testamento poderá mostrar-se bastante fraco quanto ao Antigo Testamento, excetuando quanto a aqueles pontos que estão diretamente ligados ao Novo Testamento. Um historiador, por sua vez, poderá mostrar-se bastante cru quanto à teologia, enquanto que um teólogo poderá mostrar-se bastante fraco quanto à filosofia. O uso constante de uma enciclopédia, porém, poderá ampliar os horizontes do estudioso, aumentando o escopo de seus conhecimentos de uma maneira considerável. Esse, pelo menos, tem sido o meu caso.

*Há homens que valorizam a ignorância.* Um grande número de pessoas religiosas confia exclusivamente na revelação como modo de obter conhecimento espiritual. Mas a própria revelação, conforme é encontrada nas Escrituras, requer interpretação. Há muitas coisas na Bíblia que envolvem idéias, pessoas e lugares que não podemos entender corretamente sem a ajuda de livros e mestres, porquanto, gostemos ou não do fato, estamos abordando uma larga fatia do processo histórico e teológico dentro da Bíblia, e inúmeras coisas não jazem à superfície, para serem facilmente percebidas e compreendidas.

**Uma Ilustração Prática.** Certo domingo pela manhã, estive em uma classe de escola dominical, em uma igreja evangélica. O professor, que era leigo, deu uma respeitável lição. Porém, terminada a sua exposição, os alunos começaram a fazer perguntas sobre o texto que ele ensinara. Uma senhora fez perguntas que o professor não foi capaz de responder. Então ele respondeu que não estava qualificado para ensinar à classe. Particpei a fim de observar que aquele tipo de pergunta poderia ter sido facilmente respondido por alguém que usasse um dicionário bíblico. Como aquele homem chegou ao ponto de ensinar numa escola de adultos da Escola Dominical, sem ter conhecimento desse fato simples?

*Outra ilustração prática.* Esta é mais grave. Conversava eu com um missionário evangélico que era formado em um seminário dos Estados Unidos da América. Eu lhe explicava que vários livros do Novo Testamento têm porções que combatem certa forma de gnosticismo do século I D.C., que foi uma heresia que perturbou o cristianismo por cerca de cento e cinquenta anos, no começo da sua história. Um dos itens da conversa girava em torno do porquê de I João 5:6 mencionar o fato de que Cristo veio «por meio de água e sangue», não somente *pela água*. Por qual razão o autor sagrado fez essa declaração? O mais provável é que ele combatia a doutrina gnóstica, que aceitava o *batismo* (a água) como importante para Cristo, mas negava a *expiação* (o sangue). Portanto, o autor sagrado afirmava que apesar do batismo de Jesus ter sido significativo (Ele veio mediante a água, pois, por ocasião de seu batismo, foi unido pelo Espírito Santo), também é verdade que ele veio por meio do sangue, porquanto fez expiação pelo nosso pecado. Quando terminei de explicar isso, meu amigo, formado em teologia, quis saber como poderia obter mais informações sobre o gnosticismo. Expliquei-lhe que a maneira mais direta de obter esse tipo de informação era examinando uma *enciclopédia* bíblica. A ignorância nunca vale coisa alguma. O

conhecimento é uma das grandes colunas da espiritualidade, perdendo em importância somente para a lei do amor.

### III. Relato Histórico Abreviado das Enciclopédias Religiosas

A maior parte do que dizemos aqui representa a tradição de enciclopédias em inglês e português, com suficiente pano de fundo histórico para o leitor ter alguma noção sobre essa atividade na Igreja cristã histórica.

1. 326 D.C. *Eusébio de Cesaréia* publicou uma enciclopédia em quatro volumes, dos quais apenas um, chamado *Onomasticon*, chegou até nós. Contém cerca de seiscentos nomes de cidades, rios, etc., extraídos do Antigo Testamento e dos quatro evangelhos. Jerônimo (cerca de 340 D.C.) corrigiu alguns equívocos que encontrou nessa obra, e adicionou algum novo material. Agostinho (367 D.C.) elogiou a obra de Eusébio, declarando que esperava que algum homem competente se encarregasse de expandir a obra. Ele esperava que tal autor viesse a comentar a respeito de tópicos tão diversos como lugares desconhecidos, animais, plantas, árvores, pedras, metais e outras coisas tais, mencionadas nas Escrituras, para benefício de seus irmãos (*Sobre a Doutrina Cristã*, livro II, cap. 39).

A compilação de enciclopédias não teve início na Igreja cristã; mas, até onde estamos informados, *Eusébio* foi o primeiro a compilar uma enciclopédia especificamente para ajudar no estudo da religião. O autor da primeira enciclopédia do mundo parece ter sido Aristóteles. Depois veio Speusipo. Ambos foram discípulos de Platão, em meados do século IV A.C. Aristóteles produziu muito material acerca do conhecimento de seu tempo, que ele compilou para uso de seus alunos. Speusipo compilou uma classificação enciclopédica de plantas e animais. Portanto, Eusébio não inventou a idéia, embora tivesse sido o primeiro a aplicá-la a fim de elucidar certos pontos das Escrituras. Marcus Terentius Varro (116-127 A.C.) foi o primeiro escritor prolixo em latim, e parte de sua atividade incluiu os nove livros da *Disciplina*, um estudo sobre as artes, a retórica, a matemática, a astrologia, a medicina, a música e a arquitetura. As suas *Imagens* expunham biografias sobre setecentos homens importantes gregos e romanos. Ele também escreveu trinta e sete livros sobre geografia, etnografia, zoologia (incluindo sobre a biologia humana), botânica, botânica médica e mineralogia.

2. *Isidoro*, bispo de Sevilha (cerca de 560-636 D.C.) compilou uma enciclopédia em latim, com vinte volumes e um largo escopo de assuntos, incluindo temas religiosos e bíblicos. Essa obra intitulava-se *Etymologiarum sive originum libri XX*. Ele foi o primeiro a ilustrar uma obra dessa natureza com gravuras. Essa obra tornou-se popular por vários séculos, tendo sido traduzida para vários idiomas europeus.

3. *Rabanus Maurus* (cerca de 776-856 D.C.) aprimorou e ilustrou ainda melhor a obra de Isidoro.

4. *Vincente de Beauvais*, um monge dominicano francês (cerca de 1190-1264), compilou uma enciclopédia em três partes, cujo intuito era abranger todo o conhecimento humano da época. O título da obra era *Speculum majus*. Uma de suas seções, intitulada *Speculum doctrinale*, continha informações sobre teologia, filosofia, astronomia (astrologia), geometria, educação, leis, medicina e outras disciplinas. Foi obra de considerável valor, e certa edição (com adições) foi publicada após a invenção da imprensa.

## DICIONÁRIOS E ENCICLOPÉDIAS

Preservava as idéias de muitos luminares antigos, sobre os quais nada sabemos, exceto através dessa obra.

5. *Brunetto Latini* (cerca de 1212-1294), um autor florentino, compilou uma enciclopédia que salientava a ciência política, e não a teologia, embora contivesse suficiente material teológico para ser digno de menção em conexão com a religião. Brunetto foi um bom amigo de Dante. A obra foi escrita em francês, uma linguagem conhecida pelas classes mais educadas.

6. *William Patten* publicou uma obra, em 1575, que poderia ser classificada como um dicionário bíblico. Continha cerca de duzentas páginas sobre tópicos bíblicos.

7. *Thomas Wilson*, ministro de Canterbury em St. George, publicou, em 1612, uma obra intitulada *Complete Christian Dictionary*, que teve várias edições.

8. *Francis Bacon* (1620) publicou a sua obra *The Great Instauration*, que era de natureza principalmente filosófica, mas com importantes implicações quanto ao conhecimento humano em geral, incluindo o aspecto religioso.

9. *Marco Vincenzo Coronelli* (1650-1718) lançou uma enciclopédia italiana em quarenta e cinco volumes, chamada *Biblioteca Universale Sacroprofana*. Mas somente sete volumes chegaram a ser publicados.

Os séculos XVII e XVIII assinalaram o arranjo de artigos em ordem alfabética. Antes desse tempo, o arranjo era feito em seções que abordavam os diferentes ramos do conhecimento.

10. *Francis Roberts* publicou uma obra chamada *Clavis Bibliorum*, «Chave Bíblica», que passou por diversas edições, até 1665.

11. *Augustin Calmet* (1672-1757) publicou um extenso dicionário bíblico que apareceu inicialmente em francês, mas que mais tarde foi traduzido para o inglês. Foi lançado em três volumes, contendo cerca de dois milhões e meio de palavras, cuja tradução inglesa foi chamada *Historical, Critical, Geographical, Chronological and Etymological Dictionary of the Holy Bible*.

12. *Howard Malcom* (1799-1899) escreveu o *Domestic Dictionary of the Bible*, que vendeu muitas cópias; e depois, publicou *A New Bible Dictionary*, edição expandida e aprimorada.

13. *Archibald Alexander* (1772-1851) professor da Universidade de Princeton, imprimiu o *Pocket Dictionary of the Bible*, que tinha quinhentas e quarenta e seis páginas, apesar de seu nome humilde.

14. *Richard Watson* (1781-1833) publicou o *Theological Institutes*, uma obra bastante extensa sobre a Bíblia e a teologia, com mais de mil páginas.

15. *Samuel Green* (1840) publicou a obra *A Biblical and Theological Dictionary*, que tinha mil quatrocentos e quarenta e quatro páginas, e passou por vinte e oito edições.

16. *John Kitto* publicou a sua *Cyclopaedia of Biblical Knowledge*, com edições até 1869. Quarenta eruditos contribuíram com artigos para a obra, que foi uma das melhores de seu tempo, tendo incorporado muitos artigos novos sobre a Bíblia e assuntos relacionados.

17. *William Smith* (1813-1893) publicou, em 1860, o seu *Dictionary of the Bible*, que foi um dos melhores até à sua época.

18. *A.R. Fausset* (1821-1910) publicou a sua *Englishman's Critical and Expository Bible Encyclopedia*, em 1891. Continha cerca de novecentas e cinquenta mil palavras e passou por muitas edições,

continuando a ser impressa até 1949. Fausset foi um dos três autores do famoso Jamieson, Fausset and Brown Commentary, que continua sendo publicado até hoje, após passar por inúmeras edições.

19. *John D. Davis* (1854-1926) publicou o seu *Dictionary of the Bible*, em 1898. Essa obra teve uma quarta edição em 1954. Em 1944 foi revisada e expandida por Henry S. Gehman, tendo sido publicada então sob o título de *The Westminster Dictionary of the Bible*. Essa obra, conforme Davis a havia preparado (e não a sua versão revisada) foi traduzida para o português.

20. *Charles R. Barnes*, em 1900, publicou a sua *Bible Encyclopedia*, que passou por diversas edições. Essa obra foi republicada com outros nomes, aparecendo com uma versão expandida, em 1904, com o nome de *The Popular and Critical Encyclopedia and Scriptural Dictionary*. Essa obra tornou-se a base da *International Standard Bible Encyclopedia*, e foi a principal fonte informativa do *Unger's Bible Dictionary*.

21. *James Hastings* publicou o seu *Dictionary of the Bible*, com cinco milhões e quatrocentas mil palavras, em 1905, o qual passou por muitas edições. Apresentou muito material novo, com informações arqueológicas recentes.

22. *James Orr* foi o editor da *The International Standard Bible Encyclopedia*, publicada pela primeira vez em 1951, com mais de quatro milhões de palavras. Teve uma história literária descrita no ponto «20», acima, embora representando aprimoramento e expansão em relação àquela.

23. *Madeleine S. Miller* e *J. Lane Miller*, em 1952, publicaram o *Harper's Bible Dictionary*, com material recente e envolvendo assuntos da arqueologia, da sociologia e da história natural.

24. *Merrill F. Unger*, em 1957, publicou o seu *Bible Dictionary*. Embora haja ali material novo, especialmente sobre assuntos arqueológicos, e que a maioria das quinhentas fotografias e ilustrações sejam novas, cerca de três quartas partes do material é, essencialmente, repetido, com poucas modificações com base em Barnes e a tradição por ele descrita, sob o ponto «20», acima.

25. *S.H. Horn* foi editor da combinação de dicionário e comentário bíblico, dos Adventistas do Sétimo Dia, 'publicado em 1960. O dicionário é o oitavo volume da série. Um bom trabalho sobre arqueologia é ali apresentado.

26. *George A. Buttrick* encabeçou uma comissão de duzentos e cinquenta e três eruditos para produção do *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, que foi publicado pela primeira vez em 1962. Trata-se de uma volumosa e magnífica obra. Alguns artigos são inclinados para a posição liberal, mas há muito material de grande valor, e muitos artigos que não aparecem em outras obras congêneres.

27. *J.D. Douglas* foi o editor do *New Bible Dictionary*, publicado em 1962. Conta com cerca de 2300 artigos, sendo ótimo para uma obra em um volume. Esse excelente dicionário bíblico foi traduzido para o português, por João Marques Bentes. A versão em português tem três volumes.

28. *Merrill C. Tenney*, juntamente com uma comissão de sessenta e cinco membros, produziu o *Zondervan Pictorial Bible Dictionary*, que foi publicado em 1963. Essa obra foi grandemente expandida e publicada sob o título de *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, em 1975, contendo mais de sete mil artigos sobre a Bíblia e assuntos relacionados. A seleção dos artigos bíblicos,

da presente enciclopédia em português, foi feita com base nessa enciclopédia de Zondervan, embora mais de quatrocentos artigos bíblicos extras tenham sido incluídos. Isso significa que, sem modéstia nenhuma, a atual enciclopédia é a mais completa obra do gênero, em português e em muitos outros idiomas.

#### IV. Dicionários e Enciclopédias da Bíblia em Português

Desejo agradecer aqui a William Barkley, diretor da Biblioteca Evangélica de São Paulo, o qual me enviou informações sobre concordâncias, comentários e dicionários bíblicos em português, o que muito me ajudou a melhorar os artigos desta enciclopédia sobre esses assuntos.

1. *John D. Davis, Dicionário da Bíblia*, quarta edição, 1973, Casa Publicadora Batista, JUERP. Essa obra é tradução da publicação inglesa mencionada na seção III.19.

2. *Demétrio Fraiha, Dicionário da Bíblia*, São Paulo, fevereiro de 1977, 385 páginas.

3. *A Den Born* (redator), *Dicionário-Enciclopédia*, tradução com base no original holandês, um volume, Editora Vozes, 1969. Essa obra foi produzida pela tradição católica romana.

4. *Xavier Léon-Dufour* (redator), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, tradução do original francês, Editora Vozes, terceira edição, 1984, um volume. Essa obra também pertence à tradição católica romana.

5. *J. D. Douglas* (redator), *O Novo Dicionário da Bíblia*, tradução da obra mencionada sob a seção III.27. O redator da versão portuguesa é *Russell P. Shedd*. A obra envolve 2300 artigos, tendo sido impressa em um volume, no original inglês, e em três volumes na tradução portuguesa.

6. *Russell Norman Champlin e João Marques Bentes, Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Os artigos bíblicos que, em inglês, vão de Q ao Z, foram redigidos por João Bentes. Nessa seção, Russell Champlin adicionou alguns artigos bíblicos, bem como os de natureza filosófica e teológica. Os artigos bíblicos de A a P, em inglês, bem como todo outro material, foi redigido por Russell Champlin, autor de *O Novo Testamento Interpretado*, em seis volumes. João Bentes foi o tradutor da obra inteira, além de haver adicionado valiosos comentários na seção de A a P, em inglês, quanto aos artigos bíblicos e teológicos, como co-autor da obra. Portanto, oferecem cerca de oito mil artigos sobre assuntos bíblicos, em comparação com os dois mil e trezentos do *Novo Dicionário Bíblico*. A maioria desses artigos, quando comparados com os de outras obras lançadas em português, são mais extensos e completos, de tal modo que o leitor obtém neles informações adicionais, que não podem ser conseguidas em outras obras. Também oferecem outros oito mil artigos de interesse para os estudiosos da Bíblia. Nesses artigos é coberto o campo inteiro da teologia. Quanto à filosofia, os campos da ética, da gnosiologia e da metafísica são tratados detalhadamente. Também oferecem centenas de artigos biográficos sobre importantes personagens da religião e da filosofia.

O escopo desta enciclopédia não se limita às religiões e filosofias do Ocidente. Foram incluídos os mais importantes sistemas e idéias do Oriente, em ambos esses campos do conhecimento humano. Quanto a informações adicionais sobre as pessoas que nos ajudaram neste projeto (isto é, da presente obra), ver a página introdutória de *Dedicação e Agradecimentos*.

*Bibliografia:* (AM FU ISBE Z)

#### DICLA

**Palavra que vem do aramaico, «palmeira».** Nome de uma tribo que descendia de Joctã (Gên. 10:27; I Crô. 1:21). Visto que esse nome está associado à palmeira, os eruditos têm pensado que a área da habitação deles teria muitas palmeiras. A região do sul da Arábia, nas proximidades da foz do rio Tigre, é aquela que tem sido mais insistentemente sugerida. Porém, nada se sabe a esse respeito, com qualquer grau de certeza. O que se sabe é que eles eram uma tribo semita que descendia de Éber, por meio de Joctã. Tradicionalmente, ele é o ancestral dos árabes do sul. Seus descendentes provavelmente estabeleceram-no no Yêmen, tendo ocupado uma porção dessa região, ligeiramente a leste de Hedjaz.

#### DICOTOMIA, TRICOTOMIA

*Esboço:*

- I. Problema da Dicotomia-Tricotomia
- II. Fundo Histórico
- III. Tricotomia
- IV. A Ajuda da Ciência
- V. Sobre-Ser

**I. Problema da Dicotomia-tricotomia.** A natureza metafísica do homem. Intensa e volumosa controvérsia existe sobre textos como o presente, que dão alguma indicação acerca da natureza metafísica do homem, embora não abordem formalmente o problema, com o intuito de esclarecê-lo.

No tocante à *alma* ou espírito, devemos-nos lembrar de que as *Escrituras* nada têm a dizer sobre a sua «origem», e que dizem surpreendentemente pouco acerca de sua natureza, embora tanto o Antigo como o Novo Testamentos muito tenham a dizer sobre o seu «destino», uma das questões centrais das *Escrituras*. A escassez de material, sobre a origem e a natureza da alma, entretanto, deveria automaticamente acautelar-nos sobre o uso de certos «textos de prova», que alguns tentam usar como evidências acerca da natureza da alma ou da natureza metafísica do homem. É fato bem conhecido, entre os estudiosos do A. T., que no Pentateuco, os cinco livros de Moisés, há notável ausência de menção sobre a simples existência da alma e sua sobrevivência ante a morte física, temas esses que só se evidenciam nos livros dos Salmos e dos profetas. Mas também é verdade que a cultura helênica tinha idéias referentes a essas questões, desde antes da cultura hebraica, porquanto a doutrina da existência e da sobrevivência da alma só foi acrescentada ao judaísmo bem mais tarde.

**II. Fundo Histórico.** Posto que as fórmulas de crença na alma não faziam parte original da herança judaico-cristã, a idéia *dualista* sobre «corpo e alma», com descrição da personalidade humana, que de modo geral se vê já no fim do A. T., e em todo o N. T., na realidade foi tomada por empréstimo da filosofia grega, principalmente de Platão, por meio do neoplatonismo. O judaísmo e o cristianismo, pois, simplesmente reputaram isso como uma verdade, sem qualquer tentativa de expandir a questão, mormente sobre a «natureza» do homem, ainda que muito tenha sido acrescido acerca do destino humano, mediante a revelação divina, visto que essa é a tese primordial desses documentos sagrados. Não é de surpreender, portanto, descobrirmos que a maioria dos teólogos cristãos primitivos se compunha dos que criam na teoria «dicotomista», pois muitos deles eram ou filósofos neoplatônicos convertidos ao cristianismo ou estavam sob a influência dessas idéias conforme era o

## DICOTOMIA

caso de Justino Mártir, de Clemente de Alexandria, de Orígenes e de Agostinho. Outrossim, não é surpreendente descobriremos que a maioria dos teólogos subseqüentes do cristianismo tenha conservado a mesma posição. Ocasionalmente, por causa da influência de I Tes. 5:23, e de alguns poucos outros que lhe são similares (ver Heb. 4:12 e Luc. 1:46,47), alguns teólogos cristãos têm postulado um complexo de energias em três níveis, como aquilo que caracteriza a natureza do ser humano. Mas essa posição, embora certamente esteja mais próxima da realidade do que a posição anterior (segundo os modernos estudos no campo da parapsicologia bem o têm demonstrado), não tem encontrado muitos aderentes, nem mesmo na igreja, provavelmente porque lhe falta a tradição necessária e a base teológica e filosófica antiga.

Platão opinava que a alma humana participa do espírito eterno, embora tivesse havido um ponto, dentro do tempo, quando ocorreu a individualização, sendo assim formada uma personalidade distinta. Para ele, pois, a alma seria eterna, jamais tendo sido criada em sua substância básica, pois realmente faria parte de uma divindade universal. O corpo foi dado à alma depravada como castigo, ainda segundo o ponto de vista de Platão, como um veículo para a alma usar neste mundo de matéria crassa, e no qual o homem se vê aprisionado até que, devido à purificação suficiente, seria libertado para poder escapar para as dimensões puramente espirituais. Outros crêem que o corpo é um produto da evolução, que se teria originado da criação animal, e que a alma, ao descer, ao passo que o corpo vai ascendendo na escala animal, finalmente encontra um lugar de habitação na matéria, por intermédio do corpo físico. Mas essa residência da alma, neste mundo de matéria grosseira, — seria indigna para ela, de onde se concluiria que tal situação lhe foi dada como punição. E a finalidade de toda a conduta ética seria libertar a alma desse nível de matéria crassa, a fim de que pudesse ela buscar ao bem e a Deus, a fim de vir a ser finalmente absorvida em Deus, para que o «ego» pudesse tornar-se novamente o «superego», e assim viesse a possuir novamente a consciência de Deus.

Platão dividiu a personalidade humana em três partes: *vegetal* (a matéria do corpo); *ânimo* (evidentemente um atributo da alma), a coragem para enfrentar os problemas éticos da vida, e vencer; *racional*, o princípio espiritual, a alma. Estas divisões sugerem um homem triúno, mas não temos provas de que Platão quis ensinar esta metafísica com estes termos.

Aristóteles dividia a *alma* em seus aspectos *animal* e *racional*, ou seja, aquilo que ela tem em comum com o que é animal e com o divino. E para ele o divino consistiria de «pensamento puro a pensar de si mesmo». Essa divisão seria uma espécie de base filosófica para a posição da «tricotomia»; mas a teologia cristã nunca lançou mão decididamente dessa base. Pelo menos Tomás de Aquino, alicerçado sobre Platão e Aristóteles, acreditava que a alma é de origem «celestial», o que significa que sua origem seria diferente da do corpo (o que é contrário à posição do «traducionismo», o qual diz que a alma é transmitida aos filhos no ato da concepção). Entretanto, Tomás de Aquino não dividia claramente a personalidade humana em três componentes, o que poderia ter feito se porventura tivesse desenvolvido a sugestão de Aristóteles.

Uma forma radical de dicotomia tem sido desenvolvida por filósofos como Spinoza e Leibniz.

Nos escritos deste último, por exemplo, não se vê nenhuma «interação» entre o corpo e a alma. Pelo contrário, a personalidade humana seria uma «mônada», onde todas as supostas características de corpo e espírito teriam sido «preestabelecidas» por Deus, como ocorrências «paralelas», sem envolvimento algum de causa e efeito. Normalmente, entretanto, pensa-se que o corpo e a alma, as duas partes distintas do homem, sem importar se têm origem comum ou não, reagem e interagem entre si, em face do estímulo de uma sobre a outra.

**III. Tricotomia.** Filosoficamente falando, essa posição já contava com o pano de fundo formado pelas idéias de Aristóteles, o que já tivemos oportunidade de mencionar. Os estoicos introduziram o «pneuma» no sistema mundial, que seria a alma ou razão divina (idéia semelhante à do «Logos»), que transcenderia à alma humana. E o destino do homem consistiria da reabsorção no espírito divino. Assim sendo, haveria três elementos, embora não pudessem ser representados todos juntos, como atuais características da natureza humana. Não obstante, o *pneuma*, por ser a porção mais elevada, ainda que se pareça com a *psuche*, é uma distinção filosófica e teológica natural que encoraja a idéia tricotomista. Orígenes aplicava tais pensamentos à sua interpretação acerca das Escrituras, crendo que os mesmos deveriam ser interpretados acerca dos três pontos seguintes: 1. A natureza do «soma» (ou corpo físico), que seria o seu sentido «natural». 2. O sentido «psíquico», ou seja, o seu sentido simbólico. 3. E a manifestação «pneumática», isto é, aquilo que tange ao sentido místico ou de maior elevação espiritual.

Muitos evangélicos modernos têm defendido a posição da tricotomia. A asseveração de C.I. Scofield é tão boa quanto outra. Diz ele: «O homem é uma trindade. Que a alma e o espírito humanos não são idênticos se comprova pelos fatos de que são divisíveis (ver Heb. 4:12), e que alma e espírito são claramente distinguidos quando do sepultamento e da ressurreição do corpo. É sepultado o corpo natural (no grego, 'soma psuchikon', 'corpo animado') e é ressuscitado corpo espiritual (no grego, 'soma pneumatikon', 'corpo espiritual'), conforme se lê em I Cor. 15:44. Portanto, asseverar-se que não há diferença entre alma e espírito é dizer que não há diferença entre o corpo mortal e o corpo ressurrecto. No uso das Escrituras também se pode acompanhar diferenças entre alma e espírito. — Em suma, essa distinção significa que o espírito faz parte do homem que 'conhece' (ver I Cor. 2:11) a sua mente; a alma é a sede dos 'afetos', dos 'desejos', e, portanto, das 'emoções', da 'vontade' ativa, do próprio 'eu'. A minha alma está profundamente triste, até à morte (Mat. 11:29; 26:38; João 12:27). A palavra traduzida por 'alma', no A.T. ('nephesh'), é o equivalente exato do termo neotestamentário que significa 'alma' (no grego, 'psuche'); e o uso do termo 'alma', no A.T., é idêntico ao uso daquela palavra no N.T. (Ver Deut. 6:5; 14:25; I Sam. 18:1; 20:4,17; Jô 7:11,15; 14:22; Sal. 42:6 e 84:2). O termo neotestamentário para indicar 'espírito' (no grego, 'pneuma'), tal como o termo 'ruach', que aparece no A.T., também é traduzido por 'ar', por 'respiração', por 'vento', mas predominantemente por 'espírito', sem importar se está em foco o Espírito de Deus (por exemplo, Gên. 1:2 e Mat. 3:16), ou o espírito do homem (ver Gên. 41:8 e I Cor. 5:5). Visto que o homem é 'espírito', é capaz de ter consciência de Deus, de comunicar-se com Deus (ver Jô 32:8; Sal. 18:28 e Pro. 20:27); e posto que o homem é 'alma', tem ele consciência de si

mesmo (ver Sal. 13:3; 42:5,6,11); e posto que o homem é 'corpo', mediante os seus sentidos toma consciência do mundo (ver Gên. 1:26).

Naturalmente, muitos defeitos podem ser encontrados na declaração acima, pois as palavras usadas na Bíblia não se prestam à distinção tão clara como poderíamos pensar. Por exemplo, os vocábulos «pusche» e «pneuma» são freqüentemente empregados como sinônimos, sem qualquer diferença tencionada quanto ao seu sentido. Platão usava a palavra «pusche», freqüentemente, para indicar a porção «imaterial» do homem, capaz de conhecer a Deus e, realmente, capaz de ser reabsorvida por ele, ao passo que C.I. Scofield usa nesse sentido exclusivamente a palavra «pneuma». Não obstante, há aqui certo aspecto da verdade, pois o homem possui de fato esses níveis de consciência, de tal modo que, «empiricamente», conhece a terra (através dos sentidos do corpo); «racionalmente» o homem conhece a si mesmo, aos princípios éticos e a outras coisas, mediante a razão, as emoções ou a intuição; e «espiritualmente», através do misticismo, ele conhece as realidades superiores, que estão completamente fora do alcance dos sentidos físicos ou da simples faculdade intuitiva. Portanto, apesar de que tudo isso só pode ser dito de maneira inexata e hesitante, pois ainda não sabemos muito sobre o que o homem realmente é, algumas distinções verdadeiras podem ser estabelecidas.

Note-se que o problema não pode ser resolvido mediante o uso de textos de prova. Segundo foi salientado, o N.T. (e menos ainda o A.T.), não faz qualquer tentativa para definir essas questões, pois nesses documentos não achamos esclarecimentos nem sobre a origem e nem sobre a natureza do homem, do ponto de vista metafísico; e a própria idéia da existência da «alma» apareceu tarde no judaísmo. O que temos aqui declarado assumiu a forma da cultura daquela época, especialmente o que é mediado através do neoplatonismo. Se nossas idéias tiverem de ser mais refinadas do que isso, para não sermos deixados essencialmente sobre bases dicotomistas, então teremos de buscar informações em outras fontes.

**IV. A Ajuda da Ciência.** Estudos em universidades, que procuram demonstrar o que o homem é, têm mostrado, certamente, que o complexo de energias que constituem o homem, são *pelo menos* três. A experiência humana, na separação de energias na morte, mostra que o homem é mais do que dualista. A volta do ser essencial depois dos primeiros passos da morte (depois da morte clínica do corpo) não é uma experiência rara. Estudos sobre este acontecimento mostram que na separação de energias, ao momento da morte, três energias são envolvidas, sendo a energia do corpo, a vitalidade, e o ser essencial, a alma (espírito). Talvez possamos usar as palavras «corpo», «mente» e «alma» para designar estas energias. Estudos sobre estas questões podem ser classificados como preliminares, mas até o ponto onde temos chegado, podemos afirmar que o homem é, pelo menos, um ser tríuno.

No que concerne a propósitos práticos, pode-se dizer que o homem é uma «trindade», tal como Deus é «tríuno», pois é assim que ele se manifesta presentemente. E isso não é argumento desprezível, posto que o homem foi criado segundo a imagem de Deus, parecendo que, naturalmente, sua natureza se manifesta também mediante três elementos. Porém, no que concerne à real natureza metafísica do homem, pode-se dizer apenas que nosso conhecimento a respeito ainda é pequeno, pois nesse campo reina

profundo mistério. O que é certo é que no homem há muito mais que o corpo e a alma, ou seja, a parte material e a parte imaterial, que é a grande tese da dicotomia. Ver o artigo sobre *Imortalidade*.

**V. O Sobre-ser.** Religiões orientais postulam um quarto elemento no complexo de energias que constituem o homem. O *Sobre-ser* é considerado o verdadeiro homem, um ser de elevada natureza e posição, semelhante ao *anjo da guarda* do cristianismo. Mas o *Sobre-ser* seria o próprio homem, ou a entidade verdadeira da pessoa, enquanto que a *alma* seria controlada e utilizada por ele, da mesma maneira que o corpo é utilizado pela alma. — O *Sobre-ser*, segundo estas religiões, é capaz de se encarnar em mais do que um corpo ao mesmo tempo, como a mão controla cinco dedos que são, ao mesmo tempo inter-relacionados e, coletivamente, associados à mão. — Segundo esta doutrina, cada pessoa terrena representa mero fragmento de seu ser *verdadeiro*. Após de cada pessoa há uma força espantosa, e esta força é a própria pessoa em outra e mais alta dimensão, como no cristianismo o anjo da guarda é uma força que acompanha a pessoa. Esta doutrina não elimina, obviamente, outros seres mais altos, como os anjos, por exemplo, mas exalta poderosamente a natureza humana, dando a ela uma explicação altamente espiritual. De modo semelhante, as Escrituras declaram que o homem é um pouco mais baixo do que os próprios anjos, Salmo 8:5.

## DICTATUS PPAE

Esses documentos também são conhecidos pelo nome de *Dictatus Hildebrandini*. Até recentemente, cria-se que essas eram declarações feitas por Gregório VII (que vide), acerca dos direitos e prerrogativas dos papas. Sabe-se agora, entretanto, que elas foram compiladas por seus seguidores, em cerca de 1085, após o falecimento de Gregório VII. Esses documentos incluem vinte e sete teses, principalmente acerca de opiniões concernentes à relação entre a Igreja e o Estado, posto que alicerçadas, principalmente, sobre as idéias de Gregório VII.

## DIDACHE

- I. Caracterização Geral
- II. Proveniência
- III. Data
- IV. O Texto e o Cânon
- V. Conteúdo

### I. Caracterização Geral

O termo *didache* é grego e significa «ensinamento». Como título, refere-se aos ensinamentos do Senhor, transmitidos pelos apóstolos. O livro é um breve manual que fornece informações sobre a vida eclesiástica, questões morais e crenças dos antigos cristãos. Presumivelmente foi escrito antes de 150 D.C. A sua *primeira seção* contém um código de ética bastante legalista. A substância dessa seção também se encontra na *Epístola de Barnabé* 18—20. Essa epístola parece ter sido escrita com base em uma forma mais antiga do *Didache* do que aquela que atualmente possuímos; ou então houve uma fonte comum de ambos esses documentos, e não um empréstimo direto. Material extraído do evangelho de Mateus amplia os ensinamentos ali expostos. A *segunda seção* oferece várias instruções a respeito do batismo, de jejuns, de orações e da Ceia do Senhor. A obra ficou esquecida por aproximadamente mil anos. Então foi redescoberta por Briênios, um prelado

ortodoxo, em Constantinopla, no ano de 1875. E foi publicada em 1883. O manuscrito descoberto data de 1056.

## II. Proveniência

Não há como determinar onde essa obra foi escrita. Porém, a maioria dos estudiosos prefere pensar na Síria. As referências a montanhas (9.4), fontes e termas (7.2) parecem indicar aquele país; mas certamente não ficam eliminados certos outros países.

## III. Data

Essa obra não parece representar uma única composição escrita, e, sim, uma compilação, cujas porções constitutivas derivam-se de diferentes décadas, talvez separadas por cerca de cinquenta anos. A *Epístola de Barnabé* e o *Pastor de Hermas* contam com algum material correspondente, podendo refletir uma versão anterior, que desconhecemos. Alguns especialistas têm falado em uma data tão remota quanto 60 D.C., mas as interdependências literárias dificilmente apoiam uma data tão antiga. O uso que faz do evangelho de Mateus situa a obra pelo menos nos fins do século I D.C. Suas alusões a oficiais eclesiásticos refletem uma data antes que houvesse muito desenvolvimento eclesiástico. Não há ali qualquer indicação de um episcopado monárquico, nem de líderes religiosos itinerantes, e os profetas continuavam sendo figuras comuns no cristianismo. As práticas em volta da celebração da Ceia do Senhor parecem bastante primitivas. Portanto, essa obra não pode ter sido produzida depois de 150 D.C., podendo ter-se originado tão cedo quanto o fim do século I D.C.

## IV. O Texto e o Cânon

O *Didache* tem um original grego. Clemente de Alexandria parece tê-lo citado em sua obra *Miscelâneas* (I.20). Eusébio classificou-o entre os *nothoi*, ou seja, obras espúrias, o que nega a suposta origem apostólica. — Atanásio informa-nos que a obra chegou a desfrutar de posição canônica (*Epístola Festiva*, 39). O livro de Nicéforo intitulado *Stichometry* (cerca de 850 D.C.) alista o livro como uma obra rejeitada. Sua redescoberta, em 1056, provocou alguma agitação, mas a longo prazo, não adquiriu qualquer autoridade especial, embora contenha algumas valiosas informações históricas, especialmente no que tange às idéias da antiga Igreja Cristã. Os manuscritos descobertos por Filoteu Briênios continuam sendo os exemplares mais notáveis. Há um texto grego variante quase completo dessa obra nas *Constituições Apostólicas* (século IV D.C.), bem como um fragmento do mesmo no *Papiro de Oxyrhynchus* n° 1782, também do século IV D.C. Dois manuscritos latinos contêm uma parte da primeira seção do *Didache*. O primeiro desses manuscritos data do século IX ou X D.C., e o segundo data do século XI D.C. Goodspeed pensava que o segundo desses manuscritos, intitulado *De Doctrina Apostolorum*, representaria a forma original do *Didache*, mas isso tem sido posto em dúvida por outros eruditos.

## V. Conteúdo

1. Os dois caminhos (caps. 1-6).
2. Práticas cúlticas, incluindo o Batismo e a Eucaristia (caps. 7—10).
3. Regras para os líderes e para a conduta dos negócios eclesiásticos (caps. 11-15).
4. Questões escatológicas (cap. 16).

### Algumas Idéias Específicas:

A. *Os Dois Caminhos*. Esse é um material que corresponde a certas porções da epístola de Barnabé

(que vide). O tema é um antigo motivo literário. (Ver Deu. 30:15 e Jer. 21:8). O *Manual de Disciplina* da comunidade de Qumran (ver o artigo sobre os Manuscritos do Mar Morto), apresenta algum material similar. No *Didache* o contraste central é entre a Vida e a Morte. Nas outras obras citadas, entre a Luz e as Trevas. Os textos da epístola de Barnabé e do *Didache* são bastante parecidos para levar os estudiosos a pensarem que há uma dependência literária, ou do *Didache* à epístola de Barnabé, ou vice-versa. Porém, o mais provável é que ambas essas obras tomaram elementos emprestados de alguma fonte comum. Nesse confronto, o *Didache* exhibe forte influência do Antigo Testamento, embora também incorpore textos extraídos do evangelho de Mateus, ou do evangelho de Lucas. Outros supõem, entretanto, que, nesse caso, o empréstimo foi de algum documento ainda mais antigo do que os evangelhos, ou então alicerçou-se sobre a tradição oral.

B. *A adoração e os ritos* são temas importantes da instrução catequética: jejuava-se antes do batismo (7:4); a fórmula batismal era trinitariana (7:1); era usada água corrente em temperatura normal, e o modo do batismo era por imersão, embora o trecho de 7:3 pareça indicar que a afusão ou derramamento também era usada como alternativa. Quanto à Ceia do Senhor era empregado o vocábulo eucaristia (9:1; 10:7; 14). Parece que a refeição de amor e a eucaristia ainda eram celebradas conjuntamente, quando esse documento foi escrito. A eucaristia era servida somente aos que já eram batizados; há uma forte ênfase sobre as idéias de ação de graça e de triunfo, no tocante à adoração e às cerimônias eclesiásticas.

C. *Conhecimento e santidade* são dois itens ressaltados. O ascetismo é combatido, porquanto os alimentos sólidos e as bebidas eram considerados dons de Deus.

D. Encontramos ali o *Dia do Senhor* (ver sobre *Domingo, Dia do Senhor*) como o dia em que a eucaristia era celebrada (14:1).

E. *Características gerais da vida cristã*, que se esperavam da parte dos fiéis eram: orações em favor uns dos outros (2:7); o evitar as divisões (4:3); a generosidade (1:5; 13:3,4); a hospitalidade (11:4); a rejeição de alimentos oferecidos a ídolos (6:3); a utilidade do jejum (8:1); a realidade das perseguições e tentações (15).

F. *Títulos de Oficiais Eclesiásticos*: apóstolos (11:3-6); profetas (10:7; 11:3-11; 13:1-4); mestres (11:2; 15:2); supervisores (15:1); diáconos (15:1). Os três primeiros desses títulos eram dados a oficiais itinerantes, o que mostra a recuada data da obra. Supervisores e diáconos, entretanto, aparecem como oficiais residentes de uma igreja local.

G. *A Parousia* (que vide) é uma doutrina ressaltada no *Didache* (15:8). A hora da volta de Cristo seria desconhecida (16:1), mas haveria sinais de sua aproximação. Seria anunciada, pelo menos em parte, pelo desvio de certos cristãos, que seguiriam falsos mestres (16:4). Apareceria uma figura chamada anticristo (16:4). A *parousia* seria precedida por um sinal visível no firmamento, haveria o somido de uma trombeta; os mortos justos seriam ressuscitados; seguir-se-ia à *parousia* o julgamento final. Os cristãos deveriam preparar-se para a *parousia* (16:1).

*Bibliografia.* (AM E C GR Z)

## DIDEROT, DENIS

Filósofo francês nascido em 1713. Faleceu em 1784.

Sua terra natal era Langres. Educou-se na faculdade jesuíta Luis-le-Grande, em Paris. Foi enciclopedista, editor e autor contribuinte da famosa Enciclopédia Francesa. Ver o artigo separado sobre os Enciclopedistas. Muitos artigos dessa obra seguiram uma orientação ortodoxa, mas uma certa insinceridade transparecia. Também houve artigos que levantaram questionamentos e debates, e a obra foi violentamente atacada pelos jesuítas e pelos jansenistas. Diderot também escreveu sobre assuntos como filosofia, religião, teoria política, literatura, comércio e ciências em geral. Era empirista e seguia as idéias de Locke. Também era materialista, atribuindo à matéria qualidades como a sensibilidade, etc., o que explicaria a vida e o pensamento. Era determinista, afirmando que o livre-arbítrio humano é uma ilusão. Parte de suas idéias antecipou a teoria da evolução, de Darwin, e parte de seus estudos sobre a psicologia, especialmente no tocante à influência do período infantil de nossa vida, influenciou conceitos expostos mais tarde por Freud.

Obras. *Encyclopédie; Philosophical Thoughts; Letter on the Blind; Thoughts on the Interpretation of Nature; Letters on Deaf Mutes; Rameau's Nephew.*

## DÍDIMO

No grego, *didimos*, «gêmeo». O vocábulo é usado como apelido do apóstolo Tomé, «Tomé, o Gêmeo», mas que as traduções geralmente traduzem como «Tomé, chamado Dídimos», o que corresponde, realmente, a uma transliteração (João 11:16). Ver também João 20:24 e 21:2, bem como o artigo geral sobre *Tomé*, além do artigo sobre os *Apóstolos*. Esse nome de Tomé não figura fora do evangelho de João. O fato de que Tomé foi assim chamado, por um nome inequivocamente grego, mostra o uso generalizado do idioma grego, mesmo nas mais remotas áreas da Palestina. Rejeitamos a interpretação fantasiosa que afirma que o próprio Senhor Jesus conferiu esse título a Tomé, devido à combinação que nele havia de fé e de dúvida. Parece evidente que Tomé era um gêmeo biológico, razão pela qual era chamado Dídimos. As tradições afirmam que ele tinha uma irmã gêmea, de nome Lísia. Outros, entretanto, dizem que o gêmeo era o próprio Jesus, ou um irmão de Jesus, e que o verdadeiro nome de Tomé era Judas e que ele seria o homem com esse nome, mencionado em Mateus 13:55. Entretanto, tal conjectura em relação a Jesus, é simplesmente impossível. Poderia ter sucedido que Maria tivesse tido gêmeos, mas que tal fato tivesse sido ignorado nas narrativas neotestamentárias sobre o nascimento de Jesus, e que nenhuma assertiva da Igreja primitiva tenha confirmado isso? Em sua *História Eclesiástica*, Eusébio chama-o de Judas, como também o faz o evangelho apócrifo intitulado *Acta Thomae*. É possível que esse próprio fato (que ele também tinha o nome de Judas) tenha levado alguns intérpretes a vincularem-no ao irmão de Jesus que tinha esse nome, para, em seguida, fazer dele o irmão gêmeo de Jesus, ou de um irmão de Jesus. Usualmente, as tradições procuram preencher os hiatos de informação, com meras suposições, e errando. Seria uma curiosidade histórica da mais alta ordem se Jesus tivesse tido um irmão gêmeo. Esse fato teria sido mais do que suficiente para causar muitos comentários. Mas, o fato de que não há qualquer alusão a isso, nem no Novo Testamento e nem nos escritos dos primeiros cristãos, serve para mostrar a falsidade de tal especulação. É possível, entretanto, que seu gêmeo era outro irmão de Jesus, também filho de Maria.

## DIDRACMA

Ver o artigo geral sobre o *Dinheiro*. A didracma era uma dracma dupla, uma moeda de prata equivalente a duas dracmas áticas, ou ao meio siclo dos judeus (Josefo, *Anti.* 3:8,2). A lei judaica requeria que todo judeu pagasse meio siclo ao templo (Êxo. 30:13 ss), o que correspondia à didracma, em Mateus 17:24, onde a nossa versão portuguesa diz «duas dracmas», o tributo exigido de Jesus. Originalmente, as dracmas áticas eram mais pesadas e valiam mais, mas o peso dessa moeda foi diminuindo até chegar a ter o valor mais ou menos equivalente ao *denário*. O denário era a principal moeda de prata dos romanos. Essa moeda pagava o salário diário de um trabalhador, o que nos fornece o valor de compra aproximado da mesma, nos dias do Novo Testamento (Mat. 20:2,8,13). Um soldado romano, entretanto, recebia menos que um denário, e, por conseguinte, menos que uma dracma (Tácio, *Anais* 1.17).

## DIES IRAE

Expressão latina que significa «dia da ira». Esse é o nome de um hino latino atribuído a Tomé de Celano, um monge franciscano, usado como seqüência das missas de *réquiem* (que vide). Nesse tipo de missa há os seguintes estágios: intróito, kyrie, gradual e tratado, seqüência, ofertório, *sanctus* e *benedictus*, *Agnus Dei* e a comunhão (ver os artigos a respeito). O hino *Dies Irae* é entoado entre a leitura da epístola e as seleções tiradas dos evangelhos. Seu título deriva-se do fato de que a peça começa com essas palavras. Descreve o dia da ira de Deus, juntamente com um pedido de misericórdia.

## DIETA DE WORMS

Ver *Worms*, *Dieta de*.

## DIETRICH DE FREIBERG

Suas datas aproximadas foram 1250-1310. Foi um escolástico alemão. Nasceu em Freiberg. Educou-se em Paris, onde também ensinou. Em sua filosofia, ele combinava idéias de Aristóteles e de Agostinho, de tal modo que criou um sistema que se opunha ao de Tomás de Aquino. Também incluiu alguns elementos de Proclo e de Avicena. Foi autor prolífico, tanto no campo da filosofia como no das ciências. Publicou mais de 30 tratados. Sobre a óptica ele escreveu *De Luce et eius origine* (Sobre a Luz e sua Origem) e também *De Coloribus* (Sobre as Cores). Tornou-se mais conhecido por causa de suas teorias sobre a natureza do arco-íris. Suas teorias ópticas não foram superadas senão após mais de trezentos anos, pelo que ele esteve entre os pioneiros, todos os quais acertam e erram quanto a vários particulares, progredindo ou retrocedendo.

## DIETRICH DE NIEM

Suas datas aproximadas são 1343-1418. Foi um conciliarista alemão. Por muitos anos serviu como secretário de papas. Rompeu com Gregório XII (1408), dando apoio ao concílio de Pisa. A má administração de João XXIII levou-o a um total *conciliarismo* (que vide). Isso quer dizer que ele opinava em favor da autoridade dos concílios como superior à autoridade dos papas, e que os próprios papas deveriam submeter-se às decisões dos concílios.

••• ••• •••

**DIFATE**

Erro de cópia em lugar de **Rifate** (que vide).

**DIFERENTIA**

Ver o artigo sobre **Definição**, quarto ponto.

**DILEĀ**

No hebraico «colocintida». Esse era o nome de uma cidade na porção baixa do território de Judá (Jos. 15:38). Alguns estudiosos a têm identificado com o moderno Tel en-Najileh, embora não se tenha certeza quanto a isso.

**DILEMA**

Essa palavra vem do grego *dis*, «duas vezes», e *lemma*, «suposição», ou «premissa». Portanto, um *dilema* ocorre quando há duas ou mais alternativas, propostas, soluções, etc., as quais, tendo méritos iguais ou quase iguais, não podem ser facilmente escolhidas. No sentido negativo, um dilema apresenta a necessidade de escolher entre duas coisas ou ações igualmente indesejáveis. No campo da *lógica*, trata-se de um argumento silogístico que apresenta duas alternativas ou mais, nenhuma das quais é satisfatória.

*O Dilema nos Argumentos e na Retórica.* Como um dilema pode ser rompido: 1. descobrindo-se outra alternativa que resolva melhor o problema, do que as alternativas até então apresentadas. *Exemplo teológico:* a Bíblia ensina que a ira de Deus sobrevirá aos pecadores, presumivelmente para sempre. *Alternativa:* em alguns versículos, a Bíblia parece ensinar uma reversão final e universal dessa ira, conforme se vê em Efésios 1:10. *Co-alternativa:* a Bíblia ensina que o número dos eleitos será pequeno: muitos são chamados, mas poucos são os escolhidos. Os eleitos serão *remidos*; os não-eleitos serão, finalmente, *restaurados*, e o julgamento divino será uma medida remedial para que isso aconteça. Isso é como escapar entre os chifres ameaçadores do dilema. 2. *Posterior elaboração* de uma das alternativas. Um dilema pode ser rompido se alguém puder apresentar argumentos mais convincentes em favor de uma das alternativas, argumentos esses que, até então, não tinham sido considerados. Isso chama-se *agarrar* um dos chifres do dilema. 3. *Refutamento* de um dilema. Isso se consegue quando alguém cria um novo dilema, o qual contradiz o primeiro, eliminando-o totalmente.

*Os Dilemas do Conhecimento Humano.* Os homens conhecem as coisas de modo parcial e imperfeito, mesmo quando são ajudados pela revelação. Portanto, é apenas natural que eles encontrem dilemas em seus sistemas. Um sistema sem dilemas é uma simplificação que ignora a dolorosa inquirição pela verdade. Ver os artigos separados sobre *Paradoxo* e *Polaridade*, que ilustram essa idéia.

**DILEMA DE EUTIFRO**

Ver *Eutifro*, *Dilema de*.

**DILLMAN, CHRISTIAN FRIEDRICH AUGUST**

Suas datas foram 1823-1894. Foi um luterano alemão, erudito do Antigo Testamento e professor em Kiel, Giessen e Berlim. Distinguiu-se em face de suas pesquisas sobre o idioma e a literatura etíopes, bem como por seu trabalho sobre a literatura judaica apocalíptica.

**DILTHEY, WILHEIM**

Suas datas foram 1833-1911. Foi um filósofo alemão da escola neokantiana. Nasceu em Biebrich. Educou-se em Heidelberg e Berlim. Ensinou em Basileia na Suíça, em Kiel e Breslau e finalmente na Universidade de Berlim. Revoltou-se contra o positivismo científico e o naturalismo, voltando a atenção para a corrente da história, conforme experimentada, em primeiro lugar, pelo próprio indivíduo, e, em seguida, no fenômeno da cultura, como uma maneira de entendermos tanto a filosofia quanto o mundo. Isso levaria a uma compreensão melhor sobre o processo histórico, — incluindo aquele envolvido no cristianismo histórico. Após a sua morte, seus ensinamentos exerceram considerável influência, conforme se vê nos escritos de Heidegger, Splengler e Epengler (ver os artigos sobre eles). Nas suas mais radicais distinções entre as *ciências dos homens* e as *ciências naturais*, ele se opunha à maneira como são conduzidos os estudos modernos sobre a filosofia da história, tendo tomado uma posição similar à de Croce e R.G. Collingwood (que vide). Suas idéias também foram influentes nos campos da filosofia e da psicologia.

*Escritos: Introduction to the Sciences of the Spirit; Studies on the Foundation of the Sciences of the Spirit; Experience and Poetry; The Essence of Philosophy; The Types of World View.*

*Idéias:*

1. As *humanidades* universais subjazem ao processo empírico e histórico dos eventos específicos. Podemos entender esses eventos somente *revivendo* os mesmos (no alemão, *nacherleben*) em nossa própria experiência. Portanto, a história não é uma parada de acontecimentos, principalmente de acontecimentos militares, que envolvem a luta pelo poder. Antes, é a vida íntima, a experiência e os pensamentos das pessoas que causam esses eventos.

2. Ele tentou completar os estudos de Kant sobre as *categorias* (que vide), separando as ciências naturais da ciência do espírito. O conteúdo desta última só é conhecida no decurso da própria experiência da pessoa, o que transcende os fatos empíricos das ciências naturais.

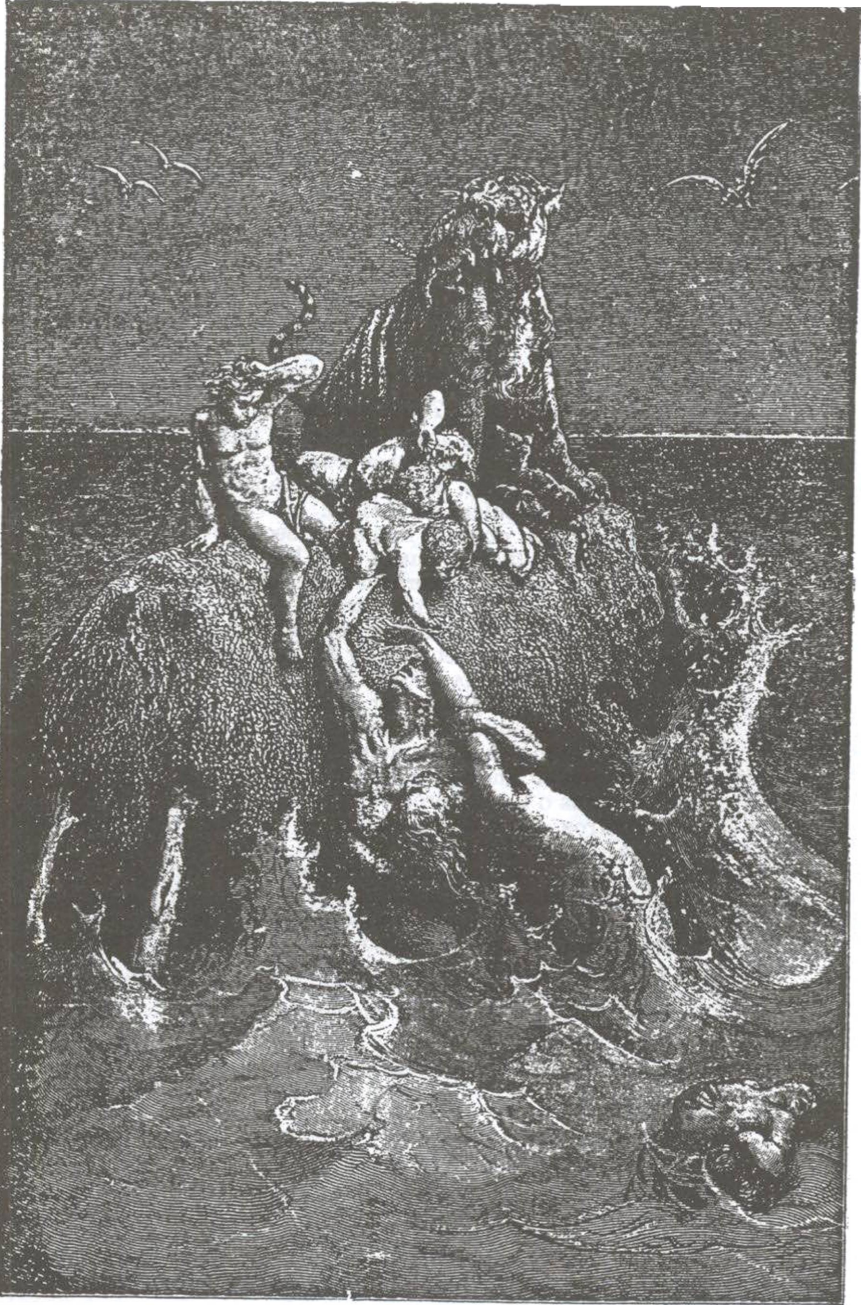
3. Nossas vidas fazem parte da vida da sociedade e participam do processo evolutivo que ali está ocorrendo. Portanto, a ciência do espírito está pesadamente envolvida no processo histórico. Procuramos *compreender* (no alemão, *verstehen*) todas as situações das quais procede o *significado* que extraímos de experiências. A história, pois, consiste em significado, e não meramente no avanço dos acontecimentos.

4. O processo filosófico envolve três estágios: a. o naturalismo (idéias e valores materialistas, fenomenalísticos e positivistas); b. o idealismo voluntarístico; c. o idealismo objetivo. Ao passar por esse processo, o indivíduo chega à consciência transcendental no tocante ao que sucede dentro do processo histórico.

5. Não existem juízos finais no campo da história e no campo da filosofia. Um historiador não pode preferir verdades finais por estar limitado à época em que vive. Esse conceito chama-se *historicismo*. Ele pode penetrar, por meio da imaginação, em outras eras, procurando estabelecer um juízo não-crítico; mas, de tal atividade nada emerge de final. E um sistema filosófico, sem importar a sua natureza, também não pode ter a palavra final, porquanto todos os homens estão limitados pelas fronteiras de sua própria época, e os processos de pensamento do futuro poderão sempre modificar tudo isso. Outro



O Dilúvio



O dia chegou

••• •••

Foi grande revelar Deus a seres angelicais;  
Foi maior estimar o homem humilde.  
Foi grande habitar no exaltado favor divino;  
Foi maior ser Salvador do homem quebrantado.  
(Russell Norman Champlin)

•••

*Cristo, Salvador de Todos os Mundos*

Cristo, Salvador de todos os mundos, em todos  
os mundos, até a beira da condenação;  
Amando, pesquisando, buscando, salvando  
para além do sepulcro ou túmulo.  
Decretos divinos, dogmas humanos, séculos  
presentes ou futuros — nada pode limitar o  
seu poder imutável, esperança fixa e sublime.  
O Cristo, imutável, Redentor eterno,  
na transição dos séculos sempre o mesmo,  
constante é o poder recuperador do teu Nome.  
Ponto de tempo chamado terra, e tu Jesus,  
não são tudo, não podem ser tudo;  
Esferas além, mundos vindouros —  
o Logos Divino deve dominar.  
Ponto de tempo findo pela morte, significa  
para alguns o fim da própria vida,  
para outros, o fim da esperança —  
ambas visões míopes, sem dúvida.  
Pois Tu és o Cristo eterno, no tempo e  
fora dele sustentas seguramente.  
Amando, pesquisando, buscando, salvando —  
para além do sepulcro ou túmulo.  
Tu és o Cristo, Salvador de todos os mundos  
em todos os mundos,  
à beira da condenação; na condenação?  
— Na Condenação! —  
(Russell Norman Champlin)

•••

tanto pode ser dito no tocante aos sistemas teológicos e denominacionais. A verdade sempre reserva surpresas para nós. Por igual modo, a verdade não pode ser limitada às delimitações de uma única época, e nem ao acúmulo de conhecimento que já tiver sido conseguido em qualquer momento da história. (AM E P)

### DILÚVIO DE NOÉ

*Esboço:*

- I. A Pré-história e Antigos Relatos do Dilúvio
- II. Provas Arqueológicas, Geológicas, Zoológicas e Botânicas de Mudanças dos Pólos e de Dilúvios
- III. A Narrativa Bíblica e o Registro Mesopotâmico
- IV. Um Dilúvio Universal ou Parcial?
- V. Data do Dilúvio de Noé
- VI. A Próxima Mudança dos Pólos — um Desastre Mundial
- VII. Implicações Éticas

#### I. A Pré-História e Antigos Relatos do Dilúvio

Muitas vezes a verdade é mais difícil de ser descoberta do que alguns gostariam que acreditássemos. A verdade geralmente requer longa pesquisa, com subsequentes comparações, combinações e separações de itens obtidos na pesquisa. A verdade sobre o dilúvio de Noé cabe dentro dessa categoria. Há muitas evidências de um grande cataclismo que envolveu um imenso dilúvio. Mas o problema não é assim tão simples. Pois há provas de *muitos* eventos dessa ordem, pelo que concluímos que *um* deles pode ser identificado com o dilúvio de Noé. Ademais, distinguir que evidências se ajustam àquele evento, e quais testificam sobre acontecimentos similares, em diferentes épocas, não é tarefa fácil. Mesmo quando abordamos somente os informes bíblicos, com base em evidências geológicas e arqueológicas, os eruditos não concordam quanto à data desse dilúvio, pensando em qualquer tempo entre 4000 e 10000 A.C. A verdadeira data, pois, está perdida em algum ponto da pré-história.

1. **Mudanças dos Pólos.** O historiador grego, Heródoto, relata seu diálogo com sacerdotes egípcios do século V A.C. Ele ficou admirado que os registros deles afirmassem que dentro do período histórico, e desde que o Egito tornara-se um reino, por quatro vezes o sol girara na direção contrária ao costumeiro. Diversos papíros egípcios falam sobre como a terra virou de cabeça para baixo, quando o sul tornou-se norte, e vice-versa. O diálogo de Platão, *Estadista*, conta a mesma história sobre a mudança na direção do raiar e do pôr-do-sol. Platão garante que quando isso ocorreu, houve grande destruição da vida animal, e que somente uma pequena porção da raça humana sobreviveu. Essas referências literárias são indicações claras de que, por mais de uma vez, os pólos da terra mudaram de posição. Alguns estudiosos afirmam que as reversões magnéticas das rochas indicam que os pólos já mudaram nada menos de quatrocentas vezes. Isso ensina que grandes cataclismos têm feito parte constante da história de nosso planeta. Considerando a cronologia bíblica, alguns têm calculado que a história de Adão emergiu depois da penúltima dessas ocorrências, e que a de Noé coincide com o último desses cataclismos. Datar esses acontecimentos, porém, é muito precário; mas, se essas narrativas são autênticas, então tanto Adão quanto Noé representam novos *começos*, e não *começos* absolutos. Isso posto, é correto falarmos em raças humanas pré-adâmicas, cujas histórias estão essencialmente perdidas para nós, excetuando alguma ocasional suposta descoberta

arqueológica não-cronológica, que não se ajusta ao período da raça adâmica. O leitor deve examinar os artigos intitulados *Antediluvianos* e *Astronomia*, onde abordamos essas teorias com maiores detalhes.

Se os pólos costumam mudar de posição, com o conseqüente deslizamento da crosta terrestre, então é óbvio que há imensos dilúvios, com ondas de até um quilômetro de altura e ventos que chegam a mil quilômetros por hora. Isso corresponderia a um grande cataclismo como aquele descrito na Bíblia, em torno de Noé. As fontes do abismo se rompem, os oceanos mudam de lugar. Não seria, talvez, um acontecimento absolutamente universal, mas seria imenso. Quanto maior for a mudança polar, maior será o cataclismo, e, inversamente, quanto menor a mudança, menor o cataclismo.

#### 2. Muitos Dilúvios? Antigas Histórias de Dilúvios.

Penso que o que dizemos abaixo ilustra adequadamente o fato de que quando examinamos o passado remoto, não encontramos apenas um grande dilúvio. Houve diversos dilúvios, com a subseqüente mistura de evidências. Os sacerdotes egípcios zombaram de Heródoto, afirmando que os gregos eram apenas crianças, porquanto conheciam apenas *um* grande dilúvio. Os registros egípcios registram vários dilúvios. As pessoas que examinam somente a Bíblia, e que relutam em extrair informações de outras fontes, têm uma visão muito simples da pré-história. De fato, nem têm qualquer pré-história, por suporem que os poucos e breves capítulos da porção inicial de Gênesis pretendem narrar-nos, em forma de esboço, tudo quanto já aconteceu neste mundo. Portanto, os hebreus, tal como os gregos, tinham apenas um relato sobre o dilúvio. Mas, se Gênesis 6 — 9 nos dão detalhes de *um* desses grandes cataclismos, outros registros antigos, bem como os registros geológicos, asseguram que já houve *muitos* de tais acontecimentos. Quando os seguimos, vemos claramente que não estamos tratando de uma única época, ou de um único evento. Portanto, é inútil afirmar que todos eles são apenas cópias do relato bíblico. Antes, a narrativa bíblica destaca um único desses desastres. Muitos deles o antecederam.

A ciência diz-nos que os dinossauros viveram há milhões de anos passados. Ocasionalmente, porém, encontram-se ossos humanos mesclados com ossos de dinossauros. Então as pessoas concluem: «Os dinossauros não foram animais que viveram há milhões de anos!» Porém, essa observação ignora alguns fatos importantes: 1. Usualmente, nas áreas onde são achados restos de dinossauros, não há qualquer vestígio humano. 2. Quando esses vestígios humanos são encontrados, há uma explicação simples para isso. Os grandes cataclismos, ao reorganizarem a crosta terrestre, naturalmente misturaram as épocas, em alguns lugares, embora, em outros lugares, as camadas preservem corretamente suas respectivas épocas. 3. Os modos de datar projetam, definitivamente, tanto remanescentes humanos quanto remanescentes animais — muito antes — de qualquer cronologia que possa ser extraída do livro de Gênesis. Devemos concluir, pois, que toda a narrativa do Gênesis, excetuando Gênesis 1:1, que descreve a criação original, consiste em história *recente*, a saber, a história da raça adâmica, mas sem tocar em tempos pré-históricos realmente remotos. Muitas descobertas científicas, a começar pelo século XIX, envolvendo fósseis de formas de vida extintas e artefatos primitivos, em sucessivas camadas de rochas, indicam uma pré-história muito mais ampla e complicada do que até então tem sido concebida pelos estudiosos.

a. *Histórias de dilúvios na Mesopotâmia.* Em 1872,

## DILÚVIO DE NOÉ

George Smith, ao decifrar antigos documentos assírios, achado em 1853, por arqueólogos britânicos que trabalhavam em Nínive, encontrou uma antiga versão mesopotâmica do relato do dilúvio que, de alguma maneira, tem certos paralelos parecidos com a narrativa de Gênesis. Smith descobriu a biblioteca do rei Assurbanipal (século VII A.C.) e, dentre esse material, uma versão bem mais longa da posterior história babilônica do dilúvio. Elementos dessa história desde há muito eram conhecidos nos escritos de um babilônio de nome *Beroso* (século III A.C.), cujos fragmentos foram citados por Josefo e Eusébio. Mas foi então que veio à luz o mais longo épico de Gilgamés. Essa história aparece naquele que é atualmente conhecido como o *tablete do dilúvio* de número onze, proveniente da cultura assíria, cuja narrativa sobre o dilúvio tem sido preservada, com menores detalhes, pelos registros babilônicos. O épico de Gilgamés, porém, é apenas uma história de uma série de relatos, que parecem ter-se derivado da mesma tradição. Certo número de versões de um relato de dilúvio tem sido encontrado entre os documentos em escrita cuneiforme, escavados no Oriente Próximo.

Um *tablete sumério de Nipur*, no sul da Babilônia, relata como o rei Ziusudra, ao ser advertido sobre um dilúvio próximo, que a assembléia dos deuses resolvera enviar para destruir a humanidade, construiu uma grande embarcação, e assim escapou ao desastre. Esse *tablete* é datado de cerca de 2000 A.C., sendo possível que se trate apenas da preservação de uma narrativa muito mais antiga. Versões acádicas dessa história procedem da Babilônia e da Assíria. O épico *Atrahasis* fala de um dilúvio enviado para expurgar a humanidade. O épico de Gilgamés é o mais bem detalhado, derivado da versão acádica. Nesse relato, Gilgamés é informado por um sobrevivente de um dilúvio que ocorreu muito tempo antes, de nome *Uta-napishitim*, de como ele escapou da morte em um grande dilúvio, por haver sido avisado do mesmo pelo deus Ea, para que construísse um barco no qual abrigou a sua família, animais domésticos e selvagens, e tesouros de ouro e de prata. Esse dilúvio teria perdurado por sete dias, e o barco veio a repousar sobre o monte Nisir, no noroeste da Pérsia. Uta-napishitim teria enviado, em sucessão, uma pomba, uma andorinha e um corvo. Quando o corvo não voltou, isso foi tomado como sinal de que o barco podia ser abandonado em segurança. Uta-napishitim ofereceu holocaustos às divindades, e estas, como moscas, juntaram-se em torno dos mesmos. Uta-napishitim falou a Gilgamés sobre uma planta rejuvenescedora, existente no fundo do mar, um tipo de variante da lenda da fonte da juventude. Gilgamés a obteve, somente para vê-la ser roubada por uma serpente. O poema termina com uma nota amarga, onde Gilgamés queixa-se de que os seus labores haviam sido feitos em vão, e que somente a serpente, afinal de contas, fora beneficiada. Esse pormenor da história é deveras interessante. Presumivelmente, o dilúvio foi causado pelo deus Enlil, por causa dos muitos ruídos produzidos pela humanidade, que lhe perturbavam o sono. (Podemos simpatizar com isso, nesta nossa época de muita poluição sonora!) Entretanto, o deus Ea não concordou com o decreto do deus Enlil, pelo que avisou a Uta-napishitim do dilúvio iminente, o que resultou na sua sobrevivência. A história do dilúvio entra no épico de Gilgamés como um detalhe lateral, porquanto, na realidade, conta a história de um herói acadiano em busca da vida eterna. Gilgamés, rei da cidade de Ereque, no sul da Babilônia, é o herói dessa história.

Em suas aventuras, ele se encontrou com Uta-napishitim, o único mortal que já atingira a vida eterna na *terra dos viventes*, isto é, dos deuses. Gilgamés não conseguiu atingir a vida da mesma maneira que Uta-napishitim, porquanto as circunstâncias deste último haviam sido ímpares; mas foi-lhe recomendada uma planta rejuvenescedora, que foi encontrada e perdida, devido à intervenção da serpente. São óbvios os paralelos da árvore da vida e da serpente, no jardim do Éden.

Na verdade, há muitos paralelos entre esses mitos e a história do livro de Gênesis, sobre a existência do homem primitivo. Os paralelos são por demais parecidos e numerosos para os rejeitarmos como meros acidentes, pelo que ou há uma fonte informativa comum a ambos, ou uma narrativa depende da outra. Alguns eruditos supõem que o registro bíblico é o original, e que todos os demais registros seguem corrupções politeístas. Outros estudiosos supõem que as narrativas mesopotâmicas são mais antigas, e que o relato bíblico é um refinamento teológico e moral daquelas. Ver comentários sobre essa circunstância no artigo sobre a *Criação*. Ver especialmente o artigo sobre a *Cosmogonia*, onde são apresentados vários sistemas antigos de crenças, que mostram claramente a interdependência envolvida. Os grupos de estudiosos em oposição jamais chegarão a uma posição de consenso sobre a questão.

b. *Outras histórias de dilúvios*. Essas narrativas não se limitam à área da antiga Mesopotâmia. A história de um grande dilúvio, no qual apenas umas poucas pessoas escolhidas se salvaram, aparece em grande variedade de culturas, sob diversas formas. Aparecem em lugares tão distantes um do outro como a Grécia, a Polinésia, a Terra do Fogo, no extremo sul da América do Sul e no círculo polar Ártico, entre os esquimós. Os estudiosos pensam que essas narrativas falam sobre mais de um gigantesco dilúvio; e que algumas delas não passam de relatos exagerados sobre dilúvios localizados.

*Os Índios Hopi*. Esses índios, um grupo de índios Pueblos norte-americanos, que atualmente vivem em reservas indígenas no estado de Arizona, nos Estados Unidos da América, confirmam com clareza, em seu folclore, que houve tempo em que o mundo perdeu o equilíbrio, girando loucamente, por duas vezes. Isso reflete uma mudança de pólos. Eles também acreditam que o mundo anterior ao nosso foi destruído por um dilúvio. Suas lendas falam sobre civilizações avançadas, nas quais os homens viajavam em máquinas de voar. O chefe Dan Katchongva, o falecido Hopi Sun Clan, disse enfaticamente, em uma entrevista: «Os Hopi são os sobreviventes de um outro mundo, que foi destruído. Portanto, os Hopi estiveram aqui primeiro e fizeram quatro migrações, para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste, reclamando para si mesmos toda a terra, em favor do Grande Espírito, conforme a ordem de Massau'u, e em favor do *Verdadeiro Irmão Branco*, que trará o Dia da Purificação». Isso se parece com o anúncio de uma figura semelhante ao Messias, podendo ser uma referência histórica ou intuitiva sobre Cristo. Esses índios crêem na vinda, para breve, do Dia da Purificação, o que talvez seja a segunda vinda de Cristo. O *Logos* parece ter implantado as suas sementes nos lugares mais inesperados. Ver o artigo sobre o *Verbo* (Logos).

## II. Provas Arqueológicas, Geológicas, Zoológicas e Botânicas de Mudanças dos Pólos e de Dilúvios

### 1. Depósitos de Sedimentos. Muito material

## DILÚVIO DE NOÉ

arqueológico tem ficado registrado sobre esses depósitos. Sir Leonard Woolley, no seu livro, *Ur of the Chaldees* (1929) despertou muito interesse. Ele descobriu um depósito feito pela água, com data de cerca do quarto milênio A.C., que ele tomou como evidência conclusiva em prol do dilúvio de Noé. Porém, em somente dois dos cinco buracos que ele escavou, foi encontrada a sua presumida *camada do dilúvio*. Isso poderia sugerir um dilúvio local, que não cobriu a área inteira adjacente a Ur. Outras cidades, nos vales dos rios da Mesopotâmia, especialmente Quis, Fará e Nínive, também exibem camadas do dilúvio, embora não pareçam ser pertencentes à mesma época, pelo que mais de um dilúvio local deve estar em pauta. Nenhuma camada do dilúvio foi encontrada em Ereqe, a cidade associada ao épico de Gilgamés. Abundam, entretanto, as evidências literárias que falam em mais de um dilúvio de grandes proporções. Há também muitas provas de mudanças de pólos que, naturalmente, poderiam incluir gigantescas inundações. Terraços de seixos mostram que antigamente houve oceanos onde hoje há terras imersas. Sabe-se que a totalidade do território dos Estados Unidos da América já foi o leito do oceano, embora não todo ao mesmo tempo. Os oceanos tem surgido e desaparecido em vários lugares ao redor do globo, em passado remoto, que não mais podemos acompanhar com facilidade. Cataclismos, sem dúvida alguma, têm envolvido o aparecimento e o desaparecimento dessas grandes massas de água.

2. *Evidências Zoológicas e Botânicas.* Os restos de mamutes, rinocerontes, cavalos, cabras, bisões, leões e outros animais, em regiões que agora são árticas, perenemente recobertas de gelo, mostram que, em outras épocas, aquelas porções do globo eram próprias para servir de hábitat para animais de sangue quente, indicando tremendas transformações no clima dessas regiões. Parece que alguns mamutes, por exemplo, foram congelados instantaneamente. O ato de cair num buraco de gelo, não explica como foram preservados tão perfeitamente. Somente um súbito congelamento desses animais pode explicar por que eles não se putrefizeram, ainda com alimento não-digerido em seus estômagos. Focas encontradas no mar Cáspio e no lago Baical, na Sibéria, são idênticas às que hoje pululam nas águas do Alasca. Certo tipo de lagostas se encontra somente nas águas congeladas do Ártico e nas porções mais frias do mar Mediterrâneo. Esses mistérios zoológicos são explicados pela teoria de dilúvios globais, que transportaram os animais sobreviventes para grandes distâncias, em pouco tempo. Medusas fósseis têm sido encontradas incrustadas na lama. Não poderiam ter sido preservadas senão mediante o súbito congelamento, causado por alguma repentina mudança de pólos. De que outra forma as moles medusas poderiam ter endurecido como rocha? Outro tanto aplica-se a fósseis delicados, como as marcas das patas de passarinhos e os sinais deixados pela queda de uma gota d'água!

No solo congelado da Sibéria, têm sido encontradas árvores totalmente congeladas, com folhas e frutas! Nenhum processo gradual poderia ter feito isso, e nenhuma árvore frutífera medra atualmente no Ártico. No parque Yellowstone, nos Estados Unidos da América, uma montanha pesquisada mostrou contar com dezessete camadas de árvores petrificadas, ainda de pé. Entre cada camada havia uma camada de terra vulcânica. Cada camada de árvores estava em seu próprio período geológico de vida vegetal e animal. Cada época terminou mediante uma catástrofe. Quanto mais aprendemos sobre essas

coisas, tanto mais apreciamos a vastidão da criação e chegamos a entender melhor a insignificância do conhecimento que temos sobre a vida abundantíssima que existiu antes de nós. Somente um pequeno fragmento veio a ser registrado nas páginas da Bíblia, ou em qualquer outro registro. Apesar de que alguns estudiosos procuram explicações para esses fatos, não há como justificar a presença, no Ártico, de animais cujo hábitat é outro, ou a presença de uma vegetação tipicamente tropical, com folhas e frutos! E o resfriamento gradual da região também não explicaria o fenômeno dessas descobertas. Todos os argumentos esboroam-se diante do fato de que não somente o mamute é ali achado, sabendo-se que esse animal era capaz de resistir a baixíssimas temperaturas, mas também cavalos, leões, cabras, bisões, etc. Isso demonstra que nem sempre a região do Ártico foi recoberta de gelo.

3. *As Eras Glaciais e a Deriva do Gelo Glacial.* Há outras provas em favor da idéia de que os povos já ocuparam posições diferentes do que vemos hoje. Os geólogos acham difícil explicar como há hoje grandes acúmulos de gelo onde já foi região tropical ou semitropical. Já houve grandes camadas de gelo na América do Sul, na Austrália, na África e na Índia. Ao examinar os depósitos deixados por essas glacieiras e a direção em que se moveram (o que se verifica nas marcas que deixaram no solo), os estudiosos descobriram um grande mistério. Em primeiro lugar, a localização delas ignora totalmente o clima atual dessas regiões. Em segundo lugar, elas se moveram em direções contrárias àquilo que seria de esperar, considerando-se a localização atual dos pólos. O Dr. William Stokes, da Universidade de Utah, em seu texto *Essentials of Earth History*, faz a seguinte declaração:

«Na África do Sul as glacieiras moveram-se principalmente do norte para o sul—para longe do Equador. Na África central e em Madagascar, outros depósitos mostram que o gelo movia-se para o norte, para bem dentro do que é hoje zona tropical. Mas, o mais surpreendente tem sido a descoberta de grandes camadas de calíça das glacieiras no norte da Índia, onde o movimento foi na direção norte... na Austrália e na Tasmânia, onde o gelo moveu-se do sul para o norte... no Brasil e na Argentina, esse movimento foi na direção oeste».

O Dr. C.O. Dunbar, de Yale, ficou admirado diante do fato de que, no Brasil, a glaciação chega a dez graus do Equador e de como, na Índia, o gelo derivou dos trópicos para as latitudes superiores. Muitos geólogos, pois, têm chegado à conclusão de que os pólos já estiveram localizados nessas regiões atualmente tropicais, quentes. Alguns eruditos pensam que a deriva continental explica o fenômeno, mas outros pensam que a teoria da mudança dos pólos é uma explicação mais satisfatória. Essa mudança de pólos teria dois resultados: primeiro, grandes depósitos de gelo subitamente encontraram-se em climas quentes, com a subsequente deriva e dissolução, produzindo grandes rios e mares interiores. Segundo, novos acúmulos de gelo teriam início onde os pólos então ficaram, cobrindo o que antes eram regiões tropicais ou semitropicais.

4. *Data do dilúvio*, no tocante a esse fenômeno. É quase certo que o que dissemos acima se relaciona a mais de uma mudança dos pólos magnéticos da terra. É de presumir-se que a última dessas mudanças esteve relacionada ao dilúvio de Noé, e que a mudança anterior a essa esteve ligada à história de Adão. Quanto aos mamutes, a extinção dos mesmos parece



## DILÚVIO DE NOÉ

pertencer a uma antiguidade ainda anterior à do dilúvio. Portanto, essa situação ilustra como são provocados os imensos dilúvios, embora não, especificamente, o último da série. Ver o presente artigo em seu ponto V, *Data*.

5. *Depósitos de Corais no Ártico*. Sabemos que os corais são formados pelos esqueletos calcários secretados pelos tecidos de certos animais marinhos, e que esses depósitos vão-se acumulando durante milênios, até formarem os recifes. Esses animais são tropicais. No entanto, recifes de corais têm sido encontrados no Oceano Glacial Ártico!

6. *A Deriva Continental*. Sem dúvida foi preciso uma força gigantesca para separar o que atualmente é a África do que é a presente América do Sul, com todo um oceano entre os dois continentes. É bem possível que uma ou mais mudanças de pólos estejam por detrás disso.

7. *Alterações Magnéticas*. Nem sempre o norte esteve no norte, e nem sempre o sul esteve no sul. A terra é um gigantesco magneto com pólos positivo (norte) e negativo (sul), que ficam próximos dos pólos geográficos. Com base nos registros impressos nas rochas, sabemos que os pólos têm mudado alternativamente a sua polaridade magnética, através dos milênios. Nos últimos setenta e seis milhões de anos, os pólos norte e sul já mudaram de polaridade pelo menos cento e setenta e uma vezes. Nos últimos quarenta e oito milhões de anos, os registros magnéticos polares nas rochas e nos sedimentos mostram que houve cerca de cinco reversões a cada milhão de anos, com uma média de 220 mil anos entre cada reversão, com um período mais curto de 30 mil anos. Os geólogos supõem que uma nova reversão se aproxima, supondo que deverá ocorrer dentro de alguns poucos séculos, um tempo muito curto, geologicamente falando. Os místicos predizem que isso sucederá em nossa própria época, o que discutimos no sexto ponto deste artigo. Alguns cientistas pensam que essas reversões ocorrem espontaneamente (por razões ainda desconhecidas), sem qualquer mudança da posição dos pólos; mas outros supõem que as mudanças de pólos sempre são a causa dessas reversões. Ainda um terceiro grupo de estudiosos prefere a teoria dos meteoritos ou dos cometas. As reversões poderiam ser causadas por grandes colisões cósmicas, de algum corpo celeste com o globo terrestre. Outrossim, tanto as mudanças de pólos quanto as reversões magnéticas poderiam ter tais colisões como causas. Um impacto dessa grandeza poderia ser responsável pela extinção em massa dos animais.

8. *A Mudança dos Pólos e a História de Noé*. As muitas histórias sobre dilúvios quase certamente indicam que houve bolsões de sobreviventes, em vários lugares do mundo, em cada um deles. Também alguns acham difícil explicar as radicais diferenças raciais da presente humanidade, em face do tempo relativamente breve que se passou desde o último grande cataclismo. Há uma história muito mais longa de Noé para trás do que de Noé até nós. Consideremos este fato: os relatos mesopotâmicos têm muitos elementos similares aos do relato bíblico. Portanto, há uma espécie de tradição comum, naquela região do mundo, no tocante a esse desastre. Porém, as histórias provenientes de outras regiões do globo têm as suas próprias características. Esses relatos não parecem dependentes dos da Mesopotâmia. Finalmente, a China teria permanecido relativamente intocada por ocasião do dilúvio de Noé. A história chinesa pode ser acompanhada até antes desse grande

abalo, pelo que grande parte da China deve ter permanecido seca, enquanto dilúvios inundavam outros continentes ou porções de outros continentes. Todavia, os chineses não foram totalmente poupados, pois a tradição chinesa fala sobre um grande dilúvio, há pouco mais de cinco mil anos atrás e Confúcio (nasceu em cerca de 551 A.C.), em sua história da China, começa o seu relato falando sobre um dilúvio em recessão que «subira até o céu». Também há registros de imensas destruições por incêndios produzidos por perturbações cósmicas, e de como o sol não se pôs no horizonte por diversos dias (uma mudança de pólos?), além de grandes inundações. É muito difícil datar esses acontecimentos, e não podemos ter certeza sobre como relacioná-los com o dilúvio de Noé. Mas eles ilustram, a grosso modo, a história narrada neste artigo. As histórias sobre dilúvios, em outras nações, referem-se a condições locais, e não universais, conforme dizem os registros mesopotâmicos, comprovando o que dissemos acima, que deve ter havido sobreviventes de civilizações passadas, formando grupos isolados. Porém, houve muitos sobreviventes chineses, talvez sendo essa a razão pela qual atualmente os chineses chegam a cerca de um bilhão, um número inteiramente fora de proporção com as populações de outras raças.

**A história dos grandes cataclismos é uma história grandiosa, repleta de mistérios. O que oferecemos aqui é apenas um mostruário das informações de que dispomos sobre a questão. Esse material mostra que a Bíblia está com a razão ao aludir a vastíssimas destruições, não faz muito tempo na história. Isso, também, nos mostra que podemos suplementar extraordinariamente o nosso conhecimento sobre esses eventos, voltando-nos para as descobertas científicas e para as tradições literárias de outros povos.**

### III. A Narrativa Bíblica e o Registro Mesopotâmico

Ver o artigo separado sobre *Gilgamés, Epopéia de*.

Temos dado provas da declaração de que os registros bíblicos apresentam uma das tradições acerca do dilúvio, e que há outras narrativas que não se derivaram da mesma. Muitas outras histórias refletem condições locais, e não aquelas refletidas pelo relato mesopotâmico. No Irã, o *alto deus* instruiu Yima a construir um ambiente cercado por muralhas, para salvar as pessoas boas. É possível que em diversos lugares do mundo, onde as águas atingiram diferentes níveis de inundação, que diferentes modos de proteção fossem adequados para salvar algumas pessoas. Também é possível que Deus salvou outras pessoas, tal como salvou a Noé e seus familiares, mediante informações dadas por profetas e homens santos. Os propósitos de Deus sempre são maiores e mais vastos que nossos sistemas teológicos permitem. Seja como for, é significativo que a maior parte das histórias sobre dilúvios relaciona-se à corrupção moral dos homens. No entanto, na Índia temos uma exceção a essa regra. Ali o dilúvio não seria resultado de um decreto divino, mas de uma *série* de cataclismos cósmicos que destruiriam, periodicamente, o mundo. Apesar disso, a religião hindu vincula essas questões aos padrões kármicos da raça humana, de tal modo que fique envolvida a lei da colheita segundo a sementeira, ainda que não esteja em pauta um decreto divino específico, conforme a questão é exposta na Bíblia. A religião hindu sempre demonstrou apreciação pela imensidade do tempo envolvido na criação e no desdobramento do plano divino relativo ao homem, pelo que ali as pessoas nunca estiveram em um senso de urgência espiritual,

## DILÚVIO DE NOÉ

conforme tanto se vê nas religiões ocidentais. Os propósitos divinos operam através de grandes expansões da história, e a redenção permeia todas essas expansões.

1. *A Questão Moral.* O relato bíblico salienta a corrupção dos valores morais, pelos homens, como a razão do dilúvio. É interessante que os animais também fossem objeto da ira do Senhor (Gên. 6:7), o que poderia dar a entender alguma forma de moralidade e responsabilidade animal, conforme se vê na religião hindu. Contudo, estou apenas especulando quanto a esse ponto. O versículo doze do sexto capítulo de Gênesis afirma que «todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra», o que parece dar a entender que os animais irracionais, e não somente os homens, no parecer do autor sagrado, são capazes de errar. Por essa razão foi que *toda carne* se tornou objeto do decreto divino. O homem, o pior de todos os animais, havia espalhado a violência por toda parte (vs. 11), e seus processos de pensamentos haviam se tornado totalmente depravados (vs.5). Esse raciocínio é melhor que a versão da tradição mesopotâmica que diz que o deus Enlil decretou o dilúvio porque os homens estavam fazendo muito barulho, ao ponto dele não poder dormir!

2. *Monoteísmo.* A tradição mesopotâmica sobre o dilúvio, excetuando a versão bíblica, mostra-se totalmente politeísta, onde homens e deuses aparecem na narrativa. O relato bíblico, porém, é monoteísta, mais simples, mais direto, exibindo uma declaração muito melhor sobre a responsabilidade dos homens diante de Deus. É difícil crer que essa versão bíblica, muito superior, tenha sido a fonte original, que então sofreu uma série de corruptions, algumas delas tolas e curiosas. Para os intérpretes bíblicos também é difícil acreditar que a narrativa bíblica seja mero refinamento das histórias babilônicas. O mais provável é que tenha havido uma fonte comum das variantes mesopotâmicas, de cuja fonte procedem relatos separados. Mas, alguns pensam que não há maneira satisfatória de resolver a questão, e nem ela se reveste de importância especial, a não ser para os ultraconservadores, por um lado, e para os céticos, por outro lado. Os ultraconservadores exigem *revelação* somente, sem o acompanhamento de qualquer fator cultural. Os céticos gostam de lançar dúvidas quanto a todas as questões da revelação, ao dizerem que a similaridade de relatos significa que a questão inteira é mitológica. Ou então afirmam que as várias narrativas são invenções posteriores, criadas após o cataclismo, a fim de explicar por que o mesmo teve lugar. Quando examinamos as diversas versões da história do dilúvio, torna-se óbvio para nós que muitos mitos vieram a ligar-se à mesma, embora haja evidências mais do que convincentes sobre a realidade desse evento. Não há qualquer razão para duvidarmos do relato bíblico sobre Noé e sua família, embora muitos pensem que eles não foram os únicos sobreviventes do dilúvio. A sobrevivência deles representaria o resultado de um ato salvador local de Deus, mas não o único desses atos.

### 3. *Eventos do Dilúvio Segundo o Relato Bíblico*

a. Noé, quando tinha seiscentos anos de idade, tendo sido informado pelo Senhor sobre a iminente destruição, construiu a arca, entrou nela, e assim preservou a vida de sua família e de muitos animais. As chuvas começaram no décimo sétimo dia do segundo mês, continuando por quarenta dias. As águas do abismo irromperam. Presumimos que isso aponta para uma mudança dos pólos magnéticos da terra, embora isso não tenha sido reconhecido pelo

autor sagrado (Gên. 7:1-9,10-17).

b. As chuvas cessaram, mas as águas persistiram, e, até onde Noé era capaz de ver ao seu redor, só havia água. Naturalmente, isso teria sido tomado como um dilúvio universal (Gên. 7:18-24).

c. A arca acabou pousando sobre o monte Ararate, no décimo sétimo dia do sétimo mês (Gên. 8:1-4).

d. Os picos das montanhas tornaram-se visíveis no primeiro dia do décimo mês (Gên. 8:5).

e. Um corvo e uma pomba foram soltos, a fim de investigarem a situação nas proximidades da arca (Gên. 8:6-9).

f. A pomba foi enviada novamente sete dias mais tarde, e retornou com um raminho de oliveira no bico, mostrando que as águas estavam diminuindo de nível (Gên. 8:10,11).

g. A pomba foi enviada pela terceira vez, mas dessa vez não voltou, o que mostrou que agora era seguro os homens abandonarem a arca (Gên. 8:12).

h. O solo secou, sendo aquele o ano 601 da vida de Noé, o primeiro mês e o primeiro dia do mês. A cobertura da arca foi removida (Gên. 8:13).

i. Noé deixou a arca no segundo mês, no vigésimo sétimo dia (Gên. 8:14-19).

## IV. Um Dilúvio Universal ou Parcial?

### 1. Argumentos em Prol do Dilúvio Universal

a. A linguagem dos capítulos sexto a nono de Gênesis refere-se a um dilúvio de dimensões universais. Todos os picos dos montes foram cobertos pelas águas, tendo havido a destruição absoluta de todos os seres vivos terrestres, excetuando-se aqueles que estavam na arca (e, naturalmente, excetuando-se a vida marinha em geral).

b. A universalidade das narrativas sobre o dilúvio mostra que o dilúvio chegou a todos os lugares.

c. Há uma distribuição mundial dos depósitos aluvionais do dilúvio.

d. Houve a súbita extinção dos mamutes peludos do Alasca e da Sibéria, na hipótese de que eles foram mortos afogados, e não por congelamento.

e. A diminuição das espécies animais. Poucas espécies restam agora, em comparação com o que se via na antiguidade remota. Isso supõe que Noé não abrigou na arca todas as espécies possíveis, mas apenas as representativas de cada espécie; ou então que muitas dessas espécies extinguíram-se após terem sido soltas da arca.

### 2. Argumentos em Prol de um Dilúvio Parcial

a. Embora a linguagem de Gênesis 6—9 seja universal, só o é para aquela parte do mundo que Noé observou na ocasião. Ele não fazia idéia da verdadeira extensão da terra. O trecho de Colossenses 1:6 também diz como o evangelho se espalhou pelo mundo inteiro, embora seja óbvio que isso indique o mundo que Paulo conhecia, e não toda a superfície do globo. Havia muitos outros povos, nos dias de Paulo, que ele jamais visitou.

b. A universalidade das histórias do dilúvio demonstra que estamos tratando com um gigantesco cataclismo terrestre, com dilúvios que ocorreram por toda a parte, como resultado desse cataclismo, mas não que as águas cobriram absolutamente toda a superfície terrestre. Quando os pólos magnéticos se alteram, há inundações generalizadas, mas nem todas as terras emersas são cobertas. A história do dilúvio na China mostra que os chineses tinham conhecimento do dilúvio, e que sofreram com o mesmo, mas a história chinesa também mostra que uma larga porção da superfície da terra permaneceu intocada.

## DILÚVIO DE NOÉ

c. Há depósitos aluvionais do dilúvio por toda parte; mas muitos desses depósitos refletem apenas dilúvios locais, não podendo ser usados como evidências em prol de um dilúvio universal.

d. A destruição dos mamutes e outros animais, no Ártico, deu-se por congelamento, e não por afogamento. Alguns têm sido recuperados em condições quase perfeitas, sem putrefação. Isso jamais poderia ter acontecido se eles tivessem morrido por afogamento. Ademais, essa destruição parece estar relacionada a algum cataclismo anterior ao dilúvio de Noé, pelo que não serve para propósitos de ilustração.

e. A diminuição do número de espécies animais seria um resultado natural de qualquer grande cataclismo, resultante de um dilúvio universal ou apenas parcial, pelo que esse argumento nada prova.

f. *A quantidade de água.* Fatal à teoria do dilúvio universal é a observação de que a quantidade de água necessária para cobrir a face da terra até encobrir o monte Everest, o mais alto monte do planeta, teria de ser seis vezes maior do que atualmente existe na terra. Teria sido impossível haver chuvas assim abundantes, dentro do tempo determinado em Gênesis 7:12, quarenta dias e quarenta noites, incluindo os depósitos naturais de água na terra, para que isso pudesse suceder. Além disso, como tanta água teria se evaporado? Só se essa água estivesse perdida no espaço, o que sabemos que jamais acontece. Verdaderamente, para que esse efeito fosse conseguido, teria de ter chovido durante vários anos, com água vinda do espaço exterior. Isso posto, teríamos de supor, em primeiro lugar, um suprimento *sobrenatural* de água e em segundo lugar, uma retirada *sobrenatural* de água, da face do planeta.

g. *O problema do abrigo.* O autor da narrativa bíblica parece que não fazia idéia do vasto número de animais existentes no mundo. Há incontáveis milhares de variedades de vermes e insetos. Haveríamos de supor que Noé tomou consigo somente um par ou sete pares de cada espécie, e que, desde o dilúvio, todas as outras espécies desenvolveram-se? O número de espécies só de vermes e insetos deve ser 500.000, embora somente doze mil espécies tenham sido classificadas. Só de aranhas há cerca de trinta mil espécies. Teria Noé abrigado somente um par de aranhas, do qual se desenvolveram todas as espécies de aracnídeos que atualmente existem? Há cerca de três mil espécies de sapos, seis mil espécies de répteis, dez mil espécies de aves, cinco mil espécies de mamíferos. Somente um pequeno número representativo, de todos esses seres vivos, reside na área da Mesopotâmia. Os animais levados para a arca, por Noé, teriam sido os dessa área.

h. *O problema do recolhimento.* — Teria havido um ato sobrenatural de imensas proporções para recolher um ou sete pares de cada espécie animal no mundo, a fim de deixá-los convenientemente aos pés de Noé e seus familiares. No entanto, no relato de Gênesis não há qualquer indicação da necessidade de alguma intervenção divina nessa tarefa. O autor sagrado simplesmente não toma consciência do problema que estaria envolvido em um dilúvio de proporções universais, e nem mesmo alude a esse problema, porquanto o mundo que ele conhecia era uma minúscula fração do mundo inteiro. Não há a menor indicação de que foi preciso o Senhor realizar uma série de milagres a fim de concretizar o que ocorreu por ocasião do dilúvio de Noé.

i. *Formas de vida marinha.* Há espécies de vida marinha como as que vivem imóveis, nos corais, ou as

que vivem no fundo de águas rasas, que requerem uma camada rasa de água para sobreviver. A pressão produzida pelo aumento das águas e a diminuição da salinidade, teriam destruído totalmente essas formas de vida marinha; e, no entanto, elas continuam a sobreviver, a despeito das supostas águas universais que atingiram os mais elevados picos do planeta.

j. *O fenômeno da mudança de pólos magnéticos.* Acima apresentamos certos argumentos que dão apoio à teoria de vastas destruições mediante mudanças periódicas dos pólos. Tais mudanças, naturalmente, produziriam gigantescas inundações. A própria natureza dessas mudanças de pólos prova a teoria de um dilúvio parcial. Quando isso ocorre, afundam continentes ou partes de continentes, ao passo que outras terras imersas aparecem. As águas dos oceanos são redistribuídas, mas as terras emersas nunca são completamente inundadas. Isso é assim porque é impossível que todos os continentes submerjam ao mesmo tempo, deixando os oceanos cobrindo toda a superfície do planeta. Para que isso pudesse acontecer, a terra teria de ser tremendamente condensada, e não existe força conhecida, concebida pela ciência, que possa forçar tal ocorrência.

### V. Data do Dilúvio de Noé

*A Cronologia das Genealogias.* Se usarmos esses informes, chegaremos até cerca de 2.400 A.C. Mas bem poucos eruditos bíblicos apegam-se a esse método de fixação de datas, pois não aceitam uma data tão recente para o dilúvio. Utilizando-se de outros métodos, alguns estudiosos chegam a retroceder até 20.000 A.C. Mas a maioria dos estudiosos confessa que não há como estabelecer a data do dilúvio de Noé. Alguns associam o dilúvio ao fim da última glaciação, ou seja, cerca de 10.000 A.C.; mas todas essas opiniões são meras tentativas. A observação mostra que a maioria dos escritores sobre o assunto prefere uma data entre 5.000 e 15.000 A.C., embora as evidências de modo algum sejam conclusivas. A maioria dos escritores cristãos conservadores sugere cerca de 4.000 A.C., quase sempre com base em registros genealógicos ou evidências arqueológicas. Mas, sob exame, essas evidências não resistem à sondagem. A descoberta de camadas de argila (com supostas focas de antes e de depois do dilúvio, encontradas em Fará e Ur) provavelmente nada representa senão inundações locais dos rios da área, o Tigre e o Eufrates. Afinal, não é preciso nenhuma imensa inundações para depositar uma camada de argila com alguns metros de espessura. Outrossim, essas camadas de argila, segundo tem sido demonstrado, pertencem a diversos períodos, e não a uma única ocasião que possa ser identificada com um dilúvio universal ou quase universal. *Conclusão:* Não sabemos dizer a data do dilúvio, embora a opinião de que ocorreu em cerca de 8000 A.C. seja tão boa quanto qualquer outra.

### VI. A Próxima Mudança dos Pólos—Um Desastre Mundial

A Bíblia prediz uma ocasião futura de desastres sem precedentes, que os estudiosos das predições bíblicas pensam não estar muito distante. Esse período é chamado de Grande Tribulação. Ver o artigo sobre *Tribulação, a Grande*. Os místicos contemporâneos concordam que esse tempo está se aproximando rapidamente. Alguns deles associam esse novo cataclismo a uma outra mudança dos pólos. Alguns geólogos concordam que gigantescas mudanças nas terras emersas são possíveis. Mas, no que concerne a quando isso poderá suceder, os vários



## DILÚVIO DE NOÉ — DINÁ

místicos têm sugerido o final deste século ou o começo do século XXI. Poderíamos citar alguns deles, como Adam Barber, Emil Sepic, Edgar Cayce, Aron Abrahamsen, Paul Solomon, Ruth Montgomery, Baird Wallace, mas, antes deles todos, Nostradamus. Todas essas pessoas tiveram ou têm a reputação de fazer predições exatas. Os intérpretes da Bíblia concordam quanto a um prazo relativamente curto que resta ao mundo, antes de ter início essa próxima e grande fase de perturbações, embora quase todos eles não expressem ou não tenham consciência da teoria da mudança de pólos magnéticos, em relação a esse período atribuído. Seja como for, as implicações morais e espirituais da aproximação desse período são vitais e perturbadoras.

**Imaginemos como tal desastre poderia ocorrer.** Lembremo-nos que isso talvez seja o clímax da Grande Tribulação:

Aproxima-se a noite. Habitantes das grandes cidades do mundo precipitam-se para casa nas horas de pico do trânsito. A maioria não nota que o sol continua a brilhar acima do horizonte. Alguns poucos sentem-se apreensivos desde o começo. Passam-se várias horas e o sol não desaparece atrás do horizonte. Todos ficam alarmados. Então as pessoas começam a ouvir um ruído cavo, das profundezas da terra. Em alguns lugares a terra está tremendo, embora ainda gentilmente. A força normal de gravidade diminui, e as pessoas sentem-se inseguras sobre seus pés. Os animais estão inquietos desde horas atrás, então, *em massa*, começam a movimentar-se na mesma direção. O firmamento fica avermelhado, e enormes nuvens de poeira começam a tapar a luz do sol. Um vento forte e constante começa a soprar, aumentando de forma alarmante, enquanto o ruído subterrâneo torna-se ensurdecedor. Os ventos chegam a uma velocidade de quase quinhentos quilômetros horários, desarraigando árvores e fazendo cidades inteiras desaparecerem em questão de segundos. A terra começa a balançar loucamente, e há imensas tempestades elétricas como os homens nunca viram. Há terremotos de proporções devastadoras por todo o orbe. Montes abrem-se pelo meio e surgem vulcões cuspidos lava derretida e fogo. A terra fica com rachaduras de centenas de quilômetros. A crosta terrestre começa a mudar de posição, e continentes inteiros desaparecem no fundo dos oceanos. Novos continentes vêm tomar o lugar dos antigos. Os oceanos agora irrigam vastos territórios que antes eram terra seca, ou retrocedem de vastos territórios antes debaixo do mar. O holocausto de vidas prossegue como se nunca terminasse. Mas, cerca de quarenta e oito horas mais tarde, tudo começa a amainar novamente. Mas ainda assim há gigantescos terremotos que se negam a permitir que povos ao redor do globo aliviem a tensão. A temperatura de todos os lugares da terra começa a mudar, para mais quente ou para mais frio. Novas áreas árticas, de muito frio, começam a ser criadas, onde tudo fica congelado. Grandes massas de gelo desprendem-se das atuais áreas polares e agora derivam em várias direções. O gelo dissolvido começa a formar rios gigantescos que não demoram a devastar tudo em seu curso. Sim, aconteceu novamente. Um enorme cataclismo removeu toda uma antiga era e civilização, abrindo caminho para uma nova era e civilização. E os poucos homens sobreviventes começam a edificar tudo de novo.

### VII. Implicações Éticas

Os profetas e os místicos afiançam que sempre há um forte fator moral envolvido nos grandes cataclismos da terra. A história do dilúvio de Noé está

firmada especificamente sobre essa base, no sexto capítulo de Gênesis. O livro de Apocalipse também apresenta a Grande Tribulação sobre essa base. A única preparação que temos contra tal eventualidade é o nosso próprio desenvolvimento espiritual. Não há outro modo de nos prepararmos para uma ocorrência assim. «Oh, podemos dizer que estamos prontos, irmão, prontos para o resplendente lar da alma? Quando Jesus vier, para galardão seus servos, ele nos encontrará preparados, aguardando a volta do Senhor?» (AM E GOOD HEI PARR RAMM WHI Z)

### DIMNA

No hebraico, «*estercor*». Esse era o nome de uma cidade do território de Zebulom, dado aos levitas da família de Merari (Jos. 21:35). Visto que esse nome não aparece na lista de Josué 19:10,16, é possível que seja a mesma cidade chamada Rimono (I Crô. 6:77). Ver também Jos. 19:13. O local moderno chama-se Rumaneh.

### DIMOM

No hebraico, «*leito de rio*». As «*águas de Dimom*» são mencionadas no território moabita, a leste do mar Morto (Isa. 15:9). Muitos estudiosos identificam-na com a Dibom referida em Isaías 15:2 e Jeremias 48:22. O oráculo de Isaías contra Moabe menciona esse lugar. A forma «*Dimona*» pode ter sido um erro escríbal em lugar de «*Dibom*». Essa cidade tem sido identificada com a Khirbet Dimneh, perto da 'ain el-Megheisil.

### DIMONA

Provavelmente uma forma variante de Dimom (que vide). Isso posto, as Escrituras falam sobre Dimom, Dimona e Dibom, como três nomes da mesma localidade. É possível que esses nomes lhe tenham sido aplicados em diferentes períodos históricos. A cidade ficava próxima da fronteira com Edom. Terminado o exílio babilônico, os judeus a reocuparam. Mas, a sua localização exata é desconhecida atualmente.

### DINÁ

No hebraico, «*juugada*» ou «*vingada*». Filha de Jacó e Lia (Gên. 30:21), e, portanto, irmã de pai e mãe de Simeão, Levi, Rúben, Judá e Issacar. A história de Diná é um daqueles incríveis relatos do Antigo Testamento que demonstram a loucura dos atos e das paixões humanas.

Quando Jacó estava acampado nas vizinhanças de Siquém, Diná foi seduzida e violentada por um homem chamado Siquém, filho de Hamor, o chefe eveu da cidade. Siquém resolveu corrigir o erro cometido, e pediu Diná em casamento. Isso pode ter sido inspirado por amor à jovem, ou por temer o que lhe poderia acontecer, se ele não quisesse fazer justiça. Mas os irmãos de Diná, Simeão e Levi, só quiseram consentir com o casamento se, além do dote a ser pago a Jacó, todos os habitantes homens da cidade se submetessem à circuncisão (o que, presumivelmente, os transformaria em israelitas, tornando viável o matrimônio). Porém, tudo não passava de um plano ardiloso da parte dos filhos de Jacó; pois, no terceiro dia após a operação da circuncisão, quando as dores dos circuncidados estavam em seu ponto máximo, Simeão e Levi (juntamente com tropas armadas?) atacaram a cidade

e mataram a todos os habitantes. Ver Gênesis 34. O próprio Jacó lamentou e repeliu o ato (Gên. 34:25-31). Diná voltou à casa paterna (Gên. 34), e permaneceu solteira, com toda a probabilidade. Em c. 1950 A.C., foi levada com seu pai para o Egito (Gên. 46:15).

As referências literárias mostram-nos que, na época, nas culturas envolvidas, uma ofensa contra a irmã de um homem era considerada questão seriíssima. Se ela fosse solteira, os irmãos dela (mais do que seu próprio pai) estavam na obrigação de vingar o erro. Se ela fosse casada, então, mais do que o próprio marido, os seus irmãos estavam na obrigação de tirar vingança.

## DINABÁ

No hebraico, «covil de ladrões». Nome de uma cidade de Edom (Gên. 36:12; I Crô. 1:43), capital de Bela, e de um filho de Beor, rei de Edom, antes da formação da monarquia de Israel. O local é atualmente desconhecido. Acerca dessa cidade, só encontramos essas duas referências bíblicas.

## DINAÍTAS

Nome de uma tribo que se opôs à reconstrução do templo de Jerusalém, terminado o exílio babilônico. O adjetivo só ocorre em Esdras 4:9. Eram colonos que tinham sido trazidos à cidade de Samaria, pelo monarca assírio, Asnapar, quando dali foram exiladas as tribos de Israel. Essa gente permaneceu no território de Israel após o domínio dos persas na região, juntamente com outros povos, como os afarsaquitas, tarpelitas, afaristas, arquevitas, babilônios, susanquitas, deavitas, elamitas e outros. É possível que os dinaítas fossem descendentes de armênios, que os assírios conheciam como *dayani*.

## DINAMISMO

Vem do termo grego *dúnamis*, «poder». Palavra usada para exprimir a idéia de que há forças, neste mundo e fora do mesmo, que não podem ser reduzidas à matéria em movimento (materialismo; que vide). Qualquer filosofia oposta ao *mecanismo* (que vide) pode ser chamada de dinamismo. A filosofia de Leibniz também tem sido chamada por esse título. E esse nome também é aplicado à teoria da *filosofia natural*, de Rudjer Bosovich, que substituiu o conceito de centros de força semelhantes a pontos por meros átomos, o que removeu os últimos vestígios do mecanismo do ponto de vista do mundo, proposto por Newton.

## DING-AN-SICH

No alemão, «coisa em si mesma», indicando a verdadeira natureza de qualquer coisa que não possamos perceber pela aparência externa captada pelos nossos sentidos. Kant (que vide) introduziu essa expressão na filosofia. O *Ding-an-sich*, portanto, é a forma ideal (*noumenon*) por detrás dos fenômenos, representada pelos fenômenos, mas não explicada pelos mesmos. É a realidade oculta por detrás dos fenômenos.

## DINHEIRO

### Declarações Introdutórias

Surge a necessidade de dinheiro quando o sistema de produção e de comércio desenvolve-se de tal modo que cessa a utilidade de escambo — troca de

mercadorias — ou quando se torna difícil determinar os valores correspondentes dos produtos a serem trocados entre si. Quanto mais complexa for a produção de uma nação, maior necessidade haverá de alguma espécie de unidade monetária comum que sirva de meio de pagamento de salários e de meio de comprar e vender produtos. Desde que essa necessidade surgiu, os homens voltaram-se para os metais preciosos como meio de prover a unidade básica de valores. Mas, na antiguidade, o dinheiro podia ter a forma de moedas ou não. Não obstante, mesmo após a introdução do dinheiro, continuaram sendo usadas certas mercadorias básicas que serviam no comércio e no pagamento de salários e dívidas. Esses itens incluíam metais e pedras preciosas, madeiras, vinho, mel, gado e alimentos básicos, como os cereais. Assim, as riquezas de Abraão foram calculadas em termos de gado, de prata e de ouro.

### Esboço:

- I. Dinheiro Não-Cunhado
- II. Alusões Bíblicas ao Dinheiro
- III. Dinheiro sob a Forma de Moedas
  1. Moedas judias
  2. Moedas gregas
  3. Moedas romanas

### I. Dinheiro Não-Cunhado

Metais preciosos, usados como dinheiro, foram usados antes da invenção das moedas. A arqueologia tem demonstrado que os egípcios usavam ouro ou prata em forma de argolas, como dinheiro. Mas, não sabemos dizer se essas peças de metal eram identificadas — por alguma marca governamental — ou não. Certamente, os valores eram determinados pela pureza do metal e pelo peso das peças. Os egípcios também usavam o cobre com essa finalidade. Essa prática prosseguiu até a época dos monarcas ptolomeus, só tendo terminado quando os gregos começaram a cunhar moedas.

Visto que a prata era o metal precioso mais comum da Palestina (o que também ocorria na Assíria e na Babilônia), esse era o metal mais frequentemente usado como dinheiro. Algumas vezes, os metais preciosos eram usados no fabrico de jóias de pesos específicos, itens esses que então eram usados como dinheiro. Abraão presenteou Rebeca com um anel de ouro com o peso de meio siclo, bem como braceletes de dez siclos (Gên. 24:22), o que representava um considerável valor. O ouro era fundido sob a forma de barras ou cunhas (no hebraico, «línguas»). Algumas vezes, essas barras eram marcadas, identificando-as com algum lugar específico, como o «ouro de Ofir» (Isa. 13:12). Tanto o ouro quanto a prata eram fundidos no formato de lingotes, de vasos, ou de pequenos fragmentos de vários formatos e pesos. Foi recebendo dinheiro dessa forma que José aumentou as rendas do governo egípcio (Gên. 47:14). O cobre, por ser de menor valor que o ouro ou a prata, era fundido em forma de discos circulares, chamados *kikkar* (círculo), palavra associada ao termo assírio *kakkaru*. O dinheiro de maior peso que se conhecia na antiguidade era aquele feito de cobre.

### II. Alusões Bíblicas ao Dinheiro

No Antigo Testamento. Já vimos como diversos metais eram fundidos sob vários formatos. A prata era pesada pelos patriarcas (sem importar a forma que tivesse), a fim de comprarem cereais (Gên. 42:25 ss; 43:15 ss; 44:1 ss). A compra de um lugar de sepulcro, em Efrom (Gên. 23:3,9,16) parece ter envolvido algum tipo de dinheiro corrente. Outro tanto é sugerido em Gênesis 33:18,19. As «peças de dinheiro», ali referidas, parecem indicar peças de

Moedas da Bíblia



Leptón (bronze) moeda da viúva, Marcos 12:42



Kodrantes (cobre) Mat. 5:26



Denarius (prata) Lucas 10:35



Moeda de Prata de Simão Macabeu (I Mac. 15:6), A.C. 145



Moeda de prata de Simão Macabeu, A.C. 145



Moeda de prata de Simão Bar-Coohab

Tamanhos exatos

## Dinheiro

... ..

Dai pois a Cesar o que é de Cesar  
e a Deus o que é de Deus.

(Mat. 22:21)

Dai a cada um o que deveis;  
a quem tributo, tributo; a  
quem imposto, imposto;  
a quem temor, temor;  
a quem honra, honra.

(Rom. 13:7)

Verso

Deus é poderoso para fazer abundar em vós  
toda a graça, a fim de que tendo sempre,  
em tudo, toda a suficiência,  
abundeis em toda a boa obra.

(II Cor. 9:8)

Não lhe darás teu dinheiro com usura,  
nem darás o teu manjar por interesse.

(Lev. 25:37)

O amor do dinheiro é a raiz de toda  
a espécie de males; e nessa cobiça  
alguns se desviaram da fé, e se  
transpassaram a si mesmos com muitas  
dores.

(I Tim. 6:10)

Não vos inquieteis pois pelo dia de  
amanhã, porque o dia de amanhã  
cuidará de si mesmo...

...

Não andeis pois inquietos, dizendo:  
que comeremos, ou que beberemos, ou  
com que nos vestiremos?

...

De certo vosso Pai celestial bem  
sabe que necessitais de todas estas  
coisas. Mas buscai primeiro  
o reino de Deus e a sua  
justiça, e todas estas coisas  
vos serão acrescentadas.

(Mat. 6:34; 31-33)

... ..

## DINHEIRO

metal em vários formatos, ou então algum tipo antigo de moedas. Os intérpretes não têm conseguido determinar a natureza exata desse tipo de dinheiro. Os informes que envolvem José, no Egito, mostram que ele conhecia formas de dinheiro usadas no intercâmbio. Ver Gên. 43:21; 47:13-16. A legislação mosaica estipulava o *siclo* de prata como o preço a ser pago em resgate por um israelita do sexo masculino (Exo. 30:13 ss), bem como por compensações e multas (Exo. 21:23; Lev. 5:15; Deut. 22:19,20). Havia - o meio siclo - ou «beca» (Êxodo 38:26), e também o «quarto siclo de prata» (I Samuel 9:8). O *siclo* era um peso de prata, com vinte *geras*, embora desconheça-se o formato exato do siclo. Essa unidade monetária estava alicerçada sobre uma medida fenícia mais antiga; mas, nos tempos pós-exílicos era mais pesada do que aquela empregada na Babilônia.

Somas mais elevadas eram calculadas em termos de *talentos*, o qual, no hebraico, significa «coisa redonda», talvez referindo-se à prata em forma de argolas ou massas arredondadas, com o peso de três mil siclos. O máximo que temos podido descobrir sobre o peso do siclo, uma medida semítica comum, é que esse peso variava consideravelmente de século para século e de lugar para lugar. Por conseguinte, é impossível relacionar esse peso ao nosso sistema métrico decimal. Algumas descobertas demonstram, entretanto, uma média de cerca de 11,38 mg. Ver o artigo separado sobre *Pesos e Medidas*.

*Sumário das Evidências do Antigo Testamento.* Na remota antiguidade, certas mercadorias eram usadas como dinheiro, embora desde bem cedo (como a época dos patriarcas) tivessem começado a ser usados metais de vários tipos, formas e pesos. Desde os dias de Abraão, a prata vem sendo usada como dinheiro, e a arqueologia tem mostrado que isso também ocorria no Egito e na terra de Canaã. É possível que houvesse alguma forma de padronização, visto que o dinheiro do Egito e da terra de Canaã são mencionados juntamente. Havia alguma espécie de intercâmbio, porquanto se sabe que o dinheiro em argolas dos egípcios era bastante parecido com o dinheiro usado pelos celtas. É possível que comerciantes fenícios tenham ajudado a impor essa circunstância por todo o mundo civilizado de então.

**No Novo Testamento.** Havia quatro tipos de dinheiro em circulação na Palestina, no século I D.C., a saber. 1. dinheiro em forma de moedas, dinheiro romano, cunhado em Roma. 2. Moedas principais cunhadas em Antioquia e em Tiro, que representavam, essencialmente, os padrões antigos das moedas gregas. Esse tipo de dinheiro corria livremente na Palestina e na Ásia Menor. 3. O dinheiro local dos judeus, provavelmente cunhado em Cesaréia. 4. Certas cidades e reis vassallos recebiam o direito de cunhar suas próprias moedas, usualmente feitas de bronze. Havendo tantos tipos de dinheiro em circulação, tornava-se necessária a profissão dos cambistas. Esses cambistas armavam suas mesas, em Jerusalém, no átrio dos *gentios do templo*; e, naturalmente, havendo tanto dinheiro em circulação, campeava a desonestidade. Jesus expulsou do templo os cambistas por motivos morais (e não políticos) (João 2:15; Mat. 21:12; Mar. 11:15; Luc. 19:45 ss).

Em consonância com os antigos costumes, os metais mais freqüentemente usados no fabrico de moedas eram o ouro, a prata e o cobre, mas também havia moedas de bronze ou latão (no grego, *chalkós*) (Mat. 10:9; Mar. 6:8). Esse último metal era usado em moedas de menor valor, como o *leptón* dos judeus. A prata era largamente empregada, tal como nos

tempos mais antigos, pelo que o termo grego para «prata», *argúrion*, veio a ser empregado para designar o dinheiro em geral.

As moedas de prata do Novo Testamento são a tetradracma ática (também chamada *estáter*), o denário romano, e o didracma. O vocábulo grego *chrusós*, «ouro», usualmente refere-se ao próprio metal, mas também indica, ocasionalmente, uma moeda de ouro, como em Mat. 10:9; Atos 3:6; Tia. 5:3. O *aureus* romano valia vinte e cinco *denários*, e era, como seu nome mesmo indica, uma moeda de ouro. O cobre era usado para fazer o *quadrante*, que valia uma décima sexta parte do denário de prata, e era a menor moeda romana em circulação, da mesma forma que o *leptón* era a menor moeda judaica. O vocábulo grego *chrema* era usado para referir-se às riquezas em forma de propriedades, ou em forma de dinheiro em geral (Atos 4:37; 8:18,20; 24:26). O termo grego *kerma* era usado para designar pequenos trocos (João 2:15). Vem do termo grego *keiro*, *cortar*, ou seja, fazer pequenas peças de alguma coisa, como moedas de pouco valor. Quanto a detalhes, ver as descrições sobre as *moedas*, abaixo.

### III. Dinheiro Sob a Forma de Moedas

É fácil perceber que as moedas surgiram, depois que os metais começaram a ser usados como padrões de peso e valor. Algumas moedas tinham marcas identificadoras, referindo-se a alguma região, país ou rei em particular. Visto que o transporte de barras e peças de metal, em sacolas, não era uma tarefa agradável, tornou-se conveniente fazer pequenas peças de metal, com inscrições. Sabemos que Senaqueribe (cerca de 701 A.C.) contava com um processo que se assemelhava à cunhagem de moedas, embora talvez ali ainda não se cunhassem verdadeiras moedas. O dinheiro em forma de moedas aparentemente foi inventado pelos lídios da Anatólia. A Anatólia é uma península montanhosa que compreende a porção mais ocidental da Ásia, e quase a totalidade da moderna Turquia. Esse nome tem sido usado como sinônimo da Ásia Menor. Heródoto refere-se especificamente ao fato de que Creso, da Lídia (562-546 A.C.), foi quem introduziu as moedas (i.94). Suas moedas de ouro eram chamadas *croesides*. Mas outros estudiosos, apesar de admitirem que as moedas surgiram então, naquela região do mundo, fazem a questão retroceder até o século VII A.C. Seja como for, a prática popularizou-se desde que apareceu, e não demorou muito para que o dinheiro, na forma de moedas, fosse abundante por todo o mundo ao redor do mar Egeu. Ciro, o Grande, que derrotou o riquíssimo Creso, bem como Sárdis, a sua capital (em cerca de 546 A.C.), introduziu as moedas no império persa, por ele fundado. Dario, o Grande (522-486 A.C.), muito se utilizou de moedas no comércio de seu império. A cunhagem de moedas era uma prática tão simples, e tão útil. É provável que os brilhantes gregos, que não foram os inventores do sistema de moedas, uma vez que tomaram conhecimento dessa prática, tivessem ficado boquiabertos porque não haviam pensado antes na idéia. A moeda persa chamada *darico* derivava o nome do imperador, Dario. Era uma espessa moeda de ouro com a effigie do monarca, ajoelhado e armado com arco e flecha. Havia uma marca perfurada no reverso da moeda. Pesava 130 gramas. O siclo persa pesava 85,5 gramas.

**1. Moedas Judias.** Antíoco VII concedeu a Israel o direito de cunhar as suas próprias moedas (140 A.C.), segundo se lê em I Macabeus 15:6. As moedas dos judeus eram cunhadas em bronze, em contraste com

as moedas de prata dos vizinhos de Israel. Moedas de cobre foram cunhadas pelas famílias asmoneana e herodiana (cerca de 140 A.C.). As moedas judias evitavam a figura humana, para que não houvesse o risco de desobedecer ao mandamento contra a idolatria. Os judeus, em suas moedas, preferiam gravuras de objetos inanimados, como plantas, etc. As moedas cunhadas por Herodes, entretanto, faziam exceção ao costume, retratando a efígie de governantes.

Os judeus cunharam moedas de prata durante o tempo da primeira revolta contra os romanos (66-70 D.C.), com diversos valores. As destruições feitas pelos romanos furtaram aos judeus as minas de metais, pelo que cessou a cunhagem de moedas na Judéia. A única moeda judaica mencionada no Novo Testamento é o *leptón* (Mar. 12:42; Luc. 12:59; 21:2), que nossa versão portuguesa traduz por «centavo», em Luc. 12:50, ao passo que nas outras duas referências só fala em pequenas moedas. Essa palavra vem do grego *leptós*, «pequeno» ou «fino». De fato, em Lucas 12:59 é mencionada como a menor moeda imaginável. Valia cerca de meio *quadrante* romano. Eram necessários sessenta e quatro quadrantes para formar um denário, o que significa que um denário valia cento e vinte e oito leptas. O denário correspondia ao salário de um dia de um trabalhador do campo, o que significa que um trabalhador desses ganhava cerca de 128 leptas pelo trabalho de um dia inteiro, o que mostra o minúsculo valor de um *leptón*.

**2. Moedas Gregas.** A unidade básica, desse sistema, era a *dracma* de prata. A *mina* valia cem dracmas. O talento valia seis mil *mnas*. Não há como determinar o valor correspondente da dracma grega com o dinheiro moderno. Mas sabemos que, em cerca de 300 A.C., uma dracma era o valor de uma ovelha, e que um boi custava cerca de cinco dracmas (Demétrio Falereus), pelo que a moeda tinha considerável poder de compra na época. A didracma (duas dracmas) era usada como moeda do imposto anual do templo de Jerusalém (Mat. 17:24), um regulamento derivado do dinheiro prescrito para a expiação, em Êxodo 30:11-16. Se a moeda tivesse retido o seu primitivo valor, então o holocausto de duas ovelhas anuais era o sacrifício oferecido pelas pessoas mais pobres. Após a destruição de Jerusalém, em 70 D.C., esse dinheiro foi encaminhado ao tesouro romano, segundo lemos em Josefo (*Guerras* 7:6,6), o que deve ter sido bem amargo para os judeus.

O *estáter* era uma moeda de prata que valia quatro dracmas. Ela é mencionada em Mat. 17:27, no relato sobre como Jesus pagou a taxa do templo, por si mesmo e por Pedro. Essa moeda era cunhada em Antioquia, em Cesaréia, na Capadócia e em Tiro. Foi Pompeu quem fixou o valor do *estáter* em quatro denários (65 D.C.), o que significa que a dracma e o denário terminaram por ter exatamente o mesmo valor. É bem provável que as moedas recebidas por Judas Iscariotes, em pagamento por sua traição, tenham sido *estáteres*. Nesse caso, ele recebeu o valor de cerca de cento e trinta denários, embora alguns pensem que, naquele tempo, a moeda valia ainda apenas três, e não quatro denários. Seja como for, supondo-se que ele recebeu um valor equivalente a cento e trinta denários, o pagamento pela traição equivalia cerca de quatro a cinco meses de labor, ao nível dos trabalhadores das fazendas. Essa era uma quantia tentadora para um homem ganancioso como Judas, mas absolutamente ridícula para o imenso serviço que ele prestou às autoridades religiosas dos judeus. Não é surpreendente que Judas logo se tenha encheido de remorsos, depois que foi atingido por

pensamentos mais sóbrios. Ver Mat. 26:15.

A moeda grega *mina* (mina) é mencionada no trecho paralelo de Lucas 19:11-27.

O *talento* era uma unidade monetária, e não uma moeda. Seu valor variava de acordo com o metal envolvido. Em Mateus 18:24, o termo é usado para indicar uma imensa soma em dinheiro. Valia 240 aurei romanos (ver acima), ou seja, cerca de seis mil denários, visto que o aureus valia vinte e cinco denários. Um trabalhador de fazenda, portanto, precisaria trabalhar por cerca de vinte anos para ganhar todo aquele dinheiro.

**3. Moedas Romanas.** A unidade básica do dinheiro romano era o denário de prata, que valia o salário de um trabalhador do campo, e mais do que o salário diário de um soldado romano. A moeda de maior valor era o *aureus*, que valia vinte e cinco denários. Seu peso, fixado por Júlio César, em 49 A.C., era de cerca de 125,3 gramas. Mas, na época de Nero, já havia sido depreciado para 115 gramas.

O *quadrante* (no grego, *kodrantes*) era a menor moeda romana, valendo duas leptas judias, um quarto de um *asse* e 1/64 avos de um denário. Um trabalhador de fazenda ganhava cerca de 64 quadrantes por dia. Horácio (*Sátiras* ii.3.93) e Juvenal (viii.8) referiram-se ao quadrante como a menor moeda romana. O trecho de Marcos 12:42 informa-nos que essa moeda valia duas leptas.

O *asse* de cobre (no grego, *assárrion*; Mat. 10:29 e Luc. 12:6) valia a décima sexta parte do denário de prata. É mencionado nessas duas referências como o preço de dois pardais.

O *denário* era a moeda básica. Era assim chamada porque, no começo, valia dez asses de cobre: deni = dez a cada vez. Porém, a partir de 217 A.C. em diante, veio a valer dezesseis asses. Com base na parábola de Mat. 20:1-16, torna-se claro que era o salário pago pelo trabalho diário de um trabalhador comum. O bom samaritano deu ao dono da hospedaria dois denários. Em Apocalipse 6:6, uma medida de trigo e três medidas de cevada são avaliadas em um denário, mas isso corresponderá aos preços em um período de grande escassez. Na época da produção do Apocalipse, o denário era uma moeda que estampava a efígie do imperador Tibério, cercado de louros; no reverso havia a efígie de sua mãe, Lúvia, fazendo o papel da Paz, segurando um ramo e um cetro. Os mais antigos espécimes que temos dessa moeda pertencem ao século II A.C. Cerca de oitenta e quatro dessas moedas podiam ser cunhadas com base em meio quilograma de metal, o que significa que ela pesava cerca de seis miligramas. Nero depreciou essa moeda, tornando-a mais leve, de tal modo que, em seu tempo, faziam-se noventa e seis moedas com a mesma quantidade de metal, meio quilograma.

O *aureus* era o denário de ouro. Foi moeda introduzida por Júlio César como parte de suas reformas financeiras, no ano de 49 A.C. Valia vinte e cinco denários. Josefo (*Antiq.* 14:8,5) a menciona — embora não apareça a palavra *aureus*, propriamente dita, nas páginas do Novo Testamento. Alguns estudiosos pensam que se trata da moeda de ouro que parece ser mencionada em Mateus 10:9.

## DINHEIRO DO TRIBUTO

Ver os artigos sobre *Tributo e Dinheiro*.

## DINSMORE, CHARLES ALLEN

Suas datas foram 1860-1941. Foi um teólogo, ministro, erudito e educador norte-americano. Foi

## DIOCSE — DIOGNETO

pastor congregacional e professor em Yale. Fazia conferências sobre o conteúdo espiritual da literatura. Tornou-se melhor conhecido por suas inigualáveis interpretações de Dante. Escreveu três volumes sobre o assunto. Porém, também escreveu sobre a Bíblia e a teologia, bem como sobre os grandes poetas. Seu livro mais largamente lido é chamado *Atonement in Literature and Life*, que encontrou lugar permanente na literatura sobre esse assunto.

### DIOCSE

Essa palavra vem do grego, *diokesis*, que alude ao distrito ou jurisdição de um governo. Era palavra originalmente usada para designar as províncias gregas do império romano. Com base na idéia, a Igreja cristã começou a usar o vocábulo para referir-se às áreas de jurisdição episcopal. Na Igreja ocidental, a diocese é o distrito da jurisdição de um bispo. Houve tempo em que essas dioceses envolviam maior área do que atualmente.

### DIOCLECIANO

Imperador romano entre 284-305 D.C. Temendo a força da Igreja cristã, ele promoveu a última grande perseguição contra os cristãos, que só chegou ao fim quando do governo de Constantino.

### DIOFISISTA

Essa palavra vem do grego *duo*, «dois», e *physis*, «natureza». Esse adjetivo refere-se ao indivíduo que ensina que em Cristo Jesus havia duas naturezas, uma divina e outra humana. Essa posição foi definida, dentro da fórmula de Calcedônia, em 451 D.C., como aquela que diz que a natureza de Cristo é «sem confusão, mudança, divisão ou separação». Os diofisistas eram aqueles que, no século V D.C., mantinham essa idéia. Eles devem ser contrastados com os monofisistas (que vide), que pensavam em uma única natureza de Cristo. Ver o artigo geral sobre a *Cristologia*.

### DIÓGENES DE APOLÔNIA

Um filósofo grego jônico do século V A.C. Foi discípulo de Anaximenes e Anaxágoras (ver os artigos sobre eles). Ele pensava que o ar seria o elemento básico que, mediante condensação e rarefação, torna-se em tudo o mais. Ele opinava que o ar tem consciência e é capaz de uma função diretiva. Desse modo, ele desenvolveu uma teleologia, supondo que todas as coisas demonstram designio. O seu principal livro intitula-se *Sobre a Natureza*.

### DIÓGENES DE IONOANDA

Filósofo grego dos séculos II e III D.C., pertencente à tradição de Epicuro. Ele desenvolveu o argumento de Epicuro contra o temor da morte e dos deuses, assumindo a posição deísta de que, se existem deuses, eles permanecem distantes dos homens, não entrando em contacto com eles sob hipótese alguma. Além disso, nada haveria fora da matéria, pelo que nenhuma alma sobreviveria para ir para algum destino indeterminado, que os homens precisem temer. Ele argumentava contra o determinismo estático.

### DIÓGENES DE SINOPE

Suas datas aproximadas foram 412-323 A.C. Foi

um filósofo grego, o mais famoso e colorido dos cínicos (que vide). Nasceu em Sinoe, na Ásia Menor, que atualmente faz parte da Turquia. Diógenes tornou-se precursor do estoicismo. Para os estóicos ele era o paradigma da virtude, incorporando as idéias estóicas da virtude (*independência*), da autoconfiança e da *indiferença* diante de todas as coisas materiais. Ele começou sua carreira como discípulo do cínico Antístenes, que ensinava que somente a virtude pode trazer-nos a felicidade, e que essa virtude consiste, principalmente, na atitude de indiferença para com os valores deste mundo, de combinação com a autoconfiança e a independência. Ele supunha que a verdadeira moralidade deve incorporar o retorno à simplicidade natural, visto que a sociedade tornou-se artificial e luxuosa. Outrossim, a virtude requer que o homem evite os prazeres físicos, que formam um dos valores pervertidos da sociedade. Tanto a dor quanto a fome, por outra parte, são ajudas positivas para que a pessoa atinja a virtude, visto que são o exato oposto do que as pessoas crassas procuram.

Com base em várias lendas e estórias, (incluindo as *Vidas e Filósofos Eminentés*, de Diógenes Laércio), aprendemos algumas coisas interessantes, embora não saibamos dizer quantas são verdadeiras. Alguns dizem que ele viveu em uma banheira, no templo de Cibele. Ele reduziu sua vida à mais total simplicidade, e a única coisa que ele possuía era um copo, no qual bebia. Um dia, viu um escravo beber água nas mãos em forma de concha. Ao ver isso, Diógenes quebrou seu copo, porquanto percebeu que podia viver sem o mesmo. Um outro episódio sobre ele nos quer fazer crer que Alexandre o Grande o visitou, oferecendo-se para fazer por ele o que mais lhe agradasse. Diógenes disse-lhe que a única coisa que queria era que Alexandre se afastasse para um lado, porquanto estava fazendo sombra sobre ele, e ele queria apanhar sol.

A tradição também diz que Alexandre proclamou um dia: «Se eu não fosse Alexandre, gostaria de ser Diógenes». Diógenes foi quem saiu com uma candeia acesa, em pleno meio-dia, procurando por um homem verdadeiramente bom. Sua maneira de falar era sarcástica, e suas maneiras animais e simples ganharam para ele o seu apelido, «o Cão».

### DIÓGENES LAÉRCIO

Ele foi um famoso biógrafo do século III A.C., o que preparou extenso material sobre escolas filosóficas gregas, especialmente sobre Platão, Epicuro, o estoicismo e o ceticismo. Portanto, ele se tornou uma grande fonte de informações sobre essas questões. Muitas obras assim têm sido escritas; mas as dele sobreviveram, entre outras poucas. Ele escreveu a obra *Vidas de Filósofos Eminentés*.

### DIOGNETO, EPÍSTOLA A

O Diogneto em pauta provavelmente foi o tutor de Marco Aurélio (que vide). Essa epístola, pois, presumivelmente foi escrita a ele. Trata-se de uma carta altamente retórica, que tinha por intuito ser uma apologia do cristianismo. Ela retrata os cristãos como a alma do mundo. Os capítulos onze e doze são uma homilia de um autor posterior. A obra argumenta em prol da origem sobrenatural da fé cristã. Esse fato é a esperança que Deus dá em prol da salvação do homem, através de Jesus Cristo. Essa obra já foi atribuída a Justino Mártir. A verdade, porém, é que não se sabe quem foi o autor. Essa apologia é uma astuta peça de literatura, uma



## DION CRISÓSTOMO – DIONÍSIO

obra-prima da literatura cristã grega. Ver o artigo sobre os *Apologetas*, quanto a esse tipo de atividade da Igreja cristã primitiva.

### DION CRISÓSTOMO

Suas datas foram 40-120 D.C. Foi um filósofo grego; nasceu em Prusa, na Bítúnia; foi exilado para a Itália por razões políticas, e tornou-se um filósofo cínico. Retornou à sua terra e levou o cinismo (que vide) com ele. Desenvolveu mais a diátribe (que vide), que fora introduzida por Blon de Borístenes (que vide). Sobrevivem setenta e oito de seus discursos, que demonstram o seu sistema e retórica, que nos informam sobre sua doutrina. Seus pontos de vista cósmicos andavam próximos do estoicismo (que vide), sendo esse sistema diferente do cinismo normal e seu individualismo.

### DIONÍSIA

Essa palavra refere-se a uma série de festividades efetuadas em honra a Dionísio (que vide), o deus do vinho e da orgia.

*A Oscoforia.* Essa era a primeira das festas efetuadas em outubro-novembro, celebrada juntamente com competições atléticas, cânticos, sacrifícios e banquetes. Comemorava o amadurecimento da uva.

*A Pequena Dionísia.* Era efetuada nos meses de dezembro-janeiro, para celebrar a primeira prova do vinho. Havia uma solene procissão, que conduzia até o altar desse deus, tudo coroado por um sacrifício.

*A Lenoea.* Essa era a festividade dos tonéis, efetuada em Atenas em janeiro-fevereiro, em Lenaeon, que era o mais antigo e sagrado santuário dessa divindade. Havia uma refeição oferecida gratuitamente a todos, paga pelo Estado, um cortejo e algumas produções teatrais.

*A Antesteria.* Era uma celebração de três dias, nos meses de fevereiro-março; eram abertos odres de vinho novo; havia um casamento simbólico entre a esposa do sumo sacerdote e o deus.

*A Grande Dionísia Urbana.* Essa festa era efetuada por seis dias, nos meses de março-abril. Havia um cortejo e cânticos; e também produções teatrais.

Essa palavra vem do grego *dios*, «deus», bem como do termo trácio *nusos*, «filho de». Mas alguns estudiosos dizem que a palavra significa «árvore», o que daria, em resultado, os possíveis títulos de «filho de Deus» ou «filho de uma árvore». Nesse último caso, temos a idéia de seiva de uma árvore, a força doadora da vida biológica da árvore.

### DIONÍSIO (O AREOPAGITA)

Quanto a *Dionísio*, o areopagita, que se sabe sobre ele? Nada que seja verdadeiramente histórico se sabe a respeito desse personagem, excetuando aquilo que aparece em Atos 17:34 além de certas inferências sobre a importância de sua pessoa, com base na observação de que ele era um dos doze juízes do Areópago. Ora, ninguém podia ocupar aquele ofício sem que primeiramente houvesse ocupado a posição de «archon», isto é, governador principal da cidade; e ninguém jamais ocupou o cargo de juiz daquele tribunal de Atenas sem que primeiramente houvesse adquirido a reputação de ser homem inteligente, dotado de sabedoria e ser pessoa de conduta exemplar.

Referindo-se ao Areópago e sua dignidade, através do que podemos compreender melhor a posição de

Dionísio, Curtius, em sua obra, *History of Greece*, 1.307, diz: «Ali, em vez de um único juiz, um colégio de doze homens de comprovada integridade, foi que dirigiu o julgamento. Se algum réu contasse com igual número de pontos, contra e a favor, era inocentado. O tribunal da colina de Ares é uma das mais antigas instituições de Atenas; e nenhum outro obteve para aquela cidade, tão pronta ou tão generalizada fama. O código penal do Areópago foi adotado como norma por todos os legisladores subsequentes».

Há uma tradição do segundo século de nossa era, preservada por Eusébio, em sua *História Eclesiástica*, iii.4,iv.23, que faz de *Dionísio*, o areopagita, primeiro bispo ou pastor da igreja cristã de Atenas. *Nicéforo* iii.11 apresenta-o como um mártir. No entanto, não pode haver qualquer certeza acerca da veracidade dessas tradições, como também não existe meio de investigarmos o caso. No entanto, Suidas, um lexicógrafo grego, que viveu em cerca de 970 D.C. e cuja obra incluiu boa porção de material biográfico, dá-nos a informação de que *Dionísio*, o areopagita, era ateniense de nascimento, tendo-se destacado por suas realizações literárias. Teria ele, ainda segundo as mesmas fontes, estudado primeiramente em Atenas, e, posteriormente, em Heliópolis, no Egito. Acredita-se que *Dionísio*, o areopagita, quando do período de trevas que houve por ocasião da morte de Cristo, teria exclamado: «Ou a divindade está sofrendo, ou simpatiza com algum sofredor». O mesmo autor, Suidas, diz-nos igualmente que, tendo *Dionísio* abraçado o cristianismo, tornou-se mais tarde bispo de Atenas. *Aristides*, um filósofo ateniense, concorda com a informação que apresenta *Dionísio*, o areopagita, como um mártir do cristianismo.

Um grupo de escritos de natureza elaboradamente filosófica, religiosa e mística tem sido atribuído a *Dionísio*, o areopagita. Mas atualmente se reconhece que essas obras são composição de um ou mais autores neoplatônicos, que não teriam vivido antes do século IV D.C. O mais provável, contudo, é que tais escritos pertençam a uma época ainda posterior, talvez ao quinto ou sexto séculos da era cristã. Durante a Idade Média esses escritos foram traduzidos para o latim por Johannes Scotus (século XX D.C.), tendo-se tornado muito populares como um compêndio de misticismo, quando se tornaram quase tão influentes quanto os escritos do próprio apóstolo Paulo.

Essas obras, de caráter profundamente místico, e imbuídas de noções do neoplatonismo, novamente aplicam, à teologia cristã, as doutrinas cardeais de Plotino e de Proclus, a natureza inefável do Um, a extensão da emanção para além da hipótese divina à alma humana e ao universo, a constituição tríplice de todas as coisas, e o conceito do processo mundial como um derramamento eterno e infinito da essência divina, bem como o retorno da essência divina à sua origem. Tendo abolido, como fizeram, as distinções ortodoxas de categoria entre Deus e o universo criado, todos esses pontos de vista eram panteístas e heréticos. No entanto, exerceram notável influência sobre todo o misticismo cristão subsequente, tendo ajudado a encorajar muitos pensadores ousados a passarem da ortodoxia para uma heresia similar». (Fuller and McMurrin, *History of Philosophy*, Nova Iorque, Henry Holt and Company, pág. 329, primeira seção).

Atualmente esses escritos são aludidos como produtos do *Pseudo-Dionísio*, porquanto nenhum estudioso moderno imagina que o *Dionísio* original, o areopagita, teria escrito tais coisas. Nos tempos

## DIONÍSIO

antigos era comum os escritores publicarem as suas obras sob o pálio de nomes famosos, em vez de fazerem-no em seu próprio nome, o que era feito a fim de emprestar maior prestígio a essas obras.

«A lenda dos Sete Campeões da Cristandade transformou Dionísio, o areopagita, na São Dênis, da França. Uma igreja, dedicada a ele, está atualmente erigida no Areópago, na moderna cidade de Atenas». (E.H. Plumptre, em Ato 17:34).

### DIONÍSIO DE ALEXANDRIA

Faleceu em 265 D.C. Eusébio chamou-o de *grande bispo de Alexandria*. Atanásio chamou-o de «o mestre da Igreja Católica». Foi um dos discípulos mais importantes de Orígenes. Tomou à frente a tarefa de refutar os materialistas atômicos, opondo-se também ao quiliasmo e ao sabelianismo (ver os artigos a respeito). Porém, Dionísio de Roma (que vide) acusou-o de erro, porquanto promoveu uma doutrina de Deus que parecia mais triteísta do que trinitariana. Harnack referiu-se a essa controvérsia como «prelúdio do conflito ariano».

Converteu-se do paganismo e subiu rapidamente em sua vida cristã, até que, finalmente, tornou-se cabeça da escola catequética de Alexandria e bispo de Alexandria (247-248 D.C.). Durante a perseguição de Décio, fugiu da cidade, mas retornou para ali em 251 D.C. Quando da perseguição movida por Valeriano, foi exilado para a Líbia (257 D.C.), mas retornou novamente, após poucos anos. Daí por diante sua vida foi caracterizada por controvérsias doutrinais, especialmente quanto à doutrina de Deus. O papa Dionísio (pontificou de 259 a 268 D.C.) acusou-o de fazer o Filho ser inferior ao Pai. Dionísio replicou que o *homocúsius* não é bíblico, podendo dar a entender que o Pai e o Filho são uma só Pessoa, bem como uma só Substância. Nisso, a distinção de pessoas na Trindade pode ser obscurecida, o que constituía o erro do sabelianismo (que vide). Restou apenas uma pequena porção de seus escritos, principalmente partes de sua obra *Réplica e Defesa*, que é uma defesa de sua doutrina, procurando mostrar que a mesma estava ao lado da ortodoxia. Não teria sido melhor se ele tivesse escrito: «Minha única ortodoxia é a verdade?»

### DIONÍSIO DE ROMA

Faleceu em 269 D.C. Foi bispo (papa) de Roma. Foi eminente promotor do poder da Sé romana. Opôs-se às doutrinas de Orígenes, conforme isso é refletido nos escritos de Dionísio de Alexandria (que vide). Dispomos apenas de fragmentos de seus escritos, essencialmente aqueles preservados por Atanásio (que vide). Em sua controvérsia com Dionísio de Alexandria, ele foi o virtual vencedor, pois a teologia deste último foi revisada, se não em espírito, pelo menos quanto à forma.

### DIONÍSIO, O PSEUDO-AEROPAGITA

Também chamado de *Pseudo-Dionísio*, foi autor de várias obras teológicas, que, equivocadamente, foram atribuídas a Dionísio, o Aeropagita (que vide), um dos convertidos de Paulo em Atenas (Ato 17:34). Essa reivindicação emprestou respeito e grande circulação às suas obras. Porém, as evidências internas indicam que estamos tratando com uma produção literária dos séculos V e VI D.C. Essas obras foram mencionadas inicialmente por Severo, patriarca de Antioquia (512-518 D.C.). Esses escritos foram usados pelos monofisistas severianos quando da conferência teológica de Constantinopla (532 D.C.).

Hipácio (falecido em 536 D.C.), bispo de Éfeso, com justiça fez objeção ao uso dessas obras, porquanto as mesmas não foram mencionadas pelos mais antigos pais da Igreja.

A coletânea inclui os tratados intitulados *Nomes Divinos*, *Teologia Mística*, *Hierarquia Celestial* e *Hierarquia Eclesiástica*. O que temos ali é essencialmente, uma interpretação neoplatônica do cristianismo, com uma teologia completa, cujos elementos são os seguintes: a transcendência de Deus, o qual opera através da hierarquia de nova ordens angelicais; Seu poder, pois foi conferido à Igreja; a Igreja reflete, em sua hierarquia, a hierarquia celestial. Essa ordem atingiria sua mais elevada realização quando da ressurreição. As principais idéias que unem a obra são a tríada: purgativa, iluminadora e unificadora. Essas idéias continuarão influentes no Ocidente até o século IX D.C.; e, mesmo depois disso, provocaram muitos comentários. Os estudiosos não sabem dizer quem foi o autor real dessa obra; mas trata-se de uma obra clássica de expressão religiosa, com base na qual podemos aprender muitas coisas, sem importar os problemas que nela estejam envolvidos.

### DIONISO (DEUS)

Na mitologia grega, era o deus da fertilidade e da vegetação, embora a sua adoração estivesse centralizada em torno da produção e usos do vinho. Um título alternativo era *Baco*, seu nome romano. O culto a Dioniso caracterizava-se por todo tipo de excessos, danças selvagens, orgias sexuais e loucura em geral. A mitologia grega fazia de Dioniso filho de Zeus e da mulher humana Semele. Ela caiu no erro de querer ver a glória de Zeus, pelo que ela foi incinerada ao receber a visão; mas Dioniso foi salvo, tendo sido arrebatado do ventre dela. Visto que esse deus não teve um meio natural para nascer, foi criado um arranjo especial, e o próprio Zeus o recebeu em seu colo, onde ele foi semeado. E, no devido tempo, ele nasceu. Quando se tornou adulto, Dioniso se pôs a viajar pelo mundo inteiro, ensinando a viticultura à humanidade e propagando o seu culto religioso, que era uma adoração selvagem, com a presença de ninfas e sátiros. Juntamente com o frenesi, que incluía os excessos mencionados acima, um tipo de clima era quando os animais eram despedaçados e suas carnes eram comidas cruas. Em torno desse culto desenvolveram-se todas as formas de mitos e estórias, das quais a mais famosa foi a última e mais estranha tragédia de Eurípedes, as *Bacchae*, um drama que, quando visto como deve, é um comento e horroroso estudo da adoração a Dioniso, conforme Eurípedes a conhecia. Todavia, os eruditos modernos supõem que o drama, a tragédia e a comédia, conforme os autores gregos os desenvolveram, devem muito à adoração a Dioniso e suas festividades. Não somente Eurípedes, mas também Esquilo e Sófocles mostram a sua influência. Esse deus representa a seiva doadora de vida ou os líquidos da natureza, o suco da uva, o sangue dos animais, o poder de vida existente em todas as coisas. Portanto, há algo de muito básico nesse culto que os pagãos distorceram. Esse culto satisfazia a impulsos estranhos e terríveis dos seres humanos, sublimando-os como formas de adoração. O livro de certo autor, que tenho à minha frente neste momento, vê uma atividade similar na excitação em massa gerada por vários cultos e religiões, até mesmo em nossos dias, envolvendo grupos e nomes como os tremedores, o hassidismo judaico, os derviches islâmicos e os samãs siberianos. E não poderíamos incluir nessa categoria, ao menos, certo aspecto do movimento carismático (que vide) que, em alguns

lugares, ultrapassa todos os limites da propriedade, em sua exagerada ênfase sobre o lado emocional do ser humano?

Uma interessante doutrina associada ao deus Dionísio é o conceito da *alma* (*psyche*). Em contraste com os escritos homéricos, que falavam na alma como uma sombra, a alma humana, nesse culto, era encarada como o princípio da natureza humana, o seu verdadeiro «eu», que se exilou neste mundo, mas que, na realidade, pertence ao mundo para além das estrelas. Buscando a sua verdadeira glória, mediante o êxtase e o frenesi, por alguns breves momentos, a alma escaparia dos limites do corpo físico, efetuando uma união com aquela divindade. Isso é psicologicamente significativo, porquanto vários grupos religiosos têm usado e continuam usando o *frenesi religioso* para provar experiências místicas, acreditando que algo da presença divina é conseguido. (AM E OS)

••• ••• •••

## DIOSCORÍNTIO

Essa palavra encontra-se somente em II Macabeus 11:21. Acha-se em um contexto no qual uma carta é atribuída a Lísias, deputado de Antíoco Epifânio, que teria escrito aos judeus. A data aparece como o vigésimo quarto dia de *Dioscoríntio*, embora seja disputado o que isso significa. As idéias são as seguintes: 1. A referência pode ser ao mês *Dios*, do calendário macedônio, que corresponde ao mês judaico do Maresvan, Jos. *Anti.*3.3. Porém, o motivo pelo qual foi adicionada a palavra *coríntios*, é desconhecido. 2. Nos manuscritos latinos dessa passagem encontramos VLL, *Dioscoridos*, nome que não se sabe ser o nome de um mês; ou então *Dióscurus*, o terceiro mês do ano cretense. 3. Ou então é possível que a alusão seja a um mês intercalado, que os babilônios e judeus tinham de empregar para fazer seu calendário lunar harmonizar-se ao ano solar, o que era uma necessidade a cada dois ou três anos. O ano lunar é onze dias mais curto que o ano solar, pelo que um ajuste precisava ser feito ocasionalmente.

## DIÓSCUROS

Por emblema *Dióscuros*, Atos 28:11. O emblema era o equivalente antigo ao «nome de um navio». A imagem de um deus, de um homem, de um animal ou de outro objeto qualquer, era esculpida ou pintada à proa da embarcação; e isso servia de identificação da mesma. Usualmente, a figura de uma divindade protetora também era fixada à popa.

*Dióscuros*. No original grego *koiné*, trata-se de uma palavra que, literalmente traduzida, seria *filhos de Zeus*. A tradução portuguesa AA retém o vocábulo grego, transliterado para o português. Outras traduções, como a tradução inglesa RSV, dão o sentido da palavra *Irmãos Gêmeos*, ao passo que outras, como a tradução inglesa KJ, dão os nomes desses gêmeos, isto é, «Castor e Pólux», que supostamente eram filhos de Zeus. Os *Dióscuros* eram os filhos lendários de Zeus e de Leda. Esses deuses da mitologia greco-romana eram cultuados pelos marinheiros, sendo reputados como divindades protetoras dos marinheiros. A constelação «Gemini» (Gêmeos) recebeu seu nome com base nesses supostamente benéficos irmãos gêmeos. Os escritores antigos,

incluindo Sêneca, dizem-nos que essas estrelas, quando eram avistadas durante alguma tempestade, serviam de bom presságio.

Muitos nomes próprios pessoais, usados no mundo antigo, se derivavam, de uma forma ou de outra, desses deuses mitológicos. Tais deuses eram adorados especialmente na cidade de Esparta, como se fossem os protetores dos marinheiros, como já dissemos. Tais deuses têm sido representados em moedas cunhadas em Régio (ver Atos 28:13), como dois jovens a cavalo, com bonés cônicos e estrelas acima de suas cabeças. Eram notáveis pelo seu extraordinário amor fraternal e pela sua devoção um pelo outro, sendo também tipos ideais de bravura e de destreza na fuga. Antes de terem sido aceitos como divindades tutelares dos marinheiros, haviam servido de protetores da juventude, sendo adorados em Esparta e Olímpia juntamente com Hércules e outros heróis. Em Atenas eram honrados sob o nome de *Anakes* (Senhores Protetores).

Quando os marinheiros se encontravam em dificuldade, ante o mar bravo, faziam orações a esses deuses, pedindo a sua proteção, e faziam votos de sacrifício, que consistia em um cordeiro branco. E a tempestade, supostamente, amainava, sendo cumpridos os votos prometidos. Desde os tempos mais remotos a adoração a esses deuses mitológicos se espalhou à Itália e a outros lugares. Já em 414 A.C. havia sido erigido um templo consagrado a eles, na cidade de Roma, próximo do fórum, em gratidão ao seu aparecimento e ajuda, quando da batalha do lago Regilo, ocorrida doze anos antes. Nesse edifício, que ordinariamente era chamado de templo de Castor, o senado com frequência efetuava as suas sessões.

Os nomes desses deuses gêmeos eram usualmente usados como imprecação, como também sucedia no caso de Hércules, outra figura mitológica. Todavia, o nome de Castor era invocado exclusivamente pelas mulheres. Em honra a Castor e Pólux é que, a cada quinze de julho, havia a passeata dos *equites* romanos. A imagem desses gêmeos imaginários pode ser vista estampada no reverso das mais antigas moedas de prata dos romanos.

## DIOTELETISMO

Palavra que provém do grego, «duas vontades». Refere-se à posição teológica de que, em Cristo, residiam duas vontades, uma divina, e a outra humana, correspondentes às suas duas supostas naturezas distintas. Houve teólogos ortodoxos que ensinavam ambas essas doutrinas. O termo é contrastado com o monotelismo (que vide), que ensina a existência de uma única vontade em Cristo; mas isso era explicado de diferentes maneiras, conforme declara o artigo sobre aquele assunto.

## DIÓTREFES

III João 9: *Escrevi alguma coisa à Igreja; mas Diótrefes, que gosta de ter entre eles a primazia, não nos recebe.*

Ele escreveu à igreja ou igrejas locais sobre as quais Diótrefes assumira indevido controle, o que talvez incluisse todas as congregações locais daquela área em geral. Cada uma das pequenas congregações que se reuniam nas casas devem ter recebido uma cópia dessa carta. Essas cartas, mui provavelmente, incluíam, entre outras coisas, o apelo à igreja para que acolhesse aos evangelistas itinerantes, mostrando-se generosos para com os mesmos. Diótrefes se recusava terminantemente a ajudar ao programa

## DIPLOMACIA — DIREÇÃO

missionário da igreja central de Efeso. Provavelmente essa carta também continha outras questões, talvez doutrinárias ou envolvendo questões práticas, além de ensinar sobre costumes morais; e esses itens todos eram desprezados pelo *pequeno César*, Diótrefes.

Gaio é agora informado acerca da atitude de Diótrefes a fim de que o tivesse como exemplo negativo. O *ancião*, pois, esperava que Gaio usasse de sua influência e boa reputação a fim de desviar a igreja das atitudes e ações como as que Diótrefes vinha perpetrando.

Não conhecemos o conteúdo exato da carta enviada pelo «ancião», mas parece não haver nisso qualquer alusão à primeira e à segunda epístolas de João, pelo que alguma carta desconhecida e perdida está em foco.

### DIPLOMACIA

Trata-se da arte, da ciência ou da prática de conduzir negociações entre indivíduos, comunidades ou nações. Em segundo lugar, significa tato e habilidade na condução de negociações. O *diplomata* é alguém que possui as credenciais da pessoa ou do grupo que ele representa. Ele tem um *diploma*, um instrumento de autorização (no grego, *dobrado pelo meio*, como uma carta).

*Entre nações.* Em teoria, a diplomacia envolve contactos entre nações, com a finalidade de encontrar soluções mutuamente concordadas; e os diplomatas são utilizados como instrumentos nessa busca. Com grande frequência, na prática, essas negociações são meras manobras táticas que as nações empregam na tentativa de obter vantagens para si mesmas. Geralmente a verdade não é a base da diplomacia, embora a diplomacia só tenha real valor quando se busca a verdade dos fatos. De outra sorte, o pragmatismo é o poder controlador nessas negociações. A reputação de um negociador pode servir de guia quanto à sinceridade das suas intenções. Aquilo que uma pessoa faz é sempre mais esclarecedor do que aquilo que ela diz.

*Diplomacia comunitária.* A Igreja cristã é uma comunidade, e precisa de diplomatas. Qualquer pastor sabe o que isso significa. Sempre que há alguma comunidade, surgem problemas e conflitos. Sempre haverá facções que se lançam umas contra as outras. Um diplomata é alguém que sabe como apaziguar em face de divergências. A maioria das pessoas, quando surge algum conflito eclesiástico, toma posições partidárias, imediatamente. Mas os diplomatas mantêm-se eqüidistantes, esperando que a luta tome forma, e então entram em cena com o intuito de negociar, a fim de produzir a paz.

*Diplomacia particular.* Jesus elogiou os pacificadores (Mat. 5:9), afirmando que eles serão chamados «filhos de Deus». O mundo, porém, respeita àqueles que provocam destruições, transformando-os em heróis. Homens irracionais aplicam a diplomacia de Laramie (que vide), ao procurarem solucionar as questões por meio da violência e da força.

### DIPLOMACIA DE LARAMIE

Laramie é uma cidade do estado de Wyoming, nos Estados Unidos da América. Era uma cidade fronteiriça, nos dias do velho Oeste, e foi cena de muita violência. Naqueles dias, as questões eram resolvidas prontamente, sem a interferência de tribunais ou advogados, por atos de pura violência. Uma série de filmes de televisão foi filmada em

Laramie, sempre mostrando como os «cowboys» podiam encontrar solução para qualquer conflito de interesses, apenas com alguns poucos tiros. Portanto, a «diplomacia de Laramie» é o uso da *força*, verbal, mental ou física, para o solucionamento de divergências. Atualmente, a Universidade de Wyoming está localizada em Laramie, onde também existem todas as variedades de instituições civilizadas. Isso significa que a «diplomacia de Laramie» é ali usada em muito menor escala do que antigamente. Contudo, pelo mundo inteiro, essa espécie de diplomacia distorcida continua operante.

### DIPLOMACIA PAPAL

Esse título refere-se a dois dos principais documentos expedidos pelo papado, a saber: 1. As *bulas* (que vide), nome derivado de *bull*, um selo de chumbo de formato globular. 2. O documento menos formal, *breve*, selado com a cera vermelha do *anel de pescador*. As bulas são registradas e indexadas com as palavras de abertura, por exemplo, *Inter cetera* (1492) e *Regnans in Excelsis* (1570).

### DIPTYCHS

Termo grego que significa «par de tabletes». Eram tabletes conjugados uns aos outros, feitos de vários materiais. No lado de dentro tinham superfícies com cera, onde se escreviam textos. Nos tempos greco-romanos, esses tabletes eram usados largamente, até mesmo por elementos do governo. O termo veio a ser empregado para indicar listas de pessoas, vivas ou mortas, a quem eram oferecidas orações, nos cultos eucarísticos da antiga Igreja cristã. Os diptychs continuavam sendo usadas em algumas liturgias, como, por exemplo, no cânon latino da missa, onde aparece uma lista de nomes mencionados em cada ofrenda do sacrifício incruento.

\*\*\* \*\*

### DIREÇÃO ESPIRITUAL

O *telamo* (vide) ensina-nos que o Poder Supremo tem interesse em nossas vidas. Claramente, então, é tanto legítimo como necessário procurar entender a vontade de Deus, através de diversos modos que oferecem direção espiritual.

O próprio Senhor Jesus precisou buscar a vontade do Pai, pois, nem sempre, ele sabia qual a melhor coisa a ser feita. Ver Mat. 26:39 ss. Paulo precisou de orientação quando encontrou dificuldades em Corinto, e poderia ter desistido de todo esforço (Atos 18:10). Mas um anjo disse-lhe que ele não sofreria dano ali, e que sua missão teria bom êxito. Cornélio precisou receber a visão de um anjo, a fim de tomar conhecimento da comunidade cristã, e Pedro precisou receber uma visão a fim de saber como incorporar a comunidade gentilica no seio da Igreja cristã (Atos 10). Ora, se os gigantes espirituais tiveram necessidade de orientação especial em tempos de crise, a fim de saberem como melhor poderiam dirigir suas vidas espirituais, é evidente que todos nós também precisamos receber orientação, de vez em quando. Provavelmente é verdade que, normalmente, Deus se mantém nas sombras, permitindo que nos esforcemos por nós mesmos, quando então usamos os poderes, a inteligência e os dons que ele nos outorgou. Porém, surgem ocasiões em que ele precisa intervir

como Pai amoroso, para que nossas vidas sejam bem vividas, moral e espiritualmente falando.

1. *Há meios de orientação pessoais e transpessoais.* O homem possui as facultades da razão e da intuição. O homem é dotado de consciência. Também possui poderes precognitivos, através de sonhos e impulsos psíquicos; e também possui a mente, que transcende aos nossos recursos normais. Existe também a mente cósmica, que algumas vezes pode ser sondada, permitindo-nos ir muito além dos limites de nosso próprio ser.

2. Também existem aqueles meios *dados por Deus*, como dons: as revelações conferidas aos profetas, que podem tornar-se concretas como Escrituras, como foi o caso da Bíblia, de onde extraímos muitas orientações. Há a orientação pessoal do Espírito Santo (João 16:13), que deveríamos buscar e obedecer. Há ministros, na Igreja cristã, que são dotados de sabedoria espiritual e podem aconselhar corretamente. Há aqueles dotados especialmente do discernimento místico, os quais podem perceber além das circunstâncias externas, podendo prever, ocasionalmente, o futuro. Algumas vezes, ver a praia distante ajuda-nos a dar o passo seguinte.

3. *Amigos especiais.* nos são dados em períodos críticos da vida, a fim de nos darem orientação especial para esses momentos. Essas pessoas influenciam o curso de nossas vidas. Por assim dizer, são missionários particulares, enviados para prestar-nos ajuda e orientação. Exercem sobre nós uma influência que nos confere orientação. Todos nós temos estado ativos na inquirição espiritual por certo número de anos, e podemos olhar para o passado e dizer: «Aquele pessoa deu-me uma nova direção na vida, quando eu precisava dela».

4. *Importantes fatores orientadores.* Há pessoas que não estão dispostas a serem orientadas. Elas se envolvem em coisas prejudiciais, que as escravizam. É dada orientação àqueles cujas vidas estão envolvidas na busca espiritual, e que precisam dessa orientação para melhor cumprirem sua missão na vida. Se estivermos somente em busca de autobenefício, então não teremos necessidade de ser orientados. Os motivos egoístas nos dão a orientação de que precisamos. Mas os meios gerais de desenvolvimento espiritual são importantes para nossa vida espiritual. Se esses meios forem seguidos, seremos beneficiados em nossa busca espiritual, e automaticamente receberemos orientação. Esses meios são a preparação do intelecto mediante a leitura e o estudo da Bíblia e outra literatura útil; a oração e a meditação; a santificação; a prática da lei do amor em serviço benéfico a outras pessoas; o toque místico no uso dos dons espirituais e a iluminação por meio do Espírito. A meditação é útil nesse campo.

## DIREITA, RUA

No grego, *euthús*, «reta». Como nome de uma rua, a palavra grega aparece somente por uma vez em todo o Novo Testamento, em Atos 9:11, que a nossa versão portuguesa traduz por «Direita». Essa rua, a única identificada por nome nas páginas do novo pacto, ficava na cidade de Damasco, uma cidade que então ficava dentro da região da Síria, mas que, politicamente, fazia parte da Decápolis (que vide). A cidade de Damasco obteve sua liberdade do domínio romano pouco depois da morte de Cristo, e estava sob o governo de um chefe árabe, durante o período coberto pelo nono capítulo do livro de Atos. Nessa rua havia a casa de um certo Judas, onde Saulo de Tarso

estava hospedado. Foi nessa casa que Saulo foi visitado por Ananias, a mando do Senhor, onde também ele recobrou a vista. Foi ali, finalmente, que Saulo teve a confirmação de sua grande chamada apostólica. Entretanto, essas últimas informações só as recebemos no vigésimo segundo capítulo de Atos, quando Paulo recontava as experiências que tivera por ocasião de sua conversão. Lemos em Atos 22:14 as palavras de explicação de Ananias: «O Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz da sua própria boca, porque terás de ser sua testemunha diante de todos os homens, das cousas que tens visto e ouvido». Essas palavras mostram claramente no que consiste a comissão apostólica.

Se quisermos ser exatos, a palavra portuguesa «rua», nesse trecho de Atos 9:11, não reflete corretamente o termo grego. O vocábulo grego *rúme* (que aparece no Novo Testamento por quatro vezes: Mat. 6:2; Luc. 14:21; Atos 9:11 e 12:10) significa «viela», «travessa», dando a idéia de uma rua estreita. Uma viela assim estreita fazia contraste com uma rua larga, que em grego se chama *plateia* (ver, por exemplo, Mat. 6:5; Apo. 11:8; 21:22 e 22:2).

Interessante é a observação de que na moderna cidade de Damasco continua havendo uma rua chamada *Direita*. Seria, fundamentalmente, a mesma rua? Ela começa no portão oriental da cidade e vai na direção oeste, até o centro da cidade. Apesar de ser esse o provável local da rua do primeiro século da era cristã, é impossível fazermos uma identificação positiva. A contínua ocupação humana do local impossibilita qualquer pesquisa arqueológica, embora continuem preservadas ali diversas estruturas dos tempos romanos, indicando que não tem havido modificações importantes no traçado da cidade, nos séculos que se passaram desde os dias de Paulo até nós.

## DIREITO

Essa é uma palavra ética muito importante, e não admite qualquer definição simples ou completa. Desde há muito a filosofia tem procurado definir e caracterizar o que é «direito». Há algumas boas respostas, mas todas elas são parciais.

### Esboço:

- I. A Palavra
- II. Vários Usos Filosóficos
- III. Idéias Bíblicas

#### I. A Palavra

A raiz dessa palavra é o termo latino *rectus*, que significa «reto». Portanto, no sentido ético, o que é direito deve ser a medida ou padrão daquilo que é certo ou correto. Porém, exatamente qual seja esse padrão, é algo disputado. O *direito* e o *bom* talvez sejam os dois vocábulos chaves da ética. Os *universais* de Platão (que vide) incluíam ambos esses vocábulos, que recebiam importante ênfase no seu sistema.

#### II. Vários Usos Filosóficos

1. *Platão* imaginava um mundo real, metafísico, onde o universal do *direito* habita, como uma espécie de elevada realidade metafísica em seus próprios direitos. Os crentes podem compreender algo do que ele quis dizer, se imaginarem esse direito como um dos atributos de Deus, e não como uma entidade com existência própria. De fato, em seu diálogo intitulado *Leis*, os universais aparecem como atributos de *Deus*. Seja como for, esse direito é um padrão absoluto, que não depende das experiências e tentativas humanas. Antes, é algo eterno e imutável, não-temporal. Mas é imitado no mundo dos particulares (o nosso mundo de

entidades físicas), embora não-criado pelo homem.

2. *Aristóteles* falava em um *direito* instrumental dentro do qual aquilo que é melhor resulta das experiências sociais, onde cada indivíduo encontra a sua própria função (virtude), tendo em vista o bem geral. Essa atitude é comum no empirismo. A ação correta é condicionada para evitar os extremos, quando a pessoa busca o meio-termo áureo. Ver acerca de *Aristóteles* sob o verbete *Ética*. Ver também sobre o *Meio-Termo Áureo*, quanto a uma completa descrição desse conceito.

3. Quando aquilo que é *bom* é tomado como a chave principal da conduta ética, então o *direito* torna-se um aspecto ou realização do bom, e usualmente é formulado em termos de um conjunto de obrigações (ver o artigo sobre o *Dever*), que são propícias àquele propósito. Porém, essa classificação difere muito de filósofo para filósofo. As consequências das ações são destacadas, nesse caso.

4. Quando o *direito* é tomado como a chave principal, então as idéias passam a ser orientadas pelos conceitos de obrigação e de dever, e o próprio bem é definido em termos daquilo que é direito. Nesse caso, as consequências não são o aspecto mais enfatizado. Antes, são ressaltados princípios e normas formais. O artigo sobre o *Dever* explica melhor essas questões.

5. O que é direito e o que é bom podem ser ambos definidos em termos *objetivos* e *subjetivos*, mediante padrões externos à experiência humana, tendo as regras e a bondade de Deus como linhas mestras, ou então guiando-se pela experiência humana. Ou então destaca-se como essas idéias são desenvolvidas por meio da experiência humana, e não através de regras e padrões externamente impostos.

6. Alguns filósofos supõem que aquilo que é bom e aquilo que é direito podem ser conhecidos como qualquer outro item da experiência humana é conhecido, de tal modo que a investigação empírica pode produzir resultados positivos. Esses filósofos têm sido chamados de naturalistas éticos. Entretanto, aqueles que insistem em que os princípios éticos podem ser conhecidos intuitivamente, porquanto a alma seria a origem (ou talvez Deus seja essa origem) das idéias sobre aquilo que é direito, são intitulados intuicionistas éticos. Aqueles que supõem que o direito só pode ser conhecido por meio da revelação divina são chamados teístas éticos.

7. *Tomás de Aquino* (que vide) acreditava que o direito pode ser derivado tanto da razão quanto da lei eterna, divinamente revelada. Também haveria as leis naturais, que podem ser observadas na natureza e na vida humana, as quais, em última análise, estão alicerçadas em Deus, como o Criador e Revelador de si mesmo, por meio da natureza.

8. *Rousseau* (que vide), em contraste com isso, supunha que aquilo que é direito é determinado na experiência humana e concorda com as convenções e o consentimento humanos.

9. *Tipos de direitos* que dizem respeito ao homem: a. *Direitos naturais*, alicerçados sobre a dignidade do homem, com ou sem a idéia de que ele é um ser divinamente criado. b. *Direitos metafísicos*. O próprio Deus, ao dignificar o homem, decretou que o homem tem certo número de direitos, meramente por que é um ser humano. A liberdade é um direito básico e principal. Também há o direito do homem ser remido e restaurado, o direito de receber honras divinas. Isso é um direito universal (João 3:16; I João 2:2). c. *Direitos civis*. Os direitos naturais e metafísicos do homem são refletidos nas constituições

escritas de muitos países, estados ou cidades. Em acréscimo a essas constituições temos a considerar os direitos práticos da vida diária comunal, que não são delineados de modo específico em qualquer documento escrito.

10. *A filosofia do direito*, nos escritos de Hegel, refere-se a como o Espírito Absoluto manifesta-se sob a forma de desenvolvimentos éticos entre os homens. Temos a tríada: Direito Abstrato/Moralidade/Ética Social, de tal modo que, do direito meramente abstrato, temos o desenvolvimento de seus princípios, no seio da sociedade humana.

### III. Idéias Bíblicas

A Bíblia é um livro eminentemente ético, tendo muito a dizer sobre o que é direito ou errado, como também sobre os direitos dos homens. Aquilo que Deus declara como reto, é reto. Isso é delineado por meio de inúmeros mandamentos e requisitos. Entretanto, topamos com dois problemas: 1. *A interpretação*. A Bíblia sempre estará sujeita a interpretação. No campo da *Ética*, porém, deve-se dizer que há muito maior acordo do que no campo das proposições teológicas. 2. *Idéias primitivas e seu desenvolvimento*. Muitos intérpretes cristãos têm salientado que há um crescente conceito da natureza e da moralidade de Deus nas páginas da Bíblia. O Novo Testamento apresenta, mui claramente, um ideal mais elevado, afastando-se da idéia de um Deus guerreiro, o qual é enfatizado em certos trechos do Antigo Testamento. Atualmente estamos vendo o espetáculo da guerra santa dos árabes, com seu infame terrorismo. E eles dizem que, com esses atos, estão servindo a causa de Deus. Isso encontra paralelo em certas atitudes expressas no Antigo Testamento. Até que ponto poderíamos atribuir esse tipo de atividade a Deus? Podemos mesmo atribuí-la a Deus? Orígenes, quando encontrava passagens bíblicas de moralidade duvidosa, no Antigo Testamento, como aquela relativa ao sacrifício humano que Abraão quis oferecer, declarava que devemos buscar ali lições simbólicas e espirituais, não interpretando literalmente cada um desses casos. Com base em tal atitude, temos o desenvolvimento da *interpretação alegórica* (que vide). Apesar desses problemas, que podem ser ignorados sem qualquer dano, todos os crentes apegam-se à Bíblia Sagrada, especialmente ao Novo Testamento, como o texto que nos ensina sobre aquilo que é *direito*. A base do direito bíblico é a revelação divina, e não o empirismo.

*Características da retidão*, ou seja, de conduta em consonância com os retos princípios: 1. A retidão é a obediência à lei de Deus (Deu. 6:25; Rom. 10:5). 2. A retidão é a base do julgamento divino (Sal. 72:2; Isa. 11:4; Rom. 2:6; Apo. 19:11). 3. A retidão de um homem não o justifica, pois a justificação vem inteiramente pela graça de Deus (Rom. 3:20). 4. A retidão é dever do homem, o qual precisa seguir a retidão de Deus (Isa. 51:1). 5. Os ministros do evangelho devem pregar a retidão (II Ped. 2:5). 6. Os crentes devem conduzir-se em consonância com a retidão (I Tim. 6:11; II Tim. 2:22). 7. Há recompensas em reserva para os obedientes à retidão (II Tim. 4:8).

### DIREITO DE PRIMOGENITURA

No hebraico, *bekorah*, «condição de primogênito», um termo que denota os direitos e privilégios dos filhos primogênitos entre os hebreus. No hebraico a palavra figura por onze vezes (por exemplo: Gên. 25:31-34,36; I Crô. 5:1,2). No grego temos o termo

## DIREITO

*prototókia*, «direito de primogênito», vocábulo que figura como substantivo abstrato somente em Heb. 12:16, embora a palavra «primogênito» (no grego, *protótokos*) figure por oito vezes, desde Luc. 2:7 até Apo. 1:5. Entre os hebreus os direitos e privilégios dos primogênitos podem ser resumidos nos seguintes pontos:

1. O direito de ser o sacerdote da família, pois, na sociedade hebréia antiga, cada família tinha seu sacerdote. Rúben era o primogênito de Jacó, mas perdeu sua primogenitura por motivo de seu incesto com Bila (Gên. 49:3,4), direito esse que terminou com o quarto filho daquele patriarca, Levi, porque seus descendentes tornaram-se substitutos de todos os filhos primogênitos do povo de Israel (Núm. 3:12,13; 8:18; I Crô. 5:1). Mesmo assim, os primogênitos só tinham o direito de chegar ao sacerdócio se fossem sem defeito físico, o que envolvia implicações morais e espirituais.

2. Os costumes antigos determinavam que o nome e os títulos de propriedade das famílias seriam transmitidos através dos filhos mais velhos de cada casal. Contudo, a idade não era o único fator considerado. A apropriação do direito de primogenitura por parte de Jacó, o qual pertencia a Esaú, mediante o que Jacó herdou o pacto e deu prosseguimento à linhagem de Abraão, envolve o primeiro uso importante do termo (Gên. 25:28-34).

3. *A dupla porção.* O filho primogênito recebia uma porção dupla da herança deixada pelo pai da família. Provavelmente isso significava que um filho primogênito recebia duas vezes mais do que qualquer um de seus irmãos, e não que ele ficasse com metade da herança paterna, sendo a outra metade dividida pelos demais irmãos.

4. *Autoridade oficial.* O filho mais velho sucedia a seu pai como patriarca da família, como principal autoridade entre os membros da mesma.

5. *No Novo Testamento.* No novo pacto, a primogenitura envolve o Senhor Jesus e os crentes, a saber: *C Senhor Jesus.* a. Ele era o filho primogênito de Maria (Mat. 1:25; Luc. 2:7). b. Ele é o primogênito do grupo das almas remidas (Rom. 8:29; Heb. 1:6). Isso faz dele o filho de Deus e Irmão mais velho de todos os remidos, os quais, mediante a regeneração, — finalmente, haverão de tornar-se participantes da natureza metafísica de Cristo (II Cor. 3:18), e, por conseguinte, da natureza divina (II Ped. 1:3). Isso ocorrerá quando da glorificação, através da ressurreição de nossos corpos. «...gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo» (Rom. 8:23). c. Cristo tornou-se o primogênito de toda a criação (Col. 1:15), um título que destaca sua autoridade sobre toda a criação, visto que essa é considerada sob o ângulo de um relacionamento doméstico. *Os crentes.* Eles são chamados «primogênitos», em Hebreus 12:23, pelos seguintes motivos: a. Eles são privilegiados acima de outros homens. b. Na qualidade de primogênitos, por assim dizer aguardam o nascimento espiritual de outros, para que também se tornem membros da família divina. E talvez também esteja em foco o direito sacerdotal que fazia parte dos privilégios dos primogênitos (Apo. 1:16; 5:10; 20:6). Ver os comentários sobre esses vários versículos no NTI, quanto a maiores detalhes. (ID ND NTI)

## DIREITO DE TRABALHAR

1. Uma das aplicações desse direito é que o homem tem o direito de trabalhar, mesmo que não esteja

vinculado a qualquer sindicato, que lhe requeira o pagamento de taxas, para poder participar do mesmo. Nos Estados Unidos da América, essa legislação alicerça-se sobre o conceito dos direitos individuais. Os oponentes argumentam que o homem que se beneficia daquilo que as uniões fazem em benefício da classe trabalhadora também deveria pagar pelas vantagens assim recebidas. Os oponentes radicais têm perseguido e, em algumas ocasiões, até mesmo têm assassinado, a fim de forçarem todos os trabalhadores a pertencerem aos sindicatos; mas as leis que garantem o trabalho têm prevalecido em alto grau.

2. Uma outra aplicação desse princípio é a garantia dada pelas constituições de certos países, de que o indivíduo tem o direito de trabalhar, e que o governo (usualmente de tendências socialistas) tem a responsabilidade de prover trabalho. Na prática, isso tem freqüentemente resultado no fato de que muitas pessoas são contratadas para fazer algum pequeno trabalho. Isso significa que muitas pessoas fazem um trabalho leve, recebem salários baixos, ao passo que, em outras sociedades, um menor número de pessoas fazem o mesmo trabalho e recebem salários mais altos.

Do ponto de vista ético, ambos os tipos de direito ao trabalho são desejáveis, a despeito dos abusos. Tudo quanto os homens tentam fazer envolve alguma deficiência. É impossível que a legislação humana antecipe e contrabalance todos os problemas que poderão surgir com base em uma lei ou em alguma prática. (H)

## DIREITO DIVINO

O texto de prova geralmente usado em favor dessa doutrina é o décimo terceiro capítulo de Romanos, onde Paulo requer a obediência às autoridades civis como um dever cristão. A base da idéia é que essas autoridades foram delegadas por Deus para cumprirem o seu papel. Entretanto, o desenvolvimento moderno dessa idéia ocorreu, principalmente, no século XVIII, na Inglaterra, ao tempo dos monarcas da dinastia Stuart. A doutrina foi exagerada a fim de afirmar que o rei tem uma posição e direito hereditários, por instituição divina. Essa doutrina, contudo, não deve ser confundida com a antiga noção pagã da autoridade divina dos reis, os quais seriam deuses, filhos de deuses ou deuses em formação.

Um possível pano de fundo da doutrina é a noção medieval da autoridade divina do ofício real. O conflito de autoridade com o papa foi um vexame constante durante a Idade Média. A luta era favorável ora ao papa, ora ao imperador do Santo Império Romano. Essa teoria foi expandida por Tiago I e, posteriormente, pelos Stuarts, que fizeram a idéia envolver o direito pessoal de governar em virtude de nascimento. Isso significa que os monarcas teriam autoridade divina como pessoas, e não meramente por ocuparem um ofício. As autoridades eclesiásticas inglesas deram apoio às reivindicações dos reis. Porém, o declínio das monarquias européias também assinalou o declínio da doutrina do direito divino. Com o desaparecimento do governo monárquico na maioria dos países, a teoria voltou (no caso de pessoas religiosas) à sua antiga forma: deve-se obedecer às autoridades civis porque Deus foi quem as ordenou. Isso, porém, é modificado pelo fato óbvio de que, algumas vezes, os governantes civis promovem a injustiça e a perseguição religiosa. Nesses casos, Deus, como o Grande Rei, precisa ser obedecido por questões de consciência, mesmo que isso signifique

que o governante civil precise ser desobedecido (ver Ato 5:29). A consciência religiosa jamais poderá ser sacrificada. As leis que regem a consciência religiosa são mais importantes do que o direito divino dos reis. Por outro lado, há um exagero oposto, segundo o qual pessoas religiosas afirmam que pertencem somente ao reino celeste, e então desobedecem proposital e erroneamente às leis civis. Um exemplo disso são as chamadas Testemunhas de Jeová.

*As Duas Espadas.* Devemos considerar a espada espiritual, entregue à Igreja cristã. Mas também há a espada temporal, entregue ao governo civil. Deus é a fonte de ambas; mas a espada espiritual é superior. Isso explicaria a superioridade do papa. Essas duas espadas também pareciam apontar para a separação entre a Igreja e o Estado; mas, na prática, especialmente durante a Idade Média, a espada espiritual infringia os direitos da espada temporal. A reação foi que se passou a dizer que toda a autoridade, espiritual e temporal, pertence ao monarca. E então uma única espada passou a dominar. Todavia, isso produziu muitos abusos, porquanto os reis começaram a levar-se muito a sério. Isso provocou uma onda republicana. A história pôs fim a esses abusos, na maioria dos países. (AM E P)

## DIREITO ECLESIASTICO

Ver os artigos sobre **Cânon, 7. Lei Canônica e Cortes Eclesiásticas.**

## DIREITO NATURAL

Ver o artigo paralelo sobre **Direitos Naturais.**

A lei natural é o conceito que diz que as leis humanas, políticas e civis, repousam sobre uma lei superior, confirmada pela *consciência comum* daquilo que é justo. Isso se deriva de uma dádiva comum da própria natureza. Usualmente, isso é explicado como um requisito da natureza metafísica da própria criação, ou como um requisito da providência divina. Deus injetou no homem a compreensão a respeito da justiça. Cícero defendia essa idéia. Os trechos de Rom. 1:18-21 e 2:14,15 têm sido comumente entendidos como textos de prova em favor da doutrina ensinada pelos pais da Igreja, filósofos escolásticos e reformadores. Ademais, as leis do Antigo Testamento têm sido consideradas a codificação da *lei natural*. Forças cósmicas, impessoais (como é o caso do Logos dos estoicos), ao porem em ordem as coisas, teriam estabelecido a lei natural. Ou então, se esse conceito torna-se pessoal, então a divindade, ou divindades diversas, têm sido consideradas responsáveis pela compreensão da justiça por parte dos homens. Essas leis têm sido instituídas na própria natureza, bem como na consciência humana.

### Idéias Específicas:

1. *Platão.* A razão humana tem a capacidade de discernir o que é que a natureza requer, e a natureza é uma imitação dos universais, onde o *direito* é uma importante entidade.

2. *Aristóteles* falava sobre a lei natural como imutável e universal, mais importante do que as leis humanas escritas, porquanto é a base destas últimas.

3. *Os estoicos* tinham um elevado respeito pela lei natural como baseada nos ditames do *Logos*, que é a razão universal. Cícero fazia a distinção entre a *ius gentium* (lei do povo) e a *ius naturale* (lei natural), sem dúvida, em parte influenciado pelo estoicismo.

4. *Tomás de Aquino* estabelecia cuidadosa distinção quanto a essa questão, e aludia à eterna lei de

Deus, refletida pela lei natural. Ele falava sobre a legislação humana (leis escritas, denominadas leis positivas) e sobre a *ius gentium*, derivada da lei natural, a qual, por sua vez, se deriva da lei divina. A lei divina é comunicada através da revelação e da razão. A lei natural estaria sujeita aos poderes de raciocínio do homem. Mas a intuição também está envolvida, pelo que o homem naturalmente reconhece muitas coisas sobre o que é direito ou não, mesmo sem qualquer revelação divina direta.

5. Muitos outros filósofos continuaram a cultivar e a expandir essas idéias, como Hooker, Grotius e Thomas Hobbes (ver os artigos sobre eles). Alguns estudiosos ligam as leis naturais às leis divinas, e outros não o fazem, assumindo uma posição mais parecida com a dos antigos filósofos estoicos.

6. Em contraste com isso, há filósofos empíricos que consideram a lei natural um mito, porquanto pensam que a única lei que há entre os homens é aquela desenvolvida pela experiência, que repousa sobre as convenções, o pragmatismo e o consentimento mútuo. Em outras palavras, a lei seria *humana*—não-natural e nem divina. (E EP P)

## DIREITO ROMANO

*Esboço:*

I. O Termo

II. Formação

III. Fontes

IV. Algumas Leis Específicas

V. A Lei Romana e o Novo Testamento

VI. A Lei Romana e a Cristandade

### I. O Termo

A expressão **lei romana** inclui tanto o seu desenvolvimento na Roma antiga quanto a sua fundação tradicional, pelo imperador Justiniano I (527-565 D.C.), o que significa que inclui todos os períodos da estrutura constitucional romana, a saber, o reino, a república e o império.

### II. Formação

Fazemos alguma idéia sobre as antigas leis que governavam as populações romanas com base nas referências literárias e na arqueologia. A maior parte dessa informação diz respeito a leis domésticas, sagradas e da realeza. A história real da lei romana começa com a *Lex duodecima tabularum* (Doze Tábuas), que data de 451-450 A.C., o que foi cerca de cinquenta anos antes do estabelecimento da república. Essas leis foram a culminação de costumes e leis de tempos anteriores, e abordavam todas as questões importantes da vida diária. Essas leis, essencialmente, eram citações e idéias dos juristas, dos historiadores, dos oradores e dos gramáticos. Nesse período inicial, não havia nenhuma codificação completa da lei romana, embora Júlio César (45 A.C.) tivesse tido a intenção de prover tal codificação. Uma completa codificação só teve lugar no tempo de Justiniano, em seu *Corpus Juris* (que foi assim chamado, pela primeira vez, já no século XVI D.C.), — que veio à tona em 529-534 D.C.

*Distintos Períodos Formadores.* 1. O período primitivo. 2. As Doze Tábuas do período republicano, até Augusto (27 A.C.—14 D.C.). 3. O período clássico, no início do império, até Diocleciano (284—305 D.C.). 4. O período pós-clássico e a *codificação de Justiniano*, no tempo da monarquia absoluta e da legislação imperial.

*O Gênio Romano.* Tem sido dito e repetido que os romanos não foram inovadores. Entretanto, eles



## DIREITO ROMANO

foram grandes organizadores e compiladores. Esse gênio manifestou-se na codificação de leis, por parte dos romanos. Ao longo da milenar história romana, a lei foi conduzida a um elevado nível de desenvolvimento jurídico, sendo seguro dizer-se que a lei foi a grande contribuição dos romanos para a civilização. As leis romanas tornaram-se a base dos códigos legais de todos os países europeus, e também refletem-se na maioria das modernas legislações do mundo.

### III. Fontes

1. *As antigas leis e os códigos*, que tratavam sobre questões sagradas e reais.

2. *As Doze Tábuas*, que surgiram mediante a influência dos pontífices pagãos, juristas, conselheiros legais e magistrados, embora fossem contribuição especial dos juristas. O conceito da lei natural (que vide) foi reduzido a um código, para satisfazer às necessidades diárias e pragmáticas que o povo enfrentava. Nesse ponto o espírito prático dos romanos mostrou-se importante, porquanto produziu leis justas para um maior número de pessoas que as meras especulações filosóficas poderiam ter feito.

3. *Os Magistrados*. A atividade criativa dos *pretores* era completada pelos decretos dos *edís*, e o resultado disso foi uma legislação prática que governava toda forma de atividades diárias, como a compra e a venda de escravos, de animais domésticos, ou como os negócios sobre terras. A lei pretoriana, após quase cinco séculos, chegou ao fim sob Adriano (117-138 D.C.), por cuja iniciativa o jurista Juliano (depois de 132 D.C.) compilou o chamado *Edictum perpetuum*, que era uma codificação das leis decretadas.

4. *As Assembléias*. As assembléias populares, durante o período republicano, das quais o povo comum participava, estabeleceram muitas leis que, finalmente, tornaram-se parte integrante da legislação romana (cerca de 286 A.C.).

5. *O Senado*. No período mais antigo, os pronunciamentos do senado tinham mais um caráter de aconselhamento; mas, na época do imperador Adriano, os decretos senatoriais passaram a ter força de lei. Várias decisões do senado romano produziram importantes inovações na lei romana.

6. *O Jus Gentium*. Roma tinha um bom número de estrangeiros, os *peregrini*, os quais, por longo tempo, foram cidadãos de segunda classe e tinham poucos privilégios diante da lei. Com a passagem do tempo, entretanto, foi necessário que Roma reconhecesse a legitimidade dos direitos dos estrangeiros e a sabedoria de seus costumes e idéias. Gradualmente, alguns desses elementos vieram a fazer parte da própria lei romana.

7. *Os Imperadores*. Os imperadores estavam investidos de grande autoridade e podiam baixar leis. Com frequência, os senadores meramente aprovavam o que o imperador decidisse. Por exemplo, Adriano aboliu a distinção entre os estrangeiros e os naturais concedendo, em larga escala, a cidadania aos estrangeiros. Decretos imperiais (*constituições principis*) tinham o poder de substituir leis anteriores. Importantíssima, quanto a esse aspecto, foi a legislação de Justiniano, uma compilação e codificação toda abrangente (529-534 D.C.). Essa legislação incluiu a retenção de antigas leis e a adição de novas leis, porquanto Justiniano mostrou-se ativo em muitas reformas.

### IV. Algumas Leis Específicas

1. *Sobre Indivíduos*. As três áreas cobertas eram as da liberdade, da cidadania e da família. A grande

distinção, relativa à liberdade, era entre o homem livre (*libertas*) e o escravo (*servus*). Também havia os *libertos* (*liberti*), que antes haviam sido escravos, mas que depois foram libertados. Legalmente, esses eram cidadãos livres, embora lhes fossem negados certos direitos. Não podiam ocupar determinados cargos políticos e retinham alguns deveres no tocante a seus antigos proprietários.

*A cidadania romana*. Os cidadãos romanos tinham plenos direitos diante da lei, em contraste com os estrangeiros (*peregrini*). Eles desfrutavam da proteção dos tribunais romanos, liberdade no comércio e direito a casamentos válidos, efetuados pelo estado. A cidadania romana era concedida a estrangeiros pelos proprietários que libertavam escravos, por direito de compra ou por determinação de algum governante. Isso se tornou cada vez mais freqüente, até que o imperador Caracala simplesmente concedeu a cidadania romana a quase todos os habitantes do império, indistintamente. A cidadania era perdida por criminosos judicialmente condenados, bem como por aqueles enviados ao exílio (*deportatio*).

*Leis que governavam a estrutura da família*. No seio da família, o pai tinha mais direitos do que os demais membros, os quais lhe eram sujeitos até à sua morte. O filho que chegasse à idade adulta legal tornava-se independente, e uma filha, quando se casasse.

*Matrimônio*. Havia o matrimônio legal, mas a convivência por um ano legalizava uma união. No casamento, a propriedade da esposa ficava sob a gerência do marido. O divórcio era fácil de obter, a menos que o homem tivesse adquirido poder legal (*manus*) sobre a esposa. Então surgiam problemas criados pelo patrimônio comum e pelos laços de família controlados por lei.

*Tutoramento*. Pessoas que ainda não tivessem chegado à idade da puberdade: catorze anos para meninos e doze anos para meninas, ficavam sob a tutela (*tutela*) de um guardião (*tutor*). Transações feitas pelos jovens precisavam ser aprovadas pelo tutor. Pessoas que já tivessem ultrapassado a puberdade (*puberes*), mas que ainda não tivessem chegado aos vinte e cinco anos (*minores*) eram consideradas legalmente capazes; mas, se fossem fraudadas em alguma transação, havia pretores que buscavam protegê-las mediante medidas corretivas. Mulheres solteiras, sem orientação paterna, estavam sujeitas aos cuidados de outras mulheres (*tutela mulierum*) por toda a vida. Lunáticos e filhos que gastassem dinheiro de modo irresponsável não ficavam sob a jurisdição de seus pais, mas eram controlados diretamente pelos oficiais municipais.

2. *Sobre Coisas*. Duas categorias gerais de coisas controladas pela lei eram os imóveis (*res immobiles*) e os móveis (*res mobiles*). As leis referentes a essas coisas delineavam os direitos, as obrigações e as utilidades. Todas as questões relativas à agricultura, às possessões e ao comércio eram devidamente controladas. Havia propriedade exclusiva de certas coisas (*dominium*), mas também havia uma propriedade menos definitiva, chamada *possessio*, que era o controle factual sobre alguma coisa, embora não sendo o verdadeiro proprietário.

3. *Lei da Sucessão*. Essa era a lei referente às heranças (*hereditas*). Se não houvesse testamento por ocasião da morte do pai, então as propriedades passavam para as mãos dos seus herdeiros (membros de sua família imediata). Caso ele não tivesse família, então as propriedades passavam para o domínio de parentes da linhagem masculina. Os testamentos precisavam dar os nomes dos herdeiros, sob pena de

ficarem sem validade. Os herdeiros podiam ser substituídos por outros, segundo a vontade do testador.

4. *Leis das Obrigações.* Essas leis governavam todos os tipos de contratos pessoais, legais e comerciais. Os erros praticados eram penalizados com um conjunto de obrigações e castigos. Esses erros incluíam o furto, as obrigações forçadas e os ferimentos corporais.

5. *Procedimentos Cíveis.* Os julgamentos eram divididos em dois estágios. Em primeiro lugar havia o *in iure*, quando o acusador e o réu apareciam na presença de um juiz a fim de exporem o seu caso. A questão poderia ficar resolvida de pronto, se os contendores chegassem a um acordo. Em caso contrário, a questão subia ao segundo estágio. Então eram contratados advogados de acusação e de defesa, e o juiz proferia a sentença, uma decisão que os dois lados envolvidos tinham de acatar. No período republicano final, esse modo de proceder tornou-se mais elaborado pelo uso da *fórmula*, um documento escrito que regulamentava as ações a serem tomadas, obrigatórias para ambos os lados. Ainda mais tarde, surgiu o direito de apelar.

#### V. A Lei Romana e o Novo Testamento

1. *A Religião Legal.* A narrativa de Lucas-Atos tinha, como um de seus objetivos, a obtenção de estado legal para a emergente Igreja cristã. O judaísmo já havia conseguido essa posição. Mas a tentativa de Lucas fracassou, e uma certa proteção que Roma vinha dando aos cristãos e aos missionários cristãos, tornou-se em hostilidade e franca perseguição. As religiões não aprovadas legalmente eram consideradas traidoras, porquanto eram tidas como contrárias às divindades que seriam protetoras do estado romano.

2. *A Proteção Romana.* O relato de Lucas-Atos alude favoravelmente à Roma, aos seus oficiais locais e à imposição da lei para resguardar a paz. Cada encontro que Paulo teve com oficiais locais redundou em proteção contra a fúria das autoridades religiosas judaicas. Como exemplos, podemos examinar os trechos de Atos 18:12 ss; 19:23 ss: 23:23 ss; 24:28 ss; e 28:30,31. Até mesmo quando encarcerado, Paulo teve muita liberdade e deu prosseguimento ao seu ministério, e é com esse tom favorável que termina o relato do livro de Atos. Contudo, houve casos contrários, de oficiais do governo que perseguiram os cristãos, como se vê em Atos 14:1 ss; 19. O trecho de Atos 24:26 mostra-nos que Félix procurava receber algum suborno da parte de Paulo; se o tivesse recebido, teria deixado esse apóstolo em liberdade. Portanto, o quadro, embora geralmente positivo, exhibe algumas falhas graves. Seja como for, pode-se dizer que o cristianismo primitivo foi protegido por Roma, em seus primeiros anos críticos. No entanto, mais tarde, a nova fé sofreu todo o impacto da ira de Roma.

3. *Itens Específicos da Lei Romana.* a. O fato de que Paulo era cidadão romano, pelo que tinha certos direitos, é enfatizado em Atos 16:37 e 22:25. b. Na qualidade de cidadão romano, Paulo podia *apelar para César*, e ser julgado diretamente por ele (Atos 25:10 ss), e isso foi o que, finalmente, aconteceu. c. A questão da *adoção romana* está por detrás das declarações de Rom. 8:15 ss. d. Talvez haja leis romanas parcialmente em foco, na questão do *casamento e novo casamento*, no sétimo capítulo da epístola aos Romanos. e. Os romanos acreditavam na *lei natural* (que vide), por meio da influência do estoicismo (que vide). Por meio desse conceito, a natureza, ou então Deus ou deuses por detrás da

mesma, conferem aos homens certos direitos, pelo simples fato de serem homens, e não por motivo de leis criadas pelos homens. O primeiro e o segundo capítulos da epístola aos Romanos dão apoio à idéia da influência e da providência divinas, que afetam a maneira dos homens agirem e pensarem. Essas influências tornam-se agentes que fazem as leis serem baixadas. f. O direito da *cidadania romana* era uma possessão altamente cobiçada. No entanto, há uma possessão superior, um direito maior, que é a cidadania no reino celeste (Col. 1:13; Fil. 3:20). É possível que, por detrás de tais declarações, a idéia da cidadania romana brilhasse. g. O poder do *imperador* tornou-se supremo, e assim ele se tornou o grande legislador. Não obstante, há o *Rei dos reis*, que é o maior de todos os legisladores, e é a ele que devemos a nossa lealdade (Apo. 1:6,11; 19:11 ss). Não há que duvidar que esse contraste aparece no livro de Apocalipse, a saber, entre o poder temporal e opressivo, e o poder eterno e beneficente. h. O *ius gentium* dava aos *peregrini* ou estrangeiros uma posição inferior neste mundo. Os crentes, como um corpo, se é que são o que devem ser, são *peregrinos* neste mundo (Heb. 11:13 ss).

4. *Abusos e Hostilidade.* A proteção romana, dada a princípio aos cristãos, acabou sendo trocada por uma atitude de hostilidade e perseguição, o que perdurou por cerca de duzentos anos, até que houve a conversão nominal de Constantino, no começo do século IV D.C. O livro de Apocalipse, em sua inteireza, reflete a hostilidade do Estado romano contra a Igreja cristã. De fato, os grandes juízos previstos na Bíblia aludem, primariamente a Roma (Babilônia), e então ao resto do mundo. Contudo, também devemos lembrar que o *mundo* daquela época consistia no império romano. Roma violava o princípio da *lei natural* e degradava a dignidade humana. Isso resultava em perseguições e matanças. O julgamento divino espera por nações que agem desse modo. Podemos pensar nas nações que, na atualidade, estão promovendo o terrorismo. Mais cedo ou mais tarde, Deus haverá de fazer intervenção.

5. *Obrigações dos Cristãos.* Aos crentes é ordenado que obedecam às leis e à legislação da terra (Rom. 13).

#### VI. A Lei Romana e a Cristandade

A Europa tem uma herança legal comum, porquanto as nações daquela região do mundo incorporaram as leis romanas em sua própria legislação. As raízes das leis européias firmam-se sobre Roma e sobre a Bíblia. As codificações de Justiniano, que, a partir do século XVI começaram a ser conhecidas como *Corpus Juris Civilis*, exerceram larga influência em toda a história subsequente das leis. Ver os artigos separados sobre a *Igreja e o Estado e a Igreja e o Mundo.* (AM ND NTI Z)

#### DIREITOS, IMPOSTOS

Há várias palavras hebraicas e gregas envolvidas na idéia de taxação ou cobrança de impostos. Uma palavra hebraica indica uma taxa ou tributo pago sob a forma de cativos, escravos, dinheiro, produtos agrícolas, etc., que uma nação conquistadora impunha a povos conquistados. Uma outra palavra hebraica aponta para os impostos cobrados sobre bens importados, sendo uma taxa alfandegária, por conseguinte. Uma terceira palavra hebraica, derivada do verbo que significa «andar» (ver Esd. 4:13,20; 7:24), é traduzida em nossa versão portuguesa por «pedágio». Ainda há uma quarta palavra hebraica que indica labor forçado da parte de algum povo cativo,

## DIREITOS, IMPOSTOS

conforme Israel impôs às cidades cananéias conquistadas, uma das mais antigas formas de taxaço (ver Deu. 20:11). Uma quinta palavra hebraica indica uma taxa ou tributo que um governo cobrava de outro, geralmente por meio de algum tratado (ver Núm. 31:37). Uma sexta palavra hebraica aponta para uma multa ou castigo que assumia a forma de um tributo ou de despojos de guerra (ver II Reis 23:33). Uma sétima palavra hebraica indica um tributo ou taxa cobrada de um poder estrangeiro (ver II Crô. 17:11). Uma oitava palavra hebraica aponta para a avaliação do preço de um terreno, com finalidade de taxaço, conforme Jeoaquim avaliou sua terra a fim de pagar taxas a Faraó Neco (ver II Reis 23:35). Os termos gregos usados nesse campo da taxaço, no Novo Testamento, são cinco: a. *kensos*, que era um imposto predial, sob a forma de uma moeda (ver Mat. 22:17,19; Mar. 12:14). b. *télos*, uma taxa alfandegária ou dever (ver Mat. 17:25; Rom. 13:7). Uma forma variante da palavra, *telones*, é traduzida por «publicano», no Novo Testamento. c. *phóros*, que indica tributos pagos sob produtos agrícolas e outros (ver Luc. 20:22,23; Rom. 13:7). d. *didrachmon*, uma moeda grega de duas dracmas, de valor idêntico à moeda judaica de meio siclo, que os judeus chamavam de «taxa do templo» (ver Mat. 17:24-27). e. *apographé*, que era um registro ou inventário das possessões materiais de uma pessoa, para efeito de taxaço, ou então o recenseamento ou registro de indivíduos, a fim de que lhes fosse cobrado um imposto. Em Luc. 2:2, José e Maria foram a Belém, a fim de serem «alistados» ou «registrados» com essa finalidade. (Cf. II Reis 15:20; II Crô. 8:8; Esd. 6:8; Nee. 5:4; Luc. 23:2). Essa taxaço incidia sobre dinheiro, mercadorias, produtos agrícolas, gado ou possessões materiais similares, que um governo impunha para custear serviços ou propósitos específicos, ou como tributo posto sobre outros governos e seus cidadãos, usualmente em alguma proporção ao valor calculado ou quantia em dinheiro ou valor das propriedades. Na antiguidade, havia um tipo especial de taxaço sob a forma de tributo, que um governo ou chefe exigia de outro, após havê-lo derrotado em combate, tendo em vista certos privilégios. As organizações eclesíásticas, como se via na religião judaica, também cobravam impostos para sustento da causa religiosa.

Governos e povos de todas as civilizações, antigas e modernas, têm conhecido a prática da cobrança de impostos e o pagamento por direitos. A grosso modo, os métodos, tipos de taxaço e as atitudes para com a cobrança de impostos não têm mudado em nada através dos séculos. Com base na extensa lista de palavras usadas para indicar taxas e tributos na Bíblia, pode-se ver que o antigo povo de Deus estava bem familiarizado com a questão. Na Bíblia, uma das primeiras referências à taxaço ocorre no Egito, durante os sete anos de abundância, quando José foi autorizado por Faraó a recolher uma larga proporção do cereal, guardando-a para os anos de escassez, que logo chegariam (ver Gên. 41:25-57). A taxa de recolhimento deve ter sido alta, porque lemos: «Assim ajuntou José muitíssimo cereal, como a areia do mar, até perder a conta, porque ia além das medidas» (Gên. 41:49). Isso pôde ser feito no Egito porque ali Faraó era o senhor absoluto e proprietário de todas as terras (ver Gên. 41:44). O rei Davi impôs uma outra forma de taxaço, sob a forma de tributos cobrados de nações e governantes que ele derrotava em batalha, como os filisteus, os moabitas e os idumeus. (Ver II Sam. 8:1-15).

O trabalho forçado por parte de cativos era uma

outra forma de taxaço ou tributo, conforme Salomão usou na construção do templo de Jerusalém. (Ver I Reis 9:15-23). De acordo com I Reis 4:7, Salomão deve ter introduzido em seu próprio reino uma forma de taxaço. Até onde se sabe, essa foi a primeira vez em que o povo de Israel teve que pagar impostos, pois antes dessa ocasião, o governo custeava suas despesas com despojos e cativos da guerra. Salomão também cobrava taxas dos negociantes e das caravanas (ver I Reis 10:14).

**Israel e Judá, com freqüência, foram forçados a pagar taxas ou tributos a países inimigos ao redor deles, quando por eles eram conquistados—os assírios, os egípcios, os babilônios e os persas (ver II Reis 18:13 ss).** O Egito cobrou de Judá um pesado tributo, e Jeoaquim teve de oprimir seu povo para saldar o compromisso (ver II Reis 23:33). Os persas introduziram um método de taxaço que se tornou largamente usado na história posterior: o governante provincial de alguma nação conquistada era forçado a pagar certa quantia anual ao poder ocupante, quantia essa que era requerida do povo da província, de várias maneiras (cf. Esd. 4:13). É possível que o começo da isenção de impostos, com propósitos religiosos, tenha começado na época de Esdras: «...vos fazemos saber acerca de todos os sacerdotes e levitas, cantores, porteiros, de todos os que servem nesta casa de Deus, que não será lícito impor-lhes nem direitos, nem impostos, nem pedágios» (Esd. 7:24). Os persas também cobravam pesados impostos nos dias de Neemias. Queixou-se ele de que os governadores antes dele «...oprimiram o povo, e lhes tomaram pão e vinho, além de quarenta siclos de prata...» (Nee. 5:1-15). A taxaço era comumente conhecida pelo nome de «pão do governador».

**Nos tempos helenistas, começou a ser usado o sistema familiar de «taxaço sobre as atividades agrícolas», entregue a quem oferecesse mais vantagens, e que contava com o poder do exército a escudá-lo, a fim de coletar todo o tipo de impostos.** Durante a *dominação grega*, segundo se diz, ricos e poderosos negociantes reuniam-se anualmente em Alexandria para disputar pelo direito de cobrar impostos de sua própria gente. Esse sistema produzia lucros exorbitantes, porque o coletor de impostos podia embolsar tudo quanto pudesse recolher além da quantia exigida pelo governo. Algumas vezes, o dinheiro assim recolhido era inacreditável. Sob os selêucidas, o governo requeria um terço do cereal produzido, metade das frutas e uma porção dos próprios impostos cobrados no templo. Pompeu, de Roma, cobrou pesados impostos da província judaica. Outro tanto fez Júlio César, embora tivesse isentado os judeus de pagarem impostos nos anos sabáticos.

Nos tempos do Novo Testamento, sob Herodes, o Grande, havia cobrança de impostos sobre os habitantes da Palestina relativamente a quase tudo, especialmente nos campos (ver Josefo, *Anti.* 15:10). Nos dias dos procuradores romanos da Palestina, a cobrança de impostos era entregue a quem oferecesse as melhores vantagens, sistema esse que, finalmente, foi adotado quanto ao império romano inteiro. As variedades de impostos aumentaram em número de tal modo que os pobres se sentiram pesadamente oprimidos. Havia impostos sobre as terras e as propriedades, o tributo (Mat. 22:17), impostos sobre exportações e importações, nos portos marítimos e nas portas das cidades, uma taxa sobre a colheita (uma décima parte da safra de cereais e uma quinta parte do vinho, das frutas e do azeite), imposto de um por cento sobre a renda anual de cada indivíduo, impostos sobre o uso das estradas, sobre a entrada em

## DIREITOS CIVIS

certas cidades, sobre os animais de carga, sobre os veículos, sobre as vendas, sobre o comércio da escravatura, sobre a transferência de propriedades e até mesmo taxas emergenciais!

É verdade que sob o governo dos romanos, os povos recebiam os benefícios da lei e da boa ordem em terra e no mar, boas estradas, edifícios públicos, mercados, estádios, banhos, teatros, etc., embora as províncias fossem sangradas quase até a morte, nesse processo. Além de todos esses impostos, dos judeus requeria-se que pagassem a taxa do templo—meio siclo anualmente, que o trecho de Mateus 17:24 chama de «o imposto das duas dracmas». Todo judeu de vinte anos de idade para cima, ao redor do mundo, pagava esse imposto, com vistas ao bom funcionamento do santo templo de Jerusalém. (Cf. Exo. 30:11-16). Depois de Vespasiano, quando o templo foi destruído, no ano 70 D.C., os judeus tiveram de continuar pagando o imposto do templo, apesar deste não mais existir.

Posteriormente, Roma introduziu o sistema de cobrança de impostos através do recenseamento (ver Luc. 2:2). Havia um elevado oficial romano chamado censor. Este procurava cobrar os impostos de maneira menos dispendiosa possível. Ele vendia o direito de cobrar impostos em várias áreas ou distritos a quem pagasse mais alto e estabelecia a cota governamental, dando aos publicanos o direito de fazerem coletas, das quais eles ficavam com certa porcentagem. Os contratos eram estabelecidos pelo período de cinco anos. Esse era o sórdido e opressivo mundo dos impostos no qual operaram homens como Mateus e Zaqueu. Sabia-se que eles enganavam tanto os oficiais do governo quanto os pagantes dos impostos. Deixavam-se subornar pelos ricos, permitindo-lhes pagarem menos impostos (cf. a parábola do mordomo infiel, em Luc. 16:1-9, que teria determinado a certo pagante: «...escreve cinquenta»). Na Palestina os publicanos ou coletores de impostos formavam exércitos inteiros, e com frequência a profissão era herdada, passando de pais para filhos, o que formava uma autêntica casta de publicanos. Sob Judas, o Galileu, os judeus rebelaram-se contra essa escravatura de impostos escorchantes, mas os revoltosos foram esmagados pelo tacão do poder romano (ver Atos 5:37). Não é de surpreender, portanto, que os judeus odiassem o sistema dos impostos. Tinham muitas razões para esse ódio: a. Os publicanos enriqueciam às custas de pobres e ricos, igualmente; b. o método do recenseamento e do censor romano requeria que as pessoas fossem à cidade de origem, o que era uma grande inconveniência para todos, segundo lemos a respeito de José e Maria; c. grande parte daquilo que era recolhido seguia para a opulenta cidade de Roma, para ser distribuído entre uma população ociosa, em uma época em que estava abaixo da dignidade de um cidadão romano trabalhar com as próprias mãos; d. além de tantas obrigações, pesava ainda sobre eles o imposto do templo, a cada ano. Os coletores de impostos seguiam aos bandos de aldeia em aldeia, uma vez por ano, a fim de recolherem essas taxas; e, nos países estrangeiros, havia lugares determinados onde essa cobrança era feita.

Não há que duvidar que os antigos sabiam tudo sobre impostos. Os abusos e as indignidades amontoavam-se, esmagando o povo, especialmente das nações conquistadas. As alusões existentes nas Escrituras a taxas, tributos, impostos, publicanos, etc., tornam-se mais compreensíveis, vistas contra esse pano de fundo histórico. Alguns têm expressado surpresa diante da atitude de Jesus, o qual, quando

confrontado pelo dilema exposto pelos fariseus, sobre a taxação, proferiu aquela familiar declaração: «Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mat. 22:15-22). E também diante do fato de que Paulo, que também viveu dentro do império romano, tivesse baixado aquele princípio permanente: «Por esse motivo também pagais tributos: porque são ministros de Deus, atendendo constantemente a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra» (Rom. 13:6,7). Porém, nem Jesus e nem o apóstolo Paulo estavam falando contra o sistema de taxação, mas em favor da honestidade, da justiça e da boa ordem, sob Deus, neste mundo.

## DIREITOS CIVIS

A maioria dos países civilizados conta com constituições que garantem certos direitos básicos dos cidadãos. Surge o problema quando as próprias leis favorecem algumas classes mais do que as outras, como aos brancos mais do que aos negros, ou como aos homens mais do que às mulheres, ou aos naturais da região mais do que aos imigrantes. Isso cria uma situação segundo a qual pessoas que vivem em um mesmo país, não gozam dos mesmos direitos perante a lei. Disso só pode resultar uma situação caótica; e, se os injustiçados se organizarem, sérias consequências sociais poderão sobrevir. Ver o artigo sobre *Desobediência Civil*. A constituição norte-americana destaca três direitos básicos: a vida, a liberdade e a busca pela felicidade. Leis particulares foram baixadas para garantir os direitos do indivíduo quanto a essas áreas. A Magna Carta de 1215, na Inglaterra, foi escrita para delinear os direitos e obrigações feudais dos barões ingleses e seus vassalos. Os direitos dos cidadãos ingleses formaram a base das idéias da revolução americana, porquanto sentia-se que os direitos prometidos aos ingleses, não estavam sendo dados aos súditos da coroa britânica nas colônias. A Carta de Direitos, da constituição norte-americana, tinha o intuito de eliminar dúvidas sobre os direitos dos cidadãos. As liberdades e direitos básicos incluem a liberdade de criticar o governo, de reunir-se livremente em público, de portar armas, de adorar livremente, de possuir propriedades, etc. A maioria dos países civilizados têm listas similares de direitos dos seus cidadãos. A instituição da escravidão é, *ipso facto*, uma negação do direito de milhões de seres humanos. Esses não somente são forçados a trabalhar em lugares e de maneiras contrárias à sua vontade; mas também, embora vivendo lado a lado com pessoas livres, eles não têm direitos reconhecidos de qualquer espécie. Isso representa uma situação absurda, que precisa ser eliminada. Novas leis precisam ser decretadas para garantir a liberdade de pessoas escravizadas. Mas, mesmo onde a escravidão tem sido descontinuada, as antigas divisões, ódios e preconceitos levam muitos estados, se não mesmo países, a tratar seus cidadãos com desigualdades, dependendo das origens. Isso provoca a desobediência civil, e também movimentos que buscam dar direitos e privilégios iguais a todos os cidadãos. A segregação de todos os tipos, nos últimos tempos, tem sido a condição social mais visada pelos inconformados com essas injustiças. A discriminação de empregos é uma outra área problemática, cujas vítimas são grupos minoritários ou mulheres. Problemas dessa natureza não são resolvidos apenas por meios legais. Pois muitas pessoas, desses grupos segregados, realmente não estão tão bem qualificadas quanto outras pes-

## DIREITOS HUMANOS

soas. Em muitos países tem-se sentido a necessidade de fundar escolas para qualificar esses desprivilegiados, a fim de que ocupem uma condigna posição na sociedade. Todos esses processos modificadores das injustiças sociais são demorados, pois o progresso obtido é lento e doloroso.

O *Ideal Cristão*. O trecho de Gálatas 3:28 afirma claramente qual deve ser a atitude do crente, diante desses problemas sociais. Os crentes tornam-se um em Cristo, sem importar se homens ou mulheres, se livres ou escravos, se ricos ou pobres, se judeus ou gentios. Os movimentos que defendem os direitos civis e buscam estabelecer a igualdade entre os homens, sem o emprego de meios violentos, estão dentro do ideal cristão. Os abusos entram quando os radicais políticos, no afã de promover sua própria causa, manipulam as massas visando atos perniciosos para o bem comum. (H)

### DIREITOS HUMANOS

Ver o artigo geral sobre o *Direito*.

*Esboço:*

I. O Princípio do Direito

II. A Ética Social

III. Pontos de Vista Filosóficos

IV. O Ideal Cristão

**I. O Princípio do Direito**

**Tipos:**

1. *Metafísico*. Nos escritos de Hegel encontramos menção ao *Espírito Absoluto*, que se manifesta em toda existência através da tríada Direito Abstrato/Moralidade/Ética Social. Isso significa que os direitos humanos têm uma base metafísica, resultantes das atividades de Deus. Não são apenas desenvolvimentos empíricos e conveniências humanas.

2. *Direitos Naturais*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Alguns filósofos supõem que o ser humano, como parte de sua própria natureza, tem uma dignidade que requer que lhe sejam conferidos certos direitos, entre os quais a liberdade e a busca pela felicidade. Um ser humano é politicamente livre quando vive sob as circunstâncias por ele mesmo escolhidas. Um homem é espiritualmente livre quando é libertado através da missão de Cristo, de tal maneira que ele passa a desfrutar da liberdade do pecado e dos seus efeitos, bem como da liberdade de buscar a imagem de Cristo, segundo a qual ele passou a ser transformado.

3. *Direitos Civis*. Dos pontos de vista filosófico e teológico, a um ser humano devem ser dados certos direitos civis (direitos de um cidadão), por causa de sua dignidade, por causa de direitos metafísicos, naturais e divinos, que devem refletir-se na lei civil. Alguns estudiosos argumentam que os direitos civis são apenas desenvolvimentos empíricos por meio da conveniência e do consentimento do povo, visando o bem prático, bem como a harmonia na sociedade. Como é óbvio, muitas leis são apenas questões pragmáticas; mas deveríamos observar que as constituições de muitos países modernos estão firmemente alicerçadas sobre princípios bíblicos, o que transcende ao mero empirismo nas instituições de leis. As pessoas de cor negra têm exigido maior liberdade e igualdade, não apenas por que isso é pragmático e contribui para a harmonia na sociedade, mas porque há o envolvimento da dignidade do homem na questão. É significativo que nos Estados Unidos da América, pelo menos, os principais líderes do movimento em prol dos direitos civis têm sido

pregadores, e as igrejas evangélicas têm sido o principal centro de atividades que promovem os direitos civis. Essa conexão é natural e significativa, e deveria chamar a nossa atenção.

4. *Direitos Divinos*. A Bíblia alicerça a conduta humana sobre a lei divina revelada, e quanto mais profundas forem essas leis reveladas, mais elas podem ser sumariadas no amor (Rom. 13:8 ss). Quanto a uma discussão sobre como a Bíblia se relaciona ao que é direito, ver o artigo sobre *Direito*, III. Idéias Bíblicas. A lei do amor é a mais poderosa força que existe no mundo em todas as épocas. O amor poderia resolver o problema entre judeus e árabes (com todas as suas implicações) em um único dia, um problema que guerra e terrorismo contínuos não têm podido solucionar em muitos anos. A Bíblia torna-se o livro de texto sobre como os homens deveriam tratar uns aos outros, e como a sociedade humana deveria ser organizada. A Bíblia é um livro de princípios revelados, e muitos desses princípios têm sido incorporados nas leis de nações, estados e cidades.

### II. A Ética Social

Na ética social, o que é direito é aquilo que é a base do conceito de dever. Uma sociedade compartilha de uma série de deveres comuns, e esses requerem certo número básico de direitos humanos, que precisam ser respeitados. As desigualdades, sem importar se entre os sexos ou entre as raças, são uma violação de um sensível código de ética social. Ver o artigo separado sobre os *Direitos Civis*. Um direito legal é uma reivindicação reconhecida e apoiada pela lei. Nem todos os direitos, porém, têm sido confirmados nas leis civis. A África do Sul oferece um clamoroso exemplo disso. Além disso, temos a violação dos direitos humanos fundamentais da liberdade, nos países de governos totalitários. A Igreja cristã é oprimida nos países comunistas, onde as escolas religiosas são fechadas, com o resultado que as crianças (e a sociedade inteira) são forçadas a estudar e a aceitar o ateísmo e o marxismo. Não há opção quanto a isso, pelo que a liberdade se perde, sendo esse o maior de todos os direitos civis possíveis. Ver o artigo sobre o *Comunismo*. Um direito político é uma reivindicação de liberdade que pertence a um homem, por ser ele um ser humano, uma pessoa dotada de dignidade. Isso se alicerça sobre a lei divina e a lei natural.

### III. Pontos de Vista Filosóficos

Quanto a um completo tratamento a esse respeito, ver a segunda parte do artigo sobre o *Direito*.

Os privilégios de uma pessoa, como membro da sociedade, incluem as liberdades comuns, como o direito de usar escolas, instituições, facilidades públicas, lugares de entretenimento e empregos. «Ter um direito qualquer é ter algo que a sociedade deveria garantir como minha possessão» (John Stuart Mill, que vide). A palavra «deveria» mostra que nessa declaração de Mill está envolvido um direito. O conceito de dever requer o reconhecimento da lei, de tal modo que os deveres possam ser descritos e impostos. Esses deveres podem ser utilitários, mas também há direitos básicos como a liberdade e a igualdade diante da lei, que ultrapassam aquilo que é meramente pragmático. Muitos filósofos têm promovido o conceito de *leis naturais* (que vide), como base das leis humanas, civis.

### IV. O Ideal Cristão

O trecho de Gálatas 3:18 declara abertamente qual deve ser a atitude cristã. Em Cristo, todos nós somos um, sem importar se homens ou mulheres, livres ou

## DIREITOS — DISCERNIMENTO

escravos, judeus ou gentios. Os movimentos de direitos civis buscam obter a igualdade de direitos. Aqueles que têm lutado por esse ideal, sem apelarem para a violência, ajustam-se ao ideal cristão. O ideal cristão inclui a crença de que a Bíblia é um livro de princípios morais revelados, que deveriam governar os relacionamentos humanos. Esse ideal opõe-se aos abusos praticados pelos radicais, que esmagam os direitos humanos em nome das democracias populares. A lei bíblica do amor é o solo onde podem florescer todos os direitos humanos. (E F H)

### DIREITOS NATURAIS

Ver o artigo paralelo intitulado **Direito Natural**.

Deve-se fazer a distinção entre o direito *legal* e o direito *natural*. O primeiro refere-se à capacidade de obter a proteção do Estado quanto a algum interesse, privilégio ou poder, de acordo com as leis da terra, que buscam beneficiar os cidadãos em geral. O *interesse* envolvido é um *direito* garantido por lei. O segundo refere-se a um interesse que *deveria ser* concedido como um *direito moral*, sem importar se este é garantido ou não por alguma provisão legal. Na filosofia e na jurisprudência tem-se pensado que as leis naturais (que vide) são universalmente aceitas, porque os homens são dotados de poderes racionais e intuitivos, que definem no que consistem essas leis. A existência dessas leis confere direitos naturais aos homens. As leis naturais, e, portanto, os direitos, presumivelmente são *auto-evidentes*, ou porque o próprio homem tem, em si mesmo consciência dos direitos que possui, por natureza, ou porque ele é inspirado a ter tal percepção pela natureza, por Deus ou por alguma força cósmica.

Em consequência, os direitos que pertencem aos homens *por natureza*, e que não ocorrem através de costumes ou convenções, são *princípios auto-evidentes*.

#### Idéias:

1. *Thomas Hobbes* (que vide) ensinava que o homem tem o direito natural à *vida*, o que nenhuma sociedade ou agência governamental tem o direito de abreviar ou prejudicar, arbitrariamente.

2. *John Locke* (que vide) asseverava que entre os direitos naturais temos aqueles direitos básicos à *vida*, à *liberdade* e à *propriedade*. Esses três direitos foram específica e enfaticamente incluídos na constituição dos Estados Unidos da América. Na Declaração da Independência norte-americana. *Thomas Jefferson* referiu-se à tríada de *vida, liberdade e busca pela felicidade*.

3. *Rousseau* (que vide) ensinava que faz parte de nosso direito natural agir com base em nossos impulsos e instintos, recebendo a garantia da lei civil. Em outras palavras, todos os cidadãos têm como direito natural, serem protegidos pela *legislação civil*, como base do estado democrático. A Declaração de Direitos do Homem, da França, incorporou as idéias de *Rousseau*.

4. *Trendelenburg* (que vide) defendia a legitimidade dos direitos naturais, utilizando-se da idéia aristotélica da *causa final*, que é a noção de que todas as coisas são teleologicamente orientadas, e que a natureza, em sua própria estrutura, garante as finalidades, baseadas sobre o propósito. Portanto, no caso do homem, simplesmente por ser ele um ser humano, ele tem um certo propósito para viver. Conseqüentemente, os direitos naturais estão envolvidos na realização, ou em tais propósitos.

5. A *Declaração das Nações Unidas* incluiu a

substância da idéia dos direitos naturais, conforme se vê em outras constituições, mas evitando qualquer alusão a alguma base divina desses direitos. Esse documento inclui os direitos de pagamento equitativo para trabalho geral, o direito ao matrimônio, o direito de desfrutar as artes e mesmo o direito ao ócio. A Declaração dos Direitos do Homem, da França, também evita qualquer menção a uma base divina. Mas, em contraste, a Declaração da Independência, dos Estados Unidos da América, alicerça os direitos naturais sobre o relacionamento entre o homem e Deus.

6. *O Ponto de Vista Bíblico*. O homem tem direitos que lhe foram dados por Deus. Paralelamente a isso, ele tem deveres que precisam ser cumpridos por causa de seu relacionamento com Deus, e porque os dons de Deus são bons e perfeitos (Tia. 1:17). Há a lei real do amor (Tia. 2:8 ss), que se encontra à base do inteiro conceito da lei. O amor a Deus e o amor ao próximo é o requisito que deveria guiar toda a nossa conduta (Mat. 22:27 ss, Rom. 13:8 ss). Visto que Deus ama o mundo inteiro (João 3:16), e que a provisão da missão de Cristo também é universal (I João 2:2), é patente que todos os homens deveriam ser protegidos pela lei natural, teisticamente alicerçada. O fato é que as leis de muitas nações modernas têm sido influenciadas, mesmo quando não estão diretamente alicerçadas sobre princípios bíblicos. Para começar, o decálogo (que vide) era, ao mesmo tempo, uma lista dos deveres e dos direitos dos homens. O Novo Testamento refinou isso, fazendo as leis incorporarem até mesmo os motivos dos homens. (H MEL P)

### DISÃ

Forma alternativa da palavra hebraica *dishon*, «antílope» ou «cabra montês». Esse era o nome do filho caçula do hereu Seir (Gên. 36:21,28,30; I Crô. 1:38,42). Ele viveu em cerca de 1950 A.C. Foi o líder de um clã dos hereus descendentes de Seir, ou então, conforme alguns estudiosos supõem, um filho direto dele. Esse povo finalmente foi expulso do lugar pelos idumeus (Deu. 2:12).

### DISCANTE

Um termo musical que se refere à combinação — simultânea — e harmônica de duas ou mais melodias. — A segunda melodia adicionada era chamada de *discante*. Esse estilo foi descrito a princípio por Franco de Colônia, em sua obra *Ars Cantus Mensurabilis*, que diz que o discante é originário do século XII D.C. Nessa época, o discante tinha um estilo métrico, mas a palavra veio a indicar qualquer segunda melodia harmonizada a outra. Na prática, com frequência isso melhorava a qualidade da melodia. A própria palavra discante compõe-se de *dia* (fora) e *cantus* (canção), ou seja, uma canção distinta, separada de outra, mas que vinha a ser combinada com ela.

### DISCERNIMENTO DE ESPÍRITOS

Com bases neotestamentárias, isso refere-se à capacidade de reconhecer a força inspiradora por detrás de declarações extáticas e de sistemas religiosos (como os poderes por detrás da heresia gnóstica; ver I João 4:1).

Como uma referência literária, o termo refere-se a regras, como aquelas de Stº Inácio, para ajudar os cristãos a reconhecerem a origem dos impulsos morais e espirituais.

## DISCERNIMENTO — DISCIPLINA

**Idéias do Novo Testamento.** a. O movimento carismático da Igreja primitiva levantou a possibilidade de profecias, visões, línguas, declarações extáticas, etc., de origem demoníaca, como imitação das verdadeiras manifestações do Espírito Santo (I Tim. 4:1). Nada havia de novo quanto a essas manifestações. Eram comuns entre as profetisas e os oráculos pagãos. A fim de que os cristãos pudessem reconhecer a origem e a qualidade de tais manifestações, o Espírito do Senhor distribuía um dom com esse propósito precípua (ver I Cor. 12:10). Essa é a única passagem, em todo o Novo Testamento, que contém essa expressão exata. Esse dom visava o controle das manifestações autênticas do Espírito, e não somente a fim de evitar poderes malignos. b. A Igreja primitiva teve seus problemas com os falsos mestres (I João 4:1), conforme também fora predito por Jesus e por Paulo (Mat. 7:14; Atos 20:28 ss). Todo mestre deveria ser julgado por seus frutos (Mat. 7:15 ss). Mas a primeira epístola de João também nos sugere um teste doutrinário, salientando vários erros do gnosticismo. O trecho de I João 4:1 ss aplica um teste confessional. A atitude dessa passagem tem sido muito exagerada no mundo religioso, pelo que a Igreja cristã está dividida em facções, cada qual intitulado a outra de herege, demoníaca, etc. c. Na Igreja primitiva ainda havia o poder da autoridade apostólica (I João 4:5 ss), um meio de discernimento de espírito com que não contamos atualmente, a menos que seja válida a doutrina da *autoridade apostólica* (que vide).

**Problemas da Atualidade.** Como ilustração, refiro-me a um caso que observei pessoalmente. Chegou alguém desconhecido, em uma igreja onde, presumivelmente, eram praticados dons espirituais. No fim do culto, ou, de outras vezes, já no começo, ele prorrompia em altas vozes falando em línguas, intercalando isso com frases em português. Ele falava com grande volume de voz, forçando a congregação a ficar em silêncio para ouvi-lo. Porém, ele fazia isso com muita frequência, gastando muito tempo na prática. Fazia isso até mesmo em reuniões de oração particulares. A atenção que ele despertava a princípio, começou a diminuir. Finalmente, suas prolongadas declarações começaram a ser interrompidas pelo pastor, assim que ele começava a falar. O pastor fazia a congregação cantar algum hino, de tal modo que as vozes da comunidade abafavam a voz daquele único homem, embora falasse sempre com um grande volume. Que devo compreender sobre isso? Suponho os pontos abaixo:

1. Que, a princípio, as declarações eram entendidas como provenientes do Espírito do Deus, pelo que eram respeitadas e ouvidas em silêncio.

2. Que aquelas declarações começaram a ser um incômodo, não sendo mais bem acolhidas. Nesse caso, seriam consideradas demoníacas? Nesse caso, o homem deveria ter sido tratado como alguém que estava sob a influência de algum espírito maligno.

3. Mas, se aquelas declarações eram consideradas procedentes do Espírito, então a regra ensinada em I Coríntios 14:30 deveria ser observada. As pessoas deveriam ficar em silêncio, pois o espírito dos profetas está sujeito aos profetas.

4. Haveria outra maneira de interpretar uma situação assim? Sugiro que, intuitivamente, as pessoas podem reconhecer o envolvimento de espíritos demoníacos ou de meros *espíritos humanos*. Nesse caso, por exemplo, o pastor veio a reconhecer que não estava ouvindo o Espírito Santo, quando aquele homem se impunha para ocupar o centro das atenções. Estava apenas enfrentando uma expres-

são do *ego humano*, que procurava obter atenção, para fingir profunda espiritualidade, como alguém continuamente usado pelo Espírito Santo. E o pastor, sentindo isso, cortou aquelas manifestações de egocentrismo levando sua congregação a entoar hinos. É improvável que aquele simples pastor tenha alguma teoria para explicar coisas assim. Talvez ele não tenha consciência de que essas manifestações podem ser produzidas pelo fanatismo religioso, ou por algum tipo de agitação psicológica, não requerendo nem poderes divinos e nem poderes demoníacos para causá-las. Com ou sem definição, porém, ele agia para impedir a continuação da autoglorificação, através do suposto uso de um dom espiritual. É possível, contudo, que ele estivesse agindo por ser dotado do dom de discernimento de espíritos; e, nesse caso, o que estava sendo desmascarado era um *espírito humano*, e não um espírito demoníaco.

### DISCIPLINA

*Esboço:*

Declaração Introdutória

I. Princípios de Disciplina

II. Razão da Disciplina

III. Modos de Disciplina

IV. Aspectos Históricos da Disciplina

**Declaração Introdutória**

1. A palavra disciplina vem do latim, *disciplina*, «instrução», «treinamento», «disciplina». A palavra *discipulos*, «aprendiz», está relacionada a ela. A forma verbal *discere*, significa «aprender». Nossa palavra portuguesa «discipulo», que quer dizer «aprendiz» ou «seguidor», deriva-se dessa raiz latina. É óbvio, portanto, que o verdadeiro discípulo precisa ser uma pessoa disciplinada.

2. *Usos específicos do termo:*

a. Indica um *modo de vida*, que alguém aceita quando pertence a algum grupo específico, ou quando abraça alguma ideologia específica, supondo-se que esse meio de vida só pode ser mantido através da observância de certas normas e requisitos.

b. Indica qualquer sistema de ascetismo e mortificação.

c. Relaciona-se à idéia de *acoite*, objeto usado com propósitos disciplinadores na vida monástica.

d. Também indica os métodos mediante os quais um modo de vida é posto em execução, bem como as *penas* aplicadas aos que erram.

e. Indica o treinamento sistemático que prepara uma pessoa para alguma tarefa específica, ou a fim de ser ela um membro melhor de alguma organização dotada de algum propósito a cumprir.

f. Também aponta para algum curso acadêmico ou alguma matéria de estudo.

3. *Palavras e Usos no Antigo e no Novo Testamentos:*

O termo hebraico *musar* significa «correção», «instrução», com um termo correlato, *moser*, que significa «laços» ou «algemas». No Antigo Testamento, a disciplina usualmente refere-se à instrução com recompensas e punições acompanhantes, com o intuito de guiar a conduta. Há uma certa «disciplina do Senhor» (Deu. 11:2); e a lei do Antigo Testamento, como um todo, é um aspecto da mesma. A lei mosaica tem um complexo sistema de punições, cujo intuito é reforçar os mandamentos (Lev. 25:23; Deu. 4:36; Êxo. 20:20). O homem ímpio odeia a disciplina (Sal. 50:17), porquanto interfere com sua vida devassa. Porém, o verdadeiro filho não despreza a disciplina

## DISCIPLINA

(Pro. 3:11). Aquele que ama a disciplina também ama a vida, conforme destaca o trecho de Provérbios 5:12. As crianças devem estar sujeitas à disciplina, para seu próprio bem (Pro. 19:18).

No Novo Testamento, a palavra comumente usada é *paídaia*, que inclui tanto a idéia positiva de instrução e orientação, com o sentido de «treinamento de crianças» como a idéia de modos de castigo a fim de impor a conduta certa. Essa palavra está relacionada a *país*, *paídós*, palavra grega que significa «criança». A forma verbal, *paideuo*, significa criar, educar, instruir, disciplinar, praticar a disciplina, vergastar ou punir de alguma outra maneira. Visto que, à base dessa palavra, temos a idéia de um pai a disciplinar, também devemos compreender que por detrás dessa palavra brilha o motivo do amor. Ver Heb. 12:6-11. Os atos disciplinadores de um bom pai sempre são motivados pelo interesse de ver seus filhos vivendo retamente. A disciplina aplicada por motivo de ódio ou contensão é perseguição, e não disciplina. Jesus chamou-nos para uma vida disciplinada, caracterizada pelo fato de que dele aprendemos (Mat. 11:29). Sócrates declarava que a vida indisciplinada não é digna de ser vivida. Nosso treinamento deve ser na piedade (II Tim. 4:7).

4. *Meios de disciplina na situação da igreja local.* Esses meios são instituições como o lar, a escola e a própria igreja local. Além disso, há a considerar a autodisciplina dos discípulos sérios. Nosso manual de orientação é a Bíblia, vinculada a uma consciência bem treinada nas Escrituras.

### I. Princípios de Disciplina

1. Os ministros do evangelho estão autorizados a estabelecer a disciplina nas igrejas (ver Mat. 16:19 e 18:18).
2. Estas são as suas características:
  - a. É preciso que mantenha a sã doutrina (ver I Tim. 1:13).
  - b. Deve ser uma linha mestra para a ação (ver I Cor. 11:34 e Tito 1:5).
  - c. É mister que reprenda aos ofensores (ver I Tim. 5:20).
  - d. Deve remover os ofensores obstinados (ver I Cor. 5:3 e ss e I Tim. 1:20).
3. O homem espiritual submete-se à disciplina (ver Heb. 13:17).
4. Seu propósito é edificar os crentes (ver II Cor. 10:8).
5. Deve estabelecer a boa ordem e a decência (ver I Cor. 12:40).
6. O amor cristão deve ser seu guia padrão (ver II Cor. 2:6-8).

### II. Razão da Disciplina

I Cor. 5:11: *Mas agora vos escrevo que não vos comuniqueis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com esse tal nem sequer comais.*

1. Notemos quão estrita é esta passagem. O leitor conhece algum crente que pratique qualquer dos males morais que estão alistados neste versículo? Pois então que o tal seja assinalado como uma das pessoas que deve ser evitada, e que a igreja local de que é membro tome as providências necessárias para sua exclusão. Que não se tenha qualquer associação social com tal pessoa, como tomar uma refeição com ela, em sua residência, e nem seja tal pessoa convidada para tal coisa na residência de algum crente. Isso segue os passos da exclusão entre os judeus, a qual não envolvia somente a sinagoga, mas também cobria as

situações sociais.

2. Porém, qualquer ação dessa natureza deve ser tomada democraticamente pela igreja, e não pelo pastor ou por alguma junta de anciãos (ver Mat. 18:15-17). A ação da igreja fará a questão assumir natureza impessoal, além de ser muito mais eficaz.

3. Nenhum dos juízos divinos, entretanto, visam a mera retribuição, mesmo no caso dos incrédulos. (Ver I Ped. 4:6 e Rom. 11:32 quanto a esse ensino). E por certo, Deus não julga um crente a não ser com o propósito de levá-lo à restauração. (Ver Heb. 12:6 e ss).

### III. Modos de Disciplina

**Se recusar ouvir.** Mat. 18:17. A palavra «recusar», nesta frase, vem da mesma palavra grega que originou a tradução «não entender». Se o ofensor se mostrasse obstinado ante as testemunhas e representantes da igreja, persistindo nessa atitude, e se mesmo na reunião da igreja mostrasse não desejar a reconciliação e nem o arrependimento, então não haveria outro recurso senão a exclusão, pois já teria sido aplicada a influência moral mais elevada. Porém, a disciplina deve ser aplicada pela opinião geral da igreja, por ação democrática, e não somente por parte de um grupo que tenha autoridade na igreja. Se a ação for democrática, feita por meio de votação, a influência moral será grande, como sempre deve ocorrer nos casos de exclusão. A *excomunhão* exige autoridade das mais amplas possíveis, e somente a opinião geral da igreja é que tem essa autoridade. A autoridade de uma comissão, ainda que se componha de pessoas escolhidas pela igreja, não é suficiente para excluir membros de uma igreja. Pode ser que uma comissão tenha autoridade legítima e suficiente para cumprir diversas coisas relativas aos negócios da igreja, sem a votação ou aprovação geral da igreja, mas uma exclusão não pertence à mesma classificação com esses negócios.

Considerar um membro da igreja como *gentio* e *publicano* (termos de escárnio e ódio que os judeus usavam para indicar homens moralmente inferiores ou de raça não-judaica) não pode, no conceito cristão, envolver a idéia de ódio, escárnio ou espírito perverso, porque tudo isso é totalmente contrário ao espírito de Cristo, aos propósitos e à expressão geral deste mesmo texto. A reconciliação seria ainda melhor que—a disciplina—ou a continuidade de sua aplicação. No que se refere a certo caso difícil de disciplina, de que Paulo precisou tratar (ver I Cor. 5), depois da aplicação da disciplina e do arrependimento subsequente, foi mister que ele recomendasse a «aceitação» novamente do membro excluído e que nisso se incluisse o «amor» e o «perdão» completos. Por isso é que lemos ali as seguintes palavras: «...basta-lhe a punição pela maioria. De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor» (II Cor. 2:6-8). A disciplina, até mesmo quando justificável e necessária, pode ser excessiva e injusta. É até mesmo possível que a ação disciplinar não seja menos criminoso que o motivo que a causou. A igreja, o pastor, os membros, a autoridade da igreja, podem tornar-se culpados de erros não menos graves do que aquele que exigiu a disciplina, se agirem sem o espírito de amor e sem o propósito de reconciliação. Assim é que Cristo jamais ensinou que a atitude da igreja pode ser igual à atitude dos judeus com relação aos «gentios» e «publicanos». Nada há nos ensinamentos de Jesus que permita à igreja «abominar» a raça humana,



conforme os romanos fizeram com os judeus. União e reconciliação devem ser os alvos da disciplina. O indivíduo disciplinado continua sendo «irmão» e, talvez mais do que nunca, precisa de ajuda verdadeira da igreja.

A *história* eclesiástica tem apresentado diversos abusos deste texto, o que também se aplica aos conceitos dos vs. 18-20. Cortes eclesiásticas que têm excomungado igrejas, poderes políticos, etc., têm sido formadas à suposta base da autoridade destes versículos. Mas nada está mais longe do espírito deste texto do que tais organizações. Talvez a maior perversão tenha sido a criação de poderes eclesiásticos que declaram que têm autoridade sobre os poderes políticos deste mundo. É óbvio que nem Jesus nem o autor desse evangelho tinham qualquer idéia semelhante quando pronunciaram essas palavras. Neste texto não têm base nem mesmo as idéias de uma comissão externa, superior, formada por autoridades religiosas de qualquer denominação, que se arrogue ao direito de ter poder sobre os atos e negócios disciplinares de igrejas locais. O texto se limita às ações e relações pessoais de indivíduos crentes e das igrejas locais. Qualquer aplicação mais ampla do texto seria uma interpretação errônea, um abuso contra os ensinamentos de Jesus aqui encontrados. Essa passagem não fornece alicerce algum para a formação de hierarquias eclesiásticas, de denominações, de grupos superiores às igrejas locais. De fato, o espírito do texto não pode ser mais contrário a tais idéias.

#### IV. Aspectos Históricos da Disciplina

—No tocante às idéias e práticas gerais do Antigo e do Novo Testamentos, ver a *Declaração Introdutória*. É evidente que a disciplina era considerada uma questão séria, na Igreja cristã primitiva. Não fora assim, e ela não teria sobrevivido, considerando-se a oposição que precisou enfrentar. Além disso, sempre houve o perigo do retorno ao paganismo, o que é graficamente retratado nas epístolas de Paulo aos Coríntios e aos Tessalonicenses, para nada dizermos acerca do desvio doutrinário, conforme é ilustrado na epístola aos Gálatas e nas epístolas de João.

A partir de Gregório I e do concílio de Trento, certos aspectos severos acerca da disciplina, foram introduzidos na cristandade. O movimento monástico demonstrava fortíssima tendência para o ascetismo, com o apoio de uma disciplina muito severa. Os membros em geral eram penalizados com um rígido sistema de penitências. A doutrina do purgatório abria espaço para alguns abusos, no tocante às indulgências. Tribunais eclesiásticos elaborados tomaram o lugar e as funções dos tribunais civis. As diferenças doutrinárias eram severamente punidas por meio da exclusão, do exílio e até mesmo da morte.

A *Reforma protestante* pôs fim ao monopólio da autoridade, pelo que, em alguns lugares, pôs fim no poder por detrás da disciplina aplicada. Infelizmente, porém, a reforma não conseguiu acabar com os abusos. Os desvios religiosos, mesmo de crenças doutrinárias, continuaram sendo punidos pela morte e pelo banimento. Ver o artigo sobre *João Calvino*, quanto a uma triste demonstração desse fato. Os anabatistas também baniram e perseguiram.

Com o surgimento das democracias e da propagação de inúmeras seitas protestantes, a disciplina tem sido desgastada na Igreja cristã, nos tempos modernos. As práticas malignas agora são sancionadas e usadas na Igreja, como o emprego de música de «rock and roll», o que, em outros tempos, teria sido motivo da aplicação de uma severa disciplina.

•••••

#### DISCIPLINA ARCANI

Expressão que vem do latim, *arcanus*, secreto, silencioso, sagrado. Refere-se à prática de observar os ritos e algumas doutrinas da Igreja, de uma maneira secreta, de tal modo que seriam ensinados somente aos inquiridores sérios, como a catecúmenos ou pagãos convertidos. Todavia, isso não teve lugar na Igreja cristã senão já no século IV D.C., quando, em alguns lugares, os mistérios da religião (que vide) e suas práticas começaram a ser imitados. Segundo se presume, essas práticas visavam atrair os pagãos, que estavam familiarizados com práticas similares do paganismo.

#### DISCIPLINA DOS ARCANOS

Um termo cunhado no século XVII, denotando a prática de certos cristãos antigos, que ocultavam certos ensinamentos e cerimônias dos catecúmenos e pagãos, no desejo de impedir mal-entendidos. O termo vem do latim, *arcanus*, «escondido». A forma *arcanus* indica um segredo ou mistério, um segredo da natureza, um segredo da medicina. Muitos escritos antigos mencionam isso, no Oriente e no Ocidente, mas a prática cessou após o edito de Milão (313), (ver o artigo). Teodoreto revela o espírito dessa prática ao dizer: «Falamos obscuramente dos mistérios divinos por causa dos não-iniciados; mas, depois que estes se retiram, ensinamos claramente aos iniciados». (Questão 15). Quando os pagãos eram ensinados, era explicado o nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus, mas não o batismo, a santa comunhão, a trindade, etc. (B WA)

#### DISCÍPULO, DISCIPULADO

*Esboço:*

Declaração Introdutória

I. A Palavra e Seus Usos

II. Características Básicas de um Discípulo

III. Discipulado: Sacrifício e Recompensa

IV. A Recompensa Magnífica

Conclusão

*Declaração Introdutória*

A *palavra discípulo* está relacionada à idéia de «disciplina». Isso é muito instrutivo, porque, acima de tudo, dos verdadeiros discípulos requer-se disciplina. Jesus não chamava homens meramente para que O seguissem. Ele exigia que eles renunciassem a tudo. Isso é assim, porque o discipulado envolve questões de vida e morte, porquanto o alvo do mesmo é a *vida eterna* (que vide). O presente artigo, portanto, fornece uma detalhada exposição sobre a natureza desse alvo, que é a participação, afinal, na natureza divina. Ver o artigo geral sobre a *Disciplina*.

A própria vida cristã é uma disciplina. Quando os homens a reduzem a algo menos do que isso, o cristianismo deixa de ser a religião que foi fundada por Jesus. É possível a existência de uma sociedade religiosa na qual as pessoas se reúnem e desfrutam da companhia umas das outras, e até mesmo cumprem algumas boas obras, sem reterem a natureza de um verdadeiro discipulado. Suponho que muitos aspectos da maioria das denominações evangélicas refletem essa situação, em nossos dias.

I. A Palavra e Seus Usos

A *palavra* portuguesa *discípulo* vem do latim *discipulus*, que significa «aluno», «aprendiz». A raiz verbal é *discere*, «ensinar». A palavra grega correspondente é *mathetês*, de onde também se deriva a

## DISCÍPULO

palavra que significa «aprender». O termo hebraico *talmid* vem de *talmad*, «aprender», conforme se vê em I Crônicas 25:8, ao referir-se aos alunos da escola de música do templo de Jerusalém. Naturalmente, a aprendizagem necessariamente subentende a prática daquilo que alguém aprende; e é então que temos o discipulado. De acordo com o uso posterior entre os hebreus, a palavra *talmidim* (discípulos) veio a ser usada para indicar aqueles que seguiam algum rabino específico e a sua escola de pensamento. Houve também o desenvolvimento do *Talmude* (erudição), os escritos que serviam para aclarar e expandir as Escrituras do Antigo Testamento. Esse documento tem uma certa alusão aos *talmidim* ou discípulos de Jesus.

No Novo Testamento, a palavra «discípulo» é usada somente nos evangelhos e no livro de Atos, mas ali ocorre por mais de duzentas e cinquenta vezes. Ver João 1:35 ss; Mar. 2:18 ss; Luc. 11:1; 10:24; Mat. 11:2; 22:16. A responsabilidade dos cristãos consiste em fazer aumentar o número dos discípulos de Jesus, mediante a evangelização de alcance mundial (Mat. 28:19,20). No livro de Atos, o termo «discípulos» é o vocábulo mais distintivo para indicar aqueles que confiavam em Cristo e procuravam seguir o seu caminho. Ver Atos 6:1,2,7; 9:1; 11:26; 18:23; 19:1; 21:4,16. Apesar de ser surpreendente que o próprio vocábulo não apareça no Novo Testamento, após o livro de Atos, é indiscutível que a idéia continua sendo usada, sendo muito elaborada nas instruções dadas aos seguidores sérios de Jesus Cristo.

É interessante observar que, no século II D.C., Inácio usou o termo para indicar a si mesmo, como para indicar que o seu *martírio* seria a prova final de seu discipulado cristão. Atualmente, muitos crentes evangélicos não parecem interessados em provar seu discipulado de qualquer maneira especial. Ver Inácio, *Eph.* 1:2.

### II. Características Básicas de um Discípulo

1. Um discípulo creu na doutrina de Cristo (João 3:17 ss; Atos 11:26).
2. Ele passou pela experiência do novo nascimento (João 3:3-5).
3. Ele renunciou a tudo (Mar. 8:34). Notemos que nesse texto Jesus chamou os seus *discípulos*, dizendo-lhes que deviam renunciar ao mundo, a fim de obter a vida eterna, o que incluía o tomar a cruz.
4. O discípulo dedica-se a uma vida de sacrifício, a fim de justificar o dom da vida eterna, que recebeu (Luc. 14:26).
5. Ele dedica-se à vida disciplinada (que vide).
6. Ele é um aprendiz, alguém que está interessado em avançar na doutrina de Cristo (Heb. 6:1 ss).
7. Ele se interessa por ajudar a aumentar o número dos discípulos, em obediência à Grande Comissão (Mat. 28:19,20).

### III. Discipulado: Sacrifício e Recompensa

#### 1. A Promessa do Evangelho

*Receberá muitas vezes mais.* Mat. 19:29. Algumas antigas traduções, como KJ e AC, dizem «cem vezes mais». Porém, a tradução «muitas vezes mais», segundo as versões AA, IB WM e outras, se baseia nos mss BL (e alguns outros), no Sa (versões egípcias) e no pai Orígenes. Essa é a palavra original de Mateus. «Cêntuplo» ou «cem vezes mais» é a expressão original de Marcos (Mar. 10:30). Lucas diz «muitas vezes mais» (Luc. 18:30). Porém, o sentido é o mesmo em todos os três casos. Jesus não somente prometeu a recompensa na vida vindoura (a vida eterna), mas para esta própria vida. Marcos descreve o caráter da

recompensa presente: o *cêntuplo* de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições». O sacrifício próprio ao discipulado rompe com as relações humanas mais preciosas. O indivíduo abandona o seu lar, os seus pais, os seus amigos, os seus irmãos, as suas irmãs, e até mesmo, se necessário for, a sua terra natal. Todas as suas relações com amigos e parentes se desfazem. Porém, no ministério do evangelho, Deus restaura essas relações. Os novos pais, os novos irmãos e irmãs não são parentes de conformidade com a carne e, sim, mediante a fé, nos vínculos do amor de Deus. Todos os crentes são filhos de Deus, pertencem à família de Deus. Ali impera um amor superior ao afeto que existe só por parentesco sanguíneo. Sabemos, igualmente, que essa família de Deus subsistirá eternamente, em contraste com o parentesco carnal, que é passageiro. Por conseguinte, as novas relações são eternas. Outrossim, o número de parentes—pais, filhos, irmãos e irmãs—aumenta grandemente. Marcos diz «cêntuplo», ou seja, cem vezes mais. Além disso, o discípulo obtém muitas outras possessões materiais, porquanto tudo quanto pertence aos seus novos irmãos, agora é seu também. Na família de Deus ele acha sustentáculo físico e regozijo espiritual. Brown, em Mat. 19:29 diz: «Cem vezes, agora, neste tempo. Essa é a forma da reconstrução de todas as relações e afeições humanas, na base cristã e entre os crentes, depois de tais relações e afeições terem sido sacrificadas, em sua forma natural, no altar do amor a Cristo». O mesmo autor também observa que o próprio Jesus forneceu o primeiro exemplo ou padrão desse tipo de sacrifício, porquanto também abandonou sua casa, sua profissão, seus pais, seus irmãos e irmãs e seus amigos. (Ver Mat. 12:49,50). Consola-nos observar que esse tipo de sacrifício é agradável a Deus, o qual, por fim, haverá de dar sua recompensa a esse tipo de atitude e ação.

#### 2. Abusos do Texto

Todavia, é realmente estranho que Mat. 19:29 tenha sido usado por muitos missionários modernos, para internarem seus próprios filhos em escolas, onde ficarão sob o cuidado de *outras pessoas*, para cumprirem mais convenientemente os deveres do seu serviço missionário. Não é razoável que nos desvinculemos de nossos próprios filhos, negligenciando assim o treinamento e a instrução dos mesmos, a fim de cuidarmos de filhos alheios. Toda essa prática é contrária ao claro ensino ministrado por meio de Paulo, em I Tim. 5:8: «Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente». Sim, pois até os próprios descrentes sentem a responsabilidade de cuidar de seus filhos. Precisamos ajuizar aqui que o fornecimento de dinheiro para cuidar da educação dos filhos dificilmente corresponde ao «cuidado» que os pais devem ter por seus filhos, segundo é expresso em Mat. 19:29. O próprio Jesus condenou fortemente a atitude que os judeus tinham contra a afeição natural que deve unir as famílias, especialmente no caso dos filhos que devem cuidar de seus pais, quando se tornam idosos e necessitados. Quanto mais devemos cuidar das crianças desamparadas—e especialmente dos nossos próprios filhos!

O trecho de Mat. 15:3-5 diz: «Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição? Porque Deus ordenou, dizendo: Honra a teu pai e a tua mãe; e quem maldisser ao pai ou a mãe, morra de morte. Mas vós dizeis: Qualquer que disser ao pai ou a mãe: É oferta ao Senhor o que poderias aproveitar de mim; esse não precisa honrar nem a seu pai nem a sua mãe». O mandamento de Deus prescrevia a *afeição*

## DISCÍPULO

*natural* entre pais e filhos e estabelecia responsabilidades entre eles. Porém, fingindo servir a Deus, os homens haviam encontrado um meio de negligenciar essas responsabilidades. Alguns missionários evangélicos abandonam os seus próprios filhos, como se dissessem *Corbã*, isto é, *dom* a Deus, ou: «É oferta ao Senhor o que poderias aproveitar de mim», e, com essas palavras, deixam a responsabilidade de criar os seus próprios filhos em mãos de estranhos. Por tal ação, ainda têm a coragem de esperar uma grande recompensa. Mas o versículo que segue diz: «Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros» (Mat. 19:30). Não nos iludamos, pensando que essa atitude é justa. O décimo oitavo capítulo do evangelho de Mateus mostra o grande respeito de Jesus para com as crianças—e mais do que isso, seu grande amor às crianças. Precisamos seguir o exemplo deixado por Jesus. Certamente que abandonar os nossos próprios filhos não pode ser uma necessidade para quem almeja servir a Deus. O exame detido de muitos casos ilustra o fato de que muito raramente os pais missionários têm verdadeira necessidade de deixarem a tarefa da criação de seus filhos na mão de terceiros, a fim de que possam servir a Deus. Usualmente há outras soluções que lhes permitiriam instruir seus filhos sem necessidade de se desfazerem da companhia dos mesmos, e sem que isso em nada interfira no seu serviço a Deus. Outrossim, o serviço cristão que requer o abandono das crianças só pode ser feito por aqueles que observam as sugestões de Jesus acerca do celibato, conforme encontramos em Mat. 19:10-12. Nossas obrigações, para com os nossos próprios filhos, não são menores que quaisquer outras obrigações da ética cristã ou do serviço do evangelho. Aquele que abandona os seus próprios filhos comete um ato que até mesmo entre os descrentes e ateus não pode ser aprovado.

Por outro lado, no caso em que a família, o lar ou as possessões materiais venham a servir de obstáculos ao serviço do evangelho ou ao cumprimento da vontade de Deus, precisamos preferir o serviço e a vontade de Deus a todas as demais considerações. Quanto a mim, porém, não posso pensar em qualquer possibilidade em que nossos filhinhos inocentes possam servir de tal oposição ou empecilho. O grande erro que os modernos missionários evangélicos têm cometido é justamente esse—o de abandonarem os seus próprios filhos, a fim de servirem a outros. Felizmente, alguns pais missionários e organizações missionárias estão começando a reconhecer tão grande erro. Esse é um pecado que tem sido praticado pelas próprias pessoas que têm a responsabilidade de saber que isso não é direito. Quantos filhos de missionários são estranhos para os seus próprios pais? Quantos filhos de missionários estão revoltados contra a igreja? Quantos deles acham que seus próprios pais não os amam? Aqueles que conhecem o drama desses filhos sabem que o número deles não é pequeno. Notemos, com cuidado, a advertência do vs. 30: «Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros». A verdade é que devemos servir a Deus e aos nossos próprios filhos ao mesmo tempo. De fato, aquele que cuida de seus filhos está servindo melhor a Deus.

### IV. A Recompensa Magnífica

**Herdará a vida eterna.** — Essa é a principal promessa do evangelho e de todo o destino da vida humana. Nas Escrituras, a vida presente é sempre apresentada como oportunidade de preparação para a vida vindoura, quando o homem haverá de alcançar a vida imortal. O homem é primariamente uma criatura espiritual; porém, visto que habita em um corpo,

precisa passar pela «morte», que consiste simplesmente no abandono dessa casa de barro. O espírito entra nos lugares celestiais e prossegue no processo de ser transformado segundo a imagem de Cristo. Essa transformação é de natureza moral, espiritual e metafísica. Dessa maneira o indivíduo torna-se, realmente, outro tipo de criação, mais elevada do que os anjos. Essa forma de recompensa não pode ser expressa por termos tais como «cêntuplo», que expressam o caráter da recompensa presente, porquanto a recompensa própria da vida eterna é extremamente elevada, ultrapassando em muito a toda percepção humana. Portanto, não se pode encontrar adjetivos capazes de expressar essa vida eterna e a sua glória; e mesmo que tais adjetivos pudessem ser encontrados, a mente humana não apreenderia a sua significação. Porém, podemos perceber, ainda que imperfeitamente, essa idéia, quando consideramos a perfeição, a glória, a majestade, o domínio e a grandeza de Cristo. Ele é o nosso alvo e padrão, e trechos como Rom. 8 e Efé. 1- nos ensinam que a sua perfeição será a nossa, que a sua glória será a nossa, e que a sua majestade, domínio e grandeza também nos pertencerão. Ele é a cabeça, e nós somos o seu corpo. Nem os anjos, em toda a sua perfeição, podem atingir essa elevadíssima posição. Incorremos em grave erro ao pensarmos nos céus em termos materialistas, coroas, mansões, ruas de ouro, etc. (a despeito dessas coisas também expressarem realidades; mas não expressam tudo). Os céus representam principalmente a transformação do indivíduo, a realização pessoal e, nesse desenvolvimento espiritual e metafísico, seremos muito mais úteis a Deus, muito mais capazes de cumprir a vontade e majestosos alvos de nosso Senhor. Os céus não estabelecem o limite e o fim das obras de Deus, mas tão-somente uma *nova fase* dessas obras. A igreja será o instrumento mais poderoso para cumprir os alvos e propósitos que por enquanto não podemos compreender, e acerca dos quais não temos quase nenhum conhecimento. Buttrick diz, (em Mat. 19:29): «Mas a esperança da comunidade cristã foi focalizada em Cristo. Ele foi a divulgação de Deus, ele foi o sinal vivo dos veredictos da eternidade». Esse tema—a «vida eterna»—é a luz e a música do evangelho. Existem «tronos», «glória», «domínios», «regozijo» e alvos eternos que nos pertencem por direito.

1. Os trechos de Rom. 8:29 e II Cor. 3:18 ensinam que o Espírito Santo nos transforma segundo a imagem de Cristo, para participarmos de sua natureza e glória. Portanto, os remidos participarão da divindade do mesmo modo que o Filho.

2. Os trechos de João 5:25, 26 e 6:57 ensinam a doutrina de que os remidos virão a participar do próprio «tipo de vida» de Deus, o qual Cristo, como homem, foi o primeiro a possuir. Agora, Cristo tem o poder de transmiti-la a outros. Essa é a vida «necessária» (que não pode deixar de existir); e também é a vida «independente» (que não depende de outra para existir). Os remidos, pois, virão a participar dessa mesma fonte de vida, recebendo uma vida superior às outras, incluindo a própria vida dos anjos. Há muitas formas ou modalidades de vida, algumas muito simples e outras extremamente completas; algumas são físicas, outras espirituais. Os remidos possuirão a mais elevada forma de vida possível, tornando-se «filhos de Deus», participantes da própria forma de vida divina.

3. Os remidos chegarão a participar de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19 no NTI; isso

## DISCÍPULO — DISCÍPULOS DE CRISTO

também pode ser visto em Col. 2:10). A plenitude (conforme é demonstrado nessas notas expositivas) indica a «natureza», com sua manifestação de atributos e perfeições divinos. As notas expositivas, nesses versículos, definem todas essas tão exaltadas doutrinas.

*Qual é a natureza dessa participação?* Em primeiro lugar, precisamos dizer que ela não é «secundária», no sentido que é de natureza diferente. Os remidos não participarão de alguma natureza divina secundária, como também Cristo não possui nenhuma natureza divina secundária.

*Qual é a extensão dessa participação?* A diferença entre o homem que vier a participar da natureza divina e essa natureza, possuída pelo próprio Deus, não é questão de «tipo», e sim, de «extensão». Deus é infinito. Assim sendo, embora os remidos venham a participar de sua natureza, no sentido mais real, mas de modo finito, terão menor grau de poder, de glória, etc. A natureza será a divina, mas os «atributos» estarão sempre em desenvolvimento. Mas, essa «extensão menor» da participação nos atributos divinos irá sempre aumentando. É disso que consiste a vida, aqui ou na eternidade (ver I Cor. 8:6). Os remidos crescerão sempre na «participação» e na «extensão» dessa participação. Pode-se ilustrar isso mergulhando um vaso no mar. O vaso não pode conter o oceano infinito, mas pode ser cheio por ele, circundando-o por todos os lados. Assim, também um remido é mergulhado na divindade, embora não a possa conter, pois ela é infinita. Contudo, as dimensões do vaso podem ir crescentemente aumentando, podendo conter mais e mais do oceano. Assim também o Senhor nunca deixa de aumentar as dimensões de sua habitação. Suas paredes se alargam, seu telhado se eleva, e, enquanto isso sucede, os filhos de Deus vão-se tornando cada vez mais parecidos com o Senhor. Não poderiam fazer isso, porém, se realmente não participassem da natureza divina. Portanto, quão profunda é esta declaração! Os anjos são seres admiravelmente elevados e inteligentes. Mas não são «divinos». Os remidos tornar-se-ão «divinos», ou seja, serão maiores que os anjos.

### Conclusão

A leitura atenta deste artigo demonstra que o discipulado cristão é uma questão da maior seriedade. Estão envolvidas no discipulado cristão questões de vida e morte. A substância da vida é o seu grande tema. A espiritualidade é o seu sustentáculo. A vida eterna é o seu alvo. (B H IB NTI)

### DISCÍPULO AMADO

Expressão encontrada somente no quarto evangelho. Esse discípulo nunca é identificado por nome, embora acredite-se que seja o apóstolo João. 1. No trecho de João 13:23, o discípulo amado aparece na última ceia, reclinado no mesmo divã em que estava Jesus, e portanto, o discípulo mais perto dele. Pedro pediu a esse discípulo que perguntasse a Jesus quem o haveria de trair. 2. Em João 19:26,27, o discípulo amado estava diante da cruz, juntamente com Maria, tendo recebido do Senhor a incumbência de cuidar de sua mãe; o que, de fato, sucedeu, acolhendo-a em sua casa desde aquele dia. 3. Em João 20:2, na manhã da ressurreição, juntamente com Pedro, o discípulo amado corre até o túmulo de Jesus; chega na frente, mas não entra no túmulo. Pedro chega em segundo lugar, mas penetra no túmulo. 4. Em João 21:7, após a ressurreição de Jesus, quando da pesca miraculosa, foi o discípulo amado que reconheceu a Jesus antes de

todos os outros. 5. Em João 21:20, foi exposta a possibilidade de que o discípulo amado não morreria, mas permaneceria vivo até o segundo advento de Jesus, o que é negado como uma interpretação aligeirada das palavras de Jesus, por parte dos demais discípulos. 6. Em João 21:24, o discípulo amado é identificado como o autor do evangelho de João. Em adição a isso, os trechos de João 18:15 e 19:35 são considerados como alusivos ao discípulo amado. Nessas referências vemos o discípulo amado seguir a Jesus de perto, quando ele estava sendo injustamente julgado, quando entrava no pátio da casa do sumo sacerdote, por ser ele pessoa conhecida do mesmo, e também quando um dos soldados abriu o lado de Jesus, já morto, com uma lança, quando da ferida jorrou sangue e água, e isso porque João não arredava o pé da cruz.

**Idéias a respeito.** 1. O discípulo amado não seria uma pessoa real, mas apenas uma figura ideal, usada como artifício literário pelo autor do quarto evangelho. Mas isso é muito imaginário para ser crido. 2. O discípulo amado era Lázaro, porquanto também é dito que ele era muito amado por Jesus (João 11:3,5,36). Porém, não há qualquer indicação, em nenhum dos evangelhos de que Lázaro tivesse acompanhado a Jesus juntamente com os doze. 3. Ou o discípulo amado seria um dos discípulos da área de Jerusalém, amigo do sumo sacerdote, e cujo nome não é dado. Isso se baseia no raciocínio de que o grego do evangelho de João, embora simples, é puro e gramatical, não podendo haver sido produzido por um pescador galileu como era o apóstolo João. Além disso, só há menção a esse discípulo nos relatos que falam sobre o que se sucedeu em Jerusalém ou proximidades. 4. A última alternativa era que se tratava do apóstolo João. Isso se coaduna com todas as passagens que falam sobre o discípulo amado. Ele estava sempre no grupo dos doze, perto de Jesus, o que sabemos que sucedia no caso de Pedro, Tiago e João. No evangelho de Lucas, bem como no livro de Atos, Pedro e João aparecem intimamente associados (Luc. 22:8; Atos 3:1; 8:14). A opinião da Igreja primitiva é unânime em favor de João (ver Irineu, Her. 3.1.1; Polícrates, Eusébio, Hist. 3.31; 5.24). A obra do segundo século cristão, Atos de João, bem como os escritos de Orígenes, fazem idêntica identificação. No que concerne ao problema de autoria, ocasionado por essa identificação, ver o artigo do evangelho de João sob o título *Autor*. (ID NTI Z)

### DISCÍPULOS DE CRISTO

Essa denominação evangélica tem origem norte-americana. Foi fundada em 1809 por Thomas Campbell e seu filho, Alexander Campbell. Eles enfatizavam a união de todos os cristãos e não gostavam de ser considerados uma denominação. Cresceu até tornar-se a maior denominação evangélica de origem norte-americana.

Thomas Campbell foi um ministro presbiteriano separatista irlandês, que havia emigrado para a América do Norte em 1807. Fora disciplinado pelo sínodo de sua igreja devido a divergências na doutrina e na prática, especificamente por admitir pessoas de outras denominações à Ceia do Senhor e também porque ensinava que um leigo qualificado (um ancião dirigente) pode dirigir um culto religioso quando da ausência de ministros ordenados. Ele cria que as divisões no cristianismo tinham surgido devido a restrições originadas em credos e práticas eclesiais, e pretendia restaurar a simplicidade da Igreja

## DISCO — DISCRIMINAÇÃO

neotestamentária. A Igreja cristã ter-se-ia começado a dividir em grupos quando complicou o que os apóstolos requeriam. Campbell desejava eliminar o grande número de credos existentes que serviam de exigência para a comunhão. Reuniu em torno de si um grupo de pessoas, quase todas presbiterianas, e formou a «Christian Association of Washington» (Pennsylvania). Escreveu uma «Declaração e Discurso», em 1809, determinando os princípios do grupo. Esse ano tem sido comemorado como o começo da nova *denominação*. Essa associação, com o tempo, veio a tornar-se uma igreja, onde se batizava por imersão. Devido à concordância de opinião sobre esse ponto, durante algum tempo eles se uniram a uma associação batista (Redstone Baptist Association). Isso perdurou de 1813 a 1830. Durante esse tempo eles conseguiram enfatizar suas doutrinas e práticas distintivas, sem provocar divisões dentro do grupo. Porém, sob a liderança de Walter Scott, essa união chegou ao fim. Ele enfatizava a idéia de que a crença para a salvação é um ato do qual o homem natural é plenamente capaz, sem qualquer ato especial da graça capacitadora, embora a maioria dos batistas discorde dessa opinião. Também se requer o arrependimento e a tristeza pelos pecados, a correção da vida e o batismo (o que fez entrar a doutrina da *regeneração batismal*), como a exigência final para o perdão dos pecados e a salvação. As igrejas emergentes do novo grupo assumiram então o nome simples de *Igrejas Cristãs* ou *Igrejas de Cristo*, uma maneira de frisar a posição antidenominacional. Paralelamente, um corpo similar, conhecido como *Igreja Cristã*, vinha sendo formado mediante a junção de três movimentos de origem independente, mas que defendiam princípios similares. Ex-metodistas, batistas e presbiterianos estiveram envolvidos. Esse movimento, com seus vários ramos cresceu até que se sentiu a necessidade de organização. A primeira convenção nacional foi efetuada na cidade de Cincinnati, em 1849, e foi formada a Sociedade Missionária Cristã Americana. O movimento atravessou a Guerra Civil Norteamericana sem sofrer divisões; mas, depois disso, alguns chegaram a crer que as sociedades missionárias e a música instrumental na adoração pública eram coisas antibíblicas. Assim, separando-se, eles formaram as Igrejas de Cristo, um corpo separado. Várias escolas e faculdades teológicas foram formadas, sob o corpo principal, incluindo a prestigiosa Disciples' Divinity House, da Universidade de Chicago. Esse movimento tem atingido proporções internacionais mediante a obra missionária, e os modernos Discípulos de Cristo têm tomado parte ativa nos movimentos interdenominacionais, no interesse da união e da cooperação cristãs, de tal modo que se tornaram membros do Concílio Mundial de Igrejas (que vide). (AM E P)

### DISCO

Uma antiga forma de atividade desportiva é o lançamento do *disco*. Até mesmo nos escritos de Homero temos referências a isso, e a arqueologia tem demonstrado que o *discóbulo* era um assunto da arte grega. O Antigo e o Novo Testamentos não mencionam a prática; mas, nos livros apócrifos, como em II Macabeus 4:12,13, o autor queixa-se de que os sacerdotes haviam perdido o interesse em seus cultos religiosos, preferindo os esportes, incluindo, entre esses, o lançamento do disco. Platão dizia que um *filósofo*, o que para ele significava um homem espiritual, é aquele que ultrapassou qualquer tipo de interesse consumidor, como o comércio, os esportes e

outras atividades populares, preferindo o exercício da mente e a busca pelos interesses puros da alma.

### DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

A primeira dessas palavras vem de uma raiz latina, *dis* (à parte) e de *crimen* (um juízo), ou seja, fazer um julgamento que separa; por extensão, tratar com parcialidade, favorecendo a alguém com detrimento de outrem. A raiz dessa palavra significa apenas estabelecer diferença ou distinção. Mas, quando é usada em conexão com a ética, significa tratar desfavoravelmente, estabelecendo falsas distinções. A palavra *preconceito*, por sua vez, significa formar uma opinião a respeito de algo, antes do tempo certo, isto é, antes que se possa fazer um juízo justo e racional. Essa palavra tornou-se um sinônimo de «ódio», de opiniões distorcidas a fim de prejudicar a alguém, ou de aderência ilógica a idéias que estabelecem distinções erradas, que promovem alguma perda da parte das pessoas contra quem se voltam os preconceitos.

Todos os sistemas discriminam, sejam eles de natureza científica, política, filosófica ou religiosa. Todos os sistemas têm os seus preconceitos. Alguns sistemas são mais preconceituosos do que outros, e alguns praticam permanentemente idéias preconceituosas.

1. **Discriminação e Preconceito Científicos.** A ciência moderna veio parcialmente à existência como uma revolta contra o vasto poder da Igreja Católica Romana. Tornou-se *ortodoxo* alguém ser um ateu, embora, como é óbvio, muitos cientistas nunca foram e nem são ateus. No entanto, parte das atividades científicas têm sido uma tentativa proposital de destruir as bases da fé religiosa. A psicologia, um dos ramos da ciência, tem procurado defender o tipo de homem que teria somente cérebro, mas não mente ou alma, defendendo assim uma teoria reducionista. A biologia não tem conseguido encontrar a alma, e assim a ciência tem reduzido o homem a um mero animal, posto que superior aos outros. Os telescópios da astronomia não têm sido capazes de detectar Deus no espaço sideral, pelo que todos os seres espirituais são relegados à posição de frutos da superstição humana. A ciência pura não faz declarações acerca das realidades finais, mas muitos cientistas têm encontrado tempo para declarar o seu ateísmo, o que envolve uma declaração metafísica, embora de natureza negativa. Portanto, a ciência está praticando uma forma de discriminação, através do método empírico, mostrando-se com isso, antiética. É falsa a ciência que faz pronunciamentos acerca de coisas que nunca investigou, e que talvez nunca possa investigar. Entre essas coisas podemos mencionar a idéia de divindade. Essa idéia só podemos investigar através de meios racionais, intuitivos e místicos, e jamais através dos cinco sentidos físicos, ou das experiências de laboratório, básicos para o método empírico de investigações. Não obstante, hoje em dia, a ciência está às vésperas de demonstrar a existência e a sobrevivência da alma humana; pois a ciência está investigando, com sucesso, idéias que antes pertenciam ao domínio da filosofia e da religião. Ver o artigo sobre *Experiências Perto da Morte*, quanto a exemplos desse tipo de atividade. Ver também o artigo detalhado sobre a *Parapsicologia*. A verdadeira fé religiosa nada tem a temer da ciência autêntica, ainda que, com freqüência, as idéias religiosas, quando mal fundadas, possam ser modificadas para melhor pelas descobertas científicas. A verdade é uma só. Os vários sistemas de conhecimento descrevem a

## DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

verdade de acordo com vários ângulos; mas o tempo haverá de encarregar-se de unificar esses sistemas.

**2. Discriminação e Preconceito Políticos.** Tem havido casos de dar na vista, como o regime de Hitler, ou os regimes de certos países comunistas, onde a perseguição e as matanças têm sido a rotina, como parte da defesa de uma suposta verdade política. Temos o notável exemplo dado por Cuba, uma lição objetiva de data recente, onde as igrejas cristãs foram virtualmente fechadas, suas escolas foram descontinuadas, e os alunos são forçados a estudar o comunismo ateu. Ver o artigo geral sobre o *Comunismo*, quanto a estatísticas e ilustrações. As pessoas que perseguem o próximo por motivos ideológicos, sempre apresentam isso sob a máscara da prática do bem, como se estivessem defendendo o que é direito. A mente humana tem certos defeitos que possibilitam esse tipo de atividade distorcida, sem importar se a mente humana foi distorcida pelo zelo religioso, científico ou político. Há um caso recente de seqüestro de avião, com finalidades políticas. Os seqüestradores estavam ali para ferir e matar, mas antes dedicaram alguns momentos para se inclinarem na direção do Oriente, em honra a seu Alá. Quando se levantaram da oração, começaram a espancar os passageiros, meros turistas, que nunca tinham praticado qualquer mal contra alguém. — O caso torna-se desesperador quando os homens combinam o fanatismo religioso com o fanatismo político, fazendo dessa combinação um motivo para promoção do ódio em nome de Deus.

**3. Discriminação Racial.** Sob esse título, podemos incluir a discriminação de *minorias*, porquanto, algumas vezes, — nacionalidades específicas — são perseguidas por pessoas de raça similar. Isso não porque haja qualquer diferença racial, mas porque o grupo perseguido é um elemento competidor dentro da sociedade. Os judeus perseguidores não se opuseram aos cristãos primitivos por motivos raciais, mas porque se haviam tornado um grupo competidor. Os irlandeses foram perseguidos na América do Norte, não por motivos raciais, e, sim, por serem uma minoria que ameaçava tomar empregos, além de trazerem costumes que não eram familiares. Difícilmente a discriminação racial ocorre isolada. Usualmente há diferentes elementos culturais que formam os problemas reais. Nos Estados Unidos da América, pessoas brancas que nada têm contra os negros, como uma raça, mostram-se preconceituosas contra os negros por causa de suas atitudes diferentes quanto à preservação da propriedade, quanto ao matrimônio e quanto a certos costumes sociais. Certos brancos da África do Sul pensam que a cultura deles está sendo ameaçada pelos negros, e fazem questão de manter separadas as linhas culturais divisórias. A questão racial serve apenas de pretexto. A discriminação racial tem lugar contra os imigrantes e grupos minoritários que ameaçam os empregos dos grupos majoritários. Os problemas envolvidos são muitos e complexos. Portanto, falar em preconceito de *cor* é falar muito pouco sobre as verdadeiras raízes do problema. Não obstante, o que se sabe eticamente sobre essas questões é que as pessoas são muito egoístas por natureza, e quase nunca se dispõem a negociar, se houver dinheiro envolvido. A lei do amor poderia solucionar, em um único dia, o problema da discriminação racial, e ambos os lados envolvidos poderiam ter o que dar e receber, pois dificilmente surge um problema de relacionamento humano apenas com um lado. Os danos feitos ao próximo por causa dos preconceitos não podem ser calculados em termos apenas financeiros, porquanto há danos

morais, intelectuais e de personalidade, por igual modo. As pessoas pertencentes a minorias são negadas muitas oportunidades, dentro da sociedade em que vivem. Quase sempre os preconceitos tornam-se uma rua de mão dupla de trânsito, de tal modo que as pessoas odiadas por sua vez passam a odiar aos que as odeiam. E então surge uma sociedade contrária a si mesma.

**4. Discriminação Religiosa.** Paira sobre o homem diferente a ameaça de isolamento e privações de vários tipos, mesmo nos dias de hoje, embora ele não seja sentenciado ao exílio ou à morte. Os judeus incrédulos perseguiram os primitivos cristãos por motivos religiosos. Os romanos perseguiram tanto os judeus quanto os cristãos. Mas muitos cristãos, uma vez obtido o poder necessário para tanto, perseguiram os judeus. — Os católicos romanos perseguiram os membros das igrejas reformadas. Mas algumas igrejas reformadas, uma vez adquirindo autoridade, perseguiram membros da Igreja Católica Romana, como também aqueles que não pertenciam a nenhum dos dois grupos, como os hereges. Os evangélicos perseguiram os mórmons, no século XIX, nos Estados Unidos da América, ao mesmo tempo em que declaravam o pluralismo religioso como um ideal para a nação. Atualmente, contemplamos o horrível espetáculo do terrorismo sendo usado como um meio de promover o ódio entre católicos e protestantes, na Irlanda. Em todas as denominações cristãs podemos testemunhar o espetáculo contraditório da perseguição contra outros cristãos que são diferentes, ou contra membros que se separam, embora isso possa ocorrer de modos não-violentos.

Do ponto de vista da ética, podemos afirmar que a perseguição religiosa, em *primeiro lugar*, envolve um zelo equivocado. Um zelo, é verdade, mas errado. Paulo nos forneceu um perfeito exemplo disso. Ele se arrependeu de sua atitude, depois que foi suficientemente iluminado em seu entendimento. Em *segundo lugar*, sempre há um elemento de temor nas perseguições, porquanto os homens sentem-se inseguros e temem que sua opinião seja demonstrada equivocada, por parte daqueles que eles chamam de *hereses*. Orígenes, que perseguiu os hereges, nos seus escritos, admitiu, finalmente, que havia aprendido muita coisa com eles, quando fora forçado a estudar as crenças deles. Em *terceiro lugar*, o homem é uma criatura decaída, mesmo quando defende a fé religiosa, e a sua natureza carnal inclina-se por perseguir o próximo. Os perseguidores raramente têm motivos impulsionadores puros; mas sempre conseguem odiar a alguém. Em *quarto lugar*, há o pecado de arrogância e de orgulho, que promove os preconceitos. Quanto menos sabemos, mais arrogantes nos mostramos sobre o que os outros acreditam e praticam. Em *quinto lugar*, há a simples ignorância. Os homens perseguem aquilo que não entendem, como um meio psicológico de se protegerem. Em *sexto lugar*, há o pecado de exclusivismo, a idéia sem sentido de que, de alguma maneira, eu e minha denominação somos melhores do que outras pessoas e suas respectivas denominações. Alguns chegam a cair na ridícula armadilha de dizerem-se os *únicos* depositários das bênçãos de Deus. Os vários movimentos de restauração (os quais, naturalmente, se digladiam entre si) têm-se mostrado culpados desse erro. A maioria dos movimentos desse tipo simplesmente tornam-se outras denominações, o que só aumenta a confusão e a fragmentação.

••• ••• •••

## DISCURSO — DISPENSAÇÃO

### DISCURSO DE SÃO JOÃO, O DIVINO

Esse é o nome grego da obra chamada, no Ocidente, de Assunção da Virgem. Ver o artigo detalhado sob esse último título.

### DISCURSO DE TEODÓSIO

Esse é o nome dado à Assunção da Virgem (que vide), dentro da versão boárca da Bíblia. Tornou-se uma das principais fontes informativas da forma cóptica dessa lenda.

### DIENTERIA

Ver o artigo geral sobre as **Doenças**. Essa palavra vem do vocábulo grego *dusenteria*, que alude a um fluxo do organismo. Paulo curou o pai de Públio, que estava sofrendo de disenteria (Atos 28:8). É possível que a doença incurável de Jeorão, adquirida por castigo divino, fosse a disenteria amebiana (ver II Crô. 21:15,18,19). Nos tempos bíblicos, essa era uma enfermidade bastante comum no Oriente Médio, conforme se vê até os dias de hoje. Pode ser causada por vermes, bactérias e amebas. Ataques de diarreia aguda (contendo muco e sangue com pus) caracterizam essa condição. Uma seqüela comum dessa enfermidade são as hemorroidas. Há perda de peso do corpo, dores agudas, e, em alguns casos, devido à debilidade provocada, ocorre a morte do paciente.

### DISMAS

Transliteração do termo grego *dusmas*. As traduções grafam o nome de vários modos, como Dismas, Dimas e Demas. Esta última forma é uma abreviação de *Demétrio*, que significa «mãe-terra», uma alusão à deusa da agricultura. Porém, o sentido do termo grego *dusmas* é desconhecido. Esse é o nome que a tradição cristã tem dado ao ladrão penitente, que foi crucificado ao mesmo tempo que Jesus e um outro ladrão. Ver Lucas 23:39-43. O livro apócrifo de *Atos de Pilatos* (9:5) chama o ladrão da direita de Dimas, e o ladrão impenitente, da esquerda, de Gestas. Porém, as fontes sírias dizem, respectivamente Tito e Dumaco. Este último nome significa «invencível», talvez dando a entender a sua teimosia, mesmo diante da ameaça da morte próxima. Uma possível derivação do nome *dusmas* seja *dusme*, que significa «pôr-do-sol», o que talvez indique que ele estava moribundo quando se arrependeu diante de Jesus; mas isso é por demais fantástico para ser verdade. Usualmente, as tradições são meras suposições, e mesmo quando não o sejam, é difícil determinar quando uma tradição preservou alguma ocorrência verídica. O termo *dusme* era usado nas confissões batismais da antiguidade, quando o candidato, por ocasião do batismo, voltava-se de frente para o Ocidente.

### DISOM

Transliteração do termo hebraico que significa «antílope» ou «cabra montês», no dizer de alguns eruditos. Quando está em vista esse animal, a referência é a um animal limpo, que os israelitas podiam usar na sua alimentação (Deu. 14:5). Na LXX o termo é traduzido pela palavra grega *pugargon*, forma líbia da palavra que significa «antílope». Essa palavra é usada como nome próprio de dois homens, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O quinto filho de Seir, um dos líderes do clã dos horeus. Suas terras foram tomadas por Esaú e seus

descendentes (Gên. 36:21,28,30; I Crô. 1:38,41). Ver também sobre *Disã*, um nome alternativo. Viveu em cerca de 1950 A.C.

2. Um filho de Aná, um chefe horeu. Era neto de Seir. Tinha uma irmã de nome Oolibama, que foi esposa de Esaú (Gên. 36:25; I Crô. 1:41,42). A comparação de Gên. 36:21-30 com I Crô. 1:38-42 dá-nos a impressão de que o *Disã* mencionado em Gên. 36:28 deveria ter sido grafado sob a forma *Disom*, e seria o mesmo filho de Aná.

### DISPATER

Ou seja, «Pai Dis», um deus do submundo da mitologia romana, corrente em torno de 249 A.C. É o equivalente a Hades ou Plutão.

### DISPENSAÇÃO (DISPENCIONALISMO)

*Esboço:*

- I. O Termo e Caracterização Geral
- II. Variedade de Usos Bíblicos
- III. Dispensacionalismo Cronológico
- IV. Pontos Fortes e Fracos do Dispensacionalismo
- V. Implicações Teológicas
- VI. Implicações Éticas

#### I. O Termo e Caracterização Geral

A palavra «dispensação» vem do latim *dispenso*, que significa «pesar» ou «administrar», como um mordomo. Esse vocábulo tem sido usado de vários modos, conforme se evidencia no ponto (II). Mas, o uso que mais nos chama a atenção é aquele que, segundo pensam alguns intérpretes, envolve períodos de tempo durante os quais Deus estaria tratando com os homens de maneiras específicas. Essa idéia foi popularizada pela Bíblia Anotada de Scofield (nome da tradução portuguesa da Scofield Reference Bible), e desenvolvida de vários modos por intérpretes posteriores.

O termo grego assim traduzido é *oikonomia*, que ocorre, no Novo Testamento, em I Cor. 9:17; Efê. 1:10; 3:2,9; Col. 1:25; Luc. 16:2-4. Nesta última referência, essa mesma palavra é traduzida por «administração» ou «mordomia», conforme a tradução. Nos melhores textos gregos, em I Tim. 1:4, *oikodomen* é traduzido por «edificação». Portanto, essa palavra é usada no Novo Testamento em dois sentidos diversos. No primeiro sentido, uma administração de qualquer tipo. No segundo sentido, um tipo específico de administração divina que se prolonga por algum período de tempo, de tal modo que aquele período é chamado «dispensação». Os diversos intérpretes pensam poder descobrir um maior ou menor número desses períodos ou dispensações. Scofield descobriu nada menos de sete dispensações. O conceito de dispensacionalismo tornou-se um conceito normativo em certos sistemas, como se isso desse ao estudioso da Bíblia a capacidade de dividir corretamente a Palavra de Deus (ver II Tim. 2:15). Muitos outros intérpretes, porém, têm objetado aos abusos desse sistema, ao mesmo tempo em que têm reconhecido algum valor no mesmo. O chamado hiperdispensacionalismo corta o Novo Testamento em pedaços, conferindo à Igreja cristã, como Escrituras autoritárias quanto à doutrina cristã, somente as sete epístolas paulinas chamadas *da prisão*. No entanto, o evangelho de Mateus, por exemplo, foi escrito pelo menos trinta anos depois da eclosão do movimento cristão, que se deu imediatamente após a crucificação e a ressurreição de Jesus. O que não pode ser negado,

## DISPENSAÇÃO

contudo, é que há uma revelação progressiva dentro do próprio Novo Testamento. Temos de reconhecer que várias doutrinas passaram por um processo de desenvolvimento e desdobramento, tendo havido elaboração e até mesmo, quem sabe, substituição. Mas isso nada tem a ver com a idéia defendida pelo dispensacionalismo. Ver também a secção V deste artigo, *Implicações Teológicas*.

### II. Variedade de Usos Bíblicos

1. Uma dispensação apontaria para os caminhos de Deus, os métodos através dos quais ele opera e trata com os homens. Todas as passagens bíblicas que abordam o tema TEÍSTA, e que são por demais numerosas para serem alistadas, também abordam esse aspecto do dispensacionalismo. Isso aponta para a presença de Deus, que guia os atos pessoais e os acontecimentos históricos, com suas revelações, intervenções, recompensas, castigos e instruções.

2. Uma dispensação aponta para as providências divinas quanto à própria natureza, sustentando-a e guiando-a (Rom. 8:17 ss; 11:36; Col. 1:16).

3. Essa idéia destaca o conceito de *mordomia*, quando emprega a palavra gr. *oikonomia*, que às vezes é traduzida por «dispensação». Ver Luc. 16:2-4.

4. Uma dispensação também pode ser uma *missão* especial conferida a alguém dentro da obra do evangelho (Col. 1:25). Uma mordomia torna-se uma missão divina que alguém precisa cumprir. Todos os homens, em certo sentido, finalmente terão de participar nisso, porquanto cada indivíduo tem um destino distinto. Ver o artigo detalhado sobre *Novo Nome e Pedra Branca*, — e Apocalipse 2:17.

5. *Dispensações cronológicas*. Ver abaixo, na secção III.

6. *Dispensações eclesiásticas*. Ver o artigo separado sob o título *Dispensação Eclesiástica*.

### III. Dispensacionalismo Cronológico

1. *A Teologia dos Pactos e as Objeções à Mesma*. Ver o artigo separado sobre *Pacto, Teologia do*. Em certo sentido, os teólogos bíblicos podem ser divididos em duas categorias gerais: teólogos dos pactos e teólogos das dispensações. São abordagens alternativas usadas para explicar as operações de Deus refletidas na Bíblia. Alguns intérpretes misturam essas abordagens. Os teólogos dos pactos vêem o pacto da graça (o propósito remidor de Deus relativo ao homem) como o grande princípio orientador das ações divinas, como a idéia que unifica as Escrituras. Nesse contexto, pois, a palavra «dispensação» torna-se uma descrição das maneiras particulares pelas quais Deus manifesta os seus pactos; e, segundo alguns desses intérpretes, isso incluiria épocas distintivas de tais manifestações.

Alguns teólogos dos pactos estão tão presos à sua maneira de estudar a teologia que nem ao menos distinguem entre o Antigo e o Novo Testamentos. A Bíblia inteira seria um grande pacto, e Deus estaria desenvolvendo-o — ao longo das Escrituras —, de Gênesis ao Apocalipse. Esses falam em Antigo e Novo Testamentos, mas não fazem deles dispensações. Um nome que pode ser relembrado quanto a essa posição é Buswell (*Systematic Theology of the Christian Religion*). Outros escritores, como Louis Berkhof, falam em duas dispensações: a Antiga e a Nova. Hodge dá margem a várias dispensações: de Adão a Abraão; de Abraão a Moisés; de Moisés a Cristo; e de Cristo até o fim. Não obstante, em todos esses casos, a nota dominante é a idéia do pacto. As dispensações, para esses sistemas, seriam apenas meios para a

concretização dos pactos.

2. *O Conceito de Dispensacionalismo*. Em contraste com isso, outros intérpretes distinguem períodos distintos na maneira de Deus tratar com os homens. Durante esses períodos Deus teria apelado para várias formas de agir. A idéia básica, nesse caso, é que Deus tem tentado vários métodos que não têm sido bem sucedidos. Cada método (ou dispensação) teria sido abandonado totalmente, antes do método seguinte ser experimentado, de tal modo que as *prescrições divinas* para uma dispensação não são válidas na próxima dispensação. Por sua vez, a teologia dos pactos objeta precisamente a essas mudanças radicais nos métodos divinos.

3. *Várias Definições*. «Um período de tempo durante o qual os homens são testados, quanto sua obediência, a alguma revelação específica da vontade de Deus» (C.I. Scofield, *Scofield Reference Bible*, pág. 5). Scofield referia-se a sete dispensações que desdobramos no ponto 4, abaixo.

«Uma economia distinguível, dentro do desdobramento do plano de Deus» (C.C. Ryrie, *Dispensations Today*, pág. 29).

«Há várias economias que percorrem a Palavra de Deus. Portanto, uma dispensação ou economia é aquela ordem particular ou aquelas condições vigentes que prevalecem durante alguma era especial, mas que não prevalecem, necessariamente, em outras eras» (H.A. Ironside, *In the Heavens*, pág. 67).

4. *Vários Arranjos*. Os dispensacionalistas não concordam entre si quanto ao número e à extensão das dispensações. Damos abaixo exemplos sobre isso:

a. *Pierre Poiret* (1646-1719):

I. Da criação ao dilúvio: infância. II. Do dilúvio a Moisés: meninice. III. De Moisés aos profetas: adolescência. IV. Dos profetas a Cristo: juventude. V. Dispensação da graça: idade adulta à velhice. VI. A Renovação de todas as coisas.

b. *John Edwards* (1639-1716):

I. Inocência: da queda ao mundo antediluviano, inclusive. II. Noaico e Abraâmico. III. Mosaico. IV. Cristão.

c. *Isaac Watts* (1646-1748):

I. Inocência e após a queda. II. Noaico e Abraâmico. III. Mosaico. IV. Cristão.

d. *J.N. Darby* (1800-1882):

I. Paradisiaco ao dilúvio. II. Noé e Abraão. III. Israel sob a lei, o sacerdócio e os reis. IV. Gentios na Igreja: administração do Espírito.

e. *James H. Brookes* (1830-1897):

I. Éden, antediluviano. II. Patriarcal. III. Mosaico. IV. Messiânico. V. Ministério do Espírito. VI. Milenial.

f. *James M. Gray* (1851-1935):

I. Edênico, antediluviano. II. Patriarcal. III. Mosaico. IV. Igreja. V. Milênio. VI. Plenitude dos tempos, eternidade.

g. *C.I. Scofield* (1843-1921):

I. Inocência. II. Consciência. III. Governo Humano. IV. Promessa. V. Lei. VI. Graça. VII. Reino

### IV. Pontos Fortes e Fracos do Dispensacionalismo

Os pontos fortes são os seguintes:

1. Há uma certa lógica na suposição de que Deus, resolvido a mostrar aos homens que *somente* a missão de Cristo e a dispensação da *graça* são suficientes para satisfazer às necessidades do homem, viesse a fazer uma elaborada demonstração histórica desse fato,



## DISPENSAÇÃO

mediante uma sucessão de dispensações. As condições impostas nas sucessivas dispensações não foram adequadas. A *consciência*, sem a lei, não bastou para atingir os propósitos de Deus. A *lei*, posta em vigor mediante ameaças e recompensas, também não foi suficiente para isso. Assim, cada dispensação reflete uma espécie de fracasso, que somente a graça foi capaz de vencer adequadamente. Essa idéia concorda com o discernimento de que o propósito de Deus e o ato remidor acompanham, cooperam com e transcendem o processo histórico. Um Deus que faz experiências, com o intuito de ensinar uma grandiosa lição objetiva, é um excelente conceito.

2. As várias dispensações tornam-se uma grande lição objetiva sobre os vários modos possíveis de Deus relacionar-se com os homens, e nós precisamos receber essa lição a fim de podermos entender o que Deus quer de nós.

3. Cada maneira divina de tratar conosco tem seus próprios valores específicos. Parece que a lei contradiz a graça, ao dar a entender que a salvação vem pelo esforço humano. Não obstante, a graça cumpre a lei, dentro da obra do Espírito, que cria em nós todas as virtudes exigidas pela lei. Portanto, há uma interação entre as dispensações, e não apenas a idéia de uma dispensação a substituir a anterior.

4. O dispensacionalismo estabelece *distinções* que precisam ser feitas. Na verdade há diferentes abordagens religiosas, e algumas delas falham completa ou parcialmente. Isso é mais claramente demonstrado nesse sistema das dispensações do que dentro da teologia dos pactos.

5. Uma importante contribuição desse sistema é a sua ênfase sobre o fato de que as revelações divinas não operam do mesmo modo e com a mesma intensidade nos diversos períodos da história da humanidade. A revelação divina se processa de vários modos e com variegado poder. Esse é um ponto que deve ser bem entendido, pois no próprio Novo Testamento, há uma revelação em vários níveis de profundidade. Além disso, podemos ver um progresso gradual na revelação. Pessoalmente, penso que esse processo nunca terminará, mas estender-se-á até mesmo eternidade afora.

6. Em conexão com isso, preciso adicionar minha própria crença, que alguns dispensacionalistas também salientam, a saber, que algumas porções bíblicas, até mesmo dentro do Novo Testamento, ultrapassam a outras, substituindo uma verdade mais profunda por outra menos profunda. Paulo certamente sabia mais a respeito do mistério da Igreja do que os demais apóstolos. Os seus *mistérios* trouxeram à tona novas verdades, que só foram reveladas já bem dentro do período do Novo Testamento. Assim, o antigo conceito do julgamento divino mediante o fogo eterno, sem qualquer esperança de mitigação, é um conceito diretamente emprestado das obras pseudépigráficas (que vide), por alguns dos autores do Novo Testamento. Essa idéia é substituída pela compreensão de que Cristo ampliou sua missão salvática até o próprio hades (ver I Ped. 3:18-4:6), que o julgamento divino será remedial, e não meramente retributivo (I Ped. 4:6), e que todas as coisas aguardam uma restauração final (Efê. 1:10), embora isso não queira dizer que todos serão finalmente salvos; pois a salvação é a posseção dos escolhidos de Deus. Não obstante, de acordo com esse ponto de vista igualmente bíblico, mas mais profundo, a missão de Cristo é vista como algo muito maior e poderoso do que a maioria dos crentes evangélicos supõe. O dispensacionalismo nos fornece uma maneira de

pensar que pode aceitar esse tipo de revelação progressiva. Isso se aplica até ao próprio Novo Testamento, para nada dizermos sobre as revelações dadas no Antigo Testamento. Tenho levado esse pensamento mais adiante do que a maioria dos dispensacionalistas, contemplando um maior resultado da missão de Cristo do que eles têm antecipado, tomando eu, por empréstimo, idéias discernidoras (segundo creio) dos ramos anglicano e ortodoxo oriental do cristianismo. Após ter compreendido a avançada teologia de algumas passagens do Novo Testamento, posso passar adiante da doutrina do julgamento divino refletido pelas obras pseudépigráficas. Outro tanto sucede no tocante à própria doutrina da salvação. O simples evangelho do perdão dos pecados e de transferência futura para o céu, uma noção que domina os evangelhos sinópticos, é substituído pelo evangelho paulino dos lugares celestiais, da transformação dos remidos segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29), mediante um longo processo de transformação pelo poder do Espírito (II Cor. 3:18), de tal modo que os remidos virão a compartilhar da própria natureza divina (Col. 2:10 e II Ped. 1:4).

**Os pontos fracos do dispensacionalismo são os seguintes:**

1. *Há exageros*, como quando Scofield supõe que o Sermão da Montanha nos dá somente os princípios da era do reino, nada tendo a ver com a Igreja. Essa é uma posição absurda. Primeiro, porque o evangelho de Mateus foi escrito para a Igreja cristã, e já bem dentro da era cristã. Segundo, porque o propósito inteiro do registro do material desse sermão foi o de mostrar que, em Cristo, temos um Novo Moisés, que veio substituir o Antigo. O Novo Moisés, o novo Legislador reinterpretou e adicionou à lei mosaica, e o que Ele assim ensinou, fê-lo à Igreja, o Novo Israel, e não meramente a algum reino ainda distante.

2. Podemos mostrar que Deus movimentamente passando de período para período, melhorando a maneira dele tratar com os homens, sem termos de dividir as Escrituras em pequenas unidades, para em seguida dizermos: «Esta unidade não é para a Igreja». Todas as unidades destinam-se à Igreja. «Pois tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança» (Rom. 15:4). Contudo, o que cada porção das Escrituras tem a dizer não tem igual aplicação, simplesmente porque o processo revelador avança e se aprimora. Não há como fazer distinções capilares, aceitando certos livros e rejeitando outros. O Antigo Testamento tem aplicação à Igreja, embora não da mesma maneira e com a mesma extensão que no caso do Novo Testamento. O Novo Testamento inteiro aplica-se à Igreja; mas, novamente, há avanços ali que ultrapassam antigas maneiras de entender.

3. *Ultradispensacionalismo*. Essa posição também tem o nome de bullingerismo, por causa de E.W. Bullinger. Alguns dispensacionalistas perderam o senso de bom juízo e dividiram o Novo Testamento em minúsculas unidades. Supostamente, apenas as epístolas paulinas da prisão, uma pequena porção do volume do Novo Testamento, são autoritárias para a Igreja. Quando alguém indaga: Então para quem se destina todo o resto do Novo Testamento, que é a sua maior parte? A resposta que nos dão os ultradispensacionalistas é: para os judeus que se converterão durante a Grande Tribulação, e então para a era do reino milenar! De acordo com essa especulação, alguns deles chegam a eliminar o batismo, e mesmo a Ceia do Senhor, como cerimônias da Igreja cristã,

## DISPENSAÇÃO

porquanto esses ritos não são mencionados naquelas epístolas de Paulo! Isso reduz o cânon autoritário a uma porção realmente minúscula. Naturalmente, é verdade que os evangelhos e o livro de Atos refletem uma primitiva Igreja judaica; e que somente mais tarde há reflexos de uma Igreja verdadeiramente gentílica, cristianizada, paulina. Todo aquele que lê o Novo Testamento pode perceber isso. Porém, é um erro crasso rejeitar arbitrariamente os livros que refletem a Igreja cristã em seus primeiros estágios, dizendo que os mesmos não são autoritários. Mas, apesar da avançada teologia paulina, há muitas verdades que Paulo não revelou. Assim sendo, o trem da revelação não estacou. Nem por isso, entretanto, devo jogar fora as epístolas paulinas, por pensar que a teologia, quanto a alguns aspectos, ultrapassou o que Paulo disse.

4. Sob a seção III. 4. *Vários Arranjos*, mostrei as várias opiniões dos dispensacionalistas acerca das dispensações. Somente James Gray (III.f) tem o discernimento para ver que Efésios 1:10 indica uma dispensação para além do reino. Scofield faz esse texto referir-se às atividades do reino. Aquele versículo, entretanto, leva-nos até o estado eterno, conforme Gray supõe. Ali vemos um processo restaurador sendo levado a efeito, e do qual a Igreja participará (Efé. 1:23). A restauração envolverá todas as coisas, fazendo a missão de Cristo ser conduzida a um admirável e completo sucesso. Ver o artigo sobre a *Restauração*, quanto a detalhes sobre essa idéia. Considero uma fraqueza do dispensacionalismo o fato de que, apesar de sua compreensão sobre a natureza progressiva das operações de Deus, em períodos específicos da história humana, o dispensacionalismo tenha falhado em perceber a maior de todas as dispensações, a última, que envolverá todos os benefícios das dispensações anteriores, em uma só unidade, adicionando assim uma outra dimensão à missão de Cristo, que realizará coisas nunca antes vistas.

### V. Implicações Teológicas

Ao longo deste artigo, até este ponto, tenho mencionado essas implicações. Portanto, apresento-as aqui à guisa de sumário:

1. Deus realmente trata com os homens de diferentes maneiras, fazendo com que as maneiras anteriores tornem-se obsoletas. Ver III.2.

2. Cada uma dessas maneiras, — antes da era da graça, teve o propósito de mostrar a absoluta necessidade da graça e da missão de Cristo. Deus nos tem dado uma demonstração histórica desse fato. Ver IV. Pontos Fortes. 1.

3. Cada dispensação tem valor porquanto ilustra como Deus aproxima-se do homem. Ver IV. Pontos Fortes. 3.

4. Distinções teológicas necessárias são estabelecidas, mediante esse conceito. Ver IV. *Pontos Fortes*. 4.

5. Há vários níveis de revelação, os quais vão se tornando progressivamente mais claros e abrangentes, enquanto acompanham o processo histórico. Portanto, falar em termos de infância, meninice, adolescência, idade adulta e idade avançada, demonstra uma certa lógica. Ver III. 4. *Vários Arranjos*. a. *Pierre Poiret*, e também IV. Pontos Fortes. 5.

6. Os conceitos aprofundam-se quando são dadas novas revelações; e essas revelações nos são concedidas em períodos específicos de tempo, através de pessoas específicas. E, mediante esse processo, antigas idéias são ultrapassadas. Penso que o próprio evangelho passou por esse processo, como também a

doutrina do juízo e da natureza do estado eterno. Ver IV. 6.

### VI. Implicações Éticas

Ver o artigo separado sobre *Ética Dispensacional*. *Bibliografia*. No próprio corpo do artigo há algumas referências bibliográficas. Além dessas, temos B BAS SAU Z.

## DISPENSAÇÃO DA PLENITUDE DOS TEMPOS

Ver Efé. 1:10.

Não está em vista apenas a dispensação do evangelho, porquanto o que esta passagem diz que se realizará, transcende ao que é meramente terreno. Está em foco o «tempo» da concretização ou cumprimento do mistério. *Tempos* é tradução exata, literal. A palavra *dispensação*, originalmente, significava «família», «gerência», ou «ofício da mordomia». Metaforicamente, mais tarde veio a significar «mordomia». Em um sentido ainda mais geral, veio a indicar a gerência de qualquer exército ou estado, ou seja, um «governo», uma «economia política».

Embora encontremos aqui um elemento de «tempo», a ênfase de Efé. 1:10 recai sobre a idéia de «governo», sobre «tipo de governo», sobre «ordem social», debaixo da orientação de certa espécie de «economia» ou poder divino. Nisso devemos incluir «aquilo que governa e aquilo que é governado». Haverá uma «ordem social», inteiramente nova, e essa será governada pelo poder de Cristo. Isso é o que significa a «dispensação da plenitude dos tempos», o estado eterno.

Essa dispensação envolverá as seguintes características:

1. A criação física estará centralizada em Cristo—será controlada e governada por ele, através da *eleição* (1:4) e da *restauração* (1:10).

2. Israel, como nação, tê-lo-á como Salvador e Senhor, Rei.

*Plenitude dos tempos*. Consideremos os pontos seguintes, a respeito disso:

1. Essa expressão não equivale ao que se lê em Gál. 4:4, a *plenitude do tempo*, pois esta última declaração indica apenas «o tempo certo e apropriado».

2. Antes, trata-se de uma referência a *períodos distintos* durante os quais Deus trata diretamente com os homens e com toda a criação. Mas ainda assim não equivale às «sete dispensações», que são a consciência, o sacrifício, o governo humano, a promessa, a lei, a graça e a eternidade. Antes, devemos compreender aqui períodos de relações entre Deus e a criação, antes mesmo do aparecimento do mundo, no mundo dos espíritos, na eternidade passada. Devemos compreender aqui o começo do cumprimento dos planos de Deus; as relações de Deus com Israel, quando lhe conferiu a legislação mosaica; a primeira vinda de Cristo; a doação do Espírito Santo; o atual período da graça; e até mesmo a *parousia* ou segundo advento de Cristo.

Todos *esses tempos* (ciclos), que incluem, certamente, o reino milenar de Jesus Cristo, com suas ênfases particulares, produzindo uma nova dispensação que será o *cumprimento* (fruição) de todos esses períodos, o cumprimento daquilo na direção do que tudo presentemente se movimenta, nas relações específicas de Deus com suas criaturas. Essa dispensação, pois, será a «plenitude», ou seja, o «cumprimento» de todos aqueles «tempos». O resultado será a *nova ordem social* com seu governo centralizado em Jesus Cristo. A «plenitude dos

## DISPENSAÇÃO — DISPOSIÇÃO

tempos», portanto, será o resultado de todos os «tempos» anteriores, a grande conclusão a que somos levados pela progressão dos tempos. Esses tempos são as «estações determinadas» divinamente, conforme aprendemos em Atos 1:7, o que é um termo similar a este. Quanto à «nova ordem», no que se aplica a diversas coisas, ver os seguintes pontos:

1. No que se aplica aos anjos, ver Heb. 1:6, embora isso seja limitado em seu escopo às funções dos anjos, que serão sempre poderosos instrumentos da glória de Deus. E eles se tornarão instrumentos ainda mais poderosos do que agora, em Cristo Jesus.

2. No que se aplica à nação de Israel, ver Rom. 11:26.

3. No que se aplica às nações da terra, ver Apo. 21:24.

4. No que se aplica à criação física, ver Rom. 8:21.

5. No que se aplica aos perdidos, ver Fil. 2:10,11; I Ped. 3:18-20 e 4:6.

6. No que se aplica à igreja, ver Efé. 1:22,23. Cristo é a vida, é o Senhor, é Messias.

A igreja será a sua plenitude, e a força mais forte e completa de sua expressão.

Todos os seres inteligentes, os exércitos de anjos, serão suas legiões de poder e atividade.

Até mesmo os perdidos encontrarão lugar sob o seu pendão — o Salvador, é o Rei e é o unificador de todos e de tudo — essas são as idéias principais que aqui se destacam. Tudo isso culminará em glória real para Deus. (Ver I Cor. 15:28).

*Todas as cousas.* Efé. 1:10. No original grego, «ta panta», isto é, a criação inteira, incluindo todos os seres inteligentes. Esse é o *gigantesco* escopo do mistério aqui referido. Devemos observar as palavras *nos céus*, vazadas no plural. Todos os campos da existência espiritual estarão unificados em Cristo Jesus. Ver em Col. 1:16 como a «Ta Panta» foi criada e voltará para Cristo. A expressão todas as coisas «na terra» significa que a missão de Cristo alcançará todos os tipos de homens, judeus, gentios etc., sem distinção.

A unidade em Cristo implica paz, harmonia, bem-estar, propósito, glória, mas em aplicações diferentes nas esferas diversas. É impossível que a missão de Cristo falhe, mas terá êxito em maneiras diferentes.

### DISPENSAÇÃO ECLESIASTICA

Desde cerca do século V D.C., a palavra «dispensação» tem sido usada para indicar as licenças outorgadas por algum bispo a outra autoridade eclesiástica, permitindo algum ato normalmente ilegal, de acordo com a lei canônica.

Esse princípio, naturalmente, tem dado margem a muitos abusos. A questão inteira das *indulgências* (que vide), que causou tanta confusão na Igreja e foi um poderoso fator que contribuiu para a Reforma protestante, ocorreu por meio de uma dispensação, dada a Alberto Mainz. O casamento de Henrique VIII, da Inglaterra, com Catarina de Aragão, teve por base uma dispensação.

Dispensações papais eram dadas para isentar os homens da obediência às autoridades civis, como aquela de Gregório IV, baixada a fim de solapar a autoridade do imperador Henrique IV (fevereiro de 1076). Por igual modo, católicos romanos ingleses foram encorajados a revoltarem-se contra Isabel I, o que quase resultou no assassinato dela. No começo, as dispensações deveriam ter aplicação exclusiva à lei

eclesiástica, não envolvendo a lei divina e nem os princípios bíblicos; mas, na prática, nem sempre essa distinção foi observada. Contudo, se for corretamente aplicado, esse princípio é bom; pois nenhuma lei humana, mesmo que tenha sido estabelecida pelas autoridades eclesiásticas, é perfeita, e precisará de modificações quanto a casos específicos, especialmente se considerarmos os requisitos de diferentes povos e culturas.

### DISPERSÃO

Ver sobre a *Díaspóra*.

### DISPERSÃO DE ISRAEL

Ver *Díaspóra (Dispersion) de Israel*.

### DISPOSIÇÃO

1. *Definição.* Essa palavra significa *tendência*, temperamento, atitude ou propensão para alguma coisa ou contra alguma coisa. É usada na linguagem religiosa e teológica para falar sobre as atitudes e as mudanças de atitude no tocante a alguma coisa, supondo-se que tais mudanças correspondem a mudanças de natureza espiritual. As condições internas intrínsecas, ou novas determinações do espírito, precisam acompanhar os dogmas e os sacramentos; pois, do contrário, essas coisas, por si mesmas, a ninguém beneficiarão.

2. *Idéias Católicas Romanas da Graça e da Justificação*, no tocante às disposições. De acordo com a doutrina romanista, um homem é capaz de usar a sua razão e a sua liberdade a fim de obter a justificação (graça santificadora). Ele é capaz de certos atos intrinsecamente ordenados para a salvação (*actus salutares*, atos de fé, esperança e contrição). O homem teria disposições naturais para tais atos, derivados do Criador, além daquelas disposições divinamente insufladas, que Deus pode conferir ao pecador, inteiramente à parte dos esforços e méritos deste último. A disposição inicial do homem deriva-se da graça gratuita de Deus. Essa não é merecida e nem depende da bondade ou da vontade do homem. Mas as disposições do ser humano, à parte de seu próprio ser, correspondem à disposição divina e se desenvolvem como uma reação à disposição divina.

3. *Na Teologia Sacramentalista.* Um adulto, segundo essa teologia, precisa preparar-se para receber os sacramentos, mediante sua reação e crescimento espirituais. Nenhum sacramento tem valor a menos que haja a correta disposição por parte do participante. Os sacramentos não são causas que operam de maneira mágica, de acordo com a teologia católica romana, embora, no nível popular, essa seja a idéia predominante. São necessárias as disposições da fé, da esperança e do amor, derivadas da graça divina e que precisam manifestar-se juntamente com o recebimento dos sacramentos, se estes tiverem de ter algum valor. Os sacramentos seriam instrumentos que trazem ao homem a graça de Deus; mas precisam ser recebidos, tornando-se eficazes, pelas boas disposições humanas. Seria inútil aumentar a frequência à eucaristia, por exemplo, a menos que seja recebida pela pessoa com uma crescente espiritualidade. A pessoa precisa ter intensificada a sua sensibilidade espiritual, tornando-se mais refinada e poderosa. Um dos trabalhos tipicamente pastorais é promover o aprofundamento das atitudes pessoais, no tocante aos requisitos da fé cristã; e o papel desempenhado pelos sacramentos, para tornar

## DISPUTA — DÍVIDA, DEVEDOR

isso uma realidade, é indispensável.

Muitos intérpretes protestantes negam que os sacramentos comunicam a graça divina, com ou sem as disposições humanas apropriadas. A teologia católica ortodoxa nega o pelagianismo extremo, que afirma que existem méritos morais naturais, envolvidos nas disposições humanas. (R)

### DISPUTA

Vem de dois termos latinos, *dis* e *putare*, e tem o sentido de «pensar», «considerar». O *disputatio* dos teólogos-filósofos escolásticos referia-se a um procedimento formal para solucionar as *quaestiones disputatae* (questões disputadas). Tomava a forma de um silogismo, sendo um ataque desfechado contra alguma tese, negando uma de suas premissas ou limitando o alcance da mesma. Finalmente, o mestre decidia a questão. No chamado *disputatio quodlibetal*, os ouvintes escolhiam o assunto a ser disputado. Nos escritos de vários dos eruditos escolásticos, incluindo Tomás de Aquino, aparecem tanto as *quaestiones disputatae* quanto as *disputatio quodlibetal*.

### DISSENSERS

Essa palavra, que entrou no português diretamente do inglês, aponta para o nome que foi dado, após a restauração (que vide) aos puritanos ou separatistas. O termo veio a significar qualquer um que discordasse da Igreja Anglicana, a igreja oficial da Inglaterra. O termo começou a ser usado a partir de 1662. Os puritanos não-conformistas, que permaneceram na Igreja Anglicana, também eram considerados «dissenters», embora continuassem a fazer parte da entidade oficial. O termo significa o contrário de *conformista*.

### DISTELEOLOGIA

Essa palavra indica o oposto da *teleologia*, conforme a palavra mesma o indica. Essa palavra deriva-se dos termos gregos *dus*, «maus», e *telos*, «finalidade», «propósito», «designio». A idéia é que existem evidências de desarmonia e de falta de propósitos na criação. Em suas formas extremas, o conceito nega a teleologia e taz o mundo alicerçar-se sobre o caso e o acaso, pelo que se moveria em direção do nada, sem qualquer causa final.

### DIVERSÕES

É largamente reconhecido que períodos de diversão e relaxamento são necessários para a saúde física e mental. Descanso e refrigério são necessários até mesmo para a renovação espiritual, visto que a rotina e o excesso de trabalho podem embotar o espírito. As diversões incluem formas de recreação (se não demais enfatizadas e profissionalizadas), jogos, eventos sociais, esportes, em que o indivíduo atue como atleta ou espectador. — Os passatempos também podem ser classificados como diversões, se não se tornarem uma segunda profissão.

*Vícios e diversões*: As diversões podem ser prejudiciais, sob várias circunstâncias, ou quando submetidas a abusos. Abaixo damos sugestões:

1. Quando o tempo gasto nas diversões é excessivo, impedindo atividades mais importantes.

2. Quando levadas a efeito em lugares duvidosos, com os quais um crente não deveria associar-se. Seria um ato duvidoso ir a um clube noturno somente para ouvir música.

3. Quando as próprias diversões têm caráter degradante, como se dá com muitas peças de teatro, de televisão e do cinema. Isso inclui sexo envelhecido, violência, exaltação de valores não-espirituais, capazes de influenciar adversamente as pessoas. Essa categoria certamente inclui tipos de música como jazz e rock and roll. Com frequência, as letras dessas composições musicais são degradantes, enquanto o próprio ritmo da música excita as paixões vis.

4. Quando as diversões são incluídas nos programas das igrejas a fim de atrair multidões, suplantando o próprio Cristo, o qual disse que quando fosse levantado da Terra, atrairia todos os homens a Si mesmo (João 12:32). Os entretenimentos mundanos, trazidos à Igreja, jamais poderão ajudar o espírito, embora possam entreter a mente e o corpo.

5. Quando qualquer forma de entretenimento, embora legítima em si mesma, torna-se uma pedra de tropeço para outra pessoa, que está procurando fazer progresso na vereda espiritual (ver Rom. 14:19,20). Vivemos com a consciência alheia, e não somente com a nossa própria. Ver o artigo sobre *música e adiaforas*. (H)

### DIVES

Esse é o nome que a tradição empresta ao rico, dentro da parábola do rico e Lázaro (Luc. 16:19-31). Esse nome foi obviamente inventado, visto que o termo latino *dives* significa «rico». Portanto, tudo o que temos nesse nome é a palavra latina «rico», escrita como um nome próprio. A Vulgata Latina traduziu o termo grego em questão por essa palavra, e essa foi a origem do nome. Irineu (*Contra Heresias* ii.34.1), usou essa palavra como um adjetivo, mas, aí pelo século III D.C., as traduções de sua obra para o latim já aparecem com essa palavra como se fosse um nome próprio.

### DÍVIDA, DEVEDOR

Várias palavras hebraicas e gregas estão envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Mashshaah*, «empréstimo», «juros», «dívida». Palavra hebraica usada somente por duas vezes: Pro. 22:26 e Deu. 24:10.

2. *Neshi*, «dívida», «juros». Termo hebraico empregado por apenas uma vez, a saber, em II Reis 4:7.

3. *Nasha*, «ser usurário». Vocábulo hebraico que ocorre por três vezes: I Sam. 22:2; Nee. 5:7 e Sal. 89:22.

4. *Dáneion*, «empréstimo». Palavra grega usada por apenas uma vez: Mat. 18:27.

5. *Ophelêtes*, «devedor». Palavra grega usada por sete vezes: Mat. 6:12; 18:24; Luc. 13:4; Rom. 1:14; 8:12; 15:27; Gál. 5:3.

6. *Ophello*, «dever». Verbo grego usado por trinta e cinco vezes: Mat. 18:28,30,34; 23:16,18; Luc. 7:41; 11:4; 16:5,7; 17:10; João 13:14; 19:7; Atos 17:29; Rom. 13:8; 15:1,27; I Cor. 5:10; 7:36; 9:10; 11:7,10; II Cor. 12:11,14; Efé. 5:28; II Tes. 1:3; 2:13; File. 18; Heb. 2:17; 5:3,12; I João 2:6; 3:16; 4:11; III João 8.

7. *Ophelilé*, «dívida». Palavra grega usada por três vezes: Mat. 18:32; Rom. 13:7 e I Cor. 7:3.

8. *Ophellema*, «dívida». Termo grego empregado por duas vezes: Mat. 6:12 e Rom. 4:4.

A questão das dívidas era regulamentada pela legislação mosaica.

#### I. A Lei Mosaica acerca das Dívidas

1. O conceito geral de ajuda devida aos pobres

## DÍVIDA, DEVEDOR — DIVINDADE

(Deu. 15:7 ss; Sal. 37:26; Mat. 5:42).

2. Um israelita podia emprestar dinheiro a um compatriota seu, mas sem cobrar-lhe juros (Deu. 15:2). A usura em geral, embora permitida em casos que não envolvessem empréstimos a outros israelitas, era considerada uma baixaza (Pro. 24:8; Eze. 18:8,13,17).

3. Um credor não podia entrar na casa de um seu devedor, a fim de retirar dali o que quisesse, quando queria receber um penhor pela dívida contraída, mas precisava esperar do lado de fora (Deu. 24:10,11; Jô 22:6; 24:3,7,9).

4. Um moinho, a pedra de um moinho ou uma túnica externa não podiam ser retidos como penhor ou garantia de um empréstimo (Exo. 22:26,27; Deu. 24:6,12).

5. Uma dívida não podia ser cobrada durante o ano sabático (Deu. 15:1-15). Mas, de outras vezes, o credor podia tomar conta de uma propriedade, que então podia ser retida até o ano do jubileu, quando tinha de devolver à família a sua herança original. Ou então a casa de um devedor podia ser confiscada e vendida (Lev. 25:25-33). O próprio devedor poderia ser vendido, juntamente com os membros de sua família, à escravidão (alguns preferem pensar em servos contratados), até o ano do jubileu (Lev. 25:39-41).

6. Uma pessoa que atuasse como fiadora podia ser tratada da mesma maneira que o próprio devedor (Pro. 11:15; 17:18).

7. Aprisionamento por motivo de dívida não parece ter feito parte do código levítico, mas só veio a ser praticado em tempos posteriores (Mat. 18:34).

8. Visto que Israel era um país agrícola, os penhores tomados para empréstimos eram feitos em termos de terras e possessões pessoais, e não em valores monetários. Todas as dívidas eram canceladas a cada sete anos (Deu. 15:1 ss). Uma pessoa podia prestar vários serviços, a fim de pagar as suas dívidas (Lev. 25:39-55).

9. De modo geral, podemos afirmar que, no primitivo Israel, os empréstimos eram mais um ato de caridade, com o intuito de ajudar a alguém em necessidade, e não uma medida com vista a lucros. Visto que Israel continuou como uma sociedade agrícola até o fim da monarquia, nunca desenvolveu um sistema de empréstimos, como aquele que havia na Babilônia, desde, pelo menos, 2000 A.C.

### II. Algumas Indicações Neotestamentárias

1. Títulos de dívida, em forma escrita (Deu. 15:2), continuaram sendo um costume nos tempos do Novo Testamento. Josefo (*Anti.* 16:10,8; *Guerras* 2.17,6). A conta, referida em Luc. 16:6, pode ter sido escrita em tabletes recobertos de cera, ou então em papiro ou em pergaminho. A arqueologia tem encontrado muitas dessas contas, registradas em grego «koiné».

2. Uma outra garantia eram as notas assinadas por testemunhas e confirmadas pelo Sinédrio. As notas comuns indicavam a natureza e a quantia da dívida, as condições envolvidas na mesma, os itens de segurança e os nomes dos devedores e das testemunhas.

3. Os hipócritas religiosos tinham descoberto um modo de apossar-se dos valores pertencentes às famílias, assim encorajando os filhos a fraudarem os seus pais. Isso se chamava *corbā* (que vide). O trecho de Marcos 7:1 alude à prática.

4. Paulo mostrava-se contrário à contração de dívidas, mas favorecia muito que cada crente pagasse a dívida de amor ao próximo (Rom. 13:8). Muitos

intérpretes têm pensado que as palavras do apóstolo não condenam o sistema de *prestações*, se a capacidade financeira de alguém o capacita a assumir dívidas razoáveis com essa base. Mas, se alguém não tem o potencial financeiro para pagar as dívidas que contrai, então está praticando desonestidade.

5. Jesus empregou a relação credor-devedor em várias de suas parábolas, com propósitos ilustrativos. Ver Lucas 7:41; 12:57-59; Mateus 5:25,26; 18:23-35. Jesus não condenou a prática de cobrar juros; mas não demonstrou apreciação pela prática da usura (Mat. 6:19-21). Há um Senhor mais alto, a quem devemos servir (Mat. 6:24). Ele requeria a atitude certa para com as riquezas, supondo que estas, normalmente, servem de empecilho à inquirição espiritual (Mat. 19:24). O trecho de Mateus 5:25,26 mostra-nos que Jesus preferia atitudes amigáveis e hospitalieiras, como fatores para ajudar na solução dos problemas surgidos entre credores e devedores, em lugar da coerção legal.

6. Todos os cidadãos devem pagar impostos, nos países onde vivem. Essa é uma dívida apropriada e legal (Rom. 13:6 ss).

### III. Usos Metafóricos

1. Paulo, em Romanos 13:8 ss., mostra-nos a grande dívida que envolve a todos nós; o amor ao próximo. Isso cumpre todas as obrigações destacadas pela lei e pelos profetas.

2. Jesus pagou nossa dívida do pecado, e assim libertou-nos da condenação (Mat. 6:12; Rom. 4 e 6:23).

3. Se perdoarmos àqueles que nos devem qualquer coisa, o Pai, lá no céu, alegra-se em perdoar as nossas dívidas diante dele, especialmente no tocante a erros morais que tenhamos cometido (Mat. 6:14).

4. Há um *penhor* do melhor pacto, a saber, o próprio Jesus Cristo (Heb. 7:22).

5. Aqueles que conhecem a verdade estão em dívida. Eles precisam saldar a sua dívida, pregando a verdade bíblica (Rom. 1:14).

6. Nada devemos à carne, e nem precisamos prestar-lhe serviços. Antes, todos devemos a Deus, pelo que temos de ter o cuidado de servi-lo, obedecendo às suas leis. (Rom. 8:12)

7. Todos aqueles que têm sido servidos por outros, em sentido espiritual, são devedores para com os que lhes têm prestado esses serviços (Rom. 15:26,27).

8. Os pecadores assumiram uma dívida diante de Deus, devendo-lhe satisfação e obediência (Mat. 18:27; Luc. 7:41).

9. Uma pessoa remida é um liberto de Cristo, devendo servi-lo diligentemente e com a atitude correta (Rom. 1:1).

10. O Senhor liberta todos os servidos ao pecado, ao preço do Seu próprio sangue (Rom. 6:18-22; I Cor. 6:20; 7:23; Tito 2:14).

11. O *amor responsivo* é a base que nos permite pagar todas as nossas dívidas espirituais e cumprir todas as nossas obrigações morais. Assim declarou Agostinho: «Ama a Deus, e então faz o que quiseres». Ver Rom. 5:5 quanto ao amor responsivo. (DR H TR W)

### DIVINDADE

#### Esboço:

I. Variedade de Usos

II. Elementos Essenciais da Divindade

III. Usos Bíblicos

I. Variedade de Usos

## DIVINDADE DE CRISTO

A palavra «divindade» pode ser usada com diversos sentidos, a saber:

1. A natureza divina, a deidade.
2. O Ser Supremo, incluindo todos os seus atributos, com base em sua essência divina, em distinção a outras essências.
3. O termo pode ser usado de forma abstrata, para indicar qualquer espécie de divindade, incluindo o que é manifestamente falso.
4. Em termos cristãos, a deidade é a essência divina do Deus que a si mesmo se revelou. Dentro da teologia cristã, o termo tem sido usado para indicar a essência divina, em contraste com as distinções hipostáticas dentro da natureza de Deus, como se dá com a doutrina da trindade divina. Porém, no que concerne a sentidos secundários, pode incluir algum dos membros da trindade. Pelo menos desde o século XVI, o termo vinha sendo usado para referir-se à natureza divina essencial de Cristo.
5. Apesar desse termo ter sido usado para fazer contraste com os atributos divinos, na realidade é impossível separar as duas coisas, visto que a glória de Deus consiste em seus variegados atributos, como parte da natureza divina essencial, por serem manifestações da mesma.

### II. Elementos Essenciais da Divindade

A fim de apresentar esses elementos, precisamos falar sobre os atributos divinos, porque, na verdade, pouco sabemos sobre a natureza essencial de Deus. Ver os comentários sobre essa questão no artigo intitulado *Deus*, nas duas primeiras seções. Falamos sobre Deus como o Espírito divino, infinito e eterno, como o Senhor de todos. Empregamos termos como onipotente, onipresente e onisciente, como o criador e o alvo de tudo, como o preservador de todas as coisas e como o redentor. Além disso, incluímos na discussão todas as atitudes de Deus. Ver o artigo sobre os *Atributos de Deus*. Somos forçados a usar termos antropomórficos, porquanto estamos limitados pelos poucos recursos de nossa linguagem e de nossa experiência. Porém, devemos nos lembrar que tudo isso é uma tentativa para melhor compreender, visto que, a despeito de todos os nossos esforços, Deus, em sua natureza essencial, permanece o *Mysterium Tremendum*. Quando apanho um compêndio de matemática ou física avançada, não consigo entender muita coisa. Essas matérias estão fora do escopo de meus conhecimentos. Se eu pudesse encontrar um livro que descrevesse a real natureza de Deus, eu estaria inteiramente perdido, o que também aconteceria com qualquer outra pessoa. Deveríamos ser mais humildes quando falamos a respeito de Deus, porquanto o nosso conhecimento a respeito dele é tão humilde.

### III. Usos Bíblicos

1. Rom. 1:20 (*theiotes*). Paulo incluiu nessa palavra a natureza de Deus vista por meio de seu eterno poder e de sua natureza divina essencial, manifestados — na natureza —, para que todos os homens possam observar e compreender, pelo menos em parte. Essa é a idéia que está à base dos argumentos cosmológico e teleológico, participando também, em menor grau, do argumento ontológico. Ver os artigos separados sobre esses três argumentos em prol da existência de Deus.

2. Colossenses 2:9 (*theiotes*). Esta palavra grega significa «divindade», «deidade», «essência divina». É em Cristo (o Logos) que habita toda a plenitude (ou *pleroma*) de Deus. Essa plenitude aponta para a essência divina e todos os seus atributos. Essa palavra também era empregada para indicar as divindades

falsas dos pagãos, pelo que nada há de especial ou de cristão em torno dela. Foi necessário que os autores do Novo Testamento empregassem vocábulos gregos comuns, embora com novas aplicações. De outra sorte, nem teriam sido compreendidos pelos seus leitores. As finas distinções que os teólogos algumas vezes fazem entre vocábulos gregos fundamentam-se em elaborações, muitas vezes parcialmente alicerçadas sobre as informações bíblicas, e não por causa de diferenças de sentido que as próprias palavras tenham tido no original grego.

3. Ato 17:39 (*theios*). Esta palavra grega é um adjetivo que foi transformado em um substantivo pelo uso do artigo definido, o que significa que devemos entendê-la como «como Deus». Também pode ser traduzida por «a deidade», porquanto faz contraste com as coisas que os homens transformam em deuses, como os seus ídolos de ouro, de prata ou de pedra.

### DIVINDADE DE CRISTO

#### Esboço

I. Os Argumentos em Favor da Divindade de Cristo

II. Segundo Colossenses 2:9

III. A Divindade de Cristo e a Vida Eterna

#### I. Os argumentos em favor da divindade de Cristo

1. Há várias *declarações diretas* sobre isso nas Escrituras, que cremos serem revelações de Deus. (Ver Isa. 9:6; João 1:1; 10:30; Rom. 9:5; Col. 2:8, quanto a referências sobre essa natureza; ver as notas expositivas em Heb. 1:3 no NTI, que é um dos versículos mais explícitos sobre a natureza dessa revelação, em todo o N.T. Notar também a confissão de Tomé, em João 20:28).

2. As teofanias, no A.T., sugerem a possibilidade do aparecimento de Deus sob forma humana, assim afirmando que isso poderia ser possível no caso de Cristo e de sua encarnação. (Ver Gên. 16:7-13; 18:2-23, especialmente o décimo sétimo versículo, e Gên. 32:28, em comparação com Osé. 12:3-5 e Exo. 3:2-14).

3. O Messias é chamado Filho de Deus, evidentemente em sentido especial (ver Sal. 2:2-9), e também é chamado «Deus» (ver Sal. 45:6-7 com Heb. 1:8,9; Sal. 110:1 com Mat. 22:44; Ato 2:34 com Heb. 1:13; Sal. 110:4 com Heb. 5:6; 6:20 e 7:17-21).

4. Cristo é «Deus conosco», através de seu nascimento virginal (ver Isa. 7:13,14 e Mat. 1:22,23).

5. O Messias recebe *títulos divinos* (ver Isa. 9:6,7), e com freqüência nos versículos neotestamentários que dizem respeito ao Pai, no A.T., são citados como alusórios ao Filho, no N.T. (Ver João 8:24,56,58; Mat. 22:42-45 e Rom. 10:13).

6. O uso extremamente freqüente do termo *Senhor*, para indicar Cristo, de tal modo que se torna parte de seu nome, — inclui a idéia de *divindade*, e algumas vezes o vincula ao *Yahweh* do A.T., ainda que, com freqüência, não tenha esse elevadíssimo sentido nos evangelhos sinópticos. (Ver Rom. 1:7). Em Col. 4:1 o termo «Senhor» expressa divindade, e, provavelmente, é uma alusão ao Senhor Jesus Cristo. O trecho de Mat. 22:43-45 usa esse termo como equivalente do termo «Adonai», usado no A.T., aplicando-o a Cristo. (Ver igualmente a tentativa de identificar Cristo com o «Senhor» do A.T., em Mat. 3:3; 12:8; 21:9 (Sal. 118:26); 22:43-45; Luc. 1:43; João 8:8; 20:28; Ato 9:5 e 13:33 e o segundo Salmo).

7. O testemunho do *própria Cristo* aparece nas Escrituras. Ele é o «Eu Sou» do A.T. (ver João 8:24,56-58), Ele é o «Adonai» do A.T. (ver Mat.

## DIVINDADE DE CRISTO

22:43-45). Ele é identificado com Deus Pai (ver Mat. 28:19; Mar. 14:62 e João 10:30). Ele exercia a principal prerrogativa de Deus (ver Mar. 2:5-7; Luc. 7:48-50). Ele exerceu atributos tidos como pertencentes exclusivamente a Deus, como a onipresença (ver Mat. 18:20), a onisciência (ver João 11:11-14 e Mar. 11:6-8), o domínio sobre a natureza, como poder criador (ver Luc. 9:16,17; João 2:9 e 10:28). Ele recebeu e aprovou a adoração dos homens à sua própria pessoa (ver Mat. 14:33; 28:9 e João 20:28,29).

8. As muitas saudações e doxologias paulinas dão a Cristo *lugar de igualdade* com Deus Pai, como fonte da graça e da paz, que nenhum mero homem poderia ocupar. (Ver, por exemplo, Rom. 1:7; 16:27; I Cor. 1:3; Efê. 1:2 e todas as demais epístolas paulinas).

9. Os escritores do N.T. conferem a Cristo *títulos divinos*. (Ver João 1:1; 20:28; Atos 20:28; Rom. 1:4; 9:5; II Tes. 1:12; I Tim. 3:16; Heb. 1:8 e I João 5:20).

10. Os escritores do N.T. atribuem *qualidades e perfeições divinas* a Jesus Cristo. (Ver Mat. 11:28; 18:20; 28:20; João 1:2; 2:23-25; 3:13; 5:17; 21:17; Heb. 1:3,11,12 com Heb. 13:8; Apo. 1:8,17,18; 2:23; 11:17 e 22:13).

11. Os escritores do N.T. ensinam que a *adoração* é dada legitimamente a Cristo. (Ver Atos 7:59,60; I Cor. 1:2; II Cor. 13:14; Fil. 2:9,10; Heb. 1:6; Apo. 1:6,7 e 6:12,13).

12. A santidade, os poderes miraculosos e a ressurreição de Cristo são reputados como *provas* de suas reivindicações de divindade. (Ver João 8:46; 20:31 e Rom. 1:4).

13. Col. 2:9: Participa na *Plenitude do Pai*. Ver a seguir.

### II. Segundo Colossenses 2:9

#### A Pleroma

1. Os gnósticos costumavam usar a palavra *pleroma*. Para eles, representava a totalidade das «emanações» de Deus, incluindo os seres vivos. As emanações mais elevadas seriam as várias gradações de ordens angelicais. Cada um desses seres, de acordo com o gnosticismo, compartilhava de uma partícula de divindade, sendo uma tênue manifestação de Deus—divina em si mesma, mas possuidora apenas de uma partícula da natureza divina total.

2. Para eles, pois, a *pleroma* era «a natureza divina, acompanhada por seus atributos e manifestações».

#### Como Cristo pode ser o «Pleroma» de Deus?

1. Paulo tomou emprestada essa palavra dos gnósticos, embora lhe tenha dado um sentido todo seu. Para Paulo, Cristo possui a natureza divina inteira, com todos os seus atributos e manifestações: tudo concentrado «em uma pessoa». O que os gnósticos distribuíam entre tantas e tantas ordens de seres, o apóstolo atribuiu exclusivamente a Cristo.

2. Isso significa que, «em sua pessoa única», Cristo é maior que as muitíssimas supostas emanações de ordens angelicais. Outrossim, ele tem maior poder e glória que todas as emanações conjuntamente. Ele é o «pleroma inteiro».

3. Tal uso, naturalmente, importa em poderosíssima declaração sobre a divindade de Cristo (ver Heb. 1:3). Equivale à doutrina do *Logos*, em João 1:1.

4. O décimo versículo ensina a doutrina prodigiosa de que, *em Cristo* (por motivo de nossa união espiritual com ele), os crentes também participarão desse *pleroma*, da natureza divina e de todos os seus atributos.

*Habita corporalmente*. A primeira dessas duas palavras, no original grego, é «katoikeo», que significa «habitar permanentemente», «estabelecer residência»,

em contraste com «paroikeo», «residir temporariamente». Trata-se da mesma palavra usada em Col. 1:19, que fala sobre a «plenitude de Deus», que em Cristo habita. Neste versículo, no NTI, a idéia é amplamente comentada. Notemos o tempo presente. O Cristo *glorificado* está em foco.

*Corporalmente*. No grego temos *somatikos*, isto é, «de modo corpóreo», «pertencente ao corpo». Esse uso cria certas dificuldades, pois não devemos imaginar que um corpo literal e físico seja capaz de ser a residência de todas as perfeições da natureza divina, porquanto isso seria uma contradição em termos, já que o espiritual dificilmente se identifica com o que é corporal.

O contexto descreve a glória do Cristo atualmente glorificado, em contraste com a posição inferior que os gnósticos lhe atribuíam, como se ele fosse apenas um dentre muitos «aeons». Notemos aqui o tempo presente: toda a plenitude divina «está habitando» em Cristo, pelo que dificilmente está em vista a encarnação. Abaixo expomos as principais interpretações deste versículo:

1. Alguns estudiosos pensam que a «encarnação» é aqui focalizada. Mas isso é quase impossível, do ponto de vista doutrinário, pois o próprio Paulo, em Fil. 2:7, aludindo à encarnação, via Cristo como *esvaziado* dos atributos divinos. Ainda que compreendêssemos (e isso corretamente), que isso não indica a «natureza», mas antes, suas manifestações (a manifestação dos atributos divinos), continuaria difícil perceber como, na encarnação, Cristo poderia ser visto como possuidor de toda a plenitude de Deus. De fato, fazia parte do plano divino que, na encarnação, essa «plenitude» fosse despida. Teria sido impossível a Cristo viver entre os homens, se porventura tivesse retido a plenitude de Deus. A encarnação, pois, foi a desistência temporária dessa plenitude, o que, neste texto, significa os «atributos» divinos e sua manifestação, com base na natureza divina.

2. Alguns pais da igreja pensavam que o termo significa *genuinamente*, em oposição a «simbolicamente», sem qualquer alusão ao corpo físico; e isso é um uso legítimo do vocábulo. Em Cristo habita, *realmente*, a plenitude divina, em contraste com os «aeons», que eram tidos como possuidores de partículas da mesma, embora todos juntos, exibissem tal plenitude.

3. Essa palavra também indica que, em Cristo, «em um só lugar, totalmente», em um «todo orgânico» (conforme diz Peake, *in loc.*), habita a plenitude, *como que formando um só corpo*. Nada de meras partículas da plenitude a habitarem em Cristo, conforme pensavam os gnósticos. As muitas «partículas» dos atributos divinos, pelos gnósticos eram distribuídas entre as «stoicheia», ou ordens de seres angelicais.

4. Há quem pense que isso alude ao modo atual da existência do *Logos Divino*, em seu «corpo celeste», que, naturalmente, não se compõe de matéria, mas é antes uma forma de energia que pertence à natureza espiritual, própria para os lugares celestiais. (Ver I Cor. 15:20,35,40 quanto ao que sabemos sobre esse corpo e sobre o que se tem conjecturado a seu respeito. Ver Fil. 3:21 e as notas expositivas ali no NTI, sobre o *corpo da glória* de Cristo). Esse é um sentido possível, que alguns estudiosos preferem.

5. Também há aqueles que pensam que a alusão ao «corpo» aponta para a igreja. Nesse corpo, ele tem a plenitude de Deus. Mas essa idéia é obviamente falsa, porquanto é a grandeza de Cristo que está em pauta, independentemente de tudo o mais. No versículo

## DIVINDADE, PARTICIPAÇÃO NA, PELOS HOMENS

seguinte, entretanto, a igreja entra em cena. Então ela é vista como possuidora, igualmente dessa «plenitude de Deus», devido à sua associação com Cristo. No entanto, essa é uma doutrina extremamente rara nos púlpitos das igrejas evangélicas.

Antes da encarnação, a plenitude habitava em Cristo, em forma não-corpórea; mas também veio a habitar nele, em «forma corpórea», embora isso não aluda a qualquer coisa física. Diz-se que os crentes estão destinados a habitar na glória, da mesma maneira, cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), tal como sucede no caso de Cristo.

As interpretações de números três e quatro são as mais prováveis; não são contraditórias. Ambas aludem à sua «glorificação», e ambas dizem que o «pleroma» ou plenitude de Deus habita em Cristo. A terceira meramente afirma que o termo «corporalmente» não alude a seu «corpo celeste», mas somente ao fato de que se acha «em um único ser», manifestando-se em «um único lugar». Não se acha ela dispersa entre uma sucessão quase interminável de seres sombrios, chamados «aeons». Tudo está localizado em uma única pessoa. Talvez o texto não tencione fazer diferença entre o Cristo preencarnado e o Cristo pós-encarnado. Na qualidade de Verbo eterno, a cada lado da eternidade, ele possui a «plenitude». Somente Cristo, portanto, é objeto digno de nossa adoração. Somente ele é o alvo de nossa busca espiritual.

*Santos em adoração postam-se em torno dele,  
E tronos e poderes caem à sua frente;  
E Deus rebrihla gracioso, através do homem,  
Distribuindo doces glórias a todos.*

(Isaac Watts)

«Que tremendo contraste com as tradições humanas e com os rudimentos do mundo» (Meyer, *in loc.*).

«Que contraste com as agências espirituais, concebidas como intermediárias entre Deus e os homens, em cada uma das quais a plenitude divina se dividia e a glória divina se esmiuçava, em proporção à posição distanciada de Deus, em sucessivas emanações». (Vincent, *in loc.*).

*Senhor de todo ser, entronizado no alto,  
Tua glória procede do sol e das estrelas,  
Centro e alma de toda a esfera,  
Mas de cada coração amante, quão próximo!*

(Oliver Wendell Holmes).

**Da Divindade.** No grego temos o vocábulo *theotes*, «deidade», «divindade», «natureza divina». A própria essência da divindade está em foco, segundo o mostrará a consulta em qualquer bom léxico. Essa palavra fala sobre o «estado do ser divino»; mas, vinculado à «plenitude», deve incluir também a idéia da «manifestação» de todos os atributos e perfeições divinos. Cristo é o guardião de toda a natureza divina e seus atributos; não participa meramente de algum fragmento da mesma, conforme dizia a idéia gnóstica dos «aeons», entre os quais eles classificavam também o Cristo.

### III. A divindade de Cristo e a vida eterna

1. O ensino sobre a divindade de Cristo é claro no evangelho de João. Seu título, «Filho de Deus», apesar de não indicar necessariamente a divindade, pois até certos homens foram assim chamados, implica freqüentemente em sua divindade nos evangelhos.

2. Por ser humano e divino, Cristo é capaz de prover para os homens a salvação. Ele tinha de ser humano, a fim de identificar-se com o homem em sua baixa forma de vida (ver Heb. 4:14 e ss). Seu triunfo como homem tornou possível sua especial modalidade

de glorificação, segundo se vê em Fil. 2:9 e ss. (Ver o vs. 7 daquele capítulo onde se desenvolve o tema da importância da humanidade de Cristo).

3. Em sua divindade, ele eleva os homens para participarem de sua forma de vida e de sua imagem, a começar da «parousia» (ver I Tes. 4:15), ou da «ressurreição» (ver I Cor. 15:20; Rom. 8:29 e II Ped. 1:4). Assim como ele participou de nossa vil natureza, assim chegaremos a participar de sua exaltada natureza e atributos (ver Efé. 3:19 e Col. 2:10). Assim nos tornamos a sua plenitude (ver Efé. 1:23). Usamos o termo «salvação» aludindo a essas maravilhas (ver Heb. 2:3). Os homens poderão vir a compartilhar da forma de vida do próprio Pai (ver João 5:26).

4. A divindade de Cristo, pois, não é algo meramente para ser admirado. É algo do que poderemos participar! Naturalmente, para o homem essa participação é finita, ao passo que a participação do Filho é infinita. Todavia, a eternidade toda dará aos homens mais e mais da plenitude divina. Portanto, a glorificação será um processo eterno, pois jamais virá um tempo em que o homem possa transpor o hiato entre si mesmo e Cristo, que é o alvo de toda a existência humana. (Ver as notas sobre essa tema em Col. 1:16 no NTI).

## DIVINDADE, PARTICIPAÇÃO NA, PELOS HOMENS

### I. Segundo Colossenses 2:10

*«...e tendes a vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade...»*

Este versículo assume posição entre aqueles que mostram o elevadíssimo destino dos homens, em Cristo Jesus (o que seria incrível, exceto se nos fosse dito por revelação divina). É trecho paralelo a Efé. 1:23; 3:19; Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4. Todas essas passagens indicam que haveremos de participar da «natureza divina», tal como Cristo dela participa. O presente versículo, juntamente com Efé. 1:23 e 3:19, diz-nos a extensão dessa participação, *toda a plenitude* haverá de habitar em nós, tal como habita em Cristo. Em outras palavras, o Cabeça e o corpo têm o mesmo destino. Haveremos de participar da própria natureza de Deus, de sua «modalidade de vida», conforme se aprende em João 5:25,26 e 6:57. Portanto, a diferença entre Deus e os remidos não consiste no tipo de natureza, mas apenas de extensão dessa natureza. Naturalmente, Deus é um ser infinito, e os remidos, apesar de terem sua natureza, por serem verdadeiros filhos de Deus, nunca atingirão toda a plenitude absoluta de Deus; não obstante, esse será sempre o nosso alvo. Já que há uma infinidade de enchimento, haverá um infinito processo de enchimento. O Senhor Deus é infinitamente distinto, tal como o é o Filho; mas dão de sua natureza aos homens, de tal modo que a *filiação* envolve a «comunhão» de natureza, conforme se vê em Heb. 2:10 e ss.

### Participantes do «Pleroma»

1. Não devido a qualquer coisa em nós mesmos, mas por causa de nosso extraordinário destino em Cristo, chegaremos a participar do *pleroma*, isto é, da natureza divina com todos os seus atributos. Talvez a mais ousada afirmativa contida pelo N.T. se encontre em Col. 2:10.

2. O corpo e a Cabeça devem compartilhar da mesma natureza e do mesmo destino. Isso é outra maneira de declarar essa questão. (Ver Rom. 8:30). Isso significa que participaremos da sua herança, como filhos possuidores de sua natureza e de seus



## DIVINDADE, PARTICIPAÇÃO NA, PELOS HOMENS

direitos (ver Rom. 8:17).

3. A participação no «pleroma», significa que seremos elevados muito acima de todos os seres angelicais. Nosso destino será fantásticamente mais elevado que o deles. Pelo menos, assim o concebemos, de acordo com o conhecimento que agora temos sobre esses seres, sua natureza e destino.

4. A participação no «pleroma» significa plena filiação (ver João 1:12); possessão da própria modalidade de vida que caracteriza Deus, a natureza divina (ver II Ped. 1:4).

5. Consulte-se Efé. 3:19 quanto a uma declaração quase idêntica. Participamos do «pleroma» do Pai.

6. A participação seria de modo *finito*, mas sempre crescente.

No trecho de I Cor. 8:6, Deus é visto como a fonte e o alvo de toda a existência, tal como Cristo, na passagem de Col. 1:15-20, sobretudo no seu versículo dezesseis, aparece como tal, dentro da expressão, «tudo foi criado por ele e para ele». Este versículo, juntamente com aqueles mencionados, diz-nos como todas as coisas são «para Cristo», envolvendo a participação do homem em tudo isso. Cristo é o Alfa e o Ômega da existência humana.

### II. Segundo II Pedro 1:4

II Ped. 1:4: *pelas quais ele nos tem dado as suas preciosas e grandíssimas promessas, para que por elas vos torneis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo.*

*Pelas quais.* Isto é, «por sua glória e virtude». Primeiramente somos chamados «à glória e à virtude»; então nos tornamos participantes delas, sendo-nos dadas grandes e preciosas promessas; e, em seguida, pela concretização dessas promessas, chegamos a participar da natureza divina, algo tão exaltado que estonteia a imaginação. As «promessas» são aquelas especificamente anunciadas no evangelho. O autor nega que a doutrina gnóstica tenha qualquer direito ou poder. Todo o bem espiritual vem através do evangelho dos apóstolos, e esse bem espiritual é indizivelmente profundo. O evangelho promete a regeneração, a liberdade do pecado na santificação, a esperança da vida eterna, a participação na natureza divina e a participação na plenitude de Deus. Essas são grandes e preciosas promessas. Tudo isso dava à igreja cristã bons motivos para rejeitar os ensinamentos falsos dos gnósticos. (Ver o artigo sobre o *Gnosticismo*).

*Preciosas.* No grego é «timios», que vem de «time», «valor». Aponta para algo de raro valor, que muito se estima. (Ver o uso dessa palavra na primeira epístola de Pedro: acerca da fé, I Ped. 1:7; acerca do sangue de Cristo; I Ped. 1:19), então, neste versículo, acerca das promessas do evangelho.

*Grandes.* No grego temos um superlativo, para maior ênfase. Alguém pode calcular o valor de todos os tesouros do Egito, mas ninguém pode calcular ou medir o amor de Deus, em Cristo. Portanto, as promessas divinas falam de um benefício espiritual incalculável.

*Por elas vos torneis co-participantes da natureza divina.* Através da concretização dessas promessas na experiência real, devido ao poder do Espírito, chegamos a compartilhar do próprio tipo de vida de Deus. Isso, naturalmente, é uma das mais profundas declarações do N.T., com paralelos em outros trechos. Os remidos serão elevados muito acima dos anjos, porque serão dotados de uma natureza infinitamente maior que a deles. Isso envolve

multíssimo mais que o mero perdão de pecados e a mudança de endereço para os céus, que é tudo que se prega hoje em dia na maioria das igrejas evangélicas. Consideramos as idéias e referências seguintes, onde o tema é desenvolvido:

Os gnósticos falavam da participação na natureza divina como o alvo da redenção. Mas seu ponto de vista sobre seu significado era muito inferior. Em primeiro lugar, os homens chegam a participar da «forma de vida» dos «aeons» ou emanações angelicais de Deus, o que, de acordo com a doutrina deles, realmente participavam da natureza divina, embora em plano secundário, pois cada ser seria apenas uma partícula da natureza divina, manifestando algum aspecto dos atributos divinos. Ao contrário disso, haveremos de ser «cheios de toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), chegando a manifestar todas as suas perfeições, todos os seus atributos, o que os gnósticos imaginavam que só poderia ser feito pelo agrado total dos «aeons». Imaginem, pois, um homem tornar-se maior que a soma de todos os poderes angelicais! Essa é uma doutrina extraordinária! Os gnósticos pensavam que um homem, tendo finalmente sido transformado em um «aeon», seria reabsorvido por Deus, assim perdendo a sua identidade pessoal, em que o «ego» se tornaria em um «superego». Mas a verdade é que os remidos participarão da divindade, sem perderem sua identidade pessoal, tal como um filho é distinto de seu pai, embora ambos tenham a mesma natureza.

*Natureza divina.* No grego é «*theia phusis*», que originalmente era uma expressão usada pelos filósofos estoicos, os quais imaginavam uma espécie de «pantélsmo». (Ver Plat. *Symp.* ii.6). O cristianismo jamais promoveu o pantélsmo. Há certa distinção entre os «tipos de vida», e nem toda a vida é uma «emanação» da vida divina. Mas os remidos, na qualidade de filhos, chegarão a participar de fato do «tipo» de vida de Deus. Essa é a única maneira em que esse termo poderia ter sido entendido, nos dias em que a epístola de II Pedro foi composta. Falar da «natureza divina» e dizer que ela indica algo menos que a real participação no «tipo de vida de Deus» é alterar radicalmente o sentido da expressão, conforme era usada na antiguidade, divorciando-a totalmente do seu contexto histórico. Isso é um suicídio hermenêutico, que alguns estudiosos se dispõem a cometer, a fim de furta- a redenção humana de suas autênticas e gigantescas dimensões. Preferem cometer esse «furto» porque ensinam uma modalidade inferior de redenção, que envolve pouco mais do que «ir algum dia para os céus».

### A Salvação nas Páginas do N.T.

1. Este versículo ultrapassa em muito à pregação normal da igreja, a respeito da salvação! Não estão envolvidos apenas o perdão dos pecados e a futura mudança de endereço para os céus, porquanto a salvação inclui a «participação na natureza divina»!

2. A participação na natureza divina envolve a participação na própria forma de vida do Pai, com a obtenção crescente dos atributos divinos (ver Efé. 3:19).

3. Cumpre-nos igualar a salvação à filiação; cumpre-nos igualar a filiação com a participação na natureza divina; cumpre-nos igualar essa participação com o fato de que a natureza de Cristo vai sendo literalmente duplicada em nós. Se estabelecermos essas equações, compreenderemos melhor do que consiste a salvação. (Ver o artigo sobre *Salvação*).

*Interpretações inferiores, que perdem de vista o alvo e reduzem a grandiosidade do evangelho:*

## DIVISÃO — DIVÓRCIO

1. Aquele que diz que estão em foco as «disposições» de Deus, ou seja, que os remidos meramente «imitarão» os atributos de Deus, mas sem participarem do mesmo tipo de vida que ele tem. Mas essa interpretação é apenas uma perversão, porquanto é impossível que as palavras fossem assim entendidas, quando foram escritas. Tal posição é uma concessão a um conceito inferior da redenção, que veio a surgir na cristandade.

2. Não está em foco apenas a «natureza santa» de Deus, como se o autor sagrado dissesse que vamos sendo santificados por crescermos na graça. Isso fica muitíssimo aquém do sentido tencionado desta declaração petrina.

3. Por igual modo, a explicação que a «semelhança» com Deus cumpre as exigências do texto. Os gnósticos, os filósofos gregos antigos e os religiosos pagãos da época, e que pensavam que a real participação na divindade é possível para os homens, nunca usaram as palavras «natureza divina» dessa maneira. Se o autor sagrado porventura tivesse querido reduzir a isso o sentido dessa expressão, certamente ter-se-ia explicado. É miope aquele ponto de vista da redenção envolvida que reduz o sentido. Não fazem isso os próprios autores sagrados do N.T.

Lange mostra-se correto, ao dizer: «Assim como a sua (de Cristo) natureza participou da divindade, assim também os crentes tornar-se-ão participantes da natureza divina. A alusão, conseqüentemente, não é apenas a semelhança moral, à comunhão ideal, mas à vera comunhão de ser, que começa aqui, quando de nossa regeneração (ver I João 1:3), mas que se consumará no porvir. (Comparar com Rom. 8:29 e João 17:21).

«Isso não significa que os participantes da natureza divina serão exatamente iguais a Deus. Deus reserva para sua pessoa, para si mesmo, embora compartilhe conosco de sua natureza. Assim como o sol reflete a sua imagem em um lago claro ou em uma gota de orvalho, mas continua sendo o sol, assim também Deus permanece sendo o que ele era e é, embora tenha feito os homens participarem de sua natureza».

### Buscando o Caminho

1. A declaração é extremamente exaltada. Há uma salvação a ser ganha, e essa salvação consiste na participação na natureza divina. Como podemos buscar esse tão elevado alvo? Busquemo-lo através da santificação, pois todo aquele que não escapa das corrupções que há no mundo não poderá jamais adquirir a natureza divina. O Pai declara: «Sede santos como eu sou santo!»

2. Os gnósticos se enganavam totalmente ao suporem que uma vida de dissipação pode mesmo ajudar a alma a libertar-se do corpo físico, e, portanto, ficar livre. Bem pelo contrário! diz o autor sagrado. A alma é ajudada mediante a santificação do corpo, e não mediante o abuso de suas potencialidades.

3. A eleição garante a santificação, e a santificação põe em ação o propósito eletivo (ver II Tes. 2:13 e I Ped. 1:2). Não há eleição a não ser aquela concretizada «através da santificação».

4. A santidade traz até nós o Espírito Santo, pois ela é fruto de seu cultivo. Sua presença opera em nós a inteireza da salvação, isto é, a participação na natureza divina.

Ao assim afirmarmos, vê-se que estamos ultrapassando a estimativa mais modesta das realidades espirituais; mas o evangelho afirma, peremptoriamente, que essa é a sua tremenda dimensão na vida de

um crente.

### DIVISÃO

Os homens estão sempre a dividir-se, em razão de qualquer questão. Quase sempre, aqueles que provocam divisões na Igreja apresentam-se como líderes espirituais superiores, que estão encabeçando alguma boa causa. Algumas vezes, chegam a supor que são reformadores. Usualmente, porém, não passam de indivíduos carniais que promovem seu auto-interesse, conforme se vê em I Coríntios 3:3 ss. As divisões feitas em *escala maior* produzem novas denominações, ou mesmo grandes movimentos religiosos, como a Reforma protestante. Neste caso, já usamos a palavra *cisma* (que vide).

No Novo Testamento fica claro que divisão provocada no corpo de Cristo é um pecado sério. No entanto, muitos deleitam-se nesse tipo de atividade. Algumas vezes, estão envolvidas doutrinas; mas, até mesmo nesses casos, usualmente as questões não são suficientemente importantes como causas de divisão. Em I Coríntios, vemos que Paulo procurava manter todos juntos; os filósofos, os místicos e os cétricos (os que negavam a ressurreição). Ele procurou corrigir erros, mas não recomendou que se dividisse a igreja de Corinto em uns tantos campos hostis, como sempre sucede em todas as divisões. O trecho de I Cor. 1:10 ss. refere-se a divisões por detrás de personalidades fortes, como Paulo, Pedro e Apolo. A maioria das divisões são dessa natureza. Nada são senão conflitos carniais. As divisões referidas em I Coríntios 11:18 baseavam-se, principalmente, em distinções sociais, e não em diferenças doutrinárias. A primeira epístola aos Coríntios mostra-nos que a sabelioria divina estabelece harmonia, e não a divisão, porquanto há um só corpo com muitos membros (vs. 25). Cristo é o cabeça de um corpo espiritual unificado, e é simplesmente horrível ver esse corpo dividido em tantos fragmentos. Isso é uma mutilação. O denominacionalismo é, essencialmente, uma mutilação do corpo de Cristo. O plano divino a longo prazo é a unificação de todas as coisas, por ocasião da restauração (que vide; ver Efé. 1:10), que é o mistério da vontade de Deus.

### DIVÓRCIO

O leitor pode consultar as referências seguintes, sobre esse assunto: Deut. 22:13-19, 28, 29; 23:1-4; Mat. 5:32; 19:3-12; Mar. 10:2-12; Luc. 16:18; I Cor. 7:10-16 e Rom. 7:2.

É bem possível que as provisões mosaicas, referentes ao divórcio, houvessem sido estabelecidas a fim de regulamentarem uma prática já existente; pelo que também o Senhor Jesus disse em verdade que tais provisões foram estabelecidas, não como um reflexo da verdadeira vontade de Deus, e sim, para atender à dureza dos corações humanos. Assim sendo, temos no trecho de Deut. 24:1-4 alguma legislação que com freqüência era interpretada mui literalmente pelos judeus. Se um homem encontrasse alguma coisa «indecente» em sua esposa (literalmente, «a nudez de alguma coisa»), bastaria essa razão para que pudesse divorciar-se dela. Alguns pensavam que essa palavra só pode significar, mais estritamente, casos de adultério; porém, muitos rabinos judeus davam a tais palavras uma interpretação extremamente liberal, de tal modo que um homem podia divorciar-se de sua legítima esposa por praticamente nenhum motivo, embora ela mesma não pudesse mover a ação de divórcio contra ele. Essa era uma antiga aplicação do

## DIVÓRCIO

*duplo padrão* que, sem dúvida alguma, fazia parte integrante dos costumes sociais dos judeus.

É óbvio que entre os judeus o adultério era causa suficiente de divórcio, ainda que, na maioria dos casos de adultério, tanto a mulher como o homem culpados eram apedrejados até morrerem. Porém, a noção de adultério era muito restrita, já que requeria a cópula ilícita entre um homem e uma mulher casados com outros, ou, pelo menos, exigia que um dos lados culpados fosse casado. Por esse motivo mesmo a poligamia era por demais generalizada, bem como o concubinato, em que tais relações sexuais não eram consideradas como adultérios, não havendo, nesses casos, segundo a opinião judaica antiga, qualquer razão para divórcio, ainda que uma mulher desejasse divorciar-se de seu marido, por essas razões. Naturalmente que os casamentos múltiplos e o concubinato eram privilégios exclusivos dos homens, pois nenhuma mulher judia podia ter dois maridos ao mesmo tempo, ou ter um homem, digamos assim, como seu «concubino». E nisso vemos, uma vez mais, o duplo padrão dominando toda a cena. Um homem podia tomar uma concubina, estabelecendo com ela um contrato de curta ou longa duração; e, contanto que ela não fosse casada com outro homem, isso não era reputado como um adultério. Conta-se que certo rabino, ao chegar a uma nova cidade, costumava perguntar: «Quem quer ser minha esposa por um dia?» E isso se tornava realmente possível, através da lei judaica do concubinato, criada pelas tradições dos anciãos, e não pela legislação mosaica. Portanto, para os homens judeus, não havia qualquer restrição nesse sentido, podendo eles terem diversas esposas, contanto que nenhuma delas fosse esposa de outro. E os contratos eram feitos, segundo os desejos de homens e mulheres envolvidos, estabelecendo casamentos múltiplos ou concubinatos, sem que nenhum desses casos fosse reputado um adultério.

**Na realidade**, de conformidade com a interpretação mais liberal da legislação do A. T., sobre a questão do divórcio, havia apenas duas situações que proibiam o divórcio, a saber:

1. Quando um homem tivesse acusado falsamente à sua esposa de ter tido relações sexuais ilícitas antes do casamento (ver Deut. 22:13,19).

2. Quando um homem tivesse relações sexuais com uma donzela, e o pai da jovem compeliu-os a se casarem. (Ver Deut. 22:28,29; Exo. 22:16,17). Em tais casos, nenhum divórcio podia ser obtido.

Houve duas ocasiões, dentro da narrativa do A. T., em que o divórcio foi imposto como *obrigação*, a saber:

1. Certos judeus foram forçados a se divorciarem de suas mulheres estrangeiras, depois que os judeus voltaram do exílio. (Ver Esd. 9 e 10; Nee. 13:23 e ss).

2. Certos judeus se divorciaram de suas esposas judaicas, a fim de se casarem com mulheres pagãs. (Ver Mal. 2:10-16).

Pouco antes da época de Cristo, dois famosos rabinos judeus, de nome Shamai e Hilel, apresentaram as duas idéias judaicas básicas acerca do divórcio. A escola de Shamai proibia o divórcio exceto sobre a base do adultério, sendo essa a posição mais estrita e conservadora. A escola de Hilel, por sua parte, permitia o divórcio por praticamente qualquer motivo, até mesmo quando não houvesse qualquer motivo, bastando que um homem se tivesse cansado de sua mulher. Lembrando-nos desse fato, pois, podemos interpretar mais facilmente as declarações neotestamentárias acerca dessa questão. Abaixo damos alguns pontos esclarecedores sobre esse

assunto:

1. **O divórcio no evangelho de Marcos.** (Ver Mar. 10:2 e ss). Devemos observar que em Mar. 10:11,12, — nenhuma permissão — é dada para o divórcio. Trata-se da simples declaração de que qualquer divórcio e novo casamento envolvem adultério. Lembremo-nos de que Marcos é o evangelho original, ou seja, o primeiro a ter sido publicado, e que foi usado por Mateus e Lucas como um esboço básico quanto às porções históricas da vida de Jesus. O trecho de Luc. 16:18 preserva a mesma declaração do Senhor Jesus, provavelmente copiada diretamente do evangelho de Marcos, e também não admite qualquer exceção que permita o divórcio. Se nos tivéssemos de limitar somente à declaração original de Jesus, conforme a encontramos em Marcos e Lucas, seríamos forçados a concluir que a idéia de Jesus sobre o divórcio era ainda mais estrita que a de qualquer escola conservadora, como a de Shamai, porquanto ele não permitia jamais o divórcio, por razão alguma. Qualquer segundo matrimônio, estando ainda vivos os cônjuges do primeiro, era automaticamente um adultério. Há um bom número de eruditos que pensa que essa era a posição do Senhor Jesus sobre a questão. Mas outros pensam que a exceção, «por razão de adultério», era um princípio tão bem conhecido que o autor do evangelho de Marcos simplesmente não aludiu a essa exceção, devido ao fato de ser tão comum. Entretanto, não há como confirmar ou negar essa idéia. É bem possível, entretanto, que Jesus, sendo sempre um idealista e perfeccionista, não tenha permitido qualquer exceção. Para Cristo, portanto, se é que essa idéia é correta, não havia divórcio, e, portanto, não era lícito o segundo casamento, de pessoas divorciadas.

2. **O divórcio no evangelho de Mateus.** (Ver Mat. 5:32 e 19:3-12). Aqui é preservada a posição comum da escola de Shamai. Segundo essa posição, o divórcio é possível, mas somente sob a condição anterior de adultério. No evangelho de Mateus, as palavras são dadas como diretamente provenientes de Jesus, o que nos leva a indagar por que razão Marcos e Lucas não registraram a «exceção». Teriam eles deixado de lado essa exceção por ser ela tão bem conhecida que dispensava menção? Isso não parece muito provável, porém, se de fato Jesus estabeleceu uma exceção. Alguns intérpretes têm insistido, pois, que o próprio Jesus não fez qualquer exceção (estando ele de acordo com o que dizem os evangelhos de Marcos e Lucas), mas que a igreja cristã (que já estava bem desenvolvida pelo tempo em que o evangelho de Mateus foi escrito), é que estabeleceu essa exceção, pondo as palavras nos lábios de Jesus, quando, na realidade, ele nunca falou assim. Considerando-se todos os fatores, essa parece ser a explicação mais provável para a «exceção que aparece em Mateus». A igreja de Jerusalém, composta quase inteiramente de judeus, teria incluído a «exceção da escola de Shamai», tornando-a parte integrante da doutrina cristã. Se cremos que o evangelho de Mateus é realmente um livro inspirado, poderíamos tirar consolo do fato de que a exceção que aqui aparece foi incluída por inspiração do Espírito Santo, sendo válida, sem importar se o Senhor Jesus declarou ou não tal coisa. A maior parte da igreja evangélica, na doutrina e na prática, tem assumido a posição de Shamai. Alguns estudiosos permitem o segundo casamento, sem a intervenção de qualquer culpa; mas outros só permitem o divórcio se tiver havido adultério. Uma simples leitura do texto sagrado, no original grego ou em alguma tradução moderna, indica que tanto o divórcio como o segundo

## DIVÓRCIO

matrimônio estão inclusos dentro da idéia da «exceção». O partido inocente pode tanto divorciar-se como estabelecer segundas núpcias, sem qualquer culpa, segundo parece indubitável a interpretação das palavras do evangelho de Mateus. O apóstolo Paulo estabelece regras, em I Tim. 3:2 e Tito 1:6, que são reputadas por muitos como uma virtual proibição contra tal pessoa ocupar qualquer ofício eclesiástico elevado, porquanto, ser um homem «marido de uma só mulher» não é apenas uma regra contra a poligamia ou o concubinato, embora sem dúvida também envolva isso, no que respeita aos anciãos e diáconos, os líderes das igrejas cristãs locais.

A interpretação dessa passagem do evangelho de Mateus envolve muitas dificuldades, especialmente no concernente ao sentido da palavra *fornicação* (embora tal palavra não figure na versão portuguesa que usamos como base textual deste artigo, onde também aparece a palavra «adultério»; mas no original grego é realmente usada uma outra palavra, «porneia», o que justifica a tradução «fornicação», que aparece em outras versões), a saber:

a. Alguns intérpretes pensam que se trata de relações sexuais antes do matrimônio, durante o «noivado», por exemplo. E que então o *noivo* inocente pode divorciar-se de sua «noiva», antes do casamento, mas não se o par já houver contraído núpcias. Se essa interpretação é verdadeira, então não teríamos essencialmente qualquer exceção para o divórcio, retornando à posição assumida por Marcos. Se o casamento tivesse tido lugar, e então tal pecado fosse descoberto, de conformidade com uma modificação desse ponto de vista, o divórcio poderia ser efetuado. Entretanto, o texto do evangelho de Mateus não parece ensinar isso. Temos nesta interpretação antes uma forma do homem esquivar-se da verdade, com base em raciocínios dogmáticos, com noções preconcebidas sobre o que se deve pensar sobre o assunto. Resta-nos dizer que a palavra traduzida por «fornicação» (no grego, «porneia») de forma alguma pode ser limitada a pecados sexuais somente de pessoas «solteiras», a despeito do fato de que o uso moderno indique exatamente essa forma de limitação. O vocábulo grego podia e continua sendo usado para indicar qualquer relação sexual ilícita, antes ou depois do casamento.

b. Outros intérpretes pensam que a «exceção» é legítima, dando a entender «depois do matrimônio», com permissão de novo casamento, dentro das seguintes possibilidades: a. somente para o partido inocente; b. para ambos, simplesmente em face do fato de que o adultério provocou a dissolução daquele primeiro casamento; c. alguns pensam que o homem, inocente ou não, pode casar-se de novo, embora probam tal coisa para a mulher. Entretanto, o trecho de Luc. 16:18 elimina essa idéia, porque ali é o homem que comete adultério, se divorciar-se de sua esposa e casar-se novamente. Dessas três possibilidades, a primeira, (a), é a interpretação legítima das instruções existentes no evangelho de Mateus, o que está de acordo com o pensamento judaico acerca da questão.

c. Outros estudiosos, especialmente os intérpretes católicos romanos, fazem desse «divórcio» uma espécie de *separação legal*, da variedade de um «desquite», razão pela qual, o texto não apóia (dizem eles) o divórcio. Alguns países tem este tipo de divórcio, que não termina o casamento. Dizem eles que não se pode pensar em verdadeiro divórcio, já que o casamento (que eles aceitam somente como aquele celebrado pelo padre, como uma das ordenanças da

igreja) é indissolúvel, a não ser pela morte de um dos cônjuges. Naturalmente, nesse caso, não se poderia permitir segundo matrimônio. Segundo essa interpretação, portanto, não há realmente divórcio. Porém, essa posição não se adapta e nem se coaduna com o que nos diz o evangelho de Mateus. E também não está de conformidade com a cultura judaica, de onde se derivou a idéia exposta por Mateus, visto que no A.T., e também de acordo com a escola judaica de *Shamai*, o divórcio era real, e então se permitia segundo matrimônio para as partes envolvidas.

d. Ainda outros intérpretes declaram que apesar dessa exceção ser legítima, isso não requer a idéia de que não possa haver outros motivos excepcionais. A escola de Hilel ensinava exatamente isso; mas parece quase indubitável que o Senhor Jesus tomava pelo menos a posição mais radical da escola de *Shamai*, a que, de fato, impunha apenas uma exceção.

e. Alguns intérpretes acreditam que divorciar-se e casar-se de novo é cometer adultério, pelo menos no caso do partido culpado, se não até para ambos os cônjuges, embora o «adultério» do segundo casamento seja um ato isolado, e não um estado contínuo, e que, uma vez contraído, o segundo casamento se torna legítimo, e que depois do ato inicial de adultério as pessoas envolvidas não «vivem em pecado», e nem cometem adultério contínuo. Essa interpretação não declara que o Senhor Jesus estava dizendo aqui isto ou aquilo, mas tem sua aplicação prática tanto na sociedade em geral como no seio da igreja cristã. Não nos parece razoável rejeitar, como membros de uma igreja local, um casal, agora firmemente estabelecido em seu matrimônio, com a complicação de filhos nascidos dessa união, e cujos cônjuges originais já se casaram novamente por sua vez e já geraram outros filhos. Existem muitos problemas complicados de casamento que não podem ser solucionados, em que as pessoas se complicaram antes de sua conversão a Cristo. Não é razoável impedir que tais pessoas participem da comunhão na igreja; antes, devemos ir ao encontro delas, a fim de lhes sermos de ajuda espiritual. De fato, algumas dessas pessoas podem ser de ajuda espiritual para nós, porquanto o fato de alguém ter cometido um erro não é suficiente para fazer estagnar o desenvolvimento espiritual possível. No que diz respeito à questão se essas pessoas devem ocupar posições de liderança ou de magistratura na igreja.

3. A Exceção Paulina (O Divórcio nos Escritos de Paulo). Também poderíamos denominar esta seção de «o Privilégio Paulino».

Paulo tem pouquíssimo a dizer sobre esse assunto. A passagem de Rom. 7:1-3 não pode ser considerada como uma declaração dogmática sobre a questão do divórcio. O apóstolo dos gentios ignorou propositalmente qualquer exceção, porquanto não estava procurando ensinar qualquer doutrina acerca da questão, mas meramente se utilizava do matrimônio como ilustração simbólica sobre a nossa nova lealdade a Cristo. Não encontramos nesse texto, por conseguinte, o pensamento de Paulo sobre a questão do divórcio. Poderíamos supor, entretanto, que sendo ele um ex-fariseu, teria seguido ou a idéia de Hilel ou o pensamento de *Shamai* sobre essa particularidade, mas que teria seguido mais provavelmente a opinião da escola de *Shamai*, porém com uma importante exceção.

Note-se que, na passagem de I Cor. 7:10-16, Paulo permite que o cônjuge «crente» se separe de seu cônjuge «incrédulo», contanto que o cônjuge incrédulo deseje tal separação. Neste caso, o crente pode casar-se

## DIVÓRCIO

de novo, porque não está sob *servidão*. Esta expressão implica que o divórcio, nestes casos, é o verdadeiro fim do casamento, e que o crente está totalmente livre. Devemos nos lembrar de que os judeus nem reconheceram casamentos mistos como legais. Paulo nos informa que tais casamentos são legais (não são adúlteros), mas não são totalmente obrigatórios. Nestes casos, pode existir uma variedade de razões para desfazer o casamento. Paulo exige, entretanto, um esforço honesto de evangelização do incrédulo, antes de qualquer consideração de divórcio. Além disto, a decisão de desfazer o casamento (sob circunstâncias normais) deve ser do incrédulo.

Mas isso ainda deixaria sem solução, de forma absoluta, a questão se uma pessoa crente, casada com um incrédulo, tendo sido abandonada por este, e tendo-se casado pela segunda vez, com um crente, pode participar ou não como membro da igreja local, não ficando reduzido à condição apenas de um espectador. É verdade que os trechos de I Tim. 3:2 e Tito 1:6 proíbem aos anciãos e diáconos terem «mais de uma esposa»; e isso certamente é mais do que uma provisão para evitar a poligamia, embora isso também esteja em foco. Tal pessoa, pois, que antes era casada com um incrédulo, que a abandonou, mas que agora é casada com um crente, visto que teve o direito legítimo de fazer tal, sem incorrer em culpa (contanto que o divórcio haja sido provocado pelo incrédulo, já que ao próprio crente é vedado o direito de separar-se, mas antes, deve procurar conquistar seu cônjuge incrédulo para Jesus Cristo), também deve ter o direito de participar na igreja, até mesmo na capacidade de figura liderante. Além disso, posto haver a possibilidade de ambas as formas de resposta para essa questão, homens bons e bons intérpretes têm assumido posições diametralmente opostas. Parece razoável, de conformidade com a linha paulina de pensamento, sobre esse particular, pensarmos que essa liberdade é total, ou seja, se tal crente vier a distinguir-se por seu progresso espiritual, não devemos negar-lhe o privilégio de participar ativamente das atividades da igreja local, somente por causa de um erro cometido antes de sua conversão. Por consequência, poderia até mesmo vir a ocupar um cargo oficial liderante na igreja local.

Desnecessário é dizer, entretanto, que muitíssimos intérpretes discordam dessa opinião.

Ainda teríamos que resolver o problema da participação de alguém que, sendo antes incrédulo, estivera casado com um crente, para em seguida divorciar-se do mesmo, e tornar a contrair núpcias. Com base em razões paulinas, parece-nos seguro dizermos que a tal pessoa devemos encorajar manter-se fora da liderança das igrejas locais, ainda que venha a ser aceita como membro ativo de uma delas.

**4. O divórcio, segundo é encarado por outros, fora das Escrituras.** Muitos psicólogos, sociólogos e até mesmo eclesiásticos, não se sentem satisfeitos com a solução dada pelo Novo Testamento para a questão do divórcio. — Consideremos, por exemplo, o caso do alcoólatra habitual, que espanca sua esposa e seus filhos. Imaginemos que, por um capricho estranho de personalidade, tal homem não comete adultério. Poderíamos dizer que o adultério seria ainda «pior» do que aquilo que tal homem está fazendo? Muitos se inclinariam por dizer que esse homem é muito mais passível de ser divorciado de sua esposa do que aquele outro homem que, ocasionalmente, mantém relações sexuais com outras mulheres, mas que, em tudo o mais, é um marido e um pai devotado à sua família,

cuidando criteriosamente dos seus próprios filhos. Consideremos ainda um caso radical, como o de um homicídio. Se um pai de família viesse a assassinar um de seus filhos, ou mesmo viesse a assassinar a algum desconhecido, sendo então lançado em prisão perpétua, por causa desse ato; a sua esposa não teria a liberdade de divorciar-se dele? O crime desse homem não seria maior do que se ele mantivesse relações sexuais ocasionais com outras mulheres? Consideremos, igualmente, um caso de insanidade mental. E se um obrigar o outro cônjuge a jamais casar-se novamente? Por essas razões é que alguns argumentam que existem muitas outras «razões» para o divórcio, sem que cheguem à grande liberalidade esposada pela escola de *Hiel*. Esses nos exortam a reconhecermos que a regra que tem por exceção única o «adultério» é totalmente inadequada para satisfazer às necessidades de uma sociedade que abunda de crimes cometidos contra a família ou fora dela, e que são—muito piores do que o adultério. Tomemos, finalmente, um outro exemplo. É um fato da sociedade que existe o incesto. Se um homem se tornar culpado desse crime, ou for ele um homossexual, não pode a sua esposa divorciar-se legalmente dele, casando-se então com quem ela preferir? Tais problemas, convenhamos, não podem ser facilmente desconsiderados por nós.

**5. Sociedades que praticam a poligamia.** Muitos dos mais respeitados patriarcas e rabinos da história judaica eram polígamos, e nem por isso eram considerados adúlteros. Davi não era reputado um adúltero, embora, segundo sabemos pelas páginas das Escrituras, tivesse tido seis esposas; no entanto, caiu em adultério, quando tomou a esposa de outro homem. Nas sociedades onde ainda imperam práticas da poligamia, os missionários cristãos precisam usar de paciência, introduzindo o ideal cristão de «uma mulher para cada homem», abrindo exceções no caso do governo eclesiástico, até que uma situação verdadeiramente cristã seja obtida.

**Conclusão.** Na opinião do autor deste artigo, pode-se dizer o seguinte acerca do divórcio e de novo casamento:

a. Provavelmente, o Senhor Jesus nunca abriu exceções, seguindo o *ideal* de «uma mulher para cada homem». Todavia, outros trechos bíblicos não devem ser negligenciados.

b. O autor do evangelho de Mateus abriu a exceção *única*, sem dúvida influenciado pela sociedade judaica contemporânea, que predominava no seio da igreja cristã primitiva. Mateus tomou a posição de Shamai. Segundo esse primeiro evangelho, segundo nossa coleção dos livros sagrados, o adultério é causa suficiente para o divórcio, e a parte inocente pode tornar a casar-se, sem incorrer em culpa, segundo esse ponto de vista.

c. Paulo permite que o crente seja divorciado do cônjuge incrédulo, isto é, se este último é quem move a ação de divórcio, por desejar a separação. Tal crente não pode e não deve ser impedido de plena participação como membro da igreja, incluindo o privilégio de vir a ocupar cargos importantes, se porventura vier a distinguir-se nas realizações espirituais, e, desse modo, mereça ser investido de autoridade. Pode casar-se de novo, mas somente com outro crente.

d. O crente que estivera casado com outro crente, mas que subseqüentemente se divorciou, e tornou a casar-se, não deve procurar e nem receber qualquer cargo de maior responsabilidade na igreja local. Contudo, não deve ser rejeitado como membro da

## DIVÓRCIO – DÍZIMO

mesma. Pode, entretanto, vir a ocupar algum officio de monta, se porventura puder desfazer o que fez, embora isso seja raríssimo. Pois certos enredos matrimoniais são impossíveis de serem solucionados, e o melhor que a igreja pode fazer é aceitar as pessoas como elas são, porquanto é assim que Cristo nos aceita. Qualquer pessoa assim, que venha a ser investida de autoridade numa igreja local, deve fazê-lo sob uma espécie de *exceção divina*, por ser indivíduo dotado de elevado alcance espiritual. Tais casos, entretanto, são tão raros, que a regra estabelecida acima fica praticamente intocável.

e. Naturalmente, segundo as leis civis de certos países, há outros motivos para o divórcio, além do adultério. Se isso teve lugar antes da conversão de alguém, tal pessoa, divorciada e novamente casada, pode participar plenamente como membro de uma igreja local, segundo se declara no ponto (c), acima. Mas, se isso ocorreu após a sua conversão, tal pessoa, embora não seja considerada adúltera, deve reafirmar-se de ocupar qualquer posição elevada de liderança na igreja.

Existem excelentes intérpretes que não concordam com todas essas declarações, embora existam também bons intérpretes que ainda são mais liberais, em seus pontos de vista, do que aquilo que aqui expomos. A grande verdade é que esse problema não pode ser solucionado para satisfação de todos.

### DIVÓRCIO, CARTA (TERMO) DE

No hebraico, *sayfer*, «escrito». No grego, *biblion*, «livrinho». No Antigo Testamento encontramos o «termo de divórcio», em Deu. 24:1. Em Isaías 50:1, a «carta de divórcio». A palavra grega, usada por trinta e uma vezes, principalmente no Apocalipse, é usada em Mat. 19:7, dentro da expressão «carta de divórcio», refletindo o hebraico *sayfer*. Um judeu podia divorciar-se de sua esposa, simplesmente entregando-lhe esse certificado. Ver o NTL, em Mat. 19:7, quanto a detalhes sobre a questão. Esse documento, naturalmente, era preparado pelas autoridades religiosas judaicas, concordando com a lei da nação, por mais brutal que isso parecesse ser para as mulheres.

O termo grego *gramma*, «escrito», usado por catorze vezes, de Lucas 16:6 a II Tim. 3:15, também indicava uma «conta corrente», conforme se vê em Luc. 16:6, dentro da parábola do administrador injusto. E, em II Tim. 3:15, aponta para os livros sagrados, dentro da expressão usada por Paulo, «as sagradas letras». Paulo também usava a palavra para indicar as letras graúdas que ele escreveu, com suas próprias mãos, no autógrafo da epístola aos Gálatas, dentro da expressão «letras grandes» (Gál. 6:11).

### DI-ZAABE

No hebraico, essa palavra significa «dourado». Era uma região onde havia ouro, ou então, conforme alguns pensam, esse nome significa «possuidor de ouro». Não ficava longe das planícies de Moabe, mencionadas juntamente com Parã, Tofel, Labã e Hazerote. Foi nessa região que Moisés entregou suas mensagens do livro de Deuteronômio diante do povo de Israel (Deu. 1:1). O local exato, entretanto, é desconhecido atualmente. Tem sido identificado com Mina al Dhahab e com Me-Zaabe (Gên. 36:39). Os outros lugares mencionados no texto do livro de Deuteronômio não nos ajudam, visto que também são localidades desconhecidas atualmente. Esse nome, Di-Zaabe, que indica uma localidade onde havia

muito ouro, poderia apontar para edh-Dheibeh. As tradições judaicas associam a adoração do bezerro de ouro com esse lugar, sugerindo que o mesmo recebeu seu nome por causa daquele incidente.

### DÍZIMO

*Esboço:*

- I. Palavras Usadas
- II. Fora da Cultura Judaica
- III. Dízimos dos Hebreus, Antes da Lei
- IV. Elementos da Doutrina do Dízimo sob a Lei
- V. O Dízimo no Novo Testamento
- VI. A Lei da Generosidade

#### I. Palavras Usadas

No Antigo Testamento temos duas palavras:

1. *Asar*, «dez», «décima parte». Com o sentido de dízimo aparece por sete vezes: Gên. 28:22; Deu. 14:22; 26:12; I Sam. 8:15,17; Nee. 10:37,38. A raiz original desse termo significa «acumular», «crescer», «ficar rico». Daí proveio a idéia de acumular um dígito, ou seja, um décimo.

2. *Maaser*, «décima parte», palavra usada por trinta e duas vezes, conforme se vê em Gên. 14:20; Lev. 27:30-32; Núm. 18:24,26; Deu. 12:6,11,17; II Crô. 31:5,6,12; Nee. 10:37,38; Amós 4:4; Mal. 3:8,10.

No Novo Testamento há duas formas verbais e uma nominal, a saber:

1. *Dekatáo*, «dar uma décima parte», «dizimar», que aparece somente por duas vezes: Heb. 7:6,9.

2. *Apodekatáo*, «dar uma décima parte», «dizimar», e que no grego é uma forma composta da primeira, e que figura por três vezes: Mat. 23:23; Luc. 11:42 e Heb. 7:5.

3. *Dekáte*, «décimo», uma forma ordinal, usada apenas em Heb. 7:2,4,8,9.

#### II. Fora da Cultura Judaica

Através das antigas alusões literárias, sabemos que o dízimo existia em muitas culturas antigas, sob uma forma ou outra. O trecho de Gênesis 14:17-20 nos informa sobre o costume, antes da lei mosaica. Sabemos que a prática existia entre os gregos, os romanos, os cartagineses e os árabes. Ver I Macabeus 11:35; Heród. 1:89; 4:152; 5:77; *Diod. Sic.* 5:42; 11:33; 20:44; Cícero, *Verr.* 2,3,6,7; Xenofonte, *Anáb.* 5:3, parte 9. Nessas culturas, tal como entre os hebreus, o dízimo fazia parte da piedade religiosa.

#### III. Dízimos dos Hebreus, Antes da Lei

O Antigo Testamento ilustra o ponto em duas oportunidades. Antes de tudo, Abraão apresentou a décima parte dos despojos (que vide) do combate militar em que se envolveu, a Melquisedeque (Gên. 14:20; Heb. 7:2,6). Melquisedeque foi um rei-sacerdote, que simbolizava um sacerdócio superior ao de Arão, pois refletia o sumo sacerdócio do próprio Cristo. O artigo sobre *Melquisedeque* oferece-nos detalhes sobre isso, bem como algumas especulações sobre a sua identidade. A narrativa do livro de Gênesis não explica por que Abraão julgou ser necessário dar dízimos a Melquisedeque. O relato pode dar a entender que os dízimos eram dados por várias razões, e em diferentes ocasiões. Podemos supor que essa era uma prática regular, mas não temos qualquer informação sobre isso, e nem sobre a forma que os dízimos podiam assumir. Em segundo lugar, há o caso de Jacó, o qual, após a visão que teve, em Luz, devotou uma décima parte de sua propriedade ao Senhor Deus, sob a condição de que fosse conduzido em paz e fosse trazido novamente à

casa de seu pai. Seu irmão gêmeo, Esaú, além de outros, era seu inimigo; e Jacó carecia da proteção e da orientação divinas. O que Jacó fez, naquela oportunidade, foi tomar um voto e fazer uma promessa e a sua parte na barganha consistia em dar a Deus uma décima parte de tudo quanto possuísse.

#### IV. Elementos da Doutrina do Dízimo sob a Lei

Antes da lei, os dízimos já existiam, embora não parecesse fazerem parte regular do culto religioso. Em outras palavras, não havia preceito que requeresse o dízimo como um processo contínuo e específico. Porém, não se pode duvidar de que o dízimo era praticado pelos patriarcas, antes mesmo de sua instituição legal. Os dízimos passaram então a ser usados dentro do sistema de sacrifícios, como parte do culto prestado a Yahweh, para sustento dos sacerdotes levíticos; e, provavelmente, esses fundos também eram usados para ajudar os pobres, em suas necessidades. Há alusões a esse uso dos dízimos no tocante a deuses pagãos, como Júpiter, Hércules e outros (Her. *Clio*, sive 1,1, c.89; *Varro apud Macrob.* 1:3, c.12). Quem já não prometeu alguma coisa a Deus, se pudesse realizar isto ou aquilo? Conforme minha mãe costumava dizer: «Algumas vezes, isso funciona; mas, de outras vezes, não».

1. *Coisas que eram dizimadas.* Colheitas, frutas, animais do rebanho (Lev. 27:30-32). Não era permitido escolher animais inferiores. Ao passarem os animais para pastagem, de cada dez, um era separado como o dízimo (Lev. 27:32 ss). Produtos agrícolas podiam ser retidos, se o equivalente em dinheiro fosse dado; mas, nesse caso, um quinto adicional tinha de ser oferecido. Contudo, não era permitido remir uma décima parte dos rebanhos de gado bovino e vacum, desse modo, uma vez que os animais tivessem sido dizimados (Lev. 27:31,33). Certa referência neotestamentária, em Mat. 23:23 e Luc. 11:42; de dízimos sobre a hortelã, o endro e o cominho, reflete um exagerado desenvolvimento da prática do dízimo, em tempos judaicos posteriores. Comentamos sobre isso, detalhadamente, no NTI, *in loc.* As passagens de Deu. 12:5-19; 14:22-29 e 26:12-15 falam sobre algumas modificações quanto à lei sobre o dízimo. O trecho de Amós 4:4 mostra que o legalismo e os abusos contra o dízimo já haviam invadido a prática.

A Mishna (*Maaseroth* 1:1) informa-nos de que tudo quanto era produzido e usado em Israel estava sujeito ao dízimo, e isso era exagerado ao ponto de incluir os mais ínfimos produtos.

2. *Que dízimos eram dados e a quem.* A legislação acima mencionada, dentro do livro de Deuteronômio, dá orientações específicas sobre como e a quem os dízimos deveriam ser entregues. Originalmente, os dízimos eram dados aos levitas (Núm. 18:21 ss), tendo em vista a manutenção dos ritos religiosos. Mais tarde, isso ficou mais complexo ainda. Os dízimos eram levados aos grandes centros religiosos. Quando convertidos em dinheiro, os dízimos eram postos em mãos apropriadas, para serem gerenciados (Lev. 14:22-27). Ao fim de três anos, todos os dízimos que tivessem sido recolhidos eram levados ao lugar próprio de depósito, e seguia-se então uma grande celebração. Os estrangeiros, os órfãos, as viúvas (os membros mais carentes da sociedade) eram assim beneficiados, mediante essa prática, juntamente com os levitas (Lev. 14:28,29). Cada israelita precisava desempenhar a sua parte nessa questão dos dízimos, a fim de ser cumprido o mandamento *divino* (Lev. 26:12-14).

3. *Sumário dos regulamentos.* a. Uma décima parte

dos dízimos recolhidos era usada no sustento dos levitas. b. Disso, uma décima parte era dada a Deus, para ser usada pelo sumo sacerdote. c. Aparentemente havia um *segundo* dízimo, usado para financiar as festas religiosas. d. Um *terceiro* dízimo, ao que parece, era destinado aos membros menos afortunados da sociedade, o que ocorria a cada três anos. Alguns intérpretes, porém, supõem que o segundo e o terceiro dízimos eram o mesmo dízimo ordinário, embora distribuído de modos diferentes. E, nesse caso, estava envolvido apenas um dízimo adicional, e isso somente de três em três anos. No entanto, nos escritos de Josefo temos informes de que, na verdade, havia três dízimos separados: um para a manutenção dos levitas; outro para a manutenção das festas religiosas; e, a cada três anos, para sustento dos pobres. Tobias 1:7,8 é trecho que dá a entender a mesma coisa. Entretanto, há uma referência nos escritos de Maimônides que diz que o segundo dízimo do terceiro e do sexto anos era distribuído entre os pobres e os levitas; e, em face desse comentário, retornamos à outra idéia que fala em apenas dois dízimos distintos, embora distribuídos de modos diferentes.

*Dízimos sobre os animais usados nos sacrifícios.* Esses eram consagrados a Yahweh, pelo que tinham um lugar especial entre os dízimos, estando diretamente envolvidos no sistema de sacrifícios e ofertas.

4. *Lugares para onde eram levados os dízimos.* O principal desses lugares era Jerusalém (Deu. 12:5 ss; 17 ss). Uma cerimônia era efetuada nessa ocasião (Deu. 12:7,12), sob a forma de uma refeição. Se um homem não pudesse transportar a sua produção, ele podia substituí-la por dinheiro (Deu. 14:22-27). A cada três anos, os dízimos podiam ser depositados no próprio local onde o homem habitasse (Deu. 14:28 ss). Mas, nesse caso, o indivíduo ainda precisava viajar até Jerusalém, a fim de adorar ali (Deu. 26:12 ss).

#### V. O Dízimo no Novo Testamento

Algumas pessoas conseguem fazer os dízimos parecerem obrigatórios, dentro da economia cristã, e encontram textos de prova, no Novo Testamento, para justificar essa prática. Mas outros não podem encontrar a idéia do dízimo obrigatório no período do Novo Testamento, julgando que essa prática é uma pequena exibição de legalismo, do que os crentes estão isentos. De certa feita, ouvi um sermão que tinha o propósito de impor a obrigatoriedade do dízimo aos crentes do Novo Testamento, por meio de trechos do Novo Testamento. O pregador usou a passagem de Lucas 11:42. Jesus repreendeu os fariseus porque tinham o cuidado de dizerem sobre pequenas questões legais, embora desconsiderassem as questões realmente importantes, como a justiça e o amor. Essas questões mais importantes, pois, eles deveriam pôr em prática, *sem desconsiderar* as coisas menos importantes. É evidente que Jesus reconhecia a natureza obrigatória dos dízimos, no caso da nação de Israel, mas está longe de ser claro que isso envolvia até mesmo a Igreja Cristã. Normalmente, os teólogos concordam que o Novo Testamento é um pacto de liberdade, e que cada crente deve dar a Deus conforme o Senhor o fizer prosperar, sem ser obrigado, contudo, a contribuir com somas específicas (I Cor. 16:1,2). Entretanto, esse texto não assevera diretamente como a Igreja cristã deve contribuir, porquanto envolve, *especificamente*, uma coleta especial, feita para ajudar os santos pobres de Jerusalém. Apesar disso, alguns estudiosos supõem

## DÍZIMO — DOCETISMO

que essa instrução paulina serve de princípio geral quanto aos dízimos no seio do cristianismo. O fato, porém, é que o Novo Testamento não nos dá qualquer instrução direta sobre a questão dos dízimos, embora frise a questão da generosidade, uma parte da lei do amor, no tocante a todas as nossas ações e culto religioso. Muitos intérpretes pensam que o silêncio do Novo Testamento é proposital, dando isso a entender que o crente não está sob a lei, incluindo a regulamentação sobre os dízimos; antes, deveria ele ser guiado pela lei do Espírito. Ainda outros eruditos opinam que o silêncio das Escrituras, nesse caso, é circunstancial, pelo que não teria qualquer significado. Nesse caso, poderíamos supor que a legislação veterotestamentária continua a vigorar nos dias do Novo Testamento. Isso entretanto, é uma precária proposição teológica, se levarmos em conta tudo quanto Paulo disse sobre o fato de que não estamos debaixo da lei.

A minha própria opinião é de que a questão deve ser resolvida com base no senso de *responsabilidade* de cada um e não com base em alguma legislação. Explico melhor essa idéia abaixo, na sexta seção.

### VI. A Lei da Generosidade

Certa ocasião, vi-me envolvido em uma controvérsia sobre essa questão, em uma igreja batista. Certo domingo, em uma discussão que se originou durante a Escola Dominical, alguns membros defendiam o princípio do dízimo, dentro do Novo Testamento. O dízimo era muito enfatizado naquela igreja e na denominação da qual ela fazia parte. Portanto, era de *boa política* falar em favor do dízimo, naquele lugar. Mas um homem corajoso, que era, de fato, o professor da classe dos adultos da Escola Dominical, fez objeção à posição. Ele não era capaz de encontrar o ensino sobre o dízimo no Novo Testamento e estava certo de que, como um princípio, o mesmo é antipaulino. Até certo ponto, pude ficar calado, deixando os argumentos serem apresentados contra e a favor. Mas, finalmente, fui especificamente solicitado a manifestar-me sobre a questão. Comecei minha explicação concordando com o professor da classe dos adultos. De fato, do ponto de vista *teológico*, não posso ver como poderíamos considerar o dízimo obrigatório para a Igreja cristã. Porém, continuei dizendo que havia ainda um outro fator que não podemos desconsiderar. Esse fator é a *lei da generosidade*, que é apenas um outro nome para a lei do amor. Se, sob a dispensação do Antigo Testamento, os privilégios religiosos exigiam a *décima parte* das rendas de uma pessoa, com vistas à manutenção da adoração e do sistema religioso, e também para benefício dos pobres, *muito mais* deveria ser nosso privilégio, em Cristo, afetarmos o bolso e a conta bancária. Minha posição, pois, é que o crente deve dar *mais do que o dízimo*. Em meu caso, sempre contribuí com mais do que a décima parte do que ganho, para os projetos espirituais. De fato, algumas vezes tenho ficado com uma décima parte, e nove décimas partes são dedicadas ao trabalho do Senhor. Disse isso sem o intuito de chamar atenção para a minha pessoa, mas isso tem sido fato. Meu irmão, que foi missionário evangélico primeiramente no Zaire (quando esse país ainda era chamado Congo), e, mais tarde (até o momento), no Suriname, na América do Sul, disse-me que ele dava acima de três quartas partes de toda a sua renda ao trabalho religioso, incluindo salários para os professores e as enfermeiras, para nada dizer acerca do dinheiro necessário para a construção de templos. *O amor é mais exigente do que a lei*. Isso é perfeitamente óbvio e vivemos de acordo com a lei do amor, que cumpre

toda a legislação do Antigo Testamento, sem importar qual o particular de conduta atingido (ver Rom. 13:8 ss).

Atualmente, vemos o espetáculo de missionários evangélicos que constroem para si mesmos grandes mansões, lares luxuosos, etc. Quando isso sucede, sabemos que o dinheiro está sendo empregado egoisticamente, e não para o serviço do Senhor. Há uma grande diferença entre o altruísmo e o egoísmo; mas alguns missionários evangélicos parecem nunca ter aprendido a diferença. Direi agora o que penso sobre tudo isso. O próprio fato de que há crentes disputando sobre se devem contribuir ou não com uma *miserável parcela* de dez por cento mostra o baixo nível de espiritualidade em que se encontram. Quanto maior for a espiritualidade de um crente, maior será a sua liberalidade para com o dinheiro com que contribui para a causa do evangelho, ou com que alivia as necessidades das pessoas ao seu redor. Se gastarmos alguns minutos lendo os capítulos oitavo e nono de II Coríntios, veremos ali a promoção do princípio cristão da generosidade. Isso é encorajado mediante a certeza de que Deus vê quem dá com generosidade, mostrando-se ainda mais generoso para com aqueles que agem dessa maneira. O resultado será que os crentes que assim fazem de nada terão necessidade, pois o banco celestial tem imensas fortunas ali entesouradas. Esses fundos são postos à disposição dos generosos, e não à disposição dos que só dão com parcimônia. Se alguém semear com parcimônia, colherá parcimoniosamente; e se alguém semear com abundância, colherá abundantemente (ver II Cor. 9:6). Deus ama o homem que dá com generosidade (II Cor. 9:7). *A razão* pela qual prosperamos é que, dessa maneira, poderemos superabundar «em toda boa obra» (II Cor. 9:8). Nunca vi falhar essa lei da colheita segundo a semeadura e espero vê-la operando mais algumas vezes, de uma maneira significativa, antes de terminar minha missão. Se o leitor, que estiver lendo esta declaração, nesta versão impressa da presente enciclopédia, considerar corretamente a questão, poderá perceber que essa lei operou, uma vez mais, no meu caso. (B E ND UN)

### DOAÇÃO DE CONSTANTINO

Foi um documento segundo o qual, supostamente, o imperador Constantino (que vide) conferiu soberania, ao papa Silvestre I, sobre a porção ocidental do império romano. Tal documento foi aceito como genuíno, tendo sido utilizado como base da reivindicação papal de supremacia temporal sobre os governos civis da Europa, até que, em 1440, Lorenzo Valla demonstrou que o documento era forjado. *A partir daí, — embora não apenas por esse motivo, o poder do papado começou a declinar, o que foi intensificado pela Renascença, pela Reforma protestante e pelo aparecimento gradual do secularismo, o principal elemento do qual foi o desenvolvimento das raízes da ciência moderna. Ver o artigo sobre a Igreja e o Mundo, quanto a detalhes sobre essa questão.*

**DOBRADIÇA** Ver sobre Gonzo.

### DOCETISMO

*Esboço:*

- I. Uma Explicação Cristológica
- II. Idéia Básica
- III. Nas Igrejas Evangélicas
- IV. Meio-Docetismo
- V. Docetismo e os Gnósticos
- VI. Docetismo Atacado no Novo Testamento



### I. Uma Explicação Cristológica

A fantástica vida de Jesus, com suas numerosas e poderosas obras, — fez muita gente sentir — a necessidade — de explicar *como* ele fazia essas coisas. Seria Jesus um ser angelical, disfarçado em um corpo humano? Seria ele o Logos encarnado? Seria ele apenas um homem, altamente desenvolvido através do poder do Espírito de Deus? A figura de Jesus seria mitológica, criada pela Igreja primitiva? Pelos fins do século II D.C., mais de vinte grupos cristãos tinham surgido, para os quais Jesus era um herói, ou a figura central de sua religião. Cada um desses grupos tinha um explicação diferente para a grandeza de Jesus. Todos os gênios criativos provocam esse tipo de perplexidade. É preciso que os homens reajam diante da genialidade, positiva ou negativamente. Cristo não deixa ninguém na passividade. O *docetismo*, pois, foi uma dentre várias reações diante de Cristo. Ver o artigo sobre a *Cristologia*.

*Docetismo* foi o termo usado para designar uma seita que surgiu dentre o gnosticismo. Este último já vinha aparecendo sob forma preliminar desde a época apostólica, conforme se depreende de I João 4:2 e II João 7. Naturalmente, é possível alguém ser docético sem ser gnóstico. Mas o gnosticismo (que vide) também tinha sua expressão docética, de tal modo que os dois termos acabaram quase inseparáveis.

### II. Idéia Básica

A palavra *Docetismo* vem do termo grego *dokéo*, «parecer». — A referência *primária* é ao *suposto corpo* utilizado pelo *aeon* (poder angelical), ou, segundo os gnósticos, pelo *Logos*. Esse corpo é definido como uma sombra ou um fantasma, uma representação teatral, mas não um verdadeiro corpo humano. Isso posto, o docetismo negava a humanidade de Cristo. Isso significaria que o envolvimento do Logos com a materialidade era apenas *aparente*, e não real. Para os gnósticos, a matéria era o próprio princípio do pecado, pelo que nenhum elevado ser divino envolver-se-ia com a matéria, sobre bases morais ou existenciais. Portanto, Cristo *parecia* estar envolvido na matéria, mas não o estava. O docetismo é uma maneira simples e popular de buscar solução para o problema cristológico.

### III. Nas Igrejas Evangélicas

Nas igrejas evangélicas da atualidade, Cristo é concebido quase exclusivamente em termos de Deus, que andou neste mundo, realizando toda espécie de maravilhas, disfarçado de ser humano. A moderna doutrina evangélica, *em teoria*, confessa a realidade da humanidade do corpo de Jesus, mas, quanto à *explicação* prática, ela é docética, porque, *como homem*, Jesus nada teria feito que valha a pena mencionar. Além disso, divinizamos de tal modo a sua humanidade, que nem podemos dizer que há qualquer coisa de autenticamente humano nele. O docetismo de alguns pensadores faz com que o corpo humano de Cristo seja uma entidade espiritual, e não física, embora tivesse a aparência de um corpo físico. Ou então eles ensinam que seu corpo era uma alucinação, um fantasma, uma representação teatral, sem qualquer substância real.

### IV. Melo-Docetismo

A idéia da *possessão*. Alguns gnósticos pensavam que o Logos (ou algum *aeon* angelical) teria vindo possuir temporariamente o corpo humano de Jesus,

por ocasião de seu batismo, somente para abandoná-lo quando da crucificação. Portanto, apesar de que esse corpo era genuinamente humano, teria sido apenas um instrumento, mas não uma dimensão da realidade do *Logos* ou *Nous* (mente). Essa posição era uma espécie de meio-termo, que não chegava ao verdadeiro docetismo ensinado por Basilides. Este falava em termos do *nous* que teria vindo habitar em um corpo humano, utilizando-se do mesmo, mas que em sentido algum seria humano quanto à sua natureza inerente. Muitos gnósticos posteriores optavam pela doutrina docética franca.

### V. Docetismo e os Gnósticos

**Cerinto** (que vide), em cerca de 85 D.C. discípulo de Filo, postulou a idéia da *possessão*, referindo-se à descida do Espírito de Cristo sobre Jesus, por ocasião de seu batismo, e ao abandono do corpo de Cristo por ocasião de sua morte. **Márcion** (que vide), do século II D.C., admitia a realidade dos sofrimentos de Cristo, mas negava a realidade do seu nascimento. Ele asseverava que Cristo simplesmente apareceu durante o reinado de Tibério, ocasião em que teria descido dos céus à terra. O docetismo foi atacado por **Inácio** e por **Irineu**, que desmascararam suas diversas manifestações. **Tertuliano** escreveu cinco tratados contra **Márcion**. A doutrina islâmica parece reter certa forma de docetismo quando se refere a Cristo, como o fazem vários cultos que supõem que a matéria é má em si mesma. Além disso, tenho mostrado que o moderno evangelicalismo envolve-se no docetismo prático, ainda que não no docetismo teórico.

*Gnósticos e Docéticos do Começo do Novo Testamento*. Os informes de que dispomos no Novo Testamento mostram que eles negavam a humanidade de Cristo. Todavia, não podemos saber se os gnósticos em foco defendiam a idéia da *possessão* ou a posição verdadeiramente docética. É possível que alguns defendessem uma posição, e outros, a outra. Mas, o resultado de ambas as posições é essencialmente o mesmo. A *encarnação* (que vide) não fazia parte do esquema soteriológico deles.

### VI. Docetismo Atacado no Novo Testamento

Somente duas seções em toda a epístola de I João, atacam os falsos mestres gnósticos de maneira direta, embora a epístola inteira seja uma polêmica indireta. (Ver o artigo sobre *gnosticismo*). O autor *sagrado* chamara esses falsos mestres de «anticristos» (ver I João 2:18). Também foram chamados de «mentirosos» (ver I João 2:22). Negavam eles a Deus Pai e a Deus Filho, porquanto tinham degradado a pessoa e a missão do Filho. Para eles, Cristo não seria o filho unigênito (sem igual) de Deus. Seria apenas um dentre muitos *aeons* ou emanações angelicais de Deus. Seria apenas um dentre muitíssimos salvadores e mediadores. Outrossim, para eles, ele nunca se «encarnara», mas tão-somente se apassara do corpo do homem Jesus de Nazaré, por ocasião de seu batismo, para abandoná-lo por ocasião de sua crucificação. O «Verbo» não seria «Cristo», de conformidade com o que ensinavam. Cristo seria um «aeon» inferior, e não o «Logos» controlador. A morte de «Jesus» (que nessa ocasião teria sido abandonado pelo «Logos»), não teria valor expiatório (ver I João 2:2).

A seção de I João 4:1-3 descreve o «docetismo» dos gnósticos. Isso significa que a *humanidade* de Cristo era apenas «aparente», e não «real». O grego por detrás dessa palavra é «*dokéo*», verbo que significa «parecer». — O Verbo, conforme imaginavam os

## DOCETISMO — DOCTRINA ADDAEI

gnósticos, nunca poderia ter-se «encarnado», pelo que também não havia identidade de pessoas, de natureza angelical (ou divina) com a natureza humana. Para os gnósticos, nenhuma entidade divina ou angelical poderia encarnar-se. Portanto, Jesus não deveria ser «identificado» com o «aeon» que dele se apossara; e, muito menos ainda, poderia ser identificado com o «Logos», de acordo com a doutrina gnóstica. O Verbo não se teria feito carne; e nem poderia tê-lo feito mesmo um «aeon». Tudo não passou de uma possessão temporária. O Espírito-Cristo não se teria tornado humano em qualquer sentido. Portanto, «Cristo» não era humano, e nem sofreu ou morreu. Jesus, o homem, é que seria humano; ele não era o Cristo. Serviu apenas de instrumento, por algum tempo. A humanidade de Cristo, pois, não seria uma realidade, mas apenas uma «aparência». O «aeon» agia como se fosse um ser humano, porquanto manipulava um corpo físico, um corpo humano que não era seu — não estava de modo algum identificado com o mesmo. A seção de I João 4:1-3 procura mostrar, entretanto, que Jesus é o Cristo, que ele é o Verbo encarnado e que nele há a fusão da natureza celestial com a natureza humana. Em suma, é uma refutação do «docetismo» gnóstico.

A maior parte dos livros apócrifos do N.T. tem inclinações gnósticas, e isso lhes dá uma tendência «docética». O evangelho de Pedro (120-140 D.C.) interpreta o grito de Jesus: «Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?» (Sal. 22:1 e Mat. 27:46), como se fosse: *Meu poder, meu poder, etc.*, como se isso fosse um grito de Jesus ao ver-se abandonado pelo «aeon», pois, naquele momento de crise, o *aeon* supostamente teria deixado sozinho o homem Jesus. No livro de Atos de João (170-180 D.C.), temos a cena do «aeon» (que se pareceria com Jesus) a aparecer ao apóstolo João, no monte das Oliveiras, no preciso tempo em que o «corpo» (de Jesus) sofria na cruz. Por conseguinte, o «aeon», o verdadeiro Cristo, não teria sofrido, e nem mesmo poderia fazê-lo, porquanto sua condição era angelical ou divina, e não apenas humana. Por outro lado, os livros canônicos do N.T. insistem vigorosamente sobre a *realidade* dos sofrimentos de Jesus Cristo (e não meramente do homem Jesus). Ver II Cor. 1:5, acerca dos «sofrimentos de Cristo», ver Fil. 3:10, acerca de nossa «comunhão com os sofrimentos de Cristo», ver I Ped. 1:3 acerca dos «sofrimentos de Cristo», que fazem parte do testemunho que damos ao mundo. Ver ainda, I Ped. 4:13. *Cristo sofreu em vosso lugar.* (I Ped. 2:21) *...tendo Cristo sofrido na carne...* (I Ped. 4:1).

A doutrina que negava a verdadeira estatura, natureza e obra de Cristo foi inspirada, até onde o autor sagrado se vê envolvido, por «espíritos malignos», do mesmo modo que o ensinamento verídico, acerca dele e de sua missão, é inspirado pelo Espírito Santo. Esses espíritos malignos é que inspiravam aos falsos mestres, dando-lhes a força para praticarem o mal. Essa idéia se assemelha àquilo que Paulo considera a «idolatria» inspirada pelos «demônios» — demônios seriam adorados mediante ídolos e cerimônias falsas, vinculadas à idolatria. (Ver I Cor. 10:20).

Pode-se identificar os espíritos «falsos» e os «verdadeiros» por aquilo que um «profeta» diz acerca de Cristo. Aquele que nega a humanidade de Cristo (ensinando assim o «docetismo») é inspirado por um espírito maligno. Aquele que confessa a sua humanidade (e, portanto, sua obra expiatória, etc.) vem do Espírito de Deus. Aquele que nega a humanidade verdadeira de Cristo é um «anticristo».

Não é fácil vencer esses falsos mestres, mas isso é possível, mediante Deus, que está conosco (ver I João 3:24 e 4:4). Aquele que está em nós (o Espírito Santo) é maior do que qualquer espírito maligno, que está no mundo. Há um «espírito da verdade» e um «espírito do erro». O que um homem pensa e diz sobre Cristo leva-nos a perceber que espírito há nele.

Nem toda a atividade espiritual, por conseguinte, é boa. Há um falso misticismo como há um misticismo veraz. E também existem milagres da mentira. Ver o artigo sobre *Misticismo*. (Quanto a várias idéias atinentes à *identificação de Jesus*, ver o artigo intitulado, «Jesus, Identificação, Vida e Ensinamentos»). Aquilo de que se trata na seção de I João 4:1-3 não é a negação judaica sobre o caráter messiânico de Jesus, e, sim, a negação gnóstica de que o Cristo poderia encarnar-se. A validade da «encarnação» está em jogo nessa seção.

*Bibliografia:* AM B E C P NTI RO Z

### DOCTA IGNORANTIA

Essa é a expressão latina que significa «ignorância erudita». Nicolau de Cusa (que vide) afirmava que visto que todo o presumível conhecimento na verdade é apenas conjectura, o máximo da sabedoria é a *docta ignorantia*, aquela que reconhece a sua própria impotência. Esse princípio tem diversas implicações, a saber: 1. todo o conhecimento humano termina em uma frustração autocriada, porquanto nunca chegamos ao verdadeiro conhecimento. 2. Portanto, precisamos ser humildes, porquanto a própria teologia, nas mãos dos homens, e segundo pode ser desenvolvida pelos poderes racionais humanos, é, necessariamente, defeituosa e parcial, apesar das revelações que nos foram dadas, que ultrapassam o nosso conhecimento empírico e racional. 3. O conhecimento é uma inquirição eterna, e não uma possessão que possamos registrar tranquilamente em livros. Não obstante, é importante fazermos esses registros, embora reconhecamos a limitação dos mesmos.

### DOCTOR ANGELICUS

Palavras latinas que significam «doutor angelical», a alcunha escolástica tradicional dada a Tomás de Aquino (que vide).

### DOCTOR IRREFRAGÁVEL

Título dado ao «doutor invencível», cujos argumentos não podiam ser refutados, a saber, Alexandre de Hales (que vide).

### DOCTOR MIRABILIS

O «doutor miraculoso», título dado a Rogério Bacon (que vide).

### DOCTOR SUBTILIS

O «doutor sutil», título conferido a Duns Scoto (que vide).

### DOCTOR UNIVERSALIS

O «doutor universal», título popular dado a Alberto Magno (que vide).

**DOCTRINA ADDAEI e Abgar e as Epístolas de Cristo**  
Esse é um registro sírio das origens do cristianismo

## DODAI – DOEGUE

na cidade de Edessa. Está ligado à lenda de Abgar, mencionada por Eusébio. Também tem afinidades com os Atos de Tadeu, obra escrita em grego, no século VI D.C. A estória é como segue: Abgar, governador da Síria, estava doente e queria ser curado. Ouvia falar dos milagres de Jesus e desejou entrevistar-se com ele. Enviou uma carta; mas Jesus respondeu que não podia ir pessoalmente, mas que enviaria um discípulo em seu lugar. O mensageiro de Abgar trouxe de volta um retrato de Jesus (no livro Atos de Tadeu, o retrato consistia em uma toalha impressa com a imagem de Jesus). Após a ascensão de Cristo, Tomás encarregou-se de cumprir o pedido de Abgar, e enviou Adai, um dos setenta discípulos. Este curou Abgar, conseguiu convertidos e edificou um templo cristão. Supostamente foi um escriba de Abgar quem registrou o relato, mas há referências no livro que demonstram uma data posterior, que poderia ser até mesmo 400 D.C. Um dos itens interessantes é a suposta descoberta da verdadeira cruz, por Protonice, esposa do imperador Cláudio; o que pode ser comparado com uma história similar que envolve Helena, mãe do imperador Constantino.

### ABGARUS (ABAGARUS) e As Epístolas de Cristo.

Estas cartas são relacionadas à *Doctrina Addaei*. Elas datam algum tempo antes de 260 D.C. O rei de Edessa, distrito de Osroene, chamado *Abgarus* (sendo o 17º de 20 reis de ter este título), foi um contemporâneo de Cristo. Seu nome não está nas Escrituras mas é celebrado na história eclesiástica por causa de uma suposta correspondência que ele mantinha com o próprio Jesus. Os eruditos acham que estamos tratando de uma lenda. De qualquer maneira, a história é que Abgarus escreveu uma carta para Jesus, procurando uma cura da lepra que o aborrecia por muito tempo. O próprio Jesus não tinha oportunidade de cumprir o pedido. Ele falou que só cuidaria do problema depois de sua crucificação. Depois deste acontecimento, Tomás, no nome de Jesus, mandou Tadeu. Existem duas cartas desta suposta correspondência e elas fazem parte da literatura apócrifa do Novo Testamento. Eusébio (*Hist.* I.13) nos informa que ele traduziu estas cartas de documentos siríacos localizados nos arquivos de Edessa. Supostamente, também conheceu os *Atos de Tadeu* em grego, mas a verdade, neste caso, parece ser que ele somente escreveu uma história sobre este apóstolo.

De qualquer maneira, esta lenda foi traduzida em diversas linguagens e assim recebeu uma distribuição considerável. Versões da mesma se encontram na *Doctrina Addaei*, no siríaco, em Agostinho (*contra Faustum*, 28.4) e em Jerônimo (em *Ezech.* 44:29). Abgarus V de Edessa foi uma pessoa histórica e contemporânea de Jesus, mas os estudiosos acham que esta história foi uma fabricação. Segundo sabemos, a lenda não foi conhecida até o tempo de Eusébio, portanto, foi uma invenção de um tempo bem posterior à época do Novo Testamento.

### DODAI

Ver sobre Dodô.

### DODANIM

Forma escrita alternativa que aparece, em algumas traduções, em lugar de *Rodanim*. O termo hebraico parece significar «líderes». A LXX diz *rodioi*, de onde proveio a forma alternativa do nome. O termo refere-se a uma família ou clã, descendentes do

quarto filho de Javã (Gên. 10:4). Javã era filho de Jafete. Os dodanim parecem ter sido os mesmos dardani, que na antiguidade encontravam-se na Ilíria e em Tróia, o primeiro lugar onde eles habitaram. Talvez eles sejam a raça dos semipelásgicos, classificados juntamente com os quitim, conforme se depreende da tabela genealógica de Gênesis. Supõe-se que Rodes foi um dos lugares para onde eles emigraram; mas os lugares de origem de povos migrantes sempre foi e será uma questão duvidosa. Visto que o Pentateuco samaritano diz *rodanim*, presume-se que o termo *Dodanim* representa um erro escríbal, porquanto, no hebraico, as letras que representam «d» e «r» são muito parecidas em seu formato.

### DODAVA

No hebraico, «amado de Yahweh». Nome do pai do profeta Eliezer, de Maresa. Ele condenou Josafá, rei de Judá, por haver firmado aliança com Israel. E predisse a destruição de sua incipiente marinha. Viveu em torno de 895 A.C. Ver II Crô. 20:37.

### DODÔ, DODAI

No hebraico, «amado». Há três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Dodô, o aoíta, pai de Eleazar, segundo dos três que comandavam os trinta heróis de Davi, que atuavam como sua guarda pessoal, e que eram os seus principais apoiadores militares. Ver II Sam. 23:9; I Crô. 11:12. Ele ou seu filho estavam encarregados do segundo turno mensal dos que serviam ao rei em todos os negócios do reino (I Crô. 27:4). O nome dele, no original hebraico e nas traduções, varia entre Dodô e Dodai. Talvez ele fosse chamado por ambos os nomes.

2. O pai de Elanã, um outro dos trinta guerreiros seletos de Davi. Ver II Sam. 23:24 e I Crô. 11:26. Ele era natural de Belém da Judéia. Ele e o outro homem do mesmo nome (número «1», acima) viveram ambos em torno de 1000 A.C.

3. Um homem de Issacar e antepassado de Tola (Juí 10:1). Foi avô desse juiz de Israel. Viveu em cerca de 1300 A.C.

### DODS, MARCUS

Suas datas foram 1834-1909. Foi um ministro evangélico escocês, professor do N. Testamento em New College, Edimburgo, e presidente do mesmo em data posterior. Ele escreveu comentários sobre Gênesis e I Coríntios, que aparecem no *Expositor's Bible* em inglês, bem como sobre os livros de João e Hebreus, no *Expositor's Greek New Testament*, ambos úteis comentários em inglês. Ambos foram examinados e incorporados no *Novo Testamento Interpretado*, comentário de minha autoria, em português. Ver o artigo geral sobre *Comentários Sobre a Bíblia*.

### DOEGUE

No hebraico, «temeroso» ou «ansioso». Esse era o nome de um idumeu, superintendente dos rebanhos do rei Saul, que era um ofício importante no Oriente, visto que a riqueza de um homem, em um país agrícola, era parcialmente calculada pelo número e pela qualidade de seus rebanhos. Em Nob, ele observou como o sumo sacerdote Abimeleque prestou ajuda ao fugitivo Davi, a quem Saul procurava matar, por considerá-lo um competidor ao trono. Abimele-

## DOENÇAS – DOENTES

que dera a Davi pães da proposição (I Sam. 21:7). Esse ato foi revelado por Doegue a Saul. Saul investigou o caso e tomou para si a tarefa de matar Abimeleque, mas encarregou Doegue disso. Como bom servo de seu senhor, ele fez isso com grande zelo (I Sam. 22:18 ss). A matança incluiu outros sacerdotes e membros da família de Abimeleque. Morreram oitenta e cinco homens que serviam como sacerdotes, e, como medida de segurança, Doegue também matou (segundo presumimos, com ajuda de terceiros) muitas mulheres, crianças, e até mesmo animais. Mas um dos filhos de Abimeleque, de nome Abiatar, escapou da matança e fugiu para a companhia de Davi. Comentaristas judeus posteriores encararam esse acontecimento com grande horror, ficando registrado na tradição do Talmude. É evidente que grandes atrocidades caracterizaram o reinado de Saul. Samuel havia advertido o povo que o rei Saul se desviaria do reto caminho (I Sam. 8:10). As tradições judaicas supõem que Doegue tenha sido um prosélito proveniente de Edom, e que se tornou útil para Saul. Se ele não tivesse sido um prosélito, não poderia ter tido acesso ao santuário.

### DOENÇAS NA BÍBLIA

Ver *Enfermidades na Bíblia*.

### DOENÇAS VENÉREAS

O termo «venéreo» vem da forma genitiva de Vênus, *venenis*, a deusa do amor erótico. Refere-se àquelas enfermidades que se propagam essencialmente, se não mesmo exclusivamente, através do contacto sexual. O número de doenças e parasitas que se propagam sexualmente atinge *mais de* trinta. Além das verdadeiras doenças venéreas, há várias infecções vaginais que também são contraídas mediante o contacto sexual, embora outras causas também sejam comuns. Contudo, a verdade é que quase tudo quanto é patológico e afeta a vagina, sucede por causa da invasão de algum objeto estranho, pelo que a vagina raramente é infectada se a mulher for razoavelmente higiênica em seus hábitos, ou então, se ela não tem vida sexual. Em consequência disso, muitas mulheres casadas têm dificuldades com infecções vaginais, embora tais infecções não possam ser classificadas como doenças venéreas. E as virgens, sem marido, que não são sexualmente ativas, mostram ser comparativamente isentas de infecções. Há doenças que uma mulher ou um homem nunca adquirirão, com toda a probabilidade, se tiverem apenas um parceiro sexual. Todavia, todas as doenças venéreas *podem* ser transmitidas mesmo sem qualquer contacto sexual, embora a percentagem desses casos seja diminuta.

A *gonorréia* e a *sífilis* continuam sendo as campeãs das doenças venéreas, mas ambas podem ser curadas. Os antibióticos pareciam poder eliminar as doenças venéreas, mas a promiscuidade em que vivem os seres humanos consegue manter-se à frente do processo de cura e essas enfermidades de caráter sexual vão se espalhando cada vez mais. Métodos eficazes de controle de natalidade têm encorajado as mulheres a terem vida sexual mais liberal. Baixos padrões morais contribuem para o sucesso das doenças venéreas. Atualmente, há várias doenças venéreas incuráveis, incluindo a terrível *aids* (causada por um vírus) e a horrível *herpes*, também causada por uma infecção virótica. Alguém já disse que a *aids* tem feito mais para mudar os hábitos sexuais das pessoas, no espaço de uns poucos anos, do que a religião e a filosofia têm

podido fazer durante muitos séculos.

*As doenças venéreas, a ética e a espiritualidade.* Há uma profunda verdade naquela breve declaração que diz: «Ame a Jesus e erradique as doenças venéreas». Muitos teólogos crêem que as doenças venéreas são um resultado natural do processo da colheita segundo a sementeira, bem como um instrumento, nas mãos de Deus, a fim de fazer sofrer àqueles que exageram no campo sexual. Vários pecados arrastam após si seus próprios juízos naturais. Por outra parte, há as almas enfermas, que são piores do que um corpo enfermo, havendo pecadores que escapam das doenças venéreas, mesmo quando não gastam dinheiro com medicamentos químicos. O ideal bíblico, quanto à relações sexuais, é que estas devem ser efetuadas dentro da monogamia, medida extremamente eficaz contra todas as doenças venéreas. A biologia do ser humano masculino, porém, é contrária a esse ideal, visto que o hormônio da *testosterona* vive a impulsioná-lo a buscar novas parceiras sexuais. Os evolucionistas teístas supõem que a natureza biológica do ser humano é um produto animal, contrária à evolução espiritual do homem, o que já é um produto divino. Portanto, eles supõem que prestamos a Deus um desserviço quando O acusamos de nossos impulsos sexuais animais. Algumas pessoas chegam a indagar: «Por que Deus exagerou?» Uma questão melhor colocada seria: Por que a natureza preocupa-se tanto com a procriação? A raça humana não poderia ter sobrevivido sem a grande abundância de certos hormônios que deixam os homens abrasados? Quando assim perguntamos, estamos penetrando em alguns mistérios profundos. Quanto a mim, estou disposto a entregar o corpo às leis naturais (divinamente instituídas, naturalmente), mas o espírito eu dou à direção do Espírito de Deus. Porém, muitos de meus amigos discordam de mim, quanto a esse particular. Seja como for, a verdade é que a inquirição espiritual deveria ser suficientemente forte para livrar-nos das exigências exageradas do corpo físico. Se desfrutarmos dessa liberdade, estaremos livres das doenças venéreas.

### DOENTES, CUIDADOS COM OS

Ver os artigos separados sobre **Movimentos Sociais Cristãos; Hospitais; Ética Médica e Senilidade**.

Não havia a profissão médica formal na antiga nação de Israel, exceto, talvez, no período posterior de sua história. Os escritos judaicos refletem desconfiança ou mesmo aversão pelos médicos, provavelmente porque muitos deles misturavam o tratamento das doenças com as artes mágicas, com a bruxaria e com as ciências ocultas. Quanto a um completo estudo sobre a questão, ver o artigo sobre as *Enfermidades*, seção terceira. Isso não significa, porém, que eles não se interessassem pela cura dos enfermos. Isso era feito com base em uma medicina naturalista, em bases particulares, e sempre havia o recurso de apelar para Deus, em busca das curas de origem espiritual.

No Novo Testamento temos a óbvia preocupação pelos enfermos, no ministério de curas de Jesus. De fato, um dos dons espirituais dados à Igreja é o dom de curas. Ver os artigos sobre *Cura; Curas, Dom de e Curas Pela Fé*. Uma das questões levantadas no julgamento descrito em Mateus 25:36, será: «...estava ...enfermo e me visitastes...» Interessar-se pelas pessoas, em suas aflições, faz parte da religião sincera (Tia. 1:27). Esse é um dos aspectos da lei do amor, que é a origem e a base da espiritualidade (I João 4:8 ss).

Alguns supõem, equivocadamente, que todas as enfermidades são contrárias à espiritualidade. Mas, em nosso artigo sobre as *Enfermidades*, temos tentado mostrar que as doenças tem seu devido lugar na inquirição espiritual, podendo ser benéficas para o homem espiritual. C.S. Lewis disse algo dotado de profundo discernimento: «Deus sussurra para nós em nossos prazeres; fala à nossa consciência; mas grita em nossas dores. Esse é o seu megafone, para despertar este mundo surdo» (*The Problem of Pain*, pág. 81, 1957). Parte do trabalho pastoral consiste em administrar aos enfermos, trazendo-lhes a esperança contida na mensagem espiritual. Um pastor sempre gostaria de realizar curas físicas bem-sucedidas, mas, algumas vezes, por desígnio divino, ele está limitado a alguma palavra de consolo. Há uma certa superficialidade na fé que supõe que a cura sempre deve ocorrer. Há muitos fatores do destino, do desígnio, da lei da colheita segundo a sementeira e da disciplina, que impedem a cura, em muitos casos, mas requerem que o curso da enfermidade prossiga até o fim, podendo terminar até mesmo em morte física. Não obstante, a lei do amor requer que a cura seja buscada ansiosamente, e então deixamos o resto aos cuidados da vontade de Deus.

**A Igreja histórica** (principalmente a Igreja Católica Romana) tem feito muito bem, quando promove hospitais para a cura convencional, não dependendo somente das curas espirituais. Esforços humanitários sempre farão parte integrante da espiritualidade, e um modo de curar não torna ilegítimo outro modo qualquer. A Igreja cristã precisa envolver-se em todos os modos de cura, porque, com freqüência, há considerações éticas que devem ser levadas em conta, há máquinas capazes de prolongar a sobrevivência dos pacientes, que os mantêm em um estado em que é melhor não continuar vivendo. Também podemos considerar a questão da *eutanásia* (que vide), bem como questões de despesas médicas, que podem ser opressivas. A santidade da vida requer um cuidado adequado; mas, uma ênfase exagerada sobre a vida material (mortal), vinculada a um ponto de vista materialista do homem, pode fazer os médicos exagerarem em seus procedimentos.

O dom da cura sempre fez parte da tradição humana, e não meramente da tradição cristã. Os artigos separados sobre *Cura* e *Cura Pela Fé* entram nessa questão de forma detalhada. Sabemos que o poder de curar faz parte das habilidades humanas, mesmo sem qualquer ajuda divina, embora também tenhamos de reconhecer a realidade das curas super-humanas. De nada adianta supormos, porém, que a cura espiritual está franqueada a todos, porquanto podem haver razões espirituais a longo termo por detrás das enfermidades. Por conseguinte, sempre será legítimo buscar a cura natural através de medicamentos e das habilidades dos médicos. Os discípulos de Cristo devem compartilhar das aflições humanas, chorando com aqueles que choram (ver Rom. 12:15). O cuidado pelos enfermos sempre foi uma característica concomitante da mensagem do evangelho. Alguns têm pensado que as curas fazem parte da expiação no sangue de Cristo. Ver o artigo sobre a *Cura, Incluída na Expiação*. Pessoalmente, não penso que esse conceito seja viável; mas, com o mesmo ou sem o mesmo, sempre será verdade que os crentes deveriam interessar-se em aliviar o sofrimento humano, sem importar a qual categoria esse sofrimento pertença.

••• ••• •••

## DOFCA

No hebraico, «batida» ou «tanger o gado». A localidade aparece somente em Núm. 33:12,13. Foi um dos locais onde o povo de Israel acampou, a caminho do Sinai. Ficava entre o mar Vermelho e Refidim. Tem sido tentativamente identificada com Serabit el-Khadim, onde os egípcios tinham minas e onde foram achadas as famosas *Inscrições do Sinai*, que datam de cerca de 1525 A.C. Essas inscrições foram escritas em um alfabeto semítico hieroglífico. Alguns estudiosos ligam o termo Maphqah a esse lugar. Esse termo refere-se à turquesa, pedra preciosa que dali era extraída. Também era esse o nome do distrito em volta.

## DOGMA

Vem diretamente da palavra grega *dogma*, que originalmente significava «opinião» ou «juízo». As opiniões que se fixam e tornam-se autoritárias, atualmente são denominadas *dogmas*. A raiz verbal é *dogeo*, parecer, dando, pois, a entender o que parece ser bom ou é uma *boa opinião*. Consideremos os pontos abaixo:

1. *Na Filosofia*. O termo *dogmatismo* era a designação da posição da Quarta Academia (ver sobre a *Academia de Platão*, quarto ponto). Essa escola foi desenvolvida por Filo de Larissa (que vide). Nesse sentido, o termo referia-se ao conjunto de doutrinas ou de opiniões daquela escola, e o mesmo termo tem sido usado para indicar as idéias de outras escolas ou seitas.

2. *No Novo Testamento*. Nesse documento sagrado, «dogma» refere-se a decretos ou editos do governo (Luc. 2:1; Atos 17:7), bem como às ordenanças da lei judaica (Efê. 2:15; Col. 2:14). Os decretos do concílio de Jerusalém também foram designados por esse nome (Atos 16:4).

3. *Dogmas Eclesiásticos*. Provavelmente, os decretos do concílio de Jerusalém, uma vez chamados por esse termo, fizeram com que assumisse o sentido mais formal que se dá, atualmente, a esse termo. Tão cedo quanto Inácio, no século II D.C., a palavra começou a ser usada para aludir a importantes doutrinas cristãs, consideradas autoritárias (ver *Epístola aos Magnesianos*, 13). Orígenes empregou o termo, com esse sentido, com bastante freqüência. E do concílio de Nicéia em diante, a definição ficou virtualmente fixada.

4. *Teologia Dogmática* (que vide). A noção de dogma depende, naturalmente, de uma definição anterior da questão de como se estabelece a autoridade na Igreja, isto é, através das Escrituras, dos chamados pais da Igreja, dos concílios, dos decretos papais, etc. Ver o artigo geral sobre a *Autoridade*. A teologia dogmática, como um sistema, começa pela teologia bíblica, mas nunca termina aí. Uma parte do dogma consiste em interpretação, o que significa que as diversas denominações cristãs conseguem derivar das Escrituras diferentes dogmas. A posição católica romana é que os dogmas procedem de fontes externas, especificamente através da hierarquia eclesiástica, e, mais especificamente ainda, através de revelações dadas ao papa. Porém, nem todas as decisões papais são consideradas dogmas. Para tanto, faz-se mister algum pronunciamento *ex cathedra*, além das decisões dos concílios. A Igreja Ortodoxa Oriental limita os dogmas aos ensinamentos dos concílios ecumênicos que gozam de aceitação universal. Ali os dogmas são considerados como bem definidos, e, portanto, verdadeiros e acima

## DOGMATISMO — DOIS

de disputas. Porém, alguma idéia religiosa jamais estará acima de qualquer disputa? A maioria dos anglicanos derivam seus dogmas dos primeiros sete concílios ecumênicos. Os grupos protestantes, porém, mostram muito menor respeito pelos dogmas tradicionais, dependendo muito mais das Escrituras e da interpretação individual das mesmas, quanto às suas convicções religiosas. Não obstante, os protestantes conseguem mostrar-se muito dogmáticos, certos de que atingiram uma verdade inatacável.

5. *Uso dos Dogmas.* É conveniente podermos chegar a decisões sobre o tipo de conhecimento que temos, e quais são os seus usos. Os sistemas são necessários para a comunicação entre os homens e para o estabelecimento de organizações que giram em torno de certos conjuntos de crenças.

6. *O Vício dos Dogmas.* Por outro lado, há a letra que mata, em contraste com o Espírito, que vivifica. Os dogmas fazem os conceitos tornarem-se obrigatórios, autoritários. Um conceito é como a água de uma fonte, que a princípio jorra, mas depois fica estagnada sobre a superfície da terra. Portanto, todos os sistemas dogmáticos encorajam a estagnação, e usualmente mostram-se bastante hostis e pugnazes contra outros sistemas. O orgulho humano mistura-se nesse quadro com as opiniões melhor equilibradas. A compreensão intuitiva, em contraste com isso, assemelha-se às águas que emanam frescas de sua fonte. Porém, os homens acabam dogmatizando a verdade, reduzindo-a a um sistema de conceitos. Jamais deveríamos tolher uma maior compreensão mediante dogmas rígidos, os quais, em última análise, alicerçam-se sobre meras interpretações. Deveríamos reconhecer as limitações de nosso conhecimento, estando dispostos a dar ouvidos a outras pessoas, a fim de melhorarmos aquilo que sabemos. Nunca nos deveríamos mostrar tão arrogantes ao ponto de pensarmos que já sabemos todas as coisas. E também nunca deveríamos ser tão preguiçosos ao ponto de aceitarmos meias-verdades. Os dogmas são necessários para a formação de sistemas, mesmo que aquilo que viermos a descobrir não se encaixe bem dentro de algum sistema. A verdade é mais importante do que qualquer sistema. De fato é impossível ajustar a verdade dentro de qualquer dado sistema. O único que pode fazer isso é Deus, pelo que somente Deus é capaz de sistematizar a verdade.

### DOGMATISMO

Devemos partir do termo grego *dogma*, «opinião», «crença». Posteriormente, houve a formalização e a sistematização das crenças consideradas absolutamente verdadeiras, tornando-se elas dogmas no sentido moderno do termo.

1. O *dogmatismo* refere-se àquela atividade que cria certo conjunto de verdades supostamente autoritárias. Essa atividade é necessária, mas freqüentemente mostra-se precária, produzindo alguns resultados dúbios (pelo menos). De fato, é precisamente nesse ponto que devemos pensar na definição *popular* da palavra, como uma asserção positiva ou mesmo arrogante da crença, como algo absolutamente verdadeiro e destituído de erro, embora lhe falte provas convincentes para tanto.

2. Na filosofia, a palavra é usada para indicar aquela fé simples e não-crítica em certas proposições, que são aceitas *a priori*.

3. Ainda dentro da filosofia, o termo pode referir-se a qualquer sistema que parta de certas noções aceitas

como verdadeiras, mas sem qualquer investigação. Nesse sentido, todos os sistemas são dogmáticos, pois, em qualquer sistema, religioso ou filosófico, é mister começar por certas asserções não comprovadas, que, no presente, estão acima de nossa compreensão ou investigação. Com base nisso, cria-se um sistema que incorpora outras proposições, que podem ser investigadas. Nesse sentido, todos os teólogos e filósofos são defensores do dogmatismo.

4. Essa palavra também pode indicar a crença em idéias e sistemas que contam com evidências apoiadoras *insuficientes*, mas que, a despeito disso, são defendidas com zelo.

As crenças fixas, arrogantes e arbitrárias, acompanhadas pela indisposição de examinar as bases das crenças, são usualmente acompanhadas pela hostilidade a outros sistemas de crenças. Todos os sistemas dogmáticos são infectados, até certo ponto, por essa forma de dogmatismo. Na maioria dos casos, esse tipo de atitude serve de mecanismo de defesa. Não há ódio que se compare ao ódio religioso. Não há hostilidade como a hostilidade religiosa. Não há arrogância tão bem sintonizada como a arrogância religiosa.

### DOIS

Ver o artigo geral sobre os **Números**. O número dois pode falar tanto sobre a unidade como sobre a divisão, porquanto, algumas vezes, dois formam um par, ao passo que, de outras vezes, dois são o rompimento da unidade, quando os dois elementos envolvidos opõem-se um ao outro. Um homem e uma mulher formam a unidade básica da vida inteira (Gên. 1:27; 2:20,24). Os animais também vivem em pares, (Gên. 7:9). Com freqüência convém que duas pessoas trabalhem juntas, o que torna o labor mais interessante e produtivo. Por essa razão, os espias foram enviados de dois em dois por Josué (Jos. 2:1), e os setenta discípulos de Jesus também foram enviados de dois em dois (Luc. 10:1). Outro tanto sucedeu no caso dos doze apóstolos (Mat. 6:7). Havia as duas tábuas de pedra da lei (Êxo. 24:12), refletindo as responsabilidades de Israel para com Deus e para com os homens. Nos holocaustos, os animais com freqüência eram oferecidos em pares (Luc. 2:24). A justiça é simbolizada por uma balança com dois pratos (Apo. 6:5). Dois é o número da intensificação (Gên. 41:32), da total retribuição (Jó 42:10; Jer. 16:18; Apo. 18:6). As proporções do templo de Jerusalém eram o dobro das medidas do tabernáculo. A união de duas testemunhas garantia a veracidade de qualquer questão (Zac. 4:11; 11:7; Apo. 11:3). Deus, por ser a sua própria testemunha, fornece-nos os dois símbolos, incluindo a sua palavra e o seu juramento (Heb. 6:13,17). Também temos a considerar o testemunho do Pai e do Filho, o que garante a verdade do evangelho (João 8:18).

**Nos sonhos e nas visões** o número dois pode falar da dualidade da existência no macho e na fêmea, a harmonia básica da vida. Dois objetos da mesma espécie, mas com qualidades diferentes, apresentam ao sonhador alguma decisão que ele precisa tomar. Os sonhos constantemente apresentam a pessoa do sonhador (ou alguma outra pessoa) de forma metafórica, usando outra pessoa como símbolo da mesma, criando uma *dualidade*. Usualmente, a figura principal de um sonho, se for pessoa do mesmo sexo do sonhador, representa o próprio sonhador; mas, quase sempre, sonhamos com alguma outra pessoa sob o simbolismo de alguma outra pessoa ainda. Isso representa uma analogia para o sonhador. Para exemplificar, suponhamos que eu esteja muito

## DOIS HOMENS, METÁFORA DOS

insatisfeito com os defeitos morais de alguma pessoa que conheço. A fim de ilustrar isso, minha mente seleciona algum exemplo notório daquele defeito moral que me desgosta e usa esse exemplo a fim de falar comigo sobre o caso presente. Algumas vezes, duas pessoas em um sonho formam um *contraste* e ambas essas pessoas podem representar a pessoa do sonhador ou alguma outra pessoa. Uma delas aparece como indivíduo egoísta e a outra como um indivíduo generoso. E assim poderíamos ver o conflito entre os dois princípios, em mim mesmo e em alguma outra pessoa.

Duas estradas ou caminhos que aparecem diante do sonhador, ou de quem está tendo uma visão, representam uma escolha que precisa ser feita, o que é análogo à escolha espiritual sobre os dois caminhos, que são oferecidos aos homens, conforme se vê nas duas portas e nos dois caminhos referidos em Mateus 7:13,14. O trecho de I Reis 18:21 fala sobre cambaleiar entre duas decisões.

As palavras «duplamente mortas», do décimo segundo versículo da epístola de Judas, dão a entender que um homem, que antes estava espiritualmente morto, mas que pareceu haver recebido a vida espiritual (ou mesmo a recebeu), para em seguida reverter ao pecado, na realidade está morto, pois adicionou morte à morte. Em contraste com isso, temos aqueles que estão duplamente vivos, pois, tendo nascido fisicamente, agora também passaram pelo segundo nascimento ou regeneração.

A fração «meio» representa meio caminho, meio feito, meio realizado. Porém, também pode indicar grande deficiência.

### DOIS HOMENS, METÁFORA DOS

Rom. 5:14: *No entanto a morte reinou desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é figura daquele que havia de vir.*

Adão foi o *cabeça federal* da raça perdida. Cristo é o *cabeça federal* da raça redimida. Tanto a condição de ser perdido quanto a redenção, são estados de *comunidade*. A redenção é do corpo inteiro, não de um membro só. A *Restauração* (que vede) afeta a *raça humana inteira*, não somente alguns indivíduos.

Este versículo tem provocado um grande número de interpretações, conforme alistamos abaixo:

1. Alguns dizem que os pecados individuais dos homens não lhes foram imputados, o que se segue que a pena da morte não acompanhou tais pecados, mas antes, acompanhou apenas a participação no pecado original de Adão. Em Adão todos pecaram, e nele a raça humana inteira foi condenada à morte, tanto física como espiritual, embora a morte física esteja particularmente em foco neste versículo. Contrariamente a essa opinião, entretanto, os versículos dezessete, dezoito e vinte e um mostram-nos que Paulo não estava considerando apenas a morte física. Essa interpretação está correta, embora não seja completa. O pecado de Adão é a raiz da árvore que infestou a árvore inteira com a perversidade pecaminosa, digna de juízo divino.

2. Aqueles sobre quem a morte reinou não haviam violado qualquer mandamento específico de Deus, a exemplo do que fez Adão; não obstante, possuíam já a lei da consciência, conforme aprendemos no segundo capítulo da epístola aos Romanos. Porém, não nos parece que Paulo estivesse dizendo que a violação da lei da consciência produz a morte embora isso seja verdade, com base na revelação do segundo capítulo

dessa epístola.

3. Reinou um determinado tipo tanto de morte espiritual como de morte física; mas não podemos encarar isso como a forma final da morte espiritual, a qual só poderia ser determinada após o advento de Cristo.

4. Este versículo parece dar a entender, como também o faz o décimo segundo versículo, que o julgamento de Deus recai sobre a árvore inteira do pecado, e *não apenas* sobre a raiz, ou seja, não apenas sobre o pecado de Adão. A existência do pecado, no tronco da árvore, nos seus ramos (princípio do pecado) e nos seus frutos (atos individuais pecaminosos dos homens) provoca o juízo de Deus, o que inclui tanto a morte física como a morte espiritual. Todavia, esse julgamento ainda não é final, até que a base apropriada e total do julgamento pudesse ser estabelecida em Cristo.

5. Que dizer sobre os infantes que morrem antes de chegar à idade da responsabilidade, sobre os insanos, os idiotas, etc.? Esses seres humanos serão automaticamente salvos? Muitos atos ensinam, presumindo que somente quando os homens já estão dotados de inteligência adequada é que podem ser considerados responsáveis por suas escolhas. Trata-se de uma suposição *razoável*, mas não é a única resposta para o problema.

a. Os calvinistas radicais os condenam à punição eterna, embora em um grau inferior de sofrimento.

b. Muitos dos pais da igreja pensavam que a oportunidade não se limita somente a esta vida. Se ela se amplia para além do sepulcro (ver I Ped. 4:6), então tais pessoas, no seu estado de alma, terão sua oportunidade de escolher a vida ou a morte, espiritualmente falando. Essa idéia parece mais razoável que as outras duas. Segundo essa interpretação, nada seria automático, mas sempre haveria uma oportunidade para cada um.

**O qual prefigurava aquele que havia de vir.** Nestas palavras, Adão é apresentado como tipo simbólico contrastante com Cristo, o que, nesta passagem, assume diversas formas.

*Prefigurava* é palavra que se deriva do termo grego «tupos», que vem da idéia verbal de *ferir, bater*, como algo que deixa uma marca, um padrão qualquer, feito sobre um material receptivo, como cera, madeira, pedra, etc. Daí se deriva a idéia de «imagem» ou «impressão», um «modelo» que reproduz o aspecto do instrumento usado para fazer tal impressão. Mais tarde, porém, essa palavra grega veio a ser usada para indicar meramente «cópia». Não obstante, o *tipo*, nesse caso, visa contraste, e não comparação.

«...Cristo corresponde a Adão no sentido antitético: Adão foi o autor da morte para todos; e Cristo foi o autor da vida para todos. A característica prefigurada em Adão foi a sua significação central e universal para a raça humana inteira, que se cumpriu em sentido muito mais elevado e com efeitos opostos na pessoa de Cristo, o homem absoluto e perfeito. Em I Cor. 15:45, Paulo, por semelhante modo, contrasta 'o primeiro Adão', com 'o último Adão', sem dúvida alguma, fazendo alusão à teologia rabinica, onde o Messias era denominado de... 'adamus postremus', em oposição ao... 'primeiro Adão'. A esse contraste pessoal corresponde o contraste das duas épocas e ordens de coisas, isto é 'a era presente' e 'a era vindoura'. A 'era vindoura' não deve ser vinculada ao segundo advento de Cristo (conforme interpretam Fristasche e De

Wette) e, sim, à primeira vinda de Cristo. Paulo falava do ponto de vista histórico do primeiro Adão». (Philip Schaff, em Rom. 5:14, no Comentário de Lange).

Newell (em Rom. 5:14) nos fornece os vários contrastes apresentados entre Adão e Jesus Cristo, no presente capítulo:

«O plano de Deus é o 'reino da graça', por meio de Cristo:

Rom. 5:12-21

*Os dois homens:*

Adão-Cristo. Versículo 14

*Os dois atos:*

Adão — uma transgressão. Versículos 12,15,17-19  
Cristo — um ato de justiça (na cruz). Versículo 18

*Os dois resultados:*

Por Adão — condenação, culpa, morte. Versículos 15,16,18,19

Por Cristo — justificação, vida, reinado. Versículos 17-19

*As duas diferenças:*

Quanto ao grau (a graça do criador, em Cristo, abunda muito mais que o pecado da criatura, em Adão). Versículo 15

Quanto ao tipo de operação (muitos pecados sobre Cristo — justificação e reinado da vida, para os que aceitam a graça de Deus nele). Versículo 16

*Os dois reis:*

O pecado — reina através da morte. Versículo 17

A graça — reina através da justiça. Versículo 21

*As duas abundâncias:*

Da graça. Versículo 17

Do dom da justiça. Versículo 17

*Os dois estados contrastados:*

Os homens condenados, escravos da morte, por causa de Adão

Os homens justificados, o início da vida, por meio de Cristo».

## DOLLINGER, JOHANN JOSEPH IGNAZ VON

Suas datas foram 1799-1890. Foi um teólogo católico romano liberal e historiador eclesiástico. Foi ordenado padre em 1822. Ensinou teologia e história eclesiástica em Munique. Esteve ligado a Hugues Lamennais (que vide), o bem conhecido liberal católico romano. Dollinger foi o principal teólogo alemão, dentro da Igreja Católica Romana, que se opôs a vários dogmas católicos. Ele rejeitava o dogma da Imaculada Conceição (que vide), e também o dogma da infalibilidade papal (que vide). Foi convidado a retratar-se, mas recusou-se, e, por esse motivo, foi excomungado. Companheiros de idéias organizaram então a Antiga Igreja Católica (que vide), para o que eles contavam com a ordenação provida por bispos jansenistas holandeses. Uma vez fora do aprisco católico romano, Dollinger promoveu a união entre os antigos católicos e as igrejas grega e anglicana. Um de seus importantes discípulos foi Lord Acton. Ele escreveu as seguintes obras: *The Reformation* (3 vols.) e *Past and Present of Catholic Theology*.

## DOM

*Esboço*

I. Palavras Envolvidas

II. A Atividade e a Atitude de Quem Dá

III. Os Dons Divinos

IV. O Reflexo Humano

Ver os artigos separados sobre *Dom Gratuito de Deus; Dons Espirituais; Dons, Os Homens Como; Dons Espirituais, Abusos e Usos*. O artigo sobre os dons espirituais alista cada dom do Espírito em separado, com sua própria descrição e explicação.

### I. Palavras Envolvidas

A tradução *dom* envolve um grande número de palavras hebraicas e gregas:

1. *Mattan*, palavra hebraica usada por cinco vezes: Gên. 34:12; Núm. 18:11; Pro. 18:11; 19:6; 21:14. Esse termo, e seus derivados, dão a entender algo oferecido gratuitamente (Pro. 19:6), a obtenção de um favor (Pro. 18:16; 21:14), a expressão religiosa de ação de graças (Núm. 18:11), um dote (Gên. 34:12), a posseção de uma herança (Gên. 25:6; II Crô. 21:3; Eze. 46:16,17) ou mesmo um suborno (Pro. 15:27; Ecl. 7:7).

2. *Nisseth*, «dom», «coisa elevada». Essa palavra hebraica é usada por apenas uma vez, em II Sam. 19:42.

3. *Maseth*, «dom», «peso», «elevação». Palavra hebraica usada por apenas duas vezes com o sentido de dom: Est. 2:18 e Jer. 40:5.

4. *Shochad*, «suborno», «recompensa». Palavra hebraica empregada por vinte e três vezes, como em Êxo. 23:8; Deu. 16:19; II Crô. 19:7; Pro. 6:35; 17:8,23; Isa. 1:23; Eze. 22:12.

5. *Minchah*, «oferta», «presente». Palavra hebraica usada por duzentas e nove vezes, embora apenas por trinta e cinco vezes com o sentido de «dom» ou «presente». Por exemplo: II Sam. 8:2,6; I Crô. 18:2,6; II Crô. 26:8; 32:23; Sal. 45:12; Gên. 32:13,18,20,21; 33:10; Juí. 3:15,17,18; I Sam. 10:27; I Reis 4:21; II Reis 8:8,9; II Crô. 9:24; Sal. 72:10; Isa. 39:1; Osé. 10:6.

6. *Didomi*, «dar», que aparece por quatrocentas e treze vezes no Novo Testamento, em todas as conexões imagináveis, algumas vezes com a idéia de dar um presente qualquer e outras vezes, sem esse sentido. Ver Mat. 4:9; 5:31; Mar. 2:26; Luc. 1:32; João 1:12; Rom. 4:20; I Cor. 1:4; Efé. 1:17; Heb. 2:13; Tia. 1:5; I João 3:23,24; Apo. 1:1; 2:7,10,17; 8:2; 9:1, etc.

7. *Anáthama*, «algo devotado a Deus». Palavra grega usada por sete vezes: Luc. 21:5; Atos 23:14; Rom. 9:3; I Cor. 12:3; 16:22; Gál. 1:8,9.

8. *Doma*, «presente», que indica algum presente sagrado ou profano. Vocabulo grego utilizado por cinco vezes: Mat. 7:11; Luc. 11:13; Efé. 4:8 (citando Sal. 68:19); Fil. 4:17.

9. *Dósis*, «dom», indicando os múltiplos dons de Deus, dados a todos, uma palavra grega usada por duas vezes: Fil. 4:15 e Tia. 1:17.

10. *Dorea*, que indica dons ou presentes de vários tipos, sagrados ou profanos. Palavra usada por onze vezes: João 4:10; Atos 2:38; 8:20; 10:45; Rom. 5:15,17; II Cor. 9:15; Efé. 3:7; 4:7; Heb. 6:4.

11. *Dorema*, uma palavra geral para «dom», usada em Rom. 5:16 e Tia. 1:17.

12. *Merismós*, «dom», embora essa palavra derive-se da idéia de dividir. Usada por duas vezes: Heb. 2:4 e 4:12.

13. *Cháris*, palavra que também significa *graça*, mas que pode ter a idéia de «dom gratuito». Usada por uma vez, em II Cor. 8:4, para indicar ofertas enviadas para aliviar as necessidades dos santos.

14. *Charisma*, palavra para indicar os dons do Espírito, as suas graças, gratuitamente conferidas,



## DOM — DOM GRATUITO DE DEUS

para a obra do ministério (I Cor. 12:4,9,28,30,31). Além disso, enfoca o dom da graça de Deus, que nos traz a salvação (Rom. 5:15,16). Essa palavra é usada por dezessete vezes no Novo Testamento, com certa variedade de aplicações. Ver também Rom. 1:11; 6:23; 11:29; 12:6; I Cor. 1:7; 7:7; II Cor. 1:11; I Tim. 4:14; II Tim. 1:6; I Ped. 4:10. Essa palavra é usada principalmente para indicar alguma espécie de dom espiritual ou divino.

### II. A Atividade e a Atitude de Quem Dá

Nas antigas sociedades neolíticas e da era do bronze, conforme somos informados através das evidências arqueológicas, a outorga de presentes era uma prática comum. As razões para a doação de presentes eram variadas e isso é refletido nas palavras hebraicas examinadas acima. Membros de uma família se presenteavam mutuamente como sinal de estima e amor. Esses presentes eram conferidos em ocasiões especiais, como por ocasião dos noivados, dos casamentos, de nascimentos e de morte. Também havia presentes dados a superiores, com a finalidade de agradar e esses presentes, algumas vezes, assumiam a natureza de suborno ou peita, quando algum favor especial era buscado, ou quando se esperava evitar que algum castigo fosse aplicado. A adoração religiosa requeria doações da parte dos participantes, a fim de que pudesse ser mantido o culto.

### III. Os Dons Divinos

1. Os homens são os beneficiários de todas as espécies de dons divinos, outorgados através do amor de Deus, em consonância com o princípio da graça (Tia. 1:17).

2. O Espírito Santo é um presente de Deus aos homens (Atos 2:38), tendo em vista a sua espiritualização e a provisão da ajuda necessária para cumprimento de sua missão espiritual.

3. Há os dons do Espírito, dados aos homens, tendo em vista o ministério da Igreja (I Cor. 12). Homens dotados pelo Espírito tornam-se, eles mesmos, presentes conferidos à Igreja, visto que apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres são homens espiritualmente dotados, tornando-se meios de expressão da graça divina entre os homens (Efé. 4:7 ss).

4. *Todos os dons divinos* são dispensados de acordo com a graciosa vontade de Deus, visando ao bem e não ao mal (Ecl. 2:26; Dan. 2:21; Rom. 12:6; I Cor. 7:7).

5. Esses dons são gratuitos e abundantes (Núm. 14:8; Rom. 8:32).

6. Esses dons nos são dados por meio de Cristo (Sal. 66:18; Efé. 4:7,8; João 6:27).

7. Entre os dons espirituais encontramos virtudes como graça (Tia. 4:6), sabedoria (Pro. 2:6; Tia. 1:5), arrependimento (Atos 11:18), fé (Efé. 2:8; Fil. 1:29), retidão (Rom. 5:16,17), força e poder (Sal. 68:35), um novo coração (Eze. 11:19), paz (Sal. 84:11), descanso (Mat. 11:28).

8. Os dons temporais incluem a vida (Isa. 42:5), alimentos e vestes (Mat. 6:25-33),—chuva e estação frutífera (Gên. 27:38), sabedoria (II Crô. 1:12), todas as coisas boas de que desfrutamos (Sal. 34:10; I Tim. 6:17). Todas as criaturas participam desses dons (Sal. 136:25). Deveríamos orar pedindo esses dons (Zac. 10:1).

9. Cristo é o dom supremo de Deus (II Cor. 9:15).

### IV. O Reflexo Humano

Talvez a verdadeira medida de um homem seja a sua generosidade, um outro nome para indicar a expressão do amor. O amor é a prova da

espiritualidade genuína, e não a exatidão ou ortodoxia nas crenças. Ver I João 4:7 ss. Ver o artigo geral sobre o *Amor*. A outorga de presentes é sinal do amor do indivíduo. Sendo esse o caso, trata-se de uma pequena demonstração da própria espiritualidade, se não for um ato maculado por motivos indignos, conforme geralmente se dá com os presentes que damos ou recebemos. O exemplo divino é a nossa grande inspiração, visto que Deus amou o mundo de tal maneira que, como resultado, ele deu seu próprio Filho (João 3:16). (B TT UN Z)

## DOM GRATUITO DE DEUS

O *dom gratuito de Deus*, Rom. 6:23. A vida eterna é aqui referida como um dom *gratuito*, a fim de fazer vívido e agudo contraste com o *salário* do pecado. O salário do pecado é adquirido por esforço, é merecido, ao passo que a vida eterna nos é dada *gratuitamente*, «através de Cristo», e nunca através do «mérito humano». Com essa expressão se pode comparar o que é dito acerca da «justificação», em Rom. 3:24. A vida eterna, por si mesma, não pode ser adquirida pelo esforço do homem, mas precisa ser recebida pela fé, pela fé no doador da vida, isto é, Cristo Jesus.

*Vida eterna.* (Ver o artigo a respeito). Quanto à sua natureza, podemos considerar os seguintes pontos alistados abaixo:

1. Não se trata de mera existência «interminável», embora isso expresse uma verdade.

2. Trata-se, antes, de uma modalidade de existência. Todas as formas de vida representam uma modalidade ou tipo de existência, como a vida unicelular, a dos insetos, a dos mamíferos, a do homem, etc.

3. Consiste na participação na própria vida de Deus, que representa o pináculo de todas as modalidades de vida, a única que se reveste das qualidades de «independência» e de «necessidade». Em outras palavras, a vida de Deus é «independente» porque não depende de qualquer outra para existir; e é «necessária» porque não pode deixar de existir. Nisso é que consiste a verdadeira imortalidade. (Ver João 5:25,26 e 6:57, quanto a esses conceitos).

4. A vida eterna é aquela forma e qualidade de vida que recebemos, desde que começamos a ser transformados segundo a imagem e natureza de Cristo (ver Rom. 8:29).

5. Ela é caracterizada pela participação na própria natureza divina (ver notas em II Ped. 1:4 no NTI), com os atributos acompanhantes, tudo o que é expresso pela frase «a plenitude de Deus». Também participamos da plenitude de Cristo, mas isso indica a mesma coisa (ver Col. 2:10).

6. Ela envolve perfeição moral (ver Mat. 5:48).

7. Receber a vida eterna significa passar de um estágio de glória para outro, pelo poder do Espírito (ver II Cor. 3:18).

8. A vida eterna é filiação, do ponto de vista celestial (ver João 1:12 e Heb. 2:10).

9. Portanto, apesar de envolver o perdão dos pecados e a transferência futura para os lugares celestiais (ver Efé. 1:3), ela envolve também muito mais do que isso.

*Em Cristo Jesus, nosso Senhor.* Rom. 6:23. Uma vez mais o apóstolo Paulo emprega o nome e título completo de Cristo. (Quanto a comentários sobre esse uso, ver Rom. 1:4 no NTI).

Cristo é aqui destacado como o doador da vida eterna, juntamente com tudo o que está vinculado a ela, o que faz forte contraste com o pecado, que é o

intermediário da morte. Devemos observar, na epístola aos Romanos, que todo e qualquer avanço espiritual, à salvação, é vinculado ao Senhor Jesus, a saber:

1. A propiciação foi «proposta» em Cristo (ver Rom. 3:24,25). Por igual modo, a justificação nos é dada em Cristo, nessa mesma passagem.

2. Fomos ressuscitados a uma nova vida, através de Cristo. (Ver Rom. 4:24).

3. Nossa exultação em Deus se verifica por meio de Cristo. (Ver Rom. 5:11).

4. Nosso reinar, na graça e na justiça, visando a vida eterna, também se realiza por meio de Cristo. (Ver Rom. 5:21).

5. O «batismo espiritual» também vem por meio de Cristo. (Ver Rom. 6:3-11).

6. O conceito inteiro e a realidade da vida eterna também dependem de Cristo. O primeiro capítulo da epístola aos Efésios mostra-nos que toda a criação tem por centro a pessoa de Cristo, pois ele é o Verbo ou Palavra eterna, o Criador, o Salvador universal, o Juiz e a grande Força cósmica.

7. A vitória nesta vida, sobre o pecado, deve ocorrer por intermédio de Cristo. (Ver Rom. 7:25).

*Teu toque tem ainda o poder antigo;  
Nenhuma palavra tua cai por terra inútil;  
Ouve, nesta solene hora da noite,  
E, em tua compaixão, cura-nos a todos.*  
(Hino de Henry Twell, «At even, when the sun is set»).

## DOM DE CURA

Ver os artigos sobre **Dons Espirituais; Curas e Curas pela Fé.**

## DOM DE LÍNGUAS

Ver o artigo sobre os **Dons Espirituais.**

## DOMICIANO

Foi imperador de 81 a 96 D.C. Em conexão com assuntos religiosos, ele é lembrado por haver sido o primeiro imperador romano a assumir honras divinas durante seu próprio período de vida terrena. Antes dele, acreditava-se que, de alguma maneira, após a morte, os imperadores chegavam a certo grau de divindade. Essa idéia vinha desde a antiguidade. Mas, quando os imperadores romanos começaram a pensar que eram divinos, mesmo enquanto ainda viviam em seus corpos físicos, exigindo adoração e respeito como se fossem divindades, grandes tribulações foram criadas para os cristãos primitivos, que se recusavam a envolver-se com uma idolatria tão estúpida. Ver o artigo sobre a *Deificação*, quanto a completas explicações sobre a questão. Domiciano também foi um dos perseguidores romanos dos cristãos.

O conquistador de Jerusalém, Tito, filho de Vespasiano, morreu prematuramente aos quarenta e dois anos, dois anos depois de ter-se tornado imperador. Domiciano era o irmão mais jovem de Tito. Não era um soldado treinado, conforme tinham sido Vespasiano e Tito. Portanto, ele era um tanto ridicularizado. Talvez essa circunstância lhe tenha emprestado um espírito vingativo, que fez dele uma praga para os cristãos e para muitos outros. Domiciano mostrou grande habilidade na escolha de homens capazes, e suas aventuras militares foram bem-sucedidas. Portanto, até mesmo como homem de

armas ele obteve alguma glória, embora através de delegados seus, que realmente combatiam. Domiciano, entretanto, era perseguido por temores patológicos e suspeitas de todos quantos o cercavam. Essa atitude provocou muitos fatos lamentáveis, conforme narram Tácito (*Agricola* 45.2) e Plínio (*Pan.* 48). Domiciano fez muitas vítimas, em resultado de seus defeitos, e deu continuação à perniciosa política que Nero havia estabelecido. Portanto, ele é contado juntamente com Nero como um homicida e perseguidor sistemático. *Irineu* (*Her.* 5.30,3) informa-nos que o livro de Apocalipse foi escrito durante o reinado de Domiciano, e muitas passagens desse livro mostram que Roma se tornara selvagem, e teria de sofrer o julgamento divino. Finalmente, o imperador foi assassinado, em 96 D.C., por meio de um conluio apoiado por sua própria esposa, que também vivia assaltada por temores. Assim Domiciano recebeu o que merecia, após um reinado de terror de quinze anos. Ver o artigo sobre *Perseguição*, que mostra que o bem pode proceder até mesmo de um reinado assim.

## DOMINGO, DIA DO SENHOR

O **dia do sol**. Os romanos dedicaram o **primeiro dia** da semana à adoração do sol. Conseqüentemente, este dia foi chamado o **dia do sol**. Em inglês, o nome do dia, *Sunday* retém este uso. Cristo foi o *Sol da Retidão*, e substituiu o sol físico quando o primeiro dia da semana começou a comemorar sua ressurreição. O português *domingo* vem do lat. *dies dominica* (dia do Senhor), e nesta linguagem, a transição histórica do sol para o *Sol* é evidente. Ver *Mal.4:2*. O sol físico sustenta a vida física. O Sol espiritual sustenta a vida espiritual. Não estou impressionado com argumentos contra o domingo, como um dia religioso especial para os cristãos, que fazem caso do fato de que, originalmente, o primeiro dia da semana era uma comemoração pagã. Cristo mudou tudo isto, e porque não?

Ver os artigos separados sobre *Domingo Identificado com o Sábado, e Sabatismo, Observação de Dias Especiais.*

### I. O *kuriakos*

No **dia do Senhor**, Apo. 1:10. Isso deve ser distinguido da expressão, «dia do Senhor», que sempre é dito de modo diferente no original grego. Temos aqui a palavra *kuriakos*, um sentido adjetivado, isto é, «pertencente ao Senhor». Originalmente, essa palavra era usada com o sentido de *imperial*, algo que pertencia ao imperador romano. Havia também a expressão *hemera sebastē*, «dia de Augusto», que era o primeiro dia de cada mês, o «dia do imperador», quando eram feitos pagamentos em dinheiro. (Comparar isso com I Cor. 16:1 e ss). Os crentes primitivos tomaram essa expressão por empréstimo e aplicaram-na ao *domingo*, o primeiro dia da semana. Esse é o uso que se encontra em *Didache* 14 e *Inácio, Magn.* 9, que foram escritos não muito depois da composição do livro de Apocalipse. *Inácio*, explicando por que os primitivos cristãos adoravam nesse dia, o dia do Senhor, o domingo, diz: «...nossa vida se originou através dele e de sua morte». (*Inácio, Magn.* 9:1). Nos escritos de Melito de Sardes há um tratado concernente à adoração no domingo, que leva o título de *peri kuriakes* (acerca do dia do Senhor), a mesma palavra é usada em Apo. 1:10. Os escritos mencionados aqui emanaram da Ásia Menor, sendo possível que tal expressão se tenha originado nas igrejas dali. Obviamente o termo veio a ser geralmente empregado antes dos fins do segundo

## DOMINGO, DIA DO SENHOR

século, pois Dionísio de Corinto (ver Eusébio, *História Eclesiástica*, iv.23.11) refere-se ao «dia santo do Senhor», o dia do «recolhimento» dos crentes. Há outras alusões, nos escritos dos pais da igreja, acerca disso, em Clemente de Alexandria (ver *Strom.* vii.12) e em Tertuliano (ver *De Cor.* iii).

### II. Sabatismo e domingo

Ver o artigo separado sobre **Sabatismo**.

1. Grande parte da epístola aos Romanos foi especificamente escrita com a finalidade de ensinar-nos que agora *não estamos* mais debaixo da lei mosaica, e que, de fato, os gentios nunca a estiveram. Essa é a lei que os judeus imaginavam que lhes servia de instrumento de salvação e várias referências bíblicas mostram-nos que o apóstolo Paulo incluiu nessa categoria tanto os aspectos morais como os aspectos cerimoniais da lei mosaica. Sendo um bom judeu, Paulo não teria estabelecido diferença entre «leis morais» e *leis cerimoniais*, conforme se tornou usual hoje em dia fazer tal distinção. Pode-se observar, no décimo terceiro capítulo da epístola aos Romanos, que a lei que é cumprida pelo amor é aquela que proíbe o adultério, o furto, etc.; e essa não é a chamada «lei cerimonial», e, sim, aquela que é cumprida dentro do sistema da graça, mediante o amor. A lei discutida por Paulo, no segundo capítulo da epístola aos Romanos, é bem definida em seus aspectos «morais», embora não exclusivamente. Podemos observar Rom. 2:20-22, que são convincentes quanto a esse ponto. O exame inteiro da lei e do pecado, até o fim do terceiro capítulo desta epístola, onde Paulo começa a mostrar a verdade da justificação pela fé, aborda questões «morais», e não meramente cerimoniais. No entanto, em Rom. 3:28, Paulo diz claramente que um homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei; e isso não elimina a lei, mas antes, confirma-a, ou seja, através de seu uso apropriado, revela o pecado. Com isso se pode comparar o trecho de Rom. 3:10-12. E os versículos vinte e quatro e vinte e cinco desse mesmo terceiro capítulo de Romanos mostram-nos que não estamos *mais debaixo da lei*. Sendo assim o caso, dificilmente pode-se pensar que o dia do sábado continue sendo um preceito obrigatório para os crentes do N.T. Sumariando: A despeito de todos os preceitos morais da lei serem reiterados no N.T., como reflexos da moralidade que se espera da parte dos crentes, ainda que essa moralidade só possa ser obtida mediante a graça divina, devido à influência íntima do Espírito de Deus, e não através de observâncias legalistas, contudo, o *sábado* jamais é reiterado no N.T. como algo obrigatório para os crentes.

2. Também não estamos obrigados a observar algum suposto *sábado cristão*. A exposição feita por Paulo, neste ponto de sua epístola aos Romanos, indica que nenhum dia é mais santo do que qualquer outro dia. Podemos ver, no trecho de Col. 2:16, que o «sábado» foi incluído naqueles itens concernentes aos quais não devemos permitir que os homens nos julguem. Fazer com que essas palavras do apóstolo se refiram aos «sábados» ou grandes festividades religiosas dos judeus, não reflete uma boa exegese, embora a idéia também deva incluir necessariamente esse pensamento. É verdade que a palavra em foco, *sábados*, é usada no plural, em Col. 2:16; mas o plural era com freqüência utilizado nas Escrituras, como se fosse o singular. (No A.T., ver os trechos de Êxo. 20:8 e Deut. 5:12, e no N.T. ver Mat. 28:1; 12:1,5,10-12; Marc. 1:21). O plural era geralmente usado a fim de destacar a importância desse dia, e não

necessariamente para indicar pluralidade, o que, de resto, era um truque lingüístico muito próprio e comum da língua hebraica. Outrossim, mesmo que o plural, referido em Col. 2:16, fizesse alusão a diversos «sábados», nem isso deixaria de incluir o «sábado».

3. O apóstolo Paulo ensina-nos, — em Rom. 14:5, que *nenhum dia* é especial por si mesmo. O domingo não é o «sábado cristão», conforme muitos o têm chamado, e não é mais obrigatório e nem digno de maior atenção do que o sábado (ou mesmo do que qualquer outro dia da semana). Os crentes primitivos se reuniam no primeiro dia da semana ou domingo, conforme se verifica em várias passagens, desde que o Senhor Jesus se ausentou deles. Mas o próprio N.T. não ensina que devamos guardar o domingo, como se este houvesse substituído o sábado, dentro da nova economia da graça divina.

Por isso mesmo disse Alford (*in loc.*): «A inferência óbvia, dessa linha de argumentação, é que ele (Paulo) não reconhecia qualquer obrigação como essa 'a da guarda de algum dia especial', mas antes, cria que, para os crentes, sobretudo os 'fortes na fé', todos os dias são 'iguais'».

**Essas palavras refletem** a doutrina paulina verdadeira, e o **sabatismo** labora em erro como princípio doutrinário, ainda que venha sendo preservado por algumas seitas cristãs. Não obstante, cumpre-nos respeitar a história eclesiástica e suas tradições, mas não tão rígida e rigorosamente como alguns querem fazê-lo. Por isso, seguindo o exemplo da igreja primitiva, reunimo-nos geralmente no domingo, quando então efetuamos nossos principais ritos simples e nossos cultos principais. Mas fazemos isso não por necessidade, e nem por «imposição legal», e, sim, meramente por ser uma tradição neotestamentária. Porém, a despeito disso, não tentamos fazer do domingo alguma espécie de «sábado».

«Visto os homens terem sido erroneamente ensinados ou influenciados, ou pelos cristãos judaizantes dos primeiros séculos do cristianismo, ou, infelizmente, pelos reformadores e puritanos, desde a Reforma protestante, a maioria dos evangélicos reputa o primeiro dia da semana como um «sábado semanal», como um *dia santo*, embora isso derrote totalmente o seu uso apropriado. Substitui a doce palavra 'privilegio', próprio do sistema da graça, por um duro vocábulo legal 'dever'. (Newell, *in loc.*)

«O chamado ensinamento puritano, quanto a este particular, tem sido denominado, e com muita razão, de 'teologia adúltera', porquanto tem procurado casar os crentes a dois maridos, à lei e a Cristo». (Scofield).

4. **Inácio**. Já desde o ano de 115 D.C., Inácio (martirizado naquele ano) mencionou que os crentes não mais observavam o «sábado», e, sim, o «Dia do Senhor», «...de quem, a nossa vida, na qualidade de ressuscitados por meio dele, depende». Justino Mártir, que deu sua vida em cerca de 168 D.C., quando foi repreendido por Trifo, por ter 'desistido do sábado', retrucou: «Como podemos guardar o sábado, se descansamos do pecado todos os dias da semana?» Apesar do primeiro dia da semana ter sido assim honrado, e apesar do dia de sábado ter passado para os registros históricos como um dia religioso especial, o primeiro dia da semana de maneira alguma tem assumido o caráter do antigo sábado. Pelo contrário, cabe-nos o privilégio de honrar a Cristo e à sua ressurreição, reunindo-nos no primeiro dia da semana. E poderíamos fazer isso em qualquer outro dia, sem com isso desobedecermos a qualquer lei moral, embora com isso criássemos uma tradição de muito menor *valor histórico*.

## DOMINGO — DOMINGO DA TRINDADE

5. *Cada um tenha opinião.* É interessante que Paulo não proíbe a ninguém reunir-se em dia de sábado e observar sua guarda, como também não proíbe qualquer outro dia. Aquele que porventura queira guardar o dia de sábado, que o faça, para glória do Senhor; e aqueles que se reunirem em outro dia qualquer, ou todos os dias, sem destacar qualquer dia como especial, que também o façam para a glória do Senhor. Nenhuma dessas coisas será jamais condenada por Deus, embora surjam muitos críticos humanos. Moisés jamais poderia ter dito: «Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente». Mas o apóstolo Paulo, o grande defensor do sistema da graça, pôde fazer tal declaração, sendo esse um dos grandes lemas da igreja cristã, o que concorda mui harmoniosamente com a liberdade cristã, porquanto não estamos debaixo da escravidão.

«No que concerne à observância de dias e anos, podemos comparar esta passagem com os trechos de Gál. 4:10 e Col. 2:16. Essas passagens consideradas conjuntamente, dão-nos a entender claramente que a observância de dias especiais não conta com qualquer sanção absoluta, mas é puramente uma questão de expediente religioso. Entretanto, isso é base suficiente sobre o que nos escudamos, e a experiência parece favorecer algum sistema como aquele adotado pela nossa própria igreja cristã». (Sanday, *in loc.*)

6. *Liberdade.* Paulo não toma qualquer decisão a respeito dessa questão, pois, para ele, era uma daquelas *questões indiferentes*. No entanto, objetava contra as pessoas que tentavam forçar suas opiniões a outras, exagerando a importância da observância de certo dia ou dias. Também condenou os crentes da Galácia por agirem desse modo, onde assumiu uma atitude negativa sobre a questão, em vez de uma atitude neutra, devido aos exageros com que aqueles crentes se tinham aferrado às antigas práticas judaicas. Isso era prejudicial para os conceitos da graça gratuita naquela localidade. (Ver Gál. 4:9 e ss.). Tais observâncias ameaçavam destruir o trabalho do apóstolo dos gentios entre os gálatas.

No que diz respeito aos crentes de Roma, Paulo fazia objeção mais cerrada acerca da controvérsia provocada pelas observâncias de dias religiosos especiais, controvérsia essa que destruíra o espírito de amor e unidade nas igrejas da Galácia.

7. *Consciência.* Podemos notar aqui a ênfase sobre as *questões de consciência*. Paulo confiava que esse elemento da natureza humana, dado por Deus, mediante consideração cautelosa, e com a orientação do Espírito Santo, é capaz de mostrar o curso de ação que o crente deve tomar. Ver o artigo sobre *Consciência*.

### DOMINGO, IDENTIFICADO COM O SÁBADO

1. *Atitude Legalista.* É muito difícil os homens desfrutarem da plena liberdade do Espírito. Portanto, apesar da lei sobre o sábado não ser reiterada no Novo Testamento, alguns religiosos, através dos séculos, têm sentido ser necessário fazer do domingo uma espécie de sábado cristão. Ver o artigo separado sobre o *Sabatismo* e a *Observância de Dias Especiais*. A questão inteira da suposta natureza obrigatória do sábado, por parte dos crentes do Novo Testamento, é discutida juntamente com a questão se *qualquer dia*, incluindo o domingo, importa em uma observância obrigatória para os que estão sob o novo pacto da graça.

2. *Antes do Século XVI.* Os primitivos cristãos não confundiam o sábado com o Dia do Senhor. Na época

da Reforma protestante, Lutero, Zwinglio, Calvino e outros dentre os primeiros reformadores ensinavam que o sábado foi ab-rogado no cristianismo. Calvino disse que era um insulto para os judeus terem de alterar seu dia de guarda. Foi dentro do puritanismo inglês (que vide) que o domingo passou a ser considerado um sábado cristão. A Confissão de Fé de Westminster (que vide) popularizou esse conceito, a partir de 1647. O congregacionalismo da Nova Inglaterra (que vide) introduziu esse novo sábado na civilização do Novo Mundo, e os calvinistas da América do Norte trataram de popularizar ali a idéia. Rogerenos, Batistas do Sétimo Dia (que vide), e os posteriores Adventistas do Sétimo Dia (que vide), visto que promoviam o sábado tradicional, opuseram-se à idéia do «novo sábado». Portanto, encontramos aí a estranha situação de um erro fazendo oposição a outro, ao passo que Paulo ensinou que os cristãos não estão na obrigação de fazer *qualquer* dia ser mais especial que outro qualquer (Rom. 14:5). Ao mesmo tempo, os crentes têm a liberdade de observar dias, contanto que o façam *para o Senhor*, visando à sua glória, e tendo em vista propósitos espirituais. Todavia, isso não pode ser reduzido a um dogma, nem imposto a terceiros, porquanto Paulo, quanto a essa questão, apelou para a *liberdade cristã*.

3. *O Poder dos Costumes e da Piedade.* Apesar do domingo não ser o dia obrigatório de adoração, para os cristãos, os primitivos cristãos reuniam-se no primeiro dia da semana, quase que desde o começo da Igreja, a fim de comemorar a ressurreição de Jesus Cristo. Ver o artigo separado sobre *Domingo, Dia do Senhor*, quanto a um estudo mais completo a respeito. Conseqüentemente, é conveniente e apropriado observar o domingo como um dia especial, embora não seja obrigatório. Todavia, é um erro vincular ao mesmo aqueles regulamentos que diziam respeito à guarda do sábado, por parte dos israelitas. Se alguém não quiser trabalhar nesse dia, isso é seu privilégio. Se ele quiser trabalhar nesse dia, e, ao mesmo tempo, puder cumprir seus deveres religiosos e morais, então ele tem a liberdade de fazê-lo.

4. *O Dia do Sol.* Os romanos dedicavam o primeiro dia da semana à adoração ao sol. Portanto, em inglês, o domingo é chamado «Sunday», que, literalmente, significa, «dia do sol». Em português, segundo muitos dizem, a palavra domingo vem de *Dominus diae*, «dia do Senhor». Cristo é o Sol da Justiça, pelo que há algo de significativo no fato de que ele ressuscitou no primeiro dia da semana.

Aqueles que se opõem ao domingo como dia de adoração dos cristãos, salientam a conexão com Roma pagã, e sua adoração ao sol. Todavia, isso não nos deve perturbar, porquanto posso ver o Sol da Justiça a ressurgir dentre os mortos naquele dia. Ver Mal. 4:2. A ressurreição de Jesus Cristo foi um acontecimento extremamente significativo, doador de vida. E o dia em que a sua ressurreição teve lugar, naturalmente tornou-se um dia especial para a memória dos cristãos primitivos e para a Igreja cristã de todos os séculos. — Como o sol é a fonte originária da vida física, assim também a vida de Cristo é a essência de toda a vida espiritual. Também deveríamos frisar que o dia do Senhor foi uma *nova instituição*, e não um novo sábado. Ocorreu então algo inteiramente diferente, que passou a ser comemorado nesse dia. Não devemos rebaixar a sua importância, reduzindo-o a um novo sábado.

### DOMINGO DA TRINDADE

A festa da Trindade (que vide) é observada no

## DOMINGO DE RAMOS — DONATISMO

domingo após o Pentecoste (que vide). Por volta do século XIV, isso tornara-se costumeiro em toda a Igreja latina. A Igreja Ortodoxa Oriental honra a Trindade durante a própria festa de Pentecoste. Em várias igrejas do norte da Europa, e agora nos livros de oração dos luteranos e anglicanos, essa festa religiosa toma o nome de *Whitsunday* (o nome do Pentecoste na Igreja da Inglaterra; ver o artigo a respeito), sendo o domingo após o qual os domingos eram enumerados até o *advento* (que vide). Ver sobre a celebração da *Natividade*.

### DOMINGO DE RAMOS

Trata-se do domingo antes da Páscoa. Comemora a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, conforme o registro de João 12:12 ss. Ver também Mat. 21:4-9; Mar. 11:7-10 e Luc. 19:35-38. Em Jerusalém, a começar pelo século IV D.C., os cristãos reuniam-se no monte das Oliveiras, levando palmas. Eles escoltavam o bispo até o interior da cidade, imitando a ação daqueles que preparam o caminho para Jesus entrar em Jerusalém, poucos dias antes de sua crucificação, cuja ação, segundo todas as aparências, continuava sendo favorecida pelo povo. Essa celebração, que começou em Jerusalém, gradualmente foi se espalhando por toda a cristandade, de tal modo que aquele dia passou a ser oficialmente comemorado.

### DOMINGOS, SÃO

Domingos foi o fundador da *Ordem dos Pregadores*, ou seja, a *Ordem Dominicana*. Juntamente com Francisco (que vide), ele foi um dos líderes das reformas medievais da vida cristã. Nasceu em Calaroga, na Espanha. Suas datas foram cerca de 1170-1221. Morreu em Bolonha, na Itália. Era conhecido por sua incansável energia, que usava para viajar e ensinar, obtendo imenso sucesso em alguns lugares da Europa. Também era homem muito dedicado à oração e às penitências. Parte de seu labor era gasta na organização e extensão da ordem que fundara, incluindo o avanço para vários outros países. Uma constituição da ordem foi formulada, juntamente com a regra de Stº Agostinho. Quatro mosteiros foram estabelecidos, vinte priores, oito províncias e muitos missionários foram comissionados. Desgastado por seus ingentes esforços, faleceu a 6 de agosto de 1221. Seu amigo, e, por algum tempo, colaborador (antes de ter-se tornado papa), Gregório IX, canonizou-o em 1234. Ele dizia que Domingos havia vivido a vida dos apóstolos com perfeição. O dia de sua festa é 4 de agosto. (AM E)

### DOMINIC GUNDISALVO

Ver *Gundisalvo, Dominic*.

### DOMINICALE

Vem do latim e significa «Senhor». Trata-se de um véu usado pelas mulheres, ao aproximarem-se da mesa da comunhão. O concílio de Auxerre (585 ou 587 D.C.), explicou o mesmo como um pano com que as mulheres cobriam suas mãos a fim de receberem a eucaristia. Porém, o *penitential*, de Teodósio, declarou que se trata de um véu para cobrir a cabeça, sendo provável que o mesmo pano servia para ambos os propósitos. Naturalmente, o uso está baseado na injunção paulina de I Coríntios 11. Ver o artigo separado sobre *Véu*.

••• ••• •••

### DOMINICUM

Vem do latim, *dominus*, «Senhor». É adjetivo que tem o sentido de «a casa do Senhor». Designa os edifícios onde os antigos cristãos efetuavam suas funções como uma igreja, em tempos de perseguição. Usualmente pareciam-se com residências particulares, embora um tanto maiores e mais ornadas. Eram simples templos cristãos, em uma época quando a elaboração nessas construções ainda não havia começado. O termo continuou em uso até o século IV D.C., inclusive.

### DOMÍNIO

Essa é uma possível tradução das palavras hebraicas e gregas que expressam as idéias de governo, senhorio, predomínio, força e poder. Abaixo resumiriamos os usos possíveis:

1. O *domínio de Deus* sobre o mundo, como Soberano absoluto (Sal. 22:28).

2. O *domínio do homem* sobre a natureza terrena, como um direito dado por Deus (Gên. 1:26; Sal. 8:6).

3. O *domínio de Cristo*, que será futuro e universal (I Cor. 15:24-28; II Tes. 2:8).

4. A participação dos remidos nesse domínio (II Tim. 2:12; Apo. 3:21).

5. A liberdade dos crentes no domínio do pecado (Rom. 6:9,14; 7:1).

6. Os *domínios angelicais*, que envolvem o uso da palavra grega *kuriotes* (Efê. 1:21; Col. 1:16; Jud. 8; II Ped. 2:10). O Novo Testamento tem uma angelologia altamente desenvolvida, na qual é projetada a idéia de que há muitas ordens de anjos, com diversos níveis de poder e autoridade. Ver o artigo geral sobre os Anjos. As várias passagens falam sobre anjos bons e anjos maus. Comparar com Efê. 2:2; 6:12. A passagem de II Pedro tem sido alternativamente interpretada como trecho que salienta a majestade de Deus, ou o Senhorio de Cristo, ou as autoridades da Igreja.

7. O *domínio universal de Cristo* sobre todas as esferas (Fil. 2:9 ss; Efê. 1:9,10,23), — mostra que esse domínio não é uma mera submissão forçada. O amor e o desígnio de Deus operam através desse domínio, visando a propósitos restauradores. Ver o artigo sobre a *Restauração*. Portanto, vemos que o poder de Deus opera juntamente com os princípios da graça e do amor. O próprio juízo faz parte daquilo que aprendemos em I Pedro 4:6. Isso é precisamente o que poderíamos esperar da parte de Deus, — que é tanto todo-poderoso quanto supremamente bom e eternamente amoroso.

### DONATISMO, DONATISTAS

Os donatistas foram uma seita cismática que surgiu na primeira porção do século IV D.C., em Cartago, no norte da África. O nome da seita derivava-se do bispo Donato, o principal poder eclesiástico de Cartago. Apesar de que muitos problemas foram ventilados, com um movimento contra a Igreja tradicional, o problema principal envolvia a administração dos sacramentos. Os donatistas asseveravam que a validade desses sacramentos dependia do mérito daquele que os administrava. Agostinho foi seu mais ilustre oponente. Ele mantinha que o verdadeiro ministrante dos sacramentos é Cristo, que a eficácia dos mesmos depende dele, e não dos imperfeitos instrumentos humanos que os aplicam.

O incidente histórico que foi o estopim da controvérsia foi a eleição de Ceciliano, bispo de Cartago, em 311 D.C. Uma minoria afirmava que sua

## DONINHA — DONS ESPIRITUAIS

consagração não fora válida, visto que da mesma participara Félix de Artunga, que escapara ao martírio, na época de Diocleciano, mediante um ato de traição, que incluía a entrada de livros sagrados da Igreja às autoridades do Estado. Em lugar dele, os bispos nômadas consagraram Majorino, em 312 D.C., e então Donato, em 315 D.C. Com a ascensão deste último, a controvérsia aumentou muito em intensidade.

Os donatistas apelaram por três vezes ao imperador Constantino. Os sínodos de 313, 314 e 316 D.C. ouviram suas reivindicações, embora dando seu apoio a Ceciliano. Os donatistas rejeitaram essas decisões e puseram em dúvida o poder do imperador pronunciar-se sobre questões eclesiásticas. Donato levou seu caso à Igreja nativa do Norte da África, e não demorou para essa área incendiar-se contra a Igreja de Roma. Constantino retaliou exilando os bispos donatistas, confiscando propriedades e enviando um exército. A força, porém, não resolveu a questão. Os partidários de Donato vagueavam por vários lugares, aterrorizando e forçando conversões ao donatismo. Em 411 D.C., os donatistas foram declarados um movimento ilegal, pelo imperador. A invasão do Norte da África, pelos vândalos, no século V D.C., causou um grande declínio no movimento. Entretanto, o donatismo resistiu até à conquista islâmica da África, no século VII D.C.

Um importante ato eclesiástico resultante disso foi a decisão, tomada pelo sínodo de Arles (que vide), efetuado em 314 D.C., no sentido de que a validade da ordenação e do batismo de alguém não dependia do mérito do seu administrador. Que dizer, pois, acerca do incidente com o arcebispo Cranmer (que vide)?

### DONINHA

No hebraico, **choled**, palavra que aparece exclusivamente em Lev. 11:29. Na Palestina havia várias espécies de doninha, embora não haja certeza, entre os estudiosos, acerca do animal em foco nesse versículo. O termo árabe cognato, **huld**, refere-se à toupeira, o *Spalax typhlus*. Porém, não há como determinar cientificamente que animal está em foco nesse trecho de Levítico. Seja como for, deve ter sido um dos muitos animais **imundos**, que o povo de Israel foi proibido de usar como alimento. Ver o artigo sobre *Limpo e Imundo*, e também sobre *Alimentos*.

Na nossa Bíblia portuguesa é tradução de um termo hebraico que aparece somente em Lev. 11:29. A doninha, juntamente com o rato, o lagarto, o crocodilo da terra, a lagartixa, o lagarto da areia e o camaleão era considerada um animal impróprio para servir de alimento humano. As glândulas desse animal, que emitem forte odor, tornam sua carne imprópria para o consumo. Uma outra razão de ser a doninha alistada entre os animais imundos é que no Egito era animal consagrado à lua. Na Grécia e em Roma, a doninha era criada para controlar os ratos, antes que os gatos passassem a ser usados com o mesmo propósito. A doninha não é rara na Palestina.

### DONNE, JOHN

Suas datas foram 1572-1631. Foi eclesiástico e poeta inglês de considerável poder. No começo ele era católico romano, mas, finalmente, ingressou no sacerdócio anglicano, tendo sido soldado, diplomata e erudito. Estudou em Oxford, em Cambridge e no Lincoln's Inn. Tornou-se deão de São Paulo, em

Londres, e era considerado o mais eloquente pregador do século XVII. Sua poesia revela a larga gama de seus interesses e de sua erudição. Seus *Poemas Divinos*, embora não muito numerosos, são cheios de poder e expressividade. Ele estabeleceu o padrão para a escola metafísica de poetas, que foi influenciada por sua obra. Seus melhores escritos em prosa estão contidos em seus *Sermons* e *Devotions upon Emergente Occasions*.

### DONOSO CORTES, JUAN

Suas datas foram 1809-1853. Foi um religioso espanhol, tradicionalista e dogmatista. Ele assumia uma posição extrema, dizendo que a política secular é uma contradição, e que o próprio catolicismo é a civilização. Em sua obra, *Ensaio sobre o Catolicismo, o Liberalismo e o Socialismo*, ele afirma que a tolerância é um falso ideal. Ele admitia que o homem é falível, mas ele asseverava que a Igreja de Roma é infalível, e que os seus dogmas exprimem a verdade. Aqueles que negassem isso estariam laborando em erro, e o erro não pode ser tolerado. Portanto, ele representava as personalidades unilaterais, completamente enfatizadas por seus sistemas, tornando a vida miserável para as outras pessoas. Infelizmente, todas as religiões e sistemas políticos envolvem esse tipo de advogados.

### DONS DIVINOS

Ver sobre **Dom**, III, Os Dons Divinos.

### DONS ESPIRITUAIS

Grego: **Charismata**

Textos principais: I Cor. 12:1-14:40; Rom. 12:6-8.

*Esboço:*

*Introdução*

- I. Problemas Afins
- II. Abuso do Exercício dos Dons Espirituais
- III. Alternativos aos Dons como Manifestados no Primeiro Século
- IV. Charismata

1. Operação de Milagres
2. Dom da Cura
3. Dons de Ajudas
4. Dons de Governos
5. Dom da Fé
6. Apóstolos
7. Profetas
8. Dom da Profecia
9. Dom do Discernimento de Espíritos
10. Dom do Ensino
11. Dom da Exortação
12. Dom da Palavra de Sabedoria
13. Dom da Palavra do Conhecimento
14. Dom de Línguas
15. Dom da Interpretação de Línguas

Encontramos em I Cor. 12:1-14:40 o problema da natureza e da origem *dos dons* e manifestações espirituais. Era estranho o paradoxo que aquilo que os crentes de Corinto imaginavam que os distinguiu, acima de tudo, como uma comunidade espiritual de elevada qualidade, era a sua abundante possessão e uso dos dons espirituais. No entanto, é valendo-se justamente disso que Paulo mostra a carnalidade deles, visto que abusavam dos seus poderes. É bem possível que naqueles primeiros anos da igreja cristã a posse de tais dons era mais um lugar comum do que uma raridade, e, portanto, que não demonstrasse,

## DONS ESPIRITUAIS

necessariamente, qualquer evidência de espiritualidade superior, ou mesmo de qualquer busca espiritual mais intensa. Precisamos supor, com base na passagem de I Cor. 12:1-14:40, que crentes carnis tanto possuíam como usavam os dons espirituais, se é que os mesmos eram genuínos. Com base nos eventos modernos, sabemos que os mesmos eram genuínos. Experiência moderna também demonstra que nem toda a manifestação de poder sobrenatural procede do Espírito Santo.

**I. Problemas afins.** Precisamos encarar com suspeita aquelas congregações locais que dependem de elevada dose de levante emotivo nos cultos, a fim de «fazer baixar» o poder. É fato bem conhecido que no frenesi da emotividade, as pessoas com frequência entram nos estágios iniciais de um transe; e, nessa condição, ficam sujeitas à influência de certos «espíritos», e não apenas do Espírito Santo. Além disso, sem que tenha consciência do fato, uma pessoa pode «auto-hipnotizar-se». E então, nesse estado, despertando poderes psíquicos naturais, que se confundem as manifestações do Espírito com as manifestações do espírito humano.

Nesse estado, várias «imitações» podem evidenciar-se. Os êxtases não são errados por si mesmos, porquanto Pedro e Paulo experimentaram transe, e então receberam visões. Isso é típico das experiências místicas; e algumas vezes é até um fenômeno necessário. Pedro caiu em êxtase, (ver Atos 10:10); Paulo por igual modo (ver Atos 22:17). Mas outro tanto ocorreu com Balaão, o falso profeta (ver Núm. 24:4,16). E assim também sucedia às antigas sacerdotisas dos cultos pagãos, antes da vinda de Cristo; — muitas das predições dessas sacerdotisas se cumpriram à risca. A mesma coisa sucede hoje em dia no espiritismo e entre os místicos em todo o mundo.

Com base nesses fatos, pode-se perceber facilmente que o contato com o sobrenatural, com profecias verdadeiras, com o falar em línguas, com as curas, com todas as manifestações dessa natureza, através das experiências místicas, não precisam ser originadas por uma única fonte, necessariamente boa e justa. Assim sendo as coisas, devemos ser cautelosos em nossa aquilatação das «realidades» e da «falsidade» de manifestações que vemos e ouvimos. A regra de Cristo estipula que podemos conhecê-los pelos frutos também não traça a linha demarcatória mui distintamente. E isso porque pessoas totalmente destituídas da experiência evangélica, têm vidas definitivamente boas em sua forma de experiências místicas. Talvez, finalmente, somente Deus possa julgar tais coisas. Seja como for, o quadro na igreja cristã, hoje em dia, está terrivelmente confuso. Isso não significa, contudo, que não devam buscar os dons espirituais; mas significa que devemos buscá-los somente «através» do desenvolvimento espiritual, e não como desejo de obter acesso à espiritualidade mediante algum atalho fácil. Pode-se dizer, com toda a confiança, que aquele que tem o preparo espiritual prévio, que anela em sua busca espiritual, que tem a vida moral que o aponta como um crente digno, pode buscar e obter os dons espirituais. Todavia, o crente carnal, que procura a piedade através de atalhos diversos, ou que motivado pela curiosidade procura obter tais fenômenos, esses são aqueles que terminam por obter um certo poder, embora de natureza «estranha» e negativa.

**Demonismo?** Não é de estranhar que muitas igrejas que buscam ambiciosamente os dons espirituais são aquelas que têm dificuldades com a possessão demoníaca? Por que não lhes ocorre que os mesmos

espíritos que os levam a falar em línguas, a curar, a profetizar, etc., são os mesmos que os possuem e que, finalmente, mostram sua malignidade moral levando-os a se sentirem psicológica e moralmente agitados, o que algumas vezes os leva à insanidade mental? Assim é que em uma reunião um espírito é expulso de alguém; mas, na próxima reunião, tudo se repete. Tudo isso é atribuído ao Espírito Santo, quando, na realidade, só se manifesta um «espiritismo» ignorante. Pelo menos os espíritas dizem apenas que entram em contacto com espíritos humanos de pessoas falecidas; e são suficientemente sábios para saber que alguns deles, pelo menos, são malignos. Mas na igreja, em sua infantilidade, não são tomadas essas precauções; e o resultado disso são muitas pessoas que terminam por sofrer de perturbações psíquicas. Tais fatos não podem ser ignorados, sem importar se pensamos que «espíritos humanos» estão ou não no fundo dessa questão. Ver o artigo sobre *Demônios*.

**II. Abuso do exercício dos dons espirituais.** Os versículos vigésimo nono e trigésimo do décimo segundo capítulo de I Cor. bem como o trecho de I Cor. 14:26, indicam que reinava grande confusão na igreja de Corinto, no tocante ao uso de supostos dons espirituais. Paulo deixa entendido que não cria que qualquer pessoa dali exercia genuinamente o falar em línguas, a interpretação de línguas, revelações, ensinamento de doutrinas, ou que naquela igreja se exercessem tantas manifestações espirituais ao mesmo tempo. Com base nesses versículos, pelo menos se pode chegar à conclusão de que havia fraude em Corinto; que nem todos eram o que se faziam ser; que havia heresias que envolviam seus supostos usos elevados dos dons espirituais. Outrossim, não há que duvidar que havia abusos de dons espirituais genuínos. Os crentes de Corinto, de acordo com suas pretensões e seu espírito altivo, usavam tais dons ou imitavam-nos em determinadas ocasiões, a fim de se exaltarem pessoalmente, e não a fim de glorificarem a Cristo. Por esse motivo é que todos precisavam estar preparados para fazer «qualquer coisa», assim supostamente demonstrando suas grandes habilidades espirituais. E então vemos que a confusão reinava. Não «esperavam» um pelo outro e nem respeitavam aos próprios irmãos. Todos falavam ao mesmo tempo e faziam esforço para ocupar o centro do palco, onde se focalizava a atenção de todos, o que não era um meio de exaltar a Cristo, mas a si mesmos. (Ver I Cor. 14:39-31). Sua ostentação havia abafado até mesmo seu bom senso de cortesia e decência. Haviam transformado a igreja local em um circo ruidoso, em vez de um solene santuário que visava à adoração a Deus. Com frequência, tal como em Corinto, quando a igreja local é transformada em um teatro, transforma-se em um «teatro sem valor». Quão verdadeiro é que, quanto a muitos aspectos, a igreja cristã se tenha transformado em um «teatrinho» qualquer, até mesmo onde ninguém reivindica o uso dos dons espirituais. Em tais lugares, sermões ostentosos, o louvor humano, a música mundana, etc., têm tomado o lugar de qualquer busca autêntica pela bênção e pelo poder espirituais. Por conseguinte, os capítulos 12-14 de I Coríntios, que procuram corrigir abusos, nas reuniões da igreja, são muito próprios para nossa época, tendo aplicação contra os mesmos abusos que eram conhecidos entre os crentes coríntios, e tendo outras aplicações gerais e secundárias contra as desordens nos cultos dos crentes antigos.

**III. Alternativos aos dons como manifestados no primeiro século.** Os abusos que observamos no movimento

## DONS ESPIRITUAIS

carismático de hoje, como a influência e possessão demoníacas, desordem geral nos cultos, fanatismo e exclusivismo, obrigam-nos a acreditar que, nos nossos dias, não se tem realizado nenhuma restauração dos dons do N.T. Forças alheias (e meramente humanas) parecem ser as causas dos fenômenos. Desta observação, concluímos o seguinte:

1. É **provável** que os processos históricos e espirituais tenham ultrapassado este tipo de expressão espiritual. I Cor. mostra, certamente, que este modo de expressão espiritual foi, desde o princípio, fraco e sujeito a abusos, e, portanto, não foi um método *ideal*. Nenhum versículo (inclusive I Cor. 13:10) pode ser usado para prever o fim destes dons. A «parousia» (segunda vinda de Cristo) está sob consideração como aquele acontecimento que terminará com os dons, como I Cor. 13:12 faz claro. A despeito disto, a própria experiência bem provavelmente tem mostrado que este método de expressão espiritual já tinha seu tempo. O que se chama «restauração» possivelmente baseie-se sobre forças meramente humanas e forças espirituais alheias.

### 2. As alternativas

a. A santificação diária ligada com a força transformadora da influência do Espírito, tão real como a força antiga, mas se manifestando em uma maneira mais segura, e sujeita a menos abusos. A espiritualidade de alguém pode ser desenvolvida assim, sem a prática de línguas etc. A espiritualidade de alguém pode ser desenvolvida sem a prática de milagres, como no caso de João Batista, maior dos profetas, que não realizou milagres.

b. O toque místico é real em todos que têm a presença do Espírito nas vidas deles. Este toque pode operar de maneiras *diferentes*. A meditação pode ser um meio para aumentar a nossa consciência da presença do Espírito e será um exercício espiritual para algumas pessoas. Todos os crentes devem praticar, cada dia, alguns momentos de meditação. Alguns serão chamados para usar mais diligentemente este método.

c. *Os meios do crescimento espiritual*, que nos fortalecem e nos preparam para servir, são os seguintes:

1. A oração

2. A meditação

3. O treinamento do intelecto nas coisas espirituais, isto é, o estudo.

4. Vivendo a lei do amor, que é a raiz e a prova da espiritualidade, como I João demonstra.

d. *No viver da lei do amor* — o exercício dos dons espirituais (como se manifestam diferentemente em cada indivíduo) para edificar a igreja (Efé. cap. 4), e para evangelizar (o livro inteiro de Atos).

3. **A continuidade dos dons espirituais.** Os dons espirituais são **necessários em todas as épocas** da igreja, porquanto o desenvolvimento da igreja depende dos mesmos (ver Efé. 4:8 e ss).

a. Os dons podem manifestar-se de *várias* maneiras, *diferentes* ou *iguais* do que se via no primeiro século cristão.

b. O progresso da espiritualidade poderá levar-nos além da mera restauração, em um avanço constante, especialmente no tocante ao abuso de certos dons como os milagres e línguas. Acredito, porém, que **algumas pessoas** praticam dons verdadeiros nos moldes do primeiro século.

IV. **Charismata: Os «dons espirituais».** Nota geral: O vocábulo grego «charismata» («graças espirituais»), com exceção do trecho de I Ped. 4:10, é um termo

usado exclusivamente pelo apóstolo Paulo, em todo o N.T. A forma singular dessa palavra, ou seja, *charisma*, é usada por esse apóstolo para referir-se à redenção ou salvação como dom gracioso de Deus (ver Rom. 5:15 e 6:23); mas também como um dom que capacita o crente a realizar sua adoração na igreja local (ver I Cor. 7:7); ou ainda como um dom especial que capacita o crente a cumprir certos ministérios particulares na igreja (ver I Cor. 12:28 e ss., que é o tema do esboço do estudo que se segue). Quanto a passagens escritas por Paulo, que falam sobre os «dons espirituais», ver Rom. 12:6-8 e I Cor. 12:4-11, 28-30. O décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios, que apresenta o amor cristão como o grande motivador de toda a ação cristã, inclui o uso dos dons espirituais. Já o décimo quarto capítulo enfatiza a profecia como o maior dos dons, e regulamenta o emprego dos dons espirituais nos cultos de adoração. (Ver também Efé. 4:7-12).

Os dons espirituais sempre subentenderam serviço prestado na igreja, a edificação da igreja. Os dons não eram dados meramente a fim de autenticar a natureza espiritual da igreja, embora talvez exercessem essa função secundária. Mas um dom não é dom enquanto a igreja não for ajudada, por seu intermédio, a crescer em Cristo.

Podemos dividir os dons em «miraculosos» e «não-miraculosos», embora a linha divisória entre essas duas classes nem sempre seja clara; e nosso conhecimento crescente parece sugerir que o termo «miraculoso» não pode ser bem aplicado em muitos casos. Tendemos por classificar como «miraculoso» tudo quanto é «extraordinário», e para o que não temos, no «presente», qualquer explanação. Mas as curas, por exemplo, certamente podem ser classificadas como «miraculosas»; as curas são efetuadas por uma espécie de energia, que pode deixar marcas em chapas de raios X. Todas as pessoas parecem possuir poder de curar até certo ponto; pois, pela força da vontade, pode-se fazer as plantas crescerem ou morrerem. Há pessoas altamente carregadas dessa energia. As curas, portanto, nem sempre requerem qualquer intervenção «divina», mas apenas uma exaltada manipulação de poderes, já existente sob a ordem dos homens. No entanto, há curas definidamente extra-humanas; em alguns casos a origem pode ser angelical; ou, em outros casos, o Espírito de Deus pode intervir pessoalmente. Em tais casos, poderemos reter corretamente a palavra «miraculoso». O mesmo tipo de distinção pode ser feito no caso das línguas, da profecia e dos prodígios que não estão diretamente relacionados às curas.

Talvez fosse melhor classificar os dons como *didáticos*, isto é, aqueles que estão diretamente relacionados ao ensino, à pregação; e *práticos*, isto é, aqueles relacionados aos ministérios práticos, que não se ocupam do ensino.

Quais são os *ministérios práticos* e seus dons? Existem cinco desses, que pertencem a essa classificação:

1. **Operação de milagres.** (Ver I Cor. 12:10, 28, 29). No grego encontramos a palavra «dynamis» (poderes). Paulo exercia esse dom, e «autenticava» assim seu apostolado e autoridade. (Ver II Cor. 12:12). Assim também autenticava ele o evangelho que pregava. (Ver Rom. 15:18 e ss.). De maneira lata, esse dom pode incluir a expulsão de espíritos malignos, e as curas (Atos 8:6 e ss. 13; 19:11 e ss), como também a ressurreição de mortos (Atos 9:36 e ss, 20:9 e ss). Vários outros prodígios podem ser incluídos, mais ou menos na categoria das coisas que Jesus fez, como a



## DONS ESPIRITUAIS

multiplicação dos pães, a transformação de água em vinho, e coisas similares. Nessa categoria cabem os «sinais» e «maravilhas» operados pelos apóstolos, a exemplo de Jesus (ver Atos 2:43 e 22).

**2. Dons de cura.** Temos aqui uma espécie de subcategoria da classe anterior, embora tão comum que possa ser distinguida da mesma. (Ver I Cor. 12:9,28,30). O dom supremo de Jesus, o Cristo, o qual, acima de todos os homens, era um curador, sendo ele o Grande Médico: (ver Mat. 4:23 e ss). Esse dom foi exercido pelos doze apóstolos quase desde o princípio (ver Mat. 10:1), bem como pelos setenta discípulos (ver Luc. 10:8 e ss). Isso também foi uma manifestação proeminente na igreja, após o Pentecoste (ver Atos 5:15 e ss. e Tia 5:14 e ss). Os escritos dos chamados pais da igreja mostram-nos que esse dom persistiu até mesmo depois que outros haviam desaparecido, nos séculos que se seguiram ao período apostólico. Hoje em dia as curas são generalizadas, não sendo propriedade exclusiva da igreja cristã.

O dom de curas, segundo se pode dizer, atua quando entra em operação o Espírito Santo, a despeito do «tipo» de poder que é «usado» para efetuar essas curas, mesmo que esse poder seja a capacidade inerente da natureza humana. Quanto ao fato pelo qual algumas pessoas não são curadas, nem mesmo por poderosos curadores, ao passo que outras pessoas, mais gravemente enfermas, são imediatamente curadas, ver no NTI as notas expositivas em I Cor. 12:9.

**3. Dons de ajudas.** (Ver I Cor. 12:28). O trecho de Atos 20:35 indica a natureza desse dom. Paulo exortou aos anciãos de Éfeso que ajudassem aos «fracos», aplicando as palavras do Senhor que disse que é melhor dar do que receber. O ofício de diácono foi trazido à existência especialmente com o propósito de ajudar aos necessitados. (Ver Atos 6:1 e ss). A caridade, na forma de «esmolas», era algo extremamente importante no judaísmo; e isso foi transferido para o cristianismo. Nas igrejas cristãs havia membros que eram impelidos pelo Espírito de Deus a terem um interesse especial e intuitivo pelos necessitados, que descobriam meios pelos quais essa necessidade podia ser aliviada. Talvez, em alguns casos, houvesse alguns que tinham recebido posses materiais suficientes para ajudá-los nesse seu ministério de misericórdia.

**4. Dons de governos.** (Ver I Cor. 12:28 e Rom. 12:8). No tempo de Paulo, a organização eclesiástica era mantida em um nível mínimo. Havia, pois, necessidade de pessoas dotadas de habilidades especiais na organização da justiça social, da administração e da ordem geral. Tais pessoas sabiam como dar conselhos acerca dos aspectos práticos do governo da igreja; e havia também aqueles que organizavam e dirigiam a igreja quanto a essas coisas. Um diácono ou um ancião mui provavelmente eram pessoas dotadas de tal modo que estavam em posição de exercer a autoridade necessária para tanto. Aqueles assim dotados tornavam-se oficiais da igreja, recebendo da congregação a autoridade necessária para cumprir os seus encargos, mediante o exercício de seus dons. É bem provável que as questões práticas, como a conduta da adoração pública, a compra e a venda de propriedades, a expansão das obras da igreja em outras áreas, como as escolas, os auxílios em favor dos pobres, etc., coubessem dentro dos governos, pois as pessoas assim dotadas sabiam o que fazer e como fazê-lo.

**5. Dom da fé.** (Ver I Cor. 12:9). O Espírito Santo pode efetuar e realmente efetua coisas poderosas em

favor da igreja, tanto dentro de si mesma como em sua expressão no mundo (ver Mat. 17:19 e ss). Existem pessoas dotadas de um poder de fé extraordinário, podendo valer-se do poder de Deus através de uma dedicação incomum que se expressa na forma de fé. As muitas manifestações de «fé» mostram que o exercício dos outros dons provavelmente é envolvido no caso de pessoas que também possuem fé em uma maneira especial, mediante o que são capazes de «curar», de «operar milagres», ou de fazer diversas outras coisas diretamente relacionadas aos dons espirituais. O dom da fé provavelmente também está envolvido no ministério do ensino. Alguns homens confiam em Deus de maneira incomum, na questão de conhecerem a Cristo, à sua Palavra, ao seu sistema espiritual; e, mediante essa fé, também convencem outros a confiarem nele. A fé, em qualquer nível, quando é realmente espiritual, é uma operação do Espírito. Mas há casos em que a fé se manifesta mais intensamente, de tal modo que pode ser corretamente classificada como um dom. E a fé, como um dom, permitiu que os perseguidos e os mártires fossem sustentados e se mostrassem perseverantes até o fim. É certamente um dom especial dos verdadeiros evangelistas.

Os dons alistados abaixo (de números 6 a 15) de alguma maneira estão relacionados ao ministério do ensino, isto é, à administração da Palavra, à mensagem de Cristo, sobretudo na igreja, embora não necessariamente limitados aos crentes. Em alguns casos estão em vista homens «dotados», bem como os dons particulares, que eles mesmos tinham, a fim de cumprir corretamente as suas funções.

**6. Apóstolos.** (Ver Luc. 6:12 no NTI, quanto a uma lista dos «apóstolos», bem como uma breve descrição a respeito deles. Ver Atos 14:4 quanto ao uso «lato» desse vocábulo. Ver Mat. 10:1 quanto ao «apostolado»). Tanto os apóstolos primários como os apóstolos secundários eram homens dotados; eram também presentes dados pelo Senhor à sua igreja, e agiam como autoridades especiais no seio da mesma. No texto à nossa frente, provavelmente ambas as coisas estão em foco. Esses eram as autoridades supremas na igreja, postos ali a fim de estabelecerem-na e manterem-na; portanto, sua autoridade pessoal precisava ser grande, era mister que possuíssem dons extraordinários, como a profecia, as curas, o governo, etc. Sendo indivíduos altamente dotados, eles mesmos serviam de dons especiais à igreja, quanto à sua iniciação, organização e propagação. O dom do apostolado também devia ser exercido entre os incrédulos. (Ver I Cor. 1:7). Esses gigantes da fé podiam convencer a muitos, conduzindo muitas pessoas aos pés de Cristo. O dom do apostolado, pois, servia de meio autenticador da mensagem de Cristo perante o mundo, demonstrando a validade de seu senhorio messiânico. Os apóstolos, sem igual, eram os «representantes» de Cristo, que deram prosseguimento à sua obra, após a sua ascensão. Assim é que Paulo era o apóstolo «dos gentios», ao passo que Pedro era o apóstolo «da circuncisão», isto é, dos judeus (ver Gál. 2:7 e ss). Portanto, cumpriam eles uma grande missão no mundo, como também na igreja. A igreja estava edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas. (Ver Efé. 2:20).

O poder dos apóstolos não era exercido autocraticamente, de modo absoluto, mas antes, democraticamente, conforme vemos em Atos 15:6,22. E os «anciãos» e «irmãos» estavam incluídos em quase todas as decisões. Somente Paulo parece ter exercido um poder que se aproximava da moderna idéia eclesiástica sobre os «apóstolos»; e a primeira epístola

## DONS ESPIRITUAIS

aos Coríntios mostra-nos que muitos membros de igrejas cristãs daquela época não reconheciam esse poder em Paulo; pois seu poder estava longe de ser «absoluto» nas igrejas. Porém, não há como negar que poderes especiais e transcendentais eram conferidos aos apóstolos, conforme também João 20:23 bem nos mostra. O caráter sem-par do ofício apostólico fica demonstrado pelos ingentes esforços de Paulo em comprovar a sua validade, conforme se vê em Gál. 1:2 e I Cor. 9:1 e ss.

**7. Profetas.** Esse é o mais importante ofício, depois dos apóstolos. Alguns dos apóstolos secundários, como Barnabé e Apolo, eram também «profetas»; e os apóstolos tinham o dom da profecia (ver as notas expositivas sobre o número 8, logo abaixo). Portanto, de alguma maneira, a distinção entre apóstolos (no sentido secundário) e profetas não era grande. (Ver I Cor. 12:2 e ss. Ver Atos 11:27, 15:32 e 21:9 e ss). Muitos profetas do N.T. parecem ter sido pregadores itinerantes, que iam de igreja em igreja, usando os seus dons para edificar a comunidade cristã em geral. Esses possuíam espontaneidade e poder, baseados na inspiração, e não eram meramente mestres de preceitos, contidos em tradições orais ou escritas. (Ver I Cor. 14:6,26,30 e ss). Algumas vezes os profetas prediziam o futuro; mas isso não era a parte central do ministério deles. (Ver Atos 11:28 e 21:10 e ss). Não obstante o fato de que eles tinham a capacidade de conhecimento anterior mostra-nos que, pelo menos alguns deles, possuíam dons psíquicos. De modo geral, são pessoas melhor capacitadas, «espiritualmente» falando. Sua função principal visava a edificação, a exortação, a consolação, a instrução, e tudo isso em um grau superior, segundo depreendemos do décimo quarto capítulo da epístola aos Coríntios.

**8. Dom da profecia.** Esse é o dom principal, a habilidade de usar certos poderes, a inspiração da mensagem, a qual transcende o que é meramente didático. Esse dom inclui o conhecimento prévio, mas envolve especialmente certo poder de ministrar ensino, instrução, consolo, ainda que em um nível superior ao do mestre ordinário, o qual é, essencialmente, transmissor de preceitos adrede conhecidos. O profeta pode falar por intuição, inspiração e revelação, mediante alguma forma de discernimento que ultrapassa o que é natural, através do dom sobrenatural do conhecimento.

Levantaram-se na igreja primitiva falsos profetas, provavelmente alguns dos quais eram psicicamente dotados, embora não usassem seu dom para defesa da justiça. Por essa razão foi mister avisar aos crentes que *pussem à prova* todas as coisas (ver I Tes. 5:20 e ss). Esse dom continuaria sendo útil se fosse genuíno, não forçado, embora o «cânon» das Escrituras estivesse já firmemente estabelecido. Pode-se aceitar que nenhuma «profecia» excederá aos limites da verdade revelada nos documentos básicos; mas a profecia pode contribuir bastante para interpretar tais verdades, além de abordar necessidades específicas da igreja local, envolvendo questões de ensino, questões morais, que pessoas mesmas dotadas não saberiam resolver com sucesso. Considerando-se o dom profético sob esse prisma, esse é um dom altamente desejável na igreja cristã moderna.

Com base nesse pensamento, pode-se ver que um bom profeta, que opere no seio da igreja cristã, pode ser meio para dar solução a vários problemas, trazendo luz para situações difíceis. Tal solução precisaria de tempo extraordinário se fosse usado somente o método comum do ensino. Mais do que isso ainda, a

verdadeira profecia exerce certa forma de poder e autoridade entre os irmãos que serve de meio poderoso para aproximar os homens mais ainda de Cristo, inteiramente à parte das mensagens faladas. Um profeta, pois, exerce um poder imediato maior, em uma igreja local, que um pastor comum. Por isso mesmo, o pastor que, ao mesmo tempo, é profeta, é um extraordinário presente para a igreja.

**9. Dom do discernimento de espíritos.** (Ver I Cor. 12:10). Diz Shore (in loc.): «O poder de distinguir entre as operações do Espírito Santo e as operações de espíritos malignos e enganadores (ver I Tim. 4:1 e I João 4:1)». Existem muitos indivíduos, dotados de poderes espirituais e psíquicos, que não pertencem ao reino da luz. Muitos existem que não confessam e nem aceitam a Jesus como Senhor. Profetas falsos causarão muita confusão na igreja cristã primitiva. Talvez as comunidades cristãs fossem um tanto infantis em sua aceitação de qualquer manifestação aparentemente sobrenatural. Ora, o dom do discernimento de espíritos servia de ajuda à igreja, para que esta pudesse distinguir o falso do verdadeiro, para que percebesse quando Deus opera através de um homem, ou quando atua algum outro «espírito», algum poder estranho, mais do que humano, mas mesmo assim estranho. Lemos em I João 4:1: «Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos, se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora». A grande distinção entre os falsos e os verdadeiros é se confessam a Jesus como Senhor, vindo na carne. (Ver as notas sobre I João 4:2 no NTI). Naturalmente, o gnosticismo é aqui particularmente referido. A palavra «...espírito...», provavelmente é uma alusão direta aos indivíduos «influenciados por algum espírito», o que indica, portanto, tanto o espírito do homem assim controlado como o espírito sobre-humano que controla aquele. — Pois existem outros «espíritos», além do Espírito Santo.

Talvez nenhum outro dom seja mais necessário na igreja, hoje em dia, do que esse, numa época em que tantas igrejas locais dos crentes se têm transformado em virtuais centros de espiritismo, a funcionarem sob o pendão de Cristo. Qualquer exercício dos dons espirituais, em uma congregação local, é perigoso sem o concurso do «dom de discernimento de espíritos», que controla aquela atividade. A própria ausência desse discernimento de espíritos serve de indicação da natureza estranha de muitos dos «espíritos» que operam entre as igrejas, hoje em dia. Pois se os dons fossem realmente provenientes do Espírito Santo, em qualquer dada igreja local, também deveria estar em funcionamento o dom de discernimento de espíritos, que visa conservar os crentes libertos de influências estranhas.

**10. Dom do ensino.** Esse dom está claramente relacionado ao dom da profecia, embora distinto do mesmo. (Ver I Cor. 12:28 e Rom. 12:7). Pois o mestre, a despeito de não falar por «revelação», ainda assim possui certa inspiração intuitiva. Seja como for, o mestre possui maior «discernimento» no sentido dos artigos de fé, nas doutrinas, nos ensinamentos em geral, que os membros ordinários da igreja, e esse discernimento extraordinário é um dom do Espírito de Deus, que quicá usa as habilidades naturais e a inteligência do crente por ele usado, conforme se verifica em alguns casos, mas que também excede tais habilidades naturais mediante um preparo sobrenatural. O mestre também se concentra sobre a instrução sistemática (ver II Tim. 2:2) no seio da igreja local, servindo de agente útil para edificar,

## DONS ESPIRITUAIS

consolar, repreender e encorajar. Acima de tudo, o mestre serve de agente que mostra aos homens como é Cristo, o que ele significa para nós, e como podemos cumprir nosso alto destino de sermos transformados segundo a sua imagem, retirando do baú coisas antigas e coisas novas.

Ao mestre compete concentrar-se em *saber* o que está ensinando. Deve conhecer as Escrituras em todos os sentidos: histórica, textual, crítica e expositivamente. Deve ser um *depositário* de conhecimento bíblico, e em nada ficará prejudicado se for pessoa bem informada sobre outros temas relacionados, na história e na filosofia, de tal modo a reconhecer o que está «*implícito*» em sua própria fé, e quais sejam os relacionamentos entre a mesma e outros sistemas de pensamento. Assim é que ele será um melhor mestre. É uma tragédia que em nossas modernas igrejas muitos dos chamados «*mestres*» passem de ano para ano sem jamais fazerem qualquer melhoramento em seu conhecimento ou em sua maneira de apresentar o que sabem. Esses tais dificilmente são mestres instruídos e inspirados pelo Espírito Santo.

**11. Dom da exortação.** (Ver Rom. 12:8). Temos aqui outro dom aliado ao do profeta e ao do mestre. Não há que duvidar que muitos «*profetas*» e muitos «*mestres*» exerciam esse dom. A alguns deles foram dados poderes «*persuasivos*» de amor, de compreensão, de simpatia, de capacidade de repreender o mal. O propósito desse dom é o de levar os crentes a uma expressão mais elevada da vida cristã, a uma mais íntima transformação segundo a imagem de Cristo. Trata-se de uma capacidade inspirada pelo Espírito, sendo, na realidade, uma capacidade de persuadir e de conquistar, de nível espiritual, baseada em um discernimento maior acerca de como se deve exortar, e por que tal exortação deve ser feita. Deve ainda incluir a «*consolação*», conforme a própria palavra o indica. Deve derramar o óleo da cura, e não apenas aplicar a vara da correção.

**12. Dom da palavra da sabedoria.** (Ver I Cor. 12:8). Aqui é focalizada a habilidade de compreender e de transmitir as coisas *mais profundas* do Espírito de Deus, de compreender os *mistérios cristãos*, como também a capacidade de transmitir a outros esse conhecimento. (Ver Rom. 11:33). É provável que também esteja em foco a aplicação da sabedoria a circunstâncias particulares, em que são resolvidos problemas difíceis, mediante a aplicação da sabedoria espiritual. Neste sentido, Salomão era supremamente possuidor desse dom. Não há razão para pensarmos que o «*discernimento intuitivo*», nos problemas da igreja e dos crentes individuais, não esteja incluso nesse dom da sabedoria. O «*discernimento*» através de meios espirituais está aqui em vista; e esse discernimento pode ter muitas aplicações. Provavelmente esse dom se aproxima e se mistura até certo ponto ao dom da profecia.

**13. Dom da palavra do conhecimento.** (Ver I Cor. 12:8). É bem provável que esse seja o dom espiritual do mestre. Acima de qualquer outro, o mestre possui «*conhecimento*» sobre a base e as aplicações de sua fé; e isso tanto através dos meios naturais do estudo como mediante a ajuda divina. O «*conhecimento*» deve aplicar-se tanto ao «*acolhimento*» como à «*compreensão*» do que é dito e ensinado na igreja, e sutilmente, através do Espírito Santo; mas igualmente inclui a «*transmissão*» desse conhecimento. O mestre se mostra supremamente dotado em ambas essas categorias. O «*conhecimento*» é algo intensamente desejável, pois, do contrário, não haveria qualquer dom especial relacionado ao mesmo; mas nada

representa, a menos que seja governado e ministrado sob a luz do amor. (Ver I Cor. 13:2). Também é verdade no tocante ao exercício de todos os dons espirituais, conforme esse citado capítulo foi especificamente escrito a fim de demonstrar. Nisso se vê a imensa importância do amor! Pois, por mais desejáveis que sejam os dons espirituais, nada representam, a menos que sejam inspirados e usados na atmosfera do amor.

**14. Dom de línguas.** (Ver I Cor. 12:10,28). No livro de Atos, as línguas do dia de Pentecoste foram idiomas estrangeiros, compreendidos por aqueles que ouviam aos cristãos primitivos (ver Atos 2:8). Paulo indica que pode haver línguas celestiais, dos anjos (ver I Cor. 13:1); mas também parece ter havido certa espécie de êxtase, em que é proferido algo que não representa qualquer idioma, mas que pode ser constituído apenas de «*sons*» (ver I Cor. 14:10-12). No livro de Atos, as línguas têm por propósito transmitir a mensagem cristã aos incrédulos; na primeira epístola aos Coríntios, visam a *edificação* da igreja (ver I Cor. 14:14-17), bem como o louvor a Deus. Em alguns casos, pelo menos, aquele que falava em línguas perdia o controle de suas faculdades intelectuais, (ver I Cor. 14:14,15), ou, pelo menos, não tinha compreensão consciente do que dizia. Ver o artigo sobre *Línguas*. Sabemos que esse fenômeno é anterior ao próprio cristianismo, e que nunca esteve confinado exclusivamente à igreja cristã, nem no princípio e nem em tempo algum; por igual modo, nem sempre esteve limitado a algo de caráter religioso ou espiritual. As línguas, como é possível, seriam puramente meios telepáticos.

**15. Dom da interpretação de línguas.** (Ver I Cor. 12:10,30). Esse é um corolário necessário ao falar em línguas, tal como o dom de discernimento de espíritos é corolário do dom profético. (Ver I Cor. 12:10 e 14:13,26,28). Essa função não depende de qualquer conhecimento natural, pois o termo indica muito mais do que o mero conhecimento de idiomas estrangeiros, ou a capacidade de alguém agir como intérprete. (Ver I Cor. 14:13). Visto que Paulo salientava a natureza prática de todos os dons espirituais, que visam «*edificar*», foi proibido o uso simples das línguas, à parte de sua interpretação, pelo menos durante as reuniões públicas dos crentes. (Ver I Cor. 14:27,28). Esses mesmos versículos não proibem o uso das línguas como um exercício, «*particular*», em que o crente louva a Deus em seu nível subconsciente; e isso lhe é útil ainda que não tenha conhecimento sobre o que ejacula. Porém, a igreja só pode tirar proveito das línguas se as compreender; e é através do dom de interpretação de línguas que estas podem ser entendidas.

Os crentes de Corinto tinham criado grande confusão, nos cultos de sua igreja, a ejacularem línguas sem haver quem interpretasse. Isso significava que ninguém era edificado. Por isso é que Paulo não aprovou as línguas, conforme eles usavam, dizendo que preferia falar «*cinco*» palavras com o seu entendimento, do que dez mil palavras sem o mesmo (ver I Cor. 14:19). Assim sendo, um simples mestre que se levanta e diz cinco palavras para instruir aos crentes é mais útil na igreja do que aquele que diz dez mil palavras em línguas, mas sem qualquer propósito instrutivo. Naturalmente, isso é típico dos exageros paulinos, embora seja uma ilustração altamente instrutiva; pois se alguém falasse cinco palavras a cada dois segundos em média, para que falasse dez mil palavras seriam necessários sessenta e seis minutos, isto é, mais de uma hora.

## DONS ESPIRITUAIS, HOMENS COMO

Os crentes de Corinto abusavam dos dons espirituais e de seu exercício. Glorificavam a si mesmos, porque possuíam esses dons; mas eram crentes carnisais. Para eles, pois, os dons espirituais não serviam de sinal de uma espiritualidade superior. Naquela congregação eram exaltados aqueles que exerciam os dons mais espetaculares, os quais eram transformados em *heróis*. Ora, isso foi o início da instituição do eclesiasticismo e nesse processo, foram retidos os officios mais elevados, embora o exercício dos dons espirituais se tenha perdido; e tudo isso para detrimento do próprio cristianismo.

Os dons espirituais são concedidos à parte da vontade, ou segundo o mérito espiritual? Parece-nos que no caso da igreja primitiva esses dons foram tão profusos que não assinalavam, necessariamente, qualquer grande avanço espiritual. Pode-se dizer, todavia, que normalmente os dons espirituais estão diretamente ligados ao progresso espiritual, à nossa busca, à nossa conformidade com a imagem de Cristo, ao nosso «desejo» de ser mais perfeitamente usados pelo Espírito Santo. Por essa razão é que Paulo aconselhou aos crentes de Corinto a buscarem, a desejarem, a cobiçarem os melhores dons espirituais. (Ver I Cor. 12:31). E isso lhes competia fazerem «intensamente». Ordinariamente, pois, a própria natureza dos dons espirituais, isto é, a edificação da igreja, indica que somente aqueles que são dignos de ocuparem posições de liderança podem ser dotados desse modo. Por conseguinte, o progresso e o desenvolvimento espirituais sempre estarão associados à recepção e ao uso dos dons espirituais.

Não existem autênticos «dons espirituais» à parte do «dom» do Espírito. Somente aqueles que se achegam a Cristo, que gozam das influências do Espírito de Deus, em alguma forma de batismo, sem importar se isso foi uma experiência bem definida ou não, podem possuir, na verdade, os dons espirituais. Imitações podem ser abundantes, e os dons provenientes de espíritos «estranhos» podem abafar até mesmo as manifestações autênticas do Espírito. Porém, nenhum dom espiritual verdadeiro pode ser possuído pelo crente a menos que tenha ele algum contacto inicial e real com o Espírito de Deus. (Quanto a notas expositivas sobre o «dom do Espírito», ver Atos 2:4 no NTI, onde também se considera a questão do «batismo do Espírito Santo»). Acima de tudo, nenhum dos dons espirituais é uma possessão automática dos «convertidos», embora seja uma verdade indiscutível que todos os crentes autênticos sejam habitação do Espírito de Deus. (Ver Rom. 8:9).

### DONS ESPIRITUAIS, HOMENS COMO

*Os Dons Espirituais cooperam com o propósito universal. Os homens como dons: Efésios 4:11 ss.*

1. O propósito de Cristo é restaurar e unir todas as coisas, Efé. 4:9,10.

2. É no seio da igreja, que Cristo exhibe pela primeira vez esse ministério, utilizando-se dela como o teatro de demonstração de como seus propósitos finalmente se cumprirão, aos olhos dos seres celestiais (ver Efé. 3:10).

3. A fim de produzir a unidade, a maturidade e a perfeição da igreja, ele confere dons espirituais aos homens, e então presentia *esses homens* bem dotados à igreja.

4. Efé. 4:12 informa-nos a razão pela qual ele faz isso: a perfeição é o alvo, a participação na natureza e nos atributos de Cristo; e assim a união com ele se consumará. Essa união, por sua vez, se ampliará até abarcar o universo inteiro. Esse é o mistério da

vontade de Deus.

«O Senhor, ao conferir homens dotados, determina providencialmente (como se vê, por exemplo, em Atos 11:22-26), ou diretamente através do Espírito Santo (como se vê, por exemplo, em Atos 13:1,2 e 16:6,7), os lugares de seu serviço. Alguns (igrejas ou lugares) precisam de um dom, como, por exemplo, o de evangelista; e *alguns* (igrejas ou lugares) precisam de outro dom, como o de pastor e mestre. Absolutamente nada do serviço cristão, é deixado ao critério do julgamento humano. Os próprios apóstolos não tinham a permissão de escolher o seu lugar de serviço (ver Atos 16:7,8)». (C.I. Scofield).

Deus primeiramente deu Cristo à igreja, para ser o seu Cabeça (ver Efé. 1:22,23); em seguida deu o «alter ego» de Cristo, o Espírito Santo, para que residisse na igreja, executando a missão de Cristo na mesma (ver Efé. 2:21,22; II Cor. 3:18 e Atos 2:4). Além disso, por meio do Espírito Santo, ele dá dons aos homens (ver o capítulo doze de Romanos e os capítulos doze a catorze da primeira epístola aos Coríntios); e, finalmente, o Espírito dá homens dotados à igreja. O alvo de tudo isso é que a igreja possa crescer espiritualmente, a fim de finalmente atingir a plenitude de Cristo (ver Efé. 1:23), a sua completa estatura (ver Efé. 4:12,13) e a plenitude do próprio Deus (ver Efé. 3:19). E assim se pode apreciar a vasta importância dos dons, pois são meios presentes de concretizar esses elevadíssimos propósitos.

#### I. Os Dons: Offícios

Segundo cremos, a lista abaixo apresenta, pelo menos de maneira geral, a estimativa do autor sagrado sobre a importância relativa dos vários officios espirituais na igreja:

1. **Apóstolos.** Ver o artigo sob este título. É quase certo que Efé. 4:11, ao usar esse termo, restrinja-o ao officio dos apóstolos originais. O escritor honrou especialmente os officios do apostolado e da profecia, porquanto já havia mostrado que esses officios são o «fundamento» da igreja, em Efé. 2:20. Para Paulo, esses dois officios se revestiam de significação toda especial. Talvez os «profetas» por Paulo referidos sejam aqueles do A.T., e nesse caso apenas os apóstolos seriam considerados como investidos de um officio único. Seja como for, a autoridade que antes esjivera investida no sinédrio, que entre os judeus da época apostólica inicial era considerado como a autoridade religiosa máxima, entre os cristãos estava investida nos apóstolos e profetas. O evangelho de Mateus, que provavelmente foi escrito após a destruição de Jerusalém (no ano 70 D.C.), ao procurar uma autoridade que suplantasse o poder então desaparecido do sinédrio, encontrou-o em Pedro, como «primus inter pares», dos apóstolos (ver Mat. 16:18 e ss). Todavia, o evangelho de João reflete um ponto de vista mais amplo, investindo todos os apóstolos, e não somente Simão Pedro, dessa autoridade (ver João 20:22,23). E a epístola aos Efésios amplia ainda mais a visão nesse sentido, incluindo os «apóstolos e profetas» nesse quadro (ver Efé. 2:20). Todavia, referindo-nos somente aos apóstolos, consideremos os pontos seguintes:

1. Os apóstolos são chamados *fundamento* da igreja (ver Efé. 2:20).

2. Os apóstolos foram os receptores originais da revelação cristã distintiva (ver Efé. 3:5).

3. Portanto, devido à sua natureza e caráter sem-par, esse officio apostólico não pode ser transferido. Portanto, a noção de «sucessão apostólica» é um dogma humano, e não uma doutrina do

## DONS ESPIRITUAIS, HOMENS COMO

N.T. Entretanto, em sentido secundário, ainda há apóstolos, homens de elevada autoridade conferida por Deus, os quais têm a cumprir serviços especiais de grande importância na igreja.

Os apóstolos originais, porém, eram: 1. Testemunhas especiais da ressurreição de Cristo. 2. Ministros especiais que agiam como representantes de Cristo, efetuando sua obra. 3. Estavam dotados de poderes especiais, tanto na organização como na edificação da igreja cristã, sendo poderosas figuras evangelizadoras cujo trabalho tendia a multiplicar o número dos participantes da igreja.

«As marcas distintivas de um apóstolo eram: uma comissão direta da parte de Cristo; testemunhas da ressurreição; inspiração especial; autoridade suprema; confirmação por milagres; comissão ilimitada para pregar e fundar igrejas». (Vincent, *Efé.* 4:11).

«Suas características eram a chamada da parte do próprio Cristo (ver *Gál.* 1:1); a operação de milagres (ver *II Cor.* 12:12); a superintendência das igrejas em todas as terras (ver *Mat.* 28:19 e *II Cor.* 11:28); e, principalmente, o fato de serem testemunhas oculares da ressurreição de Cristo (ver *Atos* 1:22 e *I Cor.* 9:1)». (Faucett, em *Efé.* 4:11).

**2. Profetas.** (Ver no NTI, notas expositivas completas sobre os «profetas do N.T.» em *Atos* 11:27). Ver o artigo sobre «Profetas». O trecho de *I Cor.* 12-14 exalta o dom da «profecia» acima de todos os demais dons do Espírito, por tratar-se da maneira suprema de exaltar a Cristo e de edificar a igreja. Naturalmente, os apóstolos possuíam esse dom; mas havia indivíduos especiais que também possuíam esse dom. O trecho de *Efé.* 2:20, segundo a interpretação de alguns, faz os profetas terem parte no fundamento da igreja, juntamente com os apóstolos.

Os profetas falam por inspiração direta, no uso de seu dom; e assim, além de serem mestres, estavam revestidos de maior autoridade que os mestres ordinários, os quais comumente falavam alicerçados em grande tesouro de conhecimentos adquiridos pelo estudo ou pela inspiração divina, posto que não através de revelação direta. Os profetas predizem o futuro (ver *Atos* 21:11,12), o que é natural para aqueles dotados de dons psíquicos e espirituais; mas são dotados do poder especial da predicação, da revelação de verdades profundas. Essa é a sua função precípua.

**3. Evangelistas.** Ver o artigo sobre *Evangelistas*. Os evangelistas eram os «missionários», pátrios ou estrangeiros. Algumas traduções, como a de Goodspeed, dizem mesmo «missionários», neste ponto. Os apóstolos eram evangelistas, e muitos profetas também o eram; mas, além desses, havia outros, especialmente talentosos, dotados do dom da fé, da exortação e de outras manifestações espirituais apropriadas para seu ofício, que eram presenteados à igreja para multiplicá-la em número. O grupo dos evangelistas era aquele que efetuava a missão evangelizadora da igreja entre os judeus ou os gentios, em posição subordinada aos apóstolos. Geralmente os evangelistas não estavam limitados a qualquer comunidade cristã local, mas foram de lugar em lugar, estabelecendo novas congregações locais, conduzindo os homens à fé e à conversão a Cristo.

Devemos observar que na categoria registrada em *I Cor.* 12:26, o «terceiro» lugar é conferido aos «mestres». Na passagem de *Efé.* 4:11, entretanto, os «evangelistas» ocupam essa posição. Além disso, a lista da primeira epístola aos Coríntios não menciona especificamente os *evangelistas*, embora diversos dos dons espirituais ali aludidos sejam instrumentos

necessários para o evangelismo, o que nos dá a entender que essa função evangelística realmente existia no seio da igreja cristã primitiva. Outrossim, nem na primeira epístola aos Coríntios e nem na epístola aos Efésios se vê qualquer tentativa de enumerar todas as gradações do ministério cristão. Por exemplo, nenhum desses livros inclui os «diáconos», o que, naquele tempo, já era um ofício distintivo na igreja, e apenas a epístola aos Efésios menciona especificamente aos «pastores».

**4. Pastores.** Homens dotados de conhecimento, poderes de consolação, entendidos em governo, simpatia com os problemas dos outros, conhecimento para continuar o trabalho do evangelista.

**5. Mestres.** Quanto a comentários sobre «o ensino na igreja», ver *I Cor.* 14:26 no NTI. Devemos observar que o ensino, juntamente com o evangelismo, faz parte da original Grande Comissão de Cristo à sua igreja. (Ver *Mat.* 28:20 quanto à importância do «ministério do ensino»). Tanto os apóstolos como os profetas eram mestres, e nenhum pastor pode ser um verdadeiro pastor se não for apto para ensinar (ver *I Tim.* 3:2,11). Notemos que não há artigo antes da palavra *mestres*, no original grego, razão pela qual alguns supõem que isso salienta uma única categoria, pastores e mestres seriam aspectos de uma mesma função. Mas parece que isso é exagerar a importância da omissão do artigo, no que diz respeito ao grego helenista. Assim sendo, duas classes, e não uma só estariam aqui em foco. Não obstante, é verdade que o pastor também deve ser mestre, pois boa parte de seu trabalho é o ensino. «Nenhum homem é apto para ser pastor se não souber ensinar; e o mestre precisa do conhecimento que a experiência pastoral confere». (Vincent, em *Efé.* 4:11). Todavia, existe o dom distinto do ensino. Alguns têm maior discernimento quanto aos significados, capacidades intelectuais maiores dadas por Deus. Esses são guardiães do «conhecimento», possuidores de habilidades naturais e conhecimento. Os mestres também têm um entendimento natural e intuitivo da verdade, embora talvez não recebam revelações diretas, como no caso dos profetas. A tarefa dos mestres é a de transmitir conhecimento, inspirar aos crentes com grandes verdades, e assim, através da instrução geral conferida à igreja, contribuir para levar os crentes para mais perto do ideal da imagem de Cristo: porque levam os homens a perceber a grandiosidade de Cristo, os seus propósitos no mundo, a responsabilidade do crente individual como membro da comunidade cristã e a necessidade de santidade e consagração.

## II. Desenvolvimento Histórico

Os **ofícios ministeriais tiveram certo desenvolvimento histórico na igreja primitiva**. A primeira epístola aos Coríntios, escrita antes da epístola aos Efésios, apresenta a maioria dos dons mediados através de «funções», ao passo que pastores e diáconos não são mencionados. Mas a epístola aos Efésios, que apresenta os dons segundo são expressos em «homens dotados», já investidos de ofícios específicos nas igrejas, mostra certa progressão no desenvolvimento do governo da igreja. Já nas epístolas pastorais encontramos «bispos» ou anciãos e «diáconos», uma nova etapa no desenvolvimento da formalização dos ofícios ministeriais da igreja. Quando da primeira porção do século II D.C., conforme se depreende dos escritos de Clemente de Roma e de Inácio, esse aspecto organizacional da igreja já estava bem desenvolvido. Contudo, ainda não havia a forma moderna de governo virtual de um único homem nas

assembléias locais, e muito menos a maquinaria eclesíastica que surgiu pouco mais tarde, que finalmente deu origem a um «clero» ou classe sacerdotal profissional, em distinção do corpo laico da igreja.

### DONUM SUPERADDITUM

Essa expressão vem do latim e significa dom sobrenatural ou adicional. Esse foi um conceito desenvolvido por Atanásio, e, posteriormente, por Tomás de Aquino, com base, naturalmente, em ensinamentos bíblicos. O ser humano, mesmo após a queda no pecado, retém certos dons naturais que podem guiar e enriquecer sua vida. Porém, além disso, há dons sobrenaturais, adicionais, que Deus confere aos homens, a fim de que possam conhecê-lo, vivendo de maneira aceitável. O homem, mesmo caído tem ainda a capacidade de praticar as virtudes naturais da prudência, da justiça, da coragem e do autocontrole, embora tendo perdido a capacidade de atingir a visão de Deus ou de viver em conformidade com as virtudes cristãs da fé, da esperança e do amor. Nas mãos dos eruditos católicos romanos, os dons adicionais requerem a mediação dos sacramentos. Para os evangélicos, no entanto, a obra do Espírito é que os adiciona, porquanto fazem parte integrante da conversão e da santificação. Muitos reformadores protestantes, entretanto, foram até um ponto extremo, em sua doutrina da total depravação, chegando a negar a presença de qualquer virtude apreciável restante no homem. Entretanto, em suas Institutas (2.2), Calvino toma a posição católica, embora sem a intervenção dos sacramentos. Entretanto, ele negava que as habilidades e virtudes naturais do homem, embotadas mas não perdidas na queda no pecado, tenham qualquer poder de levar o homem à salvação. Isso é obra exclusiva do Espírito de Deus, porquanto o homem natural seria tão cego como uma «toupeira». Um homem, mesmo sem a regeneração, pode viver acima dos animais, mas jamais poderá atingir a posição celeste sem a graça pura de Deus e o ministério do Espírito.

### DOQUE

No grego, *dok*, corrompido para *Dagon*, em Josefo (*Anti.* 18.8,1), mas que em outras fontes literárias, aparece como *docus*. Esse era o nome da fortaleza construída (reconstruída?) por Ptolomeu, filho de Abubo. Ficava a noroeste de Jericó. O nome tem sido preservado no moderno local chamado 'Ain Duq, a seis quilômetros e meio a noroeste de Jericó. Porém, o antigo local tem sido identificado com Jebel Qarantal. Ptolomeu recebeu Simão Macabeu e seus filhos, Matatias e Judas, nessa fortaleza, tendo-lhes servido um grande banquete. Todavia, tudo envolvia um conluio, porquanto, depois de terem comido e bebido, os homens de Ptolomeu mataram-nos (I Macabeus 16.15). Essa fortaleza ficava situada em um local estratégico, de onde podiam ser guardadas as vias de acesso até à região montanhosa central.

### DOR (CIDADE)

No hebraico, «habitação» ou «círculo». Era o nome de uma cidade às margens do mar Mediterrâneo. Jerônimo localizou-a a nove milhas romanas ao norte de Cesaréia. Nos tempos antigos, era uma das cidades reais dos cananeus (Jos. 11:2; 12:23), e estava incluída no território dado à tribo de Manassés (Jos. 17:11). Os fenícios gostavam do lugar, por causa da abundância

de conchas ao longo da costa marítima, o que era uma grande fonte de púrpura. Perto do fim do segundo milênio A.C., era habitada pelos tíqueres, um povo voltado para as lides marítimas. Na época de Josué, o rei de Dor deu apoio a Jabim, rei de Hazor, quando este combateu Israel sem sucesso, nas águas de Merom (Jos. 11:2 ss; 12:23). O território foi dado à tribo de Manassés, mas eles foram incapazes de apossar-se totalmente do mesmo, até que, finalmente, Israel o conquistou. E seus habitantes foram reduzidos à escravidão (Jos. 17:11 ss, Juí. 1:27). Em tempos posteriores, os homens de Efraim apossaram-se da região (I Crô. 7:29); e Salomão fez da mesma um distrito administrativo de seu reino. Em cerca de 744-727 A.C., Tiglate-Pileser III, da Assíria, conquistou a região, estabelecendo sobre a mesma a sua hegemonia. Foi assediada em 219 A.C. por Antíoco, o Grande. Mas este foi forçado a concordar com um período de trégua, por causa dos exércitos egípcios em avanço. Os Ptolomeus exerciam seu controle sobre a região, — até cerca de 200 A.C., mas os Selêucidas fizeram dela uma cidade livre. Antíoco VII (I Macabeus 15:10-25) atacou-a e subjugou-a. Subseqüentemente, a cidade foi reconstruída, declarada livre e foi unida à província da Síria, pelo romano Pombeu (64 A.C.). Tem sido identificada com a atual cidade de Tantura, cerca de treze quilômetros ao norte de Cesaréia.

### DOR (SOFRIMENTO)

Ver os artigos separados sobre o *Sofrimento* e sobre o *Problema do Mal*. Por que razão os homens padecem? E por que os homens sofrem da maneira como sofrem? Por que os homens bons sofrem, ao passo que os ímpios são poupados da dor? Como teve começo o sofrimento dentro da criação? Essas são perguntas que sempre deixaram perplexas as almas dos homens. Em um sentido especial, a dor é uma sensação que independe do toque, e que tem seus próprios centros receptores. O corpo de um homem é bem equipado para manifestar dor, embora isso vise à sua proteção. Um corpo que não sentisse qualquer dor não demoraria a ficar mutilado, em face de injúrias graves. Devido à ausência da dor, na carne onde a lepra já fez o seu trabalho, os dedos e os artelhos com frequência se perdem, por causa de acidentes. Isso envolve uma certa lição espiritual. As pessoas que se tornam insensíveis diante dos estragos feitos pelo pecado acabam sofrendo alguma grande e irreparável perda. Drogas como a morfina operam fazendo aliviar a sensação da ansiedade. Não sentimos dores quando estamos sob grande tensão, quando a dor torna-se inútil como um aviso. A dor não é uma advertência perfeita, por conseguinte. Em certas enfermidades fatais, como o câncer, nenhuma dor é sentida até que já é tarde demais. Em outras ocasiões, há muitas dores por pequenas razões. A persistência da dor ocorre mais claramente quando a vítima tem plena consciência de um problema físico, mas nada pode fazer a respeito. Contudo, a dor pode enobrecer (ver Atos 5:41), embora, em muitos casos, sirva somente para amargar o indivíduo. A dor e a enfermidade podem apresentar a oportunidade para um maior crescimento e serviço espirituais; mas é mister que, para tanto, o sofredor seja uma pessoa espiritual e de bem. Ver João 9:2 e II Cor. 12:7 ss.

### DORCAS

Tradução grega do termo aramaico *Tabthá*. No aramaico e no grego significa «gazela». Ela era uma

crente conhecida por seus atos de caridade, e que era elemento importante da igreja cristã de Jope (Atos 9:36). O seu nome duplo provavelmente indica que ela era uma judia helenista, que se convertera ao cristianismo. Os gregos chamavam-na Dorcas, e os judeus, Tabita. Ela entrou no drama do livro de Atos por meio de seu falecimento. Quando ela morreu, dois membros da igreja foram enviados a Lida, atrás do apóstolo Pedro. Ele seguiu imediatamente para Jope, e, seguindo o exemplo de Jesus (Mat. 9:25), fez sair todos os que lamentavam pela morte de Dorcas. Seu corpo já havia sido lavado e posto em um cenáculo, ou quarto de andar superior. Pedro ajoelhou-se e orou. Quando ele deu uma ordem, ela voltou à vida. A cena foi deveras impressionante, e muitos habitantes da cidade converteram-se a Cristo, em face da mesma. Os céticos podem falar em estados de coma ou de catalepsia; mas, atualmente, os próprios cientistas estão investigando o fenômeno do retorno à vida após a morte clínica. Algumas pessoas, de modo bem definido, têm não somente o direito, mas até o dever de retornar à vida física, após já terem entrado nos estágios iniciais da morte, mesmo depois que o espírito já se separou do corpo. A vontade de Deus está envolvida em tudo isso, bem como a questão da missão dada a cada indivíduo. Pois nem todos os que morrem já cumpriram sua finalidade na vida. Supomos que a oração de Pedro foi atendida por estar de acordo com o propósito que Dorcas tinha, em sua vida. Se tivesse chegado o seu tempo, de acordo com a vontade de Deus, para ir para a pátria celeste, Pedro não teria podido chamá-la de volta à vida. Ver o artigo sobre *Experiências Perto da Morte*, quanto a uma completa descrição do que se sabe atualmente sobre o processo da morte, e quanto às provas de que os mortos, ocasionalmente, voltam à vida!

#### DONER, AUGUST JOHANNES

Suas datas foram 1846-1920. Foi um filósofo teólogo alemão. Foi professor em Konigsburg. Procurava harmonizar a teologia à filosofia, supondo que, na metafísica, as duas ciências aproximam-se e até se apoiam mutuamente. Ele se interessava pelas provas filosóficas da existência de Deus e pela ontologia, como meio do homem investigar as realidades superiores da existência.

#### DORNER, ISAAC AUGUST

Suas datas foram 1809-1884. Foi um eminente teólogo luterano alemão, que ensinou nas Universidades de Tubingen, Kiel, Konigsberg, Bonn, Göttingen e Berlim. Escreveu obras valiosas, incluindo *The History of the Development of the Doctrine of the Person of Christ*; *The History of Protestant Theology*; e *Christlich Glaubenslehre*. Tornou-se conhecido por seu caráter cristão, por seu ensino brilhante e por seus criativos conceitos teológicos. Mostrou-se ativo na liderança eclesiástica, e esforçava-se em prol da unidade do cristianismo.

#### DORT, SÍNODO DE

Esse sínodo durou de 13 de novembro de 1618 a 9 de maio de 1619. Foi convocado pelo estadista geral da Holanda, a fim de pronunciar-se sobre a controvérsia arminiana. Supostamente foi uma espécie de concílio geral de igrejas de orientação calvinista. O número maior de delegados era da própria Holanda, e apenas comparativamente poucos eram de outros países, pelo que não foi, realmente,

um concílio ecumênico, protestante. Ver o artigo geral sobre os *Concílios Ecumênicos*. Questões políticas estavam envolvidas. Os arminianos eram republicanos, e os calvinistas estavam interessados em apoiar o poder centralizado do príncipe Maurício. Porém, — esse príncipe e seus seguidores — controlavam tudo. Portanto, por voto unânime, os cinco artigos da *Remonstrância* (que vide) foram condenados, e os ministros arminianos foram depostos. Uma outra batalha teológica, pois, obscuria as páginas da história eclesiástica. Os Cinco Pontos do Arminianismo (que vide), haviam sido formulados pela Remonstrância, em 1610. Esses eram combatidos pelos Cinco Pontos do Calvinismo (que vide), e o sínodo declarou-se em favor destes últimos. Foi afirmada a posição infralapsária (que vide); o decreto da eleição ocorreu após a queda. As decisões desse sínodo foram largamente apoiadas pelas igrejas reformadas.

#### DOSITEU, APOCALIPSE DE

Esse é um documento gnóstico que faz parte da literatura Nag Hammadi. Ver o artigo geral sobre os *Livros Apócrifos, Novo Testamento*. Essa obra particular ainda não foi publicada. É o último dos cinco documentos do códex VIII. Refere-se às três colunas de Sete. O *Apocalipse de Zostriano* aparentemente também alude a essas colunas. São hinos religiosos, cada qual com três páginas de texto escrito. Houve uma personagem histórica, Dositeu, que as pseudoclementinas chamam de rival de Simão, o Mago; porém, não há razão alguma para ligarmos o mesmo a esse apocalipse, como seu autor. Talvez o seu nome tenha sido tomado por empréstimo, a fim de conferir-lhe maior autoridade.

#### DOSTOIEVSKI, FYODOR MIKHAYLOVICH

Suas datas foram 1821-1881. Escritor russo, nascido em Moscou. Formou-se pela Escola de Engenheiros Militares de Petersburgo. Abandonou a carreira militar para dedicar-se à literatura. Sua primeira novela, *Gente Pobre*, estabeleceu a sua reputação como autor. Tornou-se um ativista político, interessado por reformas sociais; e, por causa disso, foi condenado à pena de trabalhos forçados na Sibéria. Vários anos de extremo labor físico e de sofrimentos o transformaram. Tornou-se opositor do ateísmo materialista e do nihilismo, que tanta influência exerciam sobre a civilização européia. Escreveu o livro intitulado *A Casa da Morte* (1861), após ser libertado do exílio, contando seus anos de sofrimentos. Porém, passou por muitas dificuldades financeiras, e teve de exilar-se novamente, a fim de escapar de seus credores. Estando no exílio, escreveu outros livros que tiveram larga influência, incluindo: *Memórias Subterrâneas*; *Crime e Castigo*; *O Jogador*; *O Idiota*; *O Marido Eterno*. Em 1871 voltou a Petersburgo, e deu início a uma vida nova e influente. Foi então que escreveu sua novela mais importante, *Os Irmãos Karamozov*. Ele exerceu forte influência tanto sobre a literatura como sobre a teologia contemporânea. Karl Barth tomou por empréstimo algumas de suas idéias, que usou em seus ataques contra o idealismo humanista moderno. Barth também tomou por empréstimo alguns discernimentos de Dostoiévski acerca do pecado e da graça divina.

#### DOTÁ

No hebraico, «duas fontes», ou «dupla festa». O

## DOTÁ — DOTE

nome dessa cidade figura por três vezes no Antigo Testamento: Gên. 37:17 e II Reis 6:13. Ficava localizada cerca de noventa e sete quilômetros ao norte de Jerusalém e a vinte e um quilômetros ao norte de Samaria. Por ali passava uma rota de caravana que ia da Síria ao Egito, cerca de dezoito quilômetros ao norte de Samaria. A região era bem conhecida por sua excelente pastagem. Foi ali que José foi forçado a ir para o cativeiro, ao ser vendido por seus irmãos. Jacó tinha-o enviado atrás de seus irmãos, que estavam cuidando dos rebanhos naquele lugar (Gên. 37:13-17). Estavam dispostos a tirar-lhe a vida, movidos por forte sentimento de inveja e ciúmes e puseram-no em um poço sem água, talvez com a intenção de deixá-lo morrer à míngua. Mas Rúben, que se opunha ao plano, tinha-se referido ao poço, simplesmente a fim de livrá-lo da morte, pretendendo retirá-lo dali na primeira boa oportunidade. Em meio a todo esse drama, passou por ali uma caravana de ismaelitas, a caminho do Egito. Portanto, foi decidido que José seria vendido aos caravaneiros. Foi o que fizeram, e José foi levado para o Egito, o que começou a armar o palco do cativeiro de Israel naquele país. Para o livramento de seus descendentes, foi mister Deus levantar Moisés. O incidente teve lugar entre 1900 e 1800 A.C.

Mil anos mais tarde, aquele mesmo lugar foi cena das atividades do profeta Eliseu, visto que ele fixou residência ali. Foi ali que o rei da Síria cercou a cidade de Dotá na tentativa de deter o profeta, que estava revelando, por meio de seu discernimento, os planos militares dos sírios ao rei de Israel (II Reis 6:8-14).

**Fora da Bíblia.** O nome Dotá tem sido encontrado nas inscrições egípcias do rei Tutmés III (1490-1436 A.C.). Essa inscrição informa-nos de que essa cidade era um dos lugares dos quais os egípcios cobravam tributo. Os trechos do livro apócrifo de Judite 3:9; 4:6 e 7:3 trazem esse nome, ligado às campanhas militares de Holofernes, durante o período intertestamental. Eusébio, já dentro da era cristã, menciona o lugar em suas listas de localidades da Palestina (*Onomasticon*, 76:13).

**Escavações.** O arqueólogo Joseph P. Free e a sua equipe, incluindo sua esposa, começaram as escavações nesse lugar em 1953. Descobriram um cômodo em uma estrada, cerca de noventa e seis quilômetros de Jerusalém, e as escavações foram frutíferas. Foram descobertas moradias do milênio entre 3000 e 2000 A.C. A cidade que ali havia foi destruída e reconstruída por muitas vezes, durante esse período. Nada menos de sete cidades diferentes foram encontradas. Uma delas era uma fortaleza com uma grande muralha que, provavelmente, tinha 7,60 m de altura e cerca de 3,30 m de espessura, na base. A parte superior restante tinha 2,75 m de espessura.

Do período patriarcal (2000-1600 A.C.), pertencente à idade do Bronze Médio, foi desenterrada uma cidadela que tinha dez aposentos, com paredes com 1,20 m de espessura. O lugar era pesadamente fortificado, o que muito revela sobre a violência que prevalecia na época. Muitas outras descobertas fornecem detalhes sobre a cidade daquele tempo, que tem sido identificada com a era de José, filho de Jacó.

Dois níveis datam da idade do Bronze posterior (1600-1200 A.C.). Muitos artefatos e partes de construções foram desenterrados. Um interessante item era um túmulo, escavado na rocha. Evidentemente era um túmulo de família, usado durante cerca de trezentos anos. Ali foram encontradas seiscentas candeias de barro, o que talvez atesta sobre o número

de pessoas ali sepultadas. Foram encontrados oitenta esqueletos e mais de três mil e duzentos objetos de cerâmica como lâmpadas, jarras, taças, cântaros, e, de fato, todo tipo de vaso que se usava na época. Também havia ali armas como lanças e adagas, e muitas espécies de ferramentas, como formões.

Dois outros níveis, datados do período do Ferro I (1200-1000 A.C.), são paralelos da época dos juízes. O túmulo mencionado no parágrafo acima continuou a ser usado no início desse período. Um outro túmulo foi encontrado nas proximidades. Produziu quinhentos objetos similares àqueles descobertos no primeiro túmulo.

Quatro níveis datam do período do Ferro II (1000-600), — correspondente ao período da monarquia de Israel. Um edifício de administração foi desenterrado, contendo muitas jarras para guardar mantimentos, provavelmente para conter o azeite pago à guisa de impostos, além de outros produtos. O edifício tinha paredes de 1,20 m de espessura, e um tipo de sistema de drenagem ou esgoto que não diferia muito do sistema inglês do tempo da rainha Isabel, de cerca de três mil anos mais tarde. A cidade desse período provavelmente foi destruída pelos assírios que levaram Israel em cativeiro.

O período persa (500-300 A.C.) não produziu muita coisa. É provável que a cidade tenha declinado de importância, refletindo a desolação e a destruição que tivera lugar.

O período helenista (300-50 A.C.) tem sido confirmado por muitas descobertas, partes de edificações, cerâmica e inscrições. Um caco tinha uma estampa com as letras *sc*, isto é, *senatus consultus*, uma reversão do usual *consultus senatus*, que significa «aprovado por consulta», diante do senado romano.

O período bizantino (300-500 D.C.) também estava representado na porção mais alta do cômodo. Foram encontrados restos de edifícios de um período posterior, incluindo um palácio fortaleza da época medieval (séculos XII-XIV D.C.). Havia edifícios elaborados, com muitos aposentos em torno de um pátio. Restos árabes também foram descobertos, pertencentes a esse período. O período árabe cabe entre 600 e 1100 D.C. O cômodo inteiro recebeu o nome de *Tell Dotha*.

Até o dia de hoje os pastores vêm do sul da Palestina àquela região, a fim de dar água e pasto a seus rebanhos, conforme fizeram os irmãos de José, há muitos séculos atrás. Os céticos modernos duvidavam que os pastores viajassem para fora do vale de Hebrôm, há quase cento e trinta quilômetros de distância, para virem àquela região. Um dia, porém, o arqueólogo Free encontrou noventa rebanhos na estrada que vem de Jerusalém, aproximando-se de Dotá. Muitos desses rebanhos tinham vindo da região entre Hebrôm e Jerusalém. Portanto, o registro bíblico é correto, no tocante a esse item. FRE (1953-1960).

### DOTAIM

Ver sobre Dotá.

### DOTE

No hebraico temos duas palavras diferentes: *Zebed*, «dote», usada somente em Gên. 30:20. E *mohar*, usada por três vezes: Gên. 34:12; Exo. 22:17; I Sam. 18:25. A primeira delas olha mais para o dote como



um presente; e a segunda mais para o dote como o preço pago por uma esposa.

Era costume, no Oriente, que um noivo oferecesse ao pai da noiva certa soma em dinheiro, ou algo de valor, para encorajá-lo a dar-lhe a jovem. No caso de Jacó, como ele nada tinha de valor para oferecer, propôs sete anos de trabalho, em potencial, ao seu sogro, Labão (Gên. 29:8). Isso parece muita coisa, em uma época em que a situação da mulher era bem baixa. Só podemos supor que Raquel era muito especial. Também temos o exemplo de Siquém, que se ofereceu para pagar qualquer preço por Diná, a quem ele havia seduzido ou violentado (Gên. 34:12). Mas ele e seus familiares terminaram mortos por dois irmãos de Diná, Simeão e Levi. Vários tipos de presentes podiam estar envolvidos nos casamentos: 1. Um presente dado ao pai da noiva. 2. Um presente dado à família da jovem. 3. Um presente dado diretamente à jovem (I Reis 9:16; Miq. 1:14). A primeira era a situação usual; as outras duas eram ocasionais. No caso do casamento de Davi com a filha de Saul, temos a estranha circunstância de que esse rei exigiu não algum dinheiro como dote, mas cem prepúcios de filisteus. Era um plano para fazer Davi ser morto, pois Saul calculou que se ele tentasse obter esse tipo de saque de guerra, poderia acabar morrendo na tentativa. Ocasionalmente, um pai oferecia uma filha em troca de algum serviço especial, e, além da jovem, dava dinheiro, terras ou mercadorias, especialmente se o ato exigido fosse difícil ou perigoso, como lutar e derrotar a um inimigo. Se um homem seduzisse a uma jovem e a desvirginasse, tinha de pagar o dote usual, se o pai aprovasse o casamento. Em caso de desaprovação paterna, pelo que não poderia haver casamento, ainda assim o violentador tinha de pagar o dote, sem ficar com a jovem (ver Exo. 22:16,17).

Na atualidade, temos a estranha circunstância em que o pai da noiva é que precisa pagar todas as despesas do casamento e da recepção, sem obter qualquer presente. Naturalmente, é o marido que acaba pagando pelas despesas pelo resto da vida. E alguns maridos dizem que isso vale a pena. Concorro. Por outro lado, em muitas sociedades modernas, a esposa ganha algum dinheiro, e isso é um negócio muito bom para os maridos que não podem ganhar um alto salário. Seja como for, o dinheiro não deveria ser a consideração básica em nenhum casamento, embora, sem dúvida, não seja uma questão indiferente.

## DOUTOR

É assim que algumas versões traduzem a palavra grega *didáskalos*. Mas a tradução mais certa e usual é «mestre» ou «professor». O termo grego aparece por cinquenta e oito vezes no Novo Testamento grego. Para exemplificar, ver Mat. 8:19; 9:11; 12:38; 22:16,24,36; 26:18; Mar. 4:38; 9:17; Luc. 7:40; 8:49; 9:38; João 1:38; 8:4; 11:28; 20:16; Atos 3:2; Rom. 2:20; I Cor. 12:28,29; Efê. 4:11 e Heb. 5:12. Esse é o título comum dado a Jesus, como o Grande Mestre; e também é aplicado àqueles que receberam o dom ministerial de mestre.

Um outro termo grego, *nomodidáskalos*, «mestre da lei», aparece somente nos escritos de origem cristã. Ver I Tim. 1:7. A referência ali, mais provavelmente, é ao gnosticismo que misturava noções judaicas, cristãs, das religiões orientais, da filosofia grega, da mitologia, etc., dentro de seu sistema, ensinando assim uma forma pervertida do judaísmo, como um dos elementos de seu sistema.

Dentro da história eclesiástica, essa palavra tornou-se o título de muitos mestres notáveis e poderosos. Portanto, fala-se sobre certas pessoas como Doutores da Igreja. Ver o artigo separado a esse respeito.

Dentro do vocabulário secular, esse termo significa alguém que recebeu a mais alta educação que alguma instituição de ensino pode conferir. Geralmente o título é dado àqueles que se formam como médicos, advogados e filósofos. No Brasil dá-se o título aos dentistas (mas não em alguns outros países). Em certos países, as faculdades de teologia dão o título de Doutor em Divindade. Quanto a esses títulos, não há uniformidade entre as instituições dos muitos países do mundo.

## DOUTOR DA IGREJA

Uma honraria dada a certos escritores cristãos eclesiásticos cujas obras são consideradas contribuições especiais para a comunidade religiosa. A Igreja Católica Romana estabeleceu três requisitos: 1. Santidade eminente. Somente os santos canonizados são reconhecidos como doutores. 2. Erudição excepcional, através da qual alguns fazem contribuições extraordinárias à humanidade. 3. Uma declaração oficial da hierarquia católica romana.

*Autoridade.* Os ensinos dos doutores da Igreja não são considerados obrigatórios, como se fossem oficiais, na Igreja de Roma, mas esses ensinos são altamente respeitados, como interpretações eruditas.

*Os Doutores.* No Ocidente temos Ambrósio (falecido em 397 D.C.), Jerônimo (falecido em 419 D.C.), Agostinho (falecido em 430 D.C.), Gregório, o Grande (falecido em 604 D.C.). Esses foram reconhecidos pelo papa Bonifácio VIII, em 1298. No Oriente temos Basílio, o Grande (falecido em 379 D.C.), Gregório Nazianzeno (falecido em 390 D.C.), João Crisóstomo (falecido em 407 D.C.). A Igreja ocidental usualmente também alista Atanásio (falecido em 373 D.C.) entre os doutores orientais, embora a cristandade oriental hesite em conferir-lhe posição tão elevada quanto dá aos outros. Passou-se um longo intervalo sem terem surgido outros doutores declarados. Mas, em 1568, o papa Pio V declarou que Tomás de Aquino (falecido em 1274) era um doutor da Igreja. O número total elevou-se para trinta, quando João XXIII deu o título a Lourenço de Brindisi, em 1959. Esse título de acordo com a Igreja Católica Romana, só pode ser dado por um papa ou por um concílio geral.

## DOCTRINA

Essa palavra significa «ensino». Vem do latim, *doctrina*, cuja forma verbal é *docere*, «ensinar». O termo tem um sentido geral, podendo referir-se a qualquer tipo de ensino, como também pode indicar algum ensino específico, como a *doctrina da salvação*. Também pode envolver as idéias de crença, dogma, conceito ou princípio fundamental ou normativo por detrás de certos atos. Esse vocábulo traz imediatamente às nossas mentes idéias e ensinamentos religiosos, porque usualmente é assim que o ouvimos ser dito. A expressão «a doutrina» pode aludir aos ensinamentos de Cristo, ou ao sistema de ensinos cristãos. Porém, o propósito da doutrina cristã é a mudança da vida dos cristãos, pelo que o termo não deve subentender meros conceitos intelectuais e religiosos, que compõem algum sistema. Essa palavra dá a entender aqueles ensinos usados pelo Espírito a fim de transformar almas humanas, tornando-as

## DOUTRINA — DOXOLOGIA

semelhantes ao seu Mestre. As doutrinas formalizadas na forma de credos tendem a estagnar a viva energia dos ensinamentos de Cristo. Seus ensinamentos apontam para categorias do ser que não podem ser expressas distintamente como conceitos verbais. Quando Jesus convidou: «...aprendei de mim...» (Mat. 11:29), certamente ele não estava pensando em alguma sistematização de idéias a seu respeito, e, sim, na capacidade transformadora de sua doutrina e Espírito, capaz de transformar seus discípulos (aprendizes).

As palavras gregas assim traduzidas são *didaskalia* e *didachê*. Essas duas palavras aparecem, juntas, por quarenta e oito vezes no Novo Testamento grego. A idéia essencial é «ensino», a comunicação de conhecimentos. O ensino do Antigo Testamento sobre a lei e os preceitos de Deus tinha o intuito de levar os homens a defrontarem-se com os requisitos divinos da conduta humana (Exo. 4:15; Deu. 4:1,5; 6:1,6,7). Esse tipo de conceito é transferido para o Novo Testamento. Nas epístolas pastorais já nos aproximamos da idéia de um sistema doutrinário formal, pelo que encontramos a *sã doutrina* do evangelho, contrastada com as imoralidades do paganismo (ver I Tim. 1:9-11; 6:13; Tito 1:9; 2:1-5,9,10).

O *kerugma*, «pregação», do Novo Testamento (ver I Cor. 1:21) é o meio usado na evangelização, é como se torna conhecida a mensagem de Cristo. O *didachê* é o meio de instruir as pessoas na nova vida cristã. O *kerugma* tem suas exigências éticas e espirituais. O *didachê* é aquela instrução que dá detalhes sobre como podemos cumprir esses requisitos. Nenhum desses vocábulos pode ser entendido como uma mera comunicação e instrução verbal. Ambos os processos devem ser impulsionados pelo Espírito, a fim de fazer qualquer coisa pelo homem que se desviou muito de Deus. Quando o anção de II João 9 e 10 referiu-se à doutrina da encarnação, usando a palavra *didachê*, ele não estava meramente prestando alguma informação. Antes, ele dava a entender que o Cristo encarnado é uma pessoa viva, que comungará, com os nossos espíritos e nos transformará. Portanto, a doutrina não consiste meramente naquilo em que cremos. Antes, trata-se de uma maneira de viver. De outra sorte, a fé cristã seria apenas uma outra filosofia.

Paulo fala no DOM DE ENSINAR (ver Efê. 4:11), conferido a indivíduos especiais da Igreja cristã, a fim de que a mensagem cristã possa ser anunciada de forma mais eficaz. Esses homens, antes de tudo, devem santificar-se, ou a sua mensagem cairá por terra. Também precisam ser impulsionados por Deus, e devem mostrar-se ativos. Desse modo, o *didachê* terá oportunidade de fazer valer sua obra transformadora.

### DOUTRINA DAS ESCRITURAS

Ver *Escrituras, Doutrina das*.

### DOUTRINA DAS DUAS ESPADAS

Ver o artigo sobre o *Direito Divino dos Reis*, em seu último parágrafo.

### DOUTRINA DO MEIO-TERMO

1. Havia um documento com esse nome no início da dinastia Han. Chu Hsi (que vide) deu proeminência a essa obra mediante o ensino, como também fez com a *Grande Erudição* (que vide). Os dois documentos

encontram-se entre os grandes clássicos da religião e da filosofia chinesas. Desde 1313 até 1905, essas obras clássicas foram a base dos exames para funcionários públicos na China, o que nos dá uma idéia da vasta influência que exerceu naquele imenso país.

#### Idéias:

a. Há um *caminho* a ser seguido, que requer equilíbrio e harmonia. O equilíbrio fala sobre aquele estado de espírito antes do surgimento de emoções fortes, como o prazer, a ira, a tristeza e a alegria. E a harmonia é aquele estado de equilíbrio mantido uma vez que essas emoções são despertadas.

b. Todos os excessos precisam ser evitados, tanto na direção dos excessos quanto na direção das deficiências. Deve haver um espírito de serviço mútuo que controla todas as relações humanas, pois, em caso contrário, já haveria um estado de excesso e de deficiência, que favorece alguns e desfavorece outros.

c. As três grandes e universais virtudes são sabedoria, humanidade e coragem. Essas virtudes deveriam governar todos os relacionamentos humanos. A humanidade inclui a lei do amor.

d. A sinceridade é uma necessidade absoluta para o homem espiritual. Deve ser cultivada e ensinada. A melhor maneira de ensinar é ser aquilo que se diz que os outros devem ser, oferecendo-se assim o exemplo apropriado. Há uma triade moral e espiritual a ser atingida: 1. o próprio mestre, que ensina e dá o exemplo; 2. a pessoa que é ensinada, e que é assim transformada; 3. o processo transformador do céu e da terra. Se alguém, mediante seus esforços, puder cumprir esse triângulo de modo eficaz, ter-se-á tornado um sábio.

2. O *meio-termo áureo* de Aristóteles é similar às idéias da filosofia chinesa descritas acima. Ele procurou mostrar-nos quais são as virtudes principais e como cada uma delas pode cair em excesso ou deficiência. A coragem pode tornar-se em temeridade ou covardia, seus pontos extremos. Ver um tratamento sobre esse particular no artigo sobre *Aristóteles, VI, Ética*. Quanto a um estudo mais completo sobre isso ver o artigo sobre o *Meio-Termo Áureo*.

3. O *estoicismo*, nas mãos dos romanos, ensinava o grande princípio da *moderação* em todas as coisas. O cristianismo, naturalmente, incorpora esse conceito, especialmente por meio de Paulo, que tomou por empréstimo certas idéias estoicas. Tarso, cidade natal de Paulo, era um dos centros do estoicismo. Ver Fil. 4:5. O que se depreende disso é que até mesmo uma coisa boa pode tornar-se errada, se for excessiva para mais ou deficiente para menos. (EP P)

### DOXA

Essa é uma palavra grega que significa «opinião». Quanto a seus vários usos, ver o artigo sobre *Opinião*.

### DOXOLOGIA

Ver dos termos gregos *doxa*, «louvor», «honra», «glória», e *logos*, «palavra», ou seja, algo dito que expressa louvor, atribuindo glória e honra a alguém, a alguma circunstância ou a algum estado.

1. *Algumas Doxologias Bíblicas*. Todos os cinco livros que compõem os Salmos, terminam em doxologias. O último salmo de cada série é uma doxologia. Ali o termo aparece por cinco vezes. Ver Sal. 41:13; 72:18 ss; 89:52; 106:48; 150:1-6. Em Lucas 2:14 há o registro de uma doxologia entoada pelos anjos, em celebração ao nascimento de Jesus. O Domingo de Ramos incluía uma doxologia por parte

da multidão (Luc. 19:37). A oração do Pai Nosso termina com uma linda doxologia: «...pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém». No entanto, essas palavras não aparecem nos manuscritos gregos mais antigos. Era, contudo, uma doxologia comum nos tempos pré-cristãos, tendo aparecido pela primeira vez em I Crô. 29:11, e então foi usada tanto pelos judeus quanto pelos cristãos. Nos escritos de Paulo há várias doxologias. Ver Rom. 11:36; 16:27; Efé. 3:21; I Tim. 1:17. Judas tem a mais longa e abrangente de todas as doxologias do Novo Testamento, os versículos 24 e 25 de sua epístola: «Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém».

Uma outra notável doxologia é a de Hebreus 13:20,21, onde se lê: «Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém».

No Apocalipse também encontramos doxologias celestiais. Ver Apo. 5:13 e 19:1.

2. *Usos das Doxologias.* Uma doxologia, antes de tudo, é uma entusiástica e emocional declaração de agradecimentos a Deus, com base em certo senso de admiração, em face de sua pessoa e de suas obras. Quando lemos as doxologias, também aprendemos que as mesmas contêm material didático. Na liturgia cristã (ver o terceiro ponto, abaixo), as doxologias são usadas como porções do culto em ocasiões especiais, a fim de enfatizar a necessidade de exaltarmos a Deus, ou como porções divisórias da liturgia, pondo fim a um pensamento para introduzir algum outro. As doxologias também são usadas por indivíduos particulares.

3. *Na Liturgia Cristã.* a. *A Doxologia Menor.* Essa pode envolver uma única sentença, como: «Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, para todo o sempre. Amém». Mais tarde, foram acrescentadas as palavras: «Como no princípio, agora e para sempre». O quarto concílio de Toledo adicionou a palavra «honra», pelo que a doxologia passou a ser: «Glória e honra ao Pai...» Isso foi tomado por empréstimo do salmo de ação de graças de Davi, em I Crô. 16:27. Não há certeza, porém, acerca de quando isso foi inserido. Alguns supõem que a inserção data de antes do concílio de Nicéia. Seja como for, tornou-se comum, e apareceu no segundo concílio de Vaison (529 D.C.). b. *A Doxologia Maior* ou hino angelical, o *Gloria in Excelsis*, utilizando-se das palavras da doxologia que houve por ocasião do nascimento de Jesus (ver Luc. 2:14): «Glória a Deus nas maiores alturas», etc. Essa doxologia era usada principalmente no culto de comunhão, mas também nas devoções particulares diárias. Na liturgia moçarábica, essa doxologia é cantada antes das lições sobre o dia de Natal. Crisóstomo informa-nos de que os ascetas que se retiravam da sociedade humana reuniam-se diariamente para entoar esse hino. Alguns supõem que essa doxologia surgiu na época de Luciano (começo do século II D.C.), mas não há certeza quanto à questão. c. O *Trisagion* era usado no século II D.C. Começava com as palavras: «Portanto, com os anjos e os arcanjos, e com toda a hoste celestial, louvamos e magnificamos o Teu glorioso nome». d. Uma

doxologia comum protestante, entoada todos os domingos em muitas igrejas, é o hino do bispo Thomas Ken (anglicano), e que termina com as seguintes palavras:

«Louvado seja Deus, de quem fluem todas as bênçãos;

Louvai-O, todas as criaturas cá debaixo;

Louvai-O nas alturas, vós, exércitos celestiais;

Louvai ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo».

Todas as doxologias acima são utilizadas por alguns segmentos da Igreja cristã atual, em várias adaptações e circunstâncias. Nas igrejas protestantes, tornou-se comum ouvir o uso de doxologias bíblicas como encerramento do culto de adoração. Ver os artigos separados sobre *Gloria in Excelsis*; *Gloria Patri*; *Te Deum*; *Amém*; *Kaddish*; *Trisagion*. (AM E S Z)

## DOZE, OS

Ver o artigo sobre os *Apóstolos*. Jesus escolheu doze discípulos especiais, que foram os alicerces de sua Igreja e por meio de quem o evangelho começou a ser propagado no mundo (Mat. 10:1 ss; Mar. 3:14). Não somos informados quanto ao motivo pelo qual ele escolheu precisamente doze, embora possamos supor que havia certa analogia com as doze tribos de Israel. Se Jesus tinha por propósito reformar o Israel já existente, ou se ele queria iniciar o Novo Israel, a Igreja, então o mesmo número de discípulos poderia ser considerado significativo para qualquer desses dois propósitos. A Nova Jerusalém, que é um símbolo da Igreja, utiliza-se do número doze em seus fundamentos e portões, e sobre esses fundamentos estão gravados os nomes dos doze apóstolos de Jesus. Portanto, a *Nova Jerusalém* sugere o *novo* Israel, o que fortalece a idéia da transferência do número das tribos à situação cristã. O trecho de Lucas 22:30, ainda dentro do contexto do ministério de Jesus, sugere a mesma coisa, porquanto Jesus predisse que os doze apóstolos teriam a responsabilidade de julgar as doze tribos de Israel, sentados em doze tronos. Sem dúvida era dada grande importância ao número doze. De outra sorte, a Igreja não sentiria a necessidade de completar novamente esse número, escolhendo Matias, depois da queda de Judas Iscariotes (Atos 1:15 ss, especialmente o vs. 26).

Uma doutrina judaica comum, antes e durante a época de Jesus, dizia que os grandes profetas do Antigo Testamento haveriam de reencarnar-se, recebendo novas missões, tendo em vista o bem de Israel. Tomando isso como uma sugestão, alguns estudiosos supõem que os doze apóstolos foram reencarnações dos doze filhos de Jacó. Nesse caso, haveria uma conexão muito vital entre as doze tribos de Israel e os doze apóstolos da Igreja; mas, pelo menos por enquanto, não dispomos de meios para saber a verdade sobre essa questão. Parece haver um certo poder nos números, e a numerologia sempre foi importante para Israel, especialmente para os rabinos, que estudavam a *Cabala* (que vide). Mas o nosso conhecimento sobre essas coisas continua inexato. Ver o artigo geral sobre os *Números*.

## DOZE, SIMBOLISMOS

Na Bíblia, o número doze representa o *governo humano*. Ver os artigos sobre *Doze*, *Usos Bíblicos e Doze*, *Os*. Ver também o artigo geral sobre os *Números*. Nos sonhos e nas visões, o número doze usualmente refere-se ao tempo, em algum sentido,

## DOZE, USOS BÍBLICOS.- DRAGÃO

porquanto há doze horas no dia e doze meses no ano. Visto que os sinais do zodíaco são doze, esse número também pode ter o sentido de destino, orientação, controle e governo universal e provisão. Por extensão, esse número pode referir-se à algum ponto culminante, ou à realização de alguma coisa específica.

### DOZE, USOS BÍBLICOS

O ano, entre os hebreus, estava dividido em doze meses. Ver o artigo geral sobre o *Calendário*. Entre os hebreus, o dia estava dividido em doze horas, e a noite, idem. João 11:9. Israel (Jacó) teve doze filhos (Gên. 35:22-27; 42:13,32). Portanto, doze eram as tribos de Israel (Gên. 49:28). Jesus escolheu doze apóstolos, o que talvez reflita esse número doze, tão importante na nação de Israel, o qual, em seguida, foi transferido para o novo Israel, a Igreja (Mat. 10). Ver o artigo geral sobre os *apóstolos*. A Nova Jerusalém terá doze fundamentos, cada um dos quais com o nome de um dos apóstolos de Jesus (Apo. 21:14). Essa cidade terá doze portões de pérolas (Apo. 21:12). Forma uma espécie de cubo, com doze mil estádios de cada lado. Isso é o equivalente a mais ou menos dois mil e quatrocentos quilômetros. Ver o artigo geral sobre *Número*. Ver o artigo separado sobre *Doze, Os*. Um dos sentidos simbólicos do número doze, nas Escrituras, é o *governo humano*; mas nem todo o uso bíblico reflete esse simbolismo, e nem sempre devemos procurar sentidos simbólicos para os números, nas páginas da Bíblia.

### DRACMA

Ver o artigo geral sobre *Dinheiro*. Na Grécia antiga, a *dracma* era tanto uma unidade monetária como a unidade padrão de peso para a prata. Em Atenas, a dracma pesava 4,37 gramas, e a moeda padrão de prata era uma peça de quatro dracmas. Porém, pesos e medidas não eram padronizados, como atualmente, pelo que, em Corinto, a dracma pesava 2,8 gramas, e a moeda principal era uma peça de prata de três dracmas, chamada *estáter*. A dracma estava dividida em seis *óbulos*. Cem dracmas compunham uma *mina* de prata. Sessenta minas constituíam um *talento*. Na Grécia moderna, a *dracma* até hoje é a unidade monetária básica. Está dividida em cem leptos. Seu valor tem flutuado muito, dependendo das circunstâncias externas e internas do país. Em 1954, a nova dracma veio substituir a antiga, mil vezes mais valorizada.

### DRAGÃO

Um grande número de animais aparece nas traduções do Antigo e do Novo Testamentos, com o nome de «dragão». Como sempre, não é fácil identificar os animais indicados pelas palavras originais, visto que a Bíblia não é um texto de zoologia científica. Porém, o que dizemos abaixo dá uma idéia bastante boa do que está envolvido nesses nomes:

1. *Tannin*. Palavra hebraica que alude a um animal do deserto, que a nossa versão portuguesa quase sempre traduz por «chacal», embora haja quem pense no «lobo». Ver Deu. 32:33; Sal. 74:13; 91:13; 148:7; Isa. 27:1; 51:9; Jer. 51:34. Nesses trechos, algumas versões dizem «dragão». Em Êxo. 7:9,10,12, a palavra é traduzida por «serpente». Isso mostra que o sentido desse vocábulo era variegado.

2. *Tan*, com o plural *tannim*, e que alguns estudiosos pensam não ter qualquer relação com a palavra *tannin*, do primeiro ponto, acima. Essa

palavra hebraica sempre aparece no plural (ver Jó 30:29; Sal. 44:19; Isa. 13:22; Jer. 9:11; Miq. 1:8, etc.). Nessas passagens, algumas versões também traduzem por «dragão», e a nossa versão portuguesa, caindo no mesmo erro de confundir *tannim* com *tannin*, também a traduz por «chacais». Seria muito melhor traduzi-la por «crocodilo», conforme, aliás, nossa versão portuguesa faz em Eze. 23:9.

3. No Novo Testamento temos a palavra grega *drákon* (ver Apo. 12:3,4,7,9,13,16,17; 13:2,4,11; 16:13 e 20:2). Essa palavra é usada para indicar, figuradamente, Satanás. Interessante é observar que em textos fora do Novo Testamento, essa palavra grega é usada para indicar «serpente». De acordo com meu léxico do grego clássico, a idéia de «dragão» esteve associada, a princípio, com essa palavra, e só depois é que *drákon* veio a ser usada com o sentido de «serpente».

### O Dragão do Apocalipse

Apo. 12:3: *Viu-se também outro sinal no céu; eis um grande dragão vermelho que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademias.*

*Dragão*, Apo. 12:3. Nos quatro pontos abaixo, procuramos determinar sua identificação:

1. Não se refere às perseguições movidas por Nero ou Domiciano, e nem a quaisquer outras perseguições sofridas pela igreja cristã, conforme têm sugerido os intérpretes da escola histórica.

2. Também não se deve pensar sobre as perseguições que serão movidas pelo anticristo, como um ser humano.

3. Não há, por igual modo, alusão ao império romano, ou a qualquer de vários impérios pagãos, à parte do diabo pessoal. Nenhuma combinação de poderes humanos que tem perturbado a este mundo está aqui em foco, como os hunos, os ostrogodos, os visigodos, os francos, os vândalos, os suevos, os alanos, os burgúndios, os turcos, etc., etc.

4. Antes, está em foco o *próprio diabo*, que opera mediante poderes pagãos. Historicamente, ele tem agido especialmente por meio do império romano; e, profeticamente, utilizar-se-á do império romano revivido, sob o domínio do anticristo (ver Apo. 12:9 e o trecho de Apo. 20:2, que confirmam essa identificação).

O símbolo do «dragão». Foi apenas natural que o vidente João escolhesse o «dragão» para pintar a Satanás. Havia muito precedente para isso, tanto na cultura judaica como na cultura pagã e nos símbolos religiosos. As forças más têm sido retratadas como crocodilos, dragões, serpentes e leviatã, a serpente tortuosa (ver Isa. 27:1); e com frequência também como feras de múltiplas cabeças. Por exemplo, a hidra dos gregos tinha nove cabeças. O Sete-Tifom dos egípcios era um terrível crocodilo vermelho; o Azhi Dahaka dos persas era um monstro de três cabeças, e, grotescamente, duas dessas cabeças eram serpentes que nasciam de seus ombros. Os antigos cananeus (conforme a descrição existente nos tablets de Ras Shamra) tinham uma temível serpente de sete cabeças. O leviatã (ver Isa. 27:1) era uma horrenda e «rápida» serpente. No livro de Daniel encontramos uma fera com dez chifres, que também tinha um «pequeno chifre», que simbolizava o perseguidor Antíoco Epifânio IV, e o simbolismo da passagem de Apo. 12:3 está misturado com isso, para mostrar como Satanás opera através de poderes humanos.

O vocábulo grego aqui usado *drakon*, significa «dragão», «serpente», «crocodilo» ou «leviatã» (ver Jó 41:1). Alguma fera monstruosa, semelhante a

## DRAGÃO

serpente, está em foco aqui. Essa palavra é empregada nos escritos judaicos como um símbolo de Satanás; e isso foi transferido para o N.T. Foi a «serpente» que tentou Eva; - embora não seja especificamente dito que essa serpente era «Satanás», a maioria dos intérpretes bíblicos entende assim. (Ver Filo; Testamento Aser 7:3, Sib Or 3:794; Salmo de Salomão 2:25). Apo. 9:12 identifica especificamente ao «diabo» com essa «antiga serpente». Outro tanto se dá em Apo. 20:2.

*Vermelho*, Apo. 12:3. Essa é a cor do pecado, do sangue, do fogo e da violência, qualidades possuídas por Satanás em grau supremo. (Comparar com Apo. 6:4, acerca do «cavalo vermelho» do segundo selo, que aponta principalmente para a guerra e a violência). Desde o princípio, Satanás foi o grande homicida, sem nenhum respeito pela vida alheia, física ou espiritual (ver João 8:44). Essa caracterização, sem dúvida alguma, foi influenciada pelas perseguições movidas por Domiciano, que a igreja cristã vinha sofrendo quando João escreveu o Apocalipse. Tais atos eram tidos como satanicamente inspirados. As serpentes das descrições de Virgílio tinham cristas vermelhas como sangue, e as de Homero tinham as costas dessa cor. Também era vermelho o dragão egípcio Tifom, que perseguiu a Osiris. (Ver Plutarco, *de Iside*, 30-33).

*Sete cabeças e dez chifres*, Apo. 12:3. Muitas interpretações diferentes têm sido atribuídas a esse item da descrição do dragão, as quais sumarizamos aqui: Não podemos deixar de vincular essas características à da descrição de Dan. 7:7, a terrível besta de uma cabeça, com dez chifres. O «chifre» era símbolo de poder, pelo que essa fera terá completo «domínio mundial», o que talvez seja efetuado por meio de governantes terrenos. A «besta saída do mar» (ver Apo. 13:1) é descrita exatamente como o «dragão», quanto a esse aspecto. Apesar de não quisermos identificá-los entre si totalmente, dificilmente podemos escapar à conclusão de que o poder do dragão se manifestará através da besta saída do mar, até onde aquele se relaciona aos homens, nos últimos dias, sem importar qualquer outro tipo de poder que possa ter, em relação a outras esferas da existência, fora da terra. Lembremo-nos de que o Apocalipse foi escrito a fim de revelar as condições que haverá nos «últimos dias», imediatamente antes da «parousia», ou segundo advento de Cristo. Portanto, não é mesmo de estranhar que o anticristo seja retratado de modo parecido com o dragão, já que ambos representam o poder de Satanás. O anticristo será o «falso Cristo» de Satanás, o seu mediador à face da terra. Portanto, o que foi dito sobre o poder de Satanás é automaticamente dito também acerca do anticristo.

### O que significam as «sete cabeças»?

1. Simbolicamente, significam completa sabedoria, um intelecto tremendamente poderoso; mas tudo não passará da sagacidade de Satanás, que chegará perto de aniquilar a humanidade, durante o período da tribulação, tão grande será o mal e a destruição que isso operará no mundo.

2. O simbolismo também salienta quão temível é esse dragão. Não temos aqui algum monstro ordinário; ele é temível e poderoso, conforme eram os legendários monstros de muitas cabeças.

3. O trecho de Apo. 17:9,10 (conforme também fica implícito em Apo. 13:3) diz-nos, especificamente, que as «cabeças» são «sete montes», e também *sete reis*. Isso os identifica com os «imperadores romanos». (Ver Atos 17:9,10). Ambas as passagens evidentemente

contêm a tradição do «Nero reencarnado» como o «anticristo». Seja como for, as cabeças são governantes terrestres, por meio de quem Satanás operará na terra. Historicamente falando, o vidente João via Satanás operando por intermédio desses governantes, especialmente por serem instrumentos da perseguição contra a igreja. Profeticamente falando, vemos o anticristo e o império romano revividos, a federação de dez reinos por ele encabeçada, satanicamente controlada, o que servirá somente para detrimento da igreja, e de toda a humanidade.

4. Metafisicamente falando, as «sete cabeças» transcendem a qualquer «poder terreno», pois estão relacionadas a Satanás, o dragão, falando de seu grande poder em todas as dimensões, incluindo a dimensão espiritual. Por meio de Roma e do anticristo (isto é, histórica e profeticamente falando), Satanás fará descer esse poder até os homens.

5. Os «sete montes» identificam a cena toda com a cidade de Roma, pois aquela cidade estava edificada sobre «sete colinas», as quais são até hoje famosas.

### O que significam os dez chifres?

1. Simbolicamente significam «poder».

2. Metafisicamente indicam o «poder de Satanás», em todas as dimensões.

3. Historicamente, os «dez chifres» são «reis», de algum modo associados a Roma, talvez imperadores romanos ou *reis* de províncias romanas, que ajudavam a ampliar o seu domínio.

4. Profeticamente, é quase certo que esses «dez chifres» se referem à federação de dez reinos que formará o império do anticristo. Não é mister pensar que todos esses dez reinos pertencerão à comunidade européia. Os místicos contemporâneos dizem que os Estados Unidos, Canadá e o Japão serão três desses reinos; e isso, mui provavelmente, é correto. Essas *dez nações* serão usadas como instrumentos do poder do anticristo, nos últimos dias. Derrotarão à União Soviética quando da Terceira Guerra Mundial, embora a um preço incrivelmente elevado. Também farão oposição à China, na Quarta Guerra Mundial, que culminará na batalha do Armagedom. (Quanto a detalhes sobre essas predições ver o artigo intitulado *Tradição Profética e a Nossa Época*). Podemos conjecturar que essas dez nações serão a Inglaterra, a França, a Itália, o Canadá, o Japão, a Bélgica, a Alemanha, a Holanda, a Suécia e os Estados Unidos da América do Norte.

5. Misticamente falando, os dez chifres de Satanás indicam o seu poderoso poder cósmico, que transcende a qualquer situação desta terra.

Essa interpretação, conforme damos no parágrafo imediatamente acima, deve ser correta. Mas há outras interpretações, que enumeramos abaixo:

a. Os intérpretes históricos (pelo menos alguns) dividem as sete cabeças e os dez chifres em fases históricas, não permitindo que pertençam todas a um único período de manifestação satânica. Portanto, removem a questão dos «últimos dias» e a transferem para o desdobramento de um prolongadíssimo processo histórico. Nesse caso, as cabeças e os chifres são normalmente encarados como «reinos» e «períodos de governo», e não como governantes individuais. Segundo dizem eles, «dez» é o número do «curso completo do mundo». Portanto, estaria supostamente em foco o governo maléfico sobre o mundo, inspirado por Satanás, através da história da humanidade.

Alguns intérpretes históricos pensam que as «sete cabeças» seriam «sete cidades-capitais» do império romano, a saber, Roma, Cartago, Aegé, Antioquia,

## DRAGÃO — DRAGÃO, BEL E O

Augustodunum, Alexandria e Constantinopla. Outros vêem, nos «dez chifres», «dez impérios romanos perseguidores», ou então dez sucessivos estágios de governo humano, desde o império romano. Também há aqueles que vêem nisso dez áreas do império romano da antiguidade, como a África, a França, a Bretanha, a Germânia, a Dácia, a Trácia, a Capadócia, a Armênia, a Síria e a Palestina.

b. Outros intérpretes rejeitam inteiramente qualquer conexão com o império romano, com governantes humanos ou com a «besta saída do mar», pensando que os símbolos das cabeças e dos chifres pertencem exclusivamente ao próprio dragão, nada tendo a ver com aquela besta. Isso significaria, pelo menos para alguns desses estudiosos, o governo cósmico de Satanás, e não o seu domínio sobre a terra. Ele seria «todo-sábio» (cabeças) e «completo» (chifres). Se seguirmos essa linha de pensamento, juntamente com alguns, concluiremos que as cabeças e os chifres representam poderes «demoníacos» e não governos terrestres. Temos procurado incorporar algumas dessas idéias naquela primeira interpretação, mas rejeitamos totalmente a idéia de que não há qualquer conexão entre o dragão e a besta do décimo terceiro capítulo do Apocalipse, quanto a essas particularidades. A conexão é por demais óbvia para ser perdida de vista. O dragão manifestará o seu poder por intermédio da besta; pelo que também, embora o seu poder seja muito mais vasto do que aquele que se manifestará somente à face da terra, contudo, até onde diz respeito ao Apocalipse, é a «manifestação do poder de Satanás», à face da «terra», que está simbolizado em tudo isso. A «besta» é o «homem» em quem se encarnará essa manifestação, tal como Jesus Cristo era a manifestação de Deus diante dos homens. Perder de vista essa verdade é perder de vista a mensagem profética do Apocalipse.

O dragão, em seu imenso poder e em sua profunda sabedoria, totalmente dedicado ao mal, procura extinguir a Israel e a Cristo, filho daquela nação, bem como a todos quantos pertencem a Cristo. (Isso pode ser confrontado com Efé. 6:11 e ss, no tocante à «guerra espiritual», e onde nos é assegurado que nossos adversários não são humanos, mas são hostes de seres demoníacos, que nada conhecem senão destruição e miséria).

*Nas cabeças, sete diademas.* Cristo apareceu com «muitos diademas» (ver Apo. 19:12), pelo que não é de estranhar que Satanás usasse sete diademas. (Ver Apo. 13:1, sobre os «dez diademas» do anticristo, um para cada «chifre»). Neste caso, os diademas se equiparam ao número das «cabeças». As «cabeças» são soberanos, pelo que usam coroas, ou diademas. Os chifres também são soberanos, razão pelo qual usam coroas, ou diademas. A variação numérica não se reveste de grande significado.

### Símbolos

O sete fala de «perfeição». O senhorio de Satanás se alicerça sobre uma completa maldade. Dez fala do governo terreno, do curso completo do governo terreno. E esse também está debaixo do domínio satânico, pelo que aparece aqui «coroados» com o poder e a autoridade de Satanás. A coroa (neste caso, «diadema») é o símbolo do governo, do poder, da autoridade, «investidos» sobre um indivíduo qualquer. O próprio Satanás exerce o governo supremo do mal. Mas ele exerce esse governo, na terra, por meio de soberanos humanos, que se deixam envolver pela sua influência satânica. Nos últimos dias, Satanás exercerá «domínio completo» sobre a terra, conforme

o número das coroas (ou «diademas»), «sete» ou «dez», nos indica. Aqueles soberanos usarão as coroas, mas Satanás é que será o real soberano da terra, durante o período da tribulação. Aqueles soberanos serão apenas seus títeres.

1. Satanás é aqui apresentado como um adversário temível. Sua sabedoria consumada é utilizada a serviço do mal; e ele sempre encontra o seu homem ou seus homens para que o manifestem na terra. Quão necessária se faz, pois, «toda a armadura de Deus» (ver Efé. 6:11 e ss)!

2. O contexto geral, entretanto, a despeito de representar a horrenda força e sabedoria de Satanás, mostra que Jesus Cristo triunfará, finalmente; e juntamente com Cristo triunfarão os seus seguidores. Nenhum mal final pode sobrevir a um homem verdadeiramente bom. Deus determinou que as coisas sejam assim.

3. «O homem de Patmos percebeu claramente que o âmago do mal é a vontade maligna. O coração da entrega pessoal à maldade é o mal negro de todos os problemas morais. Esse tipo de mal nunca consiste de um bem mal-entendido. Não se trata de boas intenções confusas. Mas é a franca e completa devoção ao mal, exatamente porque o mal é mau. Tudo isso é simbolizado pelo 'grande dragão vermelho'. É uma ambição apaixonada e inspiradora pela iniquidade que varre o firmamento inteiro. É a própria natureza dessa vontade maligna não somente desejar um trono, mas também desejar o trono do qual não pode participar. Gostaria de apossar-se até mesmo do trono de Deus. E nada pode aplacar essa vontade maligna. O desejo de estabelecer condições de paz com aquilo que deve ser derrubado, é de ocorrência freqüente na história... O símbolo do grande dragão vermelho é bastante repulsivo e maldoso, mas representa algo que não pode ser totalmente ignorado» (Hough, *in loc.*).

### A Cabeça da Serpente

*A cabeça da serpente se levantou,  
Com olhos maliciosos e furtivos,  
Com boca nociva a zombar,  
A violentar toda inocência, a espumar seu ódio,  
A desejar vil perversidade.*

*A cabeça da serpente se levantou,  
Tão bela, em todo o seu intrincado desenho,  
Encantadores são seus prazeres, ao que todos  
resignam,*

*Nada tão alegre, nem tão saudável,  
Tão preciosos os seus benefícios,  
Correta e justamente a ela o mundo se amontoa.*

*A cabeça da serpente se levantou,  
Eis em seus olhos a sabedoria dos séculos,  
Por que não buscar suas vantagens?*

*A ela damos alegre lealdade, a ela adoramos,  
Posto que satisfação dá a todos, de seu vasto  
tesouro.*

*A cabeça da serpente se levantou,  
sua tentadora beleza... é feiúra vil;  
seu encanto atrativo... é a maldição da raça;  
sua alegria e seus prazeres... horrenda desgraça;  
sua sabedoria e gênio... apagam a piedade.*

(Russell Champlin)

## DRAGÃO, BEL E O

Ver sobre Bel e o Dragão.

••• ••• •••

**DRAGÃO E A MULHER**

Ver Apo. 12:4.

*O dragão se deteve em frente da mulher... a fim de lhe devorar o filho.* A mulher estava prestes a dar à luz. O dragão aguarda esse acontecimento, estando pronto a destruir seu «filho», assim que este nascer. Mas devemos rejeitar essa interpretação, que pensa que esse filho a nascer é a igreja ou é Cristo nascido nas vidas dos homens. E nem a mulher é a igreja. A mulher é a nação de Israel, e o filho dela é Cristo, o Senhor. Naturalmente, o que sucede a ele, automaticamente sucede a seu corpo, a igreja; mas isso fica apenas implícito neste versículo, porque não é uma interpretação direta do mesmo. Satanás, que vive combatendo contra Deus, naturalmente faz combate contra o Filho, que se encarnou a fim de trazer aos homens a redenção celestial. Este versículo fala de tentativas literais de destruir a Cristo, em sua natureza física, como sucedeu nos dias de Herodes; mas também se refere a «tentativas espirituais» de torná-lo inútil e inoperante, até onde diz respeito ao seu propósito rededor.

O «simbolismo» foi tomado por empréstimo dos escritos gregos, onde se vê Pitom procurando destruir Apolo antes mesmo de seu nascimento, a fim de que, segundo dizia certa predição, Apolo não terminasse por vencê-lo. Mas todos os esforços de Pitom foram inúteis: Apolo nasceu e venceu àquele. Assim também Cristo nasceu, sob a proteção de Deus Pai, e derrotou a Satanás. (Ver Luc. 10:18).

O nascimento do «menino» assinalou o começo do fim da carreira de Satanás, pois em Cristo termina o domínio de Satanás sobre os homens (ver Efé. 1:10). Finalmente, Cristo será tudo para todos. Esse é o alvo do «mistério da vontade de Deus» (ver Efé. 1:10,23). Não é de admirar, pois, que Satanás tenha procurado destruí-lo assim que ele nasceu em carne humana; e prossegue em suas tentativas, no tocante à influência de Cristo sobre os homens, a fim de que Cristo não nasça neles. Esse «menino» tem um poder ilimitado. Todos terão de vir a ele, em certo sentido, glorificando-o; e, de algum modo, serão beneficiados com isso, ainda que nem todos sejam eleitos, isto é, que nem todos venham a participar da natureza divina (ver João 12:32 e Fil. 2:9-11).

Pode-se fazer certa comparação com a narrativa sobre Faraó, do Egito. Ele procurou matar aos meninos israelitas. (Ver Êxo. 1:15-22; Sal. 85:13; Isa. 27:1; 51:9; e Eze. 29:3). Herodes tentou fazer a mesma coisa (ver Mat. 2:13 e ss). Esses foram eventos inspirados pelo próprio Satanás.

1. Contos, mitos e livros sagrados, ao redor do mundo, pintam o mal na forma de um dragão ou de uma serpente. Somos lembrados de seus «golpes» iracundos, sutis e sem misericórdia. Mas, a despeito de todo o «correto» simbolismo do mal, que há em todas as culturas, Satanás continua sendo o «deus deste mundo» (ver II Cor. 4:4). O propósito da redenção é justamente libertar os homens de seu cruel domínio. Isso será finalmente feito pelo poder de Cristo, que é incansável e total.

2. A coroa de Faraó era ornada por um dragão e pela áspide ou serpente do Egito. Isso simbolizava o poder satânico. Satanás sempre tem os seus agentes humanos. A igreja haverá de descobrir esse fato bem definitivamente no período da tribulação. Ver o artigo sobre *Tribulação*.

3. Consideremos a fúria e o poder de Satanás, cuja cauda arrastou uma terça parte das hostes angelicais, que lhe ficaram leais. É por causa desse grande poder que nos é ordenado tomar «toda a armadura de Deus»

(ver Efé. 6:11 e ss). Essa passagem deixa claro que o conflito contra o mal será finalmente cósmico, em sua dimensão, e não apenas humana. Por esse motivo é que precisamos de um poder sobre-humano a fim de obter a vitória nessa luta.

4. Por que o dragão tinha uma «cauda»? Provavelmente isso se baseou no fato de que as narrativas e mitos antigos diziam que o poder do dragão, bem como de algumas das comuns serpentes gigantescas, reside em suas caudas. Mas o mais provável é que não devemos atribuir a isso qualquer significado especial e isolado.

5. Qual o significado da «terça parte»? Pode-se comparar isso com Apo. 8:7-10. Indica «muito», mas não a «maioria». Portanto, até mesmo nisso houve certa medida da providência divina misericordiosa, para que não fôssemos avassalados pelo mal.

6. O dragão se «deteve», isto é, «pôs-se de pé», conforme diz mais literalmente o grego. *Plínio* viii.3 mostra que os mitos antigos concebiam os dragões como feras que normalmente se punham de pé. O «símbolo do dragão», nas estórias antigas, poderia ser resultado da «memória ancestral» dos povos antigos, de animais de proporções gigantescas e semelhantes a serpentes, que depois ficaram extintos. Esses répteis gigantes eram, naturalmente, encardados com alarme, até mesmo com *alarme espiritual*, razão porque o rei do mal, Satanás, veio a ser retratado como um dragão na concepção dos antigos.

7. Os intérpretes da escola histórica certamente erram ao pensar que a «derrubada de um terço das estrelas» indica algum evento histórico geral, ou relativo à igreja. Contudo, está aqui em foco um «conflito cósmico», e não apenas terrestre. E também não podemos pensar que o «ministério cristão» esteja em foco, como se Satanás, com suas astúcias, fizesse uma «grande porcentagem» dos ministros do evangelho trair à sua chamada. Também não está aqui em foco o enfraquecimento do império romano, por meio de várias invasões, etc.

**DRAMA RELIGIOSO**

É seguro afirmar que o drama começou na «igreja», ou seja, dentro do contexto religioso. Os homens sentiam a urgência de expressar as suas crenças, temores, esperanças e frustrações de maneira dramática. A palavra «drama» vem do termo grego que significa «ato» ou «ação», pelo que os dramas religiosos são aqueles nos quais os conceitos e sentimentos básicos da religião são vertidos para atos teatrais.

*Em sentido metafísico*, Deus dramatizou o seu amor aos homens quando o Verbo tornou-se carne. Também podemos pensar no sagrado drama da alma, de Platão, que imaginou o espírito como que ocupado em uma longa peregrinação que começou muito antes do nascimento físico e que envolve sua união com a Realidade última, mesmo depois da morte biológica. A religião hindu considera a existência humana inteira como uma espécie de comédia sagrada, uma cena repleta de bom-humor, a despeito de todos os sofrimentos por que passam os homens. O teatro reflete o drama metafísico, e pode ser um poderoso instrumento para provocar os sentimentos e as convicções religiosos. Um drama torna-se religioso, dadas as seguintes condições: 1. quando aborda, propositalmente, temas religiosos; 2. quando desperta o espírito humano para idéias e aspirações superiores, mesmo quando o tema de alguma peça não é especificamente religioso.

## DRAMA RELIGIOSO

Muitas igrejas, no cristianismo moderno, têm lançado mão da dramatização, ocasionalmente, em filmes ou produções teatrais, como um meio de impressionar as pessoas quanto à mensagem religiosa, e algumas poucas escolas evangélicas contam com um departamento teatral. Alguns missionários evangélicos têm usado filmes religiosos em seu evangelismo. Estamos informados de que esses filmes mostram-se bastante eficazes. Muitos evangélicos objetam à dramatização, devido à sua associação com uma forma de entretenimento que, com frequência, mostra-se corrupta. Mas tal objeção não se mostra bem fundamentada, se os dramas utilizados são isentos de abusos que emprestam ao teatro sua má reputação.

### *Esboço:*

- I. Primitivos Dramas Religiosos
- II. Dramas Religiosos dos Gregos
- III. Dramas Religiosos da Era Medieval
- IV. O Espetáculo da Paixão de Oberammergau
- V. Dramas Religiosos Modernos
- VI. A Questão Estética

#### **I. Primitivos Dramas Religiosos**

Os antropólogos podem provar sua assertiva de que praticamente todos os povos e culturas, desde os dias mais remotos, têm tido suas formas dramáticas. O homem primitivo dramatizava sua fé religiosa sob a forma de danças e cruas narrativas lendárias. Eram celebradas questões básicas como a necessidade de chuvas, o temor de vários juízos divinos como pragas, a busca do favor divino para a vida diária. Também celebraram boas colheitas e prosperidade.

#### **II. Dramas Religiosos dos Gregos**

A começar pelo século V A.C., e, de forma mais elaborada, a partir de um século mais tarde, em Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, o drama surgiu como uma das principais formas de arte. No templo de Dionísio, deus grego da fertilidade, eram apresentados dramas, bem como em outros lugares que os gregos consideravam sagrados. Somos informados de que essas apresentações teatrais atraíam multidões de espectadores de até vinte mil pessoas. Muitos temas religiosos eram então ventilados, como o destino, a predestinação, o problema do mal, a intercomunicação entre deuses e homens, tragédias e vitórias do espírito humano, a ressurreição de deuses e da natureza, o poder dos deuses, o temor aos deuses e a reconciliação dos homens com as divindades.

#### **III. Dramas Religiosos da Era Medieval**

Roma herdou as apresentações dramáticas dos gregos; mas, foi entre os romanos que essa forma de arte entrou em decadência. Os dramas tornaram-se, entre os romanos, sangrentos e obscenos (muito moderno!), ao mesmo tempo em que os temas religiosos passaram a ser ignorados. Quando o cristianismo obteve maior poder, um de seus primeiros atos foi suprimir e eliminar os teatros pagãos. Alguns segmentos da Igreja cristã continuavam tentando suprimir os espetáculos dessa natureza! Por causa desses esforços, havia bem pouca atividade teatral até o século IX D.C. Mas então, foi a própria Igreja que reacendeu o teatro. No começo tais esforços foram humildes, mas o evangelho era narrado, por missionários e pregadores, de modo simples, através de histórias dramáticas. Meu irmão, que é missionário evangélico no Suriname, tem me dito que um dos métodos mais eficazes que ele usa, para levar os primitivos nativos a ouvirem o evangelho, é ele mesmo fazer-se ator, com efeitos sonoros apropriados, quando ele narra as histórias da Bíblia. Eles só faltam

enlouquecer quando ele imita a voz de Jonas, ao sair do ventre do grande peixe. E pedem-lhe que ele torne a narrar a história. E, quando os leões saem em perseguição de Daniel, e meu irmão corre de uma fera imaginária, a audiência não desprega os olhos dele. Então vem a história de Jesus, contada com fidelidade aos detalhes bíblicos; e um bom número de convertidos tem sido conseguido, e vários templos evangélicos têm sido edificadas.

Nos tempos medievais, os desempenhos teatrais pintavam as cenas da crucificação, a ressurreição de Jesus dentre os mortos, a visita das mulheres ao sepulcro. A princípio, o teatro era simples. Mas logo desenvolveu-se como uma forma de arte. Peças representando a paixão de Cristo eram populares, e outras cenas bíblicas eram apresentadas, incluindo a descida de Cristo ao hades. Então os cristãos começaram a apresentar as vidas dos santos e cristãos poderosos do passado, o que pode ser classificado como *peças de santos*. Peças de milagres também eram comuns, pelo que muitas das histórias de milagres, feitos por Jesus, eram apresentadas. O Antigo Testamento também fornecia muito material, e não apenas o Novo Testamento. Foi assim que vieram à existência os atores profissionais religiosos, tendo aparecido até mesmo guildas de atores. Os templos e as catedrais eram usados como lugares de apresentação teatral. Eram armados palcos sobre rodas, tornando-os móveis; e os mercados e outros lugares onde o povo costumava juntar-se tornaram-se cenas desses desempenhos teatrais. Isso levou ao que se convencionou chamar de *pageant*, uma palavra francesa que significa «rolar». Por essa época, tal como na antiga Roma, os papéis teatrais começaram a perder a sua profunda natureza religiosa. Estavam voltando a bufonaria e a obscenidade. Assim foi que, em cerca de 1603, o teatro passou a ser novamente combatido pela Igreja Católica Romana. A Reforma protestante varreu de cena o que ainda restava do teatro, que havia permanecido como herança católica, como algo incoerente com a profissão cristã. Uma forma que persistiu em certos lugares, porém, era a chamada *moralidades*, — que era uma forma de diálogo dramático, que discutia os valores religiosos e as questões da vida e da morte.

#### **IV. O Espetáculo da Paixão de Oberammergau**

Esse é um notável exemplar de drama cristão, não remanescente do teatro medieval, mas ligado à variedade moderna. Oberammergau, nos Alpes da Bavária, a 103 km a sudoeste de Munique, foi livrada de uma praga. Em gratidão, os habitantes concordaram em apresentar a cena da paixão de Cristo. Isso transformou-se em uma elaborada tradição, de tal modo que a cada dez anos o drama é apresentado. Isso ocorre em um grande teatro ao ar livre, com grande participação dos cidadãos e de grupos musicais. A peça envolve a curiosidade de que certos papéis da peça tornaram-se hereditários. Se certo pai faz o papel de Judas Iscariotes, um filho seu fará o mesmo papel, no futuro. O papel de Simão Pedro tem passado de avô, para pai, para filho, etc. As pessoas da localidade consideram que participar da peça é um ato de devoção cristã.

#### **V. Dramas Religiosos Modernos**

Esses incluem a dramatização de relatos bíblicos, mas também a apresentação de cenas da vida diária, nas quais as pessoas se vêem às voltas com os conflitos típicos que envolvem os valores religiosos e as decisões que precisam ser tomadas a respeito. A inquirição espiritual é retratada em formas vívidas, como cenas da vida diária contemporânea. Milhares de igrejas



estão empregando esse meio para ensinar as realidades da fé cristã, e como elas têm aplicação ao homem moderno. Essas peças teatrais servem para inspirar, convencer e expurgar emoções, bem como para aprofundar a compreensão de como o homem precisa desfrutar da comunhão com Deus. Muitas técnicas teatrais têm sido sujeitas aos mesmos antigos abusos romanos, e uma das predições feitas por modernos místicos cristãos é a corrupção gradual e radical dessas atividades teatrais nas igrejas cristãs.

#### VI. A Questão Estética

Ver o artigo separado sobre esse assunto, sob o título *Arte*. O teatro é uma das formas de atividade estética, podendo projetar temas metafísicos e despertar os corações para tomarem resoluções morais e espirituais mais decididas. A estética é um dos seis ramos tradicionais da filosofia: Ética, Estética, Lógica, Gnosiologia, Política, Metafísica. E, como tal, busca o ideal do belo, e também de que modo o belo exerce poder sobre as nossas vidas. (E P WIL)

#### DRIESCH, HANS ADOLF

Suas datas foram 1867-1941. Foi biólogo e filósofo alemão. Nasceu em Kreuznach. Estudou em Jena. Ensinou em Aberdeen, Heidelberg, Colônia e Leipzig. Trabalhou no zoológico de Nápoles; foi conferencista Gifford da Universidade de Aberdeen; foi professor de pesquisas da Universidade de Pequim; e foi o mais eminente representante do movimento neovitalista. Ver sobre o *Vitalismo*. Ele reconhecia a importância da parapsicologia como uma ciência emergente, bem como dos fenômenos psíquicos, em relação à religião e à filosofia.

##### Idéias:

1. Dentro dos processos orgânicos, a totalidade pode ser descoberta em suas partes. Importantes, e, realmente, necessárias, em todos os processos, é a presença das *entelequias* sustentadoras (que vide).

2. Existem causas mecânicas, mas até mesmo esse tipo está embebido na causalidade entelequica mais fundamental, que opera acima da mecânica e se alicerça sobre a inteligência.

3. As entidades biológicas desenvolvem-se mediante os poderes internos, que são dependentes, em última análise, de Deus, a entelequia superpessoal.

4. A força controladora de todas as entelequias é Deus, que é a entelequia superpessoal e toda abrangente. Deus é o ápice da estrutura teleológica das coisas. E também é a base do desenvolvimento da vida superpessoal que existe na imortalidade. Ele rejeitava o ateísmo e preferia o panteísmo, o teísmo de emanções e o teísmo criativo, que estariam envolvidos nos problemas sem solução para o homem presente.

5. Para ele, a morte física era a porta para a mais elevada metafísica. A morte nos envolve em uma mudança metafísica da realidade, e nisso consistiria a salvação. A morte produz uma nova forma de ser e de conhecimento. A liberdade é um elemento essencial em toda a vida, expressando-se agora e na outra existência.

*Obras. Biology as an Autonomous Basic Science; Vitalism as History and Dogma; The Science of the Philosophy of the Organism; Theory of Order; The Machine and the Organism.* (AM E P)

#### DROGAS

Um comentário bíblico que eu estava lendo, faz

alguns anos, sobre o texto do Apocalipse, predisse que o fim desta era seria assinalado por alcoolismo generalizado e pelo uso excessivo de drogas. Essa época será «a mais alcoólatra e drogada de todas», declarava o autor. Se esse comentarista estivesse vivo hoje em dia, provavelmente até ele ficaria chocado diante da extensão em que sua previsão se tem cumprido. Atualmente, o tráfico de drogas é o negócio mais rendoso que há no mundo.

Cada geração gosta de acreditar que sua juventude é um tanto pior que a geração anterior. Os filósofos morais atacam as instituições humanas em todas as gerações, e dizem: «Agora está pior do que antes». Eles sempre conseguem exagerar. No entanto, hoje em dia, é quase impossível exagerar. A depravação, em todas as linhas de conduta, é tão maior hoje em dia que até aqueles que não gostam de reconhecer as coisas têm de confessar que as condições atuais são diferentes e piores do que eram, por exemplo, há quarenta anos atrás. Os estudiosos da Bíblia não se surpreendem diante disso. Talvez se sintam consternados ao observarem como as profecias bíblicas relativas ao último tempo estão sendo cumpridas, porquanto sabem que grandes tribulações aguardam o mundo, — não muito longe no futuro. Ficam consternados, mas não ficam surpreendidos. É por isso que estamos esperando: o fim desta era com sua violência e depravação extraordinárias. Grandes julgamentos, criados pelo homem ou determinados por Deus, parecem estar às portas. Um dos açoitamentos criados pelo homem sem dúvida é a radiação solta na atmosfera, pelas usinas nucleares mal controladas, como o caso de Chernobil, na União Soviética, que afetará a humanidade e a ecologia — por cinquenta anos, conforme se noticiou amplamente em meados de 1986. Ver meu artigo sobre *Profecia: Tradição da e a Nossa Época*. Escrevi um livro sobre profecia, chamado *Profecias Para o Nosso Tempo: Quarenta Anos Finais da Terra?* O publicador foi Nova Época Editorial Ltda., São Paulo, São Paulo. Esse livro cobre o tema inteiro da profecia, tanto bíblica quanto dos místicos modernos, incluindo descrições sobre o problema atual das drogas, como uma das condições morais depravadas de nossa época, que caracterizam um mundo maduro para ser julgado.

##### Esboço:

- I. Definição
- II. Classificação das Drogas Segundo o Uso e o Abuso Potencial
- III. O Ponto de Vista Cristão

##### I. Definição

Uma droga é um produto químico que é ingerido ou administrado por causa de sua capacidade de produzir um efeito desejado sobre algum sistema do organismo. Carboidratos, lipídios e proteínas podem ser substâncias tóxicas. Mas, se se encontram nos alimentos, não são classificados como drogas, embora sejam assim classificados se isolados dos alimentos e em forma concentrada. Algumas drogas servem para curar certas doenças, mas o uso das mesmas depende dos benefícios que produzem, em contraste com possíveis efeitos colaterais prejudiciais. Há drogas que exercem um efeito psíquico, produzindo alterações no humor, nas emoções, na percepção dos sentidos e no comportamento. Algumas drogas não são consideradas um risco, mas há outras que, mesmo em ínfimas quantidades, têm efeitos radicais, de tal modo que são proibidas por lei, e seu tráfico ou mesmo posse podem levar à detenção.

## DROGAS

### II. Classificação das Drogas Segundo o Uso ou Abuso em Potencial

<i>Classe A</i>	<i>Potência</i>	<i>Tolerância</i>	<i>Risco</i>	<i>Hábito</i>	<i>Controle</i>	<i>Aceitação Pública</i>
aspirina; cafeína (café); teofilina (chá); teobromina (chocolates); nicotina	baixa	fácil, com exceção da aspirina, para algumas pessoas	insignificante	insignificante	nenhum	totalmente aceita, exceto por alguns grupos religiosos, que rejeitam o uso da cafeína
	alta	enganosamente prolongada	câncer, doenças cardíacas,	elevadíssimo	algum, na propaganda	geral, mas diminuindo
 <i>Classe B</i>						
anfetaminas; tranquilizantes; barbitúricos; maconha; álcool	intermediária	boa, exceto para alguns; enganadora no caso da maconha	potencialmente alto no uso excessivo e prolongado	elevado	todos controlados; maconha proibida por lei	aceitáveis, mas sob protesto de muitos
 <i>Classe C</i>						
Cocaína; ópio; morfina; heroína; LSD e outros alucinógenos	alta	precária	potencialmente alto e perigoso para o público	elevadíssimo	controlados e proibidos por lei, exceto na medicina	geralmente repelidos, exceto para uso médico, mas sua aceitação está aumentando

### III. O Ponto de Vista Cristão

A maioria dos evangélicos aceita o uso de drogas para efeitos médicos, para tratamento físico ou mental. Mas alguns grupos radicais rejeitam qualquer tipo de cura, exceto aquele de natureza espiritual, supondo que o uso de drogas exhibe falta de fé. Ver o artigo geral sobre as *Curas*. Os crentes que merecem o título opõem-se ao uso de drogas como um prazer, e não para o alívio de determinadas aflições. Uma área ainda não bem definida é a do uso de alucinógenos com finalidades psiquiátricas e no caso de pacientes terminais, ou para aliviar as dores ou combater os estados depressivos. A pesquisa é algo urgentemente necessário nessas áreas, de tal modo que os problemas morais possam ser mais apropriadamente definidos. Alguns têm usado alucinógenos para investigar estados de consciência alterados, que com frequência resultam em experiências tipo místicas. Dentre todos os usos legítimos, propostos pelos cientistas, esse é o mais perturbador. Não há certeza se essas experiências são: a. diferentes das alucinações; b. legítimas moralmente, ainda que genuínas, por serem provocadas dessa maneira artificial; c. prejudiciais, física ou mentalmente, sem importar se são meras alucinações ou se são experiências legítimas. Estou supondo que, no nosso atual estágio científico, não podemos ter certeza nenhuma quanto a essas questões, embora sentindo que todas essas experiências são prejudiciais. Pessoalmente, acredito que qualquer tipo de droga, usada criteriosamente pelos médicos, é legítima para aliviar as dores de pacientes terminais. Drogas como a morfina tanto aliviam as dores quanto animam os pacientes, aspectos valiosos em qualquer tratamento, e em consonância com a misericórdia. No caso de pacientes terminais que estejam padecendo de muitas dores, pouca diferença faz se as pessoas tornam-se dependentes de alguma droga. Outras drogas também deveriam ser permitidas com esse propósito, mesmo que tenham efeitos colaterais como alucinações.

### DROGAS E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Ver *Psicodélico: Experiência Religiosa Psicodélica*.

### DROMEDÁRIO Ver sobre o Camelo.

### DRUMMON, HENRY

Suas datas foram 1851-1897. Nasceu em Stirling, na Escócia. Educou-se na Universidade de Edimburgo e no Free Church College, preparando-se para o ministério. Foi preletor de ciências naturais, nessa mesma escola. Esteve associado a Dwight L. Moody (que vide) em suas campanhas de evangelização na Grã-Bretanha e na América do Norte. Era dotado de grande capacidade para apresentar a vida cristã em suas qualidades intelectuais e espirituais, de modo atrativo para os estudantes e para os intelectuais. Em conexão com isso, seu sermão, «A Maior Coisa do Mundo», foi largamente distribuído. Ele publicou várias obras relacionadas às ciências naturais, e procurou insuflar nas mesmas os seus interesses espirituais. Os cientistas criticaram certos aspectos salientados por ele, talvez com razão; mas essas obras foram úteis na apresentação do ponto de vista cristão do mundo, incluindo questões científicas.

### DRUSILA

Esse nome é a forma diminutiva de *Drusa*, o que significa que ela pertencia à família de nome Drusus. Era a filha caçula de Herodes Agripa I. Recebeu esse nome em honra à irmã de Calígula, que falecera com

vinte e dois anos de idade, — cuja morte fora amargamente lamentada. Herodes Agripa era companheiro de Calígula, e estava em Roma quando a irmã deste faleceu, pelo que a aplicação desse nome à sua própria filha menor foi um gesto de simpatia. Ela nasceu em cerca de 38 A.C. (Josefo, *Anti.* 19:9,1).

Drusus, filho de Tibério, era protetor de Agripa I. Quando Drusila tinha cerca de dezesseis anos de idade, em 53 D.C., foi dada em casamento a Azizo, rei de Emessa, que era um pequeno principado ao norte da Síria, onde ficava a cidade de Palmira. Mas, apenas um ano após o casamento dela, Félix, nomeado por Cláudio como procurador da Palestina, persuadiu Drusila a deixar o marido e casar-se com ele. Ver Josefo (*Anti.* 20:7.2). De acordo com Suetônio (Cláudio 28), ela foi a terceira esposa de Félix. Foi nessa capacidade que ela entrou na narrativa bíblica, em Atos 24:24-27, quando Paulo achava-se aprisionado em Cesaréia e foi convocado a aparecer diante da realza, a fim de defender o seu ministério. O texto sagrado informa-nos que a mensagem de Paulo exerceu poderoso efeito sobre Félix, levando-o a tremer. O texto chamado ocidental faz-nos compreender que foi Drusila quem arranhou o encontro, e não Félix; mas, não há razão alguma em preferirmos o texto ocidental, nesse caso. Josefo informa-nos de que Agripa, filho de Félix e Drusila, morreu por ocasião da erupção do vulcão Vesúvio, a 24 de agosto de 79 D.C. Não sabemos se Drusila morreu na mesma ocasião ou não, porquanto o fraseado de Josefo, ao narrar o acontecido, é ambíguo.

### DRUSOS

Esse é o nome de uma seita religiosa, que recebeu o nome por causa do seu fundador, *Darasi*. No século XI D.C., ele afirmou que al-Hakim, califa do Egito, era a encarnação de Deus. Darasi fugiu para as montanhas do Líbano e estabeleceu ali um centro de ensino, o que deu origem à seita. Eles têm podido manter independência política e religiosa por quase nove séculos. Sua fé religiosa é eclética, misturando elementos mosaicos, cristãos e islâmicos, além de certos aspectos do sufismo (que vide). As crenças deles incluem estes pontos: há um só Deus; a reencarnação provê oportunidade de constante progresso espiritual, bem como a perfeição final. O Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos da América, tem estudado significativos casos de memórias de supostas vidas anteriores, em crianças drusas, conferindo-lhe um bom número de excelentes casos por ele estudados. Essa seita tem criado uma considerável biblioteca teológica.

### DUALISMO

Essa palavra vem do latim *dualis*, isto é, «que contém dois». Esse vocábulo parece ter sido usado pela primeira vez por Thomas Hyde, em 1700, em sua obra, *The Ancient Persian*, quando ele escreveu sobre as duas principais personagens imaginárias do zoroastrismo (que vide), o poder bom, chamado Ormazd, e o poder maligno, intitulado Ahriman. Esse termo, usado para expressar os princípios opostos da mente e da matéria, foi empregado pela primeira vez por Christian Wolff (que vide). Desde os dias deles, porém, esse vocábulo tem sido usado para indicar muitos pares de forças opostas e irredutíveis, de orientação metafísica, gnosiológica ou teológica.

#### I. Caracterização Geral

O dualismo é uma teoria concernente aos tipos

## DUALISMO — DUAS TESTEMUNHAS

fundamentais em que estão divididas as substâncias individuais, as classificações morais ou as entidades. Assevera que as partes opostas do par não podem ser reduzidas uma à outra, como, por exemplo, mente e matéria, as quais não podem ser intercambiadas, nem modificadas de modo que uma parte desapareça e a outra permaneça. O dualismo deve ser distinguido do *monismo* (que vide). O monismo assevera que há um único princípio envolvido em alguma questão, embora esse princípio possa manifestar-se de diferentes maneiras, dando a aparência de pluralidade, quando, na verdade, há um único princípio envolvido. O dualismo também deve ser distinguido do *pluralismo* (que vide), o qual afirma que há muitos princípios básicos ou entidades, e não apenas um ou dois, relativos a qualquer dada questão. Se alguém afirma que há certa pluralidade de substâncias, mas que todas elas possuem a mesma natureza, então quem assim diz é *monista*. Mas, se alguém assevera que muitas substâncias possuem essências diferentes, então esse alguém é um pluralista. E, se defende a existência de duas entidades ou substâncias distintas, então essa pessoa é dualista.

### II. O Dualismo na Filosofia e na Teologia

1. Na religião, o *dualismo* é algum sistema que afirma a existência de duas forças opostas, a boa e a má, e que uma delas jamais destruirá a outra, de tal modo que sempre existirão. Isso não significa que choques entre essas duas forças não resultem em vitórias temporárias para um lado ou para outro, mas quer dizer que nunca o dualismo do bem-mal poderá ser reduzido ao que é bom ou ao que é mau. Esse é o sistema de *zoroastrismo*. Aquelas duas forças, segundo esse sistema, finalmente haverão de separar-se, de tal modo que, pelo menos durante algum tempo, deixarão de estar em franco conflito, embora o mal jamais venha a ser eliminado como um sistema. Na oposição entre Deus e Satanás, conforme se vê no judaísmo e no cristianismo, temos apenas um dualismo temporário, e não um verdadeiro dualismo, porquanto o padrão da doutrina judaica e cristã é que o princípio do mal será finalmente eliminado. O maniqueísmo (que vide) e o gnosticismo (que vide) também podem ser considerados sistemas dualistas. Além disso, temos o *Yin* e o *Yang* do neoconfucionismo e do taoísmo, que representam uma espécie de dualismo religioso e filosófico.

2. Platão defendia um *dualismo metafísico* em sua doutrina dos *universais* (idéias), em contraste com os *particulares*, visto que o universal é o elemento eterno, imutável e infinito, enquanto que o particular é a sua contraparte terrena, material e finita. O dualismo de Platão tinha um aspecto ético, visto que os grandes princípios do amor, da justiça, da bondade, etc., assumiam uma realidade metafísica (como paralelos dos atributos de Deus, dentro do pensamento cristão), ao passo que na esfera humana e material temos apenas imitações desses princípios.

3. *Aristóteles*, em sua idéia do Impulsionador Inabalável (o seu deus), que seria uma força cósmica (e não uma pessoa), formaria um dualismo metafísico com todas as outras substâncias. Entretanto, ele não concebia o dualismo do universal-particular de Platão. Por igual modo, sua doutrina sobre a forma, em oposição à matéria, era uma espécie de dualismo.

4. O *neoplatonismo* dava continuação ao dualismo platônico, usando o conceito das emanções (que vide) a fim de saltar por cima do hiato entre os mundos espirituais e o mundo da matéria. Deus seria a única realidade realmente existente, pelo que estaria separada de toda e qualquer outra existência.

5. *Descartes* ensinava um completo dualismo no tocante ao *problema corpo-mente* (que vide), estabelecendo uma radical distinção entre a *res cogitans* e a *res extensa*, ou seja, entre o pensamento e a matéria. Seu dualismo extremado, no tocante à natureza do homem e o subsequente processo do pensamento, deu origem ao ocasionalismo (que vide)—outra forma extrema do dualismo metafísico e epistemológico.

6. *Spinoza* propunha uma única substância (monismo), cujas manifestações seriam pensamento e extensão, formando um dualismo aparente, e não real. A mente e o corpo eram considerados por ele como manifestações de uma única substância.

7. *Kant* reconciliou o dualismo epistemológico ao propor a sua teoria dos *juízos sintéticos a priori*. Todavia, ele retinha uma espécie de dualismo em sua doutrina das *proposições* relativas ao conhecimento científico (através da percepção dos sentidos) e dos *postulados*, no tocante ao conhecimento que não adquirimos por meio dos sentidos, mas que deve ser adquirido pela razão, pela intuição e pelas experiências místicas. Em sua metafísica, ele também retinha uma forma de dualismo, em sua doutrina do *idealismo subjetivo* (que vide). De acordo com isto não podemos conhecer a *coisa em si*, embora ela possa existir ou não, o que também é verdade no que diz respeito às elevadas realidades metafísicas, como Deus e a alma. No caso dessas realidades mais elevadas precisamos ter postulados, e não proposições.

8. *William James* (que vide) acreditava na existência de uma alma separada da matéria, embora tentasse evitar o dualismo radical, aceitando o conceito da *experiência pura*.

9. A *teoria do duplo aspecto* (que vide), do problema corpo-mente, ensina que, apesar de haver um aparente dualismo, como entre a mente e a matéria, há uma única substância básica, da qual ambas se derivam.

10. O *panteísmo* (que vide) é um monismo, embora seja também um pluralismo ou um dualismo prático (se Deus for contrastado com suas supostas emanções).

A nossa ciência humana ainda não avançou até o ponto de poder afirmar que há ou não alguma força espiritual por detrás da matéria e do espírito. O *mormonismo* é o único ramo da cristandade que ensina o monismo. O mormonismo tem uma doutrina materialista segundo a qual tudo é material, mas dentro do que há tipos variegados, incluindo o espírito, uma matéria menos crassa do que a matéria comum. Ainda não temos resposta para esse problema. Porém, na atualidade, a maior parte do cristianismo inclina-se para o dualismo no campo da metafísica, supondo que o espírito é bastante diferente da matéria, quanto à sua *essência*. Quase todas as religiões são dualistas no campo da metafísica, embora, usualmente, não sejam dualistas no campo da ética, visto que ensinam que o bem triunfará, afinal, sobre o mal, e até mesmo o eliminará. O presente dualismo da ética será substituído pelo triunfo do bem, do belo e do justo.

### DUAS ESPADAS, DOUTRINA DAS

Ver o artigo sobre o *Direito Divino dos Reis*, em seu último parágrafo.

### DUAS TESTEMUNHAS

Ver Apo. 11:3

1. De acordo com o que pensam alguns estudiosos,

## DUAS — DUAS VEZES NASCIDO

essas testemunhas «simbolizam» as *forças cristãs* em qualquer época, aquelas que resistem à tirania e ao mal, especialmente à iniquidade espiritual. Nesse caso, as testemunhas não seriam indivíduos literais. Em Apo. 11:4, o simbolismo das «oliveiras» e dos «candeiros» poderia fazer delas *religiões unidas* ou «líderes civis» que exercem poder sobre a comunidade cristã. Mas há aqueles que dizem que essas testemunhas são somente os «ministros cristãos» através da história da igreja.

2. Os intérpretes da escola histórica, como sempre, procuram encontrar «indivíduos» do passado, pensando que se trata de poderosos líderes eclesiásticos. «Lutero e Melancton» são apontados entre os candidatos. As tradições apocalípticas, entretanto, identificam-nas com profetas do A.T., conforme se poderá observar mais abaixo.

3. Também poderiam ser os «propósitos divinos» ou mesmo, «seres» que operam mediante agências humanas. Mas a tradição apocalíptica é contrária a isso. Dois seres humanos são as duas testemunhas.

4. Os intérpretes futuristas, apesar de concordarem que duas testemunhas aparecerão no período da tribulação, não concordam sobre a identificação dessas testemunhas. Abaixo temos as idéias centrais:

a. A identidade das duas testemunhas permanece desconhecida, e toda a conjectura é inútil. Deus as levantará, e então, no tempo certo, serão conhecidas. É interessante que alguns futuristas não crêem que o número das testemunhas seja necessariamente dois. Poderiam ser muitos. Dizem eles que temos aqui um número místico ou simbólico, e não necessariamente o fato que são duas testemunhas. Por duas ou três testemunhas toda a palavra será confirmada. Porém, a tradição apocalíptica por detrás deste versículo não apóia essa idéia. Outros aceitam que o número dessas testemunhas será dois, mas crêem que serão duas personalidades desconhecidas, ou seja, sem história prévia, que ministrarão no «espírito» de Moisés e Elias, embora não sejam Moisés e Elias.

b. Alguns supõem que *Elias e Enoque* estão em foco, havendo precedente para esse ponto de vista nos apocalípsos judaicos e na primitiva tradição cristã. Tertuliano, *De Anima*, 50, menciona essa tradição, evidentemente aprovando-a. (Ver também *Ps. Johanne Apo. 8; Ps. Cyrilan, «De montibus Sina et Sion»*, 5 e, especialmente, *I Enoque 90:31*, que contém a predição de que antes do julgamento, Elias e Enoque terão um novo ministério). O livro de IV Esdras 6:26 faz com que as duas testemunhas esperadas sejam homens que não provaram a morte, e, portanto, Elias e Enoque. Uma circunstância que parece ter dado origem a essa tradição é a «transladação» de ambos esses homens, de forma que não provaram a morte física (ver Gên. 5:24 e II Reis. 2:11). Foi apenas natural que alguns imaginassem, pois, que em face de não terem eles «morrido», retornariam à terra para terem um novo ministério. Elias, especialmente, sempre foi destacado quanto a isso, pelo que a sua volta para servir de arauto da segunda vinda de Cristo tornou-se um dogma fixo. (Ver Mal. 4:4-6; Deut. 18:15, conforme alguns pensam; e Mar. 6:15). Se isso é verdade embora não tivessem morrido fisicamente, seria necessária a *reencarnação*, para trazê-los de volta a este mundo, pois os lugares celestiais não podem acolher corpos humanos comuns, de carne e sangue (ver I Cor. 15:50), pelo que deve ter havido a «transformação» dos corpos de Elias e Enoque, tornando-se sobre-humanos e imortais. Assim sendo, a fim de poderem tornar-se mortais novamente, de modo a poderem passar pela morte física (conforme

Apo. 11:7 mostra que terá de suceder), teriam tido de passar pela «reencarnação», recebendo novamente corpos humanos normais.

c. Outros pensam que *Elias e Moisés* é que estão em pauta. O presente contexto favorece isso, pois as «coisas» que as duas testemunhas farão fazem-nos lembrar definitivamente as vidas e obras de Moisés e Elias. (Ver Apo. 11:6). O fato de que tais prodígios lhes são atribuídos (com óbvia dependência do A.T.), dificilmente teria sucedido por acidente, da parte do vidente João. Além disso, há força no argumento que diz que Elias representa os «profetas», ao passo que Moisés representa a «lei». Ambos testificam de Cristo, pelo que voltarão para anunciar o retorno de Cristo e fazer oposição ao anticristo. Acrescente-se a isso que no monte da Transfiguração (décimo sétimo capítulo do evangelho de Mateus) foram esses dois profetas que apareceram com Jesus; — e aquela *visão* anunciava a vinda de Jesus em sua glória, para estabelecer o reino. Portanto, temos Moisés e Elias a acompanharem o Senhor, sendo natural pensarmos que o ministério das duas testemunhas será atribuído a eles. Também há precedente nas tradições para esse ponto de vista, já que a *Assunção de Moisés* diz que este foi arrebatado aos céus do mesmo modo que Enoque. A passagem de Deut. 18:15, que diz que Deus levantaria um profeta semelhante a Moisés, era interpretada, por vários rabinos, como trecho que ensina que Moisés «redutivo» voltará, antes da manifestação do Messias; e os samaritanos, em seu «Taheb» (Messias) ensinam que o próprio Moisés será o Messias.

Considerando-se todos os pontos, embora *nada* de absolutamente certo possa ser dito, parece que Elias e Moisés estão em pauta. Será preciso que surjam espíritos daquela estatura para realizarem a missão que é atribuída a essas duas testemunhas. Elias e Moisés, pois, haverão de «reencarnar-se» para cumprir essa missão, trazendo consigo poderes espirituais que desenvolveram em sua inquirição espiritual e usando os mesmos, uma vez mais, para a glória de Cristo.

*Notemos aqui o drama sagrado da alma.* A alma não é cativa à parte material, ao corpo físico; mas, em sua missão, transcende à matéria, podendo ser investida da mesma para mais de uma missão, terrena ou celestial. Tudo isso depende da vontade de Deus, porquanto ele pode fazer o que melhor lhe agrada, com aquelas almas que lhe são leais. Que seja feita a vontade do Senhor!

### DUAS VEZES MORTO

Ver sobre *Dois Vezes Nascido* em Judas 12 no NTI, quanto a uma completa explicação sobre essa metáfora. Essa expressão sugere a *segunda morte* (que vide), embora provavelmente não lhe seja parcela. A segunda morte é uma morte adicionada à morte física. Além disso, a morte espiritual de uma pessoa, enquanto ela continua viva no corpo mortal, pode ser seguida pela segunda morte, após a morte biológica.

### DUAS VEZES NASCIDO

Essa expressão pode ser um sinônimo do novo nascimento ou regeneração. Ver sobre a *Regeneração*. Pode-se contrastar a idéia com a expressão «duplamente mortas», de Judas 12. O indivíduo espiritualmente morto parece ter obtido a vida espiritual, mas então retorna a seu estado anterior; e então *nasce* que, na realidade, ele está morto, não possuindo a

vida que pareceu possuir, durante algum tempo. Judas referia-se aos corruptores gnósticos que infectavam a Igreja primitiva. Ver uma completa explanação disso, no NTI, *in loc.*

William James em sua obra *Varieties of Religious Experience*, oferece-nos um estudo sensível, cuidadoso e até mesmo comovente sobre experiências místicas de pessoas que encontram uma dimensão da realidade que vai além da percepção dos sentidos e da razão. Ver o artigo sobre o *Misticismo*. As pessoas que passam por profundas experiências religiosas, que as transformam, são chamadas por ele de *duplamente nascidas*. A unidade do testemunho religioso, tanto do Ocidente quanto do Oriente, favorece a validade dessas experiências, embora, como é óbvio, elas possam ser imitadas e simuladas. As *experiências perto da morte* (que vide) fazem muitas pessoas chegarem ao terreno das pessoas duplamente nascidas; uma experiência que transforma as suas vidas e lhes confere uma nova hierarquia de valores. Algumas pessoas entram nos primeiros estágios da morte, e então retornam à vida. O artigo desta enciclopédia, com o título acima, fornece descrições detalhadas sobre a questão. Portanto, muito entristecedora é a condição oposta, segundo a qual certos homens, durante algum tempo, afastam-se da morte espiritual, somente para reverterem a seu estado anterior, ou mesmo a uma condição mais grave. A graça de Deus é necessária a fim de reverter tais casos, e confio que, em algum ponto, isso sucederá. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

#### DUCASSE, CURT J.

Suas datas foram 1881-1969. Foi um filósofo norte-americano naturalizado, porquanto nasceu na França. Educou-se nas Universidades de Washington e Harvard. Ensinou nas Universidades de Brown e de Washington.

##### Idéias:

1. No tocante ao problema do **determinismo** (que vide), ele ensinava que o livre-arbitrio é uma idéia autocontraditória, exceto que, *algumas vezes*, o ser humano é capaz de fazer o que lhe agrada, embora, normalmente, veja-se limitado por fatores determinantes.

2. No tocante às causas, ele afirmava que o que é físico pode atuar sobre o que é mental, e vice-versa; ou então que tanto a causa como o seu efeito podem ser físicos; ou então, que tanto um como o outro podem ser mentais. A sua análise mostrava que problemas desses tipos podem ser melhor solucionados através de delineamentos cuidadosos. Seus estudos, nessa área, nos deram termos como *fisicofísico* (a matéria atua sobre a matéria); *psicopsíquico* (a mente atua sobre a mente); *psiquicofísico* (a mente atua sobre a matéria). Ver o artigo geral sobre o *Problema Corpo-Mente*.

3. Ducasse demonstrava interesse pelos fenômenos psíquicos, argumentando que apesar dos estudos sobre a questão não provarem a existência da alma e sua sobrevivência diante da morte biológica, tais estudos dão apoio ao conceito. Ele teria apreciado o trabalho que está sendo realizado agora no campo das *experiências perto da morte* (que vide), que representa uma poderosa evidência em favor da sobrevivência da alma, e, atualmente, é nosso estudo mais promissor na direção de uma prova científica da existência da alma e sua sobrevivência diante da morte física. Ver os artigos sobre *Alma* e *Imortalidade*. Entre os artigos sobre a *Imortalidade*, há um

escrito do ponto de vista científico, intitulado *Abordagem Científica à Crença na Alma e em Sua Sobrevivência Ante a Morte Física*.

*Obras. Causation and the Type of Necessity; Philosophy of Art; Philosophy as a Science; Nature, Mind and Death; A Philosophical Scrutiny of Religion; A Critical Examination of the Belief in a Life After Death.* (EP P MM)

**DUGONGO** Ver **Texugo (Dugongo)**.

#### DUHM, BERNHARD

Suas datas foram 1847-1929. Foi erudito e escritor de comentários, nascido na Alemanha. Ensinou nas Universidades de Gottingen e Basileia, esta última na Suíça. Escreveu significativos comentários sobre os livros de Isaías, Salmos e Jeremias. Ele enfatizava especialmente a compreensão da mensagem profética, e não tanto o lugar de cada livro como um fenômeno histórico. Ver o artigo sobre *Wellhausen*.

#### DUHRING, EUGEN

Suas datas foram 1833-1901. Foi filósofo e economista germânico, embora os seus estudos e pronunciamentos abordassem áreas da fé religiosa. Nasceu em Berlim, e tornou-se professor da Universidade de Berlim. Era pensador materialista, que ensinava que os pensamentos derivam-se da crassa matéria. Contudo, segundo ele, o alvo na direção do qual se esforça a natureza sempre foi produzir seres conscientes. A base da moralidade seria a simpatia, um sinônimo para «amor». Os dois grandes princípios da ação moral seriam a dor e o prazer; o primeiro deveria ser evitado, e o segundo deveria ser usufruído. O conceito de Darwin da luta pela sobrevivência dos mais aptos conteria alguma verdade, embora parcial. Dühring argumentava, em sua filosofia econômica, que o capitalismo não deve ser eliminado, mas purificado, em razão do que foi severamente criticado por Karl Marx e por Engels.

*Escritos. Capital and Work; The Worth of Life; Natural Dialectic; Critical History of the National Economy and of Socialism; Reality Philosophy; The Substitute for Religion.*

#### DUMÁ

No hebraico, «silêncio». Nome de um homem e de uma cidade, nas páginas do Antigo Testamento, sem falar em uma alusão aparentemente simbólica, conforme se vê nos três pontos abaixo:

1. Um filho de Ismael, o sexto, e neto de Abraão e Hagar. Viveu em torno de 1840 A.C. Presume-se que ele tenha sido fundador de uma das tribos árabes. Seu nome veio a ser usado para indicar o principal distrito onde habitavam os seus descendentes (Gên. 25:14; I Crônicas 1:30 e, talvez, Isa. 21:11; mas, ver abaixo no terceiro ponto). Dumat al Gandal parece identificar o local moderno. Esse lugar atualmente é um oásis localizado a meio caminho entre o fundo do golfo Pérsico e o golfo de Ácaba. Inscrições reais, de origem assíria e babilônica, pertencentes aos séculos VII e VI A.C., referem-se à destruição de Adammatu, que parece ser uma referência a Dumá.

2. Nome de uma cidade da tribo de Judá (Jos. 15:52). Eusébio e Jerônimo afirmaram que a mesma ficava situada a dezessete milhas romanas de Feleuterópolis, em Daroma. Atualmente é identificada com a *Ed-Domeh*, a sudoeste de Hebron.

3. A referência em Isaías 21:11, onde aparece esse nome, parece usá-lo de forma simbólica, dando a

idéia de «profundo», o que poderia apontar para a «terra dos mortos», isto é, lugar de silêncio profundo. Ver também Sal. 94:17 e 115:17.

## DUNS SCOTUS

Suas datas foram 1266-1308. Foi um filósofo escolástico. Nasceu em Maxton, na Escócia. Ingressou na ordem monástica dos franciscanos e foi ordenado padre. Estudou em Oxford e Paris, e ensinou em Oxford, Paris e Colônia. Recebeu o doutorado em Paris. Dentro da tradição escolástica histórica, ele se coloca entre Tomás de Aquino e Ockham. Era um pensador original. Era chamado de Doutor Sutil. Sua morte relativamente prematura obrigou seus alunos a compilarem o seu material para ser publicado, o que permitiu a adição de certos materiais espúrios. No entanto, sua influência tem sido grande, mesmo entre pensadores modernos, de tal modo que vultos como Heidegger, C.S. Peirce e G.M. Hopkins (ver os artigos a respeito deles) estão em dívida para com ele.

### Idéias:

1. Scotus era dotado de excelente intelecto, e prezava muito a capacidade intelectual humana. Por isso mesmo, ele pensava que todos os seres (*realistas*) cabem dentro dos limites dos poderes do intelecto. Deus e o próprio «eu» estariam incluídos nisso, embora a vida biológica, naturalmente, sirva de empecilho à inquirição humana.

2. Ele assumia um ponto de vista empírico do *modus operandi* do conhecimento, supondo que todo conhecimento origina-se da percepção dos sentidos. O intelecto humano começaria como uma *tabula nuda* (uma ardósia limpa). À medida que vamos escrevendo sobre a ardósia, por meio da experiência, também vai aumentando o nosso conhecimento, e abstraímos o universal do que é particular. A faculdade intuitiva opera sempre; e, além dos informes que recebemos, também conhecemos intuitivamente as coisas particulares, com base nas realidades universais de onde se derivam.

3. Scotus era um *realista*, aceitando a realidade da existência dos universais (que vide).

4. Ele acreditava no primado da vontade (*voluntarismo*, que vide), embora não aceitasse a idéia da vontade arbitrária.

5. Ele rejeitava as provas empíricas da existência de Deus e da alma, como provas conclusivas, e asseverava o caráter relativo do conhecimento religioso (não-científico), pelo que também tornou-se um pioneiro no campo da crítica nominalista.

6. Ele confiava na autoridade da Igreja no campo das doutrinas que os métodos empíricos não podem explicar. O conhecimento metafísico de Deus é possível porque há um conceito unívoco do ser, aplicável a Deus e às criaturas, o que também ocorre no caso das verdades da unidade, da bondade e da verdade religiosa essencial. Abstraímos os atributos de Deus purificando os atributos humanos (antropomorfismo). Scotus pensava que, sem esse processo (sem importar quão imperfeito seja o mesmo), não temos qualquer meio para descrever Deus. Isso porque ficaríamos sem qualquer termo de comparação, e Deus pertence a uma categoria toda própria.

7. A existência de Deus. Duns Scotus valorizava os argumentos tradicionais como o da contingência (deve haver um Ser Necessário, de onde procedem os seres derivados), o argumento cosmológico (que vide), e o argumento ontológico de Anselmo (que vide), porquanto Deus é o *Summum Cogitabile*.

8. Ele respeitava muito a individualidade do homem, afirmando a liberdade da vontade, em oposição à idéia do determinismo (que vide). O pecado existe porque Deus não poderia ter criado uma vontade racional incapaz de pecar. A autoridade política repousa sobre o consentimento voluntário dos governados, e o bem comum é o alvo de toda a atividade política.

9. Scotus estabelecia criteriosas distinções entre os argumentos acerca dos universais. Ele rejeitava a tentativa de Tomás de Aquino de fazer da matéria o princípio da individualização, supondo que a mesma é indeterminada. Em lugar da matéria, ele preferia a *haecceitas* (o «isto» de cada indivíduo), o que fazia de Sócrates, para exemplificar, diferente do resto da espécie humana. Sócrates, pois, seria o «isto» da humanidade, embora isso não se devesse à sua essência material. E nem dever-se-ia, meramente, porque nele habitasse a essência universal da humanidade. Na verdade, haveria algo de distinto em cada ser humano individual. Ver esse conceito desenvolvido teologicamente no NTI, em Apo. 2:17, onde aparecem comentários sobre o *novo nome* e sobre o conceito da *pedrinha branca*.

10. O amor de Deus ocupava lugar central na teologia de Duns Scotus. Essa é a base de toda a conduta ética, bem como a força por detrás da encarnação do Filho de Deus. Foi um dos campeões do conceito da Imaculada Conceição de Maria, dando maior força à *maríolatria* (que vide), doutrina católica romana que, através dos séculos, vem adquirindo importância cada vez maior para o sistema romanista.

*Escritos. Indagações sobre o Livro de Aristóteles, «Sobre a Alma»; Questiones in Metaphysicam Subtilissimae; Sobre os Princípios Básicos; Questiones in Quattuor Libros Sententiarum; Questiones Quodlibetales.*

## DUPLA MENTE

O grego por detrás dessas palavras é *dipsuchos*, que significa «alma dupla». No Novo Testamento, ela aparece em Tia. 1:8 e 4:8 (onde nossa versão portuguesa a traduz, em ambas as passagens, por «ânimo dobre»), onde ela tem o sentido de pessoa duvidosa, hesitante, dividida entre dois pensamentos. Um homem dotado de mente débil assemelha-se a um homem com duas mentes. Com uma delas, ele responde às realidades espirituais; mas, com a outra, ele é fraco e hesitante, sem qualquer propósito espiritual mais firme. Tal homem está em guerra civil consigo mesmo. Tal homem não precisa esperar que suas orações mostrem-se eficazes, conforme Tiago nos ensina. Além disso, ele cairá em erro moral e todo o tipo de defeito espiritual, o que Tiago 4:8 dá a entender. Paulo exortou-nos a consagrar nossas mentes a Deus (Rom. 12:2), o que faz parte da apropriada consagração ao Senhor. Jesus ensinou que ninguém pode servir a dois senhores (Mat. 6:24), porque, mais cedo ou mais tarde, um deles será bem servido, e o outro será negligenciado. O uso que os pais da Igreja fizeram do termo grego *dipsuchos*, parece ser um termo usado para exprimir as idéias do Novo Testamento, embora essa palavra específica só apareça ali por duas vezes.

## DUPLA PREDESTINAÇÃO

Presumivelmente, antes da existência dos mundos, mas em antecipação à criação do mundo, a sabedoria de Deus achou por bem dividir os seres humanos em dois grupos bem distintos. — Um dos grupos foi

## DUPLA — DUPLO ASPECTO

destinado à vida eterna, e o outro à condenação eterna. O decreto que produziu o primeiro resultado é chamado *eleição* (que vide), ao passo que aquele que produziu o segundo resultado é chamado *reprovação* (que vide). Essa é a doutrina expressa pelo ultracalvinismo, da posição supralapsária (que vide). A doutrina mais moderada é chamada *predestinação simples* (que vide), que ensina que Deus, em sua soberania, propôs positivamente a *eleição*, deixando inteiramente de lado os não-eleitos, permitindo-lhes sofrer as consequências de seus próprios pecados. Essa permissão divina, pois, é chamada *reprovação passiva*. Presume-se que o evangelho visa somente os eleitos, e que a *expição* também se limita a eles, tal e qual faz a dupla predestinação. Realmente, há versículos no Novo Testamento, como o nono capítulo da epístola aos Romanos, onde a reprovação ativa e a dupla predestinação são ensinadas, mas considero isso uma teologia fraca e parcial, que faz de Deus a *única* causa, ignorando que também existem causas *secundárias*. Essa posição faz de Deus o autor do *mal*, e também *destituído* de amor, excetuando um tipo muito seletivo de amor. O trecho de I João 3:16 parece ser contrário a essa posição, pois ali lemos que Deus amou o mundo. O trecho de I João 2:2 também é contra essa idéia, ao asseverar uma expiação universal pelo pecado. Portanto, podem ser evocados textos de prova em favor de ambos os lados desse argumento. Isso nos dá a liberdade de chamar essa questão de um *paradoxo* (que vide), ou então teremos de rejeitar ou um lado ou o outro da questão. Ou então podemos afirmar que Deus elege ativamente e reprova ativamente, embora tendo de modificar nossa doutrina do julgamento, supondo que ele *restaura*, mas *não redime* os não-eleitos. Todavia, a *restauração* (que vide) também será um produto admirável do amor divino, embora a glória dos restaurados venha a ser muito inferior à dos remidos. Mediante essa suposição, salvamos o amor de Deus do opróbrio e conferimos plena força à missão de Cristo, quanto aos seus propósitos e intenções. Ou então, podemos supor que a redenção é o propósito divino para todos os seres humanos, mas que, — falhando esta no caso de alguém, a restauração é o ato secundário e adequado para satisfazer os requisitos do amor de Deus, bem como o alcance universal da missão de Cristo. Nesse caso, ou rejeitamos totalmente a doutrina da reprovação, ou então dizemos que a própria *restauração*, por ser uma realização menor, é a reprovação. Pessoalmente, rejeito a reprovação como um ato a longo prazo, e assevero que a reprovação será *revertida* quando da restauração divina de todas as coisas (Efê. 1:10). Desse modo, evito pensar em qualquer coisa negativa dentro da magnífica missão de Cristo, a qual, em nenhum sentido, em nenhum de seus aspectos, pode ser chamada de reprovação. O juízo divino, pois, será remedial (conforme se vê em I Ped. 4:6), realizando uma nobre obra. Talvez seja severo, e de longa duração, envolvendo todos os impenitentes. Portanto, começará sendo uma medida retributiva; mas, o seu alvo final é a restauração, e acabará sendo, por igual modo, uma expressão do amor de Deus.

### DUPLA PROCEDÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO

Essa é a doutrina que ensina que o Espírito Santo procede tanto do Pai quanto do Filho. O termo latino *filioque* (que vide), é usado para exprimir essa idéia. Essa noção tornou-se uma parte integral da teologia ocidental, já aparecendo claramente em pronunciamentos feitos por Agostinho, quando ele se referiu ao

princípio da *unidade* da Deidade. Portanto, o que pode ser dito sobre o Pai, também pode ser dito sobre o Filho. Porém, a Igreja oriental insiste que o Espírito Santo procede somente do Pai, o que lhes parece garantir melhor a unidade da Deidade. Eles dizem que o Espírito *procede do Pai*, mas *através do Filho*. Essa questão foi uma das causas do Grande Cisma, quando a Igreja Ortodoxa Oriental separou-se da Igreja do Ocidente, e esta tornou-se a Igreja Católica Romana, em 1054. Ver o artigo sobre *Cerulário, Miguel*. Ver também sobre o *Cisma* e sobre *Filioque*.

### DUPLA VERDADE

Essa é a idéia que diz que uma verdade em uma disciplina pode ser uma falsidade em outra disciplina. Por exemplo, uma verdade religiosa pode ser uma falsidade filosófica ou científica. Essa idéia parece ter-se originado na observação de que certas supostas verdades religiosas ou teológicas, especialmente aquelas alicerçadas sobre algum dogma, que, por sua vez, fundamenta-se sobre as Escrituras (misticamente recebidas, mediante revelação), não podem ser consubstanciadas pela razão. De fato, algumas dessas verdades são contrárias à razão humana, como, por exemplo, a doutrina da Trindade, três em um e um em três. Isso, de não se ajustar ao raciocínio humano pode ser chamado de inverdade na filosofia. Seja como for, o bispo de Paris, em 1277, negou formalmente a doutrina da trindade, juntamente com outras doutrinas alegadamente heréticas e escandalosas, que estariam sendo ensinadas na Sorbonne. O espírito da idéia, porém, pode ser retido dentro do ensino sobre os *paradoxos* e sobre a *polaridade*, sobre o que temos apresentado artigos separados, nesta enciclopédia.

### DUPLO

1. *Usos Literais nas Escrituras*. O peitoral do sumo sacerdote (que vide) era feito de um pano dobrado pelo meio (Exo. 39:9). O sonho de Faraó lhe foi dado por duas vezes em seguida. Portanto, foi um sonho duplo, através de dois conjuntos diferentes de símbolos (o que é comum nos sonhos, conforme o demonstram os estudos modernos), a fim de que fosse confirmada a mensagem que estava sendo transmitida, com a certeza do que estava prestes a acontecer em breve (Gên. 41:32). O furto era reparado mediante a dupla devolução, de acordo com a legislação levítica (Exo. 22:4,7,9). Eliseu pediu que lhe fosse dada a dupla porção do Espírito, em relação a Elias, quando ele estava prestes a assumir as responsabilidades deste último (II Reis 2:9). Aqueles que ensinam bem devem ser considerados dignos de dobrada honra, entre os ministros da Igreja (I Tim. 5:17).

2. *Usos Metafísicos*. a. Os pecadores, mesmo que pertençam ao povo de Deus, podem esperar juízos divinos severos, que são expressos como *receber em dobro* das mãos de Deus (Isa. 40:2). b. Os judeus receberam em dobro por sua vergonhosa deslealdade, antes de suas tribulações e desgraças serem removidas, e antes de uma grande felicidade lhes ser concedida (Isa. 61:7). c. O cálice do anticristo será cheio em dobro, referindo-se aos ferozes julgamentos vindouros (Apo. 18:6). d. O coração dobre, ou a mente dupla fala do indivíduo que é espiritualmente fraco e que duvida. Ver o artigo sobre a *Dupla Mente*.

### DUPLO ASPECTO (GNOSIOLOGIA)

Trata-se do ensino, conforme se vê nos escritos de



## DUPLO ASPECTO — DUPLO REINO

Abbagnano, de que cada possibilidade concreta aberta ao homem tem um aspecto positivo e um aspecto negativo. Para exemplificar, saber alguma coisa não envolve apenas um conhecimento positivo, pois também envolve o aspecto de não estar equivocado, ou da não possibilidade de erro. O verdadeiro conhecimento é positivo: envolve o acúmulo de detalhes positivos. Porém, não será um conhecimento absolutamente verdadeiro enquanto não for impossível encontrar erros e equivocados. De acordo com esse padrão, os homens têm bem pouco conhecimento verdadeiro, quer seja ele científico, filosófico ou teológico.

### DUPLO ASPECTO (METAFÍSICA)

Essa expressão refere-se ao conceito do problema do corpo-mente dando a entender que a explicação da realidade como material e não-material está equivocada. Acredita-se que há uma realidade básica que se manifesta de maneiras supostamente materiais e imateriais, talvez com vibrações variadas, embora a realidade seja uma só. Quanto a outras explicações a respeito, ver estes dois artigos: *Aspecto Duplo* e o *Problema Corpo-Mente*.

### DUPLO EFEITO, PRINCÍPIO DO

Nem sempre é fácil seguir um curso de ação moral que tenha opções. Algumas vezes, um curso de ação que tomamos pode envolver algum efeito lícito, e, ao mesmo tempo, um efeito ilícito. Tomemos o exemplo de uma pessoa que esteja nas últimas fases de uma enfermidade, à beira da morte, e que precisa de morfina para aliviar suas dores. Porém, sabe-se que se essa pessoa tomar morfina, o resultado pode ser a morte por falha cardíaca. O medicamento é dado a fim de aliviar a dor (um ato lícito), mas o paciente acaba morrendo (um efeito ilícito). Têm sido vendidas pílulas anticoncepcionais em lugares onde tal venda é permitida, mas não aceita de modo geral. Nesses casos, tais anticoncepcionais são anunciados como úteis por razões higiênicas, como prevenção contra as doenças venéreas, ou a fim de regular o ciclo menstrual das mulheres. Isso é um propósito lícito da venda dos mesmos. Porém, a razão principal é impedir a gravidez (para alguns, um ato ilícito). Nessas coisas, pois, encontramos o princípio do *duplo efeito*.

### DUPLO PADRÃO DE MORALIDADE

1. *Aplicação Primária*. A primeira aplicação dessa idéia é que aos homens deveriam ser permitidas uma maior liberdade e atividade sexual do que às mulheres. Isso teria aplicação às condições pré-marital e pós-marital, igualmente. Essa atitude tem sido encorajada de vários modos: a. *A longa história* da poligamia entre os homens, onde cada mulher só podia ter um homem; mas onde cada homem tinha o direito legal e social de ter mais de uma esposa, ou então uma esposa e várias concubinas. b. *Os costumes sociais* de longa data, mediante os quais um homem pode ter amantes até mesmo nas sociedades que não permitem o casamento plural sem qualquer grande condenação; mas outro tanto nunca é permitido às mulheres. c. *A continuação da poligamia* em várias sociedades ao redor do globo, até hoje, para grande consternação do papa João Paulo II. d. *As evidências biológicas* que mostram que o impulso sexual do homem inclina-o à variedade, ao passo que a maioria das mulheres, a menos que provocadas, contenta-se

em ter apenas um homem. e. *As evidências psicológicas*, que mostram que o ego do homem está envolvido nessa questão de ser capaz de ter sexualmente várias mulheres, ao passo que as mulheres, se não forem provocadas, satisfazem-se com algum namoro (inocente?), que não conduz ao ato sexual.

2. *As feministas* se têm revoltado contra essa situação, oferecendo duas soluções possíveis: primeira, a monogamia deveria ser obrigatória para os homens, a fim de que a condição deles se torne semelhante a das mulheres. Segunda, que as mulheres devem ter os mesmos direitos sexuais dos homens, e, portanto, acesso à variedade em experiências sexuais.

3. *Restrições Bíblicas*. A poligamia era a condição padrão da sociedade judaica, desde o começo. Porém, há evidências de que essa condição estava se modificando na direção da monogamia, antes mesmo dos tempos neotestamentários. No entanto, nos dias do Novo Testamento, a condição ainda era generalizada dentro da comunidade judaica. Jesus, em contraste com isso, pregava o ideal espiritual de um-homem-uma-mulher (Mat. 19:4 ss). A Igreja primitiva inevitavelmente enfrentou muitos casos de casamentos plurais. Em parte alguma do Novo Testamento, exceto dentro do ideal expresso por Jesus, encontramos qualquer regulamento a esse respeito. Todavia, a passagem de I Tim. 3:2 mostra que um líder cristão, em contraste com os rabinos das sinagogas judaicas, só podia ter uma esposa. Naturalmente, a Bíblia não declara que o casamento duplo é adultério. Mas com igual razão, o Antigo e o N. Testamentos proíbem o *adultério*, — experiência sexual de uma pessoa casada com quem não é seu cônjuge; — e a *fornicação*, ou seja, o sexo pré-marital, e isso no caso tanto do homem quanto da mulher. Ver I Tes. 4:4; Rom. 13:9 e Êxo. 20:14. O duplo padrão, portanto, é proibido na Bíblia, exceto no caso dos casamentos plurais; mas isso é desencorajado pelo ideal expresso por Jesus. A Igreja cristã histórica tem encorajado a monogamia, e tem resistido ao duplo padrão.

4. *Em outros Contextos*. A expressão «duplo padrão de moralidade» pode ter uma ampla aplicação, referindo-se a qualquer questão moral onde puder ser mantida a duplicidade de padrões, de modo a favorecer um lado e a desfavorecer o outro. Para exemplificar, a questão do voto durante séculos tem sido uma praga para muitos países. Se o homem tem o direito de votar, por que o mesmo direito não é estendido à mulher? Até hoje, temos um duplo padrão na questão dos salários e privilégios, em que o homem é favorecido, embora, diante da lei, o homem e a mulher sejam iguais. Nem sempre, contudo, esses duplos padrões dependem do sexo. Há razões raciais e distinções de classes, no que o exemplo mais tocante do momento é a África do Sul. A Bíblia ensina-nos que, em Cristo, todos são iguais, de tal modo que nem raça, nem sexo e nem posição social podem rebaixar um ser humano (Gál. 3:28). Esse padrão não se tornará universal, ainda durante muito tempo. Todas as desigualdades sociais, a crer na Bíblia, só desaparecerão no milênio e no estado eterno.

### DUPLO REINO DE DEUS

Essa expressão significa que Deus tem dois reinos sobre os quais ele é soberano. Antes de tudo, ele é soberano sobre a criação física, os mundos materiais e a sociedade secular dos homens, pelo direito que lhe cabe como criador, preservador e juiz de todas as

## DURA — DURANDUS

coisas. Em segundo lugar, ele também é soberano sobre as dimensões espirituais, o que inclui a Igreja, em relação à qual ele é o Doador da Vida e o Redentor.

**O Problema Ético.** Surge um problema criado por esse duplo reinado, porque precisamos perguntar até que ponto o crente pode participar de ambos. A resposta dada pelo monasticismo ascético é que um crente sincero não pode participar de ambos esses reinos, pelo que deve tomar sua decisão de separar-se do mundo. Porém, a resposta bíblica é que muitas pessoas espirituais desempenham suas missões de maneira bem vinculada ao mundo físico, como em obras de caridade, de educação, na política e em muitos esforços humanitários.

Paulo dividia a humanidade em dois reinos, uma parte seguindo o Adão natural, e outra parte seguindo o homem espiritual, que é Cristo (Rom. 5:1,2,17,18). Isso significa que o homem espiritual deve pôr de lado os pecados e as corrupções deste mundo, embora sem deixar de associar-se com a sociedade não-regenerada. Pois, como poderia o sal fazer qualquer bem, a menos que seja aplicado ao que é inosso? A nova era cristã não suplantou a era antiga, mas deixou os cristãos participarem da mesma. Portanto o novo interpenetra o antigo e existe tendo em vista a sua redenção. Porém, como poderia haver redenção sem associação? O crente, como pecador que é, mesmo assim mantém os remanescentes e influência do reino antigo que nele continua existindo. Portanto, instaura-se um conflito interior e, com certa freqüência, o crente sai derrotado na refrega. Não obstante, o crente percebeu e acolheu o princípio mais elevado e agora o segue. Ele procura não se amoldar a este mundo (Rom. 12:2) e sempre renova a sua mente como um meio de obter sucesso.

**A Igreja e o Mundo.** Ver o artigo sobre esse assunto. Não se pode separar com sucesso os dois reinos, pelo menos no tempo presente. A ética social, conforme foi desenvolvida pelos teólogos da Igreja, como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero e Reinhold Niebuhr, reconhece a responsabilidade que o homem espiritual tem para cumprir seus deveres neste mundo. Algumas vezes, o crente serve de agente para melhorar o mundo físico, se isso é o que a sua missão na terra requer da parte dele.

### DURA

Palavra derivada do acádico *durru*, «círculo», «muralha». Esse era o nome de uma planície, existente na província da Babilônia. Foi nessa planície que Nabucodonosor fez erigir a sua imagem de ouro (Dan. 3:1). Os arqueólogos supõem que o local onde a imagem foi levantada pode ser associado a um dos vários cômodos ali existentes. O quadro torna-se mais confuso ainda devido ao fato de que vários lugares receberam esse nome na Babilônia. Há até hoje um rio com esse nome, como também um local chamado Tulul Dura, nas proximidades. Cômodos existentes a poucas milhas, ao sul da cidade, têm sido favorecidos, ao mesmo tempo que Carquênis, identificada por Políbio (5:48), como o local, não fazia parte da província da Babilônia. Um certo lugar, não distante de Apolônia, para além do rio Tigre (também sugerido por Políbio; 5:52), não é provável.

### DURA CERVIZ

No hebraico temos uma expressão, *qesheh oreph*, «duro de pescoço», usada somente em livros do Pentateuco: Êxo. 32:9; 33:3,5; 34:9; Deu. 9:6,13, ou

seja, por seis vezes. No grego encontramos a palavra *sklerotrachelos*, «pescoço duro», que figura somente em Atos 7:51, dentro da defesa de Estêvão (que vide).

Algumas versões também traduzem por «dura cerviz» uma outra expressão hebraica, *chazeq leb*, «duro de coração» (ver Eze. 2:4). Nossa versão portuguesa, entretanto, é mais correta, quando traduz essa expressão por «obstinações de coração».

A expressão «dura cerviz» descreve aquela atitude rebelde e intransigente demonstrada pelo povo de Israel, no período de suas vagueações pelo deserto do Sinai, depois que eles saíram do Egito. Embora a expressão não reapareça em qualquer outra porção do Antigo Testamento, a idéia é reiterada, conforme se vê, por exemplo, em Oséias 4:16, onde o profeta usa a expressão «vaca rebelde». No original hebraico, a idéia é a de um animal que retrocede ou faz meia volta, resistindo à vontade de seu proprietário. Qualquer leitor do Antigo Testamento sabe que é bastante comum ali essa linguagem simbólica para indicar a teimosia de Israel, em rebelião contra o Senhor.

A palavra que Estêvão empregou em Atos 7:51 (ver acima), foi usada na Septuaginta, em Êxodo 33:3,5, uma outra demonstração de que ele falava o grego e lia o Antigo Testamento na versão da LXX, — pois era judeu helenista. Subseqüentemente, essa rara palavra grega reaparece em diversos escritos pré-nicenos. Entre outras coisas, essa obstinação era uma atitude da qual os judeus da época do início da Igreja cristã foram exortados a arrepender-se. Quando, após o sermão de Pedro, eles indagaram: «Que faremos, irmãos?» o apóstolo replicou: «Arrependei-vos...» (Atos 2:37,38).

A expressão portuguesa «dura cerviz» é uma tradução literal, não sendo nativa no português. Aparentemente, a condição relembra os pescoços dos touros, que resistiam ao jugo. Em uma cultura onde a criação de gado era uma constante, uma expressão dessa natureza seria facilmente compreendida como metáfora clara. Um homem, em sua rebeldia contra Deus, assemelha-se a um touro, rejeitando o controle divino e insistindo em seguir o seu próprio caminho. Uma interpretação alternativa, mas menos provável, é aquela do indivíduo que *corre* para longe ao ser chamado, — recusando-se virar a cabeça para olhar para trás, mantendo duro o seu pescoço.

No Novo Testamento, temos somente uma ocorrência da palavra grega correspondente, *sklerotrachelos*, «duro de pescoço», em Atos 7:51.

### DURAÇÃO

Ver sobre Espaço e Tempo, Filosofia do.

### DURAÇÃO

Ver os artigos sobre Paciência e Resistência.

... ..

### DURANDUS DE SÃO PURCAIN

Suas datas foram 1275-1334. Foi filósofo escolástico. Nasceu na França. Era frade dominicano e tornou-se bispo de Le Puy e de Meaux. Opunha-se ao tomismo (que vide). Tendia para o nominalismo ou conceitualismo, supondo que os universais são uma abstração mental, e não uma entidade por si mesma. Seu título era *Doctor Resolutissimus*. Sua filosofia geral era platônica-agostiniana. Concordou com a condenação de Ockham (que vide).

**DURKHEIM, EMILE**

Nasceu em 1858 e faleceu em 1917. Foi um filósofo e sociólogo francês. Nasceu no Epinal (Vostes). Rejeitava a idéia de tornar-se rabino, que fazia parte da tradição de sua família judaica. Preferiu a carreira de sociólogo, tendo-se graduado como tal na École Normale Supérieure.

No campo religioso ele defendia a idéia de que a essência da função religiosa é manter a distinção entre o profano e o sagrado. Isso incluiria a tentativa de extrair da mente de um homem o que é profano, instilando nela o que é sagrado. Ele afirmava que a própria sociedade é a origem dessa função religiosa, e que os conceitos religiosos são meros símbolos das características da sociedade. O *sagrado* é Deus, o que é personificado pela sociedade como um ser separado. Portanto, ele não acreditava em um Deus vivo e pessoal. A essência da religião é eterna, mas a cultura modifica as suas formas e lhe confere suas muitas manifestações. A sociedade ideal é sagrada, e a sociedade sagrada, uma vez personificada, é Deus. Suas idéias religiosas estão contidas em seu livro, intitulado *As Formas Elementares da Religião*. (E EP)

**DUSTAN, SÂO**

Suas datas foram 924-988. Foi abade de Glastonbury e arcebispo de Canterbury. Impôs extensas reformas na Igreja da Inglaterra e exercia grande autoridade sobre o governo anglo-saxão, durante o período de vários monarcas, notavelmente o rei Edgar.

Sua vida era plena de vicissitudes. Ele passou algum tempo na corte real. Em um período em que passou em um mosteiro, transcreveu e adornou manuscritos; tornou-se abade de Glastonbury, por determinação do rei Edmundo. Foi exilado pelo rei Edwy. Envolveu-se na reforma monástica da Europa continental. Foi chamado de volta à Inglaterra pelo rei Edgar. Foi responsável por grande parte da legislação durante o reinado de Edgar. Tornou-se arcebispo de Canterbury, em 961. Promoveu reformas generalizadas. Retirou-se para a escola da catedral de Canterbury e ali ensinou, até à sua morte, que ocorreu a 19 de maio de 988. A festa religiosa em sua honra é observada a 19 de maio. (AM E)

**DU VAIR, GUILLAUME**

Suas datas foram 1556-1621. Foi um filósofo francês, nascido em Paris. Era advogado e tornou-se bispo de Lisieux. Em seu pensamento filosófico ele era um neo-estóico, com uma inclinação especial para as máximas de Epicteto (vide). Ele fez certas idéias estóicas serem usadas na sua interpretação e expressão do cristianismo. Suas obras incluem estes títulos: *A Filosofia Moral dos Estóicos; Sobre a Constância e o Consolo; Sobre a Eloquência Francesa; A Santa Filosofia*.

**DÚVIDA**

1. *Na Filosofia*. Quanto a um estudo sobre a questão da *dúvida*, no campo da filosofia, ver o artigo sobre *Certeza e Dúvida*.

2. *Na Teologia*. a. Em primeiro lugar, a *dúvida* pode ser uma fraqueza ou pode ser um pecado, no caso de um crente, como sucedeu a Fomé, que duvidou da realidade da ressurreição de Jesus, quando os outros apóstolos tinham ficado satisfeitos com as evidências

recebidas. Ele exigiu uma demonstração pessoal. Ver João 20:24 ss. Mais tarde, porém, sua atitude foi compartilhada por outros (Mat. 28:17). Jesus condenou a *dúvida* (Mat. 14:31; 21:21) demonstrando que a mesma exerce um efeito debilitador na vida de um homem, por não permitir a operação do poder de Deus. Em segundo lugar, na teologia, a *dúvida* é contrastada com a *crença*, tornando-se mesmo um sinônimo de «incredulidade». «Se a fé for entendida como o pensamento de que algo é verdadeiro, então a *dúvida* é incompatível com o ato de fé. Se a fé for entendida como estar finalmente interessado, então a *dúvida* faz parte necessária da fé» (*Dynamics of Faith*, Paul Tillich). Essa citação salienta dois estágios ou elementos possíveis na *crença*. Um ato de fé pode ser negado por uma atitude de *dúvida*. Porém, visto que o nosso conhecimento é parcial, a fé também é parcial e admite *dúvidas*, as quais têm de ser eliminadas pelo crescimento e pelo progresso espirituais. Todos os homens, até mesmo os crentes, são, ao mesmo tempo, crentes e duvidosos, por causa da debilidade do conhecimento humano e das limitações da experiência humana. Porém, um crente é alguém que confia na validade essencial da mensagem de Cristo, e que, por causa disso, entrega a sua alma aos cuidados de Deus. A *crença* nunca é mera *crença*, pelo que não pode ser contrastada somente com a *dúvida* intelectual. Inclui a outorga da alma impulsionada pelo Espírito. De outro modo, até mesmo a letra do evangelho pode matar, em vez de dar vida. Agostinho ensinava que o ceticismo, o pai da *dúvida* espiritual, equivale às trevas espirituais. E enquanto um homem insiste em permanecer nessa esfera, ele é incapaz de ter a fé que salva. Ver sobre o *Ceticismo*. A *crença*, por outra parte, é uma esfera de luz, que permite que a mensagem espiritual exerça o seu efeito. Todavia, é verdade que as *crenças* não-examinadas com freqüência são falsas, e que todos os sistemas religiosos e todas as denominações cristãs têm suas inverdades preferidas. Algumas vezes, podemos definir a fé como «crer em algo que não é verdade». A *crença* não nos isenta da busca pela verdade, e nem nos permite aceitar a *crença* fácil. Quase sempre podemos encontrar evidências convincentes para as *crenças* básicas, e a busca por essas evidências é absolutamente legítima. O trecho de I Pedro 3:15 encoraja-nos a oferecer as «razões» da nossa fé. As evidências em prol das realidades espirituais são abundantes, pelo que a tarefa não é assim tão difícil. Ao longo do caminho, — porém, teremos de sacrificar certas *crenças* que se mostrem parciais ou falsas.

**DVESA**

Termo sânscrito que significa *antipatia*, aquilo que uma pessoa cria em relação a coisas desagradáveis. No sistema da yoga, diz-se que os homens desenvolvem cinco tipos de apegos ilusórios, e um deles chama-se *dvesa*.

**DWIGHT, TIMOTHY**

Suas datas foram 1752-1817. Foi um clérigo e teólogo congregacional norte-americano. Foi revivalista e educador. Graduou-se no Yale College, e foi diretor da Hopkins Grammar School e tutor de Yale. Tornou-se presidente do Yale College e professor de teologia do mesmo. Deu a esse colégio uma estrutura que o preparou para tornar-se uma universidade.

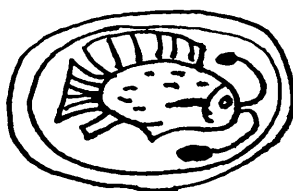
Dwight preocupava-se com o declínio moral e religioso, e, mediante sua prédica e seu ensino,

## DWIGHT

ajudou a dar início a um reavivamento que se tornou conhecido como o Segundo Grande Avivamento da América do Norte. Teve vários alunos que vieram a tornar-se bem conhecidos, como Lyman Beecher, e Nathaniel W. Taylor, os quais, décadas depois, deram forma ao que se tornou conhecido como Teologia de New Haven (que vide). Ele enfatizava o

retorno aos antigos princípios calvinistas como a melhor maneira de refrear a impiedade e o declínio moral e espiritual. — O labor dele, como é patente, teve uma influência duradoura sobre as atividades religiosas e a teologia norte-americanos, naqueles seus passos iniciais.

•••



Reprodução Artística de  
Darrell Steven Champlin

Arte egípcia, colher decorativa,  
da 18ª Dinastia